

ANEXOS

ANEXO I
GUIÕES DE ENTREVISTAS

ANEXO I A
GUIÃO PARA ENTREVISTA PRÉVIA AOS PARTICIPANTES

Sexo:

Idade:

Categoria profissional:

Tempo de serviço:

Habilitações académicas:

Cargos que desempenha actualmente:

Outras funções/ experiências profissionais anteriores:

Tema: Participação na Comunidade de Práticas

Objectivos	Questões
• Obter informação acerca da perspetiva destes professores relativamente à sua participação na CdP ⇒ Quais as motivações subjacentes ao seu envolvimento na CdP ⇒ Que expetativas pessoais e profissionais têm acerca da sua participação neste projeto ⇒ Que importância atribuem ao projeto no contexto da escola	⇒ Quais as razões que te motivaram para este projeto? ⇒ Que experiência(s) prévias já tiveste em projetos desta natureza? ⇒ Como imaginas a tua participação da CdP (o que pensas fazer; o que esperas aprender)? ⇒ Quais pensas que poderão vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto? ⇒ Que impactos consideras que este projeto pode ter na escolas?

ANEXO I B
GUIÃO PARA ENTREVISTA A NÃO PARTICIPANTES

Sexo:

Idade:

Categoria profissional:

Tempo de serviço:

Habilitações académicas:

Cargo que exerce:

Tempo de desempenho no cargo:

Tema: A Comunidade de Prática na nossa escola

Objectivos	Questões
• Obter informação da percepção que estes professores têm acerca da CdP → Conhecem a sua existência → Conhecem o trabalho que é realizado no âmbito da mesma	→ Fala-me um pouco da CdP que funciona atualmente na nossa escola
• Obter informação sobre o valor atribuído à CdP → Que importância atribuem ao trabalho realizado pela CdP	→ Na tua perspetiva, como vês o trabalho que tem vindo a ser realizado por esta CdP?
• Obter informação acerca da visão que têm da escola → Como caracterizam a cultura escolar → Pontos fracos/ pontos fortes → Estratégias de resolução dos aspetos apontados como fracos	→ Diz-me o que pensas sobre a escola → Quais os aspetos do seu funcionamento que destacas pela positiva e pela negativa? → Podes justificar as tuas afirmações? → Como pensas que podemos melhorar a nossa escola?
• Obter informação acerca da visão que têm sobre o corpo docente → O que pensam acerca do trabalho desenvolvido pelos professores → Como percecionam a participação dos docentes na vida da escola → Como valorizam a formação dos professores (inicial, contínua e especializada)	→ Que dimensões da atividade dos professores consideras mais importantes? → Como pensas que se pode melhorar o desempenho dos professores? → Que importância atribuis às três dimensões da formação dos professores (inicial, contínua e especializada)? - Podes justificar as tuas afirmações?

ANEXO I C
GUIÃO PARA ENTREVISTA A PARTICIPANTES

Tema: A Comunidade de Prática- Balanço pessoal

Objectivos	Questões
• Obter informação da percepção que estes professores têm acerca da sua participação na CdP → Que balanço fazem da sua participação na CdP → Qual a motivação para prosseguir na CdP → Que importância atribuem à CdP no seu desenvolvimento profissional	→ Fala-me um pouco da tua experiência na CdP → Em que medida a participação na CdP alterou a tua maneira de estar na escola e/ou na profissão? → Fala-me um pouco das tuas razões para continuar (ou sair) neste projeto
• Obter informação sobre o valor atribuído à CdP no contexto da escola → Que importância atribuem à CdP para a melhoria da escola	→ Na tua perspetiva, como vês o trabalho que tem vindo a ser realizado por esta CdP? → Qual o impacto que consideras que a CdP tem na escola? → Qual consideras ser a percepção que existe na escola (ao nível das estruturas de gestão e ao nível do corpo docente) sobre a CdP? Fundamenta os teus pontos de vista.
• Obter informação sobre a sustentabilidade da CdP → Como perspetivam o futuro da CdP	→ Quais te parecem ser as maiores dificuldades para a afirmação da CdP? → Como pensas que podemos tornar a CdP mais relevante?

• Obter informação acerca da visão que têm da escola → Como caracterizam a cultura escolar → Pontos fracos/ pontos fortes → Estratégias de resolução dos aspetos apontados como fracos	→ Diz-me o que pensas sobre a escola → Quais os aspetos do seu funcionamento que destacas pela positiva e pela negativa? → Podes justificar as tuas afirmações? → Como pensas que podemos melhorar a nossa escola?
• Obter informação acerca da visão que têm sobre a profissão → O que pensam acerca do trabalho desenvolvido pelos professores → Como percebem a participação dos docentes na vida da escola → Como valorizam a formação dos professores (inicial, contínua e especializada)	→ Que dimensões da atividade dos professores consideras mais importantes? → Como pensas que se pode melhorar o desempenho dos professores? → Que importância atribuis às três dimensões da formação dos professores (inicial, contínua e especializada)? - Podes justificar as tuas afirmações?
• Obter informação sobre aspetos emergentes dos diários → Como fundamentam e/ ou justificam considerações ou tomadas de posição produzidas nos diários	- Podes explicar-me esta tua afirmação e/ ou tomada de posição?

ANEXO II
QUADRO PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO

Categorias	Subcategorias
Cultura profissional	Concepções dos professores
	Identidade profissional
	Desenvolvimento profissional
Liderança	Liderança formal
	Liderança informal
	Liderança burocrática
	Liderança democrática
Comunidade de Prática	Arranque
	Evolução
	Dinâmica interna
	Relações exógenas

ANEXO III
QUESTIONÁRIOS

ANEXO III A
QUESTIONÁRIO EM *SNAPSHOT* DO 1º ANO

QUESTIONÁRIO

Nota: Preencha por favor as duas grelhas que se seguem, considerando as seguintes instruções

1- Na grelha **1**, na célula onde se encontra o seu nome coloque um asterisco.

2- Assinale depois, relativamente a cada um dos restantes colegas o nível de interação desenvolvida, no âmbito do trabalho da Comunidade de Prática (CdP), considerando a seguinte escala:

0	1	2	3	4	5	6
não interagi	interagi uma vez	Interagi até 3 vezes	interagi até 5 vezes	interagi entre 6 a 10 vezes	interagi várias vezes por semana	interagi diariamente

3- Na grelha **2**, assinale interações que tenha desenvolvido no âmbito da CdP com pessoas exteriores à mesma

Grelha 1

Nome	0	1	2	3	4	5	6
P1							
P2							
P3							
P4							
P5							
P6							
P7							
P8							
P9							
P10							
P11							
P12							
P13							
P14							
P15							

Grelha 2

	0	1	2	3	4	5	6
Pais/ encarregados e educação							
Colegas							
Elementos do órgão de gestão							
Alunos							
Auxiliares de ação educativa							
Pessoal especializado¹							
Outros							

Data: ____/____/____

¹ Docentes de educação especial, psicóloga, elementos da CPCJ, entre outros

ANEXO III B
QUESTIONÁRIO EM *SNAPSHOT* DO 2º ANO

QUESTIONÁRIO

Nota: Preencha por favor as duas grelhas que se seguem, considerando as seguintes instruções

1- Na grelha **1**, na célula onde se encontra o seu nome coloque um asterisco.

2- Assinale depois, relativamente a cada um dos restantes colegas o nível de interação desenvolvida, no âmbito do trabalho da Comunidade de Prática (CdP), considerando a seguinte escala:

0	1	2	3	4	5	6
não interagi	interagi uma vez	Interagi até 3 vezes	interagi até 5 vezes	interagi entre 6 a 10 vezes	interagi várias vezes por semana	interagi diariamente

3- Na grelha **2**, assinale interações que tenha desenvolvido no âmbito da CdP com pessoas exteriores à mesma

Grelha 1

Nome	0	1	2	3	4	5	6
P1							
P6							
P8							
P9							
P10							
P12							
P14							
P15							
P16							

Grelha 2

	0	1	2	3	4	5	6
Pais/ encarregados e educação							
Colegas							
Elementos do órgão de gestão							
Alunos							
Auxiliares de ação educativa							
Pessoal especializado²							
Outros							

Data: ____/ ____/ ____

² Docentes de educação especial, psicóloga, elementos da CPCJ, entre outros

ANEXO III C
QUESTIONÁRIO PARA AVALIAÇÃO DA COMUNIDADE DE PRÁTICA

AVALIAÇÃO

1- Utilizando uma escala de 1 (valorização mínima) a 6 (valorização máxima), classifique os seguintes parâmetros, relativos ao trabalho realizado, no âmbito da CdP

1.1- Satisfação global em relação ao trabalho realizado _____

1.2- Metodologia adotada _____

1.3- Contributo da formação para a promoção de novas aprendizagens _____

1.4- Utilidade do trabalho desenvolvido para a atividade profissional _____

1.5- Motivação para prosseguir na CdP _____

2. Que aspetos do trabalho da CdP gostaria de continuar a desenvolver

3. Sugestões para melhoria da CdP

Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO IV
QUADROS DE REGISTO DE INTERAÇÕES EXTERNAS

ANEXO IV A
QUADROS DE REGISTO DO PRIMEIRO ANO

1º - 2º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	3	0	0	0	1	0
P2							
P3							
P4							
P5							
P6	0	2	0	5	1	0	0
P7	0	0	0	1	0	0	0
P8	0	2	0	2	0	0	1
P9	0	0	0	0	0	0	0
P10	0	1	0	0	0	0	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	0	0
P13	0	1	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15	0	0	0	1	0	0	0

2º-3º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	0	0	0	0	0
P2	0	2	1	4	0	0	0
P3							
P4	0	2	0	2	0	0	0
P5							
P6	0	0	0	1	0	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	0	0	1	0	0	0
P9	0	0	0	2	0	0	0
P10	0	2	0	0	0	2	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	2	0
P13	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	0	0	1	0	0	0
P15	0	0	0	1	0	0	0

3º-4º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	0	0	0	0	0
P2	0	3	0	2	0	0	0
P3							
P4	0	2	0	3	0	0	0
P5							
P6	0	1	1	5	5	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	0	2	0	0	0
P9	0	0	0	0	0	0	0
P10	0	0	0	0	0	0	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	0	0
P13	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15							

4º-5º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	0	0	0	0	0
P2							
P3							
P4	0	0	0	3	0	0	3
P5							
P6	0	0	0	0	0	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	2	1	2	1	0	2
P9	0	0	0	0	0	0	0
P10	0	1	0	0	0	0	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	0	0
P13	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15							

5°-6° seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	0	0	0	0	0
P2	0	3	0	1	0	0	0
P3							
P4	3	1	0	3	0	0	0
P5							
P6	0	0	0	0	0	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	1	2	0	0	0
P9	0	0	0	0	0	0	0
P10	0	1	0	1	0	1	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	0	0
P13	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15	0	0	0	0	0	0	0

6°-7° seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	1	0	0	0	0
P2	0	2	1	0	2	0	0
P3							
P4	2	3	0	3	0	0	0
P5							
P6	0	0	0	0	0	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	0	2	1	1	1
P9	0	0	0	0	0	0	0
P10	0	1	0	0	0	0	0
P11							
P12	0	0	2	0	0	0	0
P13							
P14							
P15	0	2	0	1	0	0	2

7º- 8º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	0	0	0	0	0	0
P2	0	3	0	2	0	0	0
P3							
P4	2	3	0	2	0	0	0
P5							
P6	0	0	0	0	0	0	0
P7	0	0	0	0	0	0	0
P8	1	2	0	3	0	1	0
P9	0	0	0	0	0	0	2
P10	0	0	0	0	0	0	0
P11							
P12	0	0	0	0	0	0	0
P13	1	1	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15	4	4	2	0	0	0	0

ANEXO IV B
QUADROS DE REGISTO DO SEGUNDO ANO

1º-2º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1							
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	0	0	0	0	0
P9							
P10	0	0	0	0	0	0	0
P12	0	0	0	0	0	1	0
P14	0	0	0	0	0	0	0
P15	0	2	0	0	0	0	0
P16							

2º-3º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	2	0	0	0	0	0
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	1	1	1	2	0	0	0
P9							
P10	0	1	0	0	0	0	0
P12	0	2	0	0	0	0	1
P14	0	0	0	0	0	0	0
P15	2	2	0	1	0	0	0
P16							

3º-4º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	3	0	0	0	0	2
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	0	1	0	0	0
P9							
P10	0	1	0	0	0	0	0
P12	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15	2	3	0	1	0	0	0
P16							

4º-5º seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	1	1	0	0	0	1	1
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	0	0	2	0	0	0
P9							
P10	0	2	0	0	0	0	0
P12	0	0	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	0	0	0	0
P15	0	2	0	1	0	0	0
P16							

5°-6° seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	1	0	0	0	0	0	0
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	1	0	0	1	0	0	0
P9							
P10	0	1	0	0	0	0	0
P12	0	0	0	0	0	0	2
P14	0	2	0	2	0	0	0
P15							
P16							

6°- 7° seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	1	0	0	0	0	3
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	0	0	0	0	1	0
P9							
P10	0	0	0	0	0	0	0
P12	0	1	0	0	0	0	0
P14	0	2	0	2	0	0	0
P15							
P16							

7°- 8° seminário

	Pais/ EE	Colegas	CE	Alunos	AAE	P esp.	Outros
P1	0	1	0	0	1	0	0
P6	0	0	0	0	0	0	0
P8	0	1	1	0	0	0	0
P9							
P10	0	0	0	0	0	0	0
P12	0	0	0	0	0	1	0
P14	0	3	0	0	0	0	0
P15	0	2	0	3	0	0	3
P16							

ANEXO V
TRANSCRIÇÕES DE SEMINÁRIOS

ANEXO V A
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 21.11.2014

P12: Pronto, colegas, então... queria começar por vos pedir desculpa, pelo facto de só agora iniciarmos exatamente as nossas atividades, de... começarmos agora a nossa atividade prática propriamente dita, mas houve um conjunto de circunstâncias que acabou por fazer atrasar o arranque deste processo. Eu queria começar por pôr algumas

questões, porque hoje é importante que nós saíamos daqui com o nosso trabalho mais ou menos definido, não é? Portanto, queria repegar um pouco numa ideia que o P8 colocou no primeiro encontro, que era a ideia de para estes encontros presenciais termos um tema de discussão, em vez de nos limitarmos só às coisas que possam emergir das observações, até porque, como eu disse, nesse primeiro encontro inicial, os dados que resultam das observações só serão compartilhados se as pessoas o quiserem fazer. Portanto, volto a frisar isto, eu posso ir observar ou posso ser observada numa aula e, por circunstâncias várias, não querer partilhar com os colegas os episódios que me aconteceram nessa aula e, portanto, aí as pessoas conversam com a pessoa que as observou, mas isso fica em sigilo entre o colega que foi observado e o colega que observou. E, portanto, gostava de saber o que é que pensam desta ideia do P8, que a mim me parece muito adequada. E, sobretudo, começarmos a pensar, se isso for para avançar, que assuntos é que vocês gostariam de ver abordados nessas sessões. Não quer dizer que a gente tenha de que os definir já aqui. Mas isso era uma primeira questão que eu gostava de vos pôr: se acham que podíamos pensar em, nestas sessões presenciais, ou a partir de um tema, fazermos algumas leituras e discutirmos essas leituras ou, eventualmente, até partir de um documentário, de um filme, porque há muita coisa também já, hoje em dia, disponível sobre educação. Estou a lembrar-me, por exemplo, daqueles sites que o professor Alexandre Ventura nos forneceu na ação de formação, o ano passado. Pode ser interessante, por exemplo, pegar nalguns daqueles pequenos filmes, vê-los aqui, entre todos, discutirmos, falarmos um pouco sobre isso... Pronto, gostava de ouvir a vossa opinião, porque, volto a dizer, isto é uma comunidade, e, como comunidade, nós estamos aqui todos em pé de igualdade. Eu sou, digamos assim, a coordenadora, mas as atividades que nós venhamos a realizar, devem ser atividades decididas entre nós todos e que, realmente, tenham significado para nós. Porque se não, também não vale a pena virmos aqui três horas por mês para estarmos a fazer um frete uns aos outros. Portanto, gostava de colocar isto à vossa... consideração.

P4: Eu concordo plenamente.

P9: Eu também.

P13: Eu concordo.

P1: Eu acho bem termos um tema, uma linha, para podermos... conversarmos.

P12: Pronto, então, penso que podemos pensar em organizar as sessões, digamos assim, em duas partes. Uma parte que estará mais ligada à parte prática da supervisão, que será, se calhar, uma parte inicial, ou vice-versa, e depois termos uma segunda parte mais

teórica, digamos assim, em que vamos analisar um tema que nos interesse. Outra coisa que eu acho que era interessante era pensar se algum colega e, agora lembrei-me disto também por causa do P8. O P8 aqui tem uma grande responsabilidade, mesmo que não saiba. [risos] Não, porque me lembrei, por exemplo, quando, o ano passado, naquela formação, tu levaste uma grelha - lembras-te? - para analisar. Pronto, penso que podemos ou podem, as pessoas, propor-se a serem elas a dinamizar uma parte, essa parte da sessão. Por exemplo, alguém que tem um texto interessante sobre avaliação e que quer partilhar ou alguém que viu um filme ou que acha que, ou que viu uma entrevista... Estão a perceber? Portanto, a ideia de que competir-me-á a mim, digamos assim, eu sou, de alguma forma, mais responsável, na medida em que, se ninguém se propuser, eu tenho que, obviamente, avançar com uma atividade de dinamização. Mas, se os colegas quiserem, penso que podemos fazer isto, que é, por exemplo, haver um colega que diga: “Olha, eu gostava de apresentar este texto ou gostava de discutir este texto na próxima sessão” e o colega encarrega-se de fazer chegar o texto aos colegas e depois preparar, digamos assim, a dinamização da sessão. Não sei se isto vos parece bem ou se acham que...

P8: Acho que sim... É assim, se for possível, em janeiro teremos reunião?

P12: Temos.

P8: Então, eu não me importava de apresentar um sobre aprendizagem cooperativa, que é uma... é um pouco mostrar um trabalho que foi feito em Câmara de Lobos e, portanto, trocarmos impressões sobre isso. Assim, até janeiro teria tempo para preparar, recolher os documentos que eu tenho, depois faria cá uma demonstração... sobre aprendizagem cooperativa. É preferível ser em janeiro... janeiro/fevereiro, no próximo ano, para ter algum tempo de recolher os materiais.

P12: Ok. Penso que sim, que é uma boa ideia. Entretanto, mesmo os colegas que não tenham esse desejo de, digamos assim, de dinamizar alguma sessão, podem pensar em temas que gostassem de ver abordados, não quer dizer que seja já hoje, mas que me fizessem chegar temas que gostassem de ver tratados, pronto, que gostassem de aprofundar... Porque, se calhar, algumas coisas que a mim me interessam, não interessam às outras pessoas todas e, portanto, é sempre bom ouvirmos as outras opiniões, porque eu, por exemplo, agora, se calhar, até por razões que têm a ver com as minhas turmas, ando muito mais preocupada com questões da disciplina, do que com outras. [risos]

P9: *Idem idem*, aspas aspas. Eu também estava a pensar nisso. [risos] Partilhamos algumas disciplinas também.

P12: Mas é assim, nem toda a gente tem problemas, porque não têm as nossas turmas, não têm os nossos níveis de ensino e, portanto, para que isto possa ser uma coisa que tenha, pronto, que corresponda às necessidades da maior parte das pessoas, era importante que as pessoas também fizessem ouvir as suas vontades. Pronto, o P8 já disse que gostava de apresentar.

P8: Mas eu penso que aí também era importante. Eu, por exemplo, posso não ter turmas com indisciplina – o que é mentira - [risos] mas o facto de não ter, ao ouvir os outros colegas a falar sobre indisciplina, posso sugerir estratégias para tentar resolver isso. Penso que não temos de ter obrigatoriamente indisciplina para... ouvindo os outros colegas... “Pá, já experimentaste isto? Já experimentaste isto?”, pode ser que seja uma forma de ...

P12: Sim, é claro... Ó P8, é assim, é evidente que nós temos que ter a consciência que haverá sempre sessões que interessam mais a umas pessoas do que a outras, porque é a tal coisa, cada um tem as suas necessidades, cada um tem os seus interesses, cada um tem os seus objetivos diferentes, até, para estar aqui. Agora, claro que as sessões convém que sejam o mais participadas possível, mesmo quando não temos temas especialmente... pronto, mesmo quando o tema pode não me ser especialmente caro, não é? Mas, é claro que é impossível, acho eu, fazer sempre ao longo de – nós vamos ter oito sessões presenciais – e é impossível que as oito sessões vão agradar a todos igualmente. A propósito disso, também há uma coisa que eu queria colocar aqui - e repagando na ideia do P8 da reunião anterior - que era: por um lado, permitirmos que nestas sessões presenciais, não na parte em que vamos discutir as questões da supervisão, porque isso é da nossa comunidade, é nosso, ninguém tem nada que assistir, mas na parte em que tratarmos estes temas de interesse geral, se os colegas concordam que se afixe na sala dos professores e que outros professores que não estão na comunidade que possam vir assistir à sessão. Por exemplo, vamos imaginar que vamos fazer uma sessão sobre a indisciplina. O P8 até alvitrou, nesse primeiro encontro, convidarmos a psicóloga, não sei se ela estará disponível ou não para vir cá. Pronto, pode ser uma coisa que interesse a toda a gente. Gostava também de saber qual é a vossa posição acerca disso, se acham que essa parte da sessão que é de âmbito genérico, portanto, em que vamos abordar temos ligados à nossa profissão, mas em que não vamos estar propriamente a expor as nossas práticas, não é? Se acham que podemos

divulgar e deixar que, se houver pessoas interessadas, possam vir assistir ou se mantemos o espaço todo completamente fechado.

P10: Não, eu acho que deve estar aberto.

P4: Este grupo maçónico é um grupo que se abre. [risos]

P12: Oh pá, olha, já me disseram que eu era da *Opus Dei* da educação, agora sou da maçonaria... [risos]

P9: A intenção é um pouco essa, é abrir e partilhar experiências, porque se continuarmos fechados não partilhamos também, não é?

P12: Noutro dia ‘tava a falar com uma amiga minha a propósito do MEM e ela disse-me: “Ai, tu és do MEM? Isso é um bocadinho a *Opus Dei* da educação” e aquilo caiu-me assim... Agora este diz que sou maçónica [risos]

P?: Nem uma coisa, nem outra.

P12: Ok, pronto. Não, porque isso também é importante, porque é assim... penso que assim, depois, quando organizarmos a sessão, se calhar então será sempre melhor começarmos por essa parte mais aberta e depois, terminando essa parte aberta, os colegas saem e nós ficamos para discutir as coisas que têm a ver com as nossas práticas de supervisão.

[segmento impercetível]

P12: Sim, exatamente.

[segmento impercetível]

P12: E a segunda parte para trabalharmos a parte da supervisão. Pronto... Agora, em relação...

P9: Desculpa só, P12, uma dúvida, mas esta primeira parte e segunda parte é tudo na mesma sessão? Fazemos uma primeira parte...

P12: É tudo na mesma sessão.

P9: Ah, Ok!

P12: Portanto, a primeira parte será...

P9: Pronto, eu estava a pensar se seria algumas sessões só sobre o tema e depois as últimas sessões...

P12: Não, não, não.

P9: Não, fazemos tudo...

P12: É assim, uma sessão tem três horas, que é o que está previsto na nossa... no nosso calendário, proposto à Secretaria. Portanto, uma hora e meia, primeira parte para discussão, uma hora e meia a duas horas, não sei, logo se vê. Também depois disso vai

ser a nossa experiência que vai determinar um bocadinho isso. Um intervalinho para café e depois a nossa segunda parte, então, do grupo mais restrito, para discutirmos as coisas que quisermos discutir sobre as coisas ligadas à supervisão. Eu ia passar agora, então, às questões da supervisão propriamente ditas. A primeira coisa é pensarmos como é que vamos organizar os pares de supervisão. Nós temos várias formas de organizar. Podemos organizar de forma completamente aleatória, metemos uns papelinhos no meio, cada um tira um papelinho e pronto, eu vejo que vou ser observada pelo Manel e vou observar o Manel. Também podemos fazer, por exemplo, eu não tenho forçosamente de ir observar a pessoa que me observou, portanto, posso fazer, sei lá, por exemplo, tipo, rodinha: a P9 observa-me a mim, eu observo a P10, a P10 observa o P4, o P4 observa a P14. [risos] P10, isto é só porque vocês estão aí ao pé um do outro, não é por mais nada. Portanto, não tem que ser... É importante perceber isto, a pessoa que observa, portanto, eu, como “supervisanda”, não tenho de ser supervisora do meu supervisor. Posso ser ou posso não ser, pronto. Isto é uma das questões que vamos ter de definir. A outra questão é, portanto, como é que vamos organizar...

P?: [inaudível]

P12: Não, não faz mal, até queria era que falasses alto, que era para ficar registado. Agora, temos de decidir como é que vamos organizar e também o facto, é assim, nós vamos organizar para a primeira, não quer dizer que este sistema depois se mantenha nas próximas. É, assim, podemos organizar por afinidades de grupo, tentar que as pessoas que estão dentro do mesmo departamento se observem umas às outras; podemos fazer exatamente o oposto, que é vamos baralhar isto tudo e vamos pôr um professor.

P1: Eu acho mais fiável...

P12: Pronto. E ainda podemos também fazer...

P8: E tu que não gostasses de confusão...

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Porque quero ver como é que funciona, hoje em dia, uma sala de aulas.

P12: E ainda podemos fazer outra coisa, que não sei, porque isso depende de vocês, que é assim: se preferem, nesta primeira experiência que vamos fazer, as pessoas escolherem uma pessoa com que não se sintam tão constrangidos, porque, pronto, há pessoas que não faz confusão nenhuma ter alguém dentro da sala de aula, há outras pessoas que não se sentem muito confortáveis e, portanto, num primeiro momento de

observação podem dizer assim: “Eh pá, eu preferia ser observada pelo Manel, porque conheço-o muito bem, dou-me muito bem com ele e, se as coisas correrem mal...”, pronto... Diz P14...?

P14: Fica entre nós.

P10: Se as coisas correrem mal ‘tá lá o colega para ajudar.

P12: É assim, nós temos de partir do princípio, e isso eu acho que é fundamental, agora fora de brincadeiras, que é assim: tudo o que se passa dentro das aulas é absolutamente confidencial... Isso é um princípio absolutamente básico. Mesmo aqui, quando houver partilha de observações de aula, tudo o que aqui é dito, o que aqui se passa é de natureza confidencial. Quer dizer, eu posso chegar lá fora e querer dizer: “Ah, eu disse isto, aquilo, o outro”. Agora, não posso, não devo chegar lá fora e dizer: “Ah, porque eu estava a falar e depois o Manel interrompeu-me e disse não sei e o quê e disse não sei que mais”. É assim, temos que ter esse princípio muito interiorizado dentro de nós. E sobretudo, então, ao nível das observações de aula isso é fundamental. Quer dizer, eu vou para dentro da sala de aula do colega e quando sair de lá o que eu vi, o que eu ouvi, acabou ali. É evidente que, depois, nos vossos registos, nos vossos diários, vocês podem fazer registo e reflexão sobre tudo isso, mas lá está, porque os vossos diários também são confidenciais. E depois, mesmo... Claro que essa documentação depois, no fim, vem toda para mim, mas vocês têm a garantia de que tudo aquilo que for tratado é absolutamente confidencial e que, mesmo depois, no trabalho académico, as coisas aparecem de forma confidencial, as pessoas não estão identificadas... Portanto, isso é uma coisa que eu gostava que ficasse muito claro, para as pessoas não se sentirem desconfortáveis, porque a coisa pior que nos pode acontecer – e é meio caminho andando para isto dar tudo muito mal resultado - é virmos para aqui com *parti pris* e com um pé atrás e a pensar que posso, “Ah, agora, eu vou ali, mas a P3 viu-me e não sei o quê e pensou e fez...” Pá, não dá. Temos que pensar que é tudo confidencial. Temos de pensar não, temos que comportar-nos dessa forma. Agora, é assim, apesar dessa confidencialidade, é evidente que eu compreendo perfeitamente que, sobretudo para as pessoas que nunca tiveram aulas observadas, possa ser mais confortável, numa fase inicial, dizerem assim: “Eu gostava de ser observada por fulano. Preferia, sentia-me mais confortável, porque estou mais à vontade, tenho mais confiança”. Eu acho que isso não tem mal nenhum... Ou podemos simplesmente fazer a tal baralhação que o P2 sugeriu, não é?

P8: Eu acho que era interessante estar um feminino e um masculino. [risos]

P12: Olha, não tinha pensado nisso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu também preferia...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Olha, eu também preferia...

P2: Somos poucos, mas acho que é possível.

P10: Lamento.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Não, olha, falta o P7.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Aliás, nós temos a aula super-assistida.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Aquela senhora do pavilhão devia estar nesta formação.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: [impercetível – sobreposição de vozes] e também [impercetível – sobreposição de vozes] que o P2 sugeriu.

P12: Pronto, mas é assim, mas...

P?: Eu tenho a certeza que a observação vai ser... distinta. Era interessante também fazer...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] talvez mais entendido do assunto
[impercetível – sobreposição de vozes]

P3: ... fazia do mesmo departamento, noutra altura fazia avaliação do...

P12: Pronto, mas, P3, mas é assim... eu inicialmente disse: nós vamos agora definir as regras para o primeiro. Não quer dizer que depois mantenhemos, estás a perceber? Agora, o que é importante é nós definirmos, porque é muito importante, muito importante não, nós hoje temos de sair daqui com os grupos de supervisão constituídos, porque eu tenho que... porque é assim, a partir do fim da sessão de hoje... depois, a pessoa sabendo já quem vai observar, e quem vai ser observado, as pessoas já começam a fazer o seu trabalho de pares, pronto. Agora...

P8: Eu vou pelo sorteio também.

P10: Sistema de todos contra todos. [risos]

P12: Fazemos um sorteio? Sim, em princípio...

P8: Tipo batalha naval.

P12: É assim, depois cada par organiza-se, mas eu acho que ainda é possível fazermos uma observação neste período.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, então por isso é que estamos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu também não o quero observar, que eu vejo o trabalho dele todos os dias.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Estou farta de ser assistida por eles todos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Estamos lá todos, toda a gente assiste a todos.

P12: Fazemos então um sorteio? Colegas, sorteio?

P10: Por mim tudo bem. E se me sair o meu esposo?

P12: Se te sair... Então, mas a gente faz assim: a gente faz... Se te sair o P4, tu voltas a meter o papelinho e tiras outro papelinho.

P10: Mas é uma aula diferente da minha, posso ir assistir.

P12: Ah, mas tu é que disseste que não querias. Então, mas tu é que disseste... [risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tu é que disseste que não querias...

P10: Não, pode... a situação família...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Se me sair P2, barco ao fundo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ah não! Se for corrida e endurance não faço. Odeio isso. [impercetível – sobreposição de vozes] Se for ginástica...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Vai intimidar menos.

P2: Intimida menos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É mais um dos que está todos os dias lá.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu também, na altura, pá, eu só lhe disse: “Olha, desde que a direção autorize, na boa”. Mas [impercetível – sobreposição de vozes] Tens o direito de saber qual o motivo ou qual o objetivo. O que ela pretendia era ver a relação, a ligação professor-aluno fora de comunicação.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas isso são as vossas... Mas isso não é... Isso não é supervisão. [impercetível – sobreposição de vozes] Pois, é melhor dar um montinho. Passa para aí, passa para aí...

P8: Cada um põe o seu nome.

P12: Sim, cada um põe o seu nome. [impercetível – sobreposição de vozes] Exatamente. Olhem, só uma coisa, eu não tenho papelinho e temos que... é assim, eu vou pôr o P7, porque eu penso que...

P1: Em quantas partes, quatro?

P12: Sim, quatro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Onde é que está a urna? [risos]

P12: Oh pá, urna não temos. Pomos aqui pelo meio. [impercetível – sobreposição de vozes] Olhem, outra coisa importante, que não decidimos, é... [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Instrumentos de observação, essas coisas todas...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Já vamos falar disso.

P10: Tem calma.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P3: *Hello!*

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olhem, uma coisa... [impercetível – sobreposição de vozes] Uma coisa que era importante, que eu falei inicialmente e depois não decidimos, é... fazemos assim, ficamos com um par e eu observo o meu par e o meu par observa-me a mim?

Vários intervenientes em simultâneo: Sim.

P12: Para a primeira vez, vamos ficar assim, está bem. Então, vá, eu vou dar aqui uma mexidela.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, e é assim, P4, só estamos a planificar a primeira... Isto é só para agora, para a primeira.

P9: Pois, pois. Numa próxima fazemos outro sorteio...

P12: Exatamente. [impercetível – sobreposição de vozes] E nessa altura até podemos decidir isso. Não, não... não ser, pronto, tu não me ires observar e eu a observar-te a ti, mas ser uma coisa em que tu vais-me observar e eu vou observar a P14.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: *Apreceia. Apreceia, apreceia.*

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Oh P7, chegou mesmo a horas...

P1: Chegou mesmo na hora h.

P10: Vai-te sair o Euromilhões.

P12: Já tomámos aqui algumas decisões, mas não era...

P10: Vamos assistir à tua aula.

P12: P7, importa-se que a sessão seja gravada? Não tem inconveniente?

P7: Não, não.

P12: Se houver algum inconveniente...

P7: Eu saio.

[risos]

P12: Eu desligo o gravador. Pronto, olhe, P7, é assim, então, só para o pôr a par. Neste momento, as decisões que tomamos foram: as sessões vão ter duas partes. Numa primeira parte, abordamos um tema mais teórico. Por exemplo, o P8, em janeiro, propôs fazer uma apresentação sobre aprendizagem cooperativa... Portanto, essa primeira parte, inclusivamente, será aberta a qualquer pessoa da escola que queira vir assistir e, depois, na segunda parte, tratamos das questões relativas à nossa prática supervisiva e, aí, essa parte é restrita a nós, membros da comunidade, pronto. A outra decisão que, entretanto, tomámos foi que vamos organizar os pares de forma aleatória. Está ali um papelinho com o seu nome, como o P7, entretanto, ainda não tinha vindo. Ah, ia-lhe pedir que assinasse outubro e novembro, porque outubro não tivemos sessão, mas para a Secretaria temos de ter, se não, não temos as horas. Portanto, vamos tirar por sorteio e também decidimos, desta vez, embora isso, depois, numa próxima vez eventualmente venha a ser alterado, é que desta vez vamos tirar um papelinho e fica um par. Ou seja, por exemplo, imagine que eu tiro o seu nome. Eu vou assistir à sua aula e o P7 assiste à minha. Pronto. Depois, futuramente, se calhar vamos fazer com outra dinâmica, mas agora, para já, para ser mais prático, foram estas as sugestões mais relevantes, ok?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Sim, somos quinze.

P12: Somos quinze?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Observas-te a ti própria.

P8: Eu posso observar [impercetível – sobreposição de vozes] [risos]

P12: Não, mas isso, penso que arranjamos uma forma de...

P8: Pode acontecer [impercetível – sobreposição de vozes] por exemplo, observar uma aula de outro colega ou...

P1: Pode ficar um com um trio e os outros como duo...

P15: Duo ele e ela.

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Tira o meu nome.

P12: Não, o meu nome está lá. Era isso, tiro o meu nome. Tiro o meu nome. ‘Pera, agora tenho que ver onde é que ‘tá o meu nome.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Não, quando sair é eliminado.

P12: Ah, está bem. Pronto. Mas depois, de qualquer forma, temos de ver como é que vai ser, porque alguém há de ir assistir a uma aula minha.

P1: pois, por isso é que eu estou a dizer que não se tirava, fazia-se um trio e o resto...

Somos quinze. Doze mais três, fazias um trio [impercetível – sobreposição de vozes]

Fazias um trio no sentido daquela coisa que tu estavas a dizer: eu assisto à tua, tu assistes à minha, aquele assiste à outra. E os outros fazem em pares.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É assim, se não tiverem nada contra, por mim parece-me bem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, então, podem começar a tirar papelinhos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Tremenda baralhação. Tira. Antes de falar, tira.

P15: Ele ‘tá habituado aos sorteios.

P12: Então, dois como?

P10: Não, tira um. Tira um.

P12: Tu só tiras um. Cada pessoa só tira um.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: P5.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Lady Di.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Já saiu a P9 a quem?

P9: P4.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Olha, vês? ‘Tou lixada, pá. É desta que vou aprender inglês.

P12: Não pode ser assim, como?

P2: Saiu a P5, certo? Ou seja, a P5 fica comigo?

P8: É, é.

P2: Mas está ali o meu nome. E se sair P2 agora? Imagina, sai-te a ti P2.

P12: Pois é.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Tem que sair dois a dois.

P12: Ela tem razão.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Papelinhos para ali outra vez.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Exatamente. P12... A P12 tira [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Está bem. Pronto, olha... não ‘tou a escolher...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Mas também se fizermos diferente, se [impercetível – sobreposição de vozes] todos temos um nome [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Pronto, um par.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: A P6 fica com quem?

P12: P11, P7.

P11: Pronto!

[risos]

P9: É melhor ir tirando os papelinhos, se calhar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: P9, P15. [impercetível – sobreposição de vozes] Ah, vocês fizeram estágio juntas.

P9: Fizemos.

P12: P10, P5.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: P3, P2.

P10: Olha, se tu me mandares...

P12: P14... Então, mas eu tenho aqui... eu tenho aqui outro papel com a P14...

P8: Não, não. Está bem. Eu é que estava a pensar...

P10: A P14 ainda não tinha saído.

P12: Então, a P10 ficou com quem?

P3: Comigo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Está bem. P14, P4... P1, P13. E agora... O P8. P8 ficas no meu trio?

P8: Pode ser.

P12: Pronto, fica eu, tu e a P6.

P1: Não, fica no nosso. Podes ficar no meu.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, então, fica assim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, eu fico com a P6 e com o P8. Agora temos é de nos organizar para vermos como vamos fazer entre os três.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: P2? Ela anda na zumba da concorrência.

P2: Mas viste a zumba que ela fez? Não viste a zumba que ela fez. Ela [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Agora é assim, atenção, em relação às atividades de supervisão, isto é combinado entre os pares. E pode acontecer, é assim, eu acho que, como eu já vos disse no início, penso que ainda temos tempo de fazer uma observação no primeiro período, mas pode acontecer que haja pares que não consigam e não tem problema nenhum. Portanto, isso é uma coisa que as pessoas agora vão ter de gerir com o seu observador, ok? Com o seu par. E se acham que conseguem organizar-se para ainda fazer qualquer coisa este período ou se fazem ou se fazem só no próximo período, isso é uma questão agora vossa. Agora, em relação às observações...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olha, atenção, aqui há uma coisa. Tu só podes ir às aulas dela de Ciências

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Então, o que é que isso tem?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não se esqueçam que isto está a ser gravado.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Colegas, agora é assim, em relação às observações... eu hoje enviei-vos duas coisas, dois documentozinhos muito simples. E, já agora, queria aproveitar para dizer que é assim - e peço que o P8 que faça isso também, que para já foi a pessoa que se ofereceu para dinamizar uma sessão - tudo o que for textos e documentos para trabalhar nas sessões, convém mandarmos em suporte informático e cada um responsabiliza-se por imprimir. Porque é assim... alguns documentos podem ser muito longos e 'tar a exigir à escola que nos ofereça a documentação... não me parece que seja assim uma coisa muito adequada. Por outro lado, muitas pessoas, hoje em dia, já dispensam perfeitamente o suporte de papel e, portanto, também não têm de estar a pagar fotocópias que não usam. E como é complicado depois saber quem é que quer e quem é que não quer e quem é que deixa de querer, é mais fácil mandar a documentação em suporte eletrónico, quem quer imprimir imprime, quem não quer imprimir guarda a documentação. Eu hoje enviei-vos, por acaso a P9 imprimiu, já agora vou-te pedir, que assim eles veem. Eu hoje enviei-vos duas coisas pequeninas. Uma foi uma grelha que eu tirei, já o ano passado, de um livro da Isabel Alarcão, que até é um livro que não está editado em Portugal, está editado no Brasil, em que vocês têm, de uma forma muito, muito, muito, muito sintética, vários modelos diferentes de supervisão e como é que cada um desses modelos se operacionaliza na prática. Só para terem uma ideia, porque há muitas maneiras de fazer supervisão e também há muitos objetivos diferentes de fazer supervisão. O nosso objetivo aqui é, essencialmente, um objetivo formativo. Nós não vamos para dentro da sala para fazer uma avaliação do colega em termos de bom, mau, suficiente, não sei o quê. Vamos para dentro da sala numa perspetiva construtiva, de ajudar as pessoas a melhorar aquilo que elas entenderem que querem melhorar. Por outro lado, enviei-vos também um texto, que este tirei de um site, eu até identifiquei o site, mas é um texto – olha, por acaso, não saiu aqui... ah, está aqui – é um texto... de um site, que está aqui identificado, e o texto é muito baseado num livro da Isabel Alarcão, que, depois, se alguém estiver interessado em ler, eu tenho uma versão que está fotocopiada, não tenho o original... mas, se alguém 'tiver interessado em ler, posso fornecer. Mas é só para vocês ficarem com uma ideia de como é que se organiza uma supervisão, quais são os passos que implica fazer uma supervisão. E, portanto, há sempre um encontro prévio entre o observador e o observado, etc., por aí fora. Depois, há a observação propriamente dita e, depois, há a conferência pós-observação. Portanto, são dois documentos pequeninos... E a minha preocupação é dar coisas que sejam simples, porque... também estar a sobrecarregar as pessoas não vale a pena. E,

entretanto, depois, encontrei uma coisa que achei fabulosa, que é, isto é um documento editado pelo Conselho Científico para a Avaliação de Professores. Está disponível online.

P10: O professor Alexandre Ventura tinha falado nesse...

P12: Falou?

P10: Falou.

P12: Olha, vê lá que eu nem me lembrava. Este documento é fantástico, porque é evidente que isto é... é a supervisão já numa perspetiva que eu vou supervisionar para avaliar o colega, mas tem coisas que eu acho que são muito interessantes e eu, depois, vou mandar-vos isto, porque eu tenho isto em PDF, e depois vocês, se quiserem, imprimem ou não imprimem. Mas acho que era sobretudo interessante... penso que era interessante que os colegas lessem o capítulo 2, que é a preparação da observação. Não quer dizer que não leiam os outros, que também são muito interessantes, mas o da preparação da observação. E aqui neste documento - e respondendo à questão do P13 - aparecem uma série de grelhas de observação de sala de aula... E portanto... Agora, aqui, é assim, nós não vamos ter tempo neste primeiro encontro de fazer uma grelha igual para todos, até porque isso também implicaria nós definirmos exatamente o que é que vamos observar. Penso que isso teremos de deixar para um segundo momento. E, neste momento, fazer uma observação mais, digamos assim... informal, no sentido em que eu posso ir observar uma coisa. Por exemplo, eu sei – eu posso dizer que, neste momento, eu já disse isto, eu ando muito obcecada com o problema da disciplina. E, por exemplo, uma das coisas que eu gostava que acontecesse na minha observação é que ela incidisse essencialmente sobre esses episódios críticos, porque eu gostava de ter a noção exata do tempo que eu perco com os problemas disciplinares na sala de aula. É evidente que isto pode-me interessar muito a mim, mas se calhar há pessoas que têm turmas absolutamente pacíficas e que não estão nada interessadas nesse tipo de observação, não é? Portanto...

P7: Acho que turmas pacíficas ninguém tem...

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, mas a sério, eu... isto é uma coisa que me tem preocupado muito, porque eu, este ano, tenho uma turma que eu...

P10: Mas isto é constante, eu também passo o tempo a gerir conflitos em vez de dar aula.

P8: No outro dia disse no órgão de gestão, a indisciplina está a aumentar, claramente. Temos de tomar medidas.

P12: Pois, é porque, a mim, o que me aflige é que eu já começo a pensar se sou uma pessoa desadequada e que acho que... e que valorizo, se calhar, situações que não deveria valorizar. Às vezes, dou comigo a pensar nisso, “Se calhar, eu devia fechar os olhos. Se calhar devia passar ao lado. Se calhar...”

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu também, ultimamente tem-me acontecido as mesmas questões, exatamente.

P8: Penso que não. Penso que, inclusive, penso que o R. não fica chateado por eu fazer referência ao nome dele aqui. Eu esta semana estava a dar aqui uma aula e convidei uma aluna do 9º ano a sair e o R., curiosamente, estava na biblioteca e depois veio ter comigo e diz: “Oh, P8, até fiquei admirado porque à partida até és um professor que até tem uma relação com os alunos mais ou menos pacífica, foi a primeira vez que vi-te a pôr um aluno na rua”. E é verdade, porque penso que em seis anos foi a primeira vez. E, portanto, e uma aluna que eu pensei que era uma pessoa que até tinha alguma postura na sala de aula, mas que nas últimas três aulas está impossível, e é do 9º ano.

P9: Mas a questão que se coloca é: será que as medidas que atualmente existem para pô-los um bocadinho na ordem, o pôr na rua é a mais adequada?

P10: Não.

P9: Porque a gente põe na rua, na aula seguinte eles estão a fazer igual.

P10: Pões na rua só para eliminar o problema, mais nada. Para continuares a aula.

P9: Só para eliminar o problema. É isso. Porque eles próprios dizem: “Ah, de que é que serve?” [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Pôr na rua, mandar lá fora, é só para eliminar o problema.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu penso que há um desfasamento muito grande entre a atitude e a medida aplicada. Eu dou um exemplo: se nós, em Câmara de Lobos, seguissemos o processo que se utiliza aqui, que é o que supostamente é legal, fazer o processo todo da forma como se faz, não dávamos aulas. Temos centenas de processos. Eu cheguei em Câmara de Lobos, de forma ilegal, em que vinha uma pessoa e dizia-me: “Olha, P8, tal aluno teve tal atitude”. Eu ia à sala: “Tu, arruma as tuas coisas. Três dias em casa e só regressas à escola com o teu encarregado de educação. Caso contrário, não entras na escola”. Funcionava? Nalguns casos funcionava.

P10: Eu sei de uma colega...

P8: A questão é: se houver um recurso, se houver uma situação, fui eu que mandei. Neste momento, aqui, nós estamos... Penso que é uma forma de proteger...

P10: Eu sei de uma colega, há uns anos, e há uns anos, nos Açores, em Rabo de Peixe, que chegava à aula, ao início, e dizia assim: “Tu entras, tu não entras, tu entras, tu não entras, tu entras, tu não entras”.

P9: Já filtrava logo ali à entrada.

P13: Mas eram situações limite.

P10: Sim, estamos a falar de sítios limite. Mas é assim, há que não deixar chegar a essa... não é?

P4: Também é uma questão que se levanta, uma colega nova, que chegou, e ela colocou a questão no final de uma reunião que tivemos a semana passada, que foi: temos problemas de indisciplina, estarão eventualmente a aumentar, não sei se há estudos se não, mas e as razões que levam a essa indisciplina? Se calhar, porque é que o miúdo está tão agitado? Se calhar ele trouxe de casa algum problema... e nós sabemos os problemas [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu tive duas alunas, são NEE's procuraram a minha sala de estudo esta semana pela primeira vez e elas chegaram à sala de estudo e disseram: “Professora, nós quisemos vir, porque na aula é tanto barulho que não conseguimos perceber a matéria”, porque eu passo metade do tempo a mandar os alunos calarem-se... Mas, quer dizer, elas preocupadas. Pronto, eu achei muito boa a atuação delas, sem dúvida. A atitude foi de louvar.

P7: Eu acho que [impercetível – sobreposição de vozes] há bocado, inicialmente, a dizer – coloca-lo fora, na rua, que é a maneira de resolver o problema, é uma estratégia. Porque não há outra forma de lidar, muitas vezes, com isso, ou seja, estamos a prejudicar a turma toda quando está lá um elemento perturbador. Um, dois, três, quatro ou cinco, que é o caso da turma que eu tenho neste momento. Eu tenho o CEF e o primeiro conselho de turma foi só para tratar questões de indisciplina... questões de indisciplina grave e já foi lá, já convidei a L. [PSOE] à reunião e ela diz precisamente que para, ao estudar o problema, porque é que o aluno tem esse comportamento, é necessário estabelecer a relação com ele, conhecer os problemas, etc. E como são alunos com muitas deficiências, são alunos já com uma caracterização [impercetível] complicadíssimos. É muito difícil estabelecer relações, estabelecer compromissos, negociações, mediações.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Por isso é que eu estou a dizer, não havendo outra... não havendo outro instrumento, colocá-lo fora é uma estratégia.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: É uma estratégia, mas depois não há a preocupação de nós sabermos... fazemos a participação...

P10: Resolver por fora essa situação...

P1: ... e como o P4 disse, e bem, por vezes, não é? Os miúdos [impercetível – sobreposição de vozes] todos nós trazemos problemas pessoais que, quer queiramos, quer não, nos afetam na nossa vida profissional e é muito mais simples nós [impercetível – sobreposição de vozes] Porque quando se fala em défice de atenção, eu concordo, mas é de atenção...

P10: Mesmo o nosso grau de paciência está no...

P1: ... não é no aspeto cognitivo, muitas vezes, é no afeto. E, por vezes, basta nós termos uma conversa com o aluno num corredor... para resolvermos um problema de indisciplina.

P7: Isso acontece porque as reuniões têm sido feitas com os pais e com os alunos e os compromissos não têm sido cumpridos. Não estou a falar de uma indisciplina pontual, são constantes. Portanto, naquele caso...

P6: Mas eles também foram escolhidos a dedo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Depois há situações em que resulta, outras que não resultam.

P8: Os alunos que estão a ir para os CEF é quase a ultima oportunidade que a escola tem para eles. A nossa escola, neste momento, não tem capacidade para oferecer outra saída para aqueles alunos e aquilo é quase a última saída que eles têm.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Isto é só para reforçar a ideia de que o colocar na rua acaba por ser uma estratégia para poder dar a aula.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: O tempo que a P3 está a dizer, o tempo para falar, eu já falei com ele, eu já falei com o pai, já pus na rua, falo etc. Mas são de tal maneira estruturais que tu não tens tempo para construir nada. E aquilo já chega a pontos que é muito difícil.

P9: Mas quando se põe na rua, o que eu digo, não surte efeito nenhum...

P7: Eu já utilizo essa estratégia.

P9: ... porque o pôr na rua, ou eles deviam ser seguidos juntamente com o funcionário, trazê-los mesmo até à biblioteca e eles irem fazer uma tarefa que o professor, entretanto, lhes disse, porque dizer: “Vai para a rua...” [impercetível – sobreposição de vozes] É óbvio que ele não vai.

P7: Mas o procedimento é esse, é chamar o funcionário...

P9: Mas é assim, mas ele não vai.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas o que diz é que no final ele deve apresentar-se na sala.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: E a tarefa realizada.

P10: ... com a tarefa realizada.

P?: Mas ele não leva a mochila, ele leva o manual, leva uma ficha, leva o que tu mandares, depois deve regressar à sala...

P10: Mas isso não vai sortir efeito nenhum, porque ele...

P8: Não, não...

P10: ... na próxima aula volta a fazer a mesma coisa, que há aí um aluno que faz isso para ir para fora da sala.

P9: Eu acho que eles deviam ir para a rua, com um saquinho do lixo e, com o saquinho do lixo, apanhar o lixo que anda por aí espalhado...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Isso é trabalho infantil.

P15: Não, porque os pais não deixam.

P9: Recolher o lixo, com uma luva na mão?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Não fazíamos uma atividade de limpeza na escola?

P?: Muitos destes pais...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olha, P12, sabes o que é que também era bom? Era os pais também serem responsabilizados, haver multas...

P12: Eu cá não posso resolver isso.

P15: Mas era. Havias de ver se os pais depois não se preocupavam.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não, não podes assumir compromissos [impercetível – sobreposição de vozes]
Sinceramente, acho que [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Em vez de os castigar era pô-los a limpar a escola, apanhar lixo, beatas de cigarro [impercetível – sobreposição de vozes] com luvas, com o equipamento necessário...

P8: Todos nós defendemos isso...

P15: Não, porque os pais não deixam.

P8: ... infelizmente, a lei é que não permite. Ó P9, eu tenho a certeza...

P9: Mas eu acho que era uma solução.

P8: ... que quando falar com o pai da referida aluna, que foi convidada a sair da sala, eu tenho a certeza que aquela pessoa vai tomar uma medida em relação à filha. Aquele vai tomar. Agora, é assim, o problema são os restantes alunos que o P7 está a falar, aqueles que nós temos e que tu podes falar com pais, que nem sequer te aparecem cá. Nós, às vezes, levamos um mês a desenvolver um processo, porque eu não posso ouvir um aluno como testemunha, sem ter um encarregado de educação, porque ele é menor de idade. Se o encarregado de educação não estiver disponível, eu não posso dar encaminhamento ao processo. E daqui a um mês qual é o efeito da medida? Zero!

P1: Oh P8, mas também não podemos partir do princípio que é um caso perdido. Ao menos temos que tentar...

P8: Mas ninguém falou em caso perdido.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Já há casos, já há casos em que eu penso que já não há nada a fazer! Eu já tendo a pender para essa opinião.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Não posso afirmá-lo, mas tenho a tendência a ir para aí.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Nem que seja 0,1% de que tu consigas, já é muito bom!

P7: Também é dito pela Psicologia o seguinte, pela psicologia da educação, e foi dito [impercetível – sobreposição de vozes] quando eles não querem... [impercetível – sobreposição de vozes] E nós temos aí casos destes, ou seja, que eles não querem. Daqueles casos em que eles não têm nada a perder.

P8: Eu, no ano anterior, numa turma do 7º ano, ó P9... Só para perceber, no ano anterior, numa turma de 7º ano, eu vou dar teste na segunda-feira, no sábado, às 3h da manhã, mais de metade da turma de 7º ano estava no Cais Café. Portanto, a responsabilidade é daqueles alunos ou é dos pais? Sou eu que, depois, à segunda-feira, tenho de andar preocupado? Achas que aqueles pais que permitem que um miúdo de 12 anos... Achas que aqueles pais que permitem que um miúdo de 11 anos esteja às 3 da

manha num bar, em que nós sabemos o tipo de pessoas que andam à noite, boas e más, aquela pessoa vai ser responsáveis quando o chama? Nós temos... estás a enfrentar, neste momento, o caso de um aluno em que o pai vai para a Madeira... e o aluno de 7º ano fica sozinho, em que leva os colegas para casa e faz festas ao fim de semana. Até eu o fazia. Até eu faria o mesmo... na idade deles.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Quando um miúdo de 13 anos se apanha sozinho [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Colegas, é assim... estes temas da disciplina são sempre muito... dão sempre muito pano para mangas, mas nós temos que nos centrar...

P8: Não, podíamos selecionar por grupos ou, pelo menos, pelos pares - no nosso caso um trio - uma dessas grelhas? Por exemplo, a que eu aplicava à P12, a P12 depois também aplicava no nosso trio.

P12: Não, o que eu ia dizer era assim, eu penso que, tendo em atenção neste momento a limitação de tempo que nós temos e até, possivelmente, os interesses que as pessoas vão ser observadas têm, penso que será mais fácil cada par... no nosso caso o trio, definir o instrumento que lhe interessa usar... porque podes usar uma grelha completamente aberta, podes usar uma grelha mais vocacionada para a observação deste ou deste facto... porque, lá está...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ele era o centro. Ele era, estás a entender?

P1: pronto, mas agora [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: E ao nascer a irmã, as atenções...

P12: Eu penso que agora é... penso que, se calhar, para esta primeira fase, não sei, para esta primeira... para esta primeira observação que vamos fazer, se calhar seria mais... fácil ser cada par a organizar a sua grelha e até depois, por exemplo, mesmo que a gente não queira partilhar a observação, na próxima sessão já podíamos, por exemplo, partilhar as grelhas, não sei. O P4, que é de supervisão, poderá ter umas ideias melhores do que as minhas.

P4: Eu, neste caso, vou ser um bocadinho egoísta, porque como vou ser sujeito a avaliação, mesmo externa, eu ia propor à P14 se seria possível aplicar as grelhas que a avaliadora vai aplicar, no sentido de tu também me ajudares a melhorar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Podemos ter acesso a essas grelhas?

P12: Eu penso que algumas dessas grelhas estão aqui. Algumas dessas grelhas estão aqui.

P9: Se essas grelhas existem e são mesmo aquelas que são utilizadas em termos de supervisão, se calhar podíamos enveredar era por essas.

P12: Mas ó P9... Ó P9, aí que disparate, ó P9, mas é que tu, aqui, tens muitas grelhas diferentes. Tu tens, por exemplo, tu tens aqui uma grelha que é completamente aberta, em que só tens o tempo e a pessoa que está a observar regista... Tens outra grelha em que já há aqui, por exemplo, um item para observar a correção científica, para observar a gestão do tempo, para observar a diferenciação metodológica.

P9: Agora também depende, de facto, do colega que vamos supervisionar, porque se for uma disciplina que eu não percebo nada... eu não vou supervisionar inglês...

P12: Eu não posso ir supervisionar a competência científica...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O que me parece é que seria mais adequado, agora, a serem os pares a construir a sua própria grelha ou usar uma que tenham. E por isso é que eu vos falei deste documento, porque eu acho que este documento pode-nos ajudar a construir o nosso instrumento de observação. Eu depois vou-vos mandar isto. Isto, de qualquer forma, está disponível online... Mas...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Isso... Eu ainda vou mandar, eu não mandei hoje, mas vou-vos mandar. Isto está disponível online, de qualquer forma, mas eu mando-vos isto já no PDF, porque é assim, penso que será melhor...

P8: Observação de aulas e avaliação do desempenho docente.

P12: Olha, eu dou-te o site, P2: <http://www.ccap.min-edu.pt>. Portanto, eu penso que as grelhas que os nossos avaliadores vão usar connosco não vão ser muito diferentes destas, P4.

<http://www.ccap.min-edu.pt>

P4: Portanto, eu ouvi dizer que estava na Direção Regional...

P12: Nós, supostamente, ainda vamos ter uma reunião com o Morgado.

P4: Supostamente... No Funchal fizeram e nós não pudemos estra presentes...

P8: No ano anterior fizeram.

P12: E este ano também já fizeram. Acontece que como a Secretaria preocupa-se muito com Porto Santo, mandou um documento para a escola, na segunda-feira, a dizer que havia uma reunião na sexta, mas que os professores iam ser individualmente

convocados. Nenhum de nós foi convocado. Na quarta-feira, à noite, o conselho executivo já sabia que não havia bilhetes no avião de sexta-feira, para as doze pessoas.

P8: No ano passado fizeram essa reunião foi aqui. [impercetível – sobreposição de vozes] e os outros que foram observados. Houve uma reunião prévia, por isso penso que é o que vai acontecer... até para definir as estratégias, porque foi definido o que é iriam ser avaliados, de que forma é que iam ser avaliados, até para depois não haver grandes discrepâncias.

P4: Mas estás a falar da reunião com o avaliador e com o avaliando ou do diretor geral com os docentes?

P8: Não, só dos avaliandos. Inicialmente, acho que houve uma assim, só quem ia ser avaliado.

P4: Ah, isso também vai acontecer no futuro, mas aquela que estamos a falar é... um técnico da direção geral...

P12: É o Morgado. É o Morgado. Agora, era suposto ele vir cá. Agora, também já me chegou o *zum zum* de que vem só um PowerPoint...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, então, é assim... então...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Se alguém, podemos é combinar, se alguém encontrar esta grelha, que o P4 refere, na DRAE, envie e a P12 depois...

P12: Também podíamos fazer isso, podíamos procurar essa grelha e... e também distribuí-la, porque é mais um elemento para nos ajudar... Embora, eu devo dizer que é assim, eu acho que... a minha experiência de... pouca que tenho, de observação, é que quando não se é muito experiente, não convém ter grelhas muito complexas. Quanto mais complexa a grelha, maior a confusão. Mas, pronto, mas isso, depois, cada um fará como...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: E com certeza, a grelha pelo... pela qual o P4 vai ser avaliado deve ter lá [impercetível – sobreposição de vozes] nós não podemos fazê-lo...

P4: Essa temos que renovar.

P12: Mas pronto, mas é isso, mas lá está, nós podemos chegar num documento existente e adaptar às nossas necessidades.... Podemos olhar para aqueles que já existem, porque é assim, eu acho que é sempre mais fácil partir daquilo que já existe e fazemos depois uma adaptação, do que estarmos a construir de base. E penso que, depois, numa

próxima sessão, já depois de termos usado as grelhas, até porque uma coisa que nos vai acontecer de certeza é que, depois de usarmos a grelha, vamos perceber que, olha, isto não fazia falta, mas em contrapartida fazia falta não sei o quê ou fazia falta não sei que mais. Então aí, se calhar, não digo agora em dezembro, porque se calhar em dezembro ainda não vamos estar em condições de fazer isso, mas penso que, se calhar, depois, em janeiro, podíamos... dedicar a nossa parte da supervisão à construção de... ou pelo menos a confrontar as grelhas e tentarmos...

P1: Por acaso estava a pensar. O P13 está a dizer que para o ano vai ser observado. Porque não pegarmos nas grelhas que eles vão usar e as pessoas que depois vão precisar, para quando transitarem já estarem familiarizadas com o sistema.

P12: Pronto, mas isso, lá está, mas isso levanta a tal questão, que é assim: haverá coisas dessas grelhas que depois podem não ser exequíveis, porque se eu for observar o P13, eu não posso avaliar a competência científica do P13, não é? Agora, os aspetos que têm a ver com a diversidade de estratégias ou a gestão de comportamentos ou isto ou aquilo, isso qualquer um de nós consegue observar em qualquer aula. As questões ligadas aos conteúdos científicos, aí já, eu não posso, quer dizer, tirando na História ou na História da Arte, eu não me sinto minimamente avalizada a ir avaliar conteúdos científicos seja lá do que for, portanto, por isso também temos que ter isso em atenção. Mas lá está, não quer dizer que a gente não pegue nessas grelhas.

P4: Temos que pôr a vertente científica um bocadinho mais de lado.

P12: Exatamente, por isso eu digo... temos que... temos que adaptar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: A relação de dedicação professor-aluno...

P1: Estava a dizer aqui ao P13, uma das coisas que a mim me frustra imenso, eu tenho imensos alunos NEE este ano e às vezes sinto que não estou a dar o acompanhamento necessário aos miúdos, mas eu não tenho tempo. Não consigo. E sinto-me frustrada comigo mesma, porque eu sei que aquele precisava de mais cinco minutos ou mais dez minutos ali, uma atenção mais reforçada e não tenho.

P8: Não dá, não dá.

P9: Mas o problema que eu sinto também nas minhas aulas é que, quando eu tento dar apoio a algum aluno que tem mais dificuldades, basta eu virar costas que os outros estão no reboliço atrás de mim. [risos] Como é que se controla isso?

P1: Não estou a questionar que isso não aconteça. Na minha disciplina, é um bocadinho... [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Basta eu debruçar-me um bocadinho sobre aquele aluno, que fez uma pergunta e eu tenho de ir até pé dele, os outros entram num reboição tal...

P13: Posso partilhar o que é que eu faço, o que é que eu costumo fazer?

P9: À vontade.

P13: Quando eu tenho um aluno assim, com muitas dificuldades, nomeadamente alunos NEE, eu peço a um aluno que tem mais facilidade, para ficar junto a ele e presto-lhe algum apoio. Eu, de vez em quando, vou monitorizando, vou passando por ali, vou vendo e... eu mato dois coelhos de uma cajadada só.

P12: Isso era uma boa estratégia.

P13: Consigo controlar aquele aluno que, se calhar, é um bocadinho mais inquieto, porque está a ajudar o colega e sente-se importante ao ajudar o colega e o colega NEE está a aprender mais facilmente, numa linguagem mais acessível, por parte do colega.

P8: Isso resulta [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Há miúdos que gostam disso. Há miúdos que gostam de ajudar os outros.

P13: Uma das coisas que eu aprendi no MEM, naquela formação que tivemos no MEM e gostei bastante e utilizo várias vezes, é mesmo a aprendizagem cooperativa... Gosto muito.

P12: Não, porque há miúdos que gostam. Há miúdos que não gostam, mas há miúdos que gostam de ajudar os outros. Eu tenho alunos que gostam imenso de ajudar os colegas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Eu faço questão de valorizar. Na altura, na aula, e agradecer, que é uma coisa que eles também [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Sim, sim, sim.

P1: “Muito obrigado pela ajuda. Deste uma ajuda ao teu colega e deste uma ajuda também a mim”.

P13: Por exemplo, o L., muitas vezes, o L., muitas vezes, até está mais ou menos sossegado. Porquê? Porque eu ponho-o a ajudar a R. Claro que aquilo às vezes dá para o torto, mas na maior parte das vezes ele está ali a ajudar. Depois ele chega uma altura que começa a [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Ele não aguenta muito tempo...

P13: Não aguenta muito tempo, mas durante alguns momentos ele consegue...

P12: Sabes que ainda hoje estava a conversar isso com a D. B. A mim, o L., o que me enerva é que aquilo não há estratégia que resulte com ele, porque ele é capaz de estar manso, desculpem a expressão...

[risos]

P9: Sim, durante algum tempo.

P12: É capaz de estar manso quinze ou vinte minutos, mas depois dá-lhe um “vaípe”.

P9: É verdade.

P12: Por exemplo, eu, esta semana fiz com eles o conselho de cooperação educativa. Foi a primeira vez que fizemos. E o L. ofereceu-se para ler o Diário de Turma. Oh pá, e aquilo correu porreirinho, o L. a ler o Diário de Turma, a mandar os outros calar e não sei o quê. Acabou de ler o Diário de Turma, passado cinco minutos, aquilo era um regabofe que já ninguém se entendia.

P1: Ele deixou de ter a atenção nele. Ó P12, ele deixou de ter a atenção focalizada nele...

P12: Pá, mas...

P9: É um miúdo muito complicado. É, sem dúvida.

P12: Bem, colegas, só uma coisa. Vamos voltar um bocadinho à nossa questão, que é assim: eu, neste momento, não tenho mais nada de relevante para vos transmitir. Gostava que vocês... dissessem ou que fizessem perguntas ou fizessem algumas sugestões, não sei... que tenham...

P9: Portanto, só para que fique... para eu perceber, o par que foi criado é só para a primeira sessão, para já.

P12: Só para a primeira sessão.

P9: Depois voltamos a falar?

P12: Depois voltamos...

P9: Eu assisto a uma aula da... eu assisto a uma aula do meu par e o meu par assiste a uma aula minha.

P12: Em princípio, será para irmos experimentando.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sim, foi isso que combinámos, exatamente.

P9: O ano que ele vai assistir... isso é decidido entre nós?

P12: Isso é tudo entre vocês: a turma, o ano, a aula, é tudo decidido entre vocês... Porque tu podes, lá está, olha, por exemplo, eu, por mim, vou pedir para me assistirem no 7ºC, mas se calhar se fosse uma supervisão para avaliação não escolheria essa turma

porque aquilo era o fim da macacada, não é? Mas, pronto, mas é assim... e depois, oh colegas, não se esqueçam de uma coisa que é assim, isto é para ser feito... quer dizer, também tem de ser de forma a que consiga encaixar nos nossos horários. Eu não posso ir arranjar uma aula em que o colega não está disponível, temos que... tentar.

P4: *Timing*... Até quando deverá ser feita essa primeira observação?

P12: É assim, P4, eu acho que ideal era que fizéssemos até ao fim do primeiro período. Mas, como eu disse inicialmente, pode haver colegas, porque estão envolvidos em projetos, atividades, *ta-ta-ta*, se calhar já têm a sua vida bem planificada, já não lhes dê muito jeito o primeiro período porque, objetivamente, nós temos três semanas de aulas, não é? Até ao fim do período. Pronto... E esses colegas que não, que não se sintam com desejo de fazer isso no primeiro período convinha que fizessem o mais cedo possível no segundo período... porque convinha que, pelo menos no nosso encontro de janeiro, nós, por exemplo, já pudéssemos trabalhar sobre as grelhas.

P4: Certo.

P12: Não digo em fevereiro, mas em janeiro.

P4: Já não vamos fazer uma reunião em dezembro?

P12 : Fazemos.

P4: Mas o ideal seria estabelecer uma data.

P12: Sim. Não, não. Mas eu também, eu também tenho essa opinião. Colegas... é assim, nós ainda vamos fazer um encontro em dezembro. Eu tinha aqui uma data sugerida, porque é assim, isto é super-complicado arranjar uma hora em todos estejamos disponíveis e claro que eu sei que há pessoas que hoje é o seu dia de folga, também é o meu. À quinta feira... há pessoas que estão disponíveis todas as tardes, como é o meu caso e de outras pessoas, mas a maior parte não está. E, portanto... e o que eu sugiro, para não estar, porque é assim, nós podemos sempre fazer isto recorrendo àqueles tempos que temos para formação, mas também acho que não há nenhuma necessidade, estando nós aqui na escola estarmos a gastar esses tempos que podem depois nos fazer falta para outras formações que têm outro tipo de rigidez horária. A minha sugestão é, se não tiverem nada contra, mantermos este horário, da sexta feira, das 5h15 às 8h15, que será a hora que oficialmente termina. Não quer dizer que não possa terminar um bocadinho antes ou às vezes, até, terminar um bocadinho depois, tudo vai depender. Mas isto seria a minha sugestão, porque foi realmente muito complicado. Eu sei que há pessoas que vieram aqui de propósito e que dava-lhes muito mais jeito ter sido ontem porque estavam na escola e era só ficar mais um tempo, mas é assim... ou então...

fazermos à quinta feira, mas terá sempre de ser a esta hora da tarde. Para ser mais cedo, não dá.

P9: À sexta-feira, a essa hora não dá, porque acabo as aulas às 6h.

P12: Pois, mas depois temos este problema. Mantemos este.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] dentro da possibilidade dos colegas

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: A próxima fazemos assim e depois logo se vê.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, então fazemos... o que eu ia sugerir era... ser no dia 12 de dezembro e porquê? Porque é a sexta feira mais longínqua. No dia 19 é impensável, porque estamos em conselhos de turma de avaliação.

P8: E até porque muito possivelmente deve ser o jantar de Natal.

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, 12 de dezembro não pode ser porque a cozinheira não está disponível. A cozinheira só está disponível no dia 13, portanto, esqueçam dia 12.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: 12 de dezembro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: 12-13? 13 eu não posso.

P8: Então, deve ser a 12. É isso que estamos a dizer.

P12: 13 é um sábado...

P8: É que no 19 não pode ser que estamos em avaliação. [impercetível – sobreposição de vozes] Tem que ser uma semana antes... ou a 12 ou 13, ou sexta à noite ou no sábado.

P?: Ah, pois, no dia 13 não pode ser.

P7: Toda a manhã?

P12: Não sei. Ma também não sei, porque se vai ser... jantar, se vai ser almoço. E o ano passado acho que até foi ao domingo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: O ano passado foi almoço.

P12: E foi ao domingo.

P4: Foi.

P8: Foi no domingo.

P12: Bom, olha, é assim, eu, a minha proposta, era que se fizesse no dia 12 de dezembro, porque na semana a seguir...

P8: Por mim pode ser.

P12: ... é impensável e também para fazermos mais cedo... também é muito colado. Agora, gostava de fazer uma pergunta... têm algum tema que queiram propor para o dia 12 de dezembro?

P8: Tenho uma série deles.

P12: Oh P8, eu gosto de ti, porque tu és assim! Tu és um homem com uma dinâmica fantástica.

P8: É assim, há dias, no Prós e Contras, eles estavam a discutir a questão da... da colocação dos professores e o atraso que houve agora e uma das discussões que eles tinham lá era... os diretores das escolas estavam a criticar os sindicatos por causa desses atrasos, porque eles entendem que não devia ser o ministério a colocar os professores, mas sim as direções executivas. E penso que era uma das questões que nós deveríamos futuramente abordar um pouco sobre isto, até que ponto... provavelmente nós vamos dizer: “Eh pá, mas isso levava a compadrio”. Nós já sabemos a realidade, mas penso que era interessante nós futuramente discutirmos isso, que era: o que é que era preferível para as escolas ou o que é que era pior para as escolas? Ser o modelo atual, em que é a Secretaria a colocar os professores ou seria mais rentável que fosse o próprio órgão de gestão a ter essa autonomia?

P12: Deixa-me só dizer uma coisa. Vocês não se esqueçam que estamos no âmbito de uma comunidade que vai trabalhar sobre a nossa prática profissional. Isso é uma questão mais organizacional, é uma questão sobre a qual nós não temos nenhuma capacidade de intervenção. Quer dizer, é uma questão interessante, não ponho isso em causa. Mas não é uma discussão que seja produtiva para nós. Porque é assim, isso não vai mudar a minha prática em nada...

P8: Está bem.

P12: Portanto, centrem-se em temas que tenham a ver com a nossa prática profissional.

P8: Ok. Então, neste momento, foi distribuído, fala aqui dos professores altamente eficazes. Eu parti do princípio que são os colegas que têm excelente. Então, eu tenho aqui: vão publicar na escola a avaliação anual dos professores e distribuir as turmas mais problemáticas, entre aspas, aos referidos professores altamente eficazes.

P6: Também acho que sim.

P12: Continuamos na mesma questão. Tu só me estás a colocar problemas organizacionais. [risos] Olha, e não te esqueças da discussão que deu isso o ano passado. Lembras-te da discussão o ano passado?

P8: Só para terminar, uma das coisas que eu acho que nós devemos, antes de partir para isto, é para já pensar se... foi aquilo que surgiu também um pouco da formação do Alexandre Ventura, se é nós refletirmos todos: sou capaz de avaliar um colega? Sentimo-nos preparados para isso? Se enquanto docente serei capaz de aceitar a crítica de um colega. Portanto, penso que, antes de partirmos para essas avaliações, é importante tomarmos a consciência... Crítica aqui no bom sentido, sempre no sentido construtivo, que [impercetível] não é no sentido de atacar ninguém.

P12: Então, achas, por exemplo, que podíamos na próxima sessão refletir um pouco sobre avaliação?

P8: Não, o P13... há outras propostas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Sobre motivação dos alunos. Práticas motivacionais... Podíamos discutir aqui, entre todos, que tipo de práticas é que podemos utilizar na sala de aula.

P12: E queres dinamizar isso?

P13: Não, não. [risos] Queria ouvir também, queria aprender, queria... [impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Eu, por acaso, estava a pensar em trabalhar técnicas de estímulo de criatividade, a área que estou a trabalhar no mestrado, mas terá que ser sempre para abril/maio, porque até lá vou ter a avaliação e...

P12: Está bem.

P1: Eu acho que a motivação [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas isso será para abril, maio, é, P4?

P4: Terá que ser, porque antes é muito complicado.

P12: Ok! Então, vamos pensar...

P15: Olha, por exemplo...

P12: Desculpa, P15.

P15: Eu ia dizer os materiais. Nós estamos com um grande problema, precisamos de computadores para trabalhar no GeoGebra e, neste momento, não temos.

P8: Em breve terão. O irmão do M. ofereceu doze ou dezasseis computadores à escola. Estão a ser formatados, à partida, depois serão disponibilizados. Atenção que eu não estou a representar o órgão de gestão.

P15: Pois, mas por exemplo...

P8: Eu tenho conhecimento disto.

P15: ... precisávamos de um projetor, não é? Um quadro interativo... só temos esta sala...

P8: A escola, a escola adquiriu dois projetores há dois... O quadro interativo, no vosso caso, tem prioridade. Não é normal que esta sala, em vez de ser utilizada por mim para a projetar um trabalho ou o senhor padre dar um filme, podemos ir para outra sala.
[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: A sala do quadro interativo está sempre ocupada por uma disciplina como Educação Moral Religiosa Católica que nem sequer tem peso na avaliação.

P8: Mesmo eu. Eu uso esta sala [impercetível – sobreposição de vozes] Vocês têm prioridade. E até porque a escola agora tem mais dois projetores.

P10: Esta semana passei a perna ao padre.

[risos]

P12: Mas a P10 também tinha uma...

P8: É um projeto vosso, está aprovado, vocês têm prioridade. Têm que ter.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Além disso, o último dia em que utilizei a sala, dizia ali: lâmpada está na utilização máxima.

P15: O GeoGebra.

P8: Tem prioridade, claro.

P10: A minha sugestão era, pegando na tua preocupação da indisciplina, era cada um de nós trazer para aqui quais foram os momentos de indisciplina que tiveram na sua... e compararmos. Que tipo de problemas é que estão a aparecer, se são os mesmos...

P12: É boa ideia.

P10: ... se são situações diferentes.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] novos, que posso dizer. Tenho que partilhar isto.

P10: É para a próxima.

P2: Não, é agora.

P10: Escreve no diário. [risos]

P1: Desculpa lá.

P2: Como é que se faz para uma aluna tirar as unhas de gel e os rapazes desfazerem a barba?

P1: Não faz. [risos]

P10: Tirar as unhas de gel porquê?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Acetona... Algodão embebido em acetona [impercetível – sobreposição de vozes]
com papel de alumínio e deixá-la lá, assim, 90 minutos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Eu sei, o problema é convencê-la.

P10: Depois pedes uma broca ali na carpintaria.

P8: Não se faz nada, conversa-se com a aluna.

ANEXO V B
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 12.12.2014

P12: Pronto... Colegas, então, como tínhamos combinado, hoje temos cá a L. [PSOE], para nos ajudar a refletir um pouco sobre as questões da gestão dos conflitos e da indisciplina... Eu sugeria que, se calhar, e uma vez que as pessoas, na sessão anterior, manifestaram interesse em... pôr as suas preocupações e... alguns, se calhar, têm casos concretos para colocar, que começássemos, se calhar, por fazer uma ronda em que quem quisesse pôr alguma questão direta à L. [PSOE] ou quisesse fazer alguma observação... fizesse e depois das nossas... questões, então, a L. [PSOE] iniciaria o seu... pronto, aquilo que programou fazer connosco. Não sei se vos parece bem assim, se acham preferível fazer ao contrário, ouvirmos primeiro a L. [PSOE] e pôr questões depois. O que é que vos parece?

P13: Eu acho que podíamos ouvir primeiro e depois perguntar, não sei.

P12: É?

P2: L. [PSOE], para ti o que é que é melhor para ti?

P12: Pronto, a L. [PSOE]...

L. [PSOE]: Para mim é indiferente, também.

P12: ... a L. [PSOE] vê como é que achas melhor. Se calhar preferes...

L. [PSOE]: Sim, posso, posso... a ideia, portanto, como é que eu pensei isto? Eu pensei dar um lamiré do que é que são as teorias do conflito, mas muito breve, não vai ser nada maçador, penso eu... espero eu. Depois, também queria, queria-vos passar um questionário que vos vai indicar que tipo de comportamento e de comunicação é que vocês têm... qual é o estilo, o vosso estilo... e depois, perante isso, dar-vos algumas técnicas, mesmo, de resolução de conflitos. E nesse momento eu acho que vocês podem, então, pôr casos concretos... não é?

P12: Então, então seguimos a...

L. [PSOE]: Depois de conhecermos as técnicas, dinamizarmos, então, soluções para os casos específicos que vocês têm para apresentar.

P12: Pronto, então seguimos as orientações da L. [PSOE], que eu acho que está mais...

L. [PSOE]: Sim?... Pronto, então eu... eu, pronto, não trouxe cábulas mas trouxe *powerpoint* que vai dar ao mesmo, está bem? Portanto, eu vou-vos, então, dar um lamiré do que é que são os conflitos, o que é que são as teorias de gestão dos conflitos...

alguns autores que falam, um deles é o Thomas, que é muito conhecido... falam que o conflito é um processo que começa quando uma das partes percebe que a outra a afetou de forma negativa ou que irá afetar de igual forma - não é? - no futuro. E esta definição teve três características. O conflito tem que ser percebido, porque é assim, eu até posso fazer uma maldade, mas se a outra pessoa não se apercebe que eu fiz a maldade, não há conflito nenhum, não é?... Ok? Portanto, o outro tem que perceber essa... essa situação menos... menos boa. Tem que existir uma interação. Portanto, depois também, aquele que percebe também tem de vir confrontar o outro, não é? Porque se não confrontar... por exemplo, alguns de vocês até podem estar melindrados comigo, alguma coisa que eu tivesse feito, mas não há conflito nenhum porque eu não sei, não é? Logo... não se põe a questão. E tem que haver uma incompatibilidade entre as duas partes. Portanto, há qualquer coisa que vocês não gostam, ou que eu não gosto, e então gera-se o conflito, não é?... Depois há aí outros senhores, como o Serrano e o Rodriguez... que dizem que, pensam que o conflito é um encontro entre duas ou mais linhas de força... que, com direções convergentes, vão em sentidos opostos, logo, resulta num encontro... num encontro que vai ser prejudicial – não é? – vão-se confrontar e então há uma necessidade de gerir essa situação... Podem interromper-me, se quiserem. Podem pôr questões. Ainda estes senhores, dizem que... por exemplo, a eficácia de uma equipa ou de uma interação - podemos ajustar também à interação um a um, não é preciso ser uma equipa – não depende somente do desempenho individual de cada elemento. Portanto, quando eu me relaciono com alguém, não depende só de mim... faz sentido?... Não é? O outro, as sensibilidades do outro, aquilo que o outro ouve que eu diga ou aquilo que ele percebe, tem importância no que vai acontecer na relação entre os dois, não é?... Portanto, mas eu acho que implica uma estreita colaboração, para que as coisas funcionem bem, não é? Um grau de entreajuda e a capacidade de encaixe e de tolerância a pontos de vista diferentes. Isto é uma coisa que parece muito óbvia e muito fácil de... pronto, de perceber, mas não é uma coisa que acontece com muita facilidade. O que é que acham?... Às vezes, o ser capaz de colaborar com os outros nem sempre é uma coisa que se proporciona facilmente, não é? Ou sim?

Vários interlocutores em simultâneo: Não, nem por isso.

L. [PSOE]: Às vezes há situações difíceis.

P3: Há personalidades que chocam, não é?

L. [PSOE]: Exatamente. O grau de interajuda, nem todos também estarão disponíveis, na mesma medida e na mesma frequência, logo, isto pode causar também conflito. E ainda a tolerância. A tolerância é uma coisa que... quando nós estamos muito autocentrados, não é? Quando estamos muito preocupados com o nosso problema, torna-se muito difícil ver o ponto de vista do outro. A isso chama-se empatia e nem toda a gente tem, nem tem que ter, capacidades de empatizar, ok?

P2: Posso só fazer uma pergunta aqui, L. [PSOE]?

L. [PSOE]: Claro.

P2: Se não houver essas condições, o conflito mantém-se?

L. [PSOE]: Não, se não houver estas condições pode surgir o conflito. Depois, o conflito só se manterá se não houver resolução do conflito, se não houver, portanto, alterações que procurem estas conclusões.... O conflito vai ser diretamente proporcional ao desempenho da equipa a vários níveis, negativa ou positivamente, está bem?... Faz sentido, isto?

Vários interlocutores em simultâneo: *Huhum...*

L[PSOE].: Sim? Eu sei que está tudo a querer ir para o jantar...

[Risos]

P1: Temos um conflito.

P12: Exatamente. Temos um conflito de interesses. [Risos]

L. [PSOE]: Então vamos lá responder aqui... ao questionário, para ver que tipo de... de comunicação e de comportamento é que vocês normalmente têm... Olha, passa assim... Isso é muito importante, porque o tipo de comunicação e de forma de estar que nós temos, pode ser mais influente... no surgimento dos conflitos, ou não... Açam que tem a ver só connosco ou tem a ver com os outros?

Vários interlocutores em simultâneo: As duas coisas.

L. [PSOE]: Os dois, exactamente. Mas o facto de nós também termos certas características também poderá facilitar ou dificultar... sim? Pronto, então vamos lá descobrir isso em nós... Eu vou só ali buscar uma coisa de que eu me esqueci.

[Pausa para resposta ao questionário]

P2: Eu tenho aqui uma dúvida.

L. [PSOE]: Sim.

P2: Considero-me, em geral, bastante manhoso e hábil em relação com os outros. Eu não consigo avaliar isto.

P3: És manhoso, também.

L. [PSOE]: O que é que te dizem? O que é que tu percecionas daquilo...

P2: A mim não me dizem nada...

[Risos]

P2: [segmento impercetível] se for verdadeiro...

P4: És manhoso no futebol, quando estás a jogar. Agora...

L. [PSOE]: É assim, é mais ou menos. É óbvio que não há...

P2: Sim, sim. Eu não consigo é...

L. [PSOE]: ... mas pronto, aquilo que tu achas...

P2: Ok. Ok.

L. [PSOE]: ... que percecionas que poderá ser mais para um lado ou mais para o outro. Aquilo que faz mais sentido.

[Pausa]

P3: Desculpe L. [PSOE], isto *atuar por interposta*, quer dizer o quê?

L. [PSOE]: Por interposta pessoa, por outra pessoa... ou seja, vais fazer um... e depois a outra pessoa é que faz o serviço, não é?

P3: *Huhum...* Ok.

[Pausa]

P6: O que é que é isto do *sopinhas de leite*? [Risos]

L. [PSOE]: Onde? Qual é a pergunta?... *Chamam-me sopinhas de leite, fico enervado e isso faz rir os outros. Tipo, sopinhas de leite, és um... um totozinho...*

P2: Mole, não é?

P6: Pamonha...

L. [PSOE]: Exato.

P6: Pronto, ok.

L. [PSOE]: Copinho de leite, sopinhas de leite, vai tudo dar ao mesmo.

P12: Há aqui uns que são complicados. [Risos]

[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: O que vale é que é curto, o questionário.

P2: É, é... [Risos]

L. [PSOE]: Isso é dos mais curtos que há em Psicologia...

P1: Sim, sim. Eu estou a par, eu fazia muitos testes.

L. [PSOE]: Não há inventário nenhum que se preze que não tenha cento e tal itens, pelo menos.

P8: O objetivo é cansar as pessoas.

[Risos]

L. [PSOE]: É mais ou menos... Posso deixar aqui a porta aberta, ou não?

P12: Sim, por mim podes.

L. [PSOE]: Isso é individual, meninos... Quando vocês têm dificuldade a responder é porque têm... não se conhecem bem... Não se conhecem bem...

P12: Não estou muito de acordo contigo.

L. [PSOE]: Não?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P2: Se a gente começar a fazer isto de olhos fechados, conhecemo-nos bem.

L. [PSOE]: Vocês pensam demais, sejam mais intuitivos...

P12: Olha, por exemplo, aqui, esta. Eu aqui, depende.

L. [PSOE]: Mas em regra? Em regra... o que é que faz?

P12: Sei lá, tenho de fazer aqui uma priorização...

L. [PSOE]: A maior parte das vezes o que é que faz?

[segmento impercetível] [Risos]

P2: Esta é demasiado grande.

P10: Pronto, enganei-me. Não faz mal.

L. [PSOE]: Isso é para vocês. Só vocês é que vão ter conhecimento... a não ser que queiram partilhar.

[Pausa]

P12: Esta aqui... Eu faço isto montes de vezes, mas com coisas que eu acho que não são importantes...

L. [PSOE]: Pronto, mas veja o que é que é mais importante para si.

P12: Pois, exato.

L. [PSOE]: Mas se o faz com frequência, isso também quer dizer qualquer coisa.

P12: Ah, quer dizer que... 'tá bem. E depois faço o que eu quero.

L. [PSOE]: Mas isso é uma característica de personalidade.

P12: Pois, exatamente.

P3: Faço fitas é o quê?

L. [PSOE]: Birras, fitas... cenas, fitas, birras...

P3: Ok.

P2: Se for no futebol é um *drible*...

[Risos]

P7: Isto é... para a minha filha sim. [Risos]

L. [PSOE]: Mas há adultos que são muito fiteiros.

P15: É verdade. É, é.

L. [PSOE]: Fiteiros e birrentos... Aí, nesse contexto, se calhar, fazer fitas é tipo... pronto, sei lá, fazer-se parecer mais [segmento impercetível] do que o que estás...

P7: Pois, claro.

[Impercetível - sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: ... mais preocupada do que o que estás, mais...

[Impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Com coisas graves mesmo, não, mas às vezes qualquer coisa “Ai F. [PCE], estou às portas da morte” [Risos] Ele já não liga. [Risos]

P8: Eu louvo o professor F. [PCE], a aturar-te há tantos anos nem sei como ainda está bom...

P12: E ele diz logo “Está bem, estás às portas mas não entres”.

[Risos]

P9: Agora estou curiosa de ver o que é que isto vai dar...

[Impercetível - sobreposição de vozes]

P6: [segmento impercetível] também se for preciso já está feito, também se não for preciso...

L. [PSOE]: Agora vão corrigir, mas vamos esperar que todos...

[Impercetível - sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Claro. Não querem saber o que é que...

P2: Isto é...

P1: Tipo de zero a oito (segmento impercetível)

[Risos]

L. [PSOE]: Não, não é assim tanto, mas é mais ou menos.

[Risos]

L. [PSOE]: Esses testes das revistas são quase sempre baseados em questionários sérios... só que depois há gente que inventa, claro... não está cientificamente comprovado. Este está mais ou menos... Não é vinculativo, mas... dá um lamiré.

P12: Pronto, já tenho.

[Pausa]

L. [PSOE]: Temos banda sonora e tudo. [Pausa] Que opositivo. [Risos] Estou a brincar contigo, P2... mas ainda não te calaste um bocadinho.

P12: Ele não se calou? Mas ele tem estado... por acaso não é verdade. Eu acho que ele até tem estado... Teve ali umas observações... Não, mas... Olha, eu acho que falei também bastante.

L. [PSOE]: Não, mas... ele está mais... está mais revoltado com a situação... A ideia disto é vocês se divertirem, não é ficarem aborrecidos, está bem? [Risos] Não se zanguem.

P13: Vamos entrar em conflito.

P12: Era isso que eu ia dizer, ainda se vai gerar aqui um conflito.

L. [PSOE]: Pronto, isso é bom, assim podem treinar as técnicas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Já está tudo?

[Pausa]

L. [PSOE]: Já distribuiu, para esse lado?

P12: Ah, ok. Eu tiro uma e passo as outras.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sabes... tenho um livro... eu, por acaso, também já pensei trazer para aqui para fazermos, que tem um texto deste estilo, mas em relação aos estilos de liderança.

L. [PSOE]: Sim, sim. Isto também serve muito para a liderança.

P12: E é muito giro.

L. [PSOE]: Sim, sim. É para a liderança... Pronto, então é assim, para cada frase corresponde um comportamento de fuga passiva, de ataque agressivo, de manipulação ou comportamento de autoafirmação. As frases indicadas como um grupo foram classificados em quatro colunas, correspondentes aos quatro estados de comportamento. Deverá colocar um ponto se respondeu verdade – e só cotam as verdadeiras – e vão procurar aqui na lista onde é que ela está e põem conforme o local dela, está bem? E depois contam os ... somam os pontos todos aqui no final, total – está bem? – para cada coluna. Perceberam?

P7: É só as verdadeiras, não é?

P12: Não, não estava com atenção.

P9: Passamos para aqui quais as verdadeiras? Desculpa...

L. [PSOE]: Só as verdadeiras. Vão verificar as verdadeiras e, conforme o número delas aqui... no inventário, vão procurar aqui nas colunas onde é que está e cotam. No final, somam o total, está bem? Em cada coluna. Percebeu, P15? Se tiver dúvidas...

P15: Mas porque é que tem duas colunas? Não percebi. Isso é que eu não percebi.

L. [PSOE]: Isto fui eu a escrever, fui eu a fazer as grelhas.

P6: Ok, pronto. É só para colocar aqui?

L. [PSOE]: Sim, colocas só x de um lado... Tem duas colunas porque eu enganei-me a fazer... Eu passei isso do livro para o... para o papel... E é assim, só partilham se quiserem, está bem? [Risos] Não são obrigados a...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ai, eu tenho muita fuga passiva...

[Risos]

P12: Quem havia de dizer?... Não tinha nada esta perspetiva sobre mim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: De comportamento, de estilo de comportamento.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Obrigada.

L. [PSOE]: Depois posso-vos ler as características.

[Pausa]

P1: Põe-se um *um*? Um *um*?

L. [PSOE]: Sim, tracinho e depois contas no final e vê qual é que tem mais. Qual é que tem mais é a característica...

[segmento impercetível]

L. [PSOE]: Sim.

P12: Olha, também sou muito agressiva.

L. [PSOE]: Basta pôr os que...

P12: Isto é só qualidades. [Risos]

P15: Coitadinha de mim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Só as verdadeiras, está bem?

[impercetível – sobreposição de vozes]

[Pausa]

L. [PSOE]: Estão a descobrir coisas acerca de vós mesmos.

P12: Ai, podes crer. Estou aqui...

P4: Pronto, está feito... Não sou nada agressivo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Mas agora, comportamento assertivo e autoafirmação...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Mas olha que isto depois de jantar dá outro resultado.

[Risos]

P12: Olha, eu estou aqui a descobrir que sou uma manipuladora...

P6: Oh P12... [Risos]

P12: A sério. É onde tenho mais.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Aquilo que eu diria que não sou...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sou uma manipuladora... Que horror!

L. [PSOE]: Não é P13? Tu aprovas...

P13: Sim, a P12 manipula [segmento impercetível]

[Risos]

P8: [segmento impercetível] Estava tão bem em casa, sossegado.

L. [PSOE]: Confirma-se, então.

P12: Ai que horror.

P8: Vê lá se não foi [segmento impercetível]

[Risos]

[Pausa]

P2: Mas eu tenho que comer mesmo.

[Risos]

P12: Já somos dois. [Risos]

L. [PSOE]: A ideia não é essa.

P4: Isto não é para desiludir ninguém.

[Risos]

L. [PSOE]: A ideia não é essa. A ideia é vocês se conhecerem um bocadinho melhor.

P4: Aceitar-se...

L. [PSOE]: Conhecerem-se melhor e se quiserem mudar alguma coisa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: São estilos de organização, funcionamento...

L. [PSOE]: Estão admirados, é?

P12: Eh pá, estou um bocadinho, que eu não achei que tivesse assim uma costela manipuladora tão forte. [Risos]

P8: Eu, por exemplo, tinha a noção que era mais... reajo com mais agressividade do que fuga passiva. E, no entanto, dá-me mais...

P2: És é um paz de alma, pá.

P8: Não, não. Só em situações mesmo de extremos... muito raramente sinto que há fuga. Mais depressa enfrento e vou, por exemplo... lembro-me no primeiro... talvez há um mês e meio, um aluno que agrediu outro aluno, [segmento impercetível] vai para a frente do gabinete, porque sabe que eu lá estou... e eu reagi de uma forma agressiva, a mandar uns berros ao outro e estávamos assim, cara a cara, encostados um ao outro...

L. [PSOE]: Pois, mas aí, se calhar, a situação requereu essa reação, não é?

P8: Talvez.

L.: Agora, em funcionamento normal, dito normal, entre aspas... do dia a dia...

P8: Sim, no dia a dia não, mas curiosamente no dia seguinte tinha teste com o aluno e reagimos ambos naturalmente. [segmento impercetível] reagido, também não ia chegar à aula, não ia começar a mandar...

L. [PSOE]: Claro, as coisas tratam-se no momento. Não vale a pena...

P8: E penso que ele percebeu, porque ele, pelo menos, a partir daí, nunca mais teve nenhuma atitude...

L. [PSOE]: Mas então...

P8: [segmento impercetível] os conflitos em cima.

L. [PSOE]: Sim, sem dúvida. Os conflitos têm uma função muito útil, sem dúvida.

P8: Às vezes, se ele não existisse, não tínhamos entendido determinadas coisas.

L. [PSOE]: Ao contrário do que se pensa, não é? Ao contrário do que se pensa, pensa-se que o conflito é uma coisa a evitar...

P7: [segmento impercetível] conflito nenhum, sinceramente.

L. [PSOE]: ... é imediatamente sanado e não é assim. Não é necessariamente assim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Claro, obviamente, mas...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Querem ouvir, então?

P12: Sim senhora.

L. [PSOE]: Portanto, o estilo... quem se... quem teve mais pontuação neste estilo, tem essa tendência. Não quer dizer que vocês sejam exclusivamente assim, ok?... Nós temos um bocadinho de tudo, ao fim e ao cabo. Somos manipuladores, somos agressivos, somos passivos em muitas situações e, na maior parte das vezes, até, se calhar, somos autoafirmativos. Mas, de facto, se têm mais pontuação num do que em outro têm mais tendência, não quer dizer que sejam exclusivamente assim. Se tiverem pontuações muito próximas, é porque usam... as duas coisas muitas vezes, está bem?... Portanto, o estilo agressivo... tem características... tende a agir como uma pessoa reivindicativa face aos outros, age como se fosse intocável e como se não tivesse falhas nem cometesse erros. Portanto, é uma pessoa que tem muita dificuldade em assumir que

comete erros... Age como se fosse... estas pessoas têm uma grande necessidade de se mostrarem superiores aos outros e, por isso, são excessivamente críticas... Na relação com os outros tornam-se, por vezes, podem-se tornar tirânicos – não é? – ou ditatoriais, ao ponto de não terem em conta os direitos e os sentimentos dos outros. Emitem muitas vezes opiniões que os outros... não são pessoas muito inteligentes e não o fazem de uma forma muito adequada. Dizem mesmo: “são estúpidos”. O objetivo principal de um agressivo é ganhar sobre os outros e dominar... em vez de perder. Portanto, no fundo, é uma pessoa extremamente insegura... que precisa de se evidenciar dessa forma para colmatar essa insegurança.

P13: Então, essa tal crítica é feita no sentido de se sentir superior.

L. [PSOE]: Exatamente, de rebaixar o outro, não é? De diminuir o outro para que ele se sinta um bocadinho mais à altura das circunstâncias... As pessoas que adotam este estilo, não conseguem estabelecer muito facilmente relações íntimas e de segurança. Portanto, no fundo, lá está, como são inseguras, a segurança é uma questão que aparece aqui muito a trabalhar, nestes casos... Curiosamente, o agressivo tem consciência de que se deve proteger de possíveis ataques e possíveis manobras dos outros, por isso, muitas vezes, ataca mesmo antes de ter razões para atacar, ok? Normalmente, ele... o que é que ele tenta... quais são os objetivos do agressivo? Dominar os outros, valorizar-se à custa dos outros, ignorar e desvalorizar sistematicamente o que os outros dizem e fazem para que ele possa-se evidenciar... Normalmente, isto encontra-se em posições dominantes – não é? – pessoas que têm alguma dominância, mesmo que não tenham uma posição hierarquicamente legítima, tenta-se impor, mesmo colegas ao mesmo nível – não é? – tentam-se impor um bocadinho... e por aí fora. Sinais clínicos do agressivo: normalmente, fala alto, interrompe constantemente, faz barulho com os seus afazeres enquanto os outros estão a fazer... estão-se a exprimir ou a manifestar-se, não controlam o tempo, olham de revés para o interlocutor. Portanto, não é uma pessoa que olhe assim frontalmente, olhos nos olhos... Usa muito da ironia e do sarcasmo... e faz muita mímica de desaprovação... desaprovação... Portanto, fazem muitos gestos que manifesta desaprovação... Por vezes, também gosta de chocar. Portanto, recorre muito a uma linguagem ou a coisas que chocam os outros, não é? Uma energética e uma linguagem... Normalmente, ele usa frases do género: “Neste mundo é preciso um homem saber-se impor”, um homem ou uma mulher, conforme os casos, “Prefiro ser lobo a ser cordeiro”, “As pessoas gostam de ser guiadas por alguém com uma

personalidade forte”, “Se eu não tivesse aprendido a defender-me, há muito tinha sido comido”, ou devorado... “Os outros são todos uns imbecis, os outros são todos uns patifes, só os fracos e os hipersensíveis é que se... é que se sentem agredidos”... Portanto, normalmente, porque é que as pessoas são agressivas? Tem muito a ver com uma elevada taxa de frustração do passado, provavelmente vêm de situações familiares muito difíceis, em que a agressividade seria também a forma de estar, não é? Também manifestam medo latente, lá está, aquela insegurança que eles têm e, portanto, precisam de se sobrepor.

P8: Uma forma de defesa, ao fim e ao cabo.

L. [PSOE]: Exatamente, contrapor e, nalguns casos, assim aqueles mais graves, é o desejo de vingança – não é? – porque de alguma forma já foram magoados, já foram maltratados e tentam... identificam-se com o agressor e fazem isso... Está bem? Isto assim por alto. Alguma questão? Querem pôr alguma questão? Têm alguma dúvida?

P4: Ainda há pouco estava a falar com o P13. Por exemplo, o Mourinho, sendo uma pessoa de sucesso, recorre muito ao conflito.

L. [PSOE]: Sim. É assim, a agressividade, em certos contextos e numa certa medida, tem a sua função. Por exemplo, os desportistas precisam de uma certa agressividade, senão não vencem provas, não é? Portanto... Mas, por exemplo, muitas vezes, os desportistas podem ser pessoas agressivas que encontraram um... um caminho adequado para canalizar essa agressividade e, nesse sentido, equilibraram-se. Portanto, fizeram uma boa escolha de... de descarregar esse mal-estar, não é? Porque isto advém de um mal-estar, ao fim e ao cabo. Depois temos o passivo. O passivo é o oposto... Portanto, o passivo é quase sempre... explorado, é quase sempre a vítima, raramente entra em desacordo com os outros... fala como se nada pudesse fazer por si próprio... tenta ignorar os seus direitos e os seus sentimentos. É uma... portanto, o passivo faz muito o evitamento, muita fuga, não é?... Dificilmente diz *não*, e as pessoas aproveitam-se disso, principalmente os agressivos. Depois há assim umas díades que funcionam muito bem.

P7: Poderemos, desculpe, poderemos considerar que têm uma baixa autoestima?

L. [PSOE]: Sim, claro, sem dúvida. E já vamos ver porque é que eles são... A curto prazo, acabam por não agradar a ninguém – não é? – porque é frequente, quando é solicitado, está sempre com aquelas incapacidades todas e as pessoas depois perdem um

bocado a paciência com as passividades... Não é sensível... não afirma as suas necessidades, mas é muito sensível às necessidades dos outros, geralmente... O passivo sente-se bloqueado... Como é que a gente identifica um passivo? Normalmente, são pessoas que bloqueiam com muita facilidade, ficam muito paralisadas quando a gente os confronta com alguma coisa, têm medo de avançar e decidir. São muito indecisos, também, não é? Parece que tudo é uma catástrofe. Quando há qualquer coisa menos boa... já não há nada a fazer e vamos todos morrer e não sei quê. Têm medo de importunar os outros, por exemplo... Deixa que os outros abusem dele... Ele adequa-se à cor do ambiente, ou seja, ajusta-se um bocadinho. E os sinais clínicos podem ser roer unhas, mexer os músculos da face, ranger dentes, bater com os dedos na mesa, riso nervoso, mexer frequentemente com os pés, estar frequentemente ansioso e ter insónias... Porque é que eles são assim? Tem a ver com situações em que também, se calhar, já foram muito massacrados – não é? – e, portanto, são pessoas que se estruturaram em ambientes pouco estruturantes e pouco... protetores e que se desenvolvesse aí uma estrutura adequada para a criança, quando é criança, não é?... Estabelece uma má comunicação com os outros, não sabe comunicar, também, por defeito. O outro é por excesso. O outro comunica por excesso, este comunica por defeito... Tem uma energia, também, vital baixa, não é? Tem uma péssima autoestima, obviamente; é uma pessoa que não se valoriza. E tem pouco respeito por si próprio, também, por isso, facilmente é alvo de... de abusos. Os álibis, ou seja, as palavras, as frases que eles utilizam muito, se algum quer dramatizar: “É preciso deixar as pessoas à vontade”, “Não sou o único a lamentar-me”, “Não gosto de atacar moinhos”, “Admito que os outros sejam diretos comigo, mas eu tenho receio de os magoar”, “Não gosto de prolongar discussões com intervenções não construtivas” e por aí a fora. Portanto, fazem muito esta retração... Portanto, isto está subjacente... às questões de poder e influência, provavelmente tiveram um pai ou uma mãe muito dominante – não é? – excessivamente severo ou dominante, que aniquilou a possibilidade de se construir, não é?... E também não tem muitas capacidades de solução, de resolver problemas... Pronto, é isso, basicamente... Questões...?

P1: E quando... eu tenho um... [segmento impercetível] baixa autoestima, não é capaz de tomar uma decisão, não é? Mas tem consciência que alguma coisa está errada com ele e que a vida dele não avança e que não sei quê, mas não é capaz de fazer nada. Mesmo que a gente ajude, mesmo que a gente incentive...

L. [PSOE]: Tem de procurar uma ajuda...

P1: Não. Não...

L. [PSOE]: ... profissional. Às vezes os amigos, só, não chegam, porque os amigos quando... Até isso... É assim, todos nós temos uma certa dosagem disto em nós. Por exemplo, quando os amigos nos dão um elogio, a gente: “Ah, ‘tás a dizer isso é porque gostas de mim”, ou se é a mãe ou se é o pai, não é? Ninguém valoriza isso. Agora, às vezes... tem que haver técnicas para desenvolver estas... estas incapacidades que as pessoas têm. Portanto, nestes casos, quando a coisa é grave e interfere muito na vida das pessoas, porque é assim, as pessoas podem ter estas características de personalidade e serem funcionais e viverem mais ou menos bem, não é? Mas, se é já muito, muito difícil de viver e já tem muitas situações de abuso e etc., tem que procurar uma ajuda, como é óbvio, não é? Tem que procurar uma ajuda. Depois, temos o comportamento manipulador. Isto, atenção, o manipulador não é necessariamente mau, atenção. Todos nós temos de ter capacidades de manipulação, se não tivermos não conseguimos...

P8: Não há capacidade de negociação.

L. [PSOE]: Exatamente. Ok? Agora, temos de ter em atenção, se for aquela manipulação com intuitos de alcançar coisas que os outros... que nos beneficiem a nós em detrimento dos outros, aí é que já a coisa é diferente. Portanto, o manipulador considera-se hábil nas relações interpessoais, apresenta discursos diferentes consoante os interlocutores a quem se dirige... ok? Dificilmente aceita informação direta, preferindo fazer interpretações pessoais. Diz com frequência “Poderíamos entender” e tal... não é? Faz pela calada. Apresenta quase sempre como útil o intermediário, gosta sempre de ter um intermediário, não é? Vou aqui à P6 e digo: “Sabes que não-sei-quê, não-sei-quê? Ela disse isso de ti”. Depois, mesmo que a P6 seja uma pessoa frontal, ela vai dizer: “Ah, mas eu ouvi dizer que não-sei-quê”, mas é a P6 que está a dizer e, portanto, ela é que vai arranjar o conflito, não sou eu... Ok? Depois... age por interpostas pessoas, tirando partido delas para atingir os seus próprios objetivos. Aqueles mesmo capazes, aqueles mesmo já *prof*, profissionais – não é? – até vão dizer qualquer coisa à P6... Eles primeiro estudam muito bem os perfis alheios e eles sabem que a P6 é uma pessoa muito frontal... e eu quero fazer chegar uma mensagem ali ao P4, que por acaso até é mais calminho e já não confronta tanto, mas vai ficar melindrado, eu tenho a certeza. Então, eu... faço aqui uma coisinha à P6, digo-lhe umas coisinhas, que ela vai ali falar e depois eu obtenho o que eu preciso... através daqui, da

P6 e do P4. Portanto... são pessoas muito, também, dramáticas, em parte; parecem atores, às vezes... E nunca, nunca, nunca apresentam os objetivos de uma forma clara, como é óbvio... têm sempre uma agenda escondida. Portanto... apresentam uma relação tática com os outros, tende a desvalorizar o outro através de frases que pretende que sejam humorísticas e que denotam inteligência e cultura... Conhecem alguém? Exagera e caricatura algumas partes da informação emitida pelos outros, repete informação já desfigurada, portanto, já não é bem aquilo que ouviu, manipula. Utiliza a simulação como instrumento, nega factos e inventa histórias... para mostrar que as coisas não são da sua responsabilidade, se for caso disso, ok?... Fala por meias palavras, é especialista em rumores, no diz-que-disse, é hábil em criar conflitos no momento oportuno, para reduzir as tensões existentes... Tira partidos do sistema, leis e regras. Por exemplo, os advogados têm muito esta característica, não é? Adapta-os segundo os seus interesses, oferece os seus talentos em presenças... oferece os seus talentos em presença de públicos difíceis. Por exemplo, depois é sempre um salvador, não é? “*Eh pá*, se vocês quiserem, podem contar comigo” e não-sei-quê, e depois, por trás, anda a picar a malta toda, não é? A meter veneno em toda a gente. A arma preferida é a culpabilidade; explora muito isso nos outros. Portanto, eles sabem, ele sabe os vossos podres e usa isso para vos... atingir. Emprega frequentemente o *nós* em vez do *eu*... “*Eh pá*, nós até podíamos fazer isto assim” e não-sei-quê. Apresenta-se sempre cheio de boas intenções... A origem destas atitudes do manipulador, normalmente, é uma educação tradicional, onde a manipulação é o único meio para atingir os objetivos. Portanto, provavelmente teria, terá pais muito chantagistas, não é? Chantagistas emocionalmente. “Se tu gostasses da mãe fazias isto assim e *assado, cozido e frito*”, ok? Pronto. Os pais, para obterem o poder sobre os filhos, utilizam comportamentos manipuladores, exatamente... É uma pessoa que só acredita que só se pode confiar... nos santos, não se pode confiar em ninguém. Portanto, é uma pessoa descrente de confiança – não é? – não... não é aberto o suficiente para confiar em alguém. Não se... não é franco nem direto e a ação indireta é muito melhor do que a face-a-face... Portanto, é uma pessoa com este tipo de características. Atenção que isto eu estou a dizer o pior possível, ok? Mas há pessoas... todos nós temos um bocadinho de manipulador e ainda bem que temos, ok?... Então os psicólogos nem se fala, não é, Dr.^a C. [psicóloga estagiária]?

[Risos]

L. [PSOE]: Pronto, estilo autoafirmativo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: A pessoa para ser manipuladora tem de ser inteligente, não é?

L. [PSOE]: Claro. Claro que sim.

P15: Não é qualquer um que consegue.

L. [PSOE]: A atitude de autoafirmação, se não for muito inteligente e for manipulador, rapidamente é detetado pelos outros e por isso...

P9: Pois, exato. Obviamente.

L. [PSOE]: ... também não se safa. Autoafirmação é o ideal, como é óbvio, não é? É isso que todos nós devemos almejar ser: ser autoafirmativos, porque... é uma forma de nos afirmarmos respeitando sempre os outros, os direitos dos outros, a maneira de ser dos outros, mas não deixando de nos defendermos se for necessário, ok? Portanto, a atitude de autoafirmação também pode ser chamada de assertividade, ser assertivo... Trata-se de uma pessoa que se pronuncia de forma serena e construtiva... Aquele que se afirma... desenvolve a sua capacidade de se relacionar com o mundo e privilegia as seguintes questões: está à vontade na relação face-a-face, tem facilidade em falar com as pessoas frente-a-frente e não por outros meios, é verdadeiro consigo mesmo e com os outros, não dissimula sentimentos. Portanto, também é muito importante ser capaz de reconhecer que está irritado, que está zangado, que está feliz, que está um bocadinho distraído, não é? Aquelas coisas que a gente também, às vezes, tende a não querer mostrar aos colegas, porque não queremos que eles nos julguem mal, não é? Mas uma pessoa verdadeiramente assertiva assume isso com toda a frontalidade e clareza. Negoceia na base nos interesses mútuos, portanto, tem em conta si próprio e o outro. Não deixa que o pisem, também, isso é muito importante. E estabelece com os outros uma relação fundada na confiança. Portanto, é uma pessoa que confia e... à partida, emite confiança, também. 'Tá? Pronto... Identificaram-se?

P13: Sim.

L. [PSOE]: Sim?

P12: Eu fiquei muito surpreendida com a minha costela manipuladora e também com a minha costela de passividade. Não...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas admito que é verdade, claro.

L. [PSOE]: Mas se vocês tiverem...

P8: Eu acho que se nós tivermos um bocadinho de cada um deles...

L. [PSOE]: ... em quantidades equilibradas...

P12: Mas eu também acho que sim, P1, mas *possa*...

P1: Não estavas à espera.

P12: Quando começo a contar e vejo aqui manipuladora...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ouve lá, foi a segunda pontuação que eu tive.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, eu a passiva não me surpreendeu porque eu tenho muito esse... sobretudo então com coisas que eu não valorizo...

L. [PSOE]: Sim, é possível. O que importa é que vocês, na média, sejam afirmativos.

P12: “Ah, isto estojo é encarnado”, “Ah, encarnadíssimo. Nunca vi nada mais encarnado que isto”. Não, não tenho paciência para alimentar coisas... Pá, sou capaz de...

L. [PSOE]: Vocês têm que ter em conta que em certas situações... Há situações que pedem nós sermos manipuladores, há situações que pedem nós sermos passivos... Se vocês estão a discutir com o chefe... eh pá, vocês não podem ser muito agressivos, não é? Podem tentar ser autoassertivos, mas imaginem que vocês têm um chefe muito agressivo... por muito autoassertivo que vocês queiram ser, às vezes ele não permite isso, não é? E a gente também tem que medir o que é que... qual é o benefício... o benefício e o prejuízo, não é? Ok? Portanto, há alguma legitimidade. Agora, é importante que, o ideal sejamos o mais autoafirmativos... mais vezes possível porque, de facto, isso é que faz de nós... e caracteriza o nosso... o nosso carácter – não é? – a nossa personalidade... Ok? Faz sentido?

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Posso avançar, então?

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Sim, poderá ser, mas eu penso que depende, depende da intensidade dessa agressividade, não é? Porque também é difícil deixar de ser passivo. Se calhar até é mais difícil deixar de ser passivo.

P4: Sim, sim, talvez. Pois, estava a pensar nisso, também.

L. [PSOE]: E o manipulador também já é uma coisa intrínseca, na pessoa. Portanto, o ser, por exemplo, nós temos aí casos de miúdos que...

P4: Têm que ser muito bem trabalhados.

L. [PSOE]: ... já... eu, por exemplo, acompanho alguns miúdos, tenho ali um que é... mentiroso compulsivo, não é? Mas ele teve que criar essa situação para se defender no meio onde se integrava. Agora, o problema é quando ele for para a vida, enfrentar as outras pessoas todas...

P4: Facilmente vai ser...

L. [PSOE]: ... aquilo vai-lhe correr mal, porque ali era adequado no meio onde ele foi criado, na família, estão a ver? Mas depois, perante o resto das pessoas, a coisa vai ficar complicada... Está bem? Pronto, então, que tipos de conflitos é que há? Os intrapessoais, os interpessoais e os organizacionais. Sabem o que é que são os intrapessoais?

Vários interlocutores em simultâneo: Connosco próprios.

L. [PSOE]: Nós próprios.

P12: Quero deixar de fumar e não consigo.

L. [PSOE]: Exatamente. Os interpessoais é quando nós nos relacionamos com os outros, seja na família, seja com os colegas, seja... seja outras situações. E os organizacionais é... onde vocês... é a regra de trabalho, ou se voluntariam, ou seja o que for. Quando há uma organização, não é?

P12: Mas oh L. [PSOE], desculpa lá. Por exemplo, imagina que eu tenho um conflito com a P6... isso é um conflito organizacional? Não é interpessoal?

L. [PSOE]: Depende. Se isso é um conflito que quando levas lá para fora... fora do contexto da organização, ainda estão em conflito... não é? Por exemplo, já não vou... tu já não vais ao jantar de Natal porque ela está lá, isso já é mais interpessoal do que organizacional... não é?

P12: Pronto, era isso que eu queria saber. O organizacional é aquele que tem a ver com as coisas que resultam da nossa posição na organização. Sei lá, tipo...

L. [PSOE]: Exatamente.

P12: ... vou lá a baixo e chateio-me com o Conselho Executivo porque eu queria não sei o quê e não tenho.

P7: Muitas vezes até com aceitação de regras que são impostas de cima...

P12: Pois, exato.

P2: ... não tem a ver com a pessoa.

P12: Exato. Exato, é isso.

L. [PSOE]: Já vamos ver como é que eles surgem.

P12: Era isso, era isso que eu estava aqui a...

L. [PSOE]: Por exemplo... em regra... Aqui é um lugar de exceção; Porto Santo é um local de exceção e sítios pequeninos...

P8: Por exemplo, porque é que a gente tem de almoçar ao meio dia e meio?

L. [PSOE]: Exatamente.... Mas, por exemplo, em Lisboa, tu saís do trabalho, às vezes nem encontras os colegas, não é? Já não tens conflito nenhum. Agora, quando te relacionas com ele para além da organização...

P12: Não, mas por exemplo, mas é isso que eu estava a querer dizer, que é assim, dentro da organização, eu posso ter um conflito que é organizacional ou posso ter um conflito que é pessoal, que é interpessoal.

L. [PSOE]: Exatamente. Muito bem visto.

P12: Não é?

L.: Sim senhor.

P12: Pronto, é isso. É isso que eu queria...

L. [PSOE]: Sem dúvida. Por exemplo, se eu sou tua colega, nós podemos estar zangadas porque, por causa do trabalho ou podemos estar zangadas por outras razões...

P12: Por outra razão qualquer.

L. [PSOE]: ... porque tenho ciúmes de ti ou qualquer coisa, não é? Pronto... Então, dentro dos intrapessoais temos três tipos: *atração-atração*... Por exemplo, imagina, vocês querem fazer uma viagem maravilhosa, mas o vosso melhor amigo está a casar e vocês também querem estar presentes nesse momento. Portanto, são duas coisas boas, em que vocês entram em conflito, e têm que decidir entre as duas. A *repulsão-repulsão*, é o outro oposto, não é? Tipo duas situações que são terríveis e vocês têm que escolher entre uma ou outra. Por exemplo, eu pus aqui um exemplo: nós detestamos o patrão, mas não podemos largar o emprego senão a malta não paga as contas, não é? E depois também não há muito emprego aí, a abundar. E depois temos a *atração-repulsão*, que é aquilo que a P12 disse, quer deixar de fumar, mas gosta do tabaco, ou então, queremos comer o bolinho, mas a malta engorda, não é?... Nos interpessoais... podem acontecer por várias razões. Uma delas é as diferenças individuais, não é? Portanto, eu sou mais extrovertida e isso faz confusão... à P12, que é uma pessoa mais... mais *low profile*, mais discreta e não-sei-quê e eu sou aqui uma maluca, não é? Ela não curte nada a minha cena. Pronto. Ou então, limitação dos recursos, não é? Por exemplo, imaginem, aqui, vocês têm só um computador para fazer o trabalhinho e a malta está toda aflita, está a acabar o ano e é preciso fazer atas e relatórios e não-sei-o-quê e... “Tu estás aí há três quinze dias e eu preciso de fazer isto urgentemente” e, portanto, gera-se conflito.

P15: Imaginem que só temos um quadro (segmento impercetível) e é sempre o mesmo, no seu quadro, a usar...

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Pois, é a diferenciação dos papéis. Aqui tem a ver com as nossas posições de poder, não é?

P10: Estamos todos em conflito [segmento impercetível]

L. [PSOE]: Portanto, mesmo que até sejamos colegas, mas, por exemplo, somos o coordenador e achamos que tem que ser feito assim e vocês acham que não e querem... querem dizer que não e ele diz que sim... No organizacional, só pelo facto de ser uma organização, já gera conflito... não é? Porque há hierarquias. Só por isso já é suscetível de conflito - questões de trabalho, a organização do trabalho, as regras, etc. - tudo isso pode gerar conflito na organização. Portanto, é das coisas que mais pode gerar conflito, facilmente, entre as pessoas. Por exemplo, a integração em níveis. Portanto, se eu sou o

chefe e quero as coisas feitas de uma maneira e o outro acha que não, porque até já está a trabalhar... doze horas por dia e precisa de descansar, mas o chefe precisa que alguém trabalhe e que não-sei-quê, só por aí já há um conflito. Depois, a distância física e formal... Pensem naquelas empresas muito grandes – não é? – em que, sei lá, por exemplo, imagino eu, o Ricardo Salgado não sabia de muitas coisas que se passavam nos balcões, não é verdade? Portanto, poderia haver muitas injustiças, mas, por muito boa pessoa que ele fosse...

[Risos]

L. [PSOE]: ... ele não podia resolver, não chegava lá. Depois, conceção e comportamentos divergentes, não é? Maneiras de ser, maneiras de estar, métodos de trabalho divergentes, podem gerar confusão. E também as regras explícitas e implícitas... Sabem o que é que é isto das regras explícitas e implícitas, não é? Nós temos regras aqui na escola, mas depois há outras implícitas... sim? Estou a falar com gente inteligente, não é preciso explicar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Em regra... Portanto, estratégias e técnicas para gerir conflitos... Em regra... o ideal é... tem que se aplicar estratégias ou técnicas quando alguém acha que há qualquer coisa que não vamos conseguir resolver, porque senão o pessoal até se [segmento impercetível]... Por exemplo, um dos modelos que nós podemos observar na gestão de conflitos é o modelo de Blake e Mouton, que refere que há três maneiras de resolver conflitos. Primeiro é *evitá-lo*... não é? Ele até surgiu, mas a malta dá à soleta... e não quer enfrentar. Não quer enfrentar, “ok, eu já sei que aquela falou mal de mim, mas eu vou-me embora, vou desaparecer, fico chateada com ela, mas olha... não quero saber”... Não há conflito, é aquilo que se dizia há bocado, é preciso reconhecê-lo e é preciso confrontar, porque se não confronta, não há conflito... Depois, há o *desativar*. Por exemplo, nalguns casos, até tem alguma utilidade, é fazer parar o conflito temporariamente. Por exemplo, aquelas tréguas entre aquelas... aquelas facções... do... do... Hamas e assim... porque isso faz ganhar tempo e, às vezes, vão procurar mais informação, vão ver outras situações e isso às vezes até ajuda... a sanar o conflito, está bem? Mas, se não se acrescenta nada, ele fica lá para resolver na mesma, portanto, e retoma-se, regra geral, retoma-se.

P12: L. [PSOE], desculpa, tu disseste ali que é desativá-lo?

L. [PSOE]: Sim.

P12: Mas está des...

L. [PSOE]: Peço desculpa pelos erros.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Mas também serve... Deixa logo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Enfrentar... Quando nós enfrentamos... quando vamos confrontar, quando vamos confrontar há três hipóteses: podemos ficar a ganhar, entre as duas partes pode haver *um ganhar e um perder*, pode *perder e perder*... para os dois lados, ou *ganhar e ganhar* para os dois lados... Vocês acham que pode haver perder e perder?

Vários interlocutores em simultâneo: Sim.

L. [PSOE]: Sim? Quando?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Quando não se consegue uma solução [segmento impercetível]

L. [PSOE]: Exatamente... E quando eles até preferem perder e deixar o outro ganhar, não é?

P12: Pois.

P4: Exato. Exato.

L. [PSOE]: Pronto, aí está resolvido o conflito, certo?

P7: ‘Tá, ‘tá.

L. [PSOE]: Outro modelo, que é mais completo, que é o Rahim... ele aborda duas dimensões. Para nós percebermos como é que o conflito pode surgir, ele diz que temos que ver o quanto nós nos preocupamos connosco próprios e o quanto nos preocupamos com o outro quando queremos resolver o conflito, ok? Então, isso dá cinco estilos específicos, de conflito. O primeiro é o *evitamento*, que é típico em todas as situações, portanto, uma reduzida preocupação consigo mesmo e com os outros: “Eu não quero andar aqui aos gritos, não me quero arranhar com ninguém, vou mas é sair de fininho”. E pronto, e o conflito ficou lá – não é? – para resolver, mas... resolve-se... se eu retiro-me da equação, não há conflito... Isso acontece tentando evitar o conflito, adiando o

assunto até uma altura mais apropriada ou, simplesmente, a pessoa retira-se da situação que sente que é ameaçadora. O que é que acontece? Isto, normalmente, é usado quando o problema não tem assim muita importância... Pode ser... portanto, acontece nessas situações. Sei lá, imaginem uma situação em que, pronto, não tem grande importância, alguém disse qualquer coisa sobre vocês e vocês não estão para se chatear muito e não vão lá saber... Quando há uma possibilidade de não ganhar, por exemplo, não é? Vocês têm a certeza absoluta que, façam o que fizerem, por mais assertivos que sejam, não vão conseguir ganhar aquele conflito. Ou então, quando ainda precisam de saber mais... não é? Por exemplo, ok, não sei quem falou mal de mim, ok, eu já vou lá saber... E vão conversar com a pessoa. Portanto, evitam naquele momento o confronto e vão... adquirir mais informações. E ainda, quando há um desacordo que vocês sentem mesmo que... que é oneroso ou perigoso... não é? Por exemplo, sei lá, imaginem que vocês... o patrão fez-vos uma injustiça qualquer, mas sabem que se forem lá confrontar com ele... ele vai-vos dizer: “Olha, meu amigo... não queres, há mais quem queira.” Portanto, este, o evitamento, é um conflito tipo perder-perder, portanto, normalmente... não, não facilita ninguém.

P12: Eu quero pôr uma questão que me está aqui a fazer um bocado de confusão, que é assim, já percebi que conflito é só quando há, então, confronto...?

L. [PSOE]: Numa certa medida, sim.

P12: Pronto. Mas então, mas pronto, aqui, nestas situações...

L. [PSOE]: Pode haver mal-estar na mesma, mas sem conflito.

P12: Pronto, é isso. Então, quando...

L. [PSOE]: Tu podes ficar mal...

P12: ... quando o conflito não é resolvido, fica o mal-estar, é isso?

L. [PSOE]: Exato.

P12: Ok. Pronto, já estou esclarecida.

L. [PSOE]: Não é conflito. Só é conflito...

P12: Não é conflito, é mal-estar. Ok, pronto.

L. [PSOE]: Só é conflito quando os dois se encontram, porque se tu... o outro até pode estar na vidinha dele, tu andas aí toda angustiada, não há conflito nenhum, o outro está na vidinha dele, não é?

P12: Pois, mas o que me estava aqui a fazer confusão é... mas então, como é que eu chamo a essa coisa que fica quando as coisas não ficam resolvidas.

L. [PSOE]: Então, a angústia... para ti, só. Não é um conflito...

P12: Exato.

L. [PSOE]: É um mal-estar, uma angústia, um problema.

P12: Já percebi.

L. [PSOE]: Embora o conflito pareça desaparecer, na realidade vai acabar por emergir. Quando se evita, não há volta a dar, ele acaba por aparecer... nem que seja noutra forma. Depois, temos a *acomodação*, que é uma reduzida preocupação consigo mesmo e preocupa-se com o outro. Aí temos o estilo passivo, não é? A pessoa está a ser passiva... Isto o que é que faz? A pessoa tenta evitar ao máximo as diferenças, o esforço está direcionado na resolução do outro, do problema do outro e não no meu... e... e a coexistência... a ideia é ser pacífico e reconhecer soluções para interesses comuns, só que, às vezes, isso implica autossacrifício... não é? Pronto, para a malta até não se andar a arranhar todos os dias, porque eu tenho que vir trabalhar todos os dias convosco e não-sei-quê, deixamo-nos estar... Funciona quando as pessoas sabem qual é o erro de gestão, no caso de haver uma hierarquia. Por exemplo, quando a gente sabe que o patrão, ou o chefe, não está a fazer bem, podemos usar isto para... Um bom manipulador faz com que o chefe fique a perder, não é?... E o... o assunto é de suma importância para o outro. Se o chefe assumir esse erro, depois ele é que fica prejudicado em detrimento do outro. Quando se pretende acumular créditos sociais para utilizar noutras situações... Por exemplo, sei lá, vamos imaginar... ok, eu sei que vou ter que trabalhar mais umas horinhas extras para me voluntariar, mas alguém vai beneficiar com isso; portanto, é uma atitude altruísta. Quando, para manter a harmonia... que é o mais importante, essa é que é a importância, é manter a harmonia, mesmo que isso me custe a mim, eu não me importo. Há elementos de autossacrifício, que podem incluir a generosidade, a bondade e a obediência. Portanto, nem tudo é mau. Às vezes, há pessoas que resolvem assim e não é necessariamente mau. É mau para a pessoa, mas não é mau para os outros, ok?... Depois, há a *dominação*. Aqui temos um estilo... um

estilo agressivo... Alta preocupação consigo mesmo e baixa preocupação com os outros... Conhecem alguém? Este estilo está associado ao comando autoritário que reflete uma preocupação em colocar o seu próprio interesse em cima de outrem... Esta problemática pode-se... também pode significar defender os seus direitos, atenção. Não é necessariamente ser mauzinho para o outro. Por exemplo, às vezes eu também quero defender o meu direito, não é? Só que estou tão entusiasmada a defender o que é o meu direito, que esqueço-me dos direitos dos outros... Isso pode criar um problema, não é? Também utilizado na ação decisiva... por exemplo, quando o nosso Primeiro-ministro impõe aqueles cortes... não é? Ele usa esta tática.

P6: Que remédio temos nós...

[Risos]

L. [PSOE]: Portanto, “É preciso, a malta está sem dinheirinho, vocês vão ter que levar com os cortes e acabou”. A malta toda a estrebuchar, mas olha... temos pena.

P8: Mas eu não tenho nenhum conflito com ele.

L. [PSOE]: Exatamente.

P12: Tu só tens o mal-estar.

[Risos]

P8: É um conflito unidirecional. Só num sentido.

P12: E a falta de dinheiro.

P2: Ficas só com um problema de ansiedade, mais nada.

[Risos]

L. [PSOE]: Geralmente, isto... é um ganhar-perder, não é? E tem a ver com... a competitividade. Há pessoas muito competitivas, que têm mesmo que se impor, dê lá por onde der, custe o que custar... Há uma clara negligência das necessidades e expectativas dos outros... Eu, por exemplo, agora, estou a usar este... este... estilo, a dominação. Vocês estão todos quase a dormir. [Risos] *Concessão mútua*... uma preocupação média consigo e com os outros... É um estilo intermédio, em que ambas as partes interessadas concedem coisas para ganhar outras. Portanto, não resolvem verdadeiramente o conflito, de uma forma assertiva, mas pronto, até cedem numas coisas. “Ok, eu faço isto, mas tu também tens de fazer aquilo por mim, ok?” portanto,

em troca de outras coisas. Ocorre quando as duas partes têm igual poder e ambos os lados querem diminuir as diferenças ou quando as pessoas necessitam de uma solução temporária, ok?... Este também é um tipo ganhar-perder, ok? Só que é consentido, de ambas as partes... Uma vez que nenhuma das partes fica totalmente satisfeita, normalmente, isto acaba por gerar futuros conflitos... no futuro... Depois, o ideal é a *integração*. Integração vai recorrer ao estilo autoafirmativo e implica assertividade e colaboração entre as partes e as pessoas tentam resolver de forma aberta e honesta, de parte a parte. Há um exame das diferenças de um lado e do outro e tentam, realmente, chegar a um acordo que seja benéfico para os dois. O foco de estilo deste tipo de resolução é mais eficaz... do que os outros, não é? Porque... é o ganhar-ganhar, portanto, as duas partes ficam a ganhar e há um benefício mútuo.

P14: Mas desculpe, aí não há conflito...?

L. [PSOE]: Há um conflito, mas depois encontram-se, de forma honesta e sincera, e resolvem...

P4: Acordo de cavalheiros.

L. [PSOE]: É formas de resolver, ok? Isto são os estilos de resolver os conflitos.

P2: L. [PSOE], posso só colocar uma questão?

L. [PSOE]: Sim. Claro.

P2: Imagine que eu tinha um aluno que estava todas as aulas... nós entrávamos em conflito e eu punha-o sempre na rua. Passado algumas aulas, como via que a situação não se resolvia, ia pô-lo na Direção Executiva e dizia: “Professor F. [PCE],, preciso da sua ajuda... Nós não nos entendemos”. E, supostamente, aquilo que eu estava à espera é que ele questionasse ambos, ali à frente um do outro “Qual é o vosso problema? Porque é que tu portas-te mal na aula tal? P8, qual é o teu problema com o aluno?”. E depois definiria: “Olha, a partir de hoje, os senhores têm estas atitudes”. O que é que eu consideraria aqui nesta...

L. [PSOE]: Isso é uma dominação.

P13: Porque foi o outro a impor...

P7: É a terceira parte que está a impor.

P13: Se fossem os dois sozinhos, era ganhar-ganhar, mas se não foram os dois sozinhos... foi por outra pessoa...

L. [PSOE]: Exatamente. E mais... o facto de tu lebares o miúdo ao diretor da escola, já estás a ser agressivo... Faz sentido?

P10: Toma lá que já almoçaste.

[Risos]

P2: Eu até pensei que era ao contrário.

[Risos]

P1: É reconhecer que não consegue resolver o problema, vai pôr nas mãos do outro a solução.

L. [PSOE]: Se viesses com ele ter comigo, por exemplo, aí... podias estar a querer resolver o problema.

[impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

L. [PSOE]: Não é ser boazinha... Eu sou um elemento neutro, mais ou menos neutro, percebes? Não tenho poder nem sobre ti, nem sobre o aluno. Agora, o diretor tem poder...

P8: Levas ao chefe...

L. [PSOE]: ... e está do teu lado.

P1: Mas à psicóloga ele explica por *a* mais *b*...

P2: Ali, o que eu estava a pretender era que ele me dissesse onde é que eu estava a errar, o que é que eu tinha que fazer...

L. [PSOE]: Eu percebo a tua intenção...

P2: ... agora percebo isso...

L. [PSOE]: ... mas agora põe-te do lado do miúdo...

P2: Sim, sim.

L. [PSOE]: ... O que é que o miúdo vê? O que é que ele está a ver?

P1: Está à espera de ser castigado.

P10: Dois professores para o castigarem. [Risos]

L. [PSOE]: Exato. Até foste reforçar o teu poder, não é? Tu já tinhas poder sobre ele, e tens sempre. Vocês estão sempre numa posição de poder perante os vossos alunos... E quando vais ter com o diretor, estás a reforçar o teu poder, não estás a reforçar o poder do miúdo. Nem sequer pões, nem sequer pões hipótese de o miúdo ter alguma equidade contigo... estás a perceber? E eu disse a psicóloga, mas pode ser o mediador da escola ou alguém que seja neutro...

P8: O diretor de turma, talvez?

L. [PSOE]: Não, o diretor de turma já tem poder também, não é?

P8: Pois.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: O psicólogo é o único que na escola está um bocado...

L. [PSOE]: Sim, mas há escolas que têm mediadores, mesmo, de conflitos. Há pessoas...

P12: Acho que nós também vamos ter.

P1: Vamos ter ? *Uau...*

P12: Ah, não, vamos ter é um mediador social.

P7: É diferente.

L. [PSOE]: Pois, mas é mais ou menos a mesma coisa. Pode mediar conflitos, sim. Está bem? Portanto, têm que ser pessoas neutras, pessoas em que o aluno também sinta que tem algum poder de resposta para contigo, estás a perceber?

P2: Sim, sim.

L. [PSOE]: Tu, efetivamente, tens esse poder sobre ele. Portanto...

P12: Para fazer a articulação escola-família.

L. [PSOE]: Normalmente, este tipo de... de estilo de resolução procura muito a criatividade, ok? São pessoas muito criativas, que tentam resolver das formas mais estapafúrdias, mas que encontram, de facto, a solução certa para ambos os lados, ok? E às vezes é preciso. Sabem aquela expressão inglesa que é *thinking out of the box*?

Portanto, temos de pensar fora da caixa e, às vezes, estamos muito dentro da caixa, muito formatados, e por isso é que os conflitos, às vezes, não se resolvem.

P1: Há uma... Tu conheces o... do Edward de Bono, o *Six thinking hats*?

P4: É uma técnica. É, no fundo, uma teoria...

L. [PSOE]: Mais ou menos.

P4: ... dos seis chapéus pensantes. No fundo, é isso, é nós assumirmos que... cada chapéu tem uma cor, supostamente, e cada cor é um determinado comportamento e, no fundo, é isso, é tu usares o chapéu certo, na hora certa.

L. [PSOE]: Exatamente. É sempre a questão da empatização. Olhem, posso-vos dizer o seguinte: nós, o nosso lóbulo frontal é o lóbulo que foi mais tarde desenvolvido, em termos de evolução... cerebral, e é onde está, precisamente, a nossa capacidade de empatizar com os outros, ou seja, colocar-se no lugar do outro. Só que esse lóbulo está sempre em... em guerra com os outros... os outros sistemas, que são mais primitivos, não é? E que já têm biliões de anos, não é? De existência. Portanto, esses, normalmente, tendem a ganhar sempre, mais depressa. Por isso é que nós temos alguma dificuldade em controlar os nossos impulsos, em nos refrearmos. Por exemplo, quando temos lá o bolinho e queremos ir comê-lo, não é?... Porque é a questão da sobrevivência, não é? Do prazer. O prazer está sempre muito mais à frente que tudo o resto. Portanto, nós temos que trabalhar muito para sermos pessoas controladas, não é uma coisa que nos... sai naturalmente, atenção. Portanto, as pessoas quanto mais controladas são, mais trabalho fizeram... ok? *Self control*, como dizem os ingleses, é uma coisa que é preciso trabalhar para obter, não é assim uma coisa que nos... aparece assim do nada. É claro que, geneticamente, haverá pessoas mais propensas a isso naturalmente.

P2: Os passivos, de preferência.

L. [PSOE]: Os passivos?

P2: Estou a brincar, estou a brincar.

L. [PSOE]: Não, os passivos não.

P9: Eu acho que é uma coisa, por exemplo... [segmento impercetível], não é? É uma coisa que eu noto... [segmento impercetível] se tem vindo a sentir cada vez menos. Cada vez menos há...

L. [PSOE]: Mas pensem porquê. Porque é que isso acontece? Porque é que acham? Pensem.

P12: Porque cada vez os miúdos também são educados com menos limites, não é?

L. [PSOE]: Não só. E não só. Pensem lá. O estímulo que estes miúdos têm atualmente. Vocês acham que, algum dia, que nós tivemos metade do estímulo que estes miúdos têm diariamente? Diariamente... Sabem o que é levarem com o *flash* todo o dia, luzes, imagem, som, cores... O estímulo que isso faz. Vocês têm aqui pessoas de Biologia, podem explicar o que é que isso faz em termos de reação biológica. Portanto, e isto está a fazer um *imprinting* biológico. Nós estamos a mudar. Não sei se a P9 sabe, agora defendem que a genética não é estanque, não nascemos só com aquela genética. Ela vai-se alterando ao longo da vida. Ouviu essa teoria?

[segmento impercetível]

L. [PSOE]: E depois vai passar... e não é necessariamente através das mutações, como se pensava.

P9: Pois, eu estava a pensar nisso, mas não tem que ser necessariamente. Mas isso tem a ver, se calhar, um pouco, com a questão já... já dita pelo Darwin, da seleção natural. É assim...

L. [PSOE]: Não é só isso. Agora há uma teoria, há uma teoria que o nosso meio altera a nossa genética... ao longo da vida. Portanto, a P9 ou a P12 de há dez anos atrás não é a mesma que é agora, nem que vai ser no futuro, porque o ambiente está-nos a alterar. E essas alterações...

P9: Mas Darwin já dizia isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Não, mas espera. Mas o Darwin... mas a teoria da evolução é que tu nascias com uma anomalia, tu nascias com uma anomalia... eu estou a falar de ti própria, individualmente. Cada um de nós tem alterações.

P7: O meio corrige essa anomalia...

P1: Não...

L. [PSOE]: Isso chama-se, eles estão a começar a pensar nisso assim, não sei, é uma coisa muito recente.

P9: Mas o Darwin não dizia exatamente isso. Não é eu nasci com uma anomalia...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Não, nós adaptávamos, adaptava-se conforme...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Conforme a genética, também...

L. [PSOE]: Quando tu querias passar essas características...

P9: ... porque os mais aptos é que passavam e iam passando essas características...

P2: Seleção natural da espécie.

P9: Sim, isso tinha a ver com o ambiente que os rodeava.

L. [PSOE]: Mas isso tem a ver...

P2: Por isso é que eu estou aqui.

L. [PSOE]: ... essa diferença entre o mais adaptado e o menos adaptado vai decorrer de uma mutação genética, certo?

P9: Não necessariamente. Não necessariamente. Porque nós somos indivíduos, todos nós temos a nossa genética diferente. Eu posso ser mais apta a um determinado ambiente do que a P12 é.

P7: Mas não é o caso das bactérias multirresistentes? Não é o caso das bactérias multirresistentes? Ou seja, ao longo dos séculos, elas vão evoluindo e adaptando-se ao meio em função...

L. [PSOE]: Sim, sim. Mas é isso que ela está a dizer.

P9: Sim, sim, sim.

L. [PSOE]: Mas o que eles dizem agora... mas isso é assim, mas, mas é cada indivíduo é que, pronto, eu sobreviveria e a outra pessoa não e portanto eu vou passar...

P9: Sim, estaria mais apta.

L. [PSOE]: Mas não. O que eles estão a dizer agora é que eu, por exemplo, eu, se tivesse um filho há dez anos atrás, o meu filho não teria as mesmas características que este que eu tive há pouco tempo tem... porque eu também era uma pessoa diferente geneticamente.

P9: É o tal *imprinting*...

L. [PSOE]: Já ouviram falar nessa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Chama-se génese qualquer-coisa que eu agora nem sei dizer. Portanto, mesmo que não seja verdade, seja como for, nós alteramo-nos e estamos a modificar constantemente. E, de facto, nós, para desenvolvermos o nosso lóbulo frontal, é uma coisa que implica muito esforço e trabalho... e podemos sempre...

P8: Eu ia intervir por causa dos alunos...

L. [PSOE]: E portanto, é aqui, nesta parte aqui, que está a nossa capacidade de inter-relação pessoal com todos os outros. E nós resolvemos melhor os conflitos se tivermos isto mais desenvolvido, porque temos a capacidade de nos colocar. Inclusive, eu há tempos vi no *Discovery* que eles dizem que... se vocês tiverem uma pessoa, que não conhecem de lado nenhum, a gritar-vos, qual é a vossa primeira reação? A tratar-vos mal... a chamar-vos nomes e a tratar-vos mal, qual é a vossa primeira reação?

P6: Depende do estado de espírito.

P10: Ou manda-se uma bofetada, para acalmar. [Risos]

L. [PSOE]: Mas irrita...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Se eu chegar aqui, a Isa é uma estúpida, é uma parvalhona, é uma esta, é uma aquela...

[impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P10: Depende. Depende do estado de espírito, ou viro as costas e vou-me embora...

P12: Por acaso não sou muito assim.

L. [PSOE]: Pronto, mas é porque estás irritada, certo?

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas ó P10, é porque estás irritada...

P10: Sim.

L. [PSOE]: Mesmo que vires as costas é porquê? Porque estás irritada, não estás passiva e serena...

P10: Sim.

L. [PSOE]: ... a ouvir aquilo. Agora...

P10: Por isso é que eu estou a dizer, depende do estado em que esteja.

L. [PSOE]: Pronto, mas seja como for, irrita-te.

P10: Irritados estamos sempre.

L. [PSOE]: Irritada estás, de certeza. Podes é reagir de formas diferentes, mas irritada estás, ou não? Ou aceitas isso pacificamente?

P10: Não. Não.

L. [PSOE]: Pronto, então, e logo tu...

[Risos]

L. [PSOE]: pronto. Então, o que é que acontece? Mas se eu te disser que essa pessoa, se eu te disser que essa pessoa... acabou de ser agredida, que vem de uma família que leva porradinha todos os dias e etc., como é que tu já encaras essa agressão que ela te fizer?

P8: Desculpavas.

P10: Eu não tenho nada a ver com isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mais facilmente...

P10: Agora, pensa num aluno que chega aqui, de manhã, armado aos cágados, a partir tudo e a querer partir tudo e nós caímos logo em cima e, se calhar, sabe Deus o que é que ele...

P8: Se calhar o pai bateu na mãe...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Porque é que tu, se souberes o passado dele e souberes que ele foi alvo de muita, de muita maldade...

P8: Já tens uma atitude mais compreensiva.

L. [PSOE]: ... porque é que reages diferente? Porque antes de eu te dizer essa informação estavas a recorrer aqui às coisas básicas e quando eu te digo esta informação, foste usar esta parte da frente... ok? E portanto, e isso ajuda-te a resolver o conflito... mas não é uma coisa imediata, o que é imediato é a nossa reação física e biológica e natural, que é irritarmo-nos, defendermo-nos, fugirmos, fazer tudo aquilo que um conflito pede para não fazer, se o queremos resolver, ok? Portanto, não é fácil resolver conflitos, implica muito esforço da nossa parte. Portanto, esta questão da assertividade, de trabalhar as nossas funções para conseguirmos resolver conflitos, implica esforço, treino e dedicação.

P8: Mas tu só consegues resolver se tiveres as duas partes com a mesma intenção.

L. [PSOE]: Com a mesma quê?

P8: Intenção... de resolver o conflito. Porque eu posso querer resolver um conflito que a outra pessoa não quer resolver.

L. [PSOE]: Sim, também é verdade. Não é muito fácil, mas podes, podes, mesmo assim, conseguir resolver... Se fores suficientemente inteligente e assertivo... Normalmente, a reação do outro à assertividade também é uma reação positiva, normalmente. Nunca se esqueçam disto: comportamento gera comportamento... garanto-vos. Garanto-vos. Olhem, eu nunca mais me esqueço, isto é uma experiência pessoal que eu vou partilhar convosco. Eu trabalhava num AKI em *part-time* e há um dia... A gente apanha de tudo, como sabem. Trabalhar com as pessoas é complicado, mas há um dia que eu estava na caixa e volta e meia havia assim uns clientes muito mal educados, agressivos, e eu, realmente, a maior parte das vezes, reagia em conformidade com o que ele fazia comigo. Se ele me tratava bem, eu tratava bem; se ele reagia muito mal, eu também... não era muito simpática... Mas, naquele dia, não sei o que é que me deu, apoderou-se de mim qualquer coisa e um dia veio de lá um senhor muito zangado. Começa logo por meter assim as coisas em cima do balcão, estou zangado e não-sei-quê, e eu mantive a minha calma, fiquei calminha. Não sei porquê, estava calma naquele dia. E o senhor começa a refilar “e não-sei-quê, isto não sei quê”, mesmo a agredir, mesmo, pessoalmente. Por azar, o homem queria uma fatura e não sei quê e pagou com cheque. Portanto, tive de pedir número de contribuinte... a morada para a fatura e não-sei-quê. A uma certa altura ele já me estava a responde tipo: “Mas quer o número das cuecas? Eu calço um quarenta e quatro, tenho três filhos e não sei quê”. Assim, altamente agressivo. “O que é que quer saber mais? Quer que eu tire os sapatos, para ver

o número dos sapatos?” E eu, sem culpa nenhuma, não é? E eu, não sei porquê, naquela altura mantive-me sempre calma e sossegada. E depois, quando ele acabou, sempre a barafustar e a refilar, pega nas coisas muito irritado e eu, depois, devolvi-lhe o talão e a fatura e disse: “Muito obrigada e tenha um bom dia”. Respondi-lhe assim, serenamente. O homem foi-se embora, chega à porta, passado um bocadinho volta atrás, “Ai peço imensa desculpa... Eu não sei o que é que me deu, eu fui um estúpido consigo, fui muito ordinário, peço imensa desculpa”. Quase de joelhos à minha beira, *tás a ver?* Portanto, o facto de eu não ter reagido à... ao comportamento dele... automaticamente fez nele... refreou-o, estás a ver? Refreou. E garanto-vos que, na maior parte das vezes, atenção, não é *La Palice*, mas... na maior parte das vezes, se vocês não reagirem à agressividade, a agressividade cessa, porque é um... também é uma reação natural da pessoa. A pessoa também procura não... não manter o conflito. Ninguém gosta de manter conflitos. Ninguém. E se a pessoa mantém, é porque está mesmo, mesmo mal... percebes? Agora, o problema é a gente conseguir se refrear também, não é? Se estão-nos a agredir, a tendência, lá vem os...

P1: É proteger.

L. [PSOE]: ... lá vêm os sistemas límbicos, básicos, é reagir. Portanto, comportamento gera comportamento. Se vocês reagem agressivamente a uma coisa, a coisa volta para vocês muito mais... facilmente do que se não o fizemos. Se vocês conseguirem manter a calma... a assertividade não é passividade, é assertividade, ou seja, fazer contenção daquela agressividade e depois retorquir de uma forma assertiva, correta... autoafirmativa. Quase de certeza que o conflito se resolve. Quase de certeza. Não será 100% das vezes, mas 90% das vezes de certeza. Ninguém gosta de manter os conflitos.

P9: Desculpa, L. [PSOE], já agora vou partilhar também uma situação que se passou comigo, não nestas funções, nas outras que tive anteriormente a estas... Pronto, vou só dar o exemplo do que é que aconteceu, não falando exatamente do assunto em si. Mas foi entre dois funcionários. Eu, como estava numa posição superior, um e outro funcionário vieram falar comigo a dizer o que se passava e que não se estavam a entender. Eu achei que a melhor coisa para resolver a situação era chamar os dois ao meu gabinete e pô-los frente a frente e vamos pôr aqui o preto no branco e vamo-nos entender. Posso-vos dizer que só faltou eles entrarem à batatada [Risos] dentro do gabinete. Um saiu porta fora, bateu com a porta e o conflito não se resolveu coisa nenhuma, se calhar ainda ficou pior do que estava. E foi uma situação terrível que me

aconteceu porque eu fiquei mesmo sem saber como atuar... Pronto. E isso continuou, quer dizer, eles não resolveram o conflito e deixaram de se falar... Foi uma coisa muito má.

L. [PSOE]: Mas porquê? Porque, na verdade... eu sei que foi com a melhor das intenções...

P9: Foi, foi. Tentei...

L. [PSOE]: ... mas é assim, na verdade...

P9: Eu, normalmente, tento resolver as coisas assim. Eu gosto de falar, ser frontal...

L. [PSOE]: ... foi uma agressão à mesma.

P9: Pois, possivelmente. Foi, sem dúvida.

L. [PSOE]: Foi uma agressão à mesma, faz sentido? Pensem lá um bocadinho. Pensem na situação.

P1: É a dominância...

L. [PSOE]: Exatamente.

P1: ... é a pessoa hierarquicamente superior...

L. [PSOE]: O que tu fizeste foi...

P1: ... ela é que vai mandar, ela é que vai...

L. [PSOE]: O que tu fizeste foi... exigiste que eles se entendessem. Portanto, isso não resulta.

P9: Pois.

L. [PSOE]: Por exemplo, um chefe...

P9: Sim, eu depois percebi que não. [Risos]

L. [PSOE]: ... um chefe encontra uma situação destas, a primeira coisa que tem que fazer, e está ali a técnica para vos ensinar, é ouvir... porque a pessoa está no momento de descarregar, não é?... Portanto, a primeira coisa é ouvir, é deixar a pessoa estrebuchar até a tensão baixar, porque aquilo é decorrente de uma tensão. A pessoa está angustiada, está magoada, está... está a sentir-se injustiçada, etc. E, portanto, ela tem que destilar aquilo.

P9: O meu papel ali, que eu senti, é que era fazer mais o papel de intermediária, de mediadora, entre os dois.... Mas eles quase que nem me deixavam falar, praticamente, porque entraram num confronto tal que foi uma coisa...

L. [PSOE]: A única coisa que tu podias fazer ali, primeiro, era dizer: “Ok, vamos acalmar.”

P8: Vamos tomar uma cervejinha.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Ou então, desde que eles não se pegassem, desde que eles não se pegassem ali à tua frente, deixá-los estrebuchar um bocado. Nós também temos de dar esse espaço.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Não, é deixá-los estrebuchar um bocadinho...

P9: Pois...

L. [PSOE]: ... porque eles estão em tensão. Eles não estão sequer a tentar comunicar, ninguém comunica assim, obviamente. Portanto, é deixá-los, primeiro, tirar a tensão física e depois, então, procurar canais de comunicação. E a única coisa que o mediador faz corretamente é encontrar os canais de comunicação, não é mais nada... está bem? Porque depois depende do interesse deles. E quando algum deles, que não está a ser assertivo, ajudá-lo a entrar num esquema assertivo... É a única coisa que o mediador pode fazer, porque se... porque não tem a ver... porque quando a gente chega lá, “Agora calem-se os dois e...”, estás a criar mais um conflito, estás a...

P9: Não, quer dizer, o meu papel não foi esse, eu tentei...

L. [PSOE]: Eu sei.

P9: ... tentei falar parte a parte, mas...

L. [PSOE]: As intenções são boas, ali como o P8, levar para ouvir uma terceira opinião, mas depende da opinião, depende da forma como se dá a opinião, isso é fundamental. As técnicas existem por algum motivo. Portanto, não é fácil resolver conflitos.

P9: Pois não.

L. [PSOE]: Não é. E não é qualquer um que tem perfil para ser mediador. Portanto, é uma pessoa que tem de ter uma grande capacidade de encaixe, porque depois as pessoas tendem a recorrer a muitas malandrices, tipo: atacam o mediador e não sei quê, põem em causa as autoridades e essas coisas todas. Portanto, as pessoas, quando estão irritadas ou zangadas, são capazes de tudo... ok?

P1: Mas tu não falaste individualmente com eles?

P9: Não, primeiro falei. Eles é que vieram ter comigo, a dizer o que se tinha passado mal. Eu achei que se os pusesse frente a frente que iria conseguir resolver a situação. Não resolvi coisa nenhuma e ainda piorei.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Também tem a ver com o sexo, a idade, a cultura...

P9: Foi uma muito má experiência...

L. [PSOE]: ... o facto de tu seres uma mulher, também tem importância...

P9: Sim, sim, porque eram dois homens.

L. [PSOE]: Eram dois homens... Isso é importante, por incrível que pareça.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Mas dois homens, ainda por cima, os dois com personalidade muito forte...

P8: A nível dos funcionários... eu acho que eles, neste momento, não respeitam as chefias e, neste momento, os problemas vão bater ao Conselho Executivo. Eu, no outro dia, fui ao Conselho Executivo umas três vezes... e sempre que lá fui voltei para trás porque só ouvia gritos, porque é o funcionário A. ... Eles agora andam todos às queixinhas, então, ninguém respeita a chefe, quer esta, quer a anterior. E então é assim, talvez também pelo facto de ser mulher.

L. [PSOE]: Poderá ter a sua influência.

P8: Ai oh professor, eu só ouvia: “O professor R. [VP2] já me conhece há x anos e sabe que eu não sei quantos” e eu... e eu já nem abria a porta. Fui lá três vezes e estava a mesma história... ou seja, eles já não conseguem resolver entre eles, então vai tudo bater lá em baixo... não há... Mas neste momento [segmento impercetível].

L. [PSOE]: Mas isso tem muito a ver com uma série de questões...

P8: Claro.

L. [PSOE]: ... tem a ver mesmo com a própria Direção também não dar força à chefia que eles têm, não dar a força necessária, percebes? O [segmento impercetível] também tem a sua importância. Culturalmente, eles aqui não aceitam isso muito bem. E depois, tem a ver com as capacidades assertivas, ou não, da pessoa, de falar com as pessoas, não é? Portanto...

P4: E também se as pessoas estão disponíveis ou não para ouvir...

L. [PSOE]: Exatamente. Mas sabes uma coisa? Também as pessoas, numa organização, as pessoas só se esticam até onde as deixam esticar.

P8: Sim, mas eu dou um exemplo. O senhor F., nós sabemos, tem um problema de alcoolismo... A última vez que ele fez um tratamento (segmento impercetível). Eu, na brincadeira, passei por ele e disse, mas fiz uma cara assim muito séria e disse: “Senhor F., quando puder passe no gabinete.” Depois ele vai lá, bate na porta, “Professor, posso entrar?”, “Sente-se ali, se faz favor”, mas sempre assim com um ar muito coiso. Eu disse: “Você já viu, com a sua idade, anda aqui, qualquer dia aparece morto, não tem vergonha?” e ele só me abanava a cabeça e “É verdade, professor, eu já pensei nisso”... “Mas então você vai continuar nisso? Qualquer dia é mandado embora, não tem direito a reforma, não tem direito a indemnização nenhuma” e ele sempre “Eu sei. É verdade professor”. Eu, se estivesse no lugar, dizia: “Mas quem é este puto para estar aqui...”

L. [PSOE]: Mas ele não é alcoólico à toa.

P8: Sim, é verdade. Não...

L. [PSOE]: Ele é alcoólico por algum motivo e tem a ver com a personalidade dele e ele é uma pessoa permissiva, é uma pessoa...

P8: Sim, sim. Ele, enquanto esteve comigo, nunca reagiu, nem de forma agressiva, pronto, eu estava a usar assim, levantava a voz que era para ele... no sentido de perceber que estava a chamar à atenção...

P1: É o álcool que lhe dá a força para ele falar.

L. [PSOE]: Pois, é o que lhe dá aquela força que ele não tem.

P8: Não sei. Eu acho é que se fosse, talvez, uma mulher ali... ele talvez reagia mal.

P1: Não, ele reage... ele depois de lhe passar...

L. [PSOE]: Mas é assim, atenção, é uma pessoa com um problema de saúde grave.

P8: Sim, sim.

L. [PSOE]: Normalmente, as pessoas com adições, são pessoas que têm perfis... de personalidade muito pouco estruturados, não é? Portanto, o facto de ser um homem, ou até uma mulher mais agressiva, também o domina facilmente.

P1: Mas olha que eu já vi e deixa-me, eu não sei até que ponto é que isso terá alguma coisa a ver com isso, eles não respeitarem a M. J., que eu nunca vi a J. fazer e vi a... a M. J. fazer, foi ir ajudar o F. a ir limpar a sala quatro. Eu assisti porque eu estava lá.

L. [PSOE]: Não, isso pode não ter a ver...

P1: Não é isso. É porque eu não sei se eles sentiram isso como imposição dela, porque a dona R., e com toda a razão, passa a vida a dizer que não consegue fazer nada porque o F. não faz, tem que ser ela a fazer tudo... não é? E acho que um dia a M. J. foi lá para baixo, para a sala quatro, o F. vem e limpa acolá e limpa aqui. Não sei se isso não criou uma bola de neve ali dentro.

L. [PSOE]: Porquê? Ela só fez bem.

P8: [segmento impercetível] Não era o senhor F. que estava na Direção.

L. [PSOE]: Não, isso tem a ver com... Exatamente, isso tem a ver com a dinâmica que está instalada. Eles acham que há uma certa impunidade nos comportamentos. Eles recusam o trabalho...

P6: Isto já é uma coisa que vem de há muitos anos.

L. [PSOE]: ... e há impunidade. Isso tem a ver com a gestão inicial...

P1: Exatamente.

L. [PSOE]: ... porque depois é como tudo. É assim, os miúdos só se esticam até onde vocês os deixam... Se vocês não dominam a vossa aula, se não gerem, não têm gestão da vossa aula, eles trepam paredes, se for preciso. Vocês sabem isso melhor que eu, certo? Portanto, e é a mesma coisa com qualquer organização. Eles são funcionários, mas as chefias também não estão a fazer o trabalho certo com eles. Portanto, eles, durante muitos anos, puderam fazer tudo o que quiseram, não é agora uma caramela qualquer que vem impor-se, não é? Principalmente quando não há esse reforço. Pronto.

Agora, para terminarmos, portanto, vocês, isto aqui é muito importante: as diferenças individuais também podem ter influência na forma como a gente resolve os problemas e como nos é permitido resolver os conflitos... Depois, até há estudos que indicam que o tipo de personalidade que nós temos faz influência na maneira como resolvemos os conflitos. Por exemplo, pessoas autoritárias e dogmáticas têm a tendência de dominar o conflito, usar aquela estratégia da dominação. As pessoas de baixa autoestima e permissividade, como o F., provavelmente, usam o evitamento, não é?... De facto, a personalidade é uma das maiores influências na determinação de como resolver. Depois, tinha aqui alguns fatores de definição, como a extroversão, a consciencialização, abertura e a amabilidade. São cinco fatores, são os *big five*, ainda na teoria do Rahim, que ajuda bastante a resolver conflitos. Se nós encararmos os conflitos com alguma *extroversão*, ou seja, aquela capacidade de virmos aqui falar: “Olha, não gostei daquela coisa que tu me fizeste”... ter essa extroversão, ter essa capacidade de vir falar com alguém, que não é muito fácil a gente abordar. A *consciencialização*, o ter consciência, “Olha, se calhar realmente não me portei bem contigo e peço desculpa”. A *abertura* e *amabilidade*, o estar disponível para resolver e também termos a capacidade de perdoar o outro, se for o caso disso, e até de nos perdoarmos a nós próprios, que é uma coisa que a gente, às vezes, tem muita dificuldade em fazer... Isto também tem a ver com o locus de controlo interno. O que é que é isto do *locus*? É nós sermos capazes de assumir, ou não, as nossas responsabilidades. Pessoas com um *locus* interno, assumem-se; pessoas com um *locus* externo, diz sempre que a culpa é dos outros. Portanto, os outros é que fizeram a situação e é que causaram... Essas pessoas, com um *locus* de controlo externo, não conseguem resolver conflitos com facilidade... O Jung diz que as pessoas mais extrovertidas procuram utilizar mais o estilo de integração. Portanto, as pessoas que falam, que são abertas, que são desimpedidas, desempoeiradas, como eu gosto de usar, têm mais facilidade em usar o método de integração. O McIntyre diz que... chefes e subordinados dependem... que são mais impositivos, fazem muito julgamento e o julgamento, claro que isso é uma atitude que não facilita a resolução dos conflitos... Depois havia aqui... ah, no vosso caso, como vocês são todos *thinkers*... [Risos] Estou a brincar convosco, ok? Mas os *feelers* são mais fáceis de resolver conflitos do que os *thinkers*, porquê? Porque os *thinkers* usam mais o intelecto, menos a emoção e, portanto, pensam mais e agem menos, ok?

P12: Olha, eu achava exatamente ao contrário. Pensava que as pessoas mais emotivas teriam mais dificuldade.

L. [PSOE]: Não. Não, porque...

P12: São aquelas que pensam mais, racionais...

P1: A pessoa emotiva mais facilmente se põe no lugar do outro, do que um *thinker*.

L. [PSOE]: Porque sente, não é?

P12: Sim, é mais...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pensava que o facto de sermos capacidade de racionalizar as coisas...

L. [PSOE]: Mas o racionalizar nem sempre é bom. Nem sempre é bom para resolver conflitos.

P12: Pelos vistos não é. Eu hoje estou só a descobrir que tenho andado muito enganada com...

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Uma das técnicas muito conhecidas é o DEEC, que é o Descrever, Expressar, Especificar e Consequência. O que é que isto quer dizer? Portanto, o descrever é dizer, o *a* dizer ao *b* que “tiveste este comportamento assim”, o mais objetivamente possível, sem influências pessoais, e depois, expressar o que é que pensa e sente acerca daquele comportamento. Portanto, fizeste isto assim e eu não gostei, ou gostei... não é? Se é um conflito, à partida, é porque não gostou... E dizer o que é que sente em relação a isso. Portanto, fiquei muito triste, fiquei muito desiludido. Isto, às vezes, é muito difícil de nós fazermos, não é? Admitirmos que ficámos tristes ou desiludidos com o outro... Depois, especificar. De uma forma realista, dizer o que é que nós queremos do outro. “Olha, eu fiquei muito triste com essa atitude e agora o que me poderia, a mim, ajudar a resolver isso era se tu fizesses assim, dentro daquilo que tu achas que consegues fazer”. Portanto, também não vamos pedir, por exemplo, não vamos pedir a um mentiroso compulsivo que nunca mais minta, ok? Porque ele não vai conseguir fazer isso. Mas pronto, “mesmo que tu digas uma mentira, tenta-me dizer uma verdade, pelo menos... ou diz-me duas verdades e uma mentira” ou coisa assim,

estão a perceber? Que é para o outro tentar ser capaz de fazer aquilo que vocês querem, porque as pessoas não mudam *do pé para a mão* e muito menos só por a gente pedir... Depois, também podem motivá-los a fazer o comportamento que vocês pretendem, dizendo o que é que, qual é que é a consequência... não é? “Se tu me disseses a verdade... eu mais depressa começo a acreditar em ti e também te tento ajudar, a partir dessa verdade. Agora, se me estás sempre a mentir, mesmo que eu te queira ajudar, eu não sei se é verdade, portanto, eu não te vou poder ajudar”, por exemplo. Dar-lhe a consequência boa em detrimento da má. “O que é que é preferível? O que é que achas que é melhor para ti?... E para mim, também”, não é?”... isto é muito importante, vocês dizerem sempre o que sentem acerca do que se passa e confrontar a pessoa com isso, de uma forma assertiva. Não é tipo “Tu és um... *piiii*. Tu foste um *piiii*”, não é isso. “Olha, não gostei que me fizesses isto, não estava à espera”, não é? “Senti-me traído na confiança. Eu pensava que eras meu amigo, ou que fazias isto, ou que fazias aquilo”, não é?

P3: L. [PSOE], desculpe, em relação a isso... eu fiquei com uma pequena dúvida relativamente ao... àquela questão do evitar e do desativar, porque, às vezes, quando acontece o conflito, se nós vamos... eu acho que isso não é evitar, porque se nós vamos tentar resolvê-lo logo, por vezes as coisas estão a quente e não nos sai... as coisas mais acertadas, não é? Porque aconteceu há muito pouco tempo, eu estou muito irritada, estou muito nervosa...

L. [PSOE]: Mas isso é o desativar, é o dar tempo...

P3: É o desativar, não é? Pois.

L. [PSOE]: ... é o parar, “ok, eu agora não consigo falar contigo... eu já vi que isto, não vamos resolver isto hoje. Olha, eu vou para casa pensar e amanhã converso contigo. E vai para casa pensar, efetivamente.

P3: Ou às vezes até nem dizer nada, porque às vezes a pessoa pode ter percebido mal e a outra pessoa nem sequer se ter apercebido, mas nós ficamos em conflito com aquilo que nos disseram. E, se calhar, às vezes, falar na hora pode ser pior... do que esperar e... no momento certo eu direi àquela pessoa que...

L. [PSOE]: Mas eu não disse que tinha de ser logo, atenção. Aliás, o ideal é que vocês, realmente, parem para pensar primeiro. Porque às vezes a gente até arranja conflitos...

P13: Desnecessários.

L. [PSOE]: ... por coisas pequenas, coisas insignificantes, mal-entendidos, más comunicações, não é? E portanto, às vezes é bom a gente parar para pensar e ir para casa pensar no assunto. Agora, evitar não. Evitar é nunca mais querer enfrentar o problema. Portanto, isso não vale a pena. Podem ir pensar melhor para casa, mas... mais dia, menos dia, têm que o confrontar, ok? E até porque senão não é conflito nenhum, é a tal angústia que a gente falava. É um problema seu, não é de mais ninguém.

P3: Pois, pois, pois.

L. [PSOE]: O outro até está na sua vidinha, não é?

P3: Claro. Pois, o outro até pode nem se ter apercebido que nós ficámos mal com aquilo.

L. [PSOE]: Exatamente. Ok? Por exemplo, um não assertivo diz: “Estás sempre a interromper o meu trabalho”, o outro diz: “Eu gostaria de fazer o meu trabalho sem interrupções, se não levores a mal... preciso de estar um bocadinho concentrado”. É muito meter a coisa em si próprio, mais do que apontar o dedo ao outro. Por exemplo: “Tu és um traidor”, não é?, “Perdi a confiança que tinha em ti... Não gostei daquela atitude que me fizeste”. “Tu és um incompetente”... “Há tarefas que precisas de melhorar para que o trabalho melhore, também... e eu sei que tu és capaz. O que é que achas que podemos fazer para melhorar”, não é? Portanto, isto é a diferença entre o não-assertivo e o assertivo. Ainda há aqui mais uma: “Só um idiota como tu é que apresenta essa solução”... Por exemplo, pô-lo a pensar sobre o assunto, se é uma solução estúpida, inadequada, pô-lo a chegar a essa brilhante conclusão sozinho. E atenção que a ironia não facilita em nada a resolução dos conflitos. Às vezes, há professores que dizem que humilhar os miúdos é uma boa estratégia, não sei quê. É mentira, atenção a isso... Pronto, ok, são ideias. Na minha ótica não é, porque, de facto, isso só... lá está, comportamento gera comportamento. Se vocês não estão a respeitar o outro, não esperem que o outro vos respeite a vós. Portanto... “És um idiota”, em vez de dizer isso é “Como é que chegaste a essa solução?... Achas que isso vai dar resultado? Como é que podias fazer isto de forma a que a coisa funcionasse melhor?” Portanto, esta é que é a diferença. Claro que isto não é uma coisa fácil de fazer, não é? Às vezes, a gente, no momento... sai assim: “Seu estúpido”... não é?... pronto.

P15: Mas também depende muito se o aluno quer ou não, não é? Porque, por muito assertiva que...

L. [PSOE]: Quase sempre. Quase sempre, P15. É assim, pode não funcionar logo nas primeiras vezes porque ele não está habituado... Mas quase sempre, se vocês mantiverem o sistema de correção, de adequação, de serenidade... Calma, eu sei que não é fácil. Eu sei. Não estou-vos a dizer que...

P15: Olhe, eu hoje tive uma situação... com o L. C.... que eu digo-lhe uma coisa... eu não estive para me chatear, foi verdade. Ele estava, desde o início da aula, a I. que diga, ele queria ir para a rua, não queria estar na aula, queria ir para a rua.

L. [PSOE]: É típico...

P15: Pronto. E nós dissemos que não, que tinha que estar na aula. Inclusivamente, eu disse: “L. – a I. até saiu, foi com a I. do ensino especial resolver um problema – eu disse: “L., tu ‘tás muito irrequieto, não queres ir à casa de banho, ou beber uma aguinha, descontraí assim um bocadinho”, “Não, quero-me ir embora, não quero estar na aula, quero-me ir embora”. Eu disse-lhe: “Pois, mas para te ires embora vais ter que ter falta”, “Não me importo, quero ter falta”. Eu disse: “Pronto, então, tu aqui tens duas alternativas: ou vais e tens falta ou ficas e, se quiseses, vais um bocadinho à rua, descontraís e depois voltas até tocar. Sair sem falta, não sais.” Depois ele levanta-se e começa... eu estava a dar aula, nem me apercebi que ele se levantou... De repente já não o vi, estava sentado ao pé do caixote do lixo e com os pés a bater assim...

P10: E quando ele se põe: “Uhhh, uhhh”.

L. [PSOE]: Mas porquê? Porque, realmente...

P15: Queria sair. E eu disse: “L., pronto, olha, tu é que sabes o que é que queres fazer”, “Quero-me ir embora”, levantou-se e foi-se embora.

P10: Sim, mais valia não ter entrado.

L. [PSOE]: Mas a P15 fez tudo certo... é deixá-lo ir.

P15: E marquei-lhe falta. No segundo tempo marquei falta.

L. [PSOE]: Porque é assim, ele tem que sofrer as consequências, nesse caso.

P10: Isso aconteceu também comigo em moldes semelhantes.

P15: Ai, ele está... Olhe, eu digo-lhe uma coisa, eu também lhe disse...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olhe que ele comigo, olhe que ele comigo, L., eu [segmento impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas é assim, vocês têm que ver uma coisa, esses casos são casos excepcionais, situações excepcionais. Esse menino tem uma perturbação de oposição e desafio. Tudo o que seja confronto com ele, ele tenta esticar as coisas até ao máximo. Você agiu completamente correta e, em certas circunstâncias, é preciso mesmo deixá-lo sair, ele sofre a consequência, tem a falta e vai embora. Agora, claro que vocês não têm culpa, obviamente, mas, provavelmente, se vocês me dizem que ele está muito pior, é porque se passa qualquer coisa...

P10: Passa-se, passa-se... Nota-se perfeitamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ele tem atitudes horríveis.

P15: Ele comigo, no ano passado, ele fazia tudo o que eu queria. É verdade.

L. [PSOE]: Então, alguma coisa no ambiente dele que se alterou para pior...

P15: É o que eu digo. Sendo eu a mesma...

L. [PSOE]: ... e ele está a reagir pior, certo? E, em certas circunstâncias, depois, lá está, tentou convencê-lo, foi assertiva, foi serena. E, em certas circunstâncias, tem que o deixar sair, porque, se calhar, é o melhor para ele, mesmo.

P15: A P10 que o diga.

L. [PSOE]: Ele está num ponto de ansiedade tal que... e até muito controla-se ele. Se ele... por ele, o sistema dele, o ideal era partir tudo. Ele é um menino com muita revolta dentro dele, não é? É uma revolta infundável, tem que ser trabalhada internamente até ele ficar bem, só que é um menino que, neste momento, por exemplo, não quer trabalhar essas questões, porque eu já o tentei acompanhar e não consigo, também, porque ele não deixa, lá está. Mas, nesses casos, a gente tem de respeitar o tempo e o espaço da pessoa... Ele vai sofrer as consequências.

P15: Porque ele, no ano passado, quando estava assim um bocadinho mais agitado, eu dizia: “L., vai beber uma aguinha”...

L. [PSOE]: Por exemplo, esse é um menino que precisa, urgentemente, de medicação. Nós andamos a fazer de tudo...

P10: Mas se lhe dermos um beijinho ele fica calmo. [Risos] Quando eu, às vezes, vou brigar com ele, depois faz-me [som de beijo].

P15: É mentira, P10? Não fica?

P10: Fica.

P15: Se lhe puseres a mão no ombro...

P10: Ele fica logo feliz.

P15: Muda radicalmente.

L. [PSOE]: Porque é assim, é um menino...

P10: Ele há dias...

P8: São os afetos.

P1: Aquele miúdo precisa é de uma mão no pelo...

P10: ...limites e ele diz assim, pensou que eu ia brigar com ele, e eu [som de beijo] “Amo-te”...

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ele depois riu-se.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Ele está a crescer no sentido de obter aquilo que quer. E ou, das duas uma, ou se desarma com técnicas assim deste género, por exemplo, o toque, às vezes, faz toda a diferença. Isso era uma técnica que eu queria ensinar, mas achei que ia prolongar... O toque é fundamental neste tipo de garotos.

P15: Mas, por exemplo, o C. aceita o toque, o A. não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Nós temos que aceitar a capacidade de eles...

P15: Ele até foge.

L. [PSOE]: Porque ele, normalmente, quando é tocado, é para levar.

P10: É, é. É porque, às vezes, eu tenho uns alunos que faço isso e eles...

P15: Mas, por exemplo, o *feedback* positivo, o reforço positivo ao Alcino também funciona...

L. [PSOE]: Também, também.

P15: ... também funciona bem.

L. [PSOE]: O A. é um menino um bocadinho, intelectualmente, mais capaz do que o L.. O A. é um menino extremamente inteligente...

P15: Super inteligente.

L. [PSOE]: ... e ele tem mais capacidade de ser manobrado intelectualmente. Já o L. é mais emocional, portanto, tem que ser mais na base do toque ou de uma resposta emocional, como ela fez, por exemplo, que não é... não é indicado para todos, *hein?* [Risos] Mas, nalguns casos, o facto de desarmarmos a criança... ela está a crescer, não é? Ela está a armar-se e ao termos uma reacção que ela não está à espera, ela desarma. Mas tem que ser uma reacção positiva, não é... não é...

P1: Já é a quinta vez que ele vem para aqui...

P10: Ai, isso não é bom.

[segmento impercetível]

L. [PSOE]: Quem?

P1: O L., na biblioteca. Eu estava com a biblioteca e estava a L., mas eu não estava como... a fazer acompanhamento, a L. é que estava a fazer... sala de estudo... E a L. “Vamos trabalhar e vamos trabalhar e quero que trabalhem e está quieto oh L.” [segmento impercetível]

P15: Quando, hoje?

P1: Não... Quarta-feira, quinta-feira... E que não e que não queria [segmento impercetível] nada, nada. Entretanto, chegou o L.... e eu disse: “Meu Deus, ela não consegue aguentar estes dois”. [Risos] Ela pô-lo com o L. e eu fui para ao pé do L., que eu não conheço, ele não me conhece... não sou professora dele. Ela disse: “Ah, estava à procura de uns exercícios na net para pô-lo a fazer”... Eu disse: “Olha, L., [segmento impercetível] “Tu tens aí folhas em branco?”, “Tenho”. Ela deu-me as folhas em branco. “Eu vou [segmento impercetível] Sabes o que é uma área vocabular, não sabes?” Mas assim, ao lado dele, mesmo... baixinho, não estava a falar alto. “Então,

olha, eu vou-te desenhar aqui uma árvore de Natal”, não estava muito bem desenhada, mas pronto, era uma árvore de Natal. “Então, agora, tu vais pôr aqui dentro todas as palavras que tu te lembrares do Natal”, para fazer a área vocabular do Natal. Ouve, o gajo ficou o resto... [segmento impercetível] olhava assim para ele. E ficou o resto do tempo todo e fez. Fez tudo.

L. [PSOE]: Porquê? Porque tu estiveste lá, ao pé dele.

P1: Ele quer atenção.

L. [PSOE]: Ele precisa de atenção.

P10: Ele, nas minhas aulas, não há uma aula que o L. esteja a fazer seja o que for que estejamos a fazer, que o L. não tropece ou não arranje motivo para ficar caído no chão, a fazer aquelas fitas de jogador da bola. E, por exemplo, vou lá e digo assim: “O que é que tens? É preciso ir para o hospital? Anda, vá, levanta-te daí” e pronto, ele levanta-se e vem atrás. Portanto, não há uma aula, aquele miúdo é, precisa de atenção e ‘teve aí, durante uns tempos, que se via ali a família, pai, mãe... a mãe e a nova namorada do pai, via-se a família toda em conjunto, aquilo andou bem. Agora, deve estar a acontecer alguma coisa porque o miúdo ‘tá completamente destrambelhado. Completamente. É só situações...

L. [PSOE]: É muito reativo, ele. Ele é, por exemplo, ele também é um miúdo inteligente, só que é inteligente de forma diferente do que, por exemplo, o A.. O A. é mais intelectual, este é mais emocional. Portanto, vocês têm é que descobrir as estratégias que podem ajudá-lo a acalmar-se.

P10: Só que esta saída, retirada da aula e vindo para aqui, não vai solucionar o problema.

L. [PSOE]: Claro que não. Só adia...

P10: O professor que está aqui não sabe o que é que ele tem, encontra ali um miúdo a batalhar, que não quer fazer nada do que lhe estão a pedir e aquilo só vai...

L. [PSOE]: Ele, por exemplo...

P10: Andamos a pedir um tutor há que tempos.

L. [PSOE]: ... no ano passado, ou há dois anos... ele vinha muito porque estava ali sempre o C. R., havia um horário qualquer que coincidia com uma aula que ele não

gostava e, então, ele fazia tudo para sair da aula, para vir com o C. R., porque o C. R. brincava com ele, dava-lhe um bocadinho de atenção e por aí a fora. Portanto, estes meninos não fazem as coisas à toa, eles não estão a lutar pessoalmente contra vocês, não têm nada especificamente contra vocês. Eles estão mal com eles próprios, não é? Eles têm aquele conflito intrapessoal e, portanto, por vezes está mais acentuado, outras vezes não está, é aprender estas técnicas para lidar com eles, não é?

P10: Ele tem dias que até, ele está a arranjar mil e um motivos para que aconteça qualquer coisa. Qualquer colega que passa atrás dele, ele já está... a passar-se, dou-te e faço-te e aconteço-te e...

L. [PSOE]: Tanto o A. como o L. são meninos abandonados emocionalmente e eles têm uma revolta tremenda e por isso é que eles batem tanto nos outros miúdos. Eles chegam aqui e descarregam nos mais, entre aspas, fracos, que são os seus pares. É claro que isso não é uma atitude correta, nem é aceitável, mas é a única que eles conhecem e sabem fazer.

P10: Mais o A. do que o L..

L. [PSOE]: Mas o L. também foi muito trabalho. Entretanto, o L. foi muito trabalhado, porque o L. também...

P10: O L. está... mas agora...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Por exemplo, eu estou farta de dizer que os tutores são fundamentais. Os tutores, para este tipo de miúdos, são fundamentais. Tipo, é o que substitui os pais inadequados que eles têm. Claro que eu sei que não é fácil, é um recurso difícil de conseguir, mas, em alguns casos-chave, devia de haver, porque isso depois melhora substancialmente toda a dinâmica da turma, o aproveitamento, etc. E a medicação, nalguns casos a medicação. Quando não há tutores, medicação. Infelizmente, tem que ser assim.

P15: E portanto, nem o A., nem o L. têm medicação.

L. [PSOE]: Porque eles, depois, também há uma coisa, é importante dizer, quando eles não estão calminhos, eles também não aprendem, não estão cá a fazer nada, estão só...

P15: A destabilizar.

L. [PSOE]: ... a destabilizar e a criar conflitos, porque eles precisam de uma certa contenção. Todos nós sabemos, nós, para aprendermos, retermos informação, temos que ouvir primeiro. Se eu nem a consigo ouvir, não a vou reter. E, portanto, estes meninos precisavam mesmo de uma cosia muito específica. Portanto, não são bons exemplos para resolver conflitos, não é? Mas, normalmente, também, as personalidades difíceis é que criam os conflitos.

P15: Mas depois também, L., é uma situação muito complicada, principalmente dentro de uma sala de aula, porque quer eu queira, quer não, eles são tratados de uma maneira diferente que os outros colegas da turma...

L. [PSOE]: Sim...

P15: ... porque eu sou muito mais tolerante... com eles do que com os outros. Ainda, por exemplo, em relação a irem à casa de banho, que eu, às vezes, os outros, eu não deixo.

L. [PSOE]: Mas vocês, ao contrário do que possam pensar, os outros miúdos também têm noção disso. Eles também se apercebem. Claro que eles podem usar esse argumento “Ah, a professora é muito... facilita sempre o A., ou facilita sempre o L.”...

P15: “E porque é que o deixa ir à casa de banho e a mim não?”

L. [PSOE]: E aí a vossa resposta deve ser só uma: “Porque tu não precisas dessa ajuda... tu não precisas dessa ajuda que o teu colega precisa. Tu és capaz de ser mais contido, de te aguentares, de segurares o xixi e continuarmos a trabalhar. O teu colega não tem essa capacidade”. Se vocês disserem isto, eles percebem perfeitamente. Aliás, eu acho que, no início do ano, deve-se trabalhar um bocadinho as turmas.

P15: Sim, eu no início disse logo que ele ia ter...

L. [PSOE]: E os outros percebem isso. Eles percebem.

P10: E depois há uma tendência, dentro dos miúdos, por exemplo, que começam a acontecer os problemas e eles já estão “É aquele. É o L.”. Aconteceu qualquer coisa: “Foi o L.”, “Mas como é que foi o L.? Prova que foi o L.”, “Ah, porque dizem que ele é que anda por aí a fazer...”

L. [PSOE]: Mas ó P10, não é só os miúdos, os professores também. Os professores também. Às vezes, há um burburinho no fundo da sala...

P10: Depois mete aquele ar assim... incha...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [Segmento impercetível] É assim, neste documento diz assim: “O comportamento indisciplinado é qualquer ato ou omissão que contrarie alguns princípios do Regulamento Interno ou regras básicas estabelecidas pela escola, ou pelo professor ou pela comunidade. A indisciplina é uma resposta à autoridade do professor”. Aquilo que eu pergunto é... se o aluno reage com indisciplina às regras, porque é que as escolas não ouvem os alunos em relação à definição das regras, por exemplo?

L. [PSOE]: Boa questão.

P8: E a outra questão que eu queria colocar é, portanto, no sentido, se... se nós questionássemos os alunos, se eles também colaborassem com a escola, no sentido de definição de regras internas, se isso poderia contribuir, ou não, para...

L. [PSOE]: Claro que sim.

P8: ... diminuir a indisciplina. E a outra questão é, portanto, isto está mais do estudado, já chegámos à conclusão que o modelo atual, da escola atual, é favorável à aprendizagem, é favorável ao sexo feminino; as raparigas adaptam-se melhor a este sistema do que os rapazes. Como é que se explica, por exemplo, neste momento, a indisciplina no terceiro ciclo seja muito maior nas raparigas do que nos rapazes? Nós, este ano, desde o início do ano, eu penso que 80% da indisciplina no terceiro ciclo são raparigas.

P11: É por causa das hormonas...

[Risos]

P11: É verdade. Não estou a gozar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Eu não estou a dizer mentira, é verdade. É a parte hormonal, é verdade, eu não estou a gozar.

P4: [segmento impercetível] raramente têm...

P12: Mais nas raparigas?...

P11: O oitavo ano é raparigas, e porquê? Eles ainda são muito crianças e elas já...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Ah, mas... as raparigas começam...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Não é nas salas de aula...

P8: Não, não.

P10: É cá fora.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Mas as raparigas é.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Existiam, mas estão-se a desenvolver mais.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Não foi pancadaria, mas eu estava a tomar café no barzinho dos professores...

P11: Ainda são muito *infantiles*... *Infantiles*, infantis. Eu vejo pelo meu M., é um infantilóide. [Risos] Agora compara uma B.. É verdade. Agora compara ele com uma B., que a B. já está ali toda...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Perdeu, está agora no sétimo, perdeu. Repara ela e o M..

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Por isso é que eu estou a dizer a nível hormonal.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Elas ficam com um comportamento diferente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas olha, P8, uma questão. Estatisticamente, há mais raparigas ou mais rapazes?... Nessa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: São, são. No nono é.

L. [PSOE]: Se calhar pode ter a ver com isso, também.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Geralmente, há mais rapazes do que raparigas, não?

P8: Não, não. Agora não. Sétimos e oitavos não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: No nono sim, mas sétimo e oitavo anda equilibrado. A nível hormonal, eu não estou a gozar, tu és professora de Ciências como eu, é verdade, sabes... Aquela progesterona...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: [segmento impercetível] Agora já começámos noutro tema, está mais calminha. Mas depois, desde que surja uma pergunta, ela... [Risos] É uma coisa incrível.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Também cansa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Vamos parar. Eu não percebo como é que alguém tem essa ideia, quando está provado cientificamente, tu, no máximo, até um adulto qualquer, no máximo consegue estar quinze minutos a vinte minutos atento.

P13: Eu diria vinte.

L. [PSOE]: Quinze a vinte minutos. Se for bem treinado consegue mais...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eles precisam de mais momentos de paragem, de intervalo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: E mais? Isso está mais que provado que os quarenta e cinco era o ideal.

P9: Mas quarenta e cinco eu também acho pouco. Portanto, eu acho que era cinquenta ou sessenta.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: No caso de algumas disciplinas práticas, faz sentido.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Se o professor achar que, fazendo aquela quebra, a seguir retoma [segmento impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas isso está provado cientificamente. Não percebo muito bem a lógica dos noventa minutos [segmento impercetível] português e a matemática. Em relação a isso, tem muito a ver com as hormonas, como ela estava a dizer, também. Não justifica tudo, também pode ser personalidades que são complicadas. Mas há uma mudança...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas ouve, mas tu não vês isto todos os anos. Vês isto de há um tempinho para cá. Por isso é que eu digo que estão ali uns elementos x.

L. [PSOE]: Porque depois também há elementos de educação que vão-se...

P9: Claro.

P8: Mas há uma atitude no Porto Santo que eu ainda não consegui perceber...

P10: É a falta de iodo.

P8: Eu trabalhei muitos anos na Câmara de Lobos e eles, quando andavam em conflitos, os mais velhos tentavam resolver, separavam. E, às vezes, até chamavam os professores. Aqui, aquilo que eu já vi, assisti várias vezes, os mais velhos fazem logo uma roda e começam a apoiar.

L. [PSOE]: Mas isso é cultural. Isso, tu é que podes estudar esse fenómeno, não é?

P8: Aquilo que eu já lhes disse é que eu gostaria de ver futuramente, no vosso bairro, a vossa mãe a levar nas trombas, ou o pai, a ver se vocês também vão aplaudir, chamar nomes e...

L. [PSOE]: Ou se for um irmão vosso ou... é o sentido de falta [segmento impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: E defendem os irmãos. Se fossem os irmãos daquele gémeo... [segmento impercetível] o I. e o outro...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: E dizem “porque é que separou?”. No outro dia, estava e uma miúda ia agredir a outra e a A. foi separá-las e depois começaram as outras “Olha, porque é que a professora foi separar?”

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Querem é ver. Querem é ver o espetáculo.

L. [PSOE]: Sangue... Não se esqueçam, há uma coisa que me choca muito e me preocupa muito... os miúdos têm acesso a jogos... a jogos de computador extremamente violentos, que banalizam totalmente...

P9: É verdade.

L. [PSOE]: ... o bem-estar do outro. Eles têm um jogo que é o GTA, há muitos pais que nem têm a mínima ideia do que é que é aquilo e deixam-nos jogar horas infindáveis, em que o prémio deles é matar velhinhas, traficar drogas, roubar carros. Portanto, é a banalização da violência e portanto...

P2: E a promoção, até. Eles ganham pontos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Eles têm recompensas...

P7: Mas o mais curioso disso tudo é que...

P9: Eles adoram isso.

P8: ... 80% a 90% dos nossos alunos do terceiro ciclo, todos eles [segmento impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Eles podem ir lá a casa jogar, P10... P10, se quiseres podes pôr os teus filhos lá em casa a jogar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Podes pôr o A. lá... o A. é mais calminho.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: O meu filho joga.

L. [PSOE]: Pronto, mas ele já é crescido...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Olha, o meu E. também joga e ele não é muito violento.

L. [PSOE]: Tem a ver com a capacidade e maturidade de as pessoas distinguirem as coisas.

P15: Mas olhe que eu, no início, eu fiquei horrorizada. Eu só dizia: “Oh F., mas o que é que é isto? Mas eles matam as pessoas e roubam os carros?”, “É, é mesmo assim”. E ninguém morre.

P7: Mas o secundário é um grupo bastante grande a jogar... Mas eu penso que aí é um pouco, talvez, o que a L. [PSOE] queria dizer. Eu preocupa-me muito mais se forem miúdos mais pequenos...

L. [PSOE]: Eu tenho miúdos do quinto ano que já jogam isso e jogam seis e sete horas...

P9: Ah, não...

P10: E pela noite dentro.

L. [PSOE]: Exatamente.

P9: Nunca.

L. [PSOE]: Estão até às quatro da manhã a jogar...

P9: Aí se vê a reação deles, depois, no outro dia, por aí a andar e nota-se perfeitamente.

L. [PSOE]: E só o facto de estarem expostos aos clarões de luz, etc...

P10: Exatamente.

L. [PSOE]: ... isso é que...

P10: Pela noite dentro, que a mãe e o pai pensam que eles estão a dormir e eles estão a jogar.

L. [PSOE]: Até pode queimar neurónios.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: É o iodo, como diz a outra. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P11: Isso não. Isso não... É uma horinha por dia e já está muito bom.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Deixem a... P12, impõe-te assertivamente.

P12: Queria só pedir uma coisa... evitem as conversas paralelas porque, por exemplo, há bocado eu não consegui ouvir uma coisa que o P8 estava a dizer, porque estavam... Eu percebo que o assunto é muito interessante, isto suscita muita conversa, mas se começamos todos a conversar para o lado e todos ao mesmo tempo, não nos entendemos. Pronto, era isso que queria pedir. E agora queria fazer uma pergunta relacionada com isto, que é assim, eu hoje estou traumatizada...

[Risos]

P12: ... E a mim, o que me começa a preocupar...

P11: Não me contaste, *miga*.

P12: Oh querida, você também chegou aqui alteradíssima e também não lhe posso contar... conto-lhe quando sairmos. [Risos] Pronto, mas é assim, eu hoje tive uma situação de uma aluna, para que as pessoas percebam, que me pede para ir à casa de banho e eu, que nunca deixo ir, hoje, armada em parva, deixei e a pequena, na volta da casa de banho, envolve-se numa pancadaria com outra miúda. E foi absolutamente extraordinário, pronto. E isto deixou-me a pensar e é uma coisa...

P6: Desculpa, P12, fora da sala de aula...?

P12: Fora da sala de aula. A outra miúda nem era da mesma turma... Isto, a mim, neste momento, o que me preocupa, porque, depois disto ter acontecido, comecei a pensar em coisas e começo a... e, de facto, quer dizer, tem havido coisas entre miúdos que eu não tenho dado muito valor, mas que eu percebo que há... uma grande agressividade entre eles e eles são muito... e isso é que me começa a preocupar, porque é assim, os meus conflitos com os alunos, não vou dizer que os resolvo todos ou que os resolvo todos como eu gostaria de os resolver, porque às vezes só resolvo mesmo na base do “Amiguinho, pega nas coisas e vai para a biblioteca” e acabou-se a história. Tem falta e tem participação, temos pena. Eu sei tudo o que a Psicologia diz, mas eu também não sou psicóloga, tenho lá vinte para ensinar e não posso ter um a destabilizar-me a aula, não é? Mas o que me começa a preocupar, porque eu hoje senti-me completamente impotente, com duas miúdas adolescentes engalfinhadas uma na outra... Não, mas mesmo...

P15: Como é que tu viste?

P1: Mas como é que deste conta? Estavas dentro da sala de aula?

P12: Não, é que eu vinha a chegar, porque eu tinha vindo cá a baixo buscar uma coisa ao meu cacifo e quando eu chego... aliás, nem foi preciso chegar lá a cima. Eu, quando vinha... quando eu saio da sala de professores já começo a ouvir uma gritaria imensa. Pensei: mas os meus alunos estão loucos, mas o que é que aquela gente se lembrou? Ouve, eu saio muitas vezes da aula para vir buscar uma coisa, fazer isto, fazer... nunca me aconteceu uma coisa destas. Quando eu chego lá a cima, estavam as duas engalfinhadas e, entretanto, os pequenos, que tinham ouvido o barulho, tinham saído da aula para vir ver... E o que me aflige é que é assim, eu... para já fiquei completamente, meti os pequenos dentro da sala... mas fiquei à espera que elas se separassem, porque eu não me ia meter naquilo... E o que me aflige é assim... começo a verificar que há, de facto, muita conflitualidade entre os miúdos, como é que a gente gere isto? É isso é que me aflige, porque é assim, os meus conflitos com eles, lá está, mal ou bem, umas vezes melhor, outras vezes pior, eu tenho conseguido resolvê-los... Agora, estes problemas dentro da sala... já no outro dia, aliás, acho que te falei disso naquele primeiro Conselho de Turma, por exemplo, logo numa das primeiras aulas, a R., no meio da aula... também por causa de uma observação que uma colega lhe fez, alto e bom som, manda a colega para outro lado. Quer dizer, e são estas situações... quer dizer, claro que há sempre aquela maneira que é, obviamente, mandou a colega para o outro lado dentro da aula, vem para a rua, tem falta, tem participação, tem essas coisas todas. Mas quer dizer, mas há ali conflitos que... que a gente não pode deixar passar em branco e que, para mim, começa-me a afligir um bocado.

L. [PSOE]: Claro. Em momento nenhum... se deve deixar passar essas coisas em branco, atenção. Quando nós, psicólogos, dizemos que é preciso ter em atenção certas coisas, não é para vos alterar o vosso método de ensino ou de trabalho, é simplesmente para vos ajudar a compreender e a enfrentar melhor as situações. Mas se há situações em que, realmente, a solução é pôr o aluno na rua e dar-lhe a consequência necessária, é isso que têm que fazer, ponto final, parágrafo. Em relação a esses conflitos, é como eu vos digo, vocês não podem pensar que estes meninos são os mesmos meninos que nós fomos, que os nossos pais foram. Portanto, eles estão a ser educados num contexto completamente diferente, eles têm uma série de desafios que nós não tivemos... Nós tivemos outros. E portanto, em certa medida, eles só estão a... a ilustrar a educação que

tiveram, não é? Portanto, aqui, a responsabilidade, se calhar, até é mais dos pais, da nossa geração, do que deles, não é? Portanto, de facto, eles estão um bocadinho ao abandono, estão à nora. Vamos lá pensar, mesmo nós, que achamos que somos bons pais, não é? Nós pomos o menino... no infantário ou na escola ou... onde seja, logo de manhãzinha e vemo-los à noite. E é logo a correr, preparar o jantar, fazer...

P15: Dar banho... para não cheirar mal.

L. [PSOE]: ... banhinho, fazer os trabalhos de casa e caminha, não é? Portanto, não há tempos, necessariamente, para educar convenientemente. E aqueles que são mais conscienciosos e que também são mais educados, têm mais estrutura, se calhar, completam essa educação ao fim de semana, estando com eles ou, se calhar, quando vão pô-los à cama conversam um bocadinho, como é que foi o teu dia, o que é que fizeste, como é que resolveste este conflito... Olha, a mãe também se chateou, mas fez assim, assado, cozido e frito, que eles vão ouvindo por modelagem, também. Eles têm os exemplos, não é? Normalmente, esses garotos, que têm esse tipo de comportamentos, são miúdos que não têm bons modelos, não é? Portanto, eles vão recorrer aos recursos que têm. Agora, como é que nós podemos resolver isso?

P12: Pois, essa é que é a minha questão.

L. [PSOE]: É ajudá-los, porque muitas vezes nós é que somos o modelo alternativo a estes garotos. Se calhar, pedir a essa miúda para falar, falar um bocadinho com ela no fim da aula, não é? E dizer: “Oh R., não precisas de fazer isso assim, há outras maneiras”, não é? Claro que vocês não conseguem chegar a todos, nem salvar todos, mas se um fizer um bocadinho aqui, outro fizer um bocadinho acolá... Se nós passamos no corredor e vemos engalfinhados e deixamo-los estar e vamos à nossa vida, em vez de os separar e tentar que eles se entendam minimamente ou não permitir, pelo menos, que eles continuem naquele registo... as coisas, gradualmente, vão-se conseguindo. E há casos em que não se consegue mesmo nada. Vão ser pessoas difíceis, vão ser pessoas que vão ter muitas dificuldades, vão ter dificuldades em arranjar emprego, em manter os empregos, etc. e depois, se calhar, vão-se sentir tão mal ao ponto de que vão procurar uma ajuda, eventualmente. Ou não... não é? Agora, isso é o que te parece, P12, porque se calhar estás, felizmente, mal ou bem, ainda assim, estamos bem habituados, porque há situações, se vocês forem para uma escola em Lisboa, na Buraca, por exemplo, isso é *o pão nosso de cada dia*. Portanto, não é espanto nenhum. Isto que tu viste agora, ficaste chocada porque não estavas habituada.

P15: Sim, mas é chocada por ser cá.

P12: Não, a mim choca-me porque me choca.

P1: Não, mas é assim, mas tu tens noção da realidade de fora daqui.

P12: Tenho. Eu tenho noção, claro. Tenho noção.

P7: Mas também não desculpabiliza. Acho que o facto de os outros serem piores não desculpabiliza o facto de a gente não atuar aqui.

L. [PSOE]: Não, não estou a desculpabilizar.

P6: Exatamente. Exatamente.

L. [PSOE]: O que eu estou a dizer é que também é preciso pensar e aceitar que há estas coisas assim e que há situações que... nós devemos sempre tentar o nosso máximo, mas há situações que não vamos conseguir resolver.

P12: Sim, estou a perceber. O meu problema é que é assim, eu noto que há, entre os miúdos, muita agressividade. Eles não têm tolerância uns com os outros, é logo, partem logo para o insulto, és assim, és assado e não sei quê.

L. [PSOE]: Eu concordo.

P4: Está um bocado banalizado.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: E isto preocupa-me um pouco, porque é assim, às vezes tenho dificuldade em gerir isto na sala de aula.

P9: [segmento impercetível] nalguns sétimos... é... uma aluna que já se diferencia um bocadinho dos outros por ser mais crescida. Por acaso não sei se ela é repetente, agora estou na dúvida... E por ser mais crescida, cada vez que algum lhe diz alguma coisa, ela dispara logo.

P1: É repetente, é.

P9: “Oh seu fedelho”, “Oh seu não sei quê, estás-te a meter comigo porquê? Não tens nada que te meter comigo”...

L. [PSOE]: Eles depois usam os recursos que têm.

P9: Ela só lhe falta dizer: “Reduz-te mesmo à tua ignorância”. [Risos] Pronto.

L. [PSOE]: À tua insignificância.

P9: À tua insignificância, exato. Era o que eu queria dizer, desculpa... E às vezes é muito difícil gerir aquilo dentro da sala de aula. Até que eu os consiga parar...

L. [PSOE]: Então, mas essa menina precisa de uma consequência. Essa menina precisa de uma consequência. Nós precisamos de educar essas crianças. Eu acho que o vosso papel é fundamental, porque, é como eu digo, vocês, muitas vezes, são o único modelo alternativo. E portanto, nesse caso, tem que se educar. Nesse caso, é preciso ter uma medida disciplinar, não é? Dizer: “Olha, desculpa lá, não te admito esse comportamento, vais-te retirar”, mas posso dizer isto assertivamente, não preciso de ser agressiva. Posso dizer assertivamente, dizer: “Olha, ó fulana – até usar o nome da pessoa é muito importante, porque estamos a reconhecê-la – Olha, não estou a gostar dessa tua atitude, não acho certo. Portanto, tu agora tens de sofrer a consequência desse teu comportamento, vais-te retirar da sala e eu vou-te pôr uma participação disciplinar. E no final eu agradecia que tu viesses aqui conversar comigo porque eu já vi que não estás muito bem e isso preocupa-me”. Por exemplo, basta dizerem isto, usarem muito a palavra preocupar, “estou preocupada contigo”, mas de uma forma sincera. Eles amocham logo.

P9: Eles sentem. Sentem, sentem.

L. [PSOE]: Experimentem.

P12: Não, a miúda, por acaso, eu depois falei com ela... e a miúda pediu-me imensa desculpa e não-sei-quê, mas... mas eu percebi que aquilo está ali...

L. [PSOE]: Não ficou resolvido.

P12: ... elas voltam a engalfinhar-se outra vez.

L. [PSOE]: Aí vocês podem ajudá-los, ensinar-lhes como é que podem resolver o conflito. “Mas o que é que se passa com a tua colega? O que é que tu tens contra a colega? O que é que a colega tem contra ti? Como é que vocês poderiam resolver isso?”

P11: E quando têm outros colegas que arranjam as coisas para engalfinhar aquelas duas...

P1: São manipuladores...

L. [PSOE]: Mas isso até acontece connosco. Quantas vezes não temos colegas que nos andam a *fazer a folha* com os outros colegas e não-sei-quê?

P9: A situação dos meus dois funcionários. [Risos]

L. [PSOE]: Exato. Exato. A diferença é que [segmento impercetível], não é? Exatamente. E têm menos recursos psicológicos e menos estratégias para lidar com as situações.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, P11, isso eu acho que não, porque eu, por acaso, a miúda nunca esteve com o telemóvel. Ela nunca esteve com o telemóvel. Eu também pensei nisso, será que ela, quando me pediu para ir à casa de banho, eventualmente, sabia que a outra estivesse lá... percebes? Mas penso que não, porque a miúda, por acaso, eles nem, nem... ela não estava com o telemóvel. Às vezes podia estar escondido, mas não, porque ela nem tinha... tinha o caderno à frente dela, tinha estado a fazer apontamentos. Portanto, eu acho que aquilo foi mesmo uma coincidência.

L. [PSOE]: Seja como for, o conflito tinha-se dado.

P12: Agora, para mim foi... E depois, ainda por cima, quer dizer, ouve... eu deixo-a ir à casa de banho, trinta segundos depois digo: “Vou lá a baixo buscar um documento e venho já. Vocês... que fiquem tranquilos”. Eh pá, e eu saio da sala de professores, oiço uma gritaria louca, só pensei, bem, as pessoas vão pensar que eu sou doida, deixo a canalha sozinha e... Não, oh P11, é um bocadinho, quer dizer...

P1: Não, ó P12, eu penso que teria sido mais... eu consideraria grave, por exemplo, se tivessem sido, por azar, duas alunas da mesma turma. Aquelas eram de turmas diferentes. Não estou a falar da gravidade da situação...

P12: Não, e foi fora da aula, quer dizer, mas logo o azar...

P15: De elas se encontrarem...

P12: Não, de eu não estar na aula quando aquilo se desencadeou, porque se eu estava na aula, eu nunca tinha deixado os miúdos sair, estás a perceber?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Porque eu, assim que cheguei, a minha primeira preocupação foi meter os outros todos dentro da sala e depois, elas depois... o M. estava lá também, de facto, mas quem

separou foi uma gorducha, a A., que agarrou a R.. Mas a R. esperneava loucamente. Mas é assim, eu acho que é assim, eu não estou a tirar pela B., que a B. também não é...

P11: Mas a B., ultimamente, só arranja...

P12: Mas a R. é uma miúda muito complicada.

P11: É. E é mãe ainda é mais complicada.

P10: A mãe há-de estar aí segunda-feira para resolver a coisa.

P9: Não, só podia ser da B., eu disse àquela. Ela estava ao lado da B. A B. ultimamente, digo-te...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Ah, mas está.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Mas está pior.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Por isso é que eu estou a dizer, ó L., a mãe [segmento impercetível]

P9: Quando tu falaste eu vi logo que era a B..

L. [PSOE]: Portanto, isto é uma menina que vai dar sempre problemas e por mais que tu tentes, por exemplo, eu já falei com a mãe, já lhe expliquei, já falei... tenho acompanhado a R., mas é... é daquelas miúdas que não estão dispostas a mudar, estás a ver?

P9: Não, mas nós temos outra a surgir na turma, que é a B.. A B. também está a arranjar muitas complicações. Eu penso que aquela separação dos pais e coiso...

P12: Ah, não sei nada disso.

P1: Ai os pais separaram-se?

P11: Sim. O pai já vive com outra fulana.

P12: A B. é uma miúda do sétimo ano, não te sei explicar mais nada.

L. [PSOE]: É a filha da V.?

P11: É.

L. [PSOE]: Ah, já sei quem é. Mas essa eu não...

P8: Mas atenção que ela só se descontrolou nesta última semana, semana e meia. Ela, até agora, teve um percurso, desde o início do ano...

P14: Na minha aula ela está impecável.

P8: ... brutal. Agora, há uma semana e meia para cá, está completamente o oposto daquilo que vi até agora.

L. [PSOE]: Mas isso, se calhar, é chamar cá os pais.

P7: Houve ali alguma coisa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ela já tem, tem. Só que ela... só que ela fazia-se sempre de santa. Já o ano passado ela fazia uma vida... ia dormir para casa da amiga...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [segmento impercetível] na última semana e meia houve ali alguma situação que...

L. [PSOE]: É assim, vocês, a única coisa que têm [segmento impercetível]

P10: É assim, P8, ela o ano passado, no final do ano, eu era professora dela, ela já se começou a cair quando o pai e a mãe separaram. Mas no final do ano, o ano passado, ela já ia dormir para casa de uma... já havia assim um...

P8: Sim. Não, mas eu estou a dizer este ano.

P10: Ela já tem outro tipo de vida que há meninas lá que não têm.

P8: Mas ó P10, desde o início do ano até agora, ela teve um comportamento exemplar. Os problemas dela são todos de há uma semana e meia para cá.

P10: Pode-se estar a passar alguma coisa... o que vem da família vem...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Geralmente, é sintomático.

P9: Eles não podem dizer nada que ela... dispara.

L. [PSOE]: É tentar perceber. Muitas vezes, basta uma conversa com os garotos, que ajuda bastante, porque eles, às vezes, por exemplo, eles culpam-se a eles próprios, algumas coisas que se passam entre os pais, podem pensar que têm alguma

responsabilidade. Por exemplo, imaginem que os pais discutem por causa dela... Claro que a discussão não tem somente a ver com ela, tem a ver com a relação dos pais...

P9: Claro.

L. [PSOE]: ... que não sabem falar, não é? Mas como o tema é ela, ela até pode sentir que a culpa é dela, por exemplo. E então, isso pode gerar uma angústia emocional qualquer que depois dificulta o bem-estar dela e, conseqüentemente, também a relação com os outros, não é? Portanto, é sempre bom tentar saber o que é que se passa, tentar conversar com a criança, chamar os pais para esclarecer e... e é a única coisa que se pode fazer. P12, às vezes há coisas que a gente não controla.

P10: Ela é uma miúda já um bocadinho adulta para aquela turma.

P12: É. É isso que se nota.

L. [PSOE]: Quem?

P9: Ela também é um bocadinho adulta para aquela turma.

P12: Sim, mas o problema não foi dentro da turma, atenção. O problema foi fora da turma e esta agressividade que eu falo, entre miúdos, eu não noto, até no sétimo ano não a noto muito. Mas, por exemplo, no 7ºB há...

L. [PSOE]: Mas atenção que os sétimos e os oitavos, por excelência, são uma altura, a fase difícil...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas eu já tive sétimos anos e não me apercebi destes comportamentos. E até teria mais, e até, possivelmente, acho que poderia estar mais sensibilizada para isso, porque estive muitos anos no secundário e, portanto, quando voltei ao terceiro ciclo seria mais natural que eu ficasse mais, digamos assim... mais espantada, não é?! E agora, este ano, noto mais... mas pronto.

L. [PSOE]: Nunca apanhaste nenhuma situação concreta, mas os sétimos e os oitavos, por excelência, são sempre turmas difíceis, porque são a fase da adolescência em que eles já começam a ser alguém, já querem opor-se aos pais porque, isso é saudável, isso é saudável, eles querem-se diferenciar, não é? O problema é que às vezes não têm os requisitos para o fazer adequadamente, não é? Ou esticam-se demasiado ou... insurgem-se mais.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Mas parece que se criou um bocadinho, isso começou a aparecer, há pouco tempo. Começaram a ver [segmento impercetível]

P10: Mas nós no fim do sexto ano já vimos, essas meninas a gente já falava...

P8: Mas ó P10, é assim, nos últimos... eu estou cá há seis anos e trabalho sempre sétimos, oitavos e nonos, nunca tivemos tanta agressividade entre raparigas do sétimo ano como só neste ano.

L. [PSOE]: Exatamente, mas isso pode...

P8: Já tivemos mais problemas de...

L. [PSOE]: Isso também pode ter a ver com as personalidades, não é?

P8: ... de setembro até agora do que no ano anterior.

L. [PSOE]: Não temos assim tantos alunos e há uns...

P8: Eu há dias disse à Direção Executiva, disse a um membro da Direção Executiva: “Atenção que a violência, qualquer dia vamos ter pais a entrar na escola a agredir professores ou a agredir alunos. Eu quero ver como é que vão resolver”, “Ah, realmente, realmente”, O que é que se fez? Zero. Sabes como é que se resolvia isso, na minha opinião? Todos os corredores têm que ter um funcionário. Não se pode é ir à cantina e chegar lá e estarem em grupo, deve ser reunião de sindicato.

P10: Escuta, mas não adianta ter, todos os corredores terem um funcionário se o funcionário estiver, impávido e sereno, a ver a estalada das miúdas e não agir, por exemplo.

P8: Exatamente. Exato, P10. Exato.

P10: Eu já vi isso acontecer cá.

P1: E andarem aos empurrões uns aos outros no corredor e também...

P12: Mas uma coisa que eu acho que também devia acontecer é, quando nós colocamos o aluno, quando dizemos: “Vai para a biblioteca”, como é óbvio não podemos acompanhar o aluno até à biblioteca, não é?

P8: Não, à partida, seria o funcionário para...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tem que haver um funcionário que acompanhe o aluno até à biblioteca.

L. [PSOE]: Eu acho que também há poucos recursos agora, não é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não temos de ter três ou quatro funcionários aqui. Por exemplo, junto à secretária, se tivesses um em cima e um em baixo era suficiente.

L. [PSOE]: Por exemplo, ali naquele canto, ali, da sala, tenho de ser sempre eu a vir cá fora...

P8: [segmento impercetível] ali ao fundo do corredor, [segmento impercetível] até porque, ainda por cima, usam uma linguagem vergonhosa.

L. [PSOE]: Não, e aqui engalfinham-se mesmo.

P8: Eles não sabem que os alunos não podem entrar?

P12: Eu agora vou só aqui fazer de advogado do diabo e vou defender os funcionários, por uma simples razão. O funcionário eu acho que é super importante e acho que os funcionários é, possivelmente, a parte desta escola que funciona pior. Mas, por exemplo, o funcionário também não é garantia de nada, porque eu, no outro dia, pus um aluno na rua e o aluno tinha que vir para a biblioteca e o aluno foi-se sentar ali, ao pé da cantina, e a funcionária apercebeu-se, foi lá e disse: “Então, mas você ‘tá em aula.” Até sabia que estava em aula comigo. “Você está em aula com a professora L. B., está aqui a fazer o quê?”, “Ah, vim para a rua”, “Então você tem que ir para a biblioteca” e o aluno não só não foi, como ainda foi malcriadíssimo para a mulher.

P10: Sim, mas eu não estou, quando disse isto, eu não estou a pôr a culpa nos funcionários.

P12: E a mulher no fim, depois eu cheguei e ela disse-me: “Olhe, professora, eu mandei o aluno para a biblioteca, mas ele não quis ir e eu insisti e ele depois ainda foi muito malcriado comigo e eu já não podia fazer mais nada”. E eu disse: “Pois, então, não podia fazer, não fez”.

P10: Mas se calhar é pela forma como se...

P12: Pronto, P10, mas é assim, mas olha que a pessoa que era, é assim, a pessoa que era eu acho que não é daqueles funcionários... Eu acho que ela, pelo menos, é assim, a

ideia que eu tenho da senhora é que é uma senhora... muito ponderada. Agora, há miúdos que é assim...

L. [PSOE]: Neste caso...

P12: ... não há milagres.

L. [PSOE]: ... tem que haver uma consequência.

P4: Pois tem. Só que o problema... o problema é que esta história da legislação é toda muito bonita, nós temos alunos que são penalizados passado um mês...

P6: Não serve de nada.

P8: É aquilo que eu dizia, eu farto-me de falar em Câmara de Lobos e é chato... porque era assim, nós, em Câmara de Lobos, se fossemos a seguir esta legislação toda...

L. [PSOE]: Exatamente.

P8: ... não dávamos aulas. Eu fiz um processo, fiz não, pediram-me para resolver um problema disciplinar, uma professora que viu um aluno dar um murro no ombro de outro colega, aquelas brincadeiras parvas que eles fazem... E eu, portanto...

L. [PSOE]: Mas também não se faz uma participação sobre isso, acho eu.

P8: Não, mas, não se faz?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Oh L. [PSOE] ...

L. [PSOE]: Mas vai lá e tenta resolver a questão.

P8: ... chegam participações ao Conselho Executivo de que o aluno estava sentado e estava com a mão nesta cadeira.

[Risos]

P13: É verdade. Isto é verdade.

P10: Olha, mas eu, no primeiro ano que comecei a trabalhar, e já foi há uns aninhos, cheguei a ver participações de... de colegas que atirou um bocadinho da borracha e estava a borracha colada na participação.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Como é que podem respeitar se são sancionados por coisas ridículas, dessas... quando fazem uma coisa séria o que é que lhe vão fazer? Vão expulsá-los?

P13: Oh L. [PSOE], nós fomos todos convocados para uma reunião, de um Conselho de Turma, porque uma professora suspeitou que o aluno meteu uma bomba de mau cheiro, e qual foi a conclusão do processo? Não se provou nada e, portanto, fomos lá para ouvir dizer que o processo estava arquivado.

L. [PSOE]: Isso é que é gerir mal os recursos.

P8: Claro. Agora é assim, nós... esse aluno...

L. [PSOE]: Mas, se calhar, aí, então, os professores é que precisam de ser [segmento impercetível]

P8: Claramente. Também, também... Esse aluno, na brincadeira, deu um murro na brincadeira. Eu, para ouvir um aluno, ele é menor de idade, tem que vir o paizinho tem que vir. O paizinho tem que estar disponível. Eu às vezes estou aqui, às oito da noite, à espera de um pai que, entretanto, decide não aparecer, mas não me comunica nada. E portanto...

L. [PSOE]: E não há consequências.

P8: Eu tenho que esperar sempre até o senhor estar disponível. E depois, entretanto, o aluno diz-me uma coisa diferente do que o professor tem na participação, eu já tenho que ouvir testemunhas. Eu ouvi sete testemunhas, sempre acompanhado pelo Encarregado de Educação. A conclusão que eu tirei é que ele levou um murro desde o ombro até aos pés. Nada batia certo.

P7: Nesse caso há uma valorização da... do adulto em detrimento da criança... Não, está na lei, ou seja, em termos do processo... e eu tive já quatro ou cinco processos desses e quando chega...

L. [PSOE]: Mas isso também não é muito.

P7: ... Não, não. Mas quando chega a situação em que nada bate certo, as testemunhas [segmento impercetível], tu, instrutor, tens de valorizar uma das partes. E quando, por norma, tens com frequência alunos que dizem “Fulano tal é mentiroso”, nós podemos não aplicar é a medida toda, não é? Mas valorizas mais o...

P8: Claro, ó P7. Mas a ideia aqui...

P7: É que há sempre uma subjetividade na avaliação, evidentemente, mas...

L. [PSOE]: Pronto, é assim, de facto, esta questão de não ser imediatamente...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Isso, em termos de... de consequência, não tem nada. É zero. Isso é uma data de trabalho para nada. Se calhar têm é que se fazer regras de que se fazes certas coisas, tens consequências imediatas. Acabou.

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Mas não se pode ajustar... as regras...?

P8: Supostamente, não.

L. [PSOE]: Por exemplo, se o miúdo está a bater no outro, imediatamente, se não for uma coisa grave, obviamente...

[impercetível – sobreposição de vozes]

L. [PSOE]: Pronto, sim, mas está aos murros e não sei quê. Agora pegas e vais fazer uma limpezazinha ou outra coisa qualquer. Isso começa a deixar os miúdos um bocado “Eh pá, ‘pera aí, eu não me apetece fazer figuras de urso e tal, não é? Agora, se estamos, tipo, porque tocou no ombro e faz-se uma participação... não sei. Então, quando ele bater no outro o que é que faz? O que é que se faz?... Não é? É que isso está a banalizar...

P7: O que me preocupa mais nem é tanto isso, é o tempo que nós demoramos a fazer o processo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P8: [segmento impercetível] e uma de oitavo, se fosse eu a encontrar, iam as duas para casa um dia, não punham mais os pés dentro da escola. Só que a primeira resposta que eu levei é que isso era ilegal... que era o que nós fazíamos lá, iam para casa uns dias.

L. [PSOE]: Eu acho que, nesses casos, tem que se chamar os pais e (segmento impercetível), mas tem que haver consequências imediatas. Se estamos aí com processos... não sei quanto tempo depois, isso não surte qualquer efeito e é uma trabalhadeira para vocês.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É assim, colegas, vamos quase com três horas de trabalho... acho que... não sei se a L. [PSOE] quer fazer alguma conclusão ou... alguma coisa, porque penso que histórias ficávamos aqui até à meia noite a contar episódios. Portanto, não sei se a L. [PSOE] quer fazer...

L. [PSOE]: A conclusão é muito simples, é que, de facto, a comunicação é fundamental... mesmo sendo difícil manter a serenidade, não... desarmar os miúdos, não reagir com o mesmo tipo de comportamento. Portanto, não se esqueçam desta máxima: comportamento gera comportamento. E pronto, basicamente é isso: comunicação, comunicação, comunicação, assertiva, de preferência, claro.

P12: Pronto, queria agradecer à L. [PSOE] e à C. [psicóloga estagiária] terem estado aqui connosco hoje...

C. [psicóloga estagiária]: Eu não fiz nada, eu só vim observar.

P12: Mas pronto, veio observar e... pode depois, até, informalmente, conversar com as pessoas e dar algum *feedback* que possa ser útil, portanto, é sempre bom...

L. [PSOE]: E durante um ano têm mais um recurso... quando eu não estiver disponível ou... quando eu estiver *com* os azeites, têm ali... outro recurso. [Risos]

P12: E queria só... falar um bocadinho do nosso trabalho. Portanto, as senhoras agora podem, estão dispensadas...

L. [PSOE]: Muito obrigada pela vossa atenção.

P12: Nós é que agradecemos terem vindo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, agora é rápido. O que eu tenho para dizer é rapidinho.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Portanto...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É assim, em relação ao nosso trabalho da supervisão entre pares, eu não sei como é que, se já toda a gente terminou os processos...

P11: Eu nem comecei.

P12: Pronto... Calma... Eu, por exemplo, ainda não terminei porque falta-nos fazer a nossa conferência pós-observação, da minha observação com o P8. E o que eu ia sugerir era que... deixássemos para o dia dezasseis de janeiro, que é o nosso encontro de janeiro, então o balanço dessa atividade. Não te preocupes, podes deixar escrito ou a gente liga pelo Skype e põe-te aqui a falar por Skype.

P11: Não posso falar.

P12: Ai não vais poder falar?

P11: Quinze dias, não.

P12: Pronto, podes escrever.

P11: Eu acho que vou mas é desistir.

P12: Não desistes nada, P11, não sejas tola.

P11: Só contratempos.

P12: Eu penso, não sei se concordam, mas é assim, acho que, como nem toda a gente terminou os processos, estarmos a falar dos processos que já decorreram, acho que ficava mais interessante deixarmos para o dia dezasseis de janeiro a reflexão, então, sobre os processos e depois, também, nessa altura, teremos que... Não faz mal. Teremos que... repensar a forma de organizar o próximo ciclo de supervisão, porque penso que uma coisa que todos percebemos é que esta coisa de tirar à sorte não correu muito bem, porque depois há incompatibilidades de horários. Não aconteceu com toda a gente. Por exemplo, comigo e com o P8 foi maravilhoso, mas houve pessoas que tiveram problemas de incompatibilidades de horários e, portanto, isto também era uma ideia que eu gostava de... que ficasse a maturar nas vossas cabeças, que é pensarem noutras opções de organizarmos a... os pares de supervisão... para evitar essa questão. Queria-vos só mostrar uma coisa que vos vou enviar hoje, para os vossos *mails*, que é uma pequena, é um pequeníssimo questionário, mas que eu queria que... clarificar convosco... como é que... como é que eu pretendo que vocês mo preencham... Pronto, isto é assim, isto é um questionário cuja ideia é nos percebermos, efetivamente, o que é que nós fazemos, uns com os outros, fora deste espaço em que estamos todos juntos. E portanto, o que se pede aqui é que vocês, numa escala de um a sete, que depois está aqui perfeitamente discriminada, digam as interações que tiveram, mas interações no âmbito do trabalho da comunidade, não é, por exemplo, encontrei ali o P8 no bar, olha, vamos

aí... pago-te aí um café e não-sei-quê, isso não tem a ver. As interações que vocês, efetivamente, fizeram com os colegas, com... em relação ao trabalho da comunidade. Portanto, conversas que tenham tido, não só com os colegas com quem estão a trabalhar em par de supervisão, mas podem ter encontrado um colega e dizer “Olha, afinal... olha, até gostei disto, ou gostei daquilo” ou... “Olha, afinal isto não está ser como eu achava” ou, por exemplo... Enfim, qualquer interação que tenham tido, registá-la. E depois, também, isso aí, penso que, eventualmente, não vamos... para já, pelo menos, mas interações sobre também o trabalho da comunidade que tenham tido com outras pessoas fora do grupo, deste grupo que é o nosso grupo de comunidade fechada. Pronto. Vocês depois vão ter lá a escala. Isto é uma coisa super simples, faz-se, penso que fazem isto em cinco minutos. E o que eu vos pedia é que me devolvessem, por *email*, também, até para evitarmos a papelada e que fizessem... assim que vos fosse possível... tendo em atenção este primeiro ciclo do vinte e um de novembro até hoje, porque depois... iremos sempre fazendo mensalmente, mas sempre em relação ao trabalho que decorre entre as sessões. Tirando isto, hoje não tenho mais nada para vos dizer, não sei se vocês querem... se alguém tiver alguma coisa...

P1: É só uma coisa. Nós vamos ter, eu e o P13 combinámos para a primeira semana de... primeira semana? Segunda semana de janeiro, não vai dar na primeira.

P12: Sim.

P1: Por causa, exatamente, da incompatibilidade de horário. Ele vai numa sexta e eu vou numa quarta.

P12: Sim, sim.

P1: Para o dia dezasseis eu não sei se vamos ter... tudo feito...

P12: Pronto, P1, mas é assim...

P1: ... que ainda vamos ter que fazer o pós-observação.

P12: Pronto, ok, eu sei. Mas é assim... pronto, nessa altura faremos o balanço...

P1: Do que tiver sido feito.

P12: ... do que tiver sido feito, exatamente, porque não... pronto, porque depois, também, se deixar para fevereiro já começa a ser... até porque, em princípio, nós, em janeiro, já iremos agendar o novo ciclo de... de trabalho... E depois também é importante, se calhar, até para a nossa reflexão essa coisa de “Olha, afinal nós não

conseguimos, só conseguimos fazer agora em janeiro” e portanto, para até para pensarmos melhor *timings* e essas coisas todas... Não sei se...

P1: É sempre à mesma hora, não é? Dezassete e dez.

P12: Sim, em princípio, a não ser que os colegas tenham uma proposta melhor. Mas é assim, eu acho que, até ver, esta tem sido a... o calendário... À quinta?

P1: À quinta não há alguém que não possa, não é?

P9: À quinta só posso a partir das seis. Tenho aulas até às seis.

P12: Pois, é porque o problema é mesmo nós arranjarmos um espaço onde caibamos todos, esse é o grande problema. Eu acho que isto da sexta tem corrido bem, evita-se ir para os sábados, que corta os fins de semana às pessoas... E, não sei, acho que...

P15: Assim, na manhã de sábado também descansamos um bocadinho.

P12: Exatamente.

P2: Fica assim? Para já fica a essa hora?

P12: Acho que sim.

P7: Depois vemos...

P12: Não sei se querem dizer alguma coisa, se...

P13: Eu quero. Bom fim de semana a todos, divirtam-se...

P12: Está bem.

P2: [segmento impercetível] descansem...

P8: Eu, se pretender observar alguém, até esse tal dia dezasseis, [segmento impercetível] reunião [segmento impercetível] com essa pessoa, por exemplo.

P12: Sim, por exemplo, tu tinhas manifestado interesse em ir ver mais aulas minhas. Eu agora, por exemplo, já estou no, tenho uma turma que está no estudo autónomo, tenho outra que está nos projetos. Se quiseres ir, estás à vontade... porque é assim, aquilo que está previsto é que nós façamos... uma aula observada a cada um, mas não é proibido que as pessoas façam mais se tiverem essa disponibilidade e esse interesse.

P8: [segmento impercetível] a tal sequência para perceber o funcionamento [segmento impercetível]

P12: Exatamente. Exatamente.

P8: Está bem. Então na segunda falamos.

P12: Está bem. Sim senhor.

ANEXO V C
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 23. 01. 2015

P12: Pronto, eu penso que a P9 e o P13 ainda irão chegar, mas também já passa algum tempo da hora marcada, de maneira que acho que era melhor começarmos. Hoje a nossa sessão vai-se organizar em três partes distintas e, portanto, era isso que eu queria pôr à vossa consideração. Vamos ter uma parte lúdica, porque o P2 fez anos ontem e, portanto, fez questão de me lembrar que fazia anos ontem. [Risos] Portanto, vamos ter uma parte mais lúdica...

P15: Ele vai animar a festa?

P12: Não, p'ra tomarmos um café e comermos qualquer coisa. Não sei se querem começar por essa parte e depois entrar no trabalho ou se fazemos primeiro uma parte de trabalho, intervalo...

P2: Intervalo...

P12: Pronto, então fazemos assim. É assim, eu penso que talvez fosse bom começarmos, então, a primeira parte por fazer um balanço do trabalho que realizámos e as pessoas que quiserem partilhar as suas experiências, partilharem-nas connosco... e... e depois, na segunda parte, eu hoje trouxe um texto, que é um texto que é até um pouco prático, porque é sobre... estratégias de... auto-supervisão e hetero-supervisão e, portanto, é um texto que eu acho que nos pode ajudar também a organizar um pouco o nosso trabalho... Portanto, a minha proposta era que na primeira parte falássemos sobre o que já fizemos e até preparássemos já os próximos pares, porque também já se percebeu que a forma como organizámos os pares não foi a melhor, porque não tivemos em consideração os horários das pessoas e depois percebeu-se que havia pessoas que... era quase impossível assistirem à... ao trabalho dos colegas... e deixar a parte mais de leitura e reflexão para a segunda parte ou não sei se querem fazer ao contrário: começarmos com o texto, lermos, discutirmos um bocadinho e depois...

P10: Não é melhor o balanço primeiro?

P1: Eu acho; eu acho.

P7: Para mim tanto me dá.

[Risos]

P1: Tu p'ra a festa 'tás sempre pronta!.

P12: A festa já combinámos que era no intervalo, não é? Portanto, agora... também me parece bem... Não sei se alguém quer iniciar as hostilidades ou...

P1: Eu vou esperar que o P13 chegue, porque senão...

P12: Sim.

P9: Ele já está ali na... ele subiu comigo. Ele entrou ali na sala de professores, o P13.

P10: Eu posso iniciar. Não fiz nada até agora, observação nenhuma, porque, entretanto, o meu par... parece que desistiu, não é? Não foi possível, não tínhamos um horário muito compatível... A vez que tínhamos escolhido, não deu para fazer. Entretanto, ela desistiu. Entretanto, comecei a combinar aqui com o P2 e vamos, então, tentar fazer entre os dois.

P12: Ah, pronto, é...

P10: O par dele também desistiu...

P12: O teu par também desistiu?... Ah, é que eu só tinha conhecimento de um, mas pronto, tudo bem. [segmento impercetível] 'Tá bem, ok. Boa tarde, P13.

P13: Boa tarde.

P12: Não, ok... tudo bem... é só... Pronto, ok, ok. Está bem, está bem... Pronto, é porque...

P2: A situação é igual à da P10.

P12: Sim, eu tinha ficado era com a ideia que vocês iam... assistir ainda antes desta sessão, mas pronto, mas não conseguiram, ok. Pronto, então, depois...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: É, é. No início de cada sessão...

P9: Ai é?

P12: ... só do período...

P8: Nesse caso, vocês vão assistir um ao outro?

P12: Portanto, fizeste em relação ao período, àquele período... àquele... E agora é só da última sessão para cá.

P9: Ah, ok.

P12: Portanto, já não tens em consideração aquilo que fizeste antes.

P9: Sim, sim. Já percebi.

P12: Pronto, é assim... são situações... que são imprevisíveis e... mas penso que isso vai, agora já vamos ultrapassar e, portanto, já não vai voltar a acontecer, acho eu, esse problema e, portanto... E vocês têm horários compatíveis?

P10: Conseguimos arranjar...

P12: É porque... pronto, mas... também depois...

P2: Apesar de ser da mesma área, mas...

P12: Não, mas podemos, é assim, mas podemos...

P2: ... depois trocamos, a seguir.

P12: ... até porque... eu, por acaso, tenho uma sugestão a fazer... mas não sei se alguém quer, entretanto, dizer alguma coisa da sua... Neste momento estamos a partilhar o trabalho que já fizemos, as experiências, o que é que... também é importante que as pessoas... digam, se acham que realmente...

P9: Não, nós as duas fomos observar mutuamente [Risos] as aulas. Entretanto, fizemos uma apreciação. Era isso que eu estava a dizer agora à P15, que me esqueci de imprimir [Risos] para trazer, que esta tarde, pronto... as coisas atrapalharam-se um bocado e vim a correr, já na última e, sinceramente, esqueci-me. Tínhamos estado juntas, reunimos depois da... portanto, termos feito... eu ter feito, ela primeiro foi à minha aula e depois eu fui à aula dela e tínhamos feito uma apreciação e eu esqueci-me de trazer o... Fizemos a apreciação com base naquela grelha da Direção Regional da Educação... Pronto, também não foi assim nada muito... prolongado.

P15: Sim, também podemos... dizer...

P9: Pois... mais ou menos... Acho que, dentro daquilo que era lá pedido, acho que, mais ou menos, pronto, achámos que, tanto ela como eu... pronto, de acordo com a apreciação que na altura fizemos, atingimos aqueles objetivos... dentro do que era pedido lá na grelha...

P15: E correu bem.

P9: Sim.

P15: Correu bem.

P9: Fora algum, pronto... pronto...

P15: Sim, mas isso tem a ver com o comportamento dos alunos, não é?

P9: ... estar sempre [Risos] a chamar a atenção e...

P15: Fazer os reparos.

P9: ... e os reparos... Mas pronto, em ambas as aulas, tanto na dela como na minha, foi feita uma exposição teórica, depois... Eu levei uma ficha de trabalho para eles fazerem, para, pronto... para fazer a apreciação daquilo que tinha sido transmitido e... e se tinham, de facto, adquirido os conhecimentos... Foi aberto também um espaço para debate, em que os alunos puseram questões. Aliás, eles intervêm sempre que acham necessário. E na da P15 também [segmento impercetível]

P15: Eu fiz...

P9: Ela fez uma experiência prática...

P15: Fiz primeiro, tive um contratempo com as tecnologias de informação, mas depois levei, como tinha no iPad, mostrei o *powerpoint*, não deu para projetar na tela, mas pronto, mas viram. Depois fiz uma experiência, como estava a dar a água... fiz, pedi aos alunos para levarem... sal, açúcar, areia... café... azeite...

P9: Azeite, também.

P15: E pronto, e fiz essa experiência com eles. Correu bem. Depois tiveram...

P9: Estamos a falar de alunos de 5º ano, não é? Convém dizer... [Risos]

P15: Sim, 5º ano. Sim, portaram-se muito bem. Portaram-se muito bem, também temos que aqui...

P9: Sim, sim, sim.

P15: Estava a pensar que não ia correr muito bem a parte da experiência, mas portaram-se lindamente. E depois dei, fizeram um pequeno relatório da experiência, uma ficha que eu elaborei... duas, aliás. Foram duas.

P9: Sim, foram duas.

P15: E pronto, e eles realmente... perceberam bem e correu muito bem.

P14: Queres falar tu, P4?

P4: Não... foi há tanto tempo.

P14: Eu e o P4 também... também fomos assistir, ele à minha e eu à dele. A turma era exatamente a mesma, os alunos eram... claro, se a turma era a mesma, os alunos eram os mesmos. Ele é diretor de turma dessa turma... foi o 9ºA, certo?

P4: *Huhum.*

P14: A minha aula foi completamente diferente da dele... Não tem nada a ver, não, P4?

P4: Sim...

P14: Áreas completamente diferentes...

P4: Conteúdo... portanto, tu utilizaste uma experiência, eu não, é mais exposição teórica.

P14: Exato. Na minha parte não deu também para o P4 ver aquilo que eles tinham assimilado, como foi noventa minutos e a atividade experimental foi mesmo ali tudo feito... um pouco a correr e demorou os noventa minutos, por isso não deu para consolidar os conteúdos que estavam a ser lecionados. Foram feitos na aula seguinte. Portanto, a aula foi, essencialmente, a atividade... retirar os dados, fazer os exercícios... preencher a tabela relativamente àqueles dados e... e foi essencialmente isso. Na dele já... já deu para eu me aperceber melhor daquilo que os alunos tinham adquirido, porque ele fez exercícios e eu não tive tempo para fazer.

P4: Foi uma experiência interessantíssima, até porque eu me lembrei dos meus tempos de estudante, da minha professora de Físico-Química. [Risos] Misturar volumes e massas e essas coisas. E, basicamente foi isto mesmo que ela disse. Portanto, eram os mesmos alunos, mas com... conteúdos completamente diferentes. Foi interessante também observar... a interação entre os alunos. Eu tinha ideia de alguns alunos que são mais ou menos inteligentes, são mais ou menos participativos na minha aula... e na aula de Físico-Química são diferentes. Portanto, nós às vezes pensamos que conhecemos os miúdos...

P14: Eu também reparei nisso.

P4: ... mas não os conhecemos.

P14: Eu também reparei, por exemplo, no caso da S., que na minha disciplina nota-se um pouco de desinteresse, na dele está completamente interessada... Nota-se que ela gosta do Português. E já na minha área nota-se que ela não gosta.

P4: É isso... penso que nós afunilamos...

P9: Foi interessante ser a mesma turma.

P14: Outros alunos, lembrei-me agora da S., mas lembrei-me de outro, o G., por exemplo. Também notei que... na tua estava empenhado, na minha não gosta... simplesmente faz aquilo, mas é com sacrifício, não é por gosto. E isso, às vezes, incomoda-me. Ver um aluno que está ali a fazer um esforço por fazer, também para agradar à professora e para tentar tirar a positiva, mas nota-se que ele não gosta nada daquilo... e custa-me lidar com esses alunos.

P9: Mas esse ainda se está a esforçar para tentar para tirar a positiva. Agora, quando eles nem sequer tentam, ainda é pior. Mas também há casos desses...

P6: Eu agora tenho um aluno interessantíssimo que vai para a minha aula de Geometria e que diz: “Professora, eu não quero trabalhar” eu digo “Então, e o que é que tu vais fazer?”; “Eu não incomodo ninguém, deixe-me jogar aqui”...

P9: Ah, pois claro. [Risos]

P6: ... leva o *Ipad* e quer jogar!

P15: É o D.?

P6: Não.

P15: Ah...

P8: Não.

P7: É o D., não é?

P6: Não, o D..

P7: D., D..

P6: [risos] agora está numa destas. Fez o teste, tentou fazer... eu disse “Mas o que é que vai ser de ti?” [impercetível - sobreposição de vozes] décimo primeiro. [impercetível - sobreposição de vozes] Agora está nesta fase. Ele é um aluno inteligente. Basta ele... ele deita atenção à explicação, portanto, aí fica. De resto, fazer exercícios, não.

P9: Eu também tenho alunos que, por opção, não fazem nada na parte prática. Já decidiram que aquela percentagem da parte prática não interessa para nada... Que conte

só a percentagem da parte teórica, de acordo com os critérios de avaliação da disciplina. E não fazem trabalhos de casa, não fazem...

P8: Eu penso que nesses casos deve dar-se conhecimento aos pais...

P9: Pois...

P6: Exato!

P8: ... quer numa situação quer noutra eu acho que era importante.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Eu posso falar um bocadinho da experiência que tive com a P6. A P6 foi a primeira a assistir à minha aula, 11º ano [impercetível - sobreposição de vozes] e depois eu fui assistir à Geometria. E o que a P6 estava agora a referir é verdade. Há lá uns miúdos do secundário que não estão minimamente motivados para aquilo... Por exemplo, eu, em Latim... sei que há lá uma aluna que não se esforça minimamente para tirar positiva, é mesmo empurrada. Quer dizer, se não formos nós, na aula, lá nos noventa minutos, estar sempre a matraquilhar, a passar os conteúdos e a fazer os exercícios, obrigá-los a puxarem, eles, por eles, muitas vezes, não têm aquele gosto... Há uma aluna que é fácil trabalhar com ela, porque ela consegue amear logo os conhecimentos e consegue fazer as traduções, consegue fazer logo a tradução, consegue fazer a identificação dos casos... há outras que estão lá a enrolar, a pensar, a [segmento impercetível] e tal, e é um bocado difícil... Mas gostei da experiência da observação da aula da P6 neste aspeto: porque... nós não seguimos aquela grelha da Secretaria, seguimos aquela que a P6 tinha disponibilizado que era, mais ou menos, uma organização cronológica, à medida que a aula vai decorrendo... E pronto, eu gostei, sinceramente, da forma como a P6, já anteriormente, disponibilizou aos alunos todas as tarefas que eles têm que cumprir. Então, quando lá chegámos à aula, a P6 foi só sentar-se e o... disporem as mesas, porque eles tinham que virar para o sol, não é?

P6: Para o sol, é. Por causa da luz.

P7: Por causa das sombras e disso.

P6: Trabalhar com régua, com três ou quatro sombras, não dá...

P7: E depois foi mesmo mais aquele ensino individualizado, ou seja, de apoio, de dar explicações, tirar dúvidas um a um. E eles iam fazendo... à medida de cada um, conforme estava estipulado.

P7: O décimo primeiro ano, neste momento, já não tem, digamos assim... dados novos. É só aplicação dos conhecimentos de décimo a novas situações.

P7: Exato.

P6: Portanto, o que exige que eles se relembrem do décimo ano... sempre a matracar: “Para vocês se lembrarem, O que é isto? O que é aquilo? Lembrem-se, vá.” E depois, aplicar a novas situações. Portanto, permite...

P7: É uma aula prática.

P6: ... ser sempre aula prática.

P7: Uma aula prática em que, depois, a teoria é dada em forma de explicação. Eu, sinceramente, não sei se em Latim consigo fazer o mesmo, porque eles não conseguem amearhar os conhecimentos sem eu lhes explicar... [impercetível - sobreposição de vozes] Portanto, vou estar sempre a pensar, vou estar sempre a pensar e depois tenho de estar sempre a lembrar... Mas gostei.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: Isso é curioso, porque o secundário já não é o que era, não é?

P7: Não, nem pode ser.

P4: Antigamente... só ia para o secundário quem queria.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Eu esqueci-me de dizer, P12... eu e a P15 baseámo-nos muito naquele documento [impercetível - sobreposição de vozes] P1, porque estava muito resumido... e acabámos por... nos basear muito nisso para fazer o antes, o durante e o após.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P6: [impercetível - sobreposição de vozes] logo que faça os dezoito anos: “Professora, só tenho que ficar aqui até aos dezoito anos”, “Mas oh rapaz, mas aprende qualquer coisa”...

P12: Não, mas isso é, eu imagino que sim, que o secundário agora já não é a mesma coisa, porque eles andam...

P7: Não, a ideia que a gente tinha... do secundário, que eles vão para lá porque querem...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Estão lá obrigados. Portanto, é a mesma coisa que o básico.

P7: A falta de motivação vai-se estender até lá.

P8: Mas sabem que isso, eu vou ser mauzinho agora, mas também dá-nos algum prazer. Normalmente, nós, o que é que dizemos? Os do terceiro ciclo dizemos que os colegas... os alunos vêm mal preparados do segundo ciclo... Os professores, quando nós falávamos de indisciplina, os doutores do secundário diziam que nós não controlávamos. Nós agora vamo-nos rindo porque vimos que, afinal [impercetível - sobreposição de vozes] Eu percebo. Não, mas estou a brincar.

P7: Eu sei.

P8: Mas é um pouco para perceberem que o problema não está só nos professores, é um pouco como diz um dos responsáveis da educação [impercetível - sobreposição de vozes]

P6: Ali não era a questão da indisciplina, no secundário...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: ... e as coisas vão-se resolvendo.

P7: E já tiveram. Mas isso vai passar para o secundário. Agora, o que não é normal no secundário era aquela falta de motivação...

P8: A desmotivação.

P7: ... e o desinteresse, não é? Porque só iam lá, para o secundário...

P15: Quem ia para a universidade.

P7: ... mais nada, pronto. E agora estamos lá com os planos, estamos lá com isto tudo, estamos lá com as faltas, estamos lá com a escolaridade obrigatória até aos dezoito anos.

P6: Mas um plano para aquele não vale a pena, porque ele é inteligente, ele sabe até as coisas, só que... não quer trabalhar. [Risos] E agora? “Oh professora não... não faço!”, “Vou-te marcar falta”...

P7: Mas é assim, no secundário, eu acho que a gente... acaba por ser diferente do terceiro ciclo porque enquantoque acho que no terceiro ciclo recai sobre os nossos

ombros a necessidade de fazer tudo para... no secundário acho que é muito mais a responsabilização deles...

P6: Tem de ser. Tem de ser. Não pode ser a nossa.

P7: Mesmo que a escolaridade seja até aos dezoito anos, eu acho que eles têm que o fazer...

P6: Têm que crescer.

P7: E se quiserem, querem; se não quiserem, já estão dentro de uma determinada idade em que é assim: “Olha, sabes as consequências?”

P8: Então, mas isso vem provar que não tem lógica nenhuma quando nós vemos colegas: “Eh pá, não percebo porque é esta papelada toda no secundário, uma reunião é só quinze minutos”... Vamos fazer reuniões de quinze minutos no terceiro ciclo? Estamos a falar de miúdos que são menores de idade...

P7: Pois, é isso.

P6: Não é só serem menores de idade, necessitam de mais apoio.

P8: Mas nós vemos constantemente alguns colegas, ainda agora o Artur, no Pedagógico, nós tomámos uma decisão em dezembro... agora a colega da Educação Especial, colocou a questão, porque não ficou bem esclarecida, por exemplo, aqueles relatórios sobre os apoios. A argumentação que se estava a dar já era por causa do gasto do papel, de muita burocracia e o A. disse: “Oh pá, mas desculpem lá, eu estava a dormir em dezembro? Em dezembro eu não ouvi aqui a falar em burocracia, nem em excesso de gasto de papel”. Ou seja, nós, às vezes, começamos a argumentar coisas que não têm lógica nenhuma. Por exemplo, um colega meu, não tenho nada contra os colegas do secundário, nem nada por aí além. Agora, eu não consigo perceber é como é que há colegas que, às vezes, vão para reuniões de terceiro ciclo: “Não percebo, duas horas de reunião e se estamos no secundário são só quinze minutos”... [impercetível - sobreposição de vozes] Exatamente. Por isso é que eu digo que não tem lógica nenhuma e se as pessoas acham que realmente é assim, provavelmente, quando for sobre os filhos deles, não vão gostar de saber que a reunião foi quinze minutos.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P6: Pois, exato!

P4: Mas essa gente que reclama da reunião ser muito longa tem que ir a um pedagógico...

P15: [Risos]

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Não, só perguntei por curiosidade.

P4: Mas ouvi comentar que se prolongou...

P10: Sim, a última foi...

P15: Foi até às nove e meia. O A. chegou a casa às nove e meia.

P1: P13, queres...?

P13: Não, podes avançar, se quiseres.

P1: Nós fomos, eu fui... ver uma aula do P13 e o P13 foi assistir também a uma aula, com o problema do nosso horário... é complicado, não é? Ele só conseguiu ir a uma aula de quarenta e cinco minutos, que era o único sítio... que era coincidente... Foi assistir a uma aula... do profissional, do segundo ano do profissional... e eu fui assistir a uma aula do sétimo ano, que é uma turma que eu tenho, o 7ºA... Tenho uma vantagem, e isso eu já lhe disse, tenho a vantagem de ter só metade da turma, porque, realmente, aquela turma toda junta, não é fácil.

P9: Pois não.

[Risos]

P1: É uma turma... extremamente... não é que eles sejam mal educados, não é que eles sejam de fazer confusão, não é isso. Vocês sabem aquela sensação do burburinho que existe?

P7: É, é.

P1: Tu chamas a atenção, ouves os outros, calam aqueles, os outros começam... É complicado.

P9: Sei perfeitamente.

P1: Mas foi giro. Para mim foi bom matar saudades do Inglês. [Risos] Eu fui matar saudades de Inglês... E gostei, gostei da aula. A aula foi [segmento impercetível] plano, que nós não usámos aquele... aquele coiso completo, nós fizemos também

cronologicamente, só com as horas e o que é que ocorreu... e coisa. Fizemos uma apreciação e depois falámos. Depois trocámos, enviámos um para o outro a apreciação que cada um tinha feito... E acho que correu bem. Nós gostámos. Eu, pelo menos, gostei.

P13: Eu também gostei, também gostei. Foi pena foi só... só ter oportunidade de assistir a uma aula de quarenta e cinco minutos... Nesta aula, foi uma aula muito prática, como é uma aula... como TIC, que se caracteriza, não é verdade? E gostei de ver os alunos muito interessados. Eram oito alunos, só, cinco raparigas e três rapazes... A P1 discutiu primeiro com eles o que é que iam fazer, eles ouviram, deram sugestões e depois encaminharam-se para os seus computadores, começaram a trabalhar e a P1 ia só passando pela... pelos computadores e ia tirando dúvidas e ia sugerindo novas... novas hipóteses e...

P1: Eles estão a trabalhar.

P13: E trabalharam muito bem. Gostei de ver... a forma como a aula decorreu. Foi curtinha, pronto, foi uma coisa assim... quarenta e cinco minutos aquilo corre num instante.

P1: Eles estiveram a trabalhar até agora, estiveram a praticar até agora com o *Access*, que é um *software* que permite criar bases de dados... Não é preencher bases de dados, que é a noção que as pessoas acham. Não, eles estão a criar uma base de dados de raiz. Eles estão mesmo a criá-la... Portanto, eles têm que ter a noção do que é... têm que ter as tabelas com os diversos campos, a pensar no que é que “quando eu for buscar isto, como é que eu tenho que ter isto construído para eu poder ir buscar este”. E, portanto, o que eles estiveram a discutir foi, primeiro, a base de dados são os livros que vocês têm, é a vossa biblioteca, então, vocês têm que pensar...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Isto é secundário.

P1: Isto é Profissional.

P13: Ah, em relação ao controle da turma, a P1 não teve trabalho nenhum, praticamente, porque eles estavam completamente focados no trabalho. No meu caso, era preciso estar... sei lá, de quarenta em quarenta segundos a chamar a atenção a algum

ou a um grupinho deles ou um par, para estarem com atenção e para se focarem no trabalho. Nesse aspeto, penso que foi a grande diferença.

P1: Foi a grande diferença.

P13: Foi a grande diferença foi essa, porque, de resto...

P1: Mas também tem a ver com as idades, não é? É diferente. O trabalho é diferente.

P8: Não era a mesma turma?

P1: Não, não. Eu fui ver um sétimo ano.

P13: Ela foi ver o 7º A e eu fui observar o segundo do profissional. Eles sabem o que é que querem, vão tirar aquele curso...

P1: Não, eles estão ali, é assim, esses gostam de trabalhar com... estão a gostar de trabalhar... Ao princípio foi muito complicado convencê-los a gostar do Access. Foi muito complicado, porque eles achavam que aquilo não fazia sentido nenhum, que aquilo era muito complicado. Agora já acham piada, não é? Já começam a achar piada trabalhar. E já fazem sozinhos, é só os orientar, digamos... do que é que eles têm de ter na base de dados e eles... vão para o computador e trabalham sozinhos. A aula do sétimo ano é diferente, os miúdos são mais novos. E depois aquela turma tem miúdos mesmo... entre aspas, perturbadores, no sentido de que são rápidos a fazer as atividades - e era uma coisa que o P13 tinha que estar sempre em cima - são rápidos a fazer as atividades e depois, imediatamente, assim que acabam... viram-se para outros.

P13: Este tipo de alunos, pronto, foi o que nós falámos, eu e a P1 falámos depois da aula... este tipo de alunos, que têm este comportamento sempre de bisbilhotar, não é? Sempre a falar, têm que estar sempre ocupados. Aulas muito expositivas, com eles, não dá. Tem que ser uma coisa muito prática, explicar basicamente o que é que se vai passar... a um vocabulário... matéria básica e depois, então, tarefas, tarefas, tarefas, corrigir tarefas, mais tarefas... porque senão, eles dispersam-se muito. Têm que estar sempre ocupados. Sempre.

P7: Faz-me lembrar o meu CEF.

P13: Têm que ser ocupados. Sempre.

P7: Faz-me lembrar o meu CEF.

P13: Se tu te pões com muita conversa, aquilo depois começa a descambar. Não dá.

P6: Mas acho que isso, hoje em dia é geral.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Eles são rápidos a fazer. São rápidos.

P1: Pois é, é o que eu ‘tava a dizer...

P8: Aqui há dias numa reunião do Conselho da Comunidade Educativa estavam dois alunos do secundário que falaram disso mesmo e o J. A. ele próprio disse: “Eu não sou um bom exemplo para ninguém, mas ele disse “Ó pá, eu chego a português e há dois, três colegas a trabalhar, o resto estamos todos parece que saímos das obras... cansados, sem motivação nenhuma...” eles próprios assumem.

P6: Eu noto... Dez minutos de explanação é o máximo.

P13: Não se pode... Eles dispersam muito.

P6: Não têm concentração. Eles, não é por mal, não conseguem.

P13: Têm muito pouco poder de concentração.

P7: E depois tem que se pegar na explicação e ir à prática...

Vários interlocutores em simultâneo: É, logo.

P7: ... que é para eles não perderem...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Explicação, a exposição da matéria, realização de exercícios, correção de exercícios, tirar dúvidas. Esses são, penso eu, que são os quatro elementos básicos de uma aula.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Eu estava a dizer que essa experiência da correção tem funcionado com o meu CEF porque naquela turma que eu tenho, dos CEF, eu não consigo tê-los atentos, na parte da exposição... Não há ninguém que consiga acompanhar, ou seja, estar atento mais do que cinco minutos. É mais fácil olhar para a janela e... veem a mosca a passar, veem o pai a passar, veem a tia a passar, é tudo motivo de conversa para estar a expor. Mas depois, eles ficam muito atentos é quando, depois de terem feito a ficha, a parte prática, eles próprios fazem a correção e a cotação, ou seja quando eu lhes dou a cotação. Eles gostam. Gostam. E estão sempre a medir: “Quanto é que eu tirei?” Se a pergunta vale

vinte: “Quanto é que eu tirei?”... “Já tenho nove”, “Já tenho...”. Eles ficam super concentrados.

P6: É!

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Depois outra coisa ainda mais interessante, eu às vezes faço, depois de aprenderem uma série de... de matérias, eu peço-lhes para fazerem exercícios, para criarem exercícios... e depois trocam os exercícios entre si. Eles adoram aquilo.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Do nono para a frente eu experimento e eles adoram aquilo. Querem fazer exercícios difíceis para os outros não conseguirem fazer...

P6: É. É.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P1: Sociologicamente, digamos, isso dá-lhes uma sensação de poder.

P6: Pois. É.

P13: [impercetível - sobreposição de vozes] eles começam a criar exercícios

[impercetível - sobreposição de vozes] foram feitos. Eles fazem...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Faço muito isso; já há alguns anos que faço isso...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P13: Não, quinto e sexto não. Eu faço de oitavo e nono para a frente.

P9: Pois.

P13: Para trás penso que já é um bocado...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P6: Não sei se não seria.

P13: É uma questão de experimentares; é uma questão de experimentar...

P6: Sim, sim!

P13: É uma questão de experimentar.

P6: Porque eles, desde que seja competição...

P7: É assim, dar a ficha, só, e depois nós fazemos a correção... no quadro e com um, já não chega, ou seja, se lhes dermos as cotações das perguntas e eles próprios, ou o colega do lado, corrige e assinala a cotação: “Olha, tiraste...”, cinco exercícios, cada exercício vale cinco, cinco vezes cinco, vinte e cinco. Olha, essa pergunta vale vinte e cinco pontos. E então eles fazem. E depois estão muito atentos, nisso... Estão muito atentos. É a única forma, é através da cotação. E para nós, acaba por nos facilitar um bocadinho, depois, a fase da correção. E chegamos ao fim, temos os pontos todos somados por eles, que eles não enganam, e eu estou a falar dos CEF.

P9: Tens de conhecer a correção, para eles saberem...

P7: Sim, sim, sim, sim.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Quando fazes a ficha, quando fazes a ficha... eles fazem a ficha isoladamente e se é uma ficha um bocado grande, que envolve mais que sete exercícios, fazem um, correção, cotação... E eles só vão saber a cotação da ficha no final.

P9: No final.

P7: Mas é a única forma de eu, de eu os conseguir estar minimamente ali concentrados... porque senão, é o vizinho do lado, é a conversa...

P15: E eles depois é que corrigem o do colega?

P7: Sim.

P15: Trocam.

P7: Sim, trocam. E depois volta outra vez. Por exemplo, imagina que há uma ficha com sete exercícios. Se eu vir que o primeiro leva muito tempo, então, ao fim do primeiro: “Está tudo feito?”, “Tá”, “Então, vamos trocar” e eles trocam. Esta pergunta vale onze pontos, são onze... são onze espaçozinhos, são onze pontos. Eles estão lá, tu dás a correção e eles tumba, certo, tumba, certo, tumba certo...

P15: Fazia isso às vezes...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: ... em Estudo Acompanhado.

P7: “Agora, vamos para o segundo exercício?”, “Vamos”, “Então, vá, voltem outra vez a trocar” e eles fazem cada um o exercício.

P14: E veem a resposta duas vezes...?

P7: Hein?

P14: E veem a resposta duas vezes. A deles e a do outro... É uma boa estratégia.

P9: E a correção, a própria correção.

P14: Pois, a resposta que eles deram e a correção.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Porque se estás tu, só, a corrigir: “Olha, esta é assim”...

P6: A cabeça está na lua.

P9: É. Pois é.

P6: A cabeça vai à lua logo.

P15: E eles gostam.

P7: Gostam.

P15: Eu fazia isso era em Estudo Acompanhado, em Matemática...

P7: Eu só assim é que tenho conseguido, com o CEF...

P15: ... mas era giro. Eles gostavam muito.

P7: Só assim é que consigo manter, mais ou menos, a turma ali... uns vinte minutos, a trinta minutos... ativos.

P1: Uma coisa que eu também noto, mas não sei como é que é nas outras... isto é, pronto não observei mas nesta turma do profissional, e isso eu sinto nos miúdos mais velhos... o ajudar o outro... o ajudar o colega, ser por iniciativa própria, que eu acho giro, porque é assim, os miúdos, eles já estão habituados, eles perguntam-me, é óbvio, eu vou lá ao pé. Mas se eu estou ocupada, eles perguntam uns aos outros, nos mais velhinhos. Neste, no profissional, isso acontece montes de vezes, montes de vezes. Nos outros miúdos é mais difícil. Eu sou capaz de dizer: “Vais lá, ajuda, vê lá se consegues fazer. Agora já vês, tu vais aplicar o que aprendeste”. E há miúdos que até vão e há outros que não querem.

P15: Mas os que não querem, nem gostam.

P1: Mas isso é uma coisa que eu acho que nós tínhamos que...

P6: Batalhar para... trabalharem em equipa.

P15: É como trabalhar em grupo. Aliás...

P10: Nota-se isso no segundo ciclo. Eles vêm muito mal formadinhos a nível de relacionamento com os outros.

P15: É, sim senhora. É horrível.

P10: E tratam mal quem eles não gostam.

P15: É, é...

P10: ... e quem eles não se dão.

P15: ... o trabalhar em grupo...

P10: Nós temos um caso, no 6ºA, por exemplo, tu tens o 6ºA?

P15: Tive o ano passado.

P10: Os miúdos são muito cruéis uns para os outros. Muito maus. E tratam mal os outros.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Ainda aqui há dias, com a D., ‘távamos a falar, é a turma dela, ela zangou-se com duas ou três numa situação que houve e elas foram para a minha aula e ainda iam a reclamar tipo... “Porque é que eu tenho... é a palavra dela contra a minha. Porque é que eu tenho que me dar com ela, se não gosto dela?” Eu disse assim: “Tudo bem, não gosta, não tem que estar todos os dias, nem brincar, nem tudo o mais, mas tem que aceitá-la, ela faz parte da turma”. Eles já não são aquela turma...

P15: Unida.

P1: ... aquele grupo que “ai de quem vier fazer alguma coisa a algum colega da turma”. Não, é quem mais pode lixar o colega do lado.

P15: E nota-se cada vez mais nos que vêm do quinto ano...

P9: Sim, sim, sim.

P10: A esse nível, o respeito pelo próximo, “sé é para mim, tudo bem; é para ti, quero lá saber”... O ajudar, o preocupar-se com um colega qualquer...

P15: Não.

P10: Eu noto isso...

P15: E têm muita dificuldade em trabalharem em grupo.

P10: ... e acho que isso precisa de ser trabalhado.

P15: Precisa. Eu, no outro dia fiz, no apoio ao estudo, uma tarefa, com materiais...

P9: Eu estou a fazer agora também um trabalho de grupo no sétimo e noto, nalguns grupos, não é em todos, mas nalguns grupos noto isso, que não querem trabalhar em grupo.

P15: Querem individual.

P9: ... eu dei apenas oportunidade a uma das turmas de constituir os grupos. Foi uma confusão danada. Nas outras eu disse: “Não, sou eu a escolher e acabou”.

P10: E fazem discriminação. Fazem uma discriminação tal... “Eu não quero ficar com aquela que eu não gosto daquela”, dizem...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Dizem mesmo.

P15: ... dizem na cara. “É uma chata! Não gosto dela! Não quero...”

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: “Professora, eu quero mudar de grupo, eu não quero ficar neste e não-sei-quê”, “Não, ficam. Agora já está, já está, têm que trabalhar”.

P6: Mas muito cuidado, que muitas vezes isso são consequências de *bullying*, que há muito aqui. Eu, ainda há dias, no 8ºB apanhei disso... Gente a fazer... E quem ‘tava a fazer o *bullying* era incitado por outro, que se punha de parte, como se não fosse nada com ele.

P1: Claro, isso é a técnica.

P7: Manipulação.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Mas olha, agora é *bullying*, certo... Eu noto, por exemplo, quando estou na minha aula, mando fazer equipas... Eh pá, há miúdos ali que estão completamente discriminados... E depois aquilo já se torna, portanto, eles já ficam ali...

P9: Já nem tomam a iniciativa, à espera de ver onde é que vão calhar.

P10: Há um ou outro que diz assim: “Eu já sabia. Eu já sabia que não ia ser escolhido”... Eu, depois é a fulana, porque falam, porque já vem rotulada porque tem piolhos. Não tem, mas... pronto. Depois é outra que eles, até para dar as mãos num exercício, fazem assim... Pá, a mim faz-me uma confusão. Eu não acho normal. Tipo, um jogo que tenham que dar as mãos, ‘tás a ver? Há uns que dão perfeitamente, há outros que fazem assim... Pá, isto é muito mau, estamos em sociedade, eles têm que saber viver em sociedade, têm que saber aceitar as pessoas, eles não vivem sozinhos... Apesar de virem já com o reizinho na barriga, porque isso vem de casa, de certeza absoluta... E o que é que eu faço? Eu costumo ser do contra, então, eu... quando eu noto que há ali aqueles elementos x que são discriminados, então, são aqueles que fazem as equipas. Pronto. E há uns que nem querem: “Não, professora, que eu não sei fazer a equipa” e não-sei-quê... “Você sabe. Você vê o que é que eles fazem e escolhe a equipa”. E ficam lá, vão e tal. Mas está lá uma, numa turma, que eles estão sempre assim... quem está ao pé dela, estão sempre assim... quem ‘tá ao pé dela ‘tão sempre assim... Bem, eu acho isto...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P2: Tens que dar luta...

P8: Os alunos das NEEs...

P10: ... Faz-me uma confusão muito grande. Depois... criam-se grupinhos, que é normal, há pessoas que se dão mais umas com as outras, mas aqueles grupinhos, este grupinho só serve para destabilizar e... e fazer mexericos contra um ou outro, que é o mais desgraçado. É disto todos os dias, todos os dias, a gerir este tipo de...

P2: E estás a falar de uma aula que eles antigamente...

P15: E gostavam, pois era...

P2: ... adoravam. Hoje em dia já não...

P10: Exatamente.

P2: Hoje em dia... já não.

P15: Educação Física...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: No terceiro ciclo é com os NEEs mas, mesmo assim, também vejo o contrário. Há dias meti-os a escolher os grupos para fazerem um trabalho prático e, por exemplo, o filho da I., o J., da I. da Educação Física, aceitou, ele próprio...

P10: Mas que não é um miúdo muito dado...

P8: Sim, sim.

P10: ... não é um miúdo que se integra muito. É muito fechado.

P8: Ele aceitou logo. Ele disse: “Eu trabalho com o L.” e o L. é um miúdo que toda a gente põe de parte. Eu depois até disse ao J.: “Olha, gostei bastante da tua atitude” e ele ficou assim...

P10: Depois, há um ou outro que tem mais sensibilidade para ver que há...

P8: Sim, sim. Por isso é que o M. às vezes também o ajuda. Por exemplo, mesmo o P. faltou a uma aula, o M. teve a preocupação de ir a casa do P. explicar-lhe uma matéria que ele tinha faltado. Portanto, há alguns problemas, mas...

P10: Ainda há miúdos, atenção, no meio disto tudo ainda há miúdos...

P8: [impercetível - sobreposição de vozes] algum tempo, portanto, também... é diferente. Mas eu penso que esse 6ºA, para além desse trabalho, a continuar assim, será proposto para uma... talvez...

P10: Não, mas não é só no 6ºA...

P8: Sim, sim. Já é uma coisa que começa a ser...

P10: Mas aquele 6º A acho que é um bocadinho mais problemático.

P15: E os quintos vêm todos...

P10: E tenho uma situação numa turma, aliás, é a mesma turma, tenho uma miúda com cento e vinte e oito quilos...

P15: Ah, a É..

P10: Uma miúda com onze anos...

P13: Manda p'ra o Japão!

P10: E eu estou preocupada... Mando para onde?

P13: Para o Japão, lutadora de sumo.

P10: Ah... A mãe nem sequer para ir ali a uma nutricionista a mãe vai à escola para ser acompanhada.

P13: Cento e vinte e oito quilos?

P10: A miúda em setembro tinha cento e vinte... agora fui pesar, fui fazer controle, para ver como é que ela 'tava, porque ela disse... eu tinha falado com ela, ela disse-me que estava a fazer passeadeira e que estava a fazer caminhadas e eu estava a vê-la a inchar cada vez mais e então fui fazer. Assim que eu disse que ia pesar, começaram logo os mexericos... com a É., com...

P13: Ah, já sei quem é. Ela é irmã de uma miúda do nono ano.

P10: É, a A..

P13: Sim, sim, exatamente.

P10: Não, não... são mal formados, não sabem estar... não sabem respeitar. Há uma aí na turma que chegou ao pé de mim e disse-me assim: “Professora, olhe que o não-sei-quantos está ali a falar da É., porque a professora disse que ia pesar” e eu não ouvi e disse: “Oh I., às vezes, há tanta coisa que a professora tem que fazer, que não ouve”. Ela chega ao pé dele e diz-lhe assim: “Olha, não sei se sabes, aquilo é uma doença, mas eu acho que aqui o doente és tu, da cabeça, que não sabes respeitar”...

[Risos]

P10: Calou logo, pronto. Mas...

P8: Também aconteceu isso no sétimo. Uma miúda que veio agora, julgo que a mãe esteve presa por tráfico de droga... Eu não conhecia. Eu só lembro porque eu, nesse dia, a miúda chega, eu vou sair com o 7 A, fomos ver aqui umas coisas, iam eles todos a falar: “Ei, a mãe ‘teve presa no continente” e houve um miúdo que virou-se e diz: “Eh pá, vocês são do piorio. Eu não conheço a miúda já estou a ficar com uma péssima imagem da miúda sem a conhecer” e eu disse: “Olha, para o sétimo ano, és um aluno já muito esclarecido”.

P10: Mas é isso, é... eles metem-se na conversa. Está um miúdo a dizer-me qualquer coisa, porque não faz a aula por isto ou por aquilo, estão os outros a meterem-se na conversa. Portanto, é...

P8: Há-de ser o reflexo do que se passa em casa.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: Não têm princípios.

P10: [impercetível - sobreposição de vozes] não têm educação, não são sensíveis a... nada lhes... lhes... enfim...

P1: Eu acho que há pequenas coisas que nós podemos...

P10: Eu acho que está a faltar um bocadinho essa parte.

P1: Mas nós temos que intervir nesse aspeto.

P10: Temos...

P1: E há uma coisa que... isso é uma coisa que eu não admito, por exemplo, eu tenho o L., tu sabes, o L. o que é. Neste momento o L., eu tive uma conversa com ele... diferente, percebes? E, neste momento, o L., posso dizer que o L. é o meu melhor aluno dentro da sala... percebes? Portanto, tive que falar também com os colegas e dizer, o facto de ser assim ou de ser assado, aqui as pessoas diferentes são eles, para mim são todos iguais... E é do género, 'tás, não foi com esta turma, foi com outra turma, 'tás, batem-te à porta, diz uma: "Entre"... Levou logo um berro. Ouve, foi mesmo: "Quê? Mas quem és tu aqui para dar ordens? Aqui quem manda entrar sou eu, não és tu". E isto tem que ser feito. Quer a gente queira, quer não, tem que ser feito...

P6: Pois é...

P15: É cansativo, mas tem que ser feito.

P1: ... porque eles acham "eu não fiz nada de mal", "Não fizeste nada de mal?"... Eles não têm.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Têm a mania de responder pelo professor... Têm essa mania...

P10: Eles não fazem nada de mal e habituem-se, desde muito pequeninos, a pedir desculpa facilmente.

P9: Pois é.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P14: Eles pedem desculpa por tudo e por nada.

P9: Ainda no outro dia também lhes disse: “De que é que serve vocês pedirem desculpa se, no momento seguinte, estão a fazer exatamente a mesma coisa?” e vira-se o aluno: “Então, eu não peço mais, professora”... Foi a resposta que eu levei...

P15: Basta o “desculpa”.

P9: “Então não peço mais”.

P15: Pois, mas alguns nem isso pedem.

P9: O que é que eu vou dizer...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Eu queria... pronto, isto é sempre um bocado inevitável a gente cair nisto, mas queria voltar um bocadinho atrás e queria falar um bocadinho da aula e do trabalho que eu fiz com o P8, pronto. É assim, eu fui assistir a uma aula do P8, o P8 foi assistir a uma aula minha, por acaso até foi o P8 que foi primeiro à minha aula. E, para mim, foi uma experiência...

P8: Estás-me a descontar uma aula? Já fui a duas.

P12: Sim, pronto, já foste a duas aulas minhas, mas isso já foi porque tu quiseste, porque o que nós tínhamos previsto era que cada professor assistisse a uma aula e fosse assistido numa aula... Tu, como és muito bom aluno, já foste a duas.

[Risos]

P15: Gostou. [Risos] Gostou.

P12: E é assim, para mim foi uma experiência diferente porque eu, nunca na vida, tinha tido aulas assistidas... Já tinha assistido a aulas, várias vezes, por outras razões, mas... ter alguém dentro da minha aula, a assistir, nunca tinha tido.

P15: Nem do Ensino Especial?

P12: Não. Nunca tive. E... e eu tinha combinado com o P8 ele ir ao 7º C, que é a minha pior turma e que é uma turma onde eu tenho muitas dificuldades porque... porque, de facto, é uma turma muito indisciplinada... e eu tenho muitas dificuldades em trabalhar

com eles. E... e, por exemplo, há bocado estava a ouvir-vos e vocês a dizerem “eles não conseguem ‘tar com atenção mais de cinco ou dez minutos, não se pode...”, mas é assim... grande parte das minhas aulas não são expositivas, são aulas em que os alunos estão a trabalhar e, mesmo nesse tipo de aula, em que, geralmente, os alunos se envolvem e conseguem ‘tar - isto agora nem fica bem dizer, mas pronto, mas é a palavra que me vem – é, estão entretidos e, portanto, eles estão a trabalhar. Normalmente, não... ao longo dos anos, não tenho tido problemas disciplinares nessas situações e nesta turma eles não se envolvem. É assim, se é um trabalho em grupo, é porque é em grupo; se o trabalho é individual e autónomo, é porque “não me apetece”, é porque “tenho mais que fazer”, é porque não-sei-o-quê... E eu andava, de facto – andava e ando, devo dizer – um pouco à nora com aquela turma, porque... ‘tou com muita dificuldade de fazer aquilo que tenho que fazer, que é ensiná-los. E então, tinha pedido ao P8 que fosse lá, porque, pronto, gostava de ter um olho de uma pessoa de fora que me dissesse: “Eh pá, se calhar, se fizeres assim ou se fizeres assado ou se fizeres de outra maneira...”, pronto... E, extraordinário, o P8 vai lá e eles portaram-se... [Risos] oh pá, aquilo parecia uma turma de quadro de honra! [Risos]

P9: Temos que levar o P8 às nossas aulas todas! [Risos]

P12: De tal maneira que eu, ao fim de vinte minutos, eu dizia assim... eu já estava furiosa, assim, “mas o que é que eles estão à espera para se portar mal?” [Risos] Porque eles portaram-se de uma forma completamente diferente e, portanto, acabou por ter, quer dizer, por um lado, claro que foi muito útil porque... depois o P8 chamou-me a atenção para uma série de coisas e foi bom... coisas que eu nunca tinha... algumas... Por exemplo, uma coisa muito óbvia, mas que a mim não me tinha passado pela cabeça... nessa aula eu estive a apresentar um conteúdo e tinha um acetato. Acontece que aquilo era um acetato que eu fiz há dezenas de anos, quando eu dava secundário, e tinha turmas de seis alunos e dava aulas na sala vinte e quatro, que é uma sala mínima. E, portanto, eu fazia acetatos com letra catorze e toda a gente via. E fui com um acetato com letra catorze para a sala oito e, obviamente, quem estava da terceira mesa para trás, não vê, não é? Mas eu nem me tinha passado isso pela cabeça, não é? Portanto, foi bom o P8 ir lá porque chamou-me a atenção para isso e... e, portanto, é uma das coisas que eu quero, obviamente, vou ter que ter mais atenção, é que quando a gente recicla materiais, tem que ter em atenção que, se calhar, às vezes, os materiais que foram bons numa determinada sala, noutra já não funciona. Mas em termos daquilo que eu queria,

que era, efetivamente... pronto, que ele visse a indisciplina e que me ajudasse a encontrar estratégias para gerir essa indisciplina, aquilo acabou por ser um fiasco porque os miúdos portaram-se lindamente e, portanto, não houve indisciplina p'ra ninguém... Depois, quando fui assistir à aula do P8, nós usámos aquela grelha que a P6 nos deu... que é uma grelha completamente em branco, portanto, não tem categorias nenhuma... e eu devo dizer que... eu, por exemplo, eu tenho uma grande dificuldade com aquelas grelhas da Secretaria de Educação, por uma razão, porque há coisas que eu acho que uma pessoa não vê numa aula assistida, quer dizer, eu ainda no outro dia 'tive a ver, porque eu também vou ser avaliada e a minha avaliadora tem feito o favor de me mandar massivamente todos os instrumentos que vai...

P6: Ah! Ah! Ah! Ah!

P12: Não, mas ela está permanentemente e manda tudo o que ela vai utilizar, p'ra eu estar inteirada e pronto. E eu, no outro dia, estava a observar coisas que eu disse: “Eh pá, isto é impossível um avaliador avaliar isto numa aula de noventa minutos, porque, como é que um avaliador avalia as aprendizagens dos miúdos?” É assim, é evidente que eu posso chegar, faço uma exposição de trinta minutos, depois dou um exercício e depois faço a correção do exercício e digo assim: “Ó Manel, olha que bem, tu acertaste, fixe, aprendeste”. Mas a gente sabe que a aprendizagem é uma coisa que vai muito para além disto. Se calhar, o Manel, que naquele dia fez o exercício certo, daí a três semanas já nem se vai lembrar daquilo. E agora, aprendeu ou não aprendeu? Portanto, eu achei bem nós usarmos essas grelhas em branco porque nos, pronto, porque assim o que fazemos é um registo daquilo que vamos achando que é assinalável e não estamos presos a categorias e...

P6: E o que se pode fazer, também, por vezes, é dizer: “Olha, vamos deitar atenção sobre este aspeto”... Escolher o aspeto a observar.

P12: Pronto, exatamente. Mas é isso que eu ia dizer.

P8: Foi isso que eu fui para lá, na aula dela, era para a parte da indisciplina.

P6: Pois...

P12: Mas é isso...

P9: Desculpa só interromper, nós também usámos, penso que é destas tabelas que estás a falar. Usámos estas e depois usámos a da Direção Regional de Educação *a posteriori*.

P12: Para analisar.

P9: Para analisar.

P12: Pronto, exato.

P9: Conseguimos fazer melhor assim, porque, então aí, olhámos para os aspetos, “será que atingimos isso? Será que atingimos aquilo?”

P12: Sim, mas isso pode ser também uma estratégia que...

P9: Sentimo-nos mais confortáveis dessa maneira... porque eu também pensei “levar isto para a aula? Eu não consigo na aula estar aqui a olhar estes itens todos e perceber se a colega está a atingir isto tudo”.

P12: Mas eu ia justamente dizer isso, que é assim, estas grelhas para mim são excelentes, porque eu acho que nós vamos apontando os incidentes, aquilo que achamos que é relevante e vamos apontando e depois, no fim, pronto, quando eu depois assisti à aula do P8 apontei uma série de coisas e depois conversámos sobre isso. Aliás, quando ele assistiu à minha aula, dois dias depois, ele enviou-me a grelha toda com as observações dele e depois conversámos sobre isso. E quando foi o inverso, também usámos a mesma estratégia... e pronto. E ele, entretanto, já foi, depois, assistir a uma outra aula, porque foi assistir a uma aula em que os miúdos estiveram a apresentar projetos, porque ele queria assistir a uma aula dessas e também já falámos sobre essa aula. Mas é assim, o que eu sinto e o que eu senti quando eu fui para dentro da aula do P8, é que é assim, pronto, eu venho aqui observar o P8, mas é assim, isto tem que ser uma observação que tem que ter algum foco, porque assim é que nós podemos ajudar os outros a melhorar e também é assim que nós melhoramos. E, nesse aspeto - não sei se vocês sentiram a mesma coisa - pronto, eu observei, registei tudo o que achei que devia registar... mas, realmente, acho que foi uma observação muito...

P13: Geral.

P12: ... muito genérica e que, se calhar, em próximas observações... E, por exemplo, como também ando a ler sobre estas coisas, depois, de vez em quando... como diz o F. [PCE], sonho de noite que é para dizer de dia... [Risos] Tu uma vez também me disseste isso.

P9: Disse?

P12: Disseste. [Risos] Olha, sabes quando? Quando eu te fui convidar, ainda não era para ser assim, mas quando eu te fui convidar, depois da ação de formação do Alexandre Ventura, que eu disse que achava que era engraçado organizarmos um grupo e tal e não-sei-quê para fazermos supervisão interpares e tu assim: “Eh pá, tu sonhas de noite...”.

P9: Não me lembrava nada de ter dito isso. [Risos]

P12: Uma das coisas que...

P9: Mas eu, de facto, às vezes, também uso esse...

P12: Uma das coisas que eu no outro dia li e que me fez muito sentido, é que, normalmente, quando se vai observar aulas, vai-se observar professores e que, se calhar, se devia, em vez de observar professores, observar os alunos. E dizia o autor que eu estava a ler, e a mim faz-me todo o sentido, que realmente... a maneira de eu ver se os alunos ‘tão efetivamente a trabalhar, envolvidos, etc., por aí fora, não é estar a observar o P8, porque o P8 ‘tá a fazer, ‘tá a dar a aula dele, mas... eu só posso perceber se os alunos ‘tão realmente envolvidos no trabalho, por exemplo, o P7 pode observar isso na aula da P6.

P7: Eu, por acaso, foi isso que eu quis e foi isso que falámos inicialmente... como é que a gente consegue pôr aquela gente a trabalhar? E aí, o engraçado é que eu cingi-me naquilo, ou seja... claro que foi fácil o D. como estava a trabalhar, mas ela já me tinha posto ao corrente, é um aluno que não faz nada. Para mim não me interessou, só dei uma palavrinha ao D. no final “Oh pá, estás aqui a perder tempo, estás a ser estúpido não estás?” Porque ele vem às aulas “Então não fazes nada porquê?” Mas a P6, eu sei que eu não estava ali a dizer, o que a P6 fez em relação ao D., eu também faria, não sei pôr essa gente a trabalhar de outra forma.

P12: Pois, exatamente. A grande questão é essa.

P7: A mim não me estava a interessar o D., estava-me a interessar era os outros e os outros estavam a fazer o trabalho, porque... o que eu gostei da P6 foi ela ter tido já uma conversa prévia com eles, em que tinha estipulado um calendário com a qualificação dos trabalhos a fazer... E eles estavam a fazer.

P12: Pronto, mas é isso que eu ia dizer. Por exemplo, achei interessante porque o P7, exatamente, quando falou da sua experiência, falou disso, que observou os alunos. E eu

penso, por exemplo, no meu caso concreto, que, se calhar, da próxima vez... se calhar vou-me focar mais em observar os alunos do que propriamente observar o professor, porque é assim, o professor, de facto, interessa observar se eu for ali para avaliar se o professor é muito competente cientificamente ou... Mas como não é esse o foco do nosso trabalho, o foco do nosso trabalho é, através destas observações... melhorarmos a nossa forma de ensinar e de ajudar os miúdos a aprender, para mim, penso que, se calhar, numa próxima observação, vai-me fazer mais sentido focar-me nos alunos, com certeza não será em todos, porque é impossível a gente estar a observar vinte miúdos em simultâneo, mas focar-me pelo menos nalguns e tentar perceber de que forma é que os miúdos... E também acho que, se calhar, quando for observada, gostava que o colega fizesse isso também, porque acho que é uma boa forma de... é assim, nós estamos à frente da turma e temos a perceção clara, obviamente, dos que estão com atenção e dos que não estão e dos que fazem as tarefas e dos que não fazem, mas acho que ter uma... uma pessoa que nos dê depois um *feedback*...

P15: Eu tenho tido agora com a P11....

P12: Tu tens isso porque tu trabalhas em par pedagógico...

P15: ... porque ela, como estive agora com o problema da garganta, nós comentamos muito isso, que eu tinha que falar e o que é que ela fazia? Ia aos alunos, àqueles que tinham mais dificuldade, que nós sabemos quais era, pontualmente, e ela esclarecia. E era o que ela me dizia, muitas das vezes, quando nós, quando os miúdos saíam ela dizia-me: “Olha, realmente isto era o ideal”, dar em par uma aula, porque eu estou no quadro, não é? A fazer, a explicar uma coisa, eu estou de costas, eu não estou a ver qual é o aluno que está atento, nem o que não está atento, nem o que é que está a fazer, se está na brincadeira. Enquanto que ela, quando ‘tava atrás, conseguia ver quais eram os que tinham ‘tado atentos e os que percebiam e os que não percebiam quando eu estava a explicar. E ela chamava-me à atenção. E é isso, é mesmo... nós não nos apercebermos quando estamos a explicar, principalmente, por exemplo, eu, quando estou a explicar um exercício, eu pergunto: “Perceberam?”, se eles não me dizem nada, eu avanço, não é? Enquanto que ela, se ‘tivesse ali ao lado do miúdo, e ele ‘tivesse a fazer o exercício depois da explicação teórica, a aplicação do exercício, ele não percebia nada e ela dizia-me: “Olha, eles não perceberam nada. Fulana tal e tal e tal não perceberam nada do que tu explicaste”...

P12: E, portanto, voltando só aqui, eu acho que, se calhar, da próxima vez... pronto, eu desta vez queria que ele me visse... que visse a questão da indisciplina, mas já percebi que não vale a pena, porque os miúdos, quando têm alguém dentro da sala, eles mudam.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: São mesmo safados. Até nisso são safados.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Mas pronto, mas acho que é... acho que é uma... porque acho que... é importante nós também começarmos a ter algum foco nas nossas observações, porque essa é que é a forma que nós temos de melhorar a nossa prática. E penso que, pelo menos, quando eu for... observada, se calhar gostava que... que os colegas se focassem um bocadinho mais nesse... nesse lado, que é, efetivamente, perceber, não é tanto se eu escrevi o sumário com umas letras bonitas, ou se chamei um aluno ao quadro para escrever, ou se escrevi não-sei-como, mas é mais... perceber se os alunos se envolvem no trabalho, também que situações é que eu crio que permitem que os alunos se envolvam porque, às vezes, a gente muitas vezes também diz assim: “Ah, porque eles não se envolvem”, mas é um bocadinho como diz o P7, mas é difícil um miúdo envolver-se se eu estiver cinquenta minutos a debitar discurso, porque... nem eu, que tenho cinquenta anos, às vezes tenho paciência para ouvir um discurso de cinquenta minutos, muito menos um miúdo de treze ou catorze. Mas pronto, usámos as grelhas em branco... Acho interessante, agora que falaste disso, P9, acho que, por exemplo, essas grelhas da Secretaria podem ser depois interessantes para ser aplicadas *a posteriori* e aí, então, de facto...

P9: Nós sentimo-nos mais confortáveis a fazer assim.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Exato. Exato.

P7: [segmento impercetível] fizemos essa parte da... comentámos as aulas posteriormente à observação de cada um. Comentámos [segmento impercetível] Mas, por acaso, não trocámos...

P9: Mas também só fizemos agora. Observámos no período anterior e só agora que reunimos...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Mas nós também não...

P7: A P6 ‘tá aqui a conhecer aqui a minha versão daquilo que...

P12: Sim. Não, mas nós, por exemplo, nós não... nós também não... não ‘tivemos a analisar as aulas um do outro com recurso a grelhas. Não, nós limitámo-nos a... pronto, a... a conversar sobre aquilo que observámos.

P7: Eu acho... eu acho... Eu vou reforçar um bocado essa ideia de que o importante, às vezes, é nós aprendermos com quem lá está e mesmo... antes de ter tido a experiência com a P6 já este ano tinha sido observada uma aula minha... e precisamente até nos CEF, no primeiro CEF Bar pela colega L. [PSOE] [segmento impercetível], porque ela estava... estamos a tentar ver se eles conseguem desenvolver algumas competências sociais e então, ela, no início, antes de começar, delinear o que é que ia fazer, foi fazer um levantamento. Para isso, perguntou-nos se podia assistir às aulas e foi correndo, não todos os professores do conselho de turma, mas quem estava disponível e quem quis e com quem ela tinha vagar para fazer as observações. E então, tinha estado numa aula minha em que, pronto, aquilo foi uma coboiada às vezes pegada, não é? [segmento impercetível] funcionou, mas... o *feedback* que ela depois me vai dar é muito mais... proveitoso, para mim, do que estar-me ali a apontar: “Olha... eles não perceberam nada daquilo”... [segmento impercetível] o erro é meu ou o erro é deles, não é? Onde é que eu posso... onde posso agir. Portanto, eu acho que essa parte de as pessoas irem observar as aulas e identificarem o porquê daquele aluno não estar a aprender, não estar a... acho que é mais proveitoso do que estarmos a apontar aqui o erro um ao outro.

P12: Não, até porque a ideia também não é apontarmos erros uns aos outros...

P7: O que eu estava a dizer...

P12: Sim.

P7: ... por exemplo, o que eu estava a dizer da... do facto da P6, naquele caso do D., não é?... Que não quer fazer nada, eu... eu não sei que fazer, que faria [segmento impercetível].

P12: Ó P7, mas sabe que eu também, eu tive há três anos... há três não, eu tive há dois anos o mesmo problema com um aluno assim, do oitavo ano, que para mim foi um drama tremendo e que chegou uma altura que eu fiz uma coisa que hoje também já não faria... aliás, acho que ainda no outro dia falei isso com o P8, chegou uma altura em que

a única coisa que eu queria é que ele estivesse na aula sem prejudicar o trabalho dos outros.

P7: Exatamente...

P12: Eu deixava-o jogar computador, deixava ouvir música com os fones, deixava fazer o que ele quisesse, desde que ele estivesse sossegadinho no lugar dele... porque é assim, foi um aluno que não houve estratégia nenhuma que resultasse. Nenhuma, nenhuma, nenhuma. Mas hoje também tenho um aluno semelhante, que é o L., mas aí já não sou tão permissiva, porque eu acho que é assim, eu acho que, depois, quando a gente permite isto, abre a porta a que... de repente tenho dez a fazer a mesma coisa, não é?

P15: Pois é...

P7: Pois é.

P15: Pois é, e por que é que tem um tratamento especial, esse.

P12: E portanto, eu agora é assim... há coisas mínimas que eu exijo...

P10: Isso é num quinto, P12?

P12: Não, é sétimo... Há coisas mínimas que eu exijo. Pronto, mas é isso. [impercetível - sobreposição de vozes]

P6: Mas num décimo primeiro, ele daqui a um bocado tem exame...

P7: Mas estamos a falar de situações diferentes.

P12: É isso, estamos a falar de alunos... uma coisa é um sétimo, outra coisa é um décimo primeiro. [impercetível - sobreposição de vozes] Claro. Claro.

P7: Mas estamos a falar de situações diferentes. Era o que eu há bocado dizia ao P8, enquanto na escolaridade obrigatória, até ao terceiro ciclo nós temos que [impercetível - sobreposição de vozes] e não abdicar disso. Ou seja...

P12: Claro!... Claro!

P7: Ou seja, insistir e não deixar passar em branco. Obrigá-los a fazer nem que seja... eu acho que é diferente do que a escolaridade lá em cima.

P12: Pois, eu também acho isso, P7.

P7: Porque a escolaridade lá em cima é responsabilizá-los um bocado mais, porque ele está confortável com o sete e com o oito que a P6 lhe deu. A única arma que ela tem neste momento, e que eu teria no lugar dela, é a avaliação. Ele está confortável com o sete e com o oito.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Mas é isso, mas eu também acho que há situações que são quase ingeríveis e não vale a pena e às vezes quando oiço, às vezes quando leio certas coisas, digo assim, eu acho que há pessoas que nunca passaram por uma sala de aula ou pelo menos nunca se confrontaram com determinado tipo de situações. [impercetível - sobreposição de vozes] Exatamente... porque é assim... [impercetível - sobreposição de vozes] Não, ó P7, eu digo isto porque é assim, eu, durante muito... eu, por exemplo, as pessoas sabem que eu trabalho com o modelo pedagógico do MEM e durante muito tempo eu achava que aquilo era um modelo que, pá, os miúdos... melhor ou pior, aderiam, mas trabalhavam, não havia indisciplina, não havia isto, não havia aquilo. E agora, eu chego à conclusão que não é bem assim... porque há, de facto, situações em que não há estratégia nenhuma...

P7: Exatamente.

P12: ... porque depois, o nível de... de... de desinvestimento dos miúdos é de uma tal maneira, que não há estratégia nenhuma que os motive, quer dizer... nem ‘tarem a fazer um projeto sobre um tema que foram eles que escolheram... nada. Porque às vezes eles até se recusam a escolher, porque é assim: “Ah, eu não quero fazer projeto nenhum”, “Ó homem, mas...”. Portanto, há situações que são...

P7: Eu partilho um bocado dessa ideia. Já falei até, inclusive, com a L. [PSOE], porque muitas vezes a Psicologia vem com a ideia que nós é que estamos mal, que não fazemos ou que não fazemos bem ou não-sei-quê e eu gostava que eles experimentassem e sentissem na pele a dificuldade...

P15: Pois é. É mesmo.

P7: [impercetível - sobreposição de vozes] ... de lidar com alguns, ou seja, fazer aquela relação [segmento impercetível] é muito difícil.

P8: Há alunos que, às vezes, a psicóloga vai a conselho de turma e diz: “Ah, o aluno [impercetível - sobreposição de vozes]

P7: O projeto que ela está a montar, o projeto que ela está a montar foi baseado com eles, foi criado com eles, as recompensas são feitas em função deles e, neste momento, acho que nem três ou quatro... não têm a primeira recompensa. Portanto, o projeto é mais ou menos isto: eles têm um contrato que é... cinco ou seis regras de cumprimento das normas, falar baixo, cumprir com as tarefas que o professor manda e não-sei-quê e depois, no final, nós damos uma pontuaçãozinha. Todos os professores fazemos isso, em todas as aulas. Há uma capa que circula por um aluno responsável, em que nós vamos... Eles atingem um determinado valor? Têm a recompensa que eles próprios decidiram. Acho que a primeira recompensa é visitar a torre de controlo no aeroporto... Acho que nem três alunos...

[Risos]

P12: Pois, é porque, eu acho que é isso, é que nós hoje confrontamo-nos com...

P7: Mesmo da parte da Psicologia é bom. É bom que a Psicologia saiba que não é só... Eu já dizia isto muitas vezes, às vezes [impercetível - sobreposição de vozes]

P1: Que eles são crianças, nós é que somos os adultos e...

P7: Não, nós é que somos os adultos e não fazemos tudo, ou seja, não os entendemos. Eu já cheguei a determinado ponto em que eu... Ó pá, que é isto? Não dá...

P12: Não, eu acho que nós hoje confrontamo-nos com miúdos com comportamentos que são completamente diferentes daquilo que...

P1: Completamente.

P12: ... que era o normal e, de facto, há coisas que eram verdade há uns tempos atrás ou que são verdade para um determinado tipo de pessoas, mas que começa a haver muitas pessoas que saem fora desse... desse padrão.

P9: Eu noto um bocado isso porque parei de dar aulas durante treze anos e tive sétimos e oitavos... antes de ter parado e... não tem comparação, o comportamento. Nada... Treze anos. Agora já é catorze, eu tenho sempre a mania dos treze porque, pronto. Mas... nessa altura ainda havia Área-Escola, depois deixou de haver... e eu desenvolvi um projeto com alunos de... do sétimo ano... que foi excelente, resultou... Pus eles a escolherem o tema... eu, na altura, era diretora de turma deles... por isso é que fui eu, também, a desenvolver o projeto com eles. Metade queria ambiente, metade queria... aviação e não-sei-quê. Então, arranjei um batismo de voo, com a Força Aérea, e pronto,

disse-lhes que eles iam, se eles trabalhassem a parte de ambiente, porque alguns queriam, pronto, como eu tenho alguma facilidade com a parte da praia e das dunas, pus eles a... fizemos uma limpeza da praia e depois andámos lá e não-sei-quê. Resultou muito bem. Pintaram t-shirts para irem, para o dia que foram fazer a limpeza da praia, cada um pintou a sua t-shirt. Arranjámos mesmo... pronto, aquelas tintas que dá p'ra fazer. Trouxeram uma t-shirt de casa, pintaram a t-shirt, cada um levou a sua t-shirt para a praia, no dia da limpeza, apelando à proteção do ambiente e tudo mais. E depois organizámos o batismo de voo e aquilo correu... Ah, e ainda fizeram cartazes para expor, depois, com o que tinham recolhido, com... Resultou lindamente, mas porquê? Porque foram alunos que se empenharam. Eu, hoje em dia, eu não conseguia, acho que não conseguia fazer um projeto desses com nenhuma das turmas de sétimo ano que tenho.

P15: Mas nem para eles...

P9: Nenhuma delas. Eu estou agora a fazer um trabalho de grupo e aquilo... é um pandemónio.

P15: Então, os finalistas, não vamos mais longe, os finalistas deviam trabalhar para eles, não querem... Ainda hoje estive a falar com o padrinho...

P12: Queria só pôr uma... questão, que é assim... se há mais alguma coisa sobre esta experiência. O P8 ainda não falou, se calhar quer partilhar alguma coisa, não sei.

P8: Aquilo que a P12 disse vai de encontro ao que o Alexandre Ventura falou... que foi aquilo que eu, na altura, coloquei ao... ao Dr. Alexandre Ventura, que foi... eu não sabia se quando for observar alguém, mas estando mesmo a fazer uma avaliação, não sabia se conseguiria distinguir o professor do desempenho do professor... E aqui acho que é importante essa questão, que foi chamada à atenção, que é observar mais os alunos e menos o professor, porque isso aí, depois temos uma noção mais ou menos. Por exemplo, foi interessante a P12... questionou-me se me tinha passado ao lado, se não tinha-se apercebido, eu nunca registo o sumário. Nunca. E os meus alunos já sabem. E a P12 questionou e eu disse: “Não, não, eu não registei mesmo” e a P12 disse que era importante e ‘tivemos a ver e chegámos à mesma conclusão, que era importante, até para a orientação dos alunos e tudo isso. Eu disse: “Olha, eu até vou questionar os alunos” e, curiosamente, questionei as três turmas do oitavo e eles dizem que não, que não é importante, que...

P15: Olha, é menos trabalho para eles.

P9: É menos trabalho [impercetível - sobreposição de vozes]

P8: “Não, o professor dá-nos os objetivos para o teste e, pelo título, é só ir ao caderno e procurar” e eu disse: “Está bem, mas foi uma sugestão da professora, não acham que devemos mudar?”, “Não, deixe ficar assim”... É um pouco... *p’ra frentex*.

P9: Eu também só [segmento impercetível] a partir do secundário. No secundário acho que eles já são...

P8: Eu já não dou.

P9: Eu também não.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: Uma das sensações que eu tinha em termos... Uma das sensações que eu tinha, em termos de aula, eu centro a aula muito na minha pessoa, portanto, eu falo, falo, falo, falo, os alunos vão ouvindo, vão participando, não-sei-quantos. Depois da análise da P12, cheguei à conclusão que não é bem assim. Houve ali uma parte que eu concordo claramente, demorei, fiz uma... foi feito uma revisão da aula anterior, porque foram afixadas duas pirâmides no quadro e aí demorámos... a revisão foi muito prolongada, foi quase meia hora. Era uma aula de noventa minutos. Depois, em termos de contexto de aula, eu, por exemplo, eu começo-me a rir quando vou para reuniões que as pessoas dizem: “Ah, tal aluno não vê. Tal aluno cheira mal”. Eu nunca me apercebo de nada disso. Eu estou sempre lá à frente e vou dando e vou não-sei-quantos e raramente estou ao pé dos alunos... Mas, de uma forma geral, gostei da parte da experiência e quis ir numa segunda parte, porque na primeira foi a P12 a trabalhar em conjunto com os alunos, nesta segunda os alunos, como apresentavam, eu gostava... gostei... que era para ver os comportamentos e... e a forma como os alunos apresentavam os trabalhos, porque eram alunos de sétimo ano... E, claramente, nesta aula de apresentação, houve mais intervenções da P12, talvez três ou quatro vezes mais intervenções da P12, no sentido, principalmente postura corporal... Porque uma coisa é quando o professor está a dar a aula, está à frente, está a controlar os alunos; outra coisa é quando estão quatro alunos a dar a aula, os outros já estão numa posição completamente...

P9: É verdade.

P8: ... diferente. E portanto, a P12... penso que há uns dez ou doze registos: “N., olha a tua postura”, e então eles punham-se... Há muito mais intervenções nesse sentido do que na primeira aula, em que foi a P12 a dar a aula e com estratégias diferentes... Mas concordo com isto de mais importante, eu, por exemplo, já tive aulas, até, que foram filmadas... naquele, agora vim a saber, quando foi o Alexandre Ventura, questioneei-o... era uma colega que estava a fazer um estudo, também, para a Universidade do Algarve, e solicitou se podia gravar e eu disse: “Da minha parte sim, desde que a escola autorizasse” e a escola autorizou, mas eu nem sabia qual era o... qual era o objetivo dela. Vim a saber, posteriormente, que o objetivo era ver o tipo... o tipo de relação e de interação entre o professor e os alunos. Então, o Doutor Alexandre Ventura disse que isso não deveria ter acontecido. Ela devia, previamente...

P1: Tens de saber o que é que vai ser observado.

P8: ... o que é que está a ser observado. A única coisa que eu disse aos alunos foi: “A aula vai ser observada, tenham um comportamento normal e estejam na boa”. E ele diz eu não, que eu deveria ter conhecimento... do tema, para ver...

P10: Pois, mas se calhar se tu tivesses tido conhecimento... na verdade, realmente, se calhar, já não era...

P13: Não era genuíno.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Não era tão genuíno.

P1: Já agora, o que é que achas, P12? Porque eu acho eu isso é importante. Eu concordo com aquilo que ele está a dizer...

P8: Só um segundo, eu concordo com aquilo que a P10 está a dizer, inclusive há uma situação engraçada na minha aula, porque eu, quando estou a dar aula, ouço muito palavreado, normal, daquele do... dia a dia e eu digo: “Eh pá, estão a ver aquele gajo usar isto...”. Daí a pouco faço uma questão e há um aluno que pede para responder, eu digo: “Sim, responde” e ele usa o termo gajo e eu... “Desculpa, não percebi” e ele: “O gajo e não-sei-quantos” e eu disse: “Continuo a não perceber” e ele apercebeu-se que eu estava a tentar corrigir e corrige o termo gajo e eu estava à espera, e acho que se a P12 não estivesse na aula, ia haver alguém, principalmente a D. que ia dizer: “Professor, mas o professor também disse gajo”.

P10: Ah, exato. Era isso que eu te ia dizer, não houve logo alguém [segmento impercetível]

P8: Há um condicionamento. Eu também acho que há um condicionamento e foi engraçado que o... nenhum deles chamou à atenção pelo facto de eu ter usado o mesmo termo.

P7: Estás com sorte. Estás com sorte.

[Risos]

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: Na formação lembras-te P12? Fizemos muito isso: filmar p'ra emendar as nossas posturas.

P12: Fizeram?

P15: Não te lembras?

P12: Ah naquela formação do NOW que fazíamos as autoscópias.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Se eu vou ligar a todas as asneiras que eles dizem...

P15: Fazíamos muito isso.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: Quase toda a turma veio depois, posteriormente, querer saber o que é que a professora P12 foi fazer à minha aula, porque eles achavam que eles é que estavam a ser observados, ou seja, por que é que nós esta teve que vir agora e eu disse: “Não, nós criámos aí um grupo, agora, para... vamos observar aulas de outros colegas e trocamos informações no sentido de melhorar o nosso desempenho”...

P13: Eles não me perguntaram [impercetível - sobreposição de vozes]

P15: Olha, os meus também nunca me perguntaram.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: É engraçado que os meus também não perguntaram.

P9: Aliás tu falaste com eles, também já os conhecias [Risos] começaste logo a meter-te com eles.

P7: Eu tive que dizer que ia lá porque são aqueles alunos vem agora uma professora aqui...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Pois, exatamente.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: [impercetível - sobreposição de vozes] avisar que vêm, porque eles já vão mudar o comportamento. A atitude...

P12: Mas é assim, olhem, eu avisar não avisei e os miúdos também não perguntaram, mas acho que é assim, mas a mudança de atitude eu acho que tanto acontece com ou sem aviso. Por exemplo, no meu caso, os miúdos... foi uma mudança radical... [impercetível - sobreposição de vozes] por acaso, na última aula portaram-se, que foi ontem, até cheguei a casa e comentei com o F. [PCE]: “Eles ontem portaram-se tão bem, tão bem”, era uma aula de estudo autónomo, que é uma aula que, às vezes, eles até fazem um bocado de barulho, falam uns com os outros e não-sei-quê, mas eles ontem portaram-se lindamente e estavam lá sozinhos comigo, mas habitualmente é uma turma indisciplinada. E, curiosamente, por exemplo, no dia que o P8 foi assistir à apresentação dos projetos, também já não se portaram tão bem, tanto que tu próprio disseste que eu me fartei de chamar à atenção para determinadas coisas... Que é assim, eu acho que os miúdos, nós temos mais... eu não sei se não nos perturba mais a nós ter uma pessoa estranha dentro da aula, do que aos miúdos. Aos miúdos aquilo pode fazer alguma diferença, cinco/dez minutos...

P9: Mas eu notei isso, P12...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: [impercetível - sobreposição de vozes] eles não vão sentir nada, porque eles estão habituados a estar num espaço...

P12: A estar num espaço enorme, exato.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Eu notei isso no 7ºA, porque inicialmente a F.... de Educação Especial não estava a ir à... mas a turma está dividida, não estava a ir e depois começou a ir. A partir do

momento em que ela começou a ir, eles começaram-se a portar melhor... E eu dou melhor a metade da turma em que ela está, do que a outra metade em que ela não está.

P12: Pois, às vezes... isto não há...

P9: E até rende mais aula sempre...

P12: ... não há regras, de facto.

P9: ... depois tenho que andar sempre... a inventar um bocadinho com eles porque já sei que no outro não me vai render tanto, porque eles...

P15: Porque ela apoia...

P9: Pois, está a apoiar pelo menos ali dois que... pronto... Mas também me aconteceu isso, o facto de ter mais uma pessoa, outra professora lá dentro, melhorou um bocadinho [impercetível - sobreposição de vozes]

P1: Eles perguntaram alguma coisa, P13?

P13: Diz?

P1: Eles perguntaram-te alguma coisa?

P13: Estava agora a dizer aqui à P12 e ao grupo, ninguém me perguntou... [impercetível - sobreposição de vozes]

P1: O P13 disse: “Olhem, nós vamos ter uma convidada hoje” e eu entrei e fui-me sentar... Como eu sou professora deles também, não devem ter...

P9: Mas também foi só o que a P15 disse, disse que ia ter uma, ia ter uma professora a observar, que era eu, e eles...

P13: Eu disse que ia ter uma convidada, uma coisa assim mais... agradável.

P12: Olha, eu, não sei se alguém ainda tem mais alguma coisa que queira partilhar, senão eu sugeria que passássemos para a organização da próxima... para fazermos um intervalinho, porque eu acho que isto já vai um bocadinho adiantado.

P9: Sim, sim.

P10: São seis e meia.

P12: Pronto... Então é assim... querem manter este sistema de fazer pares e um assiste ao outro ou acham, por exemplo, fazer... sei lá, ela vai assistir à minha, eu assisto à

dela, ela assiste a outra, como é que preferem? Como é que acham que é mais útil, também se calhar mais fácil de gerir?

P13: É igual.

P12: Mais fácil de gerir...

P15: Para mim também é-me indiferente.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Pois, pode haver incompatibilidade de horários... não é? Pode haver incompatibilidade de horários.

P12: Pronto, eu acho é que é isso, é que agora o que temos que combinar é em função dos horários, ver os horários. Eu, por exemplo, eu tenho a sexta-feira toda livre...

P13: Que sorte.

P7: Eu tenho a quinta.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Portanto...

P14: Eu tenho muito espaço livre, por isso...

P12: E tenho as tardes também todas livres, exceto à quarta feira, que de quinze em quinze dias tenho reunião do EFA, mas a reunião do EFA também já é às cinco e dez, portanto, penso que a essa hora ninguém tem aulas. Portanto, eu... posso ser assistida por qualquer pessoa que tenha disponibilidade de manhã, porque as minhas manhãs é que estão ocupadas. Posso assistir... posso assistir a qualquer pessoa...

P14: Eu tenho as minhas muito livres, por isso eu posso ir a qualquer pessoa... tenho mais... também tenho algumas manhãs, mas tenho mais concentrado, sala de estudo... tenho o horário mais concentrado na parte da tarde... por isso eu não vou ter problemas em arranjar horário para ver qualquer um.

P13: Eu tenho a quinta de manhã livre.

P14: A mim é que podem...

P12: Tens o quê?

P13: Quinta-feira de manhã livre...

P8: Segunda feira de manhã...

P15: O meu horário é muito preenchido.

P14: Segunda de manhã só tenho décimo segundo... das oito às dez. Não tenho mais nada.

P8: Já não vou a uma aula de secundário há muito tempo. Tu tens nonos, não tens?

P14: Tenho.

P8: Havemos de combinar.

P14: Tenho nono, tenho 9ºB à sexta de manhã...

P12: Também não, pronto, também não sei se querem fazer com...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P1: Era giro pela mesma turma. Eu achava giro... que acham?

P12: Pois, era isso que eu ia dizer. Alguém aqui fez observação [impercetível - sobreposição de vozes] Mas o problema é que há pessoas aqui que não têm turmas coincidentes. Por exemplo...

P1: Mas quem tivesse...

P12: ... a P10 não tem turmas aqui, aí, só se fosse com a P15...

P15: Só se for comigo.

P12: ... ou com a P11...

P15: Tens quinto?

P10: Só tenho sextos.

P12: Pois...

P15: Eu tenho o 6ºC.

P12: Eu tenho um quinto, mas... Não sei se...

P9: Podíamos fazer essa experiência, pela mesma turma...

P12: Mas isso não é...

P9: ... resultou bem com a P14

P12: ... não é exequível com [impercetível - sobreposição de vozes]

P14: Resultou bem porque ele conhecia os alunos.

P12: Pois, mas é assim, mas isso não é... isso não é exequível com muitas pessoas.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: No meu caso eu tenho muitas turmas que coincidem com as tuas...

P14: Mas foi por... porque calhou.

P9: ... e tenho uma turma que coincide com a P14 e tenho... e o P13, acho que temos quase as mesmas turmas.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Podemos combinar, posso ficar com o P13.

P12: Olha, a P1 diz que gostava de ver uma aula da P6. Não sei se querem...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Vocês vão ficar os dois, é isso?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P9: Queres o décimo primeiro ou...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Quando é P7? É a que horas?

P7: É às dez e dez.

P12: Terças às dez, eu posso, porque eu à terça às dez tenho furo. Eu tenho um furo das dez... esses noventa minutos, das dez e dez, eu tenho furo. [impercetível - sobreposição de vozes] Então, eu posso ficar com o P7.

P7: Está bem.

P12: Depois, o P7... vê no meu horário o que é que lhe dá mais jeito... O P7 tem a quinta-feira livre, não é?

P7: Ou a segunda de manhã.

P12: Então, pode vir à segunda de manhã, pode ir à quinta, é como quiser. Se calhar... se calhar a segunda de manhã é capaz de ser... Segunda de manhã... estou a pensar... à segunda não tenho... mas depois vemos isso, porque eu acho que bloco de noventa só tenho à... quinta... à quarta...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: Dois blocos de noventa...

P9: O Carnaval...

P8: ... entro às dez e dez e saio à uma e vinte.

P9: Aqui não vai dar, vai ter que ser nesta semana. Pronto, dia 24, já fica combinado!

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Na terça-feira, não é? Dez e dez.

P12: Sim, eu às dez e dez estou, eu estou livre das dez e dez à...

P7: É a hora que eu tenho...

P12: ...esse segundo bloco estou livre. Então pronto... e é uma turma de CEF.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Depois também temos a P11, que não 'tá cá hoje, mas... mas também se... isso depois a gente também...

P9: Já combinámos, eu e o P13.

P12: Tu e o P13... ok.

P13: Eu e a P9. Na mesma turma, no mesmo dia...

P9: Pois, por acaso calha bem porque ele dá os primeiros quarenta e cinco minutos, eu dou os segundos quarenta e cinco e assim fazemos noventa minutos.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Vocês... 'tás com o P8... 'tás com o P8, portanto, ainda temos... o P4... que ainda não tem...

P15: Pode ficar comigo.

P12: Pode ficar... e depois...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: Tens aí o teu horário P15?

P15: Não tenho... mas eu sei de cor e é muito fácil. Tenho todas as manhãs aulas e todas as tardes aulas. Ah! Ah! Ah! É horrível, o meu horário... À quarta-feira, quando

eu não vou à formação, é que eu não tenho aulas, nem de manhã, nem de tarde.
[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: Vais todas as semanas?

P15: Não, vou de... só duas vezes por semana. [impercetível - sobreposição de vozes]
Sim, vou. Esta quarta vou, mas depois já não vou mais.

P4: A quarta é o meu dia livre.

P15: Ah, então não.

P4: Mas venho cá.

P15: Não, mas não vale a pena porque eu também não tenho aulas.
[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: Sim, mas na próxima quarta terás?...

P15: Não, não. Também é livre para ir à formação.
[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Ah, o P8... Então... pronto...
[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: Pois, ela tem um horário muito complicado...

P15: É, o meu horário é muito complicado...

P12: Pois, eu por acaso gostava de ir a uma aula de Educação Física...

P15: [impercetível - sobreposição de vozes] Só à quinta-feira é que tenho os dois primeiros tempos e depois não tenho mais. Mas depois tenho as tardes todas aulas.

P12: ... porque é uma área completamente diferente da minha.

P4: Aí tenho o FPS, acho que não vale a pena ires a uma aula de FPS...

P15: Não!

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Tenho que ver em termos de horário...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: 'Tá bem.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: É muito preenchido, o meu horário.

P4: se calhar vou aceitar a proposta do P8. Em termos de horário, P8?

P8: Quando é que tens os nonos?...

P4: Podes ver aqui... E penso que é compatível com o teu...

P12: Tu, o teu horário não é compatível com o dele...

P15: Pois, o meu horário é assim, é muito preenchido. Eu tenho sempre aulas de manhã e de tarde...

P12: Ah, por causa de tu assistires.

P4: Vais observar o nono A à segunda feira. E eu, quando é que eu posso ir lá?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: Eu não tenho o nono A. Nós podíamos [impercetível - sobreposição de vozes]. Eu vejo o teu horário.

P4: Segunda-feira, tens aulas?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P14: Então, ficas com o P8 e eu fico com a P15.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: [impercetível - sobreposição de vozes] um oitavo ano.

P4: Posso ir.

P8: Pode-se fazer assim, então. Queres que vá já esta segunda feira?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: O P8, ele é logo assim. [Risos]

P15: Ficamos as duas, então?

P14: P8, então, ficas com ele?

P12: Então, estamos combinados?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P10: Não que tenho-os eu! Eu entro com o CEF às 8h20' e depois tenho [impercetível - sobreposição de vozes]

P15: Ah, não. O segundo bloco. Desculpa, enganei-me.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Vamos... vamos então tomar um cafezinho?

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: É... Gosto muito deles... Olha, mas é assim, eu tenho... à quinta feira só tenho das oito e vinte às dez e dez.

[corte na gravação]

[impercetível - sobreposição de vozes]

P8: O sétimo C tem agora um aluno alemão e o R. vai-lhe dar [impercetível - sobreposição de vozes] e tenho a Assembleia Municipal aqui.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: E 'tá melhor?

P13: Não sei!

P15: Olha, eu tive na formação e [impercetível - sobreposição de vozes] magoou-se?

P12: Não percebe nada. Nada. Nem do que lê, nem do que tu dizes, não...

P15: Estava a dizer que, se calhar ia ser evacuado...

P12: É uma angústia tremenda. [impercetível - sobreposição de vozes] Um aluno alemão que veio parar ao 7°C.

P4: Um aluno alemão...?

P12: Alemão.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P4: E a integração?

P12: Pá, é assim, ele, dá-me a sensação que os miúdos até o integram, tentam integrá-lo bastante. Por exemplo, no outro dia, numa aula minha, até foi giro porque era aula de estudo autónomo e houve um miúdo que se ofereceu e disse: "Oh professora, eu estudo com ele e ajudo-o" e não-sei-quê. Depois eu vi que ele estava a usar o tradutor do

Google. [Risos] Mas em termos de aula é muito complicado, porque ele... eu ainda tentei falar inglês com ele, mas o inglês dele também não é grande coisa. Portanto, é assim, eu... eu tenho a perfeita noção de que o miúdo está ali a apanhar bonés, literalmente. Deve ser horrível para ele, coitado. E para mim é um bocado angustiante... não aprecio 'tar assim... Bem, colegas, é assim, eu tinha pensado, nesta segunda parte, dedicarmo-nos um bocadinho ao trabalho teórico, porque a ideia também é um bocadinho essa, é que estes espaços não sejam... o muro das lamentações, seja um espaço de... de reflexão e de trabalho prático, mas também um bocadinho teórico. E... pensei que este texto podia ser interessante. É um texto tirado, depois se alguém quiser o livro ou quiser... não se pode dizer, mas pronto, se quiserem...

P15: Fotocopiar. Ah! Ah! Ah!

[Risos]

P12: É proibido. [Risos] Eu posso emprestar o livro para os colegas lerem...

P10: Não se fotocopia, faz-se um *scanner*...

[Risos]

P12: ... ah... e... pronto. Que é um livro, o livro chama-se *Estratégias de Ensino*, é da Maria do Céu Roldão, e tem aqui um capítulo, que eu achei que podia ser interessante, que é justamente o último capítulo, que é *Operacionalização e análise de estratégias e instrumentos de auto e hétero-supervisão*. E eu achei que podia ser interessante porque o livro... o capítulo, como vocês vão ver, em termos teóricos tem muito pouco, o que tem muito são exemplos, mas eu acho que tem coisas que... para nós, podem-nos ajudar a preparar, por exemplo, 'tou a pensar no meu caso e do P4, que vamos ser observados, isto pode ser bom para nos ajudar a preparar as nossas aulas assistidas e pode também ser útil para prepararmos as nossas sessões de hétero-supervisão. De maneira que, a minha sugestão era que ocupássemos o... este bocadinho que vai agora até às oito... com a leitura disto e, eventualmente, se alguém quiser partilhar alguma coisa... Era a minha sugestão, não sei... se vos parece bem.

P8: Sim, sim.

P12: Eu penso que não vamos ter tempo... ter tempo de ler tudo e fazer uma discussão aprofundada, isso não temos tempo, mas penso que podemos, pelo menos, ler alguma coisa, para ficar com algumas ideias. Eventualmente, se calhar, as pessoas que já estão

organizadas em pares até podem, se calhar, se quiserem, já, ler numa perspetiva de pensarem se, eventualmente, vão... usar alguma coisa daqui... De maneira que vou passar... vocês já têm aí dois... três para esse lado... eu tiro um e agora a P15 tira um e passa o resto... Vocês, depois, vão ter que ir virando porque isto... foi feito...

P8: Faltam dois para aqui, um para o P7 e outro para mim.

P12: Ah, pois, ‘pera lá. Um... vês? Porque eu fico... ‘Pera. Então... como é que falta... e... que gafe. Ah, não faz mal, o P7 lê do meu livro, que eu posso ler em casa, porque eu... só contei dez, não contei comigo, mas contei só dez e somos onze. É isso.

P8: Doze.

P12: Doze?... vê lá, conta aí...

P8: Eu contei ainda há pouco, somos doze.

P12: Então pronto, foi o erro meu, que eu contei só dez... Agora não tenho me’mo onde ir tirar a fotocópia. Olha, passa aí... ficas tu com o livro, dá o texto ao P7, que eu depois arranjo-te um texto para ti...

P8: ‘Tá bem.

P12: ... que eu contigo estou mais em contacto do que com o P7... Ora bem...

[Pausa para leitura]

P12: Agora que o P7 chegou, desculpem interromper a vossa leitura, mas era só para dizer uma coisa que eu acho que é importante, que é assim... É importante que... todos nós percebamos que isto é um trabalho coletivo e, portanto, se vocês quiserem dar contributos para as sessões, sintam-se completamente à vontade para dizer que gostavam de ter uma sessão sobre isto ou sobre aquilo, ou que gostavam que se trabalhasse mais este aspeto ou outro ou aqueloutro, não é? Desta vez foi muito centrado na minha organização. Claro que tem que sempre haver uma parte nas sessões para nós refletirmos sobre o trabalho que realizámos na... entre pares, mas em termos da parte, desta parte mais teórica... vocês estejam à vontade para sugerir, tipo: “Olha, eu gostava de... ler um bocado sobre avaliação ou gostava de eu apresentar uma coisa que conheço e que...”. Portanto...

P4: Sim, a P12 eu penso que já tinha...

P12: Eu acho que já tinha dito isso, mas gosto sempre de reforçar, porque as pessoas podem, às vezes, ter constrangimentos e... e não têm que ter, porque nós estamos aqui num trabalho que é... coletivo. Isto é uma comunidade em que eu, no fundo, aqui, sou uma coordenadora, mas todos estamos em igualdade de circunstâncias, no sentido de propor atividades, tarefas... temas para debate. Não é uma formação com uma... com um programa e conteúdos definidos *a priori*... portanto, podemos ir adaptando às nossas necessidades, ok? Pronto, era só isso e deixo-vos sossegadinhos... Peço desculpa pela interrupção.

[pausa para leitura]

P12: P8, afinal eu tinha dado dois à P1...

P1: Eu sei que sou grande, mas caramba...

P12: Desculpa, não fiz por mal... Eu tinha achado esquisito, porque eu tinha feito contas a dez textos... Oh pá, mas como eu sou despassarada...

[Pausa para leitura]

P12: Colegas, desculpem interromper a vossa leitura, mas é um quarto para as oito... portanto, como terminamos às oito... Penso que ninguém deve ter tido tempo de ler o texto todo...

P9: Não, mas é interessante.

P12: ... mas, de qualquer forma, pronto, gostava de saber se acham que... que foi útil e podem terminar depois a leitura...

P4: Tem uma visão mais abrangente [impercetível - sobreposição de vozes]

P15: E com os exemplos...

P12: Não, e depois... Olha, para mim, achei interessante aqueles exemplos com as duas estratégias diferentes para o mesmo conteúdo. Porque é assim são coisas que é assim, ah, obviamente que eu sei isto, pois sei, mas na minha prática do dia a dia acho que já estou tão formatada para um determinado modelo, que nem penso nas opções, que são tantas... E depois, acho que têm aqui, o texto não tem muita parte teórica, digamos assim, mas a parte teórica que tem acho que é interessante e que levanta algumas questões que nos fazem refletir, designadamente em relação à avaliação e por aí. De maneira que sugeria que terminassem depois a leitura em casa, que fizessem do texto a

utilização que melhor entendam, se acharem que tem alguma coisa interessante para tirar para a vossa prática, se não, paciência... Volto a dizer, se alguém quiser ter acesso à obra, eu posso disponibilizar o meu exemplar, porque é uma obra de leitura muito fácil e eu acho que é muito... é muito virada para a prática, que eu acho que é o que muitas vezes nos falta, porque a gente lê muita coisa teórica, coisas que são muito interessantes, mas depois... temos dificuldade em perceber como é que aquilo se operacionaliza e como é que se leva aquilo à prática, de maneira que, pronto... Espero que não tenham dado por mal empregue o vosso tempo. Volto a dizer aquilo que já disse há bocado, sintam-se livres, à vontade p'ra sugerir... coisas, p'ra propor atividades, p'ra propor o que quiserem, porque o objetivo disto é estarmos aqui para aprendermos em conjunto e para melhorarmos em conjunto, não é que venha aqui alguém dar umas aulas fantásticas e extraordinárias e os outros todos a ouvir e a dizer "Tão bonito!" e depois continuamos a fazer a mesma coisa na sala de aula.

[Risos]

P12: O objetivo é, de alguma forma, através desta formação, possamos melhorar as nossas práticas. O nosso próximo encontro, já agora, desculpem lá, 'tá previsto...

P9: P12, desculpa, ia só pedir-te se depois, é um hábito que eu tenho, quando fotocopio coisas de um livro, que é fotocopiar a primeira página para ficar com o título do livro...

P12: Com a referência bibliográfica.

P9: Com a referência bibliográfica.

P13: P12, antes de... de marcar a próxima reunião, eu gostava, no seguimento daquilo que estava a dizer, de partilhar convosco um... um *website*...

P12: Ah... Isso, olha é muito giro, isto que o P13 está a dizer.

P13: ... uma formação complementar na internet, grátis, gratuita, num site americano que se chama coursera.org. [Soletra] coursera.org. Nesse site... é-nos fornecido uma panóplia de... de cursos, das várias áreas. Eu, por acaso... o meu interesse é a Educação, então, fui à Educação e encontrei lá dois cursos interessantes sobre inglês, a prática do inglês. Então, estou a fazer um e já em fevereiro vou fazer outro. São cursos de semanas, é tudo muito prático, temos tarefas a fazer, partilhamos fóruns com colegas de várias partes do mundo, Nicarágua, Coreia, Japão, sei lá... Síria, tenho uma colega da Síria... que, acreditem ou não, ela também está a fazer essa formação. É grátis. A

única coisa que, se quisermos, temos que pagar é o certificado, são trinta e cinco dólares, são... não, são cinquenta dólares, são trinta e cinco euros... e eles mandam-nos o certificado, nós depois imprimimos, o certificado de... de participação e de nota do... do curso. São cursos de quatro/cinco semanas. Podem investigar, tem as várias áreas, Música, Artes, Didática, sei lá... são dezenas e dezenas de cursos e são... são cursos dados por professores de universidades americanas.

P4: É isso que eu ia perguntar, é alguma universidade?

P13: Esta que eu estou a tirar é da Universidade do Oregon. São três professores, um deles já trabalhou no Algarve, por acaso...

P12: Olha que giro.

P13: ... o Jeff [segmento impercetível] já trabalhou no Algarve... E podemos fazer conferências... com eles... aquelas conferências de...

P1: Skype ou...

P13: ... Skype, exatamente. Temos os fóruns. Eu agora estou na terceira semana do curso... o trabalho da segunda semana foi fazer um plano de aula e nós fazemos, eles dão as indicações, dão os exemplos, nós fazemos e depois partilhamos uns com os outros os planos de aula e avaliamos. Ensinam-nos como é que se avalia... como é que havemos de dar o *feedback* aos colegas. É muito interessante. E depois, em cada semana, também há uma espécie de um *quizz*, um jogo... nós temos que adivinhar lá umas coisas. É muito interessante, vale a pena. Eu estou a gostar bastante. Quem me sugeriu esse site foi o R., o marido da L. [PSOE], e... e eu fui lá ver, encontrei aqueles cursos de inglês e tenho gostado daquilo. Mas há outras áreas, Ciências... pode haver de Físico-química, tanta coisa...

P9: Pois...

P13: Até há um curso, agora, em relação ao Cinema, sobre... cinema escandinavo. [Risos] Assim, coisas interessantes... nem lembra ao Diabo, mas é... vale a pena... É uma coisa muito prática, não é nada teoria, é muito prático... Eu estou a gostar. Se quiserem dar uma olhada e ver alguma coisa...

P12: Colegas, é assim... portanto, a data que eu tinha aqui, inicialmente, lembram-se que eu vos disse que tinha posto assim umas datas um bocadinho à toa, só para termos uma calendarização para a parte formal, e eu tinha posto treze de fevereiro, mas treze de

fevereiro é a sexta-feira do encerramento das atividades letivas e penso que não... não estaremos, se calhar, muito disponíveis mentalmente para... uma sessão de formação. O que eu pergunto é: se alguém vai estar fora na sexta, vinte de fevereiro, porque, uma vez que é a sexta a seguir ao Carnaval, pode haver pessoas que aproveitem para ir passar o Carnaval fora e esticar a semana, pronto.

P13: Eu não.

P6: Eu também não.

P12: Se, eventualmente, ninguém estivesse fora, eu marcaria para vinte de fevereiro, até por uma razão, porque depois também, se não fica-nos muito em cima de março, porque março vai ser um mês pequenino, que temos a Páscoa lá... Podemos deixar combinado para vinte de fevereiro, e depois, se houver necessidade, alteramos, parece-vos bem?

Vários participantes em simultâneo: Sim.

P12: Pronto, olha, sempre vou ter que fazer uma folha... Ah, mas que estúpida...

P1: Então tiravas aquela...

P12: Então pois, não precisava de ter feito aquela... Então pois era.

P1: Não podes alterar aí, para uma data qualquer que dê para... não mudar o número?

P12: Ai, que atrasada mental.

[Risos]

P12: Não, o problema é que já pus aqui esta porcaria.

P10: Apagas e voltas a pôr.

P7: Corretor, funciona.

P10: Corretor e pões. Isso não fica para o R. [CFC]?

P12: É. Oh pá, é porque não me apetecia nada 'tar a fazer umas folhas... eu nem tinha necessidade. Sabes porque é que eu fiz isto? Foi para ficar... foi naquela de registar a data para eu não me baralhar, se não eu ia chegar e ia-me pôr... Pronto, olha, bom fim de semana a todos...

[impercetível — sobreposição de vozes]

P12: Não, não vou...

ANEXO V D
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 25 02 2015

P12: Oh P7, se não se importa tira um e passa? Vou só pedir que comecem por preencher... Vamos começar só por preencher rapidamente este questionário do costume... e, entretanto... hoje, a sessão vai ser basicamente animada pelos nossos colegas, pela P10 e pelo P2, que filmaram a aula deles e, portanto, nós vamos ter a oportunidade de ver a aula deles e depois acho que eles também nos vão pedir para fazermos um trabalho prático sobre o filme que nos vão mostrar... A P3 e a P5 desistiram, sim...

P8: Eu aqui continuo a ter... eu fui a uma aula de [segmento impercetível]. Neste caso, considero duas interações...?

P12: Sim... Sim.

P8: Sim?

P12: Sim...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Não se esqueçam de pôr o asteriscozinho à frente do vosso nome, que isso é importante... Tenho aqui duas [nome feminino]... Ah, P10, pois claro, então, que estúpida.

P9: A P12 neste caso és tu, não é?

P12: Exatamente.... Ah, vou pedir também que façam o favor de assinar a folha de presenças.

P7: É esta?

P12: Possivelmente... é essa.

P7: [segmento impercetível] Não, não... Está aqui o questionário.

P12: Obrigada P7.

P9: Desculpa, isto é só relativamente... entre a última sessão e esta...?

P12: Sim, entre a última sessão e esta e interações que tenhas tido em que tenhas tratado de questões relativas ao trabalho da comunidade...

P9: Claro. Sim, sim.

P12: ... porque as interações que possas ter tido a tomar a bica ou não-sei-quê, mesmo que estejas a falar sobre, por exemplo, a gente teve aquela conversa sobre o 7ºA, mas não tem nada a ver com isto...

P9: Sim, sim, sim, sim, sim.

P12: ... não conta como uma interação nesta... neste aspeto, não é? [Silêncio]
Obrigada.

[Silêncio]

P12- Isto aqui na fotografia é o quê, esta espécie de coluna?... Eu achava que era uma coluna. [Risos]

P6: Olha... pode ser uma coluna ali dentro daquelas [segmento impercetível] abauladas. É...

P12: Parecia uma daquelas coisas tipo Ilha de Páscoa, pensei “Onde é que ele terá ido...”

P6: E afinal sempre tinham corpo... as cabeças.

P12: Exatamente... Descobriu-se agora...

[impercetível - sobreposição de vozes]

P6: [segmento impercetível] começaram a descobrir [segmento impercetível] Ao princípio eu até pensei: será que é balela da internet? Mas pronto, pelas pessoas que eram, não me parecia, mas [impercetível - sobreposição de vozes] E tinham escrito, não sei se eles conseguiram descobrir [impercetível - sobreposição de vozes] ou era só simbologia [impercetível - sobreposição de vozes].

P12: Pois, exatamente.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Ó P8... tu desististe daquela tua ideia de fazer a tal apresentação sobre...

P8: Eu tive um problema e agora estou, já consegui, estou a recolher os materiais do disco externo e estou a... é uma coisa simples, não é... [impercetível - sobreposição de vozes] isto era quase [impercetível - sobreposição de vozes] e depois trocar impressões [impercetível - sobreposição de vozes]

P12: Não, é que eu queria saber se achas que, por exemplo, podias aproveitar a próxima sessão... porque é assim, nós vamos ter muito pouco espaço entre esta sessão e a de março.

P8: Exato, exato. Até porque o P4 depois também tinha aquela ideia [impercetível - sobreposição de vozes] numa sessão também, era uma [impercetível - sobreposição de vozes] criativa, julgo eu...

P12: Pronto, então, se quisesse fazer isso, porque nós no dia treze, quer dizer, daqui até ao dia treze, possivelmente... as pessoas não vão ter muito tempo de 'tar a fazer... e, portanto, fazíamos uma sessão mais, assim... Depois, até posso ver se arranjo... Não, mais teórica, de alguma forma. Até posso ver se arranjo algum texto sobre o assunto, também para complementar.

P7: Oh colegas, eu posso só interromper?

P12: Pode, sim senhora.

P7: Não quero perturbar, eu só queria era aproveitar, enquanto estamos aqui à espera, para divulgar aquela ação de formação que o sindicato vai levar agora a efeito, no dia sete a onze de março... É dentro da temática da dinâmica de grupos... e quem quiser pode-se inscrever. As... a lista de inscrição 'tá ali na sala de professores.

P12: É sete a onze?

P7: Sete, sete, que é um sábado, o horário é sábado todo o dia, segunda todo o dia, terça todo o dia e quarta de manhã... Todo o dia, estou-me a referir manhã e tarde... Vinte e cinco horas e é validado com um credito.

P8: Até vou sentir saudades dos meus alunos.

P12: Por acaso eu gostava de fazer isso.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P7: Já agora, vou acrescentar mais umas informaçõeszinhas, que é assim... eles pediram-me, pediram-me a mim para recolher as inscrições até sexta feira.

P12: Esta sexta?

P7: Sim, até esta sexta feira, mas... não há problema nenhum, acho eu, se ficar lá afixado no quadro até...

P13: [impercetível - sobreposição de vozes] dispensa das aulas? Podes ter...

P12: Consegues.

P7: Funciona assim, a inscrição é feita ali, a seleção é feita pelo centro de formação do sindicato e depois eles contactam as pessoas selecionadas. Quem for selecionado, deve apresentar na escola, na Direção da escola, aquele pedido de dispensa para a formação, tal e qual como foi no ano passado... Nós recolhemos agora, neste momento, as inscrições, mandamos para lá e depois eles fazem a seleção... Os critérios, o único critério que eu conheço é dar a preferência primeiro aos sócios e depois aos não-sócios, não é? E depois é que... e vem a confirmação. Com a confirmação vem aquela folhinha para entregarmos, aquele formulário que a gente pede a dispensa à Direção.

P12: Eu, por exemplo, eu 'tou a pensar é que eu, na segunda feira, tenho, a gente tem horas que pode faltar. Em vez de eu 'tar a pedir dispensa, até porque as aulas fazem-me falta...

P7: Pois, isso depois é a gestão de cada um...

P12: ... por exemplo, dou as aulas...

P7: ... sabendo, à partida, que nós temos os créditos se faltarmos a um terço da...

P12: Eu sei, eu sei, eu sei.

P7: ... da formação. Podemos faltar a um terço da formação...

P12: Eu sei.

P7: ... que acho que são oito horas.

P12: Mas eu nem preciso de faltar tantas horas porque eu, por exemplo, à segunda feira tenho noventa minutos de aulas... Portanto... falto... falto os noventa minutos e pronto. Por exemplo, a hora de biblioteca... meto hora de formação, não tem problema nenhum. As tardes que eu tenho, as tardes livres, não me, não me chateia nada e eu tenho... eu, por acaso, eu gostava muito de fazer porque eu tenho muita... sinto que é uma área onde eu tenho muita falta de... conhecimentos. Mesmo já no MEM, eu, já houve um ano que fiz o grupo de aprofundamento do MEM, quis fazer exatamente na área do trabalho em projetos, por causa de aprender alguma coisa de dinâmica de grupos. Aprendi muita coisa, mas dinâmica de grupos, propriamente, não aprendi. E, portanto, e... [impercetível – sobreposição de vozes] Mas olha, mas, mas se tens rato ele funciona.

P8: Estava a ver...

P12: Ah, querias...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Estava a ver o que é que, durante a tarde, quando trouxe [impercetível – sobreposição de vozes] Sim, era o da escola. ‘Tá bem.

P12: Sete... Não... sete é um sábado... portanto, nove, dez e onze... Eu acho que vou-me inscrever... Até porque também não é líquido que seja aceite, portanto... Inscrever a gente não perde nada... E depois, se for aceite, logo vejo como é que vou...

P6: Só tenho aqui noventa minutos na terça-feira... porque a quarta e a segunda...

P12: Eu à terça, por exemplo, à terça entro às oito e vinte, mas depois, das dez e dez às vinte para o meio dia, eu ‘tou livre.

P10: Podemos?

P12: Podem, podem. Quando quiserem.

P10: Então, nós fizemos, então, durante a observação da aula um do outro, filmámos... a aula, não é? Falámos depois de cada aula, mas filmámos com o objetivo de trazer para aqui, para vocês... observarem um bocadinho. Criámos estas grelhas, isto foi tirado de outra... foram adaptadas, não é? Não eram mesmo aquelas grelhas com precisão que existem para a avaliação nas aulas de Educação Física, que é supervisão, mesmo, para os estagiários. Adaptei um bocadinho. E isto é assim, isto nunca vai ser retirado, observado, com toda a precisão porque é uma filmagem, não vão ouvir... bem a... a voz e ouve-se muito barulho de fundo, mas ainda é vocês tentarem, vocês vão passar por... Eu vou distribuir uma folhinha a cada um e vocês, durante a observação, vão tentar registar o que observam, ‘tá bem? Ou, dentro daqueles critérios, vocês assinalam... se observaram, se não observaram, às vezes, como é que foi. Se quiserem fazer alguma observação... podem escrevê-la ao lado. O que é que nós pedimos? Como vão ver duas aulas, dois excertos de duas aulas, vocês, na vossa folhinha, pronto, dividem e assinalam, que é para sabermos qual é a parte minha e qual é a parte do P2.

P12: Ok.

P10: Essa folhinha vai servir... para... quer para mim, quer para o P2. Portanto, vocês vão estar... cada situação daquelas... temos o parâmetro da introdução de aula. Vai lá

passando, P2, a folha... Temos a... a mobilização dos alunos para as atividades e objetivos. Este vai ser um critério mais difícil de observar, uma vez que se ouve... mal, não é? O som não é o mais perfeito.

P2: E cada um de vocês só vai ficar com um tema, não vai ficar com os parâmetros todos.

P10: Cada um destes, não é com todos. Cada um tem um parâmetro.

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] Um para cada um, para ser mais fácil.

P12: Ah...

P10: Isto é assim, cada um de vocês tem uma folha destas, com este quadro, para... e vocês tentam observar aquilo, se realmente... conseguem observar... mesmo vendo, através do que estão ali a ver, se conseguem chegar lá, que aconteceu ou não aconteceu... É claro que estas aulas, estas imagens, estas observações, feitas em diferido, o que eu tenho visto é eles criam, escolhem momentos de cinco minutos, por exemplo, três momentos de cinco minutos, fazem aquele registo, não é? Mas vão passando para trás, vão voltando a ver, tudo o mais. Aqui não vai ser o caso. Aqui é uma, até porque isto foram aulas de quarenta e cinco minutos... passaram muito rapidamente. Portanto, temos aqui o da organização, controlo e segurança das atividades. É claro que os critérios que estão ali são critérios... desejáveis de observar, não é?... P'ra, p'ra... Passa... Instrução, regulação das atividades... Depois temos o parâmetro da linguagem utilizada. Este não vai estar, porque vocês não ouvem, portanto, este parâmetro não...

P2: Retiramos este.

P10: Retiramos. Mesmo que se oiça alguma coisa, mas não é... A sequência, verificar se há sequência, se não há sequência, se se nota a sequência que a aula deve ter... E a conclusão, não é? Pronto, e agora...

P2: Cada um vai ter esses parâmetros. Só um parâmetro, 'tá bem?

P12: Sim, já percebi.

P10: Vocês tiram... [impercetível – sobreposição de vozes] para se...

P2: Boa sorte.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Olha, vai ali à... vai ali à minha pasta e procura a observação dos alunos. Também ficaste?

P12: P10, ia-te pedir uma coisa. Depois, se me pudesses mandar essa grelha na íntegra, eu gostava de...

P10: Ah, 'tá bem. Aliás, eu posso-te é passar o... aquele livro que eu te mostrei, que foi de lá que eu tirei...

P12: Sim, mas podes-me dar esta versão já adaptada.

P10: Porque essa eu fiz assim, eu passei... P12, eu passei...

P9: Tiro uma qualquer?

P10: Sim, sim. Eu passei isso para... Portanto, eu tive a bater isso, a separar a grelha...

P12: Pois, exato. [impercetível – sobreposição de vozes] Está bem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não, não, não. O que é difícil de ver 'tá aqui, nós rodeámos... Queres um?

P2: Não, não é preciso.

P10: Mostra, aqui, ah exato.

P2: Atenção que há parágrafos que, se calhar, vão ser difíceis de analisar, não é? A segurança, podem não ter noção do que é segurança...

P10: Ou até vocês podem não conseguir visualizar aquilo, não é? Aqui, por exemplo, em relação a esta... o que é que nós... Entra.

Vários interlocutores em simultâneo: Boa tarde.

P10: Aqui, isto foi na outra, não é uma grelha à parte, em que, quando falam nesta supervisão também vão buscar, portanto, vão fazer observação em várias dimensões e uma delas é esta, em relação aos alunos e a outra é mais em relação a nós, não é? Esta aqui é tentar... ver, verificar, se conseguem ver, aperceber-se disto. Eu penso que a imagem dá para perceber, depois do professor estar a falar, o que é que... o que os alunos vão fazer a seguir... dá para perceber ou não. Aqui, o que é que há possibilidade de fazer? Ou vocês marcam ali um ou dois alunos, não é? Mas aí convém referir na grelha. Ou então, no geral, o que é que vocês notam nos alunos, no geral, se acontecem

estas situações. Por exemplo, quando eu e o P2 falamos, damos um *feedback*, o que é que acontece? Os alunos não apresentam comportamentos de desvio, desatenção ou indisciplina. Se os alunos não, ou percebem que os alunos não ouvem o professor e demonstram sinais evidentes de desatenção. Não sei se a imagem vai dar bem p'ra...

P2: Aquela vai dar comportamentos de desvio, vai-se ver...

P10: Sim.

P2: ... nas duas aulas.

P10: Sim, de certeza. Na minha também tem lá uma situação. Aqui, a resposta dos alunos, depois, ao *feedback*. Os alunos alteram o seu comportamento pelo *feedback* e realizam. Portanto, vê-se perfeitamente que depois de estarem ao pé de mim, há os que vão fazer logo o exercício, há os que... dão um pontapé na bola. Os alunos realizam um comportamento diferente daquele que vinham efetuando, contudo, não se inserem na prescrição. Portanto, não tem nada a ver, continuam a fazer o que estavam a fazer inicialmente e não tem nada a ver com aquilo que eu acabei de dizer. É uma coisa que é... É bom que vejam é se... o que eles estão a fazer antes, reparar no que eles estão a fazer, depois de eu os chamar, os concentrar, reparar se eles vão voltar a fazer a mesma coisa...

P2: Ou se mudam.

P10: Ou se mudam. Depois têm aqui... os alunos não alteram em nada as suas execuções, mantêm os mesmos comportamentos.

P8: Pois, é isso. Eu tenho aí uma dúvida. Os alunos apercebem-se que estão a ser filmados?

P10: Eles apercebem-se porque ele 'tá em cima.

P8: Exato.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não, não. Mas aqui, por acaso, esta turma manteve a mesma atitude, porque os que...

P8: Não, não era nesse sentido. Era para eu perceber, quando vocês perguntam aqui se os alunos mantêm [segmento impercetível] comportamento [segmento impercetível]

P10: Não, porque tu vais notar. Tu notas que eu, sempre que eu ‘tou a falar eu concentro-os ao pé de mim, porque se não, eles não me ouvem.

P8: Sim, sim.

P10: Portanto, sou eu que ‘tou a dar alguma informação... [segmento impercetível] algum exercício, para eles voltarem... [impercetível – sobreposição de vozes] Aqui, comportamentos dos alunos dirigidos para a atividade, portanto, para a aula em si. Conversam de forma... Isto é de uma forma geral, o que é que vocês notam ali... Mesmo durante os exercícios há aqueles que dispersam bastante uns com os outros, brincadeirinhas ali lado a lado ou então com o grupo todo. Os alunos deixam de executar os exercícios ou atividades propostas pelo professor, mas não perturbam a aula. Os alunos... manipulam o material desportivo sem qualquer cuidado, pondo em causa a sua concentração... pontapés na bola e afins, agarrar a rede. Na situação do P2, bater com a raquete, enfim. Os alunos saíram da sala – aqui não é da sala, é da aula, não é?...

P12: Sim.

P10: ...Sem autorização... E os alunos continuam a bater a bola, mesmo depois de - isto acontece tanto - mesmo depois de o professor ter mandado parar a atividade. E os alunos executam exercícios desintegrados do contexto, portanto, fazem outra coisa qualquer, jogam futebol com a bola de vólei, por exemplo... É assim, eu posso adiantar que, na minha aula... é uma aula de voleibol, quarenta e cinco minutos, em que o objetivo da aula era apenas a exercitação dos gestos técnicos, toque de dedos e manchete, onde eles têm que perceber qual é o movimento que devem fazer se a bola vem alta ou se a bola vem baixa, pronto. E depois o jogo, o jogo é de quatro para quatro, dois para dois. Para eles... tive que adaptar esta aula de vólei porque não tinha redes, as redes estão com outros colegas. Tenho a rede de badminton para dividir o campo, portanto... é uma rede de badminton, mas o objetivo [risos] é jogar vólei. O P2 é uma aula de badminton...

P2: Badminton.

P10: ... tem a rede, não precisam de pôr a rede de vólei [Risos] para dar o badminton. Mas pronto, vamos lá experimentar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Foi a primeira experiência, prometo que a próxima vai ser melhor.

[Risos]

P13: É uma boa ideia, sem dúvida.

P10: Dá um bocadinho para eles... Vocês já leram a vossa...?

P12: Sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Têm que estar, têm que estar à vontade com o que ‘tão a observar, saber o que é que é [impercetível – sobreposição de vozes] e ver [impercetível – sobreposição de vozes] Portanto, imagem que há professores que usam, de Educação Física, que usam aquelas capas de... Como é que se chama aquela capa...?

P2: Uma placa.

P10: Uma placa, para... demonstrar exercícios. Por exemplo, na Educação Física nós trabalhamos muito com símbolos: o tracejado eles sabem que têm de driblar - eu não utilizo, vocês na minha aula não vão ver, até porque o meu objetivo naquela aula é [impercetível – sobreposição de vozes] motor [impercetível – sobreposição de vozes] vai ser possível, senão, eles... Então, é reparares se vês alguma situação dessas. Até mesmo o chamar um grupo de alunos, por exemplo, para demonstrar um exercício, chamam um grupo de alunos, os alunos fazem o exercício para a turma ver. Isso já é um auxiliar de ensino, ‘tá bem?

P2: Podemos... são dois níveis diferentes, também...

P10: Exato. A minha turma é um sexto ano, a turma do P2... nós não conseguimos fazer realmente o mesmo conteúdo dado que... são níveis diferentes.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Portanto, esta é a minha aula...

P2: Este é um ruído de fundo.

P10: É este o ruído com que nós trabalhamos todos os dias.

P2: Aqui eles apercebem-se que ‘tou a filmar, que há uns que acenam, mas depois... quando começa [impercetível – ruído de fundo]

P9: Isto são alunos de sétimo?

P12: Sexto.

P10: Isto é um sexto ano... Não se consegue ver [impercetível – ruído de fundo], pois não?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Mas ela...

P9: Não se consegue ouvir.

[...]

P10: A aula ao lado era o professor R..

[...]

P2: Isto [impercetível – ruído de fundo] fazer no fim [impercetível – sobreposição de vozes]

[...]

P10: Esta parte da aula [impercetível – ruído de fundo]

P12: Isto é o aquecimento, é...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: O miúdo [impercetível – ruído de fundo]

P10: Sim.

P2: ... anda às aranhas, ali.

P8: Ah, já sei quem é.

P2: Atenção que há aluno que têm, não digo luz verde, mas... para fazer algumas tarefas [impercetível – ruído de fundo]

[impercetível – ruído de fundo]

P10: É a aula do R..

P2: É a aula do R.. Está dividido. Meio campo é da P10, o outro é do outro professor.

P12: Quem é o R.?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Aquele rapaz que tem assim um sinal?

P10: Sim, um colega novo, nosso.

P12: Pois.

P10: E no outro campo estava a E..

P10: Portanto, aquilo não são alunos meus.

P12: Sim, já percebi. Os teus são os que ‘tão aqui a fazer o aquecimento.

P10: Estou a pedir que saiam fora, mas... Eu, entretanto, vou aproveitar para mostrar esta filmagem a estes alunos, para eles verem estes exercícios [impercetível – ruído de fundo]

[...]

[impercetível – ruído de fundo]

P10: Estou a explicar o jogo e ele ‘tá...

[impercetível – ruído de fundo]

P10: Eu ‘tou ali a dizer que o jogo é tocar com a bola no colega... antes que ele se deite no chão, sem atirarem e ele...

[impercetível – ruído de fundo]

P7: São quarenta e cinco minutos que a gente vai ver, não?

P10: Não, não, não.

[Risos]

P2: Doze da P10 e treze meus.

[impercetível – ruído de fundo]

P1: Estes também são teus?

P10: São, são. Estes são meus. Os deste lado da rede é meu. Daqui a bocadinho eles vão trabalhar [impercetível – sobreposição de vozes]

[impercetível – ruído de fundo]

P10: Então como a bola tem uma baliza ao lado, a vontade é ‘tar a...

P8: Ó P2, na tua própria análise desta aula, em vez daquela que nós estamos a fazer ... A aula, a análise que tu fazes da aula é diferente da nossa. Isto visto em ambiente natural e muito diferente de estar aqui a... Há pormenores que...

P2: Sim, mas estamos a ver os alunos todos [segmento impercetível]

P8: E mesmo esses pormenores que estavas a referir [segmento impercetível]

P12: Têm ali uns muita grandes. Olha este tão grande... para sexto ano.

P10: Aqueles dois raramente fazem, se mantêm a fazer o exercício... Pronto, aqui já passaram para a rede, trabalho de um para um, tentar controlar a rede utilizando a técnica de acordo com a trajectória da bola...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Estão sempre em atividade...

P10: Sim.

P2: Eles fazer, fazem. E fazem bem. Hás-de reparar que aqueles que são [impercetível – ruído de fundo] até dominam a bola. Se calhar, até são os melhores. [...] E o vólei é um desporto que potencia estas coisas, porque a bola não consegues dominá-la como no futebol ou no andebol.

[impercetível – ruído de fundo]

P10: Embora digas: “Devolve a bola ao colega passando por baixo da rede...”

P13: Pois, mas como não estamos a ver essas ordens...

P10: Não, mas mesmo que digas eles fazem sempre... [impercetível – sobreposição de vozes]

P2: A próxima filmagem tem que ter...

P13: Isso é complicado. É complicado.

P10: Nem ali no pavilhão consegues...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Uma *GoPro*.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Ou levas o sistema da... [impercetível – ruído de fundo]

P13: Ou só tu a dar aula no pavilhão.

[impercetível – ruído de fundo]

[...]

P10: Aqui... atendendo ao barulho, é impossível falar para todos e que eles me ouçam,. então, tem que ser por... por grupos. O objetivo aqui era pô-los a trabalhar... [impercetível – ruído de fundo] já estão dois a dois... [impercetível – ruído de fundo] toques seguidos conseguem dar... sem deixar cair a bola.

P12: Aquele ainda lá foi com o pé.

P2: Nesta idade, depois no sétimo já dão cinco, no oitavo já dão dez...

P10: Há miúdos que já no sexto já conseguem fazer uns quinze toques seguidos.

P13: Eles estão agrupadinhos ali, não ‘tão...

P10: Não dispersam muito. Não, não.

P10: É só o... Quem dispersa são sempre os mesmos, que ‘tão lá. O P2, o P2 focou vários... até combinámos mesmo isso, que é o K. e aquele M..

P10: Sim. Daqui a bocadinho ele vai juntar-se ali num grupo e vai fazer jogo.

P13: Pois, mas grande parte do grupo...

P10: Sim, sim, sim. [impercetível – ruído de fundo] não dá para os ter muito tempo parados a falar para eles...

P?13: Em relação a esta parte do... do *feedback* que tu dás é que não para perceber muito bem.

P1: Pois.

[impercetível – ruído de fundo]

P13: [impercetível – ruído de fundo] se eles estão a obedecer, também não oiço aquilo que ‘tás a dizer, é só isso.

P7: E outra coisa. Aqui, vocês pretendem que a gente registre nas ocorrências a quantidade de vezes...

P10: Não, não é a quantidade, é se se verificam...

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] quase nunca ou quase sempre.

P10: Sim. Esse critério, se tu realmente te conseguiste aperceber dele...

P7: Mas é que, por exemplo, não dá para... eu tenho aqui uma dificuldade que é assim, quando tu dizes “O professor organiza a atividade no espaço da sala de aula”, eu acho que *tá* bem organizada a aula, mas não estás sempre, ‘tás a perceber?

P10: Não. Eu não ‘tou sempre. No início eu dei-lhes uma informação.

P7: Mas ‘tá organizado. Eu, para mim, ‘tá organizado.

P10: Sim. E eles, imediatamente, foram... há ali dois miúdos que eu juntei, ou três, para lhes dar informação, ‘tás a perceber? E eles souberam o que é que foram fazer a seguir.

P7: Exato.

P10: Por exemplo, aqui...

P7: Isso eu consigo, isso eu consigo perceber... Mas não ‘tás numa de sair para fazer isso, percebes?

P10: Não.

P7: Nem podes fazer isso. Nem podes fazer isso.

P13: Respeita a ordem da professora [impercetível – ruído de fundo]

P7: Claro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O K. é aquele da camisola branca?

P10: Não, o K. é o da camisola preta que tem a [impercetível – sobreposição de vozes]
Mas se ele ‘tiver a fazer aquilo e me ‘tiver a ouvir... já não é muito mau.

P12: Pois.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Mas a aula de Educação Física tem sempre uma vertente...

P7: Claro.

P2: ... na sala de aula tem de ‘tar em silêncio, ali...

P13: É normal.

P13: Fazer exercício em silêncio?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: [Risos] Deixava de ser de Educação Física.

P2: Só se for uma aula teórica [impercetível – sobreposição de vozes] sala de aula.
[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Alguns deles têm que [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não. Terminou a aula... Pronto, mas viu-se lá um bocadito... [impercetível – ruído de fundo] eles estiveram a ver informação, o que é que foi a aula e a aula seguinte.

P13: Não houve hooliganismo, ‘tá bom.

[Risos]

P7: Nem houve braços partidos, nem nada.

P10: Palmas para o P2 que estava a filmar, também não.

P2: [impercetível – ruído de fundo] Nós temos mais tempo de...

P10: Sim, praticamente os quarenta e cinco minutos... a filmar, sempre, não foi P2?

P2: Foi por... por tranches. Levamos já a outra de rajada?

P12: Não sei, vocês é que sabem como é que querem fazer. Se querem que [impercetível – sobreposição de vozes] primeiro esta...

P10: Não, se calhar é melhor... registam esta parte referente à minha aula e depois dividem e...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Por exemplo, tu viste-me demorar muito tempo? Eles chegaram à aula...

P14: Sem perda de tempo.

P10: Sim, não é? Ah, é claro, mas não viste, mas viste que os alunos saíram do grupo, ao pé de mim, e foram imediatamente posicionar-se em determinados sítios. Não os viste a fazer outra coisa qualquer que não fosse...

P14: Mas [impercetível – sobreposição de vozes] objetivos, não sei se informaste ou não. Eu não consegui ouvir nada.

P10: Sim, sim, mas...

P12: Mas isso é a tal parte que, como não há som, a gente não pode observar...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas é daqueles treinos que não dá, sem ouvir não dá...

P14: Mas ‘tás a ver, neste caso [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: “O professor [impercetível – sobreposição de vozes] alunos para [impercetível – sobreposição de vozes]”. Eu vi ali chegar alguns alunos, mas às vezes [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: E não tem que fazer sempre.

P10: Não, senão ‘tou sempre com a aula parada e o objetivo não é esse.

P7: Exato. Exato. Exato. Mas eu acho que [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E depois aqui também há uma coisa que é assim, que eu ‘tava-me a aperceber disso, que é... a filmagem foi muito focada nos alunos, há alturas em que tu, a gente não te vê. Não quer dizer que tu não estejas lá a fazer estas coisas, a gente é que não tem essa perceção.

P10: Exatamente. E na no P2 vai acontecer a mesma situação, porque eu ‘tou sempre a circular e, se calhar, muitas das vezes, ‘tou...

P12: Não, é porque, não sei, é a ideia que eu tenho é que...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exatamente, centrar na observação dos alunos. ‘Tá bem, não ‘tou a... só ‘tou...

P13: E aliás, o questionário é direcionado para isso mesmo.

P12: O teu. O meu não é.

P13: Mas o meu é para o professor.

P12: É por isso é que nós estamos com dificuldade, ‘tás a perceber?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É que o meu... é todo na perspetiva do professor. Ora, como a observação é mais focalizada nos alunos, há partes ali que eu presumo que ela está a fazer, porque... até porque, quando ela aparece, percebe-se que ela ‘tá a fazer as coisas, mas é assim, mas como ela não ‘tá a ser filmada, para nós fica mais complicado. Mas, mas quer dizer, mas percebe-se que a aula tem uma organização e que os miúdos estão ali...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Pois, oh pá, também há professores NEE isso é verdade.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não estando a ser filmado, a partir do momento em que miúdos de sexto ano continuam a manter a ordem, pressupõe-se que o professor ‘tá a fazer.

P12: Claro, P8. Tu pressupões que, é assim, eu também pressuponho, eu comecei por dizer isso, ela não está a ser filmada, mas eu pressuponho que ela está a fazer essas coisas, porque, pela forma como a aula está a decorrer, percebe-se que há ali um controle por parte do professor.

P10: Mas isto não é passar no meio das mesas.

P12: Exato.

P10: Eu tenho de ‘tar a passar ao largo, até para ter a turma toda [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exato, mas é assim, mas é só para dizer que, para quem está a ver só o filme...

P10: Sim, sim, sim, sim.

P12: ... como o filme ‘tá muito focado nos alunos, para nós, quem tem as grelhas para observar na perspetiva do professor, tem a vida mais complicada. Eles têm a vida facilitada, porque é tudo na perspetiva do aluno...

P13: Sim, é verdade.

P12: ... o aluno faz, o aluno acontece, o... Nós não. Nós é “o professor não-sei-quê, o professor não-sei-que-mais”. E na filmagem o professor não aparece assim tanto, mas percebe-se que o professor faz as coisas porque se não, as coisas não tinham decorrido como decorreram.

P10: Sim, se não também não os viam a fazer aquele tipo de, de exercício ou, não é? Aquela atividade. Eles, se eu não ‘tivesse ou se tivesse ‘tado a dizer outra coisa qualquer... eles... iriam dispersar. *Next*.

P7: Vamos trocar de parâmetros, vá.

[Risos]

P2: Vais ver o teu filho.

P9: E agora qual é... qual é o nível de ensino?

P12: Terceiro ciclo.

P2: Agora é o nono.

P9: Nono quê?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: 9ºB.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu estava em cima [Risos] [impercetível – sobreposição de vozes] para eles não me estarem muito a ver [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É aquele ali, não é? [impercetível – sobreposição de vozes] Exato, com uma t-shirt azul, pareceu-me.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Houve uma miúda que se apercebeu.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: ‘Tá, agora só lhe vês os pezitos.

[...]

P10: É assim, o P2 penso que faz também isso, eu não perco tempo a fazer... chamada [impercetível – ruído de fundo] junto os alunos e vejo se ‘tão todos ou não...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: ... porque se não é mais esse tempo, numa aula de quarenta e cinco minutos...

P12: Ah, e então agora com o PLACE, que a gente abre o PLACE e não dá e depois... ouve...

[...]

P2: Eu não falo alto, não, por causa da voz. [impercetível – ruído de fundo] dirijo-me aos alunos [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Vocês é que deviam usar aqueles microfones como a D. e a... e a I..

P10: Imagina, quando estamos quatro lá dentro a trabalhar, estarmos todos de microfone.

[Risos]

P6: [impercetível – sobreposição de vozes] que eu oiço em casa.

P12: Não tinha pensado nesse pormenor.

P6: É porque aquilo faz um barulho desgraçado, elas estão a fazer [impercetível – sobreposição de vozes] na minha casa [impercetível – sobreposição de vozes] ouve-se.

P12: Pois, é possível.

P6: Eu já sei quem está dando a aula e tudo. [Risos]

P10: [impercetível – ruído de fundo]

[...]

P6: Eu era uma desgraçada a jogar isto. As peninhas para mim eram terríveis.

P12: Ai eu gostava de jogar. Não era... Não era nada... habilidosa, antes pelo contrário, mas que gostava, gostava.

P6: [impercetível – ruído de fundo] Eu sou canhota... ‘tás a ver? Queria jogar com a direita não dava...

P2: Está ali ao fundo.

P12: Mas eu...

P6: E há coisas que eu não consigo fazer com a direita.

P12: Mas escreves à direita?

P6: Sim.

P12: Ai que engraçado.

P6: Então, no nosso tempo não podia ir à escola

P12: Pois, é verdade... Atava-se a mão atrás para os meninos escreverem com a direita.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] com a mão esquerda?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: É a C., não faz a aula... Eu não ponho relatórios.

P10: Eu também não.

P7: Não pões o quê?

P2: Relatórios. Quando o miúdo não faz a aula, por norma ficam a fazer um relatório
[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Existia e existe, nós temos colegas que [impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Que põem. Colegas que põem. Mas eu não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: É para ele estar ocupado, mas ele ‘tá lá na mesma, ‘tá a observar a aula.

P8: E ela está a fazer o que nós estamos a fazer aqui.

[Risos]

P10: Também depende muito dos miúdos que são... e o motivo que os leva...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pois.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Olha, na próxima vez não sei se não é interessante aplicares uma ficha destas para ela [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu às vezes faço isso. Eles observam os colegas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Também fazem. Também fazem.

P12: Mas que exercício é que mudou? Não ‘tou a perceber, eu vejo-os sempre a fazer a mesma coisa.

[Risos]

P10: Pois.

P7: Para nós é a mesma coisa.

P10: O P2 ‘tá a passar...

P12: Explica lá qual é o exercício.

P7: [impercetível – sobreposição de vozes] explicar.

P10: O P2 ‘tá a passar, o jogo começa por além [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Ele ‘tá a explicar individualmente?

P10: ‘Tá a explicar [impercetível – ruído de fundo] de quatro em quatro.

P12: Sim, isso eu já percebi. Mas eles vão mudando de exercício? Não estão sempre a fazer a mesma coisa?

[impercetível – ruído de fundo]

P12: Ah... [impercetível – sobreposição de vozes] Já percebi... Não, é que eu já percebi. Eu, para mim, pronto... a minha sensibilidade para isto não é muita, portanto, eu via a pena a voar de um lado para o outro, [Risos] para mim era sempre o mesmo exercício. Então, eles batem na pena com a raquete.

P10: O volante.

P12: É o volante. Ai é aquele [impercetível – ruído de fundo] eu conheço aquele miúdo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ah, se puderem observar, quando a imagem aumentar, hão de reparar no paninho que está no chão é para aparar a água.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Olha ali o filho da R.

P12: O filho da P14. também ‘tá nesta turma? Tu já tens um filho no nono ano?!...

P14: Não P12 [risos]

Vários interlocutores em simultâneo: O filho da R. M..

P12: Ah, a R. M.. Sim, o F., claro. O F..

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olhem, eu também.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O irmão ‘tá no continente, penso, olha, por acaso não... Ele no ano passado tinha ido para o continente fazer uma espécie de ano propedêutico, porque ele não tinha, acho que ele tinha uma disciplina do décimo segundo p’ a fazer... e ela optou, o F., ela optou por ele ir fazer uma espécie de ano propedêutico e depois chegava ao fim do ano e fazia o exame. Portanto, eu nunca mais lhe perguntei, mas eu suponho que o miúdo já deve ‘tar no primeiro ano da faculdade.

P13: Nunca mais o vi.

P12: Ele ‘teve aí no Natal, eu por acaso vi-o.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas aqui tens uma imagem maior do que na filmagem anterior.

P10: Porque aqui fui eu que filmei.

P12: Ah...

P7: É porque a máquina é diferente.

P10: Não, foi a minha máquina que filmou [impercetível – ruído de fundo]

P12: Sim, sim. Com o telemóvel, exato.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Sim, sim, sim.

P10: Aquelas partes que [impercetível – sobreposição de vozes] com a minha máquina...

P12: Sim, sim, sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: O exercício aqui também já é outro... formam filas, vão jogando e passam para trás, para o fim da fila.

P12: Ah, que cómico.

[impercetível – ruído de fundo]

[...]

P2: Agora tirei as raquetes, só ficou [impercetível – ruído de fundo] e passar para o colega.

P12: Tipo estafeta.

[impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Ele ‘tá tão alto.

P2: Vai armar mais confusão, porque vai, atira e passa ao colega.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Rápido, molenga, vai.

P9: Tipo estafeta.

P2: Agora com vão tocar menos, vai cair menos. A ideia ali é [impercetível – ruído de fundo]

P12: Mas estes que estão aqui mais perto de nós também ‘tão a fazer o mesmo exercício?

P10: Sim, sim.

P12: Ah, mas eles são só dois... [impercetível – sobreposição de vozes] Não vês?

[impercetível – ruído de fundo]

P2: São dois.

P12: Pois, é isso, são só dois.

P10: Mas deste lado ‘tavam três.

[...]

P7: E aqui o objetivo era as técnicas do badminton, não é?

P2: Sim, [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: É que eu tenho aqui este parâmetro.

P2: Qual?

P7: Esse do... cumprimento dos objetivos... Era isso, não era?

P2: Os diferentes batimentos.

[...]

P10: Pronto, é claro que aqui não se percebe o que é que ele diz...

P12: Sim, mas percebe-se que ele...

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] movimentação dos alunos, percebe-se que o *feedback* que ele deve ter dado... [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, e percebes que ele ‘tá a dar instruções, não é?

P10: Sim, claro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Pode correr o risco de... [impercetível – ruído de fundo] mas os miúdos
[impercetível – ruído de fundo]

P7: Aquilo branco são quê? Os pesos, não é?

P10: Aquilo é os postes do badminton.

[impercetível – ruído de fundo]

P2: Não, não fazem... Mas, por exemplo, na aula de voleibol já [impercetível –
sobreposição de vozes]

P10: Mas agora já estão a fazer jogo. Agora já ‘tão a jogar... a dois contra dois.

P9: As raparigas estão vestidas parece que vão sair para a noite. [Risos] Aquela
blusinha vermelha. [Risos]

P10: E ‘tava gente lá em cima, também [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Ai lá atrás dos coisos?

P9: Sim.

P2: ‘Tás sempre a levantar a voz...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eles chegam a reagir [impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Têm que arranjar aquelas meninas do boxe, que vão lá com o cartaz: “*Round two*”.

[Risos]

P13: Juntem-se aqui [impercetível – ruído de fundo]

[Risos]

P13: “Exercício número dois”...

[Risos]

P10: ‘Tá quase?

P2: ‘Tá.

[...]

[impercetível – ruído de fundo]

P8: A C. faltou à aula?

[impercetível – ruído de fundo]

P2: E o A..

P12: A C. é uma que é repetente? Eu no ano passado tive com a C. no nono ano.

P8: Ela repetiu [impercetível – ruído de fundo]

P10: Repetiu no oitavo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Esta turma é tua?

P8: É.

P12: Tens os sétimos e os nonos todos?

P8: Sétimos, oitavos e nonos.

P12: Tens tudo?

P7: O que é que sobra?

[Risos]

P8: Só não tenho o 9ºA.

P13: Só não tens a quarta classe.

P8: Exato. [Risos] E vá lá que este ano é [impercetível – sobreposição de vozes]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: A tua câmara filma bem.

P9: É mais clarinha.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: A minha ficou sem pilhas, mudei para a dele.

P2: Eu agora mudei as equipas. Pus outros grupos.

P10: [impercetível – ruído de fundo] bolas.

P7: Ah, pois claro.

[...]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Agora ‘tá mais silêncio.

P7: Mas é da câmara.

P12: Pois é, ‘tava a reparar nisso...

P7: Até nós ficámos em mais silêncio.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Silêncio gera silêncio.

P7: Exatamente.

P6: Barulho gera barulho.

P12: Agora, o óscar de realização vai para a P10. [Risos] Porque é assim, porque eu aqui vejo-te imenso. Na outra filmagem eu... e ela fez uma filmagem...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Atenção que nesta aula, badminton, é mais fácil andar entre os alunos... Numa... no vólei eu sujeito-me a levar com uma bola na cara...

P12: Claro.

P10: ... principalmente se andar a passar lá muito no meio deles não é?

P9: E também as idades têm [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Sim.

P12: Não, e se calhar também o espaço também é mais pequeno e se calhar permite... ter maior ângulo...

P10: E estava mais perto, talvez, a filmar, não, P2? Do que tu.

P2: Sim.

P7: E a posição, e a posição da câmara, na outra, não foi mais na vertical do que na horizontal?

P10: Era quando ele estava a filmar com o *Iphone*.

P7: Mas estavas na vertical, não estavas?

P10: Estava.

P7: Pois, ficou mais curto o espaço do ecrã.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: ‘Tá. O P2 [impercetível – ruído de fundo]

P2: Agora ‘tão ali a jogar, ao fundo. Ou seja, como a P10 reúne todos no fim, eu não reuni. Eles dispersaram... acho que já tinha dito qualquer coP12 [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tu ‘tás ali ao pé da rede, não é?

P7: ‘Tá a jogar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Aquele é o C..

P8: São os que gostam...

P10: Eles também arrumaram a raquete ordeiramente, saíram sem... sem confusão.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Os nonos são bons, *pá*.

P13: O meu. O meu e o seu [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Oh pá, há dias mais [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Tens esta turma também, P13?

P13: Não, já tive no ano passado, no oitavo. Era para ficar este ano, mas depois, por incompatibilidade com outro colega meu, não deu. Era para ficar com décimo primeiro [impercetível – ruído de fundo]

P8: [impercetível – ruído de fundo] porque, supostamente, era [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Parabéns à realização.

P12: Quem era?

P8: Devem ser alunos de... talvez de... da F..

P8: Ok, vamos lá então à avaliação.

P12: À avaliação... salvo seja.

P10: Da observação.

P8: Eu peço desculpa... já me estava aqui a esticar.

[...]

P7: Vocês também fizeram este... este registo?... Vocês, entre vocês, também fizeram...

P10: Não, nós estivemos a filmar...

P2: Nós filmámos a aula e não fizemos nenhum registo.

P7: Ah...

P10: Falámos depois...

P2: Depois falámos sobre a aula. ‘Tivemos a discutir, não tínhamos era uma grelha...

P10: Poderíamos depois fazer...

P2: Fazer as duas coisas ao mesmo tempo não dá.

P10: E é mais fácil tu ires vendo e passas atrás e voltas a ver...

P7: Sim, não, na hora não. Eu não estou a dizer na hora.

P10: Não, agora?

P7: Sim.

P10: Não, ainda não fizemos.

P12: Essa foi a que tu me mostraste, exatamente.

P10: Foi daqui que eu tirei.

P12: Sim, mas...

P10: Eu posso-te é mandar essas...

P12: Pois. Exato. Exato. Porque já é uma adaptação dessa.

P10: Sim, sim, sim.

P12: Porque eu acho...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Mas estes parâmetros não são específicos da vossa disciplina, alguns?

P10: Alguns não são.

P12: Por exemplo, eu acho que aqui estes dois que eu tenho podem-se adaptar perfeitamente à minha disciplina: o professor intervém sistemática, correta e estrategicamente com os alunos...

P7: Eu não digo os critérios, eu digo os parâmetros.

P12: Sim...

P10: Por exemplo, eu tenho outra, outra... outra grelha...

P12: Aqui, quase nunca, às vezes, é isso?

P10: ... onde aparece mais, portanto, era para registar...

P7: Organização, controlo e segurança dos materiais.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ah, pronto. Mas, por exemplo, mas no meu caso é mobilização dos alunos para as atividades e objetivos. Isto é perfeitamente utilizável em qualquer disciplina.

P10: A ideia é assim...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pois.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas... isto adapta-se à atividade. Por exemplo, o P7...

P9: O que é que tu tens?

P7: Eu tenho controlo e segurança das atividades.

P10: Esta é muito mais específica.

P7: Esta não é mais... eu não estou a ver...

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] fui eu que fiz. Organização, controlo e segurança das atividades. Tu também organizas e controlas a tua atividade numa sala de aula.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu gosto... embora eu ache que há ali umas categorias que eu ache que a nomeação das categorias não é muito feliz. Acho que, se calhar, outra nomeação seria melhor. Mas eu gostei muito daquela grelha e acho que...

P9: E consegue-se fazer na aula, enquanto se vai observando, se calhar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É uma coisa que tu consegues fazer *a posteriori*. Tu podes fazer a tua observação em grelha livre, mas depois, no fim, tu consegues pegar naquilo e dizer: “Olha, realmente isto eu observei, aquilo eu observei...”

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Consegues ver um início...

P7: Mas não consigo dizer que estiveste sempre a fazer isto.

P10: Não.

P8: Os alunos não alteram em nada as suas [impercetível – sobreposição de vozes]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu posso, olha, mas, por exemplo, esta que eu tenho aqui relaciona-se mais especificamente com a aula, porque fala do aquecimento...

P12: Claro.

P10: ... a posição dos alunos, o meu posicionamento...

P12: Exato. É assim, lá está, há umas que são muito específicas da Educação Física, mas há outras que são genéricas e por isso é que eu gostava que tu me fornecesses isto, porque eu acho que algumas destas genéricas podem ser utilizáveis...

P6: A minha, por exemplo, é a conclusão na aula...

P12: Pois, o professor conclui a aula de acordo com princípios metodológicos e pedagógicos... Exatamente, dá para qualquer disciplina.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O quê? Podes. Podes ficar aí.

[...]

P10: E então, foi muito cansativo? Muito chato?

P7: Não.

P12: Não. Eu, eu... eu gostei de fazer, a única dificuldade que eu tive foi aquela que eu disse há pouco. É como a minha grelha é centrada no professor, na filmagem em que o professor praticamente não aparece, torna-se mais complicado, mas...

P10: Esta que nós retirámos, que fala mesmo, depois quando eu te mandar tem lá, que é mesmo a linguagem utilizada. Vocês não conseguem perceber...

P12: Claro.

P10: O professor utiliza uma linguagem clara e acessível à compreensão...

P12: Claro.

P8: Isto é muito mais fácil preencher, por exemplo, ter [impercetível – sobreposição de vozes] eu vou assistir à tua aula, já sei o que é que vou avaliar, é muito mais fácil do que...

P10: Por isso é que nós demos...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] fazer assim, porque se for observar uma das vossas já vou com uma ideia... o que é que eu vou ter em conta e... Se for só uma grelha, as outras todas não consigo.

P10: Oh, estes parâmetros todos que vocês ‘tiveram aí a fazer, ‘tá nesta grelha assim.

P12: Não, mas é assim, também, eu acho que é preciso ter em atenção... [impercetível – sobreposição de vozes] Quando tu vais...

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] separei que é para cada um fazer a sua...

P2: E vai por ordem, início da aula, parte principal [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Porque é para tentar fazer a observação com estas grelhas, tem que estar muito enturmado com o que é que ‘tá a avaliar, com o que é que tá a observar mesmo, p’ra não ter que ‘tar aqui à procura e ao mesmo tempo ‘tar a ver.

P2: Claro.

P10: Tem que saber bem o que é que aqui está.

P12: Eu, não sei, eu...

P10: Isso aqui ia levar muito mais tempo.

P12: Eu penso que quando se utiliza, que este tipo de grelha é bom para utilizar num registo *a posteriori*. Por exemplo, depois de eu observar, eu observo, faço os meus registos, isto e aquilo e o outro.

P10: Para uma observação destas, em diferido, por exemplo.

P12: Mas depois, só vou usar a grelha já *a posteriori*, porque eu acho que se a gente ‘tá numa aula... Se ‘tá numa aula, a observar uma aula e a querer preencher estes parâmetros todos, não consegue.

P10: Todos não conseguem. Não, não.

P8: Eu usava aquela grelha que nós usamos durante a aula, para depois, posteriormente, [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exato. Exato. Penso que para a observação da aula é sempre melhor uma grelha aberta e depois, então, *a posteriori*, antes do...

P10: Neste livro eles falam naquele registo que tu fazes ao [impercetível – sobreposição de vozes] Eles chamam-lhe o registo anedótico.

P12: Pois, exatamente, porque vais registando acontecimento a acontecimento, exatamente. [impercetível – sobreposição de vozes] Mas penso que estas grelhas são úteis para depois, *a posteriori*, depois...

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] de cronómetro na mão e com a grelha... tipo, eu ‘tava com x alunos, outro colega outros x alunos e um colega ‘tava a dar a aula. Para registarmos, era a dimensão do tempo em que os alunos se encontravam em movimento, em tempo motor. O objetivo da aula de Educação Física é ter os alunos o menos parado possível, não é? Os alunos têm que ‘tar a trabalhar, a fazer... a aprenderem aquilo, mas sempre em atividade... porque o aluno acaba por se aborrecer. Aquele aluno está muito tempo à espera ou vê-me sentada ou vê-me falar, começa a ser seca. Ou o aluno ‘tá numa fila para encestar, muito tempo à espera da vez dele para ir lá encestar, aquilo torna-se [impercetível – tosse]. E nós chegámos a ‘tar com um cronómetro a contar... o tempo todo de cada um, a fazer o registo e dizer: “Olha, atenção”. E depois era o tempo, por exemplo, das (segmento impercetível) ou falar assim e assim, a reação dos alunos, aquilo anda ali tudo (segmento impercetível).

P12: Sim, mas há observações que têm mesmo esse objetivo, que é, que são observações muito vocacionadas para esse rigor de observação temporal.

P10: Nós começámos a fazer isto desde o primeiro ano que eu fui para o curso. Aquela prática pedagógica em que nós começámos a ir à escola fazer esta observação...

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] de exercícios.

P10: Sim, fazer...

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] de um exercício para o outro.

P10: Sim, sim, sim.

P2: O tempo [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Exato.

P2: Descontava no tempo total da aula e [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Exatamente.

P2: Porque tu, ao explicar o exercício, imagina que ‘tás dois ou três minutos e se fazes dez exercícios numa aula são trinta minutos a explicar exercícios (segmento impercetível).

P10: Perdes muito tempo em... explicação.

P12: Mas eu acho que, para mim, eu acho que estas grelhas são muito úteis até para nós, p’ a nossa auto-análise., por exemplo.

P10: Quando tu vais ver uma aula, se calhar, de alguém, já sabes que, dentro daqueles critérios...

P12: Sim...

P10: ... daqueles parâmetros, o que é que deves ter em conta, n’ é? Chegar ali e observar só assim de uma forma geral. Eu acho que é importante a gente saber focar-se em qualquer coisa...

P12: Não, eu isso também acho. E acho que até mesmo para a tua auto-análise, quer dizer, quando tu depois pensas na tua aula, o que é que tu fizeste, ter assim estes indicadores é...

P10: E nesta, de onde eu tirei esta adaptação...

P12: É útil.

P10: ... esta é onde é dada a percentagem tipo de 60 a 100%. Se o professor cumpre este parâmetro. Depois há o outro... que já não é faz, mas já não com tanto rigor... já não utiliza... Portanto, várias possibilidades de, de atuação do professor, onde eles aplicam o... mas eles depois traduzem tudo aquilo em percentagens e em valores e em...

P12: E sabes uma coisa que esse livro tem que eu gostei e ainda gostava que me deixasses fazer uma fotocópia, que é naquela parte inicial que tem a estrutura da aula.

P10: O que é que se observa, como é que se deve observar...

P12: Não, e os diferentes momentos, porque algumas dessas coisas são... até são úteis para, por exemplo, eu 'tou a pensar agora, eu tenho que fazer o meu plano de aula p'a a minha avaliadora... o primeiro plano de aula que eu fiz organizei: primeiro momento, segundo momento... Se calhar, é mais interessante... essa especificação maior, que é... a introdução, o desenvolvimento, embora haja depois aí coisas que não se aplicam...

P10: E a conclusão da aula.

P12: Exato. Embora haja coisas que depois não se aplicam na minha disciplina, não é? Mas acho que esse... eu, por acaso, eu gostei imenso dessa brochura, eu acho que isso tem...

P10: Eles têm, falam aqui nos princípios da observação...

P12: Exatamente. Exato. 'Tá muito sintetizado...

P10: 'Tá, 'tá.

P12: ... mas tem coisas, eu acho que essa brochura 'tá muito interessante, até sobre aquelas, tem depois também aquela parte sobre... os aspetos que tem que se ter em atenção, quando se faz uma observação, para não se ser contaminado por causa disto, por causa daquilo, por causa do outro... Essa brochura 'tá muito interessante mesmo, apesar de ser muito específica...

P10: Eu tenho tendência [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Trás-os-Montes.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tu fizeste em Trás-os-Montes? [impercetível – sobreposição de vozes] Olha, tu amanhã não ‘tás cá de manhã?

P10: ‘Tou.

P12: Então, pronto, eu deixo ali no meu cacifo. Amanhã eu vou lá fazer uma fotocópia, porque eu achei isto muito... muito engraçado, mesmo.

P14: Eu também tive na de Trás-os-Montes...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Ao complexo? Quantas vezes.

P9: Eu cheguei a ir lá.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Oh P14, mas no vosso curso também [impercetível – sobreposição de vozes] aquelas barras dos cereais e isso, não? [impercetível – sobreposição de vozes] Ginástica, aquilo é [impercetível – sobreposição de vozes]

P14: [impercetível – sobreposição de vozes] na universidade [impercetível – sobreposição de vozes] com tantas folhas coloridas que eles têm, que é uma coisa que nós não temos cá. Achei tão giro. Trouxe um monte de folhas...

P2: É gira a universidade.

P13: Qual?

P2: A de lá de cima.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Em que ano é que tiveste, 96 ou 2002?

P14: Eu entrei em 98... saí em 2002, 2002/2003.

P7: Eu fui lá ainda era só cá em baixo (segmento impercetível)

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas o P7 é da Católica, de Viseu... não é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Estava lá um primo meu, que eu ia a Vila Real [impercetível – sobreposição de vozes] Engenharia Agrônoma, ainda era só cá em baixo, só depois é que passaram, foram construir lá para cima.

P12: Bem, não sei o que é que têm mais a dizer acerca de, de... do que viram... não sei se...

P13: Agradecer a partilha da...

P8: Exato.

P8: ... aula e acho que foi uma boa iniciativa.

P9: Enriquecedora.

P8: Enriquecedora, sem dúvida.

P13 Foi um bom princípio.

P12: Não, eu...

P8: Em relação à parte, peço desculpa, em relação à parte das observações, o que eu meti no final foi... que é importante ter em conta que foram observadas duas turmas com idades diferentes, portanto, uma de sexto ano, outra do nono ano, modalidades diferentes e docentes com estratégias de atuação diferenciadas. Mas, de uma forma geral...

P10: Não são muito, muito, por acaso...

P12: Por acaso, isso eu não achei. [impercetível – sobreposição de vozes] Não achei que a estratégia fosse muito diferente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Pois não, P2? Nós não temos um método muito diferente.

P2: Não, se fosse... pronto, nós os dois [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] de maneira diferente. Nós, por acaso, temos uma...

P8: P10, aqui tem a ver um pouco com o tom de voz. Eu dou o exemplo de uma aula que fui observar, do P4, em que o P4 conseguiu dar a aula toda com o mesmo tom de voz. Comigo é impossível, eu berro, depois calo-me...

P9: Eu também não consigo. [Risos]

P8: Na turma dele, que eu fui observar, não consegui manter o mesmo... nível... mesmo quando estava a chamar a atenção de um aluno e é isso que eu, quando digo aqui diferenciado, é mais nesse sentido.

P10: Sim, mas neste caso ele faz isto por causa [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Também por causa da voz e isso tudo, sim.

P10: Eu costumo, eu falo para o grupo, não é? Se realmente vejo que não consigo, que eles não me ‘tão a ouvir, por causa daquela barulheira, não faço isso. Falo para o grupo e depois ponho-os a trabalhar e depois vou, então... corrigir, tentá-los corrigir. Ele, neste caso, fez isso...

P8: Sim, sim.

P10: ... porque, realmente, às vezes não é fácil, não... Só que, o que é que eu noto, por exemplo, nas minhas turmas? Se eu faço isto só a dois ou três e depois vou a outros, já ‘tão... Então, é melhor juntá-los, todos me estão a ver, todos estão a ouvir, pergunto o que é que acabei de dizer ou o que é que é para fazer, percebo que eles entenderam e vão trabalhar. E depois, então, passo por ali, porque se não eles começam a dispersar... Basta que eu esteja de costas para eles... Aliás, ali, aqueles pontapés na bola, vocês não viram, mas o P2 viu que assim que eu virei as costas para ‘tar a falar com outros, houve logo pontapés na bola.

P12: Não, e penso que essa necessidade que tu tens de falar para o grupo, não sei se não tem a ver também com o facto de teres uns níveis etários que são muito mais...

P10: Sim, sim, sim.

P12: ... porque eu noto que com os miúdos mais pequeninos...

P10: Porque se não eu ‘tou a dizer a mesma coisa, se for preciso, vinte vezes.

P12: Exatamente.

P10: ... repetir a mesma coisa...

P12: Eu percebo, eu apercebo-me disso. Os miúdos mais pequenos, eles têm uma facilidade para se dispersar e para se distrair, que não... não é a mesma coisa...

P10: E assim consegues juntá-los e usar aquela linguagem para eles, para eles entenderem...

P8: E a questão do pé na bola, eu sou da opinião que o P2 estava a dizer ali, é um problema que nós homens temos...

P10: Mas não é só homens. Oh P8, não é só homens. Eu se tiver ao pé de uma baliza e se tiver uma bola na mão, a minha tendência é chutar à baliza.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: E agora mais, no vólei... no vólei pode-se jogar com qualquer parte do corpo, não é?

P12: Pode-se jogar com qualquer parte do corpo?

P10: Qualquer parte do corpo.

P2: Sim, pode-se. Agora pode-se.

P10: É claro que a gente ensina, nós ensinamos... gesto técnico é mãos, não é? Mas tu podes usar o pé em último recurso...

P2: Na minha altura até a cabeça valia...

P10: Era braços... Não, era cabeça e mãos.

P2: Agora já vale pés.

P10: Agora é qualquer parte do corpo.

P12: Ai que cómico.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não, não há...

P12: Ah, eu tinha ideia que o vólei era só com as mãos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Era. Era. Agora já...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É pivot que lhe chamam?

P2: Livre.

P10: Livre. O livre... Mas, por exemplo, tu ensinas, até porque, p'ra jogar em condições, é com as mãos, fazendo a manchete e o toque de dedos, obviamente. O remate. Agora, podes usar o pé, realmente. Mas se tu fores ver um jogo oficial...

raramente vês o pé metido na bola ou outra parte do corpo. Quando muito a cabeça.
[impercetível – sobreposição de vozes] Agora, os nossos miúdos [impercetível – sobreposição de vozes] história com o pé pode...

P12: Ah, pois, isso então tens futebol com rede. [Risos]

P10: Se eu tenho dificuldade em fazê-los baixar, então é que eles não baixavam mesmo.

P8: Passa a ser futevólei.

P13: Mas não pode mesmo? É regra? Isso depois é rotativo?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não, o livre é só um, ele vai entrando e saindo.

P2: E pode entrar e sair consoante o jogo, não é preciso [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mais nenhum faz a função de livre, só aquele. Ele não pode é rematar, não é?

P2: Pois.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eles estão sempre a alterar muito as... as regras... É como o campo de basquetebol, o garrafão. O nosso garrafão já 'tá desatualizado, era um garrafão afunilado...

P2: Agora é direito, não é?

P10: Agora é um retângulo.

P2: Exatamente.

P10: É para evitar que eles se concentrem na área restritiva.

P12: Ai é?

P10: Só que os nossos campos estão desatualizados.

P8: Já tinha visto, mas ainda não tinha percebido qual era o objetivo.

P10: Dantes era aquele afunilado... com a linha de lançamento e...

P12: E o círculo.

P10: Agora não, agora é um retângulo.

P2: Já há muitos anos que é assim.

P8: Não sabia qual era o objetivo.

P10: O objetivo foi não... evitar a concentração dos jogadores na área restritiva. Assim estão todos pela mesma... Americanices.

P6: Sim, sim.

P8: Olha, mas como conclusão, considere as duas aulas muito positivas.

P10: O objetivo, apesar de não se ter ouvido bem o que eu falei, pelo menos na minha aula, o objetivo foi, foi alcançado. Não tive grandes situações. Por acaso, nesta turma, aconteceu-me, no ano passado, tinha o P2 lá comigo, uma situação de pontapé na boca ao K., que o P2 é que me segurou, senão eu tinha desfeito os dois.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: O K. ‘tava a pedi-las e o pontapé que levou foi bem dado, mas claro que eu não podia...

P12: Pois.

[Risos]

P10: Ele ficou com maxilar assim...

P12: Ai que horror.

P10: Ele levou o pontapé na boca. Ele baixou-se quando o E. levantou o pé...

[impercetível – sobreposição de vozes] Eu disse assim: “Devia dar-te do outro lado que era pra te pôr...

P8: Por falar nisso, houve... o V. é teu aluno, não é? Não havia aquela problemática? Ele consegue controlar agora, foi atribuído um professor para ali estar ao mesmo tempo, não é?

P10: Mas não, não justifica.

P8: Pois.

P10: Acho que já não justifica, porque o problema do V. era a integração aqui dentro, não é?

P8: E já está...

P10: ‘Tá integrado, vai trabalhando, oh pá, só que tem aquela necessidade de ‘tar sempre fazendo qualquer coisa a outro colega e...

P8: Não, estava a perguntar-te, porque daqui a dois/três anos nós vamos ter o Vítor...

P10: Sim, sim.

P8: ... depois a trabalhar connosco e...

P10: Tem as suas dificuldades a nível de coordenação...

P8: Aquele miúdo que tem... é autista.

P6: Eu sei, eu sei.

P10: Enquanto os outros trabalham o passe...

P12: Não sei quem é.

P9: Não sabes quem é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] com ele, tipo, só lançar-lhe a bola e que ele consiga passar, pronto.

P12: Mas acho que se passar por ele...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sim...

P10: Mas eu penso que vai fazendo. Só que é assim [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Acho que se passar por ele aí na escola, sozinho, não sei quem ele é.

P10: ... se ‘tás só com ele... deixas um bocado a turma. O que é que, qual foi a dificuldade no ano passado? Foi que eu tinha o A. nessa turma, também. A gente sabe o que é que é o A.. E o A.... e mais o M. e mais não-sei-quê, com o V. aquilo era... Cheguei ao ponto de ‘tar na aula e o V. achou engraçado mandar bolas p’rá bancada porque o A. ia apanhar e outro ia apanhar e quando eu dei por mim, estavam três ou quatro a correr na bancada. [Risos] Depois o V. fugia da aula [impercetível –

sobreposição de vozes] balneário. Eu não posso deixar uma turma de dezoito miúdos por causa daquele.

P12: Claro.

P10: E... a E. ali vai trabalhando com ele, vai conseguindo fazer. Mas eu penso que isso durante [impercetível – sobreposição de vozes] porque ele integra-se na turma. Ele tem é que perceber como é que isto funciona...

P8: E que há regras.

P10: ... porque ele andou sempre demasiado protegido. A gente tem a mania de proteger... mas só ‘tamos a fazer mal.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Aquela questão de ele ‘tar sempre a tocar [impercetível – sobreposição de vozes] “Ah, e quando é comigo não é chato?” É que ele faz com todos, mas depois quando [impercetível – sobreposição de vozes] com ele, ele acha que é chato.

P1: Mas é um miúdo que precisa de certos cuidados.

P10: Mas escreve. Ele não fala, mas escreve bem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Fala pouco e o que fala, fala assim... [Imita a voz]

P8: É.

P10: ... porque nunca o emendaram que podia falar de outra maneira [imita a voz].

P12: Pois isso realmente... É. Não, sem dúvida nenhuma.

P10: Ele pode ter ali um autismo, mas tem ali muita baboseira. É.

P8: Mesmo o P.. O P. que estava ali, não sei se podia ser, se não fosse a mãe... mas às vezes percebemos... às vezes também é filho único...

P6: Isto é para vos entregar?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ai vocês querem isso?

P10: Sim...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu também tenho, P12, lá, que encontrei um material também que fala sobre, para fazer a observação e detetar comportamentos desadequados... inapropriados...

P12: Ah, isso é giro.

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] observação daquilo para... para tentar descobrir o porquê... daqueles comportamentos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Por acaso até pensei colocar aqui “não identificou”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O quê?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Sabes quem é o L.?

P8: Sei.

P13: Da Camacha. Sei.

P2: Na *pokerstar*. Fez agora um jogo que é *spin and win*... Tu inscreves-te no jogo... no poker jogam três jogadores e, imagina, jogas jogos de três dólares, sete, quinze, sessenta, cem...

P12: Mas aquele ‘tá a jogar?

P10: Joga poker.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: [impercetível – sobreposição de vozes] multiplicar, imagina sete dólares, podes chegar aos vinte e um mil dólares.

P6: Fogo.

P2: Porque aquilo, tu inscreves-te no jogo, entra e dá [impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: É uma questão de sorte.

P2: Bateu nos vinte e um mil euros e jogou com três, ganhou o jogo, ganhou vinte e um mil euros, com sete.

P9: Mas isso é tudo virtual, não é?

P12: Mas depois o dinheiro acho que não é virtual.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P2: Não vai entrar num torneio de dez mil euros. Eu também ‘tou a jogar nesse, três dólares, o prémio desse torneio foi a cento e vinte e oito dólares. E eu ganhei [impercetível – sobreposição de vozes] estava ali a jogar [impercetível – sobreposição de vozes] e aqueles jogos que duram... quinze minutos, no máximo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Que horas são? Temos que avançar. [impercetível – sobreposição de vozes] Colegas, então, vamos avançar? Pronto... ‘Tá tudo gravado... Pá, o que é que queres que eu faça? Não posso ‘tar a... [Risos] É assim, temos a próxima, o próximo encontro agendado para o dia treze. Eu penso que até ao dia treze, até porque praticamente são duas semanas, possivelmente não teremos tempo pelo menos para fazer duas observações, um observar e outro ser observado, mas penso que podemos deixar já os pares estabelecidos e depois as pessoas programarem a sua vida. Até porque, eventualmente, alguns já só será depois da Páscoa, porque as aulas acabam a vinte e um, não é? Penso que podemos é deixar os pares organizados...

P13: Eu e a P9 observámo-nos um ao outro esta semana...

P12: É?

P13: ... Não sei se queres que nós falemos um bocadinho sobre isso...

P12: Ah, se querem falar...

P13: Não sei, não sei.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É assim, por mim... por mim tudo bem. Pensei...

P13: Foi uma experiência igual... nos mesmos moldes que a outra que eu e a P1 fizemos. Foi só observar os passos que íamos dando durante a aula, mas observando mais os alunos. Foi isso que ficou combinado, não é verdade?

P12: Pois. Exato.

P13: E pronto, a P9 assistiu... era uma aula de... a turma tinha noventa minutos, metade Inglês, metade Biologia. A P9 veio assistir à minha primeira parte da aula.

P9: Calhou tudo na mesma sequência.

P13: Eu tive a sorte, apanhei-os logo de manhã, assim meios adormecidos e tal. Portaram-se, eles portam-se bem às oito e vinte...

P9: Sim, às oito e vinte ‘tavam sossegadinhos.

P13: Conseguimos... eles fizeram exercícios [impercetível – sobreposição de vozes] enquanto estavam assim. Depois (segmento impercetível) ficaram um bocadinho mais agitados...

P9: E depois, ainda por cima, tive um problema informático, lá pelo meio. [Risos]

P13: Sim, mas isso não foi...

P12: Mas deixa-me só, então vocês observaram a mesma turma.

P13: Sim. No mesmo dia.

P12: Ah, isso então...

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] quarenta e cinco minutos eu observei primeiro dele e [impercetível – sobreposição de vozes] manteve-se na sala e depois observou a minha aula.

P12: Penso que não deve haver muita gente que tenha conseguido fazer isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Mantivemo-nos na mesma sala.

P13: Não sei se eu também contribuí um bocadinho p’ra, p’ra distração deles, também, se calhar. Não sei.

P9: O facto de ter [impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Duas observações seguida, duas pessoas na...

P13: Já nos conhecem.

P9: Já nos conhecem. Penso que não foi...

P13: Iam ter as disciplinas na mesma.

P9: Pois. A minha aula foi uma aula... a tua aula acabou por ser... ele fez exercícios com os alunos, quer dizer... escreveu primeiro os verbos... os modos verbais, não é?

P13: Sim, sim, sim, sim.

P9: E depois fez exercícios do manual. Se calhar acabou por ser uma aula um bocadinho mais interativa com os alunos. A minha aula foi uma aula mais expositiva.

P13: No teu caso, tu trabalhaste mais do que eu, tu expuseste a matéria... por isso é que, se calhar eles [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: A minha intenção... dentro do objetivo que eu tinha para a aula, era no fim da aula corrigir o trabalho que tinha ido para casa para... Pronto, eu quis concluir aquela parte da matéria... que estava a dar, o sistema nervoso e... mas pronto, depois aconteceu lá um problema informático pelo meio, acabou a I. por vir ajudar [impercetível – sobreposição de vozes] tempo da aula...

P13: Mas também serviu para mostrar que os alunos também gostam de cooperar com o professor...

P9: Sim, sim.

P13: Quando acontece alguma coisa dessas, estão sempre prontos e sugerem as soluções para o problema. Serviu também...

P9: A I. foi excelente. Foi a I. que safou.

P13: Também teve esse...

P9: Eu não sei, eu toquei numa tecla e a imagem do computador virou completamente ao contrário. Ficou de pernas para o ar. Eu nunca me tinha acontecido isso, fiquei assim, caramba, nunca me tinha acontecido. Logo na aula que o P13 vem observar, vira-se a imagem ao contrário. O que é que se passa aqui? [Risos]

P13: No meu caso, no meu caso foi mais simples porque... no fundo, foram eles a fazer as atividades. Eu apenas expus o tópico gramatical, que era uma coisa simples... tentei inserir esse tópico gramatical num contexto previamente estudado na aula, foi, neste caso, as profissões... ou as expectativas futuras de trabalho. E depois, a partir do exemplo, partimos para o estudo dessa forma verbal. Eles fizeram exercícios, corrigimos, tirámos dúvidas e pronto, foram esses os momentos. Foi, foi.... Foi uma coisa mais prática. No caso da P9, foi um bocadinho mais, *teve* mais centrado nela e os

miúdos, como têm pouco poder de concentração, divagavam muito. Mas no fundo, mas, no entanto, foi isso que eu também aponte aqui, eles gostaram do tema, eles gostam do tema.

P9: Gostam. É um tema interessante.

P13: Agora, o que eles não sabem é participar... [impercetível – sobreposição de vozes] ao mesmo tempo...

P9: Mas isso eu noto que é um problema também da própria turma, porque, por exemplo, é o segundo ano que eu ‘tou a dar no nono ano esta matéria, o ano passado também tive nonos anos, e acho que as intervenções, às vezes, na aula, dos alunos, acabavam por ser mais interessantes. Eu colocava questões mais interessantes. Portanto, eu ‘tive a expor a parte do sistema nervoso simpático e parassimpático, tem a ver como é que nós reagimos a situações de stress ou em situações de calma. Isso, normalmente, suscita muitas dúvidas neles, não é?

P13: Sim, eles mostraram isso.

P9: Pronto, alguns deles colocam... O D. é sempre um dos mais intervenientes...

P13: Sim, sim. O D. é um espertalhão.

P9: E... e depois foi a exposição de algumas doenças associadas ao sistema nervoso.

P13: Depois, o que eu tinha sugerido à P9, mas ela depois ela entretanto disse-me que já estava a fazer isso... no sentido de minorar essas intervenções, essa... Eu sugeri à P9 que fossem os próprios miúdos a investigar sobre tópicos da matéria e depois apresentar aos colegas. Eles próprios envolverem-se naquelas matérias que estão a estudar, aprender através de fontes fornecidas pelo professor...

P9: Claro.

P13: E depois, então, partilhar com os colegas e, então, no final, a professora dava o *feedback* e corrigia algumas coisas que tivessem ficado menos bem explicadas.

P9: Eu tenho feito isso com eles...

P13: Mas, no fundo, a P9 ‘tá a fazer isso, já me disse que ‘tá a fazer e eu acho que é boa ideia.

P9: Sim. Logo no início foi uma estratégia até do grupo, porque o P. também o está a fazer, com os nonos anos, que foi solicitar aos alunos... e até o P4 já sabe disso, nós

falámos em termos de Conselho de Turma. Foi solicitar aos alunos a pesquisa de vários artigos, porque há muitos artigos científicos sobre... a matéria do nono ano é toda sobre o corpo humano, portanto, nós damos os sistemas todos, pronto, estudamos também noções de hereditariedade. E eu, então, o que fiz foi adotar uma estratégia um bocadinho diferente da do P.... Eu distribuí, cada... fiz grupos e cada grupo está responsável por um sistema. E eu disse que, ao longo do ano, eles podiam ir trazendo, portanto... cada vez que dermos um sistema aquele grupo 'tá responsável por apresentar uma aula sobre toda a matéria daquele sistema. Mas ao longo do ano podem-me ir trazendo artigos, que podemos ir colocando naquele *wallpaper* que já todos vocês viram, que está junto à reprografia... Portanto, sobre o sistema que lhes calhou... Mas claro que não têm feito isso, portanto... Fizeram pontualmente, porque eu aí obriguei-os mesmo, porque esse tema não calhou a nenhum grupo, que foi as noções básicas de hereditariedade. Aí obriguei todos os grupos a me trazerem um artigo. E por acaso trouxeram, no próprio dia. Tenho-os para expor lá em baixo, ainda não expus... Mas, que foi sobre os alimentos transgénicos e todos trouxeram... Agora, pronto, aquele trabalho que eu queria que eles fizessem ao longo do ano, de facto, não o estão a fazer. E eu disse-lhes que quanto mais artigos trouxerem, como é óbvio, mais isso vai contar na nota prática. O primeiro grupo que já expôs, trouxe os artigos, mas foi pontualmente, na altura que era para eles trazerem. Portanto, o trabalho que está... como assim a dizer? À vontade deles, eu vou... tipo, eu vou levar mais para que a minha nota prática melhore, não existe. E eu vou lembrando constantemente nas aulas: “Não se esqueçam que se trouxerem artigos...”. Mas não fiz isso como obrigação, deixei isso em aberto. A obrigação é... naquele momento da exposição do trabalho, aí têm obrigatoriamente que trazer. Portanto, ao longo do ano, se trouxerem mais, isso é contabilizado... E foi essa a estratégia adotada... E pronto.

P12: Eu só preciso que me digam as horas, porque...

P13: Oito e vinte.

P12: Oito e vinte. P7, deixamos a nossa partilha para a aproxima sessão ou...?

P7: Como quiserem.

P9: Já é um bocadinho tarde.

P12: Pois. A minha preocupação é essa.

P8: Fica a vossa e a do P4 também para a próxima.

P12: Sim. ‘Tá bem. Pronto, de qualquer forma, se calhar organizávamos, então, os pares para a próxima etapa que, em princípio, até já é a última fase, a última observação que vamos fazer, porque se se recordam o que tinha ficado, o que tínhamos proposto inicialmente era que se fizesse uma observação no primeiro período, outra no segundo e outra no terceiro. Ou então, se calhar, também podemos fazer isso, podemos organizar os pares na... na próxima sessão, porque, realmente, já não vamos fazer observações no segundo período. Então...

P7: Dia treze de março...

P12: Dia treze de março, exatamente. Então, dia treze de março... dia treze de março... É à sexta feira, às cinco e dez e com a duração prevista das três horas, pronto, ‘tá bem? Hoje é que foi assim um bocadinho mais...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Por acaso é... [impercetível – sobreposição de vozes] Sim, mas isso foi uma sugestão que foi feita da última vez... Em vez de fazermos eu observo-te a ti e tu observas-me a mim, podemos fazer... tipo tu observas o P4, o P4 observa a P10, a P10 a P14, a P14. Temos é que ver isso bem... com os nossos horários por causa das compatibilidades, porque desta vez penso que as coisas correram bem, mas da primeira vez a coisa não correu muito bem, porque, pronto, também tivemos o caso das desistências, mas além disso também tivemos dificuldades com compatibilidades de horários e, portanto...

[impercetível – sobreposição de vozes]

ANEXO V E
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 10.04.2015

[início impercetível com sobreposição de vozes e ruídos vários]

P12: Exatamente como está, porque esta é a que correspondia a 13/03, 17/04 também não vamos fazer, porque não fazemos uma esta semana e outra p'rá semana. Para já, deixamos assim. Eu depois vou ter que falar com o C. R, [CFC] e, se for preciso fazer uma grelha toda nova, faz-se, na altura. Desde que eu tenha as coisas devidamente assinadas, sei quem é que assina e em que dias e, eventualmente, as faltas que se verifiquem... Pronto, porque... Eu por acaso ainda pensei fazer uma nova, mas pensei: eu não sei se isto tem que obedecer à... Porque eu tive que entregar ao C. R, [CFC] um plano com as datas das sessões todas e eu agora não sei.

P4: Mas como a ação se prolonga no tempo, há sempre [segmento impercetível]

P12: Pronto. Mas eu não sei se a folha de presenças que tenho que entregar tem que corresponder exatamente àquele plano que entreguei inicialmente ou se pode haver alterações e, portanto...

P10: O plano é para [segmento impercetível] e depois aquilo tem aquela validade, penso que não...

P12: Pois, mas como... Oh pá, mas eles são tão esquisitos. Eles uma vez não validaram uma ação da L. [PSOE] porque faltava uma coisa que era, já nem me lembro o quê, mas era uma coisa completamente ridícula e eles não a validaram, teve que vir tudo para trás para ser... refeito. Portanto, é melhor... Para já é assim, a mim o que me interessa é, efetivamente, saber as pessoas que estão e que não estão, não é? E depois... pronto... quando chegarmos ao fim... Bom... eu sei que ainda há colegas que não chegaram, mas como eu também não tenho a certeza se os colegas... vêm ou não... e como, entretanto, penso que já são... perto de cinco e meia, não são?

P9: Cinco e vinte.

P12: Ah, são cinco e vinte? Ah, vê lá.

P10: O P2 deve chegar um bocadinho mais tarde, que ele tinha... [segmento impercetível] com os miúdos.

P12: Era? Pronto.

P8: Ele estava lá em baixo.

P12: Vamos, entretanto, assinando as folhas e fazendo essas coisas burocráticas e queria só dizer que hoje, na nossa primeira parte, o P8 vai apresentar o relato de uma experiência que ele teve, ligado acho que à dinamização de um projeto de aprendizagem cooperativa, mas isso depois ele explicará melhor, com certeza, o que é a apresentação dele. Depois, na segunda parte, vamos trabalhar mais diretamente com... a parte das apresentações e discussões das partilhas que quiserem fazer e preparar o trabalho desta última etapa... que este período já é a nossa última etapa... Pronto... P8, depois é assim, se quiseres, uma vez que o P2 vai chegar, se quiseres esperar um bocadinho por ele, por mim não há problema nenhum. Penso que... Pois, se calhar tens material para ir preparando... Eh pá, tu és grande. [Risos] Ouve, eu, ou tenho que pedir a um aluno ou tenho que me pôr em cima de uma cadeira. Mas olha que é engraçado que isto... isto... eu dantes não tinha problemas nenhuns em subir a cadeiras e coisas e agora... oh... então, é assim, se for uma cadeira ao pé de uma mesa ou de um armário ou qualquer coisa, não me perturba, mas quando ponho uma cadeira ali...

P9: A cadeira sem mais nada...

P12: Ouve... é um esforço...

P9: Tens vertigens?

P12: ... parece que tenho a sensação que vou cair.

P9: Pois.

P6: É vertigens.

P12: É?

P6: É.

P8: A formação...

P9: Pois, aquela das cadeiras...

P12: Não, porque ‘tava muita gente junta, sabes? Senti-me amparada. [Risos] Por acaso não tive esse problema. Senti-me amparada, pensei: “Pá, isto ‘tá aqui tanta gente, ninguém me vai deixar cair”.

P13: Boa tarde.

P12: Viva, boa tarde.... Mas, por acaso, às vezes acontece-me, em aulas, aqui, que...

P9: É que se tira a cadeira, é complicado.

P12: E mete-me um bocadinho de impressão.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Tem ali.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Ok, obrigado.

P9: Não chega àquelas ali ao lado da... da janela?

P8: Não, o cabo não é assim tão...

P9: Ah, não é tão grande.

P8: Podia ficar aqui nesta mesa, mas depois fica assim um bocado...

P9: Mas o da P1 chega, só se vocês trocarem. O da P1 chega àquelas.

P8: Chega?

P1: Acho que sim... Não chega?

P8: Mas ela é capaz de trazer...

P12: Deve haver uma extensão, ali na... naquela sala...

P8: Se calhar até dava... Se calhar até dá.

P9: Esticadinho, esticadinho. [Risos]

P8: Com jeitinho.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: *You're welcome.*

P9: Também não se pode dizer que seja a extensão mais comprida... [Risos]

P12: Eu pensei que eles iam pôr era ali, para dar para os dois.

P8: Não. Dá perfeitamente. Dá.

P12: Olha, tens é que ligar a luzinha ali, senão...

P9: Já está.

P12: Já 'tá? Ai, eu 'tou tão pitosga... Achei que 'tava apagado... 'Tou muito pitosga.

[...]

P13: Estamos a assinar no dia treze, não é?

P12: Estamos a assinar no dia treze porque esta é a sessão que ainda se devia ter realizado no segundo período e... e eu não sei... Ainda há pouco estava a dizer isso, pronto. Eventualmente, se calhar, vou ter que fazer grelhas novas, todas de princípio, p'ra pôr as datas certas, mas p'ra já vamos assinando nessas e depois...

P13: Quem é que ainda não assinou?

P12: Por enquanto, acho que assinou toda a gente. Assinaste, P8?

P8: Sim.

P12: Então, pronto, só não assinou quem não está... mas penso que também... provavelmente, penso que é o P2 que falta, só.

P9: A P15 disse que talvez não viesse. Estive com ela hoje de manhã e ela disse que talvez não viesse.

P7: Quem, quem?

P12: A P15

P9: A P15

P7: E a P11. também não vem?

P12: A P11. 'tá doente.

P7: Ah...

P12: Por acaso, ontem, é assim, não sei se ainda está, mas ontem ela estava e... e eu por acaso perguntei por ela ao A. [CC1], porque tenho dado por falta dela. Não, não falta mais ninguém.

P9: Mas quê, 'tá com gripe?

P12: Isso não sei. Isso é que eu...

P12: Tenho dado por falta dela na escola e ontem, por acaso, perguntei ao A. [CC1], porque vi o A. [CC1], no intervalo... e... e então, o A. [CC1], disse-me que ela 'tava doente. E depois, eu acho que ela, agora, depois da cirurgia, possivelmente, esse tipo de problemas deve ser muito mais complicado para ela.

P9: Claro. O sistema imunitário 'tá em baixo.

P12: Não, nem é só o sistema imunitário...

P12: Não é só isso, é que ela fez aquela... limpeza toda do aparelho respiratório e ela, agora, qualquer coisa é hipersensível.

P6: Depois aqui nesta escola, com este pó [segmento impercetível]

P9: Pois. Vem aqui à escola um dia, fica uma semana de... cama.

P12: Mas se é gripe...

P8: O P2 não consegue... não consegue chegar.

P12: Não?

P8: Não.

P12: Então, pronto. Então, penso que podemos começar...

P8: Isto é assim... esta parte inicial sobre a aprendizagem cooperativa é o resultado de um trabalho de uma formação, portanto, é só uma parte de uma introdução. Não sei se toda a gente já trabalhou com aprendizagem cooperativa ou não. Eu não sou nada especialista nestas coisas. Já fiz duas ou três formações e coordenei um projeto, mas porque fui obrigado. Portanto, não... E como fui obrigado, depois pedi a demissão passado dois anos... Depois tenho ali uma parte que, como é óbvio, não é necessário explorar tudo aquilo. Depois vou mostrar algumas imagens... dos alunos a praticarem aprendizagem cooperativa, nomeadamente um aluno invisual... Pronto, isto aqui é uma parte inicial, fala um pouco da escola... Nós temos, depois... Aqui entramos mesmo na aprendizagem cooperativa, portanto, desenvolveu-se, aqui fala um pouco... 93% dos professores nas escolas, portanto, nos Estados Unidos, utilizam esta aprendizagem cooperativa. Tem... portanto, isto aqui tem a ver um pouco... com... eles fizeram análises [segmento impercetível] projeto [segmento impercetível] . O projeto que eu estive a liderar em Câmara de Lobos foi a vice-presidente da escola que, quando lia as atas, foi-se apercebendo quais eram os principais problemas das turmas... e, portanto, viu que as coisas não estavam nada famosas e depois dedicou-se à leitura de uma série de... práticas pedagógicas e decidiu apresentar um projeto, mas... havia uma supervisão pedagógica de uma professora da Universidade da Madeira, Dr.^a Margarida Pocinho... Há uma coisa extremamente importante nestes projetos, que é as pessoas serem convidadas... [segmento impercetível] horário uma coisa que eu não quero, isso é extremamente importante, portanto... Depois, daqui a pouco, vocês vão ver... as

equipas de trabalho... Havia turmas que tínhamos mais professores do que alunos, na maior parte das turmas... E... às vezes passávamos três/quatro dias inteiros só a negociar com professores... porque, por exemplo, a colega X, em Físico-química, tinha trabalhado com um trio pedagógico... Eu chegava ao final do ano, os dois elementos que trabalhavam com a X, por exemplo, eram contratados, nós não sabíamos se eles ficavam na escola. Entretanto, eu tinha que ligar à X e: “Oh X, olha, com quem é que gostarias de trabalhar no teu grupo?”. Sugeriria tal pessoa. Eu tinha que ligar a essa pessoa, tentar saber... “Ai, eu aceito, mas só se for de manhã, à tarde não me dá jeito”, porque a escola de Câmara de Lobos funciona de forma diferente. É possível, há professores lá, principalmente os professores de quadro mais antigos, têm horários, por exemplo, só de manhã... Não trabalham um único dia à tarde... Portanto, e escolhem o dia de folga e essas coisas todas. Portanto, há uma série de... Portanto, era extremamente difícil... Mas eu estou a explicar isto para perceberem o que é. Depois, vão ver ali uma panóplia de documentos que nós elaborávamos e relatórios de tudo, até testes... Nós tínhamos que conseguir provar à Secretaria Geral da Educação que esta super despesa em termos de... de recursos humanos, tinha vantagens. Então, nós fazíamos relatórios de tudo, até das reuniões e... Portanto, o que importa perceber é... quais são as grandes vantagens da aprendizagem cooperativa... Aprendizagem cooperativa não tem nada a ver com trabalhos de grupo, na minha opinião. Inclusive, uma das discussões que eu tinha com o meu par pedagógico é porque ela, ao fim de três anos a trabalharmos em aprendizagem cooperativa, ainda metia no sumário “trabalhos de grupo”.

P7: Mas olha, deixa-me situar, só. A aprendizagem cooperativa que estás a apresentar diz respeito ao trabalho com os alunos ou ao trabalho entre pares?

P8: Diz respeito a tudo... ao trabalho entre pares e com os alunos. O projeto em Câmara de Lobos envolvia tudo... até porque tinha mais do que uma prática pedagógica... Esta, por exemplo, esta apresentação que eu estou a fazer aqui é uma abordagem do que é que é a aprendizagem cooperativa e como é que ela funciona. O projeto que nós tínhamos em Câmara de Lobos, tínhamos reuniões semanais. Provavelmente... hoje, hoje, cheguei à conclusão que talvez quinzenais seriam, teriam sido suficientes...

P7: Vocês tinham reuniões semanais, era?

P8: Sim. Mas também percebe-se um pouco por causa do tipo de documentos que tínhamos que produzir... e tudo o que tínhamos que fazer, porque eram turmas

extremamente complicadas. Vocês já, daqui a pouco, já vão ver uma proposta, uma pequena proposta de uma turma... em que, só numa turma, tínhamos cento e quarenta e não-sei-quantas participações disciplinares. Portanto, quando nós achamos que a nossa vida está a andar para trás, a realidade ali era extremamente diferente... Tem ali alunos, por exemplo, eu lembro-me, dois dos miúdos que estão ali, na turma do 6º J, às dez da manhã, todos os dias, em todas as disciplinas, eles só olhavam um para o outro, ‘bora, mochila às costas e iam tomar a sua dose. Depois só apareciam às onze, todos completamente drogados.

P14: Mas é estranho a letra J.

[Risos]

P8: É assim... mas [impercetível – sobreposição de vozes] [Risos] Exato... E o 7 H [segmento impercetível]

P7: O A e o B já chega.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: São os que sobraram.

P8: Não, é que... Câmara de Lobos tinha esse aspeto positivo, que era... que acabava por ser engraçado, que era: os doutores da escola ficavam com as turmas da manhã... Inicialmente, quando eu lá cheguei, havia claramente, as turmas da manhã eram muito mais calmas do que as da tarde. As da tarde ficavam para quem? Para os contratados. Esta escola e este projeto beneficiou imenso e, na altura, dizia eu, mesmo à presidente da escola, nós beneficiávamos do facto da escola ter uma má imagem... Câmara de Lobos, toda a gente, quando se fala em Câmara de Lobos pensa-se logo em facadas, navalhadas e agressões e violência e isto era muito positivo para a escola. Por um lado, era negativo, em termos de comunidade, mas, por outro lado, fazia com que ninguém da Madeira quisesse lá trabalhar e todos os anos recebíamos quarenta/ cinquenta/ sessenta colegas novos, o que era fantástico. Eram colegas que tinham acabado o curso, vinham com uma bagagem diferente, com aquela pressão de querer mostrar trabalho, ainda vêm com os olhos fechados a achar que vão mudar o mundo...

P7: Ótimo.

[Risos]

P8: Houve um ano aqui, quando eu estava a coordenar, fiz, participei em dezassete atividades e todas as atividades os alunos é que organizavam. Por exemplo, eu mostro-vos aqui imagens de uma visita ao [segmento impercetível], que estávamos a dar a pecuária, a uma propriedade agrícola na Calheta. Os alunos é que tinham que tratar de tudo. Nós passávamos uma credencial e eles é que tinham que ir à empresa, entrar em contacto, apresentavam-se e combinavam o transporte, a visita de estudo, combinavam tudo. Quando não havia transporte, eles é que combinavam, viam qual era o preço do autocarro e tratavam do assunto todo. Nós só íamos a acompanhar. Portanto, era no sentido de atribuir responsabilidades... Oh pá, é óbvio que havia sempre pormenores, coisas que falhavam. Nós, às vezes falhamos, é normal que eles também... Por exemplo, eu, a primeira vez que comecei a... aplicar a aprendizagem cooperativa, no segundo dia já tinha lá os pais... Uma das regras da aprendizagem cooperativa, que eu aprendi e que aplicava...

P9: Desculpa, P8, mas quando começaste a aplicar com os alunos?

P8: Com os alunos.

P9: Ah, com os alunos.

P8: Sim... Por exemplo, se houver um trabalho, normalmente dividíamos as equipas em três/quatro alunos. Se houver uma tarefa que vá para casa, se um dos alunos não fizer, os outros dois são penalizados...

P7: Poça...

P8: E isso, o que é que acontece? Num sítio como Câmara de Lobos, no dia seguinte já estavam lá os pais...

P10: Até aqui. Aqui também estão.

P8: ... para ajustar contas. E depois foi preciso explicar aos pais, que é um pouco o que a P12 depois explicou-me, na... nas práticas do MEM que é assim, é óbvio que eu, quando chegar ao final, na avaliação, eu vou ter que distinguir, dentro da mesma equipa. Uma coisa é a avaliação global da equipa, do trabalho; outra coisa, depois, é distinguir, dentro dessa equipa...

P7: Os desempenhos.

P8: ...os diferentes, os diferentes trabalhos. Portanto, se eu sei que o J. fez os trabalhos sempre, colaborou e desempenhou, ele é prejudicado em termos de avaliação global,

mas depois, no final do período, eu tenho que saber, saber distinguir e ver. O J. foi penalizado na avaliação global, mas em termos daqueles trabalhos, não pode ser avaliado... E depois, outra coisa que levou alguns pais à escola... a nota final era a nota, portanto, eles faziam uma tarefa, portanto, desenvolviam e depois faziam um teste. A nota final era a nota da soma dos quatro e era a dividir. O que é que acontecia? Às vezes tínhamos alunos com oitenta e outros tinham vinte... E, portanto, e isto para os pais... Para os pais... os alunos no início [segmento impercetível] nós dizíamos: “Vocês, fazemos segmento impercetível] e depois vocês dão a vossa opinião”. Inclusive, vocês vão ver que todas as aulas eles tinham que preencher uma ficha... a avaliar a própria, o trabalho da própria equipa. E nós, como professores, também tínhamos que avaliar... aula a aula e cada equipa. E depois havia uma final. E todos eles chegavam ao final daquele trabalho a dizer que, realmente, as coisas funcionavam de forma... funcionava muito melhor do que sendo só o professor... Por isso é que eu, às vezes, quando os colegas foram observando, um dos receios que eu tenho, porque já não pratico isto há muito tempo, é achar que hoje em dia centro a aula muito na minha pessoa... os alunos participam, eu coloco... vou colocando questões e tudo isso, mas enquanto na aprendizagem cooperativa eu dizia: “Bem, na próxima aula a equipa da I. organiza a sala”. Eu, os funcionários já sabiam, eu quando chegava à sala já tinha a sala pronta para eles trabalharem. Eles, cinco minutos antes, iam organizar a sala. Eu chegava à sala, entrava, eles começavam a trabalhar, eu, às vezes, tinha que sair para ir buscar qualquer coisa, eles já sabiam o que é que tinham que fazer. E estamos a falar de Câmara de Lobos, em que há putos a sair pela janela e há putos... Mas eles, depois de tudo isso, acabavam por... por assumir determinadas responsabilidades, porquê? Porque aqueles também, que tinham essa responsabilidade e para não serem penalizados, andavam sempre a chateá-los. Portanto, era atribuir responsabilidades... aos melhores, serem responsáveis pelos mais fracos. As equipas eram feitas, normalmente tentou-se fazer, portanto... um bom elemento, um ou dois intermédios e um mais fraco... [segmento impercetível] eu tive lá uma experiência fantástica que era... “Vocês têm este mês para desenvolver esta atividade”. Eles tinham que preparar uma das matérias mais difíceis de Geografia, que são os climas. Em que eles tinham que fazer um *powerpoint* sobre o clima que lhes era atribuído, tinham que elaborar um gráfico em tamanho A3, nos materiais que eles quisessem, e tinham que dar uma aula ao sétimo ano. Portanto, era uma turma de oitavo ano que ia dar uma aula sobre... A única coisa que eu fiz foi, portanto, eles elaboraram, eu fiz a correção científica dos *powerpoints*,

tudo isso. Eles deram as aulas da matéria dos climas. A única coisa que eu fiz foi... Portanto, eles davam a aula e entregavam uma ficha aos colegas com os conteúdos que tinham apresentado. A única coisa que eu fiz foi - eu e o meu par pedagógico - foi aplicar um teste e os resultados não foram em nada inferiores quando eramos nós a dar a aula... Inclusive, está provado que eles, ao nível deles, se estiverem a estudar ou a trabalhar ao nível deles, o tipo de linguagem e tudo isso, conseguem ter resultados até, às vezes, superiores... Qual era a grande...

P14: P8, não fazia sentido eles darem a outra turma do oitavo ano, uma vez que eles estavam a estudar matéria [segmento impercetível]?

P8: Não, aqui, a questão era, era um conteúdo de sétimo ano.

P14: E faz parte da matéria do oitavo?

P8: Não, mas nós, nós trocámos. Nós, em... Nós, neste projeto, eu dava matéria, o que interessava era chegares ao final do...

P14: Do ciclo...

P8: ... do nono ano e teres os conteúdos todos lecionados. Então, eu, aqui, se eu achava que eles não tinham maturidade suficiente para trabalhar aquele tema... Mesmo há dias, eu estava a falar... estávamos a falar no Grupo, nós temos a noção que o segundo manual de sétimo ano, eles não têm bagagem para aquele manual. Seria muito mais útil aquele tema ser dado no oitavo ano. E em Câmara de Lobos nós trocámos... Portanto, por isso, e aproveitámos para fazer a experiência: “Ok, vamos fazer a experiência eles a darem... estes conteúdos” e até resultou. E, por acaso, é um dos conteúdos onde os orientadores da universidade vão muitas vezes assistir, quando nós estamos a iniciar a carreira, porque é uma área onde metemos muita água... porque tem a ver com os climas, tem... há conteúdos específicos e há determinadas coisas, quando estamos a iniciar... Portanto, mas isto, depois, aqui... Portanto, melhoria das aprendizagens, o que é que se pretende com aprendizagem cooperativa? Melhoria das aprendizagens, das relações interpessoais, melhoria da autoestima... das competências de um pensamento - isto aqui era extremamente importante, quer a nível de professores, não pensem que as nossas reuniões, havia discussões, a maior discussão que eu tive até hoje foi com uma grande amiga, que é de Educação Especial... Neste projeto, no corredor, em que estavam os colegas todos na porta a quererem dar aulas e ninguém conseguia dar aulas. Nós não nos calávamos. Não estávamos a discutir problemas pessoais, era por causa de

um aluno... só que tínhamos visões diferentes: “E tu és palerma”, “E tu és isto”. No dia seguinte, estávamos a tomar café, portanto, não... Não, e havia decisões que nós tomávamos. Aqui, por exemplo, às vezes eu tomava, enquanto coordenador e diretor de turma, chegávamos à reunião seguinte, a equipa pedagógica discordava, que não tinha sido... questionada sobre aquele tema e, e tudo o que tinha sido feito, era deitado fora. Portanto, aquela decisão que nós tínhamos tido, eles tinham razão... Nós quisemos, ou seja, resolver logo o assunto... mas como não ouvimos a equipa pedagógica, houve pessoas que discordaram. Discordaram e com razão. [segmento impercetível] razão e fizemos uma reunião em que se discutiu isso e a medida que foi tomada, no geral, foi contrária àquela que nós tínhamos tomado os dois. E aí tivemos que assumir a responsabilidade, a culpa foi nossa, quisemos resolver as coisas de uma forma mais prática, mas de forma... de certa forma ilegal. Se é uma equipa de trabalho convém que... que as pessoas tenham a sua participação, não só nos aspetos positivos, mas também quando... quando as coisas correm menos bem... Maior capacidade em aceitar as perspetivas dos outros, motivação intrínseca, maior número de atitudes positivas. Portanto, isto depois, tudo, aqui... Isto é um pouco de... Esta parte dos alunos acho que é extremamente importante. Portanto, os alunos aqui, chegavam a determinada altura... só para vocês terem uma ideia, há lá um dos colegas, que era o menos flexível, que era um colega que, por acaso, era de Matemática... foi capaz de chegar ao final do ano, nós tínhamos um aluno no sétimo ano com seis níveis negativos e eu assumi a responsabilidade desse aluno... O aluno transitou, mas com a obrigação - daqui a pouco vocês vão ver um contrato pedagógico – ele, até dezembro, tinha que reduzir o número de negativas... E vocês vão ver nos contratos, nós fazíamos... Tenho quase a certeza que estes contratos pedagógicos eram ilegais, mas nós chumbamos alunos... os pais assinavam, eles assinavam... a Direção assinava, em que o aluno, ele podia transitar sem ter notas para transitar, mas chegava ao final do primeiro período, se mantivesse os mesmos níveis, ficava retido ou voltava para trás... Porque é que nós conseguíamos fazer isto? Porque os pais estavam sempre do nosso lado... A coisa que os alunos mais odiavam era quando nós fazíamos reuniões com a presença dos pais. Eles diziam sempre: “Professor, da minha parte pode-lhe dar”... E, portanto... a única coisa que eles sabiam dizer é que nós podíamos batê-los a toda a hora.

[Risos]

P8: Isso, para nós, era uma arma muito forte... Portanto, nós nunca batemos, mas tivemos situações... do tipo ‘tar, estarem colegas com o encarregado de educação e que a mãe tirava o sapato ao alto e começava a dar na cabeça da filha...

P12: Ai que horror.

P8: E situações piores... Um pai que chega à porta, arranca a filha da sala e dá-lhe uma malha de todo o tamanho no corredor da escola, só porque a miúda foi apanhada a fumar. Portanto, e... e uma das coisas que nós tínhamos muito... neste projeto, portanto, era a questão do... a questão dos pais estarem do nosso lado. Eu vou-vos apresentar aqui um pouco...

P14: Isso era uma escola secundária ou era...?

P8: Não, só até ao nono ano.

P7: Oh P8...

P14: Era no Estreito?

P8: Não, na Torre. Diz, P7.

P7: Não, só ia, essa, esse episódio do pai que foi lá arrancar a filha também é um dos episódios de aprendizagem cooperativa, não façam o que a minha filha faz. [Risos] Aprendemos com o pai.

[Risos]

P4: Todos juntos.

P12: Aqui já tivemos um marido que foi buscar a mulher à sala.

P7: Mas para lhe dar uma sova?

P12: Não. [Risos] Quer dizer, pelo menos à frente aqui dos colegas... Estávamos numa reunião de... Conselho de Turma e o senhor achou que já ‘tava na hora da mulher ir para casa: “Vem embora se faz favor” e ela foi. [Risos]

P7: Já foi há muitos anos?

P12: Há uns anitos, já.

P6: [impercetível – sobreposição de vozes] já se fez três ou quatro projetos a nível de alunos

P12: O P7 lembra-se da M. E. de Alemão?

P7: De Alemão.

P12: Foi com ela.

P7: Mas o marido não conheço.

P12: O marido [impercetível – sobreposição de vozes] Mas ele era um senhor muito complicado.

P8: Eu, quando fiz este estudo... eu acho que há uma diferença entre aprendizagem cooperativa e aprendizagem colaborativa... Os brasileiros usam muito estes dois termos. Inclusive, julgo que agora, na formação, quando ‘tivemos na formação, julgo que a formadora... usou os dois termos, também, lá numa parte ou não sei se foi numa conversa que estávamos a ter, ela usou os dois termos, portanto... A cooperação, o próprio nome indica, portanto, mas acima de tudo vamos tentar perceber quais eram as vantagens, o porquê deste projeto. Portanto, isto é a foto da escola, rodeada de bairros sociais. Todos os alunos, ou 90% dos alunos, que frequentam esta escola... provêm de bairros sociais. Portanto, isto é o parque de estacionamento da escola e é quase o único lugar onde os alunos têm para poder brincar. Eles se vão para o espaço deles, para a cantina, a cantina é esta parte. Portanto, a cantina depois tem um piso inferior, tem esta parte, toda esta parte aqui é o bar, em que tem televisão, tem música [segmento impercetível] os funcionários metem-nos na rua se fazem barulho. Se eles tiverem nos corredores, a malta mete na rua porque fazem barulho. Se eles vêm para o parque de estacionamento, os professores fazem barulho porque eles riscam os carros. E depois admiram-se tanto... que as coisas corram mal.

P12: Oh P8, desculpa lá, mas a escola não tem assim espaços de recreio?

P8: Aí está. [impercetível – sobreposição de vozes] dizer aos alunos. Se eles tivessem a noção das escolas da Madeira e o luxo que têm aqui em termos de espaço exterior...

P10: Eu tive na do Porto da Cruz. Foi quando eles começaram a lançar as aulas de substituição, naquela escola, precisamente por isso, pelo espaço que os alunos não tinham cá fora. Uma turma cá fora já era complicado, quando ‘tavam duas ou três, então, era o caos. Só havia o campo de futebol do Porto Santense e depois tinham... do Porto Santense, do Porto da Cruz... tinham um espacinho, um quintalinho, com as varandas, porque em baixo era o primeiro ciclo. E eles não tinham espaço.

P8: Por acaso é uma coisa que os miúdos valorizam nesta escola são os espaços. É a única coisa que eles dizem.

P12: Eu não tinha, é que não tinha noção, porque eu não conheço escolas da Madeira, tirando a Jaime Moniz e a Francisco Franco.

P7: Mas eles, volta e meia, eles volta e meia ainda se queixam.

P12: Que têm...

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] falta de espaço.

P12: É isso. As que eu conheço têm. Têm espaço exterior. Por isso é que eu agora fiquei assim...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: A APEL tem... A Levada, a Levada também tem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] era da escola, este pavilhão é de... é de desporto [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas os pavilhões todos da Madeira são [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Aqui havia um polidesportivo [impercetível – sobreposição de vozes] cá em baixo. O governo teve a infeliz ideia de atribuir este polidesportivo ao Câmara de Lobos. O Câmara de Lobos montou aqui este caixote, porque as duas atletas de ténis de mesa, chinesas, dormiam destro deste caixote e nós, para usarmos este pavilhão, tinha que ser com uma autorização especial, portanto, que levava meses a negociar.

P10: Era mais ou menos parecido quando havia aqui o hóquei. Só tinha o pavilhão quando o hóquei não ‘tava.

P8: Ok. Quais são as principais, estas foram as principais... problemas detetados nestes alunos... portanto, expressão oral e escrita, dificuldades de compreensão e interpretação de ideias, falta de estudo, desinteresse, concentração, comportamentos inadequados, elevado absentismo escolar, falta de pré-requisitos. Muitos alunos... nós tivemos, por exemplo, aquele miúdo que estava no quinto ou no sexto ano, o E. , julgo eu, fez dezoito anos agora, não foi? Em janeiro ou fevereiro. Saiu da escola ainda estava no segundo ciclo, isto lá era típico. Portanto, inclusive, a escola estava tão superlotada que, a determinada altura, nós tivemos que decidir, quem tinha mais de quinze anos, só

estudava durante o dia se houvesse lugar na escola. E começámos a mandar estes alunos para a noite e é óbvio que foi um convite a irem p'ra casa sem concluir o ensino básico. Mas é que não havia mesmo salas. Eu cheguei a trabalhar lá com trinta alunos, numa turma de sétimo ano, no primeiro ano, em que doze, vi inúmeros currículos e não havia currículos desse ano, nesse ano, no sétimo ano do terceiro ciclo em que, no primeiro mês de aulas, ninguém conseguia dar uma aula. E todas as semanas fizemos reuniões a propor separar a turma em duas, a propor pegar naqueles doze e espalhar o mal pelas aldeias, a propor retirar os melhores e espalhá-los, para salvar alguns, e a Secretaria da Educação não aceitou nada. E a nossa sorte o que é que foi? Eles próprios foram-se cansando e desistiram da escola. E aí, depois, ficámos com uns vinte e quatro/vinte e cinco e conseguimos, então, trabalhar. Principais objetivos do projeto: combater o abandono, diminuir o absentismo, estabelecer critérios consensuais de combate à indisciplina... Inclusive esta escola tem uma equipa de intervenção disciplinar... em que fazem parte professores e funcionários, por exemplo, em vez de andarmos aqui com estes [segmento impercetível] numa coisa, nós de certeza que estamos a cumprir a legislação quando fazemos estes processos. Se nós fizéssemos este tipo de processos em Câmara de Lobos, não dávamos aulas... A única testemunha que há lá é assim, eu recebo uma participação, chamo o aluno e digo: “Olha, tal, tal, tal. Fizeste isto ou não fizeste?”, “Ah, mas não-sei-quantos, não foi bem assim.”, “Fizeste isto ou não fizeste?”, “Oh professor.” Dois dias p'ra casa. Não há hipóteses. Eu cheguei [segmento impercetível], por exemplo, uma colega de Educação Visual, houve um aluno que virou-se para ela e disse-lhe um palavrão extremamente ofensivo. Depois tivemos a reunião, ela chegou lá e disse: “P8, o aluno tal teve este comportamento”. Eu disse à diretora de turma “Orienta a reunião, se faz favor?”. Fui à sala onde estavam a ter informática: “Tu, arruma as tuas coisas, desaparece dois dias p'ra casa e quando voltares a tua mãe vem contigo, caso contrário não entras na escola”. Entregávamos a foto na porta e não entrava... “Ah, mas a minha mãe trabalha”, “O problema é teu. Pensasses antes de fazer asneira”. E era a única arma que nós tínhamos. Portanto, se nós fizéssemos este tipo de processos, de certeza que são legais, a escola não andava, não funcionava. Por isso é que essa equipa de intervenção disciplinar tem um papel muito, muito importante. Muitas vezes, já são eles, quando são casos que não são muito graves, que não é preciso estar a ouvir testemunhas, já são eles que aplicam a medida... ou trabalhos na escola ou suspensão, tudo isso. Promover o sucesso escolar diminuindo a retenção, promover a imagem da escola como fator de integração - ali era extremamente

importante e resultava claramente - fomentar nos docentes e nos alunos o trabalho de equipa... Portanto, pretende fomentar o trabalho em equipa entre professores e alunos, é composto por uma equipa de professores de várias áreas. Não quer dizer que, o meu par pedagógico não tinha que ser obrigatoriamente de Geografia. Eu, por exemplo, poderia estar, dependendo dos recursos humanos da escola, eu poderia estar a trabalhar com um colega de Português.

P7: Mas no mesmo ano?

P8: Na mesma sala. Nós sabemos, nós temos ali uma equipa, um trio pedagógico de Inglês, em que eles eram três para quinze alunos. Portanto, era um luxo. Inclusive, eles eram os únicos que tinham uma estratégia diferente. Mas, por outro lado, resultava, era a disciplina onde havia menos indisciplina. Que era, o que é que eles fizeram? Cada um trabalhou, durante o ano todo, só com cinco alunos.

P7: Claro.

P8: “Eu trabalho com esses cinco”, davam os mesmos conteúdos e depois, eles, quando chegavam às reuniões, eles diziam: “Pá, oh P8, nós pedimos desculpa, não estamos a cumprir as regras do... do projeto. Não estamos a aplicar a aprendizagem cooperativa” e eu dizia: “Oh pá, olha, mas está a resultar”.

P7: E o projeto aplicava-se a todas as turmas da escola ou só a específicas?

P8: Não, não. Eram turmas específicas, mas não eram turmas NEE. Vocês vão ver ali o exemplo de uma turma de sexto ano... foi um projeto... foi um trabalho muito bom dos colegas, um conjunto de colegas contratados, que pretendiam também continuar na escola, porque aquela escola tem esse efeito, que é: tem uma imagem péssima, mas depois quem lá chega já não quer sair... Então, o que é que acontece? Os colegas fizeram um levantamento de todos os alunos que estavam retidos no sexto ano. E foi proposta uma turma de vinte e quatro alunos, todos repetentes.

P7: Só repetentes.

P8: E este projeto não é para isso, mas achámos que, naquele momento e dadas as características daqueles alunos, que seria benéfico para aqueles alunos aplicarem este projeto naquela turma. E teve efeitos bastante positivos... Agora, não é uma turma, é uma turma, é tipo... Nós já tivemos turmas aqui, lembro-me do 7 D que nós tivemos, que assumimos cada um a tutoria de um aluno, era claramente uma turma para

funcionar com um projeto destes. Qual é o grande problema disto? Hoje em dia a Secretaria de Educação, e tendo em conta a situação do país, põe sempre à frente a questão financeira. Isto são projetos extremamente caros, no sentido de ter imensos professores envolvidos. Agora, quando nós vamos pensar em termos de resultados, sai muito mais barato do que ter alunos aqui a chumbar quatro/cinco anos o mesmo ano... e provavelmente a saírem da escola sem concluir o ensino básico... Portanto, os professores reúnem semanalmente sob a presença do coordenador, à equipa de trabalho é atribuída... ah, tínhamos uma hora, tínhamos três horas no horário: duas para reunião semanal, uma para trabalho com o par pedagógico... Portanto, estes alunos têm um currículo igual ao dos restantes alunos que frequentam o mesmo ano de escolaridade. O que havia aqui era uma adaptação, nem sequer, isto não era um PCA³, era uma turma normal...

P7: Mas, por exemplo, naquele caso que estavas a falar, podias ter par pedagógico de Português, vocês naquela hora trabalhavam o quê?

P8: Não, eu estava a dar os conteúdos de Geografia, o meu colega, que era de Português, o que ele estava a trabalhar comigo, um dos grandes problemas destes alunos era a escrita e a oralidade. E, então, o meu colega estava a trabalhar... Eu estava, nós estávamos a trabalhar os conteúdos de Geografia, o colega de Português era para apoiar na parte da escrita e da oralidade.

P7: No caso inverso...

P4: Fazer uma gestão da disciplina, se calhar. Fazer uma gestão da disciplina, também...

P8: Sim, sim. Não, e quando nós estávamos ali tipo: “Então, abram o livro na página tal e começa, J. começa a ler”, ele começava a ler e, por exemplo, se o P4 ‘tivesse a trabalhar comigo, ele estava, enquanto eu estava a dar aula, o P4 ia passando e ia vendo se os, se eles estavam a passar bem ou não. Às vezes aproveitávamos um conteúdo, ou de História ou de outra disciplina, e o colega ficava a dar uma parte da aula. Portanto, não quer dizer que na aula de Geografia só se pudesse dar as coisas de Geografia. Às vezes aproveitávamos, eh pá, lembram-se no outro dia – por exemplo, eu lembro-me, no HGP, na História e Geografia de Portugal, que eles dão o aparecimento do, do, do homem no vale do Nilo e depois vai subindo, julgo que é primeiro para a Ásia, depois é

³ Projeto Curricular Alternativo

que vem para a Europa, não é?... E, portanto, o colega deu isso na minha aula, depois de num teste de Geografia sair isso. Portanto, pegando nas coordenadas geográficas, eles tinham que dizer quais, qual era... portanto, que orientação e qual o percurso feito... Nós aqui tínhamos uma, a questão, normalmente eram pares e trios da mesma disciplina, quando isso não era possível, poderia ser uma pessoa, desde que essa pessoa aceitasse o convite e estivesse disponível e também se enquadrasse. Eu, por exemplo, na minha área, convidar um professor de Matemática, não tinha muito efeito porque a Geografia não tem muitos, muitos cálculos. Por exemplo, a Físico-química já era, já poderia trabalhar com a Matemática, porque se adequam, portanto, são disciplinas...

P12: Oh P8, deixa-me só pôr uma pergunta, então. Portanto, é assim, eles fazem exatamente o mesmo currículo dos outros e mesmo a carga horária e a distribuição das disciplinas, portanto, é exatamente igual.

P8: Tudo igual. Tudo igual.

P12: Portanto, eles têm tipo noventa minutos de Geografia, depois podem ter noventa minutos de Informática...

P8: A grande alteração que há aqui...

P12: Depois, dentro da vossa, dentro da vossa sala de aula é que a gestão era um bocadinho mais...

P8: Sim, podíamos gerir.

P7: Era uma espécie de coadjuvância.

P12: Sim.

P8: Sim. Sim, de certa forma... Portanto, nas reuniões semanais é um pouco o que se faz... com os chefes: delinear estratégias, estabelecer critérios... O primeiro projeto, aquele que foi criado, mesmo PAE⁴, portanto, vinha a Dr.^a M. P. para nos dar estratégias, até porque a turma era terrível, não faziam trabalhos de casa, não... Não havia estratégia que resultasse e tinha que ser ela, enquanto elemento exterior, que vinha dar umas luzes: “Oh pá, tenham calma, não-sei-quantos. Experimentem fazer isto. Oh pá, não sejam tão rígidos e não-sei-quantos” e nós: “Oh pá, já agora, qualquer dia faço eu os trabalhos” e ela: “Eh pá, não é assim, P8. Tens de perceber, põe-te na posição deles”. E é verdade. Depois um gajo às vezes reconhecia, quando conhecia a realidade

⁴ Projeto de Apoio Escolar

deles, dizia: “Eh pá, realmente”. Por exemplo, eu... enquanto coordenador, a tarefa que mais tive... talvez a tarefa mais engraçada era não permitir que os colegas, os colegas contratados, todos os dias saíamos da escola, víamos putos às onze da noite à entrada da escola, porque tinham sido postos fora de casa... E tínhamos estado num restaurante, à frente, a beber uns copos e a conversar e não-sei-quantos e às vezes até preparar estratégias ou atividades do dia seguinte. E estávamos assim: “Então, puto, o que é que fazes aqui?”, “Ah, a minha mãe pôs-me fora de casa” e os colegas, como eram novos e estavam tão, eles, por eles, já levavam o puto para [segmento impercetível]. Bora, toda a gente, porquê? Porque, era aquilo que eu lhes dizia: “Vocês, para a semana têm que ter [segmento impercetível] todos em casa, pá”... Não [segmento impercetível]. Eu lembro-me de uma colega de Matemática, que só trabalhou um ano, depois foi embora... Tínhamos lá um puto do sexto ano, que metade da família estava presa e, então, o sonho do puto era conhecer o Fórum.

P12: O Fórum Madeira?!...

P8: O Fórum Madeira! E estamos a falar de Câmara de Lobos que é mesmo ali ao lado.

P12: Então, por isso é que eu estou a perguntar.

P8: Como é que ela, como é que ela descobre? Ela está na paragem do autocarro e o miúdo começa a falar com ela, porque era aluno dela: “A professora onde é que vive?”, ela disse: “No Funchal.” [segmento impercetível] quando vou visitar os meus irmãos à prisão passo lá com a minha mãe [segmento impercetível]. “Então, mas em que zona é que vive?” e ela: “Ao pé do Fórum”, “Ai, eu gostava tanto de ir ao Fórum”. Lá tivemos que fazer um documento para a mãe autorizar a que a colega levasse o puto ao Fórum para... mas é para vocês verem a realidade de uma coisa, num espaço quase ao lado.

P7: Olha, e, deixa-me só fazer mais outra pergunta, para nos ir situando. Esse projeto decorria na escola a par de turmas normais...?

P8: Sim. Sim. E não havia... Havia coisas específicas, que era: eu, enquanto coordenador, tudo o que eu [segmento impercetível] à Direção, a Direção dava.

P7: Não, não é isso. A minha pergunta vai no sentido de, por exemplo, como é que era percecionado determinadas decisões que vocês tomavam, dentro deste projeto, em relação às outras turmas? Haveria muitas decisões diferentes para casos idênticos...

P8: Sim.

P7: Mas só porque era uma turma do projeto... entendia-se mais facilmente ou era menos...?

P8: Entendia-se. Não havia... Até porque havia tanta gente envolvida, tu acabavas sempre por saber, em todos os Grupos, acabavas por ter sempre pessoas envolvidas... E tínhamos colegas do segundo ciclo que pedimos, por exemplo, uma das coisas que legalmente é difícil, que é... um colega de segundo ciclo que era de HGP e nós conseguíamos que ele transitasse, uma vez que tinha um bom relacionamento com a turma, e vinha para o terceiro ciclo dar História... o que é muito difícil, em termos legais, mas este projeto permitia isso. Depois, em termos de, de escola em si, não havia nem conflitos, nem... E as pessoas percebiam o porquê daquelas... de termos atitudes diferentes e o porquê daquelas turmas funcionarem de forma diferente. Não sei se respondi...

P7: Não, é isso. Muitas vezes, estas... este tipo de projetos abriga situações... que nós não estamos habituados a lidar e, se calhar, tomamos decisões, mas muitas vezes, outras pessoas, olham para aquilo: “Eh pá, como é que eles fazem aquilo? Como é que eles deixam fazer aquilo”...

P8: Sim, sim, sim, sim.

P12: Como é que era a relação e a ligação entre umas e outras turmas, era só isso.

P8: Nesse aspeto, havia. Por exemplo, nós também beneficiávamos de algumas coisas. Eu dou-te o exemplo, nós tínhamos lá um aluno...

P7: Não, bastava o tratamento que tu tens perante um mau comportamento de um aluno, percebes? Por causa daquela formação que tu tiveste lá, com a M. P.: “Não sejam assim. Não façam assim”...

P8: Sim, sim, sim.

P7: Manda-vos abrandar? Mandava-vos pôr na posição do aluno, enquanto que, se calhar, nas outras turmas, era [segmento impercetível] ‘Tás a entender?

P8: Não havia hipóteses. Não havia hipóteses.

P7: Isto é, usar... duas medidas para uma mesma situação.

P8: Exatamente. Ali tinha que ser... Por exemplo, é impensável... eu dar uma aula em Câmara de Lobos, numa escola destas, e não ouvir... cinquenta palavras, cinquenta vezes numa aula a palavra... “trabalho”.

P6: Bom, mas isso não é preciso Câmara de Lobos. Eu ‘tou a dar aula e tenho de fechar os ouvidos a tanta asneira.

P8: Mas nessa altura havia uma coisa, uma abertura muito grande da Direção Executiva. Eu dou-te um exemplo, nós... eu consegui, estas três turmas do projeto tinham um computador só para eles [segmento impercetível] só eles utilizavam, só havia outros alunos autorizados se o computador ‘tivesse livre... Tínhamos lá um aluno invisual que era um problema. Como é que um professor sozinho conseguia trabalhar? Eles andaram três anos para a Direção Executiva resolver isso. Quando o aluno veio trabalhar comigo, a colega de Educação Especial, a tal com quem eu tinha sempre discussões, diz: “Olha, P8, tu dás-te bem lá dentro, vai lá dentro... eu preciso de um professor de apoio para o... para o R.”. Eu não cheguei lá a pedir. Eu disse: “Olha, quero os horários de Educação Física. Quero um professor para trabalhar com este aluno.” E o que nós vimos foi: este professor [segmento impercetível] professor da turma, ok, este professor encaixa, este professor, o que é que ele fez? Era um trabalho de apoio, tipo... Porque eu também fui, na altura fui fazer uma formação... e aprendi coisas que não fazia a mínima ideia, que um cego pode jogar vólei... Do tipo, ele faz o serviço, depois há um colega ao lado, ele faz o serviço, o serviço, o colega entra, fica a jogar e ele sai para fora. E, por exemplo, ‘tá a trabalhar com uma bola com um guizo...

P7: Com um guizo.

P8: [segmento impercetível] para ele trabalhar a receção, o toque de dedos e essas coisas assim. Por exemplo, há um aluno que é surdo. Em vez de o colega de Educação Física usar um apito, usa bandeiras. Eu, para mim, isso foi fantástico porque não percebia... nada de Educação Especial e... disse, realmente não é verdade. A verdade é que o R., depois, principalmente com uma colega [segmento impercetível] fez um trabalho brutal com ele. O primeiro colega, não. Sentava-se, mandava a bola, lá ia o cego atrás da bola... buscar a bola. Porquê? Porque o colega entrava, não tinha formação naquela área e depois também não tinha vontade. E nós chegámos a fazer reuniões, mesmo da Direção Executiva, a dizer que era lamentável, mas pronto, o colega não mudava de postura. Quando mudou no ano a seguir, que foi a outra colega, fez um trabalho mesmo muito agradável com ele.

P10: Olha, P8, só uma dúvida. Esses professores, que estavam envolvidos nesse projeto, tinham ao mesmo tempo turmas... normais?

P8: Tinham. Tinham. Sim. Até porque não era aconselhável teres só estas turmas.

P10: Sim.

P8: É um pouco aquilo que falámos, P7, um gajo que tenha só CEFs, se trabalhares muito tempo com CEFs, ao fim de três/quatro anos convém saíres fora e conheceres a realidade.

P10: É.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu às vezes até no secundário andava um ano inteiro só com um aluno ou...

P7: É complicado.

P10: É terrível.

P8: Por exemplo, isto que ‘tá aqui, nas reuniões, muitas vezes, e mesmo principalmente naquelas disciplinas onde há maior insucesso... no início era só regulamentações ... Nós tínhamos que, qual é o grande problema isto? É que muitas vezes, neste tipo de projetos, as pessoas estão sempre à espera que seja o coordenador a ter iniciativas. “Oh pá, eu vou pesquisar isto, vou, hoje vou levar um jogo”, mas nem toda a gente tinha, tinha, “Eh pá, mas um gajo vem para aqui para brincadeiras ou quê?”. E eram jogos que tinham tudo a ver com essas questões... E às vezes era preciso levantar a voz, às vezes era preciso ser um pouco desagradável. Eu lembro-me de uma colega que estava lá, já estava quase reformada, e vocês vão ver ali uma ficha que nós fazíamos, que era de avaliação qualitativa, de cada aluno, em que ela foi a primeira, estava a ganhar sete horas extraordinárias e foi a primeira a dizer: “Ah, só trabalho, só trabalho”, eu disse: “Oh colega, não foi convidada para o projeto? É que se não quiser trabalhar as sete horas, por mim pode sair”, “Ah, não é isso, P8”, eu disse: “Oh pá, peço desculpa ser desagradável, mas é assim, de certeza absoluta que deu muito mais trabalho a produzir esta ficha, que vai dar ao par pedagógico a preencher. Se a colega não quer participar no projeto, por mim a porta está aberta”... Às vezes era preciso ser assim. Tal como eu ‘tive num projeto em que a responsável pelo projeto, que era um PCA, chegou ao final do ano e perguntou individualmente: “Colegas, quem é que está disponível, quem é que quer continuar no projeto?”, eu disse: “Olha, agradeço a oportunidade, eu não tenho

perfil para estes alunos” e ela discordava e, entretanto, mas como eu não pretendia, não continuei. Houve uma colega lá... que pretendia e ela disse: “Olhe, agradeço o trabalho que fizeste, mas não, não conto contigo porque acho que não tens perfil para estes alunos”. A colega chorava e não-sei-quantos, mas eu acho que temos que ser assim.

P7: Mas quem é que dizia? A diretora? A diretora do curso?

P8: A diretora do PCA, sim.

P7: Do PCA? Tinha poder para isso?

P8: Porquê? Ela disse: “Oh pá, tu tens nojo dos alunos”... e a outra chorava... Mas eu acho que temos que ser assim. Talvez não ser tão diretos para não magoar tanto, mas eu acho que um dos grandes problemas do ensino é mesmo isto, é que nós andamos aqui a proteger incompetentes e situações de... Eu quero que me digam, eu sempre que vou à Direção, digo: “Pá, quando eu fizer erros, quero ser chamado à atenção... que é para evitar cometê-los”. Agora, nós não podemos é continuar aqui a andar sempre a proteger sempre as mesmas pessoas, não é? Eu defendo isso e acho... e por isso é que gostava dessa colega, porque ela ao menos era direta. E daí a pouco íamos tomar café, não... Quem tivesse questões pessoais... à vontade....

P12: Mas deixa-me pôr-te uma questão, que é assim, eu acho lindamente, acho que estas coisas têm mesmo que ser por voluntariado, porque eu, por exemplo, eu costumo dar sempre este exemplo. Eu adoro trabalhar com miúdos monguitos e adorei ter a monga e se tiverem aí mongos podem dá-los todos para mim que eu... não me importo.

P7: Mongos é uma qualidade de quê? [segmento impercetível]

[Risos]

P12: Não...

P7: Ficam calados, sossegados e quietos, não se mexem...

P12: Trissomia 21, que é para ser politicamente correta... Trissomia 21, pronto. Eu gosto imenso de trabalhar com miúdos assim. Ai, vocês não tinham percebido o que eram os monguitos...

P7: Por isso é que eu fiz a pergunta, P12

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Olha, P12, desculpa lá, é que havia uma senhora [segmento impercetível] que chamavam a monga. [Risos] Aquelas alcunhas que [impercetível – sobreposição de vozes] no Porto Santo. [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Com a M.

P8: A P9 talvez não estava na escola nessa altura que a M. estava cá.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, e é assim, e eu adorei trabalhar com a M. Aliás, não trabalhei com ela mais cedo, porque não me deixaram, porque eu queria ter ficado com a M. logo, quando ela veio para o quinto ano e... E não me importo nada que me deem miúdos com essas características. Mas, por exemplo, se eu tivesse que dar aulas ao P, eu acho que metia um atestado médico o ano inteiro. Portanto, eu acho lindamente que estes trabalhos sejam para pessoas que são voluntárias. Mas o que eu pergunto é: então e se tu não tiveres voluntários, como é que tu resolves o problema?

P8: Não, trabalhas sozinho. Por exemplo, é assim, eu dou-te um exemplo, eu cheguei a uma altura, com a minha colega, houve uma prática pedagógica que trabalhámos durante três ou quatro anos... em que até os próprios alunos percebiam que não estava a funcionar... Era do tipo, ela estava lá ao fundo e eu estava aqui a dar aula. Ela vinha para ali, eu ia para ali. Nós nunca estávamos na mesma, nunca... Chegámos a uma altura, quase já não no podíamos ver. Isto é extremamente cansativo.

P12: Isso deve ser muito bom. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Oh P12, nós até fazíamos de propósito, por exemplo: eu elaborava um teste, ela corrigia, mas ela fazia a grelha dela, de cotação, e eu fazia... eu, depois analisava os testes e fazia a minha grelha. Depois comparávamos. Normalmente havia diferença, meio ponto, zero vinte e cinco, não-sei-quantos. E, normalmente, quem era mais penalizador era eu, mas isso aí até brincávamos e... tomámos esta medida a meio do projeto, porque achámos que era mais correto. Até que ponto é que era correto eu fazer o teste. Nós combinávamos: “Olha, colocamos questões sobre isto, isto e isto, até porque damos sempre uma folha de objetivos que eles têm que estudar. Depois eu fazia o teste e ela tinha que corrigir. A meio do projeto vimos que não era muito correto, que era preferível fazermos assim e fazíamos duas grelhas e depois comparávamos. E não

andávamos, até porque já trabalhávamos há muito tempo juntos, mas depois a uma altura em que já, já começava a haver ali um ódio. Então, cheguei ao pé dela e disse: “Olha, vamos fazer assim, para salvaguardar a amizade, eu chego ao final do ano e eu saio do projeto”. E foi assim. Eu cheguei ao pé do presidente e disse: “Olhe, senhor presidente...”. Agora é assim, tu não tens, por exemplo, não tens mais ninguém de Geografia disponível. Ali, naquele caso, não tínhamos. Irmos buscar alguém de Geografia naquele Grupo... era pior do que os alunos não terem Geografia. Portanto, era preferível ou aquela colega trabalhar sozinha ou, então, o que é que eles fizeram? Foram à equipa multidisciplinar, que havia na altura, buscar um colega que veio colaborar. Já não me recordo qual era a disciplina.

P7: Mas posso acrescentar só uma coisa à pergunta da P12?... Mas tu dizias, inicialmente, que foste, foi-te imposto...

P8: Eu fui. Eu fui, porque...

P7: Ou seja, o projeto nasce quê? Nasce da escola, nasce da Secretaria, nasce da vontade de alguns professores?

P8: O projeto nasce da vice-presidente.

P7: É imposto à escola, é proposto pela escola...?

P8: A vice-presidente, depois de ler umas atas, as atas das reuniões, chegou à conclusão que as coisas estavam tão mal que tinha que se fazer alguma coisa e resolveu fazer isto.

P7: Então, mas é a escola que, é do interior da escola que nasce o projeto...?

P8: Sim, sim.

P10: O tal grupo de professores contratados que fez aquela listagem, n'ê? De alunos...

P8: Esse já é um projeto mais para a frente. Portanto, este é o início do projeto, a explicar o porquê do projeto. Portanto, ela fala aqui...

P7: Sim.

P8: ... enquanto vice-presidente responsável pela pasta dos alunos, tendo analisado as atas tal e tal, o que é que detetou? Graves problemas... maior insucesso escolar, maior absentismo, problemas de comportamento. Depois, foi analisando tudo isto, foi pesquisando e, então, propôs... este projeto, para tentar resolver estes problemas. Quais eram os objetivos que ela tinha em relação às características que tinha das turmas:

promover o sucesso, minimizar a indisciplina, promover a imagem da escola como fator de integração...

P7: Pronto, 'tá bem, mas é só p'ra perceber se havia acompanhamento por parte da equipa... promotora.

P8: Sim, sim, sim.

P7: Não é algo que vem da Secretaria, por exemplo, aparece aqui e agora façam.

P8: Nos dois primeiros anos, ela é que teve a iniciativa, ela é que criou o projeto, fundamentou-se em questões teóricas... tem aqui mais em baixo...

P7: E aproveitou.

P8: ... e foi buscar o apoio da professora M. P., que era professora universitária e que...

P7: Já percebi.

P8: ... acho que é *expert* nesta matéria e que vinha dar esse tal acompanhamento.

P7: Ok.

P12: Mas, desculpa lá, mas depois, os professores na escola, que integraram o projeto...

P7: Aí já não interessa. Uns eram obrigados, outros não eram obrigados.

P12: ... ela foi convidá-los ou, ou, ou... ou foram as pessoas que foram obrigadas?

P8: Este primeiro projeto, ela aplica este projeto em fevereiro, no decorrer do ano.

P12: Sim.

P8: Quando vai lendo as atas, vê que as coisas não mudam, aplica em fevereiro.

P12: Sim. Isso, até aí...

P7: Aí é obrigatório.

P8: ... como nessa altura, como nessa altura... Não, ela convida, ela diz: "Tenho este projeto, quem é que está disponível para [segmento impercetível]"

P12: Ah, pronto. Portanto, as pessoas inseriram-se no projeto porque quiseram.

P8: Sim.

P12: Pronto.

P8: As pessoas aceitaram, só que algumas disciplinas é que decidiram participar. Depois, como já não era possível mexer nos horários e ela foi à equipa multidisciplinar buscar. O que é que a equipa tem, multidisciplinar, tem que nos possa oferecer? Tem um professor de Inglês? Ok. Parte pedagógica de Inglês. Tem um professor de Português? Ok. E foi assim. Inclusive, a primeira... Geografia, neste primeiro projeto, no primeiro ano, Geografia era uma colega de Geografia, julgo que a outra era de História... não, era de Português.

P7: Os professores voluntariaram-se.

P8: Sim. No final do ano, aqui ela já fez a equipa de trabalho dela. Mas, por exemplo, eu fui integrado nessa equipa sem ter sido convidado por ela, foi a presidente que me meteu. Depois, mais tarde, eu percebi o que é que se passava ali. A vice-presidente...

P12: Ah, pronto. Então, tu, quando foste, não foste convidado, tu foste voluntariamente obrigado, como se costuma dizer.

[Risos]

P8: Não, mas depois percebi porquê...

P7: Obrigatoriamente voluntário, melhor dizendo.

P12: Também pode ser.

P8: Eu fui convidado obrigado [segmento impercetível].

P7: Já estava no horário, pois.

P8: Não, o que é que se passou aqui? Depois deu-se uma guerra entre as duas, entre a vice-presidente e a presidente. E porque é que ela me mete lá, obrigado? E depois no ano seguinte me meteu como coordenador do projeto. Aquilo já foi uma jogada dela. Entretanto a vice-presidente... pede a demissão, sai da Direção e mudou de escola e essas coisas todas. Eu, na altura, não... não me manifestei em relação a isso. Até porque é assim, eu, quando chego à primeira reunião do projeto, com a minha colega... esta colega que tinha feito o projeto, vira-se: “O que é que vocês fazem aqui?” e nós viramos: “[segmento impercetível] ir embora”... Portanto, foi extremamente desagradável. Mas depois, mais tarde, é que comecei a perceber que havia ali... situações...

P7: E o projeto durou? Ainda dura?

P8: Dura, mas neste momento está, é só um projeto, só... daqueles projetos que a escola tem, talvez só para dar aquela imagem de que temos um projeto não-sei-quantos, mas...

P7: Na prática...

P8: ... na prática é zero. Já não há pares pedagógicos, não há nada dessas coisas... Os professores já não têm tempo para [segmento impercetível]

P10: Não há dinheiro para pagar horas extraordinárias [segmento impercetível]

P8: Exatamente. Não, e a Secretaria, neste momento, é...

P7: Isto baseava-se à conta de horas extraordinárias ou fazia parte...

P8: Não havia horas extraordinárias, o que havia era... por exemplo, nós temos aqui trinta e cinco professores...

P7: Não, eu estou a dizer assim, fazia parte do horário, já, ou apareceu extra?

P8: Sim, estava tudo no horário. [impercetível – sobreposição de vozes] Isto é a fundamentação teórica que ela foi buscar. Portanto, ensinar em equipa de dois ou três professores, portanto, este projeto que ela criou foi para se basear nestas técnicas ou práticas pedagógicas. Portanto, ensinar em equipa de dois ou três professores, ensinar a equipa num modelo mais próximo e sobejamente conhecido como PCT, ensinar a equipa com a colaboração dos alunos e, enfim, a aprendizagem cooperativa. Portanto, ela basou-se nesta fundamentação teórica e depois, foi buscar aqui o apoio da M. P. ... vinha sempre supervisionar o trabalho. Depois apresenta aqui uma série de coisas... ligadas à aprendizagem cooperativa.

P7: Claro. Muito bem... Isso não era bem visto pela Secretaria, estavas a dizer, era?

P8: Era... era bem visto, inclusive... ela foi muito inteligente, porque ela, no final... isto, foi feito uma apresentação pública, em que vieram vários docentes da Universidade da Madeira, alguns deles, veio a Secretaria Geral de Educação, veio, vieram uma série de entidades, mesmo locais. E houve lá a intervenção de um professor universitário, muito interessante, que disse: “Mas alguém tem dúvidas que este tipo de projetos tem, resulta muito mais e é muito mais barato do que andarmos aqui com eles... quatro anos repetidos no mesmo...”. Só que isto é assim... eles, quando lá estão, concordam com tudo, os senhores da Secretaria de Educação...

P7: Depois não dão recursos.

P8: Depois, quando saem, na prática, isso não funciona. A escola, todos os anos, foi cortando, porque foi pressionada por causa do, do crédito global de horas.

P7: Pois, pois.

P8: Portanto, ela depois aqui falava como é que funcionava o projeto... quais as disciplinas que integravam o projeto e porque razão. Portanto, ela aqui diz que o projeto foi aplicado, tá ali, em fevereiro e, portanto, só havia a disponibilidade... e só, mesmo alguns professores não se mostraram disponíveis, por exemplo... estas foram as que participaram no início: Português com três, porquê? Porque havia dois professores disponíveis na equipa multidisciplinar. Matemática com três também, Ciência com dois, Inglês dois, Geografia dois, Físico-química três, Métodos de Estudo... Ah, este aqui era o Estudo Acompanhado, penso eu... Portanto, estas três horas, as duas horas semanais de redução, ah, no início eles tinham duas horas para reuniões, duas para... trabalho de par pedagógico. Quando eu assumi a coordenação, já foi reduzida uma hora, só uma hora para trabalho de par pedagógico, portanto, porquê? Porque a Secretaria já estava... já estava a começar a apertar.

P7: São horas a mais.

P8: Eu quando digo isto, eu percebo um pouco, o J., detesto o J.... o ex-secretário da Educação, acho que ainda é...

P12: Por enquanto ainda é.

P8: Detesto o J. porque ele foi um aldrabão em relação a este projeto. Eu, inclusive, tenho ali uma proposta que fiz, enquanto presidente do sindicato, que eu disse... eles davam-nos uma formação, arranjavam-nos uma formação para quarenta professores, que tínhamos envolvidos na aprendizagem cooperativa. Depois nós cedíamos os dados todos, até para, eles podiam utilizar como exemplo, um exemplo de um projeto em que o sindicato estava ligado e que estava a ter sucesso. Portanto, nós cedíamos os dados para eles também se promoverem enquanto... Ele disse que sim, marcou uma reunião, só que ele esquece-se que a Madeira é pequena, no mesmo dia que ele marca a reunião, eu falo com uma pessoa do sindicato. Quando ele marca a reunião comigo, ele tem uma, ele sabe que tem uma reunião em Lisboa nesse dia... E, como é óbvio, não apareceu. Um dia tive uma discussão com ele, eu disse mesmo que ele era um palhaço e que, e que era uma pessoa que não era séria. Por isso é que eu, há dois anos ou três estava inscrito numa formação, ele entrou para falar e eu pedi e saí, não... não estou disponível

para esse tipo de pessoas... Portanto, ela aqui apresenta as vantagens para os alunos... para os pais e para os docentes. Portanto, na opinião dela, há uma série de vantagens. Por exemplo, mesmo para os docentes, o facto de nós termos acesso à formação na aprendizagem cooperativa, termos uma supervisão de uma pessoa exterior acabava por ser positiva, um pouco... Isto que nós estamos a fazer agora, eu, por exemplo, uma das coisas que gosto mais é da análise da aula, quando as pessoas dão um *feedback*, o que é que acharam da minha aula. A troca de experiências, que acho que é extremamente importante e ela aqui fala um pouco dessas questões. E também vantagens para a sociedade. Se nós vamos, se estes alunos tiverem sucesso, portanto, à partida, até mesmo em termos de sociedade, isto traz vantagens. Portanto, é menos um, é menos uma pessoa que acaba por... por abandonar a escola. E depois, isto aqui... Eu aqui vou passar mais rápido. Portanto, as reuniões semanais, portanto, é aquele trabalho normal que se faz... e umas discussões pelo meio... Nestas reuniões, às vezes os pais eram chamados para vir conversar... Lembro uma colega que teve uma atitude desagradável. Eu combinava sempre, nestas reuniões, quando vinham os pais, ninguém diz mal de ninguém, nem vamos individualizar. Em Câmara de Lobos é normal, estamos todos no palanque, a sala de sessões tinha um palanque mais alto e eu digo: “Nós vamos dirigir as palavras às pessoas no geral: “Os alunos não trabalham, não fazem os trabalhos de casa, nós precisamos da vossa colaboração”... Agora, não esperem da parte dos pais: “Sim senhor”. Vai haver uma mãe que vai dizer: “Olhe, e essa professora de Matemática que está aí, não-sei-quantos, manda o meu filho ir apanhar não sei aonde”... Ninguém responde a estas questões”. Oh pá, a reunião correu fantástica... A última colega que falou foi a colega de Matemática. Ela tinha que ter peixeirada como se ela, eu até lhe disse: “Eh pá, tu hoje eras mais de Câmara de Lobos do que os outros”. Ela estragou tudo o que nós tínhamos preparado na reunião, porquê? Porque começou a individualizar e começou a discutir. Quando ela acabou eu disse: “Olha, agora resolve” e fui-me embora... Porquê? Porque ela estragou tudo. Eh pá, e nós não podemos, por exemplo, eu sou defensor, e mesmo nos Conselhos de Turma normais, quando os alunos tinham problemas, eu propunha sempre ao diretor de turma: “Olhe, convoque o aluno tal e a mãe”. Eles vinham e nós: “Olhe, o seu filho tem capacidades e pode, mas nós precisamos...”, depois havia colegas: “Então, é um estúpido, é um parvo”. Eu lembro-me de uma senhora que sai da reunião a chorar. Quer dizer, nós temos que pensar que do outro lado estão pessoas. E depois é assim, ninguém admite, a melhor coisa era agora estarem a dizer mal do meu filho, ainda por cima à frente de outras pessoas.

P7: E sobretudo para muita, para muita gente.

P8: Exatamente, à frente de outras pessoas, não é? E, portanto, nós temos que ter essa sensibilidade e é por isso que, às vezes, o que acontecia neste projeto, que às vezes falhava, era exatamente isso. Quando alguns colegas eram colocados no projeto sem serem convidados... às vezes tinham esse tipo de atitudes. Porque tu, ao seres convidada, para já, já tens uma vantagem, que é assim: eu acho que se me convidam para um projeto, é porque reconhecem o meu valor, acham que eu posso trazer alguma coisa de útil para aquele projeto... Enquanto se me metem no horário, muitas vezes eu vou para ali obrigado... E, portanto, e... e vou para ali contrariado e faço de propósito... como nós vemos às vezes na escola, porque é que há colegas na escola que nunca fazem uma vigilância? Porque fazem confusão durante o ano para não serem chamados para as vigilâncias, é tão simples quanto isso, não é? Então, dá-me jeito... não é? Portanto, isto são uma série de materiais elaborados, já vos mostro. Isto eram os logotipos que foram criados por uma miúda lá da turma, de uma turma do sétimo ano, penso eu. Eram sempre em círculo, porque o círculo é o símbolo da união, da harmonia e dessas coisas todas e, portanto, eles faziam sempre...

P12: Desculpa lá, P8. Então, havia... esse projeto abrangia várias turmas diferentes, era isso?

P8: Sim.

P12: Ah, pronto. É que eu ‘tava convencida que era uma turma só na escola inteira.

P7: Não.

P12: Ok.

P8: Inicialmente foi só uma.

P12: Pronto, já percebi.

P8: Inicialmente foi só uma turma, depois...

P12: Depois foi-se alargando.

P8: ... foi-se alargando, uma vez que o sucesso... o sucesso era, era bastante elevado em relação ao normal, portanto...

P7: Olha, e diz-me só outra coisa, a turma era criada de raiz para o projeto ou o projeto abarcava a turma X, Y ou Z?

P8: A única turma que foi abarcada assim foi o primeiro. Foi essa tal que ela... aplicou em fevereiro.

P7: Ok.

P8: Todas as outras eram...

P7: Já foram criadas de raiz para o projeto.

P8: ... criadas de raiz para o projeto.

P9: Desculpa, agora uma curiosidade se calhar de mim, que sou de Ciências Naturais, entre aspas, porquê o lobo marinho nos dois logotipos?

P12: Então, Câmara de Lobos.

[Risos]

P9: Ah, Câmara de Lobos, 'tá bem. Agora [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Fofinho.

P6: Mas olha que este está muito bem feito.

P9: Eu gosto muito do do meio.

P8: Portanto, inicialmente, nós tínhamos... um formador... foi o primeiro projeto [impercetível – sobreposição de vozes] do sétimo até ao nono ano.

P12: Eu acho que não há nenhuma oficial, ainda.

P8: No outro projeto, tínhamos um coordenador, mas já tínhamos duas turmas. Depois, entretanto, isto foi crescendo de tal forma que fui obrigado, no terceiro ano temos um coordenador para três turmas. Depois isto já era muita coisa, já era muita gente e, então, decidimos [segmento impercetível] aqui um pouco, que era melhor haver um coordenador para o segundo ciclo e um para o terceiro... As equipas, por exemplo no 6ºJ, eram quase sempre pares pedagógicos... Tínhamos sempre a psicóloga e a professora de Educação Especial, e que fazia um trabalho bastante interessante, até na seleção dos alunos. Quando se faz, os alunos que integravam estas turmas, portanto, era um coordenador, recebíamos as propostas e depois quem analisava era o coordenador, a professora de Educação Especial e a psicóloga... O sétimo, desculpem, o 7º E, a equipa aqui já tem mais disciplinas e também já havia trios. Na Matemática, por exemplo, tínhamos aqui uma colega de Físico-química. Portanto, eles já se conheciam e, portanto,

e funcionavam muito bem. Três professores de Inglês... História, havia um de História e um de Língua Portuguesa. Portanto, o resto eram pares pedagógicos...

P7: E a atribuição desses pares, era feita como? Cada um juntava-se como queria, com quem queria?

P8: Não. Do tipo, P7, eu chegava ao pé de ti e dizia: “Olha, P7, eu gostava de te convidar para participares na turma do 8ºE. Para o ano temos o... o projeto tal, tal”. Dizia-te umas dicas... havia colegas que estavam menos informados... “Oh pá, olha, era capaz de ser uma proposta interessante, não-sei-quantos” e eu digo-te: “Olha, dentro do teu grupo disciplinar, com quem é que gostarias de trabalhar?”...

P7: Pois.

P8: E tu dizias uma pessoa. Eu, entretanto, entrava em contacto ou tu podias dizer: “Não, eu falo com o colega e depois digo-te alguma coisa”...

P7: Ok.

P8: O problema é que nós passávamos tardes e dias inteiros, eu e o vice-presidente, a tratar disto, por causa dos tais pormenores: ele aceitava, mas tinha que ser de manhã; se fosse à tarde já não lhe dava jeito e não-sei-quantos. E depois era... E depois diziam que sim e depois, na hora...

P7: Já não, já se odiavam, não é? Já havia aquele ódio no meio, tinham que trocar...

[Risos]

P8: Depois isto tinha uma série de... Novamente, esta [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Isso envolve muita gente, de facto.

P8: É muita gente.

P12: Praticamente é o dobro dos professores que tu precisas para uma turma.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] apesar de odiar o J., eu percebo. Ele, há dias, quando fomos, em novembro, quando fomos... à reunião sobre a avaliação interna de escolas, ele diz uma coisa que é verdade e nós temos de ser realistas: a Madeira gera 800 milhões de euros de receitas de impostos; nós gastamos 400 milhões na Educação, ou seja, e os outros 400 é para a Saúde e para todas as outras áreas... E, no entanto, se

nós formos a ver, os nossos resultados até são bastante inferiores ou são inferiores à média nacional. Portanto, é assim...

P12: Pois são. Essa é que é essa...

P8: E, por exemplo, a P12, nesse aspeto, corrige-me muitas vezes. Eu às vezes sou muito ingrato e mando bocas pelo *Face* e não-sei-quantos e a P12 muitas vezes é que chama-me à atenção: “Olha que não é bem assim”, porque às vezes é necessário. E, por exemplo, eu, quando disse isto, apesar de não, de não gostar dele, ele foi realista, ele disse: “Oh pá, eu, muitas vezes, tenho ‘tado a negociar e a jogar à cara dos meus colegas, nas reuniões do governo, que atenção que a Educação não é um negócio. Isto é um investimento futuro”. Agora, percebe-se, quer dizer, e o da Saúde diz: “Tá bem, olha, e as pessoas a morrerem é um investimento de quê?”

P6: Exatamente.

P8: Portanto, eu acho que aqui...

P9: Cada um puxa a brasa à sua sardinha.

P8: Por isso é que ainda há dias estava a dizer, a P12 é que vai-me orientando e muitas vezes vai, vai-me jogando à cara algumas coisas que é verdade...

P12: Sou quase a tua mentora espiritual...

[Risos]

P8: ... às vezes somos um pouco egoístas nesse aspeto... Portanto, eram trinta e cinco professores envolvidos, a psicóloga, a professora de Educação Especial. O sucesso escolar, oitenta e nove vírgula...

P7: Trinta e cinco para quantas turmas? Desculpa lá.

P8: Três.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: É uma média de doze/treze por... por turma.

P8: Portanto, em cinquenta e seis alunos... transitaram cinquenta. Temos um sucesso na ordem quase dos noventa por cento...

P10: Não te esqueças que isto foi feito para aí naquele ano que se lançaram as...

P7: Havia as vacas gordas.

P10: ... equipas multidisciplinares...

P8: Sim...

P7: Sim, sim...

P10: Havia equipas para tudo, para pôr toda a gente...

P8: Apesar de tudo, isto...

P10: Por isso é que agora estamos a sofrer o que... coiso.

P8: Claro. Isto não era um mar de rosas, portanto...

P10: Havia um lugar nas equipas multidisciplinares que era uma coisa fantástica.

P8: Mesmo neste projeto... em dois anos houve dez alunos que desistiram... Portanto, não... Apesar de... eu tenho aqui um miúdo, neste projeto, com dezoito anos, que foi expulso dois anos consecutivos e eu fui com o vice-presidente do, do ano seguinte... ao Bairro das Malvinas. Fomos a casa buscá-lo para a escola... fizemos uma reunião os três... Oh pá e o gajo teve um comportamento, ele era da turma do aluno invisual, ele parecia o irmão do invisual, ninguém podia tocar no cego... O gajo protegia-o de tal forma... Ele foi expulso dois anos seguidos por mau comportamento. Nós fizemos uma reunião, esclarecemos tudo... E o gajo teve um desempenho de tal forma que no final do ano toda a gente dizia: “Oh pá, o que é que vocês prometeram ao puto?”...

[Risos]

P7: A visão.

[Risos]

P6: A visão era para o cego.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] eu às vezes chegava ao pé da presidente e dizia: “Senhora presidente, olha, acabei de ter uma conversa de homem para homem com tal aluno” e ela: “Fizeste muito bem”. Ela já sabia que era só alhos e cebolas, que era, alguns tinha que ser... Este aluno, por exemplo, esse tal aluno de dezoito anos, tem um desempenho fantástico, transitou de ano. No ano seguinte, a coisa começou a derrapar... a meio do ano, oh pá, não vale a pena nós andarmos a atirar areia para os olhos de ninguém. Eu cheguei ao pé dele e disse: “Olha, L. F., é assim, tu já percebeste que este ano é difícil transitar” e ele: “Não, professor, este ano não passo”, “Então faz uma coisa, esquece a escola, tu já tens dezanove anos, vai ao McDonalds, pede um...

um *part-time*, arranjás os dentes, começás a comprar roupa e para saíres à noite”. Eu vi-o há tempos, oh pá, nem eu visto o que o gajo veste. O gajo adorava-me. Depois de arranjar os dentes todos, adorava-me e vinha-me mostrar e vi-o sempre bem vestido. Não valia a pena, pá. Um gajo de dezanove anos, já tinha seis/sete negativas no segundo período, vamos criar ilusões? Não vale a pena.

P6: Não vale a pena.

P9: Eu também concordo com isso. Nem tudo tem que ser doutor e engenheiro.

P7: Há muita gente que só ‘tá à espera dos dezoito para sair.

P8: Isto são algumas atividades. Isto, por exemplo, são tudo professores daquela turma de sexto ano... O bom disto é que a escola, na altura, era o que a P10 dizia, havia dinheiro e nós levávamos, a escola oferecia carne, fazíamos uma espetada no final, portanto... Portanto, isto foi uma caminhada e depois fizemos uma espetada no final... Foi interessante porque tinha aqui uma colega minha, que era a primeira vez que estava a dar aulas, quando eu disse: “Colegas, é aqui que vamos parar para fazer a espetada” e ela: “Ah, mas nem sequer tem casas de banho”. [Risos] Aqui o Marítimo ofereceu-nos para ir ver um jogo de futebol, com a turma do sexto ano... de Câmara de Lobos. Foi interessante, porque foi num domingo, tivemos que andar a pedir carros à junta de freguesia, à igreja e a todo o lado e os colegas é que tiveram que conduzir... Este aqui foi... Eram estes dois miúdos que às dez da manhã, todos os dias, iam tomar a dose. Todos, em todas as aulas. Nem sequer diziam nem a, nem b e depois apareciam às onze, todos com os olhos vermelhos e todos... Havia, temos ali um colega alto, que é o D., de Ciências, um dia disse para este mais pequenino: “Porra, J., tu tens que largar isto” e ele: “Professor, só se me meter nas desertas”.

[Risos]

P9: Claro.

P8: ... toda a gente... Isto foi uma ação de formação de aprendizagem cooperativa... Portanto, estamos aqui... Penso que esta foi com a [segmento impercetível], a colega que... que lançou o projeto... Ah, isto aqui foram os alunos, não liguem que eu aqui estou a gozar com o gajo para tirar a foto...

P7: Ai foste tu?

[Risos]

P8: Oh P7...

P7: ‘Tou a brincar, ‘tou a brincar.

P8: [segmento impercetível] [Risos] Aqui foi, levámos os alunos do primeiro projeto, já tinham saído, já estavam a estudar no secundário, a falar com os alunos que estavam... Portanto, para eles falarem um pouco... Depois, se olharem, esta miúda, claramente, nota-se que tinha alguma deficiência, mas deste temos às dezenas em Câmara de Lobos e, portanto, era uma aluna simples das NEEs, mas isto é praticamente uma Márcia... esta miúda que ‘tá ali. E, no entanto, não... são tantos e há tão poucos professores de Educação Especial que aquilo é metido tudo no mesmo...

P7: Projeto. Na mesma turma.

P8: ... no mesmo saco... Portanto, eles aqui estão a ouvir... aqui algumas visitas de estudo, alguns trabalhos que os colegas faziam... Por exemplo, o aluno invisual foi interessante, porque a mãe, apesar de ser doméstica... colaborava muito connosco. Fazíamos uma caminhada, a mãe é que ia com ele, de braço dado, a explicar as coisas. O colega de História ia a um museu, há obras que ele solicitava, eles podiam ‘tar a mexer, a mãe é que estava a explicar que obra é que eles estavam a ver, as esculturas e essas coisas assim... Isto são algumas caminhadas... Estas... eram eles que tinham que organizar... tudo isto.

P7: Eles hoje, aqui, é mais, eles sentam-se à espera que nós façamos.

P8: Sim.

P10: Então, mas foram habituados a isso. Alguma vez lhe pusemos outra coisa à frente se não nós fazermos as coisas todas?... Há o somos o que comemos e há o somos o que...

P12: O que fazem de nós.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Por acaso, sabes que no outro dia tive essa conversa com uma turma minha de sétimo ano... porque... eles queriam... oh pá, a propósito de, não sei se era de ser a última aula ou qualquer coisa, que eu tinha que fazer uma festa. Eu disse: “Não, a festa são vocês que organizam”.

P7: Mas isso, eu sou desmancha-prazeres, eles todos querem fazer almoço e jantar: “Sim senhora, vamos lá [impercetível – sobreposição de vozes] para fazer isso?”, “Ai nós?”

P1: Desculpa...?

P7: Desculpa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Açoreana.

P12: Quê?

P13: Não me lembro dela.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: G. C.

P12: Não. G, nunca...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, não ‘teve. Desde que eu ‘tou cá nunca cá... a única G. da escola é ela.

P7: Não sei. P4, lembras-te? Não sei.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu também, como ‘tive fora, não sei, mas pronto.

P4: Não me recordo.

P8: Isto aqui foi uma atividade do... do Pico Ruivo, em que houve um, um professor de Geografia... decidi dar uma aula sobre o perfil transversal e levei um, para casa, um... um escaldão de todo o tamanho. [Risos] Isto, o miúdo ainda estava a resolver o exercício... Mas pronto... mas esta parte final é, principalmente, atividades... Aqui em relação aos alunos no, na própria sala de aula era um pouco isto que se passava... Portanto, eles organizavam as salas, eram definidas as equipas e quando nós chegamos à sala, as salas já estavam arrumadas. Eu tive uma experiência fantástica que foram, os alunos tinham um mês para resolver a atividade... Outra coisa, nós, tem ali umas fichas, um pouco o que esta formadora falou-nos, é definido sempre um porta-voz responsável pelo tempo. O responsável pelo tempo a preocupação que tinha era faltava cinco minutos, tudo tinha que ser arrumado e eles tinham que elaborar o sumário e preencher

a ficha de avaliação e tinha que ficar tudo organizado... Havia um responsável pelos materiais que era tipo o arquivador do grupo e havia um... um outro responsável, que já vejo ali nas fichas, já não me recordo o que é. Enquanto eles, durante a aula, se eles tivessem alguma dúvida, para falar com o professor, têm que levantar, tem que ser sempre um porta-voz a levantar o braço.

P7: Mesmo que a dúvida seja do outro, é?

P8: Sim. Eles primeiro têm de conversar entre eles...

P7: Ah, ok.

P8: ... se não chegarem a nenhuma conclusão, têm dúvidas, só o porta-voz é que pode levantar o braço. Nas primeiras vezes isto falha, depois é fantástico... Isto dá imenso trabalho é a quantificar. Depois, em termos de sala de aula, nós parecemos professores universitários, não fazemos nenhum. [Risos] É verdade, é.

P12: Isso, eu também tenho essa experiência.

P8: Na sala metia um gozo de ver, de ver os alunos a trabalharem sozinhos... em que o porta-voz é que levanta o braço e [impercetível – sobreposição de vozes] “Já falaram entre todos?”, “Já”, “Não chegaram a nenhum esclarecimento?”, “Não, não chegámos a acordo”, “Ok, qual é a dúvida?” Ele diz, depois nós esclarecemos. Se, durante a atividade, a equipa, por exemplo, está a fazer muito barulho, o professor passa, deixa um cartão amarelo em cima da mesa e eles sabem que estão a ser penalizados... Portanto, havia a atribuição de cartões amarelos, vermelhos e verdes. O amarelo e o vermelho era penalização; o verde... portanto, era um prémio... Isto são alguns exemplos... Portanto, eles tinham atividades... Isto aqui ainda é da outra... Tinham atividades e, portanto, têm que estar... Aqui é a escola, eles aqui estão a trabalhar; sabem qual é o tema... e, portanto... É óbvio que havia sempre momentos... e havia trabalhos que não saía... E não pensem que isto é um mar de rosas. Eu, por exemplo, tive a maior desilusão neste projeto que foi: a Geografia no terceiro período foi a única disciplina que aplicou aprendizagem cooperativa. Chegámos ao final do ano, houve dois alunos que precisavam de nota para passar e eles [segmento impercetível] a nota de Geografia contra a nossa vontade... Portanto, era um projeto de aprendizagem cooperativa, quando nós tínhamos ido juntos a aplicar a aprendizagem cooperativa e decidiram mudar. Inclusive, eu pedi para sair da reunião para não ver quem é que votava a favor ou contra... E hoje em dia, há pessoas com quem não falo, exatamente

por causa disso. Uma coisa era, por exemplo, numa destas reuniões houve um colega de Inglês que disse: “Olha, é assim... uma vez que este aluno está em situação de não transição, eu ponho a minha nota a votação. Aí é uma coisa, eu estou a disponibilizar a minha nota, os colegas votam, estão à vontade e eu aceito qualquer resultado. Outra coisa é... é eu trabalhei o ano todo, estarem as atas todas a dizer: os alunos [segmento impercetível] a trabalhar. E nós tínhamos reuniões semanais. Chegar ao final do ano, haver colegas a votarem e a mudarem a nossa nota contra a nossa vontade, acho que é um pouco abusivo. Se fosse um Conselho de Turma normal, em que só fazemos uma reunião por período. Ali acho que foi uma coisa, inclusive a seguir à reunião fui à Direção e disse à presidente que não participava mais no projeto. Provavelmente foi exagerado, mas... funciona um pouco assim... Pronto, isto são eles a trabalhar... Mas lembro, por exemplo, uma turma em que cheguei lá... eles eram sempre quatro equipas ou cinco e... e eu cheguei lá e tinha umas quatro equipas montadas e tinha uma mesa no meio de um corredor enorme... Eu achei estranho, mas entrei, fiz o sumário, estava lá sentado e depois olhei para o meio e só estavam... o porta-voz de cada equipa estavam sentados na mesa do meio e houve um deles que levantou o braço, eu fui lá e ele disse: “Precisamos de ter uma reunião” e mandaram, eu sentei-me e, e o que eles quiseram foi negociar comigo porque precisavam de mais uma semana para concluir o trabalho... Mas, portanto, não ficou cada grupo. Não, os porta-voz, eles já tinham combinado na rua, sentaram-se no meio e os outros elementos continuaram a trabalhar nas equipas e eles é que vieram negociar comigo, para o meio, e pediram-me para dar mais uma, mais uma semana, porque tinha acontecido uma situação e, portanto, depois estivemos a negociar e chegámos a um acordo.

P12: Queria só fazer uma pergunta. Estes grupos de miúdos, estas equipas, como é que eram constituídas? Eram os miúdos que voluntariamente escolhiam os pares de trabalho ou eram vocês que faziam essas equipas e com base em que critérios?

P8: Eramos... Portanto, nós é que fazíamos, sempre...

P9: Era um aluno bom, dois alunos intermédios, mais ou menos, e um...

P8: ... passava por isto... grelhas sociométricas... Ora, o que é que é isto?... Eu dava uma grelha a um aluno, por exemplo, à A. C, em que tinha o nome dos colegas todos aqui e ela tinha que meter nesta linha, por exemplo, os colegas com quem ela tinha uma relação positiva, metia um mais; com quem tinha uma relação negativa, punha um menos. Depois, com quem é que tu gostarias de trabalhar, metes um asterisco; com

quem não gostas de trabalhar, por exemplo, metes uma bola. Mas, antes disto, nós tínhamos que fazer o discurso e dizer assim: “Amigos, percebam uma coisa... eu posso ter uma boa relação com o P., somos amigos, mas eu não quero trabalhar com o P. que eu sei que nós vamos ser baldas”. Portanto, nós tínhamos de fazer ver aos alunos que eles tinham que distinguir trabalho de amizades. A maior parte deles fazia. É óbvio que isto que está aqui é temporário, porque as relações mudam constantemente. Nós tínhamos a noção disto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Neste não está, mas já vejo, por exemplo, um outro... Deve ter aqui a dizer... Portanto, colegas com quem simpatizas menos, o menos; o mais era para quem simpatiza mais. Por exemplo, com quem é que gostaria de trabalhar e desenvolver algumas atividades, um asterisco; e um cardinal para quem não gostaria de trabalhar. Qual, o que é que isto era importante aqui? Era ver, essencialmente, por exemplo, se dois colegas... sei lá, se esta aluna, número três, disse que não queria trabalhar com o Augusto e o Augusto mete a mesma coisa, é de evitar meter estes dois alunos na mesma equipa. Agora, isto... também é assim, eu não aplico, os grupos não eram... se eu decidisse fazer aprendizagem cooperativa, também não convém fazermos aprendizagem cooperativa o ano todo, depois torna-se uma seca. Isto é como eu, agora, usar o quadro interativo o ano todo. Depois é uma seca, depois já não querem saber do quadro interativo e, portanto, o que é que eu fazia? Eu planificava uma atividade, ok, estudo sociométrico... e aplicava para aquele momento. Os colegas de Ciências iam fazer uma atividade, convinha, e eles, muitas vezes eu dava conhecimento disto...

P7: Ah, a metodologia não era constante, é isso que ‘tás a dizer?

P8: Não convém. Pode ser no mesmo momento haver três/ quatro disciplinas a aplicar a mesma metodologia, mas não convém estarmos todos. Nem convém andares o ano todo com a mesma metodologia.

P7: Eu já aprendi, eu agora acrescento isso, eu já aprendi isso em algumas medidas nos CEF, ou seja, de tal maneira correu tão bem aquela medida, que eu apliquei-a sempre. Oh pá, ao fim de algum tempo aquilo já ‘tava esgotado de todo. Deixou de funcionar... não é? Correu tão bem uma vez...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Nós tivemos lá um colega de Físico-química que cometeu esse erro em relação ao quadro interativo. Ele era tão fanático pelas novas tecnologias que conseguiu ir buscar um subsídio e conseguiram. Ele não era neste projeto e eu disse: “L., os alunos vão-se fartar disto”. Primeiro mês, fantástico. Eles, ao final do mês e uma semana, já não queriam ouvir falar do quadro interativo.

P7: Pois.

P8: E, portanto, aqui era a mesma coisa... O que chamávamos sempre a atenção, atenção, porque isto... E o que é que nós constatamos muitas vezes aqui? Tipo aquela miúda que eu disse ainda há pouco, que tinha aquela cara meia estranha, notava-se que devia ser meia monga, como tu dizes... Claramente, o que é que tu vês ali? Ninguém quer trabalhar com ela. E, portanto era esses que depois, o que acontece connosco [impercetível – sobreposição de vozes] Olha, eu, por exemplo... a turma de segundo ciclo, eu sempre que tinha reuniões semanais, tinha um colega de Educação Física a dizer: “Oh pá [impercetível – ruído] eu tenho de pedir desculpa que eu não, eu não aplico aprendizagem cooperativa” e eu disse, eu dizia-lhe sempre: “Olha, se alguém que aplica mais aprendizagem cooperativa é a Educação Física. Quase todos os jogos são coletivos e os jogos coletivos implica que os, que eles trabalhem em equipa para o mesmo objetivo, que é o que se pretende”. E, portanto, ele mesmo... “E quando vocês estão a dar as regras e tudo isso, vocês são claramente das disciplinas que mais trabalha. E não é por acaso... é uma disciplina que eles gostam e das disciplinas onde há menos indisciplina, da parte deles, porque é, uma das coisas que vocês trabalham são regras”.

P10: Eu dou por mim a trabalhar o espírito de equipa porque os gajos atacam o próprio jogador [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas isso é aprendizagem cooperativa [impercetível – sobreposição de vozes] É verdade. É verdade. Mas isso é claramente aprendizagem cooperativa, que é eles saberem respeitar o colega de equipa e até os outros. Por exemplo, uma das coisas que não se pode permitir, não pode haver contacto entre eles, eles estão numa aula de noventa minutos e não podem falar de uma equipa para a outra, senão a equipa é penalizada.

P7: Então, vocês alternavam a aprendizagem cooperativa numa aula de noventa, na outra de noventa podiam dar o conteúdo, uma aula expositiva...?

P8: Estávamos um mês, por exemplo, a utilizar aprendizagem cooperativa, dependia do conteúdo. Eu sei que, por exemplo, que as escalas dou em três semanas. Ok, com eles vou levar um mês.

P7: Ok.

P8: Portanto, depois dava outro conteúdo, dava sozinho, dávamos normais. Às vezes eu estava a dar uma aula, depois a colega pegava, arrancava, dava o resto da aula, enquanto eu ia apoiando os alunos... Depois já estávamos a planificar aquelas tais horas que tínhamos ou outra atividade, como é que íamos fazer aí aprendizagem cooperativa.

P7: E nessa hora em que vocês faziam a parte da aula expositiva, o colega que estava dentro da sala de aula, coadjuvava, era isso?

P8: Sim, sim. Sim.

P7: Ok.

P8: Ou às vezes combinávamos: “Olha, como é que é?”. Às vezes olhávamos um para o outro...

P7: É uma espécie [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: ... eu estava a dar conteúdo e ela arrancava e continuava a dar a aula. Portanto, não era sempre o mesmo, também que era para os alunos não pensarem que havia ali um que era o professor principal e o outro estava a ajudar. Não, hoje podia ser um a dar a aula, depois podia ser a colega, dependia. Ou eu dava a primeira parte, depois... do exercício, vinha a colega e dava a segunda parte.

P7: Essa negociação, tive eu essa experiência aqui, com o Estudo Acompanhado... Quando dizíamos que o Estudo Acompanhado, trabalhávamos sobretudo a parte de Matemática e de Português, eu combinava com o colega: “Olha, hoje é Português, amanhã é Matemática”, alternávamos. E sempre que estávamos os dois presentes, procurávamos ajudar mutuamente.

P8: Esta ficha era uma ficha, foi uma ficha que foi criada depois de eu ser o coordenador do... Foi esta que a tal senhora disse que dava muito trabalho a preencher. Portanto, isto era entregue aos pais... era entregue aos pais. Qual era o objetivo disto? O que eu fiz ver aos colegas foi: eu, enquanto pai, quero perceber porque é que o meu filho tem três, onde é que ele falha, ou porque é que ele tem dois? Onde é que está a falhar?”. E por isso é que metemos aqui, portanto, comportamento, assiduidade,

pontualidade, interesse, participação, trabalhos de casa e os testes. E depois metíamos aqui se era um dois, se era um três menos, se era um... E, portanto, todos os pares pedagógicos, para além da folha que nós imprimíamos, antes era o [segmento impercetível] ...

P7: Ah, sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P? feminina: Já nem me lembrava disso.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Os primeiros programas informáticos de gestão das notas.

P8: Ah, eu aqui, depois, preenchia também esta questão, portanto, em relação àquilo que ia vendo durante o ano e, portanto, todos, todos os pais levavam isto para casa que era para tentarem perceber onde é que o filho... onde é que ele está a falhar. Se ele cumpre tudo, tem negativa, provavelmente eu ia ver era nos testes. Isto era mais no sentido de orientação e também para responsabilizar os pais... Portanto, esta era individual e depois há aqui... havia uma grelha obrigatória para todos os professores, que depois tinham que entregar ao coordenador, que era a grelha de autoavaliação. A autoavaliação dos alunos e qual era a nota final. E, portanto, eu recebia de todas as disciplinas. Portanto, havia aqui um controle, não no sentido de depois dizer: “Oh colega, foste injusto” ou... Não, só no sentido de ficarmos com os documentos todos arquivados; caso a Secretaria nos pedisse alguma coisa, nós tínhamos resultados para mostrar... Este... este é igual ao outro, está numas fichas diferentes e há uma com o par pedagógico... Esta era do par pedagógico. Portanto, nós tínhamos, depois, para o nosso relatório, tal como preenchíamos, preenchíamos para os alunos, portanto, era todas as disciplinas. Esta, nós preenchíamos a nossa avaliação de todos os alunos e, portanto, já ficava pronto para o nosso relatório, ok? Portanto, nós tínhamos que fazer um relatório por cada período.

P7: Era burocrático, não?

P8: Era muito... Depois vão... Assim é complicado.

P12: P8, porque é assim, tu, além de... das turmas que tinhas neste projeto, tinhas as tuas vinte e duas horas letivas...?

P8: Sim, sim, sim.

P10: Não. Para além de, não. Isto fazia parte...

P8: Não, não, não. Isto fazia parte. Fazia parte.

P12: Pois, exato. Era isso que eu queria dizer, é que não tinhas só isto. Isto era parte integrante do teu horário de vinte e duas horas.

P8: A única coisa que nós tínhamos aqui, diferente dos restantes, era...

P12: Era as horas de reunião.

P8: ... as quatro horas no início e depois passou a três, que era as duas para reunião e uma para preparação.

P12: Sim, sim.

P10: Isto era antes dos cortes...

P12: Não, é porque ‘tava, não, porque é assim, isto tem, o P7 pôs aqui uma observação que é muito pertinente, que é assim, isto é uma carga burocrática muito pesada.

P8: Muito grande. Muito grande.

P12: Essa parte eu...

P7: Pode ser justificada, pode ser justificada, mas, mas leva muito tempo.

P8: É muito tempo, é.

P12: ... mas tu tens que fazer tudo isto com todas as tuas turmas e ‘tamos a falar de uma escola onde, pelos vistos, o número de alunos por turma é, é...

P7: Vai no J...

P12: Não, e onde o número de alunos por turma não é propriamente dezassete ou dezoito, como nós temos aqui... Isto é quase assim um bocado complicado.

P8: P12, só para termos uma ideia, a escola tinha mil alunos e tinha cem professores, como nós tínhamos aqui quando eu cheguei.

P12: Pois.

P10: [impercetível – sobreposição de vozes] quantos? Cinco?

P8: Neste momento, penso que andamos nos setenta professores...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Tem à volta de quinhentos e poucos alunos.

P8: Ouvi dizer há tempos...

P4: Trezentos e tal alunos?

P12: Quinhentos e qualquer coisa.

P7: Já chega aos quinhentos. Já chega aos quinhentos, não é?

P9: É. Quinhentos e qualquer coisa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: perto de seiscentos alunos... em regime diurno.

P10: Olha, quando eu vim para aqui eram setecentos e tal.

P9: Chegou a ser oitocentos.

P8: Esta era a ficha de avaliação intercalar que nós aplicávamos, que eu acho que é muito mais justo e permite saber muito mais do que aquela que nós preenchemos. Para o diretor de turma, aquela que nós trabalhamos, é muito mais fácil fazer a leitura. Mas esta, como era um projeto específico e reuníamos todas as semanas, portanto, nós avaliávamos todos estes itens em relação a cada aluno.

P7: Ena!

P8: Para nós, enquanto turma, era muito mais acessível aquela que nós deixamos ali...

P12: Vinte e cinco alunos, cinco turmas, cento e vinte e cinco alunos [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] ativo, passivo [impercetível – sobreposição de vozes] Em termos da aula: atento, distraído, conversador, perturbador. Trabalhos de casa: cumpridor, irregular ou não faz. Materiais: cumpridor, irregular, não traz. Assiduidade: assíduo, irregular [segmento impercetível]. Aproveitamento: muito bom, bom, suficiente, insuficiente. Autoavaliação e avaliação intercalar... Muitas vezes, estas grelhas eram preenchidas na própria reunião, para não... E é assim, o que vocês estavam a dizer, na questão da burocracia, só não havia tantas... tantas reclamações, porquê? Porque as pessoas... é a tal história, a tal pressão de ser convidado, depois tem isto.

P7: Claro.

P12: Não, ó P8, a minha questão com a burocracia é que é assim, é que eu acho que...

P7: Tinha alguma utilidade?

P12: ... é assim, a carga burocrática pode inviabilizar uma generalização disto, porque é assim, se tu tens que preencher uma ficha... Uma coisa é preencheres uma ficha com esse grau de discriminação, quando tens... quarenta alunos, outra coisa é fazeres isso quando tens cento e vinte e cinco alunos.

P8: Claro. Claro.

P12: E é óbvio que depois eu acho que se cai naquilo que nós muitas vezes cámos, ou pelo menos eu cá caio, se calhar os outros não caem, que são bons profissionais, mas eu não [Risos] que é, em muitas coisas, eu nem olho p'ra aquilo, é... olha, pois, pode ser. 'Tá, 'tá, 'tá. E aquilo não tem seriedade nenhuma, porque eu também sei que aquilo não serve para nada, portanto, tanto faz eu pôr a cruz em cima, como em baixo. [Risos] Oh P10, é verdade. Ouve lá, aqueles planos, aqueles planos de recuperação, que aquilo não serve p'ra rigorosamente nada, achas que eu, eh pá, olho ali p'ra três ou quatro itens e pronto. Agora 'tou cá p'ra me chatear com aquilo. Eu faço a recuperação dos pequenos, faço, mas não é com aquela palhaçada.

P8: Estes eram os contratos pedagógicos. Se olharem para aqui são contratos completamente diferentes. Este aluno, que está aqui, portanto, isto era para os alunos que transitavam sem terem resultados para transitar. Portanto, ele assinava e o encarregado de educação assinava em que, obrigatoriamente, reduzir o número de níveis negativos apresentados no ano letivo anterior, já a partir do final do primeiro período no presente ano, ou seja, também não pegávamos em alunos com dez negativas. O máximo que eu vi foi o caso do R., que foi o tal colega de Matemática que disse: "Eu assumo a responsabilidade deste aluno"... E levou-o realmente até ao nono ano e, hoje em dia, mesmo quando falo com o rapaz ele costuma dizer que o C. é o segundo pai, porque deu-lhe uma oportunidade, no sentido, ele no ano seguinte mudou completamente e teve os períodos todos, ele reduziu logo duas ou três negativas logo no primeiro período. Portanto, demonstrou que tinha valido a pena aquela oportunidade. Não manifestar problemas de comportamento, ser assíduo. Depois, diz aqui em baixo... depois fala de... o incumprimento deste contrato implicará o repensar da situação atual do aluno, conforme [impercetível – sobreposição de vozes] no ato do Conselho de Turma [segmento impercetível]. Portanto, o que é que é isto? Ele não cumpria, ficava retido,

não passava adiante. Portanto... este é um deles. Este, por exemplo, já era só... julgo que este era da entrada no projeto... Não manifestar problemas de comportamento, ser assíduo, cumprir as regras decididas pelas equipas do projeto... E este era específico de uma aluna... Apresentar... Ah, esta aluna também transitou, julgo eu, sem notas para, para isso e, portanto, apresentar um aproveitamento escolar positivo, não manifestar problemas de comportamento e ser assídua. Ela tinha problemas de assiduidade. Portanto, isto eram os contratos pedagógicos... Depois, em termos de... Ah, eu aqui é que tive um... materiais guardados, eu tinha aqui um para vos mostrar, que foi um interessante...

P12: P8, ia-te pedir só um favor, teres alguma atenção à gestão do tempo, que nós vamos acabar às vinte e quinze e ainda temos a outra parte, 'tá bem?

P8: 'Tá bem, 'tá bem. Esta aqui, esta tabela era um pouco polémica, mas isto tinha a ver com, com este tipo de alunos... que era uma tabela de progressão. Portanto, para verem tudo o que era feito para que estes alunos atingissem resultados positivos... Portanto, criou-se uma grelha [segmento impercetível] desde o primeiro projeto. Se o aluno no primeiro, do primeiro para o segundo teste, da diferença entre os dois testes, de todas as disciplinas, se o aluno passar de uma nota positiva para uma nota negativa, portanto... era-lhe acrescentado dois pontos... Do tipo, eles têm aqui, portanto, se o aluno subir cinco ou mais por cento, abaixo do teste anterior, tem zero pontos. [segmento impercetível]

P7: Uma bonificação.

P8: Uma bonificação quando o aluno melhorava os resultados. Depois, tem aqui... se o aluno tiver testes entre os noventa a noventa e cinco, recebe dois pontos, se tiver testes de cem por cento, tem três pontos de... de bonificação... E depois estes pontos são atribuídos no final de cada período letivo. Portanto, era aqueles alunos que às vezes estavam no quarenta e sete e, por causa da bonificação, iam para a positiva. Mas, portanto, isto era tudo... o que depois iam fazendo, para que estes alunos tivessem... sucesso e, principalmente, não... Só para terem uma ideia, isto eram os relatórios dos testes. Portanto, nos dois primeiros testes de Geografia, portanto, toda a gente tinha que fazer, depois da aplicação dos testes, quais eram as notas, onde é que os alunos tinham manifestado mais dificuldades. [impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P7: Isso em Português fazemos.

P? feminina: É verdade.

P7: Fazíamos. Isso, em Português, fazemos.

P4: [segmento impercetível] resistência. Continuamos a ter resistência.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Isto era um exagero que nós tínhamos... Eu fiz uma formação, duas formações de aprendizagem cooperativa com a professora L., que era uma especialista na aprendizagem cooperativa...

P12: Com a L. G.?... L. G.? L. G....

P8: Penso que não. Penso que não.

P12: Não, com disseste professora L., pensei.

P8: Mas penso que não é esse o segundo nome dela... Ela dizia: “P8, isto é impensável. Vocês estão a dizer que os putos não podem dar um atchim, quase”. Ser pontual, não levantar, não... Ela disse: “Oh pá, vocês têm que definir três/quatro regras, mais não é possível. Não podem circular em pé dentro da sala. Oh pá, quer dizer, se o aluno, se tiver que ajeitar a cadeira, não vai-se levantar? Portanto, às vezes nós cometemos este, muitas vezes cometemos estes erros. Eu dou-vos um exemplo, recentemente aconteceu uma situação de alguém que chega a uma sala de aulas, numa aula de substituição, e diz: “É proibido haver contacto físico”. Houve um puto que pegou no outro, foram os dois para a rua... Haja bom senso... Nós não podemos ser... não podemos ser assim tão... Eu também cometo, atenção, eu cometo estes...

P10: [segmento impercetível] logo no início, era a regra da aula.

P8: Não, logo ao entrar na sala, foi dito logo: “Não pode haver contacto físico”... Estamos a falar de miúdos, ainda por cima, de sétimo ano. Mas mesmo que fosse noutro ano...

P10: [segmento impercetível] logo no início? [Risos] [segmento impercetível] metade da turma já está fora.

P9: Isso em Educação Física é complicado. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: O projeto tinha um regimento interno próprio. Portanto, foi criado na altura um regimento próprio, depois até houve alterações desse regimento... Mais, mais, mais,

mais... Muito rapidamente... Eu só vos queria mostrar aqui um exemplo... um trabalho que foi feito... Este é um relatório, o relatório de final de... de Geografia, que os professores de Geografia decidiram... armar-se em campeões e, então, fizeram aqui isto em... no Excel. Isto é o relatório de Geografia. Portanto, depois tinha hiperligações e, portanto, era só clicar aqui e tinha os resultados todos...

[segmento impercetível]

[Risos]

P8: Sem vida pessoal... No final do ano, todas as disciplinas tinham que apresentar um relatório. Este foi exagerado, mas foi uma, foi uma experiência que quisemos fazer... Eu queria-vos mostrar, ah, isto foram os inquéritos que eu apliquei no final do ano, quando eu decidi... já tinha conversado com a presidente, que ia deixar o projeto, os alunos nisto participavam muito. Eles eram envolvidos em tudo. Em tudo, no sentido, na definição de regras... Eu, por exemplo, apliquei um inquérito aos alunos para, para saber... em relação aos diretores de turma... ah, isto foi da ação de formação... quem é que eles gostariam, quem é que eles achavam, dos professores que tinham... quem é que eles achavam que... que deveria ser o coordenador. Se gostavam de manter o mesmo diretor de turma ou se queriam mudar de diretor de turma e, portanto, este [segmento impercetível] que está aqui, este é de uma das turmas.

P12: Desculpa lá, vocês tinham coordenador e diretor de turma, era?

P8: Sim. Sim.

P12: Tinham as duas funções... diferentes, com pessoas diferentes?

P8: Foi aplicado, portanto, um inquérito, quer aos alunos, quer aos professores todos... portanto, no final de... ciclo para, para dizerem quem é que deveria ser, tudo isso. Neste caso, nós... depois do resultado, portanto... foi entregue na Direção Executiva e foi... [segmento impercetível] de coordenação, houve ali um, umas coisas que mudaram imenso... Eu não consigo encontrar é um interessante, que foi um balanço que foi feito...

P9: P8, tu há bocado também tinhas falado...

P8: É este.

P9: ... que em cada aula, em cada [segmento impercetível] os miúdos também preenchiam...

P8: Ah, eu já mostro essas fichas. Este foi, depois de eu sair de coordenador, como me dava muito bem com a diretora de turma, desta turma, no segundo período nós combinámos: eu fazia o levantamento e ela explorava isto na aula... de... Formação Cívica, na altura. O objetivo aqui foi, quais eram os problemas do primeiro período, o que é que nós tentámos fazer para resolver isto. Depois ela explorava, no segundo período mantinham-se ou se tinham sido resolvidos os problemas e depois analisava, aluno a aluno, qual era a situação de cada aluno... E, portanto, estava aqui, as características principais, os níveis do primeiro e segundo período e qual era a situação neste momento, se transitava, se não transitava e, portanto, depois tinha este gráfico... O engraçado disto, portanto, a minha colega depois explorou isto. O coordenador da época achou que isto era uma traição e que eu estava a fazer um trabalho... pelas costas dele e tudo isso e, portanto, depois, foi quando eu saí do projeto para não causar ciúmes... [Risos] Isto não foi feito com maldade nenhuma, não foi... foi um trabalho de parceria, como ela era diretora de turma, para explorar uma aula, que os alunos às vezes gostam deste tipo de... de análise... Eu penso que 'tá na pasta Geografia essas tais, essas tais... fichas, fichas... Esta era a tal primeira ficha que eles recebiam, tinham que dar um nome à equipa, criar um logotipo, depois aqui o nome dos elementos e as tarefas atribuídas. A segunda ficha era esta, aquela que eles preenchiam em todas, em todas as sessões, em todas as aulas nós tínhamos que dizer como é que correu o trabalho de equipa... se participaram, se não participaram, depois quem é que arrumou, de não arrumou, se cumpriram as tarefas, portanto, e tinham que... que assinar a folha. Portanto, tinham que preencher isto sempre e nós, os professores, preenchíamos esta folha para cada equipa... Depois disto tudo, no final da tarefa, eles tinham uma final, a dizer se tinham gostado da equipa... inclusive eles... penso que está nesta... atribuíam a nota aos colegas da equipa... uma nota global para a equipa e, depois, uma nota para cada colega e uma autoavaliação. E, portanto, depois metiam aspetos positivos, aspetos negativos também... Esta era aquela [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Como é que faziam tudo isso, o trabalho e esta avaliação na aula de noventa minutos?

P8: O preenchimento destas fichas, por parte dos professores, era depois. Nós íamos tomando notas... era na tal hora da planificação.

P12: Mas aquela ficha que mostraste era dos miúdos, certo? Eram os miúdos que preenchiam...?

P8: A primeira é, a segunda é dos professores e esta última...

P12: Não, mas em noventa minutos consegues?

P7: Faz, faz.

P9: Sim...

P12: Em quarenta e cinco não se consegue, mas em noventa, eu tenho essa experiência...

P8: Esta é uma outra atividade em que eu entreguei, esta é... de Geografia, portanto, eles, eles recebiam estas fichas para saberem quem eram as equipas, quais eram as regras. Esta, por exemplo, foi quando a professora disse-me: “Impensável, P8. Tu *tás* a dizer que os alunos quase não se conseguem, queres que eles trabalhem e depois não queres que eles se mexam”...

P7: Pois... queres que participem, mas não podem falar.

P8: É...

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Não é? Queres que participem, mas não podem falar.

P8: É, é. Isso aí é verdade. Nós às vezes exageramos nestas coisas. Há dias, isso que tu ‘tás a dizer, P7, há dias... numa estatística da... da Sport TV, o Chaves tinha 0% de posse de bola, o União da Madeira tinha 100%. O Chaves com 0% de posse de bola fez dezoito ataques e quatro remates. [Risos]

P7: Era futebol sem bola.

P8: Eu penso que era principalmente... Depois tinham os critérios de avaliação. Lá é diferente, o comportamento nós damos 15%, não há, lá não há aqueles critérios gerais que vêm do Pedagógico como nós temos aqui. Lá nós definimos, mesmo para as turmas regulares. Portanto, 60% para os testes, isto está no Regulamento Interno. Depois estes, esta percentagem aqui, que é o que nós fazemos aqui, em relação aos critérios gerais, em que podemos, ou não, alterar de acordo com as características de cada turma.

P7: Isso é feito, essa gestão é feita em turma ou é em Grupo?

P8: Esta que está aqui. Este que está aqui, está no Regulamento.

P7: Ok.

P8: Este aqui... praticamente 90% das turmas... 15% é para o comportamento, porque um dos graves problemas que eles lá têm é o comportamento e a assiduidade.

P12: Mas, desculpa lá, que o P7 perguntou, e eu também tenho curiosidade, essa, esses parâmetros que vocês, depois... definiam... eram definidos a nível de Conselho de Turma ou a nível de...

P8: Conselho de Turma.

P12: Ah, pronto... porque nós...

P8: Por exemplo, nós aqui definíamos, estes que estão ali, todas as disciplinas...

P12: Porque nós, por exemplo... definimos em Conselho de Turma.

P8: Em Conselho de Turma. Sim, sim.

P12: ... nós... Em Conselho de Grupo, exatamente.

P8: Exato.

P12: Por exemplo, no meu Grupo, desculpa só interromper-te... no meu Grupo, e depois de consultarmos quem de direito, nós não usamos só, em termos do parâmetro das atitudes e dos valores, nós não damos só o peso que o Conselho Pedagógico dá. Nós somos obrigados a dar aquele peso, que o Conselho Pedagógico dá, mas, além disso, damos mais. No meu Grupo, no terceiro ciclo, nós damos 20% às atitudes e aos valores e no secundário damos 15%.

P8: Nós lá também dávamos...

P12: Só que, por exemplo, nesses 20% há 5%...

P7: E ninguém levantou problemas?

P12: Não, nós, nós, nós pedimos autorização.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, nós, nós... Porque é assim, nós, o que temos que cumprir... É assim, nós o que temos que cumprir, o que nos foi dito na altura e isto já foi há uns anos, olha, a A. ainda era delegada, portanto, eu já sou, este já é o meu segundo mandato, portanto, já tem mais de quatro anos. Muito mais... O que nos foi dito é que nós não podíamos

deixar de atribuir aquelas percentagens que o Conselho Pedagógico obrigava... 1% não sei para quê... Mas, nada nos obrigava a restringir-nos àquilo...

P10: A não poder dar mais.

P12: ... podíamos, tínhamos que ir retirar aos outros parâmetros, já era um problema nosso, mas podíamos dar mais. E nós considerámos, e continuamos por enquanto a considerar, que, oh pá, o comportamento ao nível do terceiro ciclo é muito complicado e se tu não deres um peso na avaliação, que efetivamente tenha peso...

P9: Mas no meu Grupo também é diferente.

P12: Oh pá, não... não adianta, P10, porque é assim, eles sabem que... chegam atrasados todos os dias, mas aquilo só conta 1,5%; 1,5%, quando chegas ao fim do período, não é nada. E nós, no Grupo, decidimos atribuir essa ponderação. Depois, no secundário já atribuímos uma pontuação menor. Neste momento, penso que ainda temos 15%... mas a nível do terceiro ciclo é 20%.

P8: Sim, isso é uma...

P12: Mas é uma opção nossa, de Grupo.

P8: Eu penso que nós precisávamos de sentar um pouco e analisar essas... Eu nunca consegui perceber aquela guerra de início do ano, nem vamos entrar por aí, porque ninguém me diz que os critérios de Geografia estão bem feitos. Eu faço assim porque dizem que é para fazer assim. Mas se chegar alguém e me provar que aquilo é injusto para os alunos, eu vou ter que alterá-los. Portanto, eu não consegui perceber porque é que no início do ano alguns critérios foram aprovados, outros não foram, porque eu não, ninguém me consegue provar que os meus estão bem.

P4: Nós discutimos isso e considerámos que não valia a pena estar sempre a discutir isso. Era necessário dar um tempo para que os critérios fossem validados.

P10: Até porque isso não é justo, para os miúdos, por exemplo, dentro do mesmo... andam ali dois/três anos e estão a ser alvo de vários, um ano é assim, outro ano já é assim, no outro ano já é assim. Ao menos no final de ciclo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: O P4 está a dizer uma coisa que eu acho que é importante, que é, eu penso que quando os Grupos decidem, definem os critérios, estão a definir a pensar no tipo de

alunos que têm e nunca para os penalizar. É, olha, estes critérios são os mais adequados para o... para o meu público-alvo. Penso que é assim. Eu, por exemplo, nós temos uma aluna aqui, que foi para a Horácio Bento. Aqui tinha sete negativas, chegou à Horácio Bento, tinha uma... E os professores do Porto Santo é que não prestavam. O que é que nós, depois, viemos a saber? Na Horácio Bento 40% era para o comportamento... Ela, como não era aluna com mau comportamento, passou logo a ser uma excelente aluna [impercetível – ruído] Horácio Bento [impercetível – ruído] Bairro da Nazaré e companhia e... Estão a perceber? Portanto, nós trabalhamos de acordo com o público-alvo... Pronto, isto é um certificado que nós às vezes também entregamos aqui. Essencialmente era isto. Agora... o essencial... esta aprendizagem dá muito trabalho, aquela burocracia e tudo isso. Depende das horas que se dá ao coordenador. 90% daquilo que [segmento impercetível] aqueles materiais, é o coordenador... Convém também, na minha opinião, que o coordenador não permaneça muito tempo, senão depois também vai... as coisas param. Eu acho que as coisas têm de ser sempre renovadas e é útil que haja renovação e que as pessoas saiam e que entrem outras... Saíam de boa-vontade, não no sentido... Eu, por exemplo, andei a trabalhar no PCA, mas cheguei ao final do ano e disse à colega que... Para já, achava que não tinha perfil para aqueles alunos. Ela achava o contrário... Mas achei que era preferível que fosse outro colega a trabalhar. A aprendizagem cooperativa, claramente temos resultados superiores ao normal e eles aprendem de forma diferente.

P7: Foi unânime... foi unânime essa avaliação?

P8: Eu falo em relação a Geografia.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não, não. Na boa, na boa.

P4: Nem podia ser de outra forma. Vejam, vocês estão a trabalhar diretamente com eles, às vezes duas e três pessoas. Portanto, os resultados tinham que surgir.

P8: Sim.

P4: E também parece bem, e também parece bem que o investimento, o tremendo investimento que é feito naquele ano... seguramente é inferior ao que se gastaria se [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: No geral, sim. Claramente.

P4: Concordo com aquilo que disseste.

P8: O J. C. ainda há dias chamou a atenção a isso em relação a uma proposta que veio do segundo ciclo, para que fosse alterado o PEI de um aluno do segundo ciclo, em que ele pudesse estar matriculado por disciplinas. Mesmo assim, a situação seria revista pelo Conselho de Turma, no final do ano. E nós, em Pedagógico, implicámos com isso... Portanto, eu acho que o Conselho de Turma é que trabalha com aqueles alunos, que sabe o tipo de aluno que é e o J. C. disse assim: “ ‘Tá bem. Olha, provavelmente ‘tamos a criar mais um C. . Mais um que vai andar aqui três ou quatro anos e quando chegar aos dezoito ou quando chegar aos dezasseis, mandamos para um CEF e ‘tá o problema resolvido”.

P4: Nós no Pedagógico somos pessoas mais inteligentes.

[Risos]

P7: Isso não ‘tá dito em lei nenhuma, não é?

P4: Vamos fazer uma pausa?

P12: Sim, fazemos...

[Pausa]

P12: Colegas, o... o P7 ainda não regressou, mas eu penso que ele não deve demorar muito. Ele ‘tava ali a conversar com o P8, mas penso que não deve demorar muito. Penso que podíamos começar com a nossa segunda parte, de partilha das nossas experiências e também... de organização do trabalho, agora, do terceiro período. Portanto, vamos ter... a última, as últimas observações... deste período... Não sei se alguém quer começar ou então eu posso começar por falar da minha experiência. Eu... Depois também gostava, se calhar, se vocês quisessem, partilharem não só... a questão relativa ao trabalho que temos feito de supervisão inter pares, mas também em relação à própria comunidade, se isto ‘tá a responder às vossas expectativas ou não, se acham que... ‘tá a valer a pena, o que é que gostariam de ver feito de outra forma. Acho que isso era bom, porque é uma coisa que me tem andado a preocupar muito é pensar... que, se calhar, não... não ‘tamos a fazer nada assim produtivo e, se calhar, as pessoas começam a ficar um pouco frustradas, isto sou eu a pensar... Em relação ao trabalho das observações... eu, este período, portanto, quem me observou foi o P7, que não ‘tá aqui, mas como o que eu vou dizer só tem a ver comigo, não tem problema nenhum de falar,

porque não vou falar da aula dele... Para mim, as observações foram muito úteis, quer a que me foi feita pelo P7, quer a que me foi feita pelo P8 e eu também... para quem não sabe, este ano fui... alvo de avaliação externa, porque eu pedi para ser avaliada. Portanto, também fui avaliada pela minha avaliadora... e... e até é interessante comparar as formas diferentes de dar *feedback*, de uma pessoa que me está a avaliar e dos outros que... não 'tão... Podemos chamar uma avaliação, mas não é uma avaliação... sumativa, é mais uma avaliação formativa, não é? Para mim foi bom porque... por exemplo, quando o P8 me observou, eu 'tive muitos anos a trabalhar no secundário... e uso muitos materiais didáticos que tinha feito para turmas do secundário. E, por exemplo, uma das coisas que o P8 me chamou à atenção, quando me observou, foi que, eu, quando dava secundário tinha turmas muito pequeninas, trabalhava normalmente naquelas salas vinte e quatro e vinte e três, que são salas que, toda a gente sabe, são mínimas. Portanto, eu fazia muitos materiais... e o tamanho de letra que eu punha, por exemplo, num acetato, era o doze ou o catorze, porque era mais que suficiente para aquelas salas... Entretanto, recupero alguns desses materiais para as aulas do terceiro ciclo e foi-me, pronto, nunca tinha tido consciência disso e foi bom, porque o P8 chamou-me a atenção para isso, é que... aqueles materiais têm que ser obviamente refeitos, porque os miúdos que 'tão mais p'ra trás não conseguem ver as coisas. Eu acho que isto pode parecer uma coisa sem importância nenhuma, mas para mim tem importância, porque eu acho que às vezes nós não temos muita consciência de que... até podemos 'tar a utilizar uma coisa que teoricamente é boa, tá bem construída, tá bem feita, mas que o facto de não 'tar adaptada, ou àquele nível etário ou sequer à dimensão da sala, pode comprometer completamente a utilização de um material. E, portanto, isso para mim foi bom... Por um lado, não foi bom, porque foi um acréscimo de trabalho, porque agora 'tou a reconstruir esses materiais todos [Risos] e como aquilo passou para letra dezoito e letra vinte, alguns eu já não posso ter todos num acetato, já passou a ter que ser em dois, etc., por aí fora, portanto, obrigou a alguma re-arrumação. Mas foi... mas foi uma chamada...

P9: Desculpa interromper. Se te servir de consolo, todos os materiais que eu tinha de há treze anos atrás [Risos] ou catorze, quando dei aulas, 'tou a fazer tudo de novo. [Risos] Portanto, cada vez que tenho uma disciplina nova, agora, para mim é como se fosse o primeiro ano a dar aulas.

P12: Não, mas é porque é assim, eu às vezes refaço porque vejo que há pequenas coisas que... Mas é que aqui...

P9: Mesmo porque mudaram os... os programas das disciplinas e...

P12: Pronto, mas é que aqui eu tive mesmo consciência...

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] mesmo que quisesse.

P12: Mas eu, nesse aspeto não. Mas, por exemplo, aqui eu tive mesmo consciência que, de facto, não tem sentido... tu podes ter um acetato com a mesma informação, mas se é para uma turma onde 'tás numa sala de dimensões normais, o tamanho de letra não pode ser aquele que tinhas, quando tinhas uma sala com, com quatro mesas lá dentro e os alunos 'tavam a meio metro do, do ecrã de projeção, não é?

P9: Pois.

P12: Portanto, isso, para mim, foi bom e alertou-me para essa situação que é, que às vezes... Eu, pelo menos, se calhar outras pessoas não, mas às vezes a mim passa-me um bocadinho ao lado que é... olha, isto tá aqui tão bom, tão jeitoso, já usei há dois anos, portanto, vou usar outra vez e nem penso que usei num contexto e num, numa situação que agora é outra. Depois outra, e ainda ligada aos acetatos, e essa foi o P7 que me chamou à atenção e que foi excelente para mim... é que eu tinha uma mania, eu uso muito acetatos, devo dizer. Eu gosto de... e quando dou uma aula expositiva... gosto de ter um acetato para que os miúdos possam logo ter ali uma visualização daquilo que é mais importante... conceitos ou um esquema, pronto, uso muito os acetatos. Mas eu tinha uma mania, que se calhar também vem desses anos todos que eu passei no secundário, que é: eu projeto o acetato, vou falando, vou explicando, vou interpelando os miúdos e os miúdos fazem duas atividades em simultâneo, que é, 'tão-me a ouvir, 'tão a acompanhar e 'tão a copiar o acetato. E o P7 chamou-me à atenção, e muito bem, que tinha-se apercebido na minha aula que... os miúdos tinham muita dificuldade, porque... se me estavam a ouvir, paravam de copiar e quando 'tavam a copiar, ele tinha a perceção que os miúdos não me 'tavam a dar atenção. E, portanto, isso para mim foi bom porque eu agora mudei de estratégia. Eu agora dou os acetatos, mas... eles têm um tempo p'ra copiar, aparentemente é um tempo morto, e isso ao princípio fazia-me um bocadinho de confusão. Não faz mal, P7... Isso fazia-me um bocadinho de confusão ao princípio, mas agora já me habituei. E, de facto, percebo que é muito mais útil para os miúdos, porque eles são muito pequenos, são miúdos de sétimo ano, e, de facto, não tem

lógica eu ‘tar a apresentar uma coisa e ‘tar a falar por cima da coisa e querer que os miúdos façam duas coisas ao mesmo tempo. Portanto, é assim, para mim, esta experiência, ainda que não tivesse valido por mais nada, já valeu por isto, porque acho que pude já corrigir dois erros da minha prática... que... pronto, que eu fazia sem ter consciência deles, é verdade... mas que, de facto, eram duas coisas negativas e, portanto... acho que foi bom, porque pelo menos essas duas coisas eu já melhorei. Já dou tempo aos pequenos para copiarem as coisas e depois, então, falo. E, por outro lado, também já adaptei os materiais e, portanto, já não vou p’ra lá com acetatos de letra tamanho catorze, que os pequenos que ‘tão atrás não veem nada. [Risos] E têm as letras grandes e pronto. E, portanto, para mim foi bom. De resto, assim, em relação a... a mais alguma coisa ligado com a minha prática, não, ainda não alterei nada mais, também não tenho tido... Porque é assim, o *feedback* que tenho tido dos colegas que me observaram, quer dos colegas aqui, quer até da avaliadora, não foi assim no sentido de me pôr a questionar as minhas práticas e a pensar: oh meu Deus, se calhar há aqui coisas muito profundas que eu vou ter que mudar. Mas às vezes nós não precisamos de mudar muitas coisas, basta-nos mudar pequenas coisas. Por exemplo, uma das coisas, a minha avaliadora também me chamou a atenção para a questão dos acetatos, portanto, aquilo era mesmo um problema que eu tinha. [Risos] Outra coisa, também, que às vezes tenho é que o acetato é muito... às vezes pode ser uma coisa muito grande... e eu depois, ou eles têm que ficar muito tempo a copiar ou então... eu depois... ela chamou-me a atenção para isso e ela dizia-me: “Você tinha um acetato”... eu apresentei um acetato na aula que ela me assistiu que era sobre a sociedade medieval e foi o que ela me disse: “Você não precisava de ter dado logo o acetato todo de uma vez. Podia ter... tapado. Portanto, apresentava primeiro a primeira parte, onde só tinha os três grupos sociais, falava daqueles três grupos e depois ia destapando”. Pronto, mas são aquelas coisas que eu acho que é assim, se calhar, eh pá, outras pessoas tinham tido este discernimento.

P7: Mas a P12 fez isso naquela que eu assisti.

P12: Porque já tinha tido a aula com ela.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exatamente... que o P7 já me conheceu depois.

P8: Eu aí é assim, sendo uma avaliação externa é importante o que eles dizem, até porque eu acho que eles não estão aqui para nos penalizar, mas sim para... tão pouco o que nós fazemos, tentarmos corrigir os possíveis lapsos. Muitas vezes, esse tipo de estratégia tem a ver com o tipo de alunos. E, melhor do que ninguém, a Isa conhece de certeza melhor a turma, do que conhece a avaliadora externa. Ela pode entender que são muitos conteúdos... agora, depende. Eu, por exemplo, se já estiver habituado, dou uma parte do acetato, depois converso com eles, não-sei-quê, não-sei-quantos, quando vou pôr o segundo acetato a turma já está toda desestabilizada. O que é que muitas vezes é preferível? Então, dou tudo, eles passam tudo e depois, então, é que passo para a parte da explicação. Portanto, muitas vezes tem a ver com isso, mas é importante recebermos um *feedback* no sentido de... tentar perceber ou...

P12: Mas, oh P8, por exemplo...

P8: ... provavelmente, depois da aula a que o P7 assistiu, eu até provavelmente...

P7: Eu não estava a perceber agora... se era em relação à partilha daquilo que eu tinha assistido...

P12: Não, não, não.

P7: Ah...

P12: Não, o que, aquilo que o P7 me tinha dito, que era dar o tempo de copiar para depois explicar, isso eu já tinha, já tinha explicado aos colegas, porque como era uma coisa que só tinha a ver comigo, podia falar mesmo sem o P7 estar aqui, não é? Mas é assim, por exemplo, aquilo que a avaliadora me disse, nesse aspeto, fez-me sentido. Por exemplo, houve uma coisa que ela me disse que não me fez sentido nenhum, claro que eu não fui discutir com ela, porque não se discute com o avaliador, que era, ela achava, por exemplo, que...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Discute. Se achares porque é que não se pode...

P12: Oh P10, é assim, há coisas que tu tens que ter consciência que têm um preço, não é? E eu meti-me neste processo da avaliação externa porque quis e não é sequer para ter o excelente, que não vou ter, nem foi por isso que eu me meti. Mas é assim... há coisas que tu podes dizer, mas há coisas que se tu puderes não dizer, eu acho que é... Por exemplo, eu vou-te dar o caso concreto que ela me disse e eu nem discuti com ela,

porque acho que... Eu tinha o tal acetato sobre a sociedade medieval e o que é que ela achou? Portanto, olha, pena não ter trazido porque vocês, mas era um esquema com retângulos, em que eu tinha sociedade medieval e depois tinha um retângulo clero, um retângulo nobreza, um retângulo povo. E o que é que ela achava?

P7: Eram retângulos a mais.

P12: Não, faltavam uns bonequinhos... [Risos] porque os bonequinhos... motivam muito os alunos. Eh pá, e é assim, eu podia ter argumentado com ela, mas eu ia comprar ali uma guerra desnecessária, ‘tás a perceber? Já não tenho idade, nem paciência, para isso... porque é assim...

P1: Se calhar, se fosse uma coisa muito importante ou relevante, terias...

P12: Porque é assim, eu acho que o ensino está super infantilizado. Eu pego, eu pego... o meu manual de sétimo ano, eu acho que aquilo é para atrasados mentais e, mesmo assim, para atrasados mentais, muito, muito, muito atrasados... Eh pá, mas o pior é que tu pegas na maior parte dos manuais e é tudo assim.

P6: São todos assim.

P12: Percebes? São todos super infantilizados. Portanto, isto é uma cultura que ‘tá instituída. Valia a pena eu ir comprar uma guerra com a senhora, a tentar-lhe explicar? Eh pá, não valia a pena. Disse-lhe só: Olhe, realmente eu não sou muito dada a essa parte, até porque não tenho muito jeito para o desenho”. Pronto, ficámos por ali, ‘tás a perceber? [Risos]

P4: Eu penso que a ideia seria... devemos sempre rebater as ideias de quem quer que seja... mas de outras pessoas, quando acharmos por bem. Nada impede às vezes [impercetível – sobreposição de vozes] o silêncio é de ouro, não é? Mas também, se acharmos que, por exemplo, a avaliadora externa pode ter uma perceção diferente... sobre um assunto e nós incluirmos a nossa... a nossa ideia por medo de represálias, isso é que não, não é?

P12: Mas não é por medo de represálias P4. É assim, é que eu acho que eu ia ter uma discussão com ela que nem ela ia mudar de ideias, nem eu, ‘tás a entender? Por exemplo, ela fez-me uma outra crítica que aí eu rebati. Eu, por exemplo, usei uma gravura do manual, porque ‘tavamos a dar a sociedade senhorial e nós tínhamos, temos no manual uma gravura que até ‘tá razoávelzinha, que ilustra como é que está

organizado um domínio senhorial. E ela aí também me criticou, porque achava que uma vez que eu tinha usado acetatos, então, eu devia ter posto aquela imagem num acetato. Eu aí disse-lhe: “Olhe, não ‘tou de acordo e não ‘tou de acordo por duas razões. Primeira, porque eu acho que não se deve ‘tar permanentemente a usar o mesmo recurso. Depois, porque eu acho que se deve usar os recursos que os miúdos têm e se os miúdos têm um manual e se eu mando trazer o manual p’rá aula e se, ainda por cima, eu tenho ali uma excelente imagem, quer dizer, excelente, pronto... mas tenho uma imagem que eu não ia fazer melhor... Mas ‘tás a ver, P4? Aí eu rebati porque... Agora, ir discutir com ela por causa do bonequinho que ela achava que devia ‘tar lá e eu que acho que já há bonequinhos a mais, que eu acho que isto já é muita bonecada junta? ‘Tás a perceber? Mas pronto...

P4: Defendemos as nossas convicções, sem comprar...

P12: Mas pronto, mas isto para dizer que... essa crítica que ela me fez, eu achei bastante relevante, porque, de facto, eu percebo, porque é assim, P8, quando tu tens – bem, e tu também tens essa experiência – os miúdos de sétimo ano, eh pá, eles realmente são muito infantis e, se calhar, se eu lhes dou logo um esquema, e o esquema... tinha alguma complexidade, se eu dou logo tudo... se calhar tinha sido mais eficaz, até em termos da aprendizagem deles, tinha sido mais eficaz eu ter dado por fases, por exemplo: “Então, vamos lá primeiro sistematizar este conhecimento que é: a sociedade medieval organiza-se em três grupos, que são este, aquele e o outro. Estes têm privilégios, aqueles não têm. E depois, gradualmente, ir abrindo. Então, agora vamos ver como é que era a nobreza, era assim, era assim e era assim”. Pronto. Eu, por acaso, essa crítica que ela me fez, fez-me sentido. E, por isso, eu, agora, quando tenho esquemas muito complexos, também já adoto esse sistema que é, em vez de ‘tar a dar tipo quinze minutos de aula para eles passarem aquilo tudo e depois irmos por cima. Então, agora, vamos... Acho que, se calhar, eu acho que é mais eficaz para os miúdos: “Então, pronto, vamos lá aqui à primeira parte. A primeira parte...” E depois falamos sobre aquela primeira parte. E depois vamos à segunda parte e falamos sobre a segunda parte. Por acaso isso fez-me sentido. Agora, isto tudo para dizer que é assim, de facto, são coisas pequeninas, mas que são coisas que eu acho que, para mim, foram úteis que alguém de fora me chamasse a atenção, porque acho que ajudaram a melhorar e acho que os meus alunos beneficiam disso. E, portanto, pronto, a minha experiência foi... foi positiva... Agora, não...

P8: Não sei se o P7 quer dizer alguma coisa, uma vez que foi ele que observou.

P7: Eu vou partilhar aquilo que também tive oportunidade de... de... viver com a P12. A P12 foi assistir a uma aula minha do CEF, daquela turma do CEF, de primeiro ano, em que eu tinha planificado uma consolidação de um conteúdo que era a parte do texto dramático. Nós, anteriormente, tínhamos lido o texto em... na sala de aula, com os alunos, tinha já lido e, naquela aula, o que eu tinha programado era que voltássemos ao texto, mas de uma forma diferente, não em suporte papel, mas que acompanhássemos um vídeo... de uma representação de uma escola, que está no *YouTube* e tinha a peça toda completa. Só que aquilo eram quarenta minutos e eu, e eu achava que os quarenta minutos da peça seriam secantes para os miúdos, eles não conseguiriam estar concentrados durante aquele tempo, o que é que eu lhes fui pedindo? Fui-lhes pedindo que eles acompanhassem a peça, saltássemos as partes mais... que não era necessário estar ali a assistir, porque eles já conheciam o enredo todo da obra e que fossemos saltando... para as partes mais importantes, para depois, no fim de assistirem ao vídeo, fazer então a ficha, com as questões... com eles e verificarmos o que cada um tinha respondido, dar a cotação e... avaliar os, os conhecimentos adquiridos. Eu consegui fazer isso, só que fiquei com a sensação que há ali dois erros que eu cometi. A P12 disse que eu tinha feito bem a aula, não era? Há ali dois erros que eu cometi. Um foi... eu estar situado na zona, a sala era pequenina, para mais, é a sala quarenta e um e estávamos lá... treze pessoas... E eu fiquei no meio da sala, que era onde estava disposto o computador e fiquei de costas para dois ou três alunos atrás e... A P12 teve noção que esses dois alunos estavam com quê? Com o chapéu na cabeça, não era?

P12: Sim. E um estava sempre distraído com o telemóvel.

P7: Distraído. E eu estava sempre ali ao pé do computador, para parar o vídeo para avançar e para não avançar, para fazer comentários e descuidei da malta de trás, não é? E eles aproveitaram para fazer aquela cobiada, não é? Pronto, eu acho que deveria ter... não ter utilizado essa estratégia... e deveria 'tar, naquele tipo de alunos, virado para eles e [segmento impercetível] um bocadinho mais, só que, com aquela disposição, não conseguia fazer, com aquela disposição do... do material. E depois... outro facto que eu notei foi que... acompanhar o texto... aliás, acompanhar a apresentação da peça ali, com o texto na mão, que eu lhes fui pedindo, também não dá. Também não surte o efeito desejado. Eu pretendia que eles acompanhassem o que estava a ser visto com o que estava a ser lido, eles não conseguiram. Portanto, era uma forma de acompanhar a

peça no texto e visionar... Fiquei com essas, com essas impressões, embora a P12 depois tenha dito que não houve problemas de disciplina, mas houve esses dois e as outras duas que ‘tavam lá à conversa, que era a L. e a E., mas isso são casos perdidos. Quer dizer, [segmento impercetível] é um bocado... a gente trabalha, eu tenho sempre vontade de que eles aprendam alguma coisa, mas fico sempre com a sensação que não sei se aquilo valeu alguma coisa. Embora os resultados, depois, na ficha... porque aquilo, a ficha era sobre as personagens que tinham visto, sobre quais eram os momentos da peça, era tudo escolha múltipla, claro que os resultados foram positivos, pronto. E eles ficaram satisfeitos, porque eles gostam muito de tirar boas notas e foi nesse intuito, ou seja, a prova acabou por lhes correr bem, não é? Eu fico é sempre com a sensação que não sei até que ponto é que eles [impercetível – sobreposição de vozes]. Tenho essa ideia. Depois, nas aulas que eu assisti à P12, não sei se a P12 já teve oportunidade...

P12: Não, só falei daquilo que me dizia respeito a mim, não falei daquilo que o P7 me disse.

P7: Eu, eu... em relação à P12, o que eu gostei foi que... tivemos oportunidade de assistir em duas aulas, uma de quinto...

P12: Sim. E uma de sétimo.

P7: ... e uma de sétimo. Pronto. E o que eu gostei de ver foi que, na parte do quinto ano, a aula, os miúdos, se calhar, são muito mais cativantes, são...

P9: Tu tens quintos?!

P12: Tenho um quinto ano.

P7: Eu gostei de ver mais...

P8: Mas quê, tu sentes que...

P7: Eles são muito mais participativos, fazem perguntas muito mais pertinentes... Ajuda, ajuda, a P12 l estava a contar histórias que eles fixam e... eu não tenho aqui os apontamentos exatamente, mas lembram-se daquela exposição que fez sobre as classes, acho eu, em que dividiu uma bola e eles...

P8: Não foi nessa que houve outro miúdo [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, não foi nessa. [Risos]

P7: Ou seja, o que eu notei foi que no quinto ano os miúdos estão muito mais ávidos, são muito mais participativos e estimulam muito mais do que no sétimo ano. Já são muito mais [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu senti isso, também, quando fui assistir à aula, era, sexto ano, quando fui assistir à aula da P15. Achei que eles estavam ali também mais ávidos por saber do que aquilo que se sente com os sétimos anos.

P4: Depois começam a travar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Porque as aulas, as aulas em si não têm nada a não ser... a não ser aquela questão, mas a Isa já deve ter dito, que foi... mas isso também acontece comigo. O que eu disse à Isa já notei em mim. Quando a gente ‘tá a escrever uma coisa no quadro e ao mesmo tempo ‘tá a falar, ou eles ligam ao que ‘tás a escrever ou ao que ‘tás a dizer.

P12: É verdade. Eu agora prefiro deixá-los passar...

P7: É, é. Mas o que eu disse à P12 é válido para mim, porque eu já tinha notado isso.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] deixas passar [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Ou a gente fala primeiro e explica...

P4: Também acho que sim.

P7: ... e agora passem isto, isto e isto, ou então... escreves no quadro, porque se na hora em que a gente está a escrever, estamos a falar, estamos a dar informação, estamos a dar informação pertinente, que queremos que eles fiquem com ela, mas eles não ‘tão lá. Nenhum. Nem... É do bom ou mau. Mas é do bom ao mau.

P8: Mas os próprios miúdos é que me chamaram a atenção: “Professor, como é que é, o professor quer que nós...”

P7: Eles ficam perdidos. Ficam perdidos. Ficam perdidos... Uma coisa de cada vez.

P9: O que [impercetível – sobreposição de vozes] *powerpoints*, eu depois dou-lhes cópias de tudo. Crio um email e mando-lhes... Faço o PDF e mando.

[impercetível – sobreposição de vozes]?

P9: Os *powerpoints*? Sim, também.

P1: Eu ‘tou proibida de mandar emails aos meninos de sétimo ano.

P9: Mas porquê?

P1: Porque o programa, as metas curriculares, não faz parte o uso do correio eletrónico. Não podes dar.

P9: Mas eu disponibilizo [impercetível – sobreposição de vozes] mas eu disponho [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Ai nossa Senhora. Mas as metas curriculares não têm nada...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: [impercetível – sobreposição de vozes] eu não posso usar, eu só posso usar com o oitavo ano.

P9: Ah...

P1: Eu fiquei passada [impercetível – sobreposição de vozes]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Mas não ‘tás a transmitir informação por *mail*? Desculpa lá, não ‘tás a transmitir informação por *mail*?

P1: Não, não estou a dizer que tu, ouve, não estou a dizer que tu não podes, P9. Não é isso.

P9: Já percebi. Já percebi.

P1: Eu, na minha disciplina, é que não posso.

P9: Pois, já percebi.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Mas porquê? Desculpa lá.

P1: Nas metas curriculares, o uso da internet, o uso do correio eletrónico, o uso dessas... só faz parte no oitavo ano. Tu não podes usar no sétimo ano... Não faz parte.

P7: Então, mas olha, mas, mas... mas para passares informação, para passares informação aos alunos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Espera. Mas... deixa-me só perguntar uma coisa...

P1: Porque eu perguntei...

P9: P1, desculpa...

P1: Eu não posso criar um...

P9: Mas eles não podem usar na aula. Eles não podem usar na aula.

[Risos]

P12: Se calhar...

P1: Eu estou a falar comigo, na minha disciplina.

P9: Sim, mas se precisares de mandar uma informação...

P7: É para mandar informação.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Não faço isso. Disseram-me que não fizesse e eu não faço. Ouve, isso eu não discuto. Lá ‘tá, é daquelas coisas que a vida me ensinou que não vale a pena discutir.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu queria só fazer... Pronto, só em relação ao que o P7 disse, queria só dizer duas coisas. Como ele agora já aqui está... Eu, quando fui para a aula do P7, ia a pensar que ia ver assim umas coisas super extraordinárias porque ele tinha-me dito que a turma era péssima. E eu cheguei lá e achei: oh, eles não são piores que o meu 7º C, portanto...

[Risos] Portanto, achei ótimo. E houve uma coisa que eu achei, e acho que falei isso consigo, depois, que eu achei... sensato da parte do P7, porque é assim, que ele está a falar dos que tinham o barrete na cabeça. Eu sou muito chata com coisas que ninguém liga nenhuma, designadamente com os bonés...

P7: Mas eu não deixo passar isso.

P12: ... com os bonés na cabeça dentro da aula. Mas não sei se, às vezes... É assim, não é... eu acho que devemos chamar à atenção, mas se calhar às vezes... não vale a pena é criar um conflito com um aluno por causa disso. Ou seja, chegarmos a um ponto em que se tem ali uma situação de tensão, em que a gente ou acaba por pôr o aluno fora da aula, para não perder a razão, ou então... E então, e, e... agora, eles também para a minha aula já não vão. Chegam à porta da sala e já põem p’ra trás. Mas às vezes penso assim, se calhar, mesmo que aconteça dentro da aula, eu vou dizer que não deve, mas se calhar não vale a pena é dizer: “Tire imediatamente”, porque, com certos alunos, a gente

corre o risco, a gente corre o risco de ele ter uma reação negativa e depois criamos ali uma situação em que, em que vamos chegar a um ponto de rutura que não é bom.

P7: [impercetível – sobreposição de vozes] por isso não me preocupo, interessa-me mais que estejam com atenção.

P12: E isso achei, por exemplo...

P13: Em voz baixa falo com ele.

P12: Pronto.

P7: Não, eu, eu, no caso, no caso concreto que a P12 ‘tá a falar eu é que estava de costas, porque eu costumo chamar a atenção para isso, para os bonés e para os capuzes. Agora, eu sei, e isto é verdade, não, não é pela indumentária, que eu, aí, faço questão que eles também apresentem-se como deve ser dentro da sala de aula. Agora, sei que há determinadas questões... que levam a conflitos com alguns alunos, que aquilo é de quebrar, mesmo, que é o caso do A. C., que é o que lá está e aquilo pega forte e duras discussões e... é uma guerra que às vezes não interessa pagar.

P12: Pronto, mas é isso, P7. Isso foi uma coisa que, que me apercebi na sua sala. É que é assim, se calhar, não vale a pena, vale a pena nós persistirmos...

P7: E às vezes, e às vezes é assim, às vezes parece que nós perdemos a razão, não sei até que ponto perdemos a razão. Se não alimentarmos determinadas discussões e no final falarmos... pode ser que a coisa surta efeito.

P12: Pronto, mas é... Mas é isso, ‘tá a ver? Às vezes, eu, como sou muito quadrada em certas coisas, sou capaz de ir mais: “Tira o boné da cabeça”, “Não tiro”, “Tira, que eu é que estou a mandar”, ‘tá a ver? E, se calhar...

P7: Ah, com alguns alunos isso não pega.

P12: Pronto, e é isso que... depois da sua aula fiquei a pensar: se calhar às vezes vale a pena ser mais...

P4: Era o que o P8 falava há bocadinho, o professor é que conhece a turma.

P7: É.

P12: Exatamente.

P4: Aquela pessoa que vai lá...

P8: Como é que se chama aquele livro que foi produzido aqui no Porto Santo sobre os hotéis, para o turista saber o que é que existe de restaurantes e tudo isso...?

P9: O Guia...

P12: O Guia?

P8: Eles deram outro nome... Que o G. fez... Eu, quando fui ver a apresentação do primeiro, eu fiquei chocado quando entrei, eu disse: “Eh pá, este gajo vai fazer uma apresentação de chinelo e bermudas? À frente de senhores todos engravatados, de hotéis e não-sei-quantos?”. Toda a gente estava a pagar para ter ali o nome.

P7: Qual G.? Desculpa lá.

P8: O G....

P9: Marido da...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Já sei, já sei.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Bem, ele fez lá uma apresentação com uma abordagem tão simples às coisas e até pôs-nos a fazer um exercício do tipo... Eu, por exemplo, eu tinha, por exemplo, estava no Pestana, mas foi uma... O que é que o Pestana poderia sugerir aos clientes? Oh pá, olha, um mergulho, andar a cavalo e não-sei-quantos e depois o que é que o do mergulho poderia sugerir ao cliente do mergulho? Olha, ir a uma loja, aquela loja que havia aí, de roupa de... material de surf e não-sei-quantos, ali ao pé do [segmento impercetível], portanto, era [segmento impercetível]. Ele apresentou aquilo de uma forma que eu, quando lá cheguei, eu fiquei assim chocado e depois até achei que aquilo não teve um impacto assim tão negativo quanto isso e eu... eu sou extremamente rigoroso em relação a isso. Eu, se me chegar algum aluno de chinelos, não entra na sala. Já pus alunos na rua, já foram ao órgão de gestão e tudo isso. E acho que [segmento impercetível]

P12: Não, mas eu isso... por acaso, para mim foi útil porque às vezes, não é que eu não seja, não continue a... a chamar a atenção dos alunos, e felizmente até hoje, é como digo, os miúdos, eles chegam à porta da sala e já tiram o barrete, já sabem. Mas é assim, mas, se calhar, vale a pena às vezes não sermos tão inflexíveis, porque às vezes a nossa

inflexibilidade pode ter um efeito perverso e isso também... pronto, ‘tar ali com aquela turma mais complicada, porque eu ao princípio também pensei: “Oh pá, então, mas estes estão aqui na aula e...” mas depois... E depois, quando conversámos, de facto, acho que sim, que... que, pronto, o P7 também diz que ‘tava de costas e não se apercebeu, mas se calhar... o não ter uma postura inflexível pode às vezes ser melhor para nós.

P7: Mas eu digo era... estamos a falar no caso da indumentária, mas eu vou pôr o caso específico, ou seja, não é o A. C. mas neste caso é o J. M. Ele tem um problema qualquer de leitura e eu, cada vez que peço para ler...

P1: Problema de quê?

P7: Leitura. Cada vez que eu peço para ler, ele nega-se a ler... Ele diz que não, constantemente. E se eu pago uma guerra aqui, quem é que sai prejudicado?

P12: Exatamente.

P7: Sou eu ou é ele? Se eu estou ali: “Mas você lê porque eu estou a dar uma orientação. Porque é que não lê? Porque é que não lê? A turma já sabe que você lê mal, mas vá lá, se você não trabalhar isto...” Até posso ir pela parte da motivação, para ele praticar um bocadinho a leitura e ele nega-se, fecha-se, nega-se, fecha-se, nega-se, fecha-se. “E eu não faço e o professor não me pode obrigar”...

P9: Ele não lê bem, não.

P8: Era como a J..

P7: E ele, e até que ponto é que eu ‘tou ali a impor uma situação desnecessária? Até que ponto é que eu ‘tou a impor uma situação desnecessária? Eu aqui não pago esta guerra. Não pago esta guerra.

P8: Aí concordo contigo. Nós tínhamos isso com a J. F., também num CEF... que a miúda era gaga, então, foi preciso... e ela, curiosamente, eram os alunos: “Anda, vá, J.”...

P7: É. Também fizeram isso mesmo ao Z. M. .

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Ele tá disposto a ir-se embora [impercetível – sobreposição de vozes] “Se o professor me obrigar a ler, eu vou-me embora”.

P8: Ontem não-sei-quantos e depois ela começava e quando parava, tínhamos que começar outra vez a primeira palavra para ela arrancar. Mas foi, ao fim do segundo período é que nos conseguimos aperceber disso. Agora, no início foi preciso seguir a estratégia que tu disseste. Oh pá, não dá, a miúda, não vou ‘tar a discutir com a miúda que ela vai ficar... oh pá, vamos criar aqui uma guerra que não há necessidade. Não...

P4: Se calhar, essa situação exigiria uma conversa com ele no final...

P7: Já falei com ele... Já falei com ele no final. Já falei com ele no final e já falei com a mãe e já o aconselhei a ir ao apoio, precisamente para trabalhar essa questão da parte da leitura, e ele não vai.

P1: Ele não tem qualquer outro problema?

P7: Deve ter, mas ele não se abre.

P10: Ele é muita teimoso.

P7: É.

P10: Sempre foi muito teimoso.

P7: Ele não se abre. Ele não se abre e qualquer proposta... ir à psicóloga, não vai; ir ali, também não vai. Portanto, é sempre...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Pode ter uma data de coisas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas aqui não tem a ver com o que ele tem, tem a ver é com a atitude dele e com a questão de não se comprar uma guerra desnecessária.

P7: Já lhe propus o apoio, já tivemos a conversa no final, que eu achei aquilo muito estranho... Uma pessoa que ‘tá disposta a sair da sala de aula a assumir a consequência toda para não ler. Pá, nem que ele leia mal. Quantos alunos é que, eu até lhe dei uma data de exemplos: “Você viu aqui o P., leu bem? Não, não leu. Se calhar não leu completamente bem, normal, mas pronto, leu, que é o que é preciso. Se você não praticar, também nunca vai melhorar”.

P4: Em tudo o resto ele cumpre? Na realização de trabalhos...

P7: Na escrita ele faz, na... na participação em grupo ele faz... A parte da leitura...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] uma questão a colocar. Tu, enquanto professor de CEFs e coordenador, eu sei que as salas são distribuídas de acordo com o número de alunos e tudo isso. Sentes, por exemplo, que as salas que se atribuem aos CEFs é quase... um desprezo? No sentido...

P7: Não, não sinto isso. Eu já, já senti foi a necessidade de outras salas e a alternativa não era possível porque está muita gente com outras turmas, que necessita de espaço. E eu precisava... Mas não fui só eu. Olha, era eu a Português, era o de Inglês e era Alemão... porque depois, nas outras, eles têm ou estão na sala de TIC... ou então em Educação Física... portanto, não há...

P8: Exato.

P7: Porque o que eu precisava com esta turma era espaçá-los... O que eu precisava era espaçá-los, ou seja, não os ter concentrados num sítio tão confinado tanta gente tão conflituosa, não é?

P10: Põe a regra de que não se podem tocar.

[Risos]

P7: Eu sei que se eles estiverem numa sala grande, eles vão começar a falar do clube da tia e tudo o mais, não é? Mas eu não queria era ali problemas entre eles... E não consegui porque havia turmas grandes à mesma hora... havia turmas... Depois vai-se gerindo conforme se pode e com as condições que nos dão... Por exemplo, eu queria, se calhar até para motivá-los um bocado, trabalhar um bocadinho mais com novas tecnologias, eu sei que não posso levar nada por diante, porque as condições da escola não permitem, percebes?

P8: Pois, a R. quando estive nos CEF, ela, do primeiro ano para o segundo ano...

P7: Agora, não sei se a pergunta que tu me fizeste é se é intencional? Não consigo dizer... Se é um desprezo?

P8: Não, se sentiste que... os CEF são sempre, talvez, as últimas turmas... em que se mete nas salas acabam por apanhar isso ou... Eu sei que a prioridade é sempre ver mais ou menos as salas maiores para as turmas maiores, como é óbvio...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Por exemplo, quando tinha... quando nós tínhamos o outro CEF, no ano passado, na sala quarenta e dois era impossível [segmento impercetível] aqueles miúdos. Vocês *tão* a ver, já são grandinhos, não são miúdos pequenos e não sei se vocês ‘*tão* a ver, as mesas não são destas, são daquelas mesas por aqui, não é? Então, eles ocupavam os computadores todos, as zonas dos cantos, que têm um computador aqui, um computador aqui, a impressora ali, estes dois não conseguem... É impossível. Era impossível os miúdos estarem ali. Eu sentia esse problema. Mas pronto, não havia salas, olha...

P8: Sim, sim. Mas, por exemplo, eu lembro-me que a R., o que tavas a dizer, a R., quando trabalhou aí, solicitou no segundo ano, portanto, do primeiro para o segundo ano, para que no segundo ano uma das aulas dela fosse numa aula de informática. Portanto, que ela dava os conteúdos e aplicava depois as TIC na própria aula e isso [segmento impercetível] a R....

P12: A R.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Sim.

P8: E isso foi atribuído. Penso que era o P4 o diretor de curso, julgo eu.

P7: Isso, por acaso, eu tenho com a S. Convém-me. A mim ajuda-me.

P10: Tem sala, tem um pavilhão para ela, tem tudo.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não, mas pode ser uma questão a colocar no final do ano, aos colegas, se houver algum colega que faça questão de usar uma estratégia desse tipo...

P7: Não, a estratégia, a estratégia que nós sentimos necessidade era para... dominar o conflito dentro da sala de aula era espaçá-los e separar uns dos outros, portanto, precisávamos de uma sala que permitisse pôr o J. A. além ou à tua frente, o A. lá atrás à conversa com outro [impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Mas quantos são?

P7: Hein? São catorze.

P8: São catorze...

[impercetível – sobreposição de vozes]?

P10: Aquela turma que tá ali foi escolhidinha... tá ali...

P7: Dá muito, dá muita confusão... Pode não parecer, dá muita confusão, dá muito conflito, dá muita chatice às vezes, muita frustração. Está a ser implementado aquele projeto lá com a... com a parte da Psicologia...

P1: Com a psicóloga. E então?

P7: ‘Tá...

P1: Ainda somos nós que [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Quando chegarmos ao final é a Dr.^a C. [PSOE] atendida pela L. [PSOE]

[Risos]

P7: É um pouco isso. Acho que eles fazem [impercetível – sobreposição de vozes] com todos o que fazem com ela. Pronto, o que fazem connosco, fazem com ela. Eles, quando estão para lá virados, estão para lá virados. Quando não estão virados, não estão.

P10: Claro.

P7: Isso não há cá milagres naquela idade. Acho que aquilo é um bom projeto para – eu já disse isso à L. [PSOE] é um bom projeto para iniciar no quinto ou no sexto ano, que aquilo já é gente malhada forte e feio. [impercetível – sobreposição de vozes] Eu tenho neste momento já dois alunos, dois não, três alunos... desculpem, quatro. Quatro alunos que já ultrapassaram o limite de faltas a disciplinas previstas para os dois anos do curso... São dois processos a decorrer no Ministério Público, a mandar relatórios lá todos os finais de período... mais três casos acompanhados na Comissão de Menores... portanto, é tudo assim.

P1: Complicado.

P7: Portanto, as aulas por vezes correm, outras vezes não correm.

P12: Pois, mas eu, como ia naquela expectativa, que o P7 tinha dito que aquilo era uma turma tremenda, eu achei fantástico, pronto. E para mim foi, foi...

P7: As estratégias, as estratégias que, que nos *workshops* que a Dr.^a C. [PSOE] e a L. [PSOE] estão a fazer, muitas delas implica, se calhar, o *time out*, ou seja, o não pagar as guerras, temos de pensar bem se vale a pena entrar pela parte de conflito, pela parte de

autoridade pura e dura. Pensar se vale a pena... Fazemos o *time out*, ou seja: “Oh pá, vai lá fora um bocadinho e refresca um bocadinho...”

P10: Vai arejar.

P7: Arejar... Portanto, estas medidas que, muitas vezes, a gente não toma nas turmas regulares, podem ser entendidas aqui de outra forma.

P12: Pois. Para mim foi bom porque fez-me, por exemplo, nesse aspeto fez-me pensar um pouco. Se calhar, às vezes, há guerras que não vale a pena a gente comprar, mesmo quando ‘tamos numa turma do ensino regular, quer dizer... sem, sem abdicarmos dos nossos valores, podemos se calhar, às vezes, gerir as coisas. Eu falo por mim, porque eu às vezes tenho uma certa tendência para o autoritarismo. Pronto, que é assim, quando chega a uma certa altura é assim: “Oh querido, olhe, tenha paciência, mas, por enquanto, aqui a professora sou eu, quem manda sou eu. Eu é que sou a dona da brincadeira, pronto”. E, se calhar, às vezes, há miúdos com quem... não vale a pena porque...

P7: Há alguns casos em que eles já estão... entram na sala de aula, quando veem que a professora está assim talhada para esse lado, pegam nas perninhas e vão-se embora e não dizem nada. Há situações dessas.

P12: Pois, é capaz.

P1: Olha, ainda não tiveste nenhum como teve, foi a J, ? Que há dias nos contou que uma miúda se virou para ela e diz: “Isto não é nenhuma ditadura. A senhora não manda”. Uma menina de sexto ano, mas...

P10: O que é que lhe aconteceu por ter dito aquilo?... Ela qualquer dia repete outra vez [impercetível – sobreposição de vozes] funcionário só se ficou a queixar... queixou-se a mim... Não fez mais nada. Deixou a menina dizer e andar. Portanto, ela vai voltar a dizer a mesma coisa.

P8: P12, faço análise das duas aulas?

P12: Olha, é assim, como quiserem. Nós estamos um bocadinho em cima da hora. Não, mas espera lá...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] do P4 e uma da...

P12: Então...

P8: É assim, em relação ao P4 assisti a uma aula no dia vinte e seis do um, nono ano... A parte, a aula toda foi toda em silêncio... Portanto, tinha aqui, portanto, os alunos entraram, mesmo os que chegaram atrasados...

P9: De que ano?

P8: Nono ano.

P9: Ah, nono ano.

P8: Os dois que eu assisti foram... duas turmas de nono ano. [impercetível – sobreposição de vozes] completamente diferente e tenho aqui mesmo. Normalmente os nonos anos não têm nada a ver com o sétimo... Portanto, há só um aluno que chegou ligeiramente atrasado e pede desculpa pelo atraso e cumprimenta. Gosto da postura dos alunos na sala de aula, silêncio, organizados, sem grandes conversas com os colegas. O P4, a parte inicial foi toda a questionar os alunos, individualmente, sobre os conteúdos lecionados anteriormente. Foi elogiando alguns alunos à medida que... que vão respondendo... Depois, os alunos abriram o manual, ‘tiveram a ler, tudo isso. Os alunos, os restantes, seguiram a leitura em silêncio... O professor puxa constantemente pelos alunos com maiores dificuldades, nomeadamente, portanto, tinha ali alguns alunos que estavam a patinar. Há uma aluna que não conseguia participar, porquê? O P4 apercebe-se que ela tinha faltado na aula anterior e depois, quando eles estão a resolver um exercício, ele presta apoio individualizado à aluna. Portanto, há ali um momento... de ensino individualizado com a aluna... Depois, tenho aqui, logo, a meio da aula... Portanto, uma verdadeira aula. Alunos com comportamento assertivo, participativos. Gostei bastante do tom de voz utilizado pelo P4, ao contrário da minha pessoa, porque estou constantemente a mandar uns berros e tudo. Às vezes até a explicar a própria matéria... para realçar um determinado conteúdo ou uma determinada palavra, falo, e o P4 não. Inclusive lembro-me que há lá uma altura em que há dois alunos que estão na brincadeira e o P4 não diz nada, olha para eles e só pelo olhar eles perceberam que ele estava a chamar a atenção. E a aula toda foi sempre com o mesmo tom de voz, coisa que eu não consigo fazer e acho que... que é bastante importante.

P12: Mas eu também não imaginava o P4 a dar uns berros, sou sincera.

[Risos]

P10: Nem falar alto, ‘tás a ver? Passou-se.

P4: Devo dizer que eu trabalho com esses miúdos há três anos...

P12: Mas isso também é uma relação muito diferente.

P1: É diferente.

P12: Claro.

P1 É diferente. Não, mas tu tens uma postura...

P12: Tem.

P8: Mas tem a ver com a tua personalidade [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu gostava de adquirir ao menos um terço.

[Risos]

P8: Isso tem a ver com uma questão de personalidade [impercetível – sobreposição de vozes] E, portanto, todos os alunos têm a oportunidade de participar, há transmissão de conteúdos e há, claramente, aprendizagem. Depois, tinha aqui... por exemplo, há um exercício que o P4 alertou, que era um exercício que vinha, muito frequente nos exames nacionais. E a concluir a aula, tinha aqui duas conclusões, portanto, gostei da aula, o tema era muito interessante e os alunos tiveram uma postura muito positiva e colaborativa. Por vezes, há entreajuda. Eu lembro-me, por exemplo, da L. estar a questionar o E. ... E há uma vez que o S. coloca uma questão e há um colega que dá a resposta. Portanto, havia ali, não havia aquela história: “Cala-te, eu perguntei ao professor”. Também são alunos de nono ano e gostei bastante e, portanto, a concluir, acho que a planificação e o sumário que foi registado inicialmente foi cumprido na totalidade. As atividades propostas decorreram dentro da normalidade. Em relação à P14, também no 9º B, neste caso, no dia vinte e sete de fevereiro... Também foi uma aula bastante calma, os alunos na primeira parte, eles estavam a terminar os conteúdos da Física, senti que foram mais participativos; na segunda parte da aula, a P14 introduziu o estudo da Química, houve alunos aí que se apagaram. Portanto, estavam naquela, na primeira parte que a P14 fez...

P12: Guerra química. [Risos]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] estavam bastante interventivos, participativos, sempre de uma forma muito correta. Na segunda parte, a meio da aula, oito e cinquenta e um, já tenho aqui, portanto... realmente as turmas de nono ano

apresentam uma postura muito diferente dos sétimos. Só... tenho aqui, por exemplo, há dois alunos claramente muito perspicazes nos conteúdos, no tipo de humor que mandavam, as perguntas que faziam... porque falavam coisas ligadas tipo à bomba atómica, o S. e o A. ... Os alunos registam os esquemas no caderno. Eu aqui fiquei numa dúvida, às nove e pouco da manhã, se era o P., o aluno NEE, se estava a perceber alguma coisa. Como ele nunca se manifesta, eu pus aqui: será que o P. está a perceber alguma coisa do que se... Mas, entretanto, a P14 pôs... coloca uma questão mais para a frente e ele responde e responde corretamente... Há lá um exercício no manual que o facto de os alunos não possuírem todos o manual, dificulta a resolução do exercício. A P14 arranja logo um plano B, ela lê, a docente lê o exercício e os alunos colaboram na resposta. Portanto, aqui foi...

P9: Mas não têm mesmo ou porque não levaram?

P8: Não, não levaram, porque havia ali a mudança, penso que já era da parte da Química. Terminaram a Física, começaram a Química...

P14: Eu avisei-os, mas..

P9: Pois.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] plano B, logo, na hora. Às nove e vinte e sete, portanto, uma aula que começou às oito e vinte, pela primeira vez na aula a docente sente necessidade de chamar a atenção de um aluno. Portanto, passado uma hora, portanto, que é, o que demonstra, claramente, a diferença para os sétimos e... e tudo isso. A concluir, eu tenho: os alunos colaboram entre si na resolução dos exercícios, há um ligeiro barulho saudável na sala, resulta do tal trabalho em equipa, eles estão a resolver exercícios em pares. Depois tinha aqui que já tinha saudades de uma aula de Química. À medida que a aula se aproxima do fim, os alunos vão ficando menos concentrados, mas o que é normal, até porque já estavam próximos das nove e cinquenta. Gostei das duas aulas, bastante... E notei, principalmente, a grande diferença de postura entre o sétimo e o nono ano, por isso, penso que é bastante importante esta... esta diferença e também esta análise e observar aulas de anos diferentes e em disciplinas diferentes... Da minha parte é isto.

P14: Então, eu posso falar, P8, agora em relação à tua? Embora eu achasse que o P8 é um pouco expositivo, eu também considero que sou e queria ser menos. Estou a tentar ser menos, mas ainda acho que também sou bastante expositiva. No entanto, acho que o

P8 tem um sentido de humor muito bom, que consegue, a meio da aula, a meio não, durante a aula toda, meter uma zona cómica no meio e consegue que eles estejam sempre a captar a atenção dele. É uma vantagem. Também gostava de ser assim, mas não consigo. Ele é bastante dinâmico e nota-se perfeitamente para onde ele quer levar a aula. Nota-se perfeitamente qual é o objetivo dele, a atingir, e nota-se que a aula está sempre guiada para aquilo que ele quer. Ele consegue dominar a aula perfeitamente. Consegue dominar os alunos todos, também não consigo ser como tu. Também gostava, mas não consigo. Ele nota-se que tem um controlo total sobre todos os alunos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Que ano era?

P14: Era oitavo.

P8: Era oitavo. Até porque com um corpo destes não é difícil...

[Risos]

P14: Acho que era o 8º B, certo? Era a turma do... do A. ... Ele tem um controlo total sobre a turma. Eu não consigo ter esse controlo. Também gostava, mas não consigo... E pronto, foi o que eu pus. Apesar de ser uma aula expositiva, é bastante ativa, é bastante dinâmica e ele é bastante irónico, o que leva a captar sempre a atenção dos alunos todos... E gostei muito da aula dele. Eu queria até intervir, mas...

[Risos]

P8: Ela apanhou o mesmo tema que o Carlos, as migrações. Acaba por ser...

P14: Ah, outra coisa que eu também notei... foi o facto de ele dar os objetivos aos alunos é uma mais-valia para eles, para estudar, porque eles iam aos objetivos e eu, por acaso, o P8 até ia dar uma coisa, mas depois eles disseram que... O P8 perguntou se eles tinham já falado, porque tinha feito isso noutra turma e tinha ficado com a ideia que naquela turma também já tinha sido feita e os alunos foram logo ao caderno e aos objetivos e dizer: “Não, professor, ficámos aqui”. E então, o P8... retomou onde tinha começado. Portanto, os objetivos eu acho que é uma mais-valia.

P8: Sim, foi o plano B. Tem a ver com a minha desorganização. Eu ia... claramente que os conteúdos estavam dados, fazemos umas revisões e eles levavam os objetivos. Depois, quando eles dizem: “Não, professor, falta dar este conteúdo”, depois eu percebi que teve a ver com uma, uma aula que... eles tinham menos uma aula que os restantes.

O plano B ali foi, ok, então vamos concluir isto e é por isso que não entrámos no... Por exemplo, se fosse numa aula, de certeza, numa avaliação... da avaliadora externa, queimava-me ali porque o sumário não correspondia ao que tinha dado. [Risos]

P12: Mas, desculpa lá, essa lista dos objetivos, tu dás no início da aula, no início da unidade...?

P8: Eu... eu dei... eu julgo que tinha entregue...

P14: Eles iam depois ter teste...

P12: Ah, pronto.

P8: Eu, normalmente, dou na aula em que dou as revisões.

P12: Ah, ok.

P8: Já falei com uma professora universitária...

P12: Não, só perguntei por curiosidade.

P8: ... ela diz: “Olhe, até, se puder, entregue no início do conteúdo”. Eu só não entrego no início do conteúdo porque a maior parte deles, depois, perde.

P12: Pois.

P8: Agora, é sempre, todas as aulas que vou para revisões, quer nos sétimos, oitavos e nonos, eles a primeira coisa que perguntam é a folha dos objetivos. E é aquilo que uma professora universitária me dizia: “Se tiveres um, por sala, que se oriente por isto, já é ótimo”.

P12: Ok.

P7: Mas os objetivos de quê, desculpa?

P8: O que eles têm que saber para o teste: fazer isto, calcular isto, explicar isto...

[impercetível – sobreposição de vozes]?

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] no início No manual deles tem mesmo... tem umas tabelas, palavras-chave e... o que deves saber...Eu quando inicio a unidade costumo ler isso com eles e digo-lhes: “Vocês, neste momento, ainda não sabem exatamente o que isto é, mas têm que reter isto e, no final da unidade, voltam aqui e vão ver se isto ficou sabido ou não”.

P8: Isso acaba por ser... [impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Isso eu faço na aula das revisões, antes do teste.

P8: E uma outra coisa...

P14: Ele dá-lhes a folha.

P7: Eu faço o esquema no quadro. Eles perguntam-me, perguntavam muito: “Professor, o que é que vem?” e eu: “Vem isto, isto, isto e isto”. Era o mesmo esquema sempre. Eles não se apercebiam, mas era o mesmo esquema, desde o início do ano até ao fim. O texto que é para analisar será isto, era o texto narrativo, só que não punha lá o texto, evidentemente. Na gramática, o que é que demos? Isto e isto e tudo o que está para trás. Na expressão escrita será um texto, ou de opinião ou argumentativo ou etc., etc., etc.

P8: É assim, eu nunca fiz testes tão difíceis como tenho feito no Porto Santo. Inclusive, troco muitos materiais com um colega que está em Bragança, ele pergunta se os alunos estão na universidade... No entanto, ele pega num teste meu, acha-o extremamente acessível, porque realmente são acessíveis. Só que é assim, o que eu faço, e tenho a certeza que... se fizéssemos, talvez, em mais disciplinas [segmento impercetível] mudar algumas coisas nos meus testes e nas minhas aulas é... a folha de objetivos é extremamente importante e o facto de eu dar um teste, dou um conteúdo dou um teste, dou imensos testes durante o ano, faz com que os alunos tenham muito mais sucesso. Dá trabalho? Dá, mas eu prefiro chegar ao final do ano e faço, consigo fazer uma avaliação mais concreta, porque eu acho que, cada vez mais, nós discutimos muito isto, entre professores, parece que eles têm memória de curta-duração, não conseguem reter os conteúdos. E a Geografia, ao contrário de muitas disciplinas, é muita cultura geral. Portanto, um aluno que neste momento, se estiver a parte das notícias, é quase a PGA. No nono ano, então, não precisa de estudar, aquilo é cultura geral. E o facto de ser... de eu fazer constantemente testes, faz com que eles tenham os resultados que têm. Portanto...

P6: [segmento impercetível] matéria toda até àquela parte, estou sempre revendo, porque senão, depois, é muito pior.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Até porque isso também tem a ver com a natureza das disciplinas, porque é assim, eu acho que, se calhar, no Português, claro, as coisas estão sempre ali, não é? Pode haver... [impercetível – sobreposição de vozes] Na História não. Eu posso

perfeitamente... ‘tar... quer dizer, não ‘tou o ano inteiro a perguntar-lhes sobre o Paleolítico, coitados, então... nem...

P6: Mas depois eles deixam de rever e eu noto, por exemplo, em Geometria há coisas que são de sequência, mas, por exemplo, a gente passa para [segmento impercetível] e depois passa para os... para as sombras e para... É completamente diferente os temas e, no entanto, se eu não [segmento impercetível] a matéria que dou no primeiro período, depois, a seguir, é um inferno, se eles não reverem. Portanto, eu faço isso sempre. Os testes faço sempre toda a matéria. O que é que vem? Vem tudo até à matéria que demos no dia X.

P9: Eu só faço isso com o secundário.

P12: Colegas...

P4: Olha, P12, eu só gostaria de...

P12: Diz, diz.

P4: ... acrescentar duas coisas.

P12: Então acrescenta.

P4: Eu, em relação à aula do P8, penso que a P14 já... já disse, e concordo com o que ela disse, só não concordo com a parte de querer ser como eu, [Risos] porque cada um tem a sua personalidade e os alunos beneficiam dessas, dessas diferenças.

P14: Eu acho que é uma vantagem, ser irónico eu acho que é uma vantagem. Se eu conseguisse ser um bocadinho...

P4: [impercetível – sobreposição de vozes] P14 compensamos com outras coisas.

P8: Eu também sou dessa opinião, P4

P4: A P12 perguntou se valia a pena este, este... estas sessões. Estas sessões claro que valem a pena. Valem a pena porque nós estamos a fazer um trabalho voluntário, não é? E quando estamos agora a falar em avaliação, avaliação externa, etc., este trabalho voluntário é super meritório... a muitos títulos. Um deles está... a capacidade de nós enfrentarmos os medos e termos a capacidade de comentar as observações que fazemos e que nos são feitas... Se não valesse por mais nada, estas reuniões valiam por isso... Portanto... até porque provocam uma reflexão sobre o trabalho que estamos a

desenvolver. E o professor que não reflete sobre aquilo que faz... não conseguirá evoluir, portanto... penso que a questão de valer a pena ou não valer a pena...

P12: Pronto, é que às vezes eu tenho um bocadinho de receio porque... eu até vou dizer, porque é assim, porque... às vezes, na sala de professores, acabamos por estar ali e... não falamos e às vezes penso assim: coitadas das pessoas, elas se calhar andam ali... a fazer...

P9: Não, é porque não dá tempo [impercetível – sobreposição de vozes] a pensar na aula que vai dar a seguir...

P12: E, sinceramente, fico a pensar, porque eu, quando me meti nisto, foi com grande entusiasmo [Risos] e...

P8: Eu, curiosamente, por exemplo, eu falo muito mais com professores fora disto...

P12: ... e gostava que, de facto, as pessoas sentissem que, que, que... que isto não é uma perda de tempo, que de alguma forma lhes é útil...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E tinha um bocado, também, necessidade de ter esse *feedback*, porque é assim... porque é assim, porque às vezes penso assim: “Eh pá...”

P9: Eu concordo plenamente com aquilo que o P4 disse e posso dizer, pronto...

P7: Eu não sabia [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Porque o P7 não estava aqui, desculpe. [Risos]

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] e não fizemos agora nenhuma, foi a tal que nós já falámos aqui. Mas já, já... apliquei uma experiência que ouvi aqui do... P7, e o P13 acho que mencionou que já o tinha feito, que foi fazer uma ficha na sala de aula em que, depois, os próprios alunos davam a avaliação. O P7 falou dessa experiência aqui e eu disse, bem, porque às vezes dou fichas de trabalho e, pronto, só o facto de estar a corrigir, mesmo assim alguns ainda estão distraídos e tudo isso e aquilo, de facto, eu apliquei e funcionou. Funcionou. Houve conversa, tudo bem, mas foi uma conversa saudável, no sentido de me chamarem, quando estavam a corrigir, porque eu dei-lhes a cotação também, eles tinham que dar a cotação...

P7: Quanto é que dava aqui, quanto é que dava ali.

P9: Exato, quanto é que dava aqui, quanto é que dava ali. Dei-lhes uma... uma grelha com uma classificação para cada uma das perguntas e das respostas e... e, de facto, funcionou, porque vi que houve mais interesse e... pronto, eles fizeram, de facto, depois a soma: “Deixa lá ver quanto é que o colega que eu ‘tou a corrigir teve”. Portanto, há aquela competição, acaba por haver aquela competiçãozinha saudável... E eu levei essa experiência daqui, que nunca tinha feito, nunca tinha aplicado. E, pronto, quanto mais não seja, alguma da experiência, pronto, que nós temos trocado, para mim tem sido muito positiva, mesmo porque, pela questão de já não estar a dar aulas há tanto tempo, a esse nível tem sido muito bom.

P10: E porque faz falta, porque nós acabamos de estudar, vimos para aqui, levámos aquele stress todo do estágio pedagógico, fizemos tudo e mais alguma coisa e, de repente, chegamos aqui e... e nunca mais.

P9: Pois.

P10: Nunca mais ninguém... Vocês fazem esta reflexão em Grupo? Não. Fazemos planificações, critérios de avaliação, uma reunião para [impercetível – sobreposição de vozes] o que é que aconteceu no Pedagógico...

P9: Uma das coisas, uma das coisas que eu disse à P12 quando ela me fez a entrevista, foi que uma das coisas que eu esperava, de facto, era a troca de experiências, porque nós, no dia a dia, não temos tempo para falar uns com os outros sobre isto.

P10: Exatamente.

P9: É que não temos mesmo.

P10: Eu acho que dentro meu, por exemplo, no meu Grupo, no meu Grupo nós não fazemos isto. Fazemos aí assim fora. Faço com a I., tenho um bocadinho...

P8: Ninguém faz. Ninguém faz.

P10: Mas fazia falta... esta troca de experiências. A aula dele, corre bem porquê? Porque é que a minha não corre tão bem?

P9: O que o P4 falou acho que também é importante, porque às vezes nós temos medo de falar o que se passou dentro da nossa sala de aula. Ai, o que é que vão achar? Se calhar aquilo que eu ‘tou a fazer não é o mais correto. Se calhar, de facto, tenho que mudar. Pronto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não sei até que ponto nós não poderíamos, depois... por exemplo, a P12, na altura eu disse logo, eu vou perguntar aos meus alunos o que é que acham da análise que foi feita. E pergunto-lhes sempre. E, por exemplo, eu ‘tava a dizer, eu tenho comentado e tenho conversado com mais pessoas que estão fora disto, por exemplo, [segmento impercetível] estamos constantemente a falar e tudo isso... e estamos constantemente a falar sobre o trabalho que estamos a desenvolver. Eu falo com mais pessoas que estão fora disto, do que com os colegas que estão cá dentro, porque aqui já estou à espera daquela sessão onde nós vamos abordar e vamos trabalhar. Eu não sei até que ponto não era importante nós também envolvermos os alunos nisto. Não trazer alunos para aqui, mas trazer a abordagem deles... no sentido de ver o que é que achas que falho, o que é que achas que não falho e não-sei-quantos. Eu, por exemplo, farto-me de falar com eles e eles dizem o que é que pensam... não, não me assusta, nem me preocupa...

P1: Em relação, a nível de proveito que eu tivesse sentido. A aula em que... a outra aula do P13, do P13 foi o profissional, a aula que a P6 foi assistir [segmento impercetível] e é uma aula que tem muitos miúdos NEEs e é uma aula que eu tenho sempre a sensação que eles não aprendem nada... Juro-vos, é a sensação que eu tenho e é frustrante, porque a gente, eu ‘tou a trabalhar *Excell* com eles, não é? E, e é complicado ‘tar a falar de funções e os miúdos não sabem fazer uma média... Por exemplo, e já me aconteceu estar: “Mas vocês sabem como é que se faz uma média? Sabem usar a função média? Sabem o que é uma média?”... E... na abordagem que eu fiz, depois, no início, para tentar perceber até onde é que eles... eu fiquei surpreendida, ela ‘tá ali, eu fiquei surpreendidíssima [segmento impercetível] eles tinham aquilo... Tinham percebido, estavam a usar os termos corretos, estavam a funcionar e tenho para mim que foi do tipo: “Oh pá, fogo, eu não ‘tou a trabalhar em vão, caramba”. Na aula é frustrante trabalhar com eles. É muito complicado. Tenho a C. e o A. ... miúdos que vieram dos outros CEFs, que não... não conseguem. A gente tem sempre a sensação que eles não ‘tão a chegar lá. Olha, quanto mais não fosse, por isso eu fiquei feliz.

P8: P12, quando é que fazemos... Nós agora combinamos fora...?

P12: É assim, pronto...

P10: Tenho de telefonar à noite, não é?

P12: Dado o adiantado da hora, nós já não vamos ter...

P8: Na segunda combinamos.

P12: Nós já não vamos ter tempo de organizar os pares de trabalho. Queria só deixar como sugestão que fizéssemos...

P7: Já não vai haver, já não vai haver supervisão agora?

P12: Vai.

P8: Nós combinamos [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sim, sim, sim. Claro. ‘Tá bem. É assim, eu ia só sugerir uma coisa. Claro que não vamos fazer encontro de hoje a uma semana, como ‘tava previsto, porque era suposto que este que estamos a fazer hoje, teria sido no dia treze de março, de maneira que, aquilo que eu sugeria, era que nós tentássemos, fora deste espaço, organizar os pares de trabalho e marcar um próximo encontro, já para o mês de maio... onde, eventualmente, alguém já tenha feito alguma coisa e eu sugeria que fosse o dia oito de maio, porque nós em maio vamos ter...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] no máximo até quinze [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, tem de ser até oito de maio, porque nós, em maio, devido à calendarização da formação da Secretaria, nós temos mesmo que ter dois encontros senão não nos dá tempo de ter os nove encontros no ano letivo. E nós temos que ter os nove encontros por causa da... temos que ter os nove encontros por causa das horas.

P8: Fica oito?

P12: Portanto, ficava oito porque um é feriado, não é?

P8: Ok.

P12: Portanto, dia oito. Entretanto, eu, por *mail*, vou tentar... para já vou dar conhecimento aos outros colegas que o próximo encontro é dia oito... Vou tentar... Eu penso que o P2 foi uma falta absolutamente excepcional; em relação à P15 eu não sei se ela não terá desistido, vou confirmar isso com ela. Quando eu tiver confirmadas as pessoas efetivamente, vou tentar para a semana, depois, organizarmos os pares.

P8: O P2 disse que era só hoje que não podia vir.

P12: Pois, eu também penso que sim.

P8: Ele estava no bar e os miúdos [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, mas, por exemplo, mas em relação à P15 não sei, porque ela é a segunda falta consecutiva que dá... E, portanto, também não vale a pena ‘tarmos a organizar os pares sem saber efetivamente as pessoas com quem podemos contar. De maneira que eu vou... pôr isso a limpo e depois, durante a próxima semana, até tendo em atenção os nossos horários, tentar sugerir pares de trabalho... pronto... Não sei o que é que vos parece...

P7: Por mim, tudo bem. Eu já tinha adiantado, acho que com o P4, porque o P4 queria ia a uma aula de Latim...

P12: Então, pronto, mas... então, se o P7 já combinou com o P4...

P7: Eu não combinei nada, ele é que tinha falado que queria ir a uma aula de Latim.

P12: Pronto, mas se vocês já têm... Eu, por exemplo, eu, neste momento, devo dizer que eu gostava de ir, eu, pessoalmente, eu gostava de ir a uma aula mais de carácter prático...

P14: Eu preferia ir à sua.

P12: Olha, eu, por exemplo, eu tinha pensado na P14, porque eu sei que a P14 fazem aquelas aulas de laboratório e eu gostava...

P14: Não vamos fazer, quer dizer, em princípio não...

P12: Mas pronto, mas, por acaso, tinha pensado nisso. Nisso ou na P1, que também tem aulas práticas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exatamente. Para deitar a escola abaixo. Mas pronto, mas se o P7 já tem, mais ou menos, combinado com o P4...

P7: Ele tinha manifestado esse interesse. Eu não me importo de ir seja com quem for.

P12: Oh P7, então faça assim, combine com ele e depois é só dizer-me. Eu já tenho combinado com o P4 e eu já só me preocupo com as outras pessoas que [impercetível – sobreposição de vozes]. Bom, então até à próxima!

ANEXO V F
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 09.06.2015

P12: Bom, então é assim, colegas, antes de começarmos vou-vos pedir que preencham isto, mas queria pedir-vos, aliás, não queria pedir-vos, queria dizer-vos o seguinte, que é assim, quando nós nos referimos a interações no âmbito da, da comunidade, obviamente não ‘tamos a falar das vezes que nos encontramos nos corredores ou porque tomamos café juntos e falamos de tudo e de mais alguma coisa. Mas também não estamos a falar exclusivamente das interações que desenvolvemos no âmbito dos ciclos de supervisão. Portanto, se vocês têm uma conversa com um colega, em que falam ou da escrita do vosso diário ou se houve sessão ou não vai haver ou vai, isso é uma interação no âmbito da comunidade, ok? Portanto, era só para registar isto, porque eu...

P9: Eu só considereei quando falava com os colegas depois da [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, exatamente. Eu já percebi isso [Risos] e por ter já percebido isso e porque isto é muito importante é que eu ‘tou a chamar a atenção para este pequeno pormenor, ok?

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] Deixa-me lá ver com é que já falei que ainda não fiz nada. [Risos]

P12: Pronto... Era só para, era só para pedir que tivessem isso em consideração.

P10: Falámos umas cinco vezes, não? Todos os dias juntos... [segmento impercetível]

P12: Não, olha, sabes como é que eu percebi um dos casos? Foi exatamente através de vocês.

P10: Nós? ‘Tamos sempre a falar.

P12: Pois, mas tu dizes que ‘tás sempre a falar, mas ele diz que não, não sei que relação é essa que vocês têm.

[Risos]

P10: É simples, eu ‘tou sempre a falar e ele não.

P9: Ele só ouve. Ele só ouve... É um ouvinte.

[Risos]

P12: Eu assim, oh pá, este casal tem aqui qualquer coisa que não funciona. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Por acaso achei imensa piada, mas pensei: isto quer dizer que as pessoas estão a fazer isto [impercetível – sobreposição de vozes] não, e que as pessoas interpretam de forma diferente o que é que é interação...

P10: Que eu falo e ele não ouve nada do que eu lhe digo.

P12: Não, e que as pessoas interpretam de forma diferente o que é que é interação. Por isso é que eu agora chamei à atenção... porque... Ai, cansada...

P1: [segmento impercetível] não falei vez nenhuma contigo.

[...]

P1: Oh P9, nós já falámos tanta vez que eu ‘tou para aqui a contar as vezes... [Risos]

P9: Eu também.

P12: Oh pá, isso é aproximado. Vocês também não sejam...

P1: Ah, não, já falámos mais. Então e [segmento impercetível]

P9: Pois, só a perguntar se recebeste o email ou não recebeste. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Tens bateria [segmento impercetível]?

P1: Tenho. Podes pôr.

P13: Posso?

P1: Eu pus a carregar.

P13: Pois, eu ia carregar à tarde, mas não tive tempo de o... de o carregar por completo.

[silêncio]

P12: Não se esqueçam do asterisco à frente do vosso nome, também, por favor... Um asterisco, uma cruzinha, uma bolinha, como vos der mais jeito... Ai pá, mas que calor... Eu já te passei as novas folhas... Oh P9, passa aí, eu acho que vocês ainda não assinaram, para esse lado.

P8: A minha vida dava um filme, como diz o outro. Boa tarde aos presentes que não estão ausentes.

P7: Boa tarde a todos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Bem, queria só pedir o questionário, atenção, desculpem lá, só, já tinha dito isto aos colegas, que... as interações não são só as que se desenvolvem no âmbito do trabalho de supervisão. Por exemplo, se vocês conversam uns com os outros, ou sobre a redação do diário ou sobre *isto* ou sobre *aquilo*, isso também é considerado uma interação, *tá* bem?

P10: P12, quando eu te pergunto assim: “A P12 mandou algum mail? Temos reunião?”
[impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Isso é uma interação, sim, senhor... [impercetível – sobreposição de vozes] Mas é.
[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sim, mas ok, tudo bem.

P7: Falaram aí em confidencialidade e eu procuro respeitá-los. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Vá, mas uma coisa é a confidencialidade em relação àquilo que a gente vê nas aulas; outra coisa é em relação ao nosso...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas é assim, mas eu penso que o P4 agora, quando quiser, pode começar.

P4: Não vamos falar primeiro das observações...?

P12: Pois, olha, não tinha pensado, é assim, eu penso que, se calhar, deixávamos isso para a última, porque hoje, como tens uma atividade para nos propor, e como ‘tamos com tempo limitado, se começamos a... a falar disso, então, ficamos sempre tempo para a, para a atividade. Ora...

P1: O pessoal quando começa a falar não se cala.

P12: Não, é que...

P6: É como as cerejas.

P12: É melhor deixarmos para a... para o nosso último encontro... até porque no último encontro, depois, também vamos fazer a avaliação global e, portanto... Olha, não tenho data e... mas tem que ser obrigatoriamente até catorze/quinze de julho, porque depois as pessoas vão de férias.

P9: Junho ou julho?

P12: Julho... O que eu queria... o que eu queria saber, por acaso, e até vou aproveitar - desculpa lá, P4 - é que... gostava de saber, uma vez que agora vamos deixar de ter aulas, se os colegas querem fazer o último encontro também neste horário pós-laboral, entre aspas, ou se preferem uma manhã ou uma tarde às três e meia...

P9: Manhãs para mim é difícil, porque eu continuo sempre com aulas, até final...

P12: Em julho?

P9: Ah, julho não.

P12: Agora assustaste-me.

P9: Pensei que estavas a dizer até final de junho.

P12: Não, não, não.

P9: Julho, tudo bem... Embora me tenha inscrito naquela outra ação do sindicato, [segmento impercetível], mas é cinco, seis... e sete, acho eu.

P12: Não, eu 'tou a pensar ali entre dez e catorze, também antes disso não... Pronto, mas preferem manter este horário pós-laboral ou preferem fazermos uma manhã ou uma tarde mais cedo?

P7: De manhã era melhor, para mim.

P12: De manhã?

P9: É.

P12: De manhã?... Pronto, aí dez horas da manhã, também não *tou* a falar oito da manhã.

P9: Eu preferia de manhã.

P12: Então, pronto... Eu depois, quando vir a data - obrigada, P10 - quando eu, depois, tiver a data eu faço chegar aos colegas, 'tá bem?... Pronto, então... Ah...

P10: Olha, quantas vezes interagi...

[Risos]

P13: Não foste tu que fizeste isto?

P10: Não, não fiz todas, mas pedi a quem fizesse [segmento impercetível] [Risos]

P12: Eu acho que...

P9: Ah, não tinha reparado nisto.

P6: Quê, nos chapéus?

P9: Sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Pronto, basicamente...

P12: P4 vê lá se queres fechar a porta. P1

P7: Fechamos um bocadinho o estore?

P9: Sim.

P1: Eu não me consigo baixar.

P7: Fechar o estore.

P12: Não, fechar o estore.

P7: Podes é pôr-te de pé.

[Risos]

P12: No outro dia, um aluno meu disse-me isso: “Oh professora, ponha-se à frente da janela”. [Risos] E eu, ‘tá bem, pronto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: É, é. Os gritos que eu ouvi. Deve ter sido, deve.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Hoje vamos estudar uma forma de tornar as reuniões mais simples.

P12: Boa!

P4: Portanto... esta apresentação resulta, então, do compromisso que eu assumi no início desta formação, de partilhar com vocês um bocadinho da, da... do trabalho que tive no meu mestrado, na área da criatividade... Nesse sentido, vou partilhar com vocês algumas ideias... que eu construí acerca da criatividade, não serão propriamente as vossas, vamos depois falar sobre isso. É uma apresentação muito, muito, muito breve. E depois, para fundamentar um bocadinho a importância dessa criatividade e também uma forma de... no âmbito da supervisão, nós sermos capazes às vezes de ultrapassar alguns

obstáculos mentais, pessoais, etc... levar a cabo aqui uma pequena experiência proposta por... por Edward de Bono, foi um professor... que... criou esta pequena experiência, que são os *Seis Chapéus do Pensamento*... Vou começar por distribuir um pequeno artigo que surgiu no jornal *Público*... no mês de abril, que gostaria que lessem, precisamente porque ele desconstrói a ideia da criatividade.

[Silêncio]

P12: Não conhecia este... este comentador... Não, é muito giro. O texto é muito giro, eu é que não conhecia este fulano. Também não leio o *Público* assiduamente, mas às vezes leio, nunca me tinha apercebido deste rapaz. Vou estar com mais atenção.

P4: Atenção, crónicas sobre criatividade [segmento impercetível] há às centenas... Trouxe este porque ele vai contra o discurso [segmento impercetível]. Mas já me estou a adiantar. Ideias principais que ele defende no artigo?... O que é que ele nos diz?

P1: Os criativos, supostamente, são necessários, mas que, no fundo, no fundo, que têm que ser é domados para não criarem incerteza, nem insegurança... Ou seja, formem-se criativos, mas deem-mos cá que eu domo, estrutura e ponho à minha maneira.

P4: Que os criativos de alguma forma temidos...

P1: Sim... E que vão causar, no fundo...

P4: Outras ideias...?

P10: Que há um excesso do uso da palavra *criatividade*.

P4: Há uma banalização.

Vários interlocutores em simultâneo: Uma banalização.

P8: E acho que, em termos de escola, nós temos miúdos criativos... Ou medo ou, pelo menos, se aparecer um aluno muito criativo, os professores começam logo...

P10: Perturba.

P8: ... a rotular e a criar formas de o entalar. É a minha opinião, como é óbvio.

P6: E mesmo numa empresa, a não ser que seja uma empresa mesmo para criar...

P8: Sim, mas isso ele dá a perceber. Isso ele dá a perceber, que...

P12: É assim, para mim o que me... ficou é que ele acha que este discurso sobre a criatividade é um discurso retórico, que é... aquela coisa, ah, queremos muito criativos,

adoramos os criativos, achamos a criatividade uma coisa maravilhosa, mas a verdade é que não é depois nesse sentido que nós trabalhamos.

P8: Ele é realista. Acho que ele é extremamente realista.

P12: Mas eu também acho P8. É como a história das escolas... muito do discurso que tu tens na escola sobre...

P7: Inclusão.

P12: Por exemplo. Olha, por exemplo... É um discurso retórico, porque há toda uma retórica acerca das vantagens, disto, daquilo e do outro e depois a prática...

P4: Penso que é essa a ideia principal que ele procura defender e que consegue, de uma forma bastante interessante, até [segmento impercetível]

P8: Mas, curiosamente, ‘tive, num seminário de Educação que tive, em Câmara de Lobos, recentemente, um dos professores que falou é de Educação, formado em Educação Física e o discurso dele foi todo à volta da criatividade... E, portanto, e foi muito interessante.

P4: Não, porque a criatividade tornou-se... eu diria quase uma moda, embora, muitas vezes, se fale sem propriedade sobre este assunto. Reconheço que também não sei muito. Gostaria de acrescentar algo em relação ao... àquilo que o P8 disse, que é aquilo que também nos reúne aqui durante todas estas sessões. Nós temos medo dos alunos criativos e, frequentemente, temos medo de ter professores criativos. Muitas vezes, um professor criativo é também encarado com desconfiança... e receio...

P6: Criticado.

P4: ... e, às vezes, porque não cumpre aquilo que... que nos dá segurança. Portanto, sai fora das zonas de conforto.

P9: Sai fora da caixa.

P4: Fora da caixa.

P7: Desafia o *status*.

P4: E gostaria mesmo de começar esta pequena apresentação por uma mensagem, penso que não vou cometer nenhuma inconfidência, mas recebi esta mensagem... de um professor... que ilustra bem este receio que temos em relação ao aluno... ao aluno criativo ou aquela imagem que temos do que deve ser o professor e a relação professor-

aluno. Dizia, a páginas tantas, o professor que me envia esta mensagem: “Boa tarde. Em relação às referidas alunas, não estranhe, mas considero que a falta de respeito que apresentam deve ser corrigida. Pelo menos, os pais deviam ser informados que os alunos, na aula, não podem conversar uns com os outros, seja lá sobre o que for, nem ouvir música, nem brincar uns com os outros, nem mandar bocas, etc. Todos os pais deviam receber essa notificação. Com os meus cumprimentos”, etc. Portanto, eu penso que a professora estava a salientar, basicamente, muito da disciplina, mas, se calhar, quando falamos em criatividade, pode haver pontos de contacto. Não significa que criatividade seja indisciplina, está bem? Mas uma visão também pedagógica deste género, em que o aluno está completamente manietado, se calhar também será extremo. Portanto, na altura, a mensagem chocou-me porque achei que disciplina não tem muito a ver com manietar completamente o aluno, que ele fosse totalmente amorfo durante os noventa minutos. Penso que ninguém, nem nós, aqui, nas nossas sessões, conseguimos cumprir aquilo que a professora defende.

P7: Isso vai de encontro àquela questão de: “Ah, eu gosto que os alunos participem, mas não pode falar”.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Participar é estar a olhar, caladinho...

P7: Participar, é participativo, mas não pode falar.

P9: Mas depende do que é que eles estão a falar, também.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não, dentro do contexto sala de aula.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Posso P4? Eu dou um exemplo do que o P7 está a dizer. No ano anterior, veio um encarregado de educação, estávamos a conversar na boa e ele disse: “Oh pá, eu já nem...” e eu perguntei: “Oh pá, o teu miúdo costuma ver muitos documentários?”, ele disse: “Eh pá, nem me fales”, “Então, mas porquê?”, “Porque ele é muito curioso e faz... e as questões que ele coloca têm muita lógica, nota-se que é uma pessoa que tem alguma cultura” e ele disse: “Eh pá, olha... a professora de Físico-química não pensa o mesmo. Já me mandou três recados para casa a dizer que ele pergunta muitas coisas e

tem que estar calado”. Vai de encontro, um pouco, a isto. Quando nós temos miúdos de sétimo ano e de oitavo ano e achamos que é demais as perguntas que eles fazem dentro da matéria, é muito mau.

P1: Atrapalha.

P4: Temos de ter essa perceção e, às vezes, se eventualmente fossemos assistir à aula de um colega... ver que às vezes o barulho pode ser até... produtivo...

P8: Há barulho saudável, o chamado barulho saudável.

P4: [impercetível – sobreposição de vozes] os alunos, permanentemente... É essa a mensagem.

P8: P12, o P2?

P12: O P2 não me disse que não vinha, mas é assim...

P10: Eu estou sem bateria, não...

P12: Mas ele sabia. Não, não, mas ele estava informado. Não, não, ele estava informado.

P4: Portanto... a gestão da criatividade. A criatividade em si é um... é um tema muito complexo... E, portanto, nunca ninguém conseguiu, de facto, defini-lo. Houve tentativas de aproximação... houve... nos últimos anos, uns estudos bastante abrangentes, realizados, nomeadamente, nos Estados Unidos... curiosamente, pelo exército dos Estados Unidos, porque pretendiam descobrir de que forma seria possível instruir os soldados... em aspetos criativos que lhes permitissem sobreviver quando caíssem nas mãos dos inimigos. Depois, esses estudos foram, foram aproveitados para o contexto escolar, etc., algumas das conclusões a que chegaram, mas, em concreto, nunca ninguém conseguiu definir... completamente o que seria a criatividade. O conceito passou já por várias fases. Portanto, desde a Antiguidade que se fala na criatividade, já os gregos tinham esta perceção. Eles atribuíam à inspiração divina, aos deuses, portanto, foi uma, um conceito que se divulgou na Antiguidade Clássica, sobretudo ligado às artes. A determinada altura, o que parecia ser uma vantagem, passou a ser... visto de uma forma mais negativa... de alguma forma, com preconceito. Começou a associar-se à criatividade um preconceito... da indisciplina, da loucura. Portanto, muitos dos artistas... artistas extraordinários foram encarados como criativos e, simultaneamente, como loucos, como bêbados ou drogados, só produziam aquelas obras de arte

extraordinárias se estivessem [impercetível – sobreposição de vozes] Exatamente. Portanto, quem saía fora do... padrão era... era rotulado de criativo... mau... Na atualidade, houve, talvez, uma hipervalorização do conceito. Portanto, em todo o lado [segmento impercetível] se procurou utilizar o termo criatividade a propósito de tudo e de nada. Tudo era criativo. Portanto, passámos de uma margem para a outra.

P8: Mas, por exemplo, no caso do Porto Santo... eu considero que, das terras onde eu estive, considero que... as pessoas do Porto Santo têm uma... uma dos seus aspetos fortes é a parte das artes. Acho que a malta do Porto Santo tem jeito, e vemos isso nos alunos. Eu acho que, aqui, a criatividade do Porto Santo é pouco valorizada. Mas mesmo por nós, que chegamos e que somos de fora, e mesmo a nível de escola, o que é que se, o que é que estes miúdos que gostem de artes no Porto Santo quais são as saídas que têm? Ou o que é que nós valorizamos em relação, por exemplo, aos miúdos... Eu nunca vi em nenhuma terra miúdos que aprendiam a tocar, por exemplo, viola na internet e que fazem... Eu acho que o Porto Santo é muito farto em termos de artes e o que é que nós valorizamos... nessa parte da criatividade? Será que se nós trabalhássemos de outra forma e valorizássemos essa área forte deles, a motivação não seria diferente?

P4: Talvez. Atenção, temos que corrigir algo, criatividade não é só relacionada com as artes.

P8: Sim, sim.

P4: Falámos da parte do desporto e isso é também uma...

P12: Eu posso acrescentar uma coisa? Aquilo que o P8 estava a dizer, pensei que tu ias por aí.

P1: P4, faz *escape* a ver se isso sai daí. Desculpa.

P9: Eu acho que a criatividade tem... para mim é um conceito um bocado mais largo, mais lato e... realmente, eu acho que os porto santenses são pessoas criativas. Se nós pensarmos, e considerando que a necessidade, entre aspas, é a mãe da criatividade... eu acho que os porto santenses conseguiram... Se nós pensarmos na gastronomia, nos, nos... nas coisas que se usa p'ra tratar a terra, nos, nos [impercetível – sobreposição de vozes] no trabalhar, o aproveitar os palmitos, o aproveitar a base para fazer brinquedos, eu acho que, nesse aspeto concordo [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: E os próprios moinhos, se tu fores a ver, são dos poucos que têm a ver. Os moinhos... são dos poucos que têm rodas, que era para aproveitar a direção... a direção do vento.

P6: E era movimentado [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: As alfaías agrícolas eram feitas com... com...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: A necessidade...

P12: ... aguça o engenho. Já existe há muitos anos, esse provérbio.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Não era alguém que fazia para eles. Cada um fazia o seu. Eram todos criativos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Para mim, sim, isso é criatividade.

P12: Não, mexe, mexe.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas agora está mais...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Mas nós vamos chegar a essa, aliás... essa conclusão, alguém... em três pontos, já vamos chegar lá. Portanto, o... dessa... os estudos que foram feitos, este estudioso francês, [segmento impercetível], ele concluiu... concluiu duas coisas... Portanto, toda a gente tem o potencial... um potencial criativo. Portanto, na altura considerou-se que... os casos de pessoas criativas eram esporádicos e eram únicos, etc. Não... Estudos realizados provam que toda a gente tem, tem criatividade, independentemente da sua idade, género, raça, condição social, tá bom? O que é importante, seria importante, é que fosse desenvolvida uma ação pedagógica... concreta que potenciasse essa... essa criatividade... Uma declaração [segmento impercetível] neste caso, no... da Catalunha [segmento impercetível]

P12: Mas a gente percebe.

P4: Portanto, a ideia de [segmento impercetível] era a de espaço de criação, de construção... que tenha, na Catalunha, por exemplo, [segmento impercetível] na escola de futebol do...

P12: Do Barça.

P4: ... do Barcelona, que tem... que tem estado a aumentar os... os... portanto, os resultados... Problemas que se colocam à criatividade... Um dos problemas tem a ver com esta... aura de mistério... e, de alguma forma, desconhecimento. Outro problema tem a ver com a associação à indisciplina... perdão... à hiperatividade... Portanto, muitas vezes... é difícil estabelecer a fronteira entre o que é ser criativo e ser... e [segmento impercetível]. Portanto, isso vai depender da visão que o professor tem, da experiência, da capacidade de encaixe, também, etc. Portanto, não estou a ensinar-vos nada, penso que é conhecido de todos. Portanto, associado a essa ideia de indisciplina [segmento impercetível] regras e dos princípios, portanto. Se é certo que a criatividade não implica necessariamente a indisciplina, se calhar o professor tem que dar algum espaço de manobra, alguma margem, para que o aluno possa... possa progredir nesse sentido... Isso depois depende, caso a caso... Portanto, considera-se que a criatividade é um fator crucial. Crucial porquê? Porque o conhecimento está sempre a evoluir. Se nós nos... cristalizarmos, eventualmente, não... não evoluímos nesse sentido. Portanto, flexibilidade, [segmento impercetível], capacidade de adaptação, formas de ver, coragem, enfrentar o inesperado. Claro que isso cria alguma ansiedade, alguma insegurança... Depois, dependerá de cada professor... O [segmento impercetível], na altura, tinha identificado três aspetos... que potenciariam a... a criatividade. O método, portanto... o criativo não tem de ser, necessariamente, um trapalhão, 'tá bom? Portanto, muitas vezes, a criatividade exige persistência, resiliência, trabalho e método, muita energia, necessariamente... e o talento. Claro que... para ser criativo também é necessário ter conhecimentos [segmento impercetível].

P7: Ele considera algo que é inato ou algo que se adquire?

P4: Um bocadinho dos dois, 'tá bom? Portanto, algo que poderá estar intrínseco à pessoa, mas que exige trabalho e resistência e persistência...

P7: Pode-se adquirir, é o que ele entende? É que há essas duas ideias de talento. É aquele que é inato, nasce já na pessoa, não se sabe como, tem aquele talento para aquela coisa. Ou é algo que é fruto de um método de aprendizagem e que tu possas aprender.

P4: De constante, de...

P7: É?

P4: Sim, sim. Aliás... aquela ideia de energia [segmento impercetível] capacidade de resistência. Muitas vezes de produzir e sair errado. Portanto, o cientista que procura... a chave para algo, a cura para qualquer coisa, portanto, tem que 'tar permanentemente em trabalho...

P13: O Edison tinha uma frase para isso, ele dizia: “O génio faz-se com 1% de inspiração e 99% de transpiração”.

P4: Exatamente.

P13: Se não houver trabalho, a coisa não surge, não é?

P7: Muitas vezes, às vezes, as pessoas [impercetível – sobreposição de vozes] Pois, mas há muito a ideia, corre muito a ideia de que o talento, ou o génio, vem por inspiração ou...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Cai do céu aos trambolhões.

P7: Implica muito trabalho.

P8: Eu posso contar... eu achava-me extremamente criativo, até ir ver *A Idade do Gelo*. [Risos] Chorei a rir, saí de lá com a autoestima cá em baixo. Disse: “Eh pá, eu estou a anos luz, ainda, de lá chegar”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: O esquilo atrás da bolota.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: A descoberta dos continentes.

P9: Ah, é tão giro.

P7: A gente costuma dar aquele exemplo no futebol, não é? O Messi é o que é, mas não é porque tenha nascido só assim. Está lá muito trabalho...

P13: Acho que o Ronaldo é um exemplo melhor ainda.

P7: Pois, eu já nem queria ir por aí. Eu já nem queria ir por aí.

P4: Passar sacrifícios...

P7: [impercetível – sobreposição de vozes] que é o caso do Messi, aquilo é assim ou não é ou é tanto trabalho como o Ronaldo? A gente não sabe, não é? Mas se ele não trabalhasse, se ele não jogasse, o talento morria, não é?

P13: Claro, claro.

P7: Aquilo que as pessoas entendem como talento inato.

P12: Exato.

P4: Depois há sempre aquela questão, tipo... se o Mozart não tivesse nascido na Áustria, mas se tivesse nascido no Porto Santo, será que [impercetível – sobreposição de vozes] portanto, uma parte desse talento... sem saber e saber-fazer. Sobretudo sem um rasgo enérgico de audácia, ter a capacidade de sair fora da caixa, como nos dizia... o autor do artigo. Apontando para aquela ideia de que a P1 falava há bocadinho, da necessidade, portanto, há três fatores que motivam, que potenciam a criatividade. A necessidade, naturalmente, o desejo, a vontade de algo e o contrato, um contrato que se faz consigo próprio e com a comunidade. Portanto, aquela ideia de que precisamos de ultrapassar, criar uma solução para determinado problema, pode ser só pessoal – portanto, vou à procura de – ou então pode surgir da necessidade de uma... de uma... dentro de uma comunidade. Como inibidores dessa criatividade: medo, a preguiça e a ignorância. Portanto, tudo isto são fatores que condicionam a criatividade... Algumas ideias...

P6: O isolamento também, um bocado.

P4: Pode. Pode condicionar a criatividade, claro.

P6: Pode condicionar. Condicionar. Mas não limita. Eu acho que não. Acho que... [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Medo, preguiça e...?

P7: A ignorância.

P12: A ignorância.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Mas ser preguiçoso não é só na criatividade.

P4: Algumas das propostas que, na altura, reuni sobre o que seria o professor criativo... Portanto, alguém que assume riscos. Naturalmente que, às vezes, ser criativo é sair fora do padrão, promove situações inovadoras, uma relação com os alunos acessível... um clima de aula estimulante [segmento impercetível], boa preparação científica, naturalmente. Não podemos ser criativos se não tivermos essas competências... Autoconfiança, autorregulação... portanto... E um aspeto muito importante, esta ideia de refletir criticamente as práticas quotidianas. Portanto, o professor... e se calhar esta... esta capacidade que... que nos traz até aqui, uma vez por mês, refletindo... sobre aquilo que fazemos, também poderá potenciar e recolhemos sempre ideias novas e observamos, mesmo, em sala de aula, os nossos colegas com outras estratégias. Isso... naturalmente, acho que nem era preciso referi-lo... é potenciador dessa criatividade... Uma... investigadora norte-americana, [segmento impercetível], propõe que o professor criativo estimule também o pensamento divergente do aluno... numa perspetiva transversal, portanto, através de simulações, dramatizações, isto mais na área das...

P13: Eu adoro essas coisas... então em línguas...

P4: [impercetível – sobreposição de vozes] frequência de ações de formação... promoção do trabalho autodirecionado, frequência de grupos de trabalho. Muitas vezes, o trabalho em grupo é potenciador de... surgimento de soluções. Isso, depois, também depende da gestão, de quando é que é necessário trabalhar individualmente, quando é necessário... formar grupos... As aprendizagens colaborativas, de que o P8 nos falou aqui há tempos, também pode ser... um momento interessante... Naturalmente que um aluno criativo, muitas vezes, é assustador para o professor, porque pensa diferente, o professor pode ver a sua autoridade diminuída ou posta em causa, portanto... tudo isso vai depender, depois, da relação que o professor estabelecer com o aluno, da confiança que o professor tem em si próprio, os seus conhecimentos, etc... É um risco. Uma das formas de... de potenciar a criatividade, há muitos, a internet tem imensas... imensas... propostas. Pronto, é a colocação, sempre, do... *what if*, em inglês, não é? Mas “e se”. “E se virmos as coisas sob esta perspetiva?”, “E se... pensarmos nisto?”, “E se fizermos isto?”. Portanto, a possibilidade que dá origem, depois, a... formas diferentes de... de trabalhar. Agora, outra proposta são *Os Seis Chapéus*, do Edward de Bono. Portanto, o Edward de Bono... ele trabalhou na área da Psicologia, é professor na Universidade de Oxford, na área do pensamento, etc. Ele, em determinada altura, ele viu que... muitas vezes, as reuniões - as reuniões nas empresas, reuniões nas escolas, etc. – demoravam

muito tempo, eram muito complexas, habitualmente não surgia nenhuma solução e as pessoas zangavam-se todas umas com as outras.

P12: Onde é que eu já vi esse filme?

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu agora já não vou ao Pedagógico, mas no tempo que eu ia ao Pedagógico, oh amiga, aquilo era de gritos e apitos. [Risos] Desculpa interromper, P4. Desculpa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Então, ele propõe... ele propõe... a utilização da técnica d'*Os Seis Chapéus*... Eu pedi à I. B. que produzisse estes chapéus. Não são as cores que ele propõe, mas servem para o efeito... Portanto, os chapéus podem ser verdadeiros ou fictícios, depois de interiorizarmos a técnica, é muito simples. Basicamente, *Os Seis Chapéus* representam seis modos de pensamento. Cada um deles está associado a uma ideia, 'tá bem?... Ao trabalharmos em grupo, devemos, na utilização daquele chapéu, trabalhar todos daquela forma, isso evitaria que... cada um, primeiro... pensássemos na ideia de que, por exemplo, de que estamos a ofender a pessoa. Não, se o chapéu permite essa liberdade, vamos utilizar essa liberdade sem... sem que alguém se sinta ofendido. Se um chapéu, por exemplo... exige que se apresentem os dados, concentramo-nos só na apresentação desses dados... Já vamos, já vamos chegar lá. Tenho aqui um pequeno vídeo que irá, melhor do que eu, explicar. Portanto, aqui uma pequena biografia [segmento impercetível] na biografia do Edward de Bono. Ele propõe outros... outras técnicas e pensamento, nomeadamente, este... positivo, negativo e...

P12: Interessante. Interessante.

P4: ... interessante, portanto, pensar... nas diferentes perspetivas associadas a uma questão [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ai o CTF já não me lembro o que é.

P4: ... considera todos os fatores... ter uma perspetiva abrangente. E isto é consequências e sequelas que poderão surgir de um problema. Portanto, ele... tentou...

P1: Deixou várias ferramentas.

P4: ... ferramentas... para... para trabalhar o pensamento. Tem aqui um pequeno *video*. Ele... um investigador brasileiro, ele, melhor do que eu, irá explicar em que consiste esta técnica.

[Pausa para visionamento do *video*]

P4: Uma breve explicação, então, d'Os *Seis Chapéus do Pensamento*... Portanto, branco são os factos. Neste caso temos aqui o cinzento... os sentimentos, opinião... o controle. Portanto, [segmento impercetível] sempre uma reunião com o líder para ir controlando e orientando. O verde, da criatividade, ideias, o positivo e o negativo. Bom, essas ideias. Portanto, basicamente, esta técnica permite que as reuniões... decorram de uma forma mais controlada, mais... toda a gente fica focada numa perspetiva, num objetivo e é mais fácil chegar a uma... a uma conclusão. Portanto, o branco é os dados e informações disponíveis... O chapéu vermelho, emoção e opinião...

P12: Eu acho que tenho este livro. Não tenho a certeza.

P4: ...chapéu azul, controlo e processo [**impercetível – sobreposição de vozes**] líder. Chapéu verde, soluções criativas para o problema, o *brainstorming*... [segmento impercetível] tempestade de ideias... O chapéu amarelo, portanto, o ponto de vista otimista em relação ao problema, diferentes soluções e o polo oposto, os pontos fracos de um, de um projeto [segmento impercetível] diferentes... Pronto. Agora, o meu desafio seria nós criarmos aqui um... Não sei se ainda temos tempo.

P12: Tu é que tens o relógio... São quantas horas?

Vários interlocutores em simultâneo: Seis e cinco.

P4: Ah, eu acho que dá tempo, então. Uma... um... um problema muito breve, um caso hipotético... Portanto, nós, na nossa vida profissional, já nos deparamos, seguramente, com casos de professores que chegaram a uma fase da carreira já com... a evidenciar algum cansaço... A minha sugestão é nós criarmos um caso hipotético de um professor já... a revelar esse cansaço e tentarmos encontrar uma solução para esse problema. Portanto, vamos criar, vamos criar o caso hipotético de um professor com... sintomas de *burnout*... que, eventualmente, seria sujeito a avaliação. Portanto, iria ser supervisionado. Vamos considerar, por exemplo, que o professor tem, neste momento, 50 anos... Poderemos incluir onde? No chapéu branco, nos factos. Outras questões, cinquenta anos, já trabalhou...

P12: O sexo? É homem ou mulher? Isso também é muito importante. É mulher?

P4: Mulher.

P8: É gaja, é gaja para estar em *burnout* é gaja! [risos]

P1: Já estão com teorias sexistas. *Burnout* tinha que ser mulher.

P10: Chapéu preto já é...

P4: Trabalha há quantos anos?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Está com 50 anos, tem para aí 25 anos de serviço, 26...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: 50?

P12: Sim. Eu tenho 51, tenho 27 anos de carreira.

P7: Mais para os 30 do que para os 20.

P12: Não, tem que começar...

P4: Outras questões que poderiam, eventualmente, sobrecarregar... esta pessoa?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Os cargos.

P10: A carga horária.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: A carga horária. Portanto, uma carga horária elevada, eventualmente dois turnos...

P9: Isto é tudo nos factos, não é?

P4: Nos factos.

P12: Sim, sim.

P4: Portanto, eu gostaria que visualizassem um professor neste contexto.

P13: Como é que ele se sente?

P4: Portanto, e houve um...

P7: Há aqui outros factos que são relevantes para caracterizar um professor desses. É a sua...

P12: O estado civil.

P7: A situação familiar.

P12: Por exemplo, se é casado, solteiro, divorciado, se tem filhos, se não tem.

P7: Eu não ia por aí. Eu não estava a falar por aí, eu estava a falar nas ausências que tem ao serviço...

P12: Ah, sim.

P7: ... os atestados.

P12: Por exemplo. E também...

P4: Portanto, em determinada altura percebemos que...

P7: São dados. Estamos a falar em dados.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Nos últimos anos, por exemplo, tem várias baixas médicas.

P7: Várias baixas médicas.

P4: Eventualmente, até, um processo movido por um aluno em relação...

P10: Então, é um facto... baixa, excesso de baixa...

P7: A assiduidade.

P4: Fraca assiduidade.

P6: Abstinência.

P7: Abstinência?

[Risos]

P13: Ausência...

P6: Ausência, sim.

P7: [segmento impercetível] trabalho, isso sim.

[Risos]

P13: E *burnout* [impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Fraca assiduidade.

P4: Fraca assiduidade. Eventualmente, um processo disciplinar movido pela escola ou por um aluno em relação a ele.

P12: Processo...

P10: Isto está muito mau, é melhor ele ir para casa, mesmo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Um processo movido pela escola.

P10: Um processo disciplinar, quê?

P4: Movido pela escola, porque houve um conflito qualquer, uma falha em termos profissionais, etc.

P10: Está morto, já, naquela... [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Na fase...

P4: Vamos considerar que é necessário que esse professor faça... faça a gestão, por exemplo, dos exames. Estou a pensar entregar...

P8: O secretariado.

P10: Suicídio.

P4: ... a coordenação do secretariado, que é mesmo para...

P7: Mesmo para rebentar.

P12: Isso também é um facto.

P7: Isto é um facto? Então, mas já não tinhas posto aqui...

P4: Vai coordenar a breve prazo os exames.

P10: Isso é facto?

P7: Coordenador...

P12: Coordenação de exames.

P4: Agora, podíamos continuar na [segmento impercetível] ou poderíamos saltar entre os chapéus. Se continuássemos... o vermelho, que... o que é que pensamos acerca disto? Que opinião formamos? Opinião pessoal...

P10: Coitado.

P9: O que é que sentimos.

P4: O que é que sentimos?

P9: Nós...?

P12: O que é que nós sentimos em relação a ele.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Coitadinho.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Depende.

P6: Então, o excesso de...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: ... o excesso de trabalho.

P1: Depois também há aquelas pessoas que [impercetível – sobreposição de vozes] vai fazer isto e vai fazer aquilo.

P4: A carga de trabalho vamos manter. Será boa ideia? Será que...

P10: Então não é?

P6: Reduzir.

P10: 50 anos, com esta carga horária...

P4: Dar-lhe esse cargo, será uma boa ideia, será uma má ideia?

P8: Mas isso não será mais já no verde, na parte da criatividade?

P4: Criatividade tem de ser uma solução para...

P8: Sim, e... Não, eu estou a perguntar, a parte... se formos para o vermelho, não é para nós manifestarmos o que é que... pensamos de...

P12: É assim... sentimento...

P7: Em relação ao sentimento que é, eu, neste momento, se estivesse numa situação destas, sentia-me inseguro.

P13: Lamento a situação dele...

P4: [impercetível – sobreposição de vozes] observámos a parte...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O nosso sentimento em relação a isso.

P10: Então...

P6: Excesso de trabalho...

P7: Medo não tinha, mas insegurança...

P12: Oh pá, mas olha, o meu sentimento é um pouco de insegurança, que é assim, então vou dar coordenação de exames a uma pessoa que está com a caixa dos parafusos avariada? [Risos] Isto é capaz de não correr muito bem...

P9: Ainda por cima está sujeita a avaliação.

P12: Eu estou ali com o P7, acho que é uma questão de insegurança... Numa escola...

P7: Alegre não me sinto. Por acaso, [segmento impercetível] ter um colega desses, agora...

P12: Não.

P7: ... Tenho é aqueles sentimentos de solidariedade, de querer ajudar.

P12: Oh, 'tá bem...

P7: Mas sinto-me inseguro, não sei como ajudar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, mas... Não, mas eu acho que é uma boa ideia.

P4: A atribuição de uma turma, será que vai...

P12: Mas eu acho que gera um sentimento de insegurança. Tu pensares que vais entregar uma coisa que é de grande responsabilidade na escola a uma pessoa que tu sabes que não *tá* bem emocionalmente... Eu acho que é um bocadinho assustador.

P10: Portanto, quem *lhe* vai entregar também não *tá* bem da cabeça.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: A questão da insegurança depende do tipo de relação que eu tenho com a pessoa. Eu por exemplo, se for uma pessoa que eu conheça, tenho mais pena do que insegurança.

P13: É isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Quanto maior a proximidade, se calhar, maior é a tristeza ou...

P8: Não conseguimos separar [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] que a pessoa sente por não poder fazer nada...

P7: Exato! Eu também acho que concordo com a P9.

P9: Embora há pessoas que, às vezes, independentemente da carga horária e pronto, e tudo o mais, conseguem ter autocontrole suficiente para, ainda assim, aguentar o barco.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: Mas este está em *burnout*.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Depende muito das pessoas, da personalidade que a pessoa tem, de...

P10: Mas se fosse assim, não teria uma fraca assiduidade...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Neste momento ele está a precisar mesmo de ir para casa porque acabou. É dar-lhe a reforma e pronto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Aspectos positivos? Vamos fazer um exercício de [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Experiência.

P4: Aspectos positivos na atribuição desse...

P12: Da coordenação dos exames, já percebi.

P8: Eu acho que é... confiança.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Não, quando considerássemos entregar-lhe o... o trabalho...

P6: Sentir-se útil.

P8: Eu acho que é uma questão de confiança.

P4: ... será que resultam daí aspetos positivos?

P12: Podia reforçar-lhe a confiança. Ela sentir-se valorizada.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P13: Mostrar que acreditamos.

P12: A pessoa sentir-se valorizada...

P10: Quer dizer, já tenho este trabalho todo e 'tou como 'tou e ainda me vão dar isto para me sobrecarregar ainda mais!...

P12: 'Tás a pôr o chapéu preto, pá. Põe o chapéu amarelo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tens que pôr o chapéu amarelo.

P8: O chapéu negro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Agora temos que ver a parte...

P4: Vamos encontrar aspetos positivos da...

P12: Eu acho que é, sobretudo, o dar um voto de confiança à pessoa e tentar... ajudá-la a ganhar também, ela própria, um bocadinho de confiança em si própria. Para mim é...

P4: Portanto, dar-lhe este cargo, eventualmente...

P12: Exato.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: O dar-lhe um cargo...

P1: Ao dar esse cargo, se calhar, era melhor reduzir outro cargo qualquer que ele tinha aqui, não é? [impercetível – sobreposição de vozes] Assim... assim...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, mas eu acho que, para mim, o lado positivo é esse, é reforçar a...

P13: A confiança.

P12: ... a autoconfiança da pessoa.

P7: O reconhecimento da experiência.

P4: A autoestima...

P14: Elevar a autoestima.

P4: Aspectos negativos numa decisão desse género?

P14: É que a coisa pode correr muita mal.

[Risos]

P12: Por um lado, é [impercetível – sobreposição de vozes] a sobrecarga de trabalho na pessoa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Vamos tentar ver outras coisas...

P7: O agravamento do *burnout*.

P1: Exato.

P4: ... poderia agravar...

P7: O agravamento da situação.

P4: ... podia agravar...

P9: O colapso.

P4: O colapso.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: De certa forma...

P13: Se vai dar cabo do sistema dos exames, vai... [impercetível – sobreposição de vozes] Vai fazer asneirada, vai pôr a escola num caos, os exames não vão resultar...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Podia-se criar um sentimento de injustiça. Eu, por exemplo, [segmento impercetível] de certa forma fui mal interpretado porque... não tinha nada a ver com o assunto e fui lá em baixo dizer que não achava justo haver um colega a fazer nove... vigilâncias, quando eramos cem professores. Se distribuíssemos três por cada, as coisas ficavam mais equilibradas e fui mal interpretado, que não tinha nada a ver com o meu trabalho e, portanto... Acho que tem a ver um pouco... Eu aqui ia sentir um pouco de injustiça, no sentido, oh pá, conhecendo a situação da pessoa...

P10: Saíste fora da caixa...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Acharam que eu não tinha nada a ver, as pessoas com quem eu falei e, portanto, eu tive que ir... tive que engolir o orgulho, caladinho, fui-me embora... Mas porque achei, eu até disse: “*Oh pá*, eu tenho cargos, mas não me vejo [segmento impercetível] confusões. Se me derem três, acho que é mais justo distribuírem três por cada um de nós, como fazem em muitas escolas, do que estar a sobrecarregar outras pessoas”. E, portanto, eu, neste caso, iria sentir injustiça em relação ao colega, conhecendo a situação do colega.

P4: Agora, como poderemos resolver isto de uma forma criativa? Como poderíamos ajudar? Possíveis soluções que permitissem a este professor... sentir-se útil, tal como há bocadinho falávamos, nos aspetos positivos, fazê-lo sentir-se útil, aliviando a sua carga, mas também, se calhar, não...

P13: Colocá-lo a trabalhar com um colega... [impercetível – sobreposição de vozes] com um bom sistema de trabalho [impercetível – sobreposição de vozes] capacidade de argumentação...

P14: Ou, então...

P1: Criar uma equipa [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Dar-lhe uma equipa...

P6: Um par pedagógico.

P12: Dar-lhe uma equipa que a gente sabe que, pronto, tu és o presidente, mas és um presidente assim um bocadinho tipo rainha de Inglaterra e o trabalho, à séria, fica distribuído pela equipa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Uma solução criativa seria [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu acho que era dar-lhe uma equipa que garantisse que, se ele falhasse, alguém ia ‘tar lá para tapar o buraco.

P1: Posso dar a minha opinião?

P12: Claro.

P1: Eu teria uma conversa com o colega no sentido que redistribuiria o trabalho que ele tem. Se quisesse mesmo lhe dar a coordenação, se achasse que era uma pessoa com capacidade e com conhecimentos para fazer, para desempenhar esse cargo... retirar-lhe-ia parte do outro trabalho que ele teria, é uma questão de gerir e de ver como é que se podia fazer isso, mas era, ia, ao mesmo tempo, tendo uma conversa com a pessoa no sentido: “Eh pá, a gente sabe que tu és capaz de conseguir fazer isto, mas como ‘tás com muito trabalho, como *tás* com muita carga, a gente vai-te tirar isto e tu vais desempenhar isto. Arranjas uma pessoa, queres que nós arranjemos uma pessoa?” É uma questão de - isto era a minha forma de agir - com a pessoa em causa, se ela se sente sozinha e se achava que era melhor ter alguém que ajudasse na parte mais prática das coisas, não sei, mas era, eu acho que era um bocado por aí que passava.

P4: Uma baixa definitiva, não...?

P1: Não.

P14: E, por exemplo, em vez de ter componente letiva, por exemplo, atribuir salas de estudo... bibliotecas...

P8: Até pode estar a desvalorizá-lo.

P1: É exatamente por isso é que eu teria a conversa [impercetível – sobreposição de vozes] eu acho que isso...

P13: Eu, se estivesse no lugar o colega, podia pensar: “Estão a ter pena de mim, estão...”

P8: É. Estão a pôr-me na prateleira.

P7: Estão a pôr na prateleira, estão [segmento impercetível] não faço nada, mas pronto [segmento impercetível] para ajudar-me. No fundo, eu estava a sentir-me...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu passaria um pouco pelo da P1, mas faria exatamente ao contrário, que era... Eu sei que o colega ia passar [segmento impercetível] por ter atribuído o cargo, então, o que eu fazia era reunia secretamente com a equipa, criava a equipa de trabalho, propositadamente, para fazer o trabalho quase todo, mas combinava só com eles: “Olhem, nós sabemos quais são as características do colega, ele neste momento está a ser avaliado, esta avaliação é importante, nós vamos trabalhar, vamos ser o braço direito, toda a gente tem de estar sempre disponível para...” Sem que ele soubesse. Ele depois iria...

P1: Agora põe-te no lugar dele.

P7: Eu faria de outra forma. Eu, eu...

P1: Tenta perceber...

P7: Eu atribuía-lhe o cargo, mas ia com ele... percebes?

P14: Mas assim também ele podia sentir que não confiavam nele...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Aí era a forma mais justa... Acabava por ser a forma mais justa.

P7: “Vamos, tu és o presidente, mas eu estou contigo”.

P13: Exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P7: “Se correr bem, para o ano tens um ano sabático”.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É que eu acho que a, a, a... a forma de resolver isto também tem muito a ver com as características da pessoa, porque há pessoas que, lá está, como, já não sei, acho que foi a P1 que disse, e o P13, estavam a dizer, há pessoas que depois vão-se sentir: “Ah, estão-me a dar isto, mas afinal é só para eu fazer aqui uma figura e não ‘tou a fazer nada”. Há outras pessoas que têm outra sensibilidade e que aceitam bem os apoios e as ajudas, portanto, acho que é assim, eu, para mim, sou mais como o P7, eu acho que era dar a função ao colega, mas tendo uma equipa à volta dele altamente fiável, porque se a coisa corresse mal, eh pá, é um serviço de exames, não pode correr mal.

P7: Mas eu também vou ser sincero, eu não... não era a primeira pessoa a escolher para aquilo.

P12: Oh pá, isto é um exercício, claro, porque eu acho que ninguém, ninguém escolheria uma pessoa com estas características.

P10: Na vida real ninguém ia meter um professor nestas condições, a tentar estragar o serviço de exames de um ano.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: [impercetível – sobreposição de vozes] nós temos aqui, mesmo na nossa escola, casos de pessoas que têm...

P12: Oh amigo, a gente teve professores na nossa escola que durante anos e anos nunca fizeram...

P9: Nestes casos são aqueles em que é pesar os prós e os contras e pesar os prós e os contras, talvez os contras ganhassem e íamos chegar à conclusão que talvez não fosse a melhor... a melhor opção.

P8: Eu também acho que isto é importante para nós percebermos e nós fartamo-nos de discutir isso todos os anos.

P10: Mas eu, por exemplo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Nós temos colegas que não fazem uma única vigilância...

P1: É verdade.

P8: Uns até fazem de propósito, fazer confusões durante o ano, que é mesmo para: “Não vamos dizer nada, não lhe damos isto que ele vai fazer confusões. *Pá*, isto não é justo.

P1: Não é justo.

P8: Então, é assim...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: É um bom caso para começar a usar os seis chapéus, o que é que uma pessoa faz?

[Risos]

P10: Os professores...

P4: Podia ser ainda melhor [impercetível – sobreposição de vozes]

P1: [impercetível – sobreposição de vozes] eu daqui para a frente vou passar a fazer merda, que é para não me meterem no serviço de exames!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: Mas era uma boa simulação. Colegas que fazem de propósito para tan, tan, tan, tan, para...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P4: P12, eu penso que eles aprenderam bem o que são *Os Seis Chapéus*. [impercetível – sobreposição de vozes] Portanto, com os chapéus nós podemos debater um assunto, se calhar, sem nos apercebermos, estando uns com os outros, mais facilmente, porque está estruturado, penso que conseguimos encontrar uma solução plausível, controlada, como dizia a P9.

P1: Posso?

P4: Portanto, é uma das formas, mas existem muitas mais. Espero ter [impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Posso dizer mais uma coisa, P4, rapidamente? Eu fiz uma formação, fui a uma aula de uma formação em relação a Edward de Bono. [impercetível – sobreposição de vozes] Naquelas formações do Leonardo Da Vinci...

P12: Da conectiva?

P1: Não, não, não, não, não.

P12: Não foi na inteligência conectiva?

P1: Não, esta é do Comenius. Não, esta foi mesmo sobre a lateralidade, o pensamento lateral, e a criatividade está ligada com isto. E nós fizemos, usámos algumas ferramentas do Edward de Bono, que é mesmo a fundação dele [segmento impercetível] e... usámos uma técnica, várias formas de usar os *six thinking hats*... E, então, desde o nós pormos mesmo o chapéu e aquilo era muito a sério, tu não podes ser senão o preto, portanto, tu só podes dizer mal. Mas imaginem isto, porque tinha gente da Letónia, da Roménia, da Itália, da França... [impercetível – sobreposição de vozes] E depois, aqueles mais, tipo os italianos, cheios de [segmento impercetível] “Não, não, não. Tu

vais ser o preto”. [Risos] Foi de mais. A forma como eles dinamizaram o uso dos chapéus, foi fantástica. É uma coisa muito gira para se usar, até, com os miudos. Eles são obrigados a...

P12: Eu, por acaso...

P7: Isto é para levar para uma reunião, desculpa lá. [Risos] Eu acho que vou adotar o sistema.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu conheci o Edward de Bono, isto é, conheci o pensamento dele com a Marsyl Metrau quando estava no Programa Regional de Apoio aos Sobredotados, que era uma brasileira que nos vinha cá dar a formação e ela trabalhava só com as técnicas dele, mas trabalhámos mais foi aquelas ferramentas para pensar o Positivo, Negativo, Interessante e essas coisas, mas eu acho que tenho o livro d’*Os Seis Chapéus* em casa, ainda hei de ver, porque eu tenho, tenho...

P1: Eu tenho o livro.

P12: Não, o meu ‘tá em português. Não sei se ‘tá... acho que ‘tá em português, não sei é se é português do Brasil. Não, é português europeu, que é uma editora portuguesa. Tenho esse livro em casa. Nunca o li, tenho que confessar que nunca o li, mas tenho-o lá. E eu acho muito interessante a forma... por exemplo, *Os Seis Chapéus*, como não conhecia ainda bem... quer dizer, nem conhecia bem, nem mal, conhecia vagamente, nunca experimentei. Mas, por exemplo, aquelas ferramentas para pensar, do Positivo, Negativo e Interessante, eu acho que são muito boas, mesmo até para nós usarmos na nossa vida do dia a dia. E olha, gostei imenso desta... foi pena, porque acho que podíamos ter mais tempo e acho que devias pensar em fazer assim um *workshop* mais alargado... Oh pá, a sério, eu acho que era muito giro, acho que era muito giro porque é uma coisa muito gira. Olha, temos ali um bolinho sem glúten, para o café, antes da próxima reunião.

ANEXO V G
TRANSCRIÇÃO DO SEMINARIO DE 27.10.2015

P12: Bom, então é assim... esta sessão, eu peço desculpa, por força das circunstâncias, não ‘tá tão bem preparada como eu gostaria, portanto, hoje, basicamente, o que nós vamos fazer é organizar aqui algumas coisas, para depois começarmos o trabalho a sério. E a primeira coisa que eu queria fazer, mas como ainda a P15 e a P14 não chegaram, era a questão da calendarização. Sem elas cá estarem, nada feito, porque temos que tentar encontrar um burquinho em que toda a gente esteja disponível... por três horas, que é a duração prevista de cada sessão mensal. Às vezes não duram tanto, mas pronto, mas temos sempre que pensar que é essa a duração e, portanto, temos que arranjar um espaço no nosso horário, que seja comum a todos... e que permita marcarmos as sessões. Portanto, vamos esperar que elas cheguem para tratar dessa questão... A segunda questão tem a ver com a avaliação. Já sabem que a avaliação é feita segundo aqueles moldes que ‘tão definidos por lei, portanto, é uma avaliação de 1 a 10, em que... 9 e 10 é *excelente*, 7 e 8 é *muito bom* e, depois, daí para baixo, é... *suficiente* ou é *bom*... Mas acho que era importante definirmos aqui alguns critérios para depois, quando chegar a altura das classificações, não... não ficarmos desiludidos. A primeira coisa é: o ano passado, lembram-se que eu tinha-vos pedido o diário e o diário era absolutamente incontornável em termos da avaliação, portanto, as pessoas que não tiveram... as notas... não é as que não tiveram as, mas houve... pelo menos um caso de uma nota que foi bastante mais baixa que a da generalidade das pessoas e teve a ver – isso na altura também foi explicado à pessoa – teve a ver com o facto de a pessoa não ter entregue um diário. Portanto, ter feito uma pequena reflexão de duas páginas e, portanto... tinha que, de alguma forma, isso refletir-se, depois, na avaliação. A questão que eu vos quero colocar é a seguinte: eu, este ano, eu não preciso dos vossos diários; o ano passado precisava, este ano não preciso. No entanto, já houve pessoas que disseram: “Ah, gostei tanto de fazer o diário”, ninguém implica, não, não impeço ninguém de continuar a fazer um diário profissional, se quiser. A questão que eu acho que é importante nós aqui definirmos é... se vamos manter o diário... muito bem; se não mantemos o diário... ou se vamos dar uma possibilidade que é: as pessoas que não quiserem fazer o diário, sabem que o teto da sua nota é o *muito bom*, as pessoas que fizerem diário, podem... almejar uma nota de *excelente*. Portanto, deixo isto à vossa consideração... Como quiserem, para mim já sabem que eu quero que as coisas, gosto que as coisas sejam decididas o mais coletivamente possível, para depois as pessoas não dizerem: “Ah, mas eu tive 8 e aquele teve 9” e, portanto, deixar isto claro. Há estas três possibilidades: ninguém me obriga a fazer um diário, mas eu apetece-me fazer, é meu,

não tem nada a ver com o resto e vou fazer e ponto e acabou; ou então, aceitamos que há aqui dois patamares, um patamar... porque há pessoas que dizem assim: “Ah, mas eu acho importante e não-sei-quê”, tudo bem, então... Portanto, vejam lá o que é que vocês acham, que é para tomarmos uma decisão consensual ou, pelo menos... se não for consensual, pelo menos uma decisão que seja largamente maioritária... Em relação aos diários, queria só dizer uma coisa, para o caso de, eventualmente, eles se manterem. Não se esqueçam que o diário não é um relato daquilo que a gente faz, “Hoje tive a sessão de formação e na sessão de formação...”, quer dizer, é isto, mas é mais que isto. O diário é mais a reflexão pessoal, as coisas que eu gosto, o que é que eu não gostei, isto incomodou-me ou aquilo foi útil, aquilo foi inútil... se calhar, gostava que fosse de outra maneira. Portanto, o diário é mais nesse sentido, de uma coisa mais, até, mais pessoal do que descritiva, porque também houve casos em que... pronto, as pessoas fizeram diários muito descritivos, mas que não... não me disseram nada sobre como é que a pessoa viu esta formação, que contributo é que isto deu para a pessoa, para... Portanto, isso também... é importante... Falai,izei... manifestai-vos... [Risos]

P8: Pá, não sei... Eu tenho dificuldades em ser organizado, portanto, para mim, fazer um diário é... é extremamente complicado. Não me comprometo.

P12: Mas pronto, é assim, o que eu te pergunto é...

P8: Sim, se...

P12: ... porque eu acho que aqui, agora, nós estamos a pôr uma questão que pode ser sensível para as pessoas e as pessoas podem, efetivamente, dizer: “Não, então, quem quer fazer diários, que os faça, mas isso é um problema de cada um... o teto da nota é o 10 e cada um trabalhará para chegar ao 10, independentemente do resto”.

P8: Quem o fizer acho que tem de ser valorizado.

P12: Mas é assim... mas podemos acordar aqui que, então, haverá dois tetos de nota. Por exemplo, quem faz, quem não faz o diário pode ir até ao 8,5 ou... por aí... Quem fizer... poderá... passar essa, essa fasquia. Mas não sei, queria ouvir as outras opiniões, porque... queria ouvir as outras opiniões porque nós somos nove e, portanto, não, não vamos tomar uma decisão...

P8: Concordo, até porque, assim, eu posso ficar motivado e, depois [impercetível - risos] as ucranianas escrevem, não sei se vais perceber alguma coisa, mas...

P12: Elas escrevem bem português?

P10: Eu... sou uma das que gostei bastante de, do diário. Aliás, houve alturas que eu dei por mim, estava aqui à espera de fazer qualquer coisa e... o diário tem lá tudo, até situações de sala de... de... substituição, que eu observei e ‘tive ali, ‘tive a olhar para aquilo e, realmente, ‘tive a escrever... Fez-me bem... Fazia ali o meu... o meu...

P12: Estava a refletir.

P10: ... o meu balanço, a minha reflexão... o meu muro de lamentações, também foi... Portanto, também continuar não me vai fazer mal nenhum.

P8: Mas concordas que haja um patamar diferente...?

P10: Não fiz sempre, atenção. Sim, sim. Sim, sim.

P8: ... para quem faz e quem não faz.

P10: Mas é assim, estás a pôr... e se não fizerem diário, não vão fazer mais nada?

P12: Não, é assim...

P10: ... aquela reflexão, aquela coisa...?

P12: É assim... terá sempre que haver um trabalho final, mas isso eh pá, isso acho que a gente faz aquilo que se faz nestas coisas, até porque nós vamos andar o ano inteiro a trabalhar... e, portanto, o que eu vos vou pedir no final, para, no caso de decidirmos não há diários, acabou, pronto... o que eu vos vou pedir é uma reflexão final de duas/três páginas, em A4, com a letra tamanho 10, espaçamento 1,5, aquelas regras que toda a gente conhece, pronto. Também não é uma reflexão de três páginas com letra 22... [Risos] Pronto. Mas é assim, o que podemos ter é opções diferentes, que é... quem quer... faz o diário, quem não quer diz assim: “Não, eu não me apetece fazer um diário, não tenho disponibilidade, eu prefiro chegar ao fim, faço uma reflexão de três páginas, mas aí também sei que o meu patamar de classificação é...”. Também, isso depois também teremos que estabelecer qual será o patamar de classificação, até, não quer dizer que tenha de ser 8,5, até pode ser 9, pronto. Podemos, porque também não é só o diário que vai contar, não é? Porque, vamos imaginar, eu não faço diário, mas depois eu já vos vou chatear com mais coisas, portanto, não se assustem. Há outras coisas para fazer, portanto, não se preocupem. Mas é assim, “Não faço diário, mas ‘tou a participar ativamente numa outra coisa qualquer”... ou até “Não fiz diário, mas disponibilizei-me para dinamizar uma sessão sobre *não-sei-o-quê* ou *não-sei-que-mais*. Fiz antes um

trabalho de investigação sobre *isto* ou sobre *aquilo* e vou querer partilhá-lo com os meus colegas”. Portanto, essas coisas obviamente também têm que ser, portanto, não é só assim: “Ah, quem não fez diário já não pode ter *muito bom*”. Pronto, eventualmente eu não fui muito feliz quando... pus a primeira possibilidade. Agora, o que eu acho é que se nós optarmos por esta modalidade, terá sempre que haver uma diferenciação para quem, ‘tás a perceber? Não quer dizer é que tenha que ser um patamar tão abaixo, dizer: “Quem faz o diário... tem... ou quem não faz, não passa do *muito bom*”. Oh pá, não é bem isso, mas haver um patamar, algum patamar de diferenciação, até porque, também não se esqueçam que... entre o 9 e o 10 há o 9,1; 9,2; 9,3; 9,4; 9,9...

P9: Pois.

P12: Portanto, é assim, não é aquela coisa de se eu fizer, se eu não fizer tenho 9, se eu fizer tenho 10, também não é assim. Portanto, o que eu acho que é importante é... que, quando começemos, as pessoas percebam que... há... ou então não há e pronto, e aí, eventualmente... pronto.

P9: Eu confesso que me sentia mais à vontade se não tivesse que fazer um diário. [Risos] Eu não sou muito de ‘tar a escrever, nem a refletir no papel. As reflexões faço-as comigo mesma. Não, não gosto muito, pronto, não faz parte do meu género e... talvez uma reflexão final, pronto, acho que me enquadrava mais nessa situação.

P12: Pronto e... Diz, P16.

P16: P12, eu ‘tou aqui um bocado caloiro, o que é exatamente o diário? É para entender no sentido literal da palavra? Ou seja, todos os dias...

P12: Não, meu querido. Um diário não é uma coisa para tu fazeres todos os dias. Um diário é um caderninho onde tu vais registando as tuas reflexões sobre a tua vida profissional que, aliás, não se resume ao trabalho que tu fazes aqui na comunidade, até pode ser uma coisa que tem a ver com a vida da escola, por exemplo... ‘Tás a perceber? E que não é, eu própria, o meu diário, tu não o vais ler que eu não to posso mostrar, mas eu tenho... não tenho entradas diárias no meu diário.

P10: Eu também não.

P12: Olha, desde a semana passada que eu não escrevo lá nada, portanto... E agora não vou voltar atrás e escrever pelos dias que... Portanto, há de haver agora um dia que me vou sentar e, pronto. Mas é, é naquele sentido de tu teres um registo mais... extensivo

da... Mas é sobretudo uma coisa para tu... fazeres reflexões sobre a tua vida profissional, não é tanto para me contares... pronto, “Hoje fui à formação e ‘tivemos a falar disto e a falar daquilo e a falar do outro’”. Não. Não é para fazer esse tipo de descrição. É mais a questão reflexiva, é pôr um bocadinho as pessoas a pensar sobre. “Hoje, na minha aula, aconteceu isto assim, assim. Tentei resolver desta e daquela maneira. Se calhar não correu bem, não sei muito bem como é que hei de...”. Mas, ‘tás a ver? O teu diário pode ter, por exemplo, olha, eu, no meu diário, por exemplo, tenho, os meus últimos registos têm andado muito à volta daquela questão que foi o projeto educativo e o regulamento interno e tenho lá os meus pensamentos sobre o assunto, que obviamente não interessam a ninguém, nem vão adiantar nada, nem atrasar, mas que são aquelas coisas que eu acho e que eu pus ali, pronto. Portanto, é isto que é o diário...

P16: O diário é entregue no final do ano, no final da formação...?

P12: Exatamente. Claro que é suposto que chegues ao fim do ano e aquilo há de ter alguma consistência. Não tem de ter 30 ou 50 ou 100 páginas, pá, mas tem que ser alguma coisa com alguma consistência. Não são duas folhas escritas, ‘tás a perceber? Pronto. Ai desculpem, eu esqueci-me de passar a folha. Portanto, é... a ideia é um bocadinho esta. Por exemplo, eu tive diários com 30 páginas, tive diários com 10 páginas, tive diários, pronto, foi muito variado. Tive pessoas que fizeram outros diários até bastante mais extensos, em termos do número de páginas... Mas também não é propriamente, lá está, não tens que escrever diariamente, podes... até podes ter, há pessoas que têm uma disciplina do tipo... chegam ao fim da semana e escrevem sobre aquela semana, por exemplo. Eu não sou assim disciplinada, eu é... quando tenho tempo e quando a alma me pede, ‘tás a perceber? Mas pronto... mas, mas é isso, o diário é isso. E deve ser, sobretudo, uma coisa reflexiva, portanto, uma coisa onde as pessoas... Diz, P8?

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Mister *Outlet* vou deixar o meu diário.

P12: No Mister *Outlet* ?

P10: Não, não, hoje já vai mencionar no...

P8: Escrevo o meu diário lá, quando lá for.

P10: ... o método de reflexão dele é no Mister *Outlet*.

P12: Ah, já percebi. Portanto...

P8: Estava agora a pensar nessas palavras e estava a pensar, realmente, quem fizer um diário este ano, com a bagagem que já tem do ano anterior, acaba por ser uma coisa mais interessante, porque no início havia aquela dúvida, eu, por exemplo, metia coisas e depois riscava, já não metia, já não sabia muito bem... Realmente, se for na perspetiva de uma reflexão...

P12: Mas o teu diário até... desculpa lá a inconfidência, porque acho que posso dizer aqui, o teu diário é muito reflexivo, por acaso.

P8: Sim, mas eu gostava de ter sido mais direto... por exemplo, naquele caso específico em que houve um aluno que tentou corromper, no bom sentido...

P12: Ai, eu gostei tanto dessa parte. [Risos]

P8: Tentou. Eu precisava de comunicar uma situação, foi-me pedido, para mudança de um aluno de turma, e o aluno, quando eu já me estou a dirigir para o professor F. [PCE] , ele diz: “Professor, diga ao professor F. [PCE] que vai da minha parte” e eu: “Tá bem. Oh pá, na boa”. [Risos] Porquê? Porque ele era filho de uma determinada pessoa cá do Porto Santo e, portanto...

[Risos]

P12: Eu escangalhei-me a rir.

P8: Eu aí gostava de ser mais direto e dizer: neste dia aconteceu-me esta situação e, portanto, foi uma risota lá dentro, de todo o tamanho... Eu gostava de ter sido mais direto em determinados pontos e não consegui ser.

P12: Mas pronto, mas... P15, é assim, a decisão que estamos aqui a tentar tomar é... se, pronto, a decisão, neste momento, ‘tá... é claro que... o diário não vai ser obrigatório, ponto. Agora, o que ‘tamos aqui a tentar decidir é se as pessoas que fizerem diário... se vamos fazer... tetos de notas diferentes para quem faz e quem não faz, ou seja, por hipótese, quem não faz pode ter uma nota até ao 9, quem faz... irá além dessa nota, pronto.

P15: Olha, querida, por mim ‘tá tudo bem, porque eu tenho horas de formação para dar, vender, portanto...

P12: Eu sei.

P15: ... eu... notas, até vou frequentar a do [segmento impercetível], que eu nem vou ter horas, nem avaliação, nem nada.

P12: Pronto, mas é assim, mas é importante que esta decisão seja tomada e que seja tomada, eh pá, com uma maioria... pronto, para que depois as pessoas não digam: “Ah, mas afinal eu só tive 9 e aquele teve 9,2”, ‘tás a perceber?... Pronto.

P15: ‘Tou a perceber, ‘tou.

P8: Eu voto a favor disso...

P12: Da diferenciação.

P8: ...da diferenciação Quem fizer acho que merece ser...

P6: Acho que sim.

P12: Diferenciado.

P15: Recompensado.

P8: Ou, pelo menos, diferenciado.

P12: Mais opiniões...?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tu?

P16: Eu acho, acho a ideia do diário interessante... nunca fiz nenhum, mas... mas a J. apanha-me, frequentemente, a falar sozinho, portanto...

[Risos]

P12: Pois, no fundo, é que o diário é isso. São aqueles desabafos que nós, às vezes, temos...

P16: Se calhar é uma boa altura para deixar de falar sozinho e [impercetível – risos] em casa e... e, portanto, produzir alguma coisa útil... porque, sim, acontece. Era interessante.

P12: Bem, vamos fazer isto de braços no ar. Quem, então, concorda que as pessoas que fizerem...

P9: Não é preciso fazer braços no ar.

P12: Não? De certeza?

P9: Sim, pode ser. Tudo bem.

P6: Ninguém diz não.

P8: Alguém vota contra?

Vários interlocutores em simultâneo: Não.

P9: Eu acho que o mais certo é eu não fazer diário, porque...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Eu não sei se vou fazer, se não vou.

P12: Olhem, eu tenho muita pena se não fizerem.

P9: É? [Risos]

P12: Mas pronto...

P9: Não sei...

P16: Portanto, P12, há o diário e a reflexão final...?

P12: Não, é assim, quem fizer diário, não tem reflexão final, porque é assim, ó P16, não faz sentido tu ires fazer uma reflexão final...

P16: É redundante.

P12: ... se tu andaste o ano inteiro a refletir. A reflexão final é para aquelas pessoas que não fizeram o diário e, portanto, vão chegar a fim e vão-me fazer uma pequena reflexão sobre o processo de formação, o que é que acharam interessante, o que é que acharam menos interessante, o que é que achavam que podia ter sido feito de outra forma, o que é que... como é que gostariam de perspetivar a continuação do trabalho, etc., por aí fora. Quem está a, quem estiver a fazer um diário, não vai chegar ao fim e dar-me três páginas de reflexão que eu não preciso, tenho lá a reflexão do ano todo, não preciso de mais reflexão. Bom, a segunda questão, que era a primeira, é a questão da calendarização. Qual é o dia, qual é... a partir de que hora é que conseguiremos ter... disponível para nos encontrar. P10, diz-me só uma coisa, tu, à quinta-feira, tens a Universidade Sénior até que horas?

P10: Até às seis.

P12: E a partir das seis?

P10: Tinha a ginástica, mas isso... o pilates [segmento impercetível]

P12: Eu à quinta nunca vou, porque eu tenho aulas às sete e meia, mas isto depois é assim, se optarmos pela quinta, e eu ‘tou a dizer a quinta porque é o único dia em que eu vi que todos estamos disponíveis a partir das cinco e dez, teoricamente. Eu, como isto é uma vez por mês, uma vez por mês irei chatear o J. C. para trocar de horário comigo, à quinta-feira. [Risos]

P6: P12, com licença, eu saio às dez, cinco para as seis.

P12: Tu saís às cinco para as seis.

P6: À quinta feira tenho a... o apoio.

P12: Ai tens?

P6: Tenho.

P12: Eh pá, mas no horário que me deram teu, tu também não tinhas, tanto que a primeira proposta que eu fiz...

P14: Eu preferia a sexta.

P12: Preferiam à sexta?

P9: Não, à sexta não.

P9: Ai não, não. Sexta à tarde não.

P14: Mas depois vinha o fim-de-semana.

P15: Ai, não... Segunda, não pode ser?

P12: Oh pá, é assim, a segunda para mim está bem, mas a segunda, aqui, olha, há pessoas que têm... marcada a reunião de Grupo.

P15: Eu também tenho.

P12: Pronto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas isso também, exatamente, não é sempre. Eu à segunda também prefiro.

P6: Não se faz a reunião nessa semana...

P12: É?

P6: ... que se vai ter isso. [impercetível – sobreposição de vozes] antes ou depois.

P12: Então...

P16: Nove menos vinte.

P12: O quê, desculpa?

P10: Tem aulas até às nove menos vinte.

P12: Quem?

P16: Eu.

P15: Na segunda?

P16: Sim.

P12: Mas olha, mas tens o quê?

P16: Tenho PRA.

P12: Às dezanove e dez... E das PRA todas as semanas...?

P16: Não dou PRA todas as semanas, mas tenho de cumprir essas horas todas na escola.

P12: Não, eu sei, P16. Não, porque estava aqui a pensar, porque é assim, porque nós, à segunda, seria sempre às dezassete e dez, portanto...

P16: Ah, sim, sim. Está bem. Sim, a essa hora não tenho.

P9: Mas são três horas, não é?

P12: Pronto, mas é assim... mas é assim, mas se acontecer, por exemplo, imagina, ele nem sempre dá o PRA. Ele, se não 'tiver a dar PRA, não tem problema nenhum de 'tar aqui. Ele não pode é 'tar lá em baixo na Baiana.

[Risos]

P16: Até posso, desde que vocês não digam nada.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Depois é assim, se houver um dia que ele tenha mesmo que sair, oh pá, é assim, também já houve outros casos o ano passado em que as pessoas precisaram sair mais cedo ou... e, portanto, também não é por uma hora, porque teoricamente...

P1: Estás a pensar às cinco e dez...

P12: Às cinco e dez... Tu tens reunião de Grupo nesse dia, eu sei. Pois, eu sei.

P1: E tenho... e tenho... das quatro às cinco...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Não.

P12: Não, mas das quatro às cinco não [segmento impercetível] a, querida.

P1: Não, eu só ‘tou a pensar no transporte. Depois tenho... tenho que...

P12: Mas o transporte para onde, amor?

P1: Pra aqui, porque eu venho da... da Universidade Sénior, tenho a Universidade Sénior lá em cima, eu... não, ‘tou a raciocinar, [segmento impercetível] ao motorista p’ra me deixar aqui.

P10: Pronto, o que... Mas, então, o que vamos fazer é... agendamos às segundas e depois eu tento articular com os colegas das reuniões de Grupo para não marcar para o dia em que têm reunião de Grupo, ficamos assim?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Diz.

P8: Mandas a mensagem para nós, nós tentamos perceber se há reunião de Grupo ou não.

P12: Pronto, ‘tá bem... Oh pá...

P10: Peço desculpa, vou buscar o V. à música, venho já.

P12: Ok. Ok.

P8: [impercetível – ruído] Se cada, se cada um, a ver se o seu Grupo vai reunir ou não, é mais fácil.

P1: [impercetível – sobreposição de vozes] Era, por exemplo, imagina, nós vamos combinar já para esta segunda, esta segunda e esta segunda?

P12: Não, não vamos. Não vamos porque é assim...

P1: [impercetível – sobreposição de vozes] e dizia: “Olha, neste, nesta segunda e nesta segunda agradecia que não fizesses reunião de grupo”. [Risos]

P12: Não, porque é assim, eu acho que é mais fácil, é assim, possivelmente vamos já deixar agendada uma possível data, para a próxima, para o próximo encontro, mas que

já sabemos que pode sofrer alterações por causa das reuniões de Grupo de, das pessoas. Mas com este... com esta condição: nós não podemos ‘tar a agendar... o ano inteiro, porque eu não posso ‘tar agora a dizer: “É segunda dia X e segunda dia X e segunda dia X” e depois, de repente, imagina, até porque é assim... teoricamente, a gente tem uma reunião de Grupo uma vez por mês, mas não é garantido que... eh pá, por uma qualquer circunstância...

P1: Não seja preciso.

P12: ... não seja preciso fazer uma segunda reunião, portanto... apontamos para este buraco da segunda feira, mas sempre sujeito a algumas alterações... Vou passar ao ponto três, e por isso é que eu há bocado dizia que nem tudo o que há para fazer é o diário, que é assim... o P8 o ano passado fez-me uma sugestão... não era nada que eu não tivesse pensado, embora a sugestão que o P8 me fez é uma e aquilo que a gente vai fazer é outra. Já vou dizer, que é para não se assustarem. Mas pronto, o P8 falou-me de... criarmos uma página de *Facebook* da nossa comunidade, onde pudéssemos trocar informação, documentos, não-sei-quê. E eu, que já tinha, não tinha pensado no *Facebook*... e depois... mas acho que a ideia do P8 foi boa... É assim, eu acho que, de facto, nós podíamos, não criar uma página de *Facebook* até porque, ponto um, nem toda a gente tem *Facebook*; segundo, para este tipo de coisas, e a experiência que eu tenho é que as páginas não funcionam muito bem, porque, depois, para se aceder às coisas, se as coisas já foram publicadas há muito tempo, é complicado, etc., etc. Mas a minha ideia era que nós criássemos um blogue da nossa comunidade. Um blogue onde... bloguistas... Um blogue onde nós pudéssemos publicar documentos, textos, coisas de interesse para o trabalho que fazemos aqui, onde pudéssemos, depois, discutir essas... esses documentos. Eventualmente, até, por exemplo, porque eu acho que isso também nos iria poupar algum tempo, por exemplo, vamos imaginar que, oh pá, a gente agora acha importante, numa das sessões, refletir sobre... a avaliação... não-sei-do-quê. Se calhar, em vez de virmos para aqui discutir no vazio, é mais fácil ter dois ou três textos no blogue, sobre avaliação, as pessoas têm um mês para ler, para lançar lá reflexões, questões, para discutir e, portanto, usar, depois, as sessões mais para o outro trabalho que tem a ver com o trabalho da nossa supervisão entre pares. Portanto, criaríamos um blogue, esse blogue, qualquer membro da comunidade pode lá publicar, portanto, não, não é daqueles... mas o blogue pode ser visto por pessoas de fora e essas pessoas de fora podem ser colegas nossos... Até seria interessante que, depois, quando ele ‘tivesse

criado, que de facto o divulgássemos para ver se conseguíamos também começar a criar alguma interação entre a comunidade, esta restrita e o resto da comunidade escolar... mas obviamente que as pessoas que não pertencem à comunidade poderão fazer comentários, mas não podem publicar no blogue, como é evidente. As publicações propriamente ditas serão dos membros da comunidade de, de prática... Os comentários obviamente são abertos ao público, pronto... A minha questão é... ponto um, precisamos de um nome para o blogue e, portanto, eu ia sugerir que, entre esta sessão e a próxima, fossemos fazendo, pensando em nomes... e lembrem-se que o nome do blogue convém que seja uma coisa um bocadinho apelativa, sem, sem fugir, quer dizer, tem que dar ideia do que é que aquilo é, mas... mas uma coisa um bocadinho apelativa, porque se a gente puser “blogue da comunidade de práticas da escola do Porto Santo”, quer dizer...

[Risos]

P8: Qual é o nome da formação? É supervisão...

P12: Oh amor, o nome da formação é muito complicado... “Círculo de estudos em supervisão pedagógica, inovação e educação”.

P8: Mas, por exemplo, meter só supervisão pedagógica...

P15: Não, podias pôr: “O círculo da P12”.

P12: Ai não. Isso não.

[Risos]

P12: Pronto. Ponto um...

P6: [impercetível – sobreposição de vozes] um círculo.

[Risos]

P12: Ponto um, o que eu queria pedir era que pensassem em nomes para o blogue e, ponto dois, a minha literacia informática não me permite, sozinha, construir o blogue, portanto, quero saber se há uma ou duas pessoas que estejam disponíveis para fazer isto comigo, porque eu sozinha... não... é assim, eu uma vez comecei a fazer um blogue meu, mas depois nunca mais lá pus nada e, portanto... Acho que não é tão complicado assim, mas acho que... pronto... Portanto, não sei...

P1: Eu nunca criei nenhum, mas...

P15: Eu também não.

P1: ... a gente aprende ou...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Eu ajudo-te.

P12: ‘Tá bem... Porque... pronto, para ver se a gente...

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] aprender como é que isso se faz, também.

P12: Eu tenho assim uma vaga ideia, mas eu depois sei que aquilo tem...

P15: Aquilo acho que vai dando as indicações.

P12: Sim, mas depois, por exemplo...

P1: Mas também depende do que é que tu queres.

P12: Pois.

P1: [impercetível – sobreposição de vozes] as páginas do *Facebook* e os grupos do *Facebook* é... é uma questão de ir aos poucos...

P15: Experimentando.

P12: Pois, mas eu... pronto... Portanto, isto seria, digamos assim, uma extensão da nossa comunidade para o lado... virtual, pronto. Em relação ao trabalho...

P15: Também podes fazer um das tuas receitas. A Ana Galvão agora vai fazer um... uma página com a comida macrobiótica.

P12: É?

P15: É.

P12: Mas, por acaso...

P15: E o Nuno Markl [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: ... já há uma da Ana, da... não é Ana, como é que se chama a Varatojo? A Marta Varatojo tem uma, por acaso muito gira, que eu sou seguidora... Não.

P1: Uma página?

P12: Não... a Marta Varatojo é um blogue... É um blogue, mesmo... Mas pronto. Então, vamos então avançar com o blogue e depois...

P1: Eu hoje vou fazer uma pesquisazinha a ver como é que se **constrói [impercetível – sobreposição de vozes]**

P12: Pronto, porque a ideia era nós termos ali, pronto, termos os documentos, ter textos, ter algumas reflexões nossas, mas aquilo ‘tar, porque... Para já é assim, eu, em termos do *Facebook* tenho logo algumas reservas, por causa das questões das privacidades e disto e daquilo e do outro e daqueloutro. Depois, porque nem toda a gente tem *Facebook*, nem tem que ter. E depois também porque a experiência que eu tenho, por exemplo, eu tenho uma página no *Facebook* e a experiência que eu tenho é que, quando eu quero procurar coisas que são muito antigas...

P6: É um inferno.

P12: ... eh pá, aquilo é um inferno, enquanto que no blogue as coisas estão organizadas, ou por ordem alfabética ou por ordem de datas, e eu sei que, olha, eu quero ir consultar aquele texto que foi posto em outubro de 2015. Clico em outubro de 2015 e aparece-me lá tudo. É muito mais funcional, eu acho, pronto... Agora, em termos do trabalho que vamos realizar... Portanto, vamos continuar com as nossas observações de sala de aula, mas seguindo, também foi uma proposta da P14, e até de outras pessoas também, algumas até falaram disso nos diários... O ano passado foi o nosso primeiro ano, foi tudo assim um bocadinho impressionista. Eu acho que, de facto, nós, este ano, temos que fazer as coisas já de uma forma mais organizada. Portanto, acho que era importante nós termos uma grelha de observação, que não precisa de ser uma grelha muito complexa... mas... que tivéssemos uma grelha onde, quando fôssemos para dentro das salas de aula, fôssemos todos olhar para a mesma coisa, não é? Pronto... Acho que isso era importante... Sem nos esquecermos, nunca, que aquilo que nós... o foco da nossa observação tem a ver com o trabalho dos miúdos, com as aprendizagens... dos miúdos e com o tipo de atividades que nós proporcionamos aos miúdos, para concretizar as aprendizagens... Eu, a minha ideia, hoje, era ter trazido já uma proposta, mais ou menos alinhavada, mas foi-me impossível... e aquilo que eu ia... propor-vos é que, durante esta semana eu vou-vos mandar... isto é tirado de um texto de um livro interessante sobre... não sei traduzir isto para português, mas... é uma gente no Canadá e nos Estados Unidos que faz um trabalho... semelhante àquele que nós ‘tamos a fazer: trabalham em conjunto, refletem, observam aulas uns dos outros, refletem sobre a sua própria prática... Eles têm... algumas categorias que... que têm em consideração quando vão observar as salas de aulas deles. Por exemplo, um dos exemplos é em que

tipo de tarefas é que os alunos estão envolvidos, se estão envolvidos em tarefas que requerem... um alto nível de... trabalho intelectual, um baixo nível de... intelectual... que tipo de perguntas é que o professor põe aos alunos, se são perguntas realmente desafiantes ou se são aquelas perguntas tipo... *branco é galinha o põe*... se os miúdos conseguem transferir a aprendizagem de um conteúdo para um outro nível diferente... que tipo de compreensão é que os miúdos estão a trabalhar, se ‘tão só a trabalhar na área conceptual ou se ‘tão a trabalhar também na área procedimental... será que os miúdos têm na aula uma atitude passiva ou ativa. Portanto, há aqui uma série de categorias e o que eu ia sugerir era eu fazer uma tradução... eles até lhe chamam problemas comuns da prática letiva. Era eu fazer uma tradução disto o mais rapidamente possível e penso que consigo fazer isto até quinta feira.

P6: Não ‘tá na internet? Basta clicar em tradução.

P10: Às vezes a tradução é um bocadinho [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas isto também é pequenino, isto são uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. São doze coisas que eles põem aqui. Portanto, eu enviava-vos isto traduzido. Não é para nós transpormos isto para a nossa grelha, mas é para nós pensarmos, destas coisas todas, o... tirar aqui umas três ou quatro, fazer aqui três ou quatro categorias que nós, depois, tivéssemos na nossa grelha e... trabalhássemos. Então, a minha proposta era exatamente essa, era que, até à nossa próxima sessão, cada um, a partir destas questões/categorias que eu vou enviar, fizesse uma grelha. Na nossa próxima sessão... construiremos, a partir das diferentes propostas, uma grelha comum e, então, depois de haver essa grelha comum, começaríamos a organizar o trabalho de supervisão, porque acho que não faz sentido nós ‘tarmos já aqui a definir pares e supervisão, se nós ainda não temos a grelha para trabalhar, pronto. Portanto, acho que... fazia mais sentido. Não sei o que é que vos parece a vocês, mas...

[segmento impercetível]

P12: Pronto, não é para ser uma grelha complexa, não é sequer para ser, nem sequer para ser uma grelha, digamos assim, em que eu vou lá para ver se ‘tás a fazer bem feito ou mal feito. Não, é mesmo para ver o que é que ‘tá ali a acontecer. Pronto, a ideia é um bocadinho essa. O que é que ‘tá ali a acontecer para depois, obviamente, podermos pensar sobre isso e pensar: bom, se eu ‘tou a fazer perguntas aos miúdos como se ‘tivesse a trabalhar com atrasados mentais, então ‘pera lá, onde é que eu tenho que

mexer para, não é? Pronto, mas a ideia é um bocadinho esta... E depois, em relação aos nossos encontros...

P15: Ó P12, desculpa lá...

P12: Diz, diz.

P15: ... dizer aqui uma coisa. É o seguinte, em termos de tecnologias de informação, de, a parte dos *routers* e isso... uma pessoa como é que dinamiza uma aula?... Se eu, o ano passado por acaso usava a minha internet, mas eu não vou usar mais este ano.

P9: Eu também uso a minha.

P15: [impercetível – sobreposição de vozes] na sala 21 e na sala 22. Na 22, se eu... ‘tiver mesmo à entrada da porta consigo, um pouquinho...

P12: Pronto, é assim, oh P15, eu, eu percebo esse problema. Esse problema é um problema que eu não consigo resolver.

P15: Não, é que é assim, como é que se dinamizam aulas em Matemática? Gostava de saber.

P12: Mas é assim, mas eu não te posso dar aulas de didática da Matemática, que eu didática da Matemática...

P15: Gostava que me dissessem.

P12: ... não é o meu campo de trabalho, mas é assim...

P15: Se me dessem sugestões...

P12: ... não é obrigatório tu teres novas tecnologias, porque é assim, olha, antigamente havia uma anedota muito engraçada que era um... era uma anedota em banda desenhada, em que tu tinhas um professor... o quadro e o giz. Era o professor e havia uma... por acaso até era com um exemplo de Matemática, em que o professor punha “ $2 + 2 = 4$ ” e era o ensino antigo. Isto era uma anedota muito antiga. E depois apareceram os retroprojetores e o que é que aparece na anedota? “ $2 + 2 = 4$ ” só que, em vez de ser escrito no quadro, projetado no acetato. Portanto, a metodologia... Eu acho que não são as tecnologias que fazem as metodologias...

P8: Exato.

P12: Claro que há coisas que eu posso fazer, ou que são mais fáceis, se eu tiver uma tecnologia, mas toda a vida houve... ensino ativo e ensino passivo sem haver

tecnologias, portanto, não... E, e, e às vezes, por exemplo, eu às vezes uso tecnologias e até, se calhar, as minhas aulas com tecnologias são aulas muito mais passivas para os alunos do que as que eu não tenho tecnologias, porque eu uso as tecnologias quando? Uso as tecnologias quando tenho que fazer uma apresentação para a turma, ou seja, eu quero mesmo que eles saibam... A semana passada, ‘tive a dar aos miúdos a reforma protestante e eu quero mesmo que eles saibam os antecedentes, as consequências, não-sei-quê. Oh pá, levo um acetatozinho e aquilo é uma aula do mais tradicional que é, do mais centrado no professor não pode ser e eles ‘tão ali, primeiro copiam - que isso também aprendi o ano passado, foi uma coisa que me ensinou o P7, devo-lhe isso, que eu tinha a mania de pôr o acetato, ia explicando e os pequenos passavam ao mesmo tempo e o P7, depois, chamou-me à atenção e disse-me: “Não sei se a P12 reparou, mas quando a P12 ‘tá a falar e eles ‘tão a copiar, eles não ‘tão com atenção nenhuma ao que a P12 diz”. [Risos] E eu, a partir daí, agora... “Então vamos lá copiar o acetato, vá. Vinte minutos para copiar”. Ao fim de vinte minutos, então, é que eu boto faladura. Mas é assim, isto para te dar um exemplo que é assim: eu, quando uso as tecnologias, até são aulas em que os miúdos ‘tão numa atitude muito mais passiva do que, por exemplo, quando eles ‘tão a fazer o estudo autónomo ou quando ‘tão a trabalhar para os projetos, que aí são eles que ‘tão a pensar “o que é que eu agora quero saber sobre este assunto?”. Portanto, é assim, eu percebo que a questão das tecnologias...

P15: Não, é engraçado e era engraçado o ano passado. Eles gostavam... só que eu este ano não...

P12: A questão das tecnologias é relevante e, por exemplo, na Matemática, se calhar, um quadro interativo é uma coisa que faz uma enorme diferença numa aula... eh pá, mas isso é uma questão que eu não sei resolver, não posso resolver, não tenho como resolver. Agora, também não é por não termos as tecnologias que não podemos dar aos miúdos uma forma de aprendizagem mais ativa, porque podemos dar... Agora é assim, não me perguntes diretamente na Matemática como é que se faz, que eu nem sou professora de Matemática, portanto... Pronto. Mas... pronto... essa questão ultrapassa-me. Eu, por exemplo, eu também não...

P10: Tens de requisitar um *tablet* para cada um.

P12: Eu, por exemplo, também não uso... Mas eu também não uso a minha internet.

P15: Mas é assim, é engraçado. É muito engraçado.

P10: Experimentaste já requisitar a sala 13, P15?

P15: Não.

P10: Experimenta. Pode ser que algum dia consigas.

P8: Está quase sempre disponível.

P10: Mas tu... tu costumavas trabalhar com o quadro interativo ou as atividades que possas ter é para o quadro interativo?

P15: Não, o ano passado nunca fiz. Eu uso, trazia o meu iPad e passava-lhe...

P8: Olha, eu, neste momento [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Sim, mas tipo quê? Eles resolvem coisas no iPad ou...

P15: Não, ouviam. Ouviam e depois, por exemplo, problemas... Eu, por acaso, no início ainda fiz isso... agora, no início, porque ainda tinha [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas, por exemplo, há coisas para o quadro interativo, para eles irem lá, eles, fazer.

P15: Sim e o *GeoGebra* é muito giro.

P10: Experimenta requisitar a sala 13, a ver se consegues nalgum dia.

P8: A sala 13 está sempre disponível.

P10: Sempre?

P8: Não, eu 'tou a dizer, eu tenho feito uma requisição semanal...

P10: E tens conseguido.

P8: ... [segmento impercetível] aulas na sala 9 e [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É uma lacuna que a gente tem a esse nível...

P8: ... quem manda são eles.

P10: ... devia haver mais duas ou três...

P15: Pois. E mesmo a internet, é pena. E é assim, na 22, se eu ficar encostadinha à porta...

P10: Agora na cantina tem.

P15: ... consigo. Agora, na [impercetível – sobreposição de vozes] já não.

P12: Pronto, mas é assim, essa é uma questão que eu não sei como é que se ultrapassa. Eu na minha aula, sou sincera, muitas vezes as tecnologias são para aulas mais centradas em mim do que centradas nos miúdos, mas...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas pronto... Isto tudo vinha a propósito das nossas... aulas assistidas, não iniciarmos sem termos, então, a tal grelha comum, ok? Depois, outra coisa que eu queria saber... Nós, o ano passado... nas nossas sessões...

P9: Desculpa só, P12...

P12: Diz.

P9: Relativamente à grelha... nós temos muitas grelhas do ano passado, que circularam entre nós, foram...

P12: P9, mas nada impede que...

P9: A ideia é construir mesmo uma grelha nova ou podemos-nos basear...

P12: Não, ouve, se tu chegares aqui com uma grelha que até já usaste, mas que toda a gente achar, “olha, sim senhor, isto é uma...” Eu, quando digo...

P9: Tinhas também mencionado, o ano passado, na questão das grelhas mesmo da Direção... da Secretaria...

P12: Mas sabes que eu acho que... É que eu acho que é assim...

P9: Tem um bocadinho muito de conteúdo.

P12: É que eu acho que aquela grelha da Secretaria não é boa nem má. Aquilo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: É que eu pensei, o que eu acho é que essas, essa... nós usámos no final, depois de observarmos a aula uma da outra... O que eu acho é que... na aula, de facto, acompanhar com aquela grelha não dá. Pronto, eu acho que aquela grelha dá para nós fazermos a avaliação *a posteriori*.

P6: A reflexão.

P9: A reflexão.

P12: Pronto, é assim, eu... o meu receio com aquela grelha é que é assim, aquela grelha é uma grelha feita para avaliar professores, para observar o trabalho do professor.

P9: Pois.

P12: E... e é assim, e não é exatamente esse o nosso foco. O nosso foco vai ter, é mais a ver com os alunos. Claro que, obviamente que eu, se eu chego lá, e digo assim: “Eh pá, estes putos passaram a aula inteira a ouvir a P9 a falar”, bom, é óbvio que isto tem a ver com a prática do professor, não é? Mas é assim, mas não... a minha ideia era nós tentarmos arranjar grelhas que, cujas categorias fossem mais vocacionadas para...

P9: Ok, para os alunos.

P12: ... as atividades dos alunos, a forma como os alunos ‘tão na sala de aula, eventualmente as interações, a forma como o professor interage com o aluno. Mais isso do que propriamente dizer: “O professor cumpriu o plano. O plano estava, tinha princípio, meio e fim... Houve não-sei-o-quê”, tás a perceber?

P9: Sim, sim.

P12: Porque as grelhas da Secretaria, para além de eu achar que têm itens excessivos, que eu acho que é impossível alguém... a observar uma aula...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Diretamente na aula também acho que não. Também acho que não.

P12: Têm muitos itens que são mais...

P9: Pois.

P12: ... são, quase todos eles, muito mais vocacionados para o professor, do que para o aluno. Para além de eu achar que tem lá itens que não são sequer... exequíveis, porque é assim... os alunos... Ai, como é que é? Havia lá um que era maravilhoso, que tinha a ver com a aprendizagem, que era... Bom, se os alunos tinham feito aprendizagens não-sei-quê e eu pergunto como é que eu, numa aula, mesmo que eu vá 90 minutos para dentro de uma aula, como é que eu posso aferir que o aluno aprendeu? Aprendeu mesmo. Porque a aprendizagem é um processo... complexo e, e lento, portanto...

P8: Na aula a seguir [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mesmo na seguinte. Tu na aula seguinte eventualmente consegues avaliar se o aluno memorizou...

P1: Memorizou...

P8: Sim, mas [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: ... agora, mas se o aluno aprendeu...

P8: É isso que eu ‘tava a dizer.

P12: ... eu no ano a seguir falo disto, falo daquilo e parece que ‘tou a falar de uma coisa...

P15: E a mesma turma, não é?

P12: A mesma turma.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E quando eles me dizem: “Nunca falou disso” e eu... [Risos]

P9: ... nós já falámos disto nas aulas. Eu ‘tou a perguntar uma coisa que nós já falámos”... “Mas já falámos hoje, professora?”, eu disse: “Não, hoje ainda não falámos, mas já falamos nisto desde que o ano iniciou”, “Ah, mas não falámos hoje”. Quando eu disse: “Não falámos hoje”, “Ahhh...”.

P10: Porque eles tão formatados.

P9: Som geral: “Ahhh...”, como quem diz: “Pois, hoje ainda não falámos, por isso é que...

P12: Portanto, é assim, eu acho que há coisas... Mas é assim, P9, eu não te digo que tu não... quando chegares a casa não vás pegar nessa grelha e não digas assim: “Eh pá, olha, se calhar há aqui duas ou três coisas que eu posso tirar...”

P9: Sim, já percebi, P12. Já percebi o objetivo, ok.

P12: Pronto. A ideia e, e sobretudo eu acho que nós... na minha perspetiva, não sei se, vocês podem... e atenção que estamos aqui a trabalhar em grupo, não é a fazer o que a P12 manda. Mas eu acho que a grelha não deve ser muito grande.

P9: Pois não.

P12: Deve ser uma grelha com quatro/cinco categorias... pá, e coisas que sejam efetivamente observáveis, porque não... porque se for para ‘tar a pôr coisas...

P9: Claro.

P6: Mirabolantes, não é?

P12: ... para fazer literatura, não vale muito a pena, digo eu.

P9: Mas baseamo-nos nisso que tu nos vais enviar, também.

P12: Mas podemos basear nas grelhas que as pessoas, eventualmente, que foram avaliadores ou que foram avaliados e que têm essas grelhas, podem pegar nessas grelhas. Podem pegar em grelhas que tenham usado o ano passado com outros colegas. Por exemplo, eu, no meu caso, as minhas grelhas, quando usei, eram sempre grelhas em branco. Obviamente essas não me servem de nada, porque não têm lá categoria nenhuma. Portanto... mas pronto. Agora, o que eu ia... dizer era: o ano passado, nalgumas sessões nós fizemos isso, noutras nem tanto. Nós organizámos, ou tentámos organizar, as sessões sempre em duas partes. Uma parte em que... tínhamos um tema e em que, por exemplo, houve uma vez que veio cá a L. [PSOE] falar da gestão de conflitos, houve outra vez que o P8 fez aquela apresentação, uma vez a P10 e o P2 fizeram também uma apresentação, depois tivemos a apresentação do P4, sobre...

P1: Os seis chapéus...

P15: Os chapéus.

P12: O pensamento divergente... Pronto...

P8: Criatividade.

P12: Exato, sobre a criatividade. E a minha pergunta para vocês é... acham que devemos manter este modelo? Portanto, termos as nossas sessões organizadas em duas partes distintas, uma parte para termos um tema de reflexão, de discussão... geral e depois do nosso intervalo para café termos, então, aquela parte em que já trabalhamos sobre aquilo que fizemos entre sessões e caso... achem que é de manter isso, peço que depois me vão enviando sugestões de temas ou até de pessoas. Por exemplo, o P8, o ano passado, chegou a falar disso, depois não se concretizou, mas por exemplo de, tal como tinha vindo a L. [PSOE], vir uma colega da Educação Especial... Portanto, o que vos queria pedir era que... pronto. Se acham, manter este esquema assim, portanto, de termos uma parte e, e... isso acabou também por nunca acontecer, a ideia também é que essas primeiras partes fossem abertas à comunidade escolar. Portanto, por exemplo... se... numa sessão vier a professora da Educação Especial, publicitar na sala de professores e dizer: “Podem ir” e, portanto, para aquela parte pode vir quem quiser. Depois, na segunda parte, é o nosso trabalho, pessoal, privado, confidencial... ficamos só nós. Se acham que se mantem esse esquema ou se acham que usamos as sessões só para trabalhar sobre a questão da supervisão e... por aí fora?

P8: Eu penso que é importante mantermos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: [impercetível – sobreposição de vozes] interessante, se não depois também...

P12: Pronto, então, o que eu vos ia pedir era que também pensassem em temas, ou pessoas, que vocês achassem que era interessante trazer aqui, para falarem connosco sobre coisas que vocês achem relevantes... Por exemplo, acho que a questão da colega da Educação Especial pode...

P9: Para mim era importante.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: [impercetível – sobreposição de vozes] a minha aula de Geometria só um aluno... autista.

P1: Eu também... Eu não tenho um, tenho três.

P12: Eu, por exemplo, há uma pessoa que eu gostava, as próprias pessoas aqui do grupo podem propor-se para fazer... e há uma pessoa que eu gostava que fizesse uma apresentação, que é exatamente daquele teu trabalho, que eu acho que é interessante, porque acho que tem a ver com isto que ‘tamos aqui a falar. A P9 tem um trabalho feito, que fez no mestrado, não foi?

P9: Não, foi uma formação especializada em Administração Escolar.

P12: Administração Escolar. E a P9 tem um trabalho feito sobre cultura profissional...

P9: Socialização dos docentes.

P12: ...socialização dos docentes e cultura profissional. E eu acho que era interessante ela partilhar isso connosco, até porque, no fundo, é esse trabalho [impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Não é a minha área, foi uma pesquisa que eu fiz...

P12: Pronto, não é a tua área, mas outras pessoas, se calhar, também já trabalharam nessa área, poderão depois dar [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Acho muito interessante.

P12: Mas eu acho que era interessante a P9 partilhar esse trabalho connosco.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, eu não me... Achas que eu 'tou esquecida? Eu já li o diário dela em julho, ainda não me esqueci, portanto... [Risos] Oh pá, tu comigo 'tás tramado, que eu tenho uma memória de elefante.

P9: Eu a pensar que tu te ias esquecer, mas pronto. [Risos]

P12: Eu tenho uma memória de elefante, ouve lá... Mas pronto... e o que... e isto não quer dizer que outras pessoas, aqui, de nós, não, se quiserem propor-se fazer apresentações também 'tão à vontade. "Olha, eu gostava de fazer... ou fui a uma formação não-sei-aonde e foi sobre não-sei-o-quê e gostava de vir aqui partilhar convosco. Pronto. Portanto, esse, esse espaço, digamos assim, é um espaço aberto, que pode ser usado para trazermos um convidado ou pode ser usado por qualquer um de nós... Então, o que eu vos ia pedir, volto a dizer... eu hoje se repeti muito as coisas, vocês que me desculpem, o meu cérebro está um bocadinho... um dos dois neurónios estão a dormir, de maneira que, pronto... Portanto, que me fizessem chegar... temas ou pessoas que vocês gostassem, que achassem que têm coisas interessantes para nos dizer e que pudessem vir cá, partilhar connosco. Pronto... E a minha última... questão de hoje é... eu penso que deveríamos agendar uma sessão... dentro de duas semanas... ou se acham pouco para estas coisas todas que temos que fazer. Temos a grelha, temos que pensar nos... nos temas...

P15: Olha, vê é se daqui a duas semanas já temos as avaliações intercalares.

P12: Pois, e depois também temos esse problema. Temos esse problema.

P10: Em que dia é que calha?

P8: É de nove a dezoito.

P12: É de nove a dezoito? Ah... então, se calhar marcávamos para depois de dezoito...

P1: Pois, é melhor.

P12: Não, antes eu acho que é muito apertado... P15, porque é assim, isto, parecendo que não...

P10: Primeira segunda-feira depois de dezoito é dia vinte e três.

P12: É que é assim, a primeira segunda-feira da... antes de nove é dois, dois é para a semana. Portanto, nós vamos ter as avaliações intercalares que nos vão encher de trabalho. A ideia é que quando viermos na próxima sessão tragamos algum trabalho de

casa feito, portanto, também eu sei que as pessoas não vivem para a comunidade e agora não vai tudo chegar a casa a correr e aí, ‘pera lá, deixa-me ir já pensar na grelha e pensar... Oh pá, não é. Isto é um bocadinho, a gente vai fazendo isto nas horas vagas, não é? Isto é um bocadinho o nosso croché... pronto. E, portanto... talvez, então, apontássemos... para vinte e três, sujeito a confirmação em função das pessoas que têm... Pronto, então vamos deixar como data previsível vinte e três de novembro. Nessa altura o P16... está ocupado à força toda...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Está *offline*.

[Risos]

P12: Em princípio, não, já não conto contigo nessa sessão, mas, antes do J. chegar, tudo o que produzias fazes-me o favor, fazes-me chegar por *email*, porque eu depois partilho aqui com os colegas o que for, ‘tá bem?

P15: Também pode fazer um *FaceTime* ou por *Skype*...

P12: Achas que ele quando a criança nascer ‘tá para ‘tar aqui agora a aturar sessões de formação?

P15: Sei lá.

P12: Até o J. ficava traumatizado, coitadinho.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu estava a pensar assistir a uma aula do P16 antes de ser pai e depois de ser pai.

[Risos]

P10: Vai ser muito diferente, podes ter a certeza.

P15: Olheiras... [Risos]

P10: Não tenhas dúvidas.

P12: Acredito. Eu acredito que...

P8: Às vezes os alunos [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, eu não sou mãe e eu noto, por exemplo, que a idade foi uma coisa que mudou muito a minha maneira de estar na sala de aula e de me relacionar com os miúdos.

P10: Eu acho que mudamos completamente. Tornamo-nos mais permissivos.

P9: Mas para melhor ou para pior, P12?

P12: Eu acho que para melhor. Acho que para melhor.

P8: O que é que entendes por melhor?

P12: Oh pá, por exemplo...

P8: Vou entrar na onda da P14, no ano anterior, com o P7: “O que é que é para ti melhor?”

[Risos]

P12: Olha, por exemplo, eu acho que tenho muito mais tolerância agora, com os miúdos... Sou muito menos rígida, porque aquilo era assim: “O dia da entrega do trabalho é X...”

P1: E acabou.

P12: E acabou.

P10: E agora é [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: “Então vá lá, vamos lá negociar e não sei quê”.

P10: “Vais para a rua. Ponho-te lá fora.”

P12: Assim... em termos de comportamento ainda sou assim um bocadinho, que eu há... pronto. Mas... acho que tenho outra... outra empatia com os miúdos, percebes? Tenho muito mais capacidade de me pôr no lugar deles...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Sobretudo a capacidade de tolerância e de paciência...

P8: Sim, sim.

P12: E, portanto, imagino que... a maternidade também deve alterar a maneira de estar das pessoas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Não sei se não será o contrário. [impercetível – sobreposição de vozes] dormir menos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Quem?

[impercetível – sobreposição de vozes].

[Risos]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] “Eh pá, nem digas nada”.

[Risos]

P10: Se calhar é melhor ‘tar aqui, mesmo.

P8: Mesmo os miúdos na aula apercebiam-se e até tinham um comportamento mais coiso... Estavam mais calmos que era para não perturbar o professor.

P12: Pronto, então é assim, meus amigos, se ninguém tiver nada a dizer... eu dou por encerrada a sessão de hoje, porque hoje era mesmo mais, é assim, é claro que eu gostava de ter trazido já uma proposta de grelha, já as coisas mais organizadas, porque aí, então, nós já trabalharíamos sobre essa proposta e a sessão prolongava-se mais. Mas, de facto, atendendo às circunstâncias, eu não tive mesmo como pôr as coisas em ordem e, portanto, também acho que não vale a pena continuarmos aqui só para fazer de conta que ‘tamos a trabalhar e para cumprir horas. Portanto... dias haverá em que, se calhar...

P10: O nome mantem-se?

P12: Diz? Desculpa.

P10: ‘Tá aqui...

P12: Sim, o nome mantem-se, só que desta vez é o módulo 2... Quando chegarmos ao módulo 5 fazemos uma festa.

[Risos]

P15: Mas podemos fazer já.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, porque é assim, eu acho que quando chegarmos ao módulo 5 é sinal que a coisa já está realmente consolidada... e que tem pernas para andar.

P10: Eramos quantos, o ano passado?

P12: Eramos doze.

P10: Fazer a estatística, somos oito [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É assim, saíram quatro. Saíram quatro. É assim, eu diria que eu não sei o que é que eu fiz aos homens, porque o único homem que resistiu foi o P8. [Risos] E o que se foi embora foi só homens. [Risos]

P8: Para já tens de partir do princípio...

P15: É o sexo fraco.

[Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu só não fiquei mais traumatizada porque o P16 entrou, porque se o P16 não entrava, eu ficava completamente traumatizada com isto. [Risos] Não, mas pronto.

P8: Mas olha que o trauma está lá, porque ele qualquer dia dá de frosques.

[Risos]

P12: Olha, se ele der de frosques, paciência. O que é que queres que eu faça? Também não... Ele também quando entrou disse-me logo: “Olhe que isto é à experiência porque depois do J. não sabemos o que é que vai acontecer”. Portanto... mas pronto, então, por hoje dou a sessão por encerrada. A não ser que alguém queira acrescentar alguma coisa, propor alguma coisa...

P8: Penso que não. Podemos pensar no jantar de final de ano, mas isso vamos ter tempo.

P10: O jantar de final? Temos o Natal primeiro. [Risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Antes do P16 ser pai... temos a despedida. [Risos]

P12: O *baby shower*. [impercetível – sobreposição de vozes] É o *baby shower*.

P15: Exatamente.

P16: Eu não sei, P8. É assim, eu, agora... portanto, ‘tá previsto o nascimento dele para dia 28 de novembro, o que significa que em princípio já não venho mais este ano.

P10: Quando é que vais embora?

ANEXO V H
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 01.12.2015

P12: Pronto, colegas... vou passar aquela fichinha das interações que já, da qual já tínhamos saudades.

P15: Mas não falei com ninguém.

P12: Não falaste com ninguém?

P15: Só contigo.

P12: Olha, porque vais aí para longe, quer dizer, a malta põe-te cadeiras aqui, para estares ao pé da gente e tu...

P15: Anda. Vem.

P10: Somos só nós?

P12: Hoje somos.

P8: Mas posso deixar o casaco aqui?

P15: Já viste, olha, se nós... te decidimos atacar... [Risos]

P8: Sabes que isto, [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ele nunca será atacado, porque ele irá colaborar, sempre.

P8: Isto depois é uma questão de hábito, isto [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Porque é que as mulheres são violadas?

P15: Vais cooperar. Olha, P8, vais cooperar connosco.

P10: As mulheres são violadas porque não colaboram. Se elas colaborassem...

P15: Eu digo-te o cooperativo. [Risos]

P6: Bem... quer dizer a gente brinca com coisas... deve ser muito triste...

P12: Não se esqueçam de pôr o asterisquinho.

P15: Eu também falei com a P9...

P12: Mas podes pôr porque só a partir de hoje é que é dada baixa.

P10: Olha eu não falei com ninguém.

P12: Mas podes pôr, porque, depois, só a partir de hoje é que ela é...

P15: Pois, exatamente...

P12: Não se esqueçam de pôr o asterisco à frente do vosso nome e ponham, por favor, a data de hoje.

P15: Hoje já é 1 de dezembro... ai.

P12: Hoje já é o primeiro de dezembro.

P10: Graças a Deus. É verdade. Já só faltam 16 dias.

P15: Daqui a pouco estamos em 2016.

P12: É verdade.

P15: Que horror... Está a andar, rapidíssimo.

P6: E este é o período maior, já viram como vai passar os outros?

P15: Ai não, depois ficamos velhos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Ai que parvo.

P15: Deixa lá correr devagarinho.

P10: Posso pôr zero?

P6: Eu este coiso... depois.

P10: Eu este também foi zero.

P6: Tudo zero.

P10: Zero.

P8: É normal, estamos à espera...

P10: Faltava aqui uma coisa a dizer assim: “comigo própria”.

P12: Pois, exatamente.

P10: Ai isto, só, ‘tou... como os putos, desmotivada.

P12: Andas?

P6: Eu não estou desmotivada, queria era mais tempo.

P10: Qual tempo? Mais tempo.... Mais tempo, ainda mais coisas há para fazer.

P12: Sei, faltava aqui um.

P6: Credo, falta para aquele lado.

P12: Ah, então, passa para aquele lado. Não, até porque eu sei que... que a P14 vai. A P1, hoje, não vem e, entretanto, a P9, pronto, desistiu, porque o horário dela foi alterado, ela 'tá...

P15: Ah, já pus 2016 [Risos].

P10: Ai ela levou, tem aulas...

P12: Ela está sobrecarregadíssima e diz que não... não gosta de estar nas coisas assim, a meio tempo, e então que, pronto. Ela já a semana passada me tinha falado nisso, assim um bocadinho *en passant*... mas ontem confirmou-me mesmo.

P15: Tu és cómica [Risos]

P12: Eu sou cómica porquê?

P15: *En passant*... [Risos]

P12: Bem, então a ideia de hoje, a ideia para hoje era...

P15: Pensarmos...

P12: ... pensarmos na grelha de... observação. Eu não sei se vocês viram aquela que eu vos mandei... pronto. Eu trouxe em...

P8: Eu vi por alto.

P10: Está aqui.

P15: Não vi nada.

P12: Pronto. Eu trouxe em...

P6: Era para ter tirado da *pen* e esqueci-me. Mandeï para a *pen* para depois imprimir ali... varreu-se-me. Depois entrei aqui em... varreu-se-me do sistema.

P10: Eu também 'tou assim, parece que estou só formatada por caixinhas.

P8: Tem ao lado e tem do outro lado também.

P10: Olha, tira o cabo que eu liguei aí, P12. 'Pera aí. Este.

[...]

P6: Assistir à minha aula é que vai ser interessante, é um aluno só.

P15: Ai é?

P6: É.

P12: Só tens uma turma?

P6: Só tenho um aluno.

P15: Então e as outras turmas. Não tens?

P6: Quer dizer, tenho de História de Arte, são quatro. Mas tenho do... Geometria...

P15: Quem é, é o V.?

P6: Não, o P. V., é aquele autista.

P10: Ai meu Deus, ainda por cima?

P6: Ele não é muito autista e, quer dizer...

P10: Ele não é... olha e eu li ontem um texto que ele fez ao C., meu Deus... Eu também iria-me ver grega para... tirar dali alguma coisa, alguma ideia. Uma letra linda, linda, linda.

P6: Linda, é.

P10: Já viste a letra dele?

P8: É de gajo, é de gajo.

P15: Não, nunca tive...

P8: E a organização.

P10: Olha, uma letra, pá, uma coisa espetacular, mas depois fez um texto...

P6: Aquilo tem tudo, aquilo tem de ir tudo...

P8: As ideias não...

P10: O C. estava...

P6: Faço ideia.

P15: Eu odiava ser professor de português, ainda noutro dia disse à F. .

P10: O que é que eu faço com isto? Está-se a passar.

P6: Eu acho que sim.

P15: Se eu demoro uma semana, às vezes, que mais do que uma semana a corrigir testes de Matemática, que é só números... não é?

P6: E estão ali, aquilo é aquilo, segue aquela regra e não sei que mais.

P15: Também temos que ver, porque às vezes fazem cada gatafunho. Mas Português e História... e Geografia.

P8: Não podes mexer em nada do que é dele.

P10: Pronto, mas isso é uma característica.

P6: Ele já consegue deixar ficar...

P10: Agora imagina...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Um aluno que foi passando este tempo todo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10 Não, mas agora imagina, este aluno vem passando este tempo todo... está no 10.º ano, não é? Vão-lhe fazendo adaptações...

P8: Ele quando chegou cá à escola, teve uma recuperação fantástica.

P10: ... o C. agarra naquilo e não consegue ler...

P8: ... até porque foi, quando a S. C....

P10: Ler, consegue. Tu consegues ler tudo o que ali...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] o nome de Asperger.

P10: Que é quê? Ele disse-me: “tome”. [impercetível – sobreposição de vozes] Meu Deus, o que é isto?

P8: ... Foi a partir daí, também, que se começou a perceber. Ele, por exemplo...

P10: ... Não lhe faças teste, para que é que lhe fazes teste?

P8: ... nem olhava na cara. Nesse aspeto teve uma evolução muito grande.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [segmento impercetível] Cumprimenta... cumprimenta.

P10: Muito estranho, muito estranho.

P6: Já deixa...

P8: Cumprimenta. Tem a própria iniciativa [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Estás a ver? Está lá... aquilo é resultado de um [impercetível – sobreposição de vozes] Está lá as ideias... o que ele viu está lá...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: E agora, nós temos que ter capacidade...

P6: Ah pois.

P10: ... para trabalhar com miúdo destes.

P15: Pois.

P10: Para dar a volta a isto.

P15: Ainda no 1.º ciclo, 2.º ciclo, vá que não vá, agora secundário?

P10: Não faças teste.

P6: Com ele eu estou a trabalhar tipo [impercetível – sobreposição de vozes] geometria consegue-se trabalhar [impercetível – sobreposição de vozes] E aí consegue-se.

P10: Pois não, pois é o que ele diz. Mas eu tenho, ainda ter que fazer adaptações, ele diz que está, não sei.

P8: Mas não se pode tirar conteúdos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Agora, não sei é como este aluno tem feito este percurso até aqui.

P8: Oh, tem feito...

P10: Pois... é como muitos que temos aí.

P15: É como a S.. Mas a S. era um CEI...

P10: Não, mas a S. estava, exatamente.

P15: ... não é? E este não é.

P6: Pois não.

P8: Então foi assim, ele é um aluno normalmente... Foi assim, ele no ano passado, comigo, 9.º ano, ele tem... primeiro teste faz sozinho, teste adaptado, tirou 44 ou 46% e eu, isto é o P. . 'Tá lá. Segundo teste, a Dra. de Educação Especial decide que o aluno precisava de um apoio especial na hora do teste. Vai o P. passa para o 80 e tal, portanto, ficou inteligente.

P10: Isso é outra coisa que eu acho fantástica.

P8: Ao terceiro teste... o aluno vai, 90% e eu: “Bem, isto qualquer dia ultrapassa os 100%”.

P15: Rebenta a escala.

P8: Eu ao quarto teste virei-me para a colega e disse: “Eu já conheço o P. do ano passado e acho que nós estamos a enganar o P.”. Não era preferível deixar o P. fazer o teste sozinho? O P. não é aluno de nível 4, não é aluno de nível 5, nem... O aluno P. é aluno de nível 3. Eu prefiro que o P. faça sozinho e tire um 3...

P15: Pois. E que saiba.

P8: ... do que o P. esteja a tirar 80 e tal por cento, que eu sei que não foi o P. Eu chegava a ser chamado e dizia assim: “Olha, ele respondeu errado, devo-lhe dizer ou não?”, “Tu é que sabes, tu que és a professora...”. Então e eu disse “Eu não digo aos alunos...”

P10: Estupidificar...

P8: ... aquilo que eu digo aos outros é: “Dêem uma olhada no teste, eu já vi uma série de erros”... mais nada. Eu nunca digo a um aluno: “Esta expressão está errada”. Não, não. “Pá, eu olhei para o teu teste e tens uma série de coisas erradas, dá uma olhada.”

P10: Olha, por exemplo, eu não, eu não concordo...

P6: Por exemplo, ele em História...

P10: ... com o facto de se meter alunos do Ensino Especial, esses alunos terem uma sala à parte. Eles na vida lá fora, ninguém lhes vai fazer coisas à parte.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Alguns, alguns precisam.

P10: Estou a falar dos outros.

P8: Nós precisamos cá dentro...

P6: Ele, por exemplo, [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: O que eu subscrevo é, temos que acabar com esta história do apoio neste, nestes testes-escola. Tivemos um conflito agora, conflito entre aspás, quarta-feira, porquê? Porque a M. J. provavelmente foi a primeira vez que foi para a sala dos NEEs e então

queria ter o teste antecipadamente que era para, depois, para prestar apoio. E estes testes são como os exames nacionais, o professor vigilante não pode prestar qualquer esclarecimento nem qualquer apoio. E o que nós temos assistido...

P15: É verdade, sim senhora.

P8: ... nesta escola, aqueles professores, o C. chegou aqui, no ano passado, passado. Eu não sou professor NEE, porra. Metem-me numa, numa sala onde estão duas professoras de Educação Especial, nem sequer é preciso o aluno chamar, toda a hora estão ao pé dos alunos a explicar as questões.

P10: Pois, é isto. Agora diz-me uma coisa, C., agora diz-me...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] estamos a enganar.

P10: ... mas lá fora, eles vão ter a vida facilitada desta forma? Não, eles têm que encarar as coisas como elas são lá fora. Se aquilo é um exame, é um exame, está ali, adaptado, tudo bem... mas...

P8: Mas nós estamos a trabalhar... nós estamos a trabalhar obrigatoriamente para estes meninos. E é isso que eu digo, eu prefiro um 40, sabendo que foi ele que fez e teve dificuldades e depois vou-lhe dizer: “Olha, já viste esta questão aqui...”, aquela E., aquela miúda que é fraquíssima...

P15: Ai mãe.

P8: ... chegou ao 7.º ano agora, olha, há dias fiz-lhe um teste adaptado, o primeiro, teve um 50 e não sei quantos, agora fiz-lhe um teste, até antes fui mostrar à F. e ela disse: “Olha, é ótimo, é mesmo isto que é para ela”. Tirou-me 59, estou feliz da vida. Pá, não preciso de mais nada.

P15: É, ela é muito fraquinha.

P8: E sei que ela vai-me tirar vintes e trintas, mas mais do que...

P15: Claro.

P8: Mas este é o teste da E., agora não vale a pena estarmos aqui... e a explicar e a... a ler, os miúdos nem precisam [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Não, mas é que o problema...

P8: Elas já estão mais... Eh pá, não pode.

P15: No segundo ciclo fazem muita papinha. Eu acho.

P8: E no terceiro é igual.

P15: Não, mas é um problema.

P8: Nos testes-escola...

P15: Não, mas eu acho, no segundo ciclo... é que eles vêm... O... Alguns professores têm a ideia que eles vêm completamente desprotegidos. E não vêm tão desprotegidos quanto... Eu não acho isso, tu achas isso?

P8: É o que a P10... é o que a P10 está a chamar à atenção. Nós não estamos...

P15: Pois é, ai coitadinhos.

P8: Ao contrário do que pensamos, não estamos a prepará-los para...

P10: Para o mundo lá fora.

P8: ... para o mundo lá fora.

P10: Não, não, não. Olha, por exemplo, a S. andava, era aquilo tudo à volta da S., não é? Até para tomar banho, a S. era aqui, tomava na escola. Mas a S. foi tirar a carta igual como os outros. Não tirou carta nenhuma ainda. Nem fizeram nenhum teste adaptado, mas... lá fora ninguém se preocupou que a S. vinha com...

P15: De um CEI...

P10: ... com um percurso escolar assim e assim.

P8: Mas era fixe tu veres ela ter uma aula...

P10: Sete vezes.

P8: ... e a PSP à frente a abrir a estrada. [Risos] Era uma adaptação.

P10: Era.

P8: Era fixe.

[Risos]

P10: Não, mas estás a perceber? E se calhar vão... e depois fazem as coisas lá fora. Não, pá, não acho que estamos a ajudar.

P15: Também acho.

P10: Não é assim.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] querem lá saber...

P10: Mesmo na situação de estarem numa sala à parte, pá, têm um teste à parte, um teste diferente, ok, de acordo com as condições deles, mas, era ali, na sala, com os outros, porque eles têm que ser submetidos àquele ambiente.

P6: Não, no caso do P. era diferente.

P15: É. [impercetível – sobreposição de vozes] Mas há miúdos que não gostam... sente-se retirado por ir fazer na sala ao lado.

P10: Eu também acho que...

P15: Ao lado, fora da turma. Aquele F., do 6º D, ele não ficou lá muito bem...

P10: Aliás, eu acho que a gente perde muito tempo; todos os meninos têm direito, mas andamos a perder muito tempo com estes meninos.

P6: Não, depende, há aqueles que aproveitam.

P10: Muito tempo.

P6: Por exemplo, o P. está aproveitando.

P10: Sim, mas temos bons, que podiam ser melhores ainda e a gente não faz nada por eles.

P6: Pois, também é verdade.

P10: Temos sala de estudo para os que não... que não conseguem, podíamos ter salas para... dar mais àqueles que querem mais, não é? E isso não, isso também dá horas para os professores. Já que as salas de estudo é para horas... Acho que, no pedagógico, eu lembro-me, perdíamos tempo a falar do ensino especial, dos meninos NEEs, de não-sei-quê. É estes PEIs, à volta dos PEIs e à volta dos... Eh pá, eu... Papel, papel, papel, papel.

P8: Pois e ainda por cima, a burocracia...

P10: E depois é tudo muito virtual.

P15: Não, e depois é assim, os apoios, eu falo por mim, os apoios nestes moldes não surtem efeito nenhum.

P10: Claro que não, claro que não.

P15: É assim, o apoio devia de ser para colmatar dificuldades que eles têm na aula, não é?

P10: Sim.

P15: Se, nós no apoio, temos quase...

P10: Tens uma turma inteira lá dentro, como é que prestam apoio?

P15: Não dá, não dá.

P10: Não prestam, pronto. E depois os miúdos não têm aquela capacidade de...

P15: Não, não têm, não têm.

P10: ... chegar ali: “Olhe tenho esta dúvida, neste coiso”.

P15: Não, não têm.

P10: Tens lá 17 ou 18, como é que consegues tirar uma dúvida a cada um?

P15: Nem os do 5º nem os do 6º. Eu, às vezes digo: “Então, têm dúvidas?”, “Não”, “E o que é que trouxeram para trabalharmos?”, “Nada”.

P10: E não é apoios às 5 da tarde...

P15: Pois não.

P10: ... que surtem algum efeito, pronto.

P6: Os pequenos estão cansados.

P10: Estão os pequenos e estão os adultos.

P6: Pois, mas nem sequer estava a pensar nisso...

P10: Eu gosto é de um apoio à sexta-feira, às 5 da tarde...

P15: Ai é verdade.

P10: ... como também costuma haver, portanto acho que isso é...

P8: Há uma série de coisas.

P10: Não, tinham que ser, tinham que ser... tinham que ser...

P8: Há uma outra coisa, por exemplo, que eu fui logo no início lá em baixo ao R. [VP2], era inadmissível, por exemplo, o 7º A ter Português à tarde porque a Dra. C. não pode trabalhar de manhã. Isto, os horários tem que ser para favorecer os alunos...

P12: Quem é que não pode trabalhar de manhã?

P8: A Dra. de Educação Visual... C. .

P15: Não, não pode trabalhar à tarde.

P8: Não pode trabalhar à tarde, desculpa. E então Educação Visual que é sempre à tarde, neste caso não sei como é que foi possível... a M. J. [PCP] achar também por bem que fosse à tarde... que fosse de manhã, desculpa. Normalmente, as disciplinas teóricas são de manhã, porque é...

P12: Mas ela toda a vida deu aulas à tarde...

P10: Mas este ano, não pode.

P12: No ano passado deu aulas à tarde.

P14: Boa tarde.

P12: Boa tarde. [impercetível – sobreposição de vozes] estávamos...

P10: Isto é para ti.

P12: É tudo para ti, P14.

P8: Eu não tenho, eu falo isto, eu não tenho nada contra ela, eu digo é...

P12: Não, eu estou a perceber que não é uma coisa pessoal.

P8: Português ainda por cima, à tarde, não... E é uma coisa impensável.

P12: E eu percebi que não é uma coisa pessoal, agora fiquei intrigada, porque toda a vida ela deu aulas à tarde.

P10: Mas é uma série de questões que não, pá...

P8: Não funcionam...

P10: ... faz-se muita coisa ainda bem que é para termos horários, mas se calhar não estão a fazer coisas... que realmente fossem boas... Olha, há miúdos aí, por exemplo, que não têm qualquer dificuldade, mas vêm porque os pais até não podem estar em casa com eles, não têm onde os pôr e mandam-nos para aqui.

P8: Não eram do apoio; eles precisavam era de um espaço.

P10: Esses miúdos querem mais, mas porque é que não há um espaço para esses que querem mais?

P8: Era um espaço diferente.

P10: Que lhes seja dado mais. Para serem trabalhados a esse nível, esses também têm direito a evoluir mais ainda. Porque gostam e porque querem, não é? Depois temos os que precisam, mas não querem saber. Vêm porque... vêm, perturbam...

P15: Porque são obrigados.

P10: ... e porque são obrigados e porque...

P15: Porque a mãe inscreveu o menino no apoio e tem que vir.

P10: Não, e porque, por exemplo, a partir do momento que tem negativa é obrigado a andar. Oh pá, é obrigado, se o aluno quiser e se o encarregado de educação quisesse, mas assim... dá horas. Assim é obrigatório e vai dando horas. Oh pá, é um bocadinho confuso, mas, é a minha opinião.

P15: Mas sabes, antigamente...

P12: Eles são obrigados?

P15: São.

P10: A partir do momento que têm negativa...

P15: Mas isso é no 2º período, a partir do segundo período.

P10: ... agora, agora no 1º período...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É a partir da reunião... Exatamente. Da avaliação intercalar.

P8: Não estamos a falar da tua disciplina, atenção.

P10: Sim, Português e Matemática, só.

P8: Não estejas já com a ideia...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas aqui na escola até parece que só há estas duas disciplinas.

P10: Exatamente, sim.

P15: A mim dá-me uns nervos, é questões de aula, é mini-testes, é... Todos os dias, todas as horas têm testes?

P10: E depois gira tudo muito à volta disso.

P15 : Ai eu, este ano em grupo, eu disse “Eu não dou mini-testes”. Não dou, não dou, não dou. Eu tenho vida própria.

P8: Isso é outra...

P10: Tu tens vida própria e os alunos também ter que ter algum tempo de vida para brincar.

P15: Eles não têm tempo para brincar, miúdos do 5º e do 6º ano quando é que eles brincam?

P8: Basta tu olhares para o horário deles, pá.

P15: Onde é que...

P10: Eu vejo agora... Se eu não digo assim: “já chega”, “não vais” ou “não fazes mais nada”, “vai brincar ou vai fazer qualquer coisa”.

P15: Ai, podes crer.

P10: Os miúdos não têm tempo para nada.

P15: Olha, nos outros países, em França eles têm quatro... como é que é? Sete, como é que é?

P12: Seis semanas, sete semanas de aulas e...

P15: Duas, duas, duas de férias.

P12: Pois, não sei. Já não me lembro como é.

P15: É, sete, duas, sete duas.

P12: Sei que são...

P15: À quarta-feira, à quarta-feira os paizinhos... as empresas já estão preparadas...

P8: Mas são culturas diferentes.

P15: ... para os pais estarem com os filhos à tarde. Quarta-feira não há aulas à tarde, quarta-feira não há aulas à tarde, em França.

P8: Já estou a ver mesmo em Portugal a fazerem isso...

P15: Nós é... trabalhos, trabalhos, trabalhos, trabalhos.

P10: Não, mas olha, houve uma altura que aqui até foi implementada... de libertarem a quarta feira, por exemplo, para o Desporto Escolar.

P15: Pois, pois foi.

P10: Mas depois ocupam aulas na...

P15: Os testes de escola...

P10: Nem só testes de escola, aulas, há gente que tem aulas.

P12: Tu aqui, em Portugal, tens as confederações de pais a pedir que as escolas tenham lá os meninos das 7 da manhã às 7 da tarde.

P8: Sim, sim.

P10: Mas até podiam 'tar, se a escola tivesse condições, por exemplo, para... numa vertente de a partir desta hora...

P8: Mas é mau, é mau.

P10: ... ATL... é atividades, é...

P8: O próprio espaço em si.

P10: 'Tar um dia inteiro lá enfiado dentro, imagina.

P8: O aluno estar o dia inteiro no mesmo espaço, é...

P12: Pois.

P8: ... mesmo a fazer diversas...

P10: Faz falta, faz falta.

P8: Por isso é que o *cartoon* no outro dia era os pais a reivindicar mais aulas e eles a reivindicarem...

P10: Sim...

P8: ... mais tempo com os pais.

P10: ... mais tempo com os pais, pois era.

P15: Claro, claro.

P10: Não, eu acho que era preciso... falarmos, ter tempo de reflexão, fazer uma reflexão sobre isso.

P8: Agora passa por essa mudança de mentalidade e de políticas governativas...

P10: Isso não é só enfiar a malta cá.

P8: ... que libertem mais os pais para poderem estar, não é...

P10: Claro que também é preciso os pais quererem estar.

P8: Claro, claro.

P10: Que há pais que até podem ter tempo e não têm paciência.

P15: Sim, claro.

P10: Agora, eu digo, é, nós, às vezes, queixamo-nos que os pais não fazem. Eu digo é, como é que um pai que trabalha de manhã à noite, chega a casa às 7 da tarde, consegue ter...

P8: Não consegue, não consegue.

P10: ... cabeça para...

P15: Para apoiar.

P10: ... ter o filho ali, coitado...

P15: Cansado.

P10: ... a fazer um trabalho, que já ‘teve na escola um dia inteiro, a fazer o trabalho e depois tem que perceber o que ali está, tem que ter capacidade para acompanhar o que ali está...

P8: Mas o pior é a ingratidão...

P10: Não é fácil, não é fácil.

P8: ... a forma como nós dizemos: “Estes pais não apoiam”...

P10: “Os pais não apoiam, estes pais não ligam”.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] apoio a Matemática ao meu filho, ou...

P10: Não se tu fores ver, até consegues. Se calhar chega a uma altura...

P8: Não, Matemática não consigo.

P15: Não, mas é assim...

P8: Matemática não consigo.

P15: Têm que se dedicar, têm, é verdade.

P8: Matemática não consigo, o máximo que eu vou fazer é...

P15: E temos que ter disponibilidade...

P8: ... se [impercetível – sobreposição de vozes] alguma coisa escrito [impercetível – sobreposição de vozes] exercícios, não é?

P10: E aquele bocado para...

P15: E paciência. E paciência.

P10: ... estares com ele e para falares com ele e para conversares com ele e...

P15: É, e brincar... Olha noutro dia deu uma reportagem na televisão, era no IKEA... um miudinho com os pais. Então era... o... perguntavam-lhe o que é que ele gostava...

P12: Ah, do Natal?

P15: ... o que é que o preocupava, viste? Não, não, não era do Natal.

P12: Ai não.

P15: Então era o que é que... o que é que preocupava as crianças. Miúdos pequenos do 1º ciclo, então um era: “Ai as namoradas”, “Então mas porque é que tu te preocupas?”, “Ah, se elas gostam de mim ou não”. O outro era o tempo que não está a brincar com os pais. Outros era: “Ah, porque...” como é que era? Ele não disse a Economia. Como é que foi que ele disse? A crise, a crise do país. A crise do país. E depois era, então, um casal, a mãe dedicou-se mais ao filho, não trabalhava tanto tempo – não sei o que é que ela fazia – mas o miúdo queixava-se que o pai dizia, o pai, portanto, perguntaram-lhe, então, o que é que ele gostava que... que melhorasse em relação aos pais. E ele só disse: “Ai eu gostava que o meu pai brincasse comigo”. E o pai até lhe disse – ai ele ficou tão envergonhado – “Ai, mas eu costumo brincar contigo”, não sei o nome do miúdo, e ele disse: “Só brincaste hoje”. E eu a pensar “Olha, foi para a reportagem”. [Risos]

P10: Não, é muito complicado. Quando nós dizemos que os pais não ligam...

P15: É, é, é.

P10: ... que os pais não querem saber... Não é fácil, não é fácil.

P6: Pois não.

P12: Eu acho que não é fácil...

P10: Chegar ao fim do dia e ter capacidade para... depois é o jantar, depois é os banhos, depois é os trabalhos e depois é o não-sei-quê...

P15: Não, e nós já vamos moídas.

P10: Sim.

P15: Moídas, completamente.

P12: Eu acho que não é fácil, mas acho que também há uma cultura... há pais que têm uma cultura de hipervalorização da escola.

P10: Sim, também, também.

P12: Eu tenho tido essa experiência este ano, que tem sido fascinante, que é assim: os trabalhos da minha disciplina, são para fazer na minha aula, eu não mando trabalhos para casa. Eh pá, é assim, se o aluno depois quer em casa ir pesquisar, não-sei-quê, pode ir. Se o pai quer ajudar o filho a pesquisar, tudo bem. Agora, eu estar a corrigir um trabalho com um pequeno, eu a ver que o pequeno não percebia nada daquilo e às tantas o pequeno dizer-me...

P10: O pai é que fez.

P12: ... “Ah, essa parte eu não sei, porque eu fui-me deitar e quem fez foi o meu pai”.

[Risos]

P8: Só pela sinceridade, positiva.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas é assim, isto mostra que os próprios pais, também, incutem nos miúdos uma competitividade...

P15: Ah, muito grande.

P12: ... uma... quer dizer, eh pá, eles têm tempo, na aula, de fazer. Não precisam de ir fazer para casa e... e... eu acho que...

P15: E quando já dão... e quando já dão...

P14: E quando na aula as coisas vão mal feitas para casa... o que é que nós fazemos?

P10: Quando? Na aula as coisas vão mal feitas para casa?

P14: Sim.

P10: É chamarmos à atenção. Eu chamo sempre à atenção. Olha, eu adoro ver o caderno do Vicente cheio de erros...

P14: Mas chamas à atenção quem, ao teu filho?

P10: Vou lá dizer ao professor.

P8: Eu não, eu dou-te um exemplo, eu hoje corriji um teste [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu isso acontece mais vezes com o Vicente, é com os erros... Eh pá, ninguém vê aquele caderno, por isso é que ele dá erros. Ele vem-me para casa com aqueles erros? Ele já faz, se nem corrigido, aquilo fica assim... não pode.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Acho extremamente importante. Eu hoje, por acaso, na correção do teste, surgiu-me uma dúvida, que é [impercetível – sobreposição de vozes]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: E a organização é muito importante, a organização do caderno diário. Olha, por acaso, noutro dia o do A...

P10: Pois, mas pode ser que um dia vejas o do V., logo vês...

P15: Meu Deus, eu até mostrei à turma eu disse: “Vejam, por favor vejam este caderno...”.

P10: Mas ele perde tempo por causa disso também. Tem que ser um bocadinho mais rápido.

P15: Ai não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas estava a pensar na hipótese que era tenho 3 pontos para distribuir [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Ai eu, olha eu fiquei encantada com aquele caderno e disse: “Vejam, o que é que é um... um caderno diário”, organização.

P10: Mas foi difícil, isso foi difícil, não pô-lo a escrever mais rápido. O Professor P. chegou a dar-lhe tempo.

P8: Também isso depende se há abertura, se não há.

P12: Bem, vamos falar do nosso trabalho?... Pronto.

P14: Eu tinha lá as sugestões, até me esqueci do caderno.

P12: Tinhas lá, então mas vais-te lembrar, de certeza. Pronto, é assim, eu tinha-vos mandado este documento, porque é assim, a ideia é que as nossas observações não sejam... Nós não vamos para dentro das salas uns dos outros propriamente para estarmos a avaliar o trabalho do colega, não é? Nós vamos observar e vamos, com a nossa observação, procurar contribuir para que o trabalho seja melhor, o trabalho que é realizado pelos alunos. E, portanto, com base naquele texto que eu vos tinha falado, fiz assim uma tradução..., mais simplista e pus algumas questões. É claro que é assim... provavelmente algumas destas questões não serão exequíveis em disciplinas da área das Expressões. Por exemplo, o P16, ele reagiu ao meu e-mail, ele disse que estava de acordo com estas... categorias e disse que, no caso dele, embora fosse uma disciplina experimental, que as coisas que se aplicam, porque, por exemplo, os alunos em Ciências têm que fazer relatórios, portanto, têm que ter a tal capacidade para exprimir o pensamento por escrito, etc., por aí fora. Depois, com certeza que numa aula de Educação Física ou numa aula de de, de,... Desenho, estou a pensar mesmo no Desenho, não estou a pensar na Geometria Descritiva, que já pode ter uma parte mais teórica, mas se tu *tás* a dar Desenho, *tás* a dar Pintura, pronto, enfim. Há coisas que... Mas é assim, nós também temos que pensar que não vamos ter uma... que não é uma grelha perfeita, não é? E que vamos fazendo adaptações e... e aquilo que eu... tentei foi que... aquilo que nós observamos... que a nossa observação fosse mais centrada nos alunos. Não é centrada nos alunos no sentido da gente chegar ao fim e dizer assim: “Ai o M. estava a fazer não sei o quê e o P8 estava a fazer não sei que mais e o B. estava a fazer não sei quantos”, até porque nós vamos para dentro das salas de aula e não conhecemos os miúdos. Quer dizer, eu se for observar uma turma da P6, eu não conheço os miúdos; se eu for observar... Eu só conheço as turmas que eu tenho, portanto. Mas, portanto, a observação aqui é uma observação com um carácter mais genérico. Por exemplo, ali, quando se... se pergunta, por exemplo... não tenho agora, tenho que ir para aqui, vocês desculpem, para eu poder ver.

P10: Está aqui a folha, queres, P12?

P12: Por exemplo, “os alunos têm uma participação ativa ou passiva na sala de aula” Isto é uma coisa que é genérica e que eu posso observar, até... aqui isto eu posso observar em qualquer disciplina, não é? Depois há uma que tem a ver com as interações, não sei onde é que ela está...

P14: Aquela do pensamento por escrito, pode ser perfeitamente verbal.

P12: Também. Por exemplo... “Como são as interações dos alunos, na aula?”, aqui, isto é uma coisa que é, eu acho que é aplicável...

P10: Sim.

P12: ... a todos... Depois, se calhar, aqui há coisas que serão um pouco mais específicas e que não serão observadas em todas as aulas, que têm a ver com as questões da avaliação, não é? Como é que eu, no quotidiano da minha sala de aula, me vou apercebendo do que é que os alunos sabem? O que é que... como é que os alunos, também, vão tomando consciência do que é que sabem ou do que é que não sabem... Por exemplo, esta, eu acho que... que pode ser aplicável em qualquer... área, que é: “Se o tempo de aula é mais utilizado pelo professor a fazer discurso, se é trabalho do professor ou se é trabalho dos alunos”, trabalho dos alunos não quer dizer que o professor não esteja lá a trabalhar, mas uma coisa é eu ‘tou uma aula inteira a falar sobre a queda do Império Romano e outra coisa é eu estar a dar a mesma aula sobre o Império Romano com os alunos a fazerem trabalho autónomo e eu andar de um lado para o outro a fazer a verificação, etc. Portanto, eu pus aqui umas quantas, não quer dizer que nós as aproveitemos todas. Também não sei, eventualmente, se... quais são as propostas que vocês trazem e por isso é que eu trouxe assim, porque nós aqui podemos cortar e podemos acrescentar... Se têm propostas a fazer.

P14: Aquela, do professor, para um nível mais elevado ou mais baixo, vai ser difícil nós avaliarmos, no sentido em que somos de áreas diferentes... O que para mim pode ser elevado...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas é assim, eu quando aqui digo “um nível mais elevado ou mais... baixo”, tem a ver com a taxonomia de Bloom não é? Quando tu fazes um tipo de ensino que é vocacionado para...

P14: Resposta direta?

P12: ... para a pergunta-resposta, é “Então quem foi que descobriu o caminho marítimo para a Índia?”.

P10: Exato. Ou uma de relacionamento...

P12: ... Vasco da Gama, pronto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Diz?

[segmento impercetível]

P12: Ah, pensei que era o “Senhor professor, não fui eu, eu juro que não fui eu”. [Risos]
Também há essa... Pronto. Outra coisa é a... “Então relaciona lá a descoberta do caminho marítimo para a Índia com as alterações que aconteceram na economia portuguesa da época”. Isto são graus de dificuldade diferentes.

P8: Sim, eu também interpretei dessa maneira.

P12: Diz?

P8: Eu também interpretei, por isso, como estavas a dizer à P14, que era quando a pergunta que levava a perceber se era [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, por isso é que eu digo, quando eu digo aqui... tarefas de níveis mais baixos ou mais elevados, é tendo em atenção a taxonomia do Bloom, que eu acho que é aquela que nós ainda quase todos continuamos a usar. Elas, ela já tem atualizações, entretanto... mas pronto. Depois também há as outras que...

P10: E aquela, a primeira, P12, que tu... Está aqui: “Os alunos estão envolvidos em tarefas de que nível?”, leva aqui, também remete para a taxonomia de Bloom.

P12: Pois, exatamente, de que nível, porque uma coisa é...

P10: Mas tipo...

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] por exemplo, é diferente em pôr os pequenos a copiar um texto. Por exemplo, eu ‘tou numa aula de estudo autónomo, eu agora ‘tou um pouco centrada na minha forma de trabalhar. Numa aula de estudo autónomo, eu posso ter... os pequenos estão, tenho dois pequenos, que estão os dois a estudar exatamente a mesma coisa... o caminho marítimo para a Índia e há um que ‘tá simplesmente a copiar do livro, porque é a única tarefa que ele é capaz de fazer, e há outro que já ‘tá a fazer uma tarefa mais sofisticada, que é ler o livro e ser capaz de reescrever o texto por palavras dele.

P10: Exato.

P12: Estás a entender? Portanto, é nesse sentido que eu aqui digo: “O tipo de tarefas que os alunos estão envolvidos”, até porque... na minha perspetiva é assim, é aqui é que a gente pode realmente fazer a diferenciação pedagógica, quer dizer, eu... as pessoas, na

minha perspectiva, têm que se convencer que... há bocado vocês falavam dos especiais, não é? Pá, eu não posso crer que o P. esteja na aula a fazer a mesma coisa...

P10: Exatamente.

P12: ... que faz... que fazem os outros miúdos. Mas posso querer que ele esteja a aprender a mesma coisa. Ele pode aprender o caminho marítimo para a Índia, tem se calhar é que aprender com tarefas mais fáceis, do que os outros que têm outro tipo de capacidades. Portanto, é nesse sentido que eu aqui ponho este tipo de, pronto, este tipo de questão.

P14: Mas aí, se calhar, não era melhor especificarmos, de que nível?

P8: Prático...

P14: Sim, para nós depois...

P8: Pois, porque são disciplinas diversificadas...

P6: Tem a ver com as disciplinas?

P8: E é quando se fala em nível, o nível é independente [impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Acho que é abstrato.

P12: Querem pôr como?

P14: Os tópicos por baixo, talvez.

P12: “Os alunos estarem envolvidos em tarefas de aquisição/compreensão” ou “em tarefas de análise e síntese”?

P10: Aplicação.

P12: Aplicação.

P10: De análise, síntese. Avaliação.

P8: Sim e uma outra, por exemplo, trabalho prático ou...

P12: Pronto.

P8: Podemos pôr três ou quatro opções.

P14: Especificar. Pôr... uns tópicos... uns subníveis.

P10: Está, está aqui em baixo.... Aqui...

P14: Ah está em baixo?

P8: Sim.

P10: Remete para aqui. Tem aqui em baixo a taxonomia de Bloom remete para os níveis.

P14: Aquisição, conhecimento...

P10: Aquisição/conhecimento, compreensão... Se calhar na grelha é mais fácil. Em vez da gente estar à espera, tipo, a pensar o que é que é, aparecer lá e só marcar.

P12: Ah, sim. Também podemos...

P14: Uma cruzinha, talvez, uma coisa fácil de nós...

P10: Estás a perceber, P12? Em vez de eu estar ali, por exemplo, deixa cá ver o que eles estão a fazer é aquisição/compreensão... Não, [impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Se tivéssemos...

P8: As letrinhas pequeninas dos seguros, que é para depois [impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Sim, já percebi. Portanto, eu posso ter, digamos assim, uma coluna...

P10: Imagina, exato.

P12: ... com o título...

P14: Ou umas... pomos a frase. Uma cruzinha e já está.

P12: Nível da tarefa, nível da tarefa.

P10: Nível da tarefa... Uma destas e a gente...

P12: ... e depois tem cinco colunas. Aquisição, *ta, ta, ta*.

P10: Por exemplo. Por exemplo.

P12: Então espera aí...

P14: Para ser mais fácil quando nós estivermos a...

P10: Penso que é mais fácil nós, que estamos lá...

P15: Uma grelha.

P10: ... a visualizar, não é?

P14: Sim, é mais fácil chegar lá, fazer uma cruzinha do que...

P10: ... Do que estar a pensar “ora bem, deixa ver os alunos estão envolvidos em tarefas de aquisição/compreensão...”.

P8: Bem, eu vou-vos contar, só para irem ao meu 7°C. Oh pá, que turma, *show!* Já tinha saudades de dar aulas.

P14: Mas as outras não são iguais.

P8: Pois, já ouvi dizer que não. Tinha saudades de dar aulas ao...

P10: Olha o 7ºA....

P8: ... 7º, a um 7º ano.

P14: Mas o pior é [impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu acho que, se pudesse, ia todos os dias dar aulas aos putos.

P10: O B? O B era qual? Deixa-me ver.

P8: E tem aquele miúdo...

P15: Porque juntaram os melhores, nessa turma...

P14: Pois é...

P15: ... porque eles foram para alemão.

P8: Atenção que não foram juntos, eles foram seleccionados pelo professor.

P15: São muito bons.

P8: Sim, sim, mas por pouco...

P14: Mas também temos outra aluna no A, outra aluna no A que também é muito boa.

P10: A S. .

P14: A S. .

P8: Não, eu acredito que...

P15: Mas ao pé dos do outro não tem nada a ver. Tu tens os C?

P8: Do C, do C.

P10: Ela destaca-se naquela turma.

P14: Quer dizer, ela para mim, no primeiro teste, foi das melhores.

P10: Sim, ela destaca-se naquela turma, é verdade.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mesmo o A., que era um miúdo supostamente...

P14: O teste dela é igualzinho ao dos outros.

P10: Já sei, era o 6°C.

P8: ... deve ser da medicação, deve ser da medicação.

P10: Ah, é da medicação, é.

P15: Quem?

P8: O A. . Deve ser da medicação.

P10: O B. .

P8: O miúdo não me fez um único falhanço, no sentido de saber estar...

P15: Sim.

P8: Pede para, pede autorização para...

P10: Nível de tarefa, por exemplo, não é?

P15: Sabes que ele, depois, à tarde, ele não toma a medicação e transforma-se. É verdade. Tu não imaginas, ele tinha apoio comigo...

P8: Sim, sim, sim. Sim, eu...

P10: O pai e a S. acham que... que é a medicação.

P8: Eu também acho que temos que ter algum cuidado nisso. Não é...

P10: Agora, o miúdo anda aí um bocado também à... à deriva.

P15: Mas ele, no ano passado, também andava.

P14: Mas ele portou-se muito bem no primeiro teste e neste acho que não.

P15: Ele depois tem... oscila muito.

P8: Sim, sim, sim.

P14: Tirou-me satisfaz bem no outro e neste acho que vai tirar [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas essa turma é fantástica, sem dúvida.

P8: É, e depois aquela miúda...

P14: Ambiente, atitudes...

P8: ... a miúda que entrou, que veio de Viana do Castelo...

P15: Ai a H. . É muito querida.

P10: Olha, mas por exemplo, a...

P8: Só leitura, tu oh... apetece-te...

P10: ... a B. . A B., o D., o T....

P8: Tu notas a diferença para os miúdos [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: ... que não eram dessa turma estão um bocadinho deslocados naquele 7º A.

P8: Pois estão. E a B. está-se a perder um bocadinho a boa imagem... A miúda, a miúda está-se a perder muito.

P10: Eles estão... e o D. ... estão um bocadito deslocados, eles ainda não estão bem, bem integrados naquela turma. Essa turma, ouve, essa turma foi das melhores turmas que eu já tive até agora.

P8: O E., o E. é uma... já o tinha uma boa imagem...

P10: É um miúdo impecável.

P8: É um miúdo top. Pá, todas as intervenções são...

P10: O último, como é que se chamava o último?

P15: Quem?

P8: O W. .

P15: O W., ai eu adoro o W. .

P8: Ouve, eu meto três [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: O W. ... é super inteligente. Aquele miúdo...

P8: Três pirâmides etárias, a escala das três, para eles dizerem qual é o que se, qual é... pirâmides etárias... a Torre Eiffel... Qual é a imagem que observa mais pormenores e porquê. Era só dizer que era a terceira, porque é... foi aquela que foi menos vezes

reduzida. Menos... “Professor, posso tirar uma régua?”... “Uma régua? Podes...”, “Eu vou lá medir a pirâmide...”. Este gajo, vai ao pormenor.

P15: O W.?

P8: Sim.

P15: Mas o W. ... se fosse trabalhado como é a M. e o E., aquele miúdo era aluno de 100 a tudo.

P8: Ele teve...

P15: Ele tem muitos problemas de saúde...

P10: A M. está nesta turma?

P14: Também tirou-me 83 e fez o teste sem apoios e sem adaptações.

P10: A M. é do Dr. R.?

P15: Sim. Não. A M. do Dr. R. é outra M. .

P10: Há outra M. . Mas a outra M. tem mau feitio.

P15: Sim, tem.

P14: Mas este ano não notei.

P10: É mal formadinha.

P14: Mas, olha, este ano ainda não notei isso.

P8: Eu também estou a ficar com essa impressão. Eu penso que ela está a evoluir.

P14: Eu acho... eu ainda não notei nada disso, na aula, ainda não...

P8: A miúda, a miúda tem um lado muito...

P15: Mas se calhar fez-lhe bem ela ter mudado para essa turma...

P8: Talvez, talvez.

P15: ... porque ela não gostava daquela turma.

P8: Pois, e o M. no outro dia também falou, estávamos a conversar os dois e ele disse “a entrada da H. ...”.

P15: É muito competitiva.

P8: A turma tem muitos, tem bons alunos, o que a competição...

P10: Mas competitiva não era uma competição saudável.

P15: Saudável.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] E eu estou a ficar com essa boa impressão da M., nesse aspeto.

P14: Eu também tenho boa impressão da M. . Para já ainda não tive, ainda não tive...

P15: Ela é muito boa aluna. Muito trabalhadora, é verdade.

P8: Mas em termos de atitudes parece que está a mudar pela positiva.

P14: Em termos de atitudes nunca tive queixa dela.

P8: Ainda ontem ela teve uma atitude muito interessante pela positiva, em relação a isso. E pede para intervir e diz: “Olhe, professor, aconteceu...”, foi uma situação qualquer de uma caminhada que ela fez, com o pai, não sei quantos...

P14: Tu não tens o 7ºD?

P8: Não, só tenho o 7ºC.

P14: O 7ºD é um desinteresse...

P15: Ai, sempre foram...

P14: Oh pá.

P15: E quando estavam todos nessa turma? Nós não conseguimos... Eu dizia: “Mas eu estou a falar para as paredes?”. Ninguém interagia.

P8: Já o 7º D do ano anterior era muito fraquinho.

P10: Análise...

P14: Prefiro o 7ºA, porque ao menos vejo os olhos deles.

P10: Eh pá, mas o 7.º...

P14: Vejo os olhos deles.

P15: Pois, é, é.

P14: Os outros não.

P15: Dá para ver que eles ainda estão a perceber alguma coisa. Interação.

P14: No olhar deles tu percebes.

P15: Agora o B...

P8: Eu, inclusive, vou fazer questão de assistir a aulas desses... se der no meu horário, para conhecer essas duas turmas.

P14: No C. No C, no B e no A?

P8: Até porque já há dias tinha conversado com a malta... mesmo que não seja nisto, vou ter que ir ver para...

P14: Mas as aulas de 45 são... as aulas de 90 são separadas.

P8: Não, mas principalmente as aulas de 90, podem ser até pessoal não que esteja cá no grupo, para conhecer melhor os alunos.

P14: Mas se quiseses ver a turma toda, tem que ser nas de 45, que as de 90 são separados.

P15: Mas eles...

P10: E avaliação?

P15: No ano passado, o 6°C, eu adorava aquela turma.

P10: Sim. Foi a melhor turma que eu já tive. Evoluiu, tu vias evoluir.

P15: E o T., o T. é, em que turma é que está?

P14: O E. eu já notei diferença.

P10: É dessa, não é?

P15: O T. está no A?

P8: O T. ...

P14: O T. não está... está no B, acho eu.

P15: Ah, que pena.

P14: Ou está no A? Está no B. É dos poucos da B.

P10: Aquela miúda de cabelos compridos louros.

P14: E ele é inteligente.

P15: Pois é, pois é.

P14: Olha, e é dos poucos que temos na B.

P15: Olha que pena, ele devia estar era na outra, no C.

P10: Lembras-te, P15, como é que se chamava aquela de cabelinhos louros que era dessa turma? Cabelos louros compridos.

P15: A. .

P10: A..

P15: É tão querida essa miúda.

P10: Está em que turma, essa miúda? Essa também mudou por causa... Está no B...

P15: Essa está com a I., está na... está no C.

P8: Há uma A. no C. Há uma A. no C.

P15: Mas ela é fraquinha.

P8: É fraquinha, é. Mas boa miúda, muito boa miúda.

P15: Mas é tão forçada, ela é tão...

P14: Quem é essa?

P15: A A. .

P8: A A. .

P15: Que anda sempre com a I. da R. A. .

P8: Sim, sim.

P14: Mas ela é muito fraquinha.

P15: É.

P8: Por exemplo... É fraquinha, é...

P15: Mas ela é tão trabalhadora.

P8: Pois é.

P15: Dá tanta pena.

P8: Olha, a I. F. , também não tinha grande imagem da miúda...

P15: Mas ela está a mudada.

P8: ... mas tem sido uma surpresa muito agradável. Muito agradável...

P15: Muito... Está, está, está.

P8: ... a forma de participar.

P14: Mas a A. não está a conseguir.

P10: Qual I.?

P8: Não, a A. tem muito, muitas dificuldades...

P15: Aquela, aquela chumbou e estava no...

P10: Ah, sei, sei, sei. Mas já no ano passado ela esteve bem.

P15: Eu não a tive o ano passado, eu tive-a no 5.º.

P8: Inclusive, eu noto que ela estava mais participativa antes dos testes.

P10: Aliás, naquela turma... ela estava no A.

P8: ... Apesar de tudo...

P14: Antes do primeiro teste. Agora retraiu-se desde que teve...

P8: Penso que é isso, ela... os testes têm afetado.

P15: Ela cresceu, cresceu, cresceu. Ela chumbou e fez-lhe bem chumbar.

P8: É, teve uma série delas.

P12: Acho que vou fazer ao contrário. Vou pôr assim, vou pôr... estes níveis e depois ponho então, aqui: nível da tarefa, tipo de questões do professor, etc., etc., etc Não vou parece melhor? Porque senão isto vai ficar muito repetido.

P14: Mas o nível é para nós pormos 1, 2, 3...?

P10: Não, para assinalares qual é.

P12: É para assinalares. Por exemplo, repara...

P10: Estás a perceber? A que nível de tarefa está?

P12: As questões colocadas pelo professor são orientadas para... níveis mais elevados ou mais baixos e tu *tás* a observar a minha aula e dizes assim: “Olha, ela hoje só está a fazer questões aqui para o nível da compreensão”. E assinalas aqui. Ou... ou... ou pões, pronto. Agora, o que eu acho é que em vez de pôr, portanto, este nível de tarefa, tipo de questão do professor, etc., deve vir aqui nesta linha e estas coisinhas...

P10: Em baixo.

P12: ... é que devem vir aqui, não é?

P14: Sim.

P10: Sim.

P12: Não vos parece? Então, vá, vou fazer outra vez. [Risos]

P14: Porque assim já podemos usar isso... para as outras questões.

P12: Exatamente. Incidir...

P8: Aproveita para brilhar, senão chamo já a P1. [Risos] Não temos cá a técnica de informática, hoje tens 30 segundos de fama. É verdade, ela não teve muitas, teve 3.

P14: Mas essa [segmento impercetível].

P8: A A. .

P14: A A. esteve a Físico-Química na avaliação intercalar?

P8: Sim.

P14: Ai já teve? Então vai manter.

P8: Mas ela estava mais participativa antes dos testes.

P14: Também eu notei.

P8: A miúda, talvez...

P14: Desde o último teste que ele... que ela...

P15: Mas ela é muito tímida.

P8: Sim, mas participava e estava bem.

P14: Mas ela estava a participar.

P10: A A. .

P15: É uma pena, ela não dá mais, ela esforça-se tanto, tanto, tanto, que ela não consegue.

P14: Mas ela tem muitas dificuldades a Matemática.

P8: Chegaram a pedir alguma avaliação?

P14: E algumas questões ela não compreende...

P15: Não.

P8: Da Educação Especial, não?

P14: Ela precisa, se calhar, de uma ajuda individual.

P10: Acho que sim, mais apoio.

P14: Porque eu acho que ela, ela consegue se tiver uma ajuda individual. Ela precisava de vir era à sala de estudo... Era para...

P15: Mas com a carga horária que eles têm, como é que eles...

P10: É um exagero.

P15: Coitados. Eles, o 7º, 8º e 9º têm todos os dias...

P14: Eu tenho a turma desdobrada, por isso, eu... só que ela também não pergunta e eu nem sequer me...

P15: Não, ela não pergunta.

P14: Não pergunta, não.

P15: Nem te vai perguntar nunca.

P14: A parte dos cálculos, eu já me apercebi que ela...

P10: Ela tenta passar despercebida, sim. Mais despercebida.

P8: Ainda ontem estava em casa e estava a pensar nisso. Eu, se pudesse, ia à escola todos os dias dar aulas àquela turma.

P15: A qual, ao 7ºC?

P8: Ao 7 C.

P10: Olha e eu tive uma vantagem...

P12: Nível da tarefa, pronto, já 'tá lá. Agora, questões do professor. Ponho aqui, questões do professor, certo?

P10: As questões são colocadas para os níveis mais elevados ou mais baixos?

P15: Mas no ano passado eu já adorava aquela turma, mas este ano ainda puseram aqueles melhores dos outros, das outras turmas, nessa turma, porque foram todos para Alemão.

P8: Não foram colocados, eles é que escolheram, eles escolheram.

P15: Foi Alemão, foi Alemão.

P8: Sim, sim, porque havias duas opções. Mas nos últimos anos temos optado por... optado por isso, que é, depende do número de alunos que optam pelo Alemão, se fazemos só com aquilo ou se dividimos...

P12: Pronto, eu acho que... eu acho que aqui, não sei se estão de acordo comigo, mas eu acho que esta repete um bocadinho a primeira. As tarefas em que os alunos se envolvem, ou são envolvidos, encontram-se em que nível?

P15: Sim, repete.

P12: Eu acho que esta repete a primeira, portanto, não vale a pena. Depois...

P8: Apague, se faz favor.

[...]

P15: E eles são muito amigos uns dos outros...

P8: Mesmo a H. .

P15: ... não há aqueles...

P8: A H. sentes... houve ali uma integração muito fácil, muito acessível.

P15: Eu já lhe dei duas vezes substituição, ela é muito querida. Muito querida.

P8: A H.. Tu notas logo a diferença.

P12: Esta três já posso apagar, não é?

P15: E não tem sotaque nenhum do norte.

P8: Mas tu notas logo a diferença.

P15: Sim, a postura, não é? Aquela...

P8: A pontuação, o respeito pela pontuação e tudo isso em relação aos nossos alunos, notas diferença.

P12: Aqui ponho o quê? Posso pôr... por exemplo...

P15: E a parte da comunicação... entre eles, não é?

P12: ... “Os alunos são capazes de exprimir o seu pensamento por escrita”, produção escrita... Ponho produção escrita.

P10: Olha, e não queres pôr...

P12: Diz.

P10: ... “São capazes de exprimir por escrito/verbal”? Porque, por exemplo, para mim, numa situação mais prática...

P14: Para mim também é mais verbal.

P10: ... eu posso pedir para me explicar um determinado exercício ou um determinado gesto técnico e verbalmente...

P12: E se pusermos as duas colunas? Expressão escrita, expressão oral?

P10: Também, também.

P15: Separado?

P12: Sim. Expressão...

P10: Mas depois também...

P12: Escrita...

P10: Temos que assinalar sempre ao nível daquelas...

P12: Mas depois aquela que tu não assinalas... também não é... É assim, é o que eu digo, eu acho que há aulas onde a expressão escrita não tem significado nenhum.

P10: Sim.

P12: Há aulas onde a expressão oral tem... mas... Eu, eu sugiro a separação por uma razão, porque a atividade escrita é sempre uma atividade que requer níveis de complexidade maiores do que a expressão oral. E tanto que muitas vezes os miúdos dizem assim: “Ai eu sei o que é, mas não sei dizer” ou “Sei dizer, mas não sei escrever”.

P10: Olha, dá-me um exemplo... Então aí, por exemplo, expressão escrita, tu perguntaste... pediste, não é? Aos alunos para escreverem qualquer coisa.

P12: Sim.

P10: Uma resposta. E nós temos que assinalar numa desses, num desses... parâmetros?

P12: É assim, tens que assinalar, se tiveres acesso a... a...

P8: Se foi uma questão... se foi uma questão de compreensão ou não... se...

P10: Ver qual é.

P12: Se tiveres acesso a isso. Imagina, por exemplo, tu vais assistir a uma aula e eu ‘tou, estamos a construir um texto coletivo, pronto. E no texto coletivo tu percebes que

há miúdos que claramente não têm facilidade na escrita e percebes que há outros miúdos que têm essa capacidade. Tu, depois, na grelha, não vais assinalar todos, mas podes assinalar, olha, reparei que houve dois ou três com muitas dificuldades, portanto, que não... não, não têm qualquer espécie... Não preenchem aqui... Não sei, depois se calhar aqui vamos ter que ver melhor.

P10: Pois, estás a perceber? É aí nesse, onde é que...

P12: Se calhar aqui estas já não podem entrar com estas categorias, têm que aparecer cá em baixo.

P10: Exato.

P12: Em vez de aparecerem como colunas, aparecerem como linhas, não é?... Não vos parece?

P10: Sim, sim, sim.

P12: Então, acrescentar linhas.

P10: Por exemplo, na minha disciplina, não sei se na da...na da P6, se calhar, fazia sentido aparecer alguma coisa daquela taxonomia de [segmento impercetível] aquela...

P12: Exatamente.

P10: Porque eu uso muito a sequencialização de Lewis para chegar àquele... àquele objetivo final. Eles precisam sempre do anterior para chegar àquilo, portanto...

P12: Aqui, aqui se calhar, vai ter que ter é... se calhar vamos ter que ter grelhas diferentes, sabes?

P10: Pois.

P12: Não sei, o que é que vocês acham? Mas eu acho que há aqui coisas que... que não cabem naquela primeira...

P8: Pois, e é assim, eu penso que era mais fácil...

P14: Especificar...

P8: Se nós pegássemos em cada ponto e, primeiro, analisarmos, os que ficam e os que saem fora... depois tentarmos perceber. É assim, mesmo com aquela grelha do ano anterior que nós usávamos que era super, muito simples. Eu, se souber que são esses os pontos que eu vou lá observar, eu consigo preencher aquela grelha de acordo com isto.

P10: Mas eu penso que, mesmo assim, é mais fácil tu teres isto à frente e...

P12: E, e ficamos só com isso? Também pode ser.

P8: Sim, mas aqui, mas fazíamos já um esquema do tipo, olha, na primeira questão, fica a primeira, ok. E o que é que nós definimos, por tópicos ou não sei quantos? Definimos assim, olha, o que é que diz a primeira questão?

P10: “Os alunos estão envolvidos em tarefas de que nível?”

P8: De que nível?

P12: Então...

P8: Portanto, meter... teórico, prático, não sei quantos.

P12: Já percebi. Já percebi.

P8: Meter três ou quatro tópicos. Questão dois, como é que é? Depois o que interessa é... eu quando estou a analisar a aula tentar ter a capacidade de... de chegar a estes pontos. Provavelmente, a primeira aula vai ser...

P12: Então deixa ver se eu estou a compreender o que tu me estás a dizer, aquilo que eu vou pôr na grelha são estas questões... e depois o que eu vou ter à frente é um espaço todo branco para preencher com cruces...

P8: Em que vou tentando preencher. Agora, é assim, a primeira...

P12: Não, com cruces não.

P8: ... a primeira, a primeira vez provavelmente vai ser mais difícil, vai falhar.

P10: Sim, assim se calhar faz mais sentido. Estando lá a questão de um lado, exatamente, e a parte em branco do outro, porque tu depois aí consegues pôr, por exemplo, ao nível... Os alunos estão envolvidos em tarefas de que nível? Pode haver mais do que...

P8: Sim, sim. Sim. Se eu tiver espaço, depois vou dizendo, olha, por exemplo, houve... a grande parte do tempo estiveram a fazer estas tarefas... Um terço do tempo esteve a fazer isto, não sei quantos.

P12: Então espera aí, porque entretanto eu acho que já apaguei as três primeiras perguntas. Ditem-me lá.

P10: Está aqui, toma. Queres... as três primeiras eram: Os alunos estão envolvidos em tarefas de que nível? Vou eliminar aquela que se repetia, não é?

P12: Ah, sim.

P10: Aí pode aparecer, então, estes parâmetrozinhos da taxonomia de Bloom, os diferentes níveis... não?

P12: Pronto, e aqui, eu fico com um espaço em branco...

P10: Tudo em branco.

P12: ... deixa-me ver se é isto, que eu acho que...

P10: Unir células.

P12: Penso que é... E eu fico com um espaço em branco em que eu depois posso dizer... Os alunos fazem essencialmente tarefas do nível da aquisição ou fazem...

P10: Exatamente.

P12: ... ou fizeram...

P10: Ou uns estavam a fazer isto, outros fizeram aquilo.

P12: Exatamente. Ou fizeram durante 50 minutos tarefas apenas do nível da aquisição, mas os últimos 15 minutos da aula foram para tarefas do domínio da avaliação.

P8: Sim, sim, sim.

P12: E é aí, lá está, também entra a vossa taxonomia de Harold, que...

P10: Pois.

P12: Porque vocês não trabalham tanto com a do Bloom, como nós, penso eu de que...

P10: Não.

P12: Pronto, estão envolvidos em tarefas de que nível?

P10: Se calhar além pode aparecer na mesma os tais diferentes nível, entre parêntesis pequenino, aqui como... em letras pequeninas, como diz o seguro. [Risos]

P12: Sim, sim, sim.

P10: Sim, se calhar é mais fácil nós sabermos o que é que queremos, pretendemos e...

P12: Eu como apaguei, agora já não...

P10: A segunda pergunta era...

P12: Como apaguei agora já não... mas eu vou fazer aqui uma coisa, espera.

P8: Queres a ajuda do público, 50/50 ou ligas para casa?

P10: Ou tens alguém para ligar?

P15: Telefonar.

[Risos]

P10: Já estão aí.

P12: Os alunos estão envolvidos em tarefas de que nível?

P10: Elimina a terceira, P12.

P12: Sim, elimino a terceira, mas agora já vou buscar aqui...

P10: Exato.

P12: ... Vou buscar aqui as letrinhas pequeninas...

P10: É muito?

P12: Não.

P10: Ah. Copiaste tudo. Não vale a pena isso tudo. Basta os diferentes níveis.

P12: Pois.

P10: A partir do, do...

P12: Aquisição.

P10: Sim... até avaliação.

P12: Aquisição, compreensão, análise, síntese.

P10: Não é? Basta...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] peso de consciência das letrinhas pequeninas, senão...

P12: Pronto. E agora...

P10: Mete lá e cima, mete lá em cima, tens que pôr o cursor no nível, à frente... aí.

P12: Aqui?

P10: Não, à frente de, do ponto de interrogação...

P12: Sim.

P10: ... podes meter essa, aí, entre parêntesis...

P12: Ah!

P10: Não é?

P12: Pois, exatamente.

P8: Sim, bate certo.

P10: Em vez de estar cá em baixo, na folha.

P12: Oh pá, não... não estava a ver. Isto...

P14: Ou por cima da...

P10: Pronto, claro que isso depois abres um bocadinho mais, não é? Para, para... sim.

P12: Claro.

P15: Alargas a coluna.

P12: Abre-se um bocadinho mais a coluna e...

P10: Exato.

P12: ... também se pode pôr. Este pode ficar com letrinhas mais pequeninas.

P10: Sim, exatamente.

P12: Pode-se...

P8: Nessa parte de cima.

P14: O outro a negrito e esse fica assim.

P12: E este fica um bocadinho mais pequenino... pronto.

P8: E onde é que está a igualdade? [impercetível – sobreposição de vozes]

[Risos]

P12: Agora, qual era a segunda pergunta?

P10: As questões colocadas pelo professor... Podes é ir colar ao documento.

P12: Eu sou tão burra.

P14: Porque é mais fácil do que estar a escrever.

P12: Pois, claro.

P8: Vou ter de chamar a professora de Educação Especial.

[Risos]

P12: Oh pá, podes crer.

P15: Vamos ter que sinalizá-la [Risos] para fazer uma avaliação.

P10: Exato.

P12: Agora espera... que agora, isto aqui... E vamos... unir célula... pronto. Depois havia a tal que se...

P10: Para eliminar.

P12: ... que é...

P10: Os alunos são capazes de exprimir o seu pensamento por escrito... ou verbalmente.

P12: Exatamente.

P10: Aí já não precisas das duas, repetir, podes pôr por escrito ou verbalmente, não?

P12: Exato.

P14: Eu aí punha barra, verbalmente. Pronto.

P12: Oralmente, exato, *control-copy*... Ai, depois estas teclas... Vocês têm mesmo que ir chamar a I. O., pá. Os alunos são capazes de, *control-copy*.

P10: Sim.

P12: Pronto. E agora aqui *control-V*, por escrito.

P10: Barra, verbal.

P12: Barra, oralmente.

P10: Sim.

P12: Oralmente. Pronto. E, aqui... unir. Depois...

P14: Os alunos são capazes de fazer...

P12: Se calhar antes de passarmos...

P10: São capazes de fazer...

P12: ... para o [segmento impercetível], púnhamos que tipo de aprendizagem é privilegiada...

P10: Se privilegia.

P12: ... se conceptual ou procedimental, não acham?

P8: Penso que sim.

P10: Sim.

P12: Não acham que está é a mais... porque depois a do *transfer* vem mais na sequência da avaliação.

P14: Eu nunca sei distinguir muito bem isso, conceptual tem mais a ver com os conceitos, não é?

P10: Sim.

P14: E a procedimental? É relacionada com...

P12: A procedimental tem a ver com a prática.

P10: A prática.

P15: Por exemplo, o laboratório, tu.

P10: Dás o conceito e a seguir eles vão aplicar. Por exemplo, quando eles estão a aplicar determinada coisa que tu disseste, mas que fazem uma experiência ou testam para ver o que é que...

P14: Ou, por exemplo, resolver um exercício?

P15: Sim. Para mim tem que ser assim.

P6: Por exemplo. Para mim, é.

P15: Para mim também.

P14: Eu, atividades experimentais só... não faço muitas.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] dás os conceitos...

P12: Eu aqui substituiria uma coisa, que eu acho que não está muito bem. Não é conceptual... Ai, olha, [impercetível – sobreposição de vozes] Falta-me outra vez o termo. Não é conceptual que se utiliza. Procedimental ou... Agora falta-me o termo.

Porque uma aprendizagem procedimental pode ser uma aprendizagem... A aprendizagem conceptual é uma aprendizagem de conceitos, mas há a chamada aprendizagem Procedimental, que é aquela que tem a ver com a aprendizagem pela prática, declarativa. Aprendizagem declarativa, que é aquela... que é aquela que a gente usa mais, que é... “Então, Vasco da Gama saiu de Belém, em 1497 e chegou em 1498. Vamos lá repetir”, já aprendemos.

P10: “Digam”.

P12: Isto é a chamada aprendizagem declarativa, ou seja...

P15: Que é da repetição.

P12: Não resulta... Exatamente. A aprendizagem procedimental é aquela que resulta da experiência.

P15: A fazer perguntas...

P12: Ambas podem ser conceptuais, porque eles estão ambos a trabalhar... estão a trabalhar conceitos à mesma. Mas eu quando fiz a tradução, na altura, já me faltou a palavra e eu sabia que não era aquilo que eu queria. Portanto, é mais declarativa ou Procedimental. A gente, embora o ideal fosse não ser isso, a verdade é que a gente privilegia muito a declarativa, não é?

P8: Que é repetir a... a viagem do Vasco da Gama.

P12: Comigo não.

P10: Comigo também não.

P6: A Geometria não há hipótese.

P10: Quer dizer... [Risos] quer dizer... fazer quinze toques de dedos na bola...

P12: Que tipo de... Pronto, aqui já está emendado. Os alunos...

P10: Eu gosto é... Como é que pões as mãos? Como é que devem fazer o toque por cima... toque de dedos no voleibol?”, “Assim”, “Assim, como? Descreve-me lá isso. Imagina que vais escrever”... Mãos acima da cabeça, palmas das mãos viradas para cima, eles é logo: “Assim”. E eu: “Quer dizer que no teste, por exemplo, se tiveres que escrever, tu pões: *assim*”.

P15: Pois é.

P10: Eles sabem, mas...

P12: Pronto, isto aqui de alguma forma está relacionado com o anterior, porque os miúdos na aprendizagem procedimental têm uma atividade muito mais...

P8: Sim, mais...

P12: Por exemplo, na Educação Física, a aprendizagem, creio eu, é mais procedimental...

P10: Sim, sim.

P12: ... do que declarativa.

P8: Sim.

P10: Eles têm que fazer para aprender.

P8: Fazem inicialmente...

P10: Eles ao ver não vão lá.

P15: Dita as regras, não é?

P10: Mas tu, primeiro, dás a parte prática, ensinas a fazer e depois é que vais metendo as regras.

P14: Senão não ficam, não é?

P10: É.

P12: Eu vou é pôr a folha ao contrário.

P10: Não, porque naquele nível, por exemplo, 'tar a dar a regra do jogo, não... adianta muito, nem serve muito se ele não saber fazer o passe...

P8: Tem que saber de correr...

P10: ... se ele não souber fazer o gesto técnico adequado, estás a perceber? Eu prefiro que eles saibam primeiro... saibam fazer o gesto técnico, as regras eles têm até ao 12º ano para trabalharem.

P12: Depois, a maior parte do tempo, acham que esta é relevante? A maior parte do tempo... Parece-vos importante esta?

P8: Se conseguires ler, é que eu não consigo ler nada daqui.

P12: A maior parte do tempo de aula é utilizado com discurso de trabalho do professor ou dos alunos?

P10: Sim, sim, sim.

P8: Acho que é muito importante. Lembras-te daquela dúvida que eu continuo... existencial... da ideia de centrar, que acho que centro muito a aula na minha pessoa?

P12: Exato.

P8: Por isso é que acho que é muito importante essa...

P12: Mas acho que é uma tendência que todos temos, P8, não é... não é...

P8: Sim, mas eu sinto, por exemplo, que... em determinados conteúdos é uma arma de defesa, que é para os alunos não te complicarem a vida, às vezes. E tu estás naquela “Bem, se estes gajos fazem uma pergunta complicada, eu vou-me esticar todo”, enquanto que há... há matérias, por exemplo, o 8º ano, que é sobre a população, que, para mim, são os conteúdos mais bonitos da Geografia, eu, se for preciso, estou três horas, ninguém me cala.

P12: É assim...

P8: Que é tão interessante, que vais...

P12: Eu estou a partir do princípio, caros amigos, estou a partir do princípio que não vamos pôr todas, porque senão fica inobservável e’ tou-me a centrar mais nas que tem a ver com o trabalho. ‘Tou a deixar de fora, um bocadinho, as da avaliação. Acho que as da avaliação, a gente depois pode entrar com elas noutras núpcias.

P8: Sim, até poderemos fazer numa segunda fase.

P12: Exato. E então, o que eu sugeria agora era... como são as interações dos alunos na aula e esta seria a última categoria...

P10: Sim.

P12: ... parece-vos bem?

P10: Sim, acho que sim.

P14: Mas eu acho que avaliar o que aluno aprendeu na aula que também é importante.

P12: P14, eu também acho, mas é assim, mas o que eu acho é que nós já temos aqui muitas categorias...

P15: Mas como é que tu... tinhas que...

P10: Mas, por exemplo, se tu...

P15: Ajudas a corrigir os testes?

P10: ... se tu fizeres uma reflexão, no final da aula, sobre o que foi feito.

P14: Exatamente. Ou pedes para eles fazerem uma síntese.

P10: Então...

P14: Por aí tu já vês, mais ou menos o que é que eles sabem.

P15: Mas aluno a aluno não tens tempo.

P10: Não, não, mas verbalmente.

P14: Mesmo de aluno a aluno, imagina que tu dás uns cartões e fazes perguntas assim...

P12: Pronto, então...

P14: ... disparatadas e eles só têm que dizer que sim ou não. Todos ao mesmo tempo.

P15: Sim, ou de escolha múltipla.

P14: Sim, uma escolha múltipla, onde eles têm de...

P15: Sim.

P14: E tu consegues ver...

P15: Aferir os conhecimentos.

P14: ... se a maioria atingiu ou não.

P10: Mas aí tu, é uma coisa mais global, não é? Por exemplo, estás a fazer uma avaliação àquele objetivo a que te propuseste naquele dia. Será que eles fazem ou não? Conseguiram fazer ou não conseguiram, não é?

P14: Mas fazer uma síntese da aula dá para perceber.

P8: E é assim, eu também penso, que no decorrer da própria aula, eu pelo menos é a ideia que eu fico, eu quando vou assistir, a reação que os alunos vão tendo, quando são colocadas questões... aquela questão de ver só um aluno... ainda hoje coloquei uma série de questões no 7C, eram sempre os mesmos três que levantaram o dedo. Disse: "Estão proibidos". Não sei... quem é que quer vir corrigir? Era E., M. e a filha do Dr. R. ...

P15: A M., também.

P8: ... a outra M. . Estão proibidos, nem vale a pena. Mais ninguém levantava. Depois houve alguém que... que se ofereceu, já não me recordo quem foi, mas um pouco por isso, acho que quando tu vais vendo a participação ou a questão daquela iniciativa de querer participar, colocar questões...

P14: Mas se for uma aula mais expositiva, não te apercebes...

P8: Claro, claro. Claro. Não te apercebes tanto.

P14: Se for uma aula mais prática, percebes.

P12: Eu, eu, eu vou dizer uma coisa, eu acho que a questão da avaliação é uma questão importante, os miúdos terem consciência do que é que estão a aprender, etc., etc., mas sou sincera, acho que para o princípio de trabalho, não sei se não... Porque nós já temos aqui 8 categorias, meus meninos.

P8: O que já exige uma grande...

P12: O que já é muita coisa...

P8: Sim, sim, sim.

P12: Não sei...

P8: Eu acho que sim, arriscávamos com uma grelha dessas...

P12: Acho que ficávamos com as outras guardadinhas em *stand by*, não vamos deitá-las fora, mas para já não sei se esta não seria a nossa primeira grelha.

P8: Numa primeira fase de observação usamos essa...

P12: Exato.

P8: ... depois se acharmos...

P12: E depois, numa fase mais...

P10: Quando tu estás a fazer ali “Os alunos são capazes de fazer *transfer* da aprendizagem”, já estás a fazer uma avaliação, não é?

P15: Pois, também é.

P12: Exatamente.

P10: Se eles conseguem fazer aquilo que estiveste a transmitir...

P15: Já não é necessário fazer a avaliação no fim.

P12: Exatamente.

P10: Penso que já é...

P15: Também estava a pensar nisso.

P10: ... já é uma forma de ver isso.

P12: O que vos parece esta grelha, amigos?

P8: Já disse.

P12: Parece-vos bem?

P8: Sim.

P10: Vamos experimentar com essa a ver se é fácil.

P12: Pois é isso, a gente experimenta com esta.

P8: Só falta...

P10: É mais fácil, se calhar, depois, começar a pensar naquilo...

P12: Porque é isso, também depois é mais fácil perceber os erros desta e dizer: “Eh pá, afinal esta categoria não faz sentido, fazia muito mais lógica termos isto, não termos aquilo, do que... do que...” Pronto... Ora, eu quero guardar isto na minha penzita.

P10: Computador. Vai ao computador. Está ali no quadro grande... à direita, P12.

P14: Mais para baixo, penso eu.

P10: Não, está ali, computador. Estás a ver o...

P14: Ah sim, está...

P10: Rede...

P12: Ah!

P10: Está aí.

P12: É o que eu digo...

P10: Agora procura a tua, é essa?

P12: Chamem a P10.

P8: Eh pá e eu deixei lá em baixo a fita métrica. “Estou V., estás? Estás na horta? Traz-me um papel, se faz favor.”

P12: Oh P10, tu não tens que ir buscar os teus filhos?

P10: Não, o C. ... faz uma escapadinha.

P12: É? Pronto... Eu ia sugerir, não querem tomar um cafezinho e comer um bolozinho sem glúten...

P10: Sim, pode ser. Ai é sem glúten.

P12: ... e depois vimos discutir o blogueue?

P6: Não, não engorda ninguém.

P10: Vou provar.

P6: Não engorda ninguém, é que o sem glúten retira gordura...

P10: A sério?

P6: É a sério, é.

P12: Olha, a F. A. ... tirou o glúten da alimentação dela, diz que já perdeu, diz que já perdeu 15 kg...

P10: Eu gostava de fazer uma dieta, mas quando, com aqueles três marmanjos em casa... fazer dieta sem glúten. Eu queria fazer um teste era para a minha cabeça, a ver se deixa de me doer.

P12: ... mas ela diz que melhorou imenso em termos de...

P15: Isso pode ser hormonal, sabias?

P10: Pode?

P6: Mas e a dieta que ela está a fazer é de que é?

P10: Eu acho que é hormonal... eu levanto-me de manhã sem dor de cabeça, meto os pés aqui e ao fim de meia hora...

P12: Ela só tirou o glúten, não fez mais nada. Disse que tirou o glúten, perdeu peso, diz que se sente fisicamente muito bem... Fazemos um intervalinho de 10 minutos? Então vá lá.

P10: Eu levanto-me sem dor de cabeça, chego aqui, ao fim de meia hora...

P15: Mas sabes que este ruído...

P10: Este ruído, este coiso...

P15: É, é, é. Bem, vou levantar-me, vim para aqui mais cedo...

P8: Eu também se estiver em casa, raramente levo...

P15: Quero lá saber, chegavam sempre atrasados. Quero lá saber, eu disse logo: “Eu não me levanto mais cedo para ir entrar às oito”. Por causa do estacionamento. Elas diziam que era por causa do estacionamento.

P10: Não é só com o estacionamento, também tem a ver com as refeições que são alternadas.

P15: Não, ela na altura, foi o estacionamento. Para não serem todos, ao mesmo tempo, aquilo era uma confusão...

P12: Pronto, então a ideia é levarmos para a frente o nosso blogueue, para podermos partilhar aquelas coisas que... não é coisas de ucranianas...

[Risos]

P10: Mas se elas tiverem umas dicas pedagógicas...

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] interessados no sistema educativo da Ucrânia.

P15: Nós migramos.

P8: Elas têm dificuldades em partilhar.

[Risos]

P15: Nós migramos com elas.

P8: Antes, antes de avançarmos para o blogue, eu tinha uma... Nós, no final do ano, não seria importante, depois, arranjarmos um pequeno inquérito, assim, uma folha...

P15: Ai, pensei que era um jantar...

P8: Aos alunos das turmas onde vamos assistindo... Tentar perceber a opinião dos alunos, se acham que é importante este tipo de trabalho, se...

P12: Podes.

P8: Por exemplo, se...

P15: Um cabelo de uma ucraniana... [Risos]

P14: ... ou como eles se sentem quando têm outro professor.

P8: Tentar perceber... exato.

P12: Até podes fazer, não sei... posso-te mandar... eu faço isso com os meus alunos, no final do período e podes até, se calhar, se quiseres, para teres um *feedback* mais imediato, fazeres isso logo na própria aula assistida ou na aula a seguir...

P8: Não, mas isso eu faço.

P12: ... duas ou três perguntas sobre... “O que é que achaste da aula passada?”, esse tipo de coisa assim.

P8: Mas isso eu faço sempre com os meus.

P15: Mas por escrito? Eu faço oralmente.

P8: Eu faço oralmente.

P12: Eu peço registos escritos, mesmo para [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Mas tu queres... o inquérito que pretendes é...

P8: Não.

P15: O *feedback* dos alunos.

P10: A opinião deles sobre a nossa presença ali?

P8: Se acham que é importante, por exemplo, este tipo de trabalho no sentido... primeiro eles perceberem o que é que se está a fazer, que é aquilo que eu tento-lhes dizer... Às vezes digo, ou antes ou depois. Se lembrar, digo antes: “Olha, não se admirem... se vier cá alguém assistir a uma aula, por faço... nós estamos, com um grupo de professores, em que estamos a fazer avaliações em que nós vamos, o objetivo é melhorar a prática pedagógica. Portanto, os meus colegas vêm cá, depois analisamos a aula e... e alertam-me as coisas que eu de corrigir, onde é que não perceberam e tentamos esclarecer”, por exemplo, eu lembro-me no ano anterior, a questão da P12... chamar a atenção, se eu não tinha feito o sumário, se era um lapso ou se era costume. E eu disse que não, mesmo, nunca faço. E a P12 disse que era importante, até porque depois o aluno se controlar em termos de estudo e tudo isso. E eu “Está bem”, na aula seguinte questionei-os sobre isso, “Olha, a professora esteve cá na semana passada, é chata [Risos], e vocês já sabem...”.

P15: Pois, eles já estavam a contar...

P8: E eles manifestaram a opinião deles sobre o, sobre o assunto. Até é mais... nesse sentido. E se eles acham que é importante... os professores assistirem a aulas... Porque uma das coisas que eles acham que, que falha muito é o facto de nós nunca damos razão, porque não sabemos o que é que se passa... ou seja, não conseguimos ver que eles, às vezes, têm razão. Porque em determinadas aulas realmente é uma seca e uns professores são mais chatos do que outros e não sei quantos. Então, o facto de nós estarmos a observar e se vamos chamar à atenção – chamar à atenção no bom sentido – aos colegas, para corrigirem determinados aspetos... Se eles acham que isso é importante em termos de prática pedagógica e se traz alguns benefícios... Se gostaram, se acham que... [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: O que é que poderia melhorar.

P12: Podemos perguntar isso, no final do ano... se eles acharam que nas aulas onde houve essa assistência, que realmente houve algumas mudanças ou se não houve mudança nenhuma e... um tipo de mudança ou outro. Mas acho que se pode pensar nisso.

P8: Está bem.

P12: Acho que sim. Pronto. Pronto, então, a ideia do blogue, pronto, era nós termos um espaço onde pudéssemos... no fundo, partilhar coisas que nos interessam, discutir, às vezes, até, por exemplo, estas questões agora que têm andado muito... da questão... enfim, dos exames do 4º ano e tem havido... pronto.

P10: Deviam acabar com os do 6º.

P15: Para o ano vão ser do 6º.

P10: Eu espero bem que sim.

P12: Eu espero bem que acabem, com os do 6º e com os do 9º. Aliás, espero que seja já este ano.

P15: Ah não, este ano não.

P12: Tenho, tenho muita esperança que seja.

P15: Achas?

P10: Já deviam ter acabado sim. Quem discute os do 4º, discutia logo os do 6º, também.

P15: Pois, por isso é que eu acho que este ano ainda não vai ser os do 6º.

P12: Mas pronto...

P10: Apesar de eu achar que isso não é justo...

P15: Pois não.

P10: ... com os alunos que acabaram no ano passado de fazer. O A. já diz assim: “Ah, isso não vale”. [Risos]

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] olha lá, quando mudaram as licenciaturas de 5 anos para 4... os colegas, eu lembro-me dessa transição, os colegas que andavam no 5.º ano e que olhavam para nós que entrámos para o 1.º ano, que já só fazíamos 4, já diziam: “Ah pois, não-sei-quê...”.

P10: Sim, sim. E agora os mestrados que já dão logo... E os nossos...

P12: Pois, exatamente. Pronto. Portanto...

P15: Olha, mas isso também depende...

P10: Até nós, aqui a mudar critérios de avaliação de um ano para o outro, já não estamos as mesmas.

P12: Exatamente, quando tu mudas... Tu este ano avaliaste com este critério...

P10: Dentro do próprio ciclo, mudar critérios várias vezes, não é justo com os outros alunos do ano anterior.

P12: Mas pronto, então a ideia era construirmos esse tal blogue, para podermos ter documentos, inclusive... O que é que ele diz?

P10: Vamos passar a ser *bloggers*. [Risos]

P12: Não, porque inclusive eu acho que o blogue...

P15: Tu já tens um...

P12: Eu não tenho blogue nenhum.

P15: Não tens?

P12: Não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Vai ter. [Risos]

P15: Pensei que tu tinhas um.

P12: Não tenho.

P15: Olha, porque é que eu pensava que tu tinhas?

P12: Não sei. Porque... tens-me numa conta de uma pessoa...

P10: Bloguista.

P15: Olha, mas então... Ai não, 'tá bem, é uma página no *Facebook* que tu tens.

P12: Ah, isso é outra coisa. Porque eu acho que depois o blogue também pode servir de apoio até às sessões, por exemplo, podermos deixar lá um texto para ser lido, para depois discutirmos aqui, em vez de estarmos a gastar tempo aqui na sessão, já trazemos o texto, já trazemos os nossos apontamentos, já discutimos. Acho que pode ser interessante. E então, o P16 mandou umas propostas, eu acrescentei outras. Eu, sinceramente, não há nenhuma que eu goste... espero que depois a partir desta, deste *brainstorming* a gente tenha alguma ideia. Eu, depois, pus aqui pontos, porque eu como não sou muito versada em blogues, não sei se os nomes não têm que ser separados por pontos ou se é tudo junto. Bom, isso depois é...

P10: Mal-educado. [Risos]

P15: Eu acho que é como no *Facebook*.

P12: Pronto. Primeira proposta do P16 foi o “Mal-educado”.

P10: É, tu não crias. Ele depois é que cria... P12.

P12: Ai é?

P10: Sim, esse *blogspot* é o sítio onde tu fazes o...

P12: Pronto, o *blogspot* é o sítio onde...

P10: Tu podes ir a outro sítio fazer.

P12: Podes ir, exatamente.

P10: Tu escreves lá o teu nome, o nome que queres dar ao blogue, depois ele pode é dizer-te que...

P12 e P10 (em uníssono): Que já existe.

P10: ... ou sugere-te ou não-sei-quê. E depois aí tu vais, mas tu podes criar o nome...

P12: Eu depois pus *blogspot*, eu não sei se o João pôs o *blogspot*, porque eu acho que é o sítio mais fácil para criar blogues, segundo me disseram.

P10: Olha eu aprendi, quando tive numa formação com o A., também aprendi um, e agora não me lembro o nome dele.

P12: Pois.

P10: Mas também era fácil de fazer.

P12: Eu por acaso já pensei ir ter com o A..

P15: Pois ele, ele a mim não me explica nada. Não me diz nada, eu tenho que ir... Agora o meu P8 foi-se-me embora...

P10: Em casa de ferreiro... como é que é? Em casa de ferreiro, espeto de pau.

P15: Agora é a M. .

P10: Mas eu vou, eu vou ver, que eu tenho lá no outro caderno apontado.

P12: Mas pronto, vamos esquecer o *blogspot*, vamos esquecer o *blogspot*. Vamos só olhar para as propostas. Temos aqui uma... Eu também acho que é assim... porque é assim, porque nós temos que pensar, há uma... Eu acho que há duas coisas que nós temos que pensar em relação ao nome. Tem que ser um nome apelativo...

P14: Claro, acho que sim.

P12: Pronto e tem que ser um nome... Porque é assim, uma coisa era se isto fosse um blogue só para nós... até podia ser uma parvoíce qualquer, porque nós todos nos conhecemos...

P10: *Ucranianas*.

[Risos]

P12: Pronto, podia ser...

P8: Ponto com e tirava-se o *blogspot*.

P12: Educar... *Como educar ucranianas em 36 lições!*

P15: Domar... como domar... [Risos] *O domador de ucranianas*. [Risos]

P12: Pronto, mas é assim, a ideia é que depois isto também tenha uma outra repercussão. Em termos de publicação, obviamente só nós é que vamos poder publicar

no blogue, mas o blogue ser acessível e pessoas de fora poderem fazer comentários, até para enriquecer as nossas discussões. E, portanto, acho que não pode ser assim um nome muito, digamos assim, muito... jocoso, porque depois quem está de fora também não nos leva a sério, não é?

P8: Claro.

P12: Então, pronto.

P10: Pronto, ucranianas não pode ser.

P12: Depois... *Comunidades de aprendizagem; Ver e Aprender; Observar e Aprender; Observar para Inovar, Sala de Profs* se bem que há uma...

P10: Há qualquer coisa de Sala de Profs.

P12: Há.

P8: Há.

P12: Há do... a Porto Editora...

P10: Sim.

P12: ... tem uma coisa que é a Sala de Professores.

P8: Sei, que eu já tirei de lá artigos.

P12: *Conversas à roda da mesa; Pensar, Discutir, Agir, Melhorar; Sala de Aulas.*

P10: PDAM.

P12: *Partilhar para Aprender; Professores em Ação; Escola em Ação... Intervir para Melhorar; Abrir Caminhos...* Não sei, agora vocês também digam qualquer... vão dizendo, mesmo que seja coisa parvas...

P10: *Abrindo Caminhos.*

P15: Olha, *Páginas Livres.*

P12: *Páginas Livres...* *Páginas Livres*, pronto, pode ser.

P8: Eu tinha aqui...

P12: Diz.

P8: ... *Escola Remendada.* [Risos]

P12: Escola quê?

P10 e P8 (em uníssono): Remendada.

P12: *Escola Remendada.*

P8: *Tinha Dinâmicas de Grupo.*

P10: Tens que colar, aí não, está certo.

P12: *Dinâmicas de Grupo.*

P10: *Eh pá,* eu estive a pensar, mas não me sai nada.

P8: *Fazer a Diferença.*

P12: Olha eu gosto desse.

P10: Gosto desse.

P12: Fazer a...

P8: A Diferença.

P14: Ponto prof ponto blogue.pt, estava bom.

P12: Fazer a....

P8: Não, mas o blogue.pt? O *blogspot*?

P12: Di-fe-ren-ça...

P14: Não, ponto prof, de professores, para as pessoas também perceberem que aquilo está relacionado... Senão outras pessoas [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E eu a partir do teu *Fazer a Diferença* vou fazer outra proposta que é *Fazer Diferente*.

P8: Por exemplo.

P10: *Fazer Diferente.*

P6: *Fazer Diferente.*

P8: Assim tem mais... tem mais coiso...

P10: Também gosto.

P8: E tinha um outro, mas este aqui... é um texto que existe, que é muito interessante...

P12: Diz.

P8: Que é *A Melhor Escola*, *A Melhor Escola*, depois tens de Ciências, mesmo que chova...

P10: Ah, a melhor escola é a nossa.

P15: Escola, escola.

P10: A melhor escola do mundo.

P8: Mas isto é de um texto, é melhor não meter isto, porque é um texto muito interessante...

P12: Eu também tenho um que gosto, que, aliás, já estive para fazer um blogue com isso...

P10: Mesmo quando chove? Somos os melhores.

P8: É uma forma de chamar à atenção, às vezes mais importante que o aspeto...

P10: Uma escola feliz...

P8: ... há uma parte física...

P6: Do edifício, mas sem a...

P8: ... é, é outras áreas, que funcionam... [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: *Escola feliz, Crianças felizes.*

P12: Crianças felizes...

P15: Pronto. Não é? Parece aquele do Augusto Cury. *Mentes brilhantes, professores fascinantes*, não é?

P10: *Uau.*

P12: Também podíamos pôr *Professores Felizes*...

P15: Pronto, exato.

P8: *Escola para quê?*

P15: *Testes para quê?*

P8: Pais brilhantes, alunos fascinantes...

P15: Ai.

P8: ... ou alunos fascinantes...

P15: Eu adoro, eu gosto imenso, mas depois acabo de ler e digo assim: “mas como é que eu vou aplicar isto tudo?”. Eu adorava. O primeiro que eu li foi dos pais.

P14: Não tenho tempo para ler...

P15: Não?

P14: Tenho que ler as minhas coisas todas...

P8: Mas os textos não são muito interessantes.

P15: Eu adoro, gosto imenso.

P14: Eu gosto, mas ultimamente não tenho conseguido arranjar tempo.

P15: Eu gosto imenso deles.

P8: Eu também gostava de ler mais do que aquilo que...

P10: Reflete... *Reflete, logo existe*. [Risos] Estou a brincar.

P12: Mas põe-se tudo. *Reflete, logo existe*. Estava-me a lembrar, mas não queria pôr Escola Virtual. Escola Virtual já existe aquela coisa, mas...

P10: *Eh pá*, parece uma... uma especialidade qualquer. Reflete... reflete logo existe.

P12: *Escola aberta*.

P10: Ah, está, a Universidade Aberta.

P15: Parece a Universidade Aberta.

P10: Sim.

P12: Não, a Escola... por acaso é assim, isto pode ter...

P8: Mas não existe mesmo uma escola aberta? Eu penso que existe.

P12: Era isso que eu ia dizer, isso pode... isso pode ter... pode ser um pau de dois bicos, porque há um terreno pedagógico que é mesmo...

P10: É.

P12: ... de Escola Aberta.

P10: Escola Aberta.

P12: Mas pronto...

P15: Alerta.

P8: *Ambiente zero-zero.*

[Risos]

P10: Por exemplo.

P12: Estou a pensar...

P8: *Sírias*, pode?

P15: *Sírias* alerta.

P10: Olha, *Ilha de Lost*, pode? [Risos]

P12: Pode ser... deixa ver...

P10: Não nos ligam... *Ilha de Lost*, ninguém nos vai ligar... Ah, não sei.

P14: Mas eu acho que também deveria ser alguma coisa relacionado com Professores, porque depois as outras pessoas vão abrir e...

P12: Sim, por isso...

P14: ... afinal não queria nada...

P8: P12, como é que era aquela frase que tu mandaste hoje?... estava muito fixe. Mas não era aquele texto todo, eu estava a pensar naquele que tu adaptaste ainda há pouco, o *Fazer Diferente*.

P12: Sim.

P10: *Prof Educa*.

P8: Depois... *Fazer Diferente*, depois...

P14: Mas depois como tens blogspot.pt...

P8: Qual é a parte final? Portanto...

P10: Não.

P8: Para traduzir... traduzir...

P12: Eu ligo a minha rede e vou ao *Facebook* e já te digo.

P15: *FazerDiferente.blogspot.pt*. Já estava. Porque assim a pessoa vê, já estava prof, já sei que está relacionado com os professores, não me interessa nada...

P8: Pois, eu penso assim, eu penso assim.

P10: Prof educa ponto com.

P14: Não, *Fazer Diferente*. *Fazer Diferente* é um [segmento impercetível]

P12: Já vou ligar a minha rede... Eu agora não tenho. Alguém tem uma boa [impercetível – sobreposição de vozes] *password* da minha rede...

P14: Ou também diferença.

P15: Eu não tenho, P12.

P10: Deixa ver se eu ainda consigo, que ainda só estou nos 41, pode ser que eu consiga.

P12: P10, tu não me... tu não me insultes, P10.

P10: De certeza que está aqui?

[Risos]

P12: Está, sim senhora.

P10: Carateres chineses?! Ah, está aqui. Espera aí.

P6: Pois, exato, eu estava a ver este de lado, como é que estavas a ver?

P10: Ok. Está aqui, eu estava a ver a bateria.

P6: É isso nem vale a pena, eu por acaso tenho... comprei. Tive de comprar, que a minha mãe não tem internet em casa e quando vou ao Funchal, ainda por cima ia eu... Eu tinha uma *pen*, mas a minha *pen* estava a fazer assim... Pois.

P8: Mas no Porto Santo estas móveis estão a funcionar bem.

P12: Porque é que não aparece uma...

P6: Aqui funcionam, eu usei foi no Funchal.

P8: Eu tive uma...

P14: Mas estas quanto é que custam?

P6: 35€, foi quanto... com cartão e tudo.

P8: A que eu tinha era de 19 da Vodafone.

P15: Por 10.

P14: Mas depois o cartão, é um cartão igual à outra internet?

P6: Não. Eu fiz um modo que é... portanto, tem... tem de ser de três em três meses, pelo menos 10€. Mas, por exemplo, ponho 10€, dá-me para três dias, 24 horas, 24, os três dias, 24 horas. Podem ser seguidos, podem ser interpolados. Porque eu dizia assim “Eu não vou ao Funchal todos os dias, eu não quero andar todos os meses a carregar nem coisa”, é pré-pagamento. Portanto, assim, está...

P14: Eu também já tive pré-pagamento, mas...

P6: E é que assim... só que, ela coitada estava a fazer assim e agora quando vou ao Funchal tem a L., tem o meu marido, toda a gente quer... a minha mãe sem coisas e a gente desta vez não vai só três dias.

P14: Mas tu podes pôr, por exemplo, um... um cartão da outra *pen*. Podes meter ali, não? Um cartão da *pen* normal, podes meter ali?

P6: Pode, aquilo é um cartãozinho tal e qual os da *pen*...

P15: É como os dos telemóveis.

P14: Então significa que basta comprar aquilo e meter o cartão da... *pen* normal e está feito.

P6: Exato.

P14: A *pen* normal eu já tenho, com o cartão.

P6: Pois, exato, então é só comprar...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Depois pagar a mensalidade.

P14: Então mas a mensalidade não era igual? Pagava... a mensalidade do cartão.

P6: Pois, exato. Para aquele cartão é que dá a mensalidade. Pode ser só... No meu caso, é... portanto, dentro de três meses tenho que carregar, pelo menos para não desativar, senão tenho que pedir para ativar outra vez.

P15: De três em três meses?

P14: Eu realmente ainda demoro muito tempo a ligar a internet.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Mas é para três dias... por exemplo.

P14: Mas perco muito tempo.

P6: Três dias, 24 horas cada dia. Portanto, fazes... E dá para 10 pessoas. Dois aparelhos.

P15: Não, o meu não. O meu era eu é que tinha o meu cartão, os meus dados móveis, mas era 30€ por mês.

P6: Este foi nova que saiu agora, relativamente. E eu como fui, como precisava de ir ao Funchal...

P15: E que eu gostava imenso e dava-me muito jeito, em qualquer sala tinha net.

P6: Pois, exato. É isso.

P12: Então mas eu também, com isto em qualquer sala eu tenho net, mas não percebo porque é que não estou a ter.

P10: Qual é a tua... essa net?

P12: É MEO DFC não-sei-quê. Deixa lá ver...

P6: Ele é sempre mais lento que o normal, leva o seu tempo a abrir.

P10: MEO DE, DFC da... da...

P6: Eu já tinha ideia, já sei disso. Ele é mais lento.

P10: Queres abrir aqui?

P15: Não, o meu o ano passado, não. O que eu tinha, a minha, não.

P10: Esse computador tem Wi-Fi?

P12: Não percebo...

P10: Aqueles computadores têm Wi-Fi?

P8: Boa pergunta.

P15: Mas aqui é de qual? Da sala de professores?

P6: Não, daqui da...

P12: Não, a minha, a minha. E podia aparecer logo aqui.

P10: Olha eu tenho aqui, Isa, se quiseres abrir aqui no *tablet*.

P12: Então abre.

P10: Tens que me dar a *password*.

P12: Então, põe aí a *password*, se faz favor.

P10: Abre lá isso. Tenho as mãos suadas.

P8: *Donde se abre?*

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, não dão.

P10: Isto é [impercetível – sobreposição de vozes] tempo?

P8: Não quero ser bruto, para... não termos problemas.

[Risos]

P15: Com jeitinho.

P12: Como é que se chama a minha rede? MEO quê?

P10: MEO_DF...

P12: Ele nem escreve.

P8: Já está a escrever.

P12: MEO_DF...

P10: CDAB.

P12: E agora a palavra *pass*?

P6: Está no aparelho.

P10: É C...

P12: C...

P10: Zero.

P12: Zero.

P10: A...

P12: A.

P10: B.

P12: B?

P10: Sim. 9.

P12: 9

P10: 7.

P12: 7

P10: U

P12: U.

P10: 6

P12: 6.

P10: L6.

P12: L6.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Liga aquela que nós apanhamos sempre [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas ligaste no teu... *tablet*...

P10: Mas está ao contrário a tampa.

P8: E quanto é que é a mensalidade? Ela disse: “Não, não paga nada”. Eu disse “Não, não pode ser, então a Vodafone vai-me dar net... mesmo por *Wireless* eu tenho que pagar alguma...”. Disseram: “Não...” [segmento impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Queres entrar aqui?

P12: Tenho que ir ao *Facebook*.

P10: Ok.

P12: Que ele mandou-me ir ao *Facebook*.

P8: [segmento impercetível] agora há lá a loja, penso que é da Zon ou lá o que é.

P6: Da Zon, é.

P15: Porque eu em Lisboa, pus... a, a... a Vodafone.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ah, *Facebook*.

P10: Ah, espera aí, está aberta.

P12: Tenho que entrar...

P10: Tens que sair.

P12: Com outro utilizador.

P10: Sim.

P12: Espera, como é que eu faço?

P10: Não, aqui, espera aí.

P12: Então vá, sai lá. Ou então vai aí ao meu, tu és minha amiga, procura-me aí que já me encontras.

P8: [segmento impercetível] depois quando paguei, passados 15 dias, eles multiplicaram os 21 meses que faltavam e então queriam que eu pagasse quase 400€.

P6: *Poça!*

P8: Eu disse: “Podem ir lá a casa buscar o equipamento”.

P12: Ias pagar 400€ de internet?

P8: Não, quando foi o e-escola, [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Sim, ah.

P12: Sei, sei.

P8: Então nós tínhamos 3 anos e eu ao fim de, sei lá, 7 ou 8 meses que não era eu que tinha o computador, estava emprestado, oh pá, eu não estava lá em casa, não vi as faturas, atrasei duas e depois, entretanto, quando, quando cheguei a casa, vi, fui pagar. Passado o quê, uns 15 dias, chegou-me uma fatura, eles multiplicaram os 21 meses que faltava dos 3 anos, pelos 16€ de mensalidade e mandaram-me uma carta a pagar 300, quase 400€.

P10: *Fonix.*

P8: Fui à TMN e disse que não pagava, até porque não ia pagar um serviço que eles não me estavam a prestar. E eu, se estou disponível para pagar, quando eles me derem os 21 meses de internet.

P10: Claro.

P8: Aí sim.

P15: Eu acho que a MEO é muito lenta, eu... na minha casa...

P8: E o serviço que prestam é péssimo.

P12: Muito.

P10: Na minha não, por acaso.

P12: Olha, mas eu acho que eles são todos iguais...

P8: São.

P12: Eu já tive um, já tive outro...

P15: Sim, nós também já tivemos a Zon e também...

P8: Sim, nesse aspeto, sim. Eu falo da MEO porque é aquela que eu trabalho, porque a maior parte... do... dos meus amigos é... Mesmo quando era TMN, TMN, porque...

P10: Eu tenho MEO.

P12: Portanto, *atenção a todos os estudantes, deixe as desculpas à porta... Na minha aula, estou aqui por uma razão e apenas uma razão...*

P8: Era no fim, a última frase.

P12: *Eu faço a minha parte, o resto é convosco.*

P10: *To teach you, to inspire you... to help...*

P12: *Ensinar, inspirar, ajudar a crescer.*

P10: Sim.

P8: Mas isso é muito grande.

P14: É grande.

P12: Pode não ser.

P10: Ensinar...

P15: Ajudar...

P12: *Ajudar a crescer. Ajudar a aprender, pode ser. Pode ser giro, ajudar a aprender.*

P10: Para saíres, é aqui... Não aí... o que é queres fazer?

P12: Sair.

P10: Aqui... Já estás.

P12: Já estou?

P10: Agora saís aqui, terminar sessão...

P12: Ah. Terminar sessão. Então, podemos pôr...

P8: O *Fazer Diferente*...

P10: *Impressões digitais*.

P12: Olha e se a gente... Oh, pois, porque é que isto agora também não sai daqui?...
Inspirações pedagógicas.

P14: Sim, está bem.

P8: Inspirações? Ou transpirações?

[Risos]

P15: Meditações.

P8: Foi transpirada.

P15: P12...

Voz: Também eu, estou aqui...

P8: Eu toda a hora transpiro.

P12: Como é que dizia, como é que dizia lá? Ajudar...

P15: A crescer.

P10: Não, ajudar, inspirar...

P12: Inspirar...

P15: Ajudar...

P12: *Inspirar, ajudar, aprender*.

P10: Exato.

P12: O que é que acham?

P8: Ora e um que lembrei-me agora: *Eu ajudo-te. Tu desenmerda-te*.

[Risos]

P10: *Estudasses.com.*

P8: Estudasses.

P10: *Estudasses.com.*

P12: *Inspirar, ajudar, aprender.*

P8: Não viste esta?

P15: Olha, *chapéus há muitos.*

P8: Bem, isto foi um documentário que deu, que era a Rosa Brava, que era uma miúda de 14 anos, que faltava à escola em Gouveia, para ir... tratar das cabras e ovelhas, na Serra da Estrela.

P15: Ah, eu vi, eu vi isso.

P10: Ai, sim.

P15: Essa miúda.

P8: A SIC vai lá e tudo isso, é normal, eles nunca mexeram uma palha. Mas como a SIC foi filmar, foi a psicóloga, a assistente social, a diretora da escola, foi toda a gente a casa... Era um casal muito humilde, velhinhos, não sei quantos. E era, e era a psicóloga e a presidente... “Mas o senhor não sabe que a sua menina não pode faltar à escola?” e não sei quantos... “Olha, ela que se *desenmerde*”. Quer dizer, nunca se preocuparam, agora que a SIC estava ali é que... vinham para ali todos finórios a pensar que...

P15: Que ela ia ter cuidado.

P8: E a Rosa Brava vivia... no meio da serra, todos os dias sonhava que ia entrar um príncipe pela janela, ia levá-la...

P15: Coitada.

[segmento impercetível]

P10: Uma das coisas para criar blogues grátis é Wix.

P12: Olha... Mas em que...

P10: W, I, X.com.

P8: O Quim Barreiros [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: W.

P10: Wix.com.

P15: Mas essas miúdas do interior...

P14: O meu filho adora a música do Quim Barreiros...

P10: Há vários.

P14: ... aquela... Ai Jesus, canta-me isso não sei quantas vezes...

P15: O quê? O quê?

P8: Miúdos.

P14: O meu filho gosta muito daquela música do Quim Barreiros.

P12: *Escola Viva*.

P10: Por exemplo, *Escola Viva*.

P12: *Escola Viva*.

P10: *Professores Vivos*.

P8: *Escola Viva*... mas a P14, a P14 aquilo que refere é o título nós temos, depois convém que tenha alguma referência... Aí já dá para perceber, *Escola Viva*, dá para perceber alguma coisa...

P12: Pois, é porque é... por isso é que eu acho que tem que ser um título que remeta imediatamente para...

P14: Para a escola.

P12: ... escola.

P14: Mas eu acho que devemos pôr também a palavra professores, porque eu acho...

P12: Achas?

P14: Sim.

P12: Pronto.

P15: Mas escola já tem implícito professores.

P14: Escola viva, eu se calhar, como mãe... Eu, como mãe, se calhar, tenho curiosidade em saber.

P8: Escola viva, com professores acabados...

P10: Está a chamar-nos fósseis. [Risos]

P12: Porque a ideia... é porque é assim, a gente tem que perceber que o blogue é uma janela aberta... tu não tens... A não ser que tu cries um blogue fechado e que só vê quem tu queres, mas essa não seria a ideia. A ideia seria que o blogue se constituísse como uma comunidade alargada.

P8: Sim, senhor.

P12: Acessível até a pessoas de outras, de outras escolas, que conhecem outras realidades, que têm...

P14: Sim, mas eu estava a pensar em direcionar mais para professores.

P12: Sim.

P10: Está aqui um que é *A educação do meu umbigo*.

P12: Mas esse já existe.

P8: Esse já existe.

P10: Clip; *A professorinha*.

P8: Mas esse já existe.

P10: *Em português correto*; educação na...

P12: Esse já existe e é muito...

P10: *Educo-comunicação*.

P8: E este é muito fixe.

P12: É.

P8: E aquele do Paulo Guinote também era muito fixe. Aquele... o... o Paulo Guinote, que ele escrevia muitos artigos, também. Um que ele tinha... julgo que já fechou... mas não me recorda agora o nome. Era tudo, também, artigos com educação.

P12: Eu agora lembrei-me de um nome, mas é um nome um bocado vulgar e não remete imediatamente para a educação, que era *Nó Górdio*. Que é... que é a grande questão da educação, não é? Mas pronto...

P10: *Nó Górdio*?

P14: A mim não me dizia nada.

P12: Não?

P8: A mim também não. Eu era mais *Estás-te a jarimbar*.

P15: Estás quê?

P8: *Estás-te a jarimbar*.

P15: A gerimbar?

P10 e P8 (em uníssono): Jarimbar.

P15: Jarimbar?

P12: Ele está...

P10: Está a gozar.

P12: Agora está noutra.

P15: Não percebi.

P10: É um verbo.

P8: Eu jarimbo, tu jarimbas...

P14: *Escola viva*, está bom.

P10: *Escola viva*.

P12: *Escola viva*. Acham, *escola viva*?

P14: Acho que é apelativo.

P10: *Escola viva, professores despertos*. Atentos. *Escola viva, professores atentos*.

P15: *Professores brilhantes*.

P10: Professores...

P12: *Escola viva*...

P14: Não, professores brilhantes, não punha, não.

P15: Não, isso é muito...

P14: Atentos já punha.

P15: Isso é muito...

P8: Depende do gel...

P14: Atentos...

P10: Prof atento, ponte...

P8: Professores brilhantes, depende do gel que usarem.

P10: A brilhantina pode não ser boa...

P15: É do perfume.

P12: Estava aqui a ver se a gente tinha alguns com professores... Este já se pode tirar, que este vai... definitivamente é para sair... Temos aqui um que diz *Professores em ação; Escola em ação*.

P14: *Escola em ação*, também não punha. *Professores em ação*, já... já punha. Porque escola é muito... É muito amplo. Não é que seja mau, mas eu acho que está mais relacionado com um projeto de escola... um projeto educativo de escola, assim alguma coisa...

P10: Pronto, está aqui um blogue do Professor A. .

P15: Qual A.?

P10: Sei lá. [Risos]

P14: Do J. A. não é, de certeza. Que ele não é muito...

P15: Sabes lá...

P14: Não, não. Que ele não é muito virado para estas coisas.

P10: *Bloger*.

P15: *O Príncipezinho*.

P10: Olha... A R. A. .

P12: Não sei se a gente não tem que pagar direitos de autor.

P10: Sim.

P6: Pois, exato.

P15: Não, eu estava ali a olhar para o Príncipezinho...

P12: Não estou a brincar.

P15: Ah, sim, de certeza.

P12: Há bocado quem é que disse...

P10: Como é que isto se chama? Não é circuitos...

P12: ... professores quê?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Professores... era quê? Não, era *Escola viva, professores... atentos*.

P14: Atentos.

P10: *Profs atentos*, assim uma coisa... *Escola viva, profs atentos*.

P15: Mas isso é um bocado... não sei...

P10: É um bocadinho melhor que os professores brilhantes.

P15: Meio brega. [Risos]

P12: *Profs. ativos*, o que é que acham?

P10: *Profs. ativos*.

P15: *Pró-ativos*. [Risos]

P8: Mesmo assim, gosto mais do *Fazer Diferente*.

P12: Eu também gosto.

P15: Sim, eu também.

P10: Também gosto.

P15: Eu acho que não... não tinha que ter escola nem professores...

P14: Mas punha prof.

P6: Prof.

P14: *Fazer diferente.prof.*

P10: Pode remeter, pode achar que vai para outra coisa. Quando fazes uma pesquisa... por exemplo, pode ir para várias...

P14: Por exemplo, *Fazer Diferente*, as pessoas podem pensar logo em...

P15: Eu só vou ver blogues de moda.

P8: Não, a P14 tem, tem razão nesse aspeto. Tem, depende da pesquisa que cada um faz, se não houver uma associação...

P12: Mas é que é assim, mas tu quando fazes o blogue, tu tens que fazer uma definição do objeto do teu blogue.

P8: Sim, sim, há o título, o nome e depois há um subtítulo.

P12: E, portanto, quando há, quando há uma pesquisa, por exemplo, se tu, tu foste pesquisar blogues de educação, o blogue até se pode chamar... *O grande boneco das Caldas*, mas se for sobre educação, aparece.

P10: Muro de lamentações.

P15: Olha, era giro.

P12: Não tinha graça nenhuma, que a gente nem é das Caldas.

P15: O Bordalo Pinheiro. [Risos]

P10: E o Zé-Povinho.

P15: Olha, agora está na moda.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] o Cavaco tomou a decisão.

P15: Olha, então não está na moda?

P10: Foi as últimas duas pessoas com quem ele falou, hã?

P15: Loiça do Bordalo Pinheiro?

P10: Antes de decidir pelo... pelo...

P12: E se em vez de *Fazer Diferente*...

P10: Fizéssemos a mesma coisa.

P12: ... para remeter para a... *Ensinar Diferente*.

P10: Ensinar Diferente. Pronto.

P12: Que esse é o nosso grande... é a nossa maior questão.

P14: Ensinar já, já implica... já é... já mostra.

P8: Gosto.

P10: Ou então meter aqui o... que o outro que se vai candidatar à presidência promete: *Deixar o país exatamente como está*.

P12: Isso é o candidato Vieira?

P10: É.

P12: Oh pá, eu adoro o candidato Vieira! Da outra vez assinei por ele, aquilo nunca deu em nada. Desta vez, já não assinei.

P8: Eu gostei foi do...

P12: *Ensinar diferente.*

P10: *Ensinar diferente.*

P14: Acho que sim.

P12: Gostam?

P14: Gosto.

P10: Gosto.

P8: Gosto.

P14: E remete logo para...

P10: Exato, ensinar diferente, gosto. Ensinar diferente, gosto. Ensinar diferente.

P8: *Like.*

P12: *Like?*

P10: *Ensinar diferente.*

P12: Acham, *Ensinar diferente?*

P8: Sim, sim. Depois não tem de ter uma espécie de um subtítulo?

P12: *Oh pá*, depois eu acho que tem que ter aquela coisa que é *blogspot* ou *wix* não-sei-quê.

P10: Mas isso tem a ver com o...

P8: Não, mas eu digo mesmo baixo, já no próprio blogue.

P12: Não, o que vai ter que ter, isso tem, mas isso depois a gente vai... pronto, a gente vai... ter que fazer esse texto. É um pequeno texto de apresentação. O que é que é este blogue? É... quem somos, quais são os nossos objetivos, o que é que nós pretendemos com aquele blogue.

P8: Sim, mas não é isso que eu digo. Isto aqui, na parte coisa, mas quando tu abres um blogue, aparece-te lá... *Ensinar Diferente*. Depois, normalmente, julgo que aparece em

subtítulo, por exemplo, subtítulo, poderia aparecer... *supervisão e inovação em educação*. E é...

P12: Não sei se, é que eu não sei se tem subtítulo, por acaso não sei. Eu dos blogues que eu conheço não têm subtítulos.

P8: Não?

P12: O que têm é... tu tens o nome do blogue e depois tem uma explicação, uma pequena apresentação do blogue. Por exemplo, estou a pensar no Abrupto...

P8: Sim, sim.

P12: Do Pacheco Pereira.

P8: Sim, sim.

P10: Como fazer um *blogspot* em 5 minutos...

P12: Mas...

P10: É mais fácil do que... gerir as ucranianas.

P8: Sim... E percebe-se o que eles dizem, por exemplo, aquelas...?

P10: Sim, isto é intuitivo.

P8: E quando elas falam, falam e não dizem nada.

P10: Podíamos pôr aí qualquer coisa a ver com comida.

[Risos]

P10: Ensinar diferente com o chocolate.

P15: As receitas da P12.

P10: Ensinar diferente com o chocolate.

P15: Não era?

P8: Em relação ao... em relação ao, portanto, à colocação depois do, dos dados disso... Portanto, a ideia seria todos ficam...

P12: Todos podemos ser administradores. Todos os membros da comunidade poderem ser administradores.

P8: Ok.

P10: Ah pois, isto é que registar logo e não sei quê.

P12: Acho que isso é que faz sentido, se isto é uma comunidade, não tem sentido...

P8: Olha que o A., há dias, fez uma experiência...

P12: Eu sei...

P8: E assustou-se.

P12: Por isso é que eu já disse que nós não queremos nada com o sistema educativo ucraniano.

P8: O A., há dias, eu tenho uma página que é *Geografia Horrível*, que é onde meto as coisas todas de Geografia. O Artur, há dias, criou aquela página que é da escola...

P15: Ele fez o *Facebook* da escola.

P8: Fez o *Facebook*.

P15: E terminou.

P8: Mete-me como administrador, também. Eu quando estou a fazer, eu quando... estou na net, estou a corrigir testes, vejo um artigo e, oh pá, porreiro, vou lá, só que bloqueava, página que gere e eu, para mim, aquilo estava tudo...

P15: Na tua...

P8: Para Geografia Horrível. Devo ter metido logo, nos primeiros 5 minutos, uns 30 ou 40... E ele quando começou a ver aquilo: "Eh pá". Eu juro que aquilo começou logo [segmento impercetível]. E ele disse "Bem, ainda bem que falhou, que assim, já vi que não pode ser". Só de... por exemplo, página da escola, tem que ser só um administrador. Porque mais do que uma pessoa, depois é difícil...

P15: Gerir.

P8: Até porque... quando adiciona alguma coisa, quem é que é o responsável?

P10: Pode é haver aquela questão de nós publicamos só com a permissão... só entra lá quando tu deres permissão, como, por exemplo, no *Face*, não sei.

P8: Ou, por exemplo.

P12: Pois. Mas, pronto, já percebi.

P10: Mas isso foi na página do *Face*, a partir do momento que tu... Aqui é diferente... se tu ficares como administrador, o blogue não vai ver tudo o que tu fazes... estás a perceber? O *Face* vai buscar todas as tuas coisas...

P8: Sim, sim, não, mas eu estou a dar o exemplo do coiso.

P10: Aqui neste caso, não.

P8: No blogue é diferente. Aqui eu sei que estou a enviar para o blogue... é diferente.

P12: Eu acho que aqui tem qualquer coisa também com o aprender. Porque nós somos uma comunidade de aprendizagem.

P10: Comunidade... Comunidade.

P15: Não, manter o *Ensinar Diferente*, mas depois...

P10: CAED.

P15: Então, Ler-ensinar-aprender. Ler-ensinar-aprender.

P12: Não, estava a pensar tipo...

P8: Olha, nós em Câmara de Lobos tínhamos um que era PAEE, que era *Projeto de Aprender e Ensinar em Equipa*. Este tu queres chamar...

P10: Devia ser...

P8: ... *Ensinar diferente*, pode ser...

P10: CAE... CAED. *Comunidade de Aprendizagem Ensinar Diferente*.

P12: Aprender... *Aprender mais, ensinar diferente?* Aprender... aprender juntos...

P10: *Aprender juntos... Ensinar diferente?* Aprender juntos, ensinar...

P12: Aprender juntos...

P10: Ensinar diferente.

P12: *Ensinar diferente* ou *Ensinar melhor*...

P8: Penso que sim.

P12: O quê?

P8: Aprender juntos...

P15: Ensinar diferente.

P8: ... Ensinar diferente.

P12: *Aprender juntos, ensinar diferente...*

P8 e P10 (em uníssono): Sim.

P12: ... fica assim?

P10: Aprender juntos.

P12: Ensinar diferente.

P15: Ensinar diferente.

P10: Ensinar diferente.

P8: Já parecemos... angolanos.

P12: Não, é porque eu acho que aprender juntos...

P10: Irmão, 'tamo juntos.

P12: É que eu acho que é importante a referência à aprendizagem, porque nós somos uma comunidade de aprendizagem. Portanto... *aprender juntos, ensinar diferente*. Acham bem?

P10: *Aprender juntos, ensinar diferente*. AJED.

P12: Fica assim, então?

P10: É a nossa...

P8: Olha, metes tudo... tudo... será tudo junto ou... ou o título ficará Aprender juntos vírgula...

P10: Não, não. Só pode levar essas coisas... Eu penso que leva tudo... Fica tudo assim, acho que sim.

P12: Não sei... se puder levar um hífen, talvez faça sentido: *Aprender juntos-Ensinar diferente*.

P8: Pois. Do...

P12: Senão vai ter que ficar tudo junto, mas pronto.

P8: É que eu acho que o que tu tens aí é tipo o registo, porque o... o blogue em si, penso que é possível.

P12: Pois, não sei. Depois têm que ver isso. Mas então acham que este nome...

P14: Gostei.

P12: Acham este nome fixe?

P14 Acho.

P12: Pronto.

P8: *Aprender juntos, ensinar diferente*. Estou emocionado.

[Risos]

P12: Estás emocionado, P8? Oh pá... e ainda não chegaram as ucranianas.

P8: Eu estava agora a pensar nas sírias.

[Risos]

P15: Já estás farto.

P12: Agora é um bocado ...

P8: Não, temos que ser solidários, agora nesta fase dos refugiados.

P12: Pronto, então, *aprender junto, ensinar diferente*... Eu, depois...

P10: Olha, por exemplo, está aqui uma que tem um blogue e é www.laura-ramos.com.

P14: Então é porque dá para pôr traços. Então pomos: *Aprender juntos – Ensinar diferente*.

P10: Penso que é...

P12: Podemos pôr, *Aprender juntos – Ensinar diferente*.

P10: Sim. Personalize um *template*, personalize com facilidade.

P12: Posso fechar? Sim? Então vá.

P10: 96. [Risos]

P12: Agora... só nos falta uma coisa.

P10: Temos que criar, isto tem que ir para um, ao ser criado tens que pôr logo um mail.

P12: Pois, tem que se criar também um mail... Eu agora vou falar com o A., para o A. me dar as dicas técnicas. E depois falo convosco.

P10: Ok.

P12: Agora, outra coisa, vamos passar à prática, de organizar o nosso trabalho? Eu penso que observações só a partir de janeiro. Não vale a pena pensarmos...

P14: Dar testes, corrigir testes, entregar testes...

P12: Não vale a pena estarmos a pensar nisso. Agora, o que eu ia propor – não sei se os colegas estarão de acordo – é que em vez de fazermos como no ano passado, que era tipo eu ia à aula do P8, o P8 ia à minha, fazermos... eu vou, por exemplo, à aula do P8, mas o P8 pode ir à da P14, a P14 vai à P10, a P10...

P8: Estou aqui a ver aquela questão do...

P12: Pronto. Acho que podia ser mais... ser mais engraçado isso.

P10: Sim.

P14: Pode ser a rodar. Ele a minha, eu à dela, ela à dele.

P12: É, sim, pode. Pode ser, mas...

P8: Eu penso que era importante, porque no ano anterior esse era o meu objetivo e foi claramente um falhanço, que era, eu queria assistir a aulas de toda a gente e não consegui.

P12: Pois.

P15: Pois, também eu.

P14: Ainda foste a algumas.

P8: Este ano... Sim, mas o... como havia aquela questão do... eu ia à tua...

P14: Ah, pois.

P8: Havia aquele compromisso de tu vires à minha... Também era o primeiro ano, nós estávamos a tentar ver.

P12: Pronto, então.

P15: E era muito mais gente, também, não era?

P8: Sim. Este ano ser um núcleo mais pequeno, penso, penso que é muito mais fácil fazer assim.

P10: Núcleo duro, estás a ver? Acabaste de dizer... núcleo duro...

P12: Blogspot.

[Risos]

P12: Podemos mudar. Oh pá, se entretanto tiverem... Enquanto o blogue não estiver feito e registado, se tiverem alguma ideia mais gira... é avançar.

P8: Não, acho que está bem assim.

P14: Não, eu acho que está bem.

P12: Agora é assim... Pronto, acho que podíamos pensar nisso, de começarmos a olhar... Eu tenho os vossos horários, posso digitalizá-los, se as pessoas não se opuserem, bem entendido, digitalizo os horários e faço chegar a todos, os horários de todos, para as pessoas poderem começar a pensar “Eu a mim dava-me jeito que me observassem esta aula”, “Podes tu, pode aquele”. E...

P14: Eu este ano tenho o horário bastante preenchido.

P12: Pronto. E fazermos nesta base de... pronto, eu poder... poderemos fazer isso, que era, em vez de eu assistir à P15, a P15 assistir a mim, eu assistir à P15, mas ser assistido por outra pessoa. Eventualmente, até, se houver disponibilidade e... o P8 tem essa vontade, se o P8 quiser ir assistir a cinco aulas, pode ir assistir a cinco aulas. Não está impedido de o fazer.

P8: Eu penso que vou começar já, antes de... de irmos de férias.

P12: Oh pá, podes ir já amanhã.

P8: Porque eu tenho a sexta-feira sem componente letiva, portanto, eu normalmente venho para a escola, fazer alguma coisa, durante a manhã ou às vezes só à tarde.

P10: As ucranianas não o ocupam...

P8: Mas não... Estando aqui, estar no gabinete a trabalhar...

P12: Mas parece que vem...

P8: Eu tenho daquelas fases em que tenho muito trabalho e depois tenho aquelas fases... entre estar no *Facebook* e ir assistir a uma aula...

P10: Mais *soft*.

P12: E dar assistência às ucranianas.

P8: Vou assistir.

[Risos]

P12: Olha, então, parece-vos bem esta forma deste ano de organizarmos assim?

Vários interlocutores em simultâneo: Sim.

P10: É todos contra todos.

P12: Todos contra todos.

P10: Eliminatórias.

P15: Kramer contra Kramer.

P8: Fazemos assim, quando o P16 regressar dizemos que ele é obrigado a assistir às aulas de toda a gente.

[Risos]

P12: Pronto.

P8: Isto de estar a tirar férias assim a meio do ano vai-se acabar.

P12: Pronto, depois quando... quando o P16... Eu entretanto vou pôr o P16 a par do que é que hoje ficar decidido... e... e a P1, também. E, depois, começar... E depois quando voltarmos das férias de Natal... então, marcarmos uma sessão... A P9 desistiu, mas ela, de qualquer forma, está disponível para vir fazer a apresentação dela.

P8: Ah, sim, aquela...

P12: Estava a pensar que, se calhar, podíamos fazer isso em janeiro, porque é... é uma coisa interessante, que é sobre cultura profissional de professores e eu acho que é sempre um assunto que, se calhar, vale a pena pensarmos um bocadinho e refletirmos. E como, se calhar, em janeiro ainda não temos muito trabalho de assistência... de assistências de aulas, se calhar podíamos aproveitar para meter aí... a comunicação dela, se ela tivesse disponível. Não sei, o que é que vocês acham sobre isso?

P8: Acho bem.

P6: Acho que sim. Por mim... estou interessada.

P12: É?

P10: Janeiro, não é?

P12: Pronto. Se não tiverem mais nada para sugerir, eu dou por encerradas as hostilidades, hoje.

P8: Ok.

P12: Eu agora estou tramada, porque eu precisava...

P10: Depois, temos que fazer o jantar de inauguração do blogue.

P12: Já agora, o P8 falava do jantar de fim...E nunca fizemos nada.

P10: Pá, o P8, naqueles tempos mortos quer ir assistir a aulas, em vez de organizar o jantar.

P15: Mas nós também podemos organizar, P12.

P12: Também é verdade. Mas o P8 é que dizia sempre: “Eh pá, tem que se faze um almoço, tem que se fazer um almoço”. E depois olha.

P10: Ai almoço também gosto.

ANEXO V I
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 19.01.2016

P12: Bem, colegas, então, devagarinho, enquanto não chega a colega P1, vamos começando. Vou pedindo que assinem as folhas de presença. Vou passar a folha das interações... Não se esqueçam de olhar bem para... a escala, portanto. E, no caso de não terem interagido, é mesmo importante que vocês assinalem lá, na coluna do zero... Outra coisa importante: ponham um asterisco à frente do vosso nome, não ponham em nenhuma das colunas, porque depois, às vezes, dá confusão, porque eu não percebo se a pessoa ‘tá a pôr o asterisco que assinala que é ela está a responder ou se ‘tá a pôr que interagiu com. E não se esqueçam de outra coisa importante, que é assim, quando falamos de interações no âmbito do trabalho da comunidade... ‘tamos a falar de conversas que nós possamos ter, até, por exemplo... sobre temas que são aqui abordados. Claro que não é ir lá para fora contar ao Manuel o que é que se passou e o que é que foi dito. Não é isso. Portanto, não é... estas interações não passam por desrespeitar o sigilo que deve haver em relação ao trabalho aqui realizado, mas é natural, por exemplo, que se nós estamos aqui a falar sobre indisciplina, que vocês, se calhar, têm um problema disciplinar numa turma e que falem com o diretor de turma e comentem: “Olha, por acaso, na nossa formação falámos disto, sugeriu-se aquilo, falou-se daqueloutro”. Isso não é nenhuma inconfidência e é uma interação. Portanto... ter isso em atenção. Assinalar também a data. Então, vou passar o questionário. Entretanto, a P9 já não consta porque desistiu, mas, em contrapartida, já consta o nosso novo elemento, o nosso papá.

[...]

P6: P7?

P8: Pois, estava a ver exatamente isso.

P12: Oh pá, desculpem. Peço desculpa. Risquem o P7... escapou-me. Na atualização da tabela... escapou-me completamente o P7.

P8: Eu vou meter lá um asterisco.

[risos]

P12: Não, é que me escapou completamente.

P6: Disparate, pus no meu...

P12: De resto, estamos certos. P1, P6, P8, P10, P12, P14, P15, P16.

P14: É um asterisco no nosso, não é?

P12: É o asterisco no nosso, exatamente.

P15: Hoje é quê, dezoito ou dezanove?

P12: Hoje é dezanove.

P14: Também meteste na coluna antes?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Não falei com ninguém, é tudo zeros.

P1: Eu falei contigo e com a P10.

P12: Olha que não.

P1: Hum?...

P12: Olha que não... Não falaste só comigo e com a P10.

P1: Não?...

P12: Não.

P1: Então não me lembro. [risos]

P12: Não ‘tiveste comigo e com a P10 lá em baixo, com o marido desta?

P1: Ah, com o marido dessa? [risos] Mas o marido dessa não ‘tá aqui, o nome.

P15: Mas é colega.

P12: Mas ‘tá na grelha dois.

P6: *Outros.*

P15: Ou colegas.

P6: Pois.

P12: Por acaso... também, realmente fica mais correto... Pronto, depois, à medida que vão preenchendo, podem ir fazendo o favor de... Oh pá, ponham, assinalem na coluna dos zeros, por favor. Se é, assinalem, por favor.

P1: Ah, é preciso assinalar, ok.

P12: Sim, por favor. Se não depois dá-me... para o tratamento depois, às vezes...

P6: Se falhar alguma coisa, assim ‘tá lá.

P12: Ora bem... [...] *Muchas gracias*... ‘Tá por aí a folha? ‘Tá. Pronto, colegas, é assim, em relação à ordem de trabalhos que eu vos tinha enviado, vou fazer uma ligeira inversão. Eu penso que a primeira coisa que estava lá tinha a ver com a apresentação do blogue... e vou fazer uma ligeira inversão. Vamos começar por fazer um teste sobre estilos de liderança... Eu, à última da hora, ontem, ainda pus um texto no blogue... só porque, pronto, e assim muito resumidamente... nós temos muita tendência para achar que a liderança é uma coisa que está associada às chefias e hoje há muitos conceitos de liderança e um dos conceitos que é hoje até considerado como um conceito estratégico para a melhoria das escolas, é a chamada liderança pedagógica ou liderança dos professores. E, portanto, cada um de nós, pelo menos dentro da sua sala de aula, é um líder. Até podemos não ser só dentro da sala de aula, mas pelo menos dentro da sala de aula nós temos uma função de liderança. E este teste, no fundo... considera algumas categorias e pode-nos ajudar... O conhecermos melhor o nosso estilo de liderança pode-nos ajudar, depois, também, a gerir melhor a nossa maneira de estar em sala de aula. Eu sei que tenho tendência para ser uma pessoa passiva e facilmente manipulável, então, se calhar, quando for para dentro de uma sala de aula tenho que ir com algumas estratégias que impeçam que isso aconteça. Por outro lado, se tenho tendência para ser excessivamente autoritária e não deixar que os outros se expressem, se calhar, se estiver numa reunião de Conselho de Turma, também tenho de pensar três vezes, porque senão, ao fim de algum tempo, sou capaz de não ter muitos amigos, nem muitas pessoas dispostas a colaborar comigo. Portanto, vou distribuir o teste, vamos todos fazer o teste, inclusivamente eu. Como podem, o teste não fui eu que inventei, tirei de um livro, exatamente sobre construção de comunidades... de aprendizagem. E o teste é absolutamente sigiloso. Portanto, eu depois vou-vos dar uma folha de resultados, vocês irão aferir os vossos resultados e depois dou-vos uma pequena, uma folha onde têm um pequeno texto que vos permite interpretar os resultados. Não têm que partilhar os vossos resultados com ninguém. Claro que, se quiserem, depois, quem quiser: “Eh pá, olha, não sabia que era assim tão banana” ou “Não sabia que afinal era assim tão assertiva. Descobri agora”. Estão à vontade, mas é assim, é absolutamente confidencial; cada um faz, tira as conclusões que quiser e entender e não tem que as partilhar com mais ninguém. Eu só, eu ‘tava aqui a escolher umas, como a P10 não vem, sobra um, tem a última folha de pernas ao ar... Pois, mas como, mas como a P10 não vem e eu, entretanto, para a P10 já enviei outro... Quem é que ‘tá a faltar mais? Não ‘tá a faltar mais ninguém. Toda a gente já tem o teste?... Dois, quatro, seis...

P6: Contaste com a tua?

P12: ... oito... Mande fazer nove.

P15: Contaste, se calhar, com o P7.

P12: Não, mandei fazer nove, devia-me sobrar um, sobra-me dois. ‘Tá bem, pronto, ok. Se tiverem alguma dúvida sobre a forma de responder... perguntem. Eu depois, quando vos der a folha para as respostas...

P1: Mandaste fazer nove e tens o nove e o original... Por isso, tens dois... não é?

P8: Claro.

P12: Agora não vou pensar nisso.

P1: Ok.

P8: É professora de História.

[risos]

P12: Obrigada, P8. Fofinho. [beijos] É por isso que gosto de ti. [...] Peço desculpa por interromper, mas é assim, no 39... falta uma vírgula: “trabalhar só” vírgula... Porque altera um bocadinho o sentido da frase.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto, ainda bem. Mas é que... mas é que altera, de facto.

[...]

P6: Desculpa a minha ignorância, o que é procrastinar?

P112: Procrastinar? Adiar.

P6: Adiar. Agora varreu-se-me. Olhava para ali, não dava nada... Obrigada.

[...]

P12: Já completaste? Então, já te posso dar a folha.

P16: P12, está aqui as presenças. Guarda isto.

P12: Ah, obrigada.

P8: Ninguém diria que o P16 é um líder rápido.

P12: Se não perceberes a forma de assinalar... Só tens que assinalar as que respondeste “verdadeiro”. Ver onde é que ‘tá o número e...

[...]

P8: P12, [impercetível – voz sussurrada] precisas de apoio?

[risos]

P15: Se calhar...

P16: Vais ser referenciada?

P15: Vou. Proponho-me. [risos]

P6: Pronto, posso ler... a folhinha?... Obrigada. Desculpa te interromper.

P12: Não, não me ‘tás a interromper.

P14: P12...?

P12: Sim.

P14: Uma para mim, se faz favor.

[...]

P15: Vais?

P16: Vou para o PBX... Gostava de trabalhar no telefone.

P15: “Escola secundária, básica e secundária...”

P16: “Em que posso ser útil?”

P1: Às vezes ouves cada um...

[...]

P12: Eu depois só vou distribuir a folha da interpretação quando já toda a gente tiver mesmo os seus resultados, ‘tá bem? Porque eu acho que, invariavelmente, alguém vai começar a falar alto e depois... pode... E assim, pronto.

[...]

P12: Falta montes de gente assinar...

P6: Eu acho que não assinei, pois não?

P12: Não... ‘Tá bem. ‘Tá bem. Também não é grave. Ninguém vai embora sem assinar e se for eu amanhã trago e assinam outra vez.

P16: Também não estamos assim tão longe.

P12: Exatamente.

[...]

P16: Eh pá, ninguém quer falar de fraldas, nem dessas coisas assim?

[risos]

P12: Sabes que eu, fraldas... a minha experiência de fraldas é mais fraldas para idosos.

[risos]

P15: Olha, quando quiseres deixá-lo comigo eu fico. Tenho tantas saudades.

P12: Isso também é assim, P16, quando quiserem ir passear, ‘tão à vontade. Tenho lá...

P15: E namorar.

P12: ... um quartinho, tenho lá um quartinho, onde ninguém fuma nem bebe, arejadinho, pões lá o ovinho e eu tomo bem conta dele, que eu sou muito boa a tomar conta de crianças. Sou, sou muito boa *babysitter*.

P15: Ela não come crianças. [risos]

P1: Eu experiência tenho, portanto, se precisar, grite.

P12: Mas eu também tenho experiência. Olha a M. . A M. ... ia um dia por semana, uma tarde inteira, lá para casa. Ela adorava.

P15: Olha, não ‘tive com ela. Tive pena, mas não deu.

P12: Ela ‘tá a fazer anos por agora, até, não é?

P15: Já fez.

P12: Não é em janeiro?

P1: O meu A. faz hoje anos.

P15: Quando é que ela fez? Novembro...?

P12: Ah, pois é, ela é de novembro.

P15: Acho que é novembro.

P12: É como hoje tem tanta gente que eu conheço que faz anos, eu já ‘tava a achar que havia mais aniversariantes.

[...]

P12: Não vou ‘tar cá... Este ano não estou cá.

P16: Podia ter avisado [segmento impercetível]

P8: Exatamente. Mudávamos o desfile.

P15: Não vais estar cá?

P12: Não. Vou-me embora dia quatro...

P16: Temos de combinar uma ideia para os *profs*, todos juntos. Era engraçado.

P8: Era fixe, era.

P15: Irem todos iguais.

P12: Não, todos do mesmo filme.

P16: Ou do mesmo filme ou...

P12: Um filme de *gangsters*, por exemplo, que é fácil... é fácil arranjar os fatos.

P16: Não, não, *O Padrinho*.

P12: E *O Padrinho* não é um filme de *gangsters*?

P16: Então não é? É *O* filme de *gangsters*.

P6: Pois.

P12: É fácil arranjar os fatos...

P15: Pois é.

P6: Para os homens é *smokings* e...

P15: Uma Thurman.

P12: Ficava *muita* giro.

P8: É fácil? Onde é que eu vou meter a gravata?

P15: John Travolta.

[risos]

P6: Onde é que vais meter a gravata? Não tens camisa branca?

P8: Só se for na testa. Não, não tenho pescoço.

P12: Então, mas a gravata, o nó, ajusta-se. É a grande vantagem. Não, por acaso eu acho o tema giríssimo. Tenho imensa pena, porque o tema é fabuloso. Mas não ‘tou cá, vou-me embora dia quatro.

P16: Ainda não sei qual é. Já viste alguma reação dos miúdos?

P12: Há miúdos que sim, que já andam preocupados com as fatiotas.

P15: Os do 2º ciclo também. Estão entusiasmados.

P8: Eu penso que era importante, P16, era nós definirmos no início da próxima semana, mais ou menos, quem serão os professores que estarão...

P16: Sexta feira já vou fazer isso.

P8: ... para começarmos a andar em cima deles. Ainda hoje, os que estavam na cantina, e depois há aquele dia, também, dos sem Moral, nonos anos, que estão quase todos ali, é fácil falar com eles na cantina.

P16: Eu sexta feira vou, vou ver um professor por turma. Uma pessoa que eu ache mais ou menos que... facilmente...

P8: Eu penso que a partir daí as coisas vão [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu este ano não vou estar. Tenho pena.

P1: E é preciso pensar, P8 - ainda hoje surgiu isso – eu a conversar com o meu, alguém para levar o P. .

P8: Para levar...?

P15: O P. ? O ano passado foi... Exato.

P16: O P. participa sempre, em todas as atividades.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Ele hoje perguntou, ele disse: “Professora, eu não vou ao Carnaval”, eu disse: “Então não vais porquê?”, “Porque eu não tenho quem me leve”.

P16: Então, mas ele sempre teve.

P15: Então, mas ele sempre foi.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu acho que isso é o P. a fazer... charme.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] levou nos últimos dois anos.

P12: Já toda a gente chegou à conclusão, em que categoria é que se inserem? Pronto, então... [impercetível – sobreposição de vozes] Vou...

P6: Eu tenho duas empatadas.

P12: Mas tens uma que tem mais do que outro?

P6: Dois seis.

P16: Eu também tenho dois empates, mas não há crise.

P6: E uma de cinco.

P12: Ah, então pronto. Olha, são pessoas com personalidades mais complexas. Então é o sete que conta... Porque é assim, por exemplo, eu também tenho... Olha, o que é que eu fiz ao meu?

P14: Não é este?

P8: Não, este [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Porque é que eu tenho tantas? [risos]

P12: Eu também tenho seis e três cincos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Mas este [impercetível – sobreposição de vozes] porquê?

P16: Oh, calhou.

P12: Bom, então é assim, pronto, os autores deste teste consideram que há dois tipos de qualidades ligadas à liderança. Umas que eles consideram as qualidades primárias, que é os dinâmicos, os adaptativos e os criativos; e as outras que eles consideram como qualidades secundárias, os agressivos, os assertivos e os compreensivos. E é juntando estas... duas categorias que eles, depois, chegam a sete estilos diferentes de liderança. E, portanto, vocês agora ficam com este papelinho, veem o que é que vos saiu...

P15: Na rifa. [risos]

P12: E... pensam, até podem ‘tar de acordo, podem não ‘tar...

P8: Se eu discordar está aqui o contacto dos senhores?

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Aqui vai chegar ainda mais. Ainda tem aqui duas.

P12: Pois, porque são as tais que sobram. Não sei onde é que eu estava co’a cabeça quando fiz as contagens, mas pronto.

P6: Mas é capaz de ser isso, o original e o...

P12: Não, há um... há um que sobra... Não, porque isto foi tudo feito a partir da...

P6: Do computador.

P12: ... do computador. Portanto... Há um que sobra porque é o tal que seria para a Isabel, mas...

P15: É giro, isto.

[...]

P8: Discordo na totalidade.

[risos]

P15: Na totalidade? [risos] Olha, eu não.

P12: Mas pronto, mas isso é... Cada um, depois, também tem a sua imagem de... cada um tem a imagem que tem, de si, enquanto...

P15: É assim, numa parte é verdade, noutra...

P8: Sim...

P16: Os senhores também não te conhecem. Acertaram em metade já não foi mau.

[risos]

P12: Vamos lá a ver uma coisa, isto é um teste, não é...

P15: Mas isto é no âmbito... reflete-se mais no trabalho ou no familiar?

P12: É... isto é...

P16: Tu não és uma coisa sem a outra, minha querida.

P15: Pois não.

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] liderança...

P16: Por muito que te custe...

P15: É verdade.

P12: E tanto que, se reparares, tu, no teste, tinhas perguntas que estavam ligadas à versão... à vertente do trabalho e outras que estavam...

P16: É assim, em relação à parte do, se tu, se o teu teste...

P12: ... ligadas à vertente social e familiar.

P16: ... [impercetível – sobreposição de vozes] dinâmico... aqui descreve: os indivíduos dinâmicos possuem x, y e z. Depois, tens de compreender os dois adjetivos da... que caracterizam a liderança. No caso, imagina, dinâmico agressivo, portanto, somos indivíduos dinâmicos... e depois vais à parte do agressivo e vês... e fazes ali a mistura.

P1: E agora, o primeiro é adaptativo ou é agressivo?

P12: Não, mas vocês têm... ouve lá, vocês têm o... por exemplo...

P16: Mas é indiferente, porque não há, não há líderes agressivos adaptativos.

P12: Pois.

P15: Pois não.

P12: AS é adaptativo assertivo; AG é adaptativo agressivo e AC é adaptativo compreensivo, pronto. Não tem que enganar.

P6: Eu sou uma mistura dos dois, graças a Deus, dinâmico compreensivo, com adaptativo compreensivo. Ambos no seis.

P12: Pronto, mas... Eu, por exemplo, eu tenho duas categorias em que...

P6: O teu deve ser qualquer coisa do género. Um, dois, três...

P12: Não, mas ela tem...

P15: Não, este, mas depois é quase tudo. [risos]

P12: Pá, mas pronto. Mas é, mas é...

P16: Mas tu és [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Eu sou. Eu sei.

P12: Mas a tua característica...

P15: Eu sou... claramente.

P16: Eu, por exemplo, sou uma mistura de duas coisas.

P1: Eu acho que também sou a mistura de duas coisas.

P12: Mas pronto, é assim, obviamente que isto é... Vamos lá a ver uma coisa, não vamos tomar isto aqui como “Eh pá, eu sou, mas”. Isto é para nos dar uma ideia...

P15: Mas é giro... para refletir, não é?

P12: ... para nos ajudar a situar e para refletir e, e pronto, e é um teste que vocês depois, se quiserem, também podem usar noutros...

P15: Portanto, podes confiar no teu filhinho. [risos]

P16: A mim?

P15: A mim. Sou compreensiva, ‘tás a ver?

P12: Bem, ia passar agora...

P8: Eu só discordo porque [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Diz.

P8: ... a liderança é distribuída [impercetível – sobreposição de vozes] e aquele AG...

[risos]

P16: Dói, não dói?

P8: *Representa aqueles que perseguem um objetivo de forma obstinada...* Só se for ganhar o Euromilhões, de resto...

P12: Mas ouve, mas, mas, mas perseguir um objetivo de forma obstinada não é forçosamente um defeito.

P16: Uma coisa má. Não.

P8: Mas eu não tenho. Não, mas que eu não tenho.

P12: Então tu andas sempre a defender as ucranianas.

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Costuma ser ucranianas. **[risos]**

P8: Mas isso não é um objetivo.

P12: Porque...

P15: É um desejo. **[risos]**

P12: ... o perseguir obstinadamente pode não ser um defeito.

P8: Eu, sinceramente, não me sinto, por exemplo, não tenho o sonho de ter um Ferrari, porque eu não preciso de um Ferrari.

P12: Mas foi o que te deu... a maior notação?

P8: Foi distribuído: oito, oito.

P12: Então, pronto...

P8: Este concordo. Este aqui não me encaixa muito bem.

P12: Mas, mas, mas como não é prevalente sobre o outro, então, tens que ver que pode ter a ver com algumas características... porque, por exemplo, no meu caso eu tenho algumas categorias empatadas, mas tenho uma que prevalece sobre as outras. As pessoas que têm duas categorias empatadas, portanto, no fundo, é... estão ali... com muitas características de um lado e muitas do outro. Agora é assim, claro que isto é uma coisa... para ser levada com alguma parcimónia, não é? Eu agora sou isto e... Eu, por acaso, identifico-me com o resultado. E, por acaso, tenho pena, porque eu já fiz este teste há dois anos, quando comprei o livro... mas não guardei o resultado.

P1: Ah, que era para comparar.

P12: E agora... e por acaso, este fim de semana, quando estava a fazer a tradução, digo assim: “Que pena que eu não guardei o resultado...”

P15: Do primeiro que fizeste.

P12: “... agora podia comparar”, porque às vezes dá resultados diferentes.

P15: Pois é.

P6: Exato.

P1: As fases das pessoas, a vida das pessoas modifica.

P12: Exatamente.

P8: Dá-te outra bagagem.

P15: Claro.

P8: Já que deu agressivo, a partir de amanhã sou um homem novo, já estou a avisar.

[risos]

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] P8.

P8: Não, eu vou provar a minha agressividade.

[risos]

P12: Se concordassem, agora passava à segunda parte, que é a apresentação do nosso blogue.

P6: Sim senhora.

P12: E depois fazíamos um intervalinho e depois, na terceira parte, falávamos do trabalho que, se é que alguém já fez alguma coisa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Mas eu estive a ver o blogue e não vi o texto que tu puseste. Só vi aquele filme.

P16: És fraquinha.

P15: Não vi.

P12: Pronto, é porque é assim, porque... o blogue...

P1: Eu imprimir a partir do blogue.

P12: Então amigo, o que é que se passa?

P15: Pois, eu agora não tenho aqui net.

P8: O computador deve estar desligado.

P12: Pois, foi isso, o computador apagou. Não, eu vou-te explicar. Já falei com o teu marido e eu era já para ter tratado disso com o teu marido, mas depois, entretanto, foi num dia que eu faltei e acabei por não... Nós, quando fizemos o blogue, não definimos o número de... mensagens que aparece por página. Então, o que acontece, ou pelo menos o que estava a acontecer...

P16: Só aparece um.

P12: ... é que só te aparece uma mensagem e, para tu veres as mensagens anteriores, tens que ir, já te mostro como é que fazes...

P16: É a coluna ao lado, [impercetível – sobreposição de vozes] publicações.

P15: Olha, mas porque é que eu não tenho internet? Vocês têm?

P12: Mas aqui, há bocado, pelo menos, havia.

P15: É da sala de professores?

P1: Já não digo nada.

P15: É?

P12: Deixa-me ver...

P8: Esta tem um *router* próprio, penso eu.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, isto agora não escreve?

P16: É o teclado do computador, P12, talvez.

P12: Ah, é capaz... Oh pá, és tão esperto.

P16: Já me tinham dito.

[risos]

P15: *Eu sou tão modesto.*

P16: Já me tinham dito num teste.

P15: Foi? [risos]

P12: *Ensinar Melhor*, não é?

P15: *É Aprender Juntos, Ensinar Diferente.*

P12: Ah, eu tenho sempre a mania...

P8: Pois, eu também já mandei chamar o senhor M. e os alunos: “Professor, tem que ligar o computador, que é capaz de funcionar”.

[risos]

P15: Olha, mas tu tens net?

P1: Tenho. Tem as barritas muita pequeninas, mas tenho.

P8: Ele agora ficou, deve [segmento impercetível] que ele faz sempre isso.

P12: Pronto.

P15: Sim, então já...

P12: Então é assim, para iniciarmos sessão, eu mandei a toda a gente os dados.

P15: Pois, mas eu só tenho isto.

P16: Oh, rapariga, se fores aqui ao lado e carregares neste...

P15: Ai que letras minúsculas!

P16: Se carregares aqui, vai-te aparecer.

P15: Ai colegas!

[risos]

P12: Portanto, é assim, para iniciarmos sessão no blogue e todos nós temos acesso ao blogue... Ah, boa, e agora? Sei lá eu qual é o e-mail do blogue.

P1: É... 'pera, 'pera, 'pera, 'pera...

P15: O *link*? O *link*? Ai espera, que eu tenho... será este?

P1: Tudo junto: comunidadedepraticapxo.

P12: Pronto. Arroba...

P1: Gmail...

P12: Gmail.com... E depois...

P1: É ccdd...

P12: Ah, isso eu sei de cor.

P1: Ah, ok.

P12: Comunidade...

P15: Ai, eu não tenho quase internet nenhuma, nem consigo entrar. Tu consegues?

P12: 2014

P1: É lento! Valha-me Deus... Está é muito lenta. Mesmo muito lenta.

P15: Muito lenta. A minha...

P12: Pronto... Então, para entrarmos no nosso blogue, é assim – e todos nós temos acesso a fazer publicações. Depois... Eu também ainda não ‘tou muito familiarizada, devo desde já dizer-vos... Penso que, quando queremos fazer uma mensagem, colocamos aqui... e ela aparece-nos. Pronto. E aquilo que para já nós... agradecemos - quem... as quatro pessoas que ‘tiveram a fazer o blogue fui eu, o A., a P1 e a P10 – é que, em termos de tipos de letra e não-sei-quê e... não andássemos a inventar, que deixássemos tudo como está pré-definido e depois, à medida que estivéssemos familiarizados, então, podemos ir alterando o aspeto gráfico. Até podemos, pode-se pôr, a minha ideia é pôr uma imagem na capa, mas pronto, ainda não... encontrámos a imagem e essas coisas todas. Portanto, depois, aqui, cada um põe a mensagem que quer, faz *guardar*, faz *publicar* e depois, a partir daí, ela já aparece no blogue. Eu agora não sei o que é que vai acontecer, devo dizer. Pronto, não aconteceu nada de especial... Ora, como é que eu vou para o blogue?

P1: O que é que tu queres fazer?

P12: Quero ir para lá.

P1: Vai lá em cima, fecha aquela barra que ‘tá lá em cima.

P12: Esta?

P1: Exatamente... Já te aparece a barra.

P12: Pronto. Exatamente. E agora... *ver blogue*, pronto. Pronto, então, aqui eu já estou no blogue. Tenho a última mensagem que foi publicada, que foi o tal texto de ontem. Mas, por exemplo, temos aqui a primeira mensagem, que é a mensagem que fizemos no dia que criámos o blogue, a pedir a colaboração. Depois, no outro dia, pus uma... pus uma mensagem com um *link* para o relatório TALIS... Ah, depois aqui, esta foi a segunda, que... tem um *trailer* de um filme, isto porquê? Posso-vos já dizer que filmes, ele só suporta filmes acho que é até 1Mb.

P1: Pequeninos.

P12: Portanto, são filmes pequeninos. Isto é um documentário que tem 50 minutos, portanto, não cabia cá e aquilo que eu fiz foi deixar cá o *trailer*, se alguém, depois, a partir do *trailer*, tiver curiosidade de ver, eu por acaso tenho o filme e até já o meti numa *pen* e, portanto, se alguém quiser que eu traga, eu posso voltar a trazer; senão, há pessoas que são espertas e que sabem ir à internet e ver e sacar e etc. Pronto... Pronto,

depois, no outro dia, pus aqui uma... um *link* para uma parte do relatório TALIS... que é um relatório importante, que foi publicado o ano passado, tem dados relativos a vários países da OCDE, inclusivamente para Portugal. O relatório... o relatório completo está em inglês, infelizmente. Não sei porque é que a gente tem tantos organismos e tantas direções gerais...

P8: Pois, eu abri-o e notei logo isso.

P12: ... que depois estas coisas nunca são traduzidas. Mas há aqui uma ligação que nos permite chegar a um sumário em português. Portanto, tem lá depois um, um... tem uma pequena síntese, eu até posso, só para vocês verem...

P8: Eu abri foi o relatório.

P12: Pronto. Ah, abriste mesmo o relatório.

P8: Foi e logo que vi que era inglês... disse *bye bye*.

P12: A agora... Oh pá... olha, então, agora... agora... Então, da outra vez fui lá tão facilmente e agora não 'tou a encontrar?... É estranho.

P8: Podem já ter...

P12: Não. Aqui... Não, também não é aqui... *Publications*, deve ser por aqui. Eu, por acaso, na altura, depois, até explicava como é que se chegava lá... Também não é... Olhem, sinceramente, agora não 'tou a ver como é que lá chego. Mas, na altura, aquilo era muito fácil chegar lá... Ah, acho que é aqui... Olhem, peço desculpa... Deixa-me ver se eu assim chego lá... Isto devia haver uma forma... Havia uma maneira de chegar lá em português ou... Deixa-me ver se é aqui. Também não é... Bom, eu sei que havia uma forma de chegar ao sumário em português. Agora, sinceramente, não *tou* a conseguir chegar lá... mas pronto. Bom, isto para dizer que temos cá, então, já, o nosso blogue, mas que a ideia é exatamente aquela que 'tá ali, nesta caixinha, que é: que isto seja um espaço nosso de discussão e de debate. E, portanto, nós podemos publicar aqui desde relatos de práticas, episódios da nossa vida profissional que achemos que podem ter alguma relevância e alguma importância... textos que encontramos que achamos interessantes... *links* para documentos ou qualquer outro tipo de coisa. E depois, pronto, a ideia também é... nós, qualquer um de nós, membro da comunidade, pode publicar e pode fazer comentários às publicações dos outros... e divulgar um pouco, também, para dar um pouco a conhecer o nosso trabalho, para que as outras pessoas também possam

elas comentar, porque às vezes, embora seja... pode haver... um assunto qualquer que não interessa só aqui, por exemplo, às pessoas da nossa comunidade e que pode ser... visto e comentado. Até porque, não se esqueçam que é assim, coisas confidenciais aqui não devem colocar, porque isto é um blogue e qualquer pessoa pode aceder.

P1: Público.

P12: Exatamente. E, portanto, qualquer pessoa pode aceder ao blogue, o que não pode é publicar no blogue, mas... o *Zé Manel dos anzóis*, que ‘tá em Freixo de Espada à Cinta, a esta hora pode perfeitamente ‘tar a ler alguma das nossas publicações. Portanto, é preciso ter atenção a isso... O espaço do blogue, o blogue é um espaço público. Pronto... E... e pronto, a ideia era que nós, efetivamente, fossemos dinamizando o blogue e construindo aqui um espaço de discussão, porque às vezes discutimos tantas coisas... e... e acho que... que o blogue pode ajudar-nos na... enfim, na nossa reflexão sobre o nosso, sobre a nossa profissão.

P1: Se quiserem vou explicar como é que as pessoas podem pôr um...

P12: Então, mas isso foi o que eu ‘tive a explicar.

P1: Ok. Ok, filha, ‘tá bem.

P12: Tu... Se calhar não fui suficientemente boa explicadora.

P1: Não, eu já lá ‘tou a, ‘tou a experimentar.

P12: Tem que se, tem que se entrar na sessão e para entrar têm que usar o e-mail e têm que usar...

P15: A palavra-passe.

P12: ... a palavra-passe. Eu enviei-vos esses dados para o vosso e-mail, um dia destes. Depois, entram em *nova mensagem* e, a partir daqui, têm uma folha em branco onde podem... dar largas... à vossa... criatividade... pronto, e partilhar, por exemplo, se encontrarem um *link* interessante para um filme ou para um documentário ou para qualquer documento... Há muita coisa interessante, hoje... na net e nós às vezes também nos perdemos um bocadinho e, portanto... Enfim...

P1: Isto funciona exatamente como um... como um *word* entre aspas, muito limitado, obviamente, mas é como um... um documento de texto. Podes escrever ou podes copiar/colar e pôr ali.

P12: Sim. Mas, por exemplo, mas não podes... mas não podes inserir aqui um, um documento de texto. Podes inserir, tu, por exemplo...

P1: Não, tu não podes pôr um anexo. Ele não te permite o anexo.

P12: ... podes inserir uma imagem, podes inserir um vídeo, mas por exemplo, se tu quiseses...

P1: Anexar um texto ele não te deixa.

P12: ... anexar um documento, isso ele não deixa.

P1: Mas podes copiar o texto e colar ali.

P12: Foi o que eu fiz, ontem. Achas que eu estive a escrever aquilo tudo àquela hora da noite, não? Pois, então era mesmo isso.

P15: Olha, P12, não era aqui que tu querias ir?... Que te dá em português, não seria isto?

P12: Pois, possivelmente.

P15: Não é? Podem encontrá-lo, eu vou clicar.

P12: Ah, mas é que, pois, pois, mas aí eu cliquei. O problema é que depois, quando eu cliquei, ele não me foi dar ao mesmo menu que me dava, porque ele aparecia-me...

P15: Isto 'tá é lentíssimo. Primeiro que isto...

P12: Porque o meu problema, P15, eu vou-te explicar... é que... quando eu clico, não, onde é que 'tá? O relatório 'tá ali...

P15: Pois, foi o que eu fiz.

P12: Pronto, só que...

P15: Abriu-me e depois cliquei aí nesse *link*.

P12: Neste *link*. Mas eu ia logo parar a um sítio...

P15: Ah, que te dava...

P12: ... que me dava...

P15: ... logo a versão portuguesa?

P12: Não. Dava-me um menu, onde eu escolhia português e depois...

P6: E se escreveres aí português?

P15: A mim nunca mais entra. É este: OCDE.org. Mas primeiro, olha, ainda nem, olha... olha, olha a lentidão.

P1: Mas o meu já entrou. E depois onde é que tu foste?

P12: Mas o que me ‘tá a continuar a dar é o documento em inglês, ‘tás a ver? E o que eu queria era o documento em português.

P15: Nas definições, qual é o *wi-fi* que tu escolheste?

P1: Eu escolhi *sala de professores*.

P15: Porque é que o meu ‘tá tão lento?

P1: Ele só tem aqui as duas hipóteses de francês e inglês.

P12: Pois, mas não, ele tem variadíssimas línguas.

P6: Pode ter sínteses, ‘tás a perceber?

P12: E é uma, e é exatamente...

P15: Mas olha o meu, nunca mais entra.

P12: Mas é exatamente essa síntese que *tá* em português que era fácil de chegar. E agora não se consegue. Tens aqui dados sobre Portugal, mas ‘tá tudo em inglês e isso é que... [impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Será que havia ali algum erro e retiraram?

P12: Não sei. Não faço ideia.

P15: Mas porque é que o meu computador, o meu coiso ‘tá tão lento?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ah, espera lá, espera lá, espera lá.

P6: É capaz de ser aí, nos cantos.

P12: O *P* onde é que fica? Ai que estúpida!

P15: Eu até pus aqui a aplicação, para entrar diretamente... no blogue. Eu pus aqui uma aplicação, ‘tás a ver? E vou aqui diretamente. Mas ele ‘tá tão lento.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não sei. Deve ter havido alguma alteração, porque ele dava-me direitinho, direitinho a...

P6: Se calhar, ao abrires o documento em inglês, devia ter em cima o *countries* e talvez fosse isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Sinceramente, olha, não... Já agora, deixa-me ver uma coisa... o relatório TALIS... aceder através do menu *multilingual summaries*... e, ao entrarem no menu, é logo a primeira opção. Portanto, este *multilingual summaries* é que não me 'tá a aparecer... Devia-me 'tar a aparecer aqui no menu uma coisa chamada *multilingual summaries*, 'tás a ver?

P6: Pois, não 'tá.

P12: E não me está a aparecer, mas...

P6: 'Tá lá, já 'tá lá, já podes carregar.

[...]

P12: E fez-se luz.

P16: Também já encontrei.

P1: Ya, também já lá 'tou. [risos]

P6: Toda a gente chegou ao mesmo tempo.

P1: Chegou ao mesmo tempo.

P12: E fez-se luz. Pronto. E então, agora, aqui, isto é...

P6: Em português, já tens?

P8: Eu sabia onde é que estava, só que não quis dizer.

P12: ... um resumo. O relatório é enorme, mas é, mas é, pronto, mas é... é interessante, tem algumas coisas interessantes... Como nem sequer é muito grande, não...

P16: Três páginas.

P12: ... não dá muito trabalho a ler... Portanto... Mas pronto, eu pus aqui isto também foi mais para exemplificar o tipo de documentos que nós podemos partilhar. Por exemplo, vocês até podem partilhar coisas específicas das vossas disciplinas. Por exemplo, imaginem que encontraram um site interessantíssimo sobre como é que se ensina Matemática às crianças. Agora, por exemplo, anda uma coisa no *Facebook*...

P15: Ah, eu pus isso...

P12: ... com *legos* e não-sei-quê.

P15: ... é tão giro.

P12: Pronto, podem usar o blogue para partilhar isso... Portanto... o que eu acho que é importante é que, pronto, comecemos a utilizá-lo e que ele se torne, de facto, um bocadinho um prolongamento da... da nossa comunidade. Portanto, ninguém... Não se sintam, digamos assim, inibidos e dizer: “Ah, agora vou fazer uma publicação, que disparate. E depois o que é que não-sei-quem vai pensar?” ou “O que é que a P12 vai pensar? Eu agora ‘tar aqui a escrever isto ou pôr aquilo”. Não. Isto é mesmo um espaço nosso... embora um espaço que nós também sabemos que o que cá pomos é acessível a todo o público. E também a ideia é um bocadinho essa, porque a ideia é... que... enfim, pode ser uma ideia um pouco lírica, mas a ideia é que também a gente consiga começar a mexer um bocadinho com... com o que se passa à nossa volta. Que isto não se torne num grupo fechado... que é assim olhado: “Mas o que é que é aquela gente? O que é que eles andam ali a fazer?”. Portanto, que as pessoas percebam um bocadinho mais o que é que é o nosso trabalho. Pode ser que depois, entretanto... se juntem a nós. Já tive uma promessa... de haver uma possibilidade de, para o ano, as horas da reunião da comunidade serem consideradas, não é serem consideradas no nosso horário para efeitos letivos, mas é, sabendo à partida quem são as pessoas que integram, o Conselho, as pessoas que fazem os horários terem o cuidado de dizer assim: “Pronto, estas sete ou dez ou quinze pessoas vão ter neste dia, esta hora, estas duas horas livres para aquele trabalho de formação que ‘tão a fazer”. Pronto.

P1: Era ótimo.

P12: Era ótimo, pois era.

P1: Não ‘tá fácil...

P12: Já me disseram que era possível. Mas pronto, mas é assim, mas também para se pedir isso também temos que... eu acho que temos que...

P8: [impercetível – voz sussurrada]

P12: Exatamente. Tem que se mostrar que se ‘tá a fazer alguma coisa...

P15: O trabalho.

P12: ... que se 'tá a trabalhar e que não é propriamente assim uma coisa só para virmos qui comer uns bolos nos intervalos.

[risos]

P12: Pronto, eu acho que agora por aqui já saio... Este documento, vou fechá-lo... e vou tirá-lo daqui... que...

P8: Aquele blogue, *ComRegras*...

P12: Sim...?

P8: ... tem coisas muito interessantes. Eu não tenho tempo é para acompanhar.

P12: Qual é esse blogue?

P8: Um que há tempos te mandaram [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ah! Isso não é um projeto da Secretaria?

P8: Não, não.

P12: Então?

P8: Escrevem várias pessoas, o Paulo Guinote' e vários... e têm artigos muito, muito interessantes, só que... eu não tenho tempo para acompanhar, porque todos os dias eles metem... vários documentos. É um... é um projeto de pessoas mesmo ligadas à Educação que é muito interessante. E debatem depois os...

P15: Como é que se chama?

P8: ComRegras.

P12: Tu no outro dia mandaste-me...

P8: Sim, sim.

P15: Já tinhas falado.

P12: Exatamente.

P8: Eles debatem a questão dos trabalhos de casa, o tipo de ensino... É muito interessante.

P12: Então, mas pronto, mas ó P8...

P1: Por exemplo, é um *link*, se calhar...

P12: Não, no fundo, isso não são coisas que nós também não possamos fazer. Por exemplo, agora têm... com estas alterações que o ministro pôs...

P8: A questão dos exames também têm andado a discutir.

P12: Por exemplo. É uma discussão que pode ser uma discussão interessante para ter no blogue... A questão dos trabalhos de casa... Sei lá, tantas questões... Por exemplo, nós, neste momento... agora não sei se já fará muito sentido, mas por exemplo... acho que houve aqui algumas discussões na escola, que se calhar se deviam ter travado mais e não se travaram, ligadas a algumas coisas do regulamento interno e até do próprio projeto educativo. E, portanto, usarmos o blogue para... para fazer... essa discussão. É um bocadinho, a ideia é essa.

P8: *Sim ou não ao quadro de honra*, é um tema interessante.

P12: Por exemplo. Por exemplo.

P8: Há quem concorde, há quem discorde.

P12: Por exemplo. Podes lançar essa discussão.

P15: Os trabalhos de casa, não é?

P12: Então, mas é assim, mas isso, depois, cada um é que tem que...

P8: Sim, sim.

P12: ... dar o seu contributo...

P1: Dependendo da sua sensibilidade.

P12: ... dependendo das temáticas que lhe interessam, quer dizer, ao P8 pode interessar discutir o quadro de honra - se calhar a mim também - até porque enquanto ele 'tá num palco privilegiado para essa discussão, porque 'tá no Pedagógico, eu cá não 'tou e, portanto, não tenho uma voz ativa... Há outras pessoas que, se calhar, estão-se a borrifar para o quadro de honra, mas que 'tão interessadas em discutir outras coisas, que também podem ser... Olha, por exemplo esta questão da... da tolerância e que agora 'tamos proibidos de marcar faltas aos meninos enquanto não der o segundo toque. Eu cá toda a vida marquei... e agora fiquei a saber que não posso fazer isso.

P15: Pois não.

P8: Eu penso que o segundo toque teve um efeito negativo... cá na escola.

P12: Pronto, mas...

P1: Não tenhas dúvidas que os miúdos passam a entender a entrada como o segundo toque.

P15: A tolerância. Exatamente.

P8: O J. D. no outro dia estava a contar, uma escola onde aboliram os toques...

P15: Ah, eu vi.

P8: ... que é das piores escolas do país...

P1: Eles aboliram o...

P8: Lá o chefe da Direção tomou uma série de decisões. Uma delas foi acabar com os toques e, neste momento, houve uma mudança completa e estão em quadragésimo, julgo eu, no *ranking*, mudaram completamente, a questão dos comportamentos dos alunos mudaram completamente. São muito mais pontuais depois de não haver... toques. Portanto, houve uma série de mudanças. Mas é aquilo que o J. diz, ele, para fazer isto, para já teve que ter as costas largas e teve que reunir a escola toda e explicar as regras a professores, funcionários e a alunos. E a pais também. Portanto, houve toda ali uma série de trabalho e houve muitos obstáculos... e depois a ideia arrancou.

P12: Mas pronto, eu acho que era importante que começássemos a dar alguma vida ao blogue, porque também não tem muita graça se sou só eu a fazer publicações. Daqui a bocado parece que é o blogue da Luluzinha, em vez de ser o blogue da, da nossa comunidade.

P15: Olha, mas isso dos trabalhos de casa...

P1: Boa personagem. Boa personagem.

P15: Luisinha.

P1: Luluzinha.

P15: Pois...

P12: Não, Luluzinha era uma boneca dos desenhos animados. E é assim, por acaso eu já tive... já tive e não 'tá fora de questão, não tenho agora é tempo, mas eu já... já há uns dois ou três anos que eu tinha a ideia de fazer um blogue pessoal, meu, mas só de... tipo diário de... diário de professor, para ir contando as minhas venturas e desventuras.

P15: Olha, no outro dia, de tanto falar de diário, vi uma reportagem tão gira. Era, ela era de Lisboa e foi viver para Trás-os-Montes e agora é pastora. E então ela faz um diário. Foi tão engraçada essa reportagem.

P12: Mas pronto... tinha essa ideia, mas depois, lá está, faltava-me a literacia informática para me lançar no blogue e depois também algum tempo e, por isso, depois, acabei por não fazer isso... Mas este não... é assim, não é um blogue meu, é um blogue nosso e, portanto, era bom que começássemos a usá-lo e a trazer as discussões que acharmos que são interessantes trazer. Por exemplo, ainda no outro dia... e isso é uma discussão que eu acho que... não sei se se faz muito, mas pelo menos que se devia fazer, mas... eu oiço muita gente sempre a dizer que nesta escola, por exemplo, valoriza-se muito o Português e a Matemática, valoriza-se muito o Português e a Matemática e o resto são... filhos bastardos. Se calhar também é uma discussão interessante para... para se fazer. Por acaso não 'tá aqui ninguém, nem de uma disciplina, nem da outra. Ai não, estás tu, que é de Matemática.

P15: Não, mas valoriza-se... Eu sou de Matemática. É assim, valoriza-se... quem valoriza. Por exemplo, a carga horária é maior, é verdade...

P12: É nesse sentido.

P15: ... mas, mas...

P12: Carga horária, provas específicas, há toda uma...

P15: Os testes serem fora do contexto sala de aula...

P12: Há todo um tratamento nessas disciplinas, que outras disciplinas não têm e...

P15: Sim, mas olha, por exemplo, eu optei, no meu grupo – e eu disse – eu não faço mini testes, nem questões de aula, nem nada. Eu faço os testes de escola e mais nada. Acho que já chega. Também para quê...

P8: Sim, mas a questão é o facto de haver um número exagerado...

P15: De carga horária.

P8: ... de aulas. Por exemplo, eu quero mudar para Matemática. Eu, neste momento, se fosse obrigado...

P15: É uma tortura.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] eu passava a detestar a professora e passava a detestar...

P16: Todo o mundo.

P8: Portanto, eu tenho o direito de não gostar daquela disciplina.

P15: Claro.

P8: Não pode. Ou então decidem que temos que passar com positiva a tudo.

P15: Sim, é verdade.

P8: Não é justo é estarmos a dizer... O Cristiano Ronaldo não precisou do Português e da Matemática para nada.

P15: Pois não.

P8: Portanto... Eu não percebo, por exemplo... eu acho que toda a gente já se apercebeu, quem conhece minimamente o Porto Santo, os miúdos do Porto Santo têm um jeitão enorme para a área das Artes. O que é que nós valorizamos em relação às Artes? Porque é que toda a gente tem que ter, vamos formar só engenheiros?

P12: Não, e por exemplo, olha, ainda noutro dia um colega me dizia, e isso a mim fez-me algum sentido, que é assim: valoriza-se muito a Matemática e o Português e depois, por exemplo, numa ilha que é essencialmente turística, que tem uma economia essencialmente virada para o turismo, não se valoriza as línguas estrangeiras.

P15: Não há uma academia de línguas.

P12: Mas isso já é uma questão que não compete à escola. A escola não vai montar uma academia de línguas, mas se calhar devia haver um investimento maior no ensino das línguas estrangeiras.

P15: Também já houve o clube europeu.

P12: Mas não era para [impercetível – sobreposição de vozes] ensino da língua estrangeira. Não era...

P6: A intenção não era, os objetivos não eram esses.

P15: Mas podia ser.

P16: Os professores de línguas têm toda a liberdade para propor clubes de línguas, portanto, se não o fazem é porque não querem.

P15: Claro. Claro.

P16: Ponto final.

P12: Mas ó P16, mas por exemplo...

P16: Ponto final. Oh P12, a P12 já abriu uma oficina de História. Porque quis, não foi? E depois deixou de funcionar porque quis. Eu já tive um clube que era o (segmento impercetível), deixou de funcionar porque não me apeteceu fazê-lo. Portanto... na escola, às vezes dá-me a sensação também que é mais fácil mandá-las para o ar do que, efetivamente, arregaçar as mangas. Portanto, concordo plenamente com o que vocês estão a dizer, com o Português e a Matemática, acho que resulta um bocadinho da osmose que vem, governamental, porque obviamente o governo também só dá, só existe Português e Matemática, portanto, as escolas acabam por absorver essa ideia.

P12: Eu também percebo que a origem disto é essa.

P16: Agora, a questão das línguas, que eu concordo 500% com vocês... agora, também é verdade que nós não podemos estar sempre à espera...

P6: Dos outros.

P16: ... que a partir da liderança essas coisas surjam.

P12: Surjam ideias.

P16: Portanto, a partir do momento que os professores das línguas acham que é necessário criar outras coisas para fortalecer o ensino das línguas, nomeadamente a expressão oral, escrita, seja o que for, é muito simples: final do ano letivo chega-se ao pé do presidente da escola: “Olhe, eu gostava de lançar para o próximo ano letivo, nem que seja a título experimental, o clube do Francês”. Normalmente, deve ir a Pedagógico, mas também se não for, também ninguém morre. E, portanto, naquele ano, aquele professor, em vez de fazer aulas de substituição, tem um clube de línguas. É muito simples. Não é preciso aqui inventar nada. Pronto, falta é arregaçar as mangas e avançar.

P15: Pois, exato.

P16: Eu próprio já propus, porque já fiz, portanto, na altura das atividades de encerramento, já houve atividades promovidas pelo departamento de línguas, nomeadamente pela malta do Alemão... nomeadamente a M. J. V. e, portanto, e

conversámos muito sobre a importância de, de facto, haver esses clubes, também numa vertente mais extracurricular, se calhar, porque se calhar o extracurricular também está subvalorizado relativamente ao curricular. Isto também é uma coisa que se diz, mas depois, na realidade, ‘tá toda a gente a... a borrifar-se para o extracurricular...

P15: Pois é. É verdade.

P16: ... e a verdade é que, quando chega a altura de: “Então porque é que não abres um clube de línguas?”, “Ah, porque isso se calhar e tal e coiso”. Ah, então o problema não está na escola, nem nada. O problema está se calhar em nós.

P15: Em ter vontade.

P12: Sim, eu concordo contigo, P16. Eu concordo contigo, mas o que eu digo é, eu, quando ‘tava a falar era em termos da valorização institucional, ou seja, e eu percebo que essa valorização institucional tem a ver com as políticas que vêm do ministério, porque a gente sabe que nos últimos quatro anos tivemos um ministério orientado para o Português e para a Matemática...

P16: Completamente.

P12: ... e o resto é paisagem. E as escolas, obviamente, depois, também replicam um pouco isso... Mas também acho que se calhar, pronto... concordo contigo, que não preciso de ‘tar à espera que o Conselho Diretivo me venha dizer: “Então, vá lá dinamizar um clube disto ou daquilo”, mas também acho que às vezes as coisas... se calhar também precisam de ser um bocadinho mais institucionais. Por exemplo, se há desdobramento de horas para isto, para aquilo e para o outro, por exemplo, porque é que nunca... lá está, vais-me dizer: “Então porque é que os professores de línguas nunca reivindicaram?”. Claro...

P15: Mas pode não haver créditos, P12.

P16: Não, mas é assim, mas a questão que a P12 está a levantar, dos desdobramentos e do número de horas e afins, isso colide com tanta coisa...

P12: Eu sei.

P16: Colide com tanta coisa, quer dizer, daqui a nada, quer dizer, se toda a gente quiser [segmento impercetível] horas...

P15: Pois.

P16: ... Eu posso-vos dizer, por exemplo, em relação, no programa da Biologia para o secundário, nós estamos à espera de um programa já para aí há quase quatro anos e ainda não conseguimos, porquê? Porque as senhoras professoras que faziam parte do programa da Biologia, que entretanto se zangaram todas, graças a Deus, [risos] achavam, achavam que, portanto, a Biologia e a Geologia tinha que ter uma carga horária ainda maior do que aquela que tem no 10º ano. Portanto, os putos já têm sete horas daquilo, por semana...

P15: Coitados.

P16: ... elas ainda queriam mais. E, portanto, e a discussão entre o ministério e elas foi tão grande que nunca se entenderam, porque elas simplesmente não abdicavam daquela... daquela...

P15: Carga horária.

P16: ... daquela carga horária. Portanto, fizeram um programa a pensar numa carga horária maior. E obviamente que o ministério percebe: “Quer dizer, então os putos só têm que estudar Biologia e Geologia? O resto desaparece?”. Portanto, eu acho que é preciso encontrar aqui um equilíbrio entre as vertentes todas. Mais, acho que, de facto, nós, por cultura, nós valorizamos muito a aprendizagem formal. Portanto, nós, só se for formalzinho e vier um documentozinho e estiver escrito lá no horáriozinho é que... Tudo o que for informal, nós desvalorizamos completamente.

P15: Pois.

P16: E, portanto, acho que, muitas vezes, se calhar, o segredo das escolas se tornarem mais diferentes das outras e de nós sermos mais singulares e de promovermos atividades mais diferenciadas tem a ver com a valorização da aprendizagem não formal. E essa aprendizagem não formal pode ser feita via atividades extracurriculares, nomeadamente essa questão dos clubes. Agora, lá está, enquanto os clubes forem entendidos como: “Ai, tenho estas horinhas para *encher pneus*” ou “Tenho o *clube da papoila* ou do *trevo de quatro folhas*”. Portanto, enquanto os clubes... Eu não digo que... Se calhar, a própria chefia também os vê assim, atenção. Não ‘tou a dizer que a culpa é de ninguém em particular. Portanto, isto está-nos no sangue... E, portanto, enquanto nós não percebermos que de facto as atividades extracurriculares, de complemento curricular...

P1: São de aprendizagem.

P16: ... que é a nova terminologia, são de facto atividades que podem promover um tipo de aprendizagem tão ou mais importante do que aquela que é curricular, nós nunca vamos sair desta... pronto da disciplinazinha e do, e do programa, porque também outra crítica muito grande que estamos sempre a fazer: “Ai, porque o programa é muito fechado e daqui e dacolá”. Está bem, o programa é fechado, mas se tu quiseses fazer coisas fora do programa também podes, ninguém te impede. E, portanto, se não... E mesmo em relação ao cumprimento do programa, está toda a gente obcecada. Olha, mas podes fazer outras coisas ao lado, não é? Ninguém vai andar atrás de ti como uma vara de agulhão a saber... Portanto, acho que nós refugiamo-nos muito, acho que é muito fácil nós culparmos o... aquela pessoa distante, formal, não-sei-quê, quando, na realidade, se calhar há coisas que nós poderíamos resolvê-las com, com mais facilidade, não sei.

P12: Sim, mas pronto, lá está, ‘tás a ver? Isso eu acho que é uma discussão que é interessante... Eu falei porque é uma queixa que eu ouvi a várias pessoas... Eu ‘tou de acordo contigo, que ninguém me impede, sim senhor, então, se eu acho que há poucas horas de Inglês, eu vou abrir um clube de Inglês. Mas a verdade é que também, se calhar, as pessoas, às vezes... não se sentem muito institucionalmente apoiadas, porque se calhar sentem que há uma valorização de certas áreas em detrimento doutras, pronto.

P15: Não, mas olha, por exemplo, nós, este ano, nós propusemos fazer um... clube de Matemática, sala de estudo, pronto, chamem-lhe o que quiserem. E o que nos disseram foi que não era possível porque já tínhamos uma carga horária muito elevada, então não era possível.

P12: Pois.

P15: E compreende-se, não é?

P16: Mas ó P15, mas hás-de convir que, no fundo, é capaz de ser verdade, não é?

P15: É. É verdade. É verdade.

P16: É a tal história que o P8 estava a dizer...

P15: Sem dúvida.

P16: ... se é para ser mais do mesmo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olha, eu concordei. É verdade, sim senhora. Agora, nós fizemos a proposta, tudo muito bem. Agora, realmente é verdade. É verdade...

P16: Se calhar, neste momento, aquilo que não faz falta na escola são mais clubes relacionados com a Matemática. Pelo menos... A menos que seja um clube com uma vertente de tal forma diferente daquilo que vocês ensinam, ou seja, que fuja um bocadinho à estratégia tradicional do ensino da Matemática, que de facto vocês se tornem... diferentes. Nomeadamente aquela aprendizagem que a P12 falou há bocado, dos *legos*.

P15: Sim, as peças.

P16: Pronto, seja o que for.

P15: Eu fiz isso na aula.

P16: Pronto, seja o que for. A menos que seja uma proposta tão radicalmente diferente daquilo que vocês praticam na... na sala de aula, que seja de facto...

P6: Que valha a pena.

P16: Que valha a pena, exatamente.

P15: Olha, mas também...

P16: Se é para ser mais do mesmo...

P15: Claro. Exatamente.

P16: Eu não gosto de Matemática, ter que levar ainda com [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olha, mas por exemplo, isso, quando eu vejo assim coisas interessantes, eu levo para a aula. Quando ‘tive a dar as frações levei para a aula... e até mostrei, um jogo que eles fazem, os chineses também. E mostro, pronto.

P8: Pois, mas a questão coloca-se exatamente aí. É que vocês têm a possibilidade de mostrar. Os outros, por muito que gostem, nem vale a pena mostrar porque não têm hipóteses de explorar.

P15: Claro. Não têm tempo. Claro.

P8: Porque quando se acha que dá uma disciplina em noventa minutos semanais...

P15: Três. Três blocos de noventa minutos.

P6: Ou quarenta e cinco.

P16: Noventa minutos é uma coisa absolutamente ridícula.

P15: Pois é. É verdade.

P16: Precisamente porque estamos tão ocupados com...

P15: É assim, eu também concordo, mas também é verdade uma coisa, se nós não tivéssemos noventa minutos, três vezes por semana, três blocos, ai, não dávamos o programa.

Rosa: E Matemática aqui, nesta escola, acaba por ter mais quatro horas por período do que as outras escolas, porque o teste é fora.

P15: Sim, a Matemática e o Português, não é só a Matemática.

Rosa: Sim, sim, sim.

P15: É verdade. Que é outra coisa que eu, quando, estes dois anos que tive formação, ninguém concorda com os testes de escola nestes moldes.

P16: Manifestem-se.

P15: Agora, eu concordo, para mim é [impercetível – sobreposição de vozes] Na Madeira. Lá, as minhas formadoras e os colegas...

P8: Eles pensam... Eles que escrevam no blogue.

[risos]

P15: Olha, eu... Olha, exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Eu disse gosto.

P12: A gente pode levantar a discussão no blogue...

P15: Eu gosto, sinceramente.

P8: Eu não conhecia, até porque estava numa escola básica, só até ao 9º ano, e quando cheguei aqui, no início, chocou-me assim um pouco, mas até acho uma estratégia interessante...

P15: Também acho.

P8: ... por parte da escola, se for com intuito. Agora, [impercetível – sobreposição de vozes] coisas que já se vê e que temos que parar um dia destes, para pensar o que é que andamos a fazer...

P1: A formalização com que se, com que se trata os testes, qual é...

P8: ... Por exemplo, não se pode andar...

P6: Parece quase exame.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] O aluno não tem direito a ter apoio nenhum. É um exame como um exame nacional...

P15: Não. Olha, assim como, assim como estarem a vigiar e estarem com o computador ou a ler...

P8: Sim, mas isso tem a ver...

P15: ... que os miúdos do 2º ciclo, eles dizem-me: “Professora, a professora que esteve a vigiar ‘teve os noventa minutos sentada no computador’”.

P8: Isso tem a ver com o profissionalismo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Pois, mas os moldes. São os moldes, não é? Devia haver um regulamento...

P8: Mas tu ‘tás à espera que a escola... Oh... quer dizer, é assim, a escola, eu acho que somos todos profissionais, a escola diz: “Isto é como exames nacionais”, tu ainda queres que a escola agora defina regras? Isso faz-me lembrar o Alexandre Ventura, quando ‘teve aqui. Uma das coisas que eu chamei à atenção foi o facto de nos exames nacionais proibirem os telemóveis e depois não proibir durante o ano e nós temos dificuldades. É aquilo que ele disse: “Pois, o ministério, se definisse para tudo, vocês vinham em cima do ministério, porque o ministério é que manda em tudo. O ministério dá-vos autonomia para vocês decidirem, vocês não conseguem. Então o que é que...?” A escola não tem que criar regras nenhuma. A escola tem que exigir aos professores...

P15: Pois, é o bom-senso. O bom-senso...

P8: Então, mas o bom-senso...

P15: ...de quem ‘tá a vigiar.

P8: Agora, não vamos pagar... Não podes é dizer que foi essa professora. Eu passo em todas as salas e, de uma forma geral, mesmo, há tempos também a M. J. [PCP] ouviu dizer, por um encarregado de educação, que havia imenso barulho. Eu fui conversar com funcionários, eu ando sempre nos corredores e não ouvi barulho nenhum. E os funcionários garantiram-me: “Olhe, professor, o barulho que você ‘tá a ouvir é este. Zero”. Agora, nós não podemos também ouvir... Essa história do que o aluno disse, já há dias, no Pedagógico, deu uma barraca de todo o tamanho, porque foi para lá uma pessoa falar porque um aluno do 9º ano disse a uma professora que a professora do ano passado não fez nada. Não queiras saber a barraca que deu. Portanto, não vão atrás do que os alunos dizem, porque isso tem muito que se lhe diga. E depois é assim, eu, nessas situações, no outro dia a R. chegou aqui e disse: “P8, no [segmento impercetível] período tivemos meia hora sem nenhum funcionário”. Eu cheguei lá em baixo e disse, estas coisas temos que dizer, portanto... quando há [segmento impercetível], é assim, querem corrigir como? Foste lá em baixo dizer? Alguém foi lá dizer que, que havia professores a usar computador na aplicação dos testes? Como é que querem corrigir se não dizem?

P1: Olha, e depois tu chegas, desculpa lá, mas eu já me aconteceu ir reclamar à, reclamar entre aspas, dar a conhecer a situação, uma outra situação, na Direção Executiva e a resposta que me deram: “Ninguém reclama senão tu”. [impercetível – sobreposição de vozes] sala quarenta. A sala quarenta é uma sala fria, gelada... quem ‘tá lá e tem oito horas por semana, como eu tenho, com o P., é uma sala que não deve ter, esta proteção não tem, percebes? O ar frio entra pela coisa. É uma sala que não apanha sol. E eu fiz este comentário ao R. [VP2]: “Ai, todos os professores estão lá e ninguém reclamou senão tu”. Pronto.

P12: Então, mas isso também não é caso para não se reclamar. Olha, eu posso ser a única pessoa a reclamar e reclamo. Eu, por exemplo, mas voltando aos testes de escola, eu, por exemplo, eu, para mim, a questão dos testes de escola, para mim, incomoda-me mais no sentido em que eu acho que vai muito contra a autonomia de um professor, porque eu, por exemplo, eu ‘tou a imaginar o que era se de hoje a amanhã o Conselho Pedagógico se lembrasse que na disciplina de História eu tinha que fazer dois testes por período e era naquele dia, todos à mesma hora. Quer dizer, eu acho que era uma...

P15: Tens que te organizar.

P12: Não, não tenho que me organizar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É que não tenho que me organizar...

P8: Oh P12...

P12: ... porque é assim, porque os dispositivos de avaliação... fazem parte da gestão curricular e, por enquanto, o professor ainda tem autonomia para gerir o currículo.

P8: Oh P12, mas atenção que eu sou membro do Pedagógico e, desde que eu estou lá, nunca ninguém me perguntou se eu era a favor ou contra. E nunca me foi dito que os testes de escola são... são... uma aplicação do Pedagógico. O que foi-me dito é que eram uma decisão do órgão de gestão. São coisas diferentes.

P12: Eu sei, mas ó P8, eu só ‘tou a dizer que em relação aos testes de escola não me faz confusão o facto de se o professor A. fez não-sei-o-quê ou fez não sei... A mim, o que me faz confusão nos testes de escola é que... graças a Deus não há para História, porque no dia que houver para História, eu... vou ter que mudar de escola, porque eu não sei trabalhar assim... Eu trabalho de outra maneira. Eu só faço um teste por período e faço um teste por período porque...

P6: Para dizer aos papás? Para dizer aos papás que fizeste um teste?

P12: Até para os próprios miúdos, porque ‘tá tão enraizado na cultura dos miúdos que o teste é, que se tu não fazes um teste, aquilo, os miúdos: “Porque é que a professora não faz teste?”, “Oh homem, descanse que eu faço teste. Vai haver teste, sim senhora”.

P1: Eu não faço teste. Eu faço trabalhos.

P12: ‘Tá bem, mas tu tens uma disciplina que, apesar de tudo, é diferente.

P1: Mas têm trabalhos. E eles sabem a percentagem de cada trabalho e depois, no final, c’á folha de Excel à frente: “Olha, tiveste x, tiveste x, tiveste x”. É óbvio que depois tens que... uma gestão diferente, mas isto só para dizer que não é um teste, mas são os trabalhos de cada um com a sua percentagem. Pronto.

P12: Bom, isto tudo a propósito das discussões que podíamos lançar no blogue e que eu acho que era interessante começarmos a dinamizar o blogue. Se não houver mais coisas sobre este assunto eu passava para o terceiro ponto, que eu acho que não deve ter muita coisa. E, por isso, eu ia sugerir, não sei, que em vez de fazermos intervalo fizéssemos

tudo de seguida, porque não faz sentido ‘tar a fazer um intervalo de quinze minutos para depois virmos cá mais quinze, não é?

P15: Sim.

P12: É assim, alguém já iniciou as práticas de observação?

P15: Não.

P1: Eu já ‘tive aí a conversar com a P10 para vermos nos horários o que é que há, é um bocado complicado. Eu vou ter... A única hipótese que ela tem é uma terça-feira e eu à terça-feira saio às 10h40. Tenho que... ficar cá para ela depois poder ir ao meio-dia, mas é a única hipótese que há, portanto, para a semana, em princípio, a gente vai avançar com isso.

P12: Pronto, é assim, ficou claro que, ao contrário do que acontecia o ano passado, este ano eu posso, por exemplo, assistir à aula da P6, mas seres tu a vir assistir à minha aula...

P1: Mas ela diz que quer ir a uma aula minha.

P12: Mas quer ir, pronto, ok. Portanto, isso fica, é assim, fica ao critério das pessoas. As pessoas podem dizer assim: “Não, eu quero ir à tua aula, mas gostava que tu também viesses à minha” ou “Eu quero ir à tua aula, mas se tu não quiseses vir à minha, não há problema. Vem o Manuel, vem a Jacinta, até podem vir, até podem ir dois ou três”. Pronto. Agora, era mesmo importante que... já não digo até ao Carnaval, porque falta muito pouco tempo, mas era importante que conseguíssemos fazer qualquer coisa. Até ao Carnaval ainda temos três semanas. Se conseguíssemos levar as observações à prática... por uma questão muito simples, até para testarmos as próprias grelhas e depois, na nossa sessão de fevereiro... trabalharmos um bocadinho sobre as grelhas.

P16: Só temos duas semanas.

P12: Só temos duas semanas?

P15: É dia cinco, não é?

P16: É.

P6: Pois, dia cinco já é festa.

P12: Pois... É que eu ainda ‘tava a contar com esta.

P16: Ah, sim, sim, ‘tá bem.

[risos]

P15: Ainda estamos em terça.

P1: Esta já não...

P12: Ainda 'tou a contar com esta. Por exemplo, imagina que eu esta semana ainda vou a uma aula do P8 ou da P14...

P16: Claro. Claro.

P12: Tua não, que 'tás...

P16: Sim, sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pronto... 'Tás a entender?

P16: Sim, sim.

P12: É um bocadinho isto que eu 'tou a dizer. Porque era bom que testássemos as grelhas... para o caso de haver algum ajustamento. Portanto, neste momento...

P8: Sexta estou.

P14: 'Tá bem. [risos]

P6: Tens o teu horário de...

P12: O meu horário é assim, o meu horário é sempre de amanhã... mas, por exemplo, se... for autorizado, no dia um de fevereiro vou ter uma aula de 5º ano à tarde, das três e meia às cinco da tarde.

P6: Pois, eu tenho manhãs que não tenho nada, tardes que não tenho nada...

P12: Pronto, mas o meu horário é de manhã.

P6: O que é que tens de manhã na sexta-feira, por exemplo das oito às dez?

P12: À sexta não tenho nada.

P6: Na quinta?

P12: À quinta tenho uma, tenho quarenta e cinco minutos com o 5º ano, no último bloco da manhã, os primeiros quarenta e cinco minutos. Tenho quarenta e cinco minutos com o 5º ano... Depois, à quarta, tenho quarenta e cinco minutos de 6º ano e tenho noventa minutos de 8º, às dez da manhã. Portanto, aquele bloco da manhã...

P6: Das dez e dez às *coiso*...

P12: Às vinte para o meio-dia.

P6: Ora, esse dava jeito para mim.

P12: Então, se quiseses ir lá já amanhã, já podes ir. Amanhã é quarta-feira.

P6: Quarta-feira, pois.

P12: Podes ir já lá amanhã.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Amanhã estou lá no segundo tempo, 7A, pode ser?

P1: O 7ºA?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Tu ‘tás ao serviço a partir... P16...?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: É o 8ºC.

P6: Sim. Sabes a sala?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Segundo tempo?

P8: Tu terminas às onze e quarenta.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P16: Porque o meu horário vai mudar. Portanto, para a semana... sexta-feira penso que já devo ter o meu horário novo. Depois comunico com vocês...

P12: ‘Tá bem.

P1: É o 7ºA todo.

P12: Mas era... era bom que conseguíssemos fazer pelo menos... Não digo que fizéssemos já as duas observações, ou seja, por exemplo, que eu observasse e já fosse observada, mas pelo menos que se fizesse pelo menos uma. Que alguém ou fosse observar ou observasse, para experimentarmos a grelha que... que isso era uma coisa importante. De resto, não sei se querem sugerir algum tema que gostassem especialmente de ver abordado na próxima sessão. Sabem que a ideia é que na sessão

haja sempre uma parte mais teórica e uma parte mais prática. Se há algum tema que gostassem de ver abordado, alguém que gostassem de ver convidado para vir cá falar de alguma coisa... Eu, há uns tempos, tinha falado com a P9. Ela tem um... tem um trabalho que fez, no âmbito de uma formação especializada, sobre profissionalidade e cultura docente, que eu acho que podia ser engraçado ela vir cá apresentar. Para algumas pessoas é capaz de não terem muitas novidades, mas para outras pessoas eu acho que pode ser interessante... Mas se vocês tiverem outra ideia... Por exemplo, o P8 já falou de trazermos cá também a professora da Educação Especial. Não sei que professora é que gostariam de ver cá...

P8: Uma ucraniana.

[risos]

P15: Tu também falaste com o T., não foi?

P12: Também falei da possibilidade de, de se trazer cá o T., por questões que têm a ver com questões disciplinares. Portanto, também vão pensando nessas coisas e vão dando ideias... porque a ideia é que este trabalho seja um bocadinho construído por nós e não uma coisa que eu digo: “Pronto, então para a semana é assim”... A ideia é que isto seja uma coisa que interesse a toda a gente, porque se vimos aqui para fazer o que eu decidi fazer... quer dizer, não tem muita graça. Portanto, vejam o que é que acham que seria... Eu acho que era interessante, por exemplo, esta questão da... até porque eu acho que depois vem bater com coisas que até hoje já aqui falámos, não é? Que é esta coisa de 'tarmos sempre à espera que alguém faça para nós. Não é por acaso, é porque a gente tem uma cultura profissional muito específica... Mas poderá haver outras... E até alguém daqui que queira, como aconteceu o ano passado, por exemplo, que queira dinamizar, divulgar algum trabalho seu, alguma coisa, também pode... pode fazer isso e dizer: “Olha, eu tenho um trabalho muito interessante sobre como é que se pode tornar mais atrativa uma aula sobre não-sei-o-quê” ou “Eu sei muito sobre a utilização de mapas conceptuais e posso vir aqui dar uma pequena explicação sobre isso”. Por exemplo. Isto são coisas que me estão a ocorrer. Portanto, pensem e... Oh pá, e vão dando ideias, porque... parece que engoli uma cassete, mas é que é mesmo, quer dizer, a ideia é...

P8: Eu tenho um trabalho nada atrativo, que foi um balanço que foi feito no... no Pedagógico. Seria interessante vocês darem uma olhada e manifestarem a vossa opinião, porque é que os 7ºs anos continuam a ser os anos...

P14: Mais problemáticos.

P8: ... em que há maior indisciplina e onde há maior insucesso. E, portanto, esses dados podem-vos ser facultados, penso eu.

P12: Eu acho que isso leva-nos logo a... a duas discussões, que é: o que é que é isso da indisciplina...

P8: Não, mas é principalmente a questão do... do sucesso/insucesso. Nos restantes anos até estamos... 2º ciclo estamos muito bem... uma percentagem muito residual, normalmente. No ano anterior penso que foi um aluno... por ano, que não transitou, que é muito... muito bom. O 7º ano, neste momento, se terminasse neste momento, penso que teríamos quatro turmas de 7º ano... para o ano... Há de haver, por exemplo, disciplinas... eu lembro, penso que é 7A, tem setenta e qualquer coisa por cento de insucesso, penso que é em Físico-química, por exemplo.

P14: Não sou eu. Tenho cinquenta.

P8: Não, mas há uma disciplina...

P14: Físico-química, o maior é o 7ºA e tem 50% de negativas.

P8: Então não é Físico-química, é uma outra disciplina. Mas, portanto, tentar perceber porque é que... porque é que nos sétimos há esta... tem a ver com o choque...

P6: Da passagem do...

P1: Do 2º ciclo...

P15: Não, mas também acho que tem a ver com as turmas, porque essa turma era muito fraquinha no 2º ciclo...

P8: Mas essa turma está toda separada.

P15: Eu sei, 'tá dividida.

P8: ... que eles escolheram.

P15: Sim, 'tá...

P8: Porque eles escolheram a língua...

P15: Mas a grande maioria...

P1: Não, mas eu acho que o P8 'tá a falar na generalidade, não é no 7ºA em si. É na generalidade, nos 7ºs anos têm um nível de insucesso, entre aspas, maior...

P15: Do que nos outros anos.

P1: Pronto. E é isso que ele 'tá a tentar perceber porquê.

P14: Eu dei 7ºs anos há três anos atrás e foi exatamente a mesma coisa.

P8: Pois, a questão...

P6: Eu penso que tem a ver muito com a mudança...

P15: Será que é a transição?

P6: ... a mudança. E é também a idade...

P15: Pois, a transição. Não sei...

P6: ... a idade deles também...

P15: É a transição de ano e de idade.

P8: Será que é o perfil dos docentes de 3º ciclo? Será que...

P6: Também pode ser. Também pode ser.

P12: Mas é que eu acho que isso é tão... tem, há aí tantas variáveis, que a gente não vai chegar a conclusão nenhuma... até porque eu depois também não sei se nos outros anos há assim esses níveis de sucesso, porque eu não sei o que é que a gente chama sucesso escolar, porque...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Oh amor... eu vou-te dar um exemplo muito prático. Se tu chamas sucesso escolar... olhares para uma folha de Excel... veres lá escrito 42% e depois ouvires debitar uma nota *três*, mas põe aí que é *menos*... E depois o aluno passa porque não teve negativas...

P8: Claro.

P12: ... Se isto é o sucesso escolar, eh pá, a discussão para mim acaba já aqui. [risos]
Percebes? Porque eu acho que isto é muito...

P15: Relativo.

P12: Não é muito relativo, é que nós estamos, há muita coisa que passa por ser sucesso escolar...

P6: E não é.

P12: ... e que efetivamente não é. É uma grandessíssima mascarada.

P8: Tal como há muita coisa que é considerado insucesso que não deveria de ser... se houvesse uma avaliação séria ou... ou diferenciada ou por outro professor.

P12: E depois é assim... as questões da indisciplina, por exemplo, passam muito pelo professor. A mesma turma, com professores diferentes, tem comportamentos completamente diferentes... Eu se for sem tomar os comprimidos porto-me de uma maneira, se eu tomar os comprimidos já me porto de outra, como eu costumo dizer aos meus alunos: “Olhem que eu hoje não tomei os comprimidos, vejam lá...”

P15: As pastilhas. Eles dizem “as pastilhas”. “Hoje aquele não tomou a pastilha”.

P12: Portanto, é assim...

P15: É verdade.

P12: Eu acho que isso são questões interessantes, mas são questões tão vastas, que... que a gente dificilmente vai chegar a alguma conclusão sobre ela.

P14: Mas se nós analisássemos, por exemplo, várias escolas... as notas do 6º e do 7º e comparássemos, chegávamos a uma conclusão.

P12: Sim, mas para isso nós tínhamos que ter os dados de várias escolas...

P15: O grau de exigência...

P14: Exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas também é preciso a gente não perder um bocadinho o foco daquilo que estamos aqui a fazer, que é assim... o nosso trabalho, o foco do nosso trabalho é a nossa prática profissional, não é propriamente estudar as questões organizacionais da escola, nem o sistema educativo em geral. Porque então se a gente vai por aí, a gente nunca mais acaba. E depois se comparamos o caso português com o resto da Europa, olha, só o relatório TALIS dava para a gente andar aqui três anos a fazer formação. [risos] Portanto, é assim, eu acho que é importante focarmo-nos mais em coisas que estão mais ao alcance de... coisas que a gente pode mexer e mudar... porque, de facto, se eu me

puser a comparar com outras escolas, pois, vou chegar a alguma conclusão, vou. Mas e daí, o que é que eu posso... o que é que eu posso fazer?

P15: Pois é. Os testes nem são os mesmos...

P12: Não posso fazer nada.

P15: ... não é?

P12: É tudo diferente.

P15: Podem os teus ser mais fáceis... não é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Basta uma coisa muito simples, os vossos não precisam de gastar dinheiro para vir para baixo, à vila, dar uma volta, não-sei-que-mais. A gente ‘tá no Funchal, os pequenos ‘tão dentro de casa.

P12: Bom...

P6: Tão simples como isso.

P12: De qualquer forma, fica aberta a sugestão de pensarem... em temas ou em pessoas. Em relação à Educação Especial, não sei o que é que vocês gostariam que viesse cá ser abordado, até porque penso que isso também depois vai determinar a pessoa que pode vir ou não...

P15: E se ‘tá disponível ou não.

P12: Pois, exatamente.

P1: Olha, eu, por exemplo, nunca tinha trabalhado... posso falar da experiência que tenho tido. Eu nunca tinha trabalhado com miúdos NEE, a este nível, não é? E tenho logo três, não é? Tenho o Paulinho oito horas semanais... a semana inteira, blocos de noventa; tenho o V. e tenho o G. . E, se ao princípio me chocou imenso e ‘tava completamente perdida, ‘tava completamente... Programa não existe, planificação não existe, não existe nada, tens que ser tu a fazer. E se ao princípio foi extremamente... brutal, a nível de trabalho, posso dizer que, neste momento, graças a Deus que a coisa não tá feita e que somos nós a fazê-la, não é? Porque nós conseguimos adaptar ao aluno que temos, há uma maior flexibilidade, que eu não pensei que houvesse - sou-te honesta - em relação ao programa que tu queres fazer com os miúdos e há um... não é permissividade, não é nada disso, mas é uma forma de lidar com os programas e com a

forma como tu trabalhas, muito mais flexível, muito mais simples. Pelo menos é o que eu ‘tou a sentir neste momento. Agora, onde tu embates é na prática que tu queiras fazer uma coisa diferente. Eu quis, eu ‘tou desde o início... no primeiro período eu queria trabalhar em fotografia com os miúdos, queria uma coisa prática, para eles não *tarem* enfiados na sala o tempo todo... Peguei na minha máquina, comecei a analisar e disse: o Paulinho não pega na minha máquina. A minha máquina é pesada, é semi-profissional, ele não consegue. Andei a falar, fui à Direção Executiva para arranjar uma... uma forma de...

P15: Um tripé.

P1: ... uma estrutura para ele apoiar a máquina, para poder tirar fotografias... A resposta do [risos] do R. [VP2]: “Oh pá, pões a máquina em cima do computador, da caixa do computador”. Eu fiquei assim a olhar para ele... “R. [VP2], o objetivo não é o miúdo tirar fotografias dentro da sala...

P15: É manusear.

P1: ... é sair com ele da sala e tirar fotografias lá fora”, “Ah, isso é mais complicado. Olha, fala com o senhor M. Falei com um, falei com o outro [segmento impercetível] que não tinha madeiras, o outro que não é... Ouve, vocês não ‘tão bem a ver... O embate é aqui, não é? Não há dinheiro para comprar madeiras, não há isto para não-sei-quê, não há aquilo para não-sei-que-mais. Concluindo e resumindo, descobri que a escola tem uma máquina velhinha...

P12: Olha, ‘tás a ver? Afinal...

P1: ... digital.

P12: ... não é assim tão mau como se pensa.

P1: Fui pegar na máquina...

P16: E pertences ao grupo de Informática.

P1: ... Agora, tenho que arranjar... Não é por isso. Isso não tem nada a ver com o clube de Informática.

P16: Não, mas o grupo de Informática tem uma máquina fotográfica digital.

P1: Mas eu não trabalho... Não. Não, não, não, não.

P16: Acho que tem.

P1: Então isso, então ‘tá entregue a alguém. Que eu saiba não tem. Que eu saiba, não tem. Pronto.

P8: Foi pedida a aquisição de uma.

P1: Foi pedida. Eu sei que foi feita a requisição.

P8: Recentemente.

P1: Eu sei, eu sei. Eu sei.

P16: ‘Tou a falar de uma que já existe há algum tempo.

P12: Eu também tenho ideia que já existe uma há anos.

P1: Esta que eu peguei é velhinha, ainda funciona a pilhas. [impercetível – sobreposição de vozes] Tive que ir buscar pilhas, *nhã-nhã-nhã*, *nhã-nhã-nhã* e ando a tentar fazer com que... agora arranjar uma forma... Vou trazer o meu tripé... para ver se consigo encaixar, porque entretanto emprestaram-me um, na cadeira, para segurar... porque não é fácil, ele não tem...

P8: Falaste com as pessoas erradas. Fala com o R. que ele faz-te...

P1: Ele não tem...

P8: Ele até faz (segmento impercetível] do P., para prender a máquina.

[risos]

P1: Ouve... ó P8, o projeto foi feito. O senhor E. fez-me um projeto espetacular para pôr a máquina, o problema é que não tens madeira, não tens nada, para fazer.

P8: Então não tem?

P12: Mas pronto...

P8: Madeira é a coisa mais fácil de arranjar.

P1: Isto só para te dizer que... era interessante, porque as pessoas acho que não têm esta noção. Eu não tinha. Sou honesta, não tinha.

P6: O teu tripé é grande ou é pequeno?

P1: Grande. É profissional.

P6: Não, eu tenho um pequenino de transporte.

P1: Não dá.

P8: Olha, uma chapa de madeira...

P6: O pequenino não dá?

P12: Vá. Mas diz, era interessante o quê?

P1: Que as pessoas ficassem com a noção desta flexibilidade de gestão, de uma planificação e de um programa com os alunos da...

P15: Com necessidades educativas especiais.

P1: ... necessidades educativas especiais. Porque eu não tinha, sou-te honesta, não tinha, o meu primeiro impacto foi extremamente negativo, percebes? E a coisa... mudou. Mudou porque comecei a ver como é que eu consigo gerir e trabalhar com estes miúdos de uma forma diferente, percebes?

P12: Mas 'tás a falar, 'tás a falar desses casos, que são casos que têm currículos, é os CEIs, não é? Currículo Específico Individual.

P1: Não existem CEIs...

P16: E têm aula sozinhos.

P1: Estas aulas estão sozinhos comigo, mas eles têm aulas na turma normal.

P16: Sim, mas tu... [impercetível – sobreposição de vozes] essa flexibilização que tu estás a falar é fácil porque é um aluno.

P1: Sim, eu sei.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P16: Se é um aluno é muito fácil flexibilizar.

P12: Olha, mas como é que se chama, então, esses currículos?

P15: É CEI.

P12: Pronto. Mas eu penso que... penso que quando - posso 'tar enganada e o P8 corrigir-me-á – eu penso que o P8, quando falou em trazer cá a professora, uma professora de Educação Especial, era mais no sentido de: como é que se gerem os alunos NEE que estão integrados nas turmas regulares?

P8: Principalmente isso. Nomeadamente...

P12: Por isso é que é o grande problema, porque é assim, porque o CEI... O CEI é fácil...

P15: É.

P12: O CEI é fácil...

P1: O V. é CEI e o V. tem aulas integrado na turma. O G. é CEI...

P15: Só algumas.

P1: Sim, filha.

P15: Só algumas.

P12: Pronto, mas é como a M.. Por exemplo, a M., para mim, era fácilimo. Eu fazia com a M. o que eu queria e me apetecia.

P16: Claro.

P12: Até fazíamos Yoga e tudo. Pronto.

P16: Até podiam fazer a roda.

[risos]

P12: Pronto.

P16: Sozinhas.

P12: O problema, o problema não... E penso, mas é só para isto ficar claro, porque não vale a pena 'tar a trazer cá a pessoa para depois a pessoa vir falar de uma coisa que afinal não...

P1: Não interessa.

P12: ... não é o que eu queria. Eu fiquei com a ideia, quando o P8 falou na Educação Especial, que era... alguém que viesse... para se falar um bocadinho de uma gestão mais flexível, mas numa turma onde eles estão lá...

P15: Integrados.

P12: ... que têm que aprender os mesmos conteúdos que os outros e chegar aos mesmos objetivos que os outros.

P1: Ora bem, eu, no segundo período, a partir de fevereiro, eu tenho o V. integrado na turma.

P15: Ah, pois, tu tens.

P1: Pronto. O V. vai ‘tar na turma. Vai lá estar a D. a acompanhá-lo, certo? Só que a D. não percebe de Informática... percebem? E a minha, o meu...

P15: Dilema.

P1: Como é que eu vou, eu já disse à I.: “O Vítor não consegue acompanhar...”

P15: A turma.

P1: ... que eu tenho-o individualmente, agora. O V. não consegue assimilar os conceitos que eu vou passar à turma. É escusado.

P8: Mas também nem interessa para o aluno perceber os conceitos... Interessa, é assim – atenção, sem querer entrar na tua área – eu penso que é assim, ou porque o R., às vezes, brutaemente, quando nós estamos lá em baixo a falar, é assim: “Mas querem dar uma licenciatura a estes gajos?”. É um pouco assim. Nós não vamos...

P1: Mas depois pedem-te uma avaliação.

P8: Mas dás uma avaliação de acordo com o esforço do aluno. É assim, eu não quero que o R. [segmento impercetível] não dá o Inglês que ‘tá na porcaria do programa, dá um Inglês prático. Bem ou mal, não sei, mas é aquilo que nós queremos, que eles vão para um hotel e que saibam minimamente se safar, que ele saiba conjugar um verbo, isso é treta. Portanto, eu penso que o mais importante para estes alunos é ele saber sentar, saber ligar um computador, aceder à internet, mandar um *mail* a um colega, isso é que é importante. Eu já falei com a F., há tempos, por exemplo, um dos erros das TIC e que não é culpa vossa, é culpa do ministério, é estar a dar a história do *hardware* e do *software*. Eles, se quiserem...

P1: Concorro absolutamente contigo.

P15: Mas em todas as disciplinas.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Neste momento, interessava chegarmos ao final do 9º ano, um aluno de 9º ano saber fazer uma apresentação *powerpoint*... oh pá, em que...

P1: Saber pegar num texto e formatar o texto.

P15: Exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Isso é que era importante, mas não...

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] *hardware* e *software*...

P15: Assim como o Inglês... nos alunos ditos normais.

P8: Claro.

P15: Para quê? A gramática...

P8: Mas era principalmente isso, nomeadamente [segmento impercetível] curriculares individuais, eu nunca acho fácil. Para já não sei fazer... porque dizem: “Não se pode tirar conteúdos. Não se pode...”, ‘tá bem. Então, eu entrego a planificação e digo: “Na aula vai ser dado um apoio, sempre que possível, um apoio individualizado ao aluno”. Eu não posso, eu tenho um aluno que eu não conheço de lado nenhum, como é que me estão a pedir para fazer uma planificação adaptada àquele aluno se eu não conheço as capacidades dele?

P12: Olha, já agora, e só para terminar, digam-me uma coisa... o que é que achariam mais interessante... para uma próxima sessão - a não ser que tenham outra ideia melhor – que viesse então a professora da Educação Especial ou que viesse a P9, caso ela estivesse disponível?

P8: A P9 já tem [impercetível – sobreposição de vozes] dela, era interessante ela vir, até porque ela já conhece o tipo de trabalho que fazemos. Trocávamos impressões e aprendíamos sobre o que ela tem. Podíamos era dar um toque a alguém de Educação Especial...

P1: Começar a sondar.

P8: ... já iam preparando alguma coisa para futuramente vir cá... numa...

P12: Ok. Sendo assim, dou as atividades, por hoje, encerradas.

P8: Ok.

P12: ‘Tá tudo... Pronto, meus queridos, muito obrigada. Em princípio, no final de fevereiro... a gente volta-se a encontrar.

P6: E amanhã, dez e dez, sala...?

P12: Sala oito.

ANEXO V J
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 23.02.2016

P12: Pronto, colegas, então é assim, hoje, como já sabiam, temos cá a P9 para nos fazer uma comunicação sobre socialização... ou, perdão, sobre o professor numa sociedade em constante mudança. Ela fará a comunicação e depois, se os colegas quiserem, podemos guardar algum espaço para debate. E depois, então, fazemos o nosso intervalo e depois, na segunda parte, já só para os colegas da comunidade, vamos fazer o nosso trabalho habitual. Por isso, todo aquele trabalho burocrático com que costumamos iniciar a sessão, como seja o preenchimento da ficha das interações, a assinatura da folha de presenças, etc., deixamos para o início da segunda parte, para não estarmos a... pronto, para não estarmos a... misturar as duas coisas. E quero agradecer aos colegas que não pertencem à comunidade, mas que hoje vieram cá fazer-nos companhia. Espero que não deem por mal empregue o vosso tempo, eu acho é um tema interessante e tenho a certeza que a comunicação da P9 vai ser... Tenho a certeza que a comunicação da P9 vai ser bastante interessante para todos nós e vai, com certeza, trazer alguma coisa nova, porque estamos sempre a aprender, mesmo quando achamos que já sabemos tudo ou quase tudo. De forma que vamos só então aguardar... pelo P8, que resolveu ir buscar a máquina fotográfica, e pela P14, para depois iniciarmos. Pronto, vamos então iniciar, P9.

P9: Tenho a palavra. Bem, boa tarde a todos e, pronto, esta comunicação surge desde o ano passado, quando fiz o trabalho final de, portanto, desta... da formação que eu também estava a frequentar e, portanto, este ano, por outros motivos, não pude continuar, mas isso também já, já falei com a P12 sobre o assunto. Mas, na altura, ao refletir sobre o trabalho que tínhamos desenvolvido aqui ao longo do ano, lembrei-me deste trabalho que tinha feito no âmbito do curso de formação especializada em Administração Escolar que desenvolvi durante o ano de 2008/2009. Portanto, na altura, pedi uma licença sabática, para realizar o curso. Durou um ano. Portanto, o curso tinha várias disciplinas, uma das disciplinas era Análise Social da Educação e o curso foi desenvolvido no Porto, no Instituto Superior de Educação e Trabalho, o ISET. Não sei se conhecem. Portanto, eu gostei muito do instituto em si, aquilo parece uma casinha bastante acolhedora, os professores, todos eles, muito simpáticos, tudo professores de ensino superior, não é? Todos eles, muito simpáticos e... gostei muito. Mesmo os colegas que tive, durante o ano, portanto, fiz boas amizades e... e foi um ano bom. Era só aos fins de semana que o curso acontecia, portanto, todos os fins de semana deslocava-me ao Porto para... para ter o curso. Portanto, e como eu estava a dizer, na

sequência da realização do trabalho final no ano passado da formação, achei que alguns dos problemas por nós levantados aqui, ao longo das sessões, algumas das coisas que nós debatemos, eu achei que, se calhar, encontrava resposta nalgumas delas, no âmbito deste trabalho que desenvolvi, que tem exatamente a ver, no âmbito do tema que foi... que foi divulgado pela escola, *A Cultura e Desenvolvimento Profissional dos Professores*, eu foquei-me mais nas *Socializações docentes – O professor numa sociedade em constante mudança*. Eu queria dizer também o seguinte, eu vou falar, pronto, para que isto fique bem assente e porque eu posso cometer alguma incongruência no meio da comunicação, eu vou falar sobre uma área que não é a minha área, portanto, eu não sou socióloga, nem pouco mais ou menos. Nunca estudei nada de Sociologia, a não ser a pesquisa que fiz para desenvolver este trabalho. Portanto, se alguém que seja mais entendido no assunto, se achar que, durante a comunicação, foi mencionado alguma coisa que não está dentro bem do que é mais falado no âmbito destas áreas, eu estou à vontade e estou aberta para todas as críticas que possam surgir a partir daí. Queria também dizer que o trabalho foi feito com base em bibliografia que, na altura, foi disponibilizada pela professora, portanto, ela disponibilizou várias... vária bibliografia, inclusive a professora – que é a Professora Conceição Alves Pinto – vão reparar ao longo da comunicação, eu tenho sempre mencionado os autores, portanto, aos quais eu fui buscar as citações, vão reparar que muitas vezes aparece Alves Pinto, tem exatamente a ver com... a professora tem escrito vários livros, esses livros são escritos mesmo no âmbito do Instituto, portanto, eles pertencem mesmo à editora do ISET e daí que a bibliografia que eu utilizei foi basicamente aquela que, na altura, a professora também nos aconselhou mais a utilizar e alguma pesquisa na internet, ou isso, que, eventualmente, também, também fiz. Bem, mas vamos, então, ao que interessa...

P12: Eu posso só fazer uma sugestão?

P9: Sim.

P12: Como disseste a questão de ‘tares a ver dúvidas e críticas, não sei se não era melhor as pessoas que eventualmente tenham dúvidas ou críticas, irem tomando nota, deixar a P9 fazer toda a comunicação primeiro e depois, então, no final [impercetível – tosse]. Porque, se cada um começa a interromper...

P9: Sim, é melhor, talvez.

P12: ... para além de lhe cortar a linha de raciocínio dela, também torna-se, depois, mais complicado.

P9: Ok.

P12: Está bem? Portanto, qualquer dúvida, qualquer questão é apontada e depois, no fim, haverá um espaço para essas discussões, ok?

P9: Se eu souber responder... Vou já dizer, vou mencionar uma parte tendo em conta a sociedade, também, em constante mudança. Há uma parte em que falo um bocadinho da... da história do nosso país, das mudanças que sofreu e estou a ver ali a professora Z., se eu cometer, também, algum erro... A Z. e a P12. Portanto, se eu cometer, também, algum erro a esse nível... Eu, basicamente, como vos disse, baseei-me naquilo que estava na bibliografia, portanto... Mas, pronto, estejam à vontade para depois, também, corrigir, porque também é bom que assim seja. Ora bem, vamos, então, ao que interessa, eu distribuí um pequeno resumo. Nesse resumo, menciono em linhas gerais parte dos assuntos, os assuntos que vão ser abordados. No âmbito desse trabalho, deste trabalho – portanto, isto é só a apresentação *PowerPoint* – resultou um trabalho escrito que eu tenho aqui. Eu no final vou deixá-lo com, com a P12. Se alguém tiver interesse em, depois, ficar com o trabalho completo, também tudo bem, até posso mandar, depois, um PDF para o *e-mail*. Faço [segmento impercetível], mando para a P12 e a P12 depois manda para todos, caso tenham interesse nisso... Ora bem, começo exatamente com esta frase da, da professora da disciplina, da Professora Conceição Alves Pinto, em que ela diz que a socialização é algo que atravessa a escola em várias dimensões e, em períodos de rápida mudança, mesmo os adultos vivem aí processos mais ou menos intensos de socialização. Em termos daquilo que vou apresentar, portanto, vou fazer uma parte mais introdutória, em que falarei da delimitação do conceito de socialização e socialização profissional, a escola como realidade social e, depois, um bocadinho sobre a socialização docente. Eu não vou aprofundar muito cada um destes temas, senão não saímos daqui hoje, portanto, vou... Como eu vos disse, acaba por ser um conjunto de citações de vários autores que tocam em todos estes assuntos e que eu, a partir daí, construí, pronto, fiz depois a problematização desta temática. Essencialmente da temática da sociedade em constante mudança e como é que nós, professores, encaramos todas estas mudanças na nossa instituição, na instituição escola. Dentro da problematização da temática, então, falarei dos contextos da carreira docente perante a aceleração da mudança social, os desafios ao ser professor numa escola em mutação e a

avaliação social do professor no sistema educativo atual. Finalmente, uma reflexão social, uma reflexão final e uma... e a bibliografia. Ora bem, quais foram os principais problemas levantados, quando iniciei, portanto, este trabalho. Para já, como é que as mudanças ocorridas na sociedade, nas últimas décadas, têm influenciado o sistema educativo? De que modo tem sido afetado o percurso profissional vividos pelos... pelos professores? E que desafios se colocam aos professores numa escola em mutação? Portanto, estes foram os problemas levantados e que eu, a partir do trabalho que desenvolvi, tentei dar resposta. Vamos iniciar, então, com a introdução, na, com a delimitação do conceito de socialização. Portanto, o conceito de socialização tem uma história bastante complexa e tem sido utilizada em aceções bastante variadas, não é? Contudo, portanto, existe o consenso entre vários autores que concebem que a sociedade não pode ser pensada sem ter em conta o indivíduo, nem o indivíduo pode ser pensado sem... sem, portanto, a sociedade. Portanto, uma coisa interliga com a outra... Digo também a sociedade existe quando os indivíduos entram em interação e por isso é que Simmel, portanto, este autor, utilizou a palavra socialização para traduzir isso mesmo. Portanto, quando os indivíduos entram em interação, estão a socializar... Ainda no âmbito do conceito de socialização, também sabemos que a pertença de uma pessoa a uma sociedade ou a uma organização é algo que se obtém por processos complexos e não algo que esteja assegurado à partida. Isto porquê? Porque o ser humano não nasce membro de uma sociedade. Portanto, o que acontece é que a criança, o adolescente, o jovem e o adulto, vão-se tornando, ao longo da sua vida, ao longo da sua maturação, vão-se tornando membros dessa sociedade. Sendo assim, então, a infância, a adolescência e a juventude são etapas de socialização e de maturação do ser humano que só podem ser compreendidas em referência ao contexto social em que são vividas. Portanto, de acordo com aquele contexto social, vamos então ter a... vamos fazer a compreensão de cada uma das etapas de maturação da vida de uma pessoa. Sendo assim, então, o processo, o processo de socialização acontece porque ocorre uma reconstrução do significado das coisas, por quem nos processos de interação que vive se vai socializado e, deste modo, vai desenvolvendo representações do mundo, desses sistemas de interação em que participa e também de si próprio. Portanto, é uma coisa que se vai construindo à medida que vamos interagindo e à medida que vamos amadurecendo... Na sociedade atual, o processo de socialização nunca está acabado. Podemos dizer isso, não é? E mesmo aqueles que a sociedade considera adultos vivem vários processos de socialização. De acordo com a, com esta autora, ela considera que

adulto é aquele que tendo, que tendo vivido um longo processo de maturação pessoal e social se tornou membro de uma sociedade. E, sendo assim, então, muitos dos adultos atuais foram educados para uma sociedade que, entretanto, evoluiu muito, o que os obriga a viver outros tantos processos de socialização para poderem sobreviver no seio destas mudanças. Portanto, ou seja, nós tivemos uma educação e, portanto, a sociedade evolui muito e acabamos por ter que, nós próprios, fazermos outras representações e encontrar outros espaços para podermos ir-nos encaixando, por assim dizer. E por isso, também, se fala em socialização secundária. A socialização secundária acaba por ser a interiorização de submundos institucionais ou baseados em instituições e que é cada vez mais longa e diversificada. Eu já vou falar mais à frente um bocadinho mais sobre a socialização secundária... Portanto, falando agora da socialização profissional, portanto, que acontece durante a profissão. A socialização profissional, é em si mesmo, uma socialização secundária particular, que ocorre já na fase avançada do desenvolvimento pessoal. Portanto, nós, quando começámos a ter, portanto, a socialização, fazer socialização profissional, já tivemos uma pré-socialização, já tivemos todo um mundo que antecedeu a nossa profissão e, portanto, ela, quando começa, já é numa fase avançada do desenvolvimento pessoal. Por isso, normalmente antes de optar por uma profissão, cada pessoa – e tal e qual como eu estava a dizer – cada pessoa já viveu vários processos de socialização. E aqui, então, podemos falar, inicialmente, numa socialização primária e, mais tarde, numa socialização secundária. Sendo assim, então, a socialização profissional leva a pessoa a participar em vários sistemas de interação enquanto profissional. Portanto, é uma coisa que vai acontecendo. Portanto, lá está a tal, os tais submundos institucionais que se colocam na socialização secundária. Falando agora da participação do profissional em organizações, portanto, esta participação implica, como é óbvio, processos mais ou menos longos, conducentes a tornarem o recém-chegado membro de uma determinada organização. Portanto, quando alguém chega de novo a uma organização, aquilo que se vai fazer é que o recém-chegado, a própria pessoa tem interesse nisso, não é? Claro, como é óbvio, tornar-se membro dessa organização e as próprias pessoas que já existem nessa organização, também integrarem essa pessoa. Por isso mesmo... nós podemos falar exatamente, no âmbito destes processos, que o recém-chegado tem na chegada a uma determinada organização, de integração social e de adaptação social. Na integração, a integração social implica, portanto, tem a ver com os mecanismos através dos quais um grupo ou uma sociedade recebe um novo membro. A adaptação social é, por sua vez, os mecanismos através dos

quais um indivíduo se torna apto a pertencer a um grupo. Este processo... não se trata unicamente do indivíduo se adaptar ao que lhe pré-existe, mas também de, a partir dos vários elementos da realidade que lhe pré-existe, criar uma nova situação onde ele possa existir. Portanto, na chegada à organização. Por sua vez, o termo integração pode, em si, exprimir melhor, comparando integração social com adaptação, portanto, esta autora chega à conclusão que o termo integração pode exprimir melhor o processo vivido por uma pessoa que quer vir a aceder à condição de participação plena numa sociedade ou numa organização, porque, porque a pessoa integra a sociedade e a sociedade integra essa pessoa. Ou seja, ela compara a integração com o processo de recriação, que a pessoa que terá que fazer quando entra numa nova... instituição. Esse processo de recriação é vivido pela pessoa, visto que ela se integra numa comunidade, numa organização ou numa rede de relações sociais, ok? Portanto, por isso ela considera a integração como... exprimir... exprime melhor esta, portanto... adapta... pronto, a entrada da pessoa numa nova organização. Falando agora da escola como realidade social, as escolas são atualmente instituições onde os novos membros da sociedade começam a alargar a sua experiência do social para além do grupo de origem, não é? Portanto, nós temos o grupo de origem e é na escola que, depois, vamos alargar exatamente a... a experiência do social. E é exatamente o local onde estes novos membros passam uma grande parte do seu tempo. Os alunos e professores, ou seja, os profissionais da instituição, por sua vez, estruturam a sua identidade social em referência a essa instituição, contribuem para a existência da escola, todos interagem nela, todos a usam nas suas estratégias diversificadas, todos participam na produção da sua realidade social... Portanto, e devido a tudo isto, podemos dizer, então, que a escola constitui o quadro de ação para todos eles, sejam professores, sejam alunos. Enquanto... professores enquanto profissionais. Em sociologia, a abordagem, e de acordo com este autor, Berger, a abordagem à escola como realidade social refere-se, portanto, à qualidade de interação, inter-relação e reciprocidade. E a escola existe, também, porque existem pessoas que detendo determinados estatutos no sistema de interação, com determinada delimitação, desempenham papéis específicos através dos quais a instituição e os seus membros prosseguem os correspondentes objetivos. A estrutura social da escola enquanto organização consiste em sistemas de ação, de comportamentos intencionais que ocorrem entre aqueles que são considerados seus membros. Quando nós estudamos a... se estamos a estudar um sistema de ação, não podemos pensar... portanto, o sistema pressupõe algo no seu todo, portanto, em que há

justaposição de partes e estas partes, portanto, claro que serão as pessoas, e num sistema de ação não se pode considerar as pessoas individualmente, exatamente porque existem atos, realizados entre as pessoas, existem relações, portanto, e por isso, um sistema é pensado no seu conjunto. É por isso que no sistema de ação social, as pessoas não são consideradas individualmente, mas sim nas suas relações com os outros e com a coletividade, conforme a posição que ocupam no seio dessa coletividade e no papel ou papéis que desempenham. Portanto, daí que, então, no sistema de ação social há uma coletividade e as pessoas interagem, logo, não podem ser consideradas só individualmente. Falando agora da socialização docente, antes de falar propriamente de socialização docente, eu vou falar um bocadinho sobre os percursos profissionais, ou seja, o ciclo de vida dos professores, numa instituição. E Huberman distingue cinco grandes fases no âmbito do percurso profissional. Essas fases são a entrada, a estabilização, a diversificação ou questionamento, a serenidade ou o conservadorismo e, finalmente, o desinvestimento. Portanto, é assim que ele define todas as fases que um professor passa ao longo do seu ciclo de vida. Ciclo de vida, isto falando desde a entrada até, até à reforma. Portanto, no início da carreira, podemos dizer que, num primeiro momento, trata-se de o professor assumir a identidade docente e o sentimento de pertença a este grupo profissional ou instituição onde trabalha. E esta etapa, como é óbvio, irá exigir ao professor processos de socialização intensos, mesmo para os professores que já possuem formação profissional adequada aquando da entrada na profissão, portanto... Este autor também, Nias, ao estudar o envolvimento emocional dos professores no seu trabalho, refere que, conforme os professores vão amadurecendo, tornam-se no que podemos chamar de mais naturais – eu coloco entre aspas – e completos no seu desempenho; tornam-se mais descontraídos e autoconfiantes do que aquilo que eram nos primeiros anos; podem ser eles próprios na sala de aula, partilhando pedaços de si enquanto pessoas com os seus alunos e quanto mais maduros profissionalmente forem os professores, maior será o seu sentido de responsabilidade para com as crianças, porque terão uma relação mais profunda com elas. Portanto, eu acho que isto... não sei, pronto, cada um dirá acerca daquilo que... que sente e que está... e que vai sentindo ao longo da sua vida profissional, mas eu, por acaso, gostei muito quando li esta parte deste autor, porque... porque acho que, de facto, diz um bocadinho sobre, sobre aquilo que nós vamos sentindo ao longo da nossa carreira... Falando agora mais propriamente sobre a socialização docente, portanto, ela implica formações profissionalizantes com docentes... portanto, em si, falar da socialização

docente, temos que, antes de mais, pensar no facto de que todos nós tivemos que ter uma formação, não é? Formações para podermos estar aqui e formações essas conducentes à docência. Contudo, nem todos tivemos o mesmo tipo de formação na entrada da escola, não é? Portanto, e isso, em si, também já implica algumas diferenças entre as pessoas que trabalham na instituição. Portanto, a socialização profissional inicia-se de formas muito variadas, por exemplo, temos o caso de docentes que iniciam a atividade com formação específica, portanto, e, nesse sentido, já tiveram a pré-socialização profissional formalizada, portanto, porque passaram por um ano cumprido de experiência profissional, não é? No estágio. E existem professores, docentes, que ingressaram no ensino com habilitação própria. Posso dizer que foi o meu caso e só depois é que fiz a profissionalização em serviço, penso que aqui a P15 também. Portanto e isso, em si – a P12 também – portanto e isso, em si, portanto, quando entrámos tínhamos apenas formação no ramo científico da especialidade. Portanto, contudo, apesar disso, como é óbvio, portanto, isto pode levar a algumas diferenças no início, em termos de socialização – porque um professor que chega para iniciar a sua vida profissional que teve um estágio, já está mais familiarizado com algumas coisas – mas, no final, a socialização docente prossegue, depois, normalmente, de forma intensa nos primeiros anos de atividade docente e, muitas vezes, em incidentes e processos não formais... E devido, também, às variadíssimas mudanças na sociedade e no sistema de ensino, a socialização profissional ocorrida na profissionalização inicial tem de ser complementada, uma vez que esta foi evoluindo ao longo das últimas décadas. E este complemento é, exatamente, haver a formação contínua, não é? Portanto, é dessa forma que podemos, de facto, ir colmatando algumas lacunas que, depois, vão surgindo ao longo do, do desenvolvimento da profissão... Portanto, através dos processos de socialização docente, cada professor vai desenvolver representações dos diferentes aspetos relacionados com a sua atividade profissional, nomeadamente da escola em geral e dos seus objetivos; da escola concreta em que interagem e dos seus objetivos partilhados entre si e os colegas; da parte que cabe a cada um na prossecução desses objetivos. Então, por isso mesmo, podemos dizer que a socialização é uma construção gradual de referências simbólicas que permitem que nos situemos, a nós próprios e aos outros, e que antecipemos as expectativas que nos são endereçadas e que nós endereçamos aos outros com quem interagimos profissionalmente. Portanto, tendo em conta todos estes aspetos... Falando agora dos contextos da carreira docente perante a aceleração da mudança social, portanto, e aqui entramos propriamente na

problematização da temática, portanto, do tema em si, *O Professor numa sociedade em constante mudança*. Portanto, todos os aspetos que referi até agora foi mais em termos introdutórios, por isso não aprofundei muito cada um deles, como eu disse, senão não saímos daqui. Portanto, foi só dizer algumas linhas gerais para nos, portanto, enquadrarmos mais no tema e falando agora mais do professor numa sociedade em constante mudança, os contextos da carreira docente perante esta aceleração da mudança social. Ao abordar os contextos da carreira e mudança, primeiro devem-se considerar duas perspetivas: a variação do contexto cultural do país em questão e a evolução cultural que ocorre no país em que o professor exerce a sua docência durante o período da sua atividade profissional. Portanto, não é, não é igual, não é? Portanto, esta evolução vem decorrendo momentaneamente ao longo... Portanto, durante o período em que se desenvolve a carreira de um professor, ocorrem diversos contextos da carreira docente... e estes, estas mudanças, estes, portanto, que ocorrem, vão ser mais notórias na carreira dos professores com uma história profissional mais longa. Portanto, as pessoas que já estão há mais tempo na instituição terão sentido mais o efeito dessas mudanças do que aquelas que são, pronto, que entram... E fazendo a comparação dessas pessoas que entram agora, em comparação com as pessoas que já viveram décadas na instituição, claro que as diferenças são muito abissais. E já vou falar disso um bocadinho mais à frente. Portanto, não tem bem o enquadramento de todas as mudanças que aqueles professores que já estão há mais tempo na instituição passaram... Estes professores, que já têm uma longa história profissional, vivem uma diversidade de experiências e de socializações, considerando as condições de trabalho que estes professores foram atravessando ao longo da carreira, bem como da escola e das representações a ela associadas... Se nos reportarmos às últimas décadas, pode verificar-se que muita coisa mudou na sociedade portuguesa e em particular na educação e nas escolas. Esta autora, Estrela, analisa os fatores do processo evolutivo da profissão docente, referindo, por exemplo, a profissão docente era socialmente valorizada no início dos anos 60, em Portugal; depois, passa para uma profissão crescentemente complexa, com uma imagem socialmente desgastada e exercida numa escola e numa sociedade em constante mudança. Ainda na abordagem da mesma autora, ela, pronto, e referimos agora as mudanças que Portugal, entretanto, foi também passando: Portugal passou de um regime de ditadura a uma democracia estabilizada; terminou com a guerra colonial; desanexou o resto do império e reintegrou os cidadãos retornados das antigas colónias; deixou de ser um país orgulhosamente só, para se

integrar numa comunidade europeia; passou de uma sociedade em vias de desenvolvimento, dominada por valores tradicionais, a uma sociedade em desenvolvimento, embora persistam alguns traços de subdesenvolvimento; continuou a alimentar correntes de emigração, mas tornou-se simultaneamente um país de imigração e sem realizar uma cultura de modernidade, abriu-se à pós-modernidade, à sociedade de informação e à globalização... Portanto, todas estas mudanças, como é óbvio, não se fizeram sem tensões, sem custos e sem desequilíbrios. Decorrendo todas estas mudanças, podemos avaliar que, apesar de uma melhoria geral nas condições de vida, acentuou-se a clivagem entre pobres e ricos e também entre o litoral e o interior; a família entrou em crise e tende a delegar na escola parte das suas funções que, tradicionalmente, lhe competiam; os antigos valores foram contestados e se os novos valores, socialmente desejáveis, emergiram, triunfaram outros menos desejáveis, como seja o consumismo, o individualismo extremado e a exclusão social. E no contexto europeu estamos ainda muito aquém no que diz respeito a muitos indicadores, como o nível de vencimentos, qualidade e esperança de vida, analfabetismo, sucesso nas aprendizagens escolares. Portanto, como é óbvio, se todas, se a sociedade sentiu todas estas mudanças que ocorrem, podemos dizer, de uma forma relativamente acelerada, se nos reportarmos, de facto, à... a algumas décadas, como era espectável, todas estas mudanças foram-se repetindo no sistema e nas escolas, que não poderiam ficar imunes aos desequilíbrios e tensões que afetam a sociedade, nem indiferentes aos novos desafios de toda a ordem que a ela lhes coloca. Portanto... e, por isso, o sistema educativo sofreu sucessivas reformulações, nomeadamente no que diz respeito à extensão da escolaridade obrigatória; a eliminação do ensino técnico; a integração no ensino regular de crianças e jovens com necessidades educativas especiais; a alteração do sistema de formação de professores; o incremento do setor privado e cooperativo em todos os níveis de ensino; o alargamento da rede do pré-escolar e a expansão do ensino recorrente; a reforma curricular e as alterações subsequentes, dando origem a sucessivas mudanças como as que se verificaram ao nível da avaliação dos alunos; apoios pedagógicos; o estabelecimento de currículos alternativos e na criação do estudo acompanhado e das atividades de apoio pedagógico acrescido. Portanto, muitas das mudanças que foram acontecendo repercutiram-se na escola e todas estas alterações tiveram que ser feitas e quem estava cá foi sentindo, também, todas estas alterações e teve que se ir adaptando. E quando se fala numa aceleração de mudança social, é mesmo uma aceleração, porque isto não foi de um dia... portanto, não é de um dia para

o outro, mas quase que é, porque... eu posso dizer que senti muito esse efeito, porque fiz uma paragem de 13 anos fora da escola, e quando cheguei, de facto, senti que muita coisa tinha mudado. E daí que algumas destas coisas fazem muito sentido para mim... Portanto, as escolas também deixaram de ser centros de ensino, para passarem a ser centros da comunidade educativa e, por isso mesmo, mudou a forma de gestão das escolas. Pretendeu-se democratizar, alargar progressivamente a sua [impercetível – tosse]; regulamentar, mas também burocratizar a sua disciplina; instituir a possibilidade de constituírem o seu projeto educativo, integrador de intenções e sinergias da própria escola; animarem os seus espaços com atividades interdisciplinares... Além disto, portanto, uma vez que mudou a forma de gestão das escolas e se pretendeu tudo isto, também foi sentida alguma impotência para fazer face a grandes problemas que continuam por resolver e que continuam a constituir o maior desafio da escola, como seja: o insucesso escolar e o abandono escolar; a indisciplina e a crescente violência; a motivação daqueles alunos que só a obrigatoriedade escolar retém na escola; o desequilíbrio entre a tradicional função de promoção das aprendizagens e a função socializadora; o diálogo intercultural e ainda a necessária redefinição e clarificação dos objetivos dos vários níveis e ciclos de ensino. Portanto, numa sociedade onde a mudança tem um lugar central, que se reflete em mudanças na escola atual, os desafios que se direcionam aos professores estão intimamente ligados à sua identidade profissional. Falando agora sobre o tema *Desafios ao ser professor numa escola em mutação*. Portanto, tendo, tendo analisado as principais mudanças da sociedade e como é que isso se terá refletido na escola e também ainda a impotência para responder a alguns desafios que continuam e persistem, que desafios se colocam ao professor numa escola que está em constante mutação? Portanto e, de facto, os desafios que se direcionam aos professores estão intimamente ligados à sua identidade profissional. Ou seja, para fazer face à mudança na sociedade atual não basta solicitar aos professores que encontrem respostas adequadas às situações novas com que se deparam, é preciso criar espaços, nomeadamente de formação, que permitam a reconstrução criativa das identidades dos atores. E aqui estamos a referir atores às pessoas que têm ação neste sistema instituição, não é? Portanto, mais uma vez, a necessidade de formação, exatamente para podermos ir... para podermos ir dando resposta a todas estas mudanças. Ainda, a dinâmica dos sistemas de interações profissionais em que os professores se encontram vão estar relacionadas com a rede de expectativas recíprocas em que se insere, ou seja, os professores, em geral, como profissionais, e cada um em

particular, no seu espaço de trabalho, procura resposta para umas quantas questões, como por exemplo, o que é esperado de mim e o que é que eu espero dos outros? Como é que eu antecipo as reações dos outros? Como penso que os outros antecipam as minhas reações? O que é que eu valorizo? O que é que eu desejo neste campo? O que não é tolerado? O que é valorizado e desejado?... Ou seja, as expectativas da sociedade face à escola são estruturantes neste processo de questionamento. A este nível, as mudanças em curso são abissais, sobretudo quando pensamos nos professores que o são há mais de três décadas. Ou seja, essas mudanças abissais têm a ver exatamente com o facto de a escola deixar de ser quase... quase a única fonte de conhecimentos, portanto, nesta altura há toda uma abertura e fonte de conhecimentos muito diversificada; a sociedade deixou a escola sozinha com a função de socializar as crianças e os jovens; há cada vez mais alunos para quem a escola, instrução, faz pouco sentido; a escola tem de responder a desafios com que tradicionalmente não estava confrontada; os professores têm dificuldade em compreender as lógicas e estratégias dos alunos que não atribuem sentido à escolaridade; as culturas discentes distanciam-se cada vez mais da cultura dos docentes, portanto e a necessidade de trabalho colegial para fazer face aos novos desafios com que a escola e os professores são confrontados embate contra o muro de resistências e de defesas que não têm contrapartida em estruturas e soluções de apoio aos professores em dificuldade. Ou seja, como é óbvio, quem já está há mais tempo na instituição, os professores que estão há mais décadas, sentem mais estas... estas mudanças, porque, de facto, é isto que vem a acontecer, muito pelo facto, também, de inicialmente, inicialmente nós, se calhar, os alunos abandonavam mais rapidamente a escola. Hoje em dia, com a escolaridade obrigatória, acabamos por nos deparar com mais problemas dentro da sala de aula, pronto, o facto de... de dizer ali, as culturas discentes distanciam-se cada vez mais das culturas docentes. O facto de... há cada vez mais alunos para quem a escola faz pouco sentido, exatamente porque têm que cumprir como uma escolaridade obrigatória e... aqui estão e aqui andam, não é? Portanto, tudo isto favorece o desenvolvimento e a generalização do sentimento de desenraizamento e de dificuldade de encontrar o seu lugar como pessoa e como docente. Portanto, todas estas dificuldades que o professor pode sentir. Ainda dentro dos desafios ao ser professor numa escola em mutação, são vários estes desafios com que os professores se confrontam na escola e na sociedade atual, da exclusividade do cognitivo às emoções, eu tenho estes pontos mais detalhadamente descritos no... no trabalho escrito, mas se vou entrar aí, isto se calhar torna-se muito maçudo. Depois, se tiverem interesse em

explorar um bocadinho mais isto... Portanto, passou-se da exclusividade do cognitivo, portanto, às emoções, ou seja, tempos existiram em que o objetivo da escola era selecionar, se calhar, os melhores alunos para fazer aprender os programas, contudo, atualmente, os professores têm que trabalhar nas escolas onde também têm que estar os... são chamados, também, a assumir desafios e dilemas éticos da profissão, nomeadamente no que toca ao desenvolvimento da cidadania. Ou seja, responsabilizar também a solidariedade e o sentido, portanto, de justiça e qualidade na sala de aula; da centralidade exclusiva sobre os conteúdos e programas à cidadania escolar; da acumulação de informação à produção de conhecimento; do esboroar do sentido à reconstrução do sentido da escola; da clausura do espaço de ensino à intercomunicabilidade dos espaços de aprendizagem e de vida, portanto, ou seja, a escola deixou de ser aquele espaço fechado para estar aberta, também, a toda uma comunidade – portanto, hoje em dia também temos... comunidade educativa, portanto, tem que ter, que está aberta... exatamente; portanto, dos públicos tradicionais cativos ao cativar de novos públicos; da viabilidade do individualismo docente à colegiabilidade de responsabilidades. Olhando agora para a avaliação social do professor no sistema educativo atual, portanto, temos que perceber que, com as mudanças verificadas na sociedade e consequentemente no sistema de ensino, verifica-se que ocorreu uma rutura do consenso sobre a educação que veio modificar o apoio do contexto social do aluno; uma retirada do apoio unânime da sociedade à escola e o abandono da ideia da educação como promessa de um futuro melhor, portanto, isso eleva, também, a desmotivação; existe uma culpabilização dos professores, responsabilizando-os diretamente por todas as lacunas, fracassos e imperfeições existentes no sistema de ensino, ou seja, o professor, muitas vezes, é visto como o bode expiatório e responsável universal de todos os males no sistema de ensino. Após alguns anos em que, justamente, o sistema de ensino colocou a ênfase na criança, nesta nova etapa, dá qualidade ao sistema educativo, pressupõe abrir uma nova era em que se revalorize a figura do professor e se centre o melhor dos nossos esforços em dar aos docentes a oportunidade de desenvolver um trabalho de qualidade... E por isso mesmo, de acordo com este autor, para dar qualidade ao sistema educativo, ele acha que deve ser inaugurada uma era de apoio ao professor. Em termos de reflexão final deste trabalho, portanto, as mudanças na sociedade e as mudanças da escola têm levado a que se exerça uma forte pressão sobre os professores para a assunção de novos papéis, exigindo dos professores uma grande flexibilidade e abertura à mudança e um sentido maior de diferente colegiabilidade e cooperação; a

pressão da mudança social modificou profundamente o trabalho educativo dos nossos professores, tanto no que diz respeito ao tipo de alunos que a eles acedem, como no clima da sala de aula e esta mesma sociedade que pede aos professores que assumam novas responsabilidades também não os prepara, ou seja, no seu período de formação inicial... não os prepara no seu período de formação inicial para fazerem frente às realidades profissionais com que se vão, portanto, defrontar ao longo da sua carreira. Ou seja, toda a formação que nós temos inicialmente não é a preparação suficiente para depois nos irmos deparando com as realidades profissionais que se vão acontecendo... E na sociedade atual, trabalhada por múltiplas pessoas, processos de mudança, os próprios adultos, para além do seu evoluir como pessoa, estão como que condenados a reiteradamente recomeçar processos de socialização. Portanto, isto vai acontecendo ao longo de todo este processo. Para atravessar, portanto, esta crise, entre aspas, gerada pelos vários desafios que se colocam aos professores, no âmbito destes processos de mudança, então, e de acordo com a minha professora da, da, da disciplina, ela dizia mesmo: “É urgente cuidar dos professores”. Portanto, ou seja, o desafio não é fazer os professores deixar de sentir, mas assegurar que as suas emoções sejam dirigidas positivamente para benefício do sistema educativo como um todo e das crianças em particular. Portanto, porque é por elas que nós estamos aqui. O desenvolvimento da cultura do cuidar da escola, poderá, então, ser a oportunidade de transformar o perigo numa janela de oportunidade para a realização profissional dos professores e sucesso dos alunos, a eficiência da escola e a concretização da escola justa. Portanto, a conclusão que eu cheguei no final deste trabalho é que, de facto, todas estas mudanças que nos são colocadas e... e... e que, pronto, e que nos levam a questionar, como aquelas questões que eu coloquei há bocadinho, a nossa profissão tantas vezes e um bocado o que é que é esperado de nós e o que é que os outros esperam de nós e se estamos a desempenhar o papel como deve ser, portanto, acho que acabamos todos um bocadinho por nos questionar isso ao longo da nossa vida profissional. A conclusão que eu chego, de facto, com, também, com as leituras que fiz e com a pesquisa bibliográfica que fiz no âmbito deste tema, é que, de facto, esta era do cuidar do professor talvez seja necessária e... e, pronto, e esse cuidar do professor é exatamente abrir mais espaço, talvez, à formação, de acordo com as mudanças que se vão colocando, e valorizar, também, mais a carreira, que, entretanto, foi desgastada também ao longo deste tempo, não é? Acabou por uma profissão que era altamente, portanto, valorizada, acabou por ser um pouco desgastada, também, ao longo de todo este processo de mudança. E,

pronto, não vos vou maçar mais, a bibliografia que usei neste trabalho, não vou estar a ler, portanto, é esta que aqui está mencionada. Portanto, como disse foi bibliografia que, na altura, também foi sugerida pela docente da... da disciplina. Portanto, como estão a ver tudo livros do ISET que existiam lá mesmo na... na biblioteca, que eles têm mesmo uma biblioteca... E grata pela vossa atenção. Não sei se... se consegui transmitir a ideia que pretendia, estou aberta a questões, a críticas, o que quiserem, portanto, dizer.

[Aplausos]

P12: Eu queria começar por agradecer à P9 o facto de ela se ter disponibilizado para vir aqui partilhar este trabalho connosco e, pronto, e abrir... Não sei se alguém quer dizer alguma coisa. A única coisa que peço é que, ao abrirmos o espaço de debate, que as pessoas vão pondo o braço no ar, para podermos organizar as coisas e não começarmos todos a falar uns em cima dos outros, porque senão não nos entendemos. Portanto, não sei se alguém quer fazer algum comentário, colocar alguma questão ou se damos por encerrada a questão e passamos para o intervalo. Isso agora depende de vocês. [pausa] P8...

P8: Eu gostei da apresentação, para já. Eu gostaria de ver ali, no primeiro ponto da introdução... Um dos últimos diapositivos da parte da introdução fala sobre os docentes antigos assumirem, eu percebi, maior responsabilidade e proximidade aos alunos.

P9: Não é isto? No início da carreira, trata-se de um processo [segmento impercetível].

P8: Quanto mais maduros profissional... Penso que é isso... Eu aí tenho algumas dúvidas nesse... nesse último ponto, de certa forma por aquilo que tenho vivido e pela experiência que tenho, tenho alguma discordância em relação a ele, esse último ponto. Como é óbvio, há casos em que isso é verdade, há outros casos, não sei se as pessoas têm conhecimento, por exemplo, uma situação que está a ser polémica na Madeira, numa escola, neste caso na Jaime Moniz, que foi uma mãe que mandou uma carta para o Diário, que se... que se chama a Turma da Mónica. Portanto, que foi uma docente que supostamente esteve ausente e que disse aos alunos, portanto, que ia estar ausente e que os alunos não precisavam de comparecer na escola – quando nós não temos autorização nem capacidade para o fazer, só o órgão de gestão é que pode fazer, tomar este tipo de decisões – e a mãe levanta a hipótese da dita docente fazer isto várias vezes durante vários anos. É uma pessoa já com alguma bagagem, portanto, é uma pessoa experiente. E pôs uma outra questão que é...

P10: Por ser tão experiente é que ela já pode dizer que os alunos não... [risos]

P8: Provavelmente. E essa dita docente costuma fazer isto, porque tira uma semana ou mais para dar aulas...

P10: Explicações.

P8: Para dar explicações para preparar os alunos para os exames.

P10: Mete baixa médica para...

P8: Portanto, eu aí tenho algumas dúvidas e tenho conhecimento de várias situações, mesmo ao longo dos anos que tenho, tenho trabalhado de situações em que, realmente, os colegas mais antigos, eu acho que a idade e o tempo de serviço traz-nos experiência, mas não sei se traz responsabilidade. Eu tenho conhecimento de vários casos que, por um lado, são uma desilusão. Portanto, há casos...

P9: Mas isso, se calhar, esses casos que o... desculpe, eu só...

P16: Mas qual é a... qual é a idade desta colega que...

P9: Que o P8 está a falar...

P8: É uma pessoa com experiência, com muita experiência já de...

P9: Não sei.

P8: ... de coiso.

P9: Portanto, eu penso... Essa, essa fase que o P8 está a falar, se calhar, enquadra-se mais ali no desinvestimento, porque no final da carreira, muitas vezes, há o desinvestimento, portanto, em que a pessoa – eu depois exploro isso aqui um bocadinho mais no trabalho escrito – em que a pessoa...

P8: Pois, poderá ser, sim.

P9: Já não, portanto, já chegou a uma fase em que parece que já aplicou tudo o que tinha a aplicar e acaba por desinvestir um bocado, portanto, na ótica daquele autor. Este, este autor, o Nias, de facto ele fala mais sobre o envolvimento emocional dos professores na carreira e penso que o que ele descreve aqui é aquilo que seria natural de acontecer, não é? Ao longo da carreira e, claro, como eu disse, e quando eu acabei de dizer isto, eu disse que isto é muito discutível e cada um sentirá a carreira, portanto, à sua maneira. Claro que as pessoas não são todas iguais, mais uma vez isso leva a que as socializações, por vezes, sejam... pronto, impliquem... devido com... tendo em conta a

personalidade de cada pessoa, não de implicar também mais coisas. Eu, como disse, não sou socióloga, eu não sei se estou a usar os termos corretos...

P8: Sim, nem eu...

P9: ... e se estou a aplicar bem, mas, pronto, aquilo... quando eu li isto, aquilo que eu achei é que isto é o que deve acontecer, de uma forma natural, portanto, à medida que a pessoa vai amadurecendo, à partida, seria isto que deveria acontecer. Claro que depois há casos particulares, portanto, em que as coisas não acontecem tal e qual e que não é só o facto da pessoa já ter amadurecido que, de facto, esse sentido de responsabilidade vai ser maior para com as crianças. Já se sabe que isso depois há sempre casos particulares.

P8: Eu só queria acrescentar mais uma coisa e...

P14: Mas deixa-me, P8, deixa-me...

P12: Espera, a P1 tinha posto o dedo no ar.

P14: Ah, peço desculpa. Posso só acender a luz?

P9: Sim, sim, sim.

P8: Posso só acrescentar mais uma coisa em relação a isso? Só para que o meu... para completar aquilo que eu disse e que tem a ver um pouco com a entrevista que a P12 fez no outro dia, porque eu também gostei desta parte. Estes casos que estamos a falar não são assim tão pontuais quanto isso. São cada vez mais frequentes e também têm a ver com a massificação do... da formação dos professores num sentido, grande parte das pessoas que estão no momento, neste momento, no ensino, não nasceram para ser professores e estão na educação porque é mais fácil do que ir trabalhar para uma empresa, em que têm horários rígidos e que as coisas funcionam de forma diferente. E quem diz isto, diz noutras áreas, por exemplo, o ter... um mau aluno na minha escola, neste momento, são agentes da PSP, a maior parte deles... Faziam [impercetível – risos]. E, portanto, nós na educação, realmente, precisamos, dada esta mudança toda, acho que precisamos de uma avaliação justa, que seja diferente, que selecione aqueles que realmente têm perfil para dar aulas, os restantes têm que ir fazer outra coisa. É mau? É. Vai provocar um choque muito grande, vai provocar muito desemprego, mas é assim, eu se tiver numa empresa, é a mesma coisa que acontece... Portanto, eu quero é que haja uma avaliação justa... E eu 'tou a pensar isto não só como professor, mas também... temos de pensar do outro lado que é os pais, quando mandam o seu filho

para a escola, supostamente estão à espera que do outro lado haja alguma coisa de positivo. Eu, por exemplo, no outro dia, tive uma situação – e a P12 teve conhecimento disso e depois conversámos quando... – de uma aluna do secundário, que eu ia no corredor e chamou-me, porquê? Porque... era uma situação de, de uma docente que estava constantemente ausente e a aluna cometeu um erro, que foi meter o nome da professora no Facebook e a dizer que era inadmissível, às oito e vinte da manhã, virem para cá a turma toda e... e não terem. E a única coisa que eu lhe disse foi: “Eh pá, vocês podem ter razão, a única coisa que eu que eu aconselho é tirar... é tirares esse *post* do Facebook, porque tu, ao meteres o nome da professora da disciplina, podes ser alvo de um processo disciplinar”. Agora, eu percebo aquela revolta e, muitas vezes, estou na... vou na rua e quero que aconteça... quando acontecer comigo, quero que as pessoas me digam: “Olha, P8”... Até que ponto é que é justo eu, por exemplo, tive uma conversa há tempos com um colega nosso, durante um ano foi muito mau profissional... As pessoas têm o direito a faltar, como é óbvio e o sistema permite e nós sabemos, há colegas, claramente, que têm três meses de férias, que a escola nunca os convoca para nada, porque senão, não convém convocar porque vão fazer asneiras. Enquanto que há outros que só têm um mês. E, portanto, nós temos que realmente começar a ter profissionais que sejam valorizados, mas para ser valorizado também é preciso demonstrar que merece ser valorizado e não podemos andar aqui a pagar ordenados... Eu não posso ‘tar a exigir que o meu país me pague o ordenado, quando eu depois não retribuo com nada disso. E, portanto, eu, muitas vezes, vou lá fora e sou... alguns pais que vêm falar e tudo isso e eu percebo que há alguma frustração da parte dos pais. Mas pronto, isto... também é o país que temos, penso que também o merecemos, por isso... É a minha parte. Mas gostei bastante da apresentação.

P9: Obrigada.

P8: E até esta área, é uma área que me interessa bastante, apesar de não perceber nada do assunto.

[risos]

P12: Vou passar, então, a palavra à P1.

P1: Queres falar tu primeiro?

P12: Não, eu falo depois.

P1: Ah, ok. Pronto, além do... do básico, gostei, é realmente, como diz o P8, é um tema que a mim me interessa bastante. Gosto muito deste género de discussões. E eu acho que aquela questão que ele levanta, em relação à maturação, entre aspas, que a profissionalização, vá, os professores mais... mais... com mais anos de serviço deveriam ter essa maturidade e esse... criar, entre aspas, porque amadureceram essa aproximação com os alunos, essa... maior flexibilidade... mais um comportamento mais sensível, entre aspas, percebo perfeitamente o que é que acontece... que é um bocadinho o que o P8 está a dizer, as pessoas estão fartas, estão cansadas e é, do género, já tenho ouvido comentários do género: “Oh pá, já tenho idade para não me chatear com isso, já tenho anos suficientes de formação, de profissão para não estar a me preocupar com isso” e não deveria ser essa a própria atitude. Mas... está incluído aquilo que tu estás a dizer, um desinvestimento, porque a pessoa ‘tá revoltada, porque é desvalorizado constantemente o seu trabalho, é... Tudo bem, há pessoas que não valorizam, elas próprias, o seu trabalho, mas aqueles que valorizam levam por tabela, logo, não é? Então, para que é que eu me vou ‘tar a esforçar se eu vejo que A, B, C, D – como diz o P8 e muito bem – não são convocados para... porque sabem que vai fazer asneira. Claro, como eu há dias disse na Comissão Executiva, vou passar a fazer – desculpem o termo – merda, que é para também não me convocarem para trabalhos, não é? É o que apetece fazer, mas... Portanto, isto de desinvestimento acontece...

P9: Acontece.

P1: ... não é? Agora, o que eu acho é que quem realmente gosta de ser professor, quem realmente gosta de trabalhar com os alunos – porque o ensinar não é a mesma coisa – tem que... a evolução, essa maturação emocional e etc., tem que ser uma luta constante.

P9: Claro.

P1: Mas que é cansativo, é cansativo, obviamente, não é? Agora, a nível de sociabilização, em relação à escola... tu falas que a escola devia ser um espaço onde fosse... bom... trabalhar, criar espaços próprios para esses, as nossas circunstâncias são as que são, todos nós sabemos que a nossa escola é o que é... E, pronto, a gente tem que lidar, lidar com aquilo que tem, não é? Caso... por exemplo, uma coisa que a mim me toca muito, é a tal formação específica para os alunos NEE, porque este ano apanhei... assim, de enxofre, três ao mesmo tempo, sem formação nenhuma, nem preparação nenhuma. Foi tipo: “Toma, desenrasca-te”, não é? E depois toda a gente me dizia – que

isso é que me fazia subir as paredes – tipo: “Ah, não te preocupes. Isso... isso resolve-se. Oh pá, não te chateies”; “Isso dá-se a volta... isso...”.

P9: Não é bem assim, estamos a trabalhar com pessoas...

P1: Pronto, mas isto... isto para tu veres que...

P9: Pronto, [segmento impercetível – sobreposição de vozes] especial e há que ter a formação adequada para isso.

P1: ... esta formação, preparação deveria existir...

P9: Claro, claro.

P1: E as pessoas que a tivessem, então, deviam trabalhar com este tipo de alunos, por exemplo. Acho muito bem que eles sejam incluídos na escola, acho perfeitamente natural que devam ser. Agora, as pessoas que vão trabalhar com eles também devem estar preparadas para isso e isso a sociedade não nos dá.

P9: Não há essa preparação.

P1: Essa preparação.

P9: Pois. A questão é essa, na formação inicial que a pessoa teve, de facto, não tem essa preparação, são as tais... as tais socializações...

P1: Complementos que a gente tem que ir fazendo.

P9: Que reiteradamente temos que... os tais processos de socialização que vamos vivendo ao longo da carreira. E esses complementos que vamos fazer.

P12: Posso passar... posso passar a palavra à P14, então?

P14: Em relação ao que diz este autor, eu, em certa medida, concordo, porque eu acho que nos primeiros anos de... de trabalho nós somos muito mais inexperientes. E acho que, à medida que nós vamos tendo filhos, eu acho que isso faz com que nós vejamos as coisas de forma diferente. Por exemplo, eu consigo prever alguma coisa do que os alunos vão fazer, pensando no que... na reação dos meus filhos. e, por exemplo, acho que também o facto de eu ter filhos faz com que eu seja mais exigente com os meus alunos, porquê? Porque eu também quero que sejam exigentes com os meus filhos. E acho que, nesse aspeto, isso obriga-nos, também, a evoluir e a prever certas... certas situações e acho que é uma mais-valia. Embora, claro, quando já temos sessenta anos, também acho que, nesse aspeto, já... a experiência... já não é tão favorável, porque nós

também já estamos mais desgastados, já estamos mais cansados... Mas, em certa medida, eu acho que...

[sobreposição de vozes- segmento impercetível]

P12: Mas quero que peçam a palavra... quando querem falar, ponham o dedo no ar. Não, é que senão daqui a bocado ninguém se entende.

P14: Lembro-me de, uma vez, um professor me disse que nos primeiros anos de trabalho que nós ensinamos tudo o que sabemos e aquilo que não sabemos; nos dez anos seguintes, ensinamos só o que sabemos e nos últimos... nos últimos dez anos, só ensinamos o que é essencial. Portanto, eu acho que, realmente, em certa medida, é verdade...

VP1: É verdade.

P14: ... porque nós, nos primeiros anos, nós queremos saber tudo, tudo, algumas coisas nem percebemos, mas ensinamos aquilo, porque está no programa e temos que ensinar aquilo e, às vezes, não percebemos. Com a experiência nós vamos...

VP1: Mas isso é uma condição...

P14: Sabendo muito mais o que é essencial.

VP1: Isso é uma condição humana...

P12: Ninguém te deu a palavra, a [segmento impercetível] está à tua frente para falar. Queres falar, espera... Deixa a P14 acabar.

P14: Já [segmento impercetível]

P12: E ainda tens a P10 à tua frente. Já terminaram...

P10: [segmento impercetível] sempre do contra [impercetível] passar a palavra ali ao VP1 [segmento impercetível] acabaram o raciocínio.

VP1: Eu estou a dizer que isto é a... que ela disse é verdade. É um contexto humano, é uma... faz parte da natureza humana. Socialmente, é a mesma coisa. Tanto profissionalmente como socialmente, a gente vamos nos desprendendo de certas coisas, vamos... Não temos aquela ambição que temos quando somos novos. Mas isto não tem nada de novo, isto sempre foi, é e será. Ponto final.

P12: P10.

P10: Eu discordo ali da P14 quando diz que depois de ser mãe, tornou-se mais exigente. Eu não. Eu, depois de ser mãe, tornei-me mais permissiva com os meus alunos. Estou mais tolerante. Se calhar porque em casa também tenho situações que preciso... estou mais tolerante às atitudes dos alunos, acho que antes era mais exigente... não permitia tanto, tanto as coisas. Sinto isso depois que fui mãe. Vou deixando...

P14: Mas eu estava a falar exigente em termos de conteúdo, não em termos de...

P10: Certo, também, também, também. Mas, se calhar, também sou capaz de perceber melhor porque é que isto não aconteceu agora, não aprendeu agora ou de ter mais cuidado... Porque é que o aluno, se calhar, hoje não está tão bem e... e respondeu-me assim por alguma razão será. Porque é que o aluno teve esta atitude, se calhar, há uma consequência por trás. Pronto, acho que me tornei mais permissiva. Depois... também discordo um bocadinho em relação a esse amadurecimento, porque eu conheço pessoas com cinquenta e sessenta anos que são altamente ativas com os seus alunos, criativos ao máximo, e conheço gente nova que começou há pouco tempo e também não quer saber disto e leva isto assim na descontração, porque... ninguém chateia, não precisa muito que também não é... não 'tá lá nenhum polícia a ver. Eu conheço os dois lados. E eu penso que tem a ver com a vontade das pessoas...

P14: Com a consciência.

P10: Com a consciência das pessoas em querer fazer qualquer coisa, não é? Em relação àquela situação que a P9 tinha ali da escola em mutação, será que a escola está mesmo em mutação? A escola em si, espaço? Ou existe é um conjunto de pessoas a criar alterações nos currículos, na... na gestão das escolas, mas o espaço é o mesmo, o tipo de aula é o mesmo, o sentar à mesa a ouvir, nas secretárias, a ouvir o professor é o mesmo, o toque – este maldito toque – é o mesmo? Será que nós também estamos a responder às expectativas dos alunos de hoje em dia? Não é? Eu gostava que houvesse alguém que, por magia, que me ensinasse e me desse formação para que eu, no espaço em que estou, com o que tenho, torne as coisas... motivantes para os alunos, que eles gostem de vir para aqui e de me ouvir a falar, a chateá-los, por exemplo. Eu gosto, porque o espaço é o mesmo. Nós vimos para aqui todos os dias, os desgraçados vêm para aqui todos os dias com estas salas, nestas... condições. Isto não é só nesta escola, é em qualquer, noutras, noutras escolas. Isto não é só aqui. Estas cadeiras maravilhosas para 'tar 90 minutos a ouvir um professor a expor uma situação, uma matéria, não é? Portanto, até que ponto é que nós estamos a responder, também, às expectativas dos

nossos alunos? Que hoje em dia têm... são bombardeados com *N* coisas, que se calhar não é preciso estar a perder tempo ali, não é? Com aquele tipo de assuntos, que eles têm informação até dizer chega. Eu gostava de formação nesse sentido, porque eu aprendi para a escola que temos agora, porque eu costumo dizer que a escola ainda está quadrada. Não está assim tão aberta às novas coisas, não é? A sociedade lá fora tem muita coisa, mas eu acho que a escola ainda não... não está a deixar entrar assim tanta coisa. Depois, se houver aí alguém que venha com inovações, já sai um bocadinho fora do formato e é um bocadinho chato, começa a chatear. Portanto, eu acho que, se calhar, também não estamos a responder a... apesar destas alterações todas que têm vindo a surgir ao longo dos anos, não é? E que os professores têm vindo a sentir. Mas parecem-me só alterações... teóricas, a nível de currículos, a nível... alguém que está sentado a uma secretária...

P9: Não é só. Eu acho que não é só.

P10: ... e que está a apresentar trabalho...

P9: Eu acho que não é só, porque, se nós pensarmos, há umas décadas atrás, e, lá está, aquilo que eu falei da escola agora ter que estar aberta... passámos do, portanto, do ensino que praticamente era dada só dentro da sala de aula, hoje em dia os alunos têm várias fontes de informação. E nós temos que saber lidar, dentro da sala de aula, com todas essas fontes de informação que lhes chegam. Eles têm uma internet com... à distância de um *click*...

P10: Não, não têm. Não têm.

P9: Não todos... Nem todos têm. Nem todos têm, mas muitos têm. Muitos têm. Mas se não têm em casa, também têm na escola, nas escolas também podem, portanto, consultar e... Muitos alunos já se veem com um *tablet*, também trazem para a escola e que também 'tão constantemente...

P10: Nem todos.

P9: Nem todos, eu sei. Nem todos. Não 'tou a falar de todos, como é óbvio... Portanto, e acho que... isso, temos que lidar também com essas mudanças, quer dizer, que foram acontecendo ao longo dos anos. Lá está, eu também referi que os professores que estão cá há mais tempo, se calhar, sentem mais essas mudanças do que os que estão aqui há menos tempo, porque já começámos numa sociedade em que essas mudanças também já existiam... Portanto, e acho que essas pequenas mudanças também vão-se sentindo

dentro, dentro da sala de aula. Eu notei algumas, com a paragem letiva que fiz, noto diferenças nos alunos que tive antes da paragem letiva para os alunos que tenho hoje.

P10: Sim, mas os alunos estão diferentes, P9, mas eu... eu também concordo. Os alunos estão diferentes, os alunos não são os mesmos e eu não trabalho assim há tantos anos, como tu dizes. Não são os mesmos quando eu tinha, quando comecei a trabalhar.

P9: Mas, pronto, foi também um pouco isso que eu quis dizer, os alunos que, que nos chegam...

P10: Sim.

P9: ... se calhar, são um pouco diferentes, e é resultado também da, das mudanças sociais que aconteceram...

P10: Claro.

P9: ... e da cultura do país em que nós vivemos, não é? Portanto, tem a ver com isso e nós temos que saber lidar com essas... com essas mudanças, porque, de facto, ser professor não é transmitir conhecimentos só, há que saber lidar com as emoções dos alunos, não é? Portanto, e... e, pronto, e isso tá... as emoções deles são muito diferentes, lá está, depende do ambiente familiar, depende de, de como eles vivem. Os alunos que nos chegam são diversos, não é? Nós temos que, dentro de uma sala de aula com vinte e tal alunos, conseguir controlar tudo isso.

P10: Lá está. Lá está.

VP1: Mas isso tem, tem sido uma evolução...

P10: Essa parte continua a mesma.

VP1: Exatamente.

P10: Pronto.

[risos]

VP1: Tem sido uma evolução em que a escola vem atrás da evolução tecnológica. Por exemplo, não é uma evolução como a E. dizia, que é continuamos a ouvir a mesma campainha...

P10: Qual E.? Aquela ou esta?

VP1: ... continuamos a ouvir a mesma campainha, a estar no mesmo espaço... a ter o mesmo manual, algumas diferenças. E se calhar era esta escola que a... estava a pôr em P10 causa, esta, esta mudança da escola.

P9: Pois, a mudança de escola, instituição mesmo, portanto... Mais?

P12: Bem, eu acho que agora posso falar.

P8: Podes, depois...

P12: Eu queria só dizer duas coisas [impercetível – tosse], uma é, é evidente que aquilo que a P9 apresentou são modelos teóricos, que têm uma aplicação geral, há sempre exceções, não é? Eu lembro-me quando o Alexandre Ventura cá veio, que mostrou aquele ciclo de evolução da carreira profissional e que ao fim de vinte anos um professor já está desmotivado e eu ando cá há trinta e ainda tenho motivação para mais trinta. Mas não temos... pronto, ‘tar a particularizar as coisas. É perceber que isto são quadros teóricos, que se aplicam à generalidade, mas que, como em tudo, há exceções. Depois, em relação aos desafios da escola, eu, de facto, acho que a escola de hoje... Aliás, houve alguém que pôs no nosso blogue um *link* para uma entrevista – não me lembro agora de quem é o entrevistado – mas a entrevista é exatamente sobre isto, sobre a questão daquilo que é o modelo escolar que nós temos e de que maneira é que ele está desadaptado em relação à realidade social. É evidente que, eu acho que é assim, nós, sozinhos, não fazemos reformas do sistema educativo... mas também acho que não podemos ser conformistas e dizer que: “Ai , isto...”. Há pequenas coisas que cada um de nós pode fazer. E se cada um de nós fizer as pequenas coisas que pode fazer, mesmo dentro da sala de aula, com as cadeiras dispostas da forma tradicional, mesmo tendo uma campainha que toca de noventa em noventa minutos, eu posso perfeitamente fazer um trabalho muito diferente daquele que fizeram comigo, os meus professores, há quarenta anos atrás. Portanto, acho que, também, passa um bocadinho... e, se calhar, nós, este grupo que está aqui... sem falsas modéstias, acho que, de alguma forma, também representamos isso, dos professores que não se estão conformados e que acham que, se calhar, eh pá, se calhar vale a pena perder três horas, uma vez por mês, para irmos ali ‘tar uns com os outros a conversar e a pensar sobre o nosso trabalho. E, se calhar, isso já é e já vai fazer com que sejamos diferentes dos outros que dizem assim: “Ai, eu acho tão giro essa comunidade que tu ‘tás a dinamizar”; “Ah pois, mas depois é muito chato. Ai uma vez por mês dá muito trabalho”. Portanto, é assim... claro que há muitas coisas que nós não podemos mudar, claro que a escola ‘tá muito desadequada

das realidades, os professores que acham que podem chegar a uma aula e ‘tar noventa minutos a debitar informação, esqueçam. Porque nem eu, quando vou para uma formação, aguento noventa minutos a ouvir alguém a falar se não for de um assunto especialmente interessante – eu já ‘tive uma vez numa formação em que ao fim de meia hora saquei da HOLA e comecei a ler a HOLA e não tenho vergonha nenhuma de dizer isto – e, portanto, percebo perfeitamente que um aluno meu, numa aula, se eu ‘tou a dar uma seca brutal, ao fim de dez minutos o tipo pega no telemóvel e ‘tá entretido com outras coisas. Portanto, isto são coisas que nós temos que perceber. O que eu tenho que saber é que há outras formas de trabalhar que, se calhar, não resolvem tudo, porque também não há... e isso também já, já, já deixei de acreditar no Pai Natal e sei que não há modelos pedagógicos perfeitos, mas há modelos e formas de trabalhar que nos podem ajudar a motivar os tais alunos que estão aqui porque têm que estar, a... e aqueles que mesmo estando, porque sabem que é importante estar, há alturas que lhes apetecia era estar lá fora a jogar uma *futebolada*. Pronto, é isso que eu acho, é que... nós não podemos mudar o sistema educativo, mas cada um de nós pode mudar-se enquanto profissional. E eu acho que isso é que é muitas vezes a grande dificuldade, é nós despirmos aquela imagem do professor que fala de cátedra, que sabe de tudo, que vai dar a sua aula... e começarmos a... a... a assumir um outro papel mais de... que passa mais por sermos gestores da sala de aula e da criação de contextos de aprendizagem para os alunos. Enfim, penso que passa um bocadinho por aí. Alguém ‘tava de braço no ar...

P9: Só dizer, P12, que eu, pronto, era, era mesmo disso que eu, pronto, que eu... de que eu pretendia ir ao encontro, porque acho que, de facto, aquele professor que fala e que está ali só a debitar conhecimento, de facto, temos que, talvez haver essa mudança a este nível, porque os alunos que nos chegam, se calhar, necessitam dessa mudança também por parte do professor. Que não seja só... O que não é fácil. Eu acho que não é uma coisa fácil de se fazer.

P12: Não é nada fácil. Não.

P9: Não é uma coisa fácil de se fazer. Eu ‘tava aqui a ver, agora, enquanto tu estavas a falar, eu ‘tava a ver a P1 com o *tablet* e ‘tava a pensar que, se calhar, neste momento, os alunos, uma vez que já estão mais habituados a tudo estar informatizado, se calhar, passar para as aulas em que temos o manual num *tablet* e não sei quê, não sei...

P10: Tu não consegues...

P9: Isso é discutível.

P10: Não consegues, porque não tens esses meios...

P9: Pois não. É isso, não temos, mas, se... se calhar, essa era uma das mudanças que talvez fosse motivar mais alguns alunos.

P10: De certeza.

P9: Passar a ter uma aula digital, não é?

P10: Durante uns tempos. Mas olha, P9, era durante uns tempos, depois...

P9: Sim. Mas lá está, a tal aceleração de mudança que se vai vivendo, porque, pronto, neste momento... Eu quando me lembro que terminei o curso – e se calhar muitos dos... de nós, que estamos aqui – e tive que fazer uma tese, *prontos*, no computador que era de uma amiga minha, porque não tinha computador e não sei quê. Quer dizer e depois o mestrado fiz no... num portátil emprestado e agora já tenho o meu portátil. Quer dizer, estas mudanças, de facto, foram muito rápidas, não é?

P12: Eu ainda sou do tempo da máquina de escrever.

[risos]

P9: Pronto e quando comecei na escola... os testes... os primeiros testes que eu dei eram escritos à mão. Eram escritos à mão. Quando eu entrei, fiz testes escritos à mão. Com imagens coladas. De corte e costura. Portanto...

P14: Olha, mas saiam bem.

P12: O P8 ia intervir...

P8: É óbvio que aquilo que eu vou dizer não são respostas para ninguém. Discordo daquilo que a P14 disse, porque aquilo que eu percebi é que quem é... quem é solteiro, quem é solteiro...

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Ah, mas aquilo que eu percebi é que quem é solteiro e não tem filhos...

P14: Não, não, não.

P8: ... que é solteiro e não tem filhos tem que mudar de profissão.

[risos]

P14: Nada disso, nada disso.

P8: Mas só queria dizer que eu conheço muita gente com filhos e têm um desempenho profissional que deixa-me muito desiludido, no sentido, não tanto como profissional, mas no sentido de eu perceber: oh pá, como é que possível esta pessoa que tem filhos e depois chega aqui à escola e tem este tipo de atitudes?

P14: Mas eu acho que os filhos ajudam-nos a ver certas atitudes. O meu filho já reagiu em casa mas depois [segmento impercetível] então eu...

P8: Eu concordo com isso, concordo com isso.

P14: ... não vou fazer da mesma maneira, porque sei que vou errar.

P8: Concordo isso, mas, mas depois desilude-me bastante quando há pessoas com filhos a dizer [segmento impercetível].

P14: Mas, mas concordo contigo.

P8: Às vezes ficamos assim...

P14: E não é o facto de tu não teres filhos que tu não sejas... não tem nada a ver.

P8: Não, mas esta... esta foi na brincadeira... Esta dos filhos foi na brincadeira. Em relação à P1, também discordo um pouco, quando tu falaste na questão dos alunos com necessidades educativas, os colegas estavam a falar agora, eu também tive datilografia, não tive informática, mas hoje em dia já estamos na era da informática...

P10: Práticas administrativas...

P8: O que implica, o que significa que há formação, há muita formação na área das necessidades educativas especiais. É óbvio que isso implica, tem custos financeiros. A Madeira tem, por exemplo, na Madeira decorrem *N* formações todos os anos para alunos invisuais, para alunos... Portanto, nós é que também temos que estar disponíveis para fazer essas formações. Portanto, eu penso que nesta questão...

P9: E ter dinheiro para deslocações...

P8: ... da inclusão, da inclusão dos alunos... Oh pá, mas isso, eu se trabalhar numa outra empresa, nós temos pessoas de... neste momento, que não há trabalho no Porto Santo e foram deslocados para a Madeira. Têm despesas acrescidas, inclusive ao nível

das viagens. Os patrões não lhes pagam a viagem. Eu vi isso, ainda há dias, a ser discutido na internet. E, portanto, e houve também...

P9: Sim, cada pessoa investe em si, da maneira que puder e...

P8: E é isso.

P9: Isso, cada um sabe de si e Deus de todos, como costumamos dizer.

P8: Sim, é nesse sentido, é a mesma coisa. Há uns anos atrás, eu tinha... eu também nunca pensei em ter que comprar um computador por causa da escola, mas já o comprei. Eu vejo colegas que compram...

P9: Olha, eu não comprei só o computador, o computador, o projetor...

P8: Eu vejo colegas a comprar projetores porque sentem essa necessidade. Portanto, a questão das necessidades educativas, eu também vejo dessa forma, penso que nós vamos ter que apostar...

P9: Foi um investimento que tive que fazer.

P8: ... na nossa própria formação para trabalhar com esse tipo de alunos. É óbvio que no início é um choque.

P10: Pois, mas deem-te tempo para te preparares.

P9: Mas o problema é que tu não tens tempo para...

P8: Não, temos, temos esse tempo em qualquer...

P9: Eu digo isto, porque, por exemplo... o exemplo do que fiz no ano passado – eu cheguei a falar disso aqui, enquanto estive na formação – portanto, eu voltei a fazer o trabalho dos vulcões com os alunos e nessas aulas eu disponibilizei computadores, ou levei-os para a sala de informática, e a aula decorreu de uma forma completamente diferente, eu vejo- os muito mais interessados a trabalhar, a pesquisar...

P8: P9, [segmento impercetível] uma aula, tu fazes isso durante um mês, ao fim de um mês...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Pergunta aos alunos...

P9: Talvez foi porque mudou um bocadinho a forma da aula como é dada e... e pronto.

P8: Pergunta aos alunos se gostam do quadro interativo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Olha, por falar nisso.

P10: Quando a piscina se lançou, “Uau, piscina!” Eles pensavam que iam dar mergulhos para dentro da piscina, como se atiram do cais. Quando começaram a ter aulas de natação, pá...

P9: Que chatice.

P1: É a mesma coisa que os computadores e com a informática.

P15: A água é fria...

P1: Eles vão para lá convencidos que já sabem, porque vão para os jogos. Quando é para trabalhar...

P10: Eh pá, a gente não consegue responder... Nunca será perfeito.

P9: Não, nunca será perfeito, isso...

P10: E se calhar ainda bem que é assim, senão...

P14: P10, mas eu acho que a nossa escola devia evoluir um bocadinho no aspeto...

P9: Mas lá está, P10...

P14: ... porque, por exemplo, este ano tivemos o G., que foi para uma escola da Madeira, e ele veio... veio aqui nas férias do Carnaval e ele disse-me: “Professora, nós lá já temos quadro interativo e o professor utiliza muito...”.

P10: Cada sala...

P14: Sim, é da sala. E ele disse-me: “O professor utiliza muito o quadro interativo e eu acho que os alunos aprendem mais”. Ele ainda não tinha feito o teste, mas ele disse, o livro, eles andavam com um livro que já era do século passado, mas tinham um quadro interativo.

P10: Exatamente.

P8: Então, mas diz-me uma coisa, porque é que a escola vai investir... Por exemplo, há dias houve alguém que veio dizer: “Olha, se isto, fazes parte do pedagógico, dá um toque ao não sei quantos”. Ok, eu fui falar, inclusive com o A., e disse: “A., eu falei com o Sr. C.” – estávamos assim a conversar e disse - “Houve alguns... há pessoas a reclamar que nós devíamos ter mais um quadro interativo”. E que me perguntaram foi:

“Ok, nós temos este quadro interativo há dois anos, quem é que o utiliza e quando o quadro interativo? Zero”.

P12: Exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: E também não temos formação.

P8: Quem é que está a falhar nessa questão que o G. disse? Somos nós, professores. Eu nunca fiz nenhuma formação em termos de quadros interativos.

P10: Mas nós fizemos. Nós fizemos, um grupo de professores fez e essas pessoas utilizam.

P8: E ninguém diz [segmento impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não, mas é assim, mas não é fruto deste quadro. É porque não, não, não trabalhaste diariamente esse conteúdo, ou seja, não estás a trabalhar com essa ferramenta, a culpa não é da escola.

P14: Mas eu estava... mas...

P8: E não vale a pena metermos um quadro interativo em todas...

P15: Em cada sala...

P8: ... as salas se [segmento impercetível]

P14: Não, mas eu estava... eu estava-me a referir, quadro interativo, estava a referir a projetor, por exemplo, nós, se eu tivesse um projetor na minha sala, de certeza que usava muito mais vezes a...

P15: Mas podes pedir.

P8: Mas eu não sei se há bom aproveitamento dos alunos. Eu olho para os meus alunos de 9º ano, que as aulas são todas em *PowerPoint*, e eu ponho-me no lugar deles, eu faltava à minha aula.

[risos]

P8: [segmento impercetível] dar a matéria.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Eu farto-me de trazer vídeos...

P14: Mas eu não estou a dizer noventa minutos, mas dez minutos [impercetível – sobreposição de vozes] faz bem.

P8: Claro, agora é assim, temos é que depois explorar uma parte... e... é funcional uma escola ter um projetor que custa 300 ou 400€ em todas as salas? Não é. Isso é impensável. Temos que ver a realidade do país. Eu vejo dessa forma. Atenção, mas, ainda bem, ainda bem que estamos a trocar impressões e temos opiniões diferentes.

P9: Eu acho que muito daquilo que nós estamos a falar, continua a ser a impotência para fazer face aos grandes problemas... que continuam por resolver e que vão persistir sempre, não é?

P8: Eu peço desculpa de discordar, eu tive uma formação com uma professora no... portanto, que é austríaca, casada com um alemão, já percorrer a Europa toda, que ela diz que a melhor aula que assistiu de sempre foi em África, os putos debaixo de uma árvore, sentados no tronco da árvore e a professora a escrever no quadro.

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] escola bás di pé di manga, pá, Guiné-Bissau, pá! Li eu uma reportagem no Expresso há uns anos.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] os meios... Há um texto muito interessante na internet que é a melhor, a melhor escola, mesmo que chova. Eu não estou minimamente preocupado que me chova dentro da sala de aula. Não é por causa disso... Até hoje não tive nenhuma aula que não pudesse lecionar por causa da chuva.

P12: Shh! VP1, deixa falar...

P8: Portanto, aquilo que eu acho é, nós também reclamamos muito... se nos dão os meios não utilizamos, estamos sempre a reclamar, mas faz parte do ser humano. Nós somos... O ser humano é assim, eu penso que... parte dos problemas desta escola não têm tanto a ver com meios tecnológicos, têm muito mais a ver com o corpo docente. Eu dou um exemplo, a pior coisa que se fez na Madeira, na minha opinião, foi o facto de efetivar as pessoas nas escolas. O pior que uma escola pode ter, ao contrário do que diz a Secretaria e os pedagogos, na minha opinião, é um quadro fixo. Eu tive numa escola em Câmara de Lobos, que tinha... Câmara de Lobos tem uma má imagem perante a sociedade, porque é violento. Nós, todos os anos tínhamos cinquenta/sessenta colegas novos, colegas que acabavam o curso, vinham com uma dinâmica nova, nós éramos a

escola claramente mais dinâmica da região. E colegas que queriam demonstrar serviço e que fazíamos atividades brutais. Começaram a fixar as pessoas, é a tal história, do desinvestimento.

P9: Desinvestimento.

P8 “Eu? Eu já estou no quadro, eles que trabalhem”.

P9: Pois. Claro.

P8: [segmento impercetível] A pior coisa que as escolas têm, na minha opinião, e eu sou quadro de escola, é claramente o... é claramente os quadros de escola.

VP1: Há quantos anos estás no Porto Santo?

P8: Efetivo, só o ano passado.

[risos]

VP1: Quando é que vais, quando é que vais embora?

P8: A qualquer hora. A qualquer hora.

P12: Colegas...

VP1: [segmento impercetível] a tua maneira de exposição, a tua facilidade de exposição que tens sobre os assuntos, mas eu acho que há coisas que é preciso...

P8: Mas não estou a perceber a tua questão.

VP1: Não, é...

P12: Como estás a dizer que o pior é os efetivos...

VP1: O pessoal é estar... é estar efetivo...

P12: É o quadro, é corpo docente estável...

VP1: Eu sou efetivo... eu sou efetivo...

P12: Então, claro, então quando é que te vais embora? Já cá estás...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Mas eu acho que... uma das coisas...

P8: Não me choca minimamente sair de quadro, de quadro de escola, ir para quadro zona [impercetível – sobreposição de vozes].

P10: Até podíamos ser do quadro e tem a ver com... com o acomodar das pessoas.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: É, é isso mesmo, é o acomodar. É sim senhora.

P10: É o acomodar. Podíamos ser todos quadros de escola, se não houvesse tanta gente acomodada e tínhamos uma escola fantástica.

P15: É porque a tecnologia, nós temos a tecnologia, podemos trazer a tecnologia para... para a escola. Eu trago o meu *Ipad* quando eu quero e eu visualizo os vídeos que eu quero, aos miúdos. Porque é que tu não trazes? Se tens...

P14: Mas não tenho, por acaso não tenho. Só tenho computador.

P12: O problema é esse, é que nem toda a gente tem.

P14: Mas às vezes trago o computador, mas eu acho que não é igual, não é igual a projetar...

P15: Não, não é. E eu, isto, também é muito pequenino. É verdade.

P14: Eu acho que...

P15: Mas, olha, eu utilizo o que tenho, não é?

P14: Pois, eu sei. Mas eu acho que...

P15: Mas é pequenino, é verdade. É muito pequenino.

P14: Uma coisa é os alunos estarem a olhar para aí, outra coisa é estarem a olhar para frente.

P15: Claro, sem dúvida.

P9: Mas, por exemplo, uma das coisas que me deixa completamente impotente...

P15: Mas, pronto, é o que eu acho.

P9: ... e tem a ver exatamente com um dos pontos que está ali mencionado, a motivação daqueles alunos que só obrigatoriedade escolar retém na escola, eu hoje iniciei a dar a sismologia numa turma de 7º ano e ‘tava-lhes a dar conceitos básicos. E às tantas começo a ver - e metade da turma, porque a outra metade estava com a P14, começo a ver uns assim a olhar para o teto e eu virei-me e disse: “Olha, eu sou vou dizer uma coisa, eu ‘tou a dar conceitos básicos de sismologia, se vocês não aprendem isto

agora, depois é difícil perceberem o que vem a seguir” e vira-se um: “Eu também não quero ser cientista”.

[risos]

P9: E eu virei-me e disse: “Olha, mesmo que não queira ser cientista, isto que nós estamos a dar faz parte da cultura geral. As pessoas têm que perceber de sismos. Quando acontece um, pelo menos saber como é que se vão defender e... e aquilo que estamos a dar, neste momento, para vocês começarem a perceber o que é que vem a seguir, são conceitos básicos”.

P15: E já tivemos o simulacro.

VP1: Olha e mas... mas... mas se for...

P9: Isto é um aluno que ‘tá completamente desmotivado.

VP1: Mas tu, desculpa o termo, apanhaste bem. Mas se fosse outro colega, se calhar, dizia: “Então se não interessa, põe-te na rua”.

[risos]

P9: Saber sismologia, qualquer pessoa sabe o mínimo, não é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Interpretar uma notícia.

P9: Interpretar uma notícia, também lhes estava a falar disso. “Quando vocês ouvem uma notícia” – estava a começar a dizer – “o que é que vocês ouvem o jornalista dizer?”. Não é? Para tentar puxar e ver se eles... pronto, tentar perceber, diagnosticar o que é que eles sabiam sobre o assunto. Mas pronto, estão completamente...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Colegas, o A. queria fazer uma intervenção.

P9: Como é que se chama? Agora não sei, como se chama o nome do filme? O filme que tem a ver com o...

VP1: Olha, mas a nossa escola, o nosso grupo docente...

P12: O A. pôs o braço no ar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P9: Eu quero falar na sequência do que disse o P8.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, não sei se é um corpo docente jovem... O A. pôs o braço no ar, o A. vai falar, se faz favor, agora. VP1, deixa lá falar o A. . Tu estás a dizer coisas que nem têm fundamentação.

A.: Eu queria só fazer uma abordagem, ao que o, o professor P8 disse, em relação o... o sentido, ou seja, o significado da palavra escola em África. Eu tenho certa experiência sobre isso. Em África, quando fala de escola, não é uma casa, não é... não são as paredes, mas o conjunto de professores e de alunos. E, muitas vezes, as aulas são dadas debaixo de uma árvore. Nós temos lá, em África, nomeadamente em Angola, existe uma árvore chamada embondeiro, é uma árvore gigantesca e se pode abrigar debaixo dessa árvore para dar aulas. E, muitas vezes, não precisamos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Ó VP1, deixa falar o colega.

A.: E, muitas vezes, não existe quadro, não existe carteiras e são as chamadas aulas dadas ao ar livre. E onde se, e quando chove, normalmente, o professor prepara uma aula, mas se estiver a chover, os alunos também conseguem saber como é, como é que aparece a chuva. Praticamente o professor muda automaticamente da lição que estava a dar para se... para se... para dar, para falar sobre o aparecimento, sobre a chuva. Portanto, são aquelas chamadas lições que, conforme se chamavam lá, naquela altura, chamadas Lições de Coisas. Portanto, a escola tem, o sentido de escola tem vários, tem vários significados. E em relação, por exemplo, à... quero também uma abordagem em relação àquilo que se entende por sociedade. Para mim, a sociedade é um fator natural e primário e não é um fator secundário voluntário, porque quando nós nascemos, praticamente já nascemos, já nascemos socialmente inseridos na sociedade. É, é tudo quanto queria dizer, não quero prolongar-me para não demorar mais tempo.

P12: Ok.

P15: E as crianças lá são bem mais felizes.

P12: Colegas, é assim, eu acho que este assunto dava para ficarmos aqui até à meia-noite... mas a nossa formação oficialmente termina às vinte e dez minutos e nós ainda temos a nossa parte privada. Agradeço muito à P9 ter vindo aqui partilhar connosco e

agradeço muito aos colegas que, não pertencendo à comunidade, quiseram vir estar connosco, dizendo que nós somos uma comunidade aberta, no sentido em que algumas das nossas sessões têm, portanto, estes...

P1: Componente.

P12: Pronto, esta componente é que, quando quiserem vir, podem sempre vir e agradeço muito. E agora vamos tomar um cafezinho.

[Pausa – sobreposição de vozes]

P12: Colegas, vamos retomar os trabalhos e queria só... queria só chamar a atenção para algumas questões relativas ao blogue, que 'tão a levantar dificuldades à participação dos colegas. Eu também devo dizer que eu não sou uma grande craque do blogue e é assim... quando... quando precisarem de ajuda, o colega A. disponibilizou-se e, portanto, é mais fácil pedirem... Não, por acaso não é, porque o nosso não é para aprender melhor... Aprender juntos...

P10: Diferente. Ensinar diferente.

P12: Ensinar diferente. Mas foi ele que me induziu em erro. Ensinar diferente.

P8: De frente.

P12: Aprender juntos e ensinar diferente, ok. Pronto. Portanto, é assim eu não sou uma grande craque no blogue e o A. que foi quem nos ajudou a fazer o blogue, também se disponibilizou para quando precisarem de ajuda. É assim, para fazer comentários, as pessoas, eu penso que nem sequer precisam de iniciar a sessão.

P1: Não, comentários não é preciso.

P12: Basta chegar aqui...

P1: E comentar.

P12: ... e meter o comentário. Para fazer *posts*, as pessoas têm que iniciar sessão, só que têm que fazer esse início de sessão... Olha, aqui 'tá [impercetível – ruído] Pronto, não...

P10: Tens que iniciar. Fazes em baixo, iniciar sessão com uma conta diferente.

P12: Pois, era isso, era isso que eu ia fazer e feita burra... pronto.

P8: Olha aí a autoestima.

[risos]

P12: Por acaso eu, eu tenho esse defeito, estou sempre a insultar-me, mas olha que eu até sou uma pessoa com uma autoestima bastante alta.

P8: Eu digo aos alunos. Eu tenho direito a ser burro – sem ofensa aos burros, que são um animal, um animal simpático.

P12: Pronto, iniciar com uma conta diferente...

P15: Em vias de extinção.

P12: E agora mete-se a conta da... Que eu não... É esta, comunidade prática e depois a palavra *pass* é C [impercetível – ruído] P, PXO, acho que é isto, 2014. Ou, não sei... Pronto, e aqui é que nós vamos parar...

P10: É aí que se publica.

P12: Aqui é que nós podemos publicar. E, portanto, vamos...

P8: Não está a faltar qualquer coisa em cima? Ai, está aí.

P12: O que é que está a faltar em cima?

P8: Já está, já está, já está.

P12: Aqui não falta nada, portanto, aqui é para quê? Criar mensagem nova. Eu clico aqui...

P8: Mas não era a mensagem que tu querias criar, pois não?

P12: É. E aqui eu faço a minha *postagem*. Escrevo o que eu quero e me apetece, ok?

P8: Ya.

P12: E depois, guardo e depois de guardar, publico e fecho. E quando fecho, então, eu vou ver o blogue e a minha mensagem já lá está publicada.

P8: E aparece lá...

P12: Pronto. Agora queria só, também, dizer uma coisa importante, que é... a participação no blogue não... não deve limitar-se à mera publicação de *links* para isto, para aquilo, para o outro, para aqueloutro. A participação no blogue é, no fundo, para vocês falarem, refletirem ou sobre o que leram ou sobre o que viram ou sobre uma aula que deram ou sobre um problema que vos surgiu, que tenha a ver... Pronto. Não é pôr um *link*... Por exemplo, eu já pus um *link* para um filme e pus um *link* para um relatório

TALIS, mas, pelo menos, expliquem o que é e, sobretudo, o que é importante é que se eu ponho um *link* para uma entrevista, que eu, depois, faça um comentário àquela entrevista, para que... para depois, a seguir, vai a P10 e lê e diz: “Olha, eu concordo com isto e com aquilo e com o outro, mas, em contrapartida, aqui, ali e acolá eu discordo”. Portanto, para que se crie realmente uma interação. Porque se a gente transforma o blogue numa... numa mera coleção de *links* para entrevistas, documentos e filmes dos mais variados, então o blogue também não tem... não cumpre o seu objetivo, porque, no fundo, o blogue é para criar um... para ajudar a criar a tal comunidade, a tal discussão que nós não... não... não temos, por vezes, no dia-a-dia. Pronto.

P10: Eu vou... Tenho que pôr um *post-it* no frigorífico a dizer: “Não te esqueças de ir ao blogue”.

P8: Na testa.

P12: Pronto, agora é assim, também as pessoas não são obrigadas a participar e não têm que participar todos os dias ou todas as semanas ou... Quer dizer, se uma pessoa se fizer um *post* interessante, não tem que ‘tar a fazer... pronto. Eu já, eu já fiz várias *postagens* diferentes, até para vocês perceberem – perceberem entre aspas, porque eu acho que já toda a gente percebeu – que os *posts* podem ser coisas muito diferentes, quer dizer, pode ser a publicação de um trabalho que se fez e que se acha que é interessante, como eu pus noutro dia um... um excerto do trabalho que... fiz. Pode ser um documento que eu acho que é interessante as pessoas terem acesso àquele documento, até para depois poderem discutir. Aqui, por exemplo, a minha última *postagem* é mais um desabafo do que outra coisa qualquer, aliás, eu disse logo que, que era uma *postagem* que não tinham muito a ver com o assunto do blogue em si, mas que eu acho que tem a ver com coisas que... com questões curriculares que eu acho que são... pertinentes e que mexem comigo, enfim, pronto. Mas dizer isso, que é assim... o blogue é para... [tosse] Perdão. É para nós fazermos uma reflexão conjunta e não apenas para partilhar, digamos assim, documentos produzidos por outros, por mais interessantes que esses documentos possam ser. Pronto. E, portanto, não esquecer que, se querem fazer *postagens*, têm que entrar com a conta da comunidade. Se querem só fazer comentários, aí entram com as vossas contas normais e, pronto. Não...

P8: Eu vou lá escrever, “Eu é que sou o Presidente da Junta!”.

P12: Tu é que és o Presidente da Junta?

P1: Olha, P12, então eu peço desculpa. Eu, eu achei a entrevista – eu não vi a entrevista – li a entrevista, achei bastante interessante...

P12: Não está... Tu não estás a perceber o que eu disse...

P1: ... e pus o *link* para a entrevista, mas, realmente, não fiz nenhum comentário. Pronto, devia ter comentado, se calhar, não comentei.

P10: Mas diz lá o que é que é a revista, a entrevista.

P1: A entrevista...

P12: É uma entrevista com o Joaquim Azevedo.

P1: Ao Joaquim Azevedo.

P12: E é muito gira, vale muito a pena ler.

P1: Está lá... o sério, vale mesmo a pena.

P12: Mas vale a pena ler para... para depois se discutir sobre ela.

P1: Sim.

P12: Mas é assim, tu não, P1, vamos lá ver, não tens que pedir desculpa, porque é assim...

P1: Não, mas é um esclarecimento.

P12: Mas é assim, o que é importante é nós... Eu acabei de dizer, eu própria também já fiz a publicação de um *link* para um documento, tá aí, se as pessoas forem ver...

P1: Olha, o título da entrevista é o seguinte: *O nosso modelo escolar é do século XVIII e não está adaptado à realidade*. A sério, vale mesmo a pena. Eu gostei imenso.

P12: A entrevista é interessantíssima.

P8: Mais um que quer ir para o poder.

P1: Ele é investigador da Universidade, é professor na Universidade Católica.

P12: Ele já, ele já 'tava, olha, no... ele já foi falado para Ministro da Educação na altura do Cavaco. Nunca foi, mas pronto.

P8: Todos eles querem lá chegar.

P12: Ah, pronto, mas é assim... Ó P1, se tu reparares, eu também tenho aqui um *link* para um relatório. E também tenho um *link* para um filme.

P1: Mas fizeste...

P12: Pronto, eu não estou a dizer que não se faça isso, até porque isso também é importante, se eu tenho acesso a um documento que é interessante... Agora, é importante que, para além dessa partilha, se faça, também...

P1: Um comentário...

P12: ... alguma reflexão sobre as coisas, não é...

P8: Teria sido interessante, se tu tinhas lançado um desafio do tipo nós víamos todos, assistíamos todos à entrevista e para hoje comentarmos.

P12: Mas podemos...

P8: Por exemplo, num futuro, se tiver próximo de uma, da reunião, lanças o desafio e dizer: “Oh pessoal, vamos ver este vídeo, a entrevista, que é para depois comentarmos todos”.

P1: Não é vídeo.

P12: A entrevista não é vídeo, é escrita.

P8: Sim, a entrevista, a entrevista.

P12: Mas pronto. Mas, olha, mas por exemplo, eu acho que até foi no comentário que eu fiz...

P1: Foi que tu puseste. Tu puseste.

P12: ... à entrevista. Eu depois pus um comentário sobre uma coisa que eu até disse que se quisessem, depois, poderíamos discutir numa próxima sessão, que é a questão da... da... de uma tendência que há, que é a da renovação das escolas. E que tem a ver, exatamente, assim em termos muito, muito grosseiros, é um... há vários movimentos ligados à mudança nas escolas ou... ou vários conceitos, a reforma, a mudança, a inovação. E há agora – não será agora, que isto também não assim tão recente – mas, surgiu depois, *a posteriori*, um outro que é o chamado, no original, *school renewal*, portanto, a renovação da escola e em que eles partem do princípio que, como já houve reformas de cima para baixo que falharam e reformas de baixo para cima que falharam - e a mim faz-me muito sentido essa teoria - eles partem do princípio que a renovação da, a mudança nas escolas, a renovação nas escolas, passa muito mais pela atitude dos professores e pela atitude individual de pequenos grupos que se organizam e que

começam a conseguir criar, dentro das escolas, uma dinâmica de mudança. Pronto. E... e eu tenho um texto interessante sobre isso, mas o texto está em inglês e eu não vou traduzi-lo se não for... Quer dizer, se vocês disserem assim: “Eh pá, sim senhora, falamos disso um dia destes”, ‘tá bem, então traduz-se. Agora também não o vou traduzir para o boneco. Para o boneco entre aspas.

P8: Mas olha e quando é que fazes um bolo daqueles como fizeste da outra vez?

[risos]

P8: Traduzes isso e eu vou [segmento impercetível].

P15: Põe no Google tradutor.

P8: Metes lá uma imagem do bolo...

P12: Mas, portanto, estas duas coisas, já sabem. Mensagens... *postagens* têm que ser entrando através da comunidade e depois, também, pronto comentar, ir fazendo...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: E o bolo... é a conta da comida e aí já podes fazer *postagens*.

P12: Exato. A P9 vai mandar isto por *e-mail* para mim, para... depois eu reencaminhar para vocês. Vou passar a folha de presenças e vou passar também a folhinha das interações que a gente, cada vez... estamos a diminuir, mas eu acho que isto é um bocadinho, como diz o outro, poucos mas bons. Lá está!

P10: O P8 vai agora [segmento impercetível].

[risos]

P8: Mandaste... Olha, mandaste o VP1 se ir embora, é um bom elemento, o que é que...

P12: Eu não mandei o VP1 embora [segmento impercetível].

P15: Ele ‘tava era com pressa.

P8: Ele no corredor, ele no corredor ainda disse: “Já viste, já viste, eu tenho que me ir embora...”

P15: Também cansa. Eu não...

P14: Mas o P8 vai perder, porque os... os do quadro e do quadro de escola vai tudo para a rua.

P8: Quanto a P12, quando a P12 falou agora da renovação de escolas, eu fiquei curioso, pensei: Oh, afinal vão mandar os quadros de escola embora. Afinal, não é nada disso. O que eu coloco sempre é, mexe-se dentro das escolas, alguém faz o essencial que é, as escolas têm alunos que não existem, alguma vez os alunos foram ouvidos sobre o que é que deve ser a escola, o que é que deve ser a escola atual e para que é que serve? Se nós não ouvirmos os alunos, como é que podemos estar a projetar uma escola que vá de encontro...

P14: Os alunos...

P8: Eles não têm... não têm conhecimento. Nós vamos ver as respostas que eles deram neste inquérito *online* que eles fizeram e aí é que vamos ver o que é que eles pensam da nossa escola, que eu acho que é extremamente interessante... Não, mas eu acho que é interessante é ouvir toda a gente, mas também ouvir a parte dos alunos, que é assim, todos os nossos alunos dizem, e têm razão, que é o que temos andado a discutir, eles têm claramente uma carga excessiva no Português e na Matemática.

P15: É verdade.

P10: Eles têm uma carga excessiva horária...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas isso...

P15: Olha, mas isto...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É uma mudança...

P8: Mas falta uma...

P12: Espera, ela já vem...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas é assim, mas isso, a carga horária excessiva na Português e na Matemática foi uma opção da escola.

P8: Da escola ou do ministério?

P12: Não. Na nossa escola a carga ainda é maior, porque os dias que têm...

P8: Sim, sim, não, mas não, eles não estão a reclamar por causa disso.

P15: Não.

P8: Eles terem cinco ou seis horas semanais é claramente exagerado.

P12: Mas isso foi uma opção também ministerial.

P8: Exatamente.

P15: Pois foi.

P12: O Crato achou que o Português e a Matemática é que eram...

P8: Mas tal como nós... Oh, P12, mas tal como nós temos o direito...

P12: E isso são coisas que nós não podemos mexer.

P8: Mas não temos o direito de ouvir a opinião dos alunos?

P12: Ah, mas eu acho que devemos ouvir.

P8: Exato, que é aquilo que 'tou a perguntar, mas se nós falamos tanto e mudamos tanto na educação e não ouvimos os atores principais que são os alunos...

P12: Mas eu não acho mal que se ouça os alunos, o que eu acho é que assim, há coisas que são as tais coisas onde eu não posso mexer. A... Ou pelo menos... É assim, há escolas onde se tem mexido, mas é preciso...

P8: Eu acho que na perspetiva, na perspetiva atual, o mais importante é ouvir os alunos. Os professores já percebemos o que é que os professores pensam. Já, ainda há pouco já discutimos aqui isso aqui, há uns que trabalham, há outros que não fazem nenhum. E há outros que levam o ordenado para casa. Agora o que se...

P12: Levam o quê?

P8: O ordenado.

P12: Ah!

[risos]

P8: E agora é preciso ouvir os alunos.

P12: Mas... sabes que, ó P8, eu também, eu não tenho assim... deve ser da velhice...

P8: Da PDI.

P12: Sabe que eu não tenho assim uma visão também tão negativa dos professores, no sentido em que eu acho que é assim, a gente também tem que perceber porquê é que os

professores são assim. Há uma história de cultura profissional que tem séculos que faz com que tu ainda não chegaste à profissão, tu és criança e tu já tens uma imagem do que é o professor... E quando te aparece pela frente um professor que foge... àquela norma... os próprios miúdos, às vezes, ficam assim: “Oh pá, ‘pera lá, mas isto não é normal”. Portanto, nós... nós temos... e depois nós somos uns profissionais muito particulares, porque, se reparares, a maior parte de nós nunca teve outra vivência de socialização secundária que não fosse na escola, porque nós saímos da escola para entrar na escola. Enquanto um médico que sai da escola para entrar num hospital ou um... sei lá, um administrativo sai da escola para ir para uma empresa, para uma secretaria, para não sei aonde, a gente só vive na escola. E, muitas vezes, temos visões muito limitadas, porque não percebemos que há outros universos para além da escola. E eu acho que isso, é assim, não quer dizer que eu não ache que as pessoas não devam fazer um esforço por mudar, mas percebo...

P14: Que haja acomodação.

P12: ... que haja acomodação e percebo que hoje, então, da forma, no nosso caso particular, em Portugal, que, por via das questões económicas e financeiras, estamos com a carreira como estamos, eu até me admira como é que as pessoas ainda se conseguem, ainda há pessoas que se conseguem motivar para determinadas coisas... Agora, também me chateia muito – e isso, eh pá, é daquelas coisas que me tira do sério – é aquelas pessoas que reclamam, reclamam, reclamam, reclamam, reclamam.

P1: Mas não saem dali.

P12: ... mas não saem da sua vidinha...

P1: Sim. [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Do seu [impercetível – sobreposição de vozes]. E isso é que me irrita, percebes?

P15: Zona de conforto.

P12: Que é aquelas pessoas que está tudo mal na escola...

P10: Eu acho que não é zona de conforto...

P12: Está tudo mal na escola...

P10: É... estão mesmo [impercetível – sobreposição de vozes].

P12: Mas elas... é a conversa que eu dizia há bocado, tenho montes de gente: “Ai, ai esse trabalho que vocês estão a fazer, ai isso é muito interessante”; “Então porque é que não vens?”; “Oh pá, uma vez por mês?”... Duas horas ou três, no máximo, que a gente ‘teja aqui... Que é assim, dá-me vontade de dizer um palavrão, só não digo porque isto está a ser gravado. [risos] Senão eu dizia. Portanto, é assim, agora, não tenho assim uma visão tão negativa e percebo... E... e há muitas coisas que... e cada vez vai ser mais complicado e cada vez a nossa profissão vai estar mais desvalorizada, porque, cada vez... enquanto nós insistirmos nesta ideia de que ‘tamos aqui para transmitir informação... Podes sair, P6.

P10: O Ventura disse várias vezes que nós pusemo-nos a jeito, não é?

P12: Exatamente... E pomo-nos a jeito.

P10: E pomo-nos a jeito.

P12: E pomo-nos a jeito. Porque a gente insiste...

P10: Aceitando tudo...

P12: ... em não mudar as nossas práticas.

P10: Exatamente.

P12: [impercetível – sobreposição de vozes] aceitar tudo e mais alguma coisa...

P10: Certo, sim, sim.

P12: Eu costumo dizer, P10, eu ainda hei-de ver os professores a varrer as salas e a dizerem que, sim senhora, que faz parte das suas funções pedagógicas.

P8: Mas isso é fácil...

P12: Porque eu, no meu tempo...

P8: ... tem a ver com [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: No meu tempo, os professores. No meu tempo, os professores não faziam matrículas, eu ia à secretaria do liceu e matriculava-me. E quando, uma vez, eu disse na sala de professores que achava muito degradante professores a fazer matrículas: “Oh, eu acho que faz parte, porque o professor assim já fica a conhecer os alunos e que assado e que... e que...”.

P15: Olha...

P12: Quer ser administrativa, vá para administrativa.

P8: Eu discordo, discordo e todos os anos digo isso aos colegas que estão comigo a fazer matrículas, eles dizem: “Oh P8 e se ‘tiver errado?’”; “Se ‘tiver errado, eles que corrijam, porque isto não é serviço do professor”.

P12: Exatamente.

P8: Agora é assim, essa também de nos pormos a jeito tem muito a ver com os colegas que estão nos sindicatos, que são pessoas que não querem dar aulas e que...

P15: Que ‘tão caladinhos...

P8: [segmento impercetível] e que fazem as negociações com os sindicatos para benefício próprio. E, portanto, depois de terem as suas regalias...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Amigo, o que tens aí também vou dizer uma coisa que é assim, só é sindicalizado quem quer.

P15: Claro.

P8: Exatamente, mas é assim, até que ponto os sindicatos... nós temos uma plataforma de dezoito/dezanove sindicatos. Havia um sindicato que era [impercetível – sobreposição de vozes].

P15: Uma Ordem. Havia a Ordem como há a Ordem dos Médicos...

P12: Eu acho que até pode haver duzentos...

P8: Mas não há... Havia, mas não há.

P15: Mas devia de haver.

P8: Nós temos um sindicato, que há uns anos atrás...

P12: Mas nós... Mas uma Ordem não faz sentido...

[sobreposição de vozes- impercetível]

P15: Não faz sentido?

P12: Não faz, porque nós não somos uma profissão liberal. As Ordens fazem sentido nas profissões liberais. Tu tens uma profissão que...

P15: Mas os enfermeiros não são liberais...

P14: É preciso uma pessoa...

P15: E têm uma Ordem.

P12: E têm uma Ordem que serve para quê? Também para andarem lá meia dúzia deles a ganhar dinheiro à conta da Ordem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Exatamente. E não estão melhor por causa disso.

P15: Ah, pois não.

P12: Porque agora vem a fobia das ordens, mas... em profissões, faz sentido um advogado...

P15: Sim, médico.

P12: Mesmo os médicos, repara que a Ordem dos Médicos ainda tem, a Ordem dos Médicos ainda tem muito peso, mas tu hoje tens muitos médicos que são meros funcionários públicos.

P15: Sim, sim.

P12: E, portanto...

P15: Não, eles optaram pela exclusividade e nem têm consultórios...

P12: Pronto. Bem, mas vamos, então, à parte...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Olha, não se esqueçam de assinar a folha de presenças, por favor. Está aonde? A folha de presenças?

P14: Falta só assinar a...

P1: Eu.

P14: ... a P1.

P12: Pronto. Não se esqueçam de assinar. Pronto, então é assim... em termos de... Oh P14, já agora! Oh...

P14: Diz.

P12: Encosta a porta.

[impercetível – vozes e risos]

P8: Vadio.

P10: Vadio.

P12: Pronto, é assim, em matéria de trabalho de supervisão, alguém tem coisas que queira... Para já, gostava de saber se as pessoas que fizeram e que utilizaram a grelha, se acham a grelha... útil.

P8: Muito útil.

P12: ... ou se...

P10: Isto era suposto... vermos só um ou outro... parâmetro?

P12: É suposto cingires-te aos parâmetros que consegues observar.

P10: Então, a malta escreve, olha para isto!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Porque, obviamente, que há parâmetros que eu não posso observar. Por exemplo...

P8: [impercetível – voz sussurrada] Desculpa, desculpa.

P12: Não, porque, por exemplo, dependendo das aulas, há parâmetros que eu não posso observar.

P8: Sim.

P10: Sim, sim.

P12: Não... Portanto, não, não preencho.

P8: Há aulas que fazemos uma síntese, nem sempre fazemos...

P12: Mas acham a grelha...

P8: Acho que é bastante acessível e bastante prática.

P12: Portanto, por enquanto não acham necessário fazer alterações?

P8: Não, não. Eu acho que está ótimo assim.

P12: Pois, eu, por acaso, também gosto da grelha e eu usei-a, até, numa observação de uma disciplina, pronto, eu fui assistir a uma aula da P10, e pensei que até, se calhar, a grelha não ia encaixar-se bem e não vou 'tar a partilhar, porque também ainda não fiz a conferência pós-observação com ela, mas a verdade é que achei a grelha útil e achei que... que, que funcionou, mesmo para uma disciplina que não...

P10: Mas podes... fazer, senão quando é que a gente [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não...

P8: E a questão da taxonomia encaixa bem, fica melhor assim.

P12: Pois.

P8: ... já obriga, depois, a ver aqui...

P12: Não, eu, por exemplo, eu, a única coisa que tenho assim especial para dizer é que, obviamente eu ia à espera de ver uma aula que é completamente diferente daquilo que são as aulas que eu dou ou que a generalidade das pessoas dão, porque é uma disciplina completamente diferente e, aliás, a minha motivação era mesmo, por exemplo, eu este ano queria bastante assistir a uma tua, gostava de assistir a uma da P1, porque gostava de assistir, gostava de assistir a uma da P6, porque gostava de assistir a aulas que funcionam de uma forma diferente das nossas, que são mais... seguem mais o formato escolar teórico... e, por exemplo, e é evidente que é completamente diferente a forma como os alunos se envolvem numa aula dessas, do que a forma como os alunos se envolvem numa aula como a minha. E achei que, por exemplo, pronto, uma vez que dizes que posso partilhar...

P10: Sim.

P12: ... e também não vou partilhar nada que não... que seja... achei que, por exemplo, muito interessante aquela tua estratégia de, quando tu puseste os miúdos em equipas, como só duas equipas é que jogavam, a terceira equipa ser uma equipa de observação dos outros colegas. Porque eu, a primeira coisa que eu pensei quando te ouvi organizar, disse, bem, os outros que ficam sem jogar, vão ficar...

P10: Andavam ali...

P10: Pronto. E, de repente, quando tu fizeste essa estratégia, eu disse: “Isto é uma coisa bem pensada” e até pensei que eu uma coisa que eu posso transpor para algumas das minhas aulas, porque, por exemplo, eu, eu noto que, muitas vezes, em aulas em que os miúdos estão a fazer apresentações de trabalhos, há alunos que estão completamente para lá de Bagdad e se eles tiverem que estar ali a preencher um documento sobre a apresentação dos colegas, isso vai obrigá-los a estar com uma outra atenção.

P10: E depois eles são bastante críticos uns em relação aos outros, não é? Então, eles estão ali para...fazem aquilo, estão ali atentos só para... Se puderem... [risos]

P12: Mas pronto, mas para mim foi uma experiência, foi uma experiência mesmo... Eu, eu gostei... pronto, gostei e... e claro, que eu já sabia que não ia assistir a uma aula teórica, mas acho que é... Mas lá está, achei interessante, depois, pensar que, muitas vezes, nós achamos que, Ah, aquilo que... Ela é de Educação Física, o que é que eu vou lá aprender ou o que é que eu posso ir lá tirar para as minhas aulas? E, afinal, acabei por retirar esta ideia que é uma estratégia de obrigar os miúdos a... até mesmo se for uma aula expositiva, que eu esteja a fazer, que também as faço, a forma de eu garantir que eles estão mais atentos é, por exemplo, ter uma grelha em que eles vão ter que ir assinalando determinadas coisas. Nunca, isso nunca me tinha ocorrido, porque...

P10: E depois uso isso, também, porque é, é mais ou menos a mesma grelha que eu uso para os avaliar.

P12: Pois.

P10: Então, eles vão tomando conta dos parâmetros...

P12: Consciência, exato.

P10: ... que são avaliados. Vão tomando essa consciência. E tinha também que ser, porque senão eles dispersam.

P12: Pois.

P10: Quando é assim, tem que ser.

P12: Mas, pronto. Agora os outros colegas, não sei se querem partilhar alguma coisa. Sei que houve outros colegas que foram observar, também. Outros foram observados. Não sei o que é que querem partilhar...

P8: Sim. Eu fui assistir a três aulas. Não houve conferência pós-aula, mas acho que...

P12: Tu bateste o recorde, P8.

[risos]

P8: Sou o Presidente da Junta.

[risos]

P12: Mas tu fazes sempre. Eu bem digo, eu ainda noutro dia dizia ao F. [PCE] ...

P8: O VP1 não vota em mim, que ele já disse.

P12: Eu... a gente, vai ficando o grupo cada vez mais pequenino, eu noutro dizia para o F. [PCE]: “Olha, qualquer dia, acho que só sou eu e o P8”.

[risos]

P12: E tu ‘tás-te mesmo a candidatar, pá, mesmo que eu me vá embora, ficas cá tu para me substituir.

P8: Não, não, não tenho... não tenho aspirações...

[impercetível – sobreposição de vozes].

P10: Vai deixar o quadro da escola, queres ver?

[risos]

P8: No dia vinte eu fui assistir a uma aula de TIC, da P1, com... na turma do 7ºA, portanto, e aquilo que eu fiz, dentro desta taxonomia – depois já passo a explicar – houve aqui uma parte inicial da compreensão, portanto, a professora esteve a explicar aos alunos questões de silêncio, ouvem a professora e vão respondendo às questões e só passaram a trabalhar no computador depois de, portanto, desta... desta explicação e quando a docente permitiu. Portanto, houve aqui uma parte de compreensão, que depois passou, posteriormente, para a aplicação. Em relação ao nível das questões colocadas, foram colocadas num nível intermédio, de forma a abranger todos os alunos – apesar de só estarem metade – portanto, aqui houve uma fase, que foi a fase do conhecimento. Portanto, a docente... foi falando com os alunos, foi explicando, depois os alunos passavam para aquilo que estavam a experimentar no computador e aquilo que tinha-lhes sido transmitido. E a docente ia motivando os alunos que estavam a fazer bem as tarefas... As respostas dos alunos, a expressão dos alunos, inicialmente, era oralmente, foi oralmente, depois passou a ser através... do desempenho das funções no computador, em que iam chamando, iam demonstrando para professora conseguir. Portanto, houve aqui a fase da compreensão, que era perceberem a explicação da professora, depois a parte da aplicação e, posteriormente, uma avaliação, que era chamarem a professora para ver se todas as tarefas tinham sido... cumpridas. Em termos de aprendizagem... eu acho que a professora privilegiou principalmente o procedimental, portanto, o ir para o computador, o experimentar, alertar para determinadas características: “Atenção, reduziste muito. Atenção a essa imagem”...

Portanto, a participação dos alunos foi bastante ativa... a professora foi trabalhando com os alunos, supervisionando sempre o trabalho que eles desempenhavam. Portanto, aqui a parte da aplicação. A interação com os alunos, achei muito positiva, há um respeito mútuo, há apoio aos alunos com maiores dificuldades e vai respondendo a algumas curiosidades que iam surgindo de alguns alunos. Eu penso aqui – eu tenho uma nota – eu penso que a professora beneficia do facto da turma... portanto, de ter só metade da turma. E o outro foi, provavelmente, também, eu só assisti a 45 minutos, e como entrei no segundo tempo, portanto, normalmente os alunos estão mais, há aquela fase de entrada na sala que é quando estão mais... E, portanto, eles como já estavam a desempenhar tarefas, eu entro na sala, sento-me, começo a registar os meus dados e os alunos, portanto, não, não tiveram nenhum, não mudaram a postura pelo facto de eu estar presente. Penso que beneficiei do facto de entrar na segunda hora, também. E fiquei agradavelmente surpreendido, acho que a aula teve várias fases, teve uma... teve uma fase de conhecimento, da compreensão e depois a parte da aplicação, que depois, mais tarde, se traduz em avaliação destas aprendizagens. Portanto... E acho que há claramente uma empatia entre os docentes e os alunos desta turma – apesar da informação que eu tenho desta turma ser uma turma extremamente difícil – por isso, no dia 19 de fevereiro... Posso saltar para a segunda aula?

P12: Sim.

P8: Da mesma turma, fui assistir à aula de Físico-Química da P14, às oito e vinte da manhã. No início da aula, em que eu, como é normal, os alunos... a nossa [segmento impercetível]. Ah, esta aula foi um pouco diferente da da P1, porque previamente a P14 já me disse o que é que iria realizar durante a aula, portanto, eu já ia preparado, já sabia aquilo que ia acontecer. Na aula da P1, nós combinámos a hora que é o que a maior parte fazemos; no caso da P14, tínhamos mais disponibilidade, e a P14 já foi-me dizendo quais os conteúdos, como é que iria decorrer a aula e, portanto, eu já ia previamente preparado para aquilo que ia assistir. No início da aula, portanto, os alunos estavam um pouco... constantemente, a P14 queria explicar que iriam resolver duas fichas de trabalho, eles estavam constantemente a interromper com... com questões, mas depois, quando passam à resolução da ficha, há um silêncio total e os alunos começam a respeitar a participação dos colegas, porque a primeira ficha implicava um aluno... portanto, fazia uma leitura e depois dava uma resposta. E os outros alunos confirmavam ou não. E com a P14, portanto... Há uma resolução de duas fichas de

trabalho. Numa fase inicial, que tem a ver com o conhecimento, os alunos respondem individualmente a cada questão, depois também há uma fase da compreensão. Acho que as questões eram colocadas para um nível médio de forma a abranger grande parte dos, a maior parte dos alunos, embora alguns alunos mantiveram-se calados a aula toda e eu fiquei na dúvida se, se não seriam os alunos com maiores dificuldades, apesar da P14 teve uma preocupação que foi todos os alunos responderam, todos os alunos tiveram... alguns erraram, como é normal, mas, portanto, todos os alunos participaram. Havia era alunos que, mesmo quando os colegas estavam a responder e depois de responderem ou antes, colocavam algumas dúvidas e até porque... e depois foram buscar, também, matérias, aprendizagens das aulas anteriores. Portanto, houve aqui, nesta aula, também, a fase de conhecimento, da compreensão, da aplicação... numa fase posterior, apesar de não haver experiências laboratoriais. Portanto, alguns alunos permanecem calados a aula toda e que era isto que eu estava... fiquei com alguma dúvida se eram por dificuldades ou, se calhar, também às vezes com... com a própria personalidade do aluno, que é mais ouvinte. A docente ensina, teve o cuidado de ensinar uma estratégia para os alunos com mais dificuldades, teve o cuidado: “Atenção, que no teste, muitas das vezes, vocês têm dificuldade nesta questão e, então, o que devem fazer...”, tipo uma estratégia como nós fazemos com a Rosa-dos-Ventos, quando os alunos confundem este com oeste, nós ensinamos em Geografia. Portanto, Portugal faz fronteira com a Espanha, a forma de pensarem o que é que está à esquerda, o oceano, o oceano oeste, Espanha, à direita, portanto, este. E eles, muitas vezes, os alunos com dificuldades associam isso e o que a P14 fez foi, naquele exercício, dar-lhes dicas para eles saberem resolver o exercício... Os alunos manifestaram-se oralmente, transcrevendo posteriormente, para o caderno, portanto, as respostas. Depois houve uma fase procedimental, no sentido de... apesar de não haver a parte prática, não haver, não houve experiências, mas que eu considero procedimental no sentido... não houve, houve ali um... intercâmbio, a P14 não ‘teve a aula toda a falar e a grande parte das vezes eram os alunos que estavam constantemente, ela só chamava o nome do aluno e o aluno, os alunos é que estavam a participar na aula. Em relação à participação dos alunos, numa primeira fase foi passiva, de forma a ouvirem a resposta dos colegas e depois... e na fase expositiva. Portanto, quando a P14 falou e quando, na primeira ficha, em que cada aluno respondia a uma questão, lia e respondia a uma questão, havia aqui a questão da compreensão, também do conhecimento. Aí houve, houve silêncio e acho que eles tiveram uma atitude passiva no sentido de poderem estarem a acompanhar.

Depois houve uma fase mais ativa, em que todos os alunos participaram na aula, foram respondendo; há um trabalho conjunto, cada aluno lê e responde a uma questão. A docente só intervém para escolher os alunos que vão responder às questões e esclarecer possíveis dúvidas. As interações são, na minha opinião, são bastante positivas... E os alunos foram capazes de transferir, de fazer, portanto, o *transfer* da aprendizagem. Na segunda parte da aula, era uma ficha diferente, aqui já implicava a questão dos manuais, a P14 teve que lá andar a ver a questão dos manuais. Portanto, enquanto que na primeira ficha... Ah, a P14 teve aqui uma preocupação, que também tem a ver com as características desta turma, que era, muita gente não tem caderno de atividades, então a P14 distribuiu uma ficha, de forma a que toda a gente pudesse estar a participar na aula e a acompanhar as aprendizagens. Eu gostei bastante da aula... Os alunos, na minha opinião, foram respeitadores e educados, todos os alunos estavam a... a registar no seu caderno e no caderno de atividades, portanto, os conteúdos estavam a ser lecionados. Há uma fase da aula em que está, portanto, são recordadas aprendizagens, portanto, de aulas anteriores. Portanto, mas houve aqui, dentro dessa taxonomia, também uma série de... portanto, de vários... conhecimento, compreensão, aplicação. Na minha opinião, também foi... No dia de hoje, portanto, ‘tive a assistir à aula do 6°C da P10, portanto, a aula iniciou às onze e cinquenta e cinco, portanto, fui quarente e cinco... foram noventa minutos, desculpa. A P10 comecei a aula, portanto, com o aquecimento, faz a chamada individual – e foi interessante que essa parte não me recordo da minha altura de andar na escola de ser assim – à medida que a P10 ia chamando individualmente, os alunos, o aluno diziam: “Presente” e começava a aquecer, portanto, já sabiam quais eram as tarefas, porque a P10 explicou. A P10 chama à atenção dos alunos que não cumprem as regras no aquecimento. Eu... A P10, também – nós tínhamo-nos cruzado antes da aula – falou-me, portanto, tal como na aula da P14, ela disse-me o que é que iria decorrer durante a aula, portanto, que ia trabalhar o salto em altura e que, portanto, e que iria fazer a avaliação, hoje, dos alunos nessa – penso que é a modalidade [segmento impercetível]

P10: Sim.

P8: Portanto, nesta aula assisti, também, a fases de conhecimento, compreensão e depois compreensão-aplicação e, numa fase mais avançada da aula, a parte da avaliação. Portanto, depois do aquecimento explicou aos alunos as regras e o material para o salto em altura. Todos ouvem e respondem às questões. As questões são colocadas num nível

intermédio, de forma a abranger todos os alunos. Os alunos... portanto, exprimiram o seu pensamento de forma oral, responderam, portanto, quando a P10 perguntou: “Então, qual é o material que nós precisamos para o salto em altura?”, eles foram respondendo. O tipo, o tipo de aprendizagem foi claramente procedimental, portanto, a docente fez um exercício e depois os alunos começaram a executar... A participação dos alunos é ativa. O trabalho dos alunos, portanto, é orientado pela docente; numa primeira fase, a docente explica os procedimentos, depois, os alunos executam as tarefas. Portanto, aqui há uma fase de compreensão, depois aplicação. Há uma boa disposição/relação entre, entre os alunos... entre o docente e os alunos. E em relação ao *transfer* da aprendizagem, alguns alunos mostram muito, algumas dificuldades da execução dos exercícios, mas é normal... E, depois, no final, a P10 volta a reunir os alunos, portanto... Ah, a P10 teve um cuidado no início da aula... de informar previamente que esta aula é, portanto, e que os exercícios serviriam para, portanto, para avaliação desta modalidade. Foi corrigida a postura corporal dos alunos durante a execução das tarefas... E foi engraçado, também, achei interessante uma aluna lá que estava magoada e que não estava a fazer a aula, em que estive a registar o... portanto, os exercícios, portanto, a avaliação dos alunos. Portanto, à medida que iam saltando...

P10: Sim.

P8: ... ela ia registando os dados.

P10: Regista se executa ou se tem outras tentativas.

P8: Permitiu que a docente tivesse maior disponibilidade para observar, portanto, os exercícios que estavam a ser... desenvolvidos. Foi motivante, também, os alunos com maiores dificuldades... e eu gostei, na fase final, todos os alunos que, portanto, colaboraram na arrumação e, por isso, penso que foi uma aula, portanto... em que dentro desta taxonomia, houve claramente a transmissão... a compreensão, a aplicação, a avaliação, penso que... que é essencialmente isto, daquilo que eu consegui observar...

P10: Incluindo barulho, não é? [risos]

P8: Ah, fiquei um pouco surpreendido, realmente, não é nada fácil trabalhar dentro de um pavilhão, quando há mais do que uma turma. Naquele caso estavam três, depois...

P12: Por acaso eu tive sorte, que no dia que fui...

P10: Não ‘tava...

P12: Não ‘tava, não ‘tava ninguém. Depois só chegou a E., mas era uma turma muito pequenina, não, não houve grande...

P10: Mas, desta vez, chegou a E. depois e ‘tava a C. a trabalhar outra modalidade mais barulhenta que não naquele dia que tu foste e já...

P8: O que nalgumas turmas deve ser, deve dar azo a algumas situações... Não foi o caso.

P12: Mais partilhas.

P10: [segmento impercetível] se ela ‘tivesse ali comigo a bater bolas. Eu posso...

P12: Sim.

P10: ... falar da aula da P14, que fui assistir. Foi no dia 4 de novembro, não é? Pronto, a turma do 7ºB, foi noventa minutos. Eu já conheço...

P14: Quarenta e cinco.

P10: Quarenta e cinco, desculpa, quarenta e cinco. Já conheço aquela turma, um bocadinho...

P1: De outros Carnavais, como a gente costuma dizer.

P10: De outros Carnavais...

P14: Foi a tal... Eu também falei com a P12, que tinha uns cinco ou seis...

P10: Pronto... não me surpreendeu algumas situações que vi ali, porque já os conheço, já sei o que é que é aquilo... Já sabia que era aquilo.

P14: Deixa-me só dizer uma coisa, na aula que ela foi assistir, é uma aula exatamente como todos os dias, com aqueles problemas todos. Pronto.

P10: Mas, de toda a maneira...

P14: A do P8, pronto, foi mais calminha, foi muito calminha.

P10: De toda a maneira, a aula... eu acho que correu, foi uma aula normal, correu bem. A maioria dos alunos está atenta, tem aqueles elementos que ‘tão... tem duas que ‘tão, ‘tão ali, mas não estão, pronto. Mas, sempre foi assim, desde que eu...

P14: Tem mais que duas, P10.

P10: As tive, no 5º e 6º... Não, depois tem outras que estão [som de sussurros].

P14: Tem mais que duas.

P10: Mas eu acho que, nitidamente, aquelas duas... mostraram mesmo isso. A maioria dos alunos está atenta à aula e participa de forma ativa. Os alunos parecem ter compreendido – pelo menos iam respondendo à medida que a professora ia perguntando e falando – o objetivo da aula, que era compreender os tipos de materiais que existiam, não era?

P14: Os tipos de misturas homogêneas, heterogêneas...

P10: De misturas, exatamente...

P14: E substâncias. As substâncias e as misturas, eles, às vezes, têm dificuldades, daí eu ter insistido muito nessa parte.

P10: Pronto, mas à medida que foi falando, foi aplicando, até, a situações do dia-a-dia e eles foram, foram respondendo. Podem ter esquecido, depois, mas naquela aula, hora foram respondendo. A professora recorreu pouco ao quadro. Foi uma aula... portanto, eles estavam, tinham livro, iam lendo, não é? Iam lendo a matéria que lá estava... Alguns alunos iam lendo, ela ia explicando entretanto e eles iam respondendo à medida que eram feitas as perguntas. Estava a testar, nas perguntas testou alguns conhecimentos anteriores, para ver se eles eram capazes de responder... ‘Tava a dizer, recorreu pouco ao quadro e quando o fez, portanto, esperou que os alunos passassem o esquema para fugir àquela situação de quando nós estamos a escrever e a falar, eles não... ou, tipo, ‘tamos a falar e eles estão a passar o que está no quadro, eles não ouvem nada. Não, ela esperou que eles passassem o esquema e depois ‘tivessem atentos à professora novamente. Foi expondo a matéria com recurso a exemplos do dia-a-dia, já disse, e depois, no final fez um quadro com o resumo da, da matéria que foi dada, não é?... A aula decorreu normalmente e acho que foi atingido o objetivo daquela aula, que era eles saberem aqueles tipos de substâncias. E acho que, que, sim, que aprendi que afinal o ar puro não é tão puro como tudo isso, para os... para os químicos, não é? Pronto. [risos] Dizem, por aí, que a natureza é que é boa, afinal não é. [risos] E acho que sim, correu, correu bem, depois ‘tivemos um bocadinho a falar... Acho que foi uma aula dentro do normal.

P14: Depois a P10 deu-me uma sugestão, que era cada aluno trabalhar um, um tema daquela... E eu nessa... na aula seguinte, que tinha com outro 7º, já fiz o que ela me

sugeri, que era cada... cada dois trabalhavam um tema e depois tinham que expor aos colegas. E foi uma boa sugestão.

P10: Ah, sim, isso foi no sentido de eles não estarem dispersos, enquanto uns liam, outros estavam a tentar ali... não...

P14: E ela sugeriu e como eu tinha a turma desdobrada, achei que era uma boa sugestão e eu apliquei logo que ia ter na aula seguinte.

P10: Pois, mas lá está, ela naquela que eu fui ver, era uma aula... era uma turma completa.

P14: Vinte e três.

P10: É diferente.

P14: Pois.

P10: Do que noventa minutos com metade da turma, não é?

P14: E a turma onde eu fui [impercetível – tosse] mais de cinquenta por cento de negativas, nessa turma.

P10: Pois.

P14: E é a turma... é uma turma complicada, o 7ºB. Não é complicada em termos de comportamento, mas aquelas cabeças, vemos bem que não são...

P10: São fraquinhos.

P8: Sim.

P14: E o 7ºA acho que também é um bocadinho, não é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [segmento impercetível] na prova de Físico-Química.

P10: A turma do K. e...

P14: E é chato, uma pessoa percebe que eles não estão ali. E uma pessoa fica assim um bocadinho...

P10: Depois tem ali miúdos... quantos? Quatro miúdos? Três ou quatro? Dois ou três. Já não sei... M. ...

P14: Ah, os melhorzinhos.

P10: ... T., portanto...

P14: Sim.

P10: São aqueles miúdos que eram do 6°C, notou-se nitidamente...

P14: Destacavam-se.

P10: Pois, destacam-se nitidamente.

P14: Se fosse no 7°C não se tinham destacado.

P8: Já estou a ver...

P14: Mas ali... destacam-se.

P8: ... o Conselho de Turma, de final de ano, é propor a mudança deles para o 7°C.

P10: Mas não tenhas dúvidas que...

P14: Não podem, não podem, porque eles são de inglês.

P15: Têm a língua, a língua....

P8: Embora possa haver...

P10: Que... esses miúdos foram tirados dessa turma, prejudicaram-se imenso, porque já no... neste A...

P8: Foi opção deles.

P10: Foi opção deles, não. A opção deles foi escolherem...

P15: A língua.

P10: ... aquela disciplina. Não foi opção deles misturarem-nos naquela turma.

P8: Não, não, não. Estou a dizer que foi opção deles num sentido, eles, ao escolherem aquela disciplina, na transição para o 7º ano, sabem que isso pode acontecer.

P10: Pronto, lá está, mas é o que eu 'tou a dizer, a B., o D., o T., naquele 7ºA, perderam-se completamente.

P8: Mas é assim...

P10: [segmento impercetível] é a E. e noto que os miúdos eram muito melhores, quando andavam com a outra turma.

P8: Mas depois de iniciar o ano, não tivemos nenhum pai que, por exemplo, a pedir a transferência...

P10: Pois não.

P1: Só uma coisa, a observação que tu fizeste à aula da P14, tinhas, ‘tavas com metade da turma, também?

P8: Não, a turma toda.

P14: ‘Tava a turma toda.

P1: ‘Tava a turma toda.

P14: O P8...

P8: Eu percebi que era [impercetível – sobreposição de vozes] quando ‘tive a ler os papéis [segmento impercetível]. Porque eu tive a tua segunda parte, não...

P1: Pois, eu só tinha...

P8: Eu esqueci... Realmente a É., na aula dela disse: “Olha o professor, aqui”. Esqueci que era...

P14: O P8, nós tínhamos tido reunião no dia anterior, não foi?

P8: Sim.

P14: E o P8 disse-me assim: “Amanhã vou à tua aula”. E eu disse-lhe: “Olha, vai ser a continuação”, porque eu não podia passar a ficha à frente...

P8: Sim, sim, sim.

P14: E acabou por ser, entre aspas, as revisões do que tinha sido lecionado nas aulas anteriores.

P8: Sim, sim. Foi a consolidação das aprendizagens anteriores.

P14: Exatamente, foi isso mesmo. Depois eu fui assistir apenas a uma aula, que foi à aula da P12. Eu gostei da aula da P12. Houve uma parte que gostei muito, quando ela pôs os alunos a trabalhar – a turma do teu filho – ela pôs os alunos a trabalhar dois a dois, onde eles tinham que... que estudar um tema – agora já nem sei muito bem – era sobre os romanos, eu depois até percebi a diferença entre os romanos – agora já não me recorda muito bem – mas eu sei que cheguei a casa e expliquei logo ao meu filho aquilo. Agora já, já me foi.

P8: O que os miúdos sofrem.

[risos]

P14: Pois é, o que os alunos sofrem. Portanto, o que foi... foi uma aula virada para procedimental, embora houvesse uma parte declarativa, que eu, eu achei bem haver, porque eu acho que também é importante haver uma parte declarativa. Mas, essencialmente, foi procedimental, onde os alunos tinham que fazer eles, estavam a trabalhar sobre, já não sei, era sobre os romanos, mas já não sei o quê...

P12: Era sobre os muçulmanos.

P14: Ah!

P12: Não te lembras? Tu até disseste: “Ai, eu achava que muçulmanos, árabes e islâmicos era tudo a mesma coisa”.

P14: Tudo a mesma coisa, exatamente. Pronto, e eu, eu na altura percebi, que depois eu até tomei nota e tenho, mas não está aqui, está noutro caderno. Depois, os alunos estavam envolvidos nas tarefas de que nível? Eu pus compreensão, aplicação e síntese. Notava-se que os alunos trabalhavam de forma ordeira e empenhada. Depois, os alunos são capazes de exprimir o seu pensamento por escrito e oralmente? Eu pus que sim, que tanto por escrito, como oralmente, porque a P12 fazia questões e eles sabiam responder oralmente. E também por escrito, que eles fizeram um texto escrito. Depois, de que tipo era a aprendizagem? Já disse, maioritariamente foi procedimental, mas também houve uma parte declarativa. Depois, os alunos têm uma participação ativa ou passiva na sala de aula? Eu pus que era ativa. A maior do tempo de aula, é utilizado o discurso/trabalho do professor ou dos alunos? Foi essencialmente do trabalho dos alunos. Houve uma pequena parte que foi exposição de conteúdos. Depois, como eram as interações dos alunos na aula? Eu pus que eram interações adequadas ao que estava a ser lecionado, aos conteúdos que estavam a ser lecionados. Depois, os alunos são capazes de fazer o *transfer* das aprendizagens? Eu pus que sim, pois quase todos respondem às questões corretamente, que lhes eram colocadas. E não pus mais nada. E gostei da aula, foi uma aula... eu percebi, na altura, pronto, agora já se foi... [risos]

P12: Mas tem sido, isto é uma técnica de trabalho que eu uso muito, que é pôr os miúdos, portanto, obviamente que, como a P14 diz, há, muitas vezes, uma intervenção minha, mas é, pegar no, porque há... até porque isto são alunos de 5º ano e o que eu noto é que os miúdos têm muita dificuldade em estudar, em saber como é que se tira o

essencial de um texto e, portanto, é uma técnica que eu uso muito que é, ponho-os primeiro a pares, eles têm um texto, têm *X* tempo para ler aquele texto e para, entre pares, construírem pelas suas próprias palavras, reescreverem o texto. Às vezes é reescrita, às vezes é mesmo síntese, pronto, nunca é... E depois o que faço, passado esse tempo, é ou ouvimos os textos quase todos ou pelo menos ouvimos partes dos textos, porque também não dá tempo de ouvir todos os textos, mas, por exemplo, peço a um... a um par: “Olha, lê-me... Então leiam lá o vosso primeiro parágrafo”. E se aquele já tiver uma boa qualidade, só peço para ouvir mais um, para confrontar. E, depois, a partir dos textos, dos vários textos, fazemos um texto final...

P14: Ai, aconteceu isso.

P12: Que eles depois registam no caderno.

P10: Mas, desculpa, tu, por exemplo, tens vários grupos, por exemplo, a trabalhar o mesmo tema.

P12: Eles estão todos a trabalhar o mesmo texto.

P10: O mesmo texto.

P12: O mesmo texto.

P14: E depois fazes um texto global. Foi o que aconteceu naquela aula.

P10: Ah, pronto.

P14: As melhores partes de cada grupo, fizemos um texto... fizemos, pronto, os alunos fizeram [segmento impercetível] global.

P12: É... porque é assim, eu podia chegar lá e dar...

P10: Debitar.

P12: ... e... e expor, mas acho que não era tão eficaz e sobretudo porque acho que lhes falta...

P15: É essencial...

P12: Eu acho que eles precisam de aprender estas, estas competências de...

P14: Escrita.

P12: ... pegar no texto e...

P15: E ver.

P12: E ler o texto e interpretar e ser capaz de dizer, pelas palavras deles, e ser capaz de escrever, porque isso, depois, é uma coisa que lhes vai fazer falta para o resto da escolaridade. Eu tenho consciência, por exemplo, ainda aqui há alguns tempos eu conversava com o Roberto – que também ‘tá a dar 5º ano – eu tenho consciência que, pelo menos naquela altura, estava bastante atrasada em relação ao R., mas eu acho que é assim, eu acho que... eu não ‘tou muito preocupada. Estou preocupada e não estou, porque eu acho que aquilo que eu lhes estou a dar, vai permitir que, se eventualmente chegarmos ao final do ano e não tivermos coberto os conteúdos todos, eles têm capacidade de, sozinhos, pegar no manual e aprender aqueles conteúdos. Ao passo que se eu chegasse ali e despejasse a informação e, sim senhor, é pá, ‘tá previsto na planificação vinte aulas e eu dei as vinte aulas e ‘tá dado. E não sei quê. Se calhar, quando chegasse ao fim, tinha quatro ou cinco que, realmente, ficou lá qualquer coisa e o resto da turma... *chapéu*.

P14: Há pouco estávamos a falar que, com a experiência, que o professor dá o essencial. A P12 a falar-me disto, faz-me a sensação que ela também seleciona o que é mais importante e dá o essencial aos alunos.

P12: É, neste momento já, eu já me preocupei muito com...

P14: Do que é essencial para o futuro deles, para as... e para o que vem a seguir. A P12 conhece o que vem a seguir.

P12: Exatamente.

P14: Portanto, eu acho que esta é uma mais-valia. Eu acho que é uma mais-valia o professor conhecer o que vem a seguir, porque sabe o que é que... as bases...

P12: Não, isto são coisas que eles vão precisar sempre para estudar História e não é só para estudar História, eles para estudar Geografia, para estudar Biologia... para estudar... qualquer disciplina que tenha uma componente de...

P15: Texto. De interpretação.

P12: ... de informação baseada na escrita, eles precisam destas competências. Não precisam delas para a Matemática, nem para a Educação Física...

P15: Mas até precisam...

P12: Pois, se calhar, até precisam, para interpretar problemas.

P15: ... para interpretar os dados.

P12: Exatamente.

P15: O que é que é importante, o que tu hoje... tu disseste uma coisa interessante, que eu faço isso com eles, sublinhar o que é mais importante. Num problema, eu 'tou sempre a dizer: "Sublinhem o que é mais importante" e depois: "Recolham os dados" e quando tu hoje disseste isso, eu faço exatamente a mesma coisa, porque num problema, se eles não sabem interpretar, não resolvem. Nem que saibam, não é?

P14: Depois, em cada disciplina eu acho que nós sabemos que existem matérias que são mais importantes para o futuro deles, do que outras. Outro, pronto, se ele, por exemplo, as misturas homogéneas e heterogéneas, pronto, se eles não souberem tão... tão bem, não vai fazer diferença, mas calcular a concentração é o básico para o resto. Se eles não souberem calcular aquela formulazinha e aplicar, nunca vão saber... nunca vão desenvolver na Química. As misturas heterogéneas, pronto, é uma questão de ele depois ler mais um bocadinho e vem a fixar mais tarde, mas saber, por exemplo...

P15: O que é mais importante.

P14: ... na Matemática, estou a imaginar a Matemática, se eles não aprendem a reduzir no terceiro e no quarto ano, isso é o futuro deles, eles vão reduzir a todas as disciplinas... a todas, a Matemática e a...

P15: Físico-Química.

P14: ... a Físico-Química. Se não souber reduzir, nunca vão fazer nada do problema.

P15: Uma expressão numérica.

P14: Aí está, aí está o que acho.

P15: Expressões numéricas.

P14: É por isso que eu acho que, com a idade, também traz-nos valias, porque sabemos retirar o que é essencial para o futuro.

P8: Não pode ser só dores.

[risos]

P8: Eu só queria corrigir a Professora P12, a Geografia não se estuda, nasce connosco.

P10: Ai, Jesus!

P12: Ai é!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu peço desculpa, eu não sabia que era como a poesia.

P8: É preciso ter queda para...

P12: É, exatamente.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Eu tenho que te dizer que, quanto mais velhos, vamos ser melhores [impercetível – risos].

P8: Pois, é como eu digo à minha mãe: “Porta-te bem, trata-me bem, que eu é que te vou escolher um lar de terceira idade. Portanto, trata-me bem para não termos problemas”.

P14: Portanto, eu tenho que dizer que quanto mais velhos, vamos ser melhores, porque... eu vou caminhar para mais velha, não é para mais nova.

P8: Não, mas... Eu cruzei-me com os alunos da P12, depois dessa aula, e eles a dizer: “Olha, quer dizer, ela é que ganha dinheiro e nós é que trabalhamos”.

P12: Pois, mas a minha estratégia é essa.

P8: Não, é assim...

P12: Estás a dizer isso, mas eu vou-te contar uma coisa engraçada. Quando eu comecei a trabalhar com o modelo do movimento – e foi com turmas do secundário, na altura ainda ‘tava no secundário – eu depois sempre, ciclicamente, eu peço aos alunos uma avaliação do trabalho realizado, o que é que gostaram mais, o que é que gostaram menos, o que é que não sei quê...

P8: Mas isso é muito importante e nós às vezes não fazemos.

P12: E tenho, e tenho lá registos disso e lembro-me perfeitamente uma miúda ou um miúdo, já não me lembro, de 10º ano, que me escreveu esta coisa fantástica: “Quando a professora chegou à aula com esta ideia dos trabalhos de grupo, eu achei que nós íamos trabalhar e a professora ia ficar sentada a ler revistas. Afinal não foi assim”.

P8: Oh, já tinhas lido a HOLA.

P15: A HOLA.

[risos]

P12: Eu acho que isso mostra bem... qual é a maior parte da... não, não vou dizer a maior parte, mas... qual é a experiência que eles têm do que é o trabalho de grupo na sala de aula.

P14: E como diz o ditado “Primeiro estranha-se, mas depois entranha-se”.

P12: Pronto, mas depois eles...

P14: É bom sinal que...

P12: Mas achei imensa piada e nunca me esqueci dessa frase. E tenho outras, lá. Mas nunca me esqueci...

P8: Deixa-me só... por exemplo, claramente, por exemplo, isso provavelmente isso os principais opositores a esse modelo, numa fase inicial são os pais e com alguma lógica, no sentido... é normal se eu tiver um aluno a trabalhar no sistema, no dito sistema normal, ele atinge um quatro ou um cinco. E ele, não estando preparado, por exemplo, no ano seguinte, vai trabalhar contigo e numa fase inicial é um choque enorme, porque ele chega ali e, portanto, e o que é que vai acontecer? Eles começam a tirar um quarenta e nove, um trinta e três e depois têm um três, quando antes eram um aluno de nível quatro e hoje em dia nós vemos as... e para quem tem um filho e diz: “Eh pá, mas então, esta professora não sabe dar aulas ou quê?”. Como é que...

P12: Eu não sei se os pais reclamam, agora...

P8: No sentido de eles irem ter contigo...

P12: Não, mas vou-te dizer, mas os miúdos, mas, mas... sinto que os miúdo que mais reagem mal são aqueles que, nas outras disciplinas, têm grandes notas. Porque são os tais alunos que ‘tão...

P15: Marrões.

P12: Não é marrões, P15.

P15: Alguns também é.

P12: Isto é como tudo. É... é como diz o Phillippe Pernoud, há um ofício de aluno, os alunos também sabem que a escola e os professores esperam deles um determinado comportamento. E, portanto, o que é que os miúdos estão habituados a que se lhes peça? Que estejam com muita atenção nas aulas, que memorizem a informação quando

chegarem à altura do teste e quando chegarem ao teste despejam aquilo tudo. E depois há uns que até vão um bocadinho mais além e, de facto, aprendem alguma coisa; há outros que, depois do teste, esquecem aquilo tudo. E os miúdos que estão treinados para isto, quando se confrontam com este... e que, depois, têm quatros e cinco, porque eles conseguem empinar aquilo tudo e fazem... e fazem uns brilharetes – ah, não são todos, porque tenho miúdos bons, que também são bons comigo – mas, alguns têm muita dificuldade com este modelo, porque eles estão... Eles não estão à espera de ter que fazer... Eles estão à espera que eu dê a informação, que eu diga onde é que é para ler. O que é que eles têm que... E ele... E tive, tive... mas também te vou dizer uma coisa, mas mesmo esses, por exemplo, olha, nunca me esqueço, um miúdo que foi meu aluno os três anos do terceiro ciclo, o H., filho da F., o H. nunca gostou do meu modelo e dizia sempre que: “Não gosto, não gosto, eu não gosto destas aulas, não sei quê, eu não gosto disto, eu não gosto daquilo”. No entanto, na última avaliação do trabalho que fez, ao longo do terceiro ciclo, ele dizia também assim: “Como sabe e sempre lhe disse, não gosto do seu método de trabalho, mas aprendi a fazer coisas que nas outras disciplinas não aprendia”. E, portanto, é assim, eh pá, eu acho que quando tu lês coisas destas, sentes que não perdeste o teu tempo.

P14: Pois.

P8: Isso é de estares a ficar velha.

[risos]

P12: E também sinto [segmento impercetível]...

P15: Mas é o que o P8 diz, é verdade. Quem não gosta são os pais.

P12: Mas, eu... Mas os pais não gostam, porquê? Porque os pais estão, os pais o que lhes interessa é a nota.

P15: Mas é verdade.

P12: Os pais o que lhes interessa é a nota. E é assim...

P10: E porque nós habituamos - nós, escola - habituámo-nos a um sistema de três testes, quarenta, mais cinquenta, mais sessenta dá X, X a dividir por três dá tanto e a nota dos miúdos são isto, os meninos são números. Tabelas de Excel.

P8: É verdade.

P12: Exatamente.

P10: Foi a isto que nós habituámos a escola, a escola habituou os papás a isso. E se não tivermos um teste, é um bocadinho complicado.

P8: É complicado.

P10: A minha disciplina, eu que não faço teste, por exemplo, vai passando, porque é Educação Física e aquilo até vai passando, não é?

P12: Pois, exatamente.

P10: Mas se fosse outra disciplina... se calhar...

P12: Mas, olha, mas, por exemplo, eu até entendo uma coisa, P10, eu dantes não fazia e este ano comecei a fazer. Que eu dantes, por exemplo, os alunos sabiam a nota do projeto, mas eu dizia-o oralmente: “Olha, você teve, você teve X, Y, Z”. Este ano eu comecei a fazer questão de registar na caderneta, “A, a classificação do seu educando no projeto foi tanto”.

P10: Olha...

P12: ... para, exatamente, as pessoas terem consciência que aquele instrumento de avaliação vale tanto como um teste.

P10: Mas isso é importante. Eu acho que isso é importante.

P12: E eu acho que é importante para os pais e é importante para os miúdos.

P8: Sim, sim.

P12: E acho que também nós temos que ter...

P10: Nós habituámos a escola para essa... aquilo é que é a segurança.

P12: Mas os professores transformaram...

P10: Os professores também. E fazem teste, porque é a segurança deles, é aquilo, pronto. Testar de outra forma, não.

P12: E neste momento...

P10: Porque é que eu uso tantas grelhas na aula? Eu tenho que avaliar de alguma forma, não é? Agora, eu podia basear-me, dava: “Agora tomem teste” e o teste contar ali ainda uma, uma pontuaçãozinha valente e cortar as pernas ou os joelhos, por exemplo. Ou não, não é? Aqueles que não fazem nada, se calhar, os marrõezitos, até depois corria bem o

teste. Mas porque as pessoas ficaram habituadas àquilo e, se não houver teste é muito esquisito.

P12: E P10 e os próprios... E vou-te dizer...

P10: É muito esquisito.

P15: Diz logo que o professor não quer ter trabalho.

P12: E vou-te dizer, os próprios professores...

P10: Não, mas tem trabalho, P15.

P15: Não, mas é o que comentam.

P10: Trabalho a corrigir. Ah, dizem, sim!

P15: Não é? Imagina eu, que tenho os testes de escola, não é? Eu não posso fugir, mas se eu não fizesse, não tivesse testes de escola, se eu não fizesse testes...

P10: Pois, mas, lá está...

P12: Mas é assim, mas eu faço, eu faço um teste por trimestre. E faço...

P10: Mesmo assim não fazes mini-teste há anos.

P12: Pronto. Mas faço um teste por trimestre... Exatamente porque sei que isso é uma necessidade para os pais e até para os próprios miúdos. Mas é assim, olha, perdi-me, ia dizer qualquer coisa... Ah, [impercetível – tosse] os próprios professores transformaram a avaliação dos miúdos em grelhas de Excel, que a coisa que me mete mais nervos, que é assim, eu acho que a avaliação tem que ser o mais objetiva possível e tem que ter critérios e tem que ter parâmetros e tem... Agora, o que eu não posso...

P10: Também tem que ter um bocado de... bom senso.

P12: Mas a avaliação, eh pá, a avaliação tem a ver com a relação, com...

P10: Sim.

P12: Pá, com... o comportamento do aluno não é quantificável...

P10: Os alunos não podem ser números. Os alunos não podem ser números.

P12: Eu não posso quantificar que aquela atitude do miúdo é 15% e a outra atitude é 25, quer dizer, mas há professores, neste momento – e não são tão poucos como isso...

P10: O aluno é 3, 2...

P12: ... que transformaram a nossa avaliação em grelhas de Excel.

P10: Sim, sim. Sim, sim.

P15: Rígido.

P12: Mas depois o que me enerva mais é que esses rigorosos – e ‘tou a falar porque isto já aconteceu ao meu lado, num conselho de turma – são muito rigorosos, porque, para eles a avaliação é super rigorosa, eles só trabalham com o Excel, aquilo não é cá... Eu é que, eu é que sou uma rebaldeira que vou para lá com uma folhita de papel só...

P14: Mas o Excel. Tu introduzes o que queres... Mas também no Excel, tu introduzes o número que queres, só para te dar aquela média.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas só para te dizer, esses rigorosos das grelhas de Excel, depois tu ‘tás a ver, lá no total, quarenta e dois, três: “Olha mas põe aí que é fraquinho...”

P15: Três menos.

P12: ... ou “Três menos”. E eu apetece-me logo dizer assim um palavrão, porque é assim, então é isto que é o rigor na avaliação?

P8: Diz, liberta-te!

[risos]

P12: É... como diz um amigo meu, liberta-te – como é que ele diz?... “Liberta a Ivone Silva que está dentro de ti!”

P15: A Ivone Silva. [risos]

P12: Mas é assim, isto... [impercetível – sobreposição de vozes] Porque é assim, então são tão rigorosos, tão rigorosos, tão rigorosos e depois um miúdo tem quarenta e dois e apanha um três? E depois chega, e depois o que me irrita mais é que o miúdo chega ao fim do ano e apanha um dois e chumba. E o argumento é: “Ah, mas o três do segundo período era fraquinho”.

P10: Era fraquinho.

P12: Então não dessem o três, porque quarenta e dois é...

P10: Estão obcecadas com essa grelha de Excel.

P12: Estão, completamente.

P10: Olha, eu, eu faço-a também para [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Oh P10, mas eu também uso...

P10: Mas...

P12: Também faço contas!

P10: Mas faço os mesmos de início, lá está, eu meto na grelha aquilo que eu quiser.

[impercetível - sobreposição de vozes]

P15: Claramente.

P10: Os meus alunos podem-se dar por satisfeitos de eu não usar a grelha de Excel, porque senão aquilo era uma miséria de notas.

P8: Eu também não faço.

P10: Ainda noutro dia um pai questionou porque é que o filho só tinha três, que é tão bom, “Ele é tão bom na ginástica”, na ginástica, mas o homem referia-se àquilo... Só que é assim e eu perguntei se o senhor tinha experiência na área de... da ginástica para ter noção. “Ai, ele joga tanto futebol... joga tanto”; “Ah, você conhece... o pai conhece o menino a jogar futebol”.

P12: Uma modalidade.

P10: É muito bom no futebol, mas realmente na minha aula teve uma prestação muito fraquinha e, por azar, foi ginástica de solo e é daqueles meninos que está ali e que passa despercebido e que até me enganou um bocado, não é? Pronto e então o Diretor de Turma questionou-me, porque o pai tinha pedido, o porquê daquela nota. O três, só porque era tão fraquinho. Pronto e eu expliquei e depois disse-lhe: “Mas diz ao senhor que se quiser que eu lhe dê a nota do Excel” – que dava 2, 3 – “eu dou-lhe, se ele quiser”.

P12: Não, mas eu, é uma coisa que me faz um bocado de confusão e depois [impercetível – sobreposição de vozes].

P1: Agora imagina eu, na minha disciplina: “Mas ele passa tantas horas no computador”, “Mas ele, ele tá tanta... Como é que ele tem negativa?”.

P10: Mas a culpa é nossa, porque nós habituámos àquilo. É como os critérios de avaliação, aquelas percentagens, aquela...

P15: Pois é, ah pois é.

P10: Aquilo mexe, mexe...

P8: Não só de avaliação, só de classificação.

P15: Mas a mim também.

P10: Mexe-me com os nervos...

P1: Classificação, exatamente.

P10: ... porque parece que nós temos que 'tar dependentes, se não for aquilo, não conseguimos.

P15: É, é, é.

P10: Mas pronto, é outra [impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Não e depois também é assim, também se valoriza muito, era o que a P12 'tava a dizer, o quarenta e dois, o quarenta e dois até sobem para um três, mas, por exemplo, depois um aluno que até tem um quatro mais, não dão cinco.

P10: Não, que isso custa a dar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Olha, isso... olha...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Mas porquê? É assim, até ao 9.º ano, compreende-se os meninos não precisam das médias para nada, vá. Agora no secundário, um valor é significativo.

[segmento impercetível]

P10: Claro. Os professores é que atrapalham. [risos]

P15: Não compreendo estas mentalidades [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Colegas, mais...

P15: Olha, eu vou fazer...

P8: Por um lado é verdade, olha eu subscrevo aquilo que disseram e... é assim, eu 'tou a passar uma fase engraçada com um aluno que toda a gente conhece, que é o A., que é um excelente aluno, é um aluno... embora eu acho que o A. não tem... eu comparo o A.

com, com o Cristiano Ronaldo e o Messi. Acho que o Messi já nasceu com aquelas características, o Ronaldo aquilo que tem é...

P1: Trabalhado.

P8: ... resulta do trabalho que faz. E o A. acho que passa um pouco por aí. No 9º ano, eu agora divido testes, metade do meu teste sobre artigos tirados da net dentro daqueles conteúdos - tem a ver com [segmento impercetível] e eles têm que manifestar uma opinião pessoal, do tipo no Iémen havia um hospital – mas isto são histórias mesmo reais – em que não funcionava, porque não tinha eletricidade e, portanto, havia... era enquadramento... E eu pedia para eles comentarem e depois tinham que apresentar uma proposta viável para resolver aquela solução. E para ele isto é um bloqueio completo, porque é preciso... isto não ‘tá no livro. Portanto, tudo o que implica ele dar... e ele anda com uma preocupação, eu já disse: “Ouve, tu já demonstraste o que tu vales, tu até podes tirar um sessenta ou um setenta, eu dou-te o cinco”...

P1: Mas não ‘tá seguro...

P8: “Tu não tens...”

P15: Não.

P8: “Tu não tens o cinco...”

P15: Nunca foi, ele nunca foi...

P8: Não tem [segmento impercetível]

P1: Ele tem que ter a certeza.

P8: E depois ele tem um problema, neste momento, maior, que é: no outro dia houve uma colega que tirou um valor superior a ele, começaram os miúdos todos a gozarem [impercetível – sobreposição de vozes].

P15: No 5º ano e no 6º ano, ia-me dando um ataque cardíaco.

P8: Há pessoas que falam, eu [impercetível], eu, às vezes, até sou bruto quando ele diz... Eu, às vezes, ele há dias teve noventa e nove, setenta e cinco e ele: “Professor e isto aqui?” e eu disse: “Sim, A., eu peço três cartazes turísticos da Madeira e tu falas-me das vinhas. Estavas a falar de quê? Das paisagens, no sentido da paisagem? Em vinhas no sentido de quê? Do vinho de Madeira?”. E ele olhou: “Nem eu sei”, portanto, ele já não consegue dar estas respostas. [segmento impercetível] Ele pergunta-me uma coisa e

digo: “Tá bom, A., então?”, mas ele: “Eh pá, que estúpido”. Portanto, ele tem esta reação [segmento impercetível] e já disse: “O teu valor, tu não precisas de demonstrar mais A., porque tu és um aluno de nível cinco pela postura, pelo conhecimento que tens...”, mas é aquela preocupação e aquela...

P15: É... de ser 100.

P8: ... aquela carga que ele tem, que ele que tem que tirar noventa e tal e até por causa dos próprios colegas em si, que infelizmente...

P10: Não, mas os colegas, o objetivo dos colegas sempre foi tirar... alguém que tirasse mais do que ele, aquilo era uma festa.

P8: Pois, mas que é aquilo que eu digo, depois não somos honestos, porque logo a seguir quando os que estão a gozar pedem o manual e ele empresta o manual, não tem [segmento impercetível]... Se fosse comigo, eu [segmento impercetível].

P15: Ah, mas olha que ele não era assim...

P8: Mas acho muito... Não, mas...

P15: Ele não era assim.

P10: Ele já desaperta aqui a golinha.

P15: Mas ele não era assim. Olha, no primeiro ciclo, ele era o oposto.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: É, é. É, mas ele tinha muita... dificuldade.

P8: Eu sei que isso faz parte dessa parte do... da tal compreensão. Muitas vezes, o [segmento impercetível].

P10: Oito e vinte e sete?

P8: Mas pronto.

P12: Já [segmento impercetível].

P15: Pronto, então, eu digo isso na próxima sessão.

P12: Sim, na próxima. Olhem, é assim...

P8: Só queria mostrar a minha grelha Excel.

P12: Queria só dizer que... vou tentar, ainda, fazermos mais uma sessão este período, embora o tempo já esteja curto, portanto, em princípio, para aí, será daqui a quinze dias, mas vai-se ver. Não sei se têm alguma proposta concreta a fazer, para essa sessão. Eu acho que era interessante, se calhar, discutirmos um documento que chegou à escola – que o P8 deve ter; eu pelo menos, o meu coordenador de departamento, deu-nos – porque é a... a... acho que a escola vai ser ouvida acerca de... de várias questões, designadamente sobre gestão dos créditos de horas da escola, avaliação de aprendizagens, não sei quê. E eu acho quem por exemplo, a questão dos créditos de horas, eu não percebo nada nem sei, mas acho que, se calhar, a questão da avaliação dos alunos, nós podíamos falar um bocadinho dela. Mas eu depois, eu mando-vos o...

P8: Por pontos.

P15: Mas isso...

P12: Depois eu mando...

P15: ... os nossos delegados é que nos dão?

P12: Vocês depois também vão discutir isso nos grupos.

P8: É, nas reuniões de departamento, agora os coordenadores de departamento vão passar para os delegados para discutirem em grupo.

P12: Pronto, e depois os delegados transmitem aos grupos. Mas não sei se podia ser uma discussão...

P8: Acho que sim.

P12: ... interessante para fazermos aqui.

P8: Até porque como somos todos de disciplinas diferentes...

P12: Pronto. Ou se, eventualmente, tiverem alguma outra sugestão já sabem que eu 'tou aberta a sugestões.

P15: És uma aberta.

P12: Sou, completamente.

P1: É só para dizer que eu vou na quinta-feira assistir a uma aula do P8 e o meu problema – eu tentei ir com a P10 – mas o meu problema é que eu tenho que ficar aqui um bloco de noventa minutos para poder assistir a uma aula dela.

P12: Pronto.

P1: E com um furo a meio da aula, mas vou tentar... vou tentar, é terça-feira.

P12: E é assim... e, entretanto, em relação à supervisão, em penso que as coisas estão a correr bem, nós 'tamos assim organizados em autogestão, acho que a coisa 'tá a funcionar. Portanto, acho que podemos continuar assim...

P8: Acho que sim.

P12: ... não 'tar a fazer aquelas coisas tão rígidas como no ano passado que era: Tu vais aqui, eu vou acolá...

P8: Exato.

P12: ... não sei o quê... Porque penso que assim em autogestão as coisas estão a correr bem, não estão?

P8: Sim. E penso que seria interessante tentar perceberem, tu falaste no outro dia, os restantes colegas cá da escola que têm estes mestrados e essas... seria interessante que alguns deles viessem cá fazer apresentações dentro destas temáticas, como a P9 fez hoje. Dentro da disponibilidade deles, também, como é óbvio.

P12: 'Tá bem.

P8: Que há de haver colegar aí com... com apresentações interessantes dentro das formações deles.

P12: Posso, posso falar, eu sei, as pessoas que conheço, portanto, o P4 tem em Supervisão Pedagógica, o...

P8: A R. fez formação em quê?

P12: O X. O. tem em... Quem?

P8: A R.

P10: A R. é a que [segmento impercetível].

P12: A R. fez em Administração Escolar, como o [segmento impercetível]. O P16 também fez Administração Escolar. Mas posso... posso falar... posso falar...

P15: O E. também fez mestrado.

P12: Mas o E. é de Matemática. É uma área...

P8: Específica.

P12: Pois, exatamente... A A. também fez, mas fez em História da Educação e fez concretamente em... qualquer coisa que tem a ver com o ensino primário no Porto Santo, que é muito interessante, mas não, não creio que caiba muito aqui no nosso âmbito.

P8: Sim.

P12: Mas há colegas... Eu posso falar com esses colegas, vou tentar ligar...

P10: O VP1. também é um elemento válido para convidar...

P12: Não.

[risos]

P8: Olha, é a pessoa com mais recordações nesta escola!

P10: Atenção, hã!?

P12: Vou tentar lembrar-me, depois... tem... tem a R., tem o... o P4, o P7, o... P16...

P8: A R. .

P12: Pronto, posso falar com alguns deles se eles... Se tiverem interessados em vir cá partilhar connosco alguns...

P10: Olha, mas o P4 não é mestrado, ele fez foi uma pós-graduação.

P12: Sim, mas é o suficiente.

P10: Em escrita criativa.

P8: Dentro desses estudos...

P12: Mas é assim, ó P10, é o suficiente para saber mais do que qualquer um de nós dessa matéria.

P10: Ah, sim.

P12: Não...

ANEXO V K
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 15.03.2016

P12: Bem, vamos começando... Portanto...

P10: A P1 já foi à minha, mas aquelas vão sempre à mesma turma, tem sido sempre à mesma turma.

P12: Olha, eu, eu queria ter ido a uma da P1 ou da P6, mas com a P6 nem cheguei a falar, com a P1 tinha compatibilidade de horário, só que estas duas semanas têm sido...

P10: Eh pá, sim.

P12: ... tão loucas e eu hoje...

P10: [impercetível] P6, a ver e não...

P12: ... e eu hoje tinha... pá, queria deixar corrigidas as turmas de quinto e sexto ano...

P10: Sim.

P12: ... porque, depois, amanhã, as próximas aulas que tenho com os miúdos são as últimas e... quero entregar os testes e essa coisa toda. Eu, a minha ideia, os outros colegas ainda não chegaram... Não, não sei o que é que lhes aconteceu... Boa tarde.

P14: Boa tarde!

P12: Então, têm folhas aí de... de questionário, não têm?

P10: Tenho.

P12: Não é melhor vir aqui para mais pertinho? [risos] É que somos tão poucos, que a gente se põe a espalhar... Bem, pode ser uma estratégia, que é, como poucos, mas quem olha assim de relance vê muitos; vê de um lado, vê do outro. E tal... Pronto...

P14: Na outra semana, éramos mais. Mais, entre aspas.

P12: Mas a... a... o P8 e a P1 'tão na cantina, não sei porquê.

P14: Não trouxe foi o meu caderno, P10. Onde anotei a aula.

P10: Ah!

P12: Não... não sei porquê...

P14: [impercetível] vi-o pelo caminho e eu assim...

P12: A P15 não sei se se esqueceu da formação, mas... mas pronto. Mas vamos, devagarinho, vamos começar.

P14: Eu não li foi o texto.

P12: Ah, não te preocupes, que não era...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: ‘Tive a fazer a avaliação...

P6: Eu imprimir, mas já não li!

P12: Olha, que linda.

P14: Trouxe para ler, para ter, [risos] para tentar ler, mas olha, não deu.

P12: Olha, que linda. Pronto, eu a minha...

P14: Eu por acaso vi logo que me faltava alguma coisa, que era imprimir isso.

P12: A minha ideia, hoje, era como vamos falar de avaliação e é um tema que eu acho que vai dar muita conversa, era fazermos isto ao contrário: hoje começarmos por fazer as partilhas, se alguém tiver observações para partilhar, depois fazemos um pequeno intervalinho para tomar um café e... e depois... partirmos para a questão da avaliação. Eu, em relação à questão da avaliação, mandei-vos aquele texto, mas aquilo é um texto teórico.

P14: Eu sabia que era para ler, que eu li, mas...

P12: Não, mas nem é sequer, é assim, aquilo é um texto teórico, não é um texto... E a ideia, penso eu, não sei depois o que é que os colegas quererão fazer, mas eu penso que a ideia era, pelo menos, foi isso que eu preparei, eu fiz assim uma... síntese, ultra-síntese, daquilo que é a legislação da avaliação, daquilo que são as regras que, que nos constroem, porque uma coisa são os textos teóricos sobre avaliação e depois outra coisa são os constrangimentos a que nós estamos sujeitos pelas regras. E que eu acho que, também... muitas vezes, nós andamos a fazer muitas confusões, se calhar, porque não lemos bem a legislação – aliás, há aspetos da legislação que são um verdadeiro poema...

P6: Ah, sim.

P12: ... oh pá, a sério, eu, eu quando... olha, eu... olha...

P6: Eu gostava de saber...

P12: ... eu ‘tive a ler...

P6: ... se eram professores ou o que eram quando fizeram a legislação.

P12: ... eu ‘tive a ler o decreto regional que o P8 me enviou... Ah, porque o que eu tinha ‘tado a ler é um decreto, o mais recente que há ainda não ‘tá adaptado à região, que é um de 2015, que já fala da extinção dos exames e não sei o quê, mas esse não ‘tá adaptado à região... E depois eu falei com o... perguntei ao F. [PCE] e o F. [PCE] disse-me e eu, então, falei com o P8 e o P8 fez o favor de me mandar. Ah, porque isto começou tudo por causa dos PAPIS. Começou tudo por causa dos PAPIS, porque nesse decreto que eu li, diz que deve-se fazer, não diz que é obrigatório fazer.

P10: Eu, quando ouço falar nesse PAPI, só me lembro é de um exame no...

P12: Dá-te logo uma erisipela?

P10: ... no ginecologista.

[risos]

P12: O Papanicolau. Exatamente.

[risos]

P10: Não sei porquê, pá, mas eu passo e parece que me soa...

P1: Olha, eu só me lembro daquela música que teve muito na moda e que era o Papi Chulo, Papi Chulo. [risos]

P10: Não, olha, eu não sei, eu, eu, faz-me lembrar logo essa porcaria...

P12: Pronto. E, depois, a propósito desses PAPIS, eu... que é aquela legislação...

P10: Não é...

P12: ... não é...

P10: ... lá está, obrigatório.

P12: Exato, não é obrigatório.

P10: Pode ser feito. Pois...

P12: Pronto, pronto. Eu quis ler a legislação regional. A legislação regional nem fala nada do PAPI, depois remete para uma outra legislação, mas aquilo que eu... o decreto a que eu tive acesso, é um decreto genérico, sobre montes de coisas, que não é só, especificamente, sobre avaliação. Mas isto tudo para dizer o que é que eu fiz. Fiz, então, uma síntese, muito pequenina, com... alguns pontos importantes da... da legislação de avaliação, que eu acho que merecem a nossa reflexão e, depois, no fim, por acaso, pus

um texto que recebi esta semana – porque eu estou integrada num grupo de trabalho lá do Movimento da Escola Moderna, sobre texto e a utilização do texto como ferramenta de aprendizagem e a Ivone Nisa, que é a coordenadora desse grupo de trabalho, mandou-nos esta semana um e-mail muito engraçado – e eu tirei umas frases lá do e-mail dela, porque acho que são frases, também, que suscitam a reflexão. Mas isto tudo para dizer que, então, eu ia propor que fizéssemos primeiro a partilha das observações, eventualmente, se alguém tem partilhas para fazer... Eu não sei onde é que anda o P8...

P1: Ele ‘tava no bar, a acabar...

P12: Ah, meu Deus! Esse homem...

P10: É o único, pensa que faz o que quer, queres ver.

P12: Exatamente. Portanto, fizéssemos primeiro essa partilha e, depois, a seguir do intervalo, tu vais lá assistir ao “coiso” e voltas. Entretanto, fazia, então, essa tal apresentação pequenina e discutiríamos as questões da avaliação. De maneira que não sei se alguém tem alguma coisa para partilhar, porque eu, pessoalmente, como já disse, eu não tive, acabei por não ter tempo...

P14: Eu fui à da P10, mas não trouxe o meu caderno.

P12: Sim, mas tens alguma ideia?

P14: Da aula tenho.

P12: Então, pronto, podes... se já falaste com ela e se...

P14: Não, por acaso não falámos, mas...

P10: Ela foi assistir ao 6ºA.

P14: Foi a semana passada.

P12: Não é a mesma turma que eu assisti?

P14: Não.

P10: Não, não. Foi a única, ela foi a única que foi... das assistências, foi a única que assistiu a uma aula... a uma turma diferente. De resto, tu, a P1 e o P8 foram à...

P1: Ao 6ºC.

P10: ... ao 6ºC. Eu comecei por dizer à P14...

P14: Mas eu tinha lá umas notas, por acaso tinha, mas deixei-as...

P10: ... comecei por dizer à P14 que, que era uma turma um tanto agitada e...

P14: E eu não achei nada.

P10: ... complicada e a P14 não achou nada. E tu tens o 6ºA. [risos]

P12: Quem é que tem o 6ºA?

P10: Tu. Não tens o 6ºA?

P12: Não, eu tenho é o 6ºB.

P10: O B? Tu foste assistir ao B!

P14: Ai eu não sei, sei que fui a um sexto.

P10: Agora ‘tou baralhada, diz-me lá [impercetível].

P14: Eu fui na... na quarta-feira....

P10: B.

P14: ... das 10 à...

P10: É o B.

P12: Sexto?

P10: Eu disse à P14: “Esta turma é um bocadinho agitada, não são malcomportados, mas são... têm uma agitação assim... que mexe com o sistema nervoso” e a P14 não achou nada, logo no início.

P14: [risos] Não achei, não.

[impercetível- sobreposição de vozes]

P12: Mas, sabes, antes de a P14 falar, deixa-me só dizer uma coisa, eu acho que em aulas mais de carácter prático, esse tipo de instabilidade ou de agitação que os miúdos apresentam, normalmente, passa mais despercebido.

P10: Ah pois, mas eu, por exemplo, eu tenho essa noção e... e, aliás, eu espero que na minha aula estejam um pouco mais agitados e muito mais... Mas, neste momento, aquela turma ‘tá com uma agitação fora do...

P12: Boa tarde.

P10: ... fora do normal, sabes?

P12: Sei... Mas eu também...

P10: Uma brincadeira constante, uma sensação de que tu ‘tás a falar e que eles ignoram-te, pura e simplesmente.

P15: Desculpa, P12.

P10: [impercetível] Na segunda-feira passei-me, [impercetível] eu juro-vos, eu vou ter trabalho, mas eles vão sentir um bocadinho na pele o que é que vai ser. Se preferem ter aquelas aulas assim, há uma aula ali no estacionamento, de velocidade. Uma aula que eles estão... à vontade, uma aula que eles estão... Não querem saber. Uma aula em que eu estava a fazer avaliação dos tempos, para eles tentarem melhorar, mais uma hipótese para lhe tentar melhorar os tempos. Não querem saber, vêm a correr e veem é com atenção que o outro ‘tá-lhe a mexer na mochila... à conversa uns com os outros... não se concentram, não... Eh pá, chega! Eu já lhes disse: “No próximo período vocês vão ter teste”. Ainda houve quem me dissesse assim: “Ah, ainda bem” e “Pronto, se vocês preferem, portanto, se vocês só [impercetível] do teste...”... Desculpa. [telemóvel a tocar]

P12: Não faz mal. Não, mas... é uma turma, eu, eu também acho que...

P15: Qual?

P12: O 6ºB. Eu, eu noto que eles ‘tão com uma...

P15: Eu hoje tive essa conversa, exatamente, com eles, olha...

P10: Também tens essa turma?

P15: ... olha, ouve, então, eu tenho dez numa sala de aula. E justifica-se as notas? O G., sabes quanto é que teve? Setenta e seis.

P10: Oh pá, isso é uma turma que [impercetível].

P12: Mas setenta e seis...

P15: E têm capacidades. Eles têm capacidade.

P10: Em termos de aproveitamento, podiam ser bons alunos.

P15: Podiam ser excelentes.

P10: Pelo menos na minha área. E... mas ainda terminando, eu disse-lhe e eles ficaram, tipo, parece que, pronto, havendo teste, eles naquele momento conseguem-se concentrar, porque há teste, não é?

P12: Pois.

P10: Então ‘tão formatados. “Teste, vão ter trabalhinhos e ‘tou a ponderar pôr-vos umas quantas aulas na sala de aula, sentados nas cadeiras, a ver se ali vocês conseguem ‘tar concentrados”. Vem o M. e diz assim: “Professora, não faça uma coisa dessas”. E eu: “Faço, faço. Faço e vou fazer.”

P12: Pois, imagino.

P10: Vou ter eu trabalho...

P12: ... o M., coitado.

P10: ... vou ter o dobro do trabalho, mas vou fazer, porque pá, já chega, eles ignoram-te pura e simplesmente.

P12: Não te esqueças de pôr aqui...

P15: Ah, é verdade!

P10: Tu ‘tás a falar e acabas de lhe dar um sermão e é suposto, nos momentos a seguir, eles estarem com... eh pá desligam começam outra vez aquela dá, empurram-se e fazem e não sei quê. Uma vinha a correr, deve vir ali num momento de concentração, que vai em velocidade, deve dar o máximo dela, acaba uma corrida assim: “Ah pequena, ‘tás-me a mexer na mochila?”.

[risos]

P10: ‘Tás a ver isto? Digo assim: “Oh menina, eu estou a contar o tempo, não sei se percebeste”. [impercetível]

P12: Não sei o que é que se passou com P8.

P15: Ai eu encontrei-o agora. Mas eu ‘tava a falar com o J. A. ...

P12: Pronto, então, tu díz da tua...

P14: Então, que a minha folha ‘tá em branco.

P12: Sim.

P14: [impercetível] uma folha que eu tinha ali.

P12: Pronto.

P14: Em relação a isso, eu achei que os alunos ‘tiveram bem, a P10... eles, logo, sentaram-se encostados à parede. A P10 chamou, eles vieram logo, eles ouviram o que a P10 tinha para dizer, depois fizeram o aquecimento e depois estiveram a fazer os saltos. E houve uma parte que eu gostei muito – notava-se que aquela devia ser a primeira aula de saltos, não era?

P10: Era.

P14: Ah, eu notei.

P10: A segunda.

P14: A segunda?

P10: A segunda.

P14: Pronto, então, eu achei que aquela devia ser das primeiras aulas de saltos...

P1: A segunda deve ter sido comigo.

P10: Não, tu foste ao C.

P14: Não era a mesma turma.

P1: Ah, ‘tá bem, ok, fui ao C. Ok, ‘tá bem.

P14: E notava-se que eles ainda não dominavam a técnica e...

P10: A segunda aula, mas, portanto, a primeira aula foi [impercetível] dois saltos, um, dois saltos e depois foi...

P1: Muito trabalho.

P14: E, então, notava-se que eles ainda não dominavam bem a técnica.

P10: Aliás... Sim, foi, foi, foi. Foi a segunda aula, foi.

P14: E a primeira vez, sempre que saltava um, a P10 tinha o cuidado de, no final de ele ter saltado, explicar-lhe o que é que ele fez mal e o que é que ele deveria fazer, como é que ele deveria fazer. Cada um. À segunda vez, depois, com uma estratégia que eu gostei muito, P10, quando foste buscar a raquete – eu ainda não tinha falado com a P10 sobre isto.

P10: Não.

P14: ... mas tu foste buscar... viu-se que aquilo foi de improviso, certo?

P10: O quê? De ir buscar a raquete?

P14: Foste buscar uma raquete e embrulhastes [sic] lá uma... camisa. Uma...

P10: Colete?

P14: Um colete qualquer, numa raquete, porque eles saltavam mesmo muito pouco e a P10 só pôs assim...

P10: Sim...

P14: E depois o facto de eles tentarem...

P10: Ah, sim.

P14: ... tocar na raquete, notou-se que eles melhoraram logo no salto.

P10: Sim. O objetivo... Tinham um objetivo.

P14: ... tinham...

P10: O objetivo era fazer com que eles se preocupassem com a raquete e com o tocar na raquete.

P14: Sim. Porque eles estavam...

P10: Eu meti o colete, porque aquilo era uma raquete de *badminton* e a rede de *badminton*, naquela claridade do pavilhão, acaba por... Então, a... o facto de eles se estarem a preocupar em tocarem na raquete...

P14: ... e a saltar mais alto...

P10: ... eles esquecem, eles esquecem o... o... a preocupação com o...

P14: Com o trampolim.

P10: ... com o mini trampolim. Com a chamada no mini trampolim. E começam a fazer... a... a... a tornar aquilo mais... normal, 'tás a perceber? E focam-se principalmente na raquete.

P14: Mas, mas notou-se que eles melhoravam logo o salto. Todos.

P10: Sim, sim, sim.

P14: Todos melhoraram logo o salto.

P10: Em termos de altura.

P14: Exatamente. Portanto, depois diz aqui: “Os alunos estavam envolvidos em tarefas de que nível?”, era, era prático. Conhecimento, também tinha o conhecimento que a P10 tinha o cuidado de explicar as regras que eles faziam mal, mas era praticamente aplicação... prática.

P10: Sim.

P14: Depois, “As questões colocadas pelo professor são orientadas para os níveis mais elevado ou mais baixo?”, eu aqui não sei responder muito bem, porque não houve assim...

P10: Não, não fiz... não fiz grandes questões [imperceptível].

P14: Era, não houve assim grandes questões. “Os alunos são capazes de exprimir o seu pensamento por escrito ou oralmente?”, aqui também não deu para ver. “Que tipo de aprendizagem se privilegiava?”, era...

P10: Procedimental.

P14: ... procedimental, sem dúvida. “Os alunos têm uma participação ativa?”, sim, todos... também na parte do aquecimento, eles praticaram antes de fazer os saltos, por isso eles tiveram uma atitude ativa. “A maior parte do tempo de aula é utilizada no discurso, trabalho do professor?”, não, era trabalho dos alunos, sendo que o professor explicava sempre o que eles faziam certo e o que eles deviam, essencialmente o que eles tinham que melhorar... “Como são as interações dos alunos?”, não, não houve assim... era mais... não houve interação verbal, era mais prático. “Os alunos são capazes de fazer *transfer* de aprendizagem?”, notou-se que sim, porque o primeiro salto aquilo não correu muito bem, o segundo, logo que a P10 pôs a raquete, eles evoluíram logo, notou-se logo a diferença e, depois, notou-se que eles evoluíram na parte do salto, porque eles fizeram três saltos e notou-se que já faziam muito melhor. Eu só assisti a três, depois a P10 continuou...

P10: Sim, sim, mantiveram os mesmos saltos...

P14: Mas notou-se que eles evoluíram e gostei muito da ideia da raquete, acho que foi uma... boa ideia.

P10: Eu costumo pôr...

P14: Aí está, o desafio. A P10...

P10: ... eu agora em vez da raquete, vou-lhes dar a bola de basquete.

P14: A P10 foi à minha aula e disse-me... uma das coisas que nós devemos fazer aos alunos é o desafio e, realmente, o desafio...

P10: Eh pá, neste momento...

P14: ... muda logo as coisas...

P10: ... é o pormenor, não é?

P14: É isso que, se calhar, nos... também nos falta a nós um bocado. Pôr desafios mais... mais altos, aos alunos. Mas desafios que eles...

P10: Ou pôr as...

P14: ... que eles atinjam, mas...

P10: Sim, ou pôr as coisas sempre numa forma de desafio, *tás* a perceber? Não... olha...

P14: De avaliação. Basta pôr uma...

P10: Não sei se lhe chamaria avaliação, mas estímulo.

P14: Mas eles perguntam-te logo: “É para avaliação?”

P10: Pois, porque eles *tão*...

P14: Mudam logo de atitude...

P10: ... habituados só a isso, pá, porque eles sabem que isso é que é importante... Estão formatados assim.

P14: Não tenho mais nada para dizer.

P10: ‘Tão formatados.

P14: Não trouxe a... a minha.... Se calhar, ainda tinha mais alguma coisa...

P10: Olha, depois a aula, depois de ela ir embora, no final, já... um dos miúdos aleijou-se...

P14: Ai foi?

P10: Sim, no salto. Ao saltar, pá, eu sempre a dizer: “Atenção, com a chamada no... no quadrado branco do minitrampolim”, ele faz mais atrás, falha... mais atrás. Então, quando cai, cai com os calcanhares em cima do minitrampolim. Eu não consegui, era

um salto em que eu tinha que ‘tar de frente para o ajudar, não consegui chegar e ele “*bum*”, bateu com os, com os calcanhares mesmo... Apesar de ter aquela proteção, por baixo ‘tá o ferro, até a mim me doeu. Mas, pronto, ele ficou bem. Saltou ali uma lagriminha, levou um bocado de Picalm e de gelo e aquilo não, não teve consequências. Mas era [impercetível].

P14: Mas eu achei, eu achei que aula correu bem... a parte que eu...

P10: É sempre uma aula perigosa, até...

P14: ... depois eu vim um bocadinho mais cedo embora...

P10: ... um pé mal posto no minitrampolim, pode...

P14: Mas o que eu assisti, achei que os alunos eram...

P10: Mas, lá está, como, como estavam concentrados em fazer aquilo e a forma como estavam - salta um entra outro, salta um entra outro – não, ela não sentiu tanto aquele... Se for uma aula em que eles estão mais tempo parados, à espera que outro faça qualquer coisa, já é o... pá é um...

P14: Eu não, não...

P12: E...

P14: ... achei...

P10: ... ficam irrequietos, ficam...

P12: Eu não sei se tu notas isso nessa turma, mas uma das coisas que eu, nessa turma, noto muito, é que, neste momento, há muito mau ambiente entre as miúdas.

P10: Sim. Sim.

P12: E... e elas fazem ali uma... a forma como elas se comportam... é uma coisa impressionante, em miúdas tão pequeninas.

P10: Eu, ontem, quando *tava* ali, enquanto *tava* a anotar as minhas coisas, ouvi-as por trás assim, ‘tavam duas a chegar mais atrasadas do balneário, e ouvi assim: “Hum, a É. ‘tá muito junto da L., não estou a gostar!”, “A É. ‘tá muito junto da L., não estou a gostar nada”.

P15: A L. tem ciúmes...

P10: Porque aquilo é: “És minha amiga ou és minha inimiga”...

P15: É, muito ciúme.

P10: Era a L., que ‘tava a fazer esse comentário.

P15: É muitos ciúmes.

P12: Não, e depois fazem comentários muito depreciativos. Noutro dia, a C. faltou, começaram a achincalhar a miúda, que ia para o Funchal, comprava roupa no Bazar do Povo...

P10: Porque eles tratam-na mal...

P15: Sim.

P12: ... que o Bazar do Povo era do Chinês e que não se quê... E eu fiquei assim a olhar para elas e disse: “Olha, ponto 1, isso nem é conversa aqui para dentro da aula e ponto 2, mas qual é o drama?”.

P10: Sim.

P12: ... “Você só deve vestir Yves Saint Laurent, com certeza”. [risos] Então, pois... eu, depois, sobe-me logo estas coisas...

P10: É, eu também, eu também me passo logo com isso.

P12: ... ‘tás a perceber?

P10: Já ontem... também ‘tavam a...

P12: Eh pá, é assim, eu acho que os miúdos não são obrigados a dar-se bem uns com uns outros, isso é uma coisa...

P15: Não, isso, mas respeito...

P12: Agora, terem este tipo de atitudes assim depreciativas...

P10: E esta maldadezinha...

P12: ... é...

P10: São tão pequeninos e já têm esta maldade.

P12: ... aquilo é para magoar. Eles são pequenos, mas já são uns frasquinhos de veneno.

P10: É irritante!

P12: Eles são...

P15: Noutro dia, era a A. M. a gozar com a B.: “Ai ela é uma bebé, ainda brinca com bonecas...”.

P10: A B. e a C. são um bocadinho...

P15: E depois eu disse-lhe: “Pois, olha isso é muito feio, porque tu vais à casa dela ou ias, ias brincar com ela e agora ‘tás a dizer o que é que ela faz e isso é feio, não é? Para já é falta de educação”. Ela ficou...

P10: Já ontem, também, assisti, ‘tavam... a forma da C., a C. é grandalhona e é desajeitada, pá, é assim...

P15: Pois é, coitada.

P10: ... cresceu muito rápido. Mas é, de todos, os que me faz o melhor tempo, dentro dos rapazes e tudo, ela consegue ter melhores tempos que certos rapazes. E eles estavam a gozar com a forma de correr dela. Passei-me! Disse: “Arre, mas vocês estão a gozar porquê? Vocês não estão a olhar para a vossa figura. E além disso, ‘tão a gozar e ela é das que faz os melhores tempos aqui.”. Aquele miúdo que chegou de novo é um gozãozito!

P12: O J. C.?

P15: Pois é e ‘tá pior que o ano passado.

P10: Eu não conheço. Não foi meu aluno.

P15: Ai, eu, eu...

P12: Pois, porque ele, ele é assim... ele, ele...

P15: Não era teu, o ano passado?

P10: Ele já tinha esta turma, eu não tinha esta turma.

P12: Ela não tinha esta turma.

P15: Ah!

P15: Hoje separei-o.

P12: Ele, ele ‘tava na turma e depois, como os pais emigraram, ele foi com os pais para a Grã-Bretanha.

P10: Pois.

P12: ... só que agora regressou. Também foi uma altura meia tonta de regressar, que... ainda noutro dia também ‘tava a falar com o F. [PCE], eu não sei como é que vai ser com... por exemplo...

P10: Agora vamos dar avaliação a esse miúdo? Não sei.

P12: Pois, eu ainda, eu ‘tava a dizer ao F. [PCE], eu, teoricamente, não tenho elementos de avaliação para ele... Quer dizer, ele fez-me um teste, mas um teste não dá para dar uma nota de um trabalho que vem a ser feito desde janeiro, não é?

P15: Pois, olha...

P12: Mas, por outro lado, é assim, se eu não lhe der avaliação agora, no fim do ano, ele não passa o ano, porque tu para passares de ano...

P1: Tens que ter dois momentos...

P12: ... tens que ter dois momentos de avaliação.

P15: Mas, sabes o que é que a M. J. [PCP] ‘tava a dizer no outro dia, que, provavelmente, vamos ter que lhe fazer exames, a todas as disciplinas.

P12: Pois, não sei.

P10: Ah meu Deus, a sério?

P15: Sim.

P12: O F. [PCE] também me disse que ainda não sabia como é que isso ia ser...

P10: Mas porquê?

P14: Se não atribuírem avaliação agora?

P15: Porque é assim... olha, o sistema de ensino inglês...

P8: Sim, mas se ele teve, se ele teve avaliação lá no primeiro período...

P15: Não.

P10: O pior é que não teve...

P15: ... não tem, não traz nada.

P10: ... ele chegava no final...

P8: Mas não tem, não tem, mas isso é um problema deles, o nosso sistema não tem que se adaptar ao sistema deles.

P10: Então, mas e nós vamos fazer-lhe... os exames é só para quem chumba, para quem não passa, para quem ultrapassa o limite de faltas.

P12: Pois, mas é que o problema é que ele...

P15: É o problema, pois...

P12: ... de facto, se a gente levar... O F. [PCE] disse-me que eles ainda iam estudar isso e ver como é que ia ser...

P10: Então, por favor, vamos-lhe dar todos um 3 ou assim...

P12: [risos] ... mas é assim...

P15: Não sei se podemos.

P12: Mas...

P10: Nota administrativa.

P12: Não, tu poderes dar nota, podes sempre, não é?

P10: ... então não podes dar nota administrativa?

P12: ... desde que, desde que ele tenha assistido a um mínimo, acho que são oito aulas, ou tu tenhas dado um mínimo de oito aulas, podes sempre dar nota.

P15: Não, este período nós não podemos dar avaliação quantitativa.

P8: É verdade.

P12: Quem disse isso?

P15: Porque ele não 'tá cá há quatro semanas, tem que 'tar quatro semanas...

P12: Ele tem que ter oito aulas...

P15: ... na escola.

P12: ... assistidas.

P15: Ai a mim não me disseram isso, não sei.

P12: Olha, não sei...

P15: Era quatro semanas...

P8: Julgo que é um terço.

P12: O F. [PCE] o que me disse é que eles ainda iam estudar o caso, mas eu, é assim, eu cá ‘tou disponível para lhe dar uma nota, porque é assim, porque também acho que é um bocado estúpido o miúdo correr o risco de chegar ao final do ano e ficar retido, porque não teve os tais dois momentos de avaliação. Agora, que isto foi uma... Mas, por outro lado, é assim, se ele agora não tiver nota, se, como diz a P15, nós não pudermos mesmo classificá-lo, ele chega ao fim do ano e ele ‘tá numa situação de retenção. Como ‘tá numa situação de retenção, tens mesmo que lhe fazer o exame.

P10: Eh pá, isso é que não.

P12: Pois, isso é que não, eu também... [risos]

P15: Olha, e mais, olha, e a avó, e a avó disse-me que ele vai logo embora.

P12: Mas vai logo embora para aonde?

P15: Outra vez para Inglaterra.

P8: Sim, mas isso, o que eles dizem é...

P6: Então, o que é que ele vai fazer?

P12: Oh amiga, mas...

[impercetível]

P10: A mãe não conseguiu foi arranjar casa...

P15: Emprego.

P10: As casas são...

P15: Pois são.

P10: Há gente que não lhe aluga casa com crianças – e ela tem duas – não é? E aquilo não lhe correu bem. E agora ela trouxe-o. Foi para lá, foi lá e trouxe-o para cá. Agora...

P15: Trouxe os dois.

P10: Os dois. Supostamente, a mãe vai tentar desenrascar-se lá, arranjar lá casa e essas coisas todas, porque não podia vir para casa, que aquilo... acho que eles são para... eles vão para... vão para as aulas de manhã e depois saem tipo três da tarde...

P15: É, é às três.

P10: ... para vir para casa... Pronto.

P12: Exatamente.

P10: Porque a L. até ‘tava a dizer que ela devia era ter ido para lá, pedir licença sem vencimento aqui, devia ter ido para lá, trabalhava com a filha de manhã aquelas horinhas e depois à tarde ficava em casa...

P15: Ficava com os miúdos.

P10: [impercetível] ficava com os miúdos.

P12: Pois.

P15: Pois.

P10: Agora, que isto é...

P12: Não, mas a situação do miúdo é complicada...

P15: É.

P12: ... mas o F. [PCE], por acaso ainda...

[impercetível]

P12: ... ainda, eu ainda falei...

P15: Ai, sim. Eu também.

P12: Não, sabes que eu falei nisso agora, porque, sabem, eu detesto...

P10: Um exame envolve não sei quantos professores, por causa daquilo...

P12: Eu só dei... não e a trabalhadeira que tu tens a fazer o exame!

P10: Claro! Claro!

P12: Oh que chatice é essa.

P15: Olha, e eu fiz-lhe um teste diagnóstico.

P12: Portanto, mas é assim...

P15: ... ele não ia fazer...

P12: ... não sei como é que vai ser, mas, por acaso, eu falei disso ao F. [PCE], exatamente, porque, na véspera do teste, eu disse assim: “Eh pá, eu tenho um miúdo que eu, amanhã, nem sei se o obrigo a fazer o teste, porque a situação é esta assim, assim”

P10: Sim, olha, mas é uma forma...

P12: ... mas também pensei, mas também ele não perde nada de fazer o teste e... e, olha, não foi dos que se portou pior.

P10: Ele fez duas provas de velocidades, de tempos, já tinha tirado de outros e... ele perguntou-me: “Isto é para... dá para a minha avaliação?” e eu “Dá, pois!”

P12: Claro.

P15: Sim...

P10: “Estás sempre a ser avaliado”.

P15: Mas sabes...

P12: Claro.

P15: ... porque é que ele ‘tava assim tão preocupado? Porque em Língua Portuguesa, ele fez o teste, mas não lhe deram nota.

P10: Ai é?

P15: Ele também comigo ‘tava sempre a perguntar, eu fiz-lhe um teste diagnóstico e ele ‘tava sempre a perguntar: “Mas a professora vai dar nota?”, “Eu vou dar nota”.

P10: Mas fez o teste e não lhe deram nota?

P15: Não.

P10: Então, não lhe avaliaram, o teste?... Olha, agora, também não percebi.

P12: Olha, isso é que é uma coisa muito esquisita, mas pronto...

P10: Então, mais valia terem dito: “Olha, não venhas ao teste”.

P12: Exatamente...

P10: Então, se ele realizou o teste...

P12: ... se o miúdo realiza o teste...

P10: [impercetível] corrigir o teste...

P15: O mesmo, o mesmo.

P12: ... tinham mais é que classificar o teste do miúdo.

P15: Olha, eu fiz-lhe um teste um teste diagnóstico, o F. [PCE] e a M. J. [PCP] – eu fui falar com eles...

P14: E se depois não pudessem dar nota, não davam.

P15: ... e eu dei-lhe uma, uma nota, claro. No teste diagnóstico.

P12: Pois.

P15: ... porque não tinha sentido nenhum, não é?

P10: Isso foi o miúdo que te disse? Que não teve nota do teste?

P15: E a avó.

P10: Não sei.

P12: Bom, mais partilhas de observações, alguém tem?

P15: Olha...

P1: Eu! Eu tenho...

P15: ... tenho eu, também.

P12: Ah, bom, então, pronto, vá.

P15: Então...

P1: Eu fui a este, só que eu não tenho aqui os documentos, mas tenho em memória [impercetível]. Portanto, fui assistir ao P8, ao 8°C, e fui assistir ao famoso 6°C [risos] à... à aula da P10... A aula da P10 teve ali uns casos muito giros, eu achei piada. Lá 'tá, não tenho, não tenho, não tenho tido contacto com os miúdos mais pequenitos há muito tempo...

P10: E também era uma aula de minitrampolim.

P1: ... também era uma aula de... de salto. Portanto, a P10 fez a... verificou, fez a chamada, eles fizeram o aquecimento...

P10: Não, salto em altura, não foi?

P1: Foi salto em altura.

P10: Foi salto em altura.

P1: Foi salto em altura. Tu insistias, no salto em tesoura...

P10: Salto tesoura.

P1: Aprendi uma série de coisas [risos].

P10: Naquela faixa etária, é a técnica tesoura que se dá.

P1: Pois. Embora, ela embora tenha explicado: “O percurso que vocês têm que correr, assim para chegar ali e fazer chamada ali”, eles iam sempre a direito, claro, aquilo falhava sempre, [risos] achei uma piada. Uma coisa que eu... que não, não me saiu da cabeça foi o facto... havia, há uma miúda que é esquerdina.

P10: É.

P1: Portanto, ela corre ao contrário. Eu, ao princípio, vi a miúda sozinha lá ao fundo...

P10: Tu foste ver...

P1: ... “Bem, mas o que é que aquela vai fazer? ‘Tão todos aqui, o que é que ela ‘tá fazer acolá?’ e depois percebi. Ela corre ao contrário. Portanto, ela não vai para este lado...

P12: Ai, os esquerdinos também correm ao contrário?

P10: Não, não corre ao contrário...

[risos]

P1: Então, explica-me, explica-me. Porque é que ela... ela fez um salto de lá para cá.

P10: Os alunos que são direitos, a perna de impulsão deles é a esquerda...

P12: Ah, já percebi.

P10: ... e a [impercetível] levantam. A aluna que é esquerda, a perna de impulsão dela é a direita e aquilo faz o salto para a esquerda.

P12: Ah! Pronto.

P1: Pronto!

P12: Eu ‘tava a ver, se ela tinha que correr...

P10: ... por isso ela corre...

P1: Ela tinha que correr... Corre ao contrário era nesse sentido, do lado contrário.

P12: Não, já percebi. Agora já percebi.

P10: Corre do lado contrário.

P12: Claro! Agora já percebi, mas pensei que era...

P8: Vejam se é preciso ir buscar um marcador [impercetível].

[risos]

P1: Queres que faça um desenho?

P12: P8, não é isso, mas estava a pensar, eh pá...

P15: Ao, ao contrário...

P12: Eu 'tava a pensar assim, eu tenho uma prima que é canhota e eu, quando vou com ela à rua, andamos as duas na mesma direção... [risos] Não 'tou a perceber porque é que os canhotos têm que andar ao contrário... [risos] Desculpem.

P10: Não, ela quis dizer é, corre do lado contrário.

P8: Mas ela ao deitar-se, ao deitar-se, a impulsão é diferente.

P12: Não, claro. Eu sei. Não, é claro, eu sei, até porque eu tenho essa experiência de quando fiz ginástica rítmica, por exemplo, que as pessoas que são destras, há uma... são obrigadas a fazer série de exercícios com o lado esquerdo, exatamente para treinar e porque é mais difícil. E, se fosse esquerdina, é exatamente ao contrário... tens que fazer obrigatoriamente uma série de exercícios com a mão direita...

P10: Mas, por exemplo, no início de uma aula daquelas...

P12: ... porque é muito diferente, de facto... Uma coisa é fazeres um enrolamento de uma bola com a tua mão direita e outra coisa é fazeres com a mão esquerda, que é um bocadinho mais complicado.

P10: No início destas aulas, de salto em altura, eles experimentam sempre dos dois lados, para verem... às vezes, eles acham que são direitos e, pronto, são direitos e é daquele lado. E não, eles vão experimentar o lado esquerdo e até, quando aquilo é misto, aquela lateralidade é mista, até conseguem fazer melhor do lado esquerdo do que do direito. Portanto, eles, no início daquelas aulas, eles experimentam sempre os dois lados e, depois, veem realmente qual é o lado que lhes dá mais... E a R. é mesmo esquerdina.

P12: Pronto, continua, P1. Desculpa a interrupção.

P1: Eu achei piada... Aquilo... são... tua atenção, vês dezassete, dezoito meninos de um lado e ver uma sozinha lá ao fundo, eu pus-me ali a ver o que é que a miúda ia fazer.

P10: Discriminação! [risos]

P1: Não, pensei o que é que a miúda ia fazer para ‘tar acolá, num cantinho, sozinha. Pronto, ok. Depois ela é uma miúda fortezinha...

[impercetível]

P1: ... é um bocadinho mais complicado. Houve um caso caricato daquele miúdo, como é que era? M... M... M... M.!

P10: Estás a falar do... do que já chegava...

P1: Sim, o que já chega... não, já dá, já dá...

P10: Já chega. M..

P1: M., M..

[impercetível]

P15: O gordinho.

P1: Naquela... saltou, mas assim, tipo, vai, não quero e depois a P10: “Então, anda lá...”. Disse: “Não, não vou tentar mais, já dá para o 3, não dá?”.

P10: Pois... até aos 80 cm... a partir dos 80... entre os 80 e já não sei quanto, eles sabem que dá o 3.

P1: Quando um aluno de sexto ano diz isto, tu ficas assim, não é? [risos]

P10: Naquela... ele [impercetível] nos 70, nos 75...

P15: Não quis mais.

P10: ... saltou, saltava uma, duas, três... por acaso, saltava à terceira. Os 80 saltou e depois já não fez mais nada de jeito...

P1: Nem tentou.

P10: Eu depois: “Anda lá, insiste”... “Já dá para o 3, não dá?”. Pronto.

P12: Então, pá...

P1: Mas assim, mas é que assim com aquela atitude, “Tá bem, dá para o 3”.

P10: Então, hoje a saltar no minitrampolim, dizia-me assim: “Isto, a minha gordura não dá para mais. Eu não consigo”; “M., salta com força, bastante impulsão aí para subires e consegues fazer o salto”; “Não consigo, você não vê que eu não consigo, estas minhas banhas não me deixam”.

[risos]

P15: Mas olha que ele ‘tá bem mais forte!

P10: [impercetível] mesmo ao fundo e eu, da última vez, disse assim: “É agora, é agora M., é agora, tu vais saltar até lá em cima” e ele assim “Oh sim!”, quer dizer... Pum! Cai ali... “Tá a ver, não ‘tá? Eu sou pequenino, tenho esta gordura toda, não consigo”. Então, mas o mal é se ele leva isto pela vida toda.

P15: É...

P1: É, para um miúdo muito pequenino, é uma atitude derrotista...

P10: É.

P1: ... derrotista no sentido de... “Eh pá, deixa lá, não quero saber”.

P10: Eh pá, conformismo: “chega-me isto”.

P14: Pá, mas ele, é assim, quis atingir o limite dele, ele pôs um limite...

P10: Não, o limite dele, não.

P1: Não é o limite dele! Não, é: “Positiva, acabou. Nem tento mais.”

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Abaixo de 80, abaixo de 80 dava 2...

P1: Ele chegou... fez os 80 cm que era para o 3...

P14: Portanto, ele atingiu, ele atingiu o limite dele, ele pôs um patamar para ele.

P10: Pronto, é isso.

P14: ... Chegou lá, pronto.

P10: ... lá está... [impercetível – sobreposição de vozes].

P15: Dos objetivos, não é? De cada um.

P1: Fiquei muito... impressionada... primeiro, pela forma como eles se organizaram. Acho que os miúdos, ali a interação entre eles funciona bem. Há ali uma ou duas que são mazinhas, assim aquelas boquinhas, eu *tava* virada para a frente, mas elas ‘tavam aqui na baliza, ‘tavam naquele tchique-tchique-tchique, a cortarem a casaca uns aos outros, mas eram só duas ou três que ‘tavam ali. E fiquei muito impressionada com a

falta de... não sei se é... como tu dizes que é psicológico, provavelmente – porque a gente, entretanto, depois da aula falou um bocadinho - do M. .

P10: M. .

P1: M., não é? O miúdo, realmente, não consegue saltar, é impressionante...

P10: Mas devias de o ter visto hoje a fazer minitrampolim.

P1: É que é impressionante, ele não conseguia levantar a perna, impressionante! Sabes aquela sensação que a perna não vai porque ‘tá presa?

P10: Não. Tu preparas-te, fazes a corrida, chegas ali à zona do elástico...

P1: Onde ele tem que levantar a perna...

P10: ... bloqueias e não fazes o salto. Mas, no entanto, hoje fez o minitrampolim bem. Bem, dentro das capacidades...

P1: Será que tem a ver com a abertura, do ter que levantar a perna?

P10: Não, porque ele, na outra aula, ele fez uns saltinhos, ele até saltou até 85 ou que é que foi. Portanto, aquilo foi ele que bloqueou ali e bloqueia, já não vai lá... Com a pressão...

P1: Pois, depois é o querer fazer e ainda fica pior...

P12: É o Síndrome Fernando Mamede. [risos] A sério, é parecido.

P1: Pronto, olha. De resto, eu fiquei... fiz... fiz uma aula de 45 minutos, portanto, é... a aula foi nitidamente procedimental, prática... os putos organizados, putos organizados, a diversificação da... da... da forma de chamar à atenção... Adorei a aula, adorei a aula. Eu também gosto de aulas práticas, por isso [risos] adorei. ‘Tava curiosíssima para ver como é... porque eles são pequeninos, não é? É uma faixa que eu já não ‘tou com eles há muito tempo. E foi giro, foi giro ver aquelas coisas. E a preocupação deles: “A professora ‘tá aqui para a avaliar a gente. A professora vai dar nota? A professora tem...”. Depois, que eu levei uma...

P10: Mas sabes... à P14 ninguém perguntou...

P1: Eu levei uma plaquinha com...

P14: Acho que eles estavam assustados comigo ou qualquer coisa...

P1: ... para ir tomar... para ir preenchendo...

P12: Pois, exatamente.

P1: ... e eles: “Professora, tem a nota aí?”, mas assim com uma coisa: “A Professora tem... ‘tá a apontar a nossa nota?’” e eu [risos]... “O professor... Eu depois falo com a professora, não se preocupem”. [risos] Achei o máximo! Depois fui a uma aula, a uma aula do P8 com o 8º C, uma aula mais orientada para o conhecimento teórico. Eles, daquilo que eu... eu lembro-me, porque [impercetível] não tenho aqui as folhas. Eles tiveram que... Ajuda-me P8, que eu já não me lembro. Eles tiveram que...

P8: Era sobre os movimentos migratórios.

P1: Exatamente, exatamente, exatamente. E o... o... foi buscar vários assuntos e vê-se que eles... há ali um ou dois que tinham algum... conhecimento extra, vê-se que devem ser miúdos que veem o Canal História ou veem o Canal Odisseia, que têm assim algumas, vão dando assim algumas... Mas, também, eram dois... aqueles dois, os dois da frente.

P8: Sim, é o...

P12: L. G., para aí.

P8: M. e o L. G., também.

P12: ... e o L. M., são miúdos assim.

P8: [impercetível], o J. . Portanto, eles, nos movimentos migratórios...

P12: P10, quando precisares, ‘tás à vontade.

P8: ... usam o exemplo dos colegas para falar...

P10: Sim, o P4 disse que às seis e um quarto é que ele...

P8: Mas a aula foi uma aula vendida, não foi... [risos] Não, não foi... não... Podia ter utilizado o manual, não utilizei, não... Foi uma aula... quase de conversa com eles, em que eles iam perguntando...

P1: Mas eu gostei disso, exatamente. Eu gostei disso.

P8: ... eles iam respondendo. Sim, mas penso que poderia ter sido, por exemplo, ao ler este documento agora mudei completamente...

P12: Olha, leu.

P8: ... o conteúdo da próxima aula, porque achei que aquilo, aquilo foi um pedaço... foi um pouco do tipo eu tento manter as turmas do oitavo ano todas ao mesmo nível, aquela estava mais adiantada, que é o 8º C – que era a pior turma de sétimo, este ano é a melhor turma de oitavo, para trabalhar – e, portanto, como está mais adiantada, eles estão sempre a querer coisas novas. Agora eles têm uma atividade que querem fazer uma prova gastronómica, no final da semana da Europa, que é uma atividade que eles estão a fazer, os trabalhos que estão a fazer e, portanto, eles é que vão lançando. Mas penso que aquela, aquele tipo de conteúdo poderia ser dado de outra maneira mais engraçada, até porque agora temos a questão diariamente dos refugiados...

P1: Dos refugiados, exatamente.

P8: Mas pronto, vamos ver.

P1: Os dois foram buscar um... Há um deles – já não me lembro – ele ‘tava a falar no, no facto dos migrantes e falo no... no caso... ele... houve um deles que foi buscar a ver... que aquele... que é um dos que costuma, foi o L., se não me engano, que deve costuma... deve ver esses programas, porque viu um... um... um migrante que tinha um... como é que era? Um passaporte norte-americano, mas nem falava inglês [risos]. Portanto, é uma tentativa nítida e foi apanhado no aeroporto. E, na Colômbia, eles fazem isso *N* vezes. Vê-se que é um miúdo que tem curiosidade e que consegue transferir e ligar as coisas. Mas, lá ‘tá, foi uma aula mais teórica, não foi uma aula muito prática. A forma como o diálogo decorreu... pacato, no sentido, não era que eles ‘tivessem passivos, porque eles não ‘tavam passivos, via-se que ‘tavam interessados e que mandavam uma boca, mandavam outra boca e aquilo gerava... Mas não era no sentido da competitividade, ‘tá... era giro, era... eu achei giro, porque era tipo um complemento ao que o outro dizia e este lembrava-se daquilo e aquele acrescentava outro. Gostei. Gostei de qualquer uma das aulas. Gostei... Obviamente, gostei mais do da... [risos] da P10, por uma questão de... de ver mexer. É outra coisa, não é? Já disse a ela que quero... quero ir... à P14, que quero ir a uma aula de Química, a uma aula, mas que mexam.

P14: Uma aula...

P1: ... prática...

P12: Não expludam o laboratório! [risos] ... de preferência.

P1: Pronto! ‘Tá dito.

P15: Pronto, agora...

P12: A P15.

P15: ... eu fui à da P12, no dia 23 de fevereiro... ao 5º B.

P12: Foi.

P15: 5º B. Pronto, então, a... a P12 começou por... fazer assim uma breve revisão de... aquilo era o Condado Portucalense, não era?

P12: Já não me lembro, mas devia ser...

P15: As conquistas...

P12: ... andámos a dar essa... esse conteúdo.

P15: Pronto, depois, tu chamaste a atenção para as datas mais importantes e que... provavelmente, que vinha para o teste... uma cronologia, não era? De...

P8: O... Domingos Fernandes sabe que tu dizes isso, não?

[risos]

P12: Não falo com ele há bastante tempo. [risos]

P15: Depois, o... os alunos, estavam envolvidos... na... mandaste ler um texto... e... interpretaram um texto... responderam às questões que lhes foram solicitadas... e... finalmente, depois, pediste para fazerem grupos, por sorteio... que eles é que tinham sugerido...

P12: Ah, pois foi, foi...

P15: ... para trabalharem em grupo...

P12: ... o dia em que ‘tivemos a fazer o sorteio.

P15: ... eles tinham que, depois, trabalhar em grupo...

P12: Exato, ‘tivemos a fazer o sorteio para os grupos.

P15: Então, fizeram o sorteio... dos grupos e houve lá uns que não ficaram muito contentes com o resultado de quem é que iam trabalhar...

P10: Agradar a gregos e a troianos...

P15: Não correu muito bem um... [risos]

P12: É, é sempre... aquela coisa, não é? Eu acho que eles, se pudessem eliminar aquela colega da turma, eliminavam-na, [risos] pronto. E depois é assim, como da outra vez fui eu a fazer os grupos e, depois, eles acharam, quando fizemos o balanço do primeiro período, porque podia ser por sorteio e não sei quê, eu disse-lhes: “Olha, eu acho que, por sorteio vocês correm o risco de ter grupos mais desequilibrados. Quando sou eu a fazer, tento fazer grupos equilibrados, mas se vocês querem experimentar o sorteio, experimentamos o sorteio”. Claro que no grupo onde calhou a colega, houve um menino que ia tendo um ataque de apoplexia. Mas passou-lhe, pronto. [risos]

P15: Pronto, depois, portanto, os alunos... Ah, entretanto, distribuíste livros, não é? Materiais para eles poderem consultar e... eles conseguiram relacionar - ainda quando ‘tavam a interpretar o texto - relacionar e foram buscar matérias ou aprendizagens de aulas anteriores... Entretanto, depois de fazerem a separação dos grupos, trabalharam... começaram a... a escolher, não é? Os temas... que eles queriam... fazer em grupo e... os alunos respeitaram, tirando esse, que foi assim mais... não gostou do grupo. Mas pronto, mas eles respeitaram, organizaram-se logo em grupo e... Aqui a participação dos alunos foi ativa. Eles, enquanto ‘tiveram a interpretar, a fazer perguntas do texto, eles colocavam sempre a... punham... sabiam, eles sabiam... E é assim, eu como tenho aquela turma, eu... o que eu noto, há alguns miúdos que têm muita dificuldade em... porque querem participar, eles todos querem participar e, depois, por exemplo, a ir ao quadro, eles têm muita dificuldade, porque se não vão todos os dias ao quadro, já ficam chateadíssimos e: “Porque aquele vai e eu não fui. E porque...”. É verdade, é verdade que o M. ‘tá sempre em pé e eles já começaram a ver que ele ‘tá sempre levantado e que... eu que não lhe faço nada e que não pode ser assim... e que ele quer ir sempre ao quadro e todos os dias quer ir ao quadro. Pronto, tem dificuldade, é verdade. Ele tem muita dificuldade em permanecer sentado e respeitar...

P8: Mas isso, isso prejudica a aula?

P15: Um bocadinho...

P8: É que eu, às vezes, eu às vezes acho...

P15: ... um bocadinho, prejudica um bocadinho...

P8: Mas depois...

P14: A partir do momento que os outros começam a reclamar...

P15: ... porque ele levanta-se...

P14: ... ‘tá a prejudicar.

P15: Pois, exato.

P8: [impercetível] mas é assim, mas quem é que define as regras dentro do “coiso”? Eu tive um... num projeto que tive em Câmara de Lobos [impercetível], havia um miúdo que viviam vinte e quatro pessoas num T2.

[risos]

P12: Que horror!

P8: O miúdo...

P1: Tinha necessidade de andar...

P8: Andava aqui no pavilhão da escola, por exemplo, [impercetível] O miúdo uma das coisas que tinha era... não faltava a uma única aula, todos os professores davam-lhe uma tarefa, o gajo, tumba, tumba, tumba, despachava-se e depois levantava-se e ia ajudar os outros colegas. Eu ia para a reunião [impercetível] ‘tavam sempre a reclamar...

P15: No, mas não é o caso! Não é o caso!

P8: Então, mas aquilo que eu ‘tou a dizer...

P15: Não, não.

P8: ... é assim...

P15: Não.

P8: ... o miúdo perturba aula no sentido... É assim, eu, eu... por exemplo, aos alunos quando... ainda agora: “Oh professor, autoavaliação?”; “Quero lá saber da vossa opinião para alguma coisa!”.

P15: Perturba. Perturba.

P10: [risos] Eu também digo isso “Quero lá saber! Que é que... eu não quero saber da tua opinião!” [risos]

P8: E era... o que eu dizia a alguns colegas: “Oh colega, eu se tivesse a vida que este aluno tem, eu nem dentro da escola punha os pés”. Portanto, aquilo que eu penso é no

sentido, temos que nos preocupar menos com os outros pensam, eles até podem ir para casa a dizer aos papás que o menino tal ‘tá sempre em pé. É assim...

P15: Mas não é isso. É que eles acham...

P8: Sim.

P15: ... que tem tratamento especial e já disseram...

P8: Mas isso é problemas deles...

P15: ... não é?

P8: ... isso é uma realidade deles, isso é problema deles.

P15: Mas acaba por ser, é verdade.

P8: Olha, o A., o A., de certeza, foi teu aluno, do... daqui [impercetível].

P15: Ai foi, foi meu aluno.

P8: ... vinha, o A. vinha com um rótulo... eu penso que pais e... quem trabalha com ele...

P15: O do...

[impercetível]

P8: ... fizeram um trabalho com ele, parece-me, bastante positivo, por aquilo que me diziam do A., aquilo que eu conheço do A., não tem minimamente nada a ver...

P10: Dão medicaçãozinha [impercetível].

P8: Não, eu penso que sim. Não, ele próprio reconhece, ele só teve um dia em que *teve* instável e eu cruzei-me com ele no corredor e disse: “A., pá tu hoje estavas diferente. Ele: “Professor, eu peço desculpa, eu vim da Madeira no barco e não tomei a medicação”.

P15: Sim.

P8: Agora, que os pais e os professores de segundo ciclo, de certeza, que fizeram ali um bom trabalho, fizeram, porque ele nunca me faltou à educação. Aquilo que eu sei é que o A., todas as aulas, aos 45 minutos, vai à casa de banho.

P14: Estás a falar do 7º C?

P8: Porque ele durante a aula, zero.

P10: Mas não é...

P15: Mas não é...

P8: Ainda hoje...

P15: ... não, o...

P8: ... não, mas, o A., quando se levanta para ir à casa de banho – para já, faz-me sinal – e não tive até agora...

P10: E não te chateia, vai à casa...

P8: Não, nem tive nenhum colega a dizer: “Ah professor, porque é que o A. vai sempre à casa de banho?”.

P10: Nem mais...

P8: Para já, se perguntasse, levava logo [impercetível].

P15: Não, mas e... não é o caso, nem é assim. Não é assim. Ele... ele, por exemplo... quer ir ao quadro, mas nem pergunta, levanta-se logo e já quer ir, ir para o quadro, entendes? E os miúdos aí... Pronto e ele... E contigo, eles até que punham o dedo no ar e...

P12: Mas... só... este miúdo, eu também tive o mesmo problema no primeiro período, porque ele é um miúdo que tem muita...

P10: E está sempre assim ou já perdeu essa mania?

P15: Sempre.

P10: Na [impercetível] ‘tava sempre assim...

P12: ‘Tá sempre sentado à chinês.

P15: Oh P8 e olha e, às vezes, sabes como é que ‘tá?

P12: Não, assim, não ‘tá!

P15: Com licença.

P10: Já não ‘tá, mas chegou [impercetível].

P12: Não ‘tá, que eu não deixo.

P15: Olha, olha, olha, exato. E não é só assim, olha, outras vezes é assim, com o rabo todo assim no ar...

P12: Não, assim não ‘tá, porque eu não deixo.

P10: Eu aí até percebo, o miúdo é pequenino [impercetível].

P15: Pois.

P12: Mas é assim, eu vou-te explicar, ele é um miúdo, eu não sei porquê, ele é um miúdo que tem muita necessidade de dar nas vistas...

P15: Sim.

P12: ... percebes? Mas – e aí ao contrário de ti, P8 – eu acho que a autoavaliação é muito importante, porque o M., na minha aula, mudou do primeiro para o segundo período, completamente. E mudou, porquê? Porque quando fomos fazer a avaliação do primeiro período, o M. tinha uma expectativa de uma nota. Eu disse: “Não, olhe, não, porque os parâmetros são este assim, assim. Você, realmente, nesse parâmetro tem uma boa classificação, mas depois temos aqui um problema, que você ‘tá permanentemente a interromper a aula, ‘tá permanentemente... e assim, não... não dá. Porque a sua classificação nesse parâmetro, ‘tá a ver? Não dá”. E ele veio, no segundo período e eu noto, mas noto perfeitamente, que ele mudou e que ele faz um esforço para... para estar mais adequado na aula. E, pelo menos na minha aula, eu... eu, pá, eu até lhe acho uma certa piada, porque eu acho que ele tem alguma piada e depois ele é esperto, é bom aluno. Aliás, é uma turma com... que tem ali muitos bons alunos. Portanto, ele tem uma certa graça, pá, só que é assim, uma coisa é tu seres engraçado e outra coisa é tu, às tantas, já seres quase o palhaço da turma, não é? E perturbares o...

P10: Pois, é o saber estar.

P15: É.

P12: Exatamente.

P15: É, é.

P12: Mas comigo, depois daquela conversa que tivemos – e que foi uma conversa que tivemos todos, porque faço sempre isso, na última aula – o miúdo mudou de atitude. E eu... e eu não vou dizer que ele tem o comportamento que eu... que têm outros miúdos que lá estão, que são muito mais adequados, mas que ele já não tem aquela desadequação que tinha no primeiro período, isso não tem. Mas, eu percebo o que ela ‘tá a dizer.

P8: Sim, mas por isso é que perguntei se o aluno prejudicava a aula, porque eu não conheço o aluno. E, em relação a essa questão que tu falas, eu tenho alunos que mudam de postura sem que eu tenha que fazer autoavaliação.

P10: Sim.

P12: Pronto, ainda bem.

P8: Eu nunca faço autoavaliação...

P12: Pronto, ainda bem.

P8: ... porque acho que é desnecessária e que os alunos, portanto, não... a opinião deles é... vale pela dos pais...

P10: Eu digo-lhes que não me interessa que eles façam.

P14: Eu também... Eu também não me interessa, mas...

P12: Aí eu acho que na segunda parte, a gente, depois, vai falar disso e... e se calhar...

P10: Sim.

P12: ... o que eu 'tou a dizer que é autoavaliação não é o que tu entendes por autoavaliação.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Mas eu gosto de dizer aos alunos sempre. Mostrar quanto é que tem média do teste...

P10: Sim.

P14: ... disto e daquilo...

P8: Ah, mas eu dizer, não digo. Olha, eu dizer... Olha, eles olham para a pauta e veem a nota que lá está.

P14: Ah, mas eu gosto... eu gosto de fazer isso.

P15: A opinião, eu gosto de saber a opinião.

P8: Eu não.

P15: ... Eu, por acaso, costumo pedir para eles fazerem...

P8: Eu... eu gosto... gosto de saber a opinião...

P15: ... um textozinho...

P8: ... das amigas... e... [risos] agora de... Olha, e eu, por exemplo, tenho, olha, 7º A, até agora, introdução, então dou altas notas, sessentas, oitentas, noventas. Agora, é óbvio que complica um pouco mais, até porque eles estavam habituados à folha dos objetivos, não tiveram folhas, houve vinte, houve trintas... E eu esta semana tive um terço da turma a passar por mim, a virar a cara. Achas que eu ‘tou traumatizado?

[risos]

P12: Não, ninguém ‘tá a dizer isso.

P15: Não, não, não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas é a questão de...

P8: É que o meu ordenado...

P10: Mas, por exemplo, eles vão-se apercebendo...

P12: ... eu acho que contextualizar...

P15: E eles também gostam.

P12: ... o que... o que elas...

P8: Mas por isso é que [impercetível].

P10: Sabem e fazem uma avaliação também das...

P15: Eles sabem, olha, o teu filho, por exemplo...

P8: Por isso é que eu não faço, porque depois é assim, eu não, não... não ‘tou para ver um aluno que teve vinte, mas teve um de quarenta e nove ou cinquenta e três e chega ao final do período: “3!”. Eu ia dizer “Oh A., ‘tás tonto ou quê?” [risos] Não, eu prefiro não fazer do que... Do que depois dizer isto a um aluno: “Olha, mas tu não sabes fazer contas? Como é que te dá média de 3?”. Então prefiro não fazer. Sou bruto [impercetível].

P14: Mas eles não [impercetível].

P12: Pronto, mas olha, só para abreviar, é que a minha autoavaliação não passa por eles falarem, sequer, em notas. Pronto.

P8: Sim, até podem fazer um textozinho bonitinho, como uma aluna hoje estava, do nono ano, a pedir: “Professor, posso fazer a autoavaliação no computador?”; “Faz”; “E o que é que eu meto?”, disse: “Faz uma reflexão sobre o teu trabalho...”

P10: Escrevo a verde ou a vermelho?

P8: “... o que é que fizeste e depois no final tu, tu dizes, perante tudo isto, julgo que sou merecedora de tal... coisa”. Agora é assim, eu sei lá se isso, se era dessa forma que a colega trabalhava ou não. Eu não.

P12: Comigo, não. Comigo eles fazem... aquilo que eu chamo autoavaliação, é uma reflexão sobre o trabalho que eles desenvolveram, as dificuldades que eles sentiram, as dificuldades que eu também achei que eles tiveram, a... as coisas que eu acho que foram positivas, as coisas que eles acham que são positivas e como é que podemos melhorar.

P15: Isso também.

P12: Não falamos... Eu depois digo-lhes... eu, mas isso sou que lhes digo, porque quero: “Olhe, é sua nota, a proposta que eu vou fazer ao conselho de turma é X, a proposta que eu vou fazer ao conselho de turma é Y”, mas os meus alunos não debitam classificações a dizer: “Ai eu mereço 3” ou “Eu mereço 4” ou “Eu mereço 5”. O que, o que é muito polémico, que alguns deles acham que tinham direito de, mas... Portanto, é que quando ‘tamos aqui a falar de autoavaliação, eu e tu ‘tamos a falar de coisas diferentes, por isso é que eu te ‘tou a dizer, eu faço sempre e... e, para mim, eu acho que é uma coisa benéfica, porque eu acho...

P8: E? ‘tás-me a mandar essa boca, porquê?

[risos]

P12: Então, porque tu disseste que não fazias a autoavaliação, que não precisavas...

P8: Sim, mas ‘tás a... fazemos... estamos a falar de coisas diferentes, para dizer do tipo: “Eu, aquilo que eu estou a dizer, está certo”.

P12: Não, P8, não é o que eu ‘tou a dizer ‘tá certo.

[risos]

P8: Pois [impercetível]

P12: Eu sei que a P15... Eu sei, eu sei que a P15 não terminou, mas é só para te dizer que... por isso é que, para mim, é importante, ‘tás a entender?

P8: Eu percebo...

P12: Também percebo que esse tipo de autoavaliação, isso não tem interesse nenhum e, portanto, acho bem que as pessoas nem a façam.

P8: Eu percebo, eu percebo que vocês, enquanto mulheres, gostam de saber muitas coisas...

[risos]

P1: Lá tinha que vir, lá tinha que vir as mulheres.

P12: Pronto. Então, deixa a P15 falar.

P15: Mas... é... mas é uma característica das mulheres.

P12: Deixa, então, a P15 falar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Vá.

P15: É verdade. Pronto, então, ‘tava eu a dizer, a taxonomia foi respeitada e houve a aplicação dentro da taxonomia. E... e acho que correu bem a aula. Depois, entretanto, tocou, mas nem chegámos a, a conversar.

P12: Pois não, nós não chegámos a fazer conferência pós-observação.

P15: Não.

P12: Aliás, já com a P10 também não fiz. É uma...

P8: E já agora, os miúdos decoraram as datas?

P15: Ai, não sei.

P12: Olha, eu acho que sim, porque no teste eles tiveram essas perguntas quase todas certas. A generalidade dos miúdos acertou essas perguntas.

P14: Se não decoraram na aula, depois decoram em casa. Há coisas que têm que ser feitas em casa.

P8: Mas eu continuo a perguntar, eu não sei quem foi o primeiro rei de Portugal e isso o que é que faz de mim uma pessoa diferente?

[risos]

P14: Olha, eu também não sabia [impercetível]...

P12: E sabes o que...

P14: ... mas decorei à conta do meu filho.

[impercetível]

P12: Ó P8, é assim...

P8: Por causa [impercetível]

P12: ... eu acho que isso não é o mais importante na História, obviamente...

P15: É o relacionar, não é?

P12: Isso não é o mais importante, mas há... há factos que eles têm que memorizar. E há outra coisa que é muito importante, que a gente se esquece, que é assim, a... a memória é muito importante e a memória trabalha-se...

P15: Praticar...

P12: ... e educa-se.

P15: Pois é.

P12: E desenvolve-se.

P14: Pois é.

P12: E houve um tempo em que se achou que isso de pôr os meninos a memorizar...

P1: É antipedagógico.

P12: Eh pá, é verdade que aquilo que se fazia no meu tempo, que eu tive que saber as linhas de caminho-de-ferro, com estações e apeadeiros, do continente todo, de Angola e de Moçambique – graças a Deus, na Guiné não havia comboios, se não também tinha que...

[risos]

P12: ... e tinha que saber os rios de Portugal, onde é que nasce e desagua e passa por onde e não sei quê...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Quer dizer, aquilo também era um exagero. Não sei se me fez mal, mas era um exagero. Mas depois tu sabes - sabes isso tão bem como eu - também se caiu no exagero ao contrário, que foi achar que os meninos não precisam de memorizar nada. Ora, a memória treina-se, tem uma idade própria para ser treinada e... e a História também contribui para isso. Não é o fundamental para... E tu vês, nos meus testes, que o fundamental, as perguntas não são todas viradas para a memorização. Agora que é assim... e há coisas que eles têm que saber. Eh pá, têm, eles têm que ter noção que o D. Afonso Henriques viveu numa época um bocadinho diferente do Marcelo Caetano. Se não, então, quer dizer...

P15: Não, mas ela, também...

P12: Mas pronto.

P15: ... também chamou a atenção e disse quais eram as datas importantes. Não foram todas, ela também focou e disse...

[impercetível]

P15: ... “vocês têm que saber...”, eu até...

[impercetível]

P15: ... por acaso até escrevi aqui algumas: a conquista de Alcácer do Sal, a conquista de Silves...

P8: Ah isso é importante. E nota-se no...

P15: ... o fim da reconquista cristã na Península Ibérica, o tratado de Alcanizes, que tu disseste que...

P8: Nota-se que é importante, até a P15...

P10: Alca... quê?

P15: Alcanizes.

P12: É porque, depois... o...

P8: ... até a P15 nasceu, saiu da aula, outra pessoa...

[risos]

P12: Olha, não é isso. É porque depois estas... eu, eles saberem estas datas, também é importante para eles compreenderem o próprio processo de formação da nacionalidade,

para eles perceberem que foi um processo lento, longo, não sei quê, com avanços e com recuos, porque Alcácer do Sal é... a conquista definitiva, é mais de 100 anos depois da primeira vez que foi conquistada. Portanto, quer dizer, não é o memorizar só também por memorizar, é porque isso os ajuda a perceber as coisas, mas pronto.

P8: E a Revolta da Farinha, é importante?

[risos]

P12: Mesmo a Revolta da Farinha, eh pá, é assim, eu acho que se tu tiveres conteúdos de História da Madeira... a Revolta da Farinha é um acontecimento importante, até porque a Revolta da Farinha 'tá num contexto... muito interessante da História de Portugal. [risos] E portanto...

P8: E a luta das águas na lombada na Porta do Sol?

P12: Eh pá, essa não conheço. Mas pronto.

P15: Não, mas é importante, porque, por exemplo, agora esta história dos Talibans e dos Muçulmanos, eles também têm que perceber que Portugal teve – e tem – muita...

P12: Olha, por exemplo, uma coisa...

P15: ... muitos muçulmanos.

P12: ... que os miúdos fazem muita confusão, e que eu quis deixar bem claro para eles, é que para eles é assim, árabe, muçulmano e mouro é tudo...

P15: É tudo igual...

P12: ... a mesma coisa...

P15: ...é tudo. É verdade, metem tudo...

P8: Mas quem tem culpa disso é a comunicação social da forma como transmite a informação.

P15: Também é...

P14: Não, isso já [impercetível] na escola primária.

P12: É assim, a comunicação social não tem como função instruir...

P8: Ai... eu aí discordo...

P12: ... quem tem culpa disso...

P8: Aí discordo...

P12: Não, não. A comunicação social não é esse o seu papel principal e é assim, se os miúdos... Eu, quando ouço comunicação social, tenho sentido crítico.

P8: Sim, mas é assim...

P1: Não têm...

P8: Oh pá, mas 'tás a falar com os miúdos...

P12: ... e tu só...

P15: Sim.

P12: ... mas tu só podes ter sentido crítico se tiveres conhecimento...

P14: Claro.

P8: 'Tá bem.

P12: ... e os miúdos chegam aqui e dizem-me que mouros e muçulmanos e árabes é tudo a mesma coisa e eu tenho que lhes explicar que são coisas muito diferentes.

P8: Sabes o que está a passar na comunicação social? Tu nunca vês na comunicação social...

P14: Não, isso já se passa na escola primária.

P8: Tu nunca vês na comunicação social...

P15: Não.

P14: Passa, porque o meu filho disse-me exatamente a mesma coisa, que era tudo a mesma coisa.

P12: Mas é assim...

P14: Só depois de eu ter ido à aula da P12 é que vi que era coisas diferentes, porque eu achei que era...

P15: Os meus não. Nunca me disseram isso.

P8: Era tão simples...

P14: Mas, olha, mas o meu filho disse.

P8: Estar a dar a notícia, colocar num quadrado deste lado, um mapa do *mundi* [sic] e as pessoas estavam a... a perceber de que é que eles estavam a falar... que é o que se passa

nos livros de Geografia, que é, muitas vezes, aqui um documento a falar de... de uma zona qualquer e tem ao lado o globo e ‘tá lá sinalizado qual é a zona do globo, para eles terem uma visualização. E é isso que os... eu, quando tu dizes... Eu discordo, eu acho que os canais de televisão, para além... não é a principal função, não é... A minha principal função não é ser pai de nenhum puto, mas muitas vezes temos de ser...

P15: Pois.

P12: Bem, não quero entrar nessa discussão. P15...

[risos]

P15: Pronto, é isto.

P12: Mais alguma coisa?

P15: Não. Mais nada.

P12: Mais partilhas... P8...

P8: Eu...

P12: Tens...

P8: ...não vou assistir... tu tens, não tenho tempo para me coçar...

[risos]

P12: Pronto, ok. Eu também não tenho nada para partilhar, porque, como já disse logo no início, não tive tempo de assistir...

P8: Por acaso ‘tava a ver agora as datas, faltam-me...

P12: ... de assistir a nenhuma aula... quero ver... Por acaso, ainda gostava de, se tivesse tempo... mas é assim, mas eu sei que... mas era... quer dizer, gostava de assistir, mas não tem diretamente a ver com o nosso trabalho, porque eu gostava de assistir a uma ... uma tal dessa aulas de avaliação final, mas também não tem “cabidela” na nossa grelha e, portanto, não... mas... pronto.

P8: Mas podes, porque não? Assistes aos colegas que fazem, até para trocarmos impressões [impercetível] muito interessante.

P12: Pois...

P8: É reflexão vinda a público...

P12: Pois, exatamente. Mas... mas, pronto. Mas, esta semana, com certeza que já não... enfim, já não se irá proporcionar, penso eu, porque... porque é isso, porque as pessoas já ‘tão a fazer... o que ‘tão a fazer é entregar testes, fazer avaliações, não sei quê... Portanto, enfim, pode ser que ainda dê, não sei. Vai-se ver. Pensei... por acaso, pensei nisso, porque achei que era interessante, porque quando ‘tive a preparar a segunda parte da sessão, estas questões da avaliação, depois, vêm-me logo à cabeça, não é? Mas pensei: “Bom, mas isto não é compatível com a nossa grelha de análise”, porque a nossa grelha de análise é virada mais para... para a gestão do currículo, embora a avaliação tenha qualquer coisa a ver com a gestão do currículo, mas a nossa grelha de análise é mais virada para aí, para o ensino e para a aprendizagem e para forma como isso é gerido, nas nossas aulas. Não há mais nada para partilhar?

Vozes: Não.

P12: Então, eu sugiro que... façamos um intervalo, temos lá um bolo sem glúten e mais um licor de maracujá...

P15: Já ‘tá, P12?

[risos]

P14: Aaah, o tal famoso.

[risos]

P12: Tomamos um cafezinho... Diz, P8.

P8: Já agora...

P12: Diz.

P8: A senhora professora de História usa... faz testes diferenciados? É uma questão que não...

P12: Não, não faço.

P8: ... não tem maldade, atenção.

P12: Não, não faço. [risos] E vou-te já dizer porque é que não faço. Não faço...

P8: Ela já estava a dizer [impercetível].

P12: ... não, não, mas posso-te explicar porque é que não faço. Primeiro, porque os casos de miúdos que eu tenho nas minhas aulas, mesmo – por exemplo, tu tens o 8º C –

mesmo o P., o P. responde aos meus testes exatamente como os outros alunos. A única coisa que eu me preocupo, no 8º C – por acaso, ainda agora reparei e... e eu não gosto de fazer isso, porque eu gosto de usar a linguagem técnica e rigorosa e científica – mas como sei que, para a maior parte dos miúdos – e para estes mais especiais então, pior um pouco – às vezes, simplifico um bocadinho a linguagem, percebes? Mas o teste é igual para todos. Até por uma razão, porque o teste é só um elemento de avaliação no meio dos outros todos...

P8: Sim, sim.

P12: ... e eles têm muitas oportunidades de fazer trabalho diferenciado, quando ‘tão a fazer o estudo autónomo, quando ‘tão a fazer os projetos. Portanto, eles aí já têm muita diferenciação. Eu não preciso de ‘tar... já me dá uma trabalhadeira fazer um teste, se eu tivesse... Até porque é assim, eu para diferenciar, porque... então, eu não tinha que fazer um diferente, eu tinha que fazer tantos diferentes, porque eu tenho alunos tão diferentes ali na sala de aula. Eu, eu tenho alunos, por exemplo, que gostam muito dos meus testes, porque são testes de perguntas fechadas, tenho outros alunos que adorariam fazer testes com questões abertas. E, portanto, se eu vou diferenciar em função destas coisas, então, em vez de um teste para uma turma, eu tenho que fazer cinco ou seis. Portanto, não. E... e os meus testes... e vou-te dizer, P8, é assim, eu faço os meus testes para os mínimos, eu não faço testes... É assim, um aluno... comigo, facilmente atinge os objetivos mínimos. Depois, obviamente, tenho algumas perguntas de discriminação, para permitir, exatamente, que eu perceba que há alunos que não passam do cinquenta e cinco e há alunos que chegam ao noventa e oito, não é? Mas isso tu não precisas de fazer testes diferentes. Basta que dentro do mesmo teste, tu tenhas uma quantidade de perguntas que permite que a generalidade dos alunos atinge os objetivos mínimos e depois tens umas quantas perguntas para marcar as diferenças. Mas não faço testes diferenciados, não. Não faço.

P15: Mas depois adequas? Quando tem NEEs pões a cotação diferente?

P12: Não, não, a cotação é igual...

P15: Igual.

P12: ... e tudo. É tudo igual. É tudo igual. Não faço... diferenciação... pá, porque é assim, aquilo já é tão, tão, tão básico... que é assim, oh pá mais simples que aquilo só se eu puser lá as respostas também... E, por exemplo, e uma coisa que tenho a

preocupação de fazer, faço, sobretudo perguntas fechadas, porque... eu acho que a maior parte dos alunos têm grandes dificuldades ao nível da expressão escrita... E eu já vejo isso, por exemplo, nas aulas de estudo autónomo, já vejo isso nas aulas dos projetos, a dificuldade que eles têm de redigir um texto, de... ou a dificuldade que eles têm, por exemplo, de pegar num texto e de tirar de lá as ideias...

P15: Pois é.

P12: ... principais, etc.

P8: Como é que se justifica isso?

P12: Diz?

P8: Como é que se justifica isso, tendo em conta...

P12: Oh pá, não sei. Não me interessa... não sei...

P8: ... eles têm tantas horas de português...

P12: ... não...

P8: ... os pais [impercetível]

P12: Miguito?!

P8: ...reclamam tanto...

P12: ... Não sei nada. Sei que eles têm...

P8: ... que há muitos trabalhos...

P12: ... muitas dificuldades. E, então, o que é que eu faço? Minimizó as questões abertas, minimizo mesmo. E... e, às vezes, até por... por exemplo, o 8º C amanhã vai fazer teste. Eu tenho que lhes entregar o teste quinta-feira. A única forma de eu ter o teste corrigido quinta-feira, é ter um teste de perguntas fechadas...

P15: Claro.

P12: ... porque se eu tenho perguntas abertas...

P15: Claro.

P12: ... então... 'tou a corrigir testes...

P14: Ai eu também não faço questões abertas...

P15: Uma semana...

P14: ... e fechadas...

P12: ... portanto, mas é assim...

P8: Não tu... tu eras...

P12: ... mas...

P8: ... boa para [impercetível].

P14: ... fico horas e horas e horas a corrigir.

P12: Era!

P8: ... é que uma vez vi o teu horário não para a escola, mas para funcionária. Ah, o teu teste é de acordo com o... com o teu tempo para corrigir.

P12: Também! Mas, normalmente, faço testes de perguntas fechadas, habituei-me a isso há uns anos a esta parte...

P14: Mas, oh, oh P8...

P12: Mas vou-te explicar porque é que faço...

[impercetível]

P12: Mas vou-te explicar...

P8: [impercetível] a sério...

P12: Mas vou-te explicar porque é que faço, P8. Porque eu acho que, se eu fizer perguntas abertas e... e... e... e chega a uma altura do campeonato que eu começo-lhes a pôr algumas perguntas abertas, porque depois eu sei que há uma possibilidade de eles no... na... no nono ano terem que fazer um exame e eles têm que saber, também, fazer esse tipo de, de coisas, embora eles possam fazer essas questões, nas aulas de estudo autónomo. Mas, a... a probabilidade de eles terem notas piores, aumenta significativamente com as questões abertas. E dou-te um exemplo muito concreto, eu fiz agora o teste de sexto ano e os miúdos pediram imenso: “Oh professora, porque é que não põe perguntas para a gente fazer as, escrever as respostas?”. Eu disse: “Tá bem, se vocês...”...

P15: Querem.

P12: ...“... querem, eu não tenho nada contra isso”. E tem, tenho o teste – olha, por acaso não tenho aqui, não, o que eu tenho é o de quinto ano e o de quinto ano é todo

com questões fechadas – e a generalidade dos miúdos, nas questões abertas, espalhou-se a todo o comprimento, mas a todo o comprimento. E depois eles dão erros ortográficos, dão erros de construção frásica. Depois, nessas... nesses itens tu tens logo que tirar 10% à cotação se o aluno der erros ortográficos ou erros de... de... de organização da escrita. Portanto, por exemplo, eu tive uma miúda que não teve a cotação máxima numa pergunta, por causa de um erro ortográfico.

P8: Sim, mas isso acontece comigo, até por meterem...

P12: Se fosse uma pergunta...

[impercetível]

P12: ... fechada, eu chegava à mesma à conclusão que a miúda sabia a resposta e a miúda tinha a cotação máxima. Portanto, é assim, eu não vejo... É assim, claro que se me falares a nível de um nono ano, de um secundário, isso aí, ‘tamos a falar de outras coisas. Agora, a nível assim do...

P15: Segundo ciclo.

P12: ... do básico, do, do segundo ciclo, e mesmo do sétimo e do oitavo ano, não tenho necessidade... porque é assim, para saber como é que eles escrevem, então, isso ‘tou eu careca de saber. Eu vejo, nas aulas, de... de trabalho autónomo. Vejo como é que eles escrevem. Portanto, eu não preciso de... e acho que, se o que eu quero avaliar é o que eles sabem de história, devo fazer testes que minimizem a contaminação por outras vias. E, de facto, quando tu fazes um teste de questões abertas, há muito maior probabilidade de contaminação.

P8: Sim, mas o que importa é se houve aprendizagem ou não, ou não?

P12: Mas eu...

P14: Mas na de escolha múltipla dá para ver isso.

P12: ... mas, lá está, P8, mas eu afiro a aprendizagem da... com o teste de pergunta fechada. E não... e... e... e não acho que... e não... e eu acho que as pessoas têm um bocadinho a ideia que as perguntas fechadas são todas viradas para a memorização...

P8: Não.

P12: ... e não são!

P15: Não, mas... mas podem, por exemplo, eles fazer aleatório...

P12: Mas por isso...

P15: ... não é?

P12: ... também...

P15: Nas respostas...

P12: Sim. Podem...

P15: Não é?

P12: Mas por isso, também, há regras para fazer essas perguntas. Por exemplo, eu não faço perguntas... Eu faço perguntas de escolha múltipla com quatro opções, por exemplo, quem foi o primeiro rei de Portugal? Aqui é, claramente, uma pergunta para a memorização...

P8: Já tinha falado.

[risos]

P12: Eu, as opções que ponho, não é: D. Afonso Henriques, o Rato Mickey...

P15: Cinderela.

P12: ... o... o Pato Donald... e o Mário Soares. Porque aí, obviamente, que...

P15: Que ia ser... Claro!

P12: ... a... quer dizer, eu não 'tou a avaliar nada! Eu tenho que pôr opções que sejam credíveis.

P8: Posso pedir a ajuda do público? Basicamente...

P12: Às vezes, lá está, depois há umas perguntas em que eu já facilito um bocadinho, porque... mas...

P8: O Rato Mickey diz-me qualquer coisa. [risos]

P12: Mas, pronto, mas é assim... mas... porque... o item tem que ter validade e para ter validade, tem que ser credível...

P8: Claro.

P12: ... portanto, eu tenho que pôr lá nomes de reis de Portugal. Agora, se me disseses assim, às vezes até ponho - pronto, para simplificar um bocadinho a vida - até ponho, se eu quero saber, por exemplo, 'tamos a trabalhar o século XVI e eu quero saber se eles

sabem... o rei que foi mais... que teve maior... influência na expansão. Eu até sou capaz de pôr, ponho lá o D. João II, mas depois sou capaz de pôr... o D. Afonso Henriques, convencida de que ‘tou a pôr uma opção que nem lhes passa pela cabeça assinalar.

P8: Sim.

P12: Mas já tive alunos a fazer esse... esse...

P15: Porque eles erram.

P12: ... essa... assinalar.

P8: Eu assinalava esses todos.

[risos]

P12: Mas aquilo, depois, tem regras...

P1: Sim.

P12: ... portanto...

P15: Sim, mas...

P1: E nós, lembro-me, pelo menos aprendia isso e é... aprendemos isso, quando fazes as quatro opções, uma pode estar absolutamente errada, uma absolutamente certa e as outras duas tens que...

P8: Sim, mas...

P12: Exatamente!

P8: ... [impercetível] o sistema americano...

P12: Mas o ‘tar absolutamente errado e o absolutamente certo...

P8: ... se desconta nas [impercetível] erradas...

P15: Sim.

P12: Não, isso não.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas o que se aplica no sistema americano ou se aplica junto [impercetível].

P12: Não, não, não. Não. E também te digo uma coisa e também não sou tão rigorosa como deveria ser, porque é assim, quando tu fazes, por exemplo, na escolha múltipla, tu

fazes, por exemplo, três itens para um determinado conteúdo. E, se o aluno só acertar... E tu estabelececes um nível de proficiência, que é ele tem que acertar dois, para ter a cotação; se acertar só um, não tem cotação nenhuma. É assim, eu já percebi que isto é muito complicado de explicar aos miúdos, aos pais, até aos próprios colegas. Então, aí, eu faço uma aldrabice que é assim, cada pergunta vale X ...

P15: Pois.

P14: Pois.

P12: ... e, pronto e o aluno só tem que acertar.

P15: Exato, distribuir equitativamente.

P12: ... e o aluno só tem que acertar.

P1: [impercetível] é uma estratégia.

P12: ... ah e o aluno só tem que acertar... se...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E, às vezes, eu vejo que eh pá, se ele respondeu certo esta e respondeu certo e errado esta, é porque ele não percebe nada disto. Esta ‘tá respondida ao acaso. Eh pá, mas o que é que eu vou fazer? A gente sabe que nas... nas respostas fechadas, há sempre uma probabilidade...

P15: Essa, claro.

P12: ... da... da... de o aluno responder ao acaso. Mas também te vou dizer, que é assim, P8...

P14: Também não afeta... não.

P12: Não afeta nada...

P14: Nada.

P12: Já tenho... Olha, quando comecei, comecei com muito receio...

P14: Nada.

P12: ... mas a experiência vem-me dizendo que os resultados não são melhores por eu usar testes de escolha múltipla. E, às vezes, ouço bocas do tipo: “Ah, pois, porque escolha múltipla, não sei quê, é muito fácil, é não sei quê”...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: E eu, não é isso que eu vejo nos meus alunos.

P14: Nada.

P12: Eu tenho alunos que mesmo com um teste, todo em escolha múltipla, se calhar, tiram 20%. Também tenho outros que, depois, tiram 85.

P8: Eu posso adorar leitão, mas não quer dizer que toda a gente vá [impercetível]

P12: Pronto. Mas...

P14: Para os alunos bons, eu acho que é bom. Eles tiram, tiram boas notas aí, porque eles sabem, mas, às vezes, quando é para escrever, eles não chegam àqueles pormenores que nós queríamos...

P12: E não é isso. E, depois, a ...

P14: ... e ali eles...

P8: Eu metade do meu teste é: “Manifesta a tua opinião sobre o documento anterior”. Portanto, os meus testes é assim.

P14: E pronto e cada professor é um professor.

P12: Pronto. Ok, mas eu não tenho nada contra esse... esse tipo de perguntas.

P8: Não, por isso é que eu ‘tava a perguntar.

P12: ... mas eu não... não...

P8: E é por isso... por isso é que a pergunta nunca pode estar errada, é a opinião dele. E eu tenho é que, depois... é óbvio que já... eles estão avisados, dentro do contexto daquilo que trabalhámos na aula...

P15: Claro, dentro do contexto.

P8: ... [impercetível] por exemplo, querem ver um teste que eu apliquei, ainda há pouco, ao oitavo ano, o que é que faz lá um ca... um... casal gay que casou, ganhou um caso em tribunal, porque o... marcou um fim de semana num hotel e os donos do hotel eram idosos e eram católicos, quando descobriram que iam dormir dois homens juntos, nem... nem pensar, meteram-nos no meio da rua. Eles processaram-nos, ganharam o caso. O que é que isso faz num teste de Geografia? Estamos a falar de diversidade

cultural, depois tinha lá outro documento sobre o véu islâmico, o uso do véu islâmico nas... nas salas de aula e, portanto...

P12: Bem, vamos, então, fazer um intervalinho?

P8: Vamos.

P15: Vamos.

P12: Bom. Ele 'tá-me a dar sem sinal, porquê?

P8: É normal.

P12: Já... ele já dá.

P8: Quando se liga o...

P15: Fizeste ao contrário...

P12: Mas ele já devia 'tar a fazer aqui...

P1: Não, porque tu ligaste primeiro...

P10: Tem que se desligar e ligar a net.

P8: É.

P12: Ai é?

P1: Tens que ligar o computador primeiro, para ele tentar...

P12: Então, mas o computador... Eu nem percebo se o computador 'tá ligado ou não, amiga.

P15: Não?

P12: Não.

P8: 'Tás a ver aí uma luzinha verde, acesa?

P12: Agora já 'tá, agora já 'tá.

[impercetível]

P8: Já 'tá.

P12: Já 'tá, já 'tá, já 'tá. Já vai dar, P8.

P8: Pá, porque eu fiz assim.

[risos]

P15: A varinha mágica!

[risos]

P12: Eu não tenho dúvida nenhuma sobre isso, achas que eu, alguma vez, pus isso em causa?

P10: [impercetível] mete aí na cadeira.

P8: [impercetível] mensagem: “Mas outra vez outra lâmpada? Não queimei nenhuma”
[risos].

P12: Mas essa... eu não sei! Eu acho que essa nunca foi... aí...

P8: Não, não, eles, acho que limparam aqui.

P10: Houve uma altura que ele não deu nada, não dava nada...

P8: Mas acho que limparam o pó que acumula... isto tem tipo a coisa... a ventoinha do carro. [impercetível] o pc lá em casa tem pó...

P1: Vai... faz um, mu... como é que é? Montinhos de pó. [risos]

P15: Tem tudo.

P8: [impercetível] a limpar e aperceberam-se que funcionava, até porque isto deve ser... sido carote. Uma lâmpada destas.

P12: Ai, sim, não deve ser... não deve ser barato.

P8: Aqueles amanhã a perguntarem o que é que fazem estes livros de História ao pé da Geografia. Livros de História ao pé dos de Geografia?

P12: Querida, ‘tás à vontade. [silêncio] Então, porque é que não fechas?

P1: Dá-lhe tempo, ele ‘tá, ele é lentinho [risos]. Queres que ele trabalhe acelerado.

P12: Eu sou uma rapariga muito apressada.

P8: Oh...

[risos]

P8: ... estamos... no Porto Santo.

P12: Pois é.

P8: ... stress...

P12: Não, eu não tenho stress, mas sou um bocado acelerada.

P10: ‘Tá lá por cima...

P12: ... não sei se não foi no... ‘Tá, isso eu já vi.

P8: Nunca dê a perceber ao computador que tens *stress*...

[risos]

P12: Ele compreende e faz-se... Eu também, por acaso, já tenho tido esse pensamento, ele sabe que eu ‘tou com pressa e é quando ele...

P8: Bloqueia.

P12: ... quando ele empanca mais. [silêncio] Pronto, então, como eu vos tinha dito, aquilo que eu preparei foi uma pequena, uma síntese muito, muito sintética, passo a redundância, deste despacho normativo que é, tanto quanto eu sei, aquele que está em vigor, ainda, na nossa região. E organizei, portanto, tenho algumas... portanto, eu só tirei... eu fiz *copy-paste* de... de... do texto que lá está. Portanto, tirei algumas frases do preâmbulo e depois o... O despacho é muito interessante... porque o próprio despacho... fala de várias formas diferentes de avaliação: avaliação diagnóstica, avaliação formativa, avaliação sumativa interna. E eu deixei a externa de fora, porque a externa não é... não está ao nosso alcance, não é? E, portanto, achei que o que era importante era trazer para aqui as questões da avaliação que nos envolvem diretamente. Depois, também alguma coisa sobre constituição e funcionamento dos conselhos de turma nos segundos e terceiros ciclos. E, depois, a tal reflexão final que não é minha, é o tal texto que eu vos disse que recebi, que também não é o texto que eu recebi da Ivone Nisa, tirei umas frases da Ivone, que achei que era interessante trazer para aqui para falarmos um bocadinho. Pronto, e então, é muito interessante, porque aquilo que começa por nos dizer é que a avaliação está indissociavelmente ligada à aprendizagem e ao ensino e que é um processo para ajudar os professores e os alunos a ensinar e a aprender melhor. Depois, também, diz que é um processo contínuo, deliberado, sistemático, contextualizado e que vai permitir que os alunos, em cada momento, saibam aquilo que são capazes de fazer e, obviamente, tem, também, como objetivo melhorar a qualidade do ensino. Depois, diz que a avaliação tem uma vertente contínua e sistemática, que fornece ao professor, ao aluno e aos encarregados de educação e aos restantes intervenientes, informação sobre a aquisição dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades, de modo a permitir rever e melhorar o processo de

trabalho. E é... é muito interessante, porque o despacho 'tá sempre a falar dos vários intervenientes, dos vários intervenientes, que são intervenientes na avaliação os professores, mas também são os alunos e também são os pais e ainda podem ser outros, outras pessoas... e depois nós sabemos que a prática é um pouco diferente.

P8: Eu só, ali só tinha uma, uma...

P12: Diz, P8.

P8: ... uma questão na... a questão da avaliação contínua, de ser contínua, uma das coisas que acho que também temos que começar a resolver, porque eu apanho muitas conversas, às vezes, na sala dos professores, nos conselhos de turma, o conceito de avaliação contínua é diferente de professor para professor.

P12: Não, mas tu também já....

P8: Não é de todos, mas muitas vezes acabamos por ter...

P12: Sei, é diferente e... e... mas, eu acho que também tem a ver com a confusão que os professores fazem e que, por isso, é que eu acho que este despacho é importante e era bom que os professores todos lessem este despacho. E mais à frente tu vais perceber isso. Ai, então agora, fui... carreguei no botão ao contrário. Pronto, depois fala-nos da avaliação diagnóstica, que é sempre uma avaliação realizada no início de cada ano escolar ou em momentos que se considerem oportunos. Por exemplo, há pouco a P15 dava o exemplo do aluno que nós recebemos recentemente, a quem ela fez uma avaliação diagnóstica. E essa avaliação diagnóstica, o que é que pretende? Pretende perceber em que ponto é que o aluno se encontra, para que depois o professor possa fazer estratégias de diferenciação pedagógica, para superar as dificuldades do aluno. E este... esta avaliação visa, também, a integração escolar e o apoio à orientação escolar e vocacional. E eu, aqui, dá-me logo vontade de dar assim uma grande gargalhada, porque... enfim, a orientação escolar, normalmente, é mais feita em função da avaliação sumativa, que é, “eh pá, este com tantas negativas, o melhor é ir para o CEF”. [risos] Não é bem tendo em atenção à avaliação diagnóstica. Mas, depois, a gente vai fazer a discussão no final. Depois, a avaliação formativa – e aqui é que eu acho que é o busílis – é que é assim, a avaliação formativa assume um carácter contínuo e sistemático, esta é, de facto, uma avaliação contínua, ou seja, aquela... aquela avaliação que nós fazemos para, nos diferentes momentos do ciclo de ensino e de aprendizagem, termos noção do que é que o aluno sabe, das dificuldades que o aluno tem e criarmos estratégias para que

o aluno possa superar essas dificuldades. Essa avaliação formativa é que é contínua. E eu acho que o grande problema – e é por isso que, depois, há muitas discussões e até há situações em que, pronto, que acho um bocadinho engraçadas – é que as pessoas acham que avaliação contínua é 3, 2, 3 ou 3, 3, 2 não pode ser, porque a avaliação é contínua. Mas se for 1, 2, 3, já pode ser. A avaliação é contínua à mesma, mas já, já pode ser. Desde que o aluno passe, pode ser tudo. Se o aluno não passa é que é pior. Portanto, há, de facto... a legislação fala, põe bastante ênfase nesta avaliação formativa. E as pessoas que leram o texto do Domingos Fernandes ou, pelo menos, que leram o início, ele fala exatamente disso, dos, dos dois grandes tipos de avaliação, que é a avaliação para a certificação e avaliação para a melhoria, para a aprendizagem. E essa é a tal avaliação formativa. Pronto... aí, ‘tou sempre a carregar no botão errado. Depois, temos a avaliação sumativa interna e essa já tem outro objetivo, que é informar o aluno e o seu encarregado de educação sobre o desenvolvimento da aprendizagem definida para cada disciplina e tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno. Portanto, em função daquela classificação...

P10: Selecionar.

P12: Pois! Mas, atenção que vejam que aqui, na avaliação sumativa, não há nenhuma referência...

P10: À formativa.

P12: ... à contínua.

P10: ... a contínua. Ou à formativa, não é? Pois.

P12: Exato.

P10: Exatamente.

P12: É por isso que eu, às vezes, quando as pessoas me vêm com aqueles argumentos do: “Ah, não podes dar essa nota, porque a avaliação é contínua”...

P8: Sim, mas... mas também não nos pode... não te podes regular só por este despacho. Este é um despacho, mas depois existem outros documentos que nós... acho...

P12: P8, mas é assim, o que eu tenho que... Eu não me posso regular só por este despacho, mas em nenhum documento que eu li – e eu li este e li mais – diz que a avaliação sumativa é contínua.

P8: Não, mas pode falar, por exemplo, a avaliação é contínua, não tem que dizer obrigatoriamente se é sumativa, se é formativa. Os...

P12: Não, mas os documentos clarificam bem qual é... Porque...

P10: Distinguem...

P12: ... a questão é essa.

P10: ... 'tás a perceber?

P12: É que nos documentos está claramente...

P10: ... Fazem a distinção.

P8: Clarificam bem...

P12: ... está, está claramente explícito qual é a avaliação...

P15: Sim.

P12: ... que é contínua.

P10: É.

P8: Então, eu, eu vou-te depois mandar o 72 e o 73, portarias 72 e 73...

P12: Depois...

P8: ... tu vais-me dizer qual é o que clarifica.

P12: ... diz assim, a avaliação sumativa é interna, é realizada através de um dos seguintes processos: avaliação pelo conselho de turma no final de cada período letivo, portanto, é a que... aquilo que a gente faz, nas reuniões de conselho de turma.

P10: Ah, então, 'tás a ver, nós não precisamos de fazer a sumativa.

P12: Não, nós temos que a fazer.

P8: Este é a sumativa.

P10: Não, mas não... tu, professor...

P12: Sim.

P10: ... não precisas de a fazer, porque a sumativa vai ser feita ali...

P8: Mas tu não fazes, tu fazes só a proposta...

P12: Sim, mas, mas faz...

P1: Aquilo... aquela nota é uma [impercetível].

P12: ... mas, mas é feita ali por uma proposta tua...

P15: É uma proposta. Pois, exato.

P12: Tu apresentas uma proposta. Ou, então, por provas de equivalência a frequência. Ora, uma prova de equivalência a frequência não tem nada a ver com avaliação contínua. Eu posso ter andado um ano inteiro a jogar ao berlinde e, depois...

P10: Até porque as provas de equivalência são...

P12: ... aplico-me ali à força toda e faço a prova de avaliação e passo. Portanto... pronto. Depois, ainda, sobre a avaliação sumativa, ela implica uma classificação em cada uma das disciplinas, ela vai permitir tomar decisões sobre a transição no final de ano, a aprovação no final de ciclo, a consequente renovação de matrícula e a conclusão do ensino básico. Depois, para efeitos da avaliação dos alunos, o conselho de turma é constituído por todos os professores da turma. E eu trouxe aqui esta... o ponto 5...

P10: Ah, ainda diz à exceção do professor de Religião e Moral, que pode ter missa...

P1: Ora bem.

P10: ... ou qualquer coisa para fazer...

P12: ‘Tá bem... [risos] Pronto. A... a deliberação final, a atribuir em cada disciplina, é da competência do conselho de turma, que... que aprecia as propostas apresentadas por cada professor e as informações que suportam essas propostas e também a situação global do aluno, que eu acho que é uma coisa que às vezes a gente não olha muito e, por exemplo, tu, o ano passado, tiveste comigo num conselho de turma e viste que eu alterei uma nota. E alterei porquê? Porque, é assim, realmente, na minha disciplina, aquele aluno não tinha atingido os objetivos mínimos, mas se a minha nota se mantivesse, o aluno perdia o ano. E é assim, valia a pena reter aquele aluno? Ia ser útil para o aluno ficar mais um ano?

P8: Mas...

P12: E eu pensei, “Eh pá, eu acho que é melhor... não”.

P8: Eu, enquanto coordenador, tenho uma... uma leitura diferente...

P12: Então, diz-me.

P8: ... eu acho que até que os conselhos de turma até fazem uma análise bastante... profunda da situação global da maior parte dos alunos.

P12: Fazem?

P8: Na minha opinião, [impercetível].

P12: Não sei, olha, eu, por exemplo, naquela reunião – e tu ‘tavas lá – e eu, e eu até te disse assim baixinho “Posso alterar a nota?” e tu mandaste parar tudo. Naquela altura, ninguém se manifestou...

P8: Sim, mas...

P12: ... nem sobre a minha nota, nem sobre a dos outros.

P8: ... nós temos... nós temos um, uns casos concretos – e sem querer ofender, como é óbvio, ninguém – nós temos duas disciplinas que são intocáveis, que é a Matemática e o Português. Nós, nós chegamos a um ponto de situações tão ridículas, tão ridículas. No ano anterior, tínhamos um aluno, por exemplo, pá, que era um aluno com dificuldades de aprendizagem, não tinha grande motivação, que andava ali nos quarentas e tais e o professor: “Eh pá, mas eu dar um 2? Imagina que ele vai lá e tira-me um 1”. Porra, ele foi lá, tirou sessenta e nove. Ele, mais um ponto, tirava 4 e tinha transitado de ano. E o triste do aluno ‘tá a repetir o ano, porque teve sessenta e nove. Será que custava assim tanto àquele professor...? Custava, porque ele era de Português. E custa aos colegas de Matemática.

P12: Ah, aqui, eu não...

P8: Isto não é criticar os, é dizer diretamente...

P12: ... eu não... não...

P8: É dizer diretamente, é assim, nunca, eu nunca vi um colega de Matemática nem de Português, no terceiro ciclo, dizer assim: “Olha, eu assumo a responsabilidade, eu ponho a nota a votação. Então, é assim, colegas o que vocês acham? Acham que este aluno vale... merece uma oportunidade ou não? Eu... se acharem, eu...”. Nunca! Espera aí... tenta-se se ver sempre nas outras disciplinas: “Como é que é? Olha, não sei quantos...”.

P10: É verdade, nunca vi.

P12: Bem, é assim, que há um preconceito em relação às disciplinas, há. Por exemplo, um aluno que chumba com Educação Visual ou com Educação Física, cai o Carmo e a Trindade.

P10: Exato. Ui!

P12: Eh pá!

P8: Tivemos, olha, tivemos um aluno no oitavo, no 8º A, neste momento, o L. ...

P12: Eu não estou a dizer que não que não [impercetível].

P8: ... há dois anos chumbou com Educação Visual, ninguém no conselho de turma, analisámos a situação ponderadamente...

P10: Mas isso, isso é uma exceção.

P8: Não, não, olha, que eu acho que não foi...

P10: A maioria fica assim...

P8: Não, as pessoas disseram cada uma, o diretor de turma só disse assim: “Olha, colegas daqueles, das quatro negativas, há alguma que esteja na dúvida?”. E toda a gente apresentou os seus dados, uns era vinte, outros treze... E, pronto, e o aluno chumbou. O pai, os pais...

P12: Sim...

P8: ... meteram recurso e o aluno ficou retido na mesma.

P12: ... mas oh P8, a questão não é essa. A questão é que é assim, a... há disciplinas em que ninguém se escandaliza se se mudar a nota, porque “Ah, agora vai o miúdo chumbar... por causa de Educação Física”. Porque é que hei-de ser eu a de História – que a História é uma coisa tão séria – a subir a minha nota e não é a das cambalhotas, pá? Que aquilo não tem interesse nenhum para ninguém.” Há este preconceito...

P10: Há.

P8: É verdade. Mas... [impercetível]

P12: ... eu acho que há. Agora, o que eu também acho e... e é por isso que eu acho que isto é importante e que é assim, é que... é evidente que quando eu vou para um conselho de turma e – e parto do princípio que os meus colegas fazem a mesma coisa – quando nós vamos para um conselho de turma e propomos um 2 para um aluno, é

porque efetivamente o aluno não atingiu os objetivos mínimos. Portanto, o nosso 2 está mais do que fundamentado. Agora, quando o aluno ‘tá naquela situação em que tem as tais quatro negativas e, se tiver três, o aluno até transita, mesmo sabendo, eh pá, é... aqui o caso do ano passado, o miúdo não teve 2 porque eu embirrei com ele. Não, ele tinha 2 porque a... a nota dele era quarenta ou... quarenta e pouco e já no segundo período tinha sido assim. E, portanto, não havia ali grandes coisas a fazer. Mas o que eu acho que tem que ser analisado não é a situação global no sentido “Então, em Geografia ele ‘tá com quantos? Ah, quarenta e cinco. Educação Física quarenta e sete, História, quarenta e oito. Ah, então, sobe História...”. Não é isso, é naquele sentido de nós, às vezes, pararmos para pensar, porque...

P8: Ah, mas o que tu ‘tás a dizer, no terceiro ciclo não é essa, não é isso que se costuma fazer...

P12: Pronto.

P8: ...o que, normalmente, o diretor de turma diz, eu vou-vos... “Malta, digam-me uma coisa, este aluno ganha alguma coisa em continuar... mais um ano?”. Por exemplo, o S., que estava no nono ano, tem dezoito ou vai fazer dezanove anos ou não sei quantos. Custa assim tanto, se for um aluno que tenha quarenta a Português ou a Matemática, oh pá, dar uma oportunidade ao tipo “Olha, vai lá, espatifa-te no exame, mas vai lá”.

P12: Não, mas é isso que eu te digo, é que o olhar para a situação global do aluno, para... na minha perspetiva, não é ir olhar para as classificações que o aluno tem. Porque é evidente que, se o aluno tem aquelas propostas, é porque não há possibilidade de lhe fazer outras. Agora, o que eu acho é que é assim... pensar globalmente, olhar para a situação do aluno, é também olhar numa, numa perspetiva de projetar o futuro. E é assim, o que é que é melhor para este aluno? É ficar retido ou é a gente passá-lo, mesmo sabendo que há aqui uma classificação que vai ficar artificial...

P10: Com tanta lacuna, não é?

P12: Diz...?

P10: Com tanta lacuna, uma vez que tem aqueles níveis todos...

P12: Oh pá, P10, mas é assim, eu...

P10: Pois.

P12: ... ‘tás a perceber? E eu acho que isto é uma coisa que... Já houve uma altura em que se fazia isso muito nesta escola – e eu até acho que, nessa altura, até era demais...

P6: Que era demais.

P12: Era demais e depois caiu-se no extremo oposto, que é...

P10: Agora, de vez em quando...

P12: ... tens lá...

P10: ... faz-se para uns e depois não se faz para outros...

P15: Pois, mas isso também eu ia dizer isso...

P12: ... [impercetível] nem se discute. Tem quatro negativas, ‘tá chumbado.

P15: ... aqueles...

P10: É.

P15: Mas, às vezes, P12...

P8: Eu aí não tenho [impercetível] com essas questões...

P15: ... há aqueles miúdos que estão ali entre o 2 e o 3 e são esforçados...

P10: Pois e ficam com o 2.

P15: ... não é? E depois há aqueles baldas, não é? Que até nem fazem nada, mas até já têm dezasseis e quinze anos e para não andarem a chatear até os passam e depois aquele miudinho, que até se esforça ao máximo e que não tem mais capacidades...

P10: ... tanto é que fica [impercetível].

P15: ... e fica retido, ‘tás a ver?

P12: Pronto, mas aí eu acho que...

P15: Essas injustiças...

P8: Mas isso, isso aí é...

P10: Tem que haver bom senso...

P8: ... responsabilidade...

P10: Não! Do conselho de turma...

P8: ... do conselho de turma.

P10: Mas tem que haver um consenso. Mas se tu depois fazes...

P12: Claro.

P10: ... esta proposta, então, espera lá, porque se eu alguma vez, eu sempre que tenho que fazer essa subida de nota, eu faço. Se é para bem do aluno, eu faço. Mas eu subo os outros todos.

P15: Pois.

P12: E também não me escandaliza nada!

P15: Mas não fazem isso.

P10: Porque não, porque... acho que...

P8: Mas se estiveres no conselho de turma, deves-te manifestar.

P10: ... mas se tu propuseres isso ao conselho de turma e... [impercetível] assim.

P8: Não, eu 'tou a dizer... tu 'tás num conselho de turma em que há uma situação dessas, tu dizes: "Oh colegas, mas será que não era justo, darmos... dar a este miúdo que é fraquinho?". Eu tive um colega em Câmara de Lobos que pegou... assumiu a transição de um aluno com seis negativas.

P15: Pois.

P8: E o aluno transitou, porque 'tava num determinado, num determinado projeto e ele hoje em dia, sempre que me cruzo com esse aluno, ele diz: "O professor C. [impercetível]".

P15: Mas depois vai a votação, depois vai a votação.

P8: Sim, mas vai a votação, mas é assim, mas tu ficas com a consciência que expuseste a situação e as pessoas votaram. Agora, num sistema democrático, por vezes ganhamos e outras vezes não. Eu, por exemplo, tenho claramente uma opinião muito diferente em relação a isto, do que a P12 nos está a dizer.

P15: Pois.

P8: Eu...

P15: Olha, por exemplo...

P8: ... muitos casos que...

P1: O processo [impercetível] é um bocadinho diferente.

P8: ... eu tenho assistido, eu acho que tem havido uma ponderação mesmo muito, muito grande e só não tem transitado de ano em situações destas, situações muito, muito, muito raras. Achei uma injustiça bastante grande o L. – que eu falava ainda há pouco – que está no 8º A, que se o... se houvesse ali, se os pais fossem outras pessoas e se soubessem fundamentar bem fundamentado o recurso, teriam ganho o recurso. Os dados que nos foram apresentados não permitiram isso. Mas, de resto, não me estou a recordar de nenhum que sentisse injustiça no sentido do conselho de turma dizer: “Oh pá, vamos estar a discutir sobre esse gajo outra vez?”. Sinceramente não... não...

P15: Olha, eu achei isso, por exemplo, relativamente ao E. . E esse miúdo nunca mais vai fazer o sexto ano. E, no entanto, ficou retido.

P8: Sim, mas o problema é que nós temos o hábito de jogar a toalha para cima dos outros.

P15: E ele desistiu...

P8: No ano anterior...

P15: ... ele desistiu...

P8: ... houve uma situação, num conselho de turma...

P10: Passaram o C. e não passaram o E. .

P15: Pois, estás a ver?

P8: P15, no ano anterior, houve uma situação num conselho de turma em que houve um colega, na avaliação dele, que teve um aumento muito grande de um período para o outro. O conselho de turma deu-se ao luxo de, depois, mandar uma carta para o pedagógico a dizer onde é que, o que é que andava o pedagógico a fazer, porque não, não, não tinham dado aquele aumento de nota. E eu... e eu tenho um elemento, no meu grupo, que faz parte desse conselho de turma, eu cheguei ao pé dele e disse, só lhe disse assim: “Tu não tens vergonha na cara?”. E disse mesmo ao L. V., também. E sou amigo deles, eu disse: “Vocês não têm vergonha na cara?”.

P15: Claro.

P8: “Se fosse outra escola, vocês levavam um processo. Quer dizer, vocês estão numa reunião abananados, há um colega que dá notas como quer, vocês discordam da nota e aprovam a nota? E depois mandam...”.

P12: [risos] Exatamente.

P8: “... mandam bitaites para o pedagógico. Quer dizer, o pedagógico agora é que tem que andar a ver se as quinhentas notas... os quinhentos alunos foram todos bem avaliados? Isto é uma coisa do outro mundo”. E as pessoas ainda acham-se no... no direito de dizer que o pedagógico é que anda abananado. E eu digo isto por ser do pedagógico, ‘tou-me pouco lixando, para mim estes... estes conselhos pedagógicos e comunidade educativa não valem nada. Acho que é...

P15: Claro.

P8: ... é um grupo de amigos que se junta para... para beber café.

P15: Sim, mas, mas, às vezes, também é o bom senso, né? Porque, por exemplo, ‘tamos a falar...

P8: Sim, mas...

P15: ... de segundo e terceiro ciclo, mas quando é secundário, também não fazem isso. Sobem a nota ao menino para ir a exame, mas depois, quando é para valorizar o... o... um aluno que até, se calhar, ‘tá ali e tem um valor a mais, também não fazem, não é?

P8: Não sei, já não te posso... isso é no secundário, não... portanto...

P15: Portanto...

P8: ... falo só a nível do terceiro ciclo. E é a ideia que eu tenho.

P12: Mas sabes que eu acho...

P15: Eu acho que ainda é pior, porque já é...

P12: ... e dou a minha opinião e a minha experiência – e é por isso que eu acho que esta coisa de se olhar para a situação global do aluno é... acho que deve ser uma coisa para a qual nós devemos estar sensibilizados – é que, muitas vezes, nós usamos a avaliação com critérios que são tudo menos pedagógicos. Usamos a avaliação como prémio ou como castigo. Eu vou-te dar um caso concreto, eu tive uma vez num conselho de turma de sétimo ano, em que havia uma miúda que estava chumbada. Oh pá, a miúda era uma querida, era um doce de miúda, não fazia mal a ninguém, tinha uma família complicada,

tinha não sei o quê, tinha não sei que mais. Eh pá, mas, realmente, ‘tava chumbada. E chumbada, não era com quatro negativas. Mas o conselho de turma... decidiu votar e só eu e outra pessoa que lá estava é que votamos contra a passagem da aluna. Eu até que nem sou muito de votar contra passar miúdos, pá, mas naquele caso, achava que não era útil para a miúda, porque as fragilidades eram tantas, tantas, tantas que aquela menina não tinha condições de superar aquelas fragilidades. Era preferível mesmo, pronto. Pronto e... mas ela era... era coitadinha, era a desgraçadinha da turma. Ela era a desgraçadinha da turma. Em contrapartida, na mesma turma, um aluno que deveria estar agora no décimo primeiro ano e que ainda está no nono, chumbou com quatro negativas. Porquê? Oh... “porque é um baldas”, não sei o quê, não sei que mais... ta-ta-ta, ba-dé-ba-dé, pardais ao cesto. E é assim, eh pá, isso a mim não me interessa, o que me interessa é: eu acho que aquele aluno, se tivesse passado, ele tinha capacidade para superar as dificuldades que tinha e, se calhar, a esta hora... e acompanhava a turma dele e se, calhar, a esta hora ‘tava no décimo primeiro ano, como os outros. Mas, como o miúdo era daqueles miúdos – pronto, ‘tava naquela idade de ser irreverente, de ser, enfim – chumbou, com quatro negativas. No ano a seguir, a turma era a mesma e o conselho de turma era quase igual. Chegamos à primeira reunião de avaliação intercalar e a primeira coisa que eu ouço o presidente da reunião dizer sobre a aluna é: “Pois, esta aluna nunca devia estar aqui. Esta aluna não devia ter passado” [risos]. E eu, eh pá, só não disse uma asneira...

P10: Era o mesmo diretor de turma?

P12: Exatamente. Eu só não disse uma asneira, porque sou uma pessoa educada... [impercetível]

P12: ... também já tenho uma certa idade...

[risos]

P12: ... e já aprendi a levar bombons para as reuniões, que é para ‘tar calada, porque quando se fala não se...

P8: Mas nesse [impercetível]

P12: ... quando se come, não se fala... Pronto. E a miúda, depois, no final desse ano, acabou por ser encaminhada para um CEF, mas a... é assim, é a tal coisa, passou-se aquela menina, porque era uma coitadinha. Não se passou aquela menina, porque fez... porque o que eu acho que os... eh pá, eu sei que isto é discutível, com certeza...

P8: Nunca vai haver unanimidade.

P12: ... mas é assim, eu acho que aquilo que nos deve fazer tomar uma decisão é pensar: “O aluno tem ou não tem condições para, passando – apesar de passar com fragilidades – superar as lacunas?”. Se tem, pá, qual é o interesse de ‘tar a reter o aluno?

P8: Oh pá, mas depois...

P12: E eu acho que não se olha para isto...

P8: Não, não...

P12: Não se pensa nisto...

P8: ... depois cada caso é um caso. Por exemplo, conselho...

P12: Com certeza! Com certeza!

P8: ... eu dou-te um exemplo...

P12: Eu não ‘tou a dizer...

P8: Claro.

P12: ... eu também não sou daquelas pessoas que acha que tem que fazer igual a todos.

P8: Exato e é assim, aquilo que eu digo é: quando há votações, para já não falo de notas de colegas, se tiver que votar...

P12: És obrigado.

P8: ... vou ser favorável à nota do... do...

P12: Ah, era isso que eu te ia dizer...

P8: ... que o colega, que o colega dá...

P12: ... podes é votar no colega, mas, mas...

P8: ... eu sei que não posso... que não posso abster.

P12: ... mas é obrigado a votar.

P8: Não, sou obrigado a manifestar a minha opinião.

P12: Pronto, ‘tá bem.

P8: São interpretações diferentes. Mas eu... um exemplo, o famoso D. V., que era extremamente complicado, no final do ano foi votada a transição do D. e o D. transitou... transitou por votação.

P14: Para o oitavo.

P8: Eu percebo que a S., naquele caso, tenha votado contra, porque a S. tinha sido vítima de um vídeo que aquele estúpido fez e que meteu na net.

P12: Sim...

P8: Agora é assim, o aluno, no geral, o conselho de turma, naquele caso, claramente pensou na situação global do aluno. É, este aluno tem capacidades e merece transitar. Agora, eu percebo e eu olhei para a S. e percebi, na cara da S. – e eu votei a favor da transição – e... claramente, na cara da... da S., notava-se que ela sentia-se traída pelo resto dos colegas. ‘Tás a perceber? Agora é assim...

P15: Pois.

P8: ... aquilo que eu, que eu penso, nestas situações, é, nós temos que ter é a nossa consciência. Nunca falei com a S. – e um dia que esteja com ela, falo abertamente com ela e vou-lhe falar sobre isso – e agora percebo a parte dela. E eu, no lugar dela, também seria a última coisa que faria era votar a favor do aluno.

P15: Claro.

P12: Mas eu também percebo isso, P8. Não ‘tou a dizer que não percebo e... e... e que há situações em que... e... e continuo a dizer, há situações em que, se calhar, vale a pena transitar o aluno e há situações em que não vale a pena.

P8: Sim.

P10: Mas, por exemplo, se calhar, é por isso que estava ali o conselho de turma, para pensar...

P14: Se fosse benéfico.

P10: ... porque se fosse só a situação da S. ele ficava por ali.

P8: Sim, sim, mas...

P10: Agora, olhemos para hoje. Foi benéfico ou não foi o aluno...

P8: Na minha opinião...

P10: ... transitar?

P8: ... foi claramente benéfico.

P10: Apesar de acharem que ele mudou, que ele 'tá melhor por causa de tantas participações e dos castigos que foram aplicados. Para mim não. Foi que ele cresceu e que passou. Que retiraram-no daquele ciclo vicioso que ele 'tava ali a...

P14: Quatro anos.

P10: ... eu acho, não é? Portanto, eu acho que foi muito mais benéfico, neste sentido, apesar da São, realmente, se ter sentido... traída...

P8: Eu disse a S., mas houve mais pessoas...

P10: Sim, sim.

P8: ... que votaram contra.

P14: Mas não... Eu não, eu não sinto que tenha traído...

P10: Não!

P14: Eu votei...

[impercetível]

P8: Não, não, não.

P10: Tu não 'tás a perceber, mas eu acho que nem cheguei aí...

P1: Não é, não é a tua opinião, é o que ela sente... percebes?

P10: ... eu 'tava a falar [impercetível]

P14: Sim, mas eu, eu não me sinto...

P8: Sim, sim. E atenção que nem estou a dizer isto [impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Agora imaginem que aquilo estava só nas mãos da S. ...

P8: Claro...

P10: ... não é?

P8: ... e a decisão seria...

P10: E o que é que acontecia àquele aluno? Chumbava. Ficava por ali, continuava a fazer mais do mesmo...

P14: E a fazer aos outros...

P10: ... e eu acho que, se olharmos hoje, foi bastante benéfico para o D. – apesar de parecer um... agora já não, já cortou o cabelo...

P8: Já cortou.

P10: ... muito melhor, muito mais, foi mais benéfico do que ele ter ficado. Pronto, aconteceu essa situação...

P12: Não, mas eu também, eu também acho que é isso que, que tem que ser equacionado. Mas é isso que eu acho que muitas vezes não se equaciona...

P10: Não, às vezes...

P12: ... o que se equaciona é: “Então, mas se ele ‘tá com quarenta e nas, nas quatro disciplinas, como é que ele vai passar?’”...

P10: É os números, P12. É os números...

P15: E as grelhas.

P10: ... é [impercetível], é classificar.

P12: E...

P8: E muitas vezes depende da dinâmica do, do diretor de turma...

P14: Mas, por exemplo, ainda o ano...

P10: Também.

P12: Também depende muito dos diretores de turma, eu sei isso.

P8: ... do diretor de turma. Não o diretor de turma, no sentido de querer impor ou estar a pedir um favor, não. Às vezes... basta aquela questão, aquele exemplo que eu dei, do outro dia, até que foi com o P4 que foi, nós vamos para uma reunião e chegamos lá e a única colega que estava a barafustar era a contratada. Nós todos sentados: “ ‘Tou farta destes putos e não sei quantos’ e bu-bu-bu. E o P4 olhou assim, abanou a cabeça e ele até disse: “F. D., quantos anos tem de serviço?” e a F., tantos, a F. ... a P1, estava, disse... Perguntou a todos e depois virou para a colega e disse: “Já viste, tu és a que menos tempo tem de serviço e vê a atitude que estás a ter”...

[risos]

P8: ... que é isto mesmo.

P10: Imagino.

P8: E pronto.

P10: ... tipo naquele seu ar... [impercetível]

P12: Não, mas...

P8: E disse isto sem levantar a voz e de uma forma que só não percebeu quem não quis e, portanto, e estas coisas têm que ser ditas. E é neste aspeto que eu acho que um diretor de turma, muitas vezes, tem um papel... Eu detesto diretores de turma... há uma coisa que eu, que eu tenho vários colegas que dizem sempre, às vezes até vêm ter comigo e dizem: “Olha, P8, há esta situação deste aluno”, por exemplo, a P14, no ano anterior, penso que era diretora... secretária de uma turma e ela... até conversámos os dois antes e ela disse: “Olha, P8, a nota do tal aluno, na tua disciplina é mesmo negativa? É porque ele está com quatro”, eu disse: “Não, ele ‘tá’... mas ela não ‘tava a pedir notas, atenção, ela estava a fazer, pronto, ‘tava a fazer...”

P12: Sim, sim.

P8: ... a ata. A maior parte dos diretores de turma do terceiro ciclo dizem-me sempre: “P8, há uma coisa que eu não vou fazer, eu não vou pedir notas para ninguém. Nem ponho notas a votação nem nada”. E eu disse: “É mesmo assim. Se os professores quiserem pôr, nós vamos analisar a situação, se alguém decidir alterar...”

P12: Mas agora não ‘tou de acordo contigo.

P10: Mas, às vezes, P8... Ai desculpa... às vezes, nós estamos ali tão envolvidos naquela... tão envolvidos, quer dizer, tão à espera de despachar... [risos] desandar...

P15: Pois é.

P10: ... já com tudo feito e com tudo pronto...

P15: Pois é.

P10: ... e que as coisas são dadas e a gente, se calhar, não olha para ali se não houver alguém que diga assim: “Oh pá, mas espera aí...”...

P15: Chamar a atenção.

P10: ... então, não era melhor ou será não era bom?”.

P8: Mas eu continuo a dizer que no terceiro ciclo não tenho visto muitos casos...

P10: Pronto.

P12: Ó P8, é assim, pronto, temos experiências diferentes...

P8: Pode passar, de certeza que não...

P12: ... mas é assim, eu, uma das coisas que eu acho é que o diretor de turma não é por acaso que preside à reunião.

P8: Sim, sim.

P12: E eu acho que a obrigação, na minha perspetiva, não é pedir notas, não é pedir notas, mas eu acho que um diretor de turma que se confronta com uma determinada situação, deve chamar a atenção do conselho de turma e dizer: “Colegas, temos aqui este aluno que está com quatro...

P8: Ah, mas isso...

P12: ... níveis 2”.

P8: ... isso, isso toda a gente [impercetível] disse que fazíamos... isso toda a gente faz.

P12: Olha que há gente que não faz, desculpa...

P8: No terceiro ciclo?

P12: Eu já ‘tive num... eu já ‘tive em reuniões do terceiro ciclo em que o diretor de turma, é assim “Ta-ta-ta-ta-ta-ta, aprovado... transitou. Ta-ta-ta-ta-ta-ta, não transitou”. E tu nem tens tempo de dizer ui!

P8: Não... [impercetível]

P12: E, portanto, é assim, por isso eu acho que... E também te vou dizer uma coisa, acho que, às vezes, não são os que têm quatro negativas que são os que a gente deve pensar mais. Se calhar, às vezes temos que pensar mais nos que têm seis e sete. Por exemplo, eu lembro-me que o ano passado, a discussão que deu o A., lembraste?

P15: Sim, sim, sim.

P12: A discussão que deu o A. . Pá, mas o que é que – ele, depois, teve mesmo que ficar retido, porque a legislação obrigava a que – mas é assim, mas o que é que adiantou à

vida do A., o que é adiantou ao percurso escolar do A., que até é um miúdo esperto que nem um alho...

P15: Pois é.

P12: ... perder... ter perdido o quinto ano três vezes?

P15: Exatamente.

P12: A única coisa que fez foi reforçar nele um comportamento de revolta...

P15: Mais agressivo.

P12: ... de desinteresse, de... pá e o A. ... E eu tenho os miúdos que vinham da turma... que o A. integrou essa turma no quinto ano, estão agora no oitavo ano, eh pá, eu tenho lá miúdos, que eu se lá tivesse o A., o A. não fazia pior figura que eles.

P15: Pois não.

P12: É porque eu acho que nós, às vezes, centramo-nos muito em coisas que é “Ai, mas ele não sabe...”. Eh pá, mas é assim, há coisas... um aluno agora... Ai pá, eu hoje fiz um teste e aquele aluno teve-me 33% no teste. Eh pá, o gajo não percebe nada disto. Ouve, mas qual é a importância? E eu agora vou chumbar o pequeno, quando para o ano, no sétimo ano, a matéria é completamente diferente, ele já vai ter outro nível de maturidade, já vai...

P10: Pois.

P8: Mas o problema é que muitas vezes também estamos à espera que seja sempre o diretor de turma a ter a iniciativa.

P12: Mas pronto. Vou passar ao outro slide, que tem uma coisa que eu acho muito interessante... Pode entrar!

P10: Olha!

P12: Pode entrar. Pode entrar e pode-se sentar.

[risos]

P10: [impercetível] também.

[impercetível]

P1: Bateu!

P10: Bateu devagar. Podia ter batido com mais força.

P12: Então eu disse “Pode entrar”, porque eu ouvi.

P10: Ah, pronto, eu não ouvi, ‘tou surda.

P12: Ah! Bom, atenção que as deliberações do conselho de turma devem resultar do consenso, admitindo-se o recurso ao sistema de votação, quando o consenso não se verifica. Portanto...

P6: É a chave de lá de cima?

P15: Do portão?

P6: Queres?

P12: ... pode não haver consenso, se não houver consenso... tem que se recorrer à votação. Já estou arrependida de ter tirado daqui um parágrafo, que é bem explícito a dizer que havendo votação não há lugar a abstenções, todos os professores têm que manifestar a sua opinião.

P8: Eu volto a dizer que voto a nota, mas...

P12: ‘Tás a votar.

P8: ... do colega.

P12: Então és obrigado a votar, pronto.

P8: Posso entender que estou a manifestar a minha opinião.

P12: ‘Tá bem, mas é assim, P8, mas estás a votar. Tu não podes nunca dizer: “Ai eu abstenho-me...”’.

P1: “Abstenho-me”.

P12: “... eu não quero saber, vocês...”

P15: Não, isso não...

P8: Nunca me ouviste dizer que me *abs*...

P12: Amigo, não ‘tou a dizer isso. ‘Tou a dizer que você há bocado disse: “Ah, eu não sou obrigado a votar”. E, no fundo... são...

P8: ‘Tá bem, fica com o bolo, sem bolo...

[risos]

P12: Ponto 9. Trouxe este ponto 9, porque eu acho que este ponto 9 é, para mim, eu acho-o muito importante, que é assim, na ata devem ficar registadas todas as deliberações e respetiva fundamentação. E o que é muito interessante é que eu acho que... eu acho que nunca ‘tive em nenhuma reunião em que fosse tomada uma decisão, fosse para passar, fosse para chumbar, em que ficasse lá a fundamentação da decisão do conselho de turma.

P10: Não, altera-se a nota...

P8: Mas...

P12: Altera-se a nota e já está!

P8: ... eu, eu arranjo-te...

P12: E não há nenhuma fundamentação.

P8: Eu arranjo-te uma ata que prova exatamente ao contrário.

P12: Oh pá, obrigado P8!

P8: Arranjo!

P12: Pronto, e eu agradeço.

P8: Em que, em que o conselho de turma fundamenta o porquê daquele aluno
[impercetível]

P12: Amigo, agradeço-te imenso, porque, olha, eu já ando aqui em conselhos de turma desde o terramoto de 1755... [risos] já passei, já assisti a muitas coisas, a votações, já assisti quase que a pancadaria dentro do conselho de turma...

[impercetível – sobreposição de vozes e risos]

P10: Geralmente...

P15: Pois...

P10: ... quando alteram...

P15: ... sim...

P10: ... não...

P15: Não, o porquê...

P12: E já vi muitas notas serem alteradas, como também já vi depois de muita discussão não se alterar, mas nunca vi uma ata em que houvesse uma fundamentação daquela decisão.

P8: Eu...

P12: As únicas fundamentações que a gente é obrigada a fazer é...

P10: Cinquenta-cinquenta.

P12: ... quando tens mais de cinquenta por cento de negativas: “Ai, és obrigada a justificar”.

P8: Ninguém nunca disse, ninguém nunca disse que era obrigado, isso é conversa de professores...

P10: Cinquenta-cinquenta ou a ajuda do público.

P8: ... isso é conversa de professores.

P12: Amigo, só ‘tou a dizer...

P15: Telefone.

P12: Portanto, e isto eu acho que é importante, porque eu acho que, se calhar, se levássemos isto a sério e fôssemos, realmente, obrigados a... a... a fundamentar as decisões, se calhar, às vezes, tomávamos as decisões de uma forma menos...

P1: Nesse caso, a fundamentação é do conselho de turma, não é?

P10: Sim.

P1: Não é o professor que, que altera a nota...

P12: Oh querida, quem, quem toma a decisão...

P15: A decisão.

P12: ... de mudar é que tem, ou de não mudar, porque tu podes discutir um caso... Porque, nós quando discutimos, quando estamos a apreciar um caso...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: ... não é obrigatório dares uma mudança.

P10: Nem fica lá na ata que foi discutido...

P1: Nem fica...

P12: Nem sequer. Olha, nesses casos nem fica nada.

P8: Por acaso há atas onde fica...

P10: Não! Que fica...

P8: ... há atas onde...

P10: Pronto, há atas onde pode ficar...

P8: ... onde foi ponderado...

P10: ... mas...

P8: Eu lembro-me de uma ata, P10...

P12: Pronto, ainda bem...

P8: ... do ano anterior, onde está...

P12: Olha, pronto. Mas olha que...

P8: ... foi... até foi... exagerámos, começámos todos na galhofa, olha, ponderado profundamente e... os efeitos...

P12: Mas é assim...

P8: ... e mais...

P12: ... mas, tem que haver uma fundamentação da decisão.

P10: Sim.

P14: Sim, sim.

P12: E, muitas vezes, eu acho que se tivesse que haver essa fundamentação, se calhar, as decisões eram mais ponderadas, porque...

P8: Mas isto também... também passa por uma coisa, tu chegas a um conselho de turma... Eu, por exemplo, eu lembro-me [imperceptível] na minha primeira reunião de avaliação do nono ano, eu cheguei lá e disse: “Colega, desculpe, posso ligar o computador, porque eu tenho as notas no computador?”, ele começou-me a... a brincar e ele disse: “Oh, P8, à vontade”. Eu venho de uma escola onde tu para teres um computador ligado, um portátil ligado na reunião, tinhas que ter autorização do presidente. Nós aqui lemos o jornal, temos computadores, ‘tão... a malta ‘tá no Facebook dentro das reuniões. Há coisas que têm limites. E depois é assim, eu quero, eu

quero que os meus filhos sejam avaliados de forma justa... Eu há tempos estava numa reunião, há uma pessoa que se chega, que tem filhos na escola, chega: “Olha, oh colega, falta a sua avaliação...”; “Ah, não, dou amanhã”. Então, mas esta gente merece respeito? Nós dizemos: “Não, estamos aqui para reunir exatamente para discutir a avaliação”. E, depois, quando estas pessoas vão para ali e ‘tivemos a... a reunião toda a discutir notas, a discutir como é que está este aluno, aquele aluno, a ponderar e essas coisas todas e teve o tempo todo a arranjar as unhas e não ligou a mínima. Agora é assim...

P10: Ficou na ata...

P8: Não...

[impercetível]

P8: Não, não e ficou na ata que os outros... Não, porque e depois ela ficou envergonhada e teve que lançar a avaliação. Agora, a questão que se coloca é ou pedimos regras e vamos daqui, depois, com o... o conselho diretivo é um bicho papão e são isto e são aquilo. É inadmissível o comportamento que os professores têm na... nos conselhos de turma...

P12: Oh P8...

P8: Atendem telemóveis, saem das reuniões sem autorização...

P15: Mas enquanto pais não gostam disso, não é?

P8: Pois, então, mas é assim...

P15: Pois é.

P8: ... e nós falamos dos alunos...

P15: Pois, pois... verdade.

P8: A nossa reunião geral é uma vergonha, se fosse filmada, por isso é que eu digo...

P10: A nossa reunião geral? Qual reunião geral?

P8: Quando, quando é realizada...

P14: Quando começa as aulas.

P8: ... no início do ano.

P14: No início do ano, é verdade.

P8: É uma vergonha autêntica.

P12: Mas é assim, oh P8, eu ‘tou de acordo contigo que... mas é assim, mas acho que também não passa tudo pelo conselho diretivo...

P8: Não, mas passa por nós...

P12: ... nem tem que passar...

P8: ... passa por nós...

P12: Agora...

P8: ... e eu tenho que pensar...

P12: Eu, eu, por exemplo, eu sou-te sincera, eu acho que... eu sou-te sincera, eu li a legislação toda, da avaliação, há uns anos, quando tive que fazer um trabalho sobre avaliação. Depois disso nunca mais li nada nem quis ler. E agora voltei a ir ler. E há muitas coisas que estão na legislação, por exemplo, eu nem me lembrava desta questão da fundamentação. Portanto, eu acho que, muitas vezes, o nosso...

P10: Oh, nem tu nem ninguém. Olha, eu nem sabia.

P12: Pronto. Eu acho que, muitas vezes, o nosso comportamento é determinado pela nossa ignorância.

P10: Claro.

P14: Também é verdade.

P12: É por isso que eu acho que as pessoas, depois, fazem a tal confusão “Ai, olha que a avaliação é contínua”. Calma, a avaliação que é contínua é a avaliação formativa, é isso que a legislação diz.

P8: Eu continuo na dúvida.

P12: Eu cá não tenho dúvida nenhuma.

P8: Atenção, nove, este é um despacho.

P12: ‘Tá bem, então traz-me o outro, amor.

P8: A educação... a educação na Madeira e em Portugal não se rege por um despacho.

P12: ‘Tá bem, mas traz-me o outro.

P8: Há coisas que não estão aqui, que estão no regulamento interno, por exemplo. Há coisas que não estão aqui, que estão no 139, que estão nos outros, portanto...

P12: Pá, mas traz-me esses.

P8: ‘Tá bem e arranja-se.

P12: Traz-me esses.

P8: Mas agora não temos papel suficiente, temos... a fotocopiar a norma...

[risos]

P8: ... que é outra coisa que é assim...

P10: Ah, não foi aceite ir em CD... em formato CD nem em formato digital.

P8: Não, não.

P10: Não foi aceite, é?

P1: Não, não, pois... Pois...

P10: Ai não pediram a tempo...

P8: Não. Eu ‘tou a brincar, não sei. Nem sei...

P12: Mas é assim, eu acho que...

P10: Mas eu sei que houve uma, uma, uma proposta...

[risos]

P8: Olha, achei que era estúpido...

P12: Mas é que eu acho que há muitas coisas que, às vezes, nós deixamos passar, também porque não estamos cientes das coisas e por isso é que eu... acho importante... nós termos conhecimento da legislação que nos rege.

P8: 90% dos professores não conhecem o regulamento desta escola.

P10: Onde é que ele está? Às vezes...

P8: Não, mas mesmo, mesmo o velho...

P12: ‘Tá, ‘tá... aquele que ‘tá... aquele que ‘tá em *word* ‘tá online.

P8: ... mas mesmo o velho, mas mesmo o velho... 90% dos professores... Eu conheço a legislação depois de estar no... e não ando a devorar legislação, isso...

P12: Mas eu também não!

P8: ... isso é para a [impercetível] coisas. Não, eu, aquilo que eu faço...

P12: Nem sou daquelas pessoas que acham que a legislação é a Bíblia. Agora acho que é assim, acho que há coisas que são importantes tu teres...

P8: São importantes e temos que conhecer.

P12: ... consciência e saberes.

P8: Agora é assim...

P12: Porque é uma forma até de tu te defenderes em determinadas situações.

P8: Claro, claro. Claro.

P10: Até porque quando a legislação, às vezes, se diz que pode ser feito, não diz lá que é obrigatório fazer...

P8: Exatamente. Exatamente.

P10: ... e há gente que leva para as reuniões e diz: “Tem que ser feito”, não é?

P12: Exatamente.

P10: Não, não tem que ser feito, porque aqui diz...

P8: Até internamente...

P10: ... pode ser feito.

P8: ... até internamente...

P10: Podendo ser feito...

P8: ... até internamente, está lá a dizer, pode... o professor pode elaborar.

P10: Pode.

P12: Exatamente.

P8: Agora, aquilo que eu pergunto, Isa, é neste sentido...

P10: Mas isso...

P8: ... um professor que vai para uma reunião para estar no Facebook ou para estar a ler o jornal, está disponível para fundamentar alguma coisa? Está...? Ele nem sabe o que é que está ali a fazer...

P10: Quantos *likes*?

P12: Oh pá, pronto. Isso agora...

P8: Não, ou vais começar ao berro... os conselhos de turma... [impercetível – sobreposição de vozes] isto é, para que é que agora vai sair o exército...

P10: Mas não é preciso berrar.

P8: Não é preciso berrar?!

P12: Mas, oh P8...

P8: Uma pessoa que vem, tem um papel que nós temos, recebe o que nós recebemos, bem ou mal...

P10: Ou mais.

P1: Ou mais.

P8: Se vai para uma reunião para isto, então, não, não, não pode estar cá dentro.

P10: Pergunta assim...

P12: Mas, oh P8...

P10: ... a outros, tipo, à P4: “Colega, quantos *likes* já teve?” [risos]. Pode ser que se enxergue...

P15: Não, mas é verdade, é porque isto é o futuro dos miúdos. Numa reunião de uma empresa, ninguém tem esta postura, não é?

P8: Eu digo isto, porque tinha em Câmara de Lobos, do meu grupo, que envergonhava-me, ‘tava a [impercetível] numa mesa à parte a ler o jornal. Isto é vergonhoso.

P6: Então, não é?

P12: Mas é assim, mas eu também acho que, se calhar, temos que pensar o que é que faz com que uma pessoa ‘tá numa reunião de conselho de turma...

P10: Naquele...

P12: ... de repente pega no telefone e vai para o Facebook.

P8: É um cromo, é um cromo.

P10: Não, não é só...

[impercetível]

P8: É um irresponsável...

P10: Eu acho que não é só, não é só.

P12: Se eu sinto que não ‘tou ali a fazer nada. Exato. Eu não sou perdida nem achada...

P8: Não ‘tás a fazer nada?

P10: Sim, P8...

P12: ... para nada...

P8: Não estás ali a fazer nada, tu assinaste...

P15: Não, mas ‘tás a dar a tua nota.

P8: ... assinaste a folha de presenças, tudo o que tiver ali, a responsabilidade é tua.

P15: Claro.

P12: Eu sei, por isso eu gosto muito de ouvir as atas e por isso, o ano passado, houve uma confusão num conselho de turma do segundo ciclo, porque eu disse: “Então, mas como é que é? A ata não se lê?”.

P15: Pois, foi.

P12: “Olha, a ata já foi lida”; “Hã?!”.
 (P12: “Look, the deed has already been read”; “Hã?!”).

P10: Então e quando ‘tás a ler e ninguém te ‘tá a ouvir?

P15: Também é verdade...

P10: Pronto.

P12: Porque agora há este sistema muito programado...

P15: ... porque já ‘tão todos a pensar...

P10: Não, mas [impercetível]...

P12: Agora há este sistema muito modernaço...

P15: É verdade.

P12: ... que é assim, as atas já vão pré-feitas, não é?

P15: É, é.

P10: Começaram.

P15: É.

P8: Não, elas só vão pré-feitas...

P12: Vão!

P8: Mas é para simplificar o trabalho das...

P12: A ata... Oh pá, mas não ‘tou a dizer que não, não vão, eu não, não sou contra, agora o que eu não posso é transformar a ata pré-feita numa ata definitiva.

P15: Já lida.

P12: E então é assim, “Ah, já ‘tá em ata, os alunos que tiveram não sei quantos níveis inferiores a não sei quê”, “Já ‘tá em ata...” mais não sei quê. Falta a justificação da P12 que deu mais de 50% de negativas, falta não sei o quê. E depois tu chegas ao fim...

P15: E não leem.

P12: ... e a ata foi lida e aprovada e não foi lida ata nenhuma. Isto já me aconteceu num conselho de turma. Eu disse: “Desculpem lá, eu quero ouvir ler a ata” e depois ficaram a olhar para mim, tipo assim, “Pronto, lá vem ela”. Ainda por cima, era o primeiro ano que eu ‘tava...

P15: Pois, exato.

[risos]

P12: ... no segundo ciclo, ‘tás a ver. Era o primeiro que eu ‘tava no segundo ciclo...

P8: Mas é assim...

P12: ... foi logo assim, “Lá vem a gaja armada em boa”. Mas é assim, eu não saio de uma reunião sem a ata ser lida do princípio ao fim.

P8: É um direito que te assiste e é... e é por isso que as reuniões existem.

P12: Mas, se eu ‘tou lá, para não ‘tar a fazer nada, oh pá, às vezes, dá-me jeito ir ao Face [impercetível].

P8: Mas só não está a fazer nada quem não quer...

[risos]

P12: Então, se eu já lancei as notas, [impercetível]...

P8: Não lançaste, tu fizeste uma proposta.

P12: Exatamente.

P10: ‘Tá bem. Mas ninguém [impercetível].

P12: ‘Tou ali a ouvir... eu posso ouvir um diretor de turma a cantar notas e ‘tar no Facebook a fazer qualquer coisa.

P10: Isso é como o outro que não gosta de ‘tar sentado...

P8: Então, [impercetível].

P10: ... na cadeira, perturba a reunião, o professor ‘tá no Face...

P8: A partir de agora, todas as reuniões em que eu ‘tiver contigo, vou dizer: “Colega, desculpe, a P12 tem uma fundamentação?”.

[risos]

P12: O que eu tenho eu digo. Eu sou...

P8: Olha, eu dou-te um exemplo...

P12: Olha, P8...

P8: Tu própria fizeste uma fundamentação espetacular, no ano passado, em relação ao [impercetível] e do J. F. . Foi mentira ou é verdade?

[tosse]

P10: Verdade.

P8: Então, afinal fazemos fundamentações.

P12: Então, mas isso não me impediu de uns minutos antes ter ‘tado no Facebook a trocar uma mensagem com a minha sobrinha.

P8: Não, não, não estou a fazer essa comparação, eu estou a dizer é...

P10: Oh pá, podias estar a trabalhar...

[impercetível]

P10: Noutro dia uma aluna ‘tava no Facebook...

P8: Afinal, fazemos fundamentação ou não fazemos? Tu própria fizeste a justificação... deu-te mais trabalho...

P12: Do que fazer [impercetível].

P8: ... a fundamentação do que fazer o [impercetível].

P12: Exatamente.

P8: Eu, inclusive, gozei por causa disso...

P12: Exatamente.

P10: Olha, deu para gozar.

P12: Lembras-me!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Então, nós, nós fundamentámos assim... É óbvio que vai... há casos, situações de transição que têm que ser repensadas e essas têm que ser bem fundamentadas, não só naquela ótica de pronto, o puto passa e vamos embora.

P12: Mas é que é isso, é que eu acho que, muitas vezes, não se fundamenta, nem para um lado nem para o outro. E passa-se ou chumba-se os alunos, e eu continuo a dizer, eu acho que nós – e quando eu digo nós é nós em geral, não é eu especificamente ou alguma...

P8: Sim, sim. Não.

P12: Nós, em geral, temos tendência para usar a avaliação ou como um prémio ou como um castigo. E não, não pensamos...

P10: É a seleção... é o que a...

P12: ... mas, eh pá...

P10: ... avaliação, nestes moldes, com números, continua a ser uma seleção.

P8: E até digo, até digo-te mais, provavelmente, o que falha mesmo nas escolas, é não haver reuniões destas com toda a gente presente. Ia dar uma barraca, uma peixeirada de todo o tamanho, mas que nós temos dentro das escolas que começar a tomar decisões que sejam gerais e iguais para todos e vamos fundamentar a partir de agora estas coisas assim todas... acho que sim, claramente.

P12: E não precisas de fazer com toda a gente. Porque eu, eu acho que é assim, as pessoas... as pessoas que se interessam pelas coisas, juntam-se. É assim, não é por acaso que nós hoje estamos aqui sete pessoas.

P8: Juntam-se, mas é assim, quantos diretores de turma tens aqui?

P12: Eh pá, somos os que estamos interessados.

P15: Nenhum.

P12: É assim. Eu... a gente... eu não posso também...

P10: [impercetível] A gente nem [impercetível].

[risos]

P12: ... impingir as coisas...

P8: Não, não estou a dizer...

P12: ... porque quando as coisas são impingidas...

P8: ... em termos de formação, não estou a dizer em termos de formação.

P12: Quando as coisas são impingidas...

P8: Não.

P12: ... também não funcionam.

P8: Não percebeste o meu, o que eu estava a dizer.

P12: Eu percebo. Eu percebo. Não... Mesmo de forma informal, os professores... eu... mas é...

P8: Não, não, não, não estou a falar... fora deste círculo todo, o que está a falhar nas escolas é as pessoas conhecerem o 9/ 2014 e os outros todos e perceberem o que é que diz ali e perceberem que temos que mudar algumas coisas. Agora, isto tem que ser projetado e toda a gente... porque 90% dos professores não leem a legislação.

P12: Pois não... [impercetível] P8.

P8: Eu leio legislação, quando me chega um colega lá em baixo e diz: “Olha, P8, tenho este problema, preciso de «coiso»”. Eu vou para a legislação ler...

P12: Oh pá, com certeza, não andamos a ler a legislação...

P8: ... depois falo com o A. [CC1], com a M. J. [PCP]...

P12: Com certeza, não andamos a ler a legislação toda...

P8: Não, não.

P12: ... e não é a toda a hora nem a todo o instante, mas o que eu...

P1: Só quando é necessidade obriga.

P12: ... mas o que eu digo é: há coisas que eu acho que é importante os professores terem consciência que devem saber, até para sua própria defesa, porque é assim, eu, se me puserem em causa uma nota de um aluno, que eu acho que não deve ser posta em causa, eu tenho o direito de exigir que o conselho de turma fundamente aquela posição.

P8: Claro.

P12: E se o conselho de turma não fundamentar, não 'tá a cumprir a legislação e não me pode mexer na nota.

P8: Eu tenho pessoas que não falo até hoje e deixei de falar e nunca mais falo na vida, porque votaram a minha nota contra a minha vontade.

P12: Eu, isso, não me chateia muito. Podem-me votar as notas... eu não...

P8: ... eu justifico [impercetível].

P15: Mas desde que fundamentem. Exatamente.

P12: ... eu, isso, não me chateia. Agora é assim...

P8: Eu justifiquei [impercetível], porque era num projeto em que eu tinha reuniões todas as semanas e em que desde o primeiro período estava a alertar para o que se passava e chegares ao final as pessoas pegaram num tipo... olha, é tipo... é de ginástica, vamos votar a nota, quer dizer...

P12: Agora, é assim, eu acho que é uma proteção para nós conhecermos a legislação que nos...

P8: Claro que sim, claro que sim...

P12: ... constrange, porque...

P14: E porque...

P12: ... também é a forma de nós nos podermos defender. Diz, P14. Ias dizer qualquer coisa.

P14: No primeiro dia que se faz a avaliação geral, aqueles pontos mais importantes não fazia diferença nenhuma se naquele dia focassem esses pontos mais importantes. Não 'tou a falar só sobre...

P10: A reunião geral.

P14: Sim.

[impercetível]

P15: Quando entregam os horários.

P10: Sim.

P14: Que, às vezes, não dizemos nada de importante.

P10: Ou remeter “Tenham atenção, que isto é importante” ou falar das situações.

P14: Exatamente.

P12: Ou, por exemplo, discutir estas questões em departamento ou discutir nos grupos...

P15: Em grupo...

P12: ... disciplinares, por exemplo.

P10: Não sei se tu estiveste na última reunião geral ou não...

P12: Mas a verdade é que...

P10: ... mas ainda me lembro de termos falado na reunião geral deste tema...

P8: Exatamente.

P12: ... e isso é que eu acho que é...o nosso grande problema, é que nós... por isso é que...

P10: Já toda a gente se conhece.

P12: Pá, porque é que a gente nas reuniões vai para o Facebook? Eu entendo lindamente.

P14: Se a conversa não tiver interesse...

P12: Porque nós estamos saturados de reuniões que nos... ‘tá aqui alguém no Facebook?

P10: Oh P12, mas, mas agora nós andamos tanto...

P8: Então porque é que um aluno não pode estar na aula...

P12: Não!

P8: ... se a aula não lhe está a dizer nada...

P12: Não ‘tou... não transponhas, deixa-me só te fazer... aqui neste momento ‘tá alguém no Facebook?

P8: Espera aí.

[risos]

P12: Não ‘tá, porquê? Porque ‘tamos a discutir uma coisa que nos empolga.

P8: Tu ‘tás de frente! Como é que eu vou ‘tar...? [risos].

P12: E o problema, o problema nas... na maior parte das reuniões que nós temos é que são reuniões meramente burocráticas. Portanto, a pessoa chega lá...

P10: Mas... pois lá está...

P8: Mas queres terminar a reunião?

P10: Porquê?

P12: Pronto...

P10: E aí é porquê?

P12: ... mas aí é que a gente tem que se calhar começar a mexer...

P8: Mas como?

P12: ... e começar a... a...

P8: ‘Tava no OLX!

P10: Não, mas não é assim. Olha, eu neste momento também vou para as reuniões tipo, sinto-me ali... Vou porque tenho que ir, sou obrigada a ir.

P12: Pois, exatamente.

P10: Porque aquilo ‘tá de tal maneira que é...

P15: Formatado.

P1: Me-ca-ni-za-do.

P10: ... se alguém quer dizer qualquer coisa fora, caem logo em cima “Senão assim não dá, senão assim não fazemos” e *nha-nha-nha*, pronto. Acabou.

P15: E é só depois de cantarem as notas.

P8: Sim, mas isso há sempre situações do género.

P10: Há qualquer coisa que só...

P15: Não se pode falar sobre o menino.

P10: Eh pá, mas não pode...

P8: Não, mas há pessoas que exageram e isso é, também, [impercetível].

P10: Porque é que não podemos ir para ali... porque é que não podemos, se for preciso, beber um café, bebemos um café, porque é que não podemos... É ali que temos para falar dos miúdos, sim, mas nós não reunimos em mais altura nenhuma...

P1: Não, [impercetível].

P10: ... só quando nos mandam. Só quando nos mandam reunir, não é? Porque nesta escola eu não vejo um diretor de turma achar que tem que reunir, porque precisa de qualquer coisa e reúne, porque ele também [impercetível - ruído].

P1: Já fiz isso, já.

P15: Olha agora este P. que chegou de novo, era importante, não é?

P10: Por exemplo.

P15: Nós sabermos...

P10: Chegou um aluno de novo...

P15: ... não é?

P10: ... apareceu-me na turma, eu fiz a chamada...

P15: Eu é que tive que ir e eu é que tive...

P10: ... e não chamei. E o miúdo 'tava lá.

P8: Mas, olha, e estás a reclamar? E esse é português. A P12 teve um alemão...

[risos]

P10: Pronto, 'tás a ver?

P12: Nem falava português.

P10: Não, mas por exemplo...

P1: Tudo bem contigo...

P10: ... eh pá, tornar as reuniões também um bocadinho mais... que a gente que ‘tá ali, que é ali que faz qualquer coisa, que é ali que trata o assunto do aluno, que é ali que se resolve um problema. Também não acontece isso...

P8: Os professores já vão as reuniões...

P10: ... é ali, está dito, ‘tá dado, ‘tão os PAPIS...

P12: É que as reuniões... as reuniões são completamente...

P10: ... já quase preenchidos: “Toma, põe aí as tuas cruces...

P15: Assina.

P10: ... põe aí as tuas cruces, toma lá isto que é para pôr cruces”...

P15: E é, é mesmo...

P8: Pá...

P10: Pá...

P8: A professora P12, que ainda acredita no Pai Natal...

P10: Eu, no outro dia, olha...

P8: ... aquela que [impercetível]...

P12: Sim, diz.

P15: E a maior parte do tempo é a *trab*... é falar dos NEEs.

P8: Eu sugiro que a... a professora P12 fique junto da D.^a T. a ver quantos colegas é que vão ler atentamente...

P10: Com o quê?

P8: ... a norma 1 dos exames...

P10: Ai não precisa, porque eu hoje vi a coordenadora dos exames ali na, na rampa com os alunos: “Olha, não se esqueçam. Olha a inscrição!”, tipo, não vai lá a casa, porque... Portanto, não te preocupes que eles não se vão esquecer.

P8: Mas a...

P12: Oh, P8, mas é assim, há coisas...

P15: E na norma ela também lê...

P10: Desculpa lá...

P12: Eu acho que há coisas que...

P15: Então não é? Na reunião...

P12: ... porque o que... é isso que eu acho...

P15: ... quando nós temos a reunião, ela 'tá a ler quase na integral...

P12: ... é que 'tás a dizer... eu acho que há coisas que são importantes quem 'tá no serviço de exames, saber. Agora, ler a norma 1 do princípio ao fim?!

P10: Ouve, eu não leio, eu recuso-me a ler. Quero lá saber.

P12: Que tem coisas que não interessam, que nem tem a ver com o meu trabalho de professora...

P8: E porque é que se gasta tanto papel?

P12: ... não faço... não sou eu que faço a arrumação das salas...

P15: Pois é! Porque é que...

P12: Para que é que me interessa saber que a sala fica arrumada desta maneira e daquela e da outra, se não sou eu que faço a arrumação da sala?

P15: Eh pá, é uma coisa irritante...

P15: E porque é que não se manda...

P12: Eu só tenho que saber, eu só tenho que saber é que durante a vigilância não me posso sentar, não posso falar, não posso usar telemóveis...

P10: Não podes respirar.

[risos]

P10: ... não posso comer, não posso fazer, não posso [impercetível], não posso não sei quê... Que se um aluno precisar sair...

P15: Salto alto.

P12: ... tenho que fazer determinados procedimentos, que se o aluno não tiver...

[impercetível]

P12: ... identificado, eu tenho que fazer determinados procedimentos. Eu acho que... E, aliás, já houve um ano que fizeram isso, fizeram uma síntese da norma, porque não faz

sentido... que é isso que, depois, eu acho que também faz com que as pessoas não queiram ler as coisas, porque é assim eh pá, eu, para ler um documento que daquelas duzentas páginas... não tem duzentas páginas, mas que tem para aí, sei lá, duzentos artigos, mas só vinte artigos é que dizem respeito àquilo que eu vou fazer... Olha, começam logo com aqueles preâmbulos, que não servem para nada, é só retórica: “Os exames são uma componente fundamental da...” ta-ta-ta, té-té-té-té, ba-dé-ba-dé...

P10: Estão a fundamentar.

P12: ... pa-ta-ta-ta, que assim, que assado...

P15: É gastar papel...

P12: Eh pá, o que é que isso me interessa?

P8: Isso é a justificação, também, que as pessoas...

P12: Eu, interessa-me é saber: Eh pá, eu amanhã...

P15: As funções.

P12: ... tenho uma vigilância de exame, a que horas é que eu tenho que cá ‘tar?

P15: Claro.

P12: O exame é às 9 e tenho que ‘tar cá às 8:30, muito bem. O que é que eu posso levar para dentro da sala de exame? Não podes levar isso, que é uma garrafa de água, porque depois entornas a garrafa de água em cima...

P10: Não, não, pode ter aqui alguma fórmula...

P12: ... do exame do aluno e é uma chatice. Não, não é por isso. Por acaso, eu, depois, quando me explicaram, percebi a lógica. É que, de repente, sem querer, tu entornas a água em cima de uma prova de exame de um aluno e é uma chatice.

P10: Ok.

P12: Pá, há pessoas... eu cá, já me aconteceu muitas peripécias na vida. Não, não posso dizer que não ‘tou... que não me pudesse acontecer essa também. Pronto. Portanto, é assim, há coisas que eu tenho que saber, com certeza que tenho, agora, por amor de Deus, P8, também não me venhas dizer que eu tenho que ler a norma 1. Isso é como tu teres...

P8: Não estou a dizer que tens que ler, eu ‘tou a dizer é, tal como tu dizes, e eu concordo, que há documentos que os professores deviam conhecer, neste momento a grande maioria dos professores da nossa escola diz que não conhece o regulamento porque ele não existe e é mentira. Se ele existisse, eles não conheciam na mesma.

P12: Mas ele existe. Há um que ainda ‘tá em vigor.

P10: Ele existe, ‘tá à espera de ser...

P8: Mas é assim...

P10: ... as tais propostas de serem... que foram, foram...

P12: Agora vai ser reformulado... mas... mas é assim, mas enquanto [impercetível – sobreposição de vozes].

P8: Sim, esse está em vigor. Ok.

P12: ... mas, para o ano...

P8: Mas as pessoas justificam...

P12: ... enquanto não é reformulada...

P10: O que ‘tá em vigor é o antigo...

P12: ... a outra ‘tá em vigor, este que está em vigor é o antigo.

P8: Mas as pessoas justificam o não conhecimento com o facto de eles estarem em...

P10: P8, tu foste...

P8: ... estar a ser mexido...

P10: ... a este último pedagógico... e foi lá levada a discussão da, da semana do desporto escolar, a velha discussão da semana do desporto escolar.

P8: Sim.

P10: Tu tinhas conhecimento do calendário escolar, certo?

P8: Sim, e fui uma das pessoas que achei que não devia...

P10: Exatamente. Certo.

P8: ... tudo o que se discutir lá sobre a semana do desporto...

P10: Pronto.

P8: ... escolar também não tinha... não tinha lógica nenhuma.

P10: Pronto, mas as pessoas nem sequer conhecimento do que lá 'tá, têm. Se calhar, nem daquele... nem do...

P8: E a P10, nesse aspeto...

P10: [impercetível] sobre o... o...

P8: ... e a P10, nesse aspeto, a P10, nesse aspeto, estava bem fundamentada, puxou o decreto do início do ano que diz...

P10: Sim.

P8: ... tudo sobre a semana do desporto escolar e, portanto, as pessoas... a partir desse momento, eh pá, isto é... nós somos mesmo assim, nós temos... olha...

P10: Pronto, mas as pessoas não tinham conhecimento daquilo...

P8: Oh P10!

P10: ... que aquilo lá estava no calendário escolar...

P8: Oh P10, nós chegamos a um ponto...

P12: Então, mas as pessoas não sabem, desde o início do ano, que 'tá prevista a festa do desporto escolar?

P8: Sabem, mas...

P10: Não.

P8: ... não é da área delas, pá...

P12: Pois sabem.

P8: ... é de ginástica e ginástica não interessa.

P6: Não interessa.

P12: Às vezes...

P10: Não!

P12: ... às vezes dá jeito não sabermos.

P10: Naquela semana é que eles vão dar a matéria toda, é tão chata essa semana.

P8: Uma das coisas que eu acho...

P15: Pois é. E testes, se for preciso.

P10: Não, mas o que eu ‘tou a referir é que naquele calendário escolar, depois vêm lá vários pontos onde remete para a semana do desporto escolar. É uma falha muito grande deles, acho eu, não marcarem logo a semana. Mas, vem lá a dizer que a semana ainda vai ser marcada, porque não há uma semana de desporto escolar que agrade a toda a gente.

P8: Claro.

P10: Não há. Não há.

P8: Eu próprio disse, no outro dia...

P10: Mas diz lá, remete que nessa semana deve ser assim, assim, assim, se houver alunos em desporto escolar, deve ser feito assim, assim, assim. As pessoas acho que viram aquilo... há gente que vê aquilo e “Ah, isso ‘tava aí, ah depois aí vou usar”, portanto, no início do ano, elas nem sequer aquilo...

[impercetível]

P10: ... aquele calendário escolar tiveram...

P12: ... porque é assim, eu desde que cheguei aqui a esta escola, que a gente sabe como é que é.

P10: Sim, P12.

P12: Quer dizer, desde que cheguei não...

P10: Isso já é o...

P12: ... porque quando eu cá cheguei...

[impercetível]

P12: ... era mais fixe, porque a escola fechava [impercetível].

P10: Altamente.

P12: Pronto. Mas já há muitos anos que não é assim. E há muitos anos que a gente sabe essas regras...

P10: Não, mas há gente que ainda não.

P8: Não sabem. Nós achamos que serve... nós temos um colega, neste momento, na semana anterior, recusa-se a dar um teste a um aluno que foi só representar a escola, foi quase em serviço oficial da escola e recusa-se a dar. Isto é daquelas coisas que eu digo, quando nós falamos dos alunos, estes professores desta escola, era bom que se fizesse uma análise psicológica e atenção que o P. ...

P12: Mas o... é aí, é assim...

P8: ... só que [impercetível]

P12: Olha, eu aí, é assim...

P8: Atenção, representação oficial da escola...

P12: Aí, é assim, ele é, pela legislação, ele é obrigado a dar.

P1: Obrigado.

P15: Pois é.

P8: Pois é. Mas isso já foi esclarecido. Agora é preciso...

P12: E agora é assim...

P8: ... ir falar com A, ir falar com B, inclusive...

P12: E agora é assim, se não der...

P8: Claro e depois acha...

P12: ... há uma coisa que se chama processo disciplinar.

P8: Não, mas estás a perceber? Não, mas, oh P12, mas a questão nem sequer é essa. É...

P1: É a atitude.

P8: É a atitude. É a atitude.

P10: Não, escreve-se um papel, pondo a circulando por todos, para todos lerem.

P8: É o conflito, é o conflito entre... com, com o aluno. Depois os pais ficam desagradados e, portanto, é um conflito completamente desnecessário...

P6: Desnecessário.

P12: Sim, eu também acho que sim, mas é assim...

P8: Temos uma... Olha, eu dou-te outro exemplo, eu acho que o segundo toque foi uma má... foi uma boa intenção, foi uma má ideia. E neste momento, acho que não funciona, temos, claramente, alunos que já trabalham para o segundo toque.

P1: É.

P12: Sim.

P8: E estão com um pé fora e outro dentro, não me prejudica minimamente nem me... nem me perturba, oh pá, eu também da idade deles fazia igual ou pior.

P12: Claro. Com certeza.

P8: O... agora eu não posso meter na cabeça que os alunos que chegam entre o primeiro e o segundo toque têm falta. Não têm. 'Tá dentro da tolerância, porque 'tá...

P15: Claro.

P8: ... isso 'tá, 'tá nas regras da escola.

P14: Claro.

P8: E há pessoas a fazer confusão com isto?

P12: Sabes porquê?

P6: A não querer aceitar e a... e a marcar-lhes falta.

P8: Não, mas não têm faltas.

P6: A marcar faltas, não sei...

P12: Porque, eu acho, que as pessoas confundem... porque é assim, eu acho que as pessoas confundem duas coisas que é regras com opiniões.

P8: Pois.

P15: Pois é.

P12: É assim, eu sou contra o segundo toque e eu antes era assim, quem entrava depois de mim, tinha falta. Eu, normalmente, tiro as faltas, eu até tiro faltas a alunos que chegam depois do segundo toque. Por norma, se o aluno 'tá na sala, não vejo razão para ter falta. Com certeza que se é um aluno que faz, por sistema, chegar todos os dias 15 minutos atrasado...

P8: Pá, de vez em quando...

P12: ... oh meu amigo, eu também não tenho aqui um O de otária, não é? Pronto. Eh pá, mas, em norma, um aluno tem... eh pá, às vezes há um azar, há uma coisa qualquer...

P15: Sim, sim.

P12: ... ou não há um azar, mas “Eu ‘tava ali a brincar e ‘tava distraído e não dei por isso...”. Portanto, eu nem nunca marquei faltas de atraso... E desde que o aluno chegue, eu tiro a falta. Mas é assim... agora até nem tenho esse problema, porque com o *Place* não tenho livro de ponto, portanto, só marco as faltas depois. Às vezes, os alunos faltam à aula e eu nem registo a falta...

P15: Pois é.

P12: ... porque já não me lembro se faltou, se não faltou e, na dúvida – como diz o outro, *in dubio pro reo* – portanto, se eu não tenho a certeza, não marco. Mas é assim, quando eram os livros de ponto físicos, eu marcava logo, porque eu tenho o hábito de chegar, faço o sumário e faço a chamada e marcava as faltas. À medida que os alunos iam chegando, ia tirando faltas, tudo bem. Eu sei que agora não posso fazer isso enquanto não der o segundo toque. Até dar o segundo toque, eu não posso marcar falta a um aluno.

P1: Por muito que não concordes com ele.

P8: Exato.

P12: Por muito que eu ache isso...

P6: Claro.

P15: Claro.

P12: ... uma coisa que tem...

P1: Mas é uma regra da escola.

P12: Pois, é a regra da escola.

P15: Então, claro.

P12: Agora, o problema é que tu tens pessoas que confundem regras com opiniões.

P15: Pois é.

P10: Pois é. Com quem não defende, quem defende que os alunos do secundário não deviam estar no desporto escolar, por exemplo.

P8: Outra aberração.

P10: Há quem tenha essa opinião e para além de ter essa opinião...

P12: Entre!

P10: Sim...?

P12: Esta sala está requisitada até às...

P10: Oito.

P12: Exatamente. Até às vinte e dez.

Voz 1: Vinte e dez?

P10: Que é às oito e dez. Sim.

Voz 1: Ok. ‘Tá bem.

P12: Peço desculpa.

P10: Dez minutos depois das vinte [risos].

P12: Mas podes entrar e assistir à nossa discussão, se quiseres.

Voz 1: Não, tenho os alunos comigo.

[risos]

P12: Eu nem sei que horas são. Que horas são?

P10: Sete e cinquenta e quatro.

P12: Ah. São cinco para as oito, já? Ah, então... Vá...

P8: Mas estes casos, que eu digo, são muito interessantes, em que chegam lá em baixo, às vezes, são os próprios alunos a pedir: “Professor, posso falar consigo?”, eu digo: “Olha, olha, eu sou coordenador de diretores de turma”. O que é que tu fazes a uma pessoa que supostamente tem uma formação superior em que há um aluno numa turma em que trabalha, que tem um processo em tribunal e essa pessoa, para prender, entende levar a turma toda ao tribunal para ver o rapaz a ser julgado? [risos] E depois tu dizes assim... [impercetível] e depois nós reclamamos com um aluno que põe a mão na cadeira ao lado?

P1: [impercetível] meu Deus.

P10: E pediu autorização aos pais para sair da escola? Portanto...

P8: Não. E depois houve alguém, houve alguém...

P10: ... infringe *N* regras.

P15: Regras.

P8: Houve alguém no meio daquela, daquela história toda que é uma...

P10: Mas há muitos anos.

P8: ... que essa pessoa abriu a boca e houve alguém que teve a consciência e disse: “Oh rapariga, mas tu sabes o que é que ‘tás a fazer? Tu incorres num processo disciplinar. Tu vais... isso é... tu vais enxovalhar o miúdo... levar a turma. O que é que eles... qual é o conteúdo da tua ou de outra disciplina...”

P15: Da disciplina, exatamente.

P8: ... que tem a ver com eles irem lá ver o colega – ainda por cima um colega da turma – a ser julgado num caso, que é esta escola”...

P6: Pelo amor de Deus, [impercetível]. Ai desculpem...

P12: Bem.

P6: ... eu ‘tou fora [impercetível].

P15: Olha e eu também ‘tou fora de órbita.

P8: E depois se formos a ver, estas professoras... e acho piada...

P6: Fiquei agora parva mesmo...

P1: Eu também não sabia...

P8: ... tu chegas depois às reuniões...

[risos]

P8: ... pessoas com discursos que tu dizes: “Eh pá, este realmente...”.

P12: Quem ouve a falar [impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Ora bem.

P12: Bom...

P8: Eu peço desculpa, que eu nunca mais falo.

[risos]

P12: Não, não! É assim, eu ‘tava para fazer até mais cedo, mas pronto. Eu trouxe este registo, que achei que era importante, acho que esta questão da fundamentação é uma questão importante, até para nossa própria defesa, porque, de facto, acho que obrigarmo-nos e obrigarmos os outros a fundamentar as suas decisões, acho que é importante. Depois, então, aqui é que trago a tal reflexão final. Pronto... Que fala sobre a questão... tem a ver com a tal avaliação, autoavaliação e que não é – diz ali, muito explicitamente – mais do que classificá-los, ou seja, esta avaliação que se faz com os alunos não é classificar o aluno, não é dizer: “Oh M., então, tu achas que, de 1 a 5, quanto é que tu vales?”. Não. É... é, essencialmente, a... fazê-los olhar para o trabalho que desenvolveram, fazê-los refletir sobre as dificuldades que eles tiveram, as coisas que correram bem, as que correram mal porque é que correram mal, o que é que o aluno, o que é que tu, professor, podes fazer para que isto, da próxima vez, corra melhor. É isto que deve ser a auto... a autoavaliação...

P15: Autoavaliação.

P12: ... que fazemos com os alunos. Não é a questão de irmos para ali pedir aos alunos... É assim, não tenho nada contra quem diz aos alunos: “Olha, quanto é que tu achas que mereces ou não...”. Acho que é um... não, não tenho nada contra isso. Aliás, eu, muitas vezes, peço isso aos meus alunos em relação ao... ao... parâmetro das atitudes e valores, porque acho que o parâmetro das atitudes e valores é um parâmetro que eles – até para os ajudar a desenvolver uma certa consciência crítica – eu acho que eles devem pensar. Quer dizer, como é que eu... o que é que eu fiz... dentro deste parâmetro, como é que eu me situo? ‘Tou bem, ‘tou, ‘tou muito bem, ‘tou um bocadinho menos bem. Pronto. Agora, a ideia desta reflexão com os alunos não é... pôr os miúdos a dar notas, nem a si próprios nem ao vizinho do lado. É pôr os miúdos a pensar sobre o trabalho que fizeram, o que é que ainda há para fazer, as dificuldades que eu tive... como é que eu acho que posso superar essas dificuldades, como é que eu acho que o professor me pode ajudar a superar essas dificuldades. E é nesse sentido que eu acho que esta avaliação é muito importante. E é por isso... pronto, percebo a tua perspetiva e também acho que essa coisa de ter uma aula para os miúdos dizerem: “Ah, eu mereço 3; eu mereço 4; eu mereço 5”, a mim não me diz grande coisa, mas, para mim, eu acho muito importante a reunião que faço, no final do período, com os miúdos

sempre que posso. Às vezes não, não tenho tempo e não, não consigo fazer. Mas acho importante, porque é uma reunião em que nós fazemos o balanço do que é que correu bem, alteramos as coisas... Quando não faço, por exemplo, agora com o 8º C não vou ter tempo de fazer, neste período. Mas a primeira aula do terceiro período vai ser para fazer isso. Vamos ver como é que foi – porque fizemos isso no primeiro período, alterámos algumas coisas – e agora vamos ver: como é que foi? As alterações foram positivas ou não? Correu bem ou não correu? Vamos mexer ou vamos manter? Vai ficar como está? Porque eu acho que há coisas que... são importantes, P8, até porque isso responsabiliza um bocado os alunos. Se os alunos, se eles próprios tomarem parte na tomada de decisão, que é assim, quando eles decidem que: “Não, nós queremos mesmo é que os grupos sejam por sorteio”, depois quando acontecem coisas como aconteceu no 5º B...

P15: Não podem reclamar.

P12: ... eu só tive que que dizer: “Oh meus queridos, quem quis o sorteio foram vocês”.

P15: Mas, por exemplo, P12, eu faço isso com eles, sempre, em todos os períodos. E eu pergunto o que é que acham das aulas, críticas ou... em relação a mim. Eles, a única coisa que dizem é: “Ah, trabalhos de casa, não devia mandar trabalhos de casa”.

P10: Trabalhos de casa?

[risos]

P15: “Não devia mandar trabalhos de casa”. Pronto.

P12: Mas, se calhar, é uma coisa que se deve ponderar, porque, oh P15...

P15: Mas é assim, eu também não mando duas páginas!

P12: ... é assim, eu percebo, eu percebo que...

P1: Mas se tu mandares uma...

P15: Um.

P1: ... Ciências mandar uma, História mandar uma, na-na-na-na...

P12: É que é assim, os meus têm...

P1: ... os putos...

P15: Sim, é verdade!

P12: ... nove disciplinas.

P15: Eu compreendo isso.

P12: Os miúdos passam o dia na escola. Há crianças que entram aqui às oito da manhã e saem daqui no autocarro das vinte para as sete, quer dizer, vão a casa almoçar e tal. Quer dizer, mas eu sei que a ideia é... os professores, quando marcam trabalho de casa não é porque são sádicos e querem pôr os alunos a sofrer, não têm...

P15: E praticar, a Matemática tem que se praticar.

P12: ... e têm boas intenções! Eh pá, mas às vezes é assim, se calhar de boas intenções...

P1: Se não funciona...

P12: ... está o inferno cheio. E os miúdos têm uma sobrecarga tão grande que eu pergunto-me: eh pá, quando é que estes miúdos brincam? Quando é que estes miúdos praticam desporto? Porque se... se eles chegam a casa às sete da tarde e ainda têm uma catrefada de coisas para fazer para... para Português, para Inglês, porque a língua estrangeira é importantíssima e não pode deixar de ter trabalhos de casa, depois a Matemática também é uma coisa muito prática, a Físico-Química upa, upa e depois, ainda por cima, é uma disciplina difícil, se eles perdem o fio à meada, não sei quê, não sei quê. Eu, eu não... não ‘tou a dizer que as pessoas mandam trabalhos de casa por mal, mas é preciso a gente pôr-se um bocado no lado do aluno e perceber, eh pá, será que... se calhar, se as pessoas acham que é importante o trabalho de casa, eh pá, então escolham – talvez seja possível, não sei...

P15: Não, mas eu também combino com eles, por exemplo, eles às vezes dizem-me... eu digo dois exercícios, três. E eles dizem: “Ai, amanhã vamos ter teste, então marque só um”. E eu digo: “Pronto, então”. Há ali um acordo mútuo...

P12: Exato.

P15: ... uma negociação, exatamente.

P12: Faz-se uma negociação. E o que eu também acho que os professores que marcam trabalho de casa devem ter em atenção que é assim eh pá, se eu tenho aulas com o miúdo, por exemplo, eu tenho aulas com aquela turma à segunda, à terça e à quinta. Eh pá, eu não tenho necessidade...

P6: Todos os dias.

P12: ... de marcar trabalhos de segunda para terça. Eu posso marcar o trabalho de segunda para quinta ou de terça para quinta.

P15: Pois.

P12: Porque aí, o miúdo já tem uma margem de manobra diferente... eu acho...

P15: Há um espaço... Mas agora, a P10, que é encarregada de educação, diga lá.

P8: Não, mas a questão não é essa.

P10: Eu não acho, não acho que seja...

P8: O problema já está a acontecer no... no primeiro ciclo...

P14: Se for pouquinho...

P15: Não! É assim, não, mas ela pode falar como mãe.

P8: Sim. Mas no primeiro ciclo, neste momento, é uma vergonha.

P12: Mas tu também. Tens a tua filha aqui.

P15: Não. Pois. Mas eu não acompanho, já.

[risos]

P15: Não sei. [risos]

P8: Olha, no primeiro ciclo, o que está a passar no primeiro ciclo é vergonhoso...

P15: Ai é.

P8: ... a quantidade de trabalhos que as crianças levam para casa.

P15: É verdade.

P14: Não levam nenhuns!

P8: É inadmissível!

P10: Não levam nenhuns?

P14: O meu filho não leva nenhuns...

P8: Não levam os teus.

P14: A semana inteira.

P10: O teu filho ‘tá em que escola?

P14: Nas Irmãs. Os dois.

P10: Não levam nenhum?

P14: Nenhum.

P10: Olha, mas há miúdos que levam. E a miúda do A., que é a que eu tenho conhecimento, que ‘tá perto de mim e é daquela escola, foi para as férias do Natal e se a mãe não a pusesse a fazer trabalhos todos os dias...

P14: Ai, nas férias de Natal, isso, isso é.

P10: ... e de manhã e de tarde...

P15: Não fazia.

P10: ... a miúda não conseguia acabar os trabalhos que tinha em dez dias.

[impercetível]

P10: Isto não se faz!

P8: Uma menina há tempos, estava [impercetível]...

P10: Isto não se faz!

P8: Mas não é só.

P10: São da mesma turma.

P8: No terceiro ciclo, nós temos aqui uma colega que há dias mandou para casa treze páginas num fim de semana e... ao meu aluno, que ainda por cima...

P10: Bem, também já tivemos alguma...

P8: ... para além das... para além das treze páginas, teve que escrever quinhentas vezes...

P10: “Não faço qualquer coisa”...

P8: ... numa outra disciplina, a diferença entre a escrita e a não sei quantos...

P12: Ah, mas isso, olha, isso...

P8: Oh pá, vão mas é passear!

P12: ... é um castigo que eu aplico muito.

P8: Ah, mas...

P12: Porque eu acho que é assim... eu não vou marcar uma falta disciplinar ou pôr um aluno na rua, porque o aluno se espreguiça ou me escancara a boca toda... eh pá, mas acho que há normas para ‘tar numa sala de aula...

P8: ‘Tá bem, mas escrever quinhentas vezes aprende alguma coisa?

P12: ... e se eu digo uma vez... e se eu digo uma vez...

P10: Aliás, eles até fazem: “Não, não, não”, “devo, devo, devo”...

P15: Pois é.

P8: Oh P12, eles escreverem quinhentas vezes “não podemos espreguiçar na aula de História”, aprendem alguma coisa?

P12: Nunca pus ninguém a fazer quinhentas vezes...

P8: Não, mas é isso que eu ‘tou a dizer...

P12: Quinhentas vezes nunca pus ninguém.

P8: Eu se tivesse um filho... quinhentas palavras, oh rapaz, escreves uma e dizes... e o pai vai assinar aqui por baixo. E ele que me penalizasse.

P12: Olha, uma vez houve um aluno que disse assim: “Oh professora, posso fazer no computador?”. “Claro que não, que você faz uma frase e depois faz *copy-paste*”.

P15: E *copy-paste*.

[risos]

P12: Mas é assim, mas acho que ao escreverem cinquenta vezes não lhes faz mal nenhum, fazem aquilo num instante. Oh pá e é uma maneira de eles interiorizarem as regras, tem paciência.

P10: Não sei. Pois, não sei.

P8: Eu aí discordo.

P12: Tem paciência.

P10: Também não, não concordo...

P12: Oh pá...

P10: ... até porque vi... já vi o meu filho mais novo a fazer isso e aquilo...

P8: Revolta. ‘Tá a revoltar.

P10: Não! Não...

P15: É banal, é banal.

P10: Parecem é duas folhas...

P6: É, é, é isso.

P10: ... dos cadernos que eles têm [impercetível].

P6: É como ele ‘tava a dizer, faz-lhes mal, não, não, não por ali a baixo.

P10: ... esta e esta e tem que ser até ao não sei quê. E eu: “Como? Escrever *não devo falar na cantina*”...

P12: Não cantina não se pode falar?

P15: Oh!

P10: Ai! Não... ou: “devo portar-me bem na cantina”. Assim é que é: “devo portar-me bem na cantina”. E o desgraçado...

P8: Devo prender a respiração.

[risos]

P10: ... e o desgraçado ‘tava-me...

P8: Ai eu gozava!

P10: ... já ia aqui e eu, eram oito da noite e eu: “Diz lá, o que é que tens para fazer?”. [risos] Ai tenho isto e não sei quê. E eu assim: “Não, vais acabar, vais fechar isso, que são horas de...”. “Ai, mas o professor”, não sei quê. “Então, vais escrever até aqui”. Escreveu até ao fim daquela página e eu pus lá assim: “tomei conhecimento, obrigado”. Pronto, não escreveu mais. “E depois, se o professor te mandar fazer mais, a gente logo conversa”.

P8: Pronto.

P10: Mas mesmo assim escreveu aquilo...

P15: Na página.

P10: ... então como é que ele ‘tava a fazer aquilo?

P14: É assim, oh P10.

P10: “Não, não, não, não, não, não, não, não, não”...

P14: Claro. É isso que eles fazem.

P10: “... devo, devo, devo, devo, devo”...

[risos]

P6: Qualquer um de nós fazia a mesma coisa.

P14: Que às vezes é preciso ultrapassar as regras. É... às vezes, é preciso infringir as regras. O teu filho aprendeu isso, que não escreveu até ao fim.

P10: Não, não, mas eu avisei-o: “Mas se mais alguma vez vieres com histórias destas, porque te tiveste a portar mal na cantina...”. Mas é que há lá o método que também que é assim, fizeste tu, mas o professor olha e fazem todos. Acabou! Falaste? Não há intervalo durante uma semana para todos, ponto final. Queres ver esta... agora diz-me, os miúdos estavam, terceiro ano, têm uma turma de onze, tem cinco manfios repetentes, em que dois ou três já eram para estar no 5º B. Depois tem mais um, os outros dois, eram do... deviam de estar agora no quarto. E os meninos, pá, aquilo é um... ver se te avias, lá dentro. Portam-se mal, então, uma semana de... de castigo sem intervalo. Fica o menino no intervalo. Vão à cantina, vêm para a mesa, para a sala; vão à cantina, vêm para a sala.

P15: Ai que horror!

P10: Chega à quinta-feira são libertados do castigo, porquê? Porque num programa qualquer, daqueles meninos coitadinhos que têm o subsídio, que têm o apoio, que têm as coisinhas todas, levaram-nos à Madeira, com os senhores diretores das escolas. Conclusão: o V. aprendeu o quê? Que portar mal dá bónus, vai à Madeira.

[risos]

P15: Pois.

P8: Dá. Dá [impercetível].

P10: “Oh mãe...”; “Então, hoje não tiveste castigo?”; “Não, já acabou o castigo, porque aqueles meninos que fizeram que fizeram aquelas asneiras foram à Madeira. Tinham... foram a uma visita à Madeira”.

P15: Passear.

P10: Então, quer dizer, eu que sou professora da turma não dizia assim: “Não...

P15: Claro.

P10: ... atenção, vão à Madeira, mas estes e estes e estes meninos causaram este e este castigo, não vão.”.

P15: ‘Tão de castigo.

P10: Acabou.

P15: Continuam...

P10: Pois, mas batia lá...

P1: ‘Tá quieta!

P10: Não, não.

P1: Tinhas a... a família à porta.

P10: ‘Tás a ver? É destas coisas. Depois, se calhar, o castigo daqueles de oitentas vezes a escrever não sei o quê, não surte muito efeito, não.

P8: Não e...

P15: É injusto, eles têm sentido de justiça.

P12: Não, mas eu oitenta nunca mando, mas, normalmente, cinquenta vezes que é uma... é uma folha.

P8: [impercetível] é assim, no segundo ciclo, vocês têm quê? Cinco tempos semanais.

P15: Quatro, não é?

P8: Quatro tempos semanais.

P15: É quatro. Espera, se... eu... o quinto...

P8: Mas ainda têm o apoio ao estudo.

P12: E olha que há casos que resultam.

P8: ... ainda têm o apoio ao estudo.

P15: Ainda temos, exatamente.

P8: Eu acho que mandar trabalhos para casa é um crime...

P10: Dois, quatro.

P8: Por muito grande que seja o “coiso”...

P10: Seis.

P8: Eu dou-te um exemplo...

P15: Olha, mas a P10 não deu a opinião dela.

P10: Tens segunda, quarta e sexta.

P15: O que é que acha? São muitos trabalhos de casa a Matemática?

P10: Não, eu não acho que... que mandes muitos trabalhos para casa, uma vez que vai um ou outro exercício, não vai folhas e folhas de exercícios.

P15: Pois. Não, Deus me livre. Mas olha...

P10: É uma coisa que ele chega ali e num instante despacha o exercício.

P12: Pois, exato.

P15: Mas posso pensar nisso nos dias que tenho seguidos...

P10: Sim.

P15: ... com eles, não dar e dar, por exemplo, quando tenho...

P14: Ao fim de semana.

P15: ... à quarta, não é? À quinta não tenho, então, em vez de marcar de segunda para terça, marco de quarta para sexta.

P8: É que eu não estou preocupado com os alunos. Eu estou preocupado é com os colegas...

P14: E de sexta para segunda...

P10: Não!

P8: ... quando eles decidirem que os trabalhos de casa são, são proibidos, eu vou ver muita gente em depressão, porque é assim, eu acho que um aluno que tem quatro...

[risos]

P10: Não, mas é aí...

P8: ... quatro ou cinco...

P10: ... vão trabalhar para o Porto Moniz.

P8: ... quatro ou cinco tempos semanais àquela disciplina...

P10: Sim.

P8: ... ainda teve mais o apoio...

P10: É obrigatório.

P8: ... mais trabalhos para casa...

P12: Obrigatório o quê, trabalhos de casa?

P10: Passar trabalhos de casa.

P8: Mas...

P10: És a chamada à atenção...

P8: Eles trabalham para os exames nacionais...

P10: ... se não registaste no caderninho, é porque tu passas trabalho, mandas trabalho de casa e há um caderno onde tu registas qual foi...

P1: Qual foi o trabalho...

P10: ... o trabalho de casa que não foi mandado. E se tu não mandares, o senhor diretor chama-te à escola... chama-te à sala e pergunta-te porque é que não foi mandado trabalho de casa.

P15: Todas as disciplinas?

P10: Fala com a V., que veio de lá.

P6: Eu sei...

P8: Eles trabalham para os exames nacionais.

P1: É.

P8: Por isso é que eles, de vez em quando...

P10: E por isso é que eu não quero.

P8: ... ficam na melhor escola da região. Ou seja, chegas ao segundo período, comesas a trabalhar só para os exames. 'Tás a formatar.

P12: Mas também eles ficam na, na melhor, porque é assim eles também...

P10: O senhor não deve é ter nada que fazer.

[impercetível]

P15: Não, mas, oh P8, desculpa lá...

P14: Não há de ser todos os diretores.

P15: ... eu conheço amigas minhas que também trabalham para as médias e não é por isso que marcam trabalhos de casa. Mas, por exemplo, nas salas de estudo ou nos apoios ao estudo...

P6: Já fazem.

P15: ... eles já fazem isso – eu faço isso no sexto ano – exames, resolver exames.

P8: Exato, mas, por exemplo, é uma estratégia, mas aquilo que eu digo é, por exemplo, acho que está a haver um exagero muito grande, eu dou-te o exemplo: Matemática, terceiro ciclo, fez o exame ah... oh pá, ‘tá praticamente passada...

P6: Testes... testes.

P8: ... hoje já ia fazer um mini-teste?

P10: Pois, isso é outra, porque é que ninguém mandou uma carta para o pedagógico a perguntar porque é que [impercetível] mini-teste?

P8: Não, não, não, desculpa!

P15: É verdade.

P8: Tenho tentado discutido isso...

P15: E para que é tantos mini-testes a Matemática?

P8: Todos os... todos os pedagógicos, o Armando tem colocado essa questão.

P10: Pá, mini-testes...

P8: Todos.

P10: ... do mini-teste?

P15: É, é.

P8: Agora a questão é a seguinte...

P10: Eu, no terceiro período, eu posso... eu vou-lhe fazer mini-teste...

P8: ... aí o... por exemplo, eu hoje, eu hoje tive... foi alterado para eu poder dar o mini-teste, mas eles não se livraram de levar para casa uma ficha e uma boa ficha para resolverem no fim de semana. Oh pá, isto é assim...

P10: É que os miúdos estão obcecados com [impercetível].

P8: ... Oh pá, eu ‘tou... digo-lhes assim, as vossas disciplinas não me interessam – eles só vão ter Matemática e Português...

P15: É. E Português.

P10: Mas não me façam vir às reuniões de avaliação...

P12: Não, por acaso isso também tem a ver com uma coisa, que é assim...

P15: Ai, eu não faço mini-testes. Eu deixei mesmo. Não faço.

P12: ... como há os exames de Matemática e Português, as próprias escolas também acabam por se sentir pressionadas, não é por acaso...

P8: Não, não, isto são professores, isto são professores.

P12: Mas a... mas são os professores...

P8: Nós estamos a falar do nono ano. Nono ano, não tem esse problema. Estou a falar de oitavo ano. Eu, ontem, numa turma de sétimo ano, eu disse assim: “Olha, como isto está a terminar, registem aí estas três questões. Tumba, tumba, tumba. Isto vai para trabalho de casa, mas ninguém faz. Isto, vamos fazer na primeira aula do terceiro período”. Começaram todos a gozar. Porquê? Porque eu tenho que ser assim, eu tenho que dar o meu programa na minha, na minha coisa. Eles têm direito a ir para casa, eu no lugar deles, todos os dias, tinha, tinha faltas, não fazia trabalho de casa nenhum.

P10: Eu não fazia nenhum, também.

P14: Nem eu.

[risos]

P10: Eu digo, então, é assim, também...

P8: É inadmissível...

P10: ... como, como encarregada de educação...

P8: ... é inadmissível o que estamos a fazer aos putos.

P10: ... e nós temos noção, não é? Que os miúdos precisam do nosso apoio. Porque é... tem que ser. Não dá ser... só deles, só conta deles.

P6: Claro que não.

P10: Agora imaginem os pais que saem às sete da tarde, que chegam a casa. Os filhos até conseguem, até vão à atividade não sei quê, sete e meia/oito horas ‘tá tudo em casa. É hora de chegar a casa, tá o jantar para fazer, está os trabalhos para fazer, às tantas até nem percebem muito daquilo nem têm tempo para ir lá ler – porque se a gente for ler um bocadinho até consegue...

P15: Já perde tempo...

P10: Qual é o tempo que aqueles pais têm para dizer assim: “Olha, então como é que correu hoje o teu dia?” ou: “O que é que fizeste?” ou: “Senta aqui um bocadinho” ou: “Vamos ver um bocadinho de televisão”? Pá, não há tempo.

P12: Pois não.

P10: Não há tempo.

P15: E nós vivemos num sítio pacato!

P12: Gostava de [impercetível]... que é, ‘tás a falar de pais como nós, que são pais, apesar de tudo, diferenciados. Há muitos pais...

P6: A maior parte.

P12: ... que têm a quarta classe.

P6: Pois.

P10: É isso. Não, mas o que os...

P12: Nem isso podem fazer aos miúdos.

P10: ... os miúdos de quinto e sexto ano, Isa, são miúdos, são pais, que se calhar, até alguns...

P12: Já devem ter o nono ano...

P10: ... meus alunos não, mas, mas...

P12: ... pelo menos, já são do tempo do nono ano.

P10: Não, mas...

P12: Mas, quer dizer, mas muitas vezes...

P10: Isa, mas há coisas que eu tenho que ir lá ver...

P12: ... há pais que mesmo queiram, por mais boa vontade que tenham, também não podem ajudar os filhos...

P8: E são rotulados...

P14: Nem sabem.

P8: ... e são rotulados porque não ajudam [impercetível].

P10: Agora imagina, eu, às vezes, tenho vontade de mandar os meus filhos: “Fecha-me isso tudo e vai para a cama!”.

P14: Pois.

P10: Eu também a partir de uma certa hora não os deixo fazer mais nada. Acabou!

P8: Claro.

P10: Ando o dia todo a dizer assim...

P8: Claro.

P10: ... “Vai fazer!”.

P8: Claro, não foi possível...

P10: Não faz? “Meu amigo, agora a partir desta hora também já não fazes, amanhã justificas porque é que não fizeste”; “Ah...!”; “Não quero saber! Agora já não fazes. Eu também sou teimosa!”.

P15: Mas, olha, eu fiz isso uma vez à M. e sabes o que é que ela fez? Deixou-me deitar e depois disse-me que tinha feito.

[risos]

P10: Mas estás a ver? Tem preocupação de fazer. Será que aprendeu?

P15: Pois.

P10: Não sei. Os meus não fazem.

P15: Agora, já não... como eu digo, a partir do 6º ano eu já não...

P12: Eu, eu é assim... eu como professora...

P15: ... eles têm que...

P12: ... não mando trabalho para casa, não vejo, na minha disciplina...

P14: Se calhar, tu é que fazes bem.

P12: ... a necessidade dos alunos fazerem trabalho de casa. Agora é assim, se os alunos estão a fazer um projeto e querem ir em casa procurar...

P8: Para pesquisar...

P15: Quando eles precisam...

P12: ... [impercetível] oh pá...

P8: Eles pesquisarem é positivo...

P12: ... tudo bem, não tenho nada contra.

P15: Eles precisam... ainda ontem...

P8: Oh P12, pesquisar é positivo.

P15: Agora, eu 'tar ali como 'tava no quinto e no sexto ano...

P12: Agora, eu dizer assim: "Ai... a ficha nº 1 do caderno de atividades". Eu, aliás, eu nem mando comprar caderno de atividades.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Nem mando comprar caderno de atividades.

P10: Ele leva sempre o caderno?

P15: Não sei se é isso.

P6: Era...

P10: O caderno de atividades ou [impercetível].

P12: Não.

P6: ... até ao nono...

P12: Só, só para as aulas de estudo autónomo, mas... que eles podem usar nas aulas de estudo autónomo...

P6: Estás a perceber?

P10: Eh pá, acho que tem que haver ali um mínimo...

P12: Agora, nas aulas, nas outras aulas, não.

P10: Mandar de vez em quando, sim. Porque não? Mandar quando os alunos, realmente, não estão... Se tenho aula amanhã, não vou estar a mandar. Agora, se calhar, também às vezes não mandam nada e o aluno acaba por não trabalhar [impercetível].

P1: Mas isso é uma coisa que tem que ser tomada de acordo com todos os professores, porque não mandas tu, não manda ela, mas mandam os outros seis. E é a mesma coisa...

P6: [impercetível] Aí é que a gente consegue perceber bem [impercetível]...

P12: Mas é assim, é que o problema também é que...

P6: ... ta-ta-ta-ta-ta. A minha cabeça [impercetível]...

P12: ... eu não sei até que ponto é que...

P14: Eu também...

P10: Ou imagina combinar no conselho de turma qual é o dia da disciplina...

P6: Uns têm nos agravantes...

P10: ... mandar atividade... mandar trabalho de casa.

P12: Pois é que isto...

P10: Porque não?

P12: ... isto são coisas que só se podem fazer se forem por consenso [impercetível].

P10: Imagina, olha-se aqui para o horário...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: “Ah, não mando os trabalhos de casa!”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P15: Eu tive as duas.

P6: Por isso é que [impercetível].

P14: Durante uma época tinha as duas [impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Diz, diz, diz.

P8: Em relação a esta reflexão final, aquilo que eu quero perguntar é o seguinte. Eu concordo com tudo o que eles dizem e também com este texto do Domingos Fernandes.

Aquilo que eu pergunto é, se ao longo da tua formação na universidade, se eles algum dia avaliaram-nos desta forma que eles defendem ou se... o que eles quiseram foi classificar-nos ou avaliar as nossas aprendizagens? Tu tiveste alguma formação ou eles sabiam que estavam a formar-nos para sermos professores, algum dia disseram assim: “Olha, vocês têm que ter atenção a isto. Façam este trabalho, agora façam uma reflexão sobre o trabalho”? Eu nunca tive nada disso.

P12: É assim, eu na minha formação profissional, no meu estágio – foi um estágio muito *sui generis*, porque eu fiz estágio na Universidade Aberta – portanto, eu tinha os materiais, estudava por mim. Na altura, ainda não havia computadores, quando tinha dúvidas telefonávamos para o professor, o professor esclarecia as nossas dúvidas. Nós fazíamos testes formativos, isto é, trabalhos, depois o professor dava-nos *feedback* e a avaliação final, a certificação tem que ser por exame.

P8: Ok, mas nós éramos, na universidade, nós fomos sempre classificados. Eles nunca nos ensinaram...

P12: Mas ninguém ‘tá a pôr em causa que não tem que haver classificações.

P8: Sim, sim. Não, mas o que eu estou a dizer é, aquilo que eles nos estão a pedir para fazer, nunca nos fizeram a nós. Os nossos...

P12: E eu acho que a mim fizeram...

P8: ... os miúdos... A mim nunca me fizeram.

P12: Olha, por exemplo, eu posso dizer que é assim, a um nível de pós-graduação, tu o que tens sempre, até chegares à apresentação do trabalho, o que tu tens sempre é uma avaliação formativa.

P8: Quantas pessoas pós-graduadas tens cá dentro?

P12: Eh pá, eu ‘tou-te a falar...

P8: 50%?

P12: ... da minha experiência, P8. Porque é assim, porque o que tu...

P8: Mas tu és do tempo da pedra, pá.

P12: Pois sou!

[risos]

P8: Tu já tens [impercetível].

P12: Mas é assim...

P8: ... D. Afonso Henriques, não foi?

P12: E agora 'tá aí uma... e agora anda aí... anda aí uma onda, que é... que eu acho que ainda vai fazer bastante sururu, que é o de que é preciso sangue novo nas salas dos professores. Ou seja, esta velharia, que tem trinta anos de serviço, toca a correr com eles...

P8: Sim, sim, isto *tá* a ser discutido muito, mesmo naqueles...

P10: Pois, mas é que eu continuo a achar...

P12: ... toca a correr com eles, para começar [impercetível].

P10: ... que há sangue novo...

P1: Que é pior...

P8: Sem qualidade [impercetível].

P10: ... que 'tá bem mais...

P8: Sem qualidade.

P10: ... farto...

P12: Eu também acho!

P10: ... e sem vontade...

P15: Ah, sim, sim, sim.

P10: ... do que o sangue velho...

P12: Eu também acho! Mas acho que isto é... isto é um...

P8: Até porque...

P12: ... movimento que 'tá aí a começar...

P10: [impercetível] que tu não tens, que é para ver se não [impercetível]

P12: ...mas que daí a caminho vai... Mas olha, é assim...

P6: Mas isto tem a ver com outra coisa.

P12: ... em termos de pós-graduação...

P6: ... tem a ver com o poder económico, os mais velhos [impercetível].

P12: ... toda a minha formação, foi assim nessa base. Por exemplo, a primeira pós-graduação...

P8: Sim, aí concordo.

P12: ... que eu frequentei, que eu frequentei, que não conclui, foi um curso de Administração Escolar. E nós fazíamos trabalhos para as diferentes cadeiras e depois chegou a altura de fazer o projeto – a P6 andou lá, também – chegou a altura de fazer o projeto e o que é que nós tínhamos? Nós íamos às sessões com a orientadora do projeto – consoante os nossos projetos, ela dizia: “Olhe, você vai ter que fazer esta leitura, aquela, a outra, aquela outra” – depois... eu depois eu aparecia lá um mês depois com um texto escrito e depois ela dizia-me: “Olhe, aqui isto, se calhar, não é bem assim. A P12 aqui, se calhar, vamos organizar isto”. Portanto, a... a formação, pelo menos ao nível da pós-graduação, é... a avaliação, eu acho que é muito avaliação formativa. É aquilo que eu hoje faço com a minha orientadora. A minha orientadora não me diz: “Ah, esta transcrição ‘tá XPTO ’”, não.

P8: Desce um degrau...

P12: Não.

P8: ... e vai à licenciatura.

P12: Ela, ela vai-me... orientando...

P8: Sim, mas isso só [impercetível].

P12: ... e eu vou trabalhando e depois há de chegar uma altura que eu hei de ter aquilo pronto e aí tenho que ir a um júri, que vai dizer: “é bom”, “é muito bom” ou “é excelente”. Vai chegar o momento, mas... mas porque eu quero a certificação. Porque se eu não quiser a certificação, se eu andar ali só para aprender umas... umas coisas – ia dizer outra coisa, mas pronto – se andar só para aprender umas coisas, até posso chegar ao fim e dizer: “Ah, agora vou-me chatear a fazer uma tese? Que é... eu não tenho vida para isso, não quero saber, já aprendi o que queria aprender, já vi...”. Portanto, é assim... nas universidades, eh pá, é assim... o trabalho... eu, quando fiz a minha licenciatura, era assim, a gente ia lá às aulas, estudava e fazia frequências. Pronto.

P1: Ponto final. Mas é que nem sequer nas cadeiras – e aí eu concordo com o que o P8 ‘tá a dizer – nem sequer naquele ano importante de cadeiras pedagógicas, isto é feito.

Tu estudas, vais às cadeiras pedagógicas, não é? Não... Continuas com o mesmo esquema. Estudas, fazes o exame, tens nota, ponto final.

P12: Olha, eu posso-te dizer que - não sei se ainda está a funcionar - mas posso-te dizer que, na Universidade da Madeira, funcionou pelo menos um Curso de Formação de Professores que não foi assim. Que foi... foi o P. B., tu conheces...

P1: Sim.

P12: ... ele chegou a vir cá dar formação.

P12: O P. B. era o responsável...

P1: Esse é do meu tempo...

P12: ... do curso. Pronto. O P. B. era o responsável por aquele curso e o método de trabalho era o do modelo pedagógico do MEM, aplicado à universidade, e, portanto, as pessoas... era exatamente como a gente faz com os meninos. As pessoas trabalhavam por projetos, as pessoas tinham essa tal avaliação formativa da aprendizagem. Claro que, depois... eh pá, mas quando tu tens que ter uma certificação...

P1: Tens que ter uma classificação.

P12: ... isso aí não há como fugir, eh pá, tu tens que ter algum instrumento a partir do qual o certificador diga: “Este senhor passa” ou “não passa” ou “é bom” ou “é suficiente” ou “vale 10” ou “vale 15”. Mas isso é quando tu chegas ao momento da certificação. Agora, nós andamos sempre... parece que andamos sempre a fazer certificação. Por exemplo, eu, uma das coisas que me faz muita aflição é a forma como é gerida... não... até penso que não é só nesta escola, a avaliação intercalar, que tá completamente transformada numa avaliação sumativa. Até os próprios miúdos. Eu tive um miúdo que me encontra ali fora e diz: “Oh Professora, então deu-me um 2 na avaliação intercalar?”; “Oh homem, dei-lhe um 2?”. [risos] “A avaliação intercalar nem é com 2”; “Ah, deu-me insuficiente, que é a mesma coisa”; “Não, não, não confunda”. [risos] Portanto, nós transformámos a avaliação intercalar...

P8: Mas [impercetível].

P12: ... que devia ser esta tal...

P8: Porque é que não fazes uma proposta ao pedagógico...

P12: E fiz.

P8: ... para fazermos uma experiência diferente... Não, o que vocês fizeram, uma série de propostas foi, por exemplo, não, não vou falar em grupos, mas, por exemplo, houve um... uma série de grupos que caiu no erro – como eu já estava a cair – eu dizia... eu disse logo: “Oh colegas, isso de dizer que temos que variar a... a oferta formativa é zero”. O pedagógico o que... o que pretende é: “Nós devemos oferecer este, este e aquele curso”. Ok, na avaliação intercalar, acho que deves fazer um documento a dizer...

P12: Mas eu, mas oh P8, o meu grupo...

P8: Sim.

P12: ... o meu grupo, por acaso, não sei se a proposta foi... se foi... subscrita pelo meu grupo todo ou se a proposta era mesmo só minha...

P8: Sim, mas foi apresentado em pedagógico, foi.

P12: Mas, eu, eu propus que a avaliação intercalar passasse a ser...

P8: Uma síntese e essas coisas todas... Oh pá...

P12: ... nesses moldes, porque eu acho que nós desvirtuámos completamente a avaliação intercalar...

P8: Olha, faz uma proposta!

P12: ... nós transformámos a... Então, mas já fiz!

P8: Oh P12!

P12: Agora estou à espera.

P8: Eu dou-te um exemplo, porque é que, por exemplo, com a experiência que tu tens, com a pedagogia que tu tens, essas coisas, porque é que tu não, não fazes assim, não fazes como o meu colega em Câmara de Lobos, aquele projeto que eu fiz uma apresentação, o ano passado... [impercetível] olha, eu quero ser diretora de turma... mas deem-me carta branca...

P14: Achas que não tenho razão?

P15: Tu tens razão...

P8: ... e eu... nós vamos respeitar a legislação, mas vamos trabalhar com documentação, vamos fazer uma experiência, uma turma. Vamos pegar nesta turma e...

e deem-me a oportunidade de... de um convidar o meu conselho de turma. E aí é que tu vês se... se essa pedagogia toda funciona, porque é assim, diz-me uma forma diferente de fazer aquela avaliação, de forma que os... diretores de turma consigam transmitir a avaliação das disciplinas todas...

P15: Num momento.

P8: ... ao encarregado de educação.

P10: Uma síntese descritiva...

P8: De forma simples...

P12: Sim, sim...

P10: Uma síntese descritiva...

P12: Olha, para já é assim...

P10: ... em vez de ir o insuficiente ou um suficiente...

P8: Sim.

P10: ... ir lá um pequeno texto a falar do aluno...

P12: Olha, vou-te já dizer uma coisa, por isso é que nós...

P8: Voltamos... mas posso... voltamos...

P15: Mas assim voltamos ao...

P8: ... ao problema de há três horas atrás, que era, se tu tens professores que não te lançam a avaliação...

P15: Pois.

P8: ... que é um S...

P1: É um S.

P15: Pois é.

P8: ... e um *I* pequeno e um *I*... e um *I* [impercetível].

P15: Iam fazer sínteses descritivas?

P8: Vão fazer sínteses descritivas?

P15: Depois também era *copy-paste*.

P12: Oh P8, é assim, vou-te dizer...

P10: Quanto menos exigirmos...

P12: ... ponto 1...

P10: ... quanto menos pedirmos...

P15: Ah, isso também é verdade.

P10: ... menos as pessoas vão fazer.

P15: Também é verdade.

P12: ... que a avaliação intercalar – eu já sei que me vais cair em cima...

P8: Não, não, não...

P12: ... mas é assim, eu penso *out of the box*, é assim, eu acho que a avaliação intercalar deve ser feita pelo professor no momento em que o professor sente que já tem elementos para dizer qualquer coisa.

P8: Sim.

P12: Porque eu, há muitas vezes chego à avaliação intercalar e eu não tenho nada para dizer. E, portanto, aquilo é assim meio no escuro.

P8: Tens o direito de o passar...

P12: Aliás, eu...

P8: ... desculpa. Tens o direito de o passar.

P1: É o que ele vem fazendo até ali.

P12: E é assim... eu acho que é muito fácil. Eu... eu fazia isso com a monga... fazia isso com a monga... [risos] Eu, com a monga, tinha que chegar ao Natal e fazer um relatório: a aluna lê desta maneira, fala daquela maneira, é capaz de fazer não sei o quê...

P8: Estás a falar de um aluno? Se tiveres cento e oitenta alunos, vais fazer cento e oitenta sínteses?

P15: Sínteses.

P12: Oh pá, hoje em dia...

P15: Não, era *copy-paste*.

P12: ... hoje em dia... oh P8...

P6: Mas há grelhas...

P12: Mas depois também há alunos que...

P6: ... se é por isso, basta pôr a cruzinha.

P12: ... porque é assim, porque a... eu acho que estas coisas, depois, o problema é que a gente acha que... é assim, se calhar, há alunos que eu não preciso de fazer uma síntese muito elaborada. Basta-me dizer: “O aluno... cumpre com os objetivos...”

P10: Deve continuar a trabalhar como...

P12: ... que foram estabelecidos e tem um bom comportamento e deve manter-se assim”.

P8: Escreve.

P12: Pronto.

P8: Escreve isso cento e oitenta vezes e amanhã dizes-me, depois...

P6: Mas podes... Oh, oh...

P12: Oh ‘migo, eu... olha!

P6: Desculpa!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu, eu sou do tempo...

P15: Pois já.

P12: Então, vou-te dizer... P8!

P6: Há grelhas que se pode fazer bem.

P15: Quando vim para aqui...

P1: Com sete turmas, oito turmas...

P12: P8!

P8: Não, mas aquilo que eu pergunto é...

P12: P8!

P8: ... ok e como é que nós vamos fazer circular uma grelha dessas, se mesmo que queiram fazer no computador, para fazer *copy-paste*, um diretor de turma manda hoje e diz...

P15: É verdade.

P8: ... “Colegas, até sexta-feira...”

P15: É, sim senhora.

P8: “... eu preciso desta grelha toda preenchida...”

P15: E não ‘tar lá.

P8: Nem daqui a quinze dias.

P15: Pois não.

P12: P8! Olha, eu ainda sou do tempo...

P15: Verdade.

P12: ... das... dos parâmetros...

P1: Dos parâmetros.

P12: ... em que a gente tinha uma folha, em que cada disciplina tinha um retângulo...

P8: Eu também preencho...

P12: ... e fazia uma descrição e depois é que punha lá à frente 3, 2, 4, 1, 5. Portanto, é assim, não me venhas dizer que escrever duas ou três frases sobre um aluno que é uma coisa transcendente.

P8: Não, foram vocês é que quiseram acabar com isso e por isso é que se mudou.

P12: Não, por acaso, não quis acabar com nada disso.

P8: É como a PGA, acabou-se com a PGA, porquê? Porque nós estávamos no secundário, os que não queriam fazer PGA incentivaram-nos e nós fomos todos para a rua fazer manifestações.

P12: Eu, eu, eu cá...

P8: Oh P12!

P12: ... não quis acabar com nada.

P8: Tudo o que se muda, é porque os professores estão contra...

P12: Agora...

P8: ... e querem mudar...

P12: ... o que eu acho...

P8: Eu, eu continuo a sugerir...

P10: Ah...!

P8: ... faz um projeto e...

P10: Mas fomos, fomos muito...

P12: E até te vou...

P10: ... muito solicitados sobre assunto? Eu não me lembra, porque eu, quando cheguei cá ainda havia síntese descritiva...

P8: Não, nós é que ‘tamos...

P10: ... e depois é que passámos para isto. Agora, eu...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: ... fomos... alguém nos perguntou?

P12: Ninguém nos perguntou nada.

P10: É uma grande falha aqui também, que é chamar as pessoas, também para as pessoas falarem e dizerem as coisas e... e... debater-se as coisas.

P12: Olha, e até te vou dizer mais, P8, eu ainda sou do tempo que não havia avaliações intercalares...

P1: *Hum, hum...*

P12: ... e nunca nenhum aluno morreu porque não teve avaliação intercalar.

P8: Mas estava [impercetível].

P12: ‘Tá bem, mas... mas... mas é isso que eu digo, é assim...

P10: A gente tem que se pôr nos dois sítios...

P12: ... eu sei que há muitas coisas que ‘tão na legislação, mas não é por ‘tarem na legislação que eu não... não... que eu vou deixar de pensar nelas e vou deixar de pensar nas...

P15: ‘Tás mais atenta.

P12: ... opções. Por exemplo, eu sei que ‘tá na legislação que a avaliação dos meninos dos segundo e terceiro ciclo é de 1 a 5.

P10: Tinha que ser assim.

P12: Mas eu acho que alguém tem que começar a discutir...

P14: Mas quem tem filhos nota muito mais as...

P12: ... que, se calhar, esta escala, que foi criada num tempo histórico muito específico...

P10: Está na altura de mudar.

P12: Está na altura de mudar.

P10: Exatamente, também acho.

P8: Eu penso...

P12: Mas ninguém fala nisso.

P8: Não, não, eu aí...

P10: Não.

P8: ... discordo. E acho que tem sido muito discutido a questão...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: ... vais, vais à net...

P14: Exatamente.

P8: ... há *N* blogues a discutir a questão da avaliação...

P12: Mas a mim não me interessa as discussões nos blogues, porque as discussões nos blogues não fazem legislação. Agora eu pergunto, qual foi a confederação de pais que tu já ouviste a contestar esta escala de avaliação?

[impercetível]

P12: Qual foi, qual foi a confederação de alunos...

P10: Não.

P12: ... que tu já ouviste a contestar esta avaliação? Qual foi o sindicato que tu já ouviste? É que é assim, é que as entidades que têm voz, pelos vistos, está tudo satisfeito e contente...

P8: Oh e então e o que é...

P12: E é isso é que me enerva. É...

[impercetível]

P12: ... 'tá na legislação que temos que fazer e não podemos... então...

P8: Olha...

P12: ... eu sei que eu tenho que fazer...

P8: As... o...

P12: ... mas isso não me impede de eu ter uma opinião e de a exprimir.

P8: Mas ninguém...

P10: Claro.

P8: ... ninguém disse ao contrário.

P12: Pronto.

P8: E aquilo que eu digo é o seguinte...

P12: E eu até te vou dizer, eu acho que avaliação intercalar, nos moldes em que 'tá, vale mais acabar com ela.

P8: Eu só, eu só te dou um exemplo, no ano anterior, a I. O. sugeriu, no pedagógico perguntou a opinião se não era benéfico que os colegas que dão apoio, mas que não têm turma, fizessem um pequeno parágrafo sobre aquele... Houve aí uma discussão em dezembro...

P15: Pois foi.

P8: ... por causa de um relatório...

P15: Pois foi.

P8: ... que foi desse pedido [impercetível]...

P10: Não 'tou... não percebi...

P15: Foi, foi...

P8: Não, a P10 disse...

P15: Foi, foi verdade, foi.

P8: ... [impercetível] se eu der um apoio a um aluno, que não é meu aluno...

P15: Foi, foi. Eu lembro-me disso...

P10: Ah, sim!

P8: ... olha, tens que fazer um parágrafo a dizer o trabalho que foi desenvolvido e...

P15: Exato.

P8: ... como é que correu e atitude do aluno, para aquele conselho de turma saber...

P1: Sim.

P8: ... o que é que ele 'tá a fazer comigo. Toda a gente concordou.

P15: Mas depois, quando foi...

P8: Saiu a palavra relatório, para os professores...

P15: Sim.

P8: ... foi uma coisa do outro mundo para fazer um parágrafo. A I. O. inclusive voltou a perguntar depois no pedagógico se tinha referido a palavra relatório. Portanto, o que eu volto a dizer é o seguinte, se nós alterarmos aquelas siglas ou... para sínteses, aí é que eu vou-me rir.

P12: Como te digo mais...

P6: Ai meu Deus, cai o Carmo e a Trindade.

P12: ... como te digo mais, que, que isso também foi uma coisa que [impercetível – sobreposição de vozes]... Mas é assim, eu acho...

P15: Minimizar, minimizar...

P12: ... eu acho, por exemplo, como já aconteceu, as escolas deviam ter liberdade nesta avaliação intercalar – já que a gente na outra não pode mexer – pelo menos, na intercalar, ser a escola a definir a...o... a terminologia que utiliza. E não ser uma terminologia que é imposta pelo Ministério.

P8: Pois, mas isso o tal cenário...

P12: E já houve um tempo em que era assim, eram as escolas que definiam. Olha, nesta escola, eu conheci pelo menos três terminologias diferentes. Quando eu cá cheguei, usava-se Satisfaz...

P10: Quase Satisfaz...

P12: ... Quase Satisfaz. Usava-se o quê?

P15: Bom.

P12: Depois houve uma altura que passou para o Mau, Medíocre, Suficiente, Bom, Muito Bom. Depois houve uma altura que já não está e é tão antipedagógico...

P8: Mas isso passa... claro, claro.

P12: ... voltámos outra vez para o Satisfaz.

P8: Tu já ‘tiveste no conselho executivo, na direção executiva...

P14: Eu gostava tanto do Excelente.

P8: Oh pá, mas isso é assim, isso são coisas, é assim, têm que mudar, têm. Mas têm que mudar lá de cima.

P12: Eu sei, P8, mas é assim...

P8: Eu não vou andar a discutir...

P12: Ó P8, eu sei, mas é assim, mas o que eu digo é, se a Secretaria vem ouvir a escola...

P8: Não vai ouvir! Aquilo é só para ficar na... na ata que ouviu os parceiros...

P12: Pronto.

P8: ... como o Ministro fez.

P12: Mas é assim...

P8: Acabou com os exames e depois é que foi reunir com as escolas a dizer que...

[risos]

P12: Se teoricamente a Secretaria vem ouvir as escolas e se nós temos a oportunidade de exprimir a nossa opinião...

P14: O quinto ano vai recuperar, porque fez na quarta classe.

P8: Exatamente.

P12: ... eu acho que devemos exprimi-la com o máximo de liberdade possível.

P8: Sim e acho...

P12: E apontar as coisas todas que nós achamos [impercetível].

P8: Penso que as pessoas o fizeram.

P12: E eu sei que aquela nossa proposta da alteração da escala de avaliação, não vai dar em nada, porque mesmo que a Secretaria achasse excelente, a Secretaria está sujeita à legislação nacional e como não foi mexido em Lisboa, não é mexido no Funchal.

P14: Faz na segunda classe.

P12: Não vale a pena termos ilusões. Pá, mas é assim, mas é o que eu digo...

P14: Na segunda classe é que se vai fazer o... exame.

P12: ... alguém tem que começar a cuspir para o ar, porque se a gente...

P14: Vê lá.

P12: ... não falar das coisas...

P14: Não sabem bem, as crianças...

P12: ... então é como se as coisas não existissem, é que se ‘tivéssemos...

P14: E depois fazem...

P12: ... todos muito satisfeitos e contentes.

P14: Vai para o quinto e vai para o sexto e no sexto vai recuperar o primeiro, o segundo...

P12: Olha, eu cá não ‘tou, eu não gosto desta escala. Das duas uma...

P14: No sexto?

P12: ... ou acabamos com as classificações que numa escolaridade obrigatória, se calhar, até nem fazem muito sentido e passemos só a ter... a ter o transita, não transita, atingiu, não atingiu. Ou se é para classificar minimamente os miúdos, então fazem uma escala que permita uma discriminação a sério, não é uma escala onde tu tens níveis, em que dentro do mesmo saco, tu tens o miúdo que chegou lá com todos os apoios e mais alguns...

P10: Com cinquenta...

P12: ... e contigo a empurrar a cadeira de rodas e a P10 a pôr a [impercetível] mais baixo, que é para a cadeira rodar melhor. E depois tens aquele aluno que até ‘tá minimamente à vontade, mas que não chega a ser um bom aluno... e tem tudo 3... E depois, também, ninguém dá uns, porque o 1 parece mal e, portanto, tanto faz aquele aluno que até trabalhou, mas, coitado, não chegou lá, eh pá, ficou nos quarenta e cinco, como os As. que não fazem ponta de corno – desculpa a expressão – que deviam ter 1, mas depois têm 2. Porque: “Ai, agora dar 1? Isso fica tão feio na pauta”.

[risos]

P12: Como disse a [impercetível] diante a mim. Houve aqui um presidente do conselho diretivo que me disse: “Ai agora em História já dão uns? Ai, isso fica tão feio na pauta”.

[risos] Ah, quer dizer, é assim... Então vamos embora.

P10: Olha, P12 manda-me isso.

P14: Vamos embora.

P10: Manda-nos isso, não sei se mais alguém quer.

P12: Mando, sim senhora.

P15: Sim, sim.

P12: Mando.

[impercetível]

P8: Quero mensagem.

P12: Eh pá... portanto, vocês... quer dizer, mas pronto.

[impercetível]

P10: ‘Tava tudo com vontade, *tás* a ver?

[impercetível]

P12: Ninguém quer pelo Facebook?

P8: Para o ano, és diretora de turma no terceiro ciclo.

[impercetível]

P8: Diretora de turma do terceiro ciclo [impercetível]. E vais apanhar os sextos, os sétimos. Os sextos são bons.

P12: Eu, para o ano, vou para o segundo ciclo.

P15: Vês?... Armas e bagagens.

P8: Ah, pois, por isso é que estás contra o terceiro ciclo... Assim é fácil.

P12: Não, mentira, não tenho nada...

P10: *Xau*, até amanhã.

P12: ... P8, não é... Até amanhã! Não, não, não vejas isto como um espingardar contra ti... nem contra o terceiro ciclo...

P8: Não, não, antes pelo contrário.

P12: ... nem sequer contra os colegas.

P8: Antes pelo contrário.

P12: Isto é uma reflexão...

P8: Quem nos dera a nós que fosse possível fazer isto com a escola toda.

P12: E é assim, isto é uma reflexão, mas eu não tenho... não tenho a mínima intenção...

P8: Não, não.

P12: ... de criticar o A, o B ou o C.

P8: Não, o que eu vejo...

P12: Até porque é assim, há coisas, eh pá, que eu compreendo. Eu compreendo que um professor, eh pá, que esteja desmotivado para certas coisas. E como...

P8: Ó pá, mas têm que mudar de profissão.

P12: Ó P8, é assim, o que eu acho é que, se calhar, algumas coisas na nossa profissão têm que mudar, que é assim, porque é que eu tenho que ter reuniões retóricas?

P8: Ó pá, mas então é assim... por isso é que eu digo... apresenta um projeto.

P12: É por isso que eu depois vou para a reunião e ‘tou no Facebook, porque eu não ‘tou ali a fazer nada...

P8: Mas... ó P12, apresenta um projeto e prova que no teu projeto é o que... foi o que a colega fez e enervou-me...

P12: Mas é que depois...

P8: Ouve!

P12: ... a legislação, lá está, é isso que...

P8: Não.

P12: ... o nosso problema é esse. É que depois nós...

P8: Porque tu... não!

P12: ... temos os constrangimentos legais...

P8: Oh... ah, mas... o facto de trabalhares com uma...

P12: ... porque, eh pá...

P8: ... com uma grelha...

P12: ... olha...

P8: ...[impercetível] na avaliação intercalar...

P12: Não.

P8: ... não interpreto, por exemplo, nesse aspeto.

P12: Não, olha que não sei.

P8: Pá...

P12: Porque... porque a mim, o que me disseram quando mudou para esta que agora – que esta, então, eu acho maravilhosa, ali, suficiente – foi: “Ai é assim, porque isso veio do Ministério”. Foi a resposta que me deram.

P8: Sim, não está lá... Mas é assim...

P12: Mas é assim...

P8: ... se fosse uma experiência de escola, a escola fez uma proposta à Secretaria...

P12: Eu, cá para mim...

P8: ... em que nós queremos trabalhar desta forma e vamos, depois, comparar dados entre estas turmas... Agora, os dados não se comparam num ano, como é óbvio.

P12: Eu, cá para mim... há, há, há conselhos de turma que eu acabava com eles.

P6: Ah, pois.

P8: Ah, então, mas eu acabava com ele...

P12: Agora, é assim, eu não posso ir contra a legislação e a legislação obriga-me a reunir no final do período para ratificar as notas.

P8: Não, não é ir contra a legislação, o que eu acho é que pessoas como tu, com a bagagem que têm, têm que pegar numa equipa do tipo e dar, dizer assim: “Olha, F. [PCE], dá-me a hipótese de eu escolher a minha equipa de trabalho”...

P12: Oh pá e o F. [PCE] punha-me logo daqui para fora.

[risos]

P12: Então, eu, eu, eu...

P8: Mas...

P12: ... e o F. [PCE], a gente não discute esses assuntos, que isso...

P8: Não, mas fazes um...

P12: ... dava logo em pancadaria...

P8: ... fazes um... olha, fazes um bolo sem...

P12: Eu e o F. [PCE] temos posturas completamente diferentes em matéria pedagógica.

P8: Não, fazes um bolo sem glúten, que ele vai ficar desconfiado...

[risos]

P1: Olha, o que é que eu ia dizer, dás-me boleia para baixo?

P12: Eu vou de boleia para baixo. Eu não sei que horas são, eu tenho aula, portanto...

[impercetível]

P12: Olha, toda a gente entregou as fichinhas?

P8: Sim, sim.

P6: Sim, sim.

P8: Oito e trinta e cinco.

P12: São oito e trinta e cinco?

P8: Eu tenho que ir jogar futebol. Foi um prazer.

P1: *Xau!*

[risos]

P12: *Xau!*

ANEXO V L
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 19.04.2016

P12: Colegas, vamos começar. A P15 mandou-me uma mensagem, já há bocado, a dizer que hoje não vem e penso que a P14 também não deve vir. A P14 tinha um miúdo com a...

P10: Doente.

P12: ... com virose e possivelmente não pode vir hoje. De maneira que vamos começando, porque... Aquilo é uma virose que anda aí, que... os miúdos vomitam tudo e...

P6: A melhor coisa é pedir ao senhor doutor: “Passe-me a receita, que eu pago, mas quero isso pronto em três horas”. Vai-se à farmácia, compra-se o medicamento, leva na veia e acabou. Fica bom.

P10: Dá-me uma folha.

[impercetível]

P12: Não, porque...

[impercetível]

P12: Eu sei, porque eu, já a semana passada, tive miúdos a faltar por causa disso.

P10: No domingo, à noite, [impercetível] fui-me deitar era meia-noite e meia para aí e passei pelo quarto deles para ver se estavam tapados ou não. Estava o V. deitado assim... E eu pensei, “Então?”, acendo a L. do quarto, estava já todo vomitado. Diz que não sentiu, estava naquilo... Olha, foi a noite inteira.

P8: [impercetível] é normal tem contacto entre eles, mais facilmente...

P10: E agora estou à espera que o A. ... se acuse.

P12: Ah, pois, porque isso normalmente quando são... mas pode ser que ele....

P10: Então, já teve o [impercetível], o P., o B. e o B.... a F., também já tiveram, o D....

P1: Os pequenos do...

P10: O foco foi o B. .

P1: Foi?

P10: Foi.

P1: Os pequenos da R., também. [risos] Foi, tem sido...

P10: Sim, sim.

P8: [impercetível] queres ver que as ucranianas...

P12: Ainda as ucranianas vão apanhar uma virose e tu, depois, ficas tramado. Não te portes bem, que vais ver. Pá, eu fui comprar uma água, onde é que eu a deixei? Ai, ‘tá aqui... Esse teu é *Surface*?

P1: É.

P12: Ah, que giro, mas é muito mais espesso do que o meu, já deve ser um modelo mais...

P1: Não, isto já tem... dois anos. Só que este... ele é mais espesso, mais quê? Mas aqui?

P12: Acho que sim, acho que o meu é mais finito.

P1: Não, a técnica é a mesma... a técnica...

P12: Mas eu, na altura, é assim, eu vou-te dizer, na altura já havia um que era mais sofisticado que o meu, mas eu não, não quis. Eu não sei porquê tenho uma paranóia, nunca gosto de comprar máquinas muito sofisticadas. [risos]

P1: A diferença... a vantagem deste é que ele também tem... funciona com o *Windows*.

P12: Então, o meu também funciona com o *Windows*. Bom, então hoje o colega P8 tinha-se proposto fazer – uma vez que ninguém tinha feito assim grandes propostas – o P8 tinha-se proposto fazer uma... apresentação do balanço da avaliação do segundo período e eu acho que é uma coisa interessante, até porque... acho que nunca é demais nós refletirmos sobre a avaliação. E depois, dependendo do tempo que essa tarefa nos levar, também temos aquele filmezinho que tu partilhaste no blogue, eventualmente para vermos. E depois as nossas... partilhas do que... daquilo que vocês quiserem partilhar, obviamente. Sôtor, o auditório é todo seu. Não, isto fica bem, depois nas gravações dizer o auditório, que eles pensam que a gente está assim num grande espaço. [risos]

P12: Quando eles lerem as transcrições, pensam: “Eh pá, os gajos até têm auditório e tudo”. [risos] Aquilo é lá no fim do mundo, mas é desenvolvido.”

P6: Tu dizes isso, mas se fores à Ponta, à Ponta do Sol tens isso.

P10: Há gente que ainda não sabe onde é que é isto.

P12: Então, não houve um jornalista, a semana passada, do continente...

P10: Atenção, uma jornalista.

P12: Uma jornalista...

P10: Essa senhora foi infeliz.

P12: Que a, que as pessoas não tinham tido direito a um táxi para o Funchal...

P10: Não tinham táxi.

P1: Exatamente e aquelas que não apanharam um táxi...

P10: Não, as que não apanharam, foram de táxi...

P8: Ah, estavam a [impercetível]... Estavam... mas aquele... aquele blogue...

P1: Aquilo... as que não tinham tido...

P8: Aquela página...

P10: As que não tiveram...

P8: ... a página que...

P10: As pessoas não tiveram nada, nada.

P8: ... Juntos no Porto Santo ou lá o que é...

P1: Sim, sim.

P10: Houve gente que teve que ir pelos próprios meios, foram de táxi para o Funchal.

P8: Mas isso é o típico das *low-costs*. O A. há tempos...

P10: Sim. Mas é assim, tu não fazes seguro...

P8: Exatamente, o A., no ano passado... houve uma situação destas...

P10: Mas a verdade é que eu acho que o aeroporto devia de estar preparado para isso.

P12: Não, eu a única coisa que eu acho, em relação a essa questão, é que é assim, não se admite que um aeroporto não tenha...

P10: Exato.

P12: ... um café a funcionar.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas isso está em concurso.

P10: Olha, as pessoas...

P12: Está bem amor, está em concurso, mas enquanto vais e vens... fogo!

P8: Oh pá, mas é assim, eu não sou eu que mando no aeroporto.

P12: Eu sei!

P8: Eu acho que o concurso já devia ter acabado.

P10: Mas há quantos meses?

P6: E ninguém... vai pegar ao preço que eles têm.

P12: Eu sei!

P1: Ninguém vai pegar.

P6: Ninguém pega naquilo, porque é muito caro.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: E o senhor J. é que ficou [impercetível].

P10: Não é só nestes...

P12: Ai é?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: No jornal das lojas...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É no da Madeira e é no daqui.

P8: É.

P10: E o rapaz dali, do Magia das Cores, eu penso que ele está a falar é, tipo, quem ficar... quem ficar com isto, ele depois subaluga à pessoa que ficar com aquilo. Para ele ficar aqui. Porque, imagina, tu metes-te numa coisa destas, então, do... lá do aeroporto da Madeira e no daqui...

P1: É. Mas é uma tontice.

P10: Precisas de ter funcionários porque é as duas coisas juntas.

P8: Sim, mas a questão...

P12: Mas sabe que não é bem, bem tontice, é porque é assim, se for só aqui... uma pessoa que tenha o negócio só aqui ou eles punham rendas sociais, porque é um serviço e... faz falta. Ou pondo rendas comerciais, tu não consegues pagar. Porque é que o homem que tinha lá o café, primeiro era em cima e tudo, depois acabou por descer cá para baixo para um quiosque pequenininho e depois acabou por largar aquilo.

P10: Eh pá, mas é uma tristeza, eles...

P12: Porque aquilo não dá!

P1: Mas eles pediram um... eles aumentaram...

P12: Porque eles pedem uma pipa de massa.

P8: Sim, mas a questão da *Easyjet*, por exemplo, já no ano anterior, eles fizeram isto, chegaram aqui e disseram assim: “Oh amigos, ou vocês... ou volta, voltam para Lisboa ou quem ficar aqui, fica por sua conta”.

P1: E eles fizeram... e eles...

P8: Na altura, houve um... metade do avião ficou cá, um casal de amigos do A., foram buscar, vieram quase todos para aqui para a residencial “coiso” e eu até disse: “Oh pá, não consigo perceber como é que o Porto Santo...”.

P10: Olha, a G., não é G....

P8: “... as companhias, as agências de viagens não há publicidade nenhuma sobre o Porto Santo”. Eles ‘tiveram cá dois dias e adoraram. Agora, o que eu acho estúpido é que aquela página Juntos... eu até estive para lá ir dizer: “Oh pá, desculpem a minha ignorância, mas o que é que tem a ver, o que é que queriam que o governo fizesse? Ou a Câmara? Andasse com eles a passear pela ilha?”. Ah, perdemos uma excelente oportunidade de dar a conhecer a ilha. Então... eu quantas vezes eu passei à noite...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Mas isso é a página do contra, é a página do deita abaixo.

P8: Mas é ridículo. Desculpa, mas é ridículo. Eu passei *N* noites em Lisboa... Pá, eu era para dizer: “Olhe, é que eu passei *N* noites em Lisboa e realmente a Câmara de Lisboa não foi...

P12: Não te foi buscar. [risos]

P8: ... não me levou a passear... Eh pá, alguma coisa está mal”.

P10: Sim, mas Lisboa não está nas condições em que está o Porto Santo, a precisar de [impercetível].

P8: Pois, não está, mas sabem o que é que aconteceu? Eles depois desceram todos e foram de barco para a Madeira [impercetível].

P10: Foram alguns, sim.

P8: Agora é assim...

P12: Olha, nós...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Nós íamos em caminhada, passámos por eles...

P8: Mas o que eles estavam a reclamar...

P10: [impercetível] dizia em inglês, que: “Voltem noutra altura.” E eles, havia uns que respondiam [impercetível].

P8: Não, mas atenção, eles estavam a reclamar? Não estavam a reclamar do Porto Santo, eles estavam a reclamar... da companhia.

P1: Da companhia.

P10: Olha, sentados à volta das palmeiras ali no largo, tipo [impercetível- risos].

P12: Eu vi alguns!

P1: [impercetível] Não chegaste a ver as filas ao pé da Porto Santo Line, com as malas todas, os passeios todos cheios de gente e malas

P12: Ah, porque eles iam comprar bilhete para o barco.

P10: O barco era só às nove e meia e àquela hora da caminhada já estavam a...

P1: Já estavam a ir para lá.

P8: Mas o R. deixa, o R. deixa que eles venham de manhã? Tipo, o barco sai às seis, quatro e meia, eles já lá estão.

P10: Sim, sim, sim.

P8: Que há aquela opção de que não há nada para ver, ou seja...

P10: Não, eu só acho é que...

P8: ... também é mal explorado.

P10: ... o próprio aeroporto devia de ter...

P12: Não, o aeroporto tinha que ter um bar.

P10: Precisava de ter...

P8: Claro que sim e até para estas situações, deveria haver...

P10: Para acarinhar esta gente.

P8: ... deveria de haver um plano B.

[impercetível]

P8: Eu sei que pensou nisso, devia de haver um plano B, que é, olha, quando isto acontecer, por exemplo, há tempos veio para cá dois voos, três voos que foram desviados, dois foram para Canárias. Nós não tínhamos hotéis preparados para ficar, quer dizer... é aquilo que eu disse aos alunos: “Açam que aquelas, as pessoas que estão dentro daquele avião, algum dia, vão, vão regressar ao Porto Santo? Não, eles vão dizer: Estes gajos nem hotel têm.”

P10: Pronto, estás a ver? É nesse sentido. É nesse sentido, acarinhar as pessoas que chegam...

P8: Claro!

P10: ... que é para elas dizerem assim: “Olha, fomos bem recebidos”. Olha, aquela rapariga que está com a alimentação aí das escolas, a G., que a filha mais velha, a J., teve, tinha...

P1: Sim, G. .

P10: G. .

P12: Ela chama-se G.? Não.

P1: Então, não é?

P12: Eu sei quem é, uma que é casada com um romeno.

P10: Sim, sim.

P12: Uma das miúdas é minha aluna no... Não, ela já foi... ela já foi minha aluna, no EFA.

P10: G. é irmã do M. .

P12: G. é a irmã do M. ... Esta... G1.!

P1: G1. É parecido.

P12: Não, eu estava-me a tentar lembrar.

P10: A G1, à pala deste voo, conheceu uma tia que não conhecia.

P12: Ai que giro!

P10: Uma senhora da Madeira, mas que há muitos anos que estava fora, [impercetível]. Então, ela vinha à Madeira. O avô não foi para lá, então liga à família e diz ele assim: “Olha, mas não te preocupes que a G1 vai-te buscar”; “G1? Mas quem é a G1?”; “É uma sobrinha assim, assim, assim...”. Então, a G1 conheceu uma tia que nunca tinha conhecido.

P1: Ah, boa.

P8: Eu, por exemplo, eu há dias fui à apresentação do conselho do turismo, conselho do turismo municipal.

P10: Sim, sim, sim.

P8: E foi uma das coisas que eu disse, por exemplo, houve lá coisas... a maior parte falou bem e disse, as coisas que disse tinha razão, até as coisas foram calmas, porque a S., como está à frente e é uma pessoa que, à partida, reúne consenso...

P12: Quem é a S.?

P1: A S., da Lazermar, a S. S. .

P12: Ai, a S. .

P8: Não houve ataques diretos, pessoais, na minha opinião, por causa disso. Mas é aquilo que as pessoas dizem, que é assim, tu falas... eu sei de uma pessoa, por exemplo, tem... fez uma proposta muito recente à Câmara Municipal e o Presidente disse: “Eh pá, excelente ideia e não sei quantos. Pá, se tiveres mais ideias, traz e não sei quantos. Mas eu vou falar com os meus Vereadores”. E ontem já lhe ligaram a dizer que não aceitam o projeto.

P10: Ai, eles estão a falhar muito.

P8: Está a, estás a perceber?

P10: Mas pronto...

P8: O pessoal lá reclamou da questão das taxas. Eu disse-lhes: “Oh pá, por exemplo, quando vêm estes barcos cá, nós temos de ter a postura que a Madeira tem. Nós temos que ter [impercetível] no centro da cidade. Há um grupo folclórico, há... a escola tem cursos de animação sócio... sociocultural ou lá o que é, *pá*. Nós temos, nós temos, por exemplo, artesãos aqui... Se o bolo do caco é digno do Porto Santo, porque é que não tem lá... um artesão... vários”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Não, é da, da chegada, mas porque é que não... Temos, nós temos de saber, é a tal história, do tal saber receber.

P10: É isso.

P8: O senhor C. até estava a dizer, quer dizer, ele diz: “Eu não vou falar em nomes, eu tenho uma pessoa de uma agência de viagens que ‘tá cá... Ele próprio disse-me na cara que não leva lá turistas, porque eu... eu não preciso, eu já tenho dinheiro que chega para mim”. Quer dizer, isto é trabalhar claramente de costas voltadas. Não tem nada a ver uma coisa com a outra. É um produto que nós temos para oferecer ao turista. E depois, continuamos a ver, ainda ontem *tava* um cromo, no Facebook, a criticar: “Ei, o Porto Santo não há nada e é tudo caro”. Em todo o lado pagamos, o R. deu lá de exemplo uma catedral que foi visitar recentemente, pagou dezasseis euros e meio, o bilhete.

P6: Pois é.

P8: Então, é assim, quer dizer...

P10: Eh pá, mas...

P8: ... só no Porto Santo é que temos que entrar... [impercetível] vê no Facebook aquela fatia de... de pão [impercetível] oito euros. [impercetível].

P1: Um café... um café e um...

P10: Eh pá, mas lá está, P8, eu também acho que não podemos comparar sítios.

P8: Está bem, mas...

P10: Uma coisa é ir visitar uma catedral, outra coisa é [impercetível – sobreposição de vozes].

P8: [impercetível] cinco euros, ele pedia três euros.

P10: Ah, mas eu fui lá e pediu-me cinco.

P8: Então não sei.

P10: Eu já paguei cinco por mim, pelo P4, pela minha prima. Já paguei.

P8: Isso, isso aí, acho isso exagerado, porque ele não tem as condições que eu acho que deveria ter.

P10: Estás a ver, é assim... É assim, eles têm, tem que se ver é onde é que estamos, o que é que temos para oferecer e em que condições.

P8: Claro, agora é assim, de borla também acho que não. Acho uma estupidez.

P10: De borla, não, mas também não exageremos.

P8: Não...

P12: Borla não, mas é assim, cinco euros, eu paguei no outro dia cinco euros para entrar no Museu da Ciência em Lisboa, mas não é o Museu do C., quer dizer, realmente...

P8: Não, eu...

P10: Não é? [impercetível] cinco euros em qualquer lado assim...

P8: Quando lá fui...

P10: ... no mínimo.

P8: Quando lá fui sei que eram... três euros.

P12: Eu quando lá fui foi grátis, porque foi no FLIPS e, portanto...

P10: Olha, foi, já foi há uns valentes anos.

P12: Porque eu já tinha querido ir várias vezes, eu acho que o problema... também para mim, eu acho que é assim, o problema do C. é que eu não sei se o senhor gosta muito de trabalhar.

P10: Pois, eu também tenho a mesma sensação.

P12: Porque é assim, P8, eu fiz muitas tentativas para ir ao Museu do C. e chegava lá e estava sempre fechado.

P10: Sim.

P12: E eu nunca percebi que horário é que aquilo tinha, porque tu chegas lá e aquilo também não tem o horário à porta.

P8: Não tem. Não tem horário porque aquilo não é rentável.

P12: Oh pá, mas então ele não se pode queixar que o outro não leva lá as pessoas, porque é assim...

P8: Não, mas ali, ali houve, ali houve uma viragem...

P12: É assim, é capaz de haver uma certa má vontade, claro, a gente sabe que as coisas funcionam assim.

P8: Aquilo são questões políticas, aquilo são questões políticas. É assim, o PSD queria que o... queria que o Museu fosse feito cá em baixo. E ele, como é lá de cima, entendeu que quer ali, porque quer ali o sonho dele e tinha dinheiro ali para fazer. A questão é mesmo essa. A única pessoa do partido que apadrinhou foi o Alberto João. E ele só não está completamente abandonado, porque o Alberto João [impercetível]. Agora, a questão que se passa é, em muitas terras deste país, um museu como aquele, por exemplo, não tenho a menor dúvida que seria a própria Câmara ou o próprio governo que colocaria lá um funcionário.

P12: Mas, olha... P8, olha, não tenho a certeza se essa história é assim como tu dizes, porque eu lembro-me de, uma vez, o F. [PCE] falar, que o F. [PCE], quando eu cá cheguei, era Vereador da Cultura, e acho que houve uma tentativa de... mas ele também não é... porque é assim...

P8: Ele não é, ele não é fácil. Ele, atenção, ele não é fácil.

P12: Exatamente, é que as pessoas também não se podem queixar de não ter apoio...

P8: Não, não, não.

P12: ... quando as pessoas querem os apoios, mas depois não querem dar contrapartidas...

P8: Não.

P12: ... porque é assim, tu, para teres um apoio, tens que cumprir com determinadas obrigações.

P8: As próprias, as próprias agências.

P12: E o senhor quer os apoios, mas, pelo menos, nessa altura, eu já não me lembro da história, mas lembro de, uma vez, o F. [PCE] falar isso.

P8: Sim, sim.

P12: Portanto, na altura, nem havia Museu C., ele tinha aquilo tudo lá e... foi a propósito disso, que era uma pena ele não expor aquilo e a Câmara não apoiar e não sei quê. Foi quando o F. [PCE] contou a história.

P8: Pá, mas precisa da...

P12: E era assim, o senhor queria... o apoio da Câmara, mas depois não queria dar contrapartidas nenhuma. E isso também...

P8: Sim, sim, sim. E mesmo... mesmo não ter... ele em termos de [impercetível] também não é...

P12: Pois.

P1: Ele já teve lá uma rapariga a funcionar...

P8: Teve. Ele ultimamente tem tido a filha, que é nossa aluna, a P10.

P12: Pronto, mas é assim, eu digo-te, eu... eu...

P8: Quando, quando não 'tá na escola.

P12: Eu fiz muitas tentativas para ir lá, ao fim de semana, durante a semana, inclusive com amigas minhas que vinham cá de férias e eu nunca conseguia. Aquilo não tinha horário, a gente nunca sabia.

P8: Conheces as pessoas erradas...

P12: E consegui ir lá...

P8: Eu quando lá quis ir, fui sempre, porque...

[impercetível]

P12: Entras o homem na tasca e ele vai-te abrir o museu.

P8: Ouve, a tasca...

P10: Não, é as ucranianas que estão sempre a trabalhar...

[risos]

P8: A tasca é dos melhores lugares para se combinar as coisas.

P12: Ah, mas eu não tenho nada contra as tascas, atenção. Agora é assim, fiz muitas tentativas para ir lá, nunca consegui. Fui o ano passado ou há dois anos no FLIPS. Foi uma sorte. Pronto. Vá, mas vamos lá.

P8: Ficaste flipada?

P12: Completamente. Eu já sou.

P8: Ok. Pronto, eu só vou apresentar o terceiro ciclo, porque é aquele que eu trabalho. Portanto, o segundo ciclo não foi [impercetível] o A. [CC1] não estava, apesar de ele ter enviado os dados, a M. J. [PCP] deixou de dar uma oportunidade. Eu vou falar... eu penso que temos que incidir mais é mesmo no 7º ano, porque é aquele onde os resultados realmente são... são muito, muito maus.

P12: São?

P8: São. O... é o nosso pior ano, de todos. De todos.

P12: Têm consciência.

P8: Da escola toda. O 8º e o 9º ano, aí já é mais equilibrado. Há uma turma ou outra mais fraca.

P1: Mas no ano passado os oitavos anos é que eram piores, não eram?

P8: Sim, mas...

P1: Eram os oitavos anos.

P8: Mas o 7º... o 7º tem sido um problema sempre grave no sentido do 1º e 2º período. No 3º período depois há alguma água benta então sei quantos...

P12: Isso é como diz o M. S., há o síndrome do Rocky Balboa cá na escola.

P8: Sim, não é só nesta.

P12: Sim, eu sei que não é só nesta, mas aqui nesta escola nota-se muito. Duvido... O aluno é uma desgraça o ano inteiro, tu ouves mundos e fundos no conselho de turma e depois quando chega ao fim do ano, de repente, aquilo o homem levanta-se e vai à luta e mata toda a gente e passa de ano [risos].

P8: Não, mas este, este... o 7º ano tem... tem-se discutido muito e a pressão que se coloca aqui é mesmo ver se tem a ver com... Eu tinha uma, eu tinha uma sensação que tinha a ver com...

P6: Que a turma... pelo menos uma das turmas sei que é um problema que já vem do 6º ano, que ninguém pensava que eles passassem e passaram.

P8: Passaram. Eu pensei que havia aqui uma separação entre...

P6: Pelo menos é o que falado no conselho de turma.

P8: A transição para o terceiro ciclo, os professores do terceiro ciclo estavam mais longe do que os do segundo ciclo. Como são menos disciplinas, haver uma maior proximidade. No outro dia fiz essa experiência com o 8ºC, estavam a fazer o teste e depois do teste estivemos a conversar e estava-lhes a questionar. Como eles tinham feito aquele inquérito de avaliação interna, eu disse: “Oh pá, já agora, uma curiosidade, o que é que... porque é que vocês acham que o 7º ano é o ano com mais negativas? Qual é... o que é que vocês...” e então eles dizem que tem a ver com a questão de serem muito mais disciplinas de estudo e terem um horário muito sobrecarregado. E eu disse: “E em relação à questão da relação com os professores, não acham que há um afastamento? No segundo ciclo havia uma maior proximidade?” e eles acham que não. Pelo menos naquela turma que eu...

P12: Não, eu acho que... que isso que os miúdos dizem tem mais sentido...

P8: E era uma sensação que eu tinha.

P12: De facto, os miúdos têm imensas disciplinas no terceiro ciclo e têm uma sobrecarga horária que é um disparate. Os miúdos passam aqui o dia, porque depois, é assim, mesmo que não tenham as seis horas, as seis horas de manhã têm sempre, mas mesmo que só tenham, por exemplo, depois, um turno à tarde, vêm para aqui às três da tarde, saem daqui às vinte para as sete, que é quando sai o autocarro. Os miúdos estão aqui um dia inteiro.

P8: É, é muito tempo.

P12: E é assim, não... é evidente que depois a gente diz assim: “Ah, mas eles podiam aproveitar as horas mortas, para ir estudar para a biblioteca ou para ir para sala de estudo” ou não sei quê, mas a gente já teve a idade deles.

P8: Já agora... Já agora...

P1: Claro, claro.

P12: E, portanto, não se pode estar a pedir a miúdos de onze, de doze ou treze anos que tenham esse nível de maturidade e que...

P8: Claro.

P12: Pode haver um ou outro, ou um dia, que tem um teste, que 'tá mais apertado, que não sei quê. Agora, não se está à espera que um miúdo que tem um buraco de noventa minutos à espera do autocarro, das vinte para as sete, que venha para a biblioteca fazer o TPC, quer dizer.

P8: Exatamente. Também acho.

P12: Mas isso... mas então, conta lá, P8, não tinha ideia que o 7º ano 'tivesse assim nessa calamidade.

P8: Uma vez que a P10 não 'tá cá, talvez começávamos pelo 9º ano.

P12: Então, pronto. 'Tá bem.

P8: São... Pronto, nos nonos não há grande...

P12: Ai coitadinhos, que eles ficam deformados [risos].

P8: Esta turma tem vinte alunos, portanto... sim, vinte alunos, portanto, oito alunos apresentam três ou mais negativas ou têm... negativa a Português e a Matemática.

P12: Portanto, estão na chamada situação de retenção, é isso?

P8: Neste caso, nos nonos anos não se fala em retenção porque tem a ver com o acesso aos exames nacionais, por isso é que difícil, depois, aqui, ver a questão... Esta percentagem que aparece aqui é feita com base nesta questão.

P12: Pois.

P8: Não é um... não é uma percentagem real, porque todos eles, neste momento, talvez dois ou três, então, iam a exames, chumbava o resto. Vai tudo a exames, depois podendo ou não... Disciplinas com maior insucesso: Matemática, 50% – e atenção que este ano estas turmas têm dois professores, em coadjuvância – Inglês, 25%; Ciências, 25%. No último Pedagógico esteve-se a discutir esta questão. Eu alertei, porque... pá, não é com base na experiência, mas penso que um projeto desta natureza não pode ser avaliado só um ano.

P12: Sim.

P8: Não podemos estar à espera, no final do ano, os resultados são negativos...

P12: Claro.

P8: ... acaba-se com as coadjuvâncias.

P1: Não.

P8: Penso que não funciona assim. Até penso que o ideal seria começarmos num 7º ano...

P6: Num 7º para chegar ao 9º, ter resultados.

P8: ... do 8º ao 9º ano e depois comparar e ver se, em relação aos anos anteriores, se as coisas tinham resultado, se não tinham resultado.

P12: Eles só têm coadjuvância no 9º, é?

P8: Sim, foi uma experiência que se fez...

P12: Ah...

P8: ... este ano, como era, como era ano de exames...

P12: Pois, mas eu acho que isso era interessante era alargar ao terceiro ciclo todo.

P8: ... ao 7º. Embora já se sabe que a Secretaria é sempre [impercetível] tudo o que... Mas a Secretaria coadjuvância aceita e até está na legislação. O que eles não aceitam, neste momento, é desdobramentos.

P12: Mas isso eu também te digo, P8, eu acho que o desdobramento no... na nossa escola é ridículo.

P8: Eu também acho...

P12: Acho ridículo desdobrar uma turma que tem quinze alunos. Oh pá, raio que os parta! Então não querem trabalhar, vão para casa. Então um professor não trabalha com uma turma de quinze pequenos? Não trabalha com uma turma... Nós não temos... Isto até é uma vergonha!

P8: Eu, no outro dia...

P12: Quer dizer, eu quando me comparo com as minhas colegas do continente...

P8: Sim, sim.

P12: ... eu até tenho vergonha de dizer que tenho três turmas e não tenho sessenta alunos.

P8: É verdade.

P12: Elas só não me estraíam, porque são umas gajas simpáticas!

P8: Eu subscrevo isso...

P12: Não, eu acho que o desdobramento... E é uma fantasia, porque não 'tá no... tu até podes ter só um aluno e se tu é sempre da mesma... matéria, pá, o aluno chega a um ponto que...

P8: Ah, sim. Claro que sim.

P12: Agora, a coadjuvância, eu, pessoalmente, até que já trabalhei em coadjuvância e foi... como trabalhei sempre com pessoas com quem me relacionei muito bem, oh pá, sou uma fã da coadjuvância.

P8: Pois, foi uma coisa que foi... o P16, P16 depois também 'teve aí, portanto, e as pessoas foram falando também um pouco nisso e... e é importante. Para já, é importante perguntar ao grupo, depois qual é a opinião do grupo.

P12: Claro.

P8: Se resultou, se não resultou.

P12: Claro, isso...

P8: O que é que eles acham e tudo isso. E para além disso, se começar, realmente, num projeto de 7º ano, serem eles a escolher os próprios pares. É diferente.

P12: Isso também é verdade. Porque eu, eu também digo, eu trabalhei muito bem, tive uma sorte do arco-da-velha, mas é assim, se calhar, com certas pessoas, eu iria ter muitas dificuldades de trabalhar.

P8: Seria muito mais difícil. E, portanto, aqui seria importante...

P12: E se calhar não dizia tão bem da coadjuvância.

P8: ... que as pessoas pudessem ter a possibilidade de escolher...

P1: A opção de escolha.

P8: ... de convidar e de escolher...

P12: Não, isso também me parece.

P8: Mas, portanto, esta turma... penso que das três...

P12: Deixa-me só fazer outra pergunta...

P8: Sim, sim, sim.

P12: Desculpa. Portanto, eles têm coadjuvância e a turma está desdobrada ou a turma...?

P8: Não, não, não.

P12: Ah, pronto, está bem.

P8: Só em Ciências e Físico-Química, mas está na legislação.

P12: Sim, mas em Ciências e Físico-Química isso 'tá na legislação, por causa das partes práticas.

P8: Exatamente.

P12: Aí faz sentido.

P8: Exatamente.

P12: Não, eu quando estava a dizer os desdobramentos, era em relação ao Português e à Matemática, que eu acho que não se justifica. Na nossa escola não se justifica.

P8: E curiosamente, embora os colegas, o J. A. e o M. N., no Conselho Pedagógico... coisa... transmitiu isso, eu não tinha essa noção, Matemática sugeriu, em vez de isto era um desdobramento, eu sou claramente contra, acho que não... não era isso [impercetível]...

P12: Porque não é, é muito diferente a questão de tu teres menos... não é a mesma coisa, um professor menos alunos ou dois professores para um x alunos.

P8: Exatamente.

P12: Porque dois professores dá logo uma dinâmica completamente diferente.

P8: Mas, curiosamente, o que o grupo sugeria, a apresentação que... a proposta que foi feita era no sentido de desdobramento e não de coadjuvância, mas a Secretaria já disse mesmo que não há hipóteses. Mas pegando naquilo que tu estavas a dizer, que eu também subscrevo, nós, no outro dia, estávamos numa reunião de 7º ano que é só o melhor 7º ano, que é uma daquelas turmas que qualquer um de nós leva... debaixo do braço, para casa, que é o 7 C. E estávamos, estávamos com uma colega a dizer: “Mas é que eu trabalho com eles todos.” e nós começámos a rir e dissemos: “Oh colega, quem não trabalha com eles todos é só estas duas colegas”, que era Educação Tecnológica e TIC, o resto toda a gente tem a turma toda. “Mas é só uma língua” e eu disse: “Olhe e [impercetível] a Português e a Matemática... oh pá!”. Quer dizer, nós... nós estamos...

é um pouco isso, nós estamos a chegar a um ponto em que reclamamos de tudo. E temos turmas muito mais... muito mais pequenas do que a maior parte dos colegas têm noutras escolas. Os nossos alunos...

P12: Mesmo das que já tivemos aqui, P8.

P8: ... a indisciplina que nós temos, eu lembro, há dias houve um aluno que pediu-me ajuda, porque foi uma situação num autocarro e eu não sabia se aquilo era considerado no âmbito do espaço escolar ou fora do espaço escolar e fui levá-lo à secretaria, aos serviços administrativos e a dizer: “Olha, é com esta senhora que tu trata” e a senhora disse: “Eh professor, isto merecia um bolo, que é a participação n.º 100”. Se nós... as nossas cem participações, eh pá, há, eu acredito que haja...

P1: Escolas com milhares delas. [risos]

P8: Acredito que hajam vinte, vinte que sejam, porque realmente aquela verdadeira indisciplina, aquela indisciplina séria, o resto é aquela do não... não cumprimento de regras, de não sei quantos. Quando nós falamos em indisciplina na escola, quer dizer, nós estamos realmente muito mal habituados. E, de certeza que vocês, com a experiência que têm, têm histórias muito...

P6: E eu vim para Câmara de Lobos.

P8: ... muito mais coisas do que eu, como é óbvio. Mas é um pouco isso, eu acho que nós habituamos de tal forma, que neste... Eu há dias disse: “Oh pá, oh J., nós falamos e estes putos não fazem metade do que nós fazíamos”, em termos de asneiras. Havia era aquele respeito pelo professor, isso havia, porque sabíamos que se... apanhávamos ali, apanhávamos em casa. Agora, a questão da palhaçada e das... de... de “coiso”, isso ainda éramos pior do que a maior parte deles. E pronto. E, nesse aspeto, julgo que estamos a cair também um pouco no exagero. Hoje em dia, tudo... tudo...

P12: Não, eu, por exemplo, eu... A P1 pôs no site, pôs no nosso blogue aquele *link* para a entrevista àquele colega que tem o...

P8: Sim, sim, sim.

P12: ... que fez um trabalho sobre indisciplina e não sei quê e é assim, eu, a mim, a questão do número de participações não me diz nada.

P8: Eu também não.

P12: Porque eu posso ter cinquenta participações de coisas de *lana caprina*, tipo “O aluno espreguiçou-se no... na sala de aula, já depois de eu ter dito cinquenta vezes não quero que se espreguice” ou... ou “O aluno atirou uma cadeira” ou “Respondeu torto” ou não sei o quê. E ter cinquenta participações desta natureza, não é a mesma coisa que ter, por exemplo, uma participação de certas escolas... Portanto, é assim, eu acho que mais importante do que o número de participações, é o tipo de infração.

P8: O que é que foi...

P12: E o que eu acho é que – ‘tô como tu - é assim, quem fala de problemas de indisciplina aqui, nunca ‘teve numa escola com problemas.

P8: Pá, eu dou o exemplo, eu, por exemplo, nalgumas coisas – mas quem sou eu, isto é uma opinião pessoal – eu não concordo com algumas...

P12: Estamos todos aqui a dar opiniões pessoais, ninguém está a fazer...

P8: Sim, mas não concordo, por exemplo, apesar de achar muito bem ter sido criado aquele...

P12: Gabinete.

P8: ... gabinete e tudo isso, há práticas ali que eu discordo. Não, não digo diretamente a eles. Por exemplo, eu dou o exemplo do... daquele vídeo, o famoso vídeo que o D. V. fez sobre a colega S., que depois meteu na net. Todos os alunos que apareceram no vídeo foram penalizados. Há alunos ali que eu tenho a certeza absoluta – ponho a mão no fogo – tenho a certeza absoluta que nem sabiam o que é que se estava a passar. E todos eles, uns foram suspensos e outros têm nos processos deles aquela...

P12: Pois, ouvi falar desse caso, mas não sei como é que... eu até pensei que isso tinha dado queixa na polícia, vê lá.

P8: Penso que estamos... Não deu, porque eles não quiseram seguir, a S. e o R. [CFC] não quiseram seguir.

P12: Pois, porque, na altura, foi o que eu ouvi falar que...

P8: Sim, havia essa possibilidade, eles tinham um X tempo, mas não quiseram... seguir e tudo isso. Mas o que eu achei mais coisa, foi – inclusive, teve encarregados de educação – e se fosse filho meu, eu seguia...

P12: Claro.

P8: ... eu seguia para a frente. Não admitia...

P12: Mas, sabes, às vezes também é um pouco complicado, P8. ...

P8: Como é que tu dizes que o meu filho está lá à frente, a ocorrência é cá atrás... o meu filho só porque aparece no vídeo, está a rir assim para aquele lado, a ocorrência é deste lado, está a rir para aquele lado...

P10: Mas não teve a ver também com os comentários que foram postos depois?

P8: Não, não, não.

P12: Mas é assim, se tu...

P8: Não, o exemplo da V., por exemplo, que é uma miúda que não... que 'tá em Artes Visuais e que é uma miúda que não... simplesmente não, talvez, era das melhores alunas que tínhamos ali.

P10: Mas no momento, todos juntos, sabes que...

P8: Não, ela 'tá à frente...

P12: É que é isso... é que às vezes...

P8: ... ela 'tá à frente, ela nem 'tá a ver o que é que se está a passar lá atrás.

P12: Mas está-se a rir?

P10: Ah, mas isso também...

P8: Eu dou-te o exemplo...

P10: ... como é que eles... como é que ela entra no vídeo, se ela 'tá de costas? Como é que eles...

P8: Não, porque...

P10: ... usam isso como ela 'tando no vídeo?

P8: Não, mas quem usou foi quem fez o processo. Eu dou-te um exemplo, no outro dia, há três miúdos, há um processo aqui... Foi nesse processo que eu até fiz de...

P10: Aliás, 'tá uma aluna suspensa por causa de outro vídeo, não é?

P12: Por causa do quê?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: A A.

P8: Do 7º ano.

P10: Não, a B.

P1: Sim, a B.

P8: No 7º ano. Por exemplo, há dias estavam três alunos, dois do 8º e um do 10º - 10º ou 11º - que vão no autocarro a contar anedotas de pretos. O J. P. que é... que é negro, ouviu...

P12: [risos] É mulato, não é preto.

P8: ... e interpretou, interpretou aquilo... e o J. P....

P1: Como se fosse para ele.

P8: ... o J. P. até é mais ou menos tolerante, por aquilo que eu conheço. Oh pá, só que a brincadeira devia ser a tal nível que ele levou aquilo mesmo a sério e eu vi, depois, no desabafo dele – ele que até nem tinha Facebook e era um aluno que não tinha, ele e o H. O., eram os únicos que não tinham Facebook – ele fez um desabafo mesmo todo... ele disse: “Eh pá, e a partir de hoje não passa. E esta não vou deixar passar”. Depois, no dia seguinte e a coisa decorreu. Entretanto, houve alunos que vieram ter comigo, [impercetível] que foram chamados a esse tal gabinete, sobre a situação e tudo isso. Eu disse: “Olhem, mas o que é que aconteceu, verdadeiramente?”; “Ah, nós íamos na brincadeira, íamos na palhaçada e a contar e um contava uma, outra contava outra e não nos apercebemos que ele ‘tava ali, mas prontos...”, eu disse: “Olha, para já é assim, até prova em contrário toda a gente é inocente. Se vocês estão a ser sinceros, vão ter com o colega, conversem com o colega, pedem desculpa, dizem que ‘tavam na brincadeira e que não se aperceberam que ele ‘tava ali e se ele fica ofendido, pedem-lhe desculpa. E...e, portanto, e depois vão ver qual é a reação dele”. Eles vão ter com ele, conversam com ele e ele, ele aceitou as desculpas e até disponibilizou-se para, depois, se o processo seguisse para a frente, ele ir lá e dizer que realmente eles já tinham pedido desculpa. E não, e o processo seguiu para frente e até falaram em ir para Tribunal e...

P10: Isso é outra coisa que eu ‘tou a achar...

P8: Nós, nós temos que ver...

P10: É que está a haver uma insistência para que haja...

P6: Processos.

P10: ... participações e processos.

P8: Não, eu acho que está a haver... Exatamente. O que eu acho... o que eu acho que se está a valorizar algumas coisas de uma forma...

P10: Porque há...

P8: ... que eu penso que não sei se queremos bater algum record da...

P10: Embora haja a participação...

P8: ... ou queremos justificar alguma coisa.

P10: Embora haja a participação, porque às vezes é o único meio que há para agir naquele momento, mas, se calhar, podemos tentar resolver antes de partir para...

P1: Para o processo.

P10: ... dar a outra...

P8: O T., o T. chama à atenção ali aos miúdos, a partir do momento em que ele, que era a pessoa que se sentia ofendida, está disponível a desculpar, o T. chama à atenção: “Oh pá, vocês têm que ter atenção, porque essa brincadeira, por acaso aqui, o J. P. perdoou-lhe e não sei quantos, mas é uma situação que pode-vos trazer problemas e acho que é uma situação desagradável. É a mesma coisa que estarem a gozar com a homossexualidade ou com outras temáticas”. E, portanto, deve de haver a questão pedagógica, antes de haver a questão punitiva. E eu acho que, nesse aspeto, não sei se estamos a caminhar para o lado certo, mas pronto.

P10: Eu acho que estamos a cair, a cair um bocadinho no exagero.

P1: A interpretação que eu vi, não sei se estou certa, mas a interpretação que eu vi é que o miúdo tinha... sido pressionado para, para desculpar e para anular, digamos, querer anular a...

P8: Mas pressionado por quem?

P1: Por os colegas.

P8: Por dois alunos do 8º.

P1: Pelos colegas. ‘Tou-te a dizer, foi a versão que eu ouvi.

P10: Pois, depois é isso... Eh pá...

P12: É que há muita coisa que a gente depois nem sabe.

P8: Não, é, é... É interessante que o J. P. tenha o dobro do corpo deles e tenha sido pressionado.

P1: Pois [risos].

P10: Aquilo acho que foi assim um choque. Até lá não éramos racistas, mas depende... [risos] E tu agora ‘tás a ver, eu o meu irmão estávamos sempre na brincadeira, nas anedotas de preto e... e isto é aquilo. Agora imagina teres que [impercetível] [risos] Quando já ‘tás a dizer, ‘tás a ver? Tipo para a mesa “Pá, [impercetível] sou preto, eu, ou quê?”, não sei quê... E eu...

[risos]

P8: Eu quando...

P1: Eu agora já [impercetível] Tens que me desculpar, pá, mas isto...

[risos]

P8: Ah, eu tenho, eu tenho um colega da Guiné que eu digo-lhe: “Oh, oh, oh *people*, olha, quando um gajo fala dos africanos, como é que... qual é a terminologia que usa?”.

P10: O preto?

P8: É preto. Oh pá...

P12: É preto.

P8: Quando tu dás cores há alguma cor que se chame negro? Ou é preto ou é branco. Eu... eu quando estou a dar aulas...

P10: E mesmo negro...

P8: ... eu digo aos alunos, eu tenho a certeza que quem está a passar no corredor ao ouvir falar... Ah, não isto é só [impercetível]. Quem está no corredor...

P12: Tens a certeza que não foi a lâmpada que fundiu?

P10: Não. Não que ela ligou ali... Olha, eu tive um professor de Educação Física que era preto, o Professor X., e ele gozava imenso, gozava imenso ter... tipo...

P8: Mas isso é o saber estar!

P10: “Ah não vi, professor”, ele subia, nós não nos apercebemos ou só íamos depois ou qualquer coisa ele vinha cá em baixo às escadas e dizia assim: “Olha, aqui o único preto sou eu, sou eu que se destaca!”.

[risos]

P10: “Já passei [impercetível] Portanto, ele é que brincava muito...”

P8: Claro. Este meu colega tem dois metros. Para já, já chama à atenção por isso e o pescoço vem até cá em cima, que ele rapa o cabelo. O... ele, se chegasse aqui agora, a primeira coisa que ele dizia era: “Bom dia pessoal de cor”. E é verdade! Mas isto eu... eu digo aos alunos: “Eu, de certeza absoluta, quando estou aqui a falar de pretos, quem passa no corredor, diz: Eh professor, este professor é racista”.

P10: O J. achou que aquilo era gozar com ele.

P8: Portanto, e estamos a entrar numa onda que é... que é a tal... que é a tal coisa que é ridícula, que é aquilo que eu disse...

P12: Não, eu acho que tudo o que é demais enjoa. E agora há um politicamente correto com tudo e com mais alguma coisa.

P8: [impercetível – sobreposição de vozes] Eu brinco muito com a questão da homossexualidade, depois... não sei quantos, quer dizer, agora vou ser processado, não tenho o direito a falar da homossexualidade? Já agora...

P10: Até porque tem que haver oportunidade de deixar os miúdos... resolverem... as questões.

P1: Resolverem entre eles. Antes de, de...

P10: Não, nós estamos ali a moderar, mas é preciso deixá-los resolver estas questões entre eles, não é logo partir para...

P8: É como a questão do *bullying*, eu já fiz três ou quatro formações do *bullying*...

P10: Eu sofri tanto de *bullying* [impercetível]...

P8: Estamos a falar, mas estamos a falar de coisas...

[risos]

P8: Estamos a falar de coisas que não são *bullying*, estamos... Há coisas que são normais e que são brincadeiras das crianças

P10: Claro, claro.

P8: Eu se tiver um filho... quer dizer, hoje roubam-lhe o carro e ele não se vai defender, não se vai defender... não vai tentar recuperar o carro? Agora, se eu tiver uma criança,

constantemente, todos os dias morde as outras crianças, esse puto é maldoso e tem que ser feito um trabalho com os pais, não é? Agora... não é normal que entre as crianças haja brincadeiras e que eles se chateiem e que eles...?

P1: Aqueles empurrões, aquela...

P12: Não, e os miúdos, ouve lá, toda a vida...

P8: Lá está, o *bullying* tem muito que se lhe diga.

P12: Toda a vida os miúdos puseram alcunhas uns aos outros. Eu sempre tive alcunhas por ser baixa. Quem tinha óculos era caixa-de-óculos, não sei quê.

P10: É preciso... há questões e questões...

P8: Exatamente, mas a questão é até que ponto...

P10: Que há questões [impercetível]

P8: Nós estamos aqui a ir...

P10: Olha, eu não ia ao bar da minha escola...

P8: ... o meu receio é que estamos a cair no exagero.

P10: ... porque lá ‘tavam os grandes a dar cascudos. E àquela hora, era hora de levar cascudos. E eu, se queria comer, levava cascudos. Não comia, para não levar cascudos. [risos] Isso agora era *bullying*. [impercetível]

P8: Olha, nos Açores, na escola de um colega meu, eles faziam isso, até o professor que era de novo, tinha ar de puto, também apanhou.

P10: [impercetível]. Só, só ouvíamos assim “[impercetível] a entrar!”. A gente era assim ta-ca-ta-ta-ta-ta-ta. Aquilo era até passar, ou passavas rápido ou...

P8: Mas, pronto.

P10: Era *bullying*. Olha, soubesse eu, naquela altura.

[risos]

P8: Esta turma, penso que das turmas... Não, P10, nós começámos pelo 9º, porque o 7º ano é mais difícil e era importante que ‘tivesses cá também. Esta turma é a turma que, à partida, terá mais alunos para CT, é aquela que tem alunos talvez com maior capacidade, embora seja uma turma perturbadora, porque aqueles que são bons...

P6: Querem ir para a frente, querem mais coisas. Querem mais coisas.

P8: ... apanham, apanham as coisas todas e estão constantemente a falar.

P10: Tens esta turma?

P6: Já tive o ano passado.

P8: Para alunos fracos é complicado serem, fazerem parte desta turma. Entre eles o relacionamento é positivo, mas acima de tudo... Portanto, o sucesso, havia treze alunos com 3, que, portanto... neste momento.

P12: Mas não era aqui que tu dizias que havia 50% de negativas a Matemática?

P8: Sim, sim.

P12: Há alunos que querem ir para CT...

P8: 25 a Inglês, 25 a Ciências... E, portanto, mesmo assim, a situação ainda está pior do que no primeiro período. Apenas 65, embora isto seja relativo, portanto, porque quase todos eles...

P12: ‘Pera, ah... no primeiro período... portanto, melhorou do primeiro para o segundo período?

P8: Não, piorou. Ficou pior.

P12: Ai piorou?

P8: Apenas 12 alunos têm menos do que 3 negativas. Antes havia 13...

P12: E agora tem 12.

P8: Agora há 12.

P12: Então melhorou! Há menos alunos...

P8: Não, não... Há apenas 12 a terem... a terem menos do que 3 negativas.

P12: Ah, menos do que 3!

P8: Sim.

P12: Eu ‘tava a pensar... Ah, ‘tá bem.

P1: A gente tava a fazer com 3.

P12: Eu tava a fazer ao contrário.

P8: Não, porque aqui no 9º ano é difícil de ver, a questão do sucesso e insucesso...

P1: Porque eles não têm...

P8: ... porque isto é o acesso aos exames nacionais. E 90% deles vão aos exames nacionais. Só um ou dois...

P12: Sim, claro, não, mas eu ‘tava a pensar era... ‘tava a pensar que aqueles... aquela... pois, eu não vi... não ‘tava a ver bem e ‘tava a pensar que esses 60% eram de miúdos que tinham 3 ou mais negativas. Mas não, é ao contrário.

P8: Não, é ao contrário.

P12: Eles têm menos de 3 negativas.

P8: O 9ºB é uma turma mais fraca... tem vinte e um... matriculados, mas apenas dezoito frequentam, portanto, já houve aqui... esta aluna anulou a matrícula e houve duas transferências, portanto...

P12: Eu acho que há ali uma pequena que já foi minha aluna...

P1: A C.

P8: ... a S. e a L. É uma turma mais fraca...

P12: A C., exatamente.

P8: Das três turmas...

P10: Teve um bebé.

P8: Das três turmas de 9º ano...

P12: Teve um bebé?!

P10: Teve.

P12: A C. teve um bebé?!...

P10: Também apanhei um choque...

P8: Se não teve, estava grávida.

P10: Já teve, já teve, já teve.

P8: Já teve.

P10: Muito grande, quando a vi a última vez e já a vi outra vez com o bebé.

P6: Eu fiquei a olhar para ela também...

P8: É uma situação típica de Câmara de Lobos, que é...

P6: Eu só disse: “Ai rapariga!”.

P8: O namorado penso que é um rapaz com trintas, trintas e poucos. Sim. Ele, pelo menos, tem cara disso.

P12: Mas é pedofilia, a miúda é menor!

P8: Não, ele já... ela anulou a matrícula depois de ter 18.

P12: Já tem 18?

P8: Já. Fez 18 logo em outubro.

P12: Mas ela era... Olha, eu vou-te dizer, ela era da turma... não era da turma do H., mas...

P8: Do T.

P12: Era da turma do T. ...

P8: Do T. Sim, sim, sim.

P12: ... que ‘tão agora no 11.º.

P8: Sim.

P12: Bem, ela, se calhar, já tinha repetido alguns anos na altura que foi da turma do T.

P8: Eu penso que sim.

P10: Já, já.

P12: Para ter 18 anos, que o T. não tem.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Ela é muito fraca, ela é muito fraca, inclusive, ela falava em ser...

P12: O T. não tem 18 anos, não é?

P8: Que era aquilo que o “coiso” dizia, quem era o Diretor de Turma no 9º ano? O M. dizia: “Quer dizer, oh pá, quando a mãe me vem falar em ela ser... educadora de infância, quer dizer, uma aluna que não consegue fazer o 9º ano vai ser educadora de infância?”. Quer dizer, acho que os pais também têm que ter...

P10: Mas, às vezes, é confusão, não tem que ser educadora, pode ser...

P12: Auxiliar.

P8: Não, pode ser... Não, mas...

P10: Porque aí a ideia é trabalhar...

P8: Exatamente, com crianças. Nós temos, por exemplo, a A... a A. que está num profissional... que namora com o B., que é outro miúdo que eu acho que... a A. é uma miúda fortezinha, ela também gostava de, dizia: “Eh pá, eu gostava de ser educadora de infância”, eu disse: “Olha, então faz assim, para tu veres se realmente é isso que tu gostas, há aí duas raparigas quaisquer que ‘tavam desempregadas, criaram...”.

P12: Ah, aquelas que tão... o miúdo de uma amiga da I. ‘tá lá...

P10: Mas essas fizeram... essas fizeram uma formação na escola [impercetível].

P8: Sim. Não mas eu disse: “Olha, tu para ver se realmente se tens, se gostas mesmo de crianças, porque uma coisa é uma brincadeira uma vez, outra coisa é ‘tares no período todo, oferece-te como voluntária para trabalhar com elas durante um verão ou durante um mês. Depois, se elas permitirem...”. E ela foi lá falar com elas e elas até gostaram da atitude dela e ela ‘teve lá a trabalhar no verão e, no final, elas gostaram bastante e ela disse: “É isto que eu quero”, eu disse: “Ótimo, agora já tiveste a experiência...”.

P10: Exato.

P12: Exato.

P8: Porque muitas vezes o... o problema é “Ai, eu queria isto”, mas depois será que quer mesmo...

P12: Pois, mas não fazem ideia do que é que é a profissão.

P8: E eu, isto aqui...

P12: Mas pronto, a C...

P8: ... ‘tava-te a dizer, isto é típico. O que se passa em Câmara de Lobos que é, quando as raparigas, quando o namorado é mais velho – e este deve andar na casa dos trintas, porque eu lembro-me no dia do professor nós estávamos e eles apareceram lá no café. O A. até disse: “Eh pá, olha até para a cara do gajo”. O gajo tem assim um ar, assim, parece que está sempre chateado com a vida. E muitas vezes, o que esta gente faz... é engravidar logo, que é para ela sair da escola, que é para não arranjar namoricos na

escola. Nós tínhamos miúdas na escola, em Câmara de Lobos, que acontecia isso. Eles engravidavam, que ela assim... porque era para não haver aquela: ela de hoje para amanhã gosta de outro rapaz... e eu levo com os pés. E, portanto, a forma de resolver o assunto...

P10: Lá está, então foi mesmo algum...

P8: ... é engravidar. E houve duas transferências, portanto, esta turma, seis alunos que têm 3 ou mais níveis negativos... Matemática, 78%, também há coadjuvância. Portanto, aqui, claramente, esta turma é a mais fraca de todas, mas aquele 78% é assustador.

P12: É um bocadinho. 78% é um bocadinho.

P1: Isso não terá também - questão minha - não poderá, também, ter a ver com os professores que estão a fazer a coadjuvância?

P10: A S. P. ainda 'tá aí essa turma?

P1: Eu 'tou a perguntar...

P8: 'Tava. Foi transferida. Foi uma das que foi transferida. Por isso é que só aparece 18 lá em cima.

P10: Sim, sim.

P8: Depois, a questão que se coloca, é isso, por isso é que se colocou a... a questão de... até porque, por exemplo, eu trabalho com o 9º ano, o J. também trabalha, o G. se não trabalha, já trabalhou com a maior parte deles. Por isso é que sugerimos: "Atenção que não podemos fazer um balanço disto só com um ano... isto tem que ser um processo contínuo" e, portanto, não se poderá avaliar por este ano, até porque este, esta turma em Matemática sempre foi fraca. Agora, é assustador nós apresentarmos com dois professores dentro da sala e praticamente 80% tem negativa a Matemática.

P10: Mas eles estão muito misturados. Tens aí o S. ...

P1: É que a própria coadjuvância pode não funcionar...

P8: Sim, sim.

P12: Não, mas eu... não, mas o que eu acho é que é assim...

P10: Há quanto tempo o S. está no 9º ano? Tens aí o D. que é muito complicado. Tens aí...

P8: Mas o D., curiosamente, até acho que tem positiva. Porque ele é baralhado, mas depois lá vai conseguindo...

P1: Não, ele precisa de alguém a orientar. Se tiver alguém a coisa...

P10: Essa turma 'tá misturada.

P12: E eu acho que há uma coisa que é assim...

P10: Isso não é a turma original, do... do...do... do A.

P8: Não, porque depois também é um processo natural. Foi... por exemplo, o S. 'tá aqui, porque não podia 'tar no 9ºA, com o C. .

P10: Claro.

P8: Porque senão, então, quem é que ia aturar?

P10: Mas porquê?

P8: Porque eles eram parceiros no ano passado...

P1: Eram?

P10: Sim, sim, sim.

P8: ... e não... E depois é assim, a turma C é só Alemão... Diz.

P12: Não, é que eu acho que a Matemática não é como a História, que é assim, eles podem-me chegar ao 9º ano sem perceber nada da pré-história, mas o programa de História, eles podem aprendê-lo sem saber nada de 7º e de 8º. A Matemática não é. E eu acho que aqui há muita - digo isto até pela minha própria experiência - aqui há um bocadinho a convicção de que os professores são a Nossa Senhora de Fátima e fazem milagres. Eu quando fui para o 3.º ciclo, eu fui para o 3.º ciclo, porque parece que o pedagógico tinha decidido – não sei se decidiu ou não ou – que iam... pronto, iam escolher determinados professores para os anos terminais de ciclo. E então eu ia ter 9º ano e 12.º. Eu disse: “Quantos? Quer dizer, eles andam o ciclo inteiro... Não, eu vou para o 7º ano. Vou com eles até ao fim do 9º ano. No 9º ano peçam-me contas. E aí eu respondo. Agora, eu pegar numa turma...

P8: Apanhá-la no final e...

P12: ... para fazer milagres? Eu não sou a Senhora de Fátima!”.

P8: Não, e quando correr mal, quer dizer...

P12: Oh pá, P8, nem era a questão de correr mal ou correr bem, porque é assim, eu não sou mais do que os outros, não é isso, mas é assim... e posso perfeitamente, eh pá, para o ano, olha, vão-me dar, mas uma coisa é tu teres uma, aquelas turmas porque calhou, outra coisa é darem-te as turmas com uma determinada...

[impercetível]

P12: ... Não e com uma determinada expectativa.

P8: Exato.

P12: Que é a expectativa de que pões Fulano ali e pões Beltrano e depois Sicrano e, se tu reparares, há determinados professores nesta escola que não sei há quantos anos que não dão outro ano que não seja 11º e 12º.

P8: Por isso é que eu já me assustei ao ver as notas de seminário de Geografia.

P12: Pronto. Eu não acho isso... É assim, eu também não acho isso mal, agora o que eu acho é que... porque, porque, pronto, tu crias a... e sobretudo na Matemática, na Física, mesmo no Português ou numa língua, se calhar, é importante que o professor também esteja muito treinado com aquele programa e com aqueles objetivos. Mas isso é uma coisa, é a gente dizer assim: “A gente vai apostar nesta coisa dos professores ficarem com... com menos anos e ficar...”, pronto, como se faz na maior parte das escolas. Por exemplo, a minha avaliadora veio cá o ano passado, ela só dá 12º ano. E ficou muito admirada como é que eu no 8º escalão ‘tava a dar 7º ano.

P8: Na Madeira é assim.

P12: “Mas você ‘tá a dar 7º ano por alma...”; “Oh querida, isto aqui não é bem assim”. Pronto. [risos] Mas é assim, eu não tenho nada contra isso e se me disserem assim: “Eh pá, tu agora vais ter que escolher qual é o ano que tu gostas mais... e tens que decidir”. Oh pá, tudo bem. Mas é assim, mas uma coisa é fazerem isso porque há um objetivo que é criar uma certa especialização nos professores, dar-lhes uma rodagem, uma competência, pronto. Outra coisa é, tu agora vais ter o 9º ano, porque eles vieram coxos até aqui e a gente agora quer fazer boa figura nos exames nacionais. E é assim, isso não se pode pedir a um professor, a professor nenhum, muito menos na Matemática, porque tu na Matemática – e eu falo como péssima aluna que fui a Matemática...

P10: Estás com sorte que pedem, porque há outros que nem têm hipótese de pedir é: “Toma lá e anda”.

P12: Mas é assim, mas... eu falo com a experiência de...

P8: Fala com o Papa...

P12: Não, eu falo com a experiência de aluna que foi péssima a Matemática e, pá, e é assim, não há milagres. Eu lembro-me que eu, eu tive que ir fazer exame de 9º ano de Matemática, eu tinha umas notas vergonhosas e a minha mãe, que toda a vida foi contra as explicações, eu – e criou quatro filhas – e eu fui a última e fui a primeira a ter explicação – e também até à data fui a única, depois a minha sobrinha já se livrou disso. Mas a minha mãe chegou a uma altura, que a minha mãe percebeu que eu se não tivesse uma explicação, eu não passava o ano. E por causa da Matemática. E eu fui para a explicação e tinha uma explicadora fantástica e mesmo assim o melhor que eu consegui foi chegar ao exame de 9º ano e tirar nível 2. E depois eu até disse às minhas amigas: “Oh pá, vocês...” – elas conheciam a minha explicadora – “Oh pá, vocês não digam à E. que eu tive dois no exame. A gente vai dizer que eu tive 3, porque a rapariga fica...”

P8: Se calhar ela vai ver [risos].

P12: ... dececionadíssima...”.

P10: As Es são, são terríveis [risos].

P12: Mas ela é M. E. Ela não é E. de apelido, é M. E. E é assim... e a rapariga esforçava-se imenso. Lembro-me na explicação, ela dizia: “Ai P12, a tua mãe, ela deve ‘tar tão aborrecida, que ela paga-me e tu não aprendes nada” [risos]. Mas eu queria lá aprender Matemática.

P10: Não, mas esta turma é muito...

P12: E, portanto, é assim, não se pode esperar que a coadjuvância faça agora milagres se os miúdos não têm bases, porque...

P8: São fracos, têm mau relacionamento, as raparigas desta turma são piores que do que os rapazes.

P10: São.

P12: Mas as raparigas têm uma idade que são assim um bocado...

P8: Não, mas por acaso o 9º...

P12: ... mais complicadas.

P8: Com o 9º A nesse aspeto trabalha-se bem, o 9º C é muito porreiro, é a melhor turma. Mas o 9º C acho que vêm juntos desde a pré, desde a pré ou lá o que é. Esta turma, realmente...

P10: Essa turma está aí toda misturada.

P8: ‘Tá tudo misturado.

P10: Tem três turmas juntas, desde o início.

P8: Depois o rela... o relacionamento...

P6: É péssimo. Era péssimo no ano passado e ainda deve continuar.

P8: Por exemplo, curiosamente o A., o A. veio para aqui, porque ele era do A, porque ele no A era... ele era vítima de *bullying*...

P10: Olha, o quatro, o quatro que ‘tá ali...

P12: O A. ‘tá nessa turma?

P8: Sim. E ele... mas já cá está desde o 7º.

P6: Já, já.

P8: Não foi da minha altura.

P6: Ai, digo-te, na minha sala eu presenciei uma aluna mandar dois alunos que ela tinha como mandante e isso eu vi e disse-lhe mesmo: “Olha, eu faço participação de ti à polícia, não é na escola”. Mandava-o puxar as calças para baixo.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P6: Na minha sala.

P8: É assim... foi o que me contaram, quando o apanhei, quando o apanhei...

P1: Não chegaram a puxá-las, porque eu vi.

P8: ... quando eu substituo a L., a L. ou a D. é que fez as turmas, penso que foi com a M. J. [PCP] ou com a L., mesmo. E depois é que falaram-me: “Eh pá, tem atenção que este caso não sei quantos”. Ele aqui, foi-lhe dada a possibilidade depois: “Olhe, estás na turma certa? Queres mudar?” e ele e os pais, mesmo os pais sempre quiseram...

P10: O objetivo deles, quando eu o tive...

P8: ... que ele ficasse cá.

P10: ... naquela turma, era que ele tivesse abaixo de alguém.

P1: É.

P10: A nota que tivesse fosse abaixo de alguém.

P1: Alguém conseguisse uma nota mais alta que ele.

P10: Era ele, era o objetivo deles. E ele próprio, sofria imenso.

P8: Sim, sim. Ele só recentemente é que começa a mudar essa postura.

P10: Mas eu parece-me que isso era pressão de casa.

P8: Era, era. E continua a... continua a ser.

P1: E vai continuar...

P10: Era sempre um gozo, tudo era um gozo.

P8: Não, mas ele começa a ter uma postura diferente...

P10: Tudo o que ele falava era gozo e porque ele dizia “Bom dia senhora professora”, “Bom dia senhor professor”...

P8: E depois [impercetível] tem uma cultura que os outros não têm.

P10: Porque era educado, porque era não sei quê.

P12: Pois, ele tem tudo para ser vítima de *bullying*.

P10: Sim.

P12: Isso ele tem.

P10: Não, mas agora já... Ele ‘tá melhor, ele já desaperta o botãozinho aqui, já fez o bigode...

P8: No outro dia... No outro dia... e então o facto de estar no futsal...

P10: Sim, sim, sim.

P8: O A. diz que quando ele falha, já diz como os outros, eh pá, já diz...

P12: Palavrões?

P8: ... o árbitro é uma cebola. E ele até disse: “Eh pá, há dias...”.

P10: Foi muita pressão. Só lhe falta arranjar uma namorada [risos].

P8: ‘Tava a ver o... ‘tava a ver o treino e ele falha um chuto e disse um palavrão [risos].
Ele disse...

P10: Eles não fizeram uma festa?

[risos]

P8: Não, ele disse [impercetível] Ouvi e não sei quê”. Não, faz-lhe bem, nesse aspeto. Mas ele agora já começa a aceitar um pouco... Por exemplo, esta miúda, esta C., que é uma aluna fraca, oh pá, tem-me tirado, chegou a tirar melhores notas do que ele, este ano. E eu tenho a... os outros vieram-me logo...

P10: Mas é uma boa miúda.

P8: ... dois ou três, ali, dizer: “Professor, a C. anda a copiar, porque ela para tirar aqueles resultados”, eu disse: “Vocês até podem ter razão”. Eu tive noventa minutos assim, a olhar para a miúda, em pé, assim a olhar assim, sempre assim. A miúda... Eles só podem ter uma caneta em cima da mesa, ouve e ela não copiou, tenho a certeza. O que eu acho que ela ‘tá a ter é acesso aos meus testes dos anos anteriores [risos] de alguém. Não, e estuda. Eu mudo as questões, mas a matéria é a mesma.

P10: Olha...

P12: Claro, exatamente.

P10: Mas é, mas é uma boa miúda.

P8: Mas isso ainda bem, que se isso é assim, ela tem uma estratégia...

P1: Estratégia!

P8: Tem mesmo.

P10: Mas era, é uma boa miúda, pelo menos... era uma boa miúda.

P8: Ele é muito boa miúda.

P10: Já em compensação aquela [impercetível] quatro. E assim...

P6: A A. .

P8: Sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não os conheço, esses não foram meus alunos.

P8: Inclusive, a C. é muito amiga da L. .

P10: Jesus.

P8: A L., a L. como o namorado foi para a Madeira e foi porque era vítima de *bullying* nesta turma e fez uma confusão enorme à mãe. Foi, foi para o Horácio, para... começámos lá a fazer uma peixeirada que a filha era vítima de *bullying* até eles lhe arranjam vaga para ela e a própria C. diz: “Oh professor, no ano passado houve situações de abusos e este ano foi mentira, ela inventou mesmo”.

P10: E a dos assédios? [risos]

P12: Pois, eu ouvi falar desse caso, de uma miúda que tinha ido para a Madeira, por causa do *bullying*.

P8: Foi esta.

P10: Quem?

P12: Não é *bullying*...

P8: Foi...

P10: Qual foi?

P8: A L..

P10: Ah, sim.

P8: Que a mãe... trabalha no Pingo Doce, acho eu. Mas ela [impercetível].

P10: A irmã ‘tá no 7º A, não é? A irmã ‘tá no 7º A.

P8: Ela foi por causa do namorado e depois inventou que era vítima de *bullying*, porque o... porque eu já... e ela fez para lá um escândalo qualquer e o colega [impercetível] ligou para o R. [VP2] a dizer: “Eh pá, a miúda ‘tá muito mal, tá numa...”. Até o R. [VP2] veio-me falar “Olha, mas aconteceu alguma coisa assim de grave à miúda?” e eu disse “Não, pá!”. Mas pronto. Esta é aquela miúda típica que eu digo as mulheres da Camacha não falam, gritam. Então aquela [risos] ela tá sempre aos gritos. Ela...

P6: Oh, é a gozar.

P10: Quem?

P8: É M. .

P10: Falta a A. .

P8: É boa pequena, mas depois perde-se por causa de...

P10: A J. também é uma boa miúda.

P8: A J. é uma boa miúda.

P10: Essa...

P8: A A. B. ...

P10: ... a L. é irmã da C. do 7º A.

P8: Ai é?

P10: É.

P8: Não sabia.

P12: Engraçado, oh P8, desculpa lá, agora estou a olhar para as disciplinas e depois é assim, eles têm tão más notas a Matemática e curiosamente aguentam-se na Físico-Química, que é uma disciplina...

P8: Não, e olha, se tu fores a ver eles estão ao nível da turma anterior...

P12: Pois.

P8: ... e é a turma mais fraca do... do “coiso”. Ou seja, eles já puseram... quase todos já puseram [impercetível], os que têm negativa a Matemática, já... Aquela nota a Matemática...

P10: Eles já trazem essa lacuna, a maioria desses que tão [impercetível].

P8: [impercetível]

P12: O problema é que eles já vêm...

P8: Exatamente.

P12: ... Exato e depois não há... não há milagres, não...

P8: Isto já vem de trás e o resultado do 3º período, andaré nos setentas, setentas e pouco. Pode haver um ou outro que ‘teja ali no 3, 2. E que consiga recuperar novamente, o resto vai ser... E a prova disso é que eles até têm, em termos de coisas, estão mais... ou seja, já puseram, os que não percebem de Matemática puseram tudo... Porque o Português, não há muitas negativas também no Português. Até se reparares...

P12: Não, mas o...

P8: Ainda não apareceu aqui.

P12: ... o que eu acho engraçado, porque é assim, eu lembro-me que...

P8: Pois, normalmente...

P12: ... quando eu comecei a desligar-me da Matemática...

P8: A Físico-Química tem efeitos...

P12: ... depois quando comecei com a Físico-Química tinha muitas dificuldades.

P8: Tem efeitos, tem.

P12: Porque havia muitas coisas que... E acho engraçado que eles, depois, onde têm mais negativas, pronto, é na Língua Estrangeira e a seguir nas Ciências Naturais, que é uma disciplina que é mais... é mais teórica, como as nossas.

P8: E também tem a ver com a, com a estratégia que os colegas têm usado nos últimos dois, três anos. Houve uma mudança de estratégia para, para as coisas. E quando eles são apanhados a meio do percurso, eu acredito que aqueles que *tão* a começar agora no 7º ano, com este tipo de estratégia que os colegas de Ciências estão a utilizar, ao chegar ao 9º ano terá que haver resultados. Se não houver, é sinal que afinal a estratégia está mal. Estes foram apanhados numa situação... que eu na altura fiz uma crítica e não sei se as pessoas perceberam ou não. Eu não posso ler um documento do ministério hoje e chegar aqui, os meus alunos estão aqui e eu a partir de hoje exijo que eles estejam aqui. Eu tenho que lhes dar armas para chegar lá.

P12: Claro.

P8: E acho que essa fase não, não ocorreu, na minha opinião.

P12: Mas, qual é a estratégia, já agora? Que 'tá a ser usada nas Ciências?

P8: Oh pá, eu sei que houve umas mudanças, ali até dentro do grupo houve ali umas confusões e até nas mudanças de testes e...

P10: Não é nos critérios de avaliação?

P12: Ah!...

P8: Não, não. Principalmente na forma... na forma como se fazem os testes, ou seja, não tanto aquela questão da definição... Eu não sou contra [impercetível] porque eu não conheço as [impercetível].

P10: Ah, já sei. Não é as definições...

P8: Eu sei é que houve uma mudança repentina...

P10: ... é relacionar.

P8: ... é o relacionar. É do tipo: tu dás um determinado conteúdo e o aluno não tem, não há definição, o aluno tem é que perceber...

P1: Não têm que dizer aquilo que é, tem que conseguir relacionar...

P8: O aluno tem é que perceber que depois tu metes lá um conteúdo, por exemplo, pode ser um texto tirado da net sobre um determinado assunto, ele tem que relacionar com um determinado... com outro conteúdo e tudo isso.

P12: Sim.

P8: Oh pá...

P10: E para pensar.

P8: ... e para quem tem disciplinas, por exemplo, como a Geografia, os conteúdos do 9º ano são claramente de cidadania, em contrário... quem teve... Eu tive PGA, quem... hoje em dia...

P12: Sim, sim, sim.

P8: ... em Geografia, quem tivesse Geografia no 9º ano, é como, na altura, na PGA. Aquilo é claramente cultura geral, estar a par de... 90% do meu teste são questões tiradas da net, para eles comentarem e tudo isso. Nas Ciências, aqui ainda está a haver um pouco essa adaptação. O... no... o 9º C, portanto, estes têm praticamente os resultados do anterior. O 9º C é a turma mais pequena, é de... de alemão, tem dezasseis alunos.

P12: Mas o 9º C é essa. Não, é outra, então.

P8: É esta, é esta. Já mudei. Portanto, apenas três alunos... têm três ou mais níveis inferiores a 3. Portanto, maior insucesso: História, Matemática e o Alemão. E aqui... o sucesso nota-se a diferença, portanto...

P12: História é quanto? É 58?

P10: 38.

P8: Dá 38.

P12: Ah 38, até me assustei.

[risos]

P12: Não, assustei-me, 58 é muita fruta.

P8: Mas aqui, aqui... se não estou em erro, ah os dois alunos que poderão... há três alunos aqui com alguma... com uma situação um pouco mais complicada, que é o caso do T., o C. e o P. Â..

P10: E o H..

P8: Que são... porque é... mas é falta de trabalho. O C. é muito fraquinho, o Cristiano é daqueles alunos que não sei se vai concluir o 9º ano, a não ser que consiga mesmo ter uma... alguma benesse e alguma e alguma ajuda. Os restantes, a turma é uma turma que se trabalha muito bem, é uma turma que já vem junta há muito tempo.

P10: A I. é fantástica, não é? E o M. .

P8: Sim, sim. Esta miúda...

P12: Quem é a I.?

P8: Esta miúda é daquelas miúdas...

P10: Olha...

P12: É filha do C. M., não?

P10: Não, não.

P12: A filha do C. M. é muito mais novinha.

P8: Ah, essa está no 7º ano.

P1: Está no 7º ano.

P12: Pois, estava a pensar que a Inês era muito mais novinha.

P8: 7º C.

P10: É filha de um rapaz que trabalhava no Zarco, com o P. ... que ele é algarvio, também, acho.

P8: A I. ...

P10: O F. .

P8: Sim, eu já ouvi falar. Não, não sei... Devo conhecer o senhor de vista.

P10: Esta miúda tem diabetes.

P8: Esta miúda, tem.

P1: É.

P12: Ai que horror!

P8: Mas...

P10: Mas diabetes ao ponto de levar [impercetível].

P1: Mas é número 1. Mas é diabetes 1...

P10: Insulina. Sim.

P1: ... portanto, ela é mesmo... não é insulino-tratada, é insulínica.

P8: Acho que já é ela própria...

P10: Ela chega a levar três vezes por dia.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Acho que já é ela própria que controla.

P1: É ela que faz a gestão...

P8: Já é ela própria que controla e que...

P10: Eu tinha um papel da médica, da médica mesmo, por causa disso, eu fazia-lhe...
ela fazia na minha aula...

P12: Fazias os testes.

P8: Mas tem uma postura, tem uma postura...

P10: Muito consciente.

[impercetível]

P1: É espetacular, a miúda.

P8: E depois tem uma postura que é, que é top. Ah, esta turma é muito agradável. E tem aqui...

P10: Caladinha e tal.

P8: Sim, tem aqui alunos agradáveis.

P10: Sim.

P10: O nosso Mister Bean...

[risos]

P8: Ok. O 7º. Ok, o 7º A é uma turma extremamente complicada, foi... foi...

P12: Ah, não pões os oitavos? Não trouxeste os oitavos?

P8: Ah, queres que dê o oitavo primeiro?

P1: É assim, já agora.

P12: Já agora.

P1: Começa ao contrário.

P12: Pois, exato. Fazíamos... víamos os oitavos e depois o sétimo.

P8: ‘Tá bem, então. Para deixar o melhor para o fim.

[risos]

P10: O quê? [impercetível]

P8: O 8º A, esta turma é uma turma bastante... bastante faladora, é o exemplo do 9º A também. Tem bons alunos aqui, só que é uma turma que fala bastante. É preciso, portanto, às vezes, ver aqui alguma... algumas coisas, portanto, não entrar... entrando em choque... A P12 já trabalhou com esta turma também.

P12: E trabalhei o ano passado.

P8: A P6 trabalhou, no...

P6: Hum, hum.

P8: Tiveste também, portanto... E eles, a maior parte deles já tinha passado...

P10: Não, estes não foram. Foi só o A., a B. ...

P8: Ah, os mais velhos, os que tão a repetir.

P6: Sim, pois, exato.

P10: A J. .

P6: Penso que [impercetível].

P10: O...

P12: Mas esse A. ...

P10: Esse pequenino, esse L. parece que [impercetível].

P8: Este A. é o C. ...

P12: Mas esse A., o ano passado, não 'tava na turma.

P8: Não, não, não.

P12: Pois, porque eu 'tava a ver.

P8: Ele...

P12: ... que não...

P8: Ele era para estar no 9º A.

P12: Pois.

P8: 9º A ou 9º B.

P10: São os repetentes, que foram meus.

P8: Eram para estar no .

P12: Pois, é repetente.

P8: Sim.

P12: Mas a B. é repetente, mas repetiu antes, ela deve ter repetido no segundo ciclo.

P10: A B. é desta turma... [impercetível].

P8: Sim, ela deve...

P12: ... porque ela o ano passado já 'tava na turma.

P8: Ela repetiu o ano passado, este ano não.

P10: Sim, sim.

P12: Ela, o ano passado, já 'tava na turma, eu lembro-me dela, tanto que ela era uma matulona ao pé dos outros todos.

P8: Sim, sim, sim. Ela é que estava a repetir no ano passado.

P10: Aliás, ela e a S. [impercetível].

P8: Mas é uma turma engraçada, tem aqui alguns bons alunos, só que é uma turma que conversa um pedacinho...

P10: Ah ele é A., agora é que eu aqui a ver que ele é A. M. .

P8: O... disciplinas com maior insucesso, a Físico-Química 32%, a Matemática, 26, o Inglês, 11%.

P12: Oh pá, mas eu também acho que isso é um exagero, considerar que 11% é insucesso, quer dizer...

P8: Não, não, não. Tinha a ver com as três disciplinas.

P12: Ah, é as três disciplinas independentemente do... da percentagem...

P8: Não, é três... três. Sim, sim, sim.

P12: 'Tá bem, pronto, 'tá bem.

P8: Se tu fores...

P12: Não.

P8: ... se tiveres acesso - não, ainda bem que questionaste isso - se tiveres acesso, por exemplo, isso do... por acaso, no pedagógico a primeira vez que apresentámos este modelo, houve...

P10: Essa grelha 'tá fantástica.

P8: ... houve uma pessoa que achava que aquela mudança de cor era propositada, porquê? Porque a disciplina dele aparecia várias vezes... [risos] e eu disse... E eu disse: "Oh colega, oh pá, cada um interpreta...".

P1: Isso é mania da perseguição, pá.

P8: Provavelmente, se o fundo fosse castanho, alguém... Eu disse: "Oh pá, o colega é que 'tá interpretando assim, diga-me uma coisa, o A. [CC1] 'tá a apresentar do segundo ciclo, a disciplina com maior insucesso é sempre o Inglês, acha que ele ia-se prejudicar? Ai ele está a constatar a realidade, não...", "Mas pronto, é a sua interpretação". Segue para a frente.

P12: Não, só perguntei porque é assim, pensei que...

P8: Não, mas tu disseste bem, porque se tu fores a ver o... se tiveres acesso ao...

P12: À ata e não sei quê.

P8: ... ao segundo ciclo... tirou.

P10: O A. [CC1] também tem este sistema assim?

P8: Tem. Ele é que criou o sistema e nós vamos usando.

P10: Acho que sim, é muito...

P12: Não, mas eu não acho mal, o que eu 'tava a pensar é que ali só iam as disciplinas com insucesso e pensei: uma disciplina que tem 11% de negativas, chamar insucesso... quer dizer.

P10: Se calhar as outras atrás 'tavam abaixo daquilo, não é?

P8: [impercetível] Todas as outras estão.

P12: Pois. Pois, é isso. Já percebi, as outras 'tão abaixo.

P8: E é isso que eu ia dizer...

P10: É a terceira mais...

P8: ... se tu tiveres acesso... se tiveres acesso às do segundo ciclo, oh pá, 90% das disciplinas andam nestes 11%, ou seja, do segundo para o terceiro, para o 7º ano, há uma mudança, por isso é que é assustador. O que é que se passa ali? A tal...

P10: Há uma grande mudança, também.

P8: É uma... Sim, sim. Que é, por isso é que deixamos o 7º para o fim. Portanto, esta turma tem só um aluno, neste momento, é que tem três ou mais níveis inferiores a 3. Portanto, só um aluno é que não tran... não, todos transitavam, neste momento, apesar de haver um aluno com três ou mais níveis. Portanto, ele não tem... não tem...

P12: Eu acho que já no ano passado eles transitaram todos, não foi? O único que ia chumbar não era o T. e eu alterei a minha nota à última da hora?

P6: Não, o primeiro chumbou [impercetível]

P12: O ano passado, eles não passaram todos?

P8: Só vendo, daqui a pouco, os sétimos.

P12: Passaram, passaram. Não, no 7º A...

P8: Sim. não, mas a... a P12 'tá a dizer...

P10: Do ano passado.

P8: ... dos que estavam no 7 A...

P12: O 7 A, eu tenho ideia que não chumbou ninguém. Ia o T. chumbar, lembras-te?

P8: Sim, sim, sim. Foi alterada.

P12: Que depois naquele momento XPTO, eu disse: “Espera aí que eu dou-lhe um 3”. Não ‘tás bem a ver, o conselho de turma parou... Já ‘tava gente muito contente: “Ah, vai-lhe fazer muito bem”. E eu disse assim para este: “Não posso alterar a minha nota?”; “Pára tudo que a professora P12 quer alterar a nota!”.

[risos]

P8: Ele não é... ele não é tão burro quanto isso. Eu, no final... eu, no início do ano, tive uma conversa com ele e disse: “Olha, não sei se tu sabes, mas no iní... tu, no ano anterior, estavas chumbado, no final da reunião, e houve uma pessoa que decidiu alterar a nota, para te dar uma oportunidade. Eu acho que este ano tu deves demonstrar a essa pessoa e ao conselho de turma que mereceste a oportunidade”. Ele virou-se para mim, ele disse: “Sei professor, foi a professora de História”. Portanto, é isso que é importante que eles percebam...

P12: Só que já não ficou comigo, outra vez [risos].

P8: Não, ele gosta disso, tipo... Uma das coisas que mais me chateia é quando nós damos uma oportunidade e o gajo no ano seguinte tem quatro, cinco negativas. Um gajo diz: [impercetível] não lhes vou dizer o que apetecia. Mas, faz parte da idade e da...

P12: Não, claro.

P8: A I., é a R. completa, pá. Eu costumo dizer um miúdo é o R., a...

P10: Quem?

P8: A I. .

P10: Ah! Onde é que ‘tá a I.?

P8: ‘Tá aqui.

Inês: Ah, tem, tem.

P8: É a R. [impercetível].

P12: Ai, ‘tá ali? Agora é que eu vi, antes da [impercetível].

P8: Mas, pronto, é uma turma, é uma turma engraçada, é um bocadinho faladora, mas consegue-se trabalhar, até porque a Diretora de Turma é a D. e anda sempre em cima. Os coitados à mínima coisa [risos] ... metem o pé na poça, são logo ameaçados e, portanto... neste momento, portanto, é a única turma com 100%... O 8º B, há o exemplo, o... o 8ºB, sim, tal como o 9º B é... é a turma mais fraquinha do... do oitavo. Portanto, já era fraquinha no sétimo ano.

P12: Vocês já põem no B, que é B de burros. Vocês andam a discriminar os miúdos.

[risos]

P8: Eu, eu consigo, às vezes, trabalhar melhor com estes alunos do que com o 8º A. Eles são...

P10: O M. ainda anda aí [risos].

P8: Anda. [impercetível]

P12: O M.? Que era do...

P8: Este que está cá. O... mas tem, tem aqui bons alunos, esta turma. A A. é boa aluna, o R., este ano, oh pá, 'tá muito menos infantil, está um miúdo que está a fazer um trabalho bastante engraçado. E depois há miúdos aqui que não... apesar de não serem grandes alunos, são bastante... disponibilizam-se e estão sempre disponíveis. Em termos de estudo, fora da sala de aula, bem, é a turma toda. Não há...

P12: Mas tu tens aí miúdos, penso que tens, já não 'tá aí a C.?

P10: O J. T. . Não.

P8: Não, a C. está no CEF.

P1: Está no CEF.

P12: Ah! É porque havia aí miúdos, também, com histórias muito complicadas.

P8: Exatamente. [impercetível] A Dr.^a L.[PSOE] 'teve na primeira reunião, eram logo cinco alunos que haviam... o E., que está no sétimo, também, que está a repetir. Quem é que tínhamos... havia o...

P12: Esse M. também é um miúdo muito complicado.

P8: O M. estava, também estava. E tínhamos a I., que é uma aluna... é uma boa miúda, só que é uma miúda muito insegura. A J. também é das necessidades educativas, mas é mais... portanto, é mais autónoma. Portanto, tínhamos aqui, temos cinco alunos.

P10: E o J. T.?

P8: Ah, o J. T., também é um miúdo que...

P10: Não sai de casa.

P8: ... tem muito a ver com aquela questão familiar, que é irmão do T. O., que era jogador de golfe, que entretanto meteu-se aí numas... nuns produtos

P6: Altas cavalgadas.

P12: Não, não sei de nada.

P8: Foi na altura do *Bloom*, ele meteu-se em drogas e tudo isso e depois houve uma revolução... parece que...

P10: Ele não 'tá cá, pois não?

P8: Está.

P10: 'Tá?

P8: Mas parece que isso recentemente...

P12: Foi um que bateu no pai ou não sei quê?

P8: Chegou a puxar de uma faca para o pai e tudo. E acho que recentemente houve problemas outra vez. Porque, entretanto, no meio disto criou... criaram-se algumas dívidas e [impercetível] que é preciso pagar e...

P10: Mas este miúdo, mesmo antes do T. 'tar assim, nunca foi fácil. Mas é um miúdo muito, parece-me, muito fechado.

P8: Sim, sim.

P10: A cor dele nem é uma cor...

P8: É paradíssimo... ao pé dos outros. E ainda bem que ele *tá* nesta turma. Eu acho que se ele 'tivesse noutra turma, era gozado e era alvo de *bullying*. Aqui nesta turma enquadra-se...

P12: Sim. Passa despercebido.

P8: ... e vai estando e consegue... Consegue estar. Oh pá, há alunos aqui que não, pronto, são mais...

P10: E o L.?

P8: O L. é muito... o L. é brincalhão, ele sabe mais ou menos, com algumas colegas ou com alguns colegas, ele abusa. E depois a mãe, é o que o M. diz, a mãe vem para aqui: “Ah, o meu filho, o meu menino...” É do tipo... ele deve-se aperceber que a mãe... a mãe protege-o muito e que acha que os professores é que não gostam dele e perseguem o pequeno... Esta turma...

P1: [impercetível] é um bocado isso.

P8: Esta turma, por exemplo, na primeira aula deste ano, com a colega A., que nunca trabalhou com eles – mesmo que tivesse trabalhado – ela entra na sala, eles começam todos a bater na mesa, a cantar a música...

P10: Pois... isso foi uma coisa... isso foi uma coisa que se foi, que se alimentou...

P8: ... a música da... da Shakira, a Loca, Loca.

P10: Pois, estás a ver.

P8: Começaram todos. A colega saiu a chorar. Depois, o M. J. ...

P10: Agora diz-me, essa [impercetível] é normal?

P1: Claro.

P8: É óbvio que a M., a M.... mas a maior parte deles estavam todos a bater na mesa e...

P10: Deixou-se alimentar essa situação.

P8: Sim, sim.

P10: Eles, mesmo antes de ter a professora, já estão...

P8: Sim, sim. Depois até acho que foi o próprio M. quando depois viu a colega naquele estado, é que fez a participação... da ocorrência. Depois já não me recordo o que é que isso... o que é que isso... Em termos de insucesso, portanto, Matemática 50%, Físico-Química 50% e o Português 28%. Porquê? Não há trabalho fora da escola, portanto é tudo... a única coisa que eles fazem é dentro da sala de aula, o resto, fora, não há qualquer tipo de trabalho. De qualquer forma, até apresentam um sucesso... não, não

muito mau. Portanto, neste momento, apenas, portanto, quatro alunos ficavam retidos. No primeiro período eram cinco, neste momento eram quatro. Andam nos 78%.

P12: Então, mesmo assim melhorou.

P8: Exato.

P12: Quando chegar ao fim do ano, já são só dois.

P8: Sim, claro, como, provavelmente, até julgo que há aqui situações que é aquelas situações de quatro negativas e que há uma ali na dúvida, porque normalmente, no segundo período os professores também... principalmente aqueles que têm o receio do 3-3-2, andam...

P12: Não é o receio do 3-3-2. É que, objetivamente, de facto, quer dizer, dar 3-3-2, eu também me pergunto, então o aluno, durante dois terços do ano atingiu os objetivos mínimos e, depois, de repente, vem pelas canas dentro?

P8: Pois, mas depois também vai para [impercetível] e... e alguém pede justificações para lhe dares um 2-2-3? Então, ele só num terço é que conseguiu...

P12: Pois, isso também é verdade.

P8: Superar... sair da casca?

P12: Isso também é verdade.

P8: Pois.

P12: Mas mesmo assim, eu admito mais um 2-2-3 do que um 3-3-2.

P10: Ainda hoje eu ‘tava a ter essa discussão em relação ao A.. O A. vem por aí, vai 4-3-1... É a nota que está, neste momento. Aquilo dá o quê? Fazendo ali a tabela, a média aritmética... Dá 2. 2,6, ou o que é que é... Mas eu disse-lhe: “Olha, que deste quatro, três, vais ter que justificar” e ela [impercetível]. Embora, realmente, a postura dele, este final de período...

P8: Olha, é verdade...

P10: Não pode ser...

P8: É assim, vai chumbar.

P12: Não, o que é estúpido é a forma...

P8: Mas vai chumbar, P10? Desculpa, vai chumbar? O aluno...

P12: Mesmo, mesmo que não chumbe...

P8: [impercetível] em causa.

P10: Provavelmente.

P8: É que se...

P10: Não sei. É daquela turma do 7º A. O A.

P6: Talvez. Assim, talvez.

P8: Pois mas ele tem bastantes... mas ele tem bastantes negativas.

P1: Tem, tem...

P8: Aí não há grandes problemas. Argumentando bem, não há grandes problemas, se fosse uma situação...

P12: Ah, sim, à vontade.

P8: ... de quatro negativas, oh pá, aí poderia haver, eh pá, onde é que ele ia ter em cima? Naquela: “Então e como é que você justifica agora...”. Agora, a verdade é esta, nós não podemos andar a dar uma nota a uma pessoa que anda ali que **é [impercetível – sobreposição de vozes]**.

P12: Oh P8, eu também ‘tou de acordo com isso. Mas é assim... mas... concordarás que 4-3-1...

P8: Não, não, o 1 é a nota deste período, mas depois fazendo a média dá 2.

P10: Dá 2.

P8: É o que a P10 está a dizer.

P12: Pois, isso aí...

P8: Dá 2.6 ou qualquer coisa. Portanto, leva o... leva o 2.

P12: Pois, mas se der 2.6, 2.6 arredonda para 3. O problema é esse. É que se dá 2.6.

P8: Depende. Depende.

P12: Eh pá, a... a... na Matemática tu aprendes que...

P8: Tu tens...

P12: Quando, quando a casa decimal vai ao 5, arredonda, se tens que arredondar, arredondas para cima e arredondas para baixo, se tiveres 4.

P8: Nós estivemos aqui a falar de disciplinas em que... que têm 48.9 e dá 2. Disciplinas que apresentam muito insucesso.

P12: Mas é assim, mas 48.9 é 2, porque 48.9 é 49.

P8: Sim, mas mesmo o 49...

P12: 49 é 2.

P8: Mas mesmo o 49... Olha, eu, no ano passado, vi...

P12: Agora é assim, se tu tiveres quarenta e nove e meio... Tu não podes dar quarenta e nove e meio, dás cinquenta.

P8: Mas não dá.

P12: Ah, mas devias, então não sabem aritmética.

P8: Pois, mas não damos.

P12: Mas é assim, mas que é complicado, é. Agora, o que eu acho que é estúpido, é nós termos um sistema... Pá, porque pelo menos quando eu... Pois, no liceu já apanhei também este sistema, que eu sou do... do tempo da revolução, mas, por exemplo, quando eu entrei para o ciclo preparatório, tu tinhas um sistema em que tinhas uma nota no primeiro período, uma nota no segundo período, uma nota no terceiro período e, depois, era feita uma média daquelas três notas e dava a tua nota. E tu, para passar, não podias ter era nota inferior a 8, portanto, se tivesses nota inferior a 8, depois mesmo que a média te desse... imagina que...

P8: Ah, em nenhum período ou só no último?

P12: Não.

P1: Não.

P8: Em nenhum período podias ter nota inferior a 8.

P12: Tu não podias ter classificações inferiores... Portanto, se tivesses classificação inferior – eu já não me lembro bem como é que era – sei que era assim, se tivesses um quatro, num período qualquer, ‘tavas automaticamente...

P8: Já estavas... Exato, entalado.

P12: Isso aí, ‘tavas logo liquidado. E, depois, não... não... a média era assim, a média...

P1: Dos três períodos não podia ter nenhuma com média, com inferior a 8.

P12: Exato.

P10: Era.

P12: Pronto. Agora, a gente tem um sistema que, teoricamente, não, não é para fazer médias. E se tu pões-te a olhar para o percurso do aluno... mas depois é complicado, realmente, que é assim, então, eu não posso fazer média e o aluno vai andando, andando, andando. Eu já tive essa situação também e deu-me um recurso de nota que foi o único que tive na vida, até hoje, que foi uma aluna que começa o ano com 12, no segundo período veio para baixo, para o 10 e veio para o 10, porque eu ainda fiz, pronto... e dei-lhe um 10. E depois, no final do ano, oh pá, e depois ela... ela teve 10, mas ela já na informação de... na informação intercalar, eu já tinha chamado à atenção que ela ‘tava a descer muito e que não sei quê ta-ta-ta e ba-dé-ba-dé. No final do ano, eu dei-lhe um 8, ela meteu recurso e depois o conselho de turma: “Ai vamos alterar para 9” e eu disse: “Olha, caramba, então para alterarem, alterem para 10. Qual é a lógica de ir alterar uma nota para 9?” [risos]. A miúda chumbava à mesma.

P1: Claro.

P12: Mas é assim “Ah, porque...” e então o argumento do conselho de turma foi esse: “Ah, porque, ainda por cima, ela teve um 12 no primeiro período e teve um 10 no segundo período. Portanto, ela andou sempre positiva...”.

P8: [impercetível] são grandes notas, não é?

P12: Pois, só que ela, desde, desde o Carnaval que andava a dormir à sombra da bananeira.

P8: Pois.

P12: Por isso eu achava que era muito mais justo termos um outro sistema, mas pronto, este é o que a gente tem, tudo bem.

P8: Não me surpreende.... Não me surpreende, porque eu também quis – e tenho a certeza que fica cá dentro – nós nas, nestas reuniões que tivemos em março, acabámos um conselho de turma, estávamos a preparar as coisas, tudo isso, e, entretanto, há um encarregado de educação que liga para um diretor de turma a dizer que ia meter recurso de uma nota.

P12: No segundo período?

P8: Mas como é que é possível se... se as... Como é que você...

P1: Se as notas ainda nem sequer...

P8: ... vai meter um recurso...

P10: Mas espera, mas acabou, acabou o conselho de turma...

P8: Tinha acabado há 5 minutos.

P10: Já tinham saído...

P8: “Como é que você... Mas se as notas ainda vão sair, não foram afixadas?; “Ai, e vi no *Place*”. Depois a pessoa vem ter comigo, não sei quantos, eu disse: “Não, não pode meter recurso, mas de qualquer forma, eu vou ver o 9/2014 e já te mando o parágrafo, para tu mandares para a pessoa em causa”... Mas depois eu disse: “Oh pá, espera aí, se esta pessoa ligou assim é porque alguém que estava cá dentro deu com a língua nos dentes”.

P10: Claro!

P8: Então vamos fazer ao contrário, vamos gozar com a situação...

P10: Impressionante.

P8: ... e vamos seguir com a situação para a frente, que é para também sabermos quem é que foi a pessoa...

P12: Quem é que deu com a língua nos dentes.

P8: ... quem é a pessoa...

P10: Essa falta de...

P8: E só não fomos, só não fomos, porque a pessoa...

P10: ... dos mínimos.

P8: ... o diretor de turma em causa disse: “Oh pá, olha, isto são questões políticas...

P10: Eu já vi coisas...

P8: ... É melhor resolvermos, mais facilmente”. E depois eu li o 9/2014 e aquilo o que diz é que pode haver, no segundo período, primeiro e segundo período, pode haver é um pedido...

P12: De apreciação de nota.

P8: ... de esclarecimento. Não, só de esclarecimento. [impercetível] normal.

P12: Ah, mas esclarecimento eles podem pedir a qualquer altura do ano. Agora, recurso.

P8: Recurso só no terceiro período e tinha, depois da afixação das pautas é que tinha, portanto, nem fala lá, da questão durante os períodos, quanto tempo é que tem, mas nós usamos a mesma que damos no final do terceiro período, que são os tais...

P12: 48 horas.

P8: ...48 horas.

P12: Tens 48 horas após a afixação da pauta, para, para...

P8: Para fazer... Eu até fiz um parágrafo, enviei e não quantos e a pessoa disse... “Ah, tá bem, então se é assim, eu vou aguardar pelo terceiro período” e o diretor de turma voltou a insistir: “Então, mas... mas então diga lá que... você disse-me ‘então, que vi no *Place*’ e eu fui... e... e soube através das senhoras do *Place* que não é possível, porque a nota não estava lá”; “Ah, não, não, o diretor de turma é que deve ter percebido mal”.

P12: Pois.

P8: Portanto, o que demonstra, claramente...

P12: Não, mas isso, ouve lá...

P8: ... que foi alguém da reunião...

P12: Não era preciso haver *Place*, eu quando tive aqui, logo no primeiro ou no segundo ano – já não sei muito bem...

P10: Isso é que eu acho.

[impercetível].

P12: Houve um... as pautas, era no tempo das pautas em papel, que a gente entregava o material e aquilo só era verificado no dia a seguir e depois é que era afixado e não sei quê. E eu *tive* num conselho de turma em que um aluno perdeu... ou perdeu ou teve negativa, já não me lembro se aquilo foi no fim do ano ou não, não sei. Sei que eu, nessa noite, cheguei ao Ventanias e o aluno chegou ao pé de mim: “Já sei que chumbei e

que...”. Que chumbei? Eu... não... ou “Já sei que me deu negativa”, assim é que foi, “Já sei que me deu negativa”. E eu fiquei a olhar para ele, com os olhos em bico: “Pois, não sei como é que você sabe, as pautas ainda não saíram”. Mas isso há sempre pessoas que...

P8: Sim, mas acho que é uma falta de...

P10: Mas isso...

P12: Mas eu também acho que é uma falta de... de ética e de tudo e mais alguma coisa. Mas é...

P8: De ética. E nós, nós... Nós, em Câmara de Lobos, até foi uma colega que está na [impercetível].

P12: E depois aqui... sabes que aqui as pessoas são muito próximas e depois eu sou muito amiga da mãe dele, do miúdo...

P8: E sabem e confundem... confundem as coisas e o facto de...

P10: Mas há que saber separar as coisas.

P12: Oh P10, mas eu também separo...

P10: E aqui há esse problema que as pessoas não sabem separar...

P12: Mas eu também separo.

P10: O trabalho do conhaque.

P12: Mas... mas há muita gente que...

P8: Exatamente.

P12: ... infelizmente não separa.

P8: Exatamente.

P12: É como, às vezes, também há, às vezes, também há miúdos que são vítimas, porque “eu não gosto da tua mãe e agora...”.

P10: Sim.

P1: Ora bem. Ora bem.

P8: Claramente.

P12: E agora tu tens que pagar a... a promessa.

P10: Isso, isso também.

P8: Sabes que eu, há dias...

P10: Aliás, desculpa P8...

P8: [impercetível] e depois confirmaram-me.

P10: ... eu costumo ver, e gosto de ver, quando temos filhos de colegas...

P1: Sim.

P10: Agora ‘tou um bocado no outro lado...

P12: Pois. [risos]

P10: Mas, pronto, mas aí até imagino...

P8: Depois de [impercetível]

P10: Filhos que é...

[impercetível]

P10: Chegamos ao primeiro conselho de turma e enquanto se ‘tá a dar notas, aquilo chega à altura do filho do colega, do filho do colega, aquilo parece... que se cria ali um... um clima.

P8: [impercetível] comentários sobre a miúda que eu disse: “Oh pá”.

P10: As pessoas não sabem separar.

P8: ‘Tava a falar, a filha do Dr. R. ...

P10: Isso mostra...

P8: ... que está no 7º C, que é a melhor turma de sétimo ano. Pá, a miúda comigo, pá, é espetacular...

P10: Só teve foi sorte.

P8: ... participativa, é... interessada, faz os trabalhos todos. Oh pá, eu ouvi comentários na reunião... eu disse: “Oh pá, como é que é possível? Esta miúda comigo não... não faz nada disto nem é nada disto”.

P6: O ano passado...

P8: Eu, depois, eu fui ter com o... com o M., como diretor de turma e disse “Oh pá, desculpa lá ‘tar a perguntar isto, mas aquilo que foi dito aqui da M. C., não corresponde

nada do que se passa na minha aula. Eu não quis interferir, porque fiquei de me...”, ele: “Oh P8, não entres por aí. Isto é questões de pessoas que têm choques com o Dr. R. e não sabem separar e... e... e falam da miúda como se a miúda fosse o pai”. E estamos a falar de pessoas... Mas estava-te a falar de Câmara de Lobos, foi a A. S., que é casada com um dos filhos do S., de História. Ela, vamos assim no corredor, vem uma mãe: “Vou meter recurso à sua nota” e eu: “Então, acabámos de... de sair da reunião”. Mas já aí o conselho de turma foi... o... E ela disse: “Olhe, ‘tá bem, meta lá. Então, você é que sabe da sua vida”.

P12: Claro.

P8: Fomos tomar café e não sei quantos e apareceu o recurso. Só que eu depois quando, quando o conselho diretivo começou a ler o recurso, a dizer: “Oh, calma aí! Isto é muita linguagem para ser o... o encarregado de educação”.

P12: Para ser de uma mãe.

P8: Reunião com o encarregado de educação, começaram a pressionar, a pressionar, a pressionar, quem foi? Foi um palhaço... um palerma de um colega nosso de Educação Tecnológica que ‘tava lá dentro, que achava que a miúda era gira e que não sei quê...

P10: Ah, mas isso também já aconteceu aqui!

P8: Ouve!

P10: Quando eu ‘tava no pedagógico.

P8: Mas...

P10: Eu assisti...

P8: Mas...

P10: ... a um recurso a posto... uma... filho de alguém, da filha de alguém pôs e ajudado por um colega, pelo menos o português devia ter corrigido.

P8: Pois o...

P10: Uma coisa vergonhosa.

P8: Oh P10...

P10: O F. [PCE]disse assim... [impercetível].

P8: Mas o que deu mais...

[risos]

P8: Olha, o que me deu mais gozo foi ver...

P10: As pessoas, às vezes, prestam-se a coisas...

P8: ...foi ver essa pessoa quase de joelhos, quase de joelhos, e não levou um processo, mesmo a sério, por sorte. Foi ameaçado e teve muita sorte, que...

P12: Não, eu acho...

P8: ... por essa questão de falta de ética.

P12: Não, e sobretudo eu acho que as pessoas, às vezes, não têm consciência que quando ‘tão a desautorizar um professor e quando *tão* a fazer certas coisas a um colega, acabam por ‘tar a dar uma péssima imagem de si próprio.

P8: Não é? E da classe e de todas...

P6: Pois.

P12: Não, mas sobretudo de si próprias, porque as pessoas hoje...

P10: Mostram o que são.

P12: ... beneficiam disso, mas depois no dia a seguir já não precisam de ti, dizem que... E tu é que ficas mal vista.

P10: Pois, claramente. Mas tu vês isso claramente. Enquanto tu fores professor do filho...

P1: Enquanto necessitarem...

P10: ... és o máximo; quando, a partir de... dessa altura, o filho já passa para outro ano seguinte ou para outros anos que tu já... já não... não te... a ligação já não é a mesma. Eu acho que isso é... é...

P8: É complicado, a nossa classe e a dos taxistas... [impercetível] ao sindicato.

P12: Não, mas aqui é mais complicado, porque aqui tu não podes fugir da situação, tu tens que ser professor dos miúdos, não é? E, às vezes, a gente vê coisas feias, mesmo.

P8: Mas pronto.

P1: E comentários de colegas que eu digo-te uma coisa. Mas enfim...

P12: Mas pronto, essa é a tal turma... Isso é o 8º B, não é?

P8: O B, que é a mais fraca do... do oitavo. Mesmo assim, não está tão mau quanto isso. O, novamente uma turma de alemão, era a pior turma de sétimo ano. Curiosamente, segundo a Lei do Darwin, a seleção natural – e a P12 teve o 7 C – portanto, a maior parte cá dentro teve...

P12: Não, aquilo havia ali dois elementos claramente... desestabilizadores.

P8: Exatamente. E o que ficou...

P12: Eles foram à vida deles...

P8: O que ficou, a turma hoje em dia...

P10: Roberta, pá.

P8: A turma, hoje em dia, é muito agradável. A R. está aqui só de matrícula.

P12: Pois, porque ela nem nunca teve... desde a primeira...

P8: Que ela desde... até já deve ‘tar no 10.º ano, porque, no Reino Unido, eles chegam lá e aquilo é uma festa.

P12: Eles vão por idades, não vão por...

P8: Portanto, entrou o J. e a B., que são dois miúdos que estão a repetir, mas que não... o problema que eles têm é mesmo a assiduidade. Não nos provocam problema nenhum. Portanto, é uma turma extremamente agradável. Há três alunos com três ou mais níveis inferiores a 3.

P10: Esta foi a primeira turma onde o D., o famoso D. ...

P8: V. .

P10: ... traumatizado por uma menina que se chama...

P10: Não, o D. .

P8: Ah, o S. .

P10: Agora, tem o estatuto...

P1: S. .

P10: ... tem um estatuto próprio... Ele entrou nesta turma. Deste... este C, este famoso C, que foi meu 5º C, mas este C, onde ‘tava o C., [impercetível].

P12: O A. .

P8: Sim, sim, sim.

P10: Ah, não, não era esse A., não.

P12: O A. não era desta turma?

P10: Não, não. A. C., não tem a ver com este L. C. que anda aí. Era outro, o A.. Portanto, ele ainda é dessa altura, ‘tás a ver? Onde ele já deveria ter... andado, mas pronto.

P8: Portanto, também é uma, é uma turma que apresenta 87%. Portanto, apenas dois alunos não transitariam, neste momento. O que também é...

P12: Não, essa turma trabalha-se super bem com eles.

P8: É uma situação... E é uma turma agradável. Realmente, aqui há um... o caso do, do P., que é um aluno das necessidades educativas especiais que não é fácil e não sei...

P10: Mas já sorri!

P8: Já. Não e até é um aluno... e se mandares umas bocas, sorri e não sei quê. Até acho que a sociabilização ‘tá-lhe a fazer um pouco mal.

P10: [impercetível] já tem outro [impercetível]

P8: Já, já.

[risos]

P8: Mas, para mim, o caso claramente mais assustador e problemático, claramente, é aqui o J., não por ele, mas pela situação.

P1: Pela situação.

P12: Pois.

P8: A família acho que é um...

P10: J. F. . Não conheço.

P8: ... que é um caso...

P12: Conheces?

P1: O filho da P. ... da S. .

P10: Ah, sim.

P8: Mais pela situação familiar, do que propriamente por ele. Eu acho que ele tem capacidades claras para fazer...

P12: Não, ele capacidade tem. Ele é provavelmente dos alunos...

P8: Para fazer isto...

P12: Ele... ele e a B. são, claramente, os alunos com mais competências nessa, nessa turma. O problema é que o J. é altamente instável. E o J. tanto, tanto tem dias...

P8: A situação...

P12: ... em que trabalha muito bem, como tem aqueles dias em que, eh pá, aquilo...

P10: Olha e o L. G.? 'Tá melhor?

P12: ... aquilo não 'tá... os fusíveis não tão bem encaixados.

P8: Ele... sabes que ele comigo sempre foi [impercetível]

P12: Ah e há outro que também é muito bom, o R.. O R. é muito bom.

P8: O R. é muito bom. Veio do Algarve, é algarvio.

P10: Não é algarvio. Aliás, ele é algarvio, sim. Os pais é que não são.

P8: Ah, 'tá bem.

P10: Ele... os filhos nasceram no Algarve.

P8: Eu acho piada...

P10: Os três.

P8: Quando ele levanta o braço para falar – porque ele fica logo mesmo à frente – e agora 'távamos a falar...

P10: São de Faro.

P8: ... e ele, no outro dia, 'tava a contar umas situações de quando 'tiveram em Itália... para estarem sentados na esplanada foi preciso pagar dois euros por cada pessoa. Para estarem sentados...

P10: É irmão da V., sabes?

P12: É, é. Soube noutro dia.

P8: Depois o J. também falou que também já 'teve em Itália... pagaram... até pagaram mais por estar... Não, o... mas o L. G. nunca provocou problemas.

P10: Não.

P12: O L. G., eu acho-lhe um piadão. Eu acho o L. G. engraçadíssimo.

P8: Eu, inclusive, quero fazer um vídeo com ele, por causa da semana da... da Europa ou semana da Geografia...

P10: Mas aquilo lá em casa também não devia de ser muito fácil. Só se agora 'tá melhor.

P8: Ah, não sei.

P12: Ah!

P8: Ele fala muito nas aulas, é do avô. Eu acho que ele tem uma admiração muito grande pelo avô, porque tudo o que eu falo, ele vai-me buscar histórias do avô.

P12: Engraçado.

P8: Já, mas já desde, desde o sétimo ano.

P6: Deve de ser quem fala mais com ele?

P10: Não é este miúdo que é irmão do V.?

P8: Eu penso que sim. Ele até no Carnaval, os dois anos em que participou...

P10: Lembras-te do V., que vendia ali numa barraca? Tinha assim uma vozinha muito... ele tem um irmão mais velho.

P12: Ele 'tá numa barraca no verão, sim, que eu já o vi a vender numa barraca.

P8: Ah, há dias ele disse: "Professor, eu 'tive o verão todo a vender...".

P10: 'Tás a ver o irmão, lembras-te de um V. que andava...

P8: "Ele vem para ali, põem-se a mexer, olhe, não mexe!".

P10: É, é.

P8: ...Ele a dizer no outro dia... E depois...

P10: O V. era assim gordinho.

P8: "Olhe, mas isto é vê-los no Porto...".

P12: Ah, é irmão do V.?! Ai que cómico!

P10: Vende nessa barraca.

P8: “Olhe, mas isto é do Porto Santo?”; “Oh senhora, quer levar, leve, não quer levar, desapareça!”.

P10: Ele é assim...

P12: Mas ele é muito engraçado. Não imaginava que ele era irmão do V..

P10: É, é irmão.

P12: Eu sei... o V. não foi meu aluno, acho eu.

P10: Esse V. ‘tava a vender ali numa barraquinha...

P12: Mas eu conhecia-o... Não, o V. foi meu aluno à noite, o V. andou aqui à noite, no EFA.

P10: Sim. Sim.

P12: Pois, eu tava a ver de onde é que eu conhecia o V.. E agora ‘tou-me...

P8: E foi nesta turma que tivemos um alemão durante um mês, que a Professora P12 foi dar uma aula, o alemão estava a rir-se a aula toda e a Professora P12 começou aos gritos...

[risos]

P12: Eu?!

P8: ... “Oh senhor deve estar a gostar muito da aula!”. Não te recordas?

P12: Ai não!

P8: O alemão.

Isa: O alemão recordo-me, mas não me recordo...

P8: Eles estavam a fazer apresentações, até...

P12: Sim.

P8: O L. fez com o R. ... o...

P12: Sim, sim, sim.

P8: E o putro ‘tava ali, alemão, não percebia nada do que eles ‘tavam a dizer e ‘tava sempre a sorrir. A P12 vira-se para ele: “O menino deve ‘tar a gostar muito disto!”, não sei quantos e começou lá... e os outros todos a rir... “Professora, ele é alemão!”. E a P12 sempre a...

[risos]

P12: Ele não percebia nada... Eu ainda tentei dar-lhe aulas em inglês, mas ele, depois, também não sabia inglês. Aquilo foi um desatino.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Então, porque aquilo...

P8: Porque havia qualquer coisa que [impercetível].

P12: Mas depois a mãe, mas a mãe ainda veio dizer que a culpa era nossa, que os professores não...

P10: Muito complicada [impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Exatamente. Houve qualquer coisa...

P10: Depois foi para outra...

P8: Até, P10, até vir para o Porto Santo na altura de inverno... procurar emprego e não sei quantos...

P10: Já cá tinha ‘tado.

P8: ... havia qualquer coisa, já.

P10: Vinha trabalhar para o Centro de Saúde.

P8: Havia qualquer coisa ali de muito estranho, naquela situação.

P12: Mas, eu lembro-me, eu ainda tentei dar-lhe aulas em inglês, mas ele também não sabia inglês suficiente...

P8: Mas foi engraçado que a primeira aula foi com a P12...

P12: Eu não sabia que ele não percebia nada...

P8: ... e ninguém, ninguém se lembrou de avisar a P12 que tinha um aluno alemão.

P12: Que o rapaz não percebia e que não falava uma palavra de português. [risos]

P8: O gajo começou logo a apanhar um baile. Bem, depois...

P10: O J. já não é desta turma?

P12: O J. é, o E. J., é. Onde é que ele ‘tá? O E. J.?

P1: E. J.? É meu.

P8: Não.

P12: Então, mas, mas o E. ...

P8: 'Tá no sétimo?

P1: 'Tá no sétimo.

P8: Isto é oitavos.

P10: Chumbou, 'tá bem.

P12: Ai é?

P1: Ele foi meu aluno [impercetível].

P12: Ai é?

P10: Sim, sim, sim.

P1: 'Tá, 'tá no sétimo.

P10: Que o J. era desta turma.

P12: Ai eu 'tou a confundir com o outro.

P8: Portanto, neste momento, os dois alunos que não transitavam, um deles é o P. e o outro... não me recordo quem é... penso que... não, acho que é o J., ainda.

P12: Eu acho que é.

P8: ... tinha seis e acho que tem quatro ou qualquer coisa...

P12: Acho que é, acho que.

P8: Desse tipo. Embora, eu acho que ele, provavelmente, até consegue recuperar. O P. já não me recordo quantas tem.

P12: Não e o P. é... o P. é mesmo muito complicado.

P8: Sim, sim, sim.

P12: O P. ...

P8: Ele conseguiu melhor assiduidade e a pontualidade, já foi muito [impercetível].

P12: Sim, já foi um grande passo em frente.

P8: Já foi um grande passo.

P12: Já foi.

P8: Mas, pronto, os oitavos que realmente notei, andam nos oitentas, oitentas e tais, o que é uma média... há dois, três alunos [imperceptível]

P12: E, e a disciplina pior é Físico-Química, não é Matemática, curiosamente.

P8: Pois é, pois é.

P12: Eles não... a Física não é uma disciplina que só começa no oitavo ano, é?

P10: Sétimo.

P8: Sétimo.

P12: Ai já começa no sétimo? Ah.

P10: É um choque valente.

P12: Não, é...

P8: E o próprio programa... que também tem...

P10: Complicadíssimo.

P8: ... tido o mesmo problema de... da Matemática. Sim.

P1: Aquilo que eu ouvi dizer... “Tive a conversar com a P14 e com a... com a Z.. O programa ficou muito mauzinho.

P10: Sim.

P8: Eles não têm bagagem suficiente para aqueles conteúdos.

P10: Muito!

P12: Pois.

P8: Não...

P10: Exige muito, para a maturidade... Eh pá, mas isso já vem...

P8: É.

P6: Acho que é em todas as disciplinas. No sétimo ano querem que eu faça a...

P10: Aqui... É na primária, é em todo o lado.

P8: Mas curiosamente a terceira disciplina com maior insucesso é a Educação Moral.

P10: Hã?!

[risos]

P10: Quantos alunos tem Educação Moral?

P12: Não, eles, acho que têm quase todos, não têm?

P8: Não, não.

P10: Este?

P12: Não?

P8: Não.

P10: Consegues saber? Não?

P8: Consigo. Agora, agora...

P10: Quantos alunos têm?

P8: ... mas devem ser três ou quatro.

P10: Ah!

P8: É três ou quatro por turma. Não tem mais, inclusive, basta ver à terça-feira, às 10:10, estão cinquenta alunos, praticamente, na cantina.

P1: Exatamente.

P10: Eu acho que isso devia de ser muito bem pensadinho.

P8: Eu fiz uma carta, ainda não entreguei...

P10: E refletir...

P8: ... ao senhor, mas não entreguei.

P10: ... no que é que se passa.

P8: A Nosso Senhor, para ele pensar no assunto.

P10: A Jesus?

P8: Oh pá, eu fiz, para ele me... por exemplo, para pedir uma reflexão porque é que quando eu cheguei cá, havia duas ou três alunos a não terem Moral e, neste momento...

P1: E agora é ao contrário...

P8: ... há dois ou três a ter.

P10: Depois hás de me dizer qual é a resposta que ele deu.

P8: O que é que mudou? Porque é que, por exemplo, no outro dia, as miúdas organizaram no Dia da Mulher um debate sobre a Violência no Namoro e convidaram os restantes colegas e ele recusou. Até foi o A. que foi ter com ele e disse-lhe: “Senhor padre, os colegas convidaram...”; “Não senhor, para a sala, já!”. Portanto, recusou, não deixou eles participarem. E é isso que eu vou dizer, quando a Santa teve cá e eu também não ligo nada disso, mas ajudei e ‘tive lá a ajudar a montar a aparelhagem e tudo isso. Não tinha nada a ver com aquele espetáculo e nada disso. Portanto, se ele quer trabalhar desta forma, então, nós também...

P10: Ou então o objetivo, se calhar, também é...

P8: Não, não.

P12: Mas ele tem todo o interesse em ter trabalho, P10, porque ele, como... padre não deve ter um grande ordenado...

P10: Mas eu, eu não percebo como é que isso funciona. E ele tem ordenado por vir aqui dar aulas?

P12: Tem!

P1: Tem. Então não tem?

P12: Tem, tem.

P10: Pronto. E tem o ordenado como padre...?

P12: É que eu não sei...

P1: Tem.

P12: ... se os padres têm ordenado...

P1: Têm, têm, têm, sim senhor. Têm, sim senhor.

P12: Têm?

P8: Há zonas onde têm e há zonas... aqui não sei como é que é.

P10: Eu então sugiro [impercetível]

P12: É que eu acho... é que...

P10: [impercetível] cantina e nós passemos para a sala.

P8: Eu sei que há zonas até que quem controla o dinheiro todo da paróquia são tipo aquelas... comissões e eles é que pagam o ordenado diretamente ao padre.

P1: Exatamente.

P12: Pois. Mas é porque... aquilo que eu sabia é que eles, quando tinham um emprego fora, deixavam de ter essa participação da paróquia.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Agora aqui, neste caso não sei, pronto.

P1: Que eu saiba, que eu saiba, a tal comissão é que lhe paga. Ainda há dias falei com uma, uma...

P12: Não, tudo bem. Mas...

P1: ... com uma amiga que faz parte da...

P8: Até porque para sustentar uma boa mota e...

P1: ... de uma daquelas...

P10: Confrarias.

P1: ... confrarias. E ela é que me *teve* a explicar como é que isso funciona.

P10: Mota? Ele tem mota? Este? O outro é que tinha.

P6: Não, o outro é que tinha.

P10: O R. tinha mota.

P6: O V. é que tinha.

P1: Este tem um jipe.

P8: É, o V. é que tinha mota. Este é [impercetível]. Ok, o 7 A é uma turma extremamente problemática... Eu não os conheço, infelizmente. Não trabalho com eles, infelizmente ou felizmente.

P1: Olha, eu não tenho problemas nenhuns com eles. Mas... não sou esquisita.

P8: Pois, mas trabalhas metade... também. Facilita um pouco.

P1: Sim, sem dúvida.

P12: Não e tem uma disciplina que favorece muito, porque os miúdos é muito diferente 'tar numa... eu... pronto, agora vou-me adiantar um bocadinho. Eu fui assistir a uma

aula dela, não foi com esta turma, mas foi a uma aula dela. É assim, a gente percebe que é muito diferente os miúdos estarem numa aula de Informática, que eles adoram os computadores, mesmo que eles estejam a fazer uma tarefa que até nem é especialmente apelativa, eles têm um envolvimento no trabalho completamente diferente do que se ‘tiverem numa aula de outra disciplina. E portanto...

P8: Sim, inclusive, eu assisti da...

P1: Foi desta turma!

P8: ... da P14. E da P14, também. Com a turma toda. Eles, aquela aula tiveram bem. Agora, tenho a certeza que deve alguns, aquilo deve ser um... E depois também penso que falhamos aqui um ponto. É importante ver uma coisa que a escola também talvez tem, tem que rever, que é... Embora a escola aqui não tenha tido grande... teve e não teve responsabilidade inicialmente, foi a atribuição do diretor de turma, que infelizmente a L. não pode vir... e depois, e, portanto, e a situação de estar a mudar de diretor de turma, eu penso que era importante também termos em conta, embora a fase inicial não tivesse sido...

P12: Não é estes que têm o D. na direção de turma?

P1: É, agora, mas já passou o R., era, era a L. .

P8: Mas as coisas foram interpretadas de forma errada. Não era isso que nós pretendíamos. Aquilo que eu disse, no pedagógico, inclusive o R. quando vê que é substituído pelo D. ... até fica chocado, porque achou que eu é que tinha transmitido mal a informação. Aquilo que eu disse, no pedagógico, e que toda a gente – e depois o R. falou com o A. [CC1] e percebeu que, afinal, a informação que chegou lá dentro é que era errada – eu nunca disse que o R. *tava* cansado. Eu disse que o R. estava frustrado, porquê? Porque ele era diretor de turma, mas só tinha 45 minutos com os alunos, por semana. Quer dizer...

P6: Isso não dava para...

P8: ... eu, como diretor de turma, não consigo... [impercetível] uma turma...

P10: E depois uma turma complicada como esta.

P8: [impercetível] de sétimo ano, complicadíssima...

P12: Mas ele só tinha 45 minutos...

P8: [impercetível] M. é que é o professor de Português.

P10: O M. é que era o professor de Português.

P12: Ah!

P10: E agora foi igual.

P12: É que eu pensei que o diretor de turma tinha que ser um professor da turma e, por isso, ficava com esse PS.

P10: E é.

P8: Não, mas o que é que aconteceu ali? O... o R. ficou...

P10: A L. era a professora de Português e diretora de turma.

P12: Já percebi! A L. era a titular...

P8: O R. , quando a L. não vem... atribui-se a turma...

P1: O M. fica com Português...

P8: ... mas o M. fica com Português, porque já não era possível... porque, senão, tinha que mudar os horários todos ali no...

P12: Sim, sim.

P8: Isso aí percebe-se, oh pá, é até dezembro vamos tentar safar.

P12: Não, tudo bem.

P8: O problema ali foi que, como era uma turma... Por exemplo, se tivesse sido o 7 C, provavelmente até passava despercebido, porque a turma é bastante agradável. No 7 A, por azar, é uma turma extremamente...

P12: Não, até porque...

P8: ... problemática. E depois os problemas foram-se todos acumulando... O R. só tem 45 minutos por semana, portanto, não conseguia resolver. Ele chegava aqui recebia problemas todos os dias, sem conseguir 'tar com os alunos. Enquanto que se ele tivesse aulas com eles, *tava* pelo menos três dias por semana com eles, aí é possível [impercetível].

P12: Claro.

P8: Assim... E depois o que se interpretou – até porque nessa, nessa reunião quem teve foi o Dr. P. E. [VP1] o que se interpretou foi que ele ‘tava cansado e, portanto, e meteu-se o R. e meteu-se o D. . Portanto, houve uma substituição [impercetível].

P10: Continua o D. só com Formação Cívica...

P1: [impercetível] Que tinha, ele é que tinha pedido para deixar de ser diretor de turma. Disseram-me que ele é que tinha pedido para deixar de ser diretor de turma.

P8: Ele... ele a mim não me solicitou, aquilo que ele disse e que eu tinha-me comprometido com ele foi, eu para já, desde início, disse que era contra. Acho que era exagerado um professor ter três direções de turma. Não havia necessidade disso. Acho que temos 100 professores, há outros... Ainda há dias... e a M. J. [PCP] também ‘tava... “Ah, mas eu disse, olha diga-me um exemplo de um elemento do seu grupo...

P10: É que vão sempre aos mesmos.

P8: ... Um elemento do seu grupo que tenha uma direção de turma”, zero. Um elemento do meu grupo que tenha direção de turma, zero. Então?

P10: Agora começava a entrar o meu grupo.

P8: Porque é que... porque é que, por exemplo, em vez de eu ter uma direção de turma, não sai essas horas para apoio?

[impercetível]

P12: Vou começar a ter falta de horas... não sei... É porque às vezes...

P8: E outro professor, também, a disponibilizar-se [impercetível].

P10: Não sei, não sei se é bem essa a leitura.

P12: Não, há duas leituras. Vou-te dizer, há uma – e essa eu sei – que eu acho que lá em baixo há uma convicção que há determinadas pessoas que têm melhor perfil para diretor de turma. Pronto. E há outras que não têm. E que se vai-lhes dar uma direção de turma, ainda vais é arranjar sarna para te coçar. Mas, muitas vezes, também tem a ver com a questão das horas.

P8: Sim, sim. O...

P1: A grande questão é as horas, acho eu.

P8: Oh, oh P12, aí nesse aspeto, no terceiro ciclo temos tido muita sorte, porque os diretores de turma têm acertado... Isto não é um azar, foi uma coincidência que houve aqui, embora eu ache que a L. também ia ter um problema muito grave, porque, realmente, esta turma... Eu espero que o conselho de turma, no final do ano, faça uma série de propostas em relação aos alunos que restarem, a ver o que é que se vai fazer, se é para distribuir pelas aldeias, se é para fazer qualquer coisa de diferente. Mas, realmente, foi uma série de coincidências... [impercetível].

P12: Não, mas, de facto, uma pessoa que só tem FPS, ainda por cima, depois o FPS começa com aqueles programas que vem um para dar a Educação Sexual, vem outro para dar as drogas, vem outro para dar o não sei quê.

P10: Essa é outra... esses projetos...

P12: Ai, amiga, não me fales nisso, que isso faz-me erisipela tremenda. [risos]

P10: Não, usem aquela hora inútil que a gente tem sem... com os alunos sem Moral...

P8: Por exemplo.

P10: ... que o Senhor Padre tem criado dentro de uma sala e nós 'tamos... ali na cantina. Usem-na...

P8: Pois é.

P10: ... para passar qualquer coisa para falar a estes miúdos. Aos outros que 'tão a ter Moral, alguma vez há de chegar essa aula... essa, essa questão. Não... É pá, acho que...

P12: Pois, eu também. Mas pronto. Bom, mas diga, sôtor.

P8: Mas, pronto, falhou tudo. Olha, em vinte e um alunos, exceto que o V. é CEI. Portanto, em vinte alunos doze têm três ou mais níveis inferiores a 3. Neste momento, já só estamos com dezanove alunos, o G. foi transferido, o F. L., portanto...

P12: Esse anda cá? Esse não tinha ido para a Madeira?

P8: Não, está em São Vicente.

P12: Ah, pois, era isso.

P8: Matriculou... Porque eles quando são menores, são obrigados a matricular-se na escola...

P10: Foi para casa.

P8: ... e depois é que fazem a transferência.

P12: Ah, não sabia.

P8: O D. S. é o que nós sabemos. Portanto, tem andado aqui, quando lhe apetece e a fazer...

P10: Ouve, é uma mistura... muito, muito má. Muito má.

P8: Sim.

P10: A turma não é minha, eu 'tou lá só a acompanhar o V., mas... aquilo incomoda-me.

P1: E ele tem ido às aulas de Educação Física?

P10: Tem, tem. 'Tá lá, eu hoje fui lá mandá-lo antes... "Desculpe lá, mas levante-se, sente-se, porque isso não são maneiras de estar aqui. Mesmo no ginásio, não são maneira de estar aqui". E ele tal... lá se levantou, lá se sentou, com a folha que a E. lhe dá. Ela pergunta-lhe: "Então?". Ele chega e nem, tipo, "Não posso fazer a aula, não vou fazer aula".

P1: Não, ele parece que assumiu que toda a gente sabe...

P10: Mas o A. ...

P12: Mas ele tem algum problema?

P10: Está na mesma postura. Então, é um menino traumatizado, nunca ouviste falar?

P1: Aquele... é aquele miúdo que... tem fobia...

P10: Tem um estatuto próprio. Tem fobia social.

P1: ... à escola e não sei quê...

P12: Ah, é que... isso era do ano passado...

P8: Foi, foi. Sim.

P12: ... era do 7 C e nunca apareceu!

P1: Exatamente.

P12: Mas chama-se V.?

P1: Não, esse é o D. .

P12: Ah, é o... é o D. .

P10: Eu vou lá acompanhar o V..

P12: Pois, é o tal... é o tal D. , que o ano passado nunca apareceu.

P10: E depois põe-se ele e o A., que o A. entrou nesta fase, de também não fazer aulas e ‘tar ali. E já acho que nas outras que é de sala de aula...

P1: É, ‘tá na mesma, ‘tá na mesma...

P10: ... ‘tá na mesma palhaçada. E depois gozam... são capazes de estar a gozar com os outros que estão a fazer aula, ‘tás a perceber? Pá, a E., noutro dia, pô-los fora... e os miúdos, os que ficaram, no final, eles depois estavam a falar sobre aquilo e os miúdos disseram: “Olhe, professora, a aula agora correu bem”. Porque eles inibem-se de fazer, porque têm os outros...

P8: Porque têm os outros palermas...

P10: ... a gozar...

P1: A gozar deles.

P10: ... a mandar bocas, a fazer barulhinhos, a fazer... Eh pá! Não há paciência. Eu digo-te, eu trabalhei com o V., aquilo para mim incomoda-me.

P12: Eu já sei quem é esse D. . Quer dizer, sei quem é... não...

P10: Mas ou, ou é isso... ou realmente entrar num sistema de... da rutura de... pô-lo fora, de...

P8: Eles têm que ser postos... Ele, no outro dia, chegou, o D. S. chegou ali, estava ali, já tinha começado, já tinha dado o toque dos 15 minutos, no teste de escola. E ele ali, ‘tava uma professora: “Mas vai para a sala, vai para a sala...” e o M. vira-se para mim e diz: “P8, qual é a tua opinião?”; “Eu, por mim, este aluno não entra na sala”. A Dr.^a: “Ah, vai para a sala, vai lá. Mas porta-te bem”. Ele foi, passados 5 minutos, o A. teve que o pôr na rua. Porra, então a gente já não sabe o que é que a casa gasta? Ainda vamos dar oportunidade a um palerma destes? Não pode.

P10: Mas a verdade é que ele continua com esse estatuto...

P8: Claro, claro.

P12: Não, mas é que, mas é que se fazem isso, ele sente que pode fazer tudo o que quer e lhe apetece.

P1: Ele agora ‘tá debaixo [impercetível]... Eu há dias falei com... o L. V. .

P8: Ele até tem o direito de ir lá fora fumar.

P1: [impercetível] quem ‘tava ali ouviu...

P8: Ele diz que tem o direito a ir a fumar. Lá fora.

P10: Isso, isso é uma coisa que eu proibia.

P8: Alunos a fumar na porta da escola. Professores já dão uma imagem que não é muito positiva...

P10: Mas o que é isto? Mas alunos ali?

P8: ... mas isso são... isso aí ‘tá de acordo com a lei, atenção.

P12: P10, é assim...

P8: Ainda há dias estive a discutir com uma turma e eles [impercetível]

P12: ... aí, eu...

P8: ... “Não era preferível termos ali um canto em que eles fumavam [impercetível]”

P10: Mas, P12, o que é que é a escola? O que é que é ‘tar dentro da escola? [impercetível – sobreposição de vozes].

P8: Aí a lei é que é estúpida. A lei é estúpida.

P12: P10! Deixa o P8 falar. É assim, eu, para mim, aquilo ali é escola.

P10: Claro que é escola.

P12: Mas, então, os professores também não podem ir para lá fumar.

P10: Eu também não. Mas eu também não.

P12: Agora, a partir do momento em que os professores vão, porque o argumento é “Não estamos na escola”.

P10: Não pode ser.

P12: Desculpem lá! Eu fora da escola, um professor não tem que me dar ordem...

P8: ‘Tá bem, mas os alunos são menores de idade. Não podem, é assim...

P10: P8, deem a volta ao muro... Olha, deem a volta pelo muro e ponham-se deste lado do muro, já estão fora da escola.

P8: Não podem é sair para fumar. Isso não pode ser autorizado.

P10: Agora ali! E a fumar com a senhora do telefone, aquilo é escola.

P8: Menores de idade?

P12: P8, é assim, eles não podem sair da escola, a verdade é que tu não tens um controlo à porta da escola.

P10: Tens, então não tens?

P8: Temos. Então o Senhor V.?

P10: O Senhor V. está a ver se tu deixas sair mais cedo ou não. Ah, lá, oh lecas, tem.

P8: O V. não costuma estar ali.

P10: Isso ele cumpre!

P12: Mas... mas... então, mas é assim...

P8: Eu estou a falar a sério, ‘tou a perguntar. Mas ele não costuma estar lá?

P12: Mas...

P1: Ele só está lá [impercetível].

P8: Ah!

P12: Eu, por acaso, eu o que vejo é os miúdos ali a fumar, antes de entrarem na escola, de manhã ‘tá lá sempre o M. ...

P8: Ah, sim, de manhã... eu vejo um ou dois.

P12: ... Eu até me meto imenso com o M. ...

P8: O M., sim, sim, sim.

P12: ... que eu digo sempre assim é um rapaz tão bonito e joga futebol...

P8: E que jogava e... que acho que se está a estragar, claramente.

P12: “Aqui o Cristiano”, “Olhe que o Cristiano Ronaldo não fuma”.

P10: Enquanto for fumando só tabaco.

P8: Sim.

P12: Pois, é que eu acho que também não é só, mas pronto, isso agora também não interessa nada.

P8: Sim, sim, sim.

P12: E tenho visto muita vez, também, à saída das aulas, miúdos ali a fumar.

P8: Sim, sim.

P12: Agora é assim, eu acho que nenhum professor tem moral para ir dizer aos miúdos: “Faz favor, não pode fumar aqui”.

P8: Não, não... Não. [impercetível]

P12: Porque se os professores vão para lá fumar, porque o argumento é “Estamos fora da escola”, então, se é fora da escola para os professores, é fora da escola para toda a gente e fora da escola não tenho nada a ver com a vida dos miúdos.

P8: Não, mas aqui, coloca-se é a questão da idade... Aqui coloca-se é a questão da idade.

P10: Isso é uma boa questão para ir ao pedagógico: o que é que é fora da escola?

P12: Oh P8, mas é assim, mas mesmo por idade, se eu vir um aluno... Olha, isso é como a história dos miúdos que saem à noite...

P8: Não, não, não. A questão da idade põe-se aqui. Não.

P12: ... eu vejo muitos miúdos que saem à noite, eu acho mal, mas eu não tenho autoridade para chegar e dizer: “Oh pequeno, olha vai para casa, que tens 12 anos”.

P10: Não, mas é assim [impercetível].

P8: Não, não, não.

P10: Estes espaço aqui...

P8: Nem é isso que digo.

P10: ... ainda é escola...

P8: Nem é isso que digo.

P10: ... Se me disserem que estão aqui, olha vêm para aqui, ‘tão na zona do estacionamento dos carros, estão aqui, já ‘tão fora da escola. Agora, aqui, é escola.

P12: Mesmo assim, olha, olha, no meu tempo escola era até 50 metros ao perímetro da escola.

P10: E continua a ser.

P8: É, é. Agora, leva a casa, já agora.

P12: E lembro-me de uma colega minha que apanhou uma participação. Nós andávamos no Maria Amália, que era na Rua Castilho. Rua Castilho? É, Rua Castilho.

P10: Até há uma lei que diz que não se pode abrir um estabelecimento com bebidas alcoólicas até não sei quantos metros.

P8: A menos, a menos de 50.

P12: Ouve, uma colega minha, P10, uma colega minha, nós andávamos no Maria Amália, ela encontrou uma professora de Lavoros [risos] – na altura, havia os Lavoros – na... numa paragem de autocarro, na Avenida de Roma, e a senhora tinha faltado, porque ‘tava doente. Ah, e alcunha da mulher era A Peixeira [risos] e ela chega ao pé da senhora e diz: “Oh Sôtora, então, está melhor? Ouvi dizer que engoliu um rabo de pescada” [risos]. A mulher chegou ao Maria Amália, fez uma participação, a outra foi para casa um dia. E ‘tava na Avenida de Roma. Mas é assim, professor é professor em qualquer parte. Portanto, a menina não tinha que lhe faltar ao respeito.

P10: Sim.

P12: Oh pá, aqui... pronto, é assim, eu acho muito mal, mas eu sou daquelas pessoas que, desde o primeiro dia que eu disse: “Acho muito mal que os professores vão fumar para a porta da escola”...

P10: Na Escola da Levada, fumam ao portão.

P12: Oh pá, os professores... Mas eu acho mal, P10.

P10: Saem do portão. Sim, sim, saem do portão...

P8: Na Torre também.

P10: ... e, junto ao gradeamento... nós quando ‘tamos lá na semana do desporto escolar, enquanto há aulas ainda, naqueles primeiros dias, tu devias ver a plantação de...

P12: De beatas.

P10: ... de beatas.

P10: ... que há no chão. Entre professores e alunos. Tudo cá fora. Eu acho que aquilo fica tão mal, tão feio... tão mal.

P8: É péssimo.

P12: Eu acho que aqui, então...

P10: E isto aqui também fica horroroso.

P12: Eu também acho!

P8: Não, a lei, a lei, a lei...

P12: Eu acho que é assim...

P8: ... não foi feita... Não.

P12: ... a partir do momento que...

P10: Não. Não é só a lei.

P12: ... ainda por cima...

P8: Mas eu discordo da lei.

P10: A direção é que tinha que dizer...

P12: Olha, tu não tens isso... Oh P8...

P10: ... o fora da escola, é a partir [impercetível]

P8: Oh P10, mas diz-me uma coisa, aí, nós temos tanto espaço livre na escola... prejudica... por exemplo, eu dou um exemplo, nós em Câmara de Lobos – eu não sou fumador – nós em Câmara de Lobos tínhamos lá uma zona, quando foi... saiu a Lei, criámos uma zona que chamávamos “a floresta”. O que é que fizemos? Tinha lá um espaço ao ar livre, forrámos tudo com vasos de plantas, ‘tava tudo... pá, os professores fumavam lá, ‘tavam na... porreiro, era ao ar livre.

P10: Mas isso era lá, que eram muito dinâmicos e aceitavam muito essas coisas...

P8: Não, não. Ouve, não.

[impercetível]

P8: Era ao ar livre, olha. Não prejudicava ninguém, os pais passavam lá, os alunos passavam lá, ninguém se apercebia que as pessoas ‘tavam a fumar. Ouviam vozes, só. Aquilo ‘tava muito bem feito. Nós tivemos uma colega – que agora ‘tá reformada – no pedagógico que disse: “Ou vocês acabam com esta porcária ou eu vou processar a escola”. Oh pá, quer dizer, eu também sou não fumador, mas não tenho que ser extremista. Havia algum problema dos colegas estarem ali, não era melhor...

P10: Olha.

P8: Olha, acabou-se com aquela...

P10: A mim houve um professor que me [impercetível]

P8: Os colegas tiveram que ir lá para fora fumar.

P10: A mim houve um professor que não sei se tentou ameaçar-me ou se aquilo era para eu interpretar como ameaça, quando - eu 'tava no pedagógico - quando começámos com essa história de deixar de fumar na sala, no bar dos professores...

P8: Dos professores.

P12: Exato.

P10: ... porque eu comia uma sandes com fumo.

P8: Claro. Claro.

P10: Não é? E acho que não sou obrigada a isso.

P8: Não, não e acho... não a lei teve aspetos positivos, como é óbvio.

P10: E quando isso foi, pronto, falado que deixou de fumar lá... “Se começam com a história de não se poder fumar aqui dentro da sala de professores também, eu venho para aqui fumar...” e eu – oh pá, por acaso apanhou-me pela manhã, às 8:20 da manhã – e eu disse: “Tu, por mim, podes fumar pólvora, desde que não seja ao pé de mim”. E ele nunca mais se dirigiu a mim, sobre a história do fumo. Depois continuou a...a... quando foi proibido fumar na sala de professores, a fumar, mas pronto... Enfim.

P12: Mas eu... acho que isso é um problema que a escola... Porque é assim, tu não vês isso no, na Jaime Moniz.

P10: Pois não...

P12: Não vês as pessoas...

P10: ... à porta da escola.

P12: E... e mesmo noutras escolas, eu vou a Lisboa...

P1: Pois, as pessoas na Jaime Moniz tinham o café em frente, têm outro do outro lado.

P10: Ouve, e aqui tens um café ali em cima. Aqui tens um café ali em cima e é isso que eu digo. Oh pá.

P1: [impercetível] é a mesma coisa, não?

P12: Oh querida...

P1: ... tu atravessas a rua do... na Jaime Moniz, atravessas a rua, *tás* num café.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Olha, é fácil resolver o problema para os outros, não me puxem pela língua, por favor.

P12: Oh, P1.

P1: Apontar o dedo é muito fácil.

P10: Na escola fica muito mal.

P12: Não tamos a apontar o dedo a ninguém.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Porque é que não vão para o outro lado da terra, juntarem-se todos lá e do outro lado do estacionamento fumar lá.

P12: Não, não ‘tamos aqui a apontar o dedo a ninguém.

P8: Não, até porque...

P12: Agora é assim, eu, desde a primeira hora, sempre achei que aquilo dava mau aspeto...

P10: E dá.

P12: E sempre foi o que...

P1: Eu sempre disse isso!

P10: Olha...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Porque é assim, eu não tenho que impor o meu fumo a ninguém, mas também tenho o direito de... que as pessoas não cheguem ao pé e: “Não, tu não vais fazer”. Olha, o caraças!

P12: ‘Tá bem!

P1: Para não dizer um palavrão!

[impercetível]

P12: Mas escuta, não é isso que ‘tá em causa.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu, pessoalmente, eu acho que podia haver um espaço, com a escola que temos, com os espaços abertos que temos...

[impercetível].

P1: Eu ainda dias disse isso, aquela porra daquela...

[impercetível]

P8: Eu tenho a chave...

P12: Não.

P8: Eu tenho a chave.

P12: E com os espaços ao ar livre que temos, até já...

P8: [impercetível]. Mas eu tiro [impercetível]

P12: Já se podia ter deitado a baixo...

P8: Eu é que disse ao Professor F. [PCE] [impercetível]

P12: ... a parede da sala de professores, fazer um avançado [impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: ... tipo esplanada para as pessoas poderem fumar ali.

P10: Também há gente que senta-se ali nas escadas, a fumar. Aquilo também é... escola.

P1: Aquilo é escola.

P8: Não, aquilo é [impercetível].

P10: Aquilo também é escola.

P12: Agora...

P8: Criar era um espaço [impercetível].

P12: Sempre achei que aquilo...

P1: Segundo parece, a Secretaria não permite.

P8: [impercetível] inicialmente.

P12: Pronto, não ‘tou a dizer que não. Agora, acho que a escola. Oh pá, até aquele espaço atrás na cantina.

P8: Oh pá, se estiveres na estrada, oh pá, não tapa a visibilidade...

P10: Ah, assim...

P8: ... como lá em baixo.

P10: Exatamente. Vão fumar para ali. Para o estacionamento, porque é que não vão para ali?

P8: Até porque é assim.

P10: Porque ali a... a... [impercetível]

P12: Mas aquilo agora tá cheio de alunos, portanto, aquilo tinha que ser vedado, tinha que ser reservado. Agora...

P8: Até porquê? Até porque os professores aqui... não vão para o café.

P10: [impercetível] Não se pode fumar em espaços fechados, mas ela pode fumar naquele espaço.

P12: Acho e sempre achei desde a primeira hora.

P10: Eu não tenho nada contra a senhora, mas eu já vi, eu chegar e ‘tar um aluno ali que não tem idade para ‘tar a fumar e o aluno ser chamado para ir para dentro, que era para eu não falar. Ela ficou comprometidíssima do que fez.

P1: Olha, ficaram uns poucos a olhar para mim de lado, porque eu fumo, sou fumadora, mas não admito que os alunos fumem ao meu lado.

P10: Eu não concordo... Olha, eu fui, eu fui substituir esta turma, um dia destes...

P1: Oh pá, eu disse-lhe: “Olha L. - eu dou-me muito bem com ele, disse - “Olha, L., tu vais-me desculpar” e já o outro miúdo, também, que se chama D. , o mais alto, “Tu vais-me desculpar, eu ‘tou a fumar, eu sou adulta e vacinada, ‘tá bem? Tu ainda és menor. Se não te importas, queres fumar, vais para... para...”. O miúdo não fez problema nenhum, pegou no cigarro e foi-se embora.

P10: Olha...

P1: Ouve e eu sou fumadora, calma.

P12: ‘Tá bem! Mas é assim...

P1: Mas eu escolho fumar. Eu tenho essa hipótese.

P12: Eu... eu, pessoalmente... eu, eu não... Eu, pessoalmente, eu não vou chegar ali, eu se vir um aluno a fumar, eu não vou chegar ali e...

P8: Não, nem vamos fazer essa figura.

[impercetível]

P12: Pá, porque é assim, não sinto que tenha moral para isso, porque... o meu argumento...

[impercetível]

P12: Porque é assim, uma coisa é, eu, por exemplo, com o M. tenho muita confiança e digo: “Oh M., isso faz-lhe mal...”, não sei quê, *ta-ta-ta*, mas não lhe vou dizer: “Não fume”. Não tenho nada que dizer que não fume.

P1: Claro, claro.

P8: Eu até, esta semana ia [impercetível].

P12: Mas é assim, mas se eu for dizer... “Você não fume”; “Mas não fumo, porquê?...

P8: Ele entra... É pá, que cheiro!

P10: Que cheiro a tabaco.

P12: ... eu ‘tou num espaço fora da escola.”

P8: Eu pensei que tinha a ver ou com falta de higiene ou não sei quantos. E ele vira-se assim todo chateado... e a... foi a B. e ela até diz “Eh pá, um cheiro a tabaco!”.

P10: É bem feita que é para ele aprender.

P8: Eu disse “Olha...”, e eu, eu hoje por acaso disse, eu disse: “Olha, ‘tiveste muito bem no outro dia. Já ias levar um berro, que eu pensei que ‘tavas a falar da questão da transpiração e isso...”

P1: Pois.

P8: Mas a pior aula que eu tive, foi ao lado de um colega meu fumador...

P10: Olha, eu fui substituir...

P8: E, por exemplo, na Torre, todos os meus colegas sabiam do... no meu cacifo tinha, por exemplo, eu dou um exemplo, que há dias eu disse isso ao F., o F. [impercetível]. Ele ‘tava a falar e disse: “Oh F. e quantos de vocês vão lá fora fumar, vêm cá para dentro dar uma aula, logo de seguida? O aluno tira dúvidas e vocês vão para lá, o aluno tem que levar...”

P10: Tresandam a tabaco.

P8: ... com o vosso cheiro a tabaco e isso tudo. Será que eles não têm o direito a reclamar?”. Na Torre eles sabiam, eu tinha sempre caixas de chicletes, eu comprava uns pacotes mesmo inteiros. Todos os meus colegas iam... o “coiso” até ficava aberto, eles já diziam: “Olha, P8 passei lá”, porque já sabiam. Porque acho que também é uma falta de... de respeito da parte do professor. Eu, às vezes, sinto-me mal só o facto de ter, de acabar de tomar café ou ‘tar na porta da sala a tomar um café, antes de entrar, se depois algum miúdo chamar. Há miúdos que podem não gostar de não sei quantos.

P10: Olha, quando vais ali à sala do chefe, que ele teve lá trancado a fumar...

P12: Ah, então...

[impercetível]

P12: Ouve, mas isso é... mas...

P10: Tive na discoteca. Vim à discoteca. Já estou atrasado.

P8: Agora, acho que a lei, a lei, em relação... a lei teve aspetos positivos e teve aspetos negativos. Acho, claramente, deveria de ser dado e aquela solução da...

P12: Não, eu acho que devia ser possível ter espaços para fumadores.

P8: Ótimo, somos dois.

P10: Um espaço agradável.

P8: Desde que não prejudicasse os outros.

P12: Eu não tenho nada com essas pessoas, querem fumar, eu também já fumei, agora não fumo. Mas não tenho nada, não sou fundamentalista.

P8: [impercetível] tentava disfarçar, faziam num lugar pouco visível.

P12: Mas até podia ser um lugar visível. Aquilo ali é um espaço dos fumadores. Acabou.

P8: Sim, mas como é uma escola, se quisessem criar um espaço, oh pá... [impercetível]

P12: Agora, o problema é que a lei não te permite.

P10: Um *lounge*.

P12: Mas é que a lei não te permite.

P8: Depois tu tens os extremistas, que é, que aquilo de dizer: “Não, eu não fumo, os outros não podem fumar” ou o “Eu sou assim...”. Pá, eu acho que tem que haver... um meio-termo.

P12: Não e depois tens esse problema, é que é assim, a lei não te permite e se tu, até...

P8: Quiseres ser...

P12: ... fazes o espaço e não sei quê...

P8: Corres o risco, corres o risco...

P12: E depois tens um caramelo que faz uma participação de ti, porque tu...

P8: Pois, exatamente.

P12: ... permitiste que não sei o quê. Pois esse é o grande problema.

P10: Olha, eu fui substituir esta turma e eles até tiveram muito bem, mesmo o D. e o A. tiveram bem. E...

P12: O que deu a conversa do D. . [risos] Onde é que a gente já vai.

P8: Mas ainda bem. Olha, foi primeira vez em sete anos que eu vim falar-vos deste assunto. Cá dentro.

P10: E falámos no professor de Inglês... O professor de Inglês... era o professor de Inglês que tinha faltado e eles falaram e... “Ah, sim” e o D. disse logo assim: “Eu sei... eu sei que o... eu já sabia que o professor de Inglês não... não vinha”. E eu assim: “Ah, já sabia? Então você é mais bem informado aqui que os seus colegas. É que ninguém sabia”; “Não, não, é porque ele de manhã está sempre ali a fumar e nós já lá estivemos e ele não estava”; “Vê, os contactos que você tem!”.

P8: Pronto, é o sistema de controlo.

[risos]

P10: Mas já é um adulto que pode...

P8: Pois.

P10: Pode estar ali a fumar, no meio dos professores.

P12: Mas ele não... ele é maior de idade?

P10: Não.

P8: Não. Mas a mãe, a mãe não tem controlo nenhum. Eu cá, só entre nós....

P1: Ele agora, é isso que eu ‘tava a tentar dizer, o L., como é que é? Comissão, ba-ba-ba-ba.

P12: A Comissão de Proteção de... Crianças e Jovens.

P1: Ele ‘tá num tipo um período probatório.

P8: É.

P1: Que... que o L. teve a explicar que ele anda aí assim, ele não... ele fez tipo um contrato com eles e agora não pode falhar. Não pode deixar, não pode faltar às aulas, ta-ta-ta-ta-ta.

P10: Achas que isso vai funcionar?

P8: Não. Não funciona.

P1: Foi o que a gente disse. E ele disse: “Mas é assim, à primeira que ele faça, acabou.

P8: Sim, sim, sim.

P1: ... Vai para tribunal. Ponto final.

P8: É o que eles têm feito.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Vai para tribunal, mas depois o tribunal não tem...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: É esse contrato? Ah, porque ‘teve lá em baixo, mãe, pai, aluno, professor D., assistente social, a psicóloga e nha-nha-nha. Tudo ali, os pais a ouvir e ele... com aquele ar que ele tem, ‘tás a ver? A ser chamado à atenção pela... assistente social ou pela psicóloga, porque os... o resto...

P8: Não, aquilo já se perdeu. Em termo de controlo já se perdeu, claramente.

P10: Mas telefone... um bom telefone.

P8: Aí não há...

P10: Que eu tive a ver o telefone... era um bom telefone.

P8: Porque a mãezinha... nós, nós no início do ano...

P1: Pois... a mãe achava que o controlava outra vez...

P8: Exatamente. Nós, em novembro, fizemos uma reunião...

P10: Não, a mãe, se calhar, foi-lhe dando para o compensar de alguma forma aquilo que não foi capaz...

P8: Foi, foi. Até porque aquilo...

P10: Não foi para o controlar, foi para o compensar. Mas criou um monstinho.

P8: Exatamente. E...

P10: E quando nós andarmos aí: “coitadinho... atrofiado... tem qualquer coisa...”.

P8: E ela...

P1: É precisamente não ter regra.

P10: “Fobia social”. Ele ‘tá...

P6: Precisa de regras. Mais nada.

P8: Quem?

P10: Criámos aqui...

P6: Ele precisa de regras.

P8: O exército fazia-lhe bem.

P1: É.

P10: Fazia.

P8: Porque este, este...

P10: Mas ele, ele não conseguiria estar no exército.

P8: Algum dia? Não, ele iria...

P1: Ia levar na boca.

P10: Passava-se.

P8: Como se diz na beira coisa, passava a vida na casa [impercetível]

P10: E se calhar até ameaçava que se matava [impercetível].

P8: ... a casa, têm de castigos, passava a vida na casa da gata, porque... ia levar nas trombas de toda a gente. Mas isto, isto vai ser um... um F2.

P10: Mas eu quero ver para o ano. Olha, eu quero ver para o ano.

P8: Não, este aluno...

P10: Vai ser o mesmo, do mesmo.

P8: Nem sei... nem sei se estará cá.

P10: Não?

P8: Não sei.

P10: Eu acho que vai ser mais do mesmo.

P8: Vamos ver. Mas, portanto...

P12: Não, mas é uma turma com muitas negativas, isso é.

P8: Os resultados, portanto...

P10: Fracos, fracos...

P8: Matemática, Tecnológica, Inglês, tudo nos sessenta e tais por cento.

P10: Destaca-se a S. .

P1: Pois, talvez.

P8: Destacou-se a S. .

P12: Quem é a S.?

P8: Esta miúda de óculos.

P10: Olha, lembras-te da J., uma aluna do [impercetível], do Desenho...

P1: Sei, a J. [impercetível].

P10: ... tinha um olho assim meio estrábico? É mana dela.

P12: Lembro-me, linda, isto já é a irmã dela?

P6: É irmã dela, é a mais pequenina.

P12: Ah, meu Deus.

P6: A mais pequenina que já ‘tá grande.

P12: Então, a mãe tava grávida, quando a J. foi minha aluna.

P10: Sim.

P1: Pois, exato.

P12: Ela foi... a J. foi minha aluna. Então, a gente não teve que fazer um relatório...

P10: Também não dávamos nada pela J....

P12: Não. Eu... a... a miúda só foi minha aluna no secundário e a miúda foi sempre muito boa aluna.

P10: Não, mas no início, quando ela veio... [impercetível]

P12: Ah, mas foi sempre muito, muito boa aluna.

P8: Portanto, o insucesso desta turma é muito elevado.

P12: E ‘tá muito bem, ela ‘tava a trabalhar num projeto na faculdade e não sei o quê...
Desculpa, P8.

P8: Não, não, não. Não tem... até porque eu não conheço esta turma.

P12: Mas espera...

P10: E a miúda era ótima, a miúda é muito inteligente. Essa miúda, a S. .

P12: Mas é engraçado com uma percentagem tão grande de negativas ali... o número de alunos... Ah! Já vem...

P8: Pois, mas é sucesso e insucesso.

P12: Não, é que eu ‘tava a olhar para o primeiro período, filho.

P8: Ah!

P12: Não tinha visto o segundo, o segundo período.

P8: Neste momento chumbavam mais...

P12: Do que passam.

P10: Este... pode não haver outra forma ou de método, mas esta história de os que escolhem alemão vai tudo para aquela turma, os que escolhem francês, vai tudo para aquela... meteram aqui a B., o D., o T., que se estragaram nesta turma.

P8: Mas houve mudanças, houve mudanças que foram posteriores. Porque eu, normalmente...

P10: Mas esses três acho que foi porque escolheram alemão. Alemão ou francês, o que é que eles escolheram

P8: ... mas, normalmente, quando eu estou... mas as turmas, normalmente, são feitas... Estes são de Francês. O terceiro é... Quando as turmas são feitas eu, normalmente, depois falo com o A. [CC1] para ele ver, porque ele tem... Depois, há recados que vêm de pais, para além daquilo que vem da... da reunião há recados... Eu tive ali recados: “Oh pá, olha P8, junta-me este aluno com este”. E eu quando cheguei cá, houve alterações que foram feitas depois de julho, por... por... sugestões dos encarregados de educação. Portanto, as turmas, em setembro, não correspondiam ao que foi deixado em julho, porque os pais pedem...

P10: Sim, mas aqui foi por causa do que escolheram.

P8: ... ou por proximidade ou [impercetível]. Sim, mas eles tinham oportunidade... eles não...

P10: Sim, eu quero ver o que é que vão fazer...

P8: Pois... Não é... por exemplo, a assunção aqui, provavelmente, passará por isso. Criar, para o ano, uma turma, por exemplo... não, não repetir a situação deste ano. Para já, tivemos turmas muito grandes, grandes para a nossa realidade...

P12: Sim, [risos] meter turmas de vinte alunos e dizer que são muito grandes.

P8: Não. Seria muito... este... provavelmente, esta turma até teria funcionado se tivesse metade, metade... metade francês, metade alemão. Se ela tivesse...

P10: Se tivessem separados, exatamente.

P8: Mas de qualquer forma, eles só iriam estar separados nestas duas.

P12: Então, mas eles têm inglês, eles não têm alemão. Eles têm é inglês.

P10: Sim. Não. Pois, eu não sei.

P8: Os alunos é que eram diferentes.

P10: Eu acho é que estes miúdos, por exemplo, que eram do 7º C, que é uma excelente turma, que eles vieram com essa turma, pá, aqui não estão...

P8: Não, mas a ordem, a ordem que foi feita foi...

P10: E a S. também não dá mais, porque não tem uma turma...

P8: Pois, mas a ordem que foi dada foi atenção, eu disse: “Temos X alunos de alemão”, “Então faz-se só uma turma”.

P12: Mas esta turma é de inglês. Atenção.

P8: Esta turma é de inglês, certo.

P10: Não, é de francês.

P8: Francês.

P12: Francês? Ah!

P8: Inglês, eles estão todos.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Eu também vi o pai na altura das matrículas, à cuca, a ver para onde é que estes iam, para onde é que aqueles iam, quando era para pôr na ficha. [impercetível]

P8: Sim, sim, sim, sim. Sim. Sim. Eu dou-te um exemplo, o E. O. ...

P10: Ora, *tás* a ver? Estamos a falar do mesmo. [risos]

P8: Queria que o filho viesse... Mas curiosamente, depois lá há uma situação de uma mudança, em que nós ligamos e dizemos: “Olhe, professor E.”, até ainda foi a D.^a C., “Professor E., há aqui uma mudança, um pedido de mudança, ainda há a possibilidade do seu filho poder ir...”, não sei quantos. E ele ‘tava na praia com o miúdo, ele perguntou, ele disse: “Ah, pois, eu já comprei o livro de alemão”. E depois ele falou com o miúdo, o miúdo disse: “Não, queria... já agora ia para alemão”. E ele é que não aceitou, porque se ele quisesse... Ainda bem que não aceitou, porque o E. ‘tá na melhor turma.

P10: O E. é daquela turma.

P8: Sim, sim. Não, mas eu digo...

P10: É daquela turma.

P8: Não, mas eu digo, neste momento, naquele caso, ele iria, ele iria... mudar...

P12: De turma.

P8: ... por causa da... Sim. por causa da opção.

P10: Enfim.

P8: Mas, portanto, esta turma...

P12: Eu nem me lembro que o E. tem miúdos mais velhos, como... tenho o... o D. que é meu aluno no quinto ano.

P1: Tem um que tá no sétimo.

P12: Pois, não me lembro...

P8: Portanto, esta turma realmente...

P12: Mas ele ainda tem mais outro, que é mais pequenito.

P10: Sim, o S. .

P12: ... que ainda tá nas freiras.

P8: Esta turma é um caso bastante bicudo. O 7 B também é uma turma...

P10: Mas o E. não tem nada... O E. filho, não tem nada a ver com o D. nem com o outro. Fogo.

P8: Nem com o pai. [risos]

P10: Nem com o pai. [risos]

P8: Vinte e três alunos, portanto...

P1: Esta turma...

P10: Oh meu Deus! Vinte e três...

P8: ... treze os três ou mais níveis inferiores a 3. Esta turma parece-me ser bastante fraca, também. Também não os tenho.

P10: Olha a [impercetível].

P8: O insucesso: Matemática, o Inglês, a Geografia, 48.

P1: Ai aquela miúda põe-me a cabeça doente.

P8: 48%.

P10: Eu acho que ela é bipolar.

P8: Quem?

P10: A L.

P1: P. L. ou L. P.

P8: Ah, esta miúda é um bocado...

P12: Essa... Desculpa 'tar-me a meter...

P10: Oh pá, cada vez que temos este conselho de turma, era "F., F."... [risos]

P8: E esta miúda passa... ela passava com a B., fins de semana inteiros ali naquele barraco à frente da casa do, do A. [CC1] quando a [impercetível] chateava.

P10: Quando o pai delas... E sai, vai até às quinhentas para casa, enquanto não... os gatos não vêm todos, ela não vai para casa.

P8: Sim, sim. Sim.

P1: Esta miúda é meia...

P10: P8, desculpa lá, a questão do inglês, eles só têm uma hora semanal de inglês, não é?

P8: Noventa minutos, penso eu.

P12: Pois, eu acho que isso, também, pode...

P8: É muito pouco. É muito pouco.

P12: Eu acho que isso pode ajudar a explicar estes níveis de insucesso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: É ridículo.

P10: Claro que sim. Claro que sim.

P8: É ridículo, não se compreende como é que numa terra turística...

P12: E numa língua estrangeira, que é uma coisa que requer prática e não sei quê.

P8: ... E como é que a Madeira nunca mudou isto e há planos para a Matemática e para o Português...

P12: E não há...

P8: Na Madeira, nunca se fez nada em relação ao Inglês, principalmente em relação ao Inglês, acho que a Madeira tinha que tomar uma posição... E... e tinha que ter aqui mais... outras formas, outros planos, mais tempo para trabalhar a disciplina, a oralidade e essas coisas todas. Acho que iam...

P12: Não, porque... ‘tava a reparar... porque, é assim, a Matemática a gente já dá de barato, que é a disciplina do insucesso, não é?

P8: Sim, sim.

P12: Porque não é só a nível da nossa escola...

P1: Claro,

P12: ... é, regra geral, em todas as escolas a nível nacional, a nível... acho que pode-se dizer quase a nível mundial. A Matemática é... uma disciplina complicada.

P1: O calcanhar de Aquiles. [impercetível]

P12: Mas o Inglês começa-se aqui a ver este padrão que aparece sempre...

P8: Sim.

P12: ... o Inglês, sempre o Inglês.

P8: Sim, sim.

P12: Eu agora ‘tava a pensar, mas ‘tava a pensar que, de facto, a circunstância dos miúdos também só terem uma aula por semana...

P8: É muito pouco.

P12: ... não deve facilitar a vida nem ao professor nem aos pequenos.

P8: Não, não.

P10: Esta turma era bastante... complicada, o ano passado, também. Muito agitada...

P8: Sim, muito fraquinha, já, no... E, portanto, o... ‘tá ligeiramente melhor, ‘tá melhor que a outra. Tem 60%, portanto, de sucesso, mas mesmo assim era um número...

P1: É pouco.

[impercetível]

P10: Os manos, os manos aí parecem maiores.

P8: Não outra tinha... só estas duas turmas, a A e o B, já dá para fazer uma quarta turma. Portanto, tem dezanove alunos... se terminasse agora... isto vai haver alguma [impercetível], mas de qualquer forma, há uns dez alunos destas... dez, catorze... doze alunos, que vão ficar retidos.

P10: E eles deixam... fazer? Outra turma?

P8: Não, eu digo é... vão, ao juntar aos que vão transitar...

P10: Ah, sim.

P8: ... de sexto ano, vão ficar doze, uns doze ou treze retidos, o que é assustador, portanto.

P10: Pois.

P8: Uma outra situação eu vou-vos apresentar, porque sei que... que fica cá dentro, portanto, não vai haver...

P1: Não vai haver [impercetível] [risos]

P8: ... que assustou-me um pouco, na... na reunião, quando estávamos a ter a reunião. É esta miúda, a M. que é boa aluna e que é uma aluna destacada e que, na reunião, foi abordada a questão do... portanto, do namorado...

P10: Outra que era do 7º C. Que era...

P12: Do namorado?

P8: Mas o que foi abordado é, portanto, a mãe namora com... com um senhor, cujo filho do senhor também namora com ela...

P10: Com o filho? Com a filha?

P8: E então... Sim. Ou seja, o filho do senhor...

P10: A mãe namora com o pai e a filha namora com o filho.

P1: E a filha namora com o filho.

[risos]

P12: 'Tá bem organizado.

P8: E curiosamente... mas curiosamente, parece que já fazem vida de casal.

P10: Fica tudo em casa. Sim, sim.

P8: O casal...

P10: Basicamente...

P8: Um casal dorme num quarto, o outro casal dorme no outro quarto. Segundo aquilo que... E parece que bate certo, que ainda este fim de semana tive confirmação mais ou menos disso. O que parece um pouco...

P12: E a miúda tem que idade?

P8: Esta miúda...

P10: Doze.

P1: Treze, doze. Treze anos, para aí.

P8: Com um miúdo do oitavo. Tu tens o 8º B, não?

P12: Não, eu só tenho o 8º C. Namora com um pequeno do 8º B?

P10: Mas o miúdo 'tá no... 'tá cá na escola?

P8: É com... Sim, é...

P10: A miúda tem que ter... portanto, eles saem no décimo... no sexto ano com onze, doze...

P1: Ela 'tá com treze, catorze.

P10: Não tem catorze ainda.

P8: 'Tá com este miúdo, o B. .

P1: Com quem?

P8: Com o B. .

P12: Não sei quem é o miúdo. Não conheço.

P8: Mas ele... Eu agora não o tenho...

P10: Mas o miúdo até é...

P8: Não, ele é um porreirinho. Não eu digo é aquela questão de... quer dizer, dormirem no mesmo...

P10: Já vida de...

P8: ... quarto, parece... 'tar a fazer já vida de casal é...

P10: Oh, meu Deus!

P8: ... Mas isso é, pronto, os pais... os pais veem aquilo como a situação... São pais modernos, certamente. E, portanto...

P1: Não, mas isso é... sabes que é uma situação...

P12: Então e a Proteção de Menores não faz...

P1: Mesmo quando é... mesmo quando é namoro, pronto... é uma coisa que aqui se vê muito no Porto Santo.

P12: Sim, aqui os namoros são muito precoces.

[impercetível].

P8: Sim.

P1: Os pais aceitam... com naturalidade...

P8: Isso é verdade.

P10: É aquela história do mais vale tarem em casa do que andarem por aí a fazer asneiras...

P1: Exatamente!

P10: E afinal fazem na mesma.

P8: Olha, tens aqui um outro caso disso: a J..

P1: Eu, faz-me uma confusão isso.

P12: A mim também...

P8: ... a J. 'tá claramente para casar com o [impercetível].

P12: Espera. Essa J. não era, o ano passado...

P1: Ah, a J., sim, sim.

P10: Quem é a J.?

P1: Sim, sim, sim.

P8: Sim.

P12: Do 7 A, do 7 A!

P1: Sim, sim.

P8: A J. ‘tá, claramente, para casar com...

P12: Com o D. ?!...

P8: Sim [impercetível].

P12: Com o D. ?!...

P8: Eles já fazem...

P10: Que foi da turma do K. .

P8: Ele não dorme lá, mas de... vai a casa [impercetível].

P12: O D. ?

P10: Olha, é uma das que mora aqui...

P8: Sim, sim.

P10: [impercetível] para as casas ali do [impercetível].

P8: Sim, sim. Mas é [impercetível] isso que tu ‘tás a dizer, é verdade.

P10: Olha, vocês querem ver uma história da M.? Não tem nada a ver com isto.

P8: Não, mas... é assustador, é.

P10: Numa aula minha, o ano passado, a M. é assim... assim muito chique, traz a sapatilha a condizer... mesmo que a sapatilha não preste, mas é aquela que condiz com a camisola. Então, chega ao pé de mim e diz-me assim: “O que é que vamos dar hoje?”. E eu: “Mas porquê? Alguma... A menina só vai fazer a aula dependendo daquilo que vai ser... abordado?”. E ela faz-me assim... [risos] ... “É só por causa disto, se vamos dar basquete, olhe...”.

P8: Esqueça.

P10: Então, altas unhas de gel, da Minnie, não faças confusão, assim as orelhas. E eu: “Olhe, a modalidade é basquete, a menina desenrasque-se. Se perder uma unhinha, apanhe-a”. [risos] Se a encontrar”; “Ai, não sei se vou conseguir”; “Oh, M., desande já daqui!”. [risos] Todas as semanas com altas unhas de gel, ‘tás a brincar?

P8: Pronto. E temos aqui uma realidade de 60%...

P10: Claro que não! E os modos como ela fala com a mãe?

P1: Tu tens aí a...

P10: E quando vier para cá o irmão...

P8: Eu não conheço. Tenho boa imagem da miúda, porque ela, ela, pronto, tem uma carinha laroca.

P10: Há quem diga que o irmão sofre de *bullying* da irmã.

P8: A miúda é gira. E como anda bem vestida... Diz?

P10: Há quem diga que o irmão sofre de *bullying* da irmã.

P8: Há?

P12: Pois, não sei, eu não conheço a miúda, não é?

P8: O... Eu tive cá uma aluna de nono ano, que foi da minha direção de turma – ela agora ‘tá na Universidade...

P10: “Quando fores lá para cima para a escola, nem fales para mim, que eu não te conheço”.

P8: Não me recordo do nome dela. E numa Formação Cívica...

P10: A mãe diz-me isto a rir “Já viu, ah, ah, ah ...”.

P8: E ela diz-me, só lembrar-me...

P10: “Ah, ah, não. Isso ela diz isso, diz ela”. Depois ela “Ah, não sei, professora, ela?!”.

P8: Ela diz isso ao irmão?

P10: “Nem te conheço! Escusas de vir para mim”, “Esse não sei quê”, chamou-lhe de nomes. Bom, mas assim... tu não... Se tu visses estes dois miúdos a falarem com a mãe...

P8: Eu tive uma aluna... eu tive uma aluna, ela não é daqui, que eu... ‘Tavamos assim numa aula de Formação Cívica e nós a falarmos e ela disse: “Oh professor, olhe, eu andei atrás da minha mãe, temos... queria uma mana, queria uma mana. Lá a minha mãe... e os meus pais decidiram, deram-me uma mana. Hoje em dia, odeio-a!”.

[risos]

P10: Não é uma loirinha? Ai não, essa teve um mano.

P8: E a... Não, não, eh pá, eu já não me consigo... Ela foi namorada do V., que joga agora no Porto Santense. Ela ‘tava [impercetível] e não me recordo do nome dela. E o que é que era? Aquele ciúme normal do irmão.

P10: Claro!

P8: Porquê? Como os pais prestam mais atenção à criança... Eu disse: “Oh pá, mas tu tens que perceber isso”.

P10: Mas aqui é uma coisa que se deixou criar...

P8: É normal, só que não é fácil, é...

P12: Mas eles são filhos do mesmo pai e da mesma mãe?

P10: São, são, são.

P12: Pois. É estranho.

P8: O 7 C, portanto é uma turma, é a melhor turma de sétimo ano.

P10: Ai, tão bom.

P8: É uma turma realmente...

P12: Ai, é aquela que eu fui.

P8: Trabalha-se...

P10: Foi a turma com que eu melhor trabalhei desde que comecei a trabalhar.

P1: É espetacular, também.

P8: Ora, eu ia dizer isso... eu tinha saudades de ter...

P10: Também tinha uma vantagem... eu tinha, tive durante os dois anos que os tive, tinha o pavilhão sozinha, para mim.

P8: É diferente.

P10: Eu tinha os espaços que quisesse utilizar. Pá e... mas a turma é fantástica.

P8: É.

P10: A turma... O J. ‘tá maravilhado com eles.

P8: Eu também ia dizer como tu disseste, eu já tinha saudades de trabalhar com um sétimo ano assim. E, se pudesse, acho que...

P10: Adorei.

P8: ... vinha todos os dias.

P10: Foi fantástico!

P8: E o J. disse a mesma coisa.

P10: Eu levei-os, como prémio, lá em baixo ao... ao surf do P. . Pá, eles foram [impercetível].

P8: Foi com o J. , que eu disse quando tava uma colega a dizer: “Mas eu tenho a turma toda!” e começámos a rir. Eu disse: “Oh J. , eu, se pudesse, vinha todos os dias” e ele disse: “Eu levava-os para casa”. Não, mesmo agradável...

P10: Muito boa.

P8: Mesmo o A., quando chegou aqui disse que era um aluno complicado e que. parece que está a ser feito um trabalho muito interessante. Foi feito o segundo ciclo...

P10: A medicação ‘tá adequada [risos]

P8: Não, eu penso que o trabalho, também, que vocês fizeram...

P1: [impercetível] ser apertado.

P8: E também penso que o trabalho que vocês fizeram no fim do ano também tem que...

P10: E a S.? Apesar de tudo...

P8: ... a questão das regras...

P10: A madraستا faz ali...

P1: Faz, faz.

P10: Se calhar nem tanto, porque ‘tá com o bebé, mas fez um bom trabalho.

P8: Não e vem, e vem à escola. É preocupada e vem. Ele, ele, por exemplo, a única coisa que eu já sei é aos 45 minutos, o A. ...

P10: No entanto, ele...

P8: ... pede-me para ir à casa de banho. O que lhe faz bem.

P10: Ele anda aí um bocadinho... à noite, sozinho.

P8: As companhias, é complicado. E agora ela, provavelmente, também, por causa do bebé...

P10: Sim.

P8: ... tem menos disponibilidade, também não pode contar muito com...

P10: O L. saiu desta turma?

P8: Qual L.?

P10: O L. que é filho...

P8: O S.?

P10: Filho daquela senhora de lá de baixo da loja da Lucimoda. Não 'tá nesta turma.

P12: O L. M. S. foi para essa turma?

P8: Não, o L. M. S. é este que está aqui. Este foi para a Madeira.

P12: Esse, no ano passado, 'tava no 7 C. Foi para a Madeira?

P8: Foi.

P12: Ah, pois foi. Lembro-me... eu acho que ainda foi o ano passado.

P8: 'Tás a falar do L. ?

P10: L. gordinho.

P12: Não. Não foi o ano passado. Eu soube que ele ia para a Madeira no cabeleireiro, que ele 'tava lá com a irmã...

P10: Não, nem é no 7º A, que eu não o tenho no 7º A.

P8: Não. O 7 B também não tem nenhum L. .

P12: Mas, olha, mas, 'tava ali a ver sessenta e tal por cento?

P10: Ele era desta turma.

P12: Sessenta e tal por cento de quê?

P8: Onde?

P1: No C.

P8: No C?

Isa: Ah, mas o C... o C...

P10: Qual é a turma do M.? De... de... [impercetível].

P8: O B e o C.

P1: É o B e o C. São duas.

P12: Ah, ele deve ter aberto outra turma, então, porque eu *tava* a ver...

P8: Ah, sim, eu ‘tava a ver era o... os sessenta por cento é aqui. É no B.

P10: Se não ‘tá aí, é no B.

P12: Ah!

P8: Mas qual... eu aqui só tenho o... não tenho nenhum L. . Ou tenho? Tem aqui um L.

P10: Não. Mas não é esse.

P8: E tem este. Então é este?

P10: É esse! É esse.

P8: ‘Tá no B.

P10: Muito complicadinho, também.

P8: O C, portanto, tem aqui bons alunos. O E. é muito bom aluno, a M. é aquela que se destaca, que tem... que tem os resultados mais elevados, é um pouco individualista, mas é uma aluna, que eu penso que no sétimo ano vai dar...

P1: Não ‘tá habituada a trabalhar em conjunto nem em grupo. Não tem...

P8: Mas, curiosamente, o facto de não ter tido...

P1: Ela não cria problemas, ela tem é que se achar a melhor.

P10: Achei-a muito mal formadinha... muito mal formada.

P8: Sim, mas... mas eu penso que ela estando no sétimo ano, até ao nono ano.

P10: Ela vai aprender com a vida.

P8: Sim e vamos... Ainda há dias, mandei um texto propositadamente ao A. ...

P10: Ela era muito mal formada.

P8: Que era sobre aquela história, oh pá, “aceita, aceita quando falhas”, não... “coiso”.

P10: Sim.

P8: E ele respondeu-me, ele até ‘tava num torneiro na Madeira, ele disse: “Obrigado pelo texto, professor, mas eu... eu já estou habituado e...”, porque ele, ele, ele no início, ele, ele se tivesse um stress, ele começa a transpirar...

P1: Era...

P10: Transpira, ele fica...

P8: ... por todo o lado e ele... ele reagia muito mal. E nas... na minha, na minha disciplina, nunca reagiu – não sei se tem a ver com a forma, também, como o trato.

P1: Sim.

P8: E eu penso que a M. é possível trabalhar, nesse sentido. Vai depender muito...

P10: Acho que também há ali muita pressão, da parte dos pais, talvez.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas penso, penso que o problema será esse.

P10: Mas, mal formadinha, má para os outros, para os outros colegas. Má.

P1: Exatamente. E sempre, sempre a queixar...

P10: Sim.

P1: A dizer o que os outros tão fazendo ou que fizeram ou que disseram, na-na-na-na-na-na.

P10: Mas é boa aluna, era muito boa aluna.

P12: Mas isso, às vezes, também é um bocadinho... fruto dessa tal formação menos boa.

P10: Sim. Eu tive uma situação com eles e eles ‘tavam a falar da matéria que a professora tinha dado e não sei quê e às tantas há um que diz: “Aquele... Ah, foi matéria não sei quantas” e ela diz assim: “Não pode ser!”. E ele diz assim: “Pode, pode, o professor disse” e não sei quê, que ia sair isto. “Eu não estudei isso! Não pode ser, eu não ouvi isso!”. E ele: “Oh, mas o quê? Porque tu não ouviste, não vai sair?”. E ela não teve mais argumentos, olha para ele e disse assim: “Aposto que vou ter melhor nota do que tu”. E eu disse assim: “Ouça lá, mas você anda aqui só para ter melhores notas que os outros ou porque é uma boa aluna, porque estuda, porque trabalha para isso?”. E ela

“Hum”. Mas sempre, ‘tás a ver? Muito má. Disse ao senhor V., foi pedir papel e o senhor V. não... Queria o rolo e eles não davam o rolo.

P1: Não.

P8: Dão um bocado só.

P1: Tiram um bocado.

P10: Pá, isso a mim também me faz, prefiro o rolo [risos] e eu tiro o meu papel. Mas pronto e ele disse: “Não, menina, levas... tira lá o teu papel” e não sei quê. “Vocês, funcionários também são uns deficientes”.

P8: Ela disse?

P12: Ah!

P10: Disse. E o senhor V. ficou magoado e não... mas não fez nada. Contou-me isto e eu: “Como? E você não faz nada? Não”. Conselho de turma e eu informei a... a diretora de turma. A reunião de avaliação, a diretora de turma disse “Pronto, a M. teve uns bons resultados, bom, bla-bla-bla-bla-bla. Não fosse apenas aqui uma situaçãozinha a estragar o arranjo” e a mãe: “Uma situação?”; “Sim” e contou-lhe, isto e isto. A mãe diz que teve ali uns bons 5 minutos, a mãe e o pai... a engolir aquilo, ‘tás a ver?

P1: Mas quem é a mãe?

P10: A digirir.

P12: Então, não sabes quem é a mãe? É a educadora.

P10: A mãe é a fisioterapeuta.

P12: Não. A educadora de infância.

P10: Não, não. A mãe da M. é fisioterapeuta.

P12: ‘Pera, a M. não é a filha do...

P10: A M. ‘tamos a falar da deza... dezoito.

P8: Não é...

P12: Não é a filha do Dr. R.?

P10: Não.

P1: Não.

P10: A outra.

P1: A outra. [impercetível] É a outra.

P12: Ah!

P10: É filha da fisioterapeuta, ali do centro de saúde. ‘Tá a R. e ‘tá a outra.

P12: Ah, então não sei... então não sei quem é.

P10: E então... ela viu...

P8: Mas foi bom, mas fez bem, fez muito bem.

P10: Sim. Eu aqui... “Em casa vamos conversar”, a miúda, no outro dia, chegou aí, foi ter com o senhor V. e pediu-lhe desculpa por ter dito aquilo, na-na-na-na-na. E o senhor V. disse assim: “Olha, olha, e eu até te tinha em conta, porque tu ainda és da minha família. O meu... o teu pai ainda é meu primo”, na-na-na, “E eu não ‘tava à espera dessa tua reação e tal”. E a miúda... E eu assim: “Então, M., já falou com o diretor... com o senhor? Já pediu desculpa?”; “Já. Até descobri que ele é da minha família”. Mas assim sempre numa... numa...

P12: Pois.

P1: É a atitude mesmo dela, de... narizinho no ar.

P12: Não, não a conheço.

P10: Mas é muito boa. É muito boa aluna.

P1: Ah, sim, a nível de...

P8: É. É marrona, é.

P10: É marrona. Eu acho que ela é marrona.

P8: Espera, espera-se que essa parte [impercetível].

P10: Eu acho que ela... olha, ela tem um problema no cotovelo e a parte da ginástica, aquilo ‘tava... para ela já estava... em transe. Que ela não... aquilo não lhe ia correr bem, não lhe correu.

P1: Eu gosto muito é da M. ... gosto mesmo da forma de trabalhar da M., da outra. A do Dr. R. .

P12: Mas, tipo “O que é que eu posso fazer, o que é que eu posso fazer que trabalho é que eu posso fazer, para superar...

P12: Depois, é [impercetível].

P10: ... a minha dificuldade que eu vou ter na parte prática”. E eu: “Tem calma! Relaxa!”.

P1: Era a outra que tava no outro computador do teu.

P12: ‘Tava ao lado da...

P1: Sim.

P12: ... da outra.

P1: Ao pé do aquecedor.

P10: Mas pronto. Esse pequenito.

P8: Este?

P10: Esse.

P8: Este é um malandro.

P10: É o bonequinho Michelin.

P8: Pá, pá, é malandro.

P10: Não sai de casa... não faz desporto...

P8: Ai não?

P10: Eu assim: “R., você tem que se mexer... senão qualquer dia...”

P8: Mas o miúdo ‘tá a mudar, ele comigo tem mudado...

P10: Ele dizia-me, eu penso que isso... isto foi o ano passado. “Você tem que sair, você tem desporto escolar na escola, pode vir para a escola, praticar. Não tem que ir ao desporto escolar, que não é obrigatório. E você sai de casa e vem para a escola”.

[impercetível]

P10: “Ah, porque a minha mãe diz... a minha mãe sai e diz para eu ficar em casa, que ela... enquanto ela ‘tá a trabalhar...” e tipo fica em casa e joga e não faz mais nada. E ‘tá, tava enorme. Não sei se... se já... agora não sei, não o tenho visto.

P8: Este é um miúdo... Não, ele, ele em termos de “coiso”, ‘tá mais ou menos, ‘tá controlado, não ‘tá... Mas é, malandro como tudo. Curiosamente, trouxe-me agora o trabalho, foi dos primeiro a trazer... Esta miúda veio de Viana do Castelo, oh pá, só a ler... só a leitura, é... apetece dizer assim: “Cala-se toda a gente que agora só a H. é que lê”.

P1: Vai-se cantar o fado! [risos]

P8: Ela a ler... ela a ler é um coisa do outro mundo.

P10: E também parece grande.

P8: Tem de... faz a pontuação toda, lê... E depois tem... nota-se logo a diferença, na, na forma como lê, aí pá, ‘tá...

P12: Tem sotaque.

P8: É mesmo espetacular.

P10: O F. .

P6: [impercetível] esta turma.

P8: Tem a É., que é uma miúda... esta miúda era...

P10: Essa é do Ensino Especial.

P8: ... uma miúda CEI. Mas pronto, não é possível ser CEI...

P1: Isso sempre me fez confusão e vai-me fazer confusão até ao fim da vida.

P8: Vamos, vamos ver se é possível arranjar um CEF que se adeque a... as...

P1: Coitada daquela pequena.

P12: Mas ela é CEI? Ou não é?

P1: Não, não ela não é, mas tem tudo para ser e mais alguma coisa.

P8: Tem tudo para ser...

P12: Não foi diagnosticada...

P10: Mas faz os testes à parte, na mesma, tem os testes adequados.

P1: Não deve ter sido.

P8: Mas o problema é que ela...

P12: Diagnosticada.

P8: Ela já chegou a um ponto em que já não atinge, já não...

P1: Não, não.

P8: Já não vai mais. Se ela em Geografia já me tira trintas... imagina o que é que há de tirar em...

P10: Porque eu... eu, 'tive numa sala a fazer... ver um exame, o ano passado.

P8: Sim. E eu julgo que ela está a fazer... tem testes de consulta a Matemática.

P1: Ela consegue... resolver...

[impercetível]

P10: A I. anda sempre tanto com ela.

P1: Tarefas repetitivas. Tarefas onde ela tenha que repetir os processos, ela consegue fazer.

P8: Ainda bem. Eu acho que a I. prejudica-se nisso.

P1: Tarefas que impliquem raciocinar e ligar... esquece, não chega lá.

P10: Quem?

P8: Mas ainda bem, porque ela também tem um [impercetível] pessoal. E a I. é única pessoa que consegue estar ao lado dela.

P10: Ah!

P8: Eu fiz uma proposta...

P10: Porque a I. também não se dá muito com os outros.

P8: Não, não. E... e eu fiz uma proposta que era para ela não ir a FPS e ir ao pavilhão como [impercetível]. Por acaso, no segundo período esqueci-me de perguntar, porque a F. é que ficou de tratar disso. Sei que a F. ... Ah, mas depois havia um problema qualquer.

P10: Eh pá, mas eu, eu, eu em relação a essa história, também acho que isso é...

P12: Então, mas e a miúda só vai tomar banho uma vez por semana?

P8: Não, a questão é...

P10: Já com a Simone era a mesma coisa.

P8: Mas a questão é tu teres o...o... oh pá, eu não me apercebo, porque eu dou aulas sempre de janela e porta fechada, mas há colegas que dizem que é insuportável 'tar ao pé dela.

P1: É verdade. É verdade.

P10: Eu sei, eu tive-a. Sim, ela foi minha aluna, o ano passado e eu sei.

P1: Na sala... na sala 42, eu passei as passas do Algarve, várias vezes.

P10: Não, mas eu acho é que não temos que ser nós a resolver... essa situação.

P8: Mas o problema é como é que vamos fazer.

P10: Nós temos que pressionar...

P8: É óbvio que deveriam ser os pais e tudo isso.

P10: Eles têm uma casa, normal. O ambiente pode não ser o melhor, mas...

P8: Enquanto os pais não... não estão para aí virados...

P1: Não, mas é assim.

P12: Então e a Comissão de Proteção de Menores?

P8: Mas porquê? Porque cheira mal?

P1: Eu acho que ela já é, acho que ela já é.

P10: Já a S. ... era... andava para aí a tomar banho, era o que fazia.

P8: Pois.

P1: Mas esta, esta é uma situação complicada e que... porque eu acho que... é, tu conheces, P12?

P10: E o pai dela não ganha mal.

P12: Conheço.

P10: A mãe dela tem uma boa...

P8: Eu nem sei quem é a família.

P10: ... A mãe tem um menino...

P1: Mais novo.

P10: O D. .

P1: O D. .

P10: ... com síndrome de Down.

P1: Mais novo.

P10: ‘Tá lá em baixo... ‘Tá lá em baixo no campo de baixo.

P1: É uma senhora que... para mim, tem problemas mentais, para mim, tem problemas mentais. Nunca tive grandes conversas, mas de observar e de ver...

P10: O marido bebe bastante.

P1: A forma... O... E o gajo bebe para caraças. Toma cada bebedeirão, que cai para o lado. E quem...

P12: Portanto a miúda tá entregue a si própria.

P1: ... toma conta...

P10: Não ganha mal.

P1: Mais do que isso, não é entregue a si própria...

P10: Ainda toma conta do outro.

P1: ... ainda toma conta do irmão e ainda vai buscar o pai à tasca. Percebes? Porque eu moro ali no... na... elas moram num beco e eu naquela... na minha rua, vejo-a e muitas vezes assisti, ela a ir buscar o pai à... ao Bar Correia e ele... para poder... para levá-lo para casa.

P12: Pois.

P10: O trio era... É., I. e...

P12: Então e isso não é um caso para a Proteção de Menores? Não me venham dizer que isso não é um caso para a Proteção de Menores.

P8: Nessas situações, sim. Eu não tenho...

P12: Pronto.

P8: Eu penso que ela é acompanhada pela Comissão.

P1: Eu tenho impressão...

P8: Penso eu.

P1: Tenho impressão que ela está sinalizada, mas não sei que tipo de trabalho [impercetível].

P12: Então, olha, comecem-lhe a dar um banhinho...

P8: Eu não falo, porque não tenho conhecimento da...

P1: E, por exemplo, é assim dão-lhe roupa...

P8: [impercetível] muito mais pontual.

P1: Aquela senhora, obviamente, para mim, tem um falha mental qualquer. É...

P8: O L. .

P1: ...Ela recebe roupa dada e...

P10: Quem... é a mãe? Despassarada...

P1: ... da forma que entregas o saco da roupa...

P12: Ela vai deitar fora.

P1: Fica no saco da roupa... Não! Fica no saco da roupa enquanto ela tiver roupa limpa para usar. Quando não tiver roupa limpa para usar, vai lá ao saco, tira uma peça qualquer.

P10: Tu acreditas que ele chegou a começar a minha aula a fazer aquecimento de mochila às costas? Eu assim “[impercetível], tira a mochila!”.

P12: Pois.

P1: Não tem noção de higiene, não tem noção de nada...

P10: Percebes? Este ano, passei ao pé dele a primeira vez [impercetível].

P12: Não, mas eu acho que aí devia haver uma intervenção da Comissão de Menores, da assistente social, da...

P1: O ano passado, era uma cena tão triste [impercetível].

P10: Mas são castiços, estes miúdos são castiços.

P8: São, são.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: O W. é top.

P10: O W. é uma [impercetível].

P8: O W. é top.

P10: Esse é que dá vontade de levar para casa.

P8: Sim.

P8: Este tem uma educação, uma postura...

P10: Irmão do M. ...

P12: É irmão do M.? Ah!

P10: É irmão do M..

P8: Qual M.? Do... M.?

P10: O nosso M., M., que anda aí com um buraco na orelha.

P12: O M..

P8: E porque é que ele fala em brasileiro?

P10: Ele não fala em brasileiro...

P8: [impercetível] sotaque.

P10: Fala meio... ele é... inglês ou o que é que é. Eu acho que a mãe ‘teve lá. Mas é doutro pai, que não o pai do Marco.

P8: Ah, ‘tá bem. Mas é... este miúdo é top. Este é daqueles...

P10: Esse miúdo...

P1: Quem?

P8: Oh pá, tem uma postura... O W. .

P1: Ah.

P12: O quê? Como é que ele se chama?

Vários: W. .

P12: Ah, W. .

P10: Sabes aquela senhora que é a F., uma senhora de idade, da Universidade Sénior?

P1: Sim.

P10: Que teve cancro? Lembras-te?

P12: Não, não sei.

P10: É neto dela.

P12: Pois. O M. conheço lindamente, que o M. foi meu aluno três anos.

P8: Pronto. E esta turma tem...

P10: Não tem nada a ver.

P8: ... tem 85%, três alunos ficavam retidos, mesmo assim provavelmente ainda há aqui algum... que ainda se salva, o que significa que, claramente, é a melhor turma. Os Cês são os melhores de cada ano.

P10: Agora imagina estes bons, que ali a M. é boa, o E. é bom, com uma bela em cima [impercetível] [risos]

P12: Diz-me só uma coisa...

P8: Ah, mas sabes que no ano anterior foi proposto uma coisa dessas e... e houve... uns, uns são favoráveis, outros... Porque é?

P10: Sim, mas...

P8: Porque ficou provado que, por vezes...

P12: Então? Diz, diz.

P8: Que, por vezes, numas áreas... oh pá, eles propunham mudar quem? Era tirar dois...

P10: Mas vocês querem juntar na mesma turma?

P12: Mas olha...

P10: Na mesma turma, não é?

P8: Não, não queremos. Não. Houve alguém que propôs no ano passado no conselho de turma.

P12: Mas propôs o quê? Fazer turma de nível, foi?

P8: Não. Não. Sair... tirar do 9º A, julgo que era o...

P12: Ah, mudar de turma?

P8: O R. e o H. F. e juntava o 9º B, não sei quantos e depois o resto do pessoal... Porquê? Tu não podes pensar só na tua disciplina, tens de pensar no global.

P10: Claro.

P8: E, por exemplo, o A., apesar de ser uma turma difícil, eu acho que ele...

P10: Para ele foi bom.

P8: ... ele vê-se naquela turma. Ele se tivesse no 9º A... Ele se ‘tivesse no 9º A, este ano safava-se, por estar no futsal, mas ele sempre no oitavo ano, se ele ‘tivesse no 9º A, ele seria um cromozito e seria muito gozado. Da maneira como o 9º A é. O tipo de... de estilo.

P12: Agora, deixa-me fazer uma pergunta que tenho curiosidade. Portanto, no... no nono ano, tão a fazer a experiência da coadjuvância na Matemática, não é? E para o sétimo ano... as coisas tão a funcionar normalmente? É um professor, uma turma?

P10: E no oitavo também, não é?

P12: Pois, exato.

P8: Sim.

P12: Não, mas aqui para mim, é mais gritante porque a percentagem de negativas é muito maior, não é? Tu no oitavo não tens esta percentagem de negativas toda.

P8: O que poderá ser jogada.

P12: Diz.

P8: O que poderá ser uma jogada. ‘Tou a brincar! [risos]

P1: Ouve, mas...

P12: Não, porque...

P1: Sem ser a brincar, é que o nono ano tem exame.

P12: Olha e deixa-me...

P8: Não, mas a ideia foi isso, a coadjuvância ter a ver com os exames.

P1: Ah, pronto. É, vamos, vamos ver, vamos apostar.

P12: Vamos trabalhar para os exames.

P8: Agora é assim, os resultados concretos...

P6: É a tal coisa, se não têm as bases de sétimo, não...

P8: Não, não vai.

P6: ... vale a pena porem... é asneira.

P8: É o que... tínhamos dito há pouco, o ideal seria, por exemplo, até pelos resultados que temos aqui no sétimo...

P10: O pior é se as coadjuvâncias depois não resultam entre pares.

P8: No final deste ano seria propormos, para o ano, as turmas de sétimo já tinham coadjuvância...

P1: É isso, é isso que há bocado percebi.

P12: Pois.

P8:... a Matemática.

P10: O problema 'tá aí. Essas coadjuvâncias, se o trabalho entre pares não resulta...

P1: Era isso que eu há bocadinho [impercetível].

P8: É isso, foi isso, isso de alguma forma...

P12: Não, mas por isso o P8 disse [impercetível].

P10: Isto não é só atirar os bichos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas o P8 falou nessa possibilidade da pessoa poder escolher o par pedagógico...

P8: 'Teve-se a discutir, no outro dia...

P12: Para haver um entendimento.

P10: Obviamente... Ok. Faz sentido, não?

P8: Claro.

P12: Não, a mim faz.

P1: Não sei.

P12: Não, porque 'tava a pensar, por exemplo, eu, eu gostava, eu tenho alguma curiosidade em relação a algumas coisas, por exemplo. Já foi feito um balanço sério...

dos resultados que deu a imposição pela escola dos testes de escola a Português e Matemática?

P10: Olha, já tenho dito isso também.

P8: Não tenho...

P12: Porque esses testes quando apareceram, supostamente, era para melhorar o rendimento dos alunos.

P8: Não tenho...

P12: ... E o que a gente vê é que o Português, pelos vistos, não é problemático, mas a Matemática é. E eu já nem sei há quantos anos é que há testes de escola... na escola.

P8: Eu estou cá há 7, portanto, já existia... É assim, eu quando cheguei já, já existiam...

P12: Pronto, eu sei! Mas...

P8: ... nem tinha conhecimento, nunca, nunca vi nenhum, nunca, nunca...

P12: Tenho alguma curiosidade...

P8: ... vi ser apresentado em pedagógico nenhum balanço sobre isso.

P12: Pronto, mas eu tenho... eu pessoalmente tenho alguma curiosidade sobre isso.

P10: Eu quando lá ‘tive, perguntava isso... Não é, até pela minha parte, porque estragamos imenso a nível de desporto escolar... nos moldes em que está feito – é só a única, o único senão para mim. Mas, falei nisso muitas vezes, mas também acho que nunca foi feito essa...

P12: É que eu, para mim, por acaso, eu tenho vários senãos...

P8: Esse, esse... penso que terá que ser feito.

P12: ... e eu não sei... e eu não sei se este... para mim, oh pá, P10, é assim, eu posso ser um bocado paranóica, mas eu também não sei se este insucesso todo na Matemática, se calhar, se também não passa um bocadinho por aí. É que os professores preocupam-se muito com o teste...

P10: À obsessão que se criou.

P12: ... de escola e trabalha-se para o teste de escola e treina-se muito os exercícios que depois a gente sabe que vão sair no teste de escola – não são aqueles, porque depois os números não são iguais – mas a, a mecânica é a mesma.

[impercetível].

P12: E não sei se estão mesmo a desenvolver competências matemáticas aos miúdos. E... porque eu, porque eu tenho a convicção que... eh pá, eu acho que... eu nunca fui favorável aos testes de escola, graças a Deus que nunca se lembraram para a minha disciplina e Deus os conserve a achar que a História não tem importância nenhuma e não precisa de... de estímulos. Pronto. Mas é assim, eu tenho muitas dúvidas em relação à eficácia dos testes de escola e os testes de escola, quando foram criados, a argumentação foi que, havendo testes de escola, havia mais exigência, os professores eram obrigados a cumprir um programa e isso aí que foi... pronto.

P10: Para mim, essa, essa foi a grande...

P8: Ainda bem que estás a falar disso.

P12: E que ia... e que isso ia... e que ia melhorar o desempenho dos alunos...

P10: Essa foi a grande... para mim, este foi o grande impulsionador destes testes.

P12: ... e o que se vê é que, pelos vistos, pelos vistos o desempenho dos alunos não...

[impercetível]

P10: Sim. Eu lembra-me de discussões no pedagógico, porque havia, depois, uma grande discrepância de notas, nos exames. E porque uns tinham dado até aqui e os outros não deram, porque não sei quê, porque não sei que mais. Eu lembra-me disso. Eu penso que isto foi, para mim, essa foi a grande... grande motivação para estes testes.

P8: Sim, eu também ouvi nesse sentido.

P10: O pessoal assim foi obrigado...

P8: Eu ouvi nesse sentido.

P10: ... a andar ao mesmo tempo.

P8: Eu quando ouvi o porquê... Porque eu... eu... [impercetível].

P12: Não, por isso é que eu ‘tou a perguntar...

P10: Mas eu continuo a achar...

P12: ... porque é assim, não somos a única escola a ter testes de escola, também isso é verdade.

P10: Mas vieram depois da nossa.

P12: ... não é nenhuma...

P10: Eu penso que na região, nós fomos os impulsionadores.

P12: Ai, na região não sei. Eu sei que há escolas, sobretudo privadas, no continente, que fazem

P8: Sei que algumas... algumas copiaram o modelo. Há alguma que sim, mas na Madeira, alguma copiaram o modelo, pelo menos lembro-me da F. falar uma vez, no pedagógico, sobre isso. E é normal.

P10: Foi muito útil.

P8: Que os delegados...

P10: ... para o pessoal dessas disciplinas...

P8: Às vezes [impercetível].

P10: ... porque é menos uma hora ocupada com teste.

P8: Não gasta a aula a fazer teste.

P10: Exato.

P8: O teste... porque é assim...

P10: A fazer exame, não é?

P8: Duas coisas em relação à pergunta que fizeste, penso que este ano, obrigatoriamente, terá que ser feito esse balanço, pela equipa de avaliação.

P12: Não, é porque eu acho que é assim...

P8: Não.

P12: É que se... se se chega à conclusão que os resultados não são os que se esperavam, se calhar, é importante repensar isso, porque o teste de escola... olha, mais que não seja, prejudica o desporto escolar.

P10: Não é só por isso.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Mas tem outras... mas tem outras coisas, tem outros contras.

P8: Não, há duas coisas...

P10: O horário que funciona...

P6: Depende, porque é uma tarde que vai à vida... Aqueles que não têm desporto escolar e que queriam [impercetível].

P8: Não.

P10: São dois treinos por mês.

P8: P6! Eles têm...

P10: Dois treinos por mês... quando, atenção, teste de escola. Porque, depois, há o mini-teste antes do teste.

P8: [impercetível] Depois eles têm...

P10: Depois há o mini-teste depois do teste.

P12: Já não quero entrar por aí, P10! Só...

P10: [impercetível] Este teste...

P8: P10!

P10: Há uma ficha, tipo “Olha, querem trabalhar?”.

P8: P10, para além...

P10: ‘Pera, para tentar melhorar, reclamem aqui uma fichinha de exercícios. Depois não ligam patavina. Mas se tu disseses assim: “Está aqui um mini-teste”, eles shh-shh, é logo.

P8: Para além de terem...

P10: Formatados para aquilo.

P8: ... cinco, penso que são cinco...

P10: Olha, tenho que me ir embora.

P8: ... ou seis tempos semanais... apoio, apoio ao estudo de tal, tal, tal, o teste fora de, da sala de aula e mesmo assim, continua a haver reclamações, pelo menos de um dos grupos “Ai, não sei quantos, por isto e por aquilo”. Quer dizer, é aquilo que nós dizemos: “Oh pá, se tu não... continuam a reclamara, apresentam resultados vergonhosos, então acaba-se”. Agora é assim, mas... continuando, é assim, eu penso que a equipa de avaliação interna vai ter que fazer esse balanço, até porque como ‘tamos a fazer um balanço... uma avaliação de tudo o que se passa na escola e vamos ter que dizer o que é que a escola tem, por exemplo, para combater o insucesso, a indisciplina...

P10: Oh P8, aqueles inquéritos, quem fez?

P8: Essas coisas todas, se isto...

P12: Acho que foi o P7 .

P10: Quem fez aquele inquérito?

P8: Foi a equipa.

P10: Não achas que a pergunta “Gostava de ter uma escola nova, mesmo perdendo espaços?”, é um bocadinho tendenciosa?

P8: Não. É, é propositada.

P10: Portanto...

P8: Nalguma ou outra tivemos influência...

P10: Mas quem é que disse que perdíamos espaços... quem é que...?

P8: Perdíamos.

P12: Ah, o projeto.

P10: Mas que projeto, se aquilo nunca foi válido?

P12: Ah!

P8: Não, não, não.

P12: P10, mas...

P8: Projetos posteriores.

Isa: Mas o... tem sido sempre...

P8: O corpo docente posterior.

P12: Tem sido sempre... não, até porque vou-te dizer porque é que...

P8: Perdias [impercetível] o primeiro ciclo.

P10: Eh pá, mas aquilo nunca foi válido, nunca existiu, não passou daquela maquete.

P12: ‘Tá bem, mas se tu tiveres uma escola nova, vai ter menos espaço, até por uma razão.

[impercetível]

P12: ... porque eles vão pegar nas... nas projeções demográficas e tu percebes claramente que tu vais ter uma população escolar muito mais reduzida daqui a meia dúzia de anos – que isso vai ser um berbicacho.

P8: Já há estudos disso.

P12: Isso vai ser outro berbicacho.

P8: Já há estudos disso, há três escolas, já contadas, para fechar. Curral das Freiras, Fajã da Ovelha...

P12: Curral das Freiras, que, por acaso, é a melhor escola do país. [risos]

P1: Sim, sim.

P8: Sim.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Fajã da Ovelha e a até, na altura, falou-se no Porto Santo, mas... depois, lembraram-se que era o Porto da Cruz. ‘Tou a falar a sério. Portanto, estas três escolas... foi falado numa reunião e tiveram...

P12: Não, é porque...

P8: Não foi através daqui, foi através de uma direção da Madeira que eu soube. Essa questão, a equipa...

P12: Não, eu acho que se podia ter feito a pergunta se outra forma...

P8: Não e...

P12: ... mas... mas, mas percebo, mas acho que...

P8: É assim todos... todos os inquéritos estão feitos... a direção não teve... patavina, não viu o inquérito. A única vez que tiveram acesso ao inquérito foi agora porque pedimos... Ah e essa questão...

P12: Para divulgarem junto dos professores.

P8: Essa questão do teste escola, penso que tem lá uma questão sobre o teste escola [impercetível].

P12: Tem, tem, tem, tem qualquer coisa. Tem [impercetível].

P8: E que também... e que também vai de encontro a isso, que é para as... para nós percebermos, afinal, qual é a opinião da escola, que resulta, não resulta? Se não resultar, vale a pena repensar.

P12: Não, eu acho que era importante haver... é assim, eu tenho esta posição...

P8: Em relação à...

P12: ... mas se me provarem, por $A+B$ que aquilo realmente tem dado bons resultados. Agora, eu, a minha convicção, é que, pelo menos a nível da Matemática...

P10: Pois, os bons resultados disso é o descrédito das outras coisas que funcionam ao longo do... do ano. Acho que é um bocadinho... 'tar por, hoje não se dá aquilo, porque temos que fazer...

P8: Sim.

P12: Pois e... Pronto, e depois é esta ideia...

P8: P10! Mas eu percebo, eu percebo... eu percebo a tua pergunta, provavelmente...

P12: ... muito Nuno-Cratista, que o que interessa é o Português e a Matemática e o resto é paisagem.

P8: Provavelmente...

P10: Sim, sim.

P12: Enerva-me muito, mas pronto.

P10: Ainda aqui há dias, tivemos uma, uma situação dessas, eh pá, não foi comigo, mas, tipo, fazer o teste de prevenção rodoviária, por exemplo, e acharem que, na hora de, que os alunos iam ter Música, podia ser feito nessa hora.

P12: Ah!...

P10: E foi feito.

P8: Então...

P10: Não foram pedir numa hora de Português, nem de Matemática, nem de outra disciplina. Foi numa hora de Música. Portanto, o meu filho – neste caso foi a turma do meu filho, que não teve Música...

P12: Para fazer o teste da prevenção rodoviária.

P10: Para ter a prevenção rodoviária. Que eu, por exemplo, por acaso, nem, nem sabia que o meu filho ia participar nesse teste e só soube, depois, quando me disseram: “Olha, ele ganhou, é para saber se autorizas ele ir ao Funchal”. E eu: “Ele fez uma prova de prevenção rodoviária? Ah, ok”.

P12: [risos] “Eu achava que ele ‘tava a...”.

P10: “Então, mas ele não teve Música?”; “Ai, não, foi...”. Portanto...

P8: Sim, há...

P10: ... isto mostra... a opinião.

P8: Mas em relação à questão que tu colocaste, provavelmente, essa será a opinião que 90% dos professores vão ficar.

P10: Desculpa, a opinião?

P12: Que a pergunta é tendenciosa.

P8: Aquela questão do... de...

P10: Ah!

P8: É tendenciosa...

P10: Por acaso, quem me chamou à atenção para isso... foi o P4. [impercetível].

P8: Não. É tendenciosa, mas não é feita... É feita...

P12: Não é inocente.

P8: Não, sim! Mas feita propositadamente pela equipa, porque nós tínhamos conhecimento que a escola seria reduzida. Em termos de espaços. Aí é que... os alunos responderam exatamente à mesma questão. Se... se preferiam ter uma escola, “coiso”... Agora, o resultado que sai dali, para nós é assim, há lá perguntas que o resultado daquilo é zero. No meio daquelas perguntas todas, há coisas que nós vamos retirar e vai ser importante. Tu perguntares a um pai...

P12: Ah, sim, a opinião das pessoas sobre a escola nova ou velha, isso a Secretaria... fará sempre o que entender... e não...

P8: Pois. Deita para o lado. É como... porque é que o meu grupo... nós, noutro dia, estávamos reunidos quando nos pediram a opinião sobre ofertas formativas, essas coisas todas e não sei quantos. Quando chegou à minha vez de perguntar, eu disse: “Eu não me

manifesto. Se a Secretaria não quer, não quis saber a minha opinião, porque é que a vai saber agora? Isto é treta, isto é só para ‘tar em ata que ouviram os parceiros...

P6: Exatamente.

P8: ... Portanto, eu não tenho nada a manifestar, não tenho... mas não tenho ofertas, nem tenho nada para dizer” e... e... e não dissemos. Mas foi uma opinião pessoal.

P10: O... o inquérito, possivelmente, é muito idêntico ao que nos chegou... os alunos levaram para casa, para preencher.

P12: É.

P8: Para os pais. Há uma primeira parte, até à questão 10, 12, penso eu, é igual. Depois há questões de... e agora está a ser feito um dos funcionários, que tem questões também direcionadas, mas para a vertente da parte deles. Agora, a equipa ‘tá a trabalhar completamente... provavelmente, ninguém vai pensar, que teve a ver alguma influência com a direção [impercetível].

P10: Não.

P8: Não, mas eu percebo. Essa pergunta...

P10: Pareceu-me tendenciosa.

P8: Até houve questões ali que deu muito gozo. Quando estavam a ser... “Oh pá e se disséssemos assim e assado e não sei quantos” e a sorte é que ‘tava lá o P7, que, na minha opinião, é... é claramente... Não, porque ele é... que, inclusive, foi aquilo que eu... eu acho que o P7 é que devia de ser o líder da equipa. A M. J. [PCP] é que aceitou, porque a M. J. [PCP] também nunca sabe dizer que não... Depois não tem tempo para as coisas e... Mas é uma opinião pessoal.

P10: Há pessoas que gostam de ser líderes.

P8: Não, mas isso já lhe disse. Eu disse, olha, até porque é assim, o P7. não teve nenhum cargo – já teve – mas não teve nenhum cargo...

P12: E o P7 tem uma formação em Gestão Escolar, apesar de tudo é um bocadinho diferente.

P8: E tem formação... e depois, ele já...

P12: Tem...

P1: É uma pessoa terra-a-terra.

P12: Não é...

P8: Já foi coordenador, coordenador [impercetível].

P1: Bom senso...

P12: Não é desprestigiar quem não tem, mas a verdade é que...

P8: [impercetível] E nós sendo coordenadores... Exato.

[impercetível]

P8: E nós sendo coordenadores, de certa forma estamos sempre... Não é bloqueados, mas estamos sempre limitados... “Ah, mas eu tenho acesso a isto, ah eu tenho...”. E não, ele era quase uma visão externa da coisa.

P10: Não, ele é muito...

P8: É! E é para trabalhar...

P12: E o P7 saiu da coordenação de ciclo, porque quis.

P8: Sim, sim.

P12: Não foi porque não o quisessem lá, ele saiu de...

P8: Não, não, ele... Não, isso já conversámos sobre isso, ele próprio disse.

P12: Foi na altura que ele foi fazer o mestrado.

P10: Não, eu penso que coincidiu também com a altura... o P7 tinha um...

P12: Possivelmente, também.

P10: E que ele teve algum tempo fora.

P12: Pois.

P10: Eu acho que também coincidiu com essa altura.

P12: Pois, mas pronto. Bem, quer dizer, a gente hoje esticou-se outra vez... Acabámos por não fazer mais nada...

P1: Olha, foi muito interessante.

P12: Pronto, olha, ainda bem. Se... eu acho que... sobretudo o que é importante é...

P10: Olha, não é o... o único elemento – eu não sou racista – mas como é único elemento masculino, ele devia ser obrigado... O único gajo aqui, é ser ele a apresentar... todas as semanas, ele tem que ter um tema.

P8: Não. Aquilo que me preocupa, neste momento, é que o pedagógico é uma seca.

P10: É isso ou pagar o jantar.

P8: [impercetível] um gajo tem que ir ao pormenor, porque é no pedagógico que se aprovam as coisas e não sei quantos.

P10: Pois, mas se calhar, é um bocadinho perder tempo...

P12: Não, mas eu acho, acho que há aqui coisas que era importante pensar e acho que uma das coisas que tem que ser pensada é...

[impercetível]

P12: Nalgum... Olha, eu, por exemplo, eu há... Eu não sou adepta de turmas de nível, agora há uma coisa... há um projeto que eu acho que é interessante – eu não sei se esse projeto ainda existe e eu cheguei a falar nele ao F. [PCE], que eu tive conhecimento na altura que eu fiz a Oficina de Formação do MEM, já em 2000 e troca o passo – que é o Projeto Fénix, que eu acho que era muito interessante para aqui para a escola.

P10: Fénix!

P8: Nós aqui seria Fónix.

P12: E... pronto, porque...

P10: Mas olha que a malta do continente, quando – o pessoal com quem eu tenho falado – quando falam desse Fénix, dizem assim “Fónix!”.

P12: Pois, mas é assim, eu, na altura, quem falou disso foi uma colega que ‘tava em São Vicente e, para, esse projeto tem um grande mérito, porque é assim, nós só nos preocupamos aqui com o insucesso e com as negativas e com isto e com aquilo e... a... eu acho que esta escola – e isso foi uma das coisas que eu respondi no inquérito, que vocês perguntam se acha que a escola tem um ambiente que fomenta a aprendizagem, não sei quê – eu acho que esta escola nivela por baixo, completamente, e acho que há muitos miúdos aqui que podiam ser muito melhores alunos...

[impercetível]

P12: ... se... fossem... E esse Projeto Fénix faz diferença... é assim, é uma diferenciação fora de sala de aula – os miúdos são tirados da turma, para ir para outro espaço – mas é assim, mas é uma saída periódica e é uma saída que serve para todos. Serve para os que precisam de ir, porque ‘tão com alguma carência e precisam de ir recuperar, mas também serve para aqueles que podem ir mais longe e que na turma... e quando... e a gente a trabalhar para o chamado aluno médio – que é aquilo que noventa e muitos por cento dos professores, fazem, não é? – a gente acaba por não lhes poder dar as coisas que sabemos que, que...

P10: Olha...

P8: E responde-me a duas questões.

P12: Sim.

P8: Primeiro: isso implicaria dares... dar formação a esse conselho de turma? Sim ou não?

P10: Formação [impercetível].

P12: Eu acho que não. Não.

P8: Formação no sentido...

P12: Não, eu acho que não. A ideia...

P8: Ou, então, tu, como líder desse projeto – imagina que eras escolhida para líder – ias escolher...

P12: Eu não sei se o projeto, sequer, tem um líder, porque aquilo, aquilo consiste...

P8: Não, mas imagina que eras a diretora de turma. Terias ou não escolha da tua... da tua equipa de trabalho? É porque é assim, eu se me passarem um projeto para a mão...

P12: Mas aquele não é... Eu, eu tenho ideia, é assim, eu conheço muito mal o projeto, mas eu tenho ideia que aquilo não é nenhuma coisa em especial. É assim, tu tens a turma, tens a turma mais, que é as que vão para o Projeto Fénix. ‘Tá no teu horário e tu sabes que vais trabalhar com... hoje trabalhas com o M. e com a M. e com o não sei quê. Eles vêm com o diagnóstico feito, exatamente as dificuldades que eles têm, tu sabes... ou, se não é um aluno com dificuldades, tu sabes que é para trabalhar com ele a um nível mais, pronto, mais exigente. E tu geres o teu trabalho num... pronto, e depois quando consideras que um aluno deve voltar à turma de origem, ele volta.

P8: Sim, mas isso, isso a própria legislação já permite [impercetível] 2014, fala da formação de grupos [impercetível] temporários.

P12: Pronto, mas esse Projeto Fénix é isso.

P10: Olha, [impercetível] criar salas de estudo...

P8: Diz.

P10: ... no sentido de melhorar esses alunos que são bons...

P1: Ora bem.

P10: [impercetível] Criar salas de estudo onde a gente vai buscar aqueles bons alunos das turmas e vão para ali, juntos...

P8: Ensiná-los juntos.

P10: Não, não.

P8: Não?

P10: Sozinhos com professores para trabalharem mais. Não ‘tou a dizer avançar na matéria.

P8: Sim, sim, sim.

P10: Mas...

P8: Não, não.

P12: Mas sabes qual é o problema das salas de estudo, P10? Que eu acho. E... e que este projeto não tem, é que é assim, é que a sala de estudo o aluno vai se quiser.

P10: Não, mas... Sim. Sim. Vai se quiser, não.

P12: E este projeto...

P10: Aqui, vai a partir de uma certa altura, se tem negativa vai obrigado.

P1: Agora é, agora é.

P8: Ah, mas tem [impercetível].

P12: ‘Tá bem, vai obrigado, porque nenhum deles é meu filho!

P10: Ai, é como o... Sim!

P8: Está na legislação.

P10: Não, obriga. Obriga, quer dizer...

P8: Está na legislação.

P12: ‘Tá?

P8: É uma das... P10, também temos um problema...

P12: Mas é assim... mas, pronto, mas podes...

P8: ... o próprio grupo de Matemática, lançou... trouxe agora uma ideia ao pedagógico, que ‘tá na súmula do pedagógico, que é contra isso e que só deveria... só deveria...

P12: Frequentar as salas de estudo quem quer.

P8: ... frequentar obrigatoriamente aqueles que tivessem nível 2, julgo eu, ou... Ou seja, quem tivesse nível 1, seria dispensado.

P10: Não, e sabes porquê? Porque eu sei que há casos de miúdos que são bons à sala de estudo – e eles vêm – porque, se calhar, a mãe até...

P8: São os pais. No segundo ciclo nota-se mais isso.

P10: ... ‘tá a trabalhar e precisa de o mandar. E o miúdo até vem para aí – são todos fraquinhos, o miúdo até é bom, pronto – e ali acaba por...

P8: Sim, sim, sim.

P10: ... por estar... estão ali, nem aprendem os que têm dificuldade, nem melhora... nem, nem fica melhor aquele que já é bom. E, se calhar, se ‘tiverem lá todos naquele nível dos que gostam de aprender e gostam... e querem mais, de se tentar – pá, isso também dá horários, não é só para os coitadinhos.

P8: Eu concordo, eu concordo com isso.

P10: E a gente sugere...

P8: Eu concordo com isso, ainda por cima, ainda há pouco tu deste um bom exemplo. Eu acho que ao A. faltou-lhe alguém ali para... para lhe dar luta, por exemplo, ou...

P10: Por exemplo, houve alturas que havia salas de estudo à noite. Eu lembra-me da altura da...da...da miúda do H., que era uma miúda...

P12: A S. .

P6: Sim.

P10: A miúda vinha à noite para usar da sala de estudo. Pá, agora um miúdo que vem, ‘tá com os alunos, com os colegas que não sabem, pronto, ‘tão com as dificuldades, ele acaba por ficar ali...

P8: Sim. [impercetível]

P10: O professor não consegue... ou trabalha [impercetível].

P8: O A. [CC1] farta-se de reclamar isso do segundo ciclo, teres a turma toda ali...

P10: Não dá.

P8: Os pais inscrevem, alunos de nível 5 vêm ao apoio [impercetível].

P10: Não dá... não dá.

P8: Para quê? E alguns [impercetível].

P12: Não, eu dar apoio acho que não. Mas acho que se devia começar também a pensar numa estratégia de...

P8: Mas isso, mas isso é possível.

P12: Pá, de elevar um bocadinho o nível.

P10: Não, é trabalhar.

P12: Porque eu acho que a gente...

P8: Mas isso é possível, isso é possível, é assim, eu penso que têm que ser feitas propostas, eu penso que é possível, quando é que vai estar cá o Papa?

P12: Quando é que o quê?

P8: Vai estar cá o Papa?

P12: Oh pá, vou estar daqui a bocadinho, mas eu não trato de assuntos de serviço em casa. Não, mas eu... olha, mas eu na altura que eu conheci este projeto, eu cheguei aqui e disse logo. Acharam que não...

P10: Olha, eu lembra-me aqui há uns anos, uns valentes anos, ‘tava a S. do H. no oitavo ou no nono e ela foi aluna do P4, da direção de turma. E o P4 fez uma proposta para se fazer um plano...

P8: Plano de Desenvolvimento.

P10: ... de desenvolvimento da aluna. Passaram-se.

P8: Eu propus isso ao A. e blu-blu-pe-pe-pe-pe.

P12: Pois, é... Pois é, porque as pessoas...

P8: Eu propus...

P12: Parece que têm uma coisa contra os bons alunos...

P8: E sabes o que é que eu propus?

P12: ... gostam muito dos bons alunos, mas é assim, bom, mas até um certo patamar.
Depois [risos]

P10: Agora, diz-me...

P8: Eu [impercetível].

P10: P12, o aluno é bom, é bom, trabalha bem...

P12: Aqui desmotiva.

P10: Desmotiva.

P12: O miúdo desmotiva.

P10: Vai para a sala de estudo, porque a mãe até o mandou e chega ali e... acabou um exercício, acabou aquele exercício, eu não tenho que ter já outro para lhe dar? Já sabendo o aluno que é? Não, fez aquele, já está ali. “Ai, acabou, o V., já quer mais, já me ‘tá a interromper! Já está a chatear”, porque incomoda, porque já ‘tá a pedir mais. E não sabe estar.

P6: Eu cheguei a ter [impercetível] diferentes para trabalhar...

P10: Nós já tivemos miúdos assim. E vamos tê-los mais ainda, portanto, eu acho que devia de haver uma salinha para irem esses miúdos. Não é terem que ir para a sala de estudo com os outros colegas, coitados, que não têm culpa, mas ainda não sabem [impercetível].

P12: Não, eu acho que... eu acho que temos que...

P10: Porque o professor que ‘tá com essa gente não dá a melhor resposta, a melhor resposta...

P8: Lá ‘tá, não consegue.

P12: Não. Eu acho que a escola...

P10: [impercetível] Se calhar, uma sugestão assim fora de... “coiso”, é... os alunos sem Moral, por exemplo, os professores que dão sala de estudo deviam ter nessa hora e davam sala de estudo a esses alunos.

P8: Ao menos rentabilizava-se alguma coisa.

P10: Pronto.

P12: Não, eu acho que devia-se... tem que se pensar numa...

P10: Porque é uma hora inútil...

P12: ... numa solução para estes pequenos...

P10: Inútil.

P12: Porque... porque eu acho que aqui que... eu cada vez noto que se puxa mais para baixo.

P10: Desmotivam, eles perdem o interesse... há miúdos que precisam de fazer mais, outros já chega.

P12: Os miúdos com competências acabam por chegar a uma altura que, também, encostam à *box*, porque já perceberam que não precisam...

P10: E precisam de outras coisas...

P12: ... de fazer muito para. ‘Tás a ver?

P10: Sim! E chegam ali a um ponto, eles precisam de ter outros horizontes...

P12: Claro.

P10: ... de verem outras coisas. E se eles têm capacidade para isso, porque é que não?

P12: E é assim...

P10: Nós não somos capazes de fazer isto? Eu acho que sim.

P12: Oh pá, pronto, eu... É assim, eu na minha disciplina tento dar-lhes essa possibilidade através dos projetos, eles fazem...

P10: E isso também dá horários. P8, isso também ia dar uns horários valentes.

P12: Mas... mas...

P8: Mas expliquem-me uma coisa...

P12: Explico-te.

P10: Isto somos nós a sonhar. Somos nós a sonhar.

P8: Estamos cá só cinco e sei que vai ficar cá dentro, mas estás-te a candidatar à direção?

P10: Mas temos uma boa influência.

P12: Olha, é que ‘tás muito enganado. Se alguém... olha, se alguém pensa...

[impercetível]

P12: Olha, vou-te dizer uma coisa, se alguém pensa que eu tenho essa ambição, muito honestamente, não tenho.

P10: Qual ambição? Não ouvi.

P12: De ir para a direção executiva.

P1: Ai ela não tem.

P12: Não tenho, de todo! De todo! Até por uma coisa, porque o que eu gosto, na minha profissão, é dar aulas.

P6: Ora bem. Nem mais.

P12: E eu vou para ali, não dou aulas.

P10: E quem for para ali...

P12: E depois de tanta coisa, eu gostava de dirigir uma escola, mas era assim, saía-me o Euromilhões... Por isso é que o F. [PCE] diz: “É por isso que não te sai, Deus não dá o Euromilhões a estúpidas”.

[risos]

P12: Porque eu digo sempre: “Se me saísse o Euromilhões, pá, eu pegava no dinheiro, formava... fundava uma escola, uma escola para pôr a pedagogia, o modelo pedagógico do MEM”.

P8: O modelo *Fónix*.

P12: Desde o... desde o pré até ao décimo segundo”.

P8: Ou o modelo DASS.

P6: Do MEM.

P12: Não, com o modelo do MEM. E com bolsas de estudo, portanto, era uma escola privada...

P8: O modelo MEM.

P12: ... quem pudesse pagar, pagava, os miúdos que não podiam pagar, havia bolsas de estudo, para eles puderem estudar até ao fim do décimo segundo ano.

P8: Mas o modelo do MEM já exige... Tu tinhas que criar era um modelo que não tivesse o nome do MEM. O DASS ou...

P12: Pronto. E o F. [PCE] diz: “Pois, por isso é que não te sai o Euromilhões, Deus não dá... Deus não dá o Euromilhões a estúpidas”. [risos] “Ir gastar o Euromilhões numa coisa dessas”. Porque eu acho que é assim, as pessoas têm ideia, eu acho que as pessoas têm ideia que quem ‘tá lá em baixo manda muito...

P6: Não [impercetível]

P12: Não, mas tem. Há muita gente que tem. Há muita gente que tem, que acha que ‘tar... E eles são funcionários e fazem o que a secretaria manda fazer e a margem de manobra é muito pequena.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Portanto é assim, nem podem... Eu, dirigir uma escola, que eu não posso escolher os funcionários?! Não posso escolher os professores?!

[impercetível]

P12: Os alunos eu não me importo de não os escolher, agora eu não posso escolher os funcionários?!

P10: Já viste o trabalho que está aí?

P12: Qual trabalho?

P10: Ir para ali para uma direção, o trabalho...

P12: Não, porque... porque as pessoas têm ideia que aquilo é um lugar de... manda. Manda, o tanas! Quer dizer, se tu fores tipo tiranete, chegas lá baixo e tens a... como há escolas, que andam a controlar se tu entraste um minutos antes, um minuto depois e atazanam-te. Pá, tens esse poder, mas é assim isso para mim não é um...

P6: De quem é aquele caderno?

P8: É dela.

P6: Ah, ‘tá bem.

P12: ... poder interessante. Portanto...

P10: Mas, por exemplo, naquilo que eu ‘tava a dizer, até podiam ser postos nessas tais salas de estudo para esses miúdos, miúdos de, imagina, estou a falar para o quinto e para o sexto ano. Miúdos de quinto e sexto ano, isso nunca vai dar esses bons alunos...

P6: Mas é a tal coisa, isso existe, inclusivamente, nas... As editoras têm... Mas é a tal coisa, a gente, a escola não tem... acesso, depois, para fazer isso.

P12: O quê?

P6: Porque, poder pôr mais trabalho... aquilo que eu fazia com os meus. Eu fiz uma tabela, quem já acabou...

P8: Não, já há. Há o Plano de Desenvolvimento.

P6: Ah, pois.

P8: Os professores é que não querem fazê-lo.

P12: Olha, mas eu não tenho...

P8: ‘Tá aprovado.

P12: ... eu não tenho conhecimento dessa coisa do Plano de Desenvolvimento...

P6: Para os bons alunos.

P8: Eu propus, há dois anos, houve duas ou três pessoas que manifestaram... Eu até propus e fui sincero, eu não é tanto pelo aluno, é que eu que nunca participei no Plano de Desenvolvimento, eu gostaria de ver como é que faz. Até fui eu que desenvolvi...

P12: Tenho que falar contigo melhor sobre isso, porque eu não sabia que essa possibilidade existia.

P8: Oh pá, eu fala uma, duas pessoas, inclusive, o D. estava lá. Ela já participou num plano, ela disse: “Olha, tudo bem”, mas depois também levanta-se um problema... não sei se foi a P1 que falou uma vez do A., fazer um e em que os pais disseram que...

P1: Sim, sim, sim.

P12: Que não queriam?

P8: ... o “coisa”... Opôs-se, por exemplo, a que se acrescentassem trabalhos, por exemplo, para o filho. Ou seja...

P1: Porque é assim, na minha disciplina, o A. não era... nada do que é nas outras.

P12: Pois.

P1: Sabem que o A. e as máquinas, esquece, não é?

P6: Esquece. Pois, exato.

P1: Ele só, só de pensar que vinha ligar o computador... Eu vi o A. um dia em pânico!

P12: Tudo o que não depender dele, dele próprio.

P1: Mas em pânico!

P8: É.

P1: Em pânico, em pânico, porque não encontrava o trabalho que tinha acabado...

[impercetível]

P12: Olha, tinha trazido um bolo para o lanche e a gente não lanchou.

P8: Na boa. O...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Isso faz parte. Olha, isso faz parte. Uma vez, o Belmiro de Azevedo...

P10: É bom sinal ou então estamos a ficar maluquinhos. [risos]

P8: O Belmiro de Azevedo, numa entrevista, um gajo de 18 e um gajo com média de 11, para a Sonae e ele, ele escolhe o gajo com a média de 11. E eles dizem, mas como é que é possível? Normalmente, ele interessa-lhe...

ANEXO V M
TRANSCRIÇÃO DO SEMINÁRIO DE 24.05.2016

P12: Pronto, colegas, então, hoje, durante a primeira parte, vamos ter a colega R., que nos vem apresentar um trabalho sobre Processos de Implementação de Autoavaliação na Escola. Queria começar por agradecer à R. a disponibilidade para vir aqui colaborar connosco, este bocadinho. E penso que, apesar de ser um tema que não tem muito a ver com, não tem diretamente a ver com práticas de sala de aula, achei que era interessante ouvirmos esta comunicação, até porque acho, na minha perspetiva, acho que, felizmente, a nossa escola já tem um número razoável de professores que fizeram ou estão a fazer pós-graduações e acho que é sempre bom, mais que não seja, para sabermos o que é que os colegas fazem. Acho que é sempre bom que esses trabalhos sejam divulgados, de maneira que, passo-te a palavra. Quando quiseres...

R.: Pronto, também, obrigada pelo convite. Portanto, faz agora dois anos que foi apresentada a dissertação de mestrado. Portanto, foi o *Processo de Implementação de Autoavaliação na Escola: contributos para a sua definição*. Numa altura em que se fala tanto de qualidade dos serviços, eu dei por mim a pensar antes de, de fazer o mestrado, como é que se avaliava a qualidade do serviço prestado por uma escola. E, entretanto, ao longo do mestrado foi surgindo, então, a avaliação externa e a avaliação interna... Isto já foi em 2012, que eu fiz. Portanto, há 10 anos atrás já tinha sido publicado um decreto-lei que é 31/2002, que falava da obrigatoriedade da avaliação externa e da autoavaliação, ‘tá bem? Há ali alguma, alguma dificuldade em distinguir a avaliação interna, autoavaliação e eu vou falar sempre em autoavaliação. E, relativamente à Região Autónoma da Madeira, portanto, não existia – e, neste momento, já se começou, já avançou o processo da avaliação das escolas – mas, na altura, ainda não havia nada e eu cheguei a contactar a Secretaria, para saber até que ponto, como é que estariam as coisas. Eles diziam que ainda estava em estudo, mas que não tinham nada para me dar e não estava a ser implementado nas escolas. Portanto, o que eu quis fazer e pensar, foi se, no caso, na eventualidade, no futuro – já que no continente os processos já estavam a decorrer – se viesse a ser obrigatório aqui na Região, como é que os professores acham que deveria decorrer esse mesmo processo, aqui na escola. Portanto, podia ter incluído – porque depois nós vamos ver que ao nível das equipas de autoavaliação que se pretende que façam parte elementos da comunidade educativa, não só professores – mas eu optei por trabalhar só com os professores. Somos nós que lidamos com os miúdos, temos perceção dos vários campos de organização da escola e, então... foi por isso que os escolhi. Ao nível do problema, portanto, quais são as perspetivas dos docentes sobre a

autoavaliação da escola e potencialidades de atribuir a promoção da qualidade e como é que deve ser implementado o processo de autoavaliação da escola. O que é que me interessava saber? Conhecer as opiniões dos docentes sobre as potencialidades da autoavaliação, identificar como é que poderia se proceder à implementação e recolher propostas de estratégias a adotar para o desenvolvimento de uma cultura orientada para a autoavaliação. As pessoas estão habituadas a dar opinião, a criticar e eu acho sempre que nós vamos ver que a autoavaliação, existe uma avaliação, mas o grande objetivo da autoavaliação não é simplesmente dizer o que é que está bem, o que é que está mal. É simplesmente pegar nessa informação e definir estratégias de melhoria. ‘Tá bem?... Ao nível do enquadramento teórico, como estamos a estudar avaliação – eu daqui a pouco já vos falo de cada um deles – quando falamos em avaliação, vamos vendo que nos aparece uma série de conceitos: descentralização e autonomia; porquê avaliar as escolas; qual o significado da avaliação; qual é a distinção entre avaliação interna e externa; amigo crítico; escolas que aprendem; participação e capacidade interna de mudança; como é que se movimenta e quais são – e é muito importante percebermos, percebermos também quais os constrangimentos que podem surgir, ‘tá bem? E pegar em estudos que já foram feitos, também, noutras escolas, nacionais e internacionais, e ver, também, quais são as dificuldades que as pessoas foram encontrando. Foi-se verificando... que o Estado apresentava alguma incapacidade em gerir os problemas que iam acontecendo nas escolas e, então, houve a necessidade de passar para as escolas, transferir para as escolas a capacidade de gerir esses mesmos problemas. Então, começou a surgir um conceito, que era a descentralização, ‘tá bem? Então, saiu o Decreto-Lei 115-A em 98, que assumia que a escola era o centro das políticas educativas. Aas escolas é que sabem o que é que lá se passa, então, vamos, vamos definir as políticas educativas, com base na experiência e na realidade das escolas. E, então, houve então a tal transferência para as escolas, para tomarem decisões ao nível estratégico, ao nível pedagógico, administrativo, financeiro e organizacional, com base na realidade da própria escola. E começou a surgir, também, o conceito, associado à descentralização, da autonomia das escolas, ‘tá bem? As escolas serem autónomas do poder central. Portanto, neste caso, acaba por a autonomia não ser, eu não quero ser autónoma, a escola não vai ser autónoma, só para ser autónoma e para ter lá o título de escola autónoma, mas sim para ser autónoma para melhorar a qualidade. Eu tenho que... uma escola tem que meter na cabeça que, a partir do momento em que decide – no nosso caso há a Secretaria Regional de Educação – nós queremos ser mais

autónomos, então, nós queremos melhorar a qualidade da nossa escola, porque nós é que sabemos os problemas que aqui há, aqui acontecem. E, muitas das vezes, os problemas que aqui acontecem, a Secretaria não é capaz de dar resposta. Olha, se quiserem saber alguma coisa, podem interromper, ‘tá bem? Eu não gosto de falar sozinha [risos]. Com a canalha, eu vou sempre fazendo perguntas, mas aqui eu ‘tou a apresentar, é mais complicado. Depois, em 2001, sai, também, um novo decreto, Decreto-Lei 6/2001, em que nos dá a possibilidade e passa a bola às escolas, para as escolas definirem o currículo, tá bem? E foi quando se começou a falar do projeto curricular de escola e o projeto curricular de turma, PCT e o PCE... Em 2008, temos um reforço do regime de autonomia que já tinha saído em 98... e aqui especifica que o reforço da autonomia tem que resultar numa melhoria do serviço público da educação, dá mais responsabilidades aos diretores das escolas, responsabiliza outros atores pela qualidade da escola, não só os... os órgãos de gestão, mas também os professores, em geral, nas questões intermédias, também. Só que, a partir do momento que nós queremos ser autónomos, nós também temos que ser responsáveis. A partir do momento em que uma escola diz que quer ser autónoma, não significa que não tem que prestar contas, continua a ter que prestar contas. E como é que o Estado garantiu isso? Utilizou os chamados instrumentos de autonomia. Esses instrumentos de autonomia, portanto, as escolas que quisessem ser autónomas, tinham que apresentar o relatório anual de atividades, a conta de gerência e o relatório de autoavaliação. Isto foi um problema... como é que as escolas faziam autoavaliação? Tentou-se procurar, ao nível internacional, o que é que já havia feito, tentou-se adaptar, ‘tá bem? Eu não trabalhei nenhum modelo de autoavaliação específico, fui vendo vários, como é que eles funcionavam, ‘tá bem? Mas isto agora, mesmo quando uma escola está a procedera ao processo de autoavaliação – foi o que aconteceu agora, aqui na escola – neste caso, não se utilizou nenhum modelo específico. Portanto, pensou-se no que é que se poderia avaliar e orientaram-se as questões para esse efeito... Em 2002 sai, então, o Decreto-Lei 31/2002, em que nos fala qual é a importância da avaliação e para que é que serve a avaliação. Para promover a melhoria da qualidade do sistema educativo, quero ter informações sobre como é que o sistema, como é que o sistema funciona; quero garantir que existe sucesso educativo; permitir as ações e processos de melhoria da qualidade do funcionamento [impercetível] da escola; quero sensibilizar para a participação ativa no processo educativo – todos são importantes, ‘tá bem? – interessa-me a participação de toda a gente na escola, para melhorar a qualidade; garantir a credibilidade junto, mesmo

no meio da comunidade, no seio da comunidade, interessa-me que, a partir do momento em que eu avalio a escola, que as pessoas tenham confiança na avaliação que eu fiz; valorizar o papel dos vários membros da, da comunidade, promovendo uma cultura de melhoria e, finalmente, para estudos nacionais e internacionais de, de comparação, ‘tá bem? Ao nível da... da Região, temos o regime de autonomia em que não, em que nos fala, não trabalha muito a questão da avaliação, diz-nos só que procura um quadro de descentralização – também quer descentralizar a própria Secretaria – e consequente autonomia das escolas, numa perspetiva de decidir como e não sobre. Portanto, eles automaticamente já estão a dar espaço às escolas para terem a sua autonomia, ‘tá bem? Mas não, não, não implementaram os instrumentos de autonomia, tal como ao nível nacional.

P12: Ó R., deixa-me...

R.: A partir... eles confiam mais em nós [risos].

P12: É, só queria fazer-te uma pergunta.

R.: Diz-me.

P12: Não só não implementaram esses instrumentos, como – e corrige-me se eu tiver enganada – eu penso que neste momento o sistema de gestão das escolas no continente é bastante diferente do nosso.

R.: Está. Tem algumas alterações. Tem, tem, algumas diferenças. Na altura, nós fizemos até a comparação e são, ainda são grandes.

P10: Sim. R., desculpa.

R.: Diz.

P10: Eu vou à comunidade educativa e nós temos tido várias reuniões já há 2/ 3 anos, ou mais, se calhar, onde são apresentadas as contas de gerência e o plano de atividades.

R.: Pronto, mas eles não definem isso no documento.

P10: Não há é o tal relatório de autoavaliação.

R.: Sim. Porque, o conselho da comunidade educativa tem, automaticamente, que fazer isso.

P10: Ah!...

R.: ‘Tás a perceber? E depois há aqui...

P10: Mas isso é para mandar para lá...

R.: E eles dizem mesmo que o conselho da comunidade educativa é quem tem que proceder à avaliação interna. Mas depois não há, não há em nenhum sítio que me obrigue a fazer... Tenho, tenho a nível nacional. 'Tás a perceber?

P10: Mas... mas eles têm... eles têm, porque o... vai dizendo que às vezes têm que ser marcadas reuniões, porque ele tem que mandar aquilo para qualquer lado.

R.: Sim, sim, sim.

P10: Não é? Portanto, há essa obrigatoriedade, de enviar as... as [impercetível].

R.: Pronto, mas aqui, ao nível, ao nível deste regime, 'tás perceber? Enquanto a nível nacional eu tenho obrigatoriedade e fala-me, 'tás a perceber?

P10: Sim, sim, sim.

R.: Ali não está assim tão claro, 'tás a perceber? São outros despachos, outros decretos, que estão por aí. 'Tá bem?

P8: Eu tenho ali uma dúvida na alínea e), onde diz *sensibilizar para a participação ativa no processo educativo*. Como é que é possível, em 2002, nós acharmos que o governo tentava passar a imagem que somos todos importantes e, posteriormente, sai uma nova legislação em que diz que os colegas contratados não podem ter excelente. Se somos todos importantes, dizer que um colega que é contratado não pode ter excelente, se isso é promover a qualidade, se é...

R.: Mas é um contrassenso em tudo, P8.

[risos]

R.: Vês isso, vês os concursos, vês... em tudo. Em tudo. Isto, isto... Se formos a pensar, toda a legislação é toda muito bonita, em teoria, era aquilo que eu pretendia. Na prática, as coisas, depois, não se concretizam.

P12: Ah e já agora, deixa-me só dizer uma coisa. Eu sei que no continente – e porque há uma colega minha que 'tá a fazer um trabalho, também, sobre avaliação de escolas – e no continente, por exemplo, há coisas que são altamente contraditórias, que é assim: há determinadas coisas que passam pela decisão do conselho pedagógico e do que equivale aqui ao nosso conselho da comunidade educativa – que eu acho que lá se chama assembleia de escola, mas não tenho a certeza...

R.: Sim [impercetível]

P12: Pronto e, portanto, tipo o projeto educativo, o regulamento interno, não sei quê, não sei quê, não sei quê, tudo isso é da responsabilidade desses órgãos, que são órgãos colegiais, mas depois é muito engraçado, porque quando tu te candidatas à direção de uma escola, tu tens que fazer uma carta de intenções. E essa carta de intenções tem uma série de metas, de princípios, não sei quê. E é assim, eu posso-me candidatar à direção de uma escola, com uma carta de intenções e os colegas elegem-me, porque “Eh pá, sim senhora, olha aquilo é que vai ser, a gaja que nos vai levar para o caminho da luz” [risos] e depois eu tenho um pedagógico que aprova tudo ao contrário. Portanto, é assim... contradições na legislação, é... é o que não falta. E, por acaso, a colega... eu nem sabia disto, porque, pronto... e achei muito... fiquei assim de boca aberta. Quer dizer, como é que isto é possível? Como é que se obriga uma pessoa a ser candidata com um documento, que, depois, a pessoa...

R.: Depois pode não servir para nada.

P12: ... pode ser obrigada a meter na gaveta.

P10: Cá também há carta de intenções.

P12: Há?

P10: Há.

P12: Olha, amiga, não sabia.

P10: Nós ‘tivemos a ver quando foi do... nesta última vez que houve eleições.

P12: Eleições?

P10: Nós estivemos a ver a carta de... de intenções, lembras-te, P8? Foi quando apresentaram também as metas e aquela... Pois.

P12: Ah, olha, pois, eu não sabia.

P10: Era assim muito [impercetível – sobreposição de vozes].

P12: Mas pronto, é... mas é assim, mas aqui, apesar de tudo, eu acho que... nesse sentido, não sei se as direções não têm mais autonomia.

P1: As intenções podem-se [impercetível] as intenções.

[impercetível]

R.: Pode ser [impercetível]

P12: Porquê? Porque, por exemplo, porque aqui os conselhos pedagógicos ainda só têm função consultiva. Agora, no continente eu creio que não é assim; que no continente, o pedagógico...

P1: Já têm poder de decisão?... É?

P12: Oh pá, não sei...

P10: Dão parecer.

P12: ... eu 'tou a falar por aquilo que a colega...

P10: No pedagógico aqui, dão pareceres, não é?

P12: ... por aquilo que a colega disse que podia acontecer e que havia escolas onde isso *tava* a acontecer - agrupamentos, aliás, porque eles lá já é por agrupamento - em que o diretor tem uma carta de intenções e depois o projeto educativo da escola é tudo ao contrário.

P1: E isso... e ele... e o diretor mantém-se, numa situação dessas? Vai fazer o quê?

P12: Não sei.

P1: Se é tudo ao contrário, ele faz o quê?

P12: Não sei, P1.

R.: Vai executar.

P12: Pois.

P10: Mas supostamente ele 'tá, ele 'tá nesse [impercetível].

P8: Há situações que é ingovernável, há situações que depois há meio-termo. Também não iam... não estou a ver, penso eu, alguém no pedagógico – só se for mesmo uma questão pessoal – a criar um ponto tal, sempre a criar obstáculos. Só se houver já ali alguma situação anterior, de resto, pode haver discordâncias, que até, às vezes, são positivas, mas não tão, pá, quando não é, quando não é governável, olha, mas é as eleições Há novas eleições.

P12: Não, mas eu só disse isto a propósito de tu teres dito da questão das... das...

P1: Das contradições da lei.

P8: Eu concordo contigo ter-se criado mais autonomia, se é assim, penso que aqui a autonomia...

P12: Mas não sei, porque também não conheço bem o modelo de lá. Pronto, foi só...

R.: Não, mas aqui somos deixados, mesmo quando nós fizemos a comparação, somos deixados muito mais à vontade...

P8: O que pode ser bom ou não. O que pode ser bom ou não.

P1: Pois.

R.: Depende, depende da capacidade das pessoas de, de gerir.

P8: Até que ponto a Secretaria não quer também...

R.: Descartar, descartar.

[impercetível]

R.: Prende-te mais, ambas as partes, P8.

P8: Eu... alguém aqui ‘teve naquele encontro de educação, organizado pela associação de pais?

P12: Não, não estive, não estava cá.

P1: No quê? Desculpa.

P12: Aquele encontro que fizeram lá em baixo...

R.: Naquele encontro de educação.

P1: Ah não, eu ‘tava, ‘tava...

P12: Foi no 25 de abril.

P1: Estávamos na Feira da Saúde, mulher.

P12: Não.

P8: Não, não.

P1: Não é esse?

P8: Aquele que a associação de pais organizou.

P12: O P8 ‘tá a falar do que foi organizado pela associação de pais, no 25 de abril.

P1: Eu fui, eu fui, sim. Eu fui, sim.

R.: Foi a vinte e tal de abril. Eu ‘tava na Madeira...

P12: Eu sei que foi no fim de semana 25 de abril, porque eu não estava cá, que eu ‘tava na Madeira.

R.: Sim, sim, sim, foi segunda-feira. Eu também *tava* na Madeira.

P12: ‘Tava na Madeira, não, ‘tava no continente.

P8: Alguém falou... O P8 falou alguma coisa... ele é defensor que os pais devem estar no pedagógico, é?

P1: Não.

P8: Ouvi dizer qualquer coisa assim.

P1: Não.

P8: Não?

P1: Não.

P8: Eu percebi isso.

P1: Ele foi ali um bocadinho polémico em algumas afirmações...

P8: Sim, sim, sim [impercetível].

P1: ... porque pôs o... não é? Mas não foi, não, não... não sobre isso.

P8: Não, eu ouvi alguém falar e por isso *tava* a perguntar.

P1: Tu sabes que as pessoas deturpam tudo, é impressionante.

P12: Pois, às vezes, a gente diz...

P8: Não, mas quem me contou não contou no sentido de estar a criticar. Eu perguntei como é que...

P1: Não, mas deturpar. Não ouvir, sequer, o que ‘tá a ser dito.

P8: Nada. As pessoas com... quem me contou... Eu não vou perguntar, também, ao Zé Pedinte nem ao “coiso”...

P1: Pronto.

P8: ... nem ao António, nem ao Manel.

P1: Não, mas eu não fiquei com... Não, ele não falou...

P8: ‘Tava a perguntar, porque não ‘tive lá [impercetível].

P12: Não, eu também não estive, eu não ‘tava cá, ‘tava...

P1: Não, eu acho que ele disse... aquilo que ele disse é que os pais têm que ter um papel mais interventivo... na... nos problemas, na resolução dos problemas da escola, dos problemas dos próprios filhos. Isso ele falou.

P10: Sim, isso sim. Isso sim. Tinham uma grande, uma parcela de culpa grande na falta de, de, de...

R.: Houve pouca adesão, aqui. Em termos de participação [impercetível]

P12: Então, pois.

R.: É flagrante.

P1: Tu não viste, não viste, um... um encontro que era feito...

R.: Em comparação [impercetível] para cá para cima é uma coisa...

P10: Aquilo, aquilo não ‘tava... nem meia casa tinha.

P1: Viu-se. Viu-se... a S. ficou de rastos!

P8: É em todo o lado.

P1: Que ela... ela pôs mesmo, pôs até no *Facebook* um desabafo, quer dizer, que se sentia envergonhada, até, por ser uma representante dos pais e os pais praticamente não apareceram.

P10: Aliás, aqueles que [impercetível – sobreposição de vozes] os pais que precisavam de alguém nesse cargo, não estavam.

P12: Mas isso é sempre assim, P10. [risos]

P8: Olha, eu, por acaso, [impercetível] nessa altura, uma das duas atividades para apresentar. Não é normal as pessoas do Porto Santo saírem dois dias seguidos. E houve um encontro no dia seguinte, houve uma peça de teatro. E é muito difícil tu veres as pessoas do Porto Santo irem...

P10: Uma coisa...

P8: ... ao Centro de Congressos dois dias seguidos. [impercetível]

P12: Deixa-me só dizer, a propósito disso, eu acho que não tem nada a ver, porque eu lembro-me, há dois anos, quando vocês fizeram aquela atividade da carta da convivialidade – não sei se te recordas...

R.: Sim, sim, sim.

P12: Foi super divulgado, não havia outras atividades nesse fim de semana e estávamos lá meia dúzia de gatos-pingados. E aquilo também era uma coisa mais dirigida para pais – e agora já não sei, porque já foi há uns tempos e eu já não me recordo bem – mas eu tenho impressão que estávamos mais professores do que pais. Não vou jurar, não vou jurar, mas acho que estávamos. Eu acho que isto, pronto, são outros assuntos, mas...

P1: Não, mas a verdade é que não...

P8: Não sei, olha, então faz um estudo.

[risos]

P12: Eh pá, agora ‘tou a fazer este, não posso fazer muitos.

P8: Como em Câmara de Lobos haviam 250 pessoas, portanto...

P12: Não... não posso fazer todos os que eu gostava...

P8: Mas tu **[impercetível]**

P12: Ah, lá está, não são pais e mesmo...

P8: Não, mas alguns são pais, mas como é que em Câmara de Lobos, em três anos consecutivos, consegue ter lá entre 200 a 300 pessoas. Talvez a forma de trabalhar é que...

P1: Aonde?

P8: Em Câmara de Lobos.

P12: Mas olha que é assim, ó P8...

[impercetível]

P8: [impercetível] nos seminários de educação.

P10: P8, é diferente, é mais fácil...

P8: Não é diferente, não é diferente. Tem é a ver com as pessoas que [impercetível].

P12: Não, tens que ver logo uma coisa, P8, não compares a acessibilidade da Madeira...

P8: Não tem nada a ver com acessibilidade...

P10: Mas também tem.

P8: Não tem.

P12: ... porque é assim. Tem! Oh P8, desculpa lá, mas tem.

P6: Em Câmara de Lobos? Ai filha, não.

[risos]

P12: Ó P8, então é assim...

P6: Em Câmara de Lobos?

P10: É mais fácil, tu vais lá.

P6: Em Câmara de Lobos, não.

P10: Tu vais lá...

P12: Não. Oh P6, mas é assim, mas é que tu...

P12: Eu, se estiver no Funchal, em 10 minutos estou em Câmara de Lobos.

P8: Sim.

P12: Os nossos colegas do Funchal não vêm aqui para vir a um encontro, por mais interessante que ele seja.

P10: Houve aqui um concerto de bandolins espetacular, não teve meia casa... Teve um quarto. Eu fui, levei os meus filhos... gratuito.

R.: Olha, mas a divulgação, P10, eu digo, olha, eu, a divulgação...

P8: Exatamente.

P10: Pá... Olha...

R.: Eu nesses... percebes? Eu, eu soube basicamente no dia, já tinha coisas marcadas.

P10: Vi cartazes, vi cartazes, vi no *Face* – nem toda a gente é obrigada a ir ao *Face*, a ver o *Face* ou a... mas pronto – pá, não houve, se calhar, o suficiente, mas é assim... mesmo assim não se compreende, como é que...

P12: Eu acho que tem um bocadinho a ver com a...

R.: A cultura.

P12: ... com coisas intrínsecas do Porto Santo.

R.: É a cultura.

P12: ... Porque é assim, a divulgação, eu até...

P10: Mas no *rally* vai ver quantas pessoas estão.

P12: Eu até admito a divulgação...

R.: Quatro mil, P10.

P10: Quatro mil?!

[risos]

P12: A divulgação é assim, se for para o concerto dos bandolins: “Eh pá, a divulgação foi fraca”, mas se eu disser assim: “P1, pá, sabes, aquela anda metida com o marido da outra”. Oh amiga, a divulgação é... à velocidade do som. [risos] Portanto, é assim, não me venham dizer que o problema é a divulgação. Porque é...

P1: É mesmo o interesse, é mesmo o interesse.

P12: É verdade!

P10: Há situações que há pouca divulgação.

P12: “Tá bem, P10, mas, às vezes, tu fartas-te de divulgar...

P1: Eu, olha, há que tempos eu defendo que a Câmara devia ter tipo um sítio para, para pôr as atividades que acontecem na escola. Tipo aqueles...

P10: [impercetível] Não, há pessoas que também é preciso ir lá chamá-las a casa [impercetível].

P1: Isso era o que faltava! Isso não! Devia de haver, devia.

P12: P1, olha...

P1: Isto é a minha opinião.

P12: ... eu vou-te dizer, eu canso-me de dar este exemplo, as pessoas já não me devem poder ouvir. Eu tenho, mas é assim, muitas, muitas pessoas que... “Ai, porque é que não dá aulas de ioga abertas ao público? Ai tenho tanta pena e gostava tanto” e faz e acontece e torna e deixa e acontece e não sei quantos. Há dois anos, no Dia Mundial do Ioga, eu fui falar com o N. – na altura, já ‘távamos no Clube Naval – e perguntei ao N.

se o N. não se importaria que eu, no dia 21 de junho, fizesse uma atividade aberta ao público e tal e não sei quê e o N.: “Oh professora, tudo bem, faça as coisas, não sei quê”. No *Facebook*, eu tinha mais de 20 pessoas que iam. Não era que ‘tavam interessadas, era: “Eu vou”.

P10: Sim.

P12: No dia cheguei lá... um quarto de hora depois fui-me embora, não apareceu ninguém. Não apareceu uma pessoa. E houve, houve uma, que eu tive assim cara-a-cara com ela e que ela até me disse: “Ai eu já vi no *Facebook* – porque ela nem é minha amiga no *Facebook* – mas a não sei quê partilhou, ai eu quero muito ir” e eu disse: “Então, olha, é no dia tal, às tantas horas”; “Ai, eu vou”.

P10: Sim, há muito...

R.: É cultura, é cultura.

P12: Portanto, é assim, é uma cultura que está instalada. Pronto, R., desculpa lá. Isto tudo a propósito dos diretores de escolas e da carta de intenções. [risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: A gente já...

R.: E, e, e, até pegando na, na, naquilo que já está legislado, apesar disto já ‘tar em 2002, a obrigatoriedade da autoavaliação, isto demorou imenso tempo, porque por iniciativa das escolas, a coisa não arranca. Daqui a pouco já vamos ver se calhar, o porquê, razões relacionadas com isto. Quem teve que impulsionar tudo isto foi a Inspeção-Geral de Educação, que, ao fazer a avaliação externa, um dos itens da avaliação da escola, avaliação externa da escola, era se a escola fazia ou não a avaliação interna. Portanto, foi a forma de as pessoas também fazerem isto. Depois, a questão dos instrumentos de autonomia, a celebração dos contratos de autonomia. E, depois, se as escolas assinassem os contratos de autonomia, depois, de acordo com o grau de autonomia, tinham X competências que tinham transferência. Depois, ao nível da, do crédito horário. Portanto, depois houve a negociação, ao nível do Ministério da Educação, para ver se obrigava, entre aspas, cedendo outras coisas às escolas, para as pessoas... para as escolas implementarem, porque, por iniciativa das escolas, foram muito poucas as que fizeram... Portanto, apesar de dizer que é obrigatório... Porquê avaliar as escolas? Temos um autor... que nós diz que avaliam-se as escolas... portanto,

devido ao facto de se ter procurado a descentralização de poderes, se procurarem escolas mais autónomas; o facto de as pessoas poderem reclamar o facto de que querem estar informadas se as escolas são boas ou más – para classificar uma escola de boa ou má, eu tenho que fazer uma avaliação da escola; o facto... é importante avaliar devido ao facto da baixa produtividade que as escolas, às vezes, apresentam, tendo em conta o investimento público, que é elevado; o facto da escola não conseguir assegurar o sucesso para todos – então, se não consegue assegurar o sucesso, porquê? Então vamos avaliar –; o desfasamento entre oferta da escola e mercado de trabalho; o facto de ‘tar-se a deixar de ter confiança na escola; o combate aos *rankings* – que eles avaliam como uma avaliação preguiçosa, que só têm em conta os exames nacionais, não têm em conta o contexto da escola, onde a escola se... a comunidade onde a escola se insere, a origem sociocultural dos alunos e o número de alunos que fazem o exame. Portanto, uma série de questões. Por pressões internacionais e também porque é importante orientar a própria escola para a melhoria e também para desenvolvimento das comunidades profissionais. Portanto, foi o que eu disse há pouco, em termos de Portugal continental, quem implementou, quem deu uma força à avaliação, portanto, principalmente a interna, foi a Inspeção-Geral da Educação. Aqui, quem vai monitorizando, mas não, não, não obriga – até 2014 – era, então, a Inspeção Regional da Educação... Significado de avaliação? Julgar, medir, pesar, apreciar, analisar. No entanto, há quem chame à atenção que é importante que a... não encaremos a avaliação apenas como uma, uma situação de controlo das escolas, o que é que as escolas estão a fazer ou não ou, então, simplesmente analisar os resultados escolares. Muitas vezes, caiu-se neste erro “*Vamos avaliar a escola. Ai a escola teve bons resultados escolares, é bom; tem maus, é má*”. ‘Tá bem?... Devemos, então, utilizar a avaliação como dispositivo, como apoio reflexivo e crítico. Interessa-nos é ver até... e eu para avaliar tenho, automaticamente, que refletir, tenho que ter tempo. Daqui a pouco vamos ver que, muitas das vezes, não temos tempo nem espaços para refletir. ‘Tá bem? E tenho que criticar a realidade que ali existe, ‘tá bem? Mas sempre com vista na... para elaboração de um plano de melhoria para implementar.

P8: Então, mas se não temos tempo para refletir, como é que vamos fazer um plano de melhoria? Está ou não está o Ministério e a Secretaria a sacudir a água do capote?

R.: Estão, só que é assim, a partir do momento, vocês têm, segundo o que o P7 me disse, vocês têm cerca de 90 minutos, não é?

P8: Sim.

R.: ... a equipa. Pronto, eles estão a dar, mas é assim, é muito pouco. É muito pouco. Para eles, eles estão a dar e ‘tão-te a dar um favor, P8. ‘Tás a perceber? Estão a fazer. Mas é muito pouco, é assim, pegar, pegar, ou nós fazemos – isto depende também da perspetiva como eu encaro a autoavaliação da escola – se eu quero fazer uma coisa superficial ou se eu quero, efetivamente, refletir sobre as coisas, não é? E fazer um trabalho bem feito, fazer uma avaliação bem feita da escola.

P8: Não, mas não é ridículo? A mesma Secretaria que é capaz de dar oito horas a um clube... dá quatro horas, por exemplo, para uma equipa de avaliação que pretende fazer um trabalho ao avaliar a escola, pela primeira vez, por exemplo, [impercetível].

R.: Isto pode ter havido, pode ter havido pressões, eles não terem como... É assim, há, há mil e uma razões para...

P8: Eles não sabem o que é que estão a fazer, sequer.

P10: Sim.

R.: É assim, isto, isto, o grande problema da avaliação – e não sei se tu sentiste isso, P8 – é, temos que fazer a avaliação da escola, como é que vamos fazer? Não é fácil. É um processo extramente ambíguo. É assim, ou a escola encontra, quem está, a equipa à frente encontra uma forma de o fazer e as pessoas são desenrascadas nestas coisas, muitas... para nós, muitas vezes, para implementarmos as coisas, temos que ser desenrascados. Ou então pode-se tornar um sério problema. Agora, os 90 minutos não são, não são suficientes. Nem tão perto, nem tão longe... E diz-nos, então, que a avaliação deve ser holística e integradora. Eu tenho que avaliar a escola como um todo, não só os resultados escolares, mas o funcionamento, a organização da escola e tem que ser integradora. Eu tenho... para eu avaliar a escola, também vou ter, tenho que ter em conta o meu plano que é o Projeto Educativo de Escola. ‘Tá bem? Que é para ver até que ponto os objetivos que eu tracei, se estamos a ir de encontro a eles ou se não, ‘tá bem? E o que nós vamos ver...

P8: Mas, olha, há uma coisa que... acho que foi a palerma da senhora A., que é a responsável pela avaliação externa, dizer numa das últimas... [impercetível] à conferência que tivemos cá: “Ah e não se esqueçam que a vossa avaliação depende da avaliação externa da escola”. Quer dizer, eu tenho sete turmas, sou coordenador de diretores de turma, faço parte da equipa de avaliação, desenvolvo as minhas atividades.

Eles vêm cá, fazem uma avaliação, a escola tem uma má, uma má nota, eu vou ser penalizado. Quando nós baralhamos uma avaliação externa com a avaliação do desempenho docente, ‘tá tudo dito.

R.: Ah, não, não pode.

P8: Não, mas eu fiz um documento, desconfio que não tenha sido enviado para lá, mas fiz um documento exatamente a dizer isso, para pessoas que são honestas e são sérias, naquilo que querem fazer, a partir do momento - ela disse aqui e estavam professores do primeiro ciclo, todos, todos os representantes das escolas cá do Porto Santo e eu disse: “Bom, isto é uma palhaçada e eu vou-me embora”.

R.: Não, não, não pode.

P12: Olha e porque não puseste esse documento no nosso blogue? Para a gente poder... pensar sobre isso e discutir?

P8: Não pus, porque eu, eu enviei aos colegas daqui, para eles concordarem. Nós enviamos à direção, para enviar para o Funchal.

P12: Ah. É sigiloso.

R.: É censura. [risos]

P8: Houve há dias uma discussão [impercetível]. Não, mas envio o documento na boa.

P12: Não! Acho que tinha piada, uma vez que fizeste essa reflexão, pô-la no blogue, mas se não podes...

P8: Não, mas posso... colocar, peço autorização. Por exemplo, há dias, foi-nos pedido autorização para usar, se podíamos emprestar a outros colegas, de outras escolas do primeiro ciclo, por exemplo, o tipo de inquérito que aplicamos. Não é segredo nenhum.

P12: Não, mas estou a falar...

P8: Sim, sim, sim.

P12: ... do teu, do teu documento de reflexão. Mas quem é essa A.?

P8: É a mulher do J.⁵, que... foi a forma do J. arranjar um tacho para a mulher.

[impercetível – sobreposição de vozes]

⁵ Secretário Regional de Educação

P8: Mas o J. veio mas foi buscar o modelo de... de avaliação. Por isso foi buscar ao David Justino, que era para dizer que ‘tava a fazer alguma coisa. Quem é que meteu responsável? A esposa, como óbvio. Nós estamos na Madeira. E então ela disse ao [impercetível] para nos dizer que sim, que realmente a nossa avaliação [impercetível].

P10: Mas a nossa avaliação, qual? Do professor?

P8: A avaliação do professor vai depender da avaliação externa.

P1: Da avaliação que a escola tiver.

P12: Mas isso é assim, eu acho que a senhora não se exprimiu bem.

P8: Não, não, ela disse diretamente assim.

P12: Não, é... que isso é assim, mas também não é assim. O que acontece – e isso acontece no continente – eu não te vou dizer que concordo, atenção. Mas o que acontece – e isso acontece no continente...

P8: O que vais dizer é que a quantidade de excelentes e muito bons e isso, depende da avaliação. [impercetível]

P12: É que a quota de excelentes...

R.: As quotas, sim.

P12: As cotas dependem da avaliação externa da escola.

P8: Mas isso é uma estupidez, nós não ‘tamos...

P12: Pronto, não ‘tou a dizer que concordo.

P8: Nós não ‘tamos...

[impercetível]

P8: Exato. Ao menos que dissessem no início do ano, que [impercetível] me esforçava.

P10: Ainda temos o [impercetível].

P12: Ouve, mas isso já está definido há muitos anos, P8.

P8: ‘Tá bem, mas é assim, ‘tá há muitos anos, mas só agora é que está a fazer autoavaliação. E vamos ter uma avaliação externa.

P12: Sim...

P8: [impercetível] Então, digam-nos, no início do ano, quais são as cartas e como é que funciona.

P12: Mas é assim, mas isso, isso já ‘tá desde que entrou em vigor a legislação da avaliação docente, do desempenho docente, que ‘tá lá bem explícito que a cota de excelentes por escola, depende da avaliação externa da própria escola.

P8: Esse documento, ao mesmo tempo, diz que os contratados não podem ter excelente, não é?

P12: Oh pá, P8, eu não te ‘tou a dizer que concordo, atenção. [risos]

P8: Eu, eu estou dizer... estou a dizer a partir do momento em que leio isso [impercetível].

P12: Isso não é uma invenção da A. . Mas isso não é uma invenção da A. .

P10: No segundo ano, já podíamos dar excelente. Ele depois só avança para [impercetível].

P8: Pois é. Mas quando eu digo para um colega: “Oh colega, não vale a pena...”.

P10: Não fazia sentido os contratados não poderem, realmente não...

P8: “Não vale a pena ‘tares...’. É a mesma coisa que eu chegar à minha turma e dizer: “Oh, amigos, os colegas não têm mais do que um 3”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pois. Bom...

P8: Vai correr bem.

R.: Avaliação, sempre que falamos em avaliação – e é sempre [impercetível] – o que nos interessa é sempre a questão da melhoria do que estamos a fazer, ‘tá bem? E se... a partir do momento em que eu faço a autoavaliação, não é fazer este ano a autoavaliação e pronto, nunca mais fazemos a autoavaliação. Vamos sempre, ‘tá bem? Este processo agora, houve a recolha dos questionários, portanto, vai ser feita a análise, a discussão, depois, a divulgação dos dados, ta-ra-na-na-na. E é necessário, daqui a uns tempos, pensar outra vez o que é que nos... desta vez foi feita uma... uma avaliação geral – e acho que foi bem conseguida – e obviamente, que numas, numas futuras autoavaliações é pensar quais são os campos que devemos, a partir de agora, definir – já fizemos uma avaliação global – ver quais são aqueles campos que estão identificados como mais

fracos e numa próxima autoavaliação vamos debruçar-nos mais sobre esses campos e aprofundar mais. Mas vamos sempre autoavaliar.

P8: Mas aí eu coloco uma questão, por exemplo, nós, no ano anterior, tivemos uns problemas em determinadas disciplinas, em que as pessoas, por motivos pessoais, não conseguiram cumprir. A escola, perante essa situação, e para os alunos não serem prejudicados, foi atribuído mais 45 minutos para esses alunos. Mas esses 45 não estão a ser cumpridos este ano, novamente. Como é que a escola pode resolver este problema? Muda de professor?

R.: Mas é pela mesma pessoa?

P8: Nalguns casos, sim.

R.: É ver qual é a justificação da pessoa, P8.

P10: Pode mudar, já mudou.

R.: É que depende, depende da situação.

P8: A questão que eu coloco é...

P10: Há professores que foram mudados.

P8: ... como é que eu resolvo isto, em termos de escola? É que, de facto, a autonomia das escolas é muito bonito, mas não é a escola que contrata os professores.

R.: E... e... e na própria avaliação. É assim, P8, isto é muito giro, também, dizermos que temos os suficientes, os bons, os muito bons e os excelentes, mas em formas de penalização? Como é que tu vais penalizar... Para pôr um professor fora, um mau profissional, tu não tens forma... Tens a penalização de ter um insuficiente, mas...

P12: Mas mesmo um insuficiente carece de uma fundamentação tremenda. O insuficiente é um bocadinho equivalente ao processo disciplinar. Ou seja, tu, tu para teres um insuficiente, tens que ter... Eu agora não quero... não tenho a legislação bem presente, mas tenho quase a certeza que se... se... tu para teres um insuficiente tem que ter havido um processo disciplinar contra ti e esse processo tem que ter tido consequências. Ou seja, a... se eu... eu posso ser a nódoa mais nódoa que anda aqui na escola, que não há glutões do *Presto* [impercetível].

P10: Não, podes ter muitos insuficientes, porque o que dizia na avaliação, aquela, quando veio, tipo tens um ou dois insuficientes seguidos, o que é que acontecia?

P1: É isso que ela ‘tá a dizer.

P12: Mas o que eu te estou a dizer é que é assim, é que tu para teres um insuficiente é quase preciso meteres um requerimento, porque é assim, se calhar, se tu pensares em certos casos, tu dizes assim: “Eh pá, aquela, aquele professor, realmente, eu, se tivesse uma escola minha, não, não o contratava nem que me pagassem por cima, menos ainda ‘tar-lhe a dar trabalho e ter que lhe pagar”. Mas, se tu disseses assim: “Eh pá, então, agora na avaliação a gente vai atribuir um insuficiente à pessoa”, não consegues, porque, tu, para dares um insuficiente, a pessoa tem que ter sido alvo de um processo disciplinar e esse processo disciplinar tem que ter tido consequências.

P10: Quem é que instala um processo disciplinar ao professor?

P12: Os processos disciplinares podem ser instaurados por várias instâncias, mas o problema é que a maior parte dos processos disciplinares, não dá em nada. E nós já tivemos aqui um exemplo na escola e não foi há muito tempo.

P10: Não deu?

P12: Não!

P10: A um professor? A uma professora, ao menos, que eu conhecia, deu.

P10: Deu. Ela pagou multa.

P14: Deu. Ela pagou multa de 250€.

P10: Se estás a referir-te à nossa colega...

P14: À G. .

P12: À G. ?

P10: Temos tantas saudades.

P14: Sim.

P10: 250€, ela pagou de multa.

P14: Pagou, que ela disse-me, também. Ela ‘tava toda revoltada.

P10: Olha, não sabia disso. Mas é assim, mas continua a dar aulas.

P10: Penso que sim.

P12: Pois, pagou... É que lá está, é que...

P10: Meteu um registo criminal [impercetível].

[risos]

P12: É assim, tem uma multa de 250€, ok? Ah, por acaso, também temos um outro colega que teve um...

P10: Não é no registo, é no processo dela. Aliás, ela ‘tava mais danada...

P8: Porque fica na registo [impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Por acaso também temos e temos um outro colega que tem, que tem, que teve um processo e que tem um registo no...

P10: Sim, ‘tá lá? Sim.

P12: ... oh pá, mas é assim, mas... mas esse registo...

P1: Na prática.

P12: ... na prática... Eu quando concorro a nível nacional, concorro com a minha nota profissional, não há registos no registo do... não há registos dos professores disto, daquilo, do outro...

P10: Em casos de desempate, desempate, desempate, vão ver o processo...
[impercetível]

P12: É, é a idade, amiga, é a idade. É a idade.

R.: Vais ao [impercetível].

P10: Pois é.

P12: Portanto, em caso de desempate é a idade. Se eu fizer...

P10: E se tiverem a mesma idade?

P12: É pela data de nascimento.

P10: E se fizerem no mesmo dia?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Isso aí, já não sei. Isso aí já não sei.

[risos]

P12: Mas sei que é pela idade e pela idade até um dia conta.

R.: Olha, vai-se à hora de nascimento.

P12: Mas pronto, mas... É assim, eu acho que isto é tudo um grande berbicacho, mas não deixa de não ser interessante...

P10: [impercetível] Tu tens que justificar muito bem, porque é que ‘tás a dar uma nota negativa.

P8: Sim, mas [impercetível] que isto é mais no sentido do papel dos pais... Quando os pais vêm cá nos questionar: “Oh professor, o que é que faço?”. Quer dizer, no ano anterior o puto não teve aulas. Eu percebo, as pessoas podem adoecer, podem ter [impercetível]. Este ano, novamente a mesma situação. E mesmo, noutras situações, em situações em que houve mudança de professor, a situação mantém-se, quer dizer, já... para além de já não se cumprir os 45 que era para repor, muitas vezes nem sequer se cumpre o horário total. E aquilo que eu pergunto é: “Ok, agora vamo-nos pôr no papel dos pais...”.

P12: Oh P8, eu compreendo os pais, mas...

P8: Aqui tu tens alguns pais a dizer: “Olha, ainda bem que aquela disciplina não é muito importante”.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Pois, mas isso também é grave, isso também é grave.

P12: Pronto, mas é assim, mas é assim... Mas oh P8, mas é assim, eu compreendo os pais, acho que me consigo pôr no lugar deles, eh pá, mas é assim, mas o que a gente tem que dizer aos pais é: “Olhe, pela legislação a gente não lhe pode fazer nada”.

P8: Não e é assim, eu, normalmente, quando me expõem isto, eu digo: “Olhe, é assim, eu acho que você deve fazer uma carta, uma exposição...”.

R.: É uma exposição ao... Mas o F. [PCE] tendo, vai, vai para a Secretaria.

P8: “Ao órgão de gestão, ao órgão de gestão” e...

R.: E a Secretaria... porque a este nível tem que ser a Secretaria a tomar uma decisão.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível] Por muito bom que eu tenha um projeto educativo e por muito boas vontades que eu tenho, quer dizer, se as coisas não... não dependem de mim.

P12: Oh P8, mas é assim, mas também aí é assim, eu acho que uma andorinha não faz a primavera.

P8: Pois, é como [impercetível].

P12: E a gente pode ter aqui uma andorinha, [impercetível] [risos].

P10: Mas [impercetível]

P8: Tu andas muito distraída.

P12: Eh pá, se calhar, ando, P8.

P8: Bem, mas vamos, vamos à avaliação.

[risos]

P12: Embora!

P10: A “andorinha” ‘tá na biblioteca, não é?

[risos]

P12: É verdade, ele já não é [impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Nada.

[risos]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Da mesma disciplina.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu acho que aquilo tem a ver com a disciplina.

R.: A disciplina ‘tá... ‘tá manchada.

P8: Ainda hoje disseram isso...

P10: Mas é agora, daqui a uns tempos...

R.: É. Já houve um complicado que teve cá, que também é do Francês, lembras-te?

P8: Quem? Quem?

R.: Quando eu vim para cá, também era ele. É todo o grupo de Francês, está todo...

P10: Há ali qualquer coisa.

P12: É um grupo com malapata.

R.: A... a avaliação externa, apesar de, muitas das vezes, as escolas ficarem cheias de medo e a gente vê nos exames que vem cá a Inspeção e, então, anda tudo a piar fino [risos] e um stress maluco. É assim, se calhar, também, pronto, é a pressão que colocam, mas é assim, o objetivo da avaliação externa, não é a questão do [impercetível], é simplesmente verificar se as coisas são feitas em conformidade e o que não estiver bem, então, correção. Obviamente, que ninguém de nós gosta de ser corrigido, ‘tá bem? E, se calhar, às vezes, as pessoas sentem-se pressionadas a... a desempenhar tudo na perfeição. Mas o objetivo é mesmo em muitos documentos – portanto, eu só trouxe aqui alguns excertos que fui encontrando – e é primeiro a própria... a Inspeção-Geral da Educação que diz num documento...

P10: Mas o próprio nome Inspeção...

R.: Inspeção.

P10: ... antigamente, o inspetor era o quê?

R.: Metia medo.

P10: Punia.

P8: Eu não acho.

P10: Portanto, se calhar, se não pretendem isso, também já podiam ter mudado o nome à coisa.

R.: Mudado o nome.

P10: Mas o inspetor, inspeção...

R.: Pá, [impercetível] logotipo, P10...

P10: Pois.

R.: ... olha, olha, o dinheiro que tens gastar nestas coisas todas.

P10: Pois é isso. Eu percebo.

R.: Já não dá, não dá jeito. [risos]

P10: Mas as pessoas ainda encaram assim. Estremecem, quando ouvem falar em inspeção.

P8: Eu acho que não há tanto uma questão de medo, acho que tem a ver mais com a postura das pessoas que desempenham essa função. Vêm para aqui, armados em cagões e que acham... que por serem inspetores e trabalharem ali... É a mesma coisa, eu chego à Secretaria Regional da Educação, é impressionante a postura daquela gente. Eles são professores como todos nós, mas os gajos acham que por ‘tarem na Secretaria... Até há um... há tempos apareceu no *Facebook*, muito porreiro, que era um galo todo depenado, que era um professor do dia-a-dia e, na Secretaria da Educação, todo pimposo, que eles julgam-se que são todos secretários de educação. E acho que estes inspetores, ainda, eu lembro-me de um processo que houve cá dentro, em que eu liguei para o S., o diretor da inspeção...

P10: Ele não é...

P8: ... que eu disse-lhe... Agora já não é, agora tá o “coiso”.

P10: Sim, mas esse tinha uma...

P8: Que eu disse: “Olhe, senhor dr., mas é assim, na análise deste processo, há ilegalidades. A inspetora não ‘teve bem, eu consigo provar isso”. Ele só me disse: “Olhe, você não entre por aí, você queima-se”, eu disse: “Ai é assim que vocês funcionam? ‘Tá bem, então vamos, depois falamos”.

R.: Eu também já tive várias experiências, na Secretaria, quando se sente que alguém lhes está a pressionar ou a questioná-los, uma coisa que eles não querem, eles jogam à defesa... automaticamente.

P10: Sim, sim, sim. sim.

P8: Como eu disse, a colega não tinha feito um bom trabalho, a inspetora, ele aí, ele aí sentiu-se atingido. Agora, se é assim que eles veem o seu posto de trabalho...

P12: Mas, olha, deixa-me só dizer uma coisa. Eu aqui no... na Região não sei – e é possível que as pessoas ainda tenham muito essa postura – mas olha que a inspeção de educação no continente, mudou bastante. Eu tenho o nome de baixo da língua, da fulana que, que mudou isso no tempo, acho que, se eu não me engano, do Roberto Carneiro. E a inspeção no continente já não tem essa conotação... que tem de punição e de “Ai cuidado, que vem aí o inspetor” e...

P10: Mas aqui...

P8: Aqui tem.

P12: Aqui é possível que tenha.

P8: Aqui tem [impercetível].

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pois, não te vou...

P8: [impercetível] no Funchal [impercetível].

R.: É o clima, é do clima a culpa. O clima fica logo aqui na escola, quando se sabe...

P1: Mas há pessoas que vêm orientadas para isso, é como o P8 ‘tá a dizer.

P8: Olha, o processo que eu tive na mão tinha 160 páginas e a pessoa veio do Funchal diretamente para cá, com intenção de entalar o colega.

P12: Sim, não vou...

P8: Ouvi os melhores alunos da turma, a melhor aluna da turma, tudo o que disse não foi tido em conta.

P12: Sim, eu não ‘tou a dizer que aqui não é assim, mas ‘tou-te a dizer que a ideia que eu tenho é que em termos do continente, esta conceção da inspeção assim... E, também, depois, às vezes...

P8: Eu acredito que também haja bons inspetores.

P12: E depois eu acho que, às vezes, também tem a ver com a nossa própria postura. Eu não me esquece, há uns anos atrás, falou-se que vinha aí uma inspeção e lembro-me de uma colega chegar ao pé de mim: “Ah, não sei quê, não vais pôr o dossier em dia? Olha que vem cá a inspeção”. Eu disse: “Oh pá, o meu dossier, quando o inspetor vier, tem o que tiver. É assim, ‘tão lá as planificações, ‘tão as reuniões... ‘tão as atas dos conselhos de grupo. As coisas ‘tão em ordem, eu não tenho que ir pôr coisas, não tenho que ir arranjar o dossier para o inspetor ver”. Mas as pessoas...

P1: Para encher.

R.: Os documentos todos.

P12: ...Mas as pessoas também se põem a jeito, sabes? Eu acho que...

P10: Por exemplo, nos exames, quando aparecem os inspetores...

P12: Amiga, mas há pessoas que são mais papista do que o Papa.

P8: A culpa é interna.

P10: Não, mas, mas eles também vêm com uma postura...

P8: Claro.

P10: Podiam vir [impercetível] ver se está tudo bem, se está tudo a correr bem... se as normas estão a ser cumpridas... e não vir com aquele ar, também, tipo tropa.

P8: Por acaso tive uma... Por acaso tive uma que teve essa postura inclusive...

P12: Mas eu...

P10: Tive uma que chegou ao pé de mim, entrou-me sala adentro – primeiro, acho... eles não tinham direito de poder entrar...

P1: É uma falta de educação.

P8: Nem podem entrar, eles só podem... eles têm que ir acompanhados por alguém do secretariado e têm que estar identificados.

P10: “É colega de Matemática?”, porque eu estava a vigiar um teste de Matemática. Pá, deu-me vontade de dizer: “*Dah!*”. [risos] Se eu fosse de Matemática não podia estar aqui...

P8: Para já o teste... sabes como é que podias responder?

P10: E eu “Não, sou de Educação Física”. Ela desceu.

P8: Sabes como é que podias responder?

P10: Depois de ver, desceu e foi pedir o meu horário.

P8: Mas sabes como é que podias responder?

P10: E ver que eu ‘tava na hora [impercetível].

P8: “Olhe, desculpe, nos exames não se pode falar”.

P10: Sim, sim.

P8: “Não leu a legislação?”.

[risos]

P14: Mas elas perguntam isso antes...

P8: Antes?! Uma colega...

P14: Dos alunos entrarem?

P10: Não, não. Não, não.

P8: Olha, uma colega minha em Câmara de Lobos...

P14: A mim perguntaram, mas foi antes dos alunos entrarem.

P10: Durante o exame, oh lecas!

P8: Uma colega minha, ‘tá ela a entrar e ela: “Faz favor saia, dirija-se à porta, se faz favor”. Ela não trazia identificação, foi posta na rua.

P10: Pois, isso é que eu acho, que eles não podem nem devem ter acesso...

P8: Não podem, eles têm que ir acompanhados.

P12: Pois, não sei, não ‘tou dentro desses assuntos, nunca tive experiências diretas com inspeção...

P10: [impercetível] uns, muito bem...

P12: Acessíveis.

P10: Sim. A ver as coisas, se está tudo ok. Mas sem...

P1: Pois, é o que o P8 ‘tá a dizer, depende da atitude de... [impercetível]

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Pois, mas eu acho que também tem a ver, porque é assim, se tu fores um bocadinho assertiva, se calhar, o inspetor também perde um bocadinho de garimpa. O problema é que as pessoas perante a inspecção é “*yes, master*”, “*whatever you wish, master*”.

[risos]

P1: *My precious!*

[risos]

P10: É o nome, eu acho que é o nome.

P12: É, o nome... eu acho que, se calhar, se se mudasse o nome para supervisão ou qualquer coisa assim, ganhava outra conotação. Mas... eu quando disse isto é porque eu

sei que no continente as coisas mudaram muito. Eu não me lembro agora o nome da fulana que foi diretora da inspeção e que fez essa mudança. Tenho o nome debaixo da língua, mas pronto, não interessa. Mas sei que isso mudou.

[impercetível – sobreposição de vozes]

P1: Levanta mais um bocadinho, a ver se ele sai!

P8: Olha, mas gosto daquela definição inicial, da avaliação externa.

P10: O papel de punição.

R.: Garantir que as diferenças de desempenho das escolas.. não sejam demasiado discrepantes e que os resultados previstos sejam alcançados. O Conselho Nacional de Educação, também, no âmbito da avaliação externa, faz a recomendação de que a avaliação externa... tenha um papel ao nível da capacitação, para tornar as pessoas mais capazes, não é? De fazer as coisas; ao nível da regulação, temos, outra vez, a prestação de contas, temos sempre, ‘tá bem? Até quando fazemos bem algumas coisas; e a participação das... dos membros da comunidade educativa... Ao nível da autoavaliação – é isto que nos interessa – temos ali uma coisa muito importante, que é mudança das práticas do nosso decreto. Eu até posso... na legislação até pode dizer que o funcionamento de uma escola tem que ser desta ou daquela forma, o papel dos membros da comunidade educativa tem que ser desta ou daquela forma. Ou eu quero mudar e quero fazer as coisas de outra forma ou então o facto de estar escrito num papel não vai fazer com que as coisas mudem. O processo de avaliação deve assentar numa, numa interpretação integrada e contextualizada. Porque é que é importante complementar a avaliação externa? Não, não podemos dizer é importante só a avaliação externa ou a avaliação interna, as duas são importantes, porque as duas complementam-se. Uma coisa é aquilo que... que a inspeção chega cá e faz a avaliação do que é que... se as coisas estão bem, se não estão. Outra coisa, de eles dizerem: “Ah, se fizerem isto, está mal. Eu vou explicar o porque é que está mal. Atenção que isto está mal, nós não conseguimos atingir este objetivo por esta, esta e esta razão”. ‘Tá bem? Por isso é que é importante nós fazermos a avaliação interna e é importante juntas as duas, ‘tá bem? Para vermos até de que forma é que também há discrepância ou não... ‘tá bem? Nas duas avaliações.

P8: Antes de avançar, diz-me uma coisa, porque é que ao longo dos tempos, quando nós pedimos aos diversos grupos disciplinares para tentarem encontrar os motivos, as

causas do insucesso... o... quem disse... não me recordo de ler em lado nenhum, nem no meu grupo, os grupos a assumirem alguma responsabilidade por esse insucesso. Porque é que nós temos a tendência para culpar o sistema, os pais, os alunos que não trabalham, não fazem e não temos a capacidade para...

P12: Porque é sempre mais fácil...

P8: Eu não me lembro de ler um documento em que o próprio grupo ou próprio professor a assumir...

R.: Mas isso é próprio do... ser humano.

P8: ... “Oh pá, e eu devo ter alguma responsabilidade no meio disto tudo”.

R.: Eu vou-te falar... de mim, nem vou falar do meu grupo. Vou-te falar de mim... Primeiro lugar – isto, agora vou falar primeiro de todos – é mais fácil, muitas vezes, dizer que são os outros. Todos nós temos grande dificuldade... de assumirmos até que ponto nós poderíamos ter feito melhor. Pronto. Agora... eu falo por mim, eu sinto que muitas das vezes dou, percebes? E disponibilizo e... e... e... materiais, disponibilizo a presença, venho para a escola, se for preciso... e... mas eles não aproveitam. E as razões que o meu grupo alegou foi esse facto, foi o facto de, muitas das vezes, nós disponibilizamos e são os próprios alunos a não conseguirem... a não quererem, muitas das vezes, eles não querem, ‘tás a perceber?

P8: Mas será que te expressaste bem? Será que foi... na hora certa ou não sei quantos? A questão que eu coloco é sempre isso. Porque é que nós temos a tendência sempre “Oh pá, é o outro lado”.

R.: E porque não... Mas, mas quando eu faço... tenho, às vezes, tendência de... de... peço sempre ao... peço-lhes sempre... Aqueles que não conseguem, peço-lhes sempre para eles analisarem o porquê é que não conseguiram, ‘tás a perceber? E eu tenho, relativamente aos alunos, tenho insucesso na minha disciplina, que eu faço materiais. No sétimo ano – mas isto é no nosso grupo – no sétimo ano, é uma taxa de insucesso, valha-me Deus, Santa Maria e Santo António! Que vai diminuindo, gradualmente – ‘tá aqui a P14, que também acompanhou no caso do Pedro, que já vai acompanhando há alguns anos – e fazemos uma triagem até ao nono ano e do oitavo para o nono, diminui drasticamente, porque já houve aquela seleção, para trás. Mas agora isto também depende de quê? Depende do tipo de professor, da exigência do professor, depende de

uma série de fatores, P8. É que também não ‘tamos todos, pelas... a medir pela mesma bitola.

P8: Então, mas isso, mas isso demonstra que nós, em termos de grupos, também tenhamos que assumir alguma responsabilidade.

R.: Exatamente.

P8: E não a temos assumido.

R.: P8, eu aqui, eu ‘tou-te a ser sincera, eu, muitas das vezes, e não sou... e às vezes tenho conversas com outras pessoas, portanto, não sou só eu a pensar, eu ‘tou a trabalhar para o quê? O que é que me interessa? Ter alunos suficientes, só, aqui na bitola e, pronto, não... mesmo com os... os... os critérios todos, os critérios todos e as benesses todas que a gente já dá, *tá* no quarenta, “Ai tá no quarenta, vou dar o 3”. Eh pá, não chegou, não ‘tá... não tem cinquenta, não tem o 3. Basta pegarmos por aqui, é que todos somos muito rígidos nos critérios de avaliação, mas depois quando vamos efetivamente...

P8: Sim, mas isso [impercetível]. Aqueles da [impercetível] estão mal, o título está errado.

R.: ‘Tás a perceber? Há aqui uma série de coisas, que nós não sabemos para o que é que... eu, muitas vezes, pergunto para o que é que eu estou a trabalhar. Mas eu quero alunos, mas, olha, P8, nós, no nosso grupo – vou-te falar mais uma vez do nosso grupo – nós no nosso grupo, como é que trabalhamos, a partir do sétimo ano, com é que nós trabalhamos? Nós trabalhamos para preparar um aluno, tentamos trabalhar, tentamos trabalhar para, para um aluno que seja capaz de aguentar o terceiro ciclo e prepará-lo para o ensino secundário, seguir Biologia e Geologia, porque nós temos noção do que é que é um exame de Biologia e Geologia. ‘Tás a perceber? E é assim, quem não conhece o exame, acha: “É só conhecimentos”. Antigamente era, antigamente eu decorava. Neste momento, eu sei analisar, eu sei interpretar um texto, quem não sabe interpretar um texto num exame, tira baixa nota. Basta isto.

P8: Mas quem não sabe interpretar um texto em Biologia/ Geologia não sabe interpretar em História e Geografia.

R.: Ai não, passa muitas vezes, P8. Nós vamos alunos que nós vemos que não sabem explicar, não sabem fazer um raciocínio a escrever e têm... passam... têm positiva a Português.

P8: Sim, não, mas pode ter, mas a questão da interpretação. Se um aluno não é bom a interpretar numa disciplina, não é bom a História...

R.: P8, basta decorar.

P8: Não, não.

R.: Eu tenho alunos que me dizem: “Professora, eu só tenho que decorar as definições, que a professora só pede as definições”. ‘Tá decorado.

P8: Não sei a que... não sei a que disciplinas é que isso acontece. [impercetível]

R.: Nós não fazemos isso, percebes? Nós trabalhamos muito com a aplicação, eu vou aplicar os conhecimentos. Obviamente, é o que eu lhes digo, eu para explicar porque é que isto assim, eu tenho que saber e vou à definição na mesma, mas eu tenho que saber, saber que quando eu estou a falar disto “Ai, eu tenho que ir buscar aquele conceito, aquele...”, ‘tás a perceber? Agora, os exames também são diferentes, o grau de dificuldade é completamente diferente. Agora, nós tentamos, já sabendo de antemão como é que é o ensino secundário e se eles quiserem seguir Biologia, Geologia ou Curso de CT, nem vou dizer, se quiserem seguir um Curso de CT, eh pá, eles têm que saber fazer raciocínio. E um miúdo que, simplesmente, decora e que não sabe, a gente faz-lhe a pergunta ao contrário e ele já não sabe do que é que estamos a falar, quando acabou de dizer a definição antes... eh pá, como é que um miúdo destes consegue fazer um raciocínio? Não consegue. E daí haver o paralelismo das Ciências não consegue. É um miúdo que em Matemática também não vai conseguir...

P6: Geometria também não, porque tem muito raciocínio.

R.: Mas é assim, nós vamos, agora, era preciso que os grupos... que nós todos assumíssemos que tipo de alunos é que nós queremos. Nunca ninguém, nunca definimos o perfil do aluno que nós queremos. Qual é o aluno que eu quero? É um aluno que saiba pensar. Espírito crítico, os nossos alunos, têm poucos. Sabem dizer se gostam da parede branca ou preta, mas isto, isto para mim não é ter espírito crítico, é pegar nas coisas, nas informações da disciplina e criticar a informação, ‘tás a perceber? Portanto, são estas

coisas todas que não há um perfil de aluno. Devia haver um perfil de aluno. Que aluno é que eu quero no final do segundo, do segundo ciclo, do terceiro, do secundário?

P8: Não há um perfil geral. Não há um perfil geral.

P10: Mas ter um perfil de aluno também tem muito a ver com o que é que o aluno quer.

R.: Não, o perfil de aluno geral, P10. No final do segundo ciclo, que tipo de aluno é que eu quero?

P12: Mas tu tens, a legislação define perfis para o terceiro ciclo, o que é que o aluno tem que saber, pelo menos no caso da História...

R.: Mas eu não te estou a dizer...

P12: ... nós temos um programa...

P10: Isso também tenho...

P12: ... em que 'tá lá definido o...

P10: Os objetivos que é necessário [impercetível].

P12: ... o que é que o aluno, no final do terceiro ciclo, deve ser capaz de fazer. E passa por conhecimentos que têm a ver com a memorização, obviamente, mas também passa por outro tipo de competências.

R.: Pronto, mas eu não 'tou, não 'tou a falar em termos de disciplina, P12. Nós chegamos ao final, ao final do segundo ciclo, ao final do nono, do, do terceiro e do secundário e era importante... antes, segundo e terceiro, e vemos que tipo de aluno é que eu quero, também, em termos de competências que eu vou trabalhar, não só as competências, as competências que são transversais: a argumentação, o espírito crítico...

P12: Sim, eu sei!

R.: ... o saber analisar um gráfico...

P12: Eu 'tou a perceber o que é que tu 'tás a dizer, mas eu acho que isso...

R.: Eu tenho miúdos no nono ano que... 'tão, 'tão a olhar para um gráfico e aquilo...

P12: Eu percebo o que é que tu 'tás a dizer, mas eu acho que isso 'tá definido, pelo menos, no programa de História, está definido. E... portanto, não vejo como é que eu posso inventar muito sobre isso.

R.: Éramos nós todos. Quais são as... as competências transversais que nós queremos trabalhar? Os alunos não... eu acho que falta sempre comunicação nos níveis de ensino. Eu acho que, no secundário, nós estamos sempre a reclamar: “Eh pá, estes miúdos do terceiro ciclo” e quem é que falou com os professores? Porque há lá professores que apanham terceiro ciclo e secundário, mas há professores que são só sempre do secundário, outros do terceiro, outros do segundo. Oh pá, quando eu apanho os alunos, eu quando os alunos no sétimo: Eh pá, então estes miúdos estão no sétimo ano, não sabem fazer isto, isto e isto? Então vou comunicar ao segundo ciclo, que é para o segundo ciclo, ao nível transversal, as disciplinas todas, vamos trabalhar isto. Porque os miúdos chegam ao terceiro ciclo e têm grandes dificuldades. E, às vezes, uma coisa que, se calhar, para nós é insignificante, pode ser... aquele... Aquela pequena coisinha, se calhar, pode fazer a diferença.

P8: Então, afinal, os professores têm culpa, no... no insucesso? E até agora não tem havido...

P12: Mas é assim, oh P8...

[impercetível]

R.: É a falha de comunicação.

P12: ... para voltar à tua questão...

P8: Mas se todos temos...

P12: Mas para voltar à tua questão.

P8: Porque é que, até agora, em nenhum documento, eu li os professores e os grupos a assumirem alguma responsabilidade. Eu só vejo pais, alunos e o sistema.

P12: Oh P8, mas é assim, para voltar à tua questão, porque é que os professores... Eu acho que isso tem a ver com muita coisa, mas tem a ver com uma cultura instalada nos professores. Os professores continuam a achar que ensinar é fazer uma palestra fantástica ali durante 90 minutos e eles têm que me ouvir e se não me ouvem, é porque estão desmotivados, é porque o pai se embebedou, é porque a mãe se porta mal, é porque o irmão mais velho se droga. E nunca tem a ver com a minha forma de trabalhar. Portanto, nós temos esta cultura tão enraizada em nós, que é muito difícil... responsabilizarmo-nos pelo insucesso dos alunos. Olha, eu vou-te contar uma história que me aconteceu, quando eu era professora principiante.

P8: Mas não chores.

P12: Não, mas chorei nesse dia. Eu era professora muito principiante, já não sei se foi... acho... não foi a primeira escola em que fui colocada, mas foi assim mesmo no princípio da minha carreira. Eh pá, e eu sempre tive um bocado... naquela altura, tinha muito – até, porque, ainda por cima eu fui trabalhar sem ter formação profissional – e achei que não podia ir para o trabalho sem perceber nada disso e, então, li os Ensaios de Educação do João dos Santos. E havia lá uma frase que nunca esqueci, que até usei, depois, na minha tese de mestrado, que era “*Não maltratem as crianças, deem caça ao escaravelho*”. [risos] E eu, oh pá, eu achava que um professor que se preza não põe um aluno na rua, porque um professor que se preza, eh pá, tem que ser capaz. Se eu sou adulto e se eu ‘tou a lidar com miúdos de 12, 13 anos, eu tenho que ser capaz de ter alguma estratégia... não posso ‘tar a reagir ao aluno. Eu tenho que ter uma atitude diferente. Bom, e eu já nem sei porquê, eu sei que pus um aluno de oitavo ano na rua. Pá, cheguei à sala de professores, chorei baba e ranho. Baba e ranho. Que eu depois quando choro, não faço a coisa por menos. E houve um colega: “P12, o que é que tu tens?”; “Oh pá, eu pus o não sei quantos na rua!” [risos]. Desatou-se tudo a rir. “Então, mas tu pões um aluno na rua e ‘tás a chorar?”. Aquilo, para mim, era um atestado de incompetência... Pá, mas a maior parte das pessoas...

P10: Quando chegas a esse ponto, é sinal que perdeste o controlo e que tens que o pôr fora.

P12: Pronto. E para mim aquilo tinha sido um erro da minha parte. Quer dizer, apesar do miúdo – eu já não me lembro como é que aquilo foi, ele deve ter sido malcriado, deve ter dito alguma coisa que não devia, não sei e eu acabei: “Para a rua!”. Pá, mas é assim, para mim, um professor que se preza, não fazia uma coisa destas. Mas a maior parte das pessoas, acha, eh pá... Portanto, é assim, nós não ‘tamos muito habituados a responsabilizar-nos pelos insucessos dos alunos. E, portanto, é... é por isso que, depois, tu chegas às reuniões, eu já nem faço esses balanços, porque eu já sei o que é que vou ouvir. Para que é que eu vou perguntar às pessoas: “Ai, então, queres aí dar uma justificação? Põe esses 70%...”.

P10: Mas, mas, então, que hipótese... [impercetível]. Na reunião também já não há hipótese disso...

P12: Não, ‘tou a dizer nas reuniões de grupo.

P10: Ah, de grupo.

P12: Eu já sei o que é que eu vou ouvir: os alunos isto, os alunos aquilo, os alunos o outro, os alunos aqueloutro. Eh pá, então se não tem nada a ver com a minha prática, o que é que me interessa? Eu não sou mãe dos alunos, eu não posso dar educação aos pequenos. Ou, pelo menos, alguma da educação que eles precisam. Agora, se achas que eu acredito nisto, eu não acredito. E mesmo em relação às minhas aulas, tenho consciência que há muitas coisas que precisam de ser mudadas, porque não é possível a gente continuar a trabalhar com os miúdos como trabalha, porque estes miúdos já nasceram com as tecnologias, estes miúdos já nascem com outra forma de aprender, estes miúdos não têm o... não têm sequer a imagem da escola e do professor que nós tínhamos. Porque nós olhávamos para a escola, muitos de nós olhávamos para a escola como um elevador social. A escola hoje não é um elevador social, tu podes andar na escola a tua vida toda, és um pindérico que ganha 1000€...

P8: Mil euros não [impercetível]

P10: Sim, não responde às expetativas [impercetível].

P12: Pronto. E, portanto, é assim...

P10: Neste momento, não [impercetível].

P12: Há muitas coisas que são diferentes e... Agora é assim, eu acho que há uma parte que tem a ver com a nossa cultura.

P10: Mas, eu, por exemplo, tenho... sou da opinião que os grupos deviam de se – não digo que fosse sempre – o meu grupo trabalha todo desde o segundo ciclo até ao secundário, as reuniões são em conjunto, deviam de ser em conjunto. Não digo que fosse sempre, o ano inteiro a reunir sempre, mas deviam ter momentos onde deviam de reunir... [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: P10, mas isso era o espírito dos departamentos. Só que, por exemplo, aqui na escola foi completamente subvertido.

P10: Aqui [impercetível].

P12: Não, mas, por exemplo, se tu tivesses departamentos a sério, em que tinhas, por exemplo, só os professores daquela disciplina, mas tinhas os professores dos níveis todos, oh pá, tu trabalhavas de outra forma.

P10: Sim. [impercetível] vão lá todos.

P12: Agora, é assim, eu ‘tou num departamento em que ‘tá o Senhor Padre... Exatamente. E em que os departamentos não são esta... este albergue espanhol que são na nossa escola. No meu departamento está o Senhor Padre, ‘tá os colegas de Economia...

[impercetível]

P12: Eh pá, mas é assim, mas tão, tão áreas disciplinares que não têm nada a ver com a minha disciplina. O que é que eu vou para lá fazer? Eu... a gente vai lá, cumprir calendário e ouvir informações que podem ser mandadas num *e-mail*. Olha, o pedagógico decidiu que dia 13 é o dia da escola, não há atividades letivas, vai haver uma festa. Agora, questões pedagógicas...

[impercetível]

R.: Acho que falha, falha a comunicação. Nós estamos sempre a culpar os anteriores...

P12: Questões curriculares, no departamento, tratei alguma vez alguma? Eh pá, se tratei não me lembro. Se tratei não lembro.

R.: Mesmo em termos de pedagógico, o que a gente, às vezes sente é que só vem...

P12: Pois, pedagógico

R.: ... Pedagógico, é só dar informações das coisas que tem que fazer, de atas e pouco mais.

P12: E, depois, discutes o... não sei o quê...

P10: O balanço?

P12: E, pronto. Agora, eu acho que o facto de nós não nos responsabilizarmos por, pelo insucesso dos miúdos, é muito uma questão cultural, nossa, que *tamos* muito habituados a... pôr a culpa sempre no alheio ou...

R.: E fala-se, fala-se pouco. Não temos aquela coisa do “*Vamos agora...*”. Mesmo dentro dos grupos, fala-se pouco, estamos sempre... é sempre o... com aquele receio de não incomodar a outra pessoa e a outra pessoa sentir que estamos a invadir o espaço... e que ‘tamos a criticar. Portanto, a crítica aqui não é, não é... a crítica não ‘tou a falar, oh pá, pelo menos fala-se com a pessoa. Eu sou apologista de que eu falo com a pessoa.

P12: Sim, mas oh R., mas tens...

R.: Mas aqui não há.

P12: Mas, sabes...

R.: Aqui leva-se logo a mal, automaticamente, e isto acaba por... as pessoas... a comunicação começa... quebra logo aí.

P10: Isso ‘tá entranhado aqui.

P12: Mas, mas sabes...

R.: Não há pontes, não há pontes.

P12: Mas sabes que...

P10: Isso tá entranhado aqui...

P12: Mas... porque os professores têm esta cultura muito individualizada e não é só aqui, P10. P10, mas não é só aqui.

R.: É geral, é.

P12: Olha, eu, uma vez, li um livro giríssimo, tenho uma pena que aquele livro não esteja traduzido, de um tipo que ele diz que as escolas são como as caixas de ovos, ou seja, as turmas estão todas nos mesmos, no mesmo espaço, mas não se tocam, não há comunicação. Tu, na caixa de ovos, tens lá a dúzia dos ovos todos, mas eles ‘tão bem isoladinhos uns dos outros. E ele fala mesmo dessa cultura de caixa de ovos, que nós somos habituados a trabalhar sozinhos. Porque é que as pessoas têm tanta dificuldade em aceitar que, de repente, um colega te vá assistir a uma aula? E dizem-te assim: “Ai pá, isso de aulas assistidas. Ai não, ai não, não, não”. “Ai não, eu não tenho problemas, mas não, não gosto disso”. Pá, porque... porque é aquela coisa, eu ‘tou tão habituada a ‘tar sozinha no meu reino, que, de repente, ter uma pessoa que é meu par – porque uma coisa é ‘tarem lá os 30 macacos, os 30 macacos são meus inferiores hierárquicos, portanto eu ‘tou à vontade – mas, de repente, há uma pessoa que ‘tá no meu patamar hierárquico, eh pá, e isso já faz uma confusão do arco-da-velha.

P10: Sim, mas acho que tem que ser uma coisa treinada.

P12: É uma... é uma coisa cultural, nossa. Mas nossa não é específica dos professores desta escola, é, é... E isso está muito estudado, é, é... uma questão.

P10: Mas, por exemplo, olha, há uma questão... eu nunca tinha visto em escola nenhuma, das poucas que passei e das que conheço pessoas que ‘tão lá. Há um grupo,

por exemplo, no segundo ciclo, que é o que eu conheço melhor, o grupo de Matemática e Ciências. Em escola nenhuma, aquele grupo de segundo ciclo é separado... Mas aqui é separado, sempre foi.

P12: Não tenho a certeza que sempre tenha sido.

P10: Sempre foi, quer dizer, desde que eu cá estou... foi.

P12: Sim. De há muitos anos a esta parte, já houve um tempo em que não era separado.

P10: Porque aqueles professores que tanto dão Ciências, como dão Matemática...

P12: Exatamente.

P10: E, no entanto, aqui, o grupo é separado. Porquê?

P12: Como... e tens outro exemplo.

P14: Porque não são professores mesmo da área...

P10: Não.

P12: São, são, são profissionalizados... não, não, são profissionalizados. Todos.

P10: [impercetível] Não, em tempos, em tempos não se entenderam e separaram as temáticas.

P14: Sim, mas, por exemplo, ‘tou-me a lembrar do exemplo da Cátia...

P10: Sim, sim.

[impercetível]

P14: ... ela não é professora de Matemática, ela é professora só de Ciências.

P10: Mas já deu Matemática.

P14: Ela é de Biologia.

P10: Mas isso não te nada a ver. Se decidirem que ela vai dar aquilo, ela dá, independentemente se ela é daquilo ou daquilo. Isso também não tem nada a ver para aqui. Aqui também [impercetível].

R.: A P15 ‘tá a dar Ciências, não é da área dela.

P10: A P15 é de Economia. ‘Tá a dar Ciências, este ano.

P12: A P15 ‘tá a dar Ciências?

R.: Não, já deu, já deu, já deu.

P12: Já deu, agora só dá Matemática.

P10: Talvez a última vez que ela deu Biologia, que ela teve Biologia foi no nono ano.

R.: O P. ... o P. e o E. deram, também, no segundo ciclo, Matemática, [impercetível].

P12: Mas, por exemplo, não tens isso só no grupo de... de... de Ciências e Matemática, tens no de Português e História.

R.: É, ‘tá abaixo... [impercetível]

P12: Porque o grupo de Português-História, eu, eu acho que no segundo ciclo era só um. Não sei se agora separaram, mas era só um.

R.: Nunca vi [impercetível]

P12: E aqui na nossa escola, funciona de maneira completamente autónoma. Eu penso que isso tem a ver – eu agora ‘tou a falar completamente de cor – mas penso que isso tem a ver, por exemplo, no caso do grupo de Português e História, tem a ver com o facto de ter havido necessidade, para as pessoas terem trabalho, de deslocar pessoas do terceiro ciclo para o segundo ciclo.

P10: Sim. O grupo de Português, por exemplo, tinha um que é do segundo ciclo.

P12: E a partir daí, achou-se que se havia licenciados em História, a História devia ficar para os licenciados em História e o Português para os de Português. E, depois, há ali, penso que a J. dá as duas coisas, o R. não sei se dá ou não, mas, pronto, já ‘tão há muitos anos naquilo e já têm uma certa... E, de qualquer forma, pronto...

P10: E a escola pode fazer isso.

P12: Mas é assim, mas esses... esse grupo, também... E, aliás, a própria reforma do Roberto Carneiro ia muito nesse sentido, que era tu, por exemplo, tu não teres disciplinas, teres áreas disciplinares e... Só que, depois, quando chegou às escolas, é aquilo que a R. há bocado dizia, quer dizer, a mudança não se decreta [risos]. Pode até haver o decreto a dizer que a partir de agora, no terceiro ciclo, a área é de História e Geografia, mas depois o P8 diz: “O quê? Aquela? A dar Geografia? Mas a gaja percebe alguma coisa disso?” e depois venho eu e digo: “E o P8 a dar História? Não, ele que vá lá para os calhaus, quer dizer...”.

P8: Não me metas em confusões...

[risos]

P12: E depois as pessoas andaram quase... Houve escolas, em que quase se chegou a vias de facto, para dividir os tempos. Porque depois aquilo não batia a bota com a perdigota, porque dava mais um tempo para um, dava mais um tempo para outro. Ui! Ui! O que isso deu!

P8: Eu tive numa escola, onde não havia [impercetível].

P10: É preciso as pessoas estarem abertas a essa mudança e quererem essa mudança.

P12: No entanto, isso... Mas... Pois é, e isso, bom.

P10: Que a gente fala, fala, fala, mas depois não chegamos a uma altura e nem dizemos assim: “Então, vá, vamos fazer diferente”.

R.: Porque nós falamos...

P12: Não, e quando...

R.: Mas é essa coisa, nós falamos, o partir para a ação é que é o grande problema.

P12: Mas mesmo... mas mesmo quando tu tens uma legislação que te aponta para um caminho...

R.: Mas, se calhar... Sim.

P12: ... a tua tendência, é que... há uma cultura tão forte e enraizada, que a tendência é para tomar conta do meu quintal. Portanto, veio a reforma do Roberto Carneiro, com as áreas. Chegou às escolas e as escolas partiram aquilo tudo aos bocados. Portanto, a interdisciplinaridade foi logo pelas canas dentro.

P10: Isso foi um nome... Um palavrão!

P12: Depois faz-se assim umas festas no fim do ano...

P10: Não sei se alguma vez funcionou [impercetível].

P12: ... em que eu vou, faço uma *focaccia* para o P8 e ‘tá a interdisciplinaridade feita.

P8: Lá ‘tá ela a pegar comigo.

[risos]

P12: Oh pá...

P1: ‘Tás-te a pôr a jeito.

P8: [impercetível] Para o ano vais ser diretora de turma.

[risos]

P12: Olha, sou péssima diretora de turma, não penses. Não é por acaso que nunca mais me deram nenhuma direção de turma. Quando me quiserem dar um insatisfaz, é darem-me uma direção de turma. Oh, R., para isto... a avaliação dá isto.

R.: O quê?

P12: Ah, é que estas questões...

R.: Mas é bom... É assim, o bom disto é a formação, não é?

P6: O bom disto é a discussão!

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: Este grupo pintado [impercetível] já tem feito aqui grandes reflexões, não saem é daqui para fora.

R.: Mas é assim, quando tivemos também a do... a das competências, também o que eu mais gostei da, da, da formação era isto. É que a gente pode... Eu acabei por chegar ao fim, que era trabalharmos as competências em cada disciplina e não deu, não houve horas, porque a gente foi-se perdendo nas outras discussões. Mas as discussões ‘tavam a ser tão boas – e a [impercetível] também ‘tava – e ‘távamos a, a fazer algo concreto e a discutir coisas da escola, que eu também não quis acelerar e quando chegámos ao fim, aquela parte que, também, devíamos ter trabalhado um bocadinho, acabou por ficar. Mas eu acho que o que é... o que a gente leva daqui, é a discussão... E aqui ‘tá uma coisa muito importante, na precipitação dos acontecimentos em face da sobrecarga, parece nunca haver tempo para refletir, para fazer um balanço, para verificar o que estamos, efetivamente e porquê. Dizemos que vamos fazer a avaliação “ ‘Tá bem, olha, mas esta semana não dá jeito”, “Vá, então, para a semana a gente faz”. Vamos para as reuniões de grupo, eh pá, mas... eu tinha boas intenções e, se calhar, tive uma conversa com a P1, mas quando chego à reunião “Eh pá, olha eu agora...”, “Oh, mas hoje não me dá jeito, que hoje tenho os miúdos”. Portanto, é preciso também criar estes espaços. Se é preciso nós refletirmos, deem-nos espaços. Depois se nós vamos aproveitar ou não, isso já outra questão. Mas, aí já não podemos alegar que não tivemos tempos para a reflexão. Aí alguém que nos venha exigir a prestação de contas. Relativamente ao nosso Decreto-Lei, o 31/20002, que então tornava obrigatória a autoavaliação, o que é que esses

dizem? Portanto, eles não... definiram nenhum modelo, eles deixaram ao critério das escolas fazerem a autoavaliação como quisessem. Foi bom e foi mau ao mesmo tempo. Definiram, foi, alguns dos termos de análise, portanto: o grau de concretização do projeto educativo de escola e também como é que decorria o processo de ensino-aprendizagem; se existe ou não, se são criadas ou não condições para um clima adequado às aprendizagens; avaliação do desempenho dos órgãos de gestão, a gestão dos recursos como é que é feita, boa ou má, ação educativa como é que é; o sucesso escolar, ao nível da frequência escolar e resultados escolares, e se existe ou não uma prática de colaboração entre os membros da comunidade educativa. Portanto, poderiam ser avaliadas muitas mais outras coisas, estes tinham, estes eram obrigatórios. ‘Tá bem?... Nós aqui temos uma definição, que eu acho que é completa do próprio conceito de autoavaliação, que é um instrumento de reforço de uma autonomia responsável - se eu quero ser uma escola autónoma e uma escola autónoma responsável, eu faço autoavaliação e vejo o que é que está bem e o que é que está mal – constituindo o processo de regulação que conduz à transformação da prática – se as coisas não estão bem, eu vou transformar, vou mudar – através da recolha sistemática de informação – constantemente eu tenho que estar a recolher informação, por vários instrumentos, temos várias formas de recolher informação, já vamos ver daqui a pouco – sobre a estrutura e funcionamento da organização escolar, com vista a tomar decisões e, subsequentemente, a elaborar planos de ação e melhoria contínua, contribuindo para a qualidade da educação. Portanto, eu acho que esta definição... diz-nos tudo sobre autoavaliação, como é que deve funcionar, objetivos. Vantagens da autoavaliação: serve de diagnóstico; permite-nos alinhar os objetivos do projeto educativo com as estratégias que nós estamos a implementar; a prática da gestão do processo de melhoria; promover as equipas, o trabalho em... nas equipas multidisciplinares; participação e envolvimento da comunidade educativa – não só dos professores, de todos... encarregados de educação, funcionários; é uma fonte de motivação – deveria ser, ‘tá bem? Muitas vezes é uma fonte de chatices – e ainda tem práticas e melhorias contínuas ao nível dos órgãos de gestão intermédios. ‘Tá bem? Também partilhamos... Quando falamos em avaliação surge este conceito, que é o amigo crítico e aconselham, quando estamos a levar a cabo um processo de autoavaliação, nós termos um amigo crítico, que é um amigo aliado da escola, que também deve estar preparado para criticar e desafiar o que a escola está a fazer. Mas não vou buscar ali o amigo dos copos... eu tenho que ir buscar alguém que conheça e que tenha noção a confusão que é uma escola e o caos que é uma escola.

Portanto, tem que conhecer alguém que minimamente esteja ligado à educação, ‘tá bem? Neste caso, eu pus-me a pensar numa escola, quem é que... no Porto Santo, quem é que se poderia... oh pá, vão-se buscar pessoas de outras... da...da... das primárias, por exemplo.

P12: Por exemplo, o delegado escolar.

R.: Ou isso.

P12: Podia ser.

R.: Alguém, mas alguém que esteja familiarizado com, como é que pode... funciona uma escola. E, geralmente, pede para nunca escolhermos ninguém...

P10: O funcionamento deles é diferente do nosso.

P12: É.

P10: Completamente.

R.: É, mas é assim, o objetivo, P10, é – e eu conheço a escola, sei que isto dá um trabalho, sei como é que é trabalhar com miúdos, sei o que é que lidar, lidar com a frustração, sei quais são os objetivos que me são exigidos – eh pá, então, o que é... como é que as coisas...”Eh pá, nós aqui ‘tamos a pensar fazer assim”, “Eh, mas estás a fazer bem?”, “ ‘Tás a fazer...?’”. O objetivo não é que a pessoa conheça a realidade da nossa escola, é que esteja ligado com organização escolar. Não, efetivamente, com o nível de ensino em que estamos. E aconselham a não escolher alguém que faça parte da hierarquia da escola, ‘tá bem?

P10: Será... mas são aquelas...

P12: Mas, por exemplo...

P10: ... aqueles agrupamentos que foram criados, onde o pedagógico tem o fulano da primária, o não sei quantos, não sei quantos, também serve de amigo crítico, faz lá a parte do funcionamento.

R.: Ir buscar a outro agrupamento...

P8: Desses é que eu não queria nenhum.

[risos]

R.: É assim... Isto depois cabe, cabe a cada escola, depois...

P12: Pois, porque é assim, eu ia-te perguntar isso, por exemplo, o amigo crítico não pode ser ninguém que ‘tá dentro da escola, mesmo que seja uma pessoa...

R.: Eles aconselham... É assim, eles aconselham a não...

P12: Pois, eu percebo...

R.: Eles desaconselham...

P12: Eu percebo, porque tem que ser alguém neutral.

R.: Porque é assim, a partir do momento, eu, eu, eu ‘tou aqui... ‘Tou aqui implicada, portanto, automaticamente, eu também conheço...

P12: Claro.

R.: ... como é que as coisas andam e, automaticamente, não consigo ser imparcial...

P12: Exato.

R.: ... na forma como vejo as coisas...

P12: Tem que ser... Pois, claro, faz sentido.

R.: Se calhar, porque conheço aquela pessoa, se calhar não vou dizer, se calhar, pronto. É mais pela imparcialidade de posição.

P8: Em determinadas... em determinadas escolas, por exemplo, pode ser um representante da associação de pais.

R.: Mas nem sempre os presidentes da associação de pais conhecem as coisas, como é que funcionam.

P6: Conhece as realidades... sim.

R.: É olhar...

P8: Eu estou a dizer em determinadas escolas. Eu sei escolas... eu tive numa escola, onde a dinâmica da associação de pais... Eu dou-te um exemplo, nós vamos agora a uma escola, no fim de semana, onde a associação de estudantes funciona melhor do que esta escola toda. E estamos a falar de associação de estudantes.

R.: Pensava que ias dizer que a associação de estudantes funciona melhor que a nossa associação de estudantes [risos]. Aqui só... associações só existem para fazer as eleições [impercetível].

P8: Ah, [impercetível]. Ah, não, eu não estou a falar da nossa associação, estou a falar da nossa escola, em todos os serviços. Eles dão cartas e é uma associação feita por putos. Só que têm uma organização e uma capacidade [impercetível].

R.: É assim, vai muito do exemplo. E é assim, por acaso numa – tinha essa frase, mas não a coloquei aqui – que diziam que... se nós queremos alunos criativos, virados para a aprendizagem, eh *pá*, temos que ter professores motivados para isto também e também o saibam implementar. Se nós não temos e se nós não fazemos, isto vai muito, também, pelo exemplo.

P8: Exato. E também temos que ter alguém que dê essa motivação aos professores.

P10: Exato.

[risos]

P8: Não, eu digo mesmo a nível nacional. Quando tu tens um Ministério da Educação constantemente a mudar as regras... um sistema todo a mudar, tu [impercetível].

P12: A meio do ano.

P1: Quase no final do ano letivo.

P8: [impercetível] Isto é motivar as pessoas? Oh *pá*...

P12: Oh *pá*, é a mudança, quer dizer, reclamam que não há mudança, depois, agora, afinal, já é mudança a mais. [risos]

P10: [impercetível] regras do jogo a meio. [impercetível].

P12: Eu sei, eu sei, P10, estou a ser irónica. [risos] Também não acho muita piada.

R.: E nos últimos anos, tem vindo um outro conceito, que são escolas aprendentes ou escolas que aprendem, ‘*tá bem?* O que é que significa isto? A partir da realidade que nós temos, temos que parar, temos que refletir, temos que discutir e, a partir da discussão, vai-se gerar conhecimento. Conhecimento de como é que a escola funciona. Então, a partir daqui eu vou gerir este conhecimento que eu adquiri. Portanto, daqui o falar-se em escolas aprendentes, ‘*tá bem?* Portanto, nós fazemos a gestão do próprio conhecimento da realidade da escola onde nós estamos inseridos.

P8: Mas como é que tu vais fazer essa gestão se nós ainda há pouco concluímos...

[impercetível]

P8: ... que grupos não funcionam... Nós vemos a reunião geral do início do ano, é uma vergonha...

P10: Então, mas as pessoas têm que aprender a fazer essas coisas, têm que se começar a...

R.: P8, eu dou-te, eu dou-te um exemplo...

P8: Como é que eu quero que a escola aprenda, se os grupos não aprendem?

P10: Isto agora não adianta, mas P8 não adianta a gente 'tar aqui... No teu grupo, se chegares, olha, por exemplo...

P8: Não, o meu grupo funciona.

P10: Eu não... nós não...

[risos]

P10: O meu também funciona lindamente. Há anos que andamos [impercetível].

P12: Olha, o meu não.

P1: Então o meu nem vos conto, a gente até vai para a poncha, depois a reunião [risos].

P10: [impercetível] A nível dos membros superiores e nós fazemos os testes e o teste pior, a nível de força, é superior. Mas ainda não dissemos assim: “Então, vá, vamos... ok... Por exemplo, o segundo ciclo, vamos trabalhar estas capacidades, que é para ver se eles depois... se há uma diferença ou não.” Não, porquê? Porque depois está um programa, que tem que ser dado. As pessoas estão agarradas àquilo. Então e se eu não der isto? Então e depois? Parece que nem aí a inspeção...

[risos]

P10: [impercetível] processo disciplinar, porque eu não dei o... o andebol, o basquetebol e a ginástica, os rolamentos que aquilo é... útil para a vida toda, o resto da vida deles.

P8: Mas [impercetível].

P10: Mas, exatamente. Também é útil, não é P8? ‘Tás a perceber? A gente encontra o problema e... falamos e dizemos: “Mas, então, vamos lá... vamos”. Pronto, se eles vêm da primária, já não lhes trabalham estas capacidades como deviam trabalhar, começam-lhes a dar aquelas modalidades logo muito cedo, não é?... Têm pouca força superior,

têm. E isso, depois, influencia todas as modalidades, porque... não... vê-se mesmo perfeitamente. Mas não... Ainda não... ainda não dissemos assim: “Então, vamos lá. Pronto, então olha, nós vamos dar...”, porque é muito difícil. E agora, eu chego ali a baixo, ao departamento e levo ao pedagógico...

R.: Era isso que eu te ia dizer...

P10: Oh, mas isso...

R.: Porque há a grande pressão do cumprimento da planificação... Eu não fico preocupada, porque é assim, nós conseguimos gerir, mesmo que eu tenha – e isto, isto a mim faz-me muita confusão – a planificação é uma previsão e há pessoas que seguem aquilo, como se aquilo fosse... Eu não encaro, eu não encaro a planificação como estática, a planificação vai variar de acordo com os alunos...

P10: Certo, mas por exemplo...

R.: Obviamente, que há temas que nós conseguimos despachar e que nem para eles tem interesse, nem que... Mas nós conseguimos gerir isso e eu acho que há muita gente que tem dificuldade em fazer essa gestão. E se eu tenho cinco aulas, para esta matérias – eu admiro essas pessoas que fazem isso, porque eu não consigo. Mas, têm cinco aulas para, são as cinco aulas.

P1: Têm que ser aquelas cinco aulas.

R.: E a gente pergunta: “E já acabei”.

P10: Já está.

R.: É assim, independentemente... Mas os alunos, mas eles não teve coisa... Eh pá... Se eu vejo que os alunos não conseguem, dou mais umas fichas, olha...

[impercetível- sobreposição de vozes]

R.: Consigo gerir.

P10: Têm que passar à frente. Não, não, têm que passar à frente.

R.: Mas há essa dificuldade também....

P10: Há. Lá está.

R.: Mas acho que lhes tem passada a informação. Eu acho que há muitas coisas aqui, P10...

P10: Mas, escuta, mas depois é assim, tu até passas... dás mais aulas, dás mais tempo e tal e... e nesse arrastar imagina que tu chegas ao final do ano e não deste este e este conteúdo, não é? E os teus alunos têm um exame e aquele conteúdo vai sair. E agora, como é que tu te justificas? As pessoas estão, é: sou eu que fico em cheque.

R.: Não, mas é assim, P10, mas é, mas o que eu acho, é assim, mas P10, o que acho é que tem que ser dito às pessoas, porque há pessoas que... como é que eu te hei de explicar isto? Se tu lhe disseres... “A porta é por ali” ou “pela janela, não ‘tá aberta”, as pessoas dizem “A saída é por ali”. As pessoas não... há pessoas – e somos professores, por isso é que eu digo que temos que ver também – e há pessoas que não, vão à volta e dizem: “Oh pá, mas eu tenho duas portas, porque raio é que agora vou ter que subir a janela?”.

P10: Exatamente.

R.: Há pessoas que não questionam, recebem as ordens e há pessoas a quem... recebem a ordem de que a planificação é para cumprir e que se não cumprirem têm que justificar, as pessoas aqui têm um medo tremendo de justificar. Dar mais de 50% de negativas, meu Deus! Justificação? Não, eu subo já dois, duas notas aqui a dois alunos. Portanto, isto é, são estes receios todos, estes medos e é preciso falar com as pessoas e dizer: “Eh pá, às vezes, as coisas acontecem, temos que saber gerir”. Há pessoas que sempre funcionaram assim. Há pessoas que, se calhar, desenrascam-se, outras que não conseguem desenrascar-se. Mas é importante, eu, às vezes, deparo-me com situações... eu falo-te do ESA, que não conta para nada, mas que, às vezes, há tantos problemas e eu pergunto às pessoas: “Mas porque é que há tantos problemas, se vocês são os primeiros a dizer-me que isto não vale para nada?”. Mas simplesmente as pessoas embatem e estamos ali a tratar de um problema, só porque alguém disse isto e as pessoas não conseguem ver mais nada além daquilo. Portanto, é uma questão, também, de falarmos com as pessoas. E, há pouco, P8, ‘tavas a falar da, da, da reunião geral. Eu lembro-me de um ano, eu agora já entrei naquele esquema, pronto: “Vamos lá, o F. [PCE] diz-nos olá e pronto”. Mas eu houve um ano que houve um problema qualquer no ano anterior, eu pensei: “Bem, o ano vai começar e o F. [PCE] vai pôr os pontos nos is” – já não me lembro que situação foi, nem – e fui, bem vim toda esperançada a pensar: “Bem, isto vai”. Foi o mesmo discurso, portanto, as pessoas de certa forma [impercetível].

P10: Não, não, este ano foi mais curto.

[risos]

[impercetível]

P8: Uma questão é o discurso, outra coisa, é a questão... eu falo é da postura... Nós temos uma postura na reunião geral, na minha opinião, é inadmissível.

P12: Oh P8, mas, se calhar, temos essa postura, porque a reunião é o que é.

P8: Provavelmente, porque eu é que estou mal habituado e venho de uma escola... eh pá [impercetível].

P10: Ah, diz-me antes assim!

P8: Não, eu estou a criticar a postura dos...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Não, mas é assim, P8, mas as pessoas têm essa postura, se calhar, porque a reunião é aquilo...

R.: É, é, é.

P12: Sabes? Se calhar, se fosse outro tipo de reunião, as pessoas tinham outra...

P10: Eu quando vim para aqui...

P8: Sim, então porque é que os alunos não podem determinadas atitudes, quando estão em determinadas situações?

P10: P8, eu quando vim para aqui...

P12: Ah, mas eu...

P10: Olha...

R.: Olha para o que eu faço... olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço.

P10: Eu quando vim para aqui, P8, telefonava todos os dias a saber quando é que era a reunião geral. E ninguém me sabia dizer isso, porque eu não apanhava ninguém. Até que um dia me disseram assim: "Olhe, aqui não há reunião geral" e eu: "Ah! Pronto, 'tá bem!", "Venha no dia tal, que é para entregar os horários". Depois começou a haver estas reuniões, por...

P12: Por área de ciências e de letras.

P10: Sim... Portanto, aí não consigo [impercetível] que um elemento... 'tás a perceber?

R.: As pessoas estão habituadas, P8, a algum [impercetível], percebes? Já não é a primeira vez, nem segunda nem terceira...

P1: A reunião geral sempre foi para entrega de horários.

P10: Não, mas eu noutras escolas [impercetível].

P1: Eu sou professora desta escola há trinta anos.

P10: Entrega de horários, também, mas os professores eram recebidos, explicava-se como é que isto ia funcionar, o que é que era necessário, o que é que não era, mesmo de repetidamente, porque já ouviste não sei quantas vezes. E no final daquilo tudo, cada grupo saía e as pessoas punham os horários em cima da mesa e escolhiam por hierarquias, por exemplo, ‘tá bem? E também era para distribuição de horários, para falar, por exemplo, de [impercetível] que tivemos uma grande receção de... *buffet* e tudo na Câmara.

P12: Vou-te dizer, P10, ainda a Z. era viva, portanto, ‘tás a ver, uma vez eu disse assim, para o F. [PCE] ... Eu e a Z. tínhamos tido um clube de culinária, há uns anos atrás.

P1: Sim.

P12: Nessa altura, o clube já não existia, mas ela ainda era viva e eu disse: “Pá, F. [PCE], olha, se calhar, ia falar com a Z. e fazíamos uns bolinhos e servia-se umas coisas na reunião geral”. Sabes o que é que ele me disse? “Não quero cá reuniões do Movimento Nacional Feminino”.

[risos]

P12: E eu: “Ah, ‘tá bem, ok”.

P10: Aquilo tem a importância que tem, ‘tás a perceber?

P12: Por exemplo...

P1: Mas, por acaso, a gente até podia-se juntar e fazer uma coisa dessas.

P12: Mas também, lá está, se calhar, se houvesse um ano em que houvesse meia dúzia assim de malucas do Movimento Nacional Feminino, que dissessem assim: “Eh pá, a gente nem que seja para vos enfiar uma chapada de luva branca”, vai montar um *buffezinho* pequenino para a malta conviver na reunião...

P10: Falta uma mulher ali. Aquela parte sensível. [risos]

P12: Eh pá, não é preciso que esteja na... Sabes que eu acho que...

P10: Estou a brincar.

P12: Isso foi uma coisa que eu aprendi com a minha mestra Manuela Teixeira, foi uma mulher muito importante na minha vida. O poder não ‘tá exatamente no sítio onde a gente pensa. E, se calhar, às vezes, nós que estamos cá em baixo, podemos mais do que aqueles que ‘tão ali. Porque é assim, se eu for lá dizer: “Eh pá, olha, eu e a P10 e mais a P1 e não sei o quê, a gente agora...”.

P8: Não me metas ao barulho!

[risos]

P12: “No dia da...”. Não, vá, tu não! “A gente no dia da escola vai fazer um chazinho, uma coisinha para os colegas”. Dizem-me logo: “Ai pá e tal e não sei quê”. Mas se, em vez de eu ir lá dizer, a gente combina...

P1: Fazer mesmo! Ir apresentar feito!

P12: ... e a gente traz e põe em cima da mesa, eh pá...

P10: Sim, eu não digo que não, mas faz...

P12: Mas eu, mas em relação àquilo que o P8 diz, eu acho que é assim, as pessoas vão para ali, naquela postura, porque aquilo é o que é. Portanto, é assim, porque é... porque é que eu hei de...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P10: aquelas coisas que andámos a assinar ao longo do ano.

P6: Eu não tinha calças de ganga, sentia-me mal na sala de professores.

P10: [impercetível] E depois todos assinam [impercetível], se calhar, isso era bom dar conhecimento lá [impercetível].

P12: Pois, por exemplo, por exemplo.

P10: Por exemplo. Isto funciona assim... que as aulas são assim, que não podem sair mais cedo, que não podem... Oh pá, acho que...

[impercetível]

P10: ... que as mesas têm que ficar arrumados, não pode ficar lixo na sala.

P1: P10, olha, deixa-me dizer uma coisa, o F. [PCE] o ano passado falou...

P10: As pessoas que têm que ouvir...

P1: ... Acho que foi aquele problema que tu 'tavas a falar, acho que tem a ver com as pessoas que saíam mais cedo das aulas, deixavam os miúdos.

P6: Sim, exato.

P1: Acho que teve a ver com isso.

P6: Ele chegou a falar disso.

P1: E o F. [PCE] chamou à atenção e falou e não era para deixar, os miúdos não podem sair...

P6: Serviu de alguma coisa?

P1: Serviu de alguma coisa?

P10: Sabes, sabes como é que servia? Se as pessoas que deixam fossem chamadas lá dentro...

P1: Ora, bem.

P10: “Oh meu amigo, então explica-me lá porque é que [impercetível].”

P1: Responsabilizar.

P10: Pois, assim, é um papel para todos assinarem. Para isso levo eu grandes chás que não levava da minha mãe...

[risos]

P10: E [impercetível] como se fossem para casa fazer, também. Pronto.

P1: É.

P10: Porque é assim.

P1: É verdade.

P10: Eh pá, é, é... eu acho que também tem a ver muito com...

R.: É, [impercetível] e é assim, já várias pessoas me disseram, quando chegaram ao – eu no ouvi isso – mas disseram-me quando chegaram ao Porto Santo, quando ficaram cá colocada, o conselho que lhes dera foi, não é... “Aqui ‘tás à vontade, não é preciso trabalhares muito, vai levando, que...”.

P12: A sério?

R.: A sério. Não foi uma, não foi duas, foram já várias pessoas...

P10: Olha, eu não, eu não ouvi isso.

P12: Olha, a mim nunca ninguém me disse isso.

R.: A quem... a quem... Não, a quem chega de novo. Pessoas que já cá estão...

P12: Sim, mas eu também já cheguei de novo...

R.: Oh, mas foi...

P12: Já fui nova, amiga! [risos] Agora, já não sou! Mas eu já fui nova!

R.: Eu estou-te a falar... eu estou-te a falar mais recente, 'tás a perceber? E quando se ouve isto...

P10: Se calhar, também houve gente que veio para aqui a achar que aqui não se fazia muito neste trabalho...

P1: É verdade.

P10: ... e afinal, saiu-lhe o tiro pela culatra.

R.: Pronto. Portanto, quando, mas quando, quando tu chegas e já, automaticamente, a mensagem que tu levas é isto...

P8: Sim, mas isso...

P12: Mas a mensagem é do conselho diretivo? Do conselho executivo?

R.: O quê?

P12: Essa mensagem...?

R.: Sim, de quem?

P12: De que não é preciso trabalhar, vem da direção?

R.: Não, não, não foi dele, não veio dele. Foi colegas, mas... percebes? Já quem entra... já...

P6: A quem... [impercetível] tinha esse hábito.

P12: Porquê? Porque...

[gravação interrompida]

ANEXO V N
GRAVAÇÃO DO SEMINÁRIO DE 14.07.2016

P12: Bom, colegas, é assim, a gente vai fazer aqui uma pequena batota, porque vamos... Alguém tem um calendário, se faz favor? Porque vamos fazer de conta que tivemos uma sessão em junho, porque, para efeitos da Secretaria de Educação...

P1: Só se for no telemóvel...

P10: 'Tá aqui no telemóvel... Calendário...

P12: Pois. Nós precisamos de ter...

P1: Quero pedir... o que é que tu queres?

P12: ... nós...

P1: O calendário de?

P12: De junho, para escolher aí um dia...

P10: Ai, já 'tamos em junho...

P12: ... de junho.

P8: 24.

P12: Junho.

P10: Olha, deixa-me só...

P12: Junho...

P1: Isto ainda é, isto é junho...

P12: Não, isso já é julho.

P1: Quanto é que tu queres? Quanto é que...

P12: Mais para trás um bocadinho... Não convém que seja a um domingo. Vamos pôr terça-feira, 21 de junho, 'tá bem?

P8: Quando?

P1: Terça-feira, 21 de junho.

P12: 21 de junho de 2016 e hoje são 14 de julho de 2016. Portanto, o que eu vou pedir aos colegas é que façam o favor de assinar os dois dias, porque, para nós, não tem importância nenhuma, mas para efeitos burocráticos...

P1: Pois.

P12:... na Secretaria, a gente tem que ter 9 sessões, ‘tá bem?

P1: Temos três e... vamos pôr mais alguma, é? É aquela que tu disseste em junho...

P12: É só essa.

P1: Só essa. Ok.

P12: É só essa, mas... mas essa só existe para efeitos da Secretaria da Educação, a nós... para nós não...

P10: Portanto, 21...

P12: 21 de junho.

P8: Eles não confiam em ninguém.

P12: Pronto, vou-vos pedir para preencherem isto...

P1: E hoje são...

P12: Nós hoje estamos os cinco, porque a P6 teve que ir para o Funchal para uma consulta e a P15 também tinha cá uma pessoa de família e perguntou-me se ainda tinha faltas para dar e, portanto... somos só nós. Ora, hoje são... catorze do sete. ‘Tá aqui um P7 não sei porquê.

P8: Pois, ‘tava a ver isso.

P12: Risca-se o P7... Ele deve ter andado cá o ano todo.

P8: Acho que não, eu acho que não ia lá... nos anteriores...

P12: Pois, e o P16 ainda ‘tá também nesta lista, também se risca.

P1: Mas aqui... ah, ‘tá, ‘tá o P7 aqui...

P12: Diz, amiga, ‘tá o P7...

P1: Não era isso...

P12: ... e ainda ‘tá o P16.

P10: Pois.

P12: Não se esqueçam de assinalar no zero, que às vezes as pessoas acham que como é zero não é preciso assinalar... mas é preciso, senão depois... Oh, posso... Senão depois quando eu for tratar os... os questionários é mais complicado. Que calor abrasador!

[espirro]

P1: Santinho!

P10: Obrigada.

P1: Então, temos que fazer uma destas também para a sessão de...

P12: Não, querida... porque essas não vão para a Secretaria...

P1: Ai estas não...

P12:... de Educação.

P1: Ok.

P12: Essas são só para mim.

P1: Está bem.

P12: Essas são só para...

P10: Onde é que...

P12: Dá-me, dá-me...

P8: A Secretaria não tem que saber da minha vida...

P12: Não... só para efeitos de Secretaria de Educação é que a gente tem que...

P8: São uns palermas.

P12: ... ter 9 sessões. Percebes?... E, portanto, eu vou ter que fazer nove sumários e vou ter que apresentar a lista de presenças com as nove sessões. Mas para nós não, a gente não se anda aqui a aldrabar uns aos outros. Não é suposto.

P14: Hoje são...

P12: Hoje é dia 14. É o dia nacional da França.

P10: Uau!

P1: *Oui, c'est quatorze juillet.*

P12: Exatamente, *quatorze juillet*. *Quatorze juillet* mais triste da vida deles.

P10: Podes crer!

[risos]

P8: Os gajos [impercetível]

P10: Isto, não é preciso assinar?

P12: Não, porque foi... não te esqueças de pôr à frente do teu nome...

P10: ‘Tá, ‘tá.

P12:... o asteriscozinho, pronto.

P8: [impercetível] os americanos, depois não se pode com os alemães, agora ‘tá a começar [impercetível].

[risos]

P12: Oh pá, tu... para professor de Geografia...

P10: Dá-me só ali aquela, para eu pôr aqui as datas desta...

P12: Sim, sim, sim.

P8: Mas...

P12: Tu para professor de Geografia, isso assim não vais longe, pá.

P8: Então, não é? E... e neste momento o meu ódio maior é a União Europeia.

P12: Também ‘tás a virar eurocético?

P10: Pois.

P8: Não, pá, não se admite.

P12: Pois, eu acho que... eu já começo a achar que isto é propositado...

P8: Claro que é! Claro que é!

P12: ... e que o objetivo é levar à desintegração da União Europeia...

P8: Ainda vamos ter em 2017 que é o...

P12:... porque...

P8: ... há uma, eu li uma reportagem...

P12:... porque... porque eles não ‘tão para ‘tar a aturar os países do sul e, portanto...

P8:... o que é que vai haver em...

P12:... eles querem-se ver livre de nós...

P8:... há uma...

P14: Mas isso preocupa-me.

P8:... há um acontecimento qualquer em 2017...

P12: A mim também.

P14: Porque se se desintegra...

P8:... pá o que é que é?

P14:... as coisas complicam-se.

P8: Eu ‘tive a ler e não me recordo agora.

P12: [em surdina] Pá, que estúpida.

P8: Em 2017 vai haver uma reunião...

P12: Quando? 27?

P8:... qualquer ou um acontecimento qualquer...

P10: Começou dia vinte e sete do dez...

P8:... que vai ser o final da...

P14: Da União?

P8: Já não me recordo o que era.

P12: Pois, eu acho que isto é... eu... eu não... eu... eu acho que isto só pode ser propositado...

P8: Claro que pode. Oh pá...

P12:... isto é, para criar nos povos a...

P8:... é impossível tu não teres um ou outro político que não seja...

P10: Depois...

P8: ... minimamente honesto... E depois é assim, o país... países que fizeram tudo, que foram considerados bons alunos, oh pá, é a mesma coisa que tu... que eu dizer a um aluno: “Ouve...”.

P12: “Tu és muita bom” e depois dás-lhe um 2.

P8: “... excelente, oh pá, neste momento ‘tás a fazer um trabalho...”, “coiso” e depois dou-lhe 2? Não pode.

P12: Exato. Exatamente. Mas pronto, olha...

P14: Isso significa que ‘tamos a andar para trás... Certinho.

P8: Se os outros também forem [impercetível].

P12: Eu acho que vai ser complicado.

P14: Hum?...

P8: Ainda mais, para trás já fomos.

P14: Eu acho...

P8: Há quanto tempo tens a carreira congelada?

[risos]

P14: Ai, mas eu nem ‘tava a falar na nossa profissão.

P8: Não, eu faço logo...

P14: ‘Tava a falar em termos de país.

P8: Olha, tiramos os alemães... experimentaram o... o... “coisa” da Economia, o Nobel da Economia diz: o problema da União Europeia não é os países do sul, é a Alemanha. Tira-se a Alemanha, o problema fica resolvido.

P12: Pois, não sei. Eu isso já não tenho conhecimentos para dizer... agora...

P1: E a... e a inglesa que lá fica com uma... uma segunda Thatcher.

P12: Mas acho que ela não é...

P14: É que nós estamos aqui numa pontinha, só temos uma ponteira, quem está no centro...

P8: Ouve...

P12: Toda a gente assinou?

P10: Sim.

P12: Ah! Ok.

P8: Nós já ‘tamos fora da União Europeia e desenrascamo-nos, portanto, é assim, quando penso... Hoje em dia, nenhum país vive sozinho. Portanto, a globalização hoje em dia não te deixa... não te esqueças que tu tens o maior...

P10: Deixa-me ver só essa que é para...

P8:... que estamos a construir e... e temos o segundo maior porto, neste momento, de entrada na Europa a nível de...

P12: Bom...

P8:... o Porto de Sines.

P12: Pronto.

P8: Os outros também para receber, vão ter que pagar.

P12: Colegas, vamos, então, começar?

P1: Hum, hum.

P12: A... a parte mais substantiva? Portanto, a ideia era – não sei se alguém pensou nisso – de fazer a apresentação de uma proposta para as aulas de substituição, porque, embora ainda não tenham sido divulgados os resultados daquele questionário que foi feito, para avaliação da escola, informalmente já se sabe que um dos pontos negros apontados, quer por professores, quer até por pais e parece que por alunos, tem a ver com as aulas de substituição e a forma como elas são...

P14: Dadas.

P12:... geridas. As aulas de substituição não podem acabar, é bom que as pessoas tenham essa noção, que já estão previstas na legislação e... e, além disso, são importantes para os horários das pessoas [risos]. Portanto, eu, na altura, pensei, falei com o P8, fora daqui, que achei que podia ser uma coisa interessante para nós apresentarmos uma proposta. A proposta não tem nenhum valor vinculativo, o mais certo é a gente apresentar proposta e eles pegam na proposta e mandam para o arquivo geral, mas, pronto, mas a gente pode apresentar uma proposta. Não sei se os colegas pensaram nisso, se têm alguma ideia sobre... o que... o que é que... como é que vocês acham – até porque vocês são professoras, mas algumas também são mães de alunos da escola. Tu ainda não.

P14: Para o ano, sim.

P12: Para o ano já vais ter um cá em cima, pronto. E, com certeza, têm uma opinião sobre isso. Não sei o que é que...

P14: Eu acho que as aulas de substituição devem ser essencialmente práticas. Alguma coisa onde os alunos possam gastar energia, não dentro de uma sala de aula. É a minha

opinião. Eu acho que é... eu acho que é essencial eles gastarem as energias, eles... eles aqui, na hora do almoço, que era o tempo em que nós antigamente tínhamos para gastar energias, eles aqui não gastam.

P12: Pois.

P14: Porque, simplesmente, não têm cantina, certo? Então, eu acho que, nessas aulas, podia-se dar oportunidade aos alunos de gastar essas energias. Sou contra eles ficarem metidos 90 minutos dentro de uma sala de aula.

P10: E se o professor ‘tivesse, já não eras contra?

P14: Não.

P10: Já podiam ficar 90 minutos dentro da sala de aula?

P14: Então, mas estavam a ter aula...

P10: E onde é que gastavam as energias, nesse dia?

[risos]

P14: A sério?

P10: Não, não é?

P14: Pronto, ok.

P10: ‘Tás a perceber?

P14: Desse ponto de vista...

P10: Se nós funcionarmos todos muito...

P14: Mas...

P10:... bem, que ninguém falta a aulas nenhuma, então, os alunos nunca vão estar...

P14: Olha, então, por mim, não havia aula de substituição, porque eu não faltei aí vez nenhuma.

P10: Pronto, ‘tás a perceber o que é que... o que é que eu ‘tou...

P14: Mas há muitos professores que faltam, que eu já fui fazer muitas substituições.

P10: Sim, sim, então não é? Então, por isso é que a gente tem substituições.

P1: Nós este ano...

P14: O ideal era...

P10: Oh, este ano!

P14:... na minha opinião...

P8: Ainda bem que eles faltam.

P14:... o ideal era haver todas as horas uma professor de Francês na aula de substituição, um de Português, um de... que era, se faltasse o professor de Inglês, ia o professor de Inglês. Se faltasse o professor de História...

P1: E porque não a gente criar uma...

P14: Mas eu acho que...

P1: ... propor a criação de uma... de uma sala... multidisciplinar, onde os miúdos pudessem...

P10: Era esta sala?

P1:... fazer... atividades das disciplinas que eles precisavam... o problema é que eles querem... o que eles querem mesmo é um feriado. Eles querem mesmo é ir para a rua.

P14: Há dias em que à mesma hora, como aconteceu este ano, à mesma hora...

P10: Há várias...

P14:... havia três ou quatro substituições.

P10: Sim.

P1: Três ou quatro turmas, é verdade. É verdade.

P14: Onde é que nós metíamos três ou quatro turmas aqui dentro? Não dava.

P10: E eu não falo em termos das substituições. Eu tive essa experiência e... já tinha há dois anos, que é aquelas turmas sem Moral, que aquilo é... ali na cantina é impensável.

P12: Mas isso o P8 também tem uma proposta, para os sem Moral. Não tens?

P8: Uma ideia por alto...

P1: Os amoral.

[risos]

P8: Não, as substituições, eu acho que voltávamos ao passado.

P12: Como?

P8: Fazia-nos tão bem um feriadinho...

P12: Oh P8, mas é assim, mas eu...

P8: Sei. Não...

P12:... comecei por dizer...

P8: São legais.

P12:... que as aulas não podem acabar, porque é assim, tu antigamente não tinhas as aulas de substituição no... na legislação. E atualmente tu tens. As aulas de substituição...

P8: Claro.

P12:... têm que funcionar obrigatoriamente. Mesmo que não tivessem que funcionar obrigatoriamente, tens sempre um problema, porque aqui nesta escola as aulas de substituição são fundamentais para garantir trabalho às pessoas. Porque é assim, não a questão de garantir o meu trabalho ou o trabalho da P1, mas é assim, é o trabalho de todos, porque quanto menos horas houver, menos horários há.

P14: Mas...

P12: E a gente nunca sabe para que lado é que a corda pode rebentar.

P14: Mas, por exemplo, as aulas de substituição, no meu caso, é nas horas extracurriculares.

P10: É aquelas horas que ‘távamos a dar à escola.

P14: Não tem a ver com as curriculares.

P10: Ninguém...

P14: Portanto...

P10:... ninguém, quer dizer, a F. G. ‘tava com elas.

P14: Pronto, ela. Mas são exceções.

P10: Sim, sim.

P14: Era a única, penso eu.

P10: Era.

P12: Era?

P14: Era.

P10: Era.

P14: Eu penso que era.

P10: Parece-me que era ela...

P14: Este ano, penso que era a única...

P10: Sim.

P14: Era ela.

P10: Porque, de resto, é tudo naquelas horas que damos...

P12: É nas horas que damos à escola.

P14: Extracurriculares.

P10: Aquelas quatro horas, que damos à escola.

P14: Portanto, não é por aí.

P12: Olha, eu 'tava convencida...

P10: Já houve anos de haver...

P8: Não, se não houver substituição, ias ter que dar de outra maneira.

P14: Exatamente, mas por exemplo, as reuniões de grupo, há muitas pessoas que funciona nas atividades... nas aulas extracurriculares e na nossa não.

P8: Não, não funciona... o órgão de gestão meteu naquelas horas, mas...

P14: Antigamente era naquelas horas.

P8: Não, não, se tu quiseres, vais lá em baixo, mudas. Aquilo é uma proposta do órgão de gestão.

P1: É o delegado de disciplina pode fazer isso. Nós fizemos isso o ano passado. Mas é... porque é assim...

P8: Quando outros estão dentro e lhes dá jeito...

P1:... eles, quando dão aquela hora - pelo menos connosco, o nosso grupo aconteceu - era a única hora em toda a semana em que realmente nós podíamos e era às cinco e meia da tarde, que nós conseguíamos estar todos livres.

P10: Sim, mas independentemente...

P1: Claro.

P10: .. dessa hora, existem as outras para dar à escola.

P1: Sim.

P10: ‘Tamos aqui a falar de quê?

P14: As quatro...

P10: A reunião de grupo ‘tá sempre metida nas horas para dar à escola? Não pode ser.

P14: Não, não está. No meu grupo não está.

P10: Não pode ser.

P14: Eu tenho as...

P8: Não, não pode.

P14:... tenho as vinte e duas...

P8: Sim, mas é...

P14:... mais as quatro não letivas...

P8:... é possível que isso aconteça. É possível que isso aconteça, tal como aquela história dos sumários, uns terem uma hora e outros terem três....

P14: E eu não ter nenhuma...

P8: A mim faz-me confusão.

P14:... e tinha vinte e dois...

P8: A mim faz-me imensa confusão...

P14: Sei que não...

P12: O quê?

P8: Haver pessoas a terem duas ou três horas para fazer sumários e outros só terem uma.

P14: E eu não tenho... não tive nenhuma.

P8: Isso foi explicado...

P10: Nós não temos, aquilo é... eu, por exemplo, não tinha...

P8: Isso foi explicado o ano passado na reunião geral.

P10:... nós tínhamos...

P12: Ah, porque são aqueles que têm... que numa turma...

P8: Sim, tem a ver com coisas...

P12: ...só têm que fazer não sei quantos sumários, porque têm várias turmas ao mesmo tempo.

P8: Mas isso para mim é treta, é... ou tratamos toda a gente por igual ou então...

P12: Pois...

P8: Mas pronto. Em relação aos...

P12: Às aulas de substituição.

P8: Aulas de substituição. A questão que se coloca é, por exemplo, quando tu propões uma sala multi-“coiso”...

P1: Pá [impercetível]

P8: A questão física.

P1: Pois... logística, mesmo.

P8: A questão física, por exemplo, uma sala dessas para funcionar, obrigatoriamente, teria que ter computadores e há uma limitação enorme, por exemplo, podem levar o caixote que tenho ali na... no gabinete onde eu trabalho. E o A. [CC1] também disponibiliza o dele. [risos] Eh pá, a gente ‘tá a trabalhar com computadores, por amor de Deus.

P12: Sim, sim. Eu sei.

P8: Eu nunca vi coisa pior. Nas matrículas, ainda hoje, meia hora para ligar o computador... não, não funcionava...

P10: Eu desde que vejo reuniões feitas numa sala com um computador destes, uma impressora e o computador é o que é, que tu tens que aprender primeiro a trabalhar com aquele teclado... olha, 'tamos a andar para trás.

[risos]

P10: Para mim, 'tamos. Nisso, 'tamos.

P1: Eu sei que havia um pedido de... havia uma sala que era para ser renovada este ano e acho que já não vai ser. A 28. A 28 foi a última a ser... os computadores serem renovados. Era suposto ser mudado... Acabava o prazo agora. Acho que já não vai ser, pela conversa que eu ouvi, acho que já não vão mexer.

P8: Não me surpreende, agora é que... é que... foi mesmo assim...

P14: Não, mas nós também precisávamos de um... de um espaço grande...

P8: Claro.

P14:... por exemplo, nós...

P8: Claro que sim. Claro.

P14:... supostamente, onde se lançam as setas, naquele antigo pavilhão, não serve para algumas coisas?

P10: Eh pá, tu não digas setas...

P12: Então, mas se o pavilhão 'tá a cair [risos].

P1: Matam-me!

P10: Então, se o pavilhão... se o pavilhão foi fechado...

P8: Ele 'tá encerrado, porque...

P14: Mas ele 'tava aberto.

P10:... por questões de segurança.

P8: Não, não.

P10: O diretor diz...

P8: Há pessoas estão...

P10:... que abre aquilo pontualmente...

P8: Abre.

P10:... quando ele quer abrir, pontualmente. Foi o que ele me disse a mim.

P14: Mas apareceu... mas apareceu no...

P10: Pois apareceu.

P14: Ah! Pois.

P10: E foi limpo como eu nunca vi a minha vida toda aqui...

P14: Ah, pois.

P1: Mesmo.

P10:... limpo.

P1: Uma empresa contratada.

P14: Se apareceu, é porque...

P12: Exatamente.

P14:... está apto.

P10: São outros tantos.

P8: Está apto, pode estar apto para aquilo. Por exemplo, para a prática do desporto não está, por isso é que está encerrado.

P10: Ele diz que pontualmente pode abrir. Eu já lhe fui perguntar se aquilo não pode abrir para a gente voltar a dar aulas lá, porque a gente precisa de espaço. Ele diz: “Na, na, não”. Portanto, não vamos meter miúdos lá dentro, que aquilo foi fechado, ‘tão a meter miúdos para o arco... pá...

P12: Eu até pensava... há pouco tempo é que soube que o arco tinha miúdos...

P10: Pois.

P12:... que eu pensava que o arco era só com adultos.

P1: Que era só os professores, eu também.

P10: Quando eram só humanos, ‘tão lá... os adultos...

P1: Quando era só professores...

P10:... quando eram só professores, os professores estavam lá, por sua...

P12: Responsabilidade.

P10:... inteira responsabilidade.

P12: Exatamente.

P14: Eram adultos.

P10: Agora...

P12: Não...

P10:... mete alunos.

P12: P10, tanto que eu...

P10: 'Tão à responsabilidade dos adultos.

P12: Olha, tanto... até eu deixei de dar lá ioga...

P10: Sim.

P12:... porque me foi dito...

P10: Exatamente. Foi fechado a todos.

P12:... e eu não dava ioga a miúdos...

P10: P12...

P12:... as pessoas que iam, que vão ao ioga...

P10:... foi fechado para toda a gente.

P12:... são adultos.

P10: Foi fechado para toda a gente.

P12: Mas foi-me dito: "Ah, aquilo 'tá em...". Quer dizer, acho que veio cá o engenheiro e o engenheiro não disse que aquilo 'tava para cair...

P10: Não.

P12:... mas também não garantiu que aquilo 'tivesse muito bem.

P10: Pois não.

P12: E... entenderam: "Então, vamos fechar para não haver azares".

P10: Pois. E nós...

P12: E foi na altura que eu...

P10:... andávamos a reclamar.

P12:... fui para o Clube Naval, portanto, aquele...

P10: Exato.

P12:... espaço... E olha, eu também...

P10: Ficou interdito.

P12:... te digo, é assim, eu agora, mesmo que me mandassem para lá com miúdos, não sei se eu queria ir.

P10: Não...

P12: Não sei se eu queria ir, porque...

P10: Não, mas... mas quando eu fui perguntar se aquilo, afinal, está ou não está, eu quero ver...

P12: Pois.

P10: ... alguma coisa escrita a dizer que aquilo está em condições de ser utilizado, porque eu vi escrito lá e foi-me dito a mim que aquilo não pode ser utilizado por questões de segurança. Não foi eu que inventei.

P12: Exato.

P12: Nós não deixámos lá de dar aulas... assim do nada. Foi-nos dito isto e nós acatámos... Agora, parece-me que... já não está tão perigoso como... E gostei de ver na televisão, limpo, limpo e bonito.

P12: Eu gostei, sobretudo, foi da empresa que veio de fora para limpar.

P10: Também eu, também eu.

P12: Gostei muito, aliás...

P10: Mas, pronto.

P12:... fui ter com o P. E. [VP1] e disse: “Ai, da próxima podes falar comigo, pagas-me a mim e eu vou limpar”. Já não era...

P10: Olha e eu já lá andei...

P12: Já não era...

P10:... a limpar... a limpar...

P12: Amiga! Já não era a primeira vez que eu o limpava, quando foi...

P10: Eu andei uma festa da Páscoa a aspirar, com o aspirador, esse fóssil que anda aí. Esse dinossauro que anda aí de aspirador. E não morri. E ninguém me pagou, também não.

P12: Quando eu... quando fizemos a exposição dos 20 anos do 25 de abril, em mil novecentos e troca o passo, noventa e quatro, [risos] eu andei de luvas de borracha a... primeiro aspirei e depois passei a pano o...

P10: Mas andaste porque valia a pena, não era?

P12: ... o ginásio. Percebes?

P10: Exato. Exatamente.

P12: E... olha, e quando eu dava lá ioga, muitas vezes, era à sexta-feira, eu chegava e – eu chego sempre mais cedo – e vinha aqui pedir uma...

P10: Sim.

P12:... tipo, não sei como é que aquilo se chama.

P10: Com o pó que aquilo acumulava...

P12:... uma espécie de esfregona...

P10: Uma mopa.

P12:... mas que não é esfregona. Mopa.

P10: Aquela...

P1: Uma mopa.

P12:... que é...

P10: Sim.

P12: Pronto. E eu, quantas vezes eu vim pedir para tirar uma grande parte do lixo que... que lá ‘tava dentro.

P10: Claro. Que acumulava. Então, mas sempre foi um problema para limpar aquilo...

P12: Porque... porque...

P10: Sempre foi um problema.

P12:... pelos vistos, as engenheiras técnicas não podem limpar o ginásio.

P10: Não.

P12: Pronto. É... mas, depois quando eu disse isso ao P. [VP1], ele disse-me: “Ai, eu queria-te ver...”. Depois até me disse – não sei porquê – “Quando ‘tiveres no meu lugar...”. – “Oh ‘mor, nunca vou ‘tar no teu lugar”...

P10: Claro.

P12: “... não tenho essa ambição”.

P10: Mas, pronto. Portanto...

P12: Mas...

P10:... acho que para ali... não, não...

P12:... mas... mas ele disse-me...

P10: Não é uma hipótese.

P8: Não.

P12:... mas ele disse-me...

P10: Não pode ser, não é?

P12:... “Eu queria-te ver...”

P8: Também não acho...

P12: “... se eu tirasse os funcionários para irem limpar o ginásio, eu não tinha funcionários nos corredores”.

P10: Oh!

P1: E normalmente não estão!

P8: Não...

P12: Não, mas é assim...

P8:... uma... uma...

P12:... mas eu pensei: “Mas os, os funcionários...”.

P8:... uma decisão sensata era não limpar o ginásio.

P12: Não.

P8: Se ‘tá proibido, não se usa.

P12: Oh P8, mas é assim, mas até podiam ter limpo, mas é assim, não me digas que os funcionários não podem ficar de... ou não podem vir cá a um sábado fazer a limpeza do ginásio. É preciso chamar uma empresa de fora?

P8: Não, eu acho que a decisão mais sensata era não usar sequer...

P12: Mas pronto.

P8: Mas isso cada um faz o que quiser...

P12: Pois, exatamente. Eu só... Mas a mim o que mais me indignou foi vir uma empresa de fora, porque é assim, então, qualquer dia... pá contratem aí uma gaja para vir dar as...

P10: Porque é, é do tipo, imagina...

P12:... minhas aulas, que eu fico na sala de professores a receber o salário...

P10: Isso [impercetível]

P12:... ao fim do mês.

P14: Eu também não quero que o meu filho vá para lá o correr risco de...

P10: Sim.

P12: 'Tás a ver?

P10: Decidem... decidem que o gabinete de Físico-Química não está em condições, 'tá, 'tá perigoso e fecham, porque não está em condições de ser utilizado, mas, de repente, há alguns que decidem ir lá fazer umas experiências, porque até podem pontualmente, pode-se ir fazer. Pá, é basicamente a mesma coisa. A mim mexe-me um bocadinho com o sistema nervoso esta situação, a sério. Mas...

P12: Oh pá, olha, eu é assim...

P10: Não...

P12:... desde que eu não tenha aula lá dentro...

P14: O ideal era... arranjam, mas...

P10: A... fico, fico triste pela situação, porque, ao fim ao cabo, parece que fechou, porque nós andámos a reclamar imenso, porque nos molhava os colchões, porque assim, porque assado. Assim fecha-se. E se eu, se começarmos a reclamar muito, por causa do

polivalente, fecha-se também. E acabou. Porque a gente anda ali no polivalente a correr o risco de ter um dia ali um grave acidente.

P12: Mas o polivalente ‘tá a funcionar?

P10: ‘Tá.

P12: Ai, eu pensei que vocês agora...

P10: Nós ainda damos lá umas aulitas...

P12:... só tinham aulas lá em cima.

P10: Sempre... com as mãozinhas: “Meninos, cuidado!”.

P12: Eu pensei...

P10: “Não corram muito, que...”.

P12: Eu pensei que vocês...

P10: Tem larguras assim, de umas... de um quadrado para os outros. E alturas assim...

P1: Pois, o puto mete um pé...

P10: Sim. Sim, sim, sim.

P12: Eu pensei que vocês agora só davam aulas lá em cima no... multiusos.

P10: Pá, não conseguimos, P12...

P14: Não cabem todos.

P10:... chegamos a ‘tar sete ao mesmo tempo. Essa é outra história. Chego a ‘tar sozinha naquele pavilhão todo, um bloco, e depois na, na...

P1: De repente.

P10:... no dia a seguir, ‘tamos sete enfiados lá dentro. E tu já viste aulas a partilhar.

P12: Sim, sim, sim, sim, sim. Já, já vi. Já vi.

P10: Pá, pronto, mas... siga! São outras... [risos] outros quinhentos. Um professor de Educação Física só para as aulas de substituição, ah Professora P14, isso é que era!

[risos]

P10: E um espaço. [risos]

P12: Não sei.

P14: Mas o espaço... o problema é o espaço.

P10: Requisitarmos a piscina...

P14: O principal problema [impercetível] espaço.

P12: A piscina 'tá vazia.

P10: Pronto, vazia.

[risos]

P1: [impercetível] para dentro da piscina, olha.

P10: No buraco fazer badminton. Badminton, escalada, rappel... [risos] Olha...

P12: Diz.

P10: ... e, por exemplo, vamos voltar ao... que eu acho que nós ainda somos capazes de...

P12: Sim.

P14: Uma...

P10:... manter uma conversa com os alunos sem acesso ao computador...

P12: Sim, sim, sim.

P10:... e coisas do género...

P12: Eu também acho que sim.

P10:... por exemplo...

P12: Eu também acho que sim, P10...

P10: ... nós...

P12: ... estou inteiramente de...

P10:... de ter... acharmos ou... mas para isto, se calhar, era preciso um grupo de pessoas que 'teja a trabalhar nisto, para passar a palavra aos outros e os outros queiram fazer essas coisas. Uma série de temas que nós achássemos aqui que eram interessantes para os nossos alunos, aqui no Porto Santo. Coisas que lhes interesse, não é? Se a gente falar aí com os miúdos... E ao mesmo tempo, vindo buscar estes problemas do dia a dia. Pá, e falarmos com eles sobre essas coisas. Não pode ser... tipo... que eles sintam que aquilo é mais uma aula, não é? Também não pode ser noventa minutos só de

discussão, ou quarenta minutos, quarenta e cinco minutos só de... discussão, mas, sei lá, temas... que fosse feito um... um plano... sei lá, para abordar aqueles... para aplicar aqueles... Só para cada aula: “Hoje é isto”. É tratado ali, do início ao fim, ponto. Fica ali, não fica para a próxima aula, nem para o colega seguinte. Aquele tema foi abordado ali e ponto. Por exemplo – isto sou eu a sonhar...

P12: Não! Eu acho que isso, eu acho que isso...

P14: Não, mas isso, isso também é interessante.

P12: Olha...

P10: Claro que no início...

P12: ... sabes que eu acho ...

P10: ... isto irá ser difícil.

P12: Eu sei.

P14: Mas acho que não era preciso ser noventa minutos.

P10: Não, pode quarenta e cinco, quarenta e cinco. Eu também acho que isso é um bocadinho...

P14: Mas acho que podíamos nos outros quarenta e cinco...

P10: Mas depende, imagina que tu...

P14: ... por exemplo, podíamos fazer aqueles jogos. Tipo aqueles...

P10: Mas P14...

P14: ... jogos da Matemática...

P10: Sim!

P14: Que se fazem, que os alunos aderem tanto...

P10: Exatamente. Mas imagina...

P14: ... nos finais de...

P10:... imagina que tu, por exemplo, até diz assim: “Olha, eu tenho... uma atividade para noventa minutos e fico eu lá com eles, os noventa minutos”. Por exemplo, não é? A atividade pode-te durar os noventa minutos. Não é? Digo eu. Pá, podíamos falar de problemas que nós temos aqui, que eu acho que *tão* a faltar aos nossos... aos nossos

jovens, um bocadinho. Era uma forma de os ir chamando a atenção para aquelas situações, pô-los a... a falar um bocadinho daquilo, a debater, não sei, a ver as reações deles, também.

P12: Olha, eu acho é que isso vem um bocadinho ao encontro daquilo que o P8 há pouco me ‘tava a falar para as aulas sem moral e que é um... que foi uma ideia que surgiu, mas que ainda não tem pernas para andar. Que era nós introduzirmos aqui na escola uma coisa que se chama Filosofia para Crianças. E que qualquer pessoa, qualquer pessoa entre aspas, os professores têm que fazer uma formação, mas que não é preciso ser uma formação muito longa e há uma pessoa no Porto Santo que, pelo menos em maio, estava disponível para vir dar essa formação. Não sei se ainda ‘tá ou não, é uma questão de se falar. Mas com uma formação de 25 horas dá para a gente arrancar com o projeto e pode-se fazer, por exemplo, esse tipo de atividades nessas aulas de substituição. Claro que não tem a mesma eficácia do que um programa continuado ao longo do ano porque tu hoje tens aula de substituição e podes já ter a sorte...

P10: Sim, sim.

P12:... de não ter mais nenhuma no resto do ano, mas... e... e as aulas de Filosofia para Crianças são um bocadinho o que tu... São, no fundo, são espaços onde a partir de um... ou de um pequeno filme ou de uma imagem ou de um texto ou de uma coisa qualquer se suscita uma discussão nos miúdos e é... No fundo, o grande objetivo daquilo é ensinar os miúdos a pensar, a desenvolver uma consciência...

P10: Exato.

P12:... crítica, etc., etc., etc.. Pronto. E eu acho que isso, se calhar...

P10: Conhecê-los um bocadinho mais também.

P12: Pronto.

P10: Olha, por exemplo, os hábitos musicais destes miúdos, nós temos aqui miúdos que gostam de música desde aquele beat box à malta da guitarra, à malta... pá, a gente podia... pô-los nesses, nessas coisas. Eu, há dois anos, pensei para a minha aula sem moral, pensei assim: “Vou fazer com os alunos [risos] um tapete daquele com as...”. Como é que aquilo se chama? As esmir... Esmirna.

P1: Esmirna.

P10: Esmirna. Tipo, cada quarenta e cinco minutos...

P12: Pois.

P10:... eles vinham ali um bocadinho, um bocadinho, desenhava “coiso”, qualquer coisa e no final, olha, expunha a...

P12: Exatamente.

P10:... ao menos, eles diziam assim: “Aquilo fui eu que ajudei a fazer...”.

P12: Exato.

P10: Pá, comecei-lhes a falar daquilo e eles: “Hã, hã...”. Porque eles não querem fazer nada. E eu depois também tive assim... acabei por... a ir na onda deles e... e... Se calhar, se eu tenho insistido com aquilo, eles até tinham feito, porque há miúdas que até gostam de fazer, não é? E... se nós os deixarmos ir ali para fora, o que é que eles vão fazer? Eles vão...

P1: Vão correr, se calhar, vão...

P10:... juntam-se nos grupinhos. Não, há os grupinhos que põem a sua música, ‘tão na sua música...

P12: Ficam agarrados aos seus, aos seus...

P10: Sim.

P12:... telemóveis, basicamente.

P1: Os mais velhinhos... os mais novinhos até gostam de ir correr, pois também têm...

P12: Às vezes...

P1:... quintos anos e sextos anos e...

P12: Depende. Sim, mas...

P10: Pois.

P12:... mas, mas depende muito. Olha que também tens miúdos já no quinto ano que já ‘tão muito dependentes das tecnologias...

P10: Sim, sim.

P12:... e que se os deixares... E eu tive, olha, ti... ‘tá bem, pronto, era um miúdos especial, que era um miúdo que parece que tem hiperatividade. Quer dizer, não pa... ‘tá

diagnosticado como hiperativo e é seguido pela Educação Especial e tudo e esse miúdo, por exemplo, qualquer buraquinho que tu lhe dê...

P10: Sim.

P12:... livre, é pá se agarrar ao telemóvel ou à *Playstation* – eu nem sei o que é que é aquilo, porque eu sou um bocadinho... também não vou lá ver – mas o miúdo é logo para se agarrar àquilo. Portanto, é assim, essa ideia de que só os mais crescidos é que se...

P10: Não, não. Eles... depende. Há os que querem, só querem ‘tar ali com a bola, também, não fazem mais nada, quer ‘tar ali com a bola, naquele pedaço. Depois há os que ‘tão por ali sentados. Pá, não sei, tinha que ser qualquer coisa que os... eu penso que com o tempo, a gente... eles começam-se a habituar àquilo e... e entram no ritmo, não sei.

P12: É que eu acho, eu acho que nós temos dois problemas aqui. Um é os miúdos já interiorizaram que aula de substituição não é aula.

P1: Não é para fazer nada.

P12: Pronto.

P14: Não é para...

P12: E, portanto, se tu chegas lá e vais com uma proposta de trabalho, eles ficam completamente zombies e acho que tem... e acho que isso só se pode combater se houver uma estratégia da escola para que toda a gente que dá aulas de substituição tenha uma atitude...

P10: Lá está, mas nós não temos que ir para lá com uma perspetiva de que: “Vou dar uma aula”; “Vou-lhes dar...”.

P12: ‘Tá bem, P10, mas é assim, mas uma coisa é tu não ires dar uma aula...

P1: Mas também não vais dar a ideia...

P12:... outra coisa é...

P1:... do que tu vais [impercetível]

P12:... então, pronto, cada um faz o que lhe apetece...

P10: Não, não.

P12: ... um cola lápis com a lambida...

P10: Não é isso. Não é isso.

P12:... outros jogam com o telemóvel, outros ficam a contar anedotas...

P10: Sim, sim.

P12: ‘Tás a perceber? É criar-se ali uma dinâmica que tenha alguma utilidade para os miúdos.

P10: Sim, exatamente.

P12: Percebes?

P10: E para nós.

P12: E para nós, também.

P10: Que eu, às vezes, saio de lá...

P12: E isso eu acho que só... só... a gente só consegue...

P1: Então, nesse caso, manter na sala, onde eles teriam aula.

P12: Não tem que ser obrigatoriamente, P1, porque, por exemplo, há... Eu não sou contra, por exemplo, imagina que... é hora de substituição e a P10 é a professora que vai substituir os meus alunos que iam ter História, mas deixaram de ter. Eu, não me escandaliza nada que a P10 pegue na canalha, venha cá para for jogar à barra do lenço ou... ao mata ou... saltar ao eixo. Eh pá, como a gente fazia nos nossos intervalos...

P1: Sim, sim.

P12:... do liceu, que a gente fazia isso. Que acho que, lá está, é uma boa forma de a gente mandar as nossas energias em excesso para fora, ‘tão ali, a professora é de Educação Física, tem mais lógica que vá fazer com eles uma atividade física do que vá: “Ai, olha, vamos aqui ler um poema do Fernando Pessoa, para depois discutirmos não sei o quê” [risos]. Quer dizer... Agora, o que eu acho é que tem que se interiorizar, penso eu, tem que haver – mas isto tem que ser de todos os professores – a ideia de que se eu vou dar uma aula de substituição, eu tenho que ser capaz de dinamizar uma atividade para aquela turma. Não é ir simplesmente tomar conta de meninos. Seja dentro de uma sala, seja na cantina, seja ali fora...

P10: Claro.

P12:... no jardim. ‘Tás a perceber? É isso que eu acho. Se... se... se tem que ser com atividade física ou com discussão de problemas ou até posso: “Olha, hoje até ‘tá a sala disponível e até há um filme engraçado na Biblioteca, vamos ver o filme”. Isso a mim não me choca. A mim o que me faz impressão é esta coisa que se criou nos miúdos de que aula de substituição não é para fazer nada e se tu queres fazer alguma coisa, por muito engraçada que seja, os miúdos reagem muito negativamente...

P1: Logo, rejeitam logo.

P12: E, por outro lado, também, os próprios professores terem interiorizado isto que é que vão para ali para tomar conta de meninos, porque é assim, eu a mim, eu... eu sinto-me muito... eh pá, é assim, eu sou professora, eu não sou...

P1: *Entertainer*.

P12: *Entertainer* de meninos.

[risos]

P10: Pois, eu senti-me assim nas aulas sem moral...

P12: Percebes? Exatamente, mas e eu acho que isso até é desprestigiante para nós, enquanto profissionais. Então, mas eu agora ‘tou aqui a entreter canalha? É para isso que me pagam? Foi para isso que eu estudei? É para isso que eu faço formação?

P8: Mas também...

P12: É para ‘tar...

P8: Mas também tens colegas que, por exemplo, dizem... recusam-se a fazer qualquer... qualquer atividade...

P10: Se tu deixas...

P12: Eu sei!

P8: Tu [impercetível]

P1: É verdade.

P12: Pois recusam.

P10: Mas as pessoas têm que aprender... Recusam, porque ninguém lhes diz que é para fazer.

P12: Pronto.

P8: Pois, mas a questão aqui é... quem é que vai dizer a essas pessoas para fazer.

P10: P8! Alguém tem que dizer! A direção é quem tem que dizer.

P12: É fácil!

P10: Quem é que atribui horários? Eu quando cheguei à escola do Porto da Cruz havia um...

P8: Mas a...

P10:... um dossier e... e...era... foi-me dito: “As aulas de substituição...”.

P8: Exato.

P10:... “a colega vai àquele dossier, vê o ano tal e naquele ano estão correspondentes para aquele ano... das diferentes disciplinas...”...

P8: Mas o que eu pergunto é exatamente isso. Por exemplo, ok, mas nós já sabemos que aqui não há nada disso e...

P12: Mas pode passar a haver.

P8:... e aos que não cumprirem... foi o exemplo... Eu trabalhava com a E. e tínhamos mais uma terceira pessoa, que fazia substituição... substituição à mesma hora. Essa pessoa nunca comparecia ou inventava sempre ou...

P10: Ah, sim.

P8:... ligavam-me do bloco três, saia fora da porta e depois já dizia: “Ah, professor, afinal, não é preciso que a professora já chegou.”.

P10: Sim.

P8: - “Eu já fui à minha vez”. Quer dizer, ele só saia da porta, voltava e já se ia... A E. foi lá, porque fez várias vezes...

P10: Sim, depois também há desses...

P8:... por estar interessada: “Como é que é? Eu sou... eu e o P8 é que vamos sempre, o outro elemento...”. Não sei... como é que se resolveu? Mudou-se aquele professor para outra hora.

P10: Ah, sim, mas isso é como se resolve as coisas aqui.

P8: Então, mas quando é que tu achas que nós vamos resolver... É assim, tu vais ter aqui um grupo que vai trabalhar e vai propor isto, agora é assim, tu vais ter...

P10: Gente a bater o pé, mas não podemos desistir.

P8: Tu vais ter pessoas que não vão dar substituição. ‘Tá no horário deles, mas que... os putos vão continuar...

P10: Aliás, nós temos um colega que se tu deixares trabalho, ele recusa-se a... tipo, imagina que deixa uma ficha para os alunos realizarem – que é mais um, um instrumento de trabalho – ele recusa-se a fazer.

P8: Então, mas sei e não só. O colega deixa-me testes...

P10: Não faz.

P8:... para ser aplicado numa turma de oitavo ano, muito recentemente...

P10: Ai, desculpa!

P14: É o meu...

P12: À vontade.

P10: Ah pois é igual ao meu.

[risos]

P8:... um dos alunos tinha... um dos alunos tinha, eu nem sei como é que a colega distribui o teste, porque é assim, um aluno com necessidades educativas especiais tinha lá o teste com corretor no... na parte do nome. Não... Havia lá uma série de coisas que era para fazer, não foram feitas. Portanto, eu não sei... não sei... mas...

P12: Mas é assim, oh P8...

P8: Eu já começo a pensar que ela nem ‘teve na aula.

P12: P8...

[risos]

P12:... eu, eu ‘tou de acordo contigo quando tu pões esse problema de é que nem toda a gente está para isto. Mas eu acho que é assim, pá, eu acho que a gente tem que começar a mexer...

P8: Eu concordo, desde que se... desde que se defina, por exemplo, olha, esta foi...

P10: É para todos.

P8:... tá responsável por isto e esta só vai controlar isto...

P12: E é assim...

P8: Agora, é assim...

P12: É... é para todos...

P8: ... se for a pensar...

P12: ... e se a pessoa não cumpre, eh pá, tem que ser chamada à pedra.

P8: Pois, mas a minha questão é: vai ser chamada à pedra por quem? É assim, se nós fizermos uma proposta e dissermos: “Ok, bem, se isto for para a frente, é preciso haver uma pessoa responsável por isto”. Aí... aí... aí estou disponível e concordo, porque essa pessoa, quando as coisas não funcionarem, vai chamar à atenção de alguém. Agora dizerem-me, por exemplo, que o P. [VP1] vai chamar à atenção... Não, aí não.

P12: Oh! Oh P8, eu sei que... mas é assim, eu acho que...

P10: Oh P12, era limpinho, não faz, consta no relatório interno.

P12: É que é isso! É que tu...

P10: Não sabe... não vai ninguém mandar, mas eu vou saber...

P8: Mas a questão... mas a questão...

P10: ... quem é que é que o avaliador interno...

P8:... a questão é mesmo isso, mas isso é que eu quero saber. Isso é que eu quero saber. É... quem...

P12: Mas era...

P10: Mas a... a direção também tem que assumir isso...

P8: Exatamente.

P12: Mas eu... eu acho que é assim, tem que haver... é evidente que...

P10: O conselho pedagógico, não é?

P12: ... aquilo que a gente vai fazer é uma proposta e é o que eu digo, a proposta até de ir... pode ir para o balde do lixo.

P10: As pessoas...

P8: A proposta...

P10:... o ser humano...

P8:... dirigida ao conselho pedagógico...

P10:... trabalha bem com regras.

P8:... em que é [impercetível] e que se essa proposta for a... aprovada dessa forma, aí alguém vai ter que se mexer. E acho muito bem.

P12: Mas é assim, mas tem que haver responsabilização das pessoas...

P8: Claro.

P12:... nem que seja em último caso, nos... nos relatório de avaliação...

P10: Claro que sim.

P12:... porque é assim, eu quando leio um relatório de avaliação, eu sei muito bem...

P10: O que é que lá... o que foi feito ou não, não é?

P12: Exatamente.

P10: Ainda... ainda mais porque só lê...

P12: Quer dizer...

P10: ... só lê o do teu grupo.

P12: Exatamente. Portanto...

P10: Se for ler os de outro grupo...

P12: ... se eu... se...

P10: ... é que já é outra coisa...

P12: ... imagina...

P8: Pois, mas é assim, mas não podes penalizar o... o elemento do teu grupo, só porque ouviste dizer na sala de professores...

P12: Não, não é porque eu ouvi dizer...

P8: ... que ele não cumpriu.

P10: Não, não...

P8: Alguém vai [impercetível] um documento?

P10: Tu consegues.

P12: Não é porque eu ouvi dizer, mas é assim, se tu vieres ter comigo e disseres assim: “Olha, eu tenho hora de substituição com *Beltrano*... e... *Beltrano* sistematicamente balda-se, arranja-se estratégias”. Não sei quê, ta-ta-ta.

P1: Vão para a casa de banho...

P12: Eu... Diz...

P1: Vão para a casa de banho...

P12: Eu posso dizer assim: “Eh pá, diz-me quando é que essa hora, que eu quero vir cá ver as coisas com os meus olhos”. E eu venho cá e vejo. E se eu vir, eu aí já posso dizer ao colega: “Olha, se calhar, é melhor tomares atenção, porque depois no fim do ano, quando fizeres o teu relatório de autoavaliação... se calhar, o teu... a tua prestação nas aulas de substituição... é capaz de não te ser muito favorável”. Porque a gente também não precisa de andar a bater nas pessoas.

P10: A fazer de polícia.

P8: Mas ninguém *tá* a falar em bater. Eu ‘tou-te a perguntar é...

P12: Mas é assim, mas...

P8:... ok, o que é que se faz com quem não cumpre?

P12: Oh P8!

P8: O problema que nós temos andado a ver imensa gente não cumpre nada e o que é que tem acontecido?

P1: Nada lhes acontece.

P12: Pá, mas é assim, mas...

P8: Agora se tu disseres: “Ok, eu assumo esse papel”. Oh pá, eu voto em ti.

P12: Oh pá, é assim, eu não assumo esse papel, até porque eu acho que não me compete a mim ir assumir... Eu acho que esse papel...

P10: Claro.

P12:... de... supervisão de cumprimento ou incumprimento das... dos profissionais compete à direção executiva, não me compete a mim. A não ser que a direção executiva delegue em mim...

P10: Delege.

P12:... diz assim: “Esta senhora é nomeada assessora para a fiscalização [risos] da... das baldas”.

P1: Eh pá, o cargo!

P12: Oh pá, é um cargo giro. Assessora...

P10: Assessora...

P12:... da fiscalização das baldas.

P10:... para fiscalização...

P8: É mais fácil seres Presidente da Junta.

P10:... das baldas, AFDB.

P12: Pronto.

P10: Parece aquela coisa das estradas.

P12: E... e eu a partir daí, sim senhora, eu é que sou... eu sou os olhos e os ouvidos do conselho executivo. Então, aí tenho autoridade para fazer.

P10: Bufa!

P12: Eh pá, mas é assim, mas... mas como avaliadora, eu sei o que é que os meus colegas fazem. Se tu...se... se... se houver um conjunto de pessoas... E até podemos fazer, por exemplo, porque é que ciclicamente não se faz uma reunião entre professores das aulas de substituição? Tal e qual como se fazem conselhos de turma para a turma A, B, C, D, porque é que ciclicamente não se faz com os responsáveis, por exemplo, com os coordenadores de ciclo...

P10: Isso em tempos foi proposto.

P12:... e com os colegas que dão substituição, não se faz uma reunião nem que seja para se fazer um balanço e dizer assim: “Olha, pá, eu já fui a dez”. E, eh pá, é assim, se eu me tiver baldado a todas, é muito difícil que eu tenha lata em frente a toda a gente de eu ir dizer: “Ai, eu também já fiz cinco”. Até porque se eu tiver a lata de fazer isso...

P8: E têm. E têm.

P12:... ‘tão lá nove pessoas que dizem assim...

P1: Não têm lata, têm bidão, têm bidão!

P12: - “Olha, desculpa lá...”

P8: Ah, mas têm, têm, que eu...

P12: - “... mas não fizeste!”

P8: Têm...

P14: Mas isso ‘tá assinado. Eu, por exemplo, se o... se aquele professor...

P8: Não é isso, pá...

P14:... se é a vez dele, ele se não está, eu digo: “Eu vou, mas este professor tem que ter falta”.

P12: Pronto.

P14: Porque caso contrário, é ele. Ele faltou, na... na... na semana seguinte é a vez dele, vai ele. Não passa à frente!

P12: Pronto!

P14: Porque se não ele lembrava-se de faltar sempre no dia dele.

P12: Mas, então, aqui tens uma forma de controlares...

P8: Tens, pois tens.

P12: Se as pessoas têm falta...

P8: E depois das... depois casos como... a S. ‘tá numa reunião e que só diz mal: “E os alunos são isto e são aquilo”. Não sei quantos. E depois tu olhas e dizes: “Mas, com que cara é que esta gaja está-me a falar...”. Que esta gaja não me cumpre nada nesta escola e, e depois está ali a falar dos alunos que quem ouve à... à primeira diz: “Oh pá, isto, isto, realmente, tem razão”; “Tem razão...”.

P10: Mas ela diz aos próprios alunos, quando... claro que diz fora, também.

P8: Sim...

P1: Diz.

P8: Não e ela diz, ela *tá* numa reunião: “Sim, sim, é verdade”. Quando se está a dizer mal dos alunos...

P10: Ela diz...

P8:... ela é a primeira...

P10: Mas ela diz-lhes a eles...

P8: ... dizer que os alunos são isto, são aquilo...

P10:... também que eles não sabem nada.

P8: Mas também não... ela não faz nada...

P1: São burros.

P10: São burros.

P8: E ela diz, portanto...

P12: Olha, se calhar...

P8:... essa história da cara, a cara é mentira. As pessoas dizem. E, por exemplo, quando tu dizes: “Ok, eu sou o supervisor, tu és a presidente da junta”. [risos] E não sei quantos, que vais ver. O meu grupo fez uma proposta que era, na avaliação, nós propúnhamos que todos os colegas... nós iríamos observar duas aulas de cada colega. Isso não foi aprovado. Por exemplo. Que era a forma que achávamos mais justo.

P12: Pois.

P8: E, no entanto, não foi aprovado, porque isso não estava na lei.

P10: Dentro do próprio grupo.

P8: Dentro do próprio grupo.

P10: Sim.

P8: Era uma estratégia que toda a gente concordava.

P10: Pois, pois, depois isto também nos vão dizer que não está...

P8: Não ‘tá...

P10: ... na lei.

P8: ... na legislação. A legislação é que manda.

P10: Não ‘tá previsto haver um...

P12: Pois. Mas é assim, eu...

P10: Mas a...

P12: ... não sei, a gente então não tem que apresentar nenhuma proposta.

P10: ... o órgão de gestão...

P12: Mas eu acho...

P10: ... o órgão de gestão pode...

P8: Eu acho que se deve fazer uma proposta...

P12: ... por exemplo, eu...

P8: ... dirigida não ao órgão de gestão, mas sim ao pedagógico.

P12: Sim.

P8: A dizer: “O que se pretende é isto, isto e isto. Temos disponibilidade, há uma equipa disponível para fazer... elaborar alguns materiais, fazer algumas demonstrações. É útil que seja... nomeada uma pessoa responsável por isto, por exemplo, os professores que têm substituição no seu horário terão algumas reuniões ao longo do ano, para fazer um... um balanço... um...”. Portanto, a ver com isso...

P10: Ou dentro daquele grupo de substituição...

P8: ... acho muito bem.

P10: ... nomear-se ali uma pessoa para coordenar aquilo...

P8: Não funciona, se for assim.

P1: Não.

P10: Não?

P8: Na minha opinião não funciona. É preferível já o projeto é aprovado pelo pedagógico e depois o órgão vai ter que escolher alguém, porque e depois... começa... pensa-se que temos uma série de...

P12: Olha, por exemplo, eu, eu sei que isto é uma coisa muito polémica, mas uma das coisas que eu acho, por exemplo, quando há...

P8: Mas nós queremos é polémica.

P12: Pronto. Quando há substituições, uma das coisas que eu acho que era fundamental era que... Eu sei que isto dá... dá confusão, entre outras, é polémico, porque depois vão dizer: “Ah, mas depois fica sempre um sobrecarregado e os outros não sei quê”. Mas eu

acho que, por exemplo, até por conversas que tenho tido com pessoas que fazem substituições, que era muito importante, por exemplo, que a prioridade fosse, um professor daquela turma, porque tu se fores professores da turma e conheceres a turma, tu tens muito mais facilidade de gerar ali uma dinâmica do que... imagina eu, vou dar substituição à turma do 9º C, eu nunca os vi mais gordos nem mais magros, nem os nomes deles eu sei... a probabilidade...

P1: Isso é um pau de dois bicos, P12.

P10: Mas tens uma lista. Tens a lista de...

P1: Isso é um pau de dois bicos...

P12: Eu sei!

P1: ... porque pode funcionar pelo conhecimento e pela forma de controlar, mas também pode ter o efeito contrário, que é, tipo: “Eu já conheço”. ‘Tás a ver? Se for uma pessoa...

P12: Pois...

P1: ... diferente... É, é um pau de dois bicos aí...

P8: Eu, eu concordo com isso...

P10: Sugestão do L. V. ...

P8: Eu concordo com isso, só há uma coisa que falha aqui...

P10: ... ponham todos os professores a dar substituição dentro da sala. Vão todos.

[risos]

P8: Eu concordo com isso...

P10: Quando só houver uma turma, vão todos.

P8: Eu concordo com isso, só, só levanto aí um problema nisso, que eu levanto...

P12: Diz.

P8:... essa questão por acaso nem levanto, não... que é, ok, eu sei uma colega que este ano não deu uma única aula às oito e vinte da manhã. ‘Tás a imaginar o triste do colega que teve aquele...

P10: Da turma... [risos]

P8: ... ano todo, todos, todas as semanas já sabia que tinha aquela turma...

P12: Mas... mas ele ‘tava sozinho na hora de substituição?

P8: Não, estava outra pessoa, mas ele é que era da turma. Nessa perspetiva...

P12: Pois...

P8:... como tu ‘tás a dar, aquela pessoa já sabia...

P1: Era sempre o mesmo...

P8:... que todas as semanas ia ter.

P10: Então, a hipótese que era...

P8: E porquê?

P10: ... era o professor avança para dar a aula dele. [risos]

P8: Porquê? Porque aquela pessoa que fez isto e se tu fores a fazer...

P12: Pois, olha, eu também acho que era o melhor.

P8: ... se tu fores a fazer um balanço e ela que teve substituições – eu não tinha...

P1: Eu tive também.

P10: Eu também.

P8: ... tu tens um grupo de dez, quinze professores que são sempre aqueles que maioritariamente faltam. Não ‘tou a dizer que baldam-se, não é isso.

P12: Pois, sim.

P8: Não, são aqueles que maioritariamente faltam. E, portanto, iria haver ali colegas que, realmente, iriam apanhar todas as semanas. Enquanto que havia outros, por exemplo, tu vez o I. de vez em quando e eu digo-lhe que ele é palhaço, porque ele vai para ali discutir com os funcionários, quando os funcionários, são uns miúdos: “Oh, sou eu outra vez?”; “Mas estes gajos recebem o ordenado...”.

P10: É.

P8: Porque é que um funcionário tem dito isto...

P10: Quando não chama professores de nomes.

P8: Não: “Oh pá, não queres ir trabalhar, marcamos falta e... e... vai...”.

P10: Claro.

P8: ... “... e não venhas, acabou-se!”. Agora, concordo que é preferível que a substituição seja dada por um professor... evita-se casos de indisciplina. Se são meus alunos e eu conheço-os, chego ali... e até permito que eu possa, por exemplo, ‘tar a fazer uma tarefa prática, até pode ser da minha disciplina e eles sem se aperceberem que ‘tão... que estão a fazer ou ‘tar ali a conversar com eles ou... ou situações assim. Então, claro que vai haver situações de colegas que vão... vão ter azares, porquê? Porque até... porque há pessoas que, depois, são jogadores. Que é do tipo: “Eh pá, oito e vinte da manhã, vai ser mesmo aqui. É aqui que eu meto as minhas horas extraordinárias”.

P1: Não é à toa que eu este ano, eu e a F. G., na segunda-feira às oito e vinte da manhã, primeiro período todas... todas as segundas-feiras fomos...

P8: Eu apanhei uma turma, todas...

P1: No [risos], no segundo período...

P8: ... todos...

P1: ... houve um dia que nós não fomos.

P8: ... eu apanhei uma turma todas as semanas...

P12: Pois, é capaz de não ser uma boa ideia esta...

P8: Eu apanhei uma turma todas as semanas à mesma hora...

P12: ... eu só digo isto, porque já tenho ouvido pessoas que se queixam, uma das...

P8: ... eu chegava ao pé deles e dizia: “Olha, a aula!”

P12: Olha, por exemplo...

P8: “A professora não veio”. Eu disse: “ ‘Tá bem”. Eu, inclusive, tive uma turma... tive uma turma, não. Eu ‘tava a descer e houve uns alunos do secundário que me chamaram: “Professor, posso falar consigo?”; - “Pode”. “Olhe, nós já estamos fartos disto, a professora tal não aparece, não sei quantos”. Eu disse: “Oh pá, olha, pode ser uma situação pontual, pode ser não...”; - “Não é professor, então se é desde o início do ano, é pontual?”. Eu disse... Ainda por cima uma das miúdas disse: “Olhe, professor que eu já, já passei, já meti no... no Facebook, agradecia que a professora tal aparecesse...”.

[risos]

P8: Eu disse: “Olha, para já [impercetível], apaga já isso... podes fazer as críticas que tu quiseres, falas que não é justo vocês virem para aqui todas as manhãs e haver professores que não... não “coiso”... Não... nunca metas o nome de professores ou disciplinas, porque isso aí...”. E ela: “Ah, ‘tá bem, obrigado, não sei quantos”. E foi lá apagar. Mas pronto, são... a verdade é essa.

P10: Olha, vê, um tema interessante para falar nas aulas de substituição é aquilo que eles podem e não podem... escrever no Facebook e nessas redes sociais... até nós, às vezes...

P8: Mas eu concordo... eu concordo...

P10: ... estamos a falar... falamos certas coisas que...

P8: Eu concordo com isso.

P10:... se alguém quiser usar aquilo contra...

P8: Mas depois tu tens... Eu concordo exatamente com isso e acho que nós próprios era criar uma equipa em que... às vezes, vídeos de cinco minutos...

P10: Sim.

P8: ... tu depois estás quarenta e cinco... se...

P10: Em vez de vir a polícia ainda...

P8:... na boa, a conversar com eles na boa. Pequenos vídeos...

P10: Sim.

P8: ... pequenos não sei... pequenos textos que estão a aparecer agora, aquele blogue, por exemplo, mesmo o Com Regras, ‘tá a trazer temos agora brutais...

P1: Hum, hum, giríssimos.

P8: ... novos.

P1: Interessantíssimo.

P8: Que permitem um... um bom “coiso”... um... um bom debate com eles. Então, no nono ano e isso é muito... é muito interessante. Eu acho que sim, mas era criar uma equipa para preparar um conjunto de materiais...

P14: Uma das coisas que devia ser corrigido já era as aulas de substituição deviam ser todas de quarenta e cinco minutos, por exemplo, este ano aconteceu que ‘távamos três...

duas de noventa e três de quarenta e cinco. Não havia substituições de quarenta e cinco. Então, eu e a F., íamos sempre...

P1: Sim.

P14: ... sempre, sempre, sempre, sempre.

P1: Mesmo [impercetível].

P14:... os outros três professores nunca iam...

P12: Olha e isso pode ser...

P14: Porque é que as aulas [impercetível]... porque é que as aulas que são de quarenta...

P1: Eu fui lá e o professor disse que é assim...

P8: Isso é errado, é o sistema que tá errado. Em Câmara de Lobos, eu...

P14: Não é errado! As aulas são de quarenta e cinco...

P8: Não!

P14:... todos os professores...

P8: Porque as regras...

P14: ... tinham substituições de quarenta e cinco.

P10: Escuta!

P8: ... mas, porque as regras estão mal inseridas...

P14: ... porque eu tenho [impercetível].

P10: Porque o F. [PCE] interpreta aquilo assim!

P14: Mas... mas é uma das coisas que eu acho que 'tá mal.

P8: Porque as regras 'tão mal inseridas.

P10: Mas nós tentámos dizer isso várias vezes.

P8: Mas...

P1: Exatamente. Eu fui com o R. [VP2] este ano e disse: “Como é que é, então é assim, os de noventa vão sempre e os de quarenta e cinco nunca vão!”; - “Olha, mas é o que... o teu horário”. Foi a resposta que ele...

P10: Mas olha!

P1:... disse: “É o teu horário!”.

P14: O mesmo se processa ao contrário, se houver muitos professores a ter aulas de quarenta e cinco...

P1: Sim!

P14:... naquele tempo e se o professor tiver quarenta e cinco...

P8: Exatamente.

P14: ... vai sempre, sempre, sempre, sempre.

P8: Os [impercetível].

P12: Mas eu acho que isso não é...

P10: Mas escuta...

P14: Não é justo! E ‘tá errado.

P10: Mas lá porque está ali... lá porque está ali, eu já tive anos de estar eu com quarenta e cinco e ‘tar o colega...

P8: Ah, só quando o colega que saiba trabalhar...

P10: ... com noventa e se as pessoas se souberem estar e se souberem...

P8: Exatamente.

P10: ... trabalhar...

P8: Exatamente.

P10: ... eu não me importo nada de ir quarenta e cinco minutos por ti e tu vais os outros, para não te massacrar. Agora, há colegas...

P8: Exatamente.

P10: ...que precisam de levar com os noventa minutos para aprenderem.

P14: Nós temos um... aquele...

P10: ... que é mesmo assim...

P14: ... nós temos aquele documento que diz aquilo...

P10: Há pessoas em que a gente até faz...

P14: E nós temos que respeitar documento.

P10: Sim, sim.

P12: Mas, P10...

P10: Mas, respeitar... 'tá ali um fio condutor...

P8: Sim. Não, aquilo é um fio condutor, por exemplo...

P10: ... que tu tenhas que seguir à regra aquilo e se tu te entendes comigo e 'tamos as duas...

P8: Exato.

P10: ... porque é que não podemos fazer assim?

P8: Ou mesmo, oh P10...

P10: Ninguém nos vem apontar uma faca porque não fizemos.

P8: Oh P10...

P14: Mas... mas eu... eu essas...

P8: ... ou mesmo na última vez eu fui chamado, mas apercebo-me que tu hoje 'tás a... quando 'tás a preparar uma atividade, há algum problema em dizer: “Olha, P10, deixa eu vou, eu avanço...”.

P10: Sim.

P8: ... “depois a próxima vez vais tu”.

P12: Mas... mas, por exemplo...

P14: Mas para isso é preciso haver...

P10: É o que ela está a dizer.

P12: Mas...

P14: Eu e a F. não tínhamos esse problema.

P8: É o que ela está a dizer, há pessoas com quem consegues fazer isto...

P14: Mas há outras pessoas que não...

P8: ... há outras que...

P14: ... aceitam!

P10: Eu já tive um ano uma situação dessas, que o colega mostrou-se logo... extremamente inacessível e eu assim: “Ai é? Então, agora vais mochar”. Olha, eu tinha...

P8: Claro, normalmente...

P10: ... quarenta e cinco, ele tinha noventa, toma!

[risos]

P8: ... normalmente ficam a perder.

P10: Até que no fim... mais para o meio, disse: “Oh, P10, se calhar... aquela história”...

P12: Ah! Pois!

P10: ... “Então... e então como é que vamos decidir?”; “Eh pá, moeda ao ar”. “Moeda ao ar?”; - “Moeda ao ar! Vamos lá, moeda ao ar”. Pimba! - “Olha, vais tu, saiu-te a ti”. E ele: “Pronto, lá vou eu outra vez”. [risos] Teve azar.

P12: Não, mas eu acho que se podia fazer essa proposta, que era...

P10: Há outras pessoas que eu digo assim: “Olha, vai lá tu agora, que eu vou nos outros quarenta e cinco, que só tenho...”. Há dias que não dá, há três professores de noventa...

P8: Claro, claro, claro.

P10: ... e é preciso três de noventa.

P1: Pronto.

P10: Agora, ‘tamos as duas para noventa: “Eh pá, vai tu quarenta e cinco, eu vou os outros quarenta e cinco”. Mas alguém vem-me dizer alguma coisa? Porque eu não fiz os noventa e porque era eu na ordem da lista? Então tinham que chamar à atenção para muita coisa.

P14: Não, mas eu não ‘tou-me a referir a esse caso, P10...

P12: Eu sei o que é que tu ‘tás a dizer...

P10: Ai esse...

P12: ... mas isso eu acho que se podia resolver – e podemos propor isso – que é que as pessoas... que, mesmo que... vamos imaginar que eu até tenho noventa minutos de substituição no meu horário – posso ter – mas, não são...

P14: Lá está.

P12: ... não são noventa... mas imaginar que aquilo são...

P1: São quarenta e cinco, mais quarenta e cinco.

P12: ... como eu tinha, por exemplo, este ano, que tinha quarenta e cinco minutos com o 6º B e quarenta e cinco minutos com o 5º B.

P14: Exatamente.

P12: Eram noventa, mas eram aulas separadas.

P10: Exatamente, mas também eu... também eu tinha assim...

P8: Mas atenção...

P14: Era aí onde eu queria chegar. Era assim que era justo.

P12: Nós podíamos propor isso.

P8: Mas atenção que pode... podemos propor, mas também tens que ter a noção que pode acontecer haver semanas em que, realmente, vais ter que dar os noventa.

P14: E qual é o problema?

P8: Não, não há problema nenhum.

P14: Não há problema

P12: Oh... Oh pá, ‘tá bem, mas é assim...

P8: Não, mas eu digo é... eu não ‘tou a dizer que há problema, eu ‘tou a dizer é que convém que fique esclarecido...

P1: Sim.

P8: ... que é para não haver aventureiros que: “Eu já fiz os meus quarenta e cinco e agora saio e alguém que vá lá”.

P14: Não, depois é outra aula diferente.

P8: Não? Não? Eu depois de ver pessoas a deixar as turmas na sala para ir lá para fora fumar durante a aula e tu vens-me dizer que não? Oh...

[risos]

P14: Pois, mas isso não devia acontecer.

P10: Escuta.

P8: Não de acontecer, então?

P14: Se acontece, não devia acontecer.

P8: Mas... mas tu sabes que acontece ou... ou então tu usas só a porta nova.

P14: Eu só uso a parte de cima. [risos]

P8: Porra, mas...

P10: Agora...

P8: ... então só vês o que queres ver, desculpa lá.

P10: ... o que tem que ser é que tem que ser dito...

P8: És muito inocente. Todos os alunos veem, tu não, é assim...

P10: ... que aquilo é encarado como quarenta e cinco, quarenta e cinco...

P12: Oh P8, é assim...

P8: Por amor de Deus.

P12: Desculpa, só para fazer uma pontuação, eu por acaso soube dessa situação no tempo em que uma colega nossa era mãe de uma aluna e... e me falou disso. Porque eu via a pessoa à porta da escola, eu não sei se a pessoa 'tá em aula ou se 'tá em furo, eu posso... Imagina que eu 'tou em hora de delegada, nada me impede, na minha hora de delegada de ir ali fumar um cigarro à porta da escola. Eu não sei os horários dos colegas...

P8: Eu não vejo uma pessoa...

P12: Pronto.

P8: Eu dou-te uma lista.

P12: Ah, pronto, olha então...

P8: Eu não tenho nada contra os...

P14: Oh... Oh P8, mas tu sabes...

P8: Eu não tenho nada contra os fumadores.

P14: ... o horário das pessoas, nós não sabemos...

P12: Mas eu também não!

P8: Não sei o horário da pessoa.

P12: Mas eu também não tenho nada contra os fumadores!

P8: Eu estou a dar aulas de porta aberta, porque dou sempre de porta aberta e se vejo sempre as mesmas pessoas a passarem a... a interromper... Eu já fui chamado: “Olha, P8, eh pá... aguenta-me aqui dois minutos só”. Eu penso: “Eh pá...”. Ainda por cima a dar teste! Eu penso: “Eh pá, deve ter...”. E não foi uma pessoa! Já tive isto com duas pessoas cá dentro. A dar teste! E eu a pensar: “Talvez foi buscar alguma coisa que se esqueceu”. Passam dois minutos, passa cinco minutos, passa dez minutos... e eu: “Oh, que estranho!”. E essa pessoa foi a que *teve* lá fora a fumar, porque eu depois... eu... eu sou de olhão, sou complicado e fui lá fora confirmar com o funcionário como aquela pessoa ‘teve lá a fumar. Pensas que eu fiz confusão? Não fiz confusão. Agora, faz-me confusão, ainda há dias atirei à cara de um colega meu, porque é uma vergonha, as pessoas vão lá para fora fumar e depois vêm dar aulas e ‘tão ao pé do aluno e nem têm um chiclete, nem têm nada na boca...

P10: Sim.

P8: ... e eu sou obrigado a comer com o fumo.

P10: Com o cheiro.

P8: A pior aula que eu tive na minha vida foi ao pé de um colega meu fumador, porque não tinha o manual. Eu se me chegar um colega aqui eu não sei... eu afasto-me ou vou-me embora. Portanto...

P12: Mas é assim, eu... eu, por acaso... se há mais situações, olha, eu cá só conhecia uma e... e foi nessa circunstância. A colega tinha uma filha que era aluna e uma vez veio-me dizer: “Ah, porque não sei quê, ta-ta-ta”. E eu: “ ‘Tá bem. Olha, amiga...”. Eu cá ouvi, entrou-me... não sei se o objetivo era vir-me dizer a mim...

P8: E eu digo-te dos fumadores, como dos não fumadores.

P12: ... para eu transmitir, mas...

P8: Eu digo dos fumadores e não fumadores...

P12: ... isso aí têm azar...

P8: Há pessoas que só entrar na sala...

P12: ... porque eu não sou *go between*...

P8: Eu, por exemplo, há dias abandonei uma aula, porque estava quase a desmaiar e fui comer...

P12: ... entrei... P8, eu também já tenho saído para vir buscar coisas...

P8: Agora, fazer isso constantemente...

P12: ... para não sei o quê, para não sei que mais.

P8: Fazer constantemente, é estranho.

P12: Mas acho que, apesar de tudo, há uma diferença entre tu saís de uma aula, porque, de repente, te esqueceste ou há... sabes que tens um material...

P8: Exato. E não fazer disso uma...

P12: ... no cacifo, precisas e vens buscar, não sei quê... outra coisa, é eu sair de uma aula...

P14: [impercetível] para ir fumar...

P8: Exato.

P12: ... e vir tomar o café de perna esticada, para a sala de professores e a canalha lá em cima. Isso eu nunca fiz!

P8: Ou então pode-se optar pela estratégia de um colega nosso...

P12: Pode vir aí quem quiser, que... Podem-me dizer que eu...

P8: Há um colega nosso que é mais inteligente, que é ele vai dar aula de manhã, ao primeiro bloco da manhã, a meio mais ou menos da primeira... a meio do primeiro bloco, vem um aluno sempre comprar a senha que é para o gajo... chegar ali, no intervalo, não ter que esperar. E passa à frente.

P10: Ok.

P12: São coisas que... Mas é assim...

P8: Vocês...

P14: Mas isso [impercetível].

P12: Mas vou-te dizer...

P8: É sempre o mesmo...

P12: Mas isto para... para voltar à tal questão que é assim, quando eu soube dessa... dessa situação, eu, realmente, depois reparei que eu cruzava-me muito com aquela pessoa à porta da escola. Eu chego... eu até, normalmente, nunca chego no intervalo, chego sempre um bocadinho antes ou... pronto... E por... Mas é assim, eh pá, mas eu... eu não sei o horário das pessoas e eu posso ‘tar na escola e não ter horas. Portanto... é assim, às vezes, há coisas que são complicadas. Agora... que é assim, que pelos vistos as situações se sabem e depois as pessoas que sabem não têm...

P10: Pois, o problema é esse.

P12: ... um... certa... apêndice anatómico no sítio, para chegar ao pé e dizer assim: “Oh P10, é...”.

P10: Apêndice anatómico...

P12: Ouve lá...

P8: Eu já tive...

P12: ... aquele aviso que saiu no segundo período ou não sei quê...

P10: Exato.

P12: ... pá, eu cheguei a casa – eu não costumo levar problemas da escola para casa – mas, naquele dia cheguei...

P10: Irritou aquilo...

[impercetível]

P12: ... e disse: “Eh pá, vê lá se falas, chamas os bois pelos nomes!”.

P10: Exatamente. Exatamente. Porque aquilo é...

P12: Porque eu não tenho que ‘tar a...

P10: Ninguém [impercetível]

P12: ... eu não tenho que ‘tar a assinar... eu não tenho que ‘tar a assinar a...

P10: Faço aquilo que tenho vontade é qualquer dia dizer assim: “Não assino que isto não é para mim!”. Ponto final.

P12: Eu não tenho que ‘tar a assinar...

P14: Eu achei que aquilo...

P12: ... as situações...

P14: ... não me identifiquei com nada daquilo...

P12: ... que é... é que até acho mais, P10. Que é assim, aquilo até nem tenho necessidade de saber.

P10: Exatamente.

P12: Porque se eu não sou... eu não tenho cargos de direção na escola, não tenho responsabilidades nenhuma, eu, eu tenho... eu também não tenho necessidade de saber que há pessoas que não escrevem os sumários ou que escrevem os sumários...

P1: É...

P12: ... mas não dão as aulas ou que saem das aulas a meio, para vir fumar cigarros e depois aquele cigarro é tão grande, tão grande, tão grande, que leva meia hora para ser fumado. Eh pá, é assim, isso é o tipo de coisa que eu dispenso saber. Portanto, vamos chamar os bois pelos nomes.

P10: Claro.

P12: A gente sabe que é a *Balbina*.

P10: Claro.

P12: ... chama a *Balbina* [impercetível], dá-lhe dois apupos...

P10: Exatamente.

P12: ... e a *Balbina*...

P10: Não é preciso ser bruto!

P12: Não!

P10: Não é preciso ser bruto!

P12: Não, que ele até sabe dar apupos com muita delicadeza. [risos]

P10: Nem falar com a pessoa mal... Agora, basta chamar a pessoa à atenção e as pessoas...

P12: Exatamente.

P10: ... pensam assim: “ ‘Pera lá, há aqui alguém, afinal atento”.

P12: Pronto, não é?

P12: Agora, fazer um aviso...

P1: Olha... olha, desculpem lá...

P10: Eu costumo dar...

P1: Olha a A. ...

P12: Fazer um aviso...

P10: Eu costumo dar....

P1: ... não foi chamada?

P10: Foi chamada quando?

P1: À direção executiva.

P10: Quando?

P1: Não, não tiveram lá uma conversa com...

P10: Quando?

P1: ... ela?

P10: Quando?

P1: O ano passado.

P10: O ano passado?

P1: Fins de ano, o ano passado.

P10: Há quantos anos...

P1: ‘Tá bem...

P10: ... o problema A. anda a decorrer?

P12: Eu acho que este ano foi chamada outra vez.

P10: Desculpa lá.

P1: Foi.

P10: E é todos os anos.

P1: Olha. Oh, foi tão subtilmente tratada que até teve direito a um... a um livro de ponto.

P10: Pronto.

P1: Não é?

P10: Resolveu-se a questão: livro de ponto. Acabou.

P1: Não se resolveu, porque ela, acho, que continua sem fazer os sumários [risos].

P10: Ah então, pronto. Então, olha.

P1: Mas pronto.

P10: Então, se não é...

P12: Mas é assim...

P10: ... do malho, é do malhadeiro.

P8: Não, mas desta vez tinha falta.

P1: Tinha? Pronto. Ok.

P12: Pois, é que a diferença de quem está...

P10: Eu costume dizer esta...

P8: A ideia do livro de ponto fez-nos muito sentido.

P10: ... esta... olha, eu, no Porto da Cruz – não sei se já vos contei isto – dava aulas naquele campo de futebol de terra batida que aquilo era um... pronto... Chovia... naquele dia tinha chovido imenso, aquilo era um lamaçal autêntico, que eu tinha ‘tado a fazer o teste de resistência, os miúdos estavam, dos joelhos para baixo, um nojo. E eu disse assim: ”Mau!”. Eles, geralmente, acabam aquela prova de doze minutinhos a correr... “capute”, já não fazem mais nada de jeito. Eu disse assim: “Olha, vamos para a escola, vocês vão lavar as sapatilhas, sacudir as sapatilhas, na-na-na”. Isto – portanto, geralmente, nós saíamos dez minutos antes da aula – isto para aí quase vinte minutos antes, então. Outros dez minutos antes, portanto. eles entraram, limpavam as sapatilhinhas tudo ali, fico tudo limpinho, tudo pronto, eu acabei de os arrumar no sítio onde eles tinham que ir e eu já tinha a funcionária assim para mim: “Professora, depois se não se importa, vá ali ao Professor M. L.”. E eu: “Ah, ‘tá bem”. Chego ao Professor M. L. e o Professor M. L. diz-me assim: “Então, professora, diga-me lá, então os alunos

vieram tão mais cedo, porquê? Da aula? Andavam aí no corredor.” Eu disse assim: “Olhe, passou-se assim, assim e assim, os miúdos estão extremamente cansados, todos cheios de lama até aos calcanhares e eu decidi acabar a aula para eles se virem limpar, para eles se virem tratar e não sei quê.” – “Pronto, então olha, mas aguenta-os mais tempo lá quando isso voltar a acontecer, sai dentro do tempo limite, que é para não haver... confusões.” Pronto. Eu percebi o recado, nunca mais... ficamos lá fora a bater os ténis e quando aconteceu. Dez minutos, vamos embora para a escola. Se ele não me tem dito nada, eu, se calhar, tinha voltado a fazer aquilo.

P12: Pois.

P10: Não levei a mal, disse-me sem problemas nenhuns e eu cumpri. Isso da A., se calhar, tinha resultado...

P1: No início.

P10: ... na primeira vez ou na segunda ou na terceira que ela começou a fazer. Aí tinha resultado. Agora não, agora é entra assim a cem, sai a duzentos.

P12: Sim, mas ela, pelo menos, agora, pelos vistos, parece que já tinha faltas...

P10: Pfff...

P12: ... portanto...

P14: Já evoluiu.

P12: Pois, agora vamos ver como é que ela justifica, mas isso já é um problema dela.

P10: Ah, pois. Exato.

P8: Ou então que faça como a T. ...

P10: Mas pronto, P8.

P8: ... que escreve o sumário sobre o carimbo. Para dizer...

P10: Ah, sim, sim.

P8: ... que não falta.

P10: Ah, mas depois é assim: “Ah, tira, tira a falta, tira a falta...”

P14: Faz o sumário, quê?

P10: “... que essa senhora é muito complicada. Tira a falta, filho. Ah, sim, tira a falta.”

[risos]

[tosse]

P8: Escreveu o sumário por cima...

P10: Olha... então, P8, tu que vais ao pedagógico, aulas de substituição têm que sair imediata... deixar de ser de noventa minutos.

P8: Isso aí, isso aí concordo.

P10: Quarenta e cinco...

P14: Sim.

P10:... nos mesmos moldes.

P8: Quarenta e cinco, quarenta e cinco.

P10: Aparece a listinha de todos.

P8: Exatamente.

P14: Exatamente.

P10: Entra o primeiro, entra o segundo, entra...

P14: Exatamente.

P10: Não é?

P14: É.

P8: Devem... quarenta e cinco minutos.

P10: 'Tou eu e a P14...

P8: Deve haver uma equipa de trabalho...

P10:... 'tá quarenta e cinco, quarenta e cinco.

P8:... a preparar...

P12: Sim, mas mesmo que já não haja mais nada, pelo menos que seja...

P14: [impercetível] ou com outro grupo.

P10: Exatamente.

P12: ... os quarenta e cinco que seja...

P8: Sim, sim, sim.

P12: ... por tempos de quarenta e cinco.

P8: Há tempos até estávamos a recolher as ideias do...

P12: Não...

P8: ... do documento apresentar e eu [impercetível]...

P12: Então, mas isto é... pode... isto é para fazer parte do documento, que a... que... que...

P8: Há aulas que eu até fico... concordo...

P12: ... a distribuição das aulas de substituição deve ser feita em tempos de quarenta e cinco minutos, mesmo que o professor tenha, depois...

P10: Exatamente.

P12: ... dois tempos consecutivos ou três ou quatro...

P8: Sim...

P10: Imagina que...

P12: ... não sei...

P8: Eu que, sempre que possível, devem ocorrer na sala de aula. Muitas vezes...

P12: As aulas de substituição?

P8: Sim.

P12: Eu, isso, por acaso, também acho.

P8: Acho que... até porque o Professor F. [PCE], eu... há dois anos, houve pessoas que foram chamadas à atenção, porque, muitas vezes, era todas as semanas na cantina e havia situações... Ah pá, há turmas que até consegues... pá 'tar um dia porreiro, vais para o anfiteatro, mas há turmas... todas as semanas, depois... depois... às vezes...

P14: E não há possibilidade de haver uma aula...

P10: Essa [impercetível] todas as semanas também é um bocadinho estranho...

P14: ... uma sala destinada só para substituição?

P8: Ah, em termos físicos é...

P10: Não, porque depois isso... depois...

P8: ... muito complicado.

P12: Até se tiveres três turmas... basta que tenhas duas turmas em simultâneo...

P14: Mas, por exemplo, podiam meter, sei lá, uns... umas coisinhas no chão e eles sentavam-se no chão. Qual era o mal? Se ‘tivéssemos a ver um filme...

P12: Sim, mas imagina...

P14: ... se ‘tivessem todos...

P12: Sim.

P14: ... até cabia...

P12: P14, mas repara, por exemplo, tu tens, ao mesmo tempo, duas turmas de substituição e até podes ter a sorte de teres turmas, por exemplo, uma de oitavo e outra de nono. Ok, podes fazer uma atividade comum.

P14: Sim, ‘tá certo.

P12: Mas tens uma turma de quinto ano e uma turma de nono...

P1: E uma de nono.

P14: Já não...

P12: Já é mais complicado. E mesmo em termos de espaço físico, eh pá, eu não ‘tou a ver como é que a escola consiga disponibilizar...

P14: E há vezes que há três...

P12: ... neste momento, uma sala. E, depois, põe-se esse problema, é que...

P10: Agora...

P12: ... é uma sala...

P10: ... a cantina... o som... eu chego... eu, às vezes...

P8: É.

P10: ... venho de lá com a cabeça...

P8: É.

P10: Não posso, não posso. Aquele som...

P8: E teve a ver com essa questão...

P10: ... mexe-me com o sistema.

P8: Eu, eu quando vi o Professor F. [PCE].., que normalmente não é muito de chamar...
ir ter como uma colega...

P10: Não se consegue falar...

P8: ... e dizer que as aulas de substituição não podiam ser ali...

P10: Não se consegue falar...

P8: ... tinha claramente a ver com o som.

P10: ... não se consegue. E esta história dos sem Moral também tem que deixar de ser ali, porque não dá...

P12: Mas isso também...

P10: Não dá.

P12: ... se pode fazer na proposta, que os alunos que não têm... que... a turma que não tem Moral...

P8: Eu fazia duas propostas separadas.

P12: Sim. Eu também acho que sim.

P8: O sem Moral era mesmo essa...

P12: Para os sem...

P8: Agora, é assim, tu não tens nenhum... nenhuma, nenhuma sala grande.

P10: O sem Moral, o Padre que vá para a cantina...

P8: Não tens...

P10: ... e os... os que têm muitos...

P12: Mas quantas aulas de Moral é que tu tens a funcionar ao mesmo tempo?

P10: Quem tiver muitos é que assume a sala.

P12: Só tens uma sala.

P8: Não, não. Não...

P12: O Padre é só um.

P8: Não, não.

P12: Então?

P8: Nos últimos anos são tão poucos alunos que os alunos de sétimo ‘tão todos juntos, que é seis ou sete...

P10: E não chega a fazer uma turma.

P8: E os outros ficam... então, estão lá... estão lá fora.

P10: Sim. A C., este ano, tinha...

P8: As outras três turmas estão lá fora.

P10: ... tinha...

P8: O oitavo ano é assim, o nono ano é assim.

P10: ... trinta e tal miúdos ali. O P4, o ano passado, chegou a ter trinta miúdos ali... sem Moral, na cantina. Portanto, devia de ser assim, chegou àquela hora, Moral, quantos são a ter Moral? São dez. Quantos são sem Moral? São vinte. Quem é que tem sala?

P8: Não, mas...

P10: É os vinte.

P8: ... o problema é que não é...

P10: Ele que vá para a cantina.

P8: Sim, mas o problema é que tu não consegues, é que tu tens as três turmas... a terem Moral ao mesmo tempo.

P10: Sim.

P8: São tão poucos alunos que o problema é onde tu vais meter os cinquenta alunos.

P12: Olha, P8, e, por exemplo, desculpa lá...

P8: É que nós, o que é que temos feito? Como são tão poucos alunos a escolher Moral, não vale a pena ‘tarmos a fazer horários separados. Não, oh pá, em Moral é tudo à mesma hora e o Padre só, só vem... vem cá menos vezes... já... já viste o que é, senão ele ia apanhar uma aula hoje do 7 A com dois alunos, amanhã o 7 B, três alunos. Ele é que tem que pensar se ‘tá a vender bem o peixe dele ou não.

P10: Eu também acho que devia de haver...

P8: Não sou eu.

P10:... uma boa reflexão.

P8: E eu ‘tava à espera que ele aparecesse nas reuniões finais, que eu ia colocar essa questão.

P10: Só que ele não aparece...

P8: Por acaso ia colocar.

P12: Olha e, por exemplo, não haveria possibilidade de colocar as aulas de Moral ou, por exemplo à tarde e só vinham os miúdos que têm Moral.

P8: Se eles... se colocares ao final da tarde, eles já não são obrigados a vir. Os que não têm, não... não têm que vir.

P10: Então, mas...

P12: Então, é isso que eu ‘tou a dizer...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: Mas aí já não rentabilizavas o tal projeto.

P12: Então, mas é assim...

P10: Mas...

P12: ... mas... é... porque é assim, porque eu também não ‘tou a ver... porque é assim, tu para fazeres esse... o... tu não podes ter... eu não ‘tou a ver como é que se dinamiza, por exemplo, uma sessão de Filosofia para Crianças com trinta ou quarenta miúdos.

P10: Sim.

P12: Não dá! Porque aquilo também é assim...

P8: Mas não...

P12: ... um grupo de vinte miúdos tu trabalhas, tudo o que vá além dos vinte miúdos, é assim, em quarenta e cinco minutos...

P10: Mas olha que eu, P12, este ano, que tinha... dava Educação Física ao... ao 6º C, das três e meia às quatro e um quarto – que também acho que foi uma coisa fantástica – eles ‘tavam a ter... ao 6º C. O quinto... o 6º A ‘tava a ter Inglês, quarenta e cinco minutos, e depois eu ficava com eles ali na cantina. Achas que eles iam embora para

casa? Mesmo eu dizendo-lhes assim: “Basta que o encarregado de educação diga aqui... assine a dizer que é para ir para casa, podes ir embora, não tens que ficar aqui. Vais de autocarro, vais não sei quê”. – “Não, vou a pé”. Ou: “A minha mãe vem-me buscar”. Então: “Então, podes ir, se quiseres”. Eles querem ficar a brincar ali.

P8: Pois, mas a questão é essa, é que... mas não tem o carácter de obrigatoriedade. Por exemplo, este ano, as únicas turmas que tu tinhas ali era o nono ano e o oitavo ano, à terça-feira - curiosamente, uns a seguir aos outros – porque o sétimo ano, como era à tarde, na quinta-feira à tarde, penso eu, ou terça, à tarde, tu não apanhavas os alunos sem Moral. Eles não vinham.

P12: Pronto, mas eu acho que isso podia ser uma... uma solução...

P14: Seria o ideal.

P12: ... porque...

P8: Mas atenção, porque eles quando fazem os horários, não conseguem fazer... colocar Moral...

P12: Pois, eu sei.

P8: ... em todos... a essa hora.

P12: Eu sei, eu sei que é super complicado fazer horários, não precisas de me explicar. Mas acho que se devia tentar arranjar uma... se... porque eu não imaginava que eram tão poucos os miúdos em Moral...

P10: Sim.

P12: ... eu pensei que os miúdos que não tinham...

P8: Não tem...

P12: ... Moral...

P8: Não tem dez.

P12: ... que é... que era...

P8: Não deve...

P14: Olha...

P8: ... não tem dez alunos.

P14: ... olha, uma para o quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono. É um dia por semana.

P8: O quê?

P14: Todos os quintos, à segunda...

P8: Mas...

P14: ... todos os sextos...

P12: Não, mas os quintos têm... os quintos, a maior parte dos miúdos...

P8: Mas tu não podes pensar...

P12: ... têm Moral, sabes?

P8: ... não podes pensar que o Padre...

P12: Por isso é que eu 'tá...

P8: ... vem à escola todos os dias.

P12: ... por isso é que eu 'tava...

P8: O Padre, por exemplo, o ano passado tinha Moral, esses quarenta e cinco minutos, tinha Moral com oitavo, a seguir tinha com o nono ano.

P12: Eu... eu, por exemplo, eu... o que eu 'tá... eu 'tava a pensar que era o... como é no segundo ciclo, que a maior parte dos miúdos tem Moral...

P10: Não tem, não, P12.

P12: ... e os que ficam...

P10: Sabes quem é que tinha Moral este ano? É o... o... as escolas... as turmas que vêm das Irmãs é quem se mantém em Moral.

P8: Exatamente.

P10: De resto...

P12: Ah!

P8: Não, mas está a ser...

P12: Porque eu, por exemplo, eu digo isto sabes porquê? Porque no 6º B...

P8: E no segundo, o H. ainda segurava. Depois de ser este sozinho...

P12: No 6º B, por exemplo, só um miúdo é que não tinha Moral...

P10: É a turma das Irmãs.

P12: ... que eu saía e o miúdo saía comigo.

P10: É a turma das Irmãs. E no quinto, era o 5º A que tinham todos também.

P8: E quando o H.... o H....

P10: Eles mantêm-se, no quinto ano ainda têm...

P8: ... e o H. quando ‘tava...

P10: ... são... de resto...

P8: ... no segundo ciclo, eles... tu apanhavas, tu dizias: “Eh pá, anda esta gente toda de Moral”. Ias ver à matrícula de sétimo ano, eram três, quatro. Primeiro ano, quando eu cheguei, primeiros dois, três anos, ainda havia quando ele não estava...

P10: O 5º B...

P8: ... havia muita gente em Moral.

P10: A E. chegava a ‘tar ali com dez miúdos.

P8: Depois de este professor... de este Padre começar a dar aulas de Moral, foi sempre a descer.

P10: E vai continuar a descer.

P12: Não, eu aí não sei se não faz sentido...

P10: Eu ‘tive a ver pelas matrículas – eu ‘tive em matrículas ali – e a maioria...

P8: Eu se puder...

P12: P8, é assim, mas é assim, mas então...

P8: Então, o gajo vem para aqui...

P12: ... eu não sei se não faz sentido, por exemplo... se a gente apresentar essa proposta da Filosofia para Crianças para os miúdos que não têm Moral... não sei se não faz sentido, então, que isso funcione por turma. Porque, é assim, se a maior parte dos miúdos não tem... a... a disciplina, tem mais lógica manter a turma, saem os que vão para Moral.

P8: O problema é que vais ter o Padre aqui a ver... apanhar dois alunos agora, dois alunos daí... daí a meia hora... na hora seguinte...

P12: Não. Mas imagina, por exemplo, ou... agora das... do meio-dia...

P8: Das oito e vinte às nove e cinco metes que turma? 7 A...

P12:... os três nonos anos estão a ter Moral, não é?

P8: Sim.

P12: Mas desses três nonos anos, há, dois alunos do 9º A, três alunos do 9º B, dois alunos do 9º C. Esses saem para Moral. O resto da turma, fica... cada turma separada, 'tás a perceber? Em...

P8: Mas o problema é tu teres salas para isso. Há horas do dia...

P10: Porque eles assim 'tavam só numa aula a ter Moral. O resto 'tá tudo enfiado ali na cantina.

P1: Exatamente.

P12: Já percebi.

P10: Que é isso que tem que acabar.

P8: Pois.

P10: Não dá. Se na substituição não é para ir para a cantina, se... na hora sem Moral também não devia de ser na cantina.

P8: Não, mas não tem que ser na cantina. O problema é que não há espaço, neste momento, para os colocar. Àquelas horas...

P10: Têm que arranjar.

P8: Pois.

P10: Têm que arranjar, porque aquilo...

P12: Até porque também te vou dizer uma coisa, que é assim, se não houver um espaço, também não vale a pena avançar com o projeto...

P10: Sim, sim.

P12: ... porque, é assim, a... a Filosofia para Crianças, aquilo tem algumas normas e aquilo não é assim...

P8: Não, mas o projeto pode ser apresentado...

P12: Sim, mas...

P8: ... agora é assim...

P12: ... vais para a cantina com a canalha?

P8: ... depois escolhes... Não. Não, a escola depois...

P10: É impossível...

P12: Não é?

P10: ... aquilo não tem...

P8: A escola, depois, tem que ver se consegue reunir essas condições ou não.

P12: Pois.

P8: Eu, por exemplo, este ano, tinha uma turma que ‘tava tudo apertado e era extremamente complicado e depois vim a descobrir, por exemplo, que à mesma hora... a R. tinha um aluno na sala 9. A dar apoio a um aluno.

[risos]

P8: E eu ‘tava numa sala tudo apertado e nós até começámos a rir. Fui eu que fui lá buscar um mapa que precisava e gozámos. Eu disse: “Olha, então, mas eu ‘tou numa sala apertada e eles dão-te esta sala? Que eu tenho aqui os mapas todos e era muito mais...”. E ela disse: “Dão...”.

P12: Então e depois não trocaram?

P8: Não. Para quê? Já era no terceiro período.

P12: Pois, mas podiam ter trocado, não sei. Porque sabes que, às vezes, as salas também é... aquilo é um pouco aleatório, porque é o computador que atribui e, às vezes, eu sei que eles emendam, percebem que: “Calma lá que esta turma não pode ir para esta sala”. Ou não sei quê. Mas, às vezes, não... também não dão muita atenção a isso.

P8: E também é o que eu digo, se nós levantássemos o rabinho, de vez em quando, e viéssemos ver os corredores, as salas, quem é que ‘tá na sala, quem é que não está, tudo bem. Eu, por exemplo, sou defensor que no início do ano, os... o órgão de gestão devia passar em todas as salas a desejar um bom ano e a falar, que é para eles saberem...

P10: Ui.

P8:... quem é que manda na escola.

P10: Eram [impercetível].

P1: E conhecem, eles não sabem.

P8: É o... é o sistema antigo... não sei se é o sistema antigo ou não, eu mando alunos de nono ano ir lá baixo e disse: “Olhe, vais lá em baixo e pedes ao Professor R. [VP2] do órgão de gestão a chave do ginásio para ali irmos...”. O miúdo: “Onde é que isso fica?”. [risos] Eles nem sabem onde é que fica...

P1: Exatamente.

P8: ... não sabem quem é. – “Eh pá, não conheces o pai do J. ... do J. N.? Ou se ‘tiver lá o Professor F. [PCE]”. – “Quem é o Professor F. [PCE]?”. – “É um senhor que aparece...”. Havia uma aluna que dizia: “Eu vou meter um processo...”.

P10: - “Professor G. [PCE]”. ...

P8: “... pelo Professor G. [PCE]”.

[risos]

P10: O Professor G. [PCE]”...

P8: - “Tu nem sabes quem é o Professor G. [PCE]”, como é que vais-lhe meter um processo?”. Mas é... não eu acho que nesse... mas acho que se deve fazer a proposta e depois temos que analisar... eles têm que analisar e se há condições, se não há. Senão, olha, nós reclamamos o ano todo que não temos condições para haver formações aqui, porque não temos salas. Houve duas esta semana, dos sindicatos, portanto...

P12: Ouve lá, e... e... eu acho que, durante o ano, tu não tens mais formação, porque não tens é formadores.

P10: Não é por não termos sala...

P12: É...

P8: Só os...

P12: ... porque salas tens.

P8: ... os sindicatos dizem que é difícil vir ao Porto Santo, porque não há espaço.

P10: Ah.

P12: Não. Os sindicatos dizem que é difícil vir ao Porto Santo, porque vir ao Porto Santo acarreta despesas...

P10: Claro.

P12: ... que eles não 'tão... não lhes apetece suportar e, portanto, fazem cá uma ação de formação uma vez por ano.

P8: Mas eles suportam as nossas despesas a ir à Madeira.

P12: Pagam?

P8: Eles pagam, a mim disseram que pagavam. Há tempos eu liguei para lá.

P12: O quê?

P8: A mim disseram-me. O meu sindicato...

P12: Se tu fores fazer uma formação à Madeira...

P8: ... disse-me que me paga a viagem para eu ir à Madeira fazer.

P12: ... o teu sindicato paga-te a viagem para...

P8: Sim.

P12: Olha, boa. Ainda bem. No meu tempo não era assim.

P10: O meu sindicato também não...

P12: Eu cá fiz formação através do meu...

P8: Mas, atenção, que ainda não... ainda não...

P12: ... sindicato e eles nunca me pagaram nenhuma viagem...

P10: O meu sindicato é mesmo pobre. [risos]

P12: Olha, amiga...

P14: Mas a mim também me... pagavam. Se eu quisesse ir... eu queria fazer uma sobre as máquinas de calcular... e que pagavam-me, também, para ir à Madeira. Só que...

P10: Pagam-vos a formação e vocês não aproveitam?

[risos]

P8: Eu tenho feito muitas [impercetível]. Eu...

P14: Mas eu tenho dois filhos e não vou estar sempre a [impercetível] o meu dinheiro.

P12: Pois é, para quem tem crianças é...

P8: Eu as que tenho feito é na área da Geografia. O sindicato [impercetível].

P10: A mim não me oferecem nada.

P14: Se fizessem aqui, fazia. Agora... vou agora para a Madeira.

P12: Não, no meu tempo, o meu sindicato – que eu era sindicalizada, agora já não sou – eu... mas o meu sindicato não me...

P10: Olha, o meu não paga.

P12: ... eu fui a muitas... fui a muitas formações, não, eu frequentei um curso, que era da [impercetível]...

P8: A mim também não me pagaram nenhuma, até agora, mas que me disseram...

P12: ... que era o meu sindicato que dinamizava...

P8: ... disponibilizaram-se para pagar...

P12: ... e a única que eu tinha era que não pagava propinas, como era sindicalizada, não pagava propinas. Mas as viagens paguei-as todas do meu bolso e não foram tão poucas, mas pronto.

P8: Também... até hoje também paguei-as todas

P12: Olha, mas ainda bem que é assim.

P8: Paguei-as todas...

P12: Não tenho nada contra.

P8:... e meto no IRS.

P12: Mas é assim...

P8: Eles têm descontado.

P12: ... mas eles, eles disserem...

P8: Oh pá, mesmo...

P12: ... que não vêm... aí...

P8: ... viagens de barco, meto tudo. Eles que venham.

P12: Eles disserem...

P8: Se eles disserem: “Olhe, não posso...”. – “Não posso? Então eu vou a nado ou quê?”.

[risos]

P12: Eles dizerem que não vêm cá dar formação, porque não há espaço...

P10: Não.

P12: ... é treta, porque...

P10: Isso é...

P12: ... espaços é o que não falta no Porto Santo.

P10: Sim.

P12: Nós até já tivemos uma formação lá em baixo, naquela cave da Câmara antiga. Já se usou os espaços da Sociedade de Desenvolvimento. Oh pá...

P10: Em último caso, há esta sala...

P12: ... já houve... aqui na escola, temos sempre esta sala.

P8: Antes de... antes da Dr.^a M. .

P10: Ah, sim, antes da senhora.

P12: Já houve uma formação que foi...

P8: Mas agora já tem outra pessoa à frente.

P10: Há o antes e há o depois.

P12: ... no campo de golfe.

P8: Não, mas já tem outra pessoa agora à frente, que assumia as...a...

P12: Já não é a M.?

P8: Não.

P10: Então, agora para pedir uma cadeira, já não é a ela que se tem fazer o ofício?

P8: G. ... D. ou qualquer coisa.

P10: Ah, não sei.

P12: Mas é assim, já houve...

P8: Eu vi hoje o meu mail da T. ...

P12: ... uma no campo de golfe. Portanto é assim...

P8: ... da T., para a Presidente, em que ela dá os parabéns. Portanto, foi nomeada recentemente.

P1: Ah, então, é recente.

P12: Portanto, não é... não é a questão dos espaços que demove...

P10: Ui, ui.

P12:... os sindicatos de virem cá fazer formação.

P1: Deve ter faltado é tempo.

P12: Olha... vamos lá, então, assentar ideias, porque senão daí a bocado passa a hora e a gente não decidiu nada. Propomos que as aulas de substituição funcionem por mol... por tempos de quarenta e cinco minutos, certo?

P8: Sim, sim.

P1: Certo.

P12: Tomas nota disso, P8? Tu é que vais ao pedagógico.

P8: Eu parti a caneta, como é que vou... [risos]

P10: Tens aí essa.

P12: Tu é que vais ao pedagógico...

P8: Não, mas temos que fazer uma proposta simples.

P12: Não, quer dizer, agora 'tamos...

P1: Sim, são os tópicos.

P12: ... a tomar apontamentos. Depois vai ter que se redigir uma proposta como deve ser. Mas a primeira coisa é que a aula seja de quarenta e cinco minutos, independentemente do professor poder ter...

P14: Noventa, não.

P12: ... duas de quarenta e cinco minutos ou três de quarenta e cinco minutos.

P10: O sistema para avançar para a aula é exatamente como está.

P12: Exatamente quarenta e cinco minutos.

P10: É pela ordem de colocação que ele mete lá na... no mapa, pronto.

P12: Pronto.

P10: Roda naquele...

P12: Mas em vez de a pessoa...

P10: Exatamente.

P12: ... porque realmente esta situação que a P14 chama a atenção é muito injusta. Quer dizer...

P1: Claro.

P10: Sim.

P12: ... se eu tenho noventa minutos...

P10: Sim.

P12: ... e falto todas as semanas...

P8: E fala que...

P12: ... e tu tens substituição de quarenta cinco minutos...

P8: ... por uma situação que acontecer, se calhar prever...

P12: ... ela tem de noventa...

P10: Uma. Sim.

P12: ... ela vai todas as semanas e tu nunca vais ou vice-versa...

P1: Eu tenho imensos, também, que o N. também à mesma hora, faltava o mesmo dia, faltava e eu...

P8: O pior... e o pior gajo para apanhar na hora é o F., o F., o teu colega.

P1: Sim.

P8: Aquela situação que contei é com ele e ele é sempre assim, como a P10 disse. – “Olha, jogar uma moeda ao ar para ver quem é que vai a primeira vez”.

P10: Olha, então, esta situação que eu contei foi com ele.

P14: A P1 uma vez...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P8: [impercetível] ele entala-se...

P1: Recusa-se a fazer...

P8: Ele entala-se, ainda há dias vi...

P14: Eu discuti com ele...

P1: Ele recusa-se a falar...

P14: ... por causa disso...

P1: ... a fazer...

P14: Da última vez que tive com ele, não tivemos problemas nenhuns.

P8: Não, mas... não, mas ele também...

P14: Aquilo funcionou bem.

P8: ... ele tenta sempre fazer com todos...

P14: Mas também uma pessoa também não vai passar por parva...

P8: Claro, pronto, mas...

P14: ... então quer-se dizer...

P8: Ok.

P14: Isso é gozar com [impercetível].

P8: Há um mapa na sala dos professores, as aulas funcionam quarenta e cinco minutos...

P10: Porque depois gera-se esta...

P8: ... de preferência...

P14: Conflitos?

P8: ... na sala... numa sala, não é?

P12: Sim, eu... eu, para mim, acho que a...

P14: De preferência.

P12: ... aula de substituição deve funcionar...

P8: Ou sempre que possível...

P12: ... deve funcionar...

P8: ... deve funcionar...

P12: ... na sala onde...

P14: Onde tão.

P12: ... onde... os miúdos estariam a ter aula.

P1: Ou outra.

P12: Não tenho nada contra o exemplo que dei há bocado que é, imagina que é um professor de Educação Física que vai fazer a substituição...

P8: Claro.

P12: ... até 'tá um dia porreiro, porque é que a gente não há de poder ir para ali jogar ao mata ou fazer outra coisa qualquer...

P14: Para aqui não... não dá, só para ali...

P12: ... que seja uma atividade... mais... pronto.

P1: Vão dizer que vais fazer [impercetível].

P8: Até podes levá-los ao... lá em baixo visitar o...

P12: Mas isso para sair...

P14: Não.

P12: ... da escola, já não é assim.

P14: Precisas de autorização.

P1: Autorização.

P12: Ao que tem de ser... precisas de autorização, precisas de ter...

P8: Autorização... se o órgão de gestão...

P12: O órgão de gestão pode autorizar, sim.

P8: Pode autorizar.

P12: Mas, P8, é assim...

P14: Mas, tu não sabes que vais ter...

P12: ... quarenta e cinco minutos, o tempo que...

P8: O quê?

P12: ... tu vais lá baixo ao órgão de gestão...

P14: Substituição.

P12: ... pedir...

P8: ‘Tá bem, mas, por exemplo, eu tenho noventa minutos, imagina que sai-me noventa minutos, há uma situação qualquer... eu, no ano passado, tive, por exemplo, ia dar ao... ao 7 A, o M. chega ao pé de mim e diz: “Professor, vem aí o Primeiro-Ministro, eu faço questão de ir ver o Primeiro-Ministro”.

[risos]

P12: Então, vai, tem falta.

P8: Eu disse: “Fazes muito bem, eu fico muito contente. Reúne a turma...”

P12: Veio cá o Passos Coelho?

P8: Veio. No ano passado, então, quando ficou... Há dois anos...

P12: Ninguém me disse, amigos.

P1: Há dois anos.

P12: Ai não me lembro nada...

P10: Sim.

P12: ... do Passos ter cá vindo.

P8: Não pode...

P10: Então, foi quando a F. ...

P8: ... não foi há dois anos...

P10: ... e o P8...

P14: Foi com...

P8: Não foi há dois anos, há ano e meio...

P10: Foi o ano passado.

P8: Foi há...

P10: Foi o ano passado.

P8: Foi o ano passado, foi, que ele ‘tava no 7 A.

P10: Foi quando o F. e a F. tiveram aquele processo de abuso...

P8: Sim.

P1: E a J1..

P10: E a J1..

P8: E eu disse: “Olha, fazes muito bem...”.

P10: Por ‘tarem a fazer uma manifestação.

P8: “Fazes muito bem, como delegado...”

[impercetível]

P8: “... reúne a turma, pergunta a opinião dos colegas e eu quero saber daqui a cinco minutos”. Ele fala com toda a gente, vem: “Professor, toda a gente quer conhecer o Primeiro-Ministro”. – “Muito bem, três e vinte”. E fomos ver o Senhor Primeiro-Ministro.

P12: ‘Tá bem, P8, mas o que eu te estou a dizer é, por exemplo...

P8: Como é que eu pedia autorização? Pedia...

P12: Mas devias ter pedido, porque se tivessem...

P8: Não, pedi oralmente.

P12: Ah!

P8: Agora, é assim...

P12: ‘Tá bem!

P8: ... não vou fazer...

P12: Mas é...

P8: ... nem mandar para casa para os pais.

P12: ‘Tá bem. Mas nem tens que pedir autorização aos pais para sair...

P8: Exato.

P12: ... com os meninos da escola, desde que a escola autorize, os pais não têm aí a meter nada. Mas o que eu te digo é assim, com tempos de quarenta e cinco minutos...

P8: Ah, sim, sim. Não vais sair... não, não...

P12: ... tu não vais logo quando toca, porque tu ficas à espera...

P8: Não, nem há possibilidade...

P12: ... de saber se há ou não há substituição...

P8: Nem há possibilidade de sair...

P12: Vou para substituição, vou lá baixo ao Conselho Executivo pedir se posso ir com os meninos à Casa Colombo ou ao Museu do...

P8: Ah, posso ir ali à porta ver a Santinha do...

P12: ... do Jorge Brum do Canto ou não sei o quê ou ta-ta-ta. Pá, quando eu tiver as coisas em ordem, já 'tá na hora...

P1: Já 'tá quase... claro...

P12: ... de voltar para cima e ainda não fui... ainda não saí da escola, portanto, não há...

P8: Mas o plano 'tá feito, para a próxima semana.

[risos]

P12: 'Tá bem. Mas... pronto, eu acho que isso não é muito... mas não vou dizer... oh pá, se a pessoa quiser... é assim, se a pessoa disser assim: "Olha, eu em vez de ficar só quarenta e cinco minutos, fico os noventa, que eu gostava de ir com eles lá baixo ver não sei o quê". Vou ali ao órgão de gestão, eles autorizam-me, eu vou. Não tenho nada contra isso. Agora, o que eu acho é que é assim, as aulas de substituição... não é para pegar nos meninos e vir para a cantina jogar à bisca, basicamente. Agora, eu até pensava que elas eram feitas dentro da sala de aula, a maior parte das vezes.

P1: Eu vim para a cantina muitas vezes...

P8: Outra que tem que começar [impercetível] a portar mal...

P1: ... com as fichas, quando tinha... a D. deixava sempre fichas de Português.

P10: Eu, quando me deixavam trabalho, ficava na sala.

P1: E eles... e eles faziam, faziam ali sem... ouve, não... não causava confusão, desde que eles estejam ocupados, eles não causam confusão. Tinha era outras turmas que a professora 'tava agarrada ao telemóvel...

P10: Pois, muita gente não dá.

P12: Então, exatamente.

P10: Muita gente...

P12: Não, mas eu acho que sim, que devem ser...

P8: Não dá...

P12: ... preferencialmente...

P8: ... e... aquele teste que eu deixei, em todas as turmas que foi aplicado o teste, foi dado uma ficha para eles fazerem, aquele teste foi dado e ficha, ninguém tocou. E eu fui perguntar à melhor aluna da turma o que é que se passou, se foi distribuída uma ficha depois do teste e a ficha foi não... não foi distribuída. Havia coisas no teste, nos testes, que eu disse: “Oh pá, esta professora devia ‘tar a tricotar”.

P12: Mas a pessoa pode ‘tar a tricotar e ‘tar com atenção aos pequenos.

P8: Pois.

P12: Por acaso tricotar nas aulas, nunca tricotei.

P8: Quando até se deixa usar corretor...

P12: Ainda nunca... ainda nunca me lembrei disso. Mas às vezes...

P8: Mas, pronto... aulas de quarenta e cinco minutos, mapa, portanto, na sala dos professores, como é normal...

P10: Isso é que era...

P8: ... de preferência, sempre que possível...

P10: ... olha dar tricot nas aulas de substituição aos miúdos, a ver se não...

P12: Crochet. Bem engraçado. Diz, desculpa, desculpa.

P10: Macramé.

P12: Aulas de...

P8: Os... os tapetes de arraiolos...

P12: Aula... Não sei fazer. Arraiolos, não sei.

P10: ‘Tás a brincar?

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Mas isso é que era útil.

P8: Eles iam gostar.

P12: Olha, vou-te dizer, era muito mais engraçado como era no meu tempo...

P8: Mas sabes fazer?

P12: ... os trabalhos manuais... Arraiolos não sei fazer. Crochet e tricot, sei.

P1: Arraiolos, para quê?

P10: Eu sei.

P8: Sabes fazer arraiolos?

P12: Mas é assim...

P14: Já soube, agora já não sei.

P12: ... era muito mais engraçado e útil...

P14: Olha... aprender...

P12: ... as aulas que eu tive de trabalhos manuais e até mesmo de trabalhos oficinais que tive...

P10: Então, não era? Pfff.

P12: ... do que estas... téc... desta Educação Tecnológica...

P1: ETs e EVTs... [impercetível]

P12: ... que eles têm, que aquilo nem é Educação Visual, nem é... nem é... Física, nem é coisa... aquilo é uma palhaçada sem jeito nenhum – se os colegas me ouvem, mandam-me crucificar, mas eu não me importo – e os miúdos saem dali... Olha, ao menos, eu cá aprendi coisas que ainda hoje me são úteis.

P1: Ainda hoje uso.

P12: Sei fazer uma bainha de uma... de uma...

P10: Aquela história do... do tapete que eu ‘tava a dizer...

P12: ... peça de roupa, sei...

P10: ... eu tinha era avançado com aquilo e eles praticamente iam acabar por gostar...

P14: [impercetível] o meu sobrinho...

P12: Sei coser!

P10: Também eu.

P8: Aquela história do arraial lá fora...

P12: Sei coser...

P14: Mas coser à máquina.

P8: ... [impercetível] o ano passado...

P14: Eles têm máquinas, eles têm...

P8: Portanto, foi...

P12: À máquina não sei coser.

P8: Dá mais trabalho, mas é muito melhor 'tar aqui...

P14: Mas eles na Suíça fazem isso.

P8: ... do que 'tar numa sala de aula.

P12: O quê?

P8: Aquele arraial lá fora.

P12: Sim.

P8: Os nonos anos passaram-se a fazer aquilo. Até tive ali pais a dizer: “Eh pá, você é... anda a abusar do trabalho infantil”. E não sei quantos. Mas um gajo ali até que fizeram as... as ligações elétricas e isso. E o C. que é um baldas, o gajo ficou até às sete e tal connosco a trabalhar.

P12: Olha, diz-me uma coisa, o que é que já tens aí? Por tempos de quarenta e cinco minutos...

P8: Portanto, há um mapa na sala dos professores, as aulas são de quarenta e cinco minutos...

P12: ... quarenta e cinco minutos.

P8: ... e sempre que possível...

P1: Na sala.

P12: Dentro da sala de aula.

P8: ... de preferência na sala de... na sala da turma.

P12: Pronto, mais? O que é que querem deixar mais? Num...

P8: Isto para as aulas de substituição. Aqui é... não era... não havia uma equipa de trabalho para elaborar um conjunto de materiais?

P12: Pois, não sei...

P14: Isso é que era o ideal...

P12: ... mas é assim, eu não sei se isso é o que as pessoas acham que se deve fazer nas aulas de substituição, porque é assim...

P8: Mas não tens que pensar... não tens que ler a mente dos outros. É a proposta que o grupo está a apresentar.

P12: Então, mas aquilo que a gente aqui apresentou foi mais o que se... não era propriamente que os miúdos estivessem a fazer fichas de trabalho, era...

P8: Então...

P12: ... que os miúdos...

P8: Não, mas podem ser, por exemplo...

P10: Temas.

P8: Debates.

P1: Podem é ser outras atividades.

P10: Temas...

P12: Pois...

P8: Debates...

P10: ... pertinentes.

P12: Pois.

P10: ... a abordar.

P1: Role-palying.

P10: Pronto.

P1: Ouve, podem fazer tantas atividades...

P10: Dentro daqueles temas...

P1: ... mas que sejam [impercetível] que eles possam...

P10: Exatamente.

P1: Não é levar os... não é entreter os meninos com o telemóvel, que eles ficavam piurros comigo, quando eu dizia, que ‘tava: “Isto é uma aula, é uma aula de substituição, mas é uma aula. Vocês não podem usar o telemóvel”. Passavam-se os...

P12: Eu acho que, se calhar, em vez de pormos: “Nas aulas de substituição deve ser desenvolvida uma atividade para todos os alunos”. E não...

P8: Isso é a introdução.

P12: Sim.

P8: As aulas de substituição, segundo esta presidente da junta de freguesia...

[risos]

P8: É...

P1: Deverão ser...

P12: Não!

P8: As...

P1: ... desenvolver...

P8: ... atividades desenvolvidas...

P12: Não, porque o que eu acho é que é assim...

P1: Não, deverão ser...

P14: Eu acho que nós é que deveríamos elaborar algumas dessas atividades.

P8: Não, mas é isso, nós vamos...

P10: Oh pá, também só falta dizer assim: “Olha, hoje, olha lá...”

P14: Olha P10, mas se não...

P10: “... vai falar sobre isto. Não te esqueças que tens que tens que falar...”

P1: Não, é dar ideias...

P10: “... disto e isto”.

P1: Dar ideias. Eu acho que dar ideias...

P14: Mas oh P10, se nós não elaborarmos, esquece...

P12: Não, mas, por exemplo...

P14: ... que não vai funcionar.

P12: ... nós dizermos que aquilo que propomos é que sejam realizadas atividades...

P10: “Olha, vamos trabalhar a violência. Jornais...”

P12: Que sejam...

P10: “... procurem... entrevistas onde fale aí sobre... artigos sobre violência...”

P12: ... que sejam realizadas atividades que envolvam os alunos todos...

P10: Sim.

P12: ... e...

P10: Não havia aquela formação cívica...

P12: ... atividades formativas. Pronto, atividades formativas, coisas...

P10: Meio ambiente... saúde...

P12: Pronto.

P8: Exatamente. Exatamente.

P10: ... ética...

P14: Mas eu estou a imaginar isso...

P10: ... cultura...

P14: ... por exemplo, tipo uma ação de formação que a... que a R.1 deu, onde uma das nossas avaliações foi elaborar a ficha – eu elaborei uma ficha – para um aluno, para uma aula do nono ano, sobre ESA [?].

P10: Mas não tem que ser uma ficha. Não tens que lhe dar uma ficha.

P14: Mas não era ficha nenhuma!

P10: Sim.

P14: Na verdade, era um texto...

P10: Sim.

P14: ... baseado num facto real que eu conhecia, era sobre a sexualidade e depois eu colocava... fazia várias perguntas, que era as perguntas que o professor deveria fazer

aos alunos, onde daria três cartões a cada aluno, um vermelho, um verde e... um amarelo, onde ele... eles diziam: concordavam ou não concordavam. Concordavam, punham... levantavam o vermelho. Não concordavam...

P1: Não, não concordavam...

P14: Concordavam, era o verde; não concordavam, era o vermelho. E, depois, discutiam entre eles. Mas se isto não ‘tiver elaborado, eu acho que não vai funcionar nada. Eu acho que nós deveríamos elaborar alguns desses trabalhos. Por exemplo...

P10: Mas é assim...

P14: ... vamos...

P10: ... se tu falas num debate e tu chegas ali a um conjunto de alunos e lanças uma proposta e pões os alunos a falarem de si e tens que ir moderando, para eles... quando eles...

P14: Exatamente.

P10: ... como é que tu vais preparar o quê? Ou tens...

P1: Não, mas podes pôr...

P10: Para o colega ir fazer...

P14: Mas já tinhas a ficha...

P14: ... já tinhas a ficha...

P1: Mas podes... Não, não é isso

P14: ... o colega chegava lá, levava a ficha.

P1: Não, tu tinhas...

P14: Levava os cartõezinhos...

P1:... o que tu...

P14: ... depois era só usar... Por exemplo...

P1: Os cartões, acho... acho uma ideia que se pode ter, por exemplo, para não... não... para eles intervirem, por exemplo. Podes ter, tipo, um tópico ou vários temas. Lanças este tema e tens estes cartões, um vermelho ou verde ou ba-ba-ba, para eles intervirem. Isso pode ‘tar. Mas tens que deixar liberdade, porque os miúdos não são todos iguais...

P10: Claro,

P1: ... não vão intervir todos da mesma maneira.

P10: Sim...

P1: E os colegas também não têm da mesma maneira...

P10: Se houver jogos ou se houver alguns trabalhos, podem ficar ali – desculpa – para o professor que vai. A ideia é fazer um controle para ver se aquela turma já foi falado alguns daqueles temas que foram propostos, por exemplo. Ou como é que foram...

P14: Sim, mas isso nós poderíamos pôr lá...

P12: Eu... até pode ser...

P14: ... 7º A... marcávamos a lápis, para dizer que aquela ficha já foi dada ao 7º A. Eles passavam para outra ficha do sétimo, que houvesse.

P10: Pois, mas tem que ser só fichas? Não pode ser... não tem que ser só fichas.

P14: Mas essas fichas...

P10: ‘Tás a perceber?

P14: ... não vão trabalhar... não é a dar trabalho aos alunos. Eu acho que até é movimentado.

P1: Não, eu...

P12: É assim...

P1: ... eu... eu ‘tou a perceber o que ela ‘tá a querer dizer...

P14: Eles não têm que escrever nada...

P12: A ficha não é para o aluno. O que tu ‘tás a querer dizer é: “Eu tenho uma ficha...”

P1: É para os professores.

P12: “... que é um guião”.

P14: Exatamente! Onde leio... faço a pergunta...

P12: Tipo, eu tenho um guião de atividade, vou abordar o tema da amizade. Tenho aqui um... vamos ler um texto tal...

P1: Ler o texto...

P14: Ter alguém que lê...

P12:... e a partir do texto tal, vamos discutir o texto, não sei quê...

P14: E tenho lá o...

P12: ... ta-ta-ta, za-ta-ta-ta. Pronto. Eu aí ‘tou um bocadinho de acordo com a P14. Se calhar, era bom que houvesse um dossier com materiais na sala de professores.

P1: Sim, desse género.

P12: ... para dinamizar as aulas de substituição. E até há coisas – algumas são muito más, mas há outras que não são tão más assim – que as próprias editoras produzem para as aulas de substituição, com... alguma com jogos didáticos... Olha, por exemplo, há um... um jogo que eu... eu aulas de substituição nunca dei. Mas este ano, por exemplo, houve uma vez que eu já tinha dado o que tinha para dar...

P8: Privilegiada, tu...

P12: O quê?

P8: Como é que nunca deste substituição?

P12: Não, nunca dei.

P8: Ah!

[risos]

P12: Mas não me importava de dar. Não penses...

P8: Ser amiga...

P12: Olha, não penses que me importava de dar, eu...

P8: Isto de ser amiga... [impercetível]

P12: Olha, até te digo mais, tenho dito muitas vezes ao F. [PCE], preferia mil vezes ter horas de substituição do que ter as... aquelas horas tontas de biblioteca, que ‘tou ali à espera que venha algum que foi posto na rua e eu ‘tou ali...

P10: Pois, isso é outra, a biblioteca...

P12: Pronto.

P8: Vou pedir insuficientes.

P14: Mas eu disse esta ficha, mas, por exemplo, há uns... há filmes muito bonitos para crianças, por exemplo, eu nos CEFs, este ano, passei um filme que era sobre o *bullying*, mas até eu já estava quase a chorar no final do filme...

P8: Ah, mas tu também choras por tudo...

P14: Porque é que não vemos um filme daqueles?

P12: Mas, pronto, mas é isso, mas o que eu acho...

P14: Mas para isso, tínhamos que ter...

P12: ... é que tem que... as coisas têm que estar organizadas...

P8: Não, nós temos os materiais.

P14: Porque senão não funciona.

P8: ... e temos um coordenador...

P12: Eu ia-te dar o exemplo...

P8: ... que manda-nos...

P12: ... por...

P8: ... a dizer que há X vídeo, X vídeo e ninguém requisita. Há uma coisa que se chama Educamedia, que disponibiliza vídeos. O coordenador de TIC 'tá constantemente...

P14: Então, mas esse vídeo é...

P8: ... a mandar...

P14: ... foram buscar à internet.

P8: Não! Mas o coordenador...

P12: Eu sei! Ele 'tá sempre a mandar.

P8: ... 'tá constantemente e faz um resumo lá a dizer o que é que... qual é o tema, o que é que trata e que não sei quantos. Sabes quantos foram requisitados ao longo do ano?

P12: Mas, olha, por exemplo, também há outra coisa e eu... porque eu acho que... por exemplo, o... o... o Super-T é um jogo que os miúdos aderem muito bem...

P8: Sim senhores.

P12: ... e que é um jogo que preenche muito bem uma aula...

P14: Exatamente.

P12: ... de substituição...

P14: Também.

P12: ... por exemplo.

P1: O quê?

P8: Passas nos Correios...

P12: O Super-T.

P14: E há Português, há Inglês, há da História...

P12: Que é um jogo de perguntas...

P8: É.

P12: ... e respostas, tipo Trivial Pursuit, mas é com cartões.

P8: Passas nos Correios e compras.

P14: Eles aprendem muito com isso

P1: Eu tenho, eu comprei na... no, no, nos Correios...

P8: Os Correios têm.

P1: ... aqueles maços de cartas. É isso?

P12: Pronto, é.

P8: É esse.

P10: É

P1: De animais, de Português...

P12: Sim.

P1: ... de sinónimos, de... tenho... eu comprei para as aulas de substituição!

P12: Por exemplo, olha, a escola... por exemplo, a escola...

P1: Tu viste os putos a usarem? Ouve...

P12: 'Tá bem, mas é assim, mas porque é que é tu não...

P8: Não, mas podes ser tu, por exemplo, dividir em...

P1: Eu fiz!

P14: Mas a... porquê?

P12: Eu...

P14: Porque eles não *tão* habituados.

P1: É verdade.

P14: Mas se eles se habituassem...

P12: Mas só... é isso que eu acho...

P14: ... passava a funcionar.

P12: ... por exemplo, olha, uma das coisas que a escola podia fazer: investir nesses jogos educativos. Olha, isso eu acho que podíamos propor, mesmo, agora fora de brincadeira, que era a escola fazer um investimento...

P8: Mas tu ainda 'tás a brincar?

P12: ... nesse tipo de... Não, porque não me tinha ocorrido essa ideia.

P1: Materiais...

P12: A escola investir nesse tipo de jogos, no Super-T, ter meia dúzia disso e o professor que vai dar aula de substituição leva um jogo desses, porque mesmo que eu não perceba nada de Matemática...

P1: 'Tá lá a resposta.

P12: ... eu por aqui... aquilo 'tá lá a resposta. Eu posso dinamizar uma aula com aquilo. E acho que mal por mal, é melhor os miúdos estarem quarenta e cinco minutos a jogar ao Super-T do que 'tarem quarenta e cinco minutos agarrados aos telemóveis e cada um a fazer o que quer e lhe apetece.

P8: E, por exemplo, nós na...

P10: Mas havia...

P14: E mais uma vantagem...

P10: ... uma série de joguinhos, só que entretanto esses jogos já 'tá tudo rebentado e tudo estragado.

P12: Pronto, mas é assim...

P10: Agora já nem sei onde é que se podem requisitar. Dantes...

P12: ... havia...

P10: ... era aqui, agora acho que já é no economato.

P12: ... havia uns, mas eram jogos para... para pares. Por exemplo, eu lembro-me de uns que havia que era tipo gamão, mas são jogos de pares. E, e eu acho...

P1: Tem que ser...

P12: ... posso 'tar errada, mas é assim, eu acho que se deve tentar dinamizar coisas com a turma, não é?

P1: Fazer tipo equipas...

P12: E por exemplo, o Super... o Super-T dá, porque o Super-T tu podes fazer equipas, podes fazer individual...

P1: Sim, sim.

P12: Eles põem o braço no ar e respondem ou crias uma estratégia qualquer: “Vamos responder por ordem de números”. Ou: “Vamos responder...”. Pronto, há muitas maneiras.

P14: E há outro que eu tenho em casa, que também é muito interessante, mas eu não me lembra do título. Que é... é Educa, mas tem um... tem uma parte de... uma folha magnética por, por trás, depois tem pilha e depois tu carregas na figura e na resposta correta.

P10: Ah, já sei.

P1: Sim.

P14: E se acender, 'tá correto. Se não acender, está errado.

P8: Fica a resposta logo por fazer.

P12: Por exemplo, o Super-T...

P14: Que tem...

P12: ... é um jogo barato. Aquela porcaria, um baralho daqueles...

P8: Para os NEEs não...

P14: Não, mas aquilo...

P1: É, sete euros e qualquer... oito euros. Sete euros e qualquer coisa.

P8: Olha, para os NEEs um globo com uma luz dentro: “Ah!”.

P10: Olha, sabes como é que eu cheguei a entreter [impercetível]...

P14: Mas aquilo é engraçado, porque tem o esqueleto humano...

P10: Sabes aquele jogo da torre?

P14: ... têm que saber... têm que saber um ponto de...

P10: O garoto viu aquilo até disse: “Isso é um mikado...”

P14: ... de pessoas que foram importantes...

P10: “... em versão... uma forma diferente, mais...”.

P8: Olha [impercetível]

P10: A torre são pecinhas de madeira...

P14: ... tem monumentos, todos os monumentos, de França, Portugal, os principais...

P12: Sei! Que vais... então, mas...

P10: ... e depois tens que ir tirando, não é?

P1: De maneira a que ela...

P10: A ver quem é que...

P1: ... não se desmaie... não se desmanche.

P10: Pá, dá para ali para uns sete ou oito, eles vão [impercetível].

P12: Oh P10, mas que eu acho...

P10: Cheguei a trazer isso. Houve um dia que pensei assim: “Vou levar o loto, o bingo”. [risos] Que é assim, números e eles estão entretidos. Dá para uns quantos, também. Pá, mas todos dias, não, nem sempre trazia. Quando chovia é que trazia aqueles joguinhos...

P1: Ah pois.

P12: Mas é assim, mas o que eu acho é que há imensos jogos educativos, que se podem usar...

P10: Sim.

P12: ... e que, para mim, acho que é muito melhor para os miúdos...

P8: Mas tu tinhas que ter uma equipa, que toda a gente ‘tivesse a trabalhar tudo para o mesmo.

P12: Oh P8, mas é assim, mas isso...

P8: O problema é que tu vais...

P12: ... também não acho... não é difícil.

P14: Mas se nós tivermos os jogos, também é mais fácil, por exemplo...

P12: Porque é assim...

P8: Não, mas não é essa questão, não *tão* a perceber...

P1: É, é... aqui dentro.

P8: Se todos os professores tivessem substituição, tivessem virados todos para o mesmo... Tu tens pessoas que reclamam de uma maneira que eu se fosse do órgão de gestão, eu resolvia logo o assunto: “Oh meu amigo...”. Daí a meia hora tu recebias o teu horário incompleto, sem substituições. Tão simples quanto isto, que para ir depois: “Ai e agora como é que vai ser?”. – “Oh pá, desemerda-te”.

P12: Pois, então...

P8: - “Tavas a reclamar. Eu fiz... fiz-te o... fiz-te o serviço. Ouve, eu tirei-te as substituições”.

P12: Então, mas é...

P8: Eu, na primeira reunião, dizia: “Oh amigo, quem não quiser substituições, é favor, órgão de gestão, nós tiramos. E ficam com as vossas horas normais”. Agora: “Ai, eu ‘tou aqui... vou... vou lá vender uma aula”. Oh pá, se é para isto, então. Agora é assim, o problema disto é que tu vais ter, por exemplo, é tudo muito porreiro e vai funcionar, a P10 foi lá deu uma aula, os putos ‘tiveram porreiros. Daí a pouco vou eu, que sou um ranhoso, eu chego lá e entendo que não tenho...

P12: Oh P8, mas é assim...

P8: ...não tenho que entreter putos, que não tirei curso para isso e fico lá assim e ‘tão os gajos todos a... a fazer exatamente aquilo que nós não queríamos que eles fizessem, que era uns no telemóvel, outros a fazer não sei quantos...

P12: Mas, pronto, mas é assim, mas eu também acho que, porque é que não se... faz um levantamento e diz-se assim: “Eh pá, este ano vamos atribuir substituições...”.

P8: Não é possível.

P12: Porquê?

P1: Pois... eles usam...

P8: Porque eles fazem os horários da distribuição, por exemplo...

P1: É para preencher...

P8: Nós hoje é que nos apercebemos...

P12: Mas olha lá uma coisa... Sim...

P8: Nós hoje é que nos apercebemos...

P12: Sim.

P8: O grupo de Economia como é que vai ter horários?

P12: Não sei.

P8: ‘Tás a perceber? Não, mas nas matrículas é que tu apercebes-te disso...

P1: Pois.

P8: Quando nós estamos a fazer. O A. ontem... ontem, não, hoje de manhã ‘tava com ele...

P12: Então mas... mas... mas olha, mas, então vens dar força àquilo que eu digo.

P10: Deem substituição a ele...

P12:... que é assim...

P8: Não, mas vão ter que ver...

P12: ‘Tá bem. Mas é assim...

P8: Não, mas... o A. ... É para tu a veres a realidade como muda. O A., de manhã, ‘tava preocupado se iria haver horário ou não para o V., para um colega... Ele, no final da tarde, já tinha... já nem sabia se havia horário era para ele. ‘Tás a perceber? E... e estamos a falar de pessoas até de quadros. E portanto, porque isto ‘tá... ‘tá a levar a mudança tão grande...

P12: Oh P8, eu sei.

P8:... em termos de recursos...

P12: Sim.

P8: E, portanto, é assim, porque é que de todos do terceiro ciclo, só os professores de Português é que são diretores de turma? Porque há imensos horários para...

P1: E é... e são muitos...

P14: E para o ano pode haver mudanças nos professores aqui, porque, pelos vistos, quem...

P8: Não pode haver...

P14: Houve...

P8: Vai haver pessoas que não têm colocação.

P14: Porque... Mas acho que agora... quem vier para Porto Santo tem direito, depois, a fazer...

P8: Sim, mas quem... quem está, em princípio, tem prioridade, segundo aquilo que eu... tenho informação.

P14: Pronto, se for assim 'tamos salvaguardados...

P8: Em princípio, sim.

P14: ... caso contrário...

P12: Mas o quê? Desculpa, quem vier para Porto Santo...

P8: Criar-se espécie de... de uma...

P14: Quem vier para Porto Santo, depois, pode fazer mobilidade...

P10: Mas isso ainda não foi... isso ainda não foi...

P8: Na, na...

P14: ... quem entrar numa das escolas da Madeira...

P8: Sim, mas isso é uma proposta...

P14: ... só pode fazer mobilidade se...

P10: Quadro. Isso ficou em proposta.

P8: Isso é uma proposta...

P10: Isso ainda não foi aceite.

P8: Não foi aprovado.

P10: Não foi...

P12: Se quê?

P14: Se... se for...

P10: Tipo quadro único.

P14: Se for para uma escola a mais de 30 km ou não sei quê.

P8: Uma espécie de uma quadro de uma zona pedagógica...

P10: Tu és de um...

P8: ... que é a zona do Porto Santo.

P10: Exatamente.

P8: Em que tu tens prioridade se tiveres cá, por exemplo. Porquê? Porque e depois há n pessoas a concorrer para a zona... nesse caso, a nossa é de Porto Santo.

P12: Sim, a nossa era.

P8: E ficam no Porto Santo, mas, entretanto, não vêm para o Porto Santos e depois demoramos um mês a substituir. Se tu já estás no Porto Santo e... e é normal que se dê prioridade a essas pessoas. Porquê?

P12: Mas criaram uma zona só para o Porto Santo?

P8: Espécie disso, espécie disso. Em vez de estares a concorrer e calhares no Porto Santo...

P10: Então, mas eu tinha ouvido uma proposta era criar...

P8: Havia duas diferentes.

P10: ... o quadro de zona, era uma zona única.

P8: Uma zona única.

P10: Uma zona única.

P8: Sim. Não, mas essa da zona única acho que foi ao ar. Isso foi o...

P10: Como o Algarve, por exemplo, que é uma zona única.

P8: Sim. Mas essa da zona única, acho que foi ao ar e o secretário acho que também ‘tá a tomar umas decisões sem ouvir os... os sindicatos, em relação a essa questão.

P12: Sim, sim.

P8: Mas fala-se em duas propostas...

P14: Mas o que eu estou a dizer foi o formador que falou...

P8: Sim, mas o...

P14: Portanto, acho que já saiu.

P10: Formador do sindicato.

P14: Não tenho ouvido...

P12: Mas é assim...

P10: Ainda...

P12: P8...

P10: Do que ele diz, à proposta que foi, ao que ‘tá realmente a ser... a...

P8: Mas aquilo que se falava...

P14: Ele não é do sindicato, ele é professor da Universidade da Madeira.

P8: Aquilo que se falava em relação a essa proposta é que quem já está no Porto Santo teria prioridade. Se é verdade ou não, não sei.

P12: Mas teria prioridade como?

P14: Mas que depois podiam...

P10: Mas espera, diz-me o que é que tu...

P8: No sentido... em termos de colocação...

P10: Qual é a tua ideia...

P8: Por exemplo, imagina...

P10:... dessa proposta? Que eu ainda não percebi.

P8: Tu já estás no Porto Santo...

P14: Qual proposta?

P10: Essa que tu ‘tás a falar do...

P14: O que eu estou a dizer é que...

P8: Eles falavam na hipótese de criar quase que...

P14: Eles, por exemplo, nós estamos na zona C...

P8: ... uma... em vez de teres três zonas, A, B, C, terias uma zona só Porto Santo.

P14: ... se... um do Funchal quer ficar no Funchal, mas ele é da zona B, então ele...

P8: Agora, não [impercetível] como se tivesse entrado alguém de fora...

P14: ... pode concorrer para qualquer escola da zona dele, certo?

P8: Se houvesse necessidades, entrava.

P14: Mas ele prefere concorrer...

P8: Mas... era dada prioridade aos que 'tão lá.

P14: ... para a escola de Porto Santo...

P1: A quem já cá está...

P14: ... fica em Porto Santo e depois pode fazer mobilidade.

P8: Mas isso é que é para acabar.

P14: Se... e se ficar...

P8: Mas isso para...

P14: ... numa das escolas da zona dele...

P12: Da zona B, já não pode pedir para ir para o Funchal.

P14: ... não pode fazer mobilidade para a zona A.

P1: Para outra zona.

P12: Já 'tou a perceber.

P14: E se vier para Porto Santo, podem fazer.

P12: Mas oh P8, por exemplo...

P8: Mas o que eles querem acabar é exatamente com isso. Não, não...

P14: E o meu medo é, eles vêm para aqui e depois não...

P8: Eu acho que não, acho que o que eles querem acabar...

P14: ... não façam a mobilidade.

P8: ... é exatamente isso. É que o problema...

P10: Mas e porque é que eles querem vir para aqui?

P8: ... que nós tivemos com o Inglês...

P10: Se depois querem fazer... se é para... não sei quê...

P8: Não, eu acho que...

P12: Mas é que é assim, se eles... eles não conseguem lugar no Funchal...

P1: Se vierem para cá agora...

P14: [impercetível] e depois desistirem...

P12: Já percebi a lógica. Eles não conseguem lugar no Funchal, ficam na Ribeira Brava.

Não, Ribeira Brava não, que a Ribeira Brava pertence à zona do Funchal

P1: Porto Moniz.

P12: Ficam em... pronto...

[impercetível]

P12: ... ficam no Caniço. E o Caniço pertence à zona B. Se eles quiserem ir para o Funchal, não podem, porque os quilómetros a que eles estão do Funchal...

P1: Os 30 km.

P12: ... não lhes dá direito...

P10: Ah!

P12: ... à mobilidade. Se em vez disso, eles concorrerem para o Porto Santo...

P1: Para Porto Santo, podem fazer isso...

P10: Os quilómetros...

P12: ... pedem a mobilidade para o Funchal e têm lugar na Jaime Moniz, pronto!

P8: Mas não era isso que se tinha previsto, até para evitar uma situação... o que nós tivemos aqui com o Inglês...

P14: Eu, eu não percebi assim...

P12: Olha, não querem fazer um intervalinho?

P14: Não tenho a certeza se...

P12: Para a gente tomar um café e...

P8: Pode ser. O que nós tivemos aqui com o Inglês...

P12: E...

P8: ... tiveram o primeiro ciclo com outros professores.

P10: Olha, nós sempre vamos jantar?

P8: E o que se queria...

P12: Eu acho que sim, não vamos?

P10: Claro que sim!

P8: E o que se queria acabar...

[impercetível]

P12: Bem, vamos recomeçar. Vamos lá rever a proposta, que é para ver se sai daqui alguma coisa com jeito. Portanto...

P8: Aulas de substituição, portanto, as aulas de quarenta e cinco minutos, há um mapa normal na sala dos professores, de preferência – ou sempre que possível – a aula deve decorrer na sala da turma. Deve criada uma equipa de trabalho responsável por organizar um conjunto de materiais de forma a permitir diversas atividades, nomeadamente debates, análise de documentos, troca de ideias/ experiências, jogos pedagógicos, vídeos, pesquisar, etc.. Os docentes com hora de substituição reúnem uma vez por período para fazer um balanço do trabalho desenvolvido, isto é, aquela reunião que falávamos no sentido de...

P12: Sim, mas olha, não queres depois...

P10: Isso [impercetível] vai a pedagógico.

P8: Deve ser nomeado um responsável/coordenador destas horas – para coordenar isto. A escola deve investir em materiais pedagógicos.

P12: Pronto, que acho que esse ponto devia aqui a seguir logo...

P8: Ah, sim, não ‘tá por ordem.

P12: Pronto.

P8: Não está por ordem, não...

P12: Pronto, não sei, acho que... O que é que acham da proposta?

P10: Uma comissão do pedagógico. [risos]

P12: O que é que acham da proposta?

P10: Acho que sim.

P12: Então, pronto. Depois rediges isso...

P10: Por mim...

P12: ... como deve ser.

P8: Ah e a introdução: “Nas aulas de substituição...”.

P10: Sim.

P8: “...as atividades desenvolvidas devem abranger todos os alunos”.

P12: Não, a gente até pode pôr preto no branco e dizer: “Consideramos que nas aulas de substituição não se deve deixar que os alunos fiquem entregues a si próprios”. Ponto. Que é, para mim, a grande questão é essa que é assim, porque eu acho que isso cria...

P10: É isso ou devolver o feriado... aos alunos. [risos]

P12: ... isso cria, isso cria, na cabeça dos miúdos, uma conceção de aquilo não é para trabalhar, que aquilo não é para fazer nada...

P1: Que não é uma aula, ponto final. É um feriado.

P12: Entra lá um professor, o professor vê-se grego para dinamizar o que quer que seja...

P10: Eu também isso acho um bocadinho...

P12: O quê?

P14: Eu era a favor do feriado.

P10: Eu nunca vi...

P14: Mas como não pode...

P10: ... apesar de eles, às vezes, se mostrarem...

P8: Mas foram os professores é que... foram contra.

P10: Mas... digo assim: “Não, meninos...”.

P12: Oh pá, P10...

P10: “... isto aqui é...”.

P12: ... sabes que eu acho que isto, depois também depende muito de cada um...

P8: Os professores é que deram cabo do... do feriado...

P10: Pois.

P12: Eu também tenho alunos que, às vezes, dizem...

P8: Sabes o que é que se passava?

P12: Eu tenho alunos que dizem assim: “Ai eu não quero”. E eu digo: “Oh amigo...”

P8: Tu tinhas... tu davas feriado, os pequenos iam jogar à bola...

P12: “... eu não lhe perguntei se você quer, eu dei-lhe uma ordem. Você ou faz o que eu mando...”

P8: Eu tinha aula a seguir...

P12: “... ou, se não quer, vai para a sala 3”.

P8: ... e [impercetível].

P12: Uma alegria!

P10: Eu também não quero muita coisa e eu ando aqui, olhe, lá.

P8: E que vinham... como tiveram noventa minutos a correr [impercetível]...

P10: É tipo de manhã, às oito e vinte, quando é o aquecimento: “Ah, professora, não tenho pachorra para correr”.

P8: Como tiveram noventa minutos, depois vinham... quando começa...

P10: “Olhe, eu também não tenho pachorra para muita coisa e eu...”

P8: ... a aula... eu perdia dez minutos da aula, porque cheiravam mal e... e não paravam quietos.

P12: Pronto, mas P10, mas é isso que eu digo... mas a gente também sabe que nem... não todos... não temos todos a mesma maneira de ser.

P8: Quando é na sala aula [impercetível].

P1: Depois correr o risco de ter uma gasguita de... de sexto ano a dizer à J. ...

P8: [impercetível] Nós aqui acabamos por ceder...

P1: ... como é que foi? – “Isto não é uma ditadura!”

P14: Não sabia dessa.

P1: Gasguita, [impercetível]

P10: Mas para dizer...

P1: ... sexto ano a se virar... [risos]

P12: Disse? Ah!

P10: Ela é que lhe ensinou... ela é que lhe falou de ditadura.

[risos]

P12: Olha, mas eles a mim dizem-me certas coisas... eu digo... eu, eu digo muita vez, mas eu... eu digo isto sem problema nenhum. Eu, quando eles começam a... com muita coisa: “Oh amigos, é assim, por enquanto aqui ainda há uma hierarquia e quem ‘tá no topo sou eu, portanto, quem manda sou eu”.

P10: Os... mas eles têm problemas em perceber hierarquias...

P1: É, é. “Aqui dentro quem manda sou eu, ponto final”.

P10: Por isso é que eu acho que, nestas aulas, era bom trabalhar estes problemazinhos que a gente sente aqui na escola de... de...

P12: Mas...

P10: ... de valores que se

P8: Sim.

P10: ... estão a perder...

P12: É claro que eu também sei que...

P8: Há... conheço vídeos bons para isso...

P12: ... há professores que gostam de ser amigos...

P8: Não sei se... eu fiz uma formação...

P12: ... companheiros, camaradas...

P1: A pessoa não tem que ser só...

P8: Eu fiz uma formação que teve uma psicóloga que ela dizia...

P12: E eu não sou amiga, nem companheira, nem camarada. Eu sou professora. Ponto.

P8: ‘Távamos a discutir a questão da... da sexualidade. “ ‘Tá bem” – disse – “eu também tenho um filho, não chego ao pé do meu filho ‘Então, já levaste a pequena para a cama?’. Não é assim”. Ela disse: “Não, às vezes, ‘tamos a jantar ou a ver as notícias, dá um caso qualquer, de uma situação de uma adolescente grávida e eu aproveito, puxo a conversa ‘Então, olha qual a tua opinião sobre aquele assunto’. E aí começamos a conversar e eu vou sempre bater onde quero ir bater. Agora não... não, não me sinto à vontade...”’.

P1: Não entrar a...

P8: “... é para chegar ao pé do meu filho e perguntar se ele já...”.

P1: Claro.

P8: “... se já leva a namorada para a cama e se já... faz isto ou aquilo. Não é...”.

P1: Pois.

P12: E eu acho que isso nem são perguntas que uma mãe deva fazer...

P10: Por causa desses debates é que depois ouves assim em casa...

P8: Que é o que eu...

P10: O V. um dia destes à mesa: “Mãe, quem são os meus pais biológicos?”.

[risos]

P10: E eu: “Nossa senhora e agora?”

[risos]

P10: - “P4, responde-lhe”.

[risos]

P10: “Oh seu... o que é que são pais biológicos?” – “Então, são aqueles pais que... donde o bebé... ou... pá, o bebé nasce da mãe, não sei quê...” – “E então, quem é que te teve, quem é que te andou a carregar aqui tanto tempo?”.

[risos]

P10: “Pais... onde é que tu já ouviste falar...” – “Não, só quero saber quem são os meus pais biológicos”.

[risos]

P8: Eh pá, o puto vai [impercetível]

P10: E eu: “Olha, são estes dois cromos que ‘tão aqui à mesa”. Foi a pergunta do V. .

[risos]

P1: Ah, são [impercetível].

[impercetível]

P8: Aquele... aquele puto que vai com a mão dada e que tem um papel da escola, que vai com a mão dada com o pai na rua e pergunta: “Oh pai, o que é sexo?”. E o pai começa: “Blu-blu-blu-blu-ru”. E era só um quadradinho que era para meter a cruzinha, se era sexo feminino ou masculino. E ele: “Isso vai caber tudo neste quadradinho?”.

[risos]

P8: [impercetível] Outra coisa, nas aulas de substituição, o Regulamento Interno deve ser respeitado e depois justificamos...

P10: Exatamente.

P8: ... nomeadamente, no respeito pelas regras de uma aula normal...

P12: Olha, pode haver...

P8: ... de não autorização do telemóvel, de...

P12: ... por exemplo...

P10: Mas atenção, eu não sou contra ao uso do telemóvel...

P12: Ah, mas eu também não...

P8: Usado de forma saudável...

P10: Desde que...

P8: Ouve...

P10: Não! desde que... é preciso ir pesquisar qualquer coisa, os alunos até têm net...

P8: Os meus alunos fazem cálculos...

P12: Ah!

P10: ... porque é que eu não posso utilizar como uma ferramenta?

P12: Mas... oh P10, mas isso eu sou a favor...

P1: Como ferramenta?

P8: Os meus alunos fazem cálculos com o telemóvel.

P12: Eu quando te digo...

P8: Não há... [impercetível].

P12: ... eu... eu também... eles nas minhas aulas usam telemóvel...

P14: Eu, às vezes, também...

P12: ... e *tablet*, de... se é uma aula expositiva, não usam, porque ‘tão-me a ouvir, não ‘tão...

P10: Sim.

P8: Exatamente.

P12: ... mas, eles podem usar. Agora, o que eu digo é assim... eu, quando digo a... a questão da utilização dos telemóveis é que a gente sabe que...

P10: ‘Tão a brincar!

P12: ... que os miúdos não ‘tão a usar aquilo...

P10: Sim

P8: Não...

P12: ... de uma forma educativa.

P8: Pá...

P12: ‘Tão a usar para jogar joguinhos. Eh pá, é assim, eu acho que... eu... eu acho que as aulas de substituição devem ser um bocadinho...

P10: Olha...

P12: ... mas a sério, porque senão ‘tamos a desprestigiar as aulas em si, ‘tamos a desprestigiar a própria função do professor, que fica ali...

P1: Eu tive um miúdo do sexto...

P12: ... reduzido a animador ou...

P1: ... o... o L. ... um miúdo de sexto ano.

P12: ... a pessoa que toma conta de crianças.

P8: Ah, o L. .

P1: L. ... de... não é de sexto, quinto...

P8: Quinto.

P1: 5º C.

P8: Chumbou.

P1: Era o 5º C que...

P10: Pequenino.

P1: ... era da... da...

P8: É o L., o irmão do P. P. .

P10: Sim.

P1: Se tu visses... “Meu filho, isto é uma aula, é de substituição, mas é uma aula, portanto aqui ou na cantina ou na praia, onde for, é uma aula, as regras existem”. Se tu visses o gajo a levantar a voz, um gasguito deste tamanho!

P12: Sim. Mas eles...

P1: Depois é que a D. me disse que era normal nele. “Ouve, normal nele, pode ser na tua aula, na minha não! Faz assim ou então ‘tá feito!’”.

P8: Ah, a mãe... a mãe desse puto deve ter andado aí no primeiro período, penso que não havia semana que não era chamada.

P10: Mas ele mudou.

P8: Mudou!

P10: Mudou.

P8: O miúdo agora no fim, em...

P10: Mudou e é aquele miúdo que te...

P8: Tu és capaz de... tu trabalhaste com ele?

P10: Não.

P8: Mas tu olhavas para a cara dele e notas que...

P10: Na substituição... ele faz-te frente...

P8: ... o miúdo 'tá a mudar, a mãe até tinha alguma...

P1: É.

P8: ... esperança que ele, que ele pudesse transitar. Agora, não podemos esquecer o...

P1: O que 'tava para trás...

P8: o princípio do ano. O gajo...

P10: Ele faz-te frente...

P8: Faz, faz.

P10: ... mas é daquele...

P8: Faz que o A. [CC1] ainda há dias...

P10: ... é aquele miúdo que se tu...

P8: ... pôs de castigo.

P10: ... entras... a...

P1: Não podes entrar a matar...

P10: ... a matar...

P1: ... com ele. Não podes.

P10: ... aquilo é uma bola de neve [impercetível].

P12: Pois, exatamente.

P1: Pois. Não podes.

P10: Tens que entrar com ele...

P1: Olha, eu... eu com... aquele menino... o miúdo da... da S. ... da...

P10: Ah, o J. F..

P1: O J. F. . Toda a gente... toda a gente, quem tem aulas com ele, desistiu...

P10: Mas esse miúdo descarrila...

P1: ... daquele miúdo.

P12: O da... da...

P10: É filho da Chefe S. .

P1: Da Chefe S. .

P8: Ah, eu só conheço o miúdo de vista.

P12: Só conheço o mais velho.

P1: Esse miúdo, pronto, ele chegou a uma altura que ele... 'tava mesmo com comportamentos [impercetível] e ele próprio desistiu. Desistiu. E os professores ao que... ao... daquilo que eu me apercebi, desistiram dele também, porque ele, realmente, não queria fazer absolutamente nada.

P12: Pois.

P1: Mas é que ele chegava e punha as mãos assim e ali ficava.

P14: Não, mas eu... eu, por acaso, 'tive nas matrículas...

P1: Desculpa.

P14: ... e aproveitei e falei com a mãe sobre isso. Eu perguntei-lhe porque é que ele desistiu. E ela disse-me que ele já tinha tido negativa à disciplina de Tecnológica, que tinha negativa certa a Matemática, porque ele sabia que não conseguia, só tinha 1. Portanto, a partir do momento que ele viu que tirou negativa a Português, ele soube logo que 'tava chumbado.

P8: Então, é burro.

P14: Daí, ter... ele ter desistido.

P10: Oh pá, mas ele para ter 1...

P8: É burro, porque a nota de... de Tecnológica pode ser alterada.

P10: ... a Matemática...

P14: Ele não faz nada.

P10: ... ele não faz a ponta de um corno.

P14: Exatamente.

P8: Olha, mas...

P10: Oi?

P14: Mas esse...

P12: Não faz mal.

P1: [impercetível] na minha, porque eu cheguei...

P8: Oh P14...

P1: ... eu tive que mudar de estratégia com ele, P8...

P8: Não, ele... o... o... porque a nota de Tecnológica pode ser alterada.

P1: ... eu tive que lhe dizer assim...

P10: Eu espero que...

P1: Que é uma... é... é uma semestral...

P10: ... tenham [impercetível] daquela turma.

P12: Ai pode?

P1: Claro, porque é uma nota...

P10: Sabes que pior que ir ter o V. ...

P8: A nota que eles lançam em fevereiro é uma proposta...

P10: ...era saber que ias para aquela turma?

P8: E depois nós chegamos ao final do ano... só que nós o que temos que transmitir aos alunos é esta nota conta como se for uma nota de uma disciplina.

P10: E era a E. que 'tava com ele. Eu virava-me para... para me afastar, porque eu já não...

P12: Pois.

P8: Que é para o aluno se aplicar durante aquele tempo.

P10: ... aquilo mexia... Mas que miúdos... [impercetível]

P8: Chegamos agora ao final do ano...

P10: ... de tudo.

P8: ... ele tem negativa naquela disciplina, se nós assim o entendermos, podemos alterar aquela nota.

P10: Depois aquilo é contagiante, até o V. eles contagiaram até ao fim.

P1: Mas eu... eu... mas sabes que eu consegui... eu consegui no último período – porque eu só ‘tive com eles a partir de fevereiro...

P10: É a [impercetível], traumatizante

P1: ... dar a volta. Mas era do género: “Oh pá...

P10: E esse?

P1: “... ‘tás a brincar comigo, meu. Então...”.

[impercetível]

P1: Assim, juro-vos, nesta linguagem.

[impercetível]

P1: Não ‘tou a dizer... se não gostaram...

P14: Ele desistiu, completamente.

P1: Eu disse: “Ouve, oh meu, pelo amor de Deus, oh... tu vais-me dizer que não sabes fazer isso? É claro que tu sabes fazer isso!”. Uma pesquisa para procurar ba-ba-ba. – “Claro que tu consegues! Oh rapaz, tu consegues isso e muito mais”. Ele escrevia duas linhas e eu passava: “Poça, ‘tás a ver, já conseguiste fazer tanto, vá, continua”. Eu passei as últimas, juro. As aulas todas nesta conversa, os outros olha... olhavam para mim e riam-se. Garanto que ele fez tudo aquilo que eu queria que ele fizesse.

P14: E esse aluno tem uma máscara...

P12: Pois, mas às vezes tem...

P14: ... porque ele tem muito mais dificuldades do que aquelas que aparenta.

P1: Tem, tem, tem. Tem, sim senhor.

P14: Agora ele faz...

P1: Eu tenho muito...

P14: ... mas, na verdade, ele tem muitas dificuldades.

P10: Pois, então, deixaram o monstinho criar-se a achar que é...

P1: Claro.

P10: ... a melhor coisa do mundo...

P1: Claro.

P10: ... com a mãe sempre a intervir: “O que é que se passa com o meu filho?”...

P14: Mas ele tem muitas dificuldades.

P1: Todos os miúdos dela têm esse problema, de...

P10: Olha, mas o mais velho não era assim...

P12: O mais velho...

P10: ... não era assim.

P1: Tenho um aluno no nono ano... Era assim e bem pior!

P12: O mais velho foi meu aluno à noite...

P1: O V. era.

P12: Pronto. Mas não tenho assim...

P1: Ouve, no nono ano, no nono ano tive... um gajo que me vai fazer...

P10: Com a arrogância do J. F.?

P1: Sim senhor, sim senhor, meu... minha querida. Ele chegou a fazer...

P10: Ai, desculpa.

P1: ... ele foi fazer um exame de [risos]... porque ele teve negativa a TIC. Então, foi fazer o exame de equivalência à frequência. Ele chegou ao exame sem caneta, sem lápis, sem bilhete de identidade, sem nada! O F. passou-se dos carretos! Teve que a mãe vir identificá-lo! Então!

P14: Então...

P12: Mas isso também não era preciso...

P10: Eu, do miúdo não...

P12: ... porque eles podem fazer sem identificação e depois no fim, desde que haja duas pessoas...

P1: Sim, não, ele fe... ele fez... E depois a mãe veio...

P12: ... que identifiquem... depois no... depois tem é não sei quantas horas para vir cá com os documentos...

P1: Mas a mãe veio logo a seguir...

[impercetível]

P12: ... e não sei que mais. Já uma vez nos aconteceu isso...

P8: Sim, sim. Sim.

P12: ... lembro-me que eu 'tava no secretariado...

P8: E na... na...

P12: ... de exames e que...

P8: E aqui... Nós na... em Câmara de Lobos íamos à biblioteca... à... à secretaria, era uma foto qualquer do cartão de cidadão e juntávamos ao processo. É como aqui, é preciso relatar tudo: "O aluno saiu à casa de banho, foi acompanhado por um elemento do órgão...". E eu: "Ah, cromos!".

P12: Bem...

P8: Aqui [impercetível]

P12: ... a nossa proposta...

P1: Ok.

P12: ... 'tá... afinada?

P8: Sim, sim, sim.

P12: Pronto.

P1: Humm... Eu, eu não sei se nós não pudéssemos... não é querer meter-me no trabalho de ninguém, mas é... é aconselhar, entre aspas, que as atividades desenvolvidas devem ser maioritariamente, preferencialmente de origem prática. Não é para nenhum colega ir para lá para se... aproveitar para dar... conteúdos que...

P12: Sim, mas eu acho que com aquilo...

P10: Mas criando-se esta equipa, havendo uma reunião com essas pessoas, aí é passado essa... essa informação.

P1: Pronto, ok.

P12: Eu acho que...

P1: Ok.

P12: ... e até a forma... aquilo que nós propomos é a realização de debates, ver filmes, não sei quê, ta-ta-ta, percebe-se que...

P1: Pronto.

P12: ... não é para ir para lá dar aulas de... de gramática...

P1: Ok.

P12: ... ou de História ou do que quer que seja.

P14: Mas se o professor... até não vejo mal nenhum, por exemplo...

P10: Pode haver professores que a falar podem ser uma “ganda” seca, só de ‘tar a ouvi-los.

P8: Pronto, aquela... ‘tás a perceber? Naquele tema...

P1: Olha...

P8: ... naquele trabalho, por exemplo, a nossa participação sobre o Carnaval...

P1: Nem te conto...

[risos]

P12: Sim.

P8: ... há horas destas que, provavelmente, um gajo até faz um trabalho altamente. Se as coisas forem...

P12: Pois, olha, até se pode pôr aí...

P8: ... bem preparadas...

P1: Ajudar... exatamente!

P12: ... portanto, que essas horas podem também ser usadas...

P8: Não, nessa altura, nessa altura... se houver necessidade...

P12: ... para contribuir para atividades...

P8: ... se houver necessidade, esse tal coordenador reúne a equipa toda: “Oh amigos, é assim...”.

P12: Mas...

P1: “Olha, vamos precisar para o Carnaval fazer... delinear isto, ‘tá bem?”. Já para...

P12: Mas até podes pôr já, que também se pode usar essas aulas para contribuir para as atividades que a escola... realiza...

P1: Para ajudar a coordenar...

P12: Pronto.

P1: ... ba-dê-ba, qualquer coisa deste género.

P12: Ouve, às vezes, sei lá...

P1: Olha a loucura que é escolher um tema, ba-da-ba-da e depois não querem isto...

P12: ... se a turma vai participar no desfile de Carnaval, porque é que não havemos de trabalhar nisso? Portanto...

P14: Desde que se saiba atempadamente qual é o tema...

P8: Eu penso que será aprovado logo no início do ano, até porque é assim, normalmente, também não se diz porque... só se anuncia depois do convite da Câmara Municipal. Que a Câmara só convida em fevereiro.

P1: É.

P8: Em janeiro, fevereiro. E 'tar a dizer que: "Vamos trabalhar e o tema é este". E se não fores convidado?

P1: Fazemos o nosso próprio...

P10: Vamos nós...

P1: Fazemos nós.

P8: Não, não. Eu...

P12: Então, a gente já fez desfiles de Carnaval nesta escola sem a Câmara!

P1: Nós já fizemos só a escola!

P8: Eu concordo com isso, agora é assim, eu percebo o papel do P16, porque é que anuncia tão tarde.

P12: Sim, mas percebo...

P8: Agora...

P12: Sim, claro, claro.

P8: ... temos que mudar e temos que começar a trabalhar cada vez mais cedo, sim.

P1: Eu acho que devemos sempre começar a trabalhar mais cedo. E se a Câmara não nos convidasse, fazíamos nós o nosso próprio desfile.

P8: Ora bem.

P1: Ponto final. As escolas...

P12: Olha...

P1: ... primárias fazem o... para os pequeninos sozinhos.

P10: Convidados pela Câmara.

P12: Na, não.

P1: Também é?

P12: É.

P1: Oooh!

P12: É tudo... é tudo...

P10: Então, mas faz todo o sentido, que assim seja, não é?

P1: ‘Tá bem, filha.

P12: Agora, o que eu acho também...

P10: Mas se calhar basta dar um toquezinho à Câmara e dizer assim: “Olhe...

P12: É isso!

P10: “... enviem lá esse convite mais cedo...”

P14: Faz sentido, faz sentido a Câmara...

P10: “...que é para se poder...”.

P14: ... contribuir com alguma coisa, caso a Câmara não contribua com nada, a escola pode fazer [impercetível].

P12: Mas a Câmara contribui...

P8: Sim, sim.

P12: ... por exemplo, para garantir...

[impercetível]

P12: ... o encerramento das ruas...

P8: Claro e a...

P12: ... e a segurança, é tudo a Câmara.

P1: A polícia, a polícia.

P8: E a própria cooperação que vai havendo ao longo do ano. [impercetível]

P12: Eu, quando digo que nós já fizemos desfiles sem a Câmara, é no sentido que não era a Câmara que... nós a única... a Câmara, a única coisa que fazia era...

P10: Depois tens que 'tar a pagar à polícia para 'tar aí a ver [impercetível]...

P12: ... cortar a rua para nós passarmos. Agora não, agora é uma organização mais...

P10: Sim.

P12: ... conjunta, digamos assim.

P1: Mas isso é uma questão pessoal, que até [impercetível].

P12: Mas eu também acho que é assim, também...

P1: ... e dizer que nós precisamos do convite um bocadinho mais cedo.

P12: Porque é que...

P8: Não, mas isso...

P12: ... quando chega a dezembro, não se manda um ofíciozinho à Câmara a dizer: "Gostaríamos de saber se efetivamente estão a contar...".

P8: Exato...

P12: "... com, porque temos que...".

P8: ... até porque o nosso tema nunca depende deles. Tem sido tema livre, nós é que temos escolhido.

P12: Exato.

P1: Exatamente.

P12: Exato.

P8: Se... dependesse deles o tema, era mais complicado.

P12: Pois.

P1: Eu acho que sim, olha, eu concordo contigo, acho que sim, enviar um oficiozinho tentar descobrir...

P12: Mas pronto. Bem, então, a nossa proposta 'tá feita?

P8: Sim, agora vamos à proposta dois. Aulas sem Moral.

P1: Moral. Para os amorais.

P12: Oh pá, eu, eu... eu, eu tinha aquela proposta da Filosofia para Crianças...

P8: Dá-lhe!

P12: ... mas é assim, mas...

P8: Proposta...

P12: ... de implementar...

P8: Na, na...

P12: ... o projeto Filosofia para Crianças.

P8: Exatamente. Eu vou redigir este e tu vais redigir esse. Agora, vais explicar à malta o que é que se pretende, como é que funciona...

P12: Oh pá, é assim...

P8: ... mais ou menos assim por alto...

P12: ... já expliquei há bocado, pronto. A Filosofia para Crianças é uma coisa que já existe há muitos anos, pode-se fazer logo a partir dos primeiros... da... dos 3, 4 anos, já se pode trabalhar. Não tem nada a ver com a Filosofia...

P1: Sim, sim.

P12: ... que se estuda no secundário. Portanto, a Filosofia para Crianças, é... uma atividade que visa, sobretudo, desenvolver as capacidades de pensamento, pensamento crítico, capacidade de reflexão e também capacidade de comunicação.

P1: Intervenção.

P12: E isso é feito como? Através de... pronto, de, de, de... de trabalhos... de... atividades que são... práticas e que podem partir de um pequeno texto, um pequeno filme e... e com coisas que têm a ver com a realidade dos miúdos e pôr os miúdos a pensar sobre aquilo. Por exemplo, pode ser uma coisa tão idiota, entre aspas, como é

verdade que existem fadas? Por exemplo [risos]. Claro que a gente não vai trabalhar isto com meninos do quinto ano, mas estou a dar o exemplo...

P1: Dos pequeninos para...

P12: ... num... num jardim de infância, pode ser, isto pode ser a discussão para pôr os miúdos a pensar: “Então, mas se tu achas que há... E porque é que achas que há? Então e tu achas que não há...”. Pronto. E pôr os miúdos a pensar e a usar essas competências, pronto. Já há muitos anos que eu... que eu pensei nisto e depois, pá, nunca se concretizou, até porque é assim, eu não tenho formação em Filosofia para Crianças. Era preciso... há que dizê-lo, como diria o Baptista Bastos: “Com toda a frontalidade”.

P8: Onde é que tu estavas no 25 de abril?

[risos]

P12: ‘Tava no colégio. [risos]

P8: Não andamos com o Sócrates.

P12: Não.

P1: Não.

P8: É que o Sócrates viu o jogo da seleção num sábado, quando ia para a escola.

P12: Não. E...

P8: Mundial de 66.

P12: Pronto, eu nunca fiz a formação... e, portanto, isto não é um projeto que é para eu ir fazer...

P8: Até porque vais ser coordenadora da equipa anterior.

[risos]

P12: Vou?

P8: Vais.

P12: Tens a certeza? Acho que ‘tás enganado, mas pronto. Nunca fiz a formação... há uma pessoa, que é a R. M., que tem... formação nessa área e que estaria disponível para dar formação aqui na escola e depois haver, em princípio... não tem que ser um professor de Filosofia, pode ser, pode ser de outra área qualquer, porque... E depois era a questão de, depois dessa formação, haver pessoas que queiram trabalhar nisso e que

‘tenham disponíveis... porque eu acho que isso até pode ser – não sei, eu sei que isto, depois, tem muitas implicações legais, não é, há sempre as questões legais – mas acho que isso até podia ser...

P1: Isto não pode ser um projeto da escola?

P12: Pode.

P14: Podia ser era um projeto...

P8: Pode, pode... Tens autonomia... claro.

P12: Isto até pode entrar como horas letivas da pessoa, por exemplo...

P1: Pois é isso que eu ‘tou... que eu ‘tava a pensar.

P8: Sim, sim, sim.

P12: ... há bocado ‘tavas a dizer...

P14: Mas...

P12: ... o pessoal de Economia, que ‘tá com problemas...

P14: ... a educação sem Moral é letivo. Não é não letivo.

P12: É, a educação Moral é letiva, exatamente.

P14: E sem Moral, também.

P12: Pronto, então, e isso contar como hora letiva.

P14: Exato.

P12: E... a... podem-me dizer: “Ah, mas os miúdos não são obrigados”. É assim, dentro do quadro de autonomia da escola, a gente pode...

P8: Exatamente.

P12: Até, porque...

P8: Lá está...

P12: ... quando a lei de bases foi lançada, a ideia era que os miúdos ou tinham Educação Moral, de um confissão qualquer...

P10: Ou DPS.

P12: ... ou teriam DPS, depois é que deram aqui a volta...

P10: Agora é que passou logo a isto: sem MRC.

P12: Pronto.

P10: EMRC. Assim ficava...

P12: E nós podíamos dentro desse...

P10: Passam a ter... FC.

P12: ... desse quadro legal, é assim, os miúdos ou têm...

P8: Filosofia...

P12: ... Moral...

P10: Crianças.

P12: ... ou teriam o projeto da Filosofia para Crianças.

P8: Força de... eles vão inventar logo, Força...

P10: Formação Cívica.

[risos]

P8: ... Foste queimado!

P12: Pois, vão dizer, mas é de outra maneira. Mas pronto.

P8: Eles vão inventar logo...

[risos]

P12: Pronto...

[tosse]

P12:... e a ideia era... por um lado, eu acho que isto é uma coisa que é muito bom para os miúdos...

P8: É muito benéfica, porque eles não têm capacidade...

P12: ... e... e... e já...

P8: ... de raciocínio...

P1: De fazer raciocínio.

P8: No nono ano notas isso muito.

P12: ... já há muito trabalho...

P1: Argumentar, pesquisar...

P8: Nada...

P1: ... de, de... comunicar...

P12: ... feito sobre isso e sabe-se que isto tem um contributo importante para o desenvolvimento intelectual e até para a maturidade dos miúdos. E podia ser uma maneira, olha, também de se resolver alguns problemas...

P1: Exatamente.

P12: ... de emprego.

P1: Exatamente.

P12: Agora é assim... eu, por exemplo, eu, se houver a formação, eu vou fazer.

P1: Eu também.

P8: Pois, era isso que já ia dizer... Até há uma outra coisa, se... que eu não... não... eu... já tínhamos conversado com isto e eu não tinha percebido muito bem como é que isto funcionava. Esta formação tem toda a lógica até para... para quem tem horas da biblioteca.

P12: Por exemplo.

P8: Muitas vezes, está ali enfiar charutos...

P12: Ouve, porque...

P8: ... e... e há muitos miúdos que vêm para ali, que havia determinadas coisas que poderiam ser desenvolvidas.

P12: Sim, porque isto ajuda-te a... Por exemplo, a R. M. no outro dia até me dizia: “Mas tu... tu não precisas da formação, porque tu a trabalhar com o modelo do MEM, no fundo...”.

P8: Sim, sim.

P12: Há muita coisa que a gente faz que tem a ver com isto. Quer dizer, quando eu faço um conselho de cooperação educativa, no fundo, eu não ‘tou a fazer uma coisa muito diferente da Filosofia para Crianças, ‘tou é a fazer os miúdos... ‘tou a pôr os miúdos a refletir sobre o trabalho que eles realizaram, não sobre este tema ou aquele ou o outro,

mas pronto. Mas eu, sou sincera, nem... não... nunca me sentiria à vontade para ir para uma... para a frente de uma turma fazer trabalho sem a formação. E, portanto, se houver a formação, eu quero fazer. Mas quando pensei nisto, nem pensei para mim, pensei que há casos aí de pessoas que correm sérios riscos de ficar sem trabalho, pá, e que isto podia ser uma opção, porque é assim, pelo menos, um horário isto dá.

P8: Pois.

P12: Porque se... se... se há tantos miúdos sem Moral... pelo menos há de... isto dá um horário...

P8: A ideia... a ideia seria aplicar segundo ciclo, terceiro ciclo?

P12: Segundo e terceiro ciclo.

P14: O secundário nem tem Moral.

P1: Não tem...

P14: Ai tem, tem.

P1: Tem, mas...

P14: O décimo ano tem Moral.

P8: E outra coisa...

P12: Diz.

P8: O terceiro ciclo...

P1: Moral...

P14: O décimo ano este ano tem Moral.

P8: ... inclusive o nono ano?

P12: Sim.

P8: Ok.

P12: Porque é que não havia de para o nono ano?

P8: Não, 'tava a pensar na possibilidade de... do... sei lá, no terceiro período como já fazes os exames e dessas coisas todas, às vezes...

P12: Não! Porque é assim... se...

P1: Eu ‘tou a pensar é como é tu consegues, depois, imagina, tu tens turma... imagina, tu tens turma de quinto e de nono ano...

P12: Sim.

P1: Como é que vais...

P8: Não, não, não coincide, isto tinha que ser feito os horários de forma a não coincidir.

P12: Não, isso aí tem que se organizar as...

P1: Aí... isso aí...

P8: Ora... Mas também não pode, só tens um padre....

P12: É isso!

P10: Não coincidia, este ano.

P12: É que tu...

P10: Não coincidia.

[impercetível]

P12: O que... o que...

P1: Como ‘tavas a dizer que juntas, as turmas de quinto...

P12: Mas juntam não terceiro ciclo.

P8: Não, não... não.

P12: Não.

P8: Mas juntas no...

P12: Juntam no terceiro ciclo... juntam...

P8:... no terceiro.

P12: Por exemplo, o padre ‘tá a dar aulas ao nono ano, só tem dez alunos, os outros miúdos todos do nono ‘tão juntos.

P1: Sim. Ok.

P12: Pronto.

P1: ‘Tá bem. Pronto.

P12: Mas são só os do nono ano, porque o padre não dá duas... dois anos ao mesmo tempo, ‘tás a entender?

P1: Ah, ok, ok. Já percebi.

P12: Portanto, mas com uma hora de nono ano, uma hora de oitavo, uma hora de sétimo, que seja – que eu acho que aí depois, se calhar, até, se calhar, podia-se desdobrar... as turmas...

P8: Sim, depois há outra situação...

P12: Pronto.

P8: ... que é dar a que... dar x horas àquela pessoa para poder preparar materiais...

P12: Pronto. Mas...

P8: Eu acho que consegues fazer assim. Os CEF, antigamente, para além da hora da reunião, tu tinhas...

P12: Tinhas... Eu cheguei...

P8: ... a hora do... com o par pedagógico e não sei o quê...

P1: Exatamente.

P12: Sim, sim, sim, sim.

P8: Então e essas coisas não é... nem que sejam aquelas duas horas de trabalho para a escola, tem que se voltar a dar.

P12: Mas eu acho...

P1: Sim.

P12: ... eu, eu quando pensei nisto, pensei, porque era uma forma de se arranjar, pelo menos, mais um horário e porque pensei que, eh pá, acho que é muito mais útil para os miúdos ‘tarem num... num trabalho destes do que ‘tarem aí dispersos...

P1: Exatamente.

P8: Exatamente e...

P12: ... sem fazer nenhum... pronto.

P8: E principalmente aquela [impercetível] do telemóvel, pá.

P12: Não, não é... porque, olha, até...

P8: Ah, mas é assustador, tu entras na cantina... tu... porque tu não consegues... tu podes...

P1: É.

P8: ... tu podes ser muito boa pessoa, tu não consegues controlar quarenta pessoas ali...

P12: Não, não controlas. Tanto que eu acho que é assim, por exemplo...

P8: Vais... vais entrar numa guerra que é um militarismo e...

P12: Não.

P8: ... e é só faltas disciplinares...

P12: Não e... e... P8 e, por exemplo, e eu acho que é assim...

P8: Quem se chateia és tu.

P12: ... que se... se este projeto for para a frente – mas isso, depois, quando se redigir o projeto, terá que ficar bem explícito – os grupos não podem ter mais de vinte miúdos.

P8: Pois.

P12: Porque com mais de vinte miúdos não é trabalhável.

P1: Senão depois não se consegue fazer nada.

P12: Tu não consegues. A partir dos vinte, aquilo já é... porque é assim, tu tens, por exemplo, imagina que...

P8: Mas isso dá para trabalhar. Sabes como é que se trabalha?

P12: Dá!

P8: Mesmo que seja neste sistema, seria... teria que ser feito, portanto, encontrar espaços em que permitia-se, por exemplo, havia... continua a existir o tal professor sem Moral...

P12: Sim!

P8: ... a... se... não é o professor... não... Mas em que hoje ia este grupo trabalhar a Filosofia...

P12: Não, mas até pode... mas é muito mais fácil, oh P8, podes fazer muito mais fácil, que é assim... aquele grupo é organizado em dois grupos e fica a P1 com o grupo A e fica a P10 Estrela com o grupo B.

P8: Por exemplo, por exemplo.

P12: E a partir daí, elas sabem que, no seu horário, têm, à quinta-feira, o grupo A de Filosofia para Crianças e outra sabe que tem o grupo B, pronto. Por isso é que eu acho que isto também não pode ser só para uma pessoa.

P8: Só... pois, pois é. É isso.

P12: Porque é assim, porque se tu...

P8: É isso.

P1: Senão 'tás feito!

P12: ... pões só numa pessoa, ficas com miúdos que continuam sem fazer nada.

P8: Exatamente.

P12: E se a ideia é...

P1: É.

P12: ... que os miúdos tenham uma alternativa à Educação Moral...

P8: Todos têm que estar ocupados.

P1: Pois.

P12: ... todos têm que estar ocupados.

P8: Isso aí, concordo.

P14: Uma forma de arranjarmos trabalhos feitos para, por exemplo, para as aulas de substituição é fazer uma formação, por exemplo, de 12 horas – agora acho que é 15, por ano – de 15 horas por ano, uma formação em setembro e depois no final pôr a avaliar... a... quem dá a formação, ao avaliar os outros, pôr os outros a fazer uma ficha. Toda a gente faz a ficha, arranja-se logo ali material.

P8: Sim, mas a questão não, não sei se passa tanto pelas fichas, porque é assim...

P14: A ficha ou...

P1: Ela quando fala ficha, é guiões.

P14: Quando falo ficha, um guião....

P1: Não é ficha de trabalho...

P14: ...ou uma...

P8: Sim.

P14: ... um trabalho a elaborar nessas aulas.

P8: Mas a questão é que não sei se já não será tarde demais. Temos que pensar que quem vai fazer os horários, faz os...

P1: É.

P8: ... horários em agosto...

P1: Tem que definir...

P8: ... e tem que já ter definido...

P1: Tem.

P12: As horas são...

P8: Onde é que vai meter isto...

P12: ... as horas são distribuídas mais cedo.

P8: ... onde é que vai fazer isto...

P14: Não, mas eu dizia, por exemplo, fazer a formação no início de setembro...

P8: Ah, mas podes fazer, mas os horários têm que ser feitos em agosto.

P1: Os horários em setembro já têm que 'tar...

P14: Ok, mas... mas vai... não significa que as pessoas que têm substituição sejam obrigadas a ir, só vai quem quer.

P8: Claro, mas...

P14: Mas quem for...

P8: A formação é sempre bem-vinda e é útil que se faça. Atenção! Agora, quem vai trabalhar, obrigatoriamente já tem que 'tar definido... o que é que o Professor F. [PCE] vai ver? Vai... vai tentar perceber mais ou menos, ou pelo perfil ou, por exemplo, vai tentar ver...

P14: Olha, P8...

P8: ... que é que...

P14: ... mas imagina que tu davas tu a formação...

P8: Sim.

P14: ... e tu davas a formação de 5 de setembro a 8 de setembro e só de manhã, era cinco, dez, quinze, de três dias, quinze horas. Punhas no final cada uma fazer um dia... um... um destes dias, era elaborar esse...

P8: Ok.

P12: Sim, eu 'tou a perceber o que tu estás a dizer...

P8: E como é que achas que ia ficar a P1, quando chegasse aqui, no dia 5 de setembro, e olhasse para o horário dela e visse que só tinha 10 horas de lecionação?

P14: E o que é que isso tem a ver com isto?

P8: Não, 'tou a perguntar onde é que tu vais meter as horas se... eu 'tou a perguntar é: quem é que vai dar estes... estes conteúdos? Imagina que a P1...

P14: Quem vai lecionar a substituição é quem tiver substituição. É qualquer um de nós.

P8: Não, nós já não 'tamos na substituição. Sem Moral.

P14: Eu sei, mas eu estava aqui a dar...

P8: Eu estou a falar dos sem Moral.

P14: Sim, mas eu estava aqui a dar um exemplo para arranjar...

P8: Sim.

P14: ... material para a substituição.

P8: Ah, mas eu não 'tou a falar dos materiais. Eu 'tou a falar é a forma de funcionamento, é quem vai trabalhar nisto, já tem que ser definido antes de setembro. Quem vai desenvolver este projeto.

P14: Pois, mas quem vai trabalhar nisso ainda tem que, primeiro, ter a formação.

P8: Não, pode haver...

P12: Não...

P1: Pode ser [impercetível].

P12: ... pode acontecer... porque a formação tu já não vais ter antes de setembro...

P1: Não é possível.

P8: Não é possível.

P12: ... não vai haver nenhuma formação em agosto...

P8: Isso não é possível.

P12: ... nem agora na segunda quinzena de julho. Tu podes é ter, por exemplo, se o projeto for aprovado e o... dizer... perguntar aos professores que possam 'tar interessados nisto e há...

P1: Olha, eu tenha ou não tenha...

P12: Pronto.

P1: ... eu gostava de fazer essa formação.

P12: Pronto. Então, é assim, o F. [PCE] sabe que é a *Balbina* e o P8, que querem, pronto.

P8: Pois.

P12: Quando ele fizer a distribuição...

P8: Para ganharmos [impercetível] é sempre o P8.

P12: ... ele põe... Mas há muitos P8s, amor.

P8: Não, mas tu metes a *Balbina* sempre com o P8.

[risos]

P8: Não sei...

P1: [impercetível] aparece uma *Balbina* ao P8.

P8: Se fosse a Serigaita... [impercetível]

[risos]

P12: Mas é assim, embora depois, em setembro, até possamos ir trinta fazer aquela formação, os trinta que vão já sabem que daqueles trinta, quem vai dar aquele projeto são aqueles dois, 'tás a entender? Porque essas horas têm que ser atribuídas antes, porque agora em... na... nas primeiras... agora, a seguir às matrículas, é quando se faz a distribuição das horas. E, portanto o... o... não é o... o... é claro que toda a gente pode fazer a formação, mas aquilo não vai dar horas para toda a gente! Vai dar horas para uma pessoa ou duas.

P8: Pois não e o...

P12: Pronto.

P8: ... o essencial é em termos de formação, em termos pessoais. E, por exemplo, não havendo uma formação antes, o que se pode... solicitar e se for aprovado é a colaboração em termos de orientação, numa fase inicial pela R. M. ...

P12: Também, também se pode...

P8: ... que se supostamente seria a pessoa... que depois iria preparar já os dados...

P12: Também se pode.

P8: ... para dar a tal formação. Enquanto não houvesse a formação, ela, numa fase inicial, estava a orientar os trabalhos, a tentar perceber o que é que se estava a fazer... para... para não... se começar mal, é muito mais difícil...

P12: Pois, exato.

P8: ... corrigir.

P12: Exato.

P1: Agora...

P12: Colegas!

P1: ... também temos qual é que é a situação da R. M., não é? Não se sabe.

P12: É assim, a situação da R. M. ...

P1: É que ela é... ela anda sempre num estado de nervos, quando chega a esta altura...

P12: Pois, a situação da R. M., neste momento, não sei qual é! Eu nem sei qual é a vinculação que a R. tem com a escola. Não sei se a R. M. é quadro de zona, se... quadro de escola...

P1: Não.

P12: ... não é de certeza.

P1: Não é, não.

P10: É de zona.

P12: É de zona. Mas eu penso que a R. M., em princípio, continua no Museu.

P10: Vai ficar no Museu. O que é que ela...

[tosse]

P12: Porque...

P1: O ano passado, ela andou muito aflita, não sabia muito bem se conseguia.

P10: Ah, porque ela ‘tava...

P12: Não, eu penso que o ano passado...

P10: Queria deixar aquilo e queria ir para a escola.

P12: Pois.

P1: Que ela queria voltar a dar aulas.

P10: Só que ela, se vem para aqui para a escola... é a D. R. que vai à vida.

P1: Pois é.

P12: E não é só isso. É que ela... o ano passado... não te esqueças que o ano passado, ‘tava cá colocado um quadro de escola.

P10: Pois, sim.

P12: Portanto, a R. M. ...

P10: Exato.

P12: ... não tinha aqui lugar. E a D. R. ficou, porque o quadro de escola pediu requisição para a Jaime Moniz. Mas o horário, quando vai para a Secretaria, já vai depois dos destacamentos...

P8: Pois vai.

P12: ... e dessas coisas todas.

P1: Sim, sim.

P12: Portanto, a R. M. quando... quando tem que resolver a vida dela, não tem horário na escola!

P1: Pois. Pois.

P12: Porque tu tens três quadros de escola aqui dentro. E tens três horários. Se o quadro de escola vier para cá, a D. R. vai ao ar.

P1: A D. R. fica outra vez sem...

P12: E eu nem sei... e eu acho que a R. M., neste momento, ela já é mesmo... aquilo já é uma requisição do próprio Museu, porque... porque a R. M. para ser requisitada a partir daqui, tinha que 'tar colocada aqui.

P1: Na escola, pois.

P12: E ela não 'tá colocada aqui. Ela é colocada...

P8: Ai ela não é...

P10: É um bocado como o L. .

P12: Pronto.

P10: Não é?

P12: Ela deve ser colocada numa escola qualquer da Madeira, 'tás a perceber? Porque ela é quadro de zona.

P1: Ela disse-me há dias em que escola é que 'tava.

P12: Portanto, ela 'tá colocada numa escola qualquer da Madeira...

P8: Disse, disse, pois, eu sempre achei que era cá, pensei que era cá.

P12: ... e é pedida a requisição dela, mas é para o Museu. Porque, quando as requisições são pedidas, o lugar de Filosofia 'tá ocupado.

P1: Tem... 'tá...

P8: Pois.

P12: Neste momento, não há horário de Filosofia para mais ninguém. Há para o P., para R. [CFC] e para o tal... A.? Olha...

P1: É um nome esquisito.

P12: ... nem sei como é que ele se chama.

P1: Já não me lembro, também.

P12: É um nome assim...

P1: Sei que ainda o ano passado bem que falámos nesse desgraçado.

P12: Que a D. R. dizia que tinha um não-sei-quê na vida dela. Que é esse tal que vai requisitado para a Jaime Moniz. Só que é assim, neste momento, para todos os efeitos...

P1: Ele faz parte da... do quadro da escola.

P12: ... ele 'tá aqui na escola. Portanto, o F. [PCE] não pode pedir uma requisição para a R. M., para aqui para escola. A R., para pedir uma requisição tem que ser para o Museu. E esse é que é o problema da R. M., é que ela quer voltar a dar aulas, mas ela, para voltar a dar aulas...

P8: Pois...

P12: ... não é no Porto Santo.

P8: ... sabe que não... não lhe garantem...

P12: Não é no Porto Santo. Porque quando ela pede... quando ela concorre, aqui não há vaga.

P1: Pronto.

P12: Portanto, é assim, eu acho que, em princípio, a R. M. continuará no Museu e ela... pelo menos, em maio ela 'tava disponível para colaborar connosco. Não sei se... penso que não deve ter mudado de ideias. Pá, em último caso, a gente também pode tentar – se a R. M. não 'tiver disponível – neste momento, já há muita formação que é disponibilizada e até se pode tentar através do Centro de Formação de um dos sindicatos, trazer cá um formador do Continente. Porque há... olha, a Universidade dos Açores, este ano, abre um Mestrado em Filosofia para Crianças, só que é assim, eu, para os Açores fazer o mestrado, tenho mais que fazer agora na vida, não é?

P10: E...

P8: Eu acho que devias fazer...'

P12: Nem me interessa uma formação a nível de mestrado.

P10: ... e o... o teu R. [CFC] não dá uma formação... [risos]

P12: Pá, porque o R. [CFC] não tem esta formação.

P10: 'Tou a brincar.

P12: A única pessoa que...

P8: Eu acho que tu devias fazer.

P12: ... que já trabalhou nessa área e foi no estágio, foi o Z. P., mas o Z. P. não quer...

P1: Não.

P12: ... nem ouvir falar nisso.

P1: Nem, nem...

P12: O Z. P. detesta isso.

P8: E ele já ‘tá numa fase que não tem pachorra.

P1: É.

P12: Sim, o Z. já ‘tá naquela...

P8: Há dias... ‘Tá na...

P12: ... ‘tá... sabes aquela fase que falava o Alexandre Ventura?

P8: “Deixem-me no meu cantinho...”

P10: ‘Tou morto!

[risos]

P12: Pronto.

P10: E ninguém me avisou!

P8: “Deixem-me no meu cantinho....”. É, ele agora [impercetível].

P12: É.

P14: Mas essa formação foi boa.

P10: A curva de...

P12: A do Alexandre Ventura?

P14: Essa da curva.

P10: A curva de quê? Já não me lembro.

P12: Eu já não me lembro de quem é a curva.

P8: Mas a curva... a curva, o Alexandre Ventura também tem. Ou pensas que eles são heróis?

P10: Sim.

P12: Sim, mas...

P8: Pensas que o Marcelo...

P1: Ai!

P8: Olha, pensas que o Marcelo ‘tá sempre lá em cima?

P12: Não, mas com certeza que...

P14: Não, mas...

P12: ... na... e na... e até te digo mais, nós não temos noção disso, mas a carreira académica, é muito pior que a nossa.

P8: Não é, não.

P12: É muito pior que a nossa.

P8: E não é só a questão...

P12: Porque...

P8: ... de trabalho...

P12: ... em... em... não é em termos de trabalho...

P8: Não é só a questão de trabalho, é em tudo.

P12: ... é em termos de instabilidade. Tu até consegues ter... ter o teu lugar garantido na carreira académica...

P10: Kofman. É do Kofman. ‘Tá aqui, ainda, olha.

P12: ... tu tens que dar muito ao pedal.

[risos]

P12: Eu... olha, eu lembro-me, eu tenho uma amiga minha que é professora na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação...

P14: Mas essa ainda é mais ou menos linear...

P12: Ela é mais velha...

P10: Sim. Zero, cinco, dez anos.

P14: Sobes assim... e...

P12: Ela acabou o curso, era eu caloirá...

P10: E a partir daqui...

P12: ... portanto ‘tás a ver, ainda temos quatro anos de diferença.

P1: É sempre a descer.

P10: É.

P12: Portanto, ela começou a trabalhar...

P10: Efeitos da falta de estímulos e de novos desafios para os professores.

P12: ... ainda eu 'tava na faculdade e fartei-me de estar.

P10: Aqui 'tás a subir, chega aqui e 'tás a descer.

P12: Eu já 'tava efetiva aqui no Porto Santo...

P10: Ela explicava esta...

P1: A curva.

P10: Esta curva.

P12: ... e ela ainda era Assistente Convidada ou contratada...

P8: E...

P12: ... ou não sei quê na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

P8: Não e depois... e depois é assim e há...

P12: Portanto, ela já tinha mais de dez anos de carreira e... e muitos mais fez, até conseguir... que eu nem sei...

P8: E não te esqueças que para além do trabalho tem que fazer...

P12: Sim!

P8: ... X artigos científicos por ano.

P12: Eu... eu sei!

P8: Agora, os gajos obrigam-nos.

P12: P8! P8, é assim... eu sei isso tudo...

P8: E tens passar em revistas internacionais.

P12: ... mas eu já nem 'tou a falar desse lado.

P8: Não é...

P12: 'Tou a falar, porque é assim, às vezes, as pessoas têm ideia que a nossa carreira que é muito de...

P8: Na...

P12: Nós temos uma carreira muito mais estável do que têm os... o ensino superior.

P8: Eu houve um ano que [impercetível].

P12: E a remuneração não é tão diferente assim, posso-te dizer.

P8: Não e...

P10: Era, era do André Kofman.

P8: Para além do desemprego que eles tiveram nos últimos anos...

P10: Ele ‘tava a explicar isto.

P12: Sim, sim.

P10: ‘Tavamos aqui sentados...

P8: ... que houve cortes [impercetível] também.

P10: E ele diz: “Portanto, até aos dez anos, o professor ‘tá lá em cima, sempre a subir. E a partir daqui começa... a descer”. O P. E. [VP1] ‘tava ao meu lado e diz assim: “ ‘Tou morto!’”.

[risos]

P10: E eu: “E ninguém te disse nada!”.

[risos]

P10: [em surdina] E ele: “ ‘Tou morto!’”.

[risos]

P12: Pronto.

P8: Eu era logo: “Olha, por acaso, pelo cheiro, já, já percebi”.

[risos]

P12: Olhem, estas duas propostas, parecem-vos bem?

P10: Sim.

P1: Muito bem.

P12: Pronto. Tu rediges a do “coiso”, eu redijo a outra...

P8: Em princípio, amanhã já envio...

P12: ... e depois partilhamos entre colegas...

P8: Sim, até porque temos que ver...

P12: ... para as pessoas poderem pôr alguns acres...

P8: ... para que pedagógico é que vamos... para a semana deve haver um pedagógico.

P12: Então, temos que fazer isso rapidamente.

P1: É logo assim que se... que se...

P8: Pois, mas é que é provável que a *Doutora* mande para segunda. Mas espero bem que não, que eu tenho reunião segunda.

P12: Oh pá, dizes à *Doutora* que...

P14: Há exames, para a semana.

P8: E [impercetível].

[tosse]

P12: ... não pode ser.

P10: P8!

P8: Mas acho que ela queria fazer de manhã.

P10: Agora mudando de assunto. Aquele trabalho da horta, foi espetacular.

P8: Qual?

P10: O da horta.

P1: O do G. .

P10: Do G. .

P8: Ou o vídeo?

P10: E eu tenho a certeza... Não, todo o trabalho que foi feito ao ano, não foi só o vídeo. Eu tenho a certeza absoluta que as turmas de quinto ano gostariam de ter um bocadinho da horta ali também.

P8: Mas isso...

P12: Mas qual trabalho?

P10: Fazer parte.

[tosse]

P1: Todo o trabalho que foi feito na horta pelo...

P10: O trabalho da horta, que anda a ser feito com os meninos, o V. e o G. ...

P1: Em conjunto com... com o G. .

P12: Com os NEEs?

P10: Sim.

P12: Que o M. faz.

P1: O M., o P8 também teve lá...

P8: Eu concordo, concordo com isso e até porque há uma... uma proposta do... Nós queremos fazer à vedação à volta de... dele todo. Eu vou fazer uma carta agora para a Câmara e para a DRAPS, a ver se eles fornecem o material. E acho que seria muito mais útil...

P12: Para fazer uma vedação para quê?

P1: À volta da horta.

P8: À volta, porque aquilo... havia um projeto, este ano, eu fiz com as minhas turmas o... o I., o V. e o G. ... eu levava os alunos lá e eles faziam. O programa... o projeto era “A horta com vida”.

P12: Sim.

P8: E eles iam lá numa hora de... de uma das minhas aulas e eles iam explicando que tipo de plantas tinha ali, quando é que se devia plantar e... e... para termos uma noção que tínhamos uma horta e o que é que se andava a fazer. E foi bastante interessante, mesmo os nonos anos... e principalmente o G. sentia-se extramente coisa, por ‘tarem ali os outros a irem... a ver o trabalho que ele desenvolvia. A mãe dele adora, por exemplo. E então nós, havia um... um coisa de... um... um... um concurso de curtas-metragens e foi feito com as fotos que nós tirávamos semanalmente, a F. fez uma montagem, fez um vídeo...

P12: Sim, fez um...

P8: E...

P12: Sim, sei.

P8: ... e concorreremos a esse concurso que fui com o I., fui com ele. Eu concordo claramente com isso.

P10: Não, eu à parte do vídeo...

P8: Acho que é útil... acho que é útil...

P10: ... à parte do vídeo. Agora, acho que as turma de segundo ciclo...

P8: Pois, acho que seria útil.

P10: ... gostariam de poder...

P1: Mexer na terra...

P14: Participar.

P1: ... plantar, aprender...

P14: Porque é que não ficam nas sem Moral?

P8: E até...

P12: Olha e porque é que não se põe isso como alternativa aos sem Moral.

P14: Exatamente.

P10: Por exemplo.

P8: Até... até era interessante... tem...

P14: Naquele dia eles já vinham equipados para... Olha era uma boa alternativa! Essa era excelente.

P12: Também acho.

P8: É interessante...

P10: Pois, eles estão neste momento...

P8: Sim.

P10: ... eles vêm da primária...

P14: E muitas crianças...

P10: ... habituados às hortinhas. Cada turma tem a sua hortinha.

P1: É, que eles lá têm a sua hortinha.

P10: Têm aquelas coisas. E eles chegam aqui, há um...

P1: Corte.

P12: Corte.

P10: Pelo menos o segundo ciclo, os miúdos vêm tão pequeninos ainda, tão...

P12: Mas eu acho que sim...

P10: Há um corte...

P12: ... que podia ser giro, também.

P8: E esses também respeitam... aquilo...

P10: Mesmo o adotar um... um animal. Pronto, isso requer mais trabalho, requer mais... mas...

P8: Não, mas sabes que é possível. Nós até ‘távamos a pensar, para o ano, haver lá uma parte mesmo para animais. Oh pá, não precisas de ter muitos, mas...

P1: Não, basta ter um coelhinho ou uma galinha [risos].

P12: Olha, mas podia-se pôr isso...

P10: Um cão.

P12: ... por exemplo, no projeto do sem Moral...

P14: Sim.

P1: Pode-se pôr como alternativa....

P12: ... podia-se pôr essas duas opções. Os miúdos poderem...

P8: Não, porque eu ouço depois lá coelhos e...

P10: E pombos!

P12: ... optar entre Filosofia para Crianças e... hortofloricultura, como havia nos tempos da Z. ...

P8: [impercetível] patos.

P1: Sim, sim, nos tempos da Z. .

P12: Pronto.

P14: E já não... e já era uma das formas de não ‘tar tanta gente no...

P12: Eu acho que se pode pôr isso, não achas?

P14: Acho.

P1: Eu acho que sim.

P12: Pois. Então, olha, eu acho uma boa ideia.

P14: Eu acho que essa foi uma boa ideia.

P10: Isso podia fazer, por exemplo, parte do projeto educativo da escola...

P8: Sim, sim.

P10: Não tem que ser só melhorar o Português e a Matemática. Pá, este tipo de coisas, acho que os miúdos...

P8: Enquadra-se em tudo, até...

P12: Eu cá, como não conheço o projeto educativo...

P10: Pronto.

[risos]

P10: Não podes dizer isso.

P8: Não conheces?

P12: Ai não conheço, amiga...

P10: Não conheces [impercetível]

P8: Não conheces, desculpa...

P12: ... ainda não foi... ainda não foi aprovado...

P8: ... fizeste uma série de propostas... mandaste...

P10: Tens. Tens o último.

P12: Ah pois, mandei...

P8: Fizeste uma série de propostas, mandaste apagar textos...

P10: P12! P12...

P8: ... que...

P10: ... não conheces este, mas conheces o...

P8: ... que são tão importantes...

P10: ... o anterior.

P12: Olha e eu tinha razão no... no... na análise FODA e vocês não me quiseram dar razão.

P10: Na análise quê?

P8: Análise de quê?

P12: A análise FODA. [risos]

P10: Olha lá!

[impercetível]

P10: Andaram a analisar...

P12: Amiga!

[risos]

P12: Depois explica-me!

[risos]

P8: E a apontar para mim!

P10: Eu acho que isso é uma questão para o jantar.

P12: Então, pronto, ao jantar... [risos]

P8: Olha...

P10: Ao jantar...

P8: É melhor...

P10: ... eu quero saber como se analisa...

P8: Chama-me o nome daquela gaja...

P12: A análise FODA.

P1: Análise FODA.

P10: Ah! Não é a...

P12: Não, é um modelo da análise de organizações!

P10: Oh pá, as coisas que eu não sei.

P12: Oh pá...

P8: Não, não...

P12: ... não 'tou a brincar!

P8: ... chama-me o... olha, chama-me o nome da outra gaja estranha...

P10: Vou já anotar.

[risos]

P1: A *Balbina*!

P10: Olha...

P1: Chama-lhe a *Balbina*!

P10: ... análise...

P8: A análise SWOT ou lá o que é... que já ouvi.

P10: A saber!

P12: É. Pois. Vocês usaram a SWITCH...

P8: Não foi... não, quem usou foi a equipa de trabalho.

P12: Ah... Pronto. Então é isso que 'tou a dizer.

P1: Podias ter usado a FODA. [risos]

P12: E, na altura, eu disse no departamento, não percebia porque é que 'távamos a usar a terminologia em inglês, se nós temos a análise FODA que é a mesma coisa. Que é...

P1: E ele? Não se partiu a rir?

[risos]

P10: Já disseste isso à chefe?

P12: Olha, isto vai ser transcrito...

[risos]

P12: [impercetível] Bom...

P8: Raios partam este...

P12: É assim, é um... é um modelo de análise em que tu tens quatro parâmetros a considerar nas organizações, as forças, os obstáculos, os desafios e as... agora falta-me o A.

P1: Ai!

P12: ... Ameaças!

P10: Obstáculos, desafios...

P12: Pronto.

P1: Ameaças...

P10: Eh pá, isto é parecido à FAMEL.

[risos]

P12: Exatamente! [impercetível]

[risos]

P12: Só que é assim, eu, por acaso, eu... eu não conhecia...

P8: Das...

P12: ... este modelo de análise. O ano passado 'tava a ler um livro em espanhol...

P14: F...

P10: O que é que é o A?

P14: Força...

P1: Ameaça.

P8: Ameaça.

P12: Ameaças.

P1: Eu perdi-me foi no F... O que é...

P12: Forças.

P10: Forças.

P1: Ah!

P12: Forças, obstáculos, desafios e ameaças.

P1: Tem tudo a ver: forças!

P12: Oh NEE...

P8: É... o SWOT é... pontos fortes e fracos...

P12:... e eu ‘tava a ler para escrever o meu projeto e ‘tava a ler em espanhol e vejo: “El modelo de analisis FODA”. E eu assim: “Ai meu Deus, ando eu a gastar um dinheirão num doutoramento para andar aqui a aprender estas coisas! Se a minha mãe soubesse, proibia-me!”.

[risos]

P8: ‘Tá a ver pornografia...

P12: Depois fui ver...

P10: Tens a certeza que não ‘tavas a ler a *Playboy*?

P8: Exato.

[risos]

P1: *Playgirl*...

P12: Depois...

[impercetível]

P12: Pronto, depois li e percebi!

P8: Até aposto que tu foste ver a capa.

P12: Força... porque... tudo em espanhol!

[risos]

P12: Fuerzas, obstáculos, desafios, amenazas. Traduzido. Claro que depois em Portugal ninguém usa! E então... porque...

P1: Porque é FODA!

P8: Claro.

[risos]

P12: O que é que em Portugal usam? Usam a terminologia inglesa.

P10: SWITCH.

P12: Que é a...

P8: SWOT.

P12: SWI... SWEET... ou...

P1: SWEET.

P8: SWOT.

P12: É, é... Strengths...

P10: SWOT que é...

P12:... strengths...

P8: Mas podes... podes, podes esperar que os...

P10: S... S-W...

P12: ... strengths, strengths...

P8: W-A-T, não é?

P10: ... A-T.

P12: É. Strength...

P10: SWAT.

P12: Strength, weakness... e depois não sei os outros dois. Pronto, não interessa!

P1: Vamos lá ver. É strength, neste caso, será forças...

P8: Não, escreve, escreve...

P12: Sim.

P8: ... análise SWAT. Para ver se...

P12: Sim, tu se escreveres no Google, aparece.

P8: S-W-A-T, para ver se não é.

P1: Para ver se...

P8: Pá, posso 'tar...

P12: Pronto!

P1: ... se... se eu conseguir... se eu conseguir que o computador funcione.

P12: E eu no departamento disse isto!

P8: Eu tinha [impercetível] conhecido e no projeto educativo, depois, daí para cá já vi...

P12: Pronto!

P14: Uma formação como... [risos]

P8: Ainda na semana passada...

[impercetível – sobreposição de vozes]

P14: Isso não se esquece!

P1: Exatamente! Garanto-te!

[risos]

P10: Uma formação... análise FODA.

P1: Análise SWOT, é isso que tu queres dizer?

P12: Sim, SWOT.

P10: Temos a... o corpo docente em peso.

[risos]

P8: Olha, [impercetível].

[risos]

P14: Olha todos a fazer esta... esta... [impercetível].

P8: Olha... aquela formação que eu fui fazer ao Porto Santo era Parar... que depois [impercetível]

P10: Para ver...

P8: Para ver... Sim. Olha!

P1: Ai tu desculpa lá! Mas eles chamam-lhe FOFA!

P12: FOFA?

P10: Ah, isso é uma forma bonita de...

P1: Oh, oh...

P12: SWOT.

P1: SWOT ou FOFA.

P10: ... para não escrever... Sim, sim.

P12: Ah, mas... mas...

P10: É a FOFA.

P12: ... mas isso porque deve ser brasileiro, porque em...

P10: Olha, desafios...

P1: Saiu no Wikipedia.

P10: Sim, porque...

P12: Pronto.

P10: ... isto em brasileiro é OBA, OBA.

[risos]

P12: A análise SWOT é na-na-na-na-na-na-na...

P10: A gente constrói a casinha, monta as coisas, na-na-na...

P12: Forças, fraquezas, oportunidades e ameaças.

P10: ... depois eles namoram... Então e quando eles próprios [impercetível] os filhos dos filhos [impercetível].

P1: É o O.

P12: Pois!

P1: Que não tem... que eles...

P10: ... ao fim de um tempo de namorarem...

P12: Não. Não. aparece...

P1: Devia ter um segundo F para aí.

P10: ... aparece lá a função de... depois de se beijarem, tás a ver? Oba, oba.

P12: Mas... mas eu posso trazer... por acaso era um livro...

P10: E eu: "Ai meu Deus!"

P12: ... que foi a minha orientadora que me emprestou e eu não tenho o livro,

P10: Fui lá ver o que é.

P12: ... mas eu tenho... tenho isso lá.

[impercetível]

P1: É, é, eles têm aqui oportunidades em vez de desafios.

P12: Pois.

P10: Pá [impercetível]

P12: Mas é. Mas pronto, mas isto...

P1: Ok. É SWOT.

P12: ... eu cheguei... Então, eu cheguei à reunião de departamento que íamos discutir as propostas para o... para o...

P1: Ai, eu 'tou mesmo o filme, desculpa lá! [impercetível]

P12: ... para o projeto educativo e ponho o meu ar mais sério e disse: “Olha, eu não concordo nada, porque não sei quê...”.

P10: Eh pá, vou rir com o I. com isto.

P12: E saio-me com a análise... Eu depois, como eu sou aquela pessoa que nunca diz palavrões...

P1: Pois [impercetível]

P12: ... caiu tudo das nuvens!

[risos]

P12: Porque, se fosse outra pessoa qualquer a dizer, outra pessoa qualquer, não, mas...

P1: Desatavam-se a rir.

P12: ... se fosse algumas pessoas a dizer, ninguém estranhava. Agora eu, que nunca digo palavrões e depois digo aquilo assim de boca aberta, para toda a gente ouvir. Olha, o P. era assim, conheço-te há vinte e tal anos e nunca te tinha ouvido dizer uma coisa dessas!... [risos]. Ele é que fartou-se de rir, mas pronto. Mas, isto tudo...

P10: Andas a ler muito. [risos]

P12: Ando a ler muito.

P8: Andas.

P12: Pois, vês... vê lá tu as...

P10: Por isso agora, vêς uma coisa...

P12: ... as coisas que a gente aprende de doutoramentos.

P8: Acho que deves meter isso... deves meter isso na introdução.

P1: Muito bem!

P12: Sim. “Fizemos uma análise...”

P10: “Fizemos uma análise...”

P12: “... segundo o modelo FODA e chegámos à conclusão...”

[risos]

P12: Era muito boa!

P8: “Fizemos uma análise sem ser FODA...”.

[risos]

P12: Não, mas era muito bom a gente pôr isso no...

P10: Lindo!

P12: ... no documento! [risos] Bem, então ficamos assim, a proposta para as aulas sem Moral, vai ter duas opções, a Filosofia para Crianças e a Hortofloricultura.

P10: Por exemplo. Ou então um grupo a ter Filosofia para Crianças...

P12: Não, mas dar aos miúdos...

P10: ... o outro na horta.

P12: ... a possibilidade de escolher!

P8: Era.

P1: Hipótese de escolha.

[impercetível]

P14: Até pode ser, meio... meio ano de uma coisa e meio ano [impercetível].

P8: Exato. Também.

P12: Também.

P1: Olha, se calhar era melhor. É uma boa ideia.

P10: Não era possibilidade de escolha...

P1: É uma boa ideia!

P10: ... porque depois muita escolha cria...

P12: Pois.

P10: Era, agora 'tão neste... [impercetível]

P12: Pronto e no primeiro... como na Tecnológica, no primeiro semestre têm...

P14: Exatamente.

P12: ... Hortofloricultura...

P14: Exatamente.

P12: ... no segundo semestre, têm Filosofia para Crianças.

P10: Ou se aquilo não for uma coisa que tenha que ter uma continuidade de uma sessão para a outra, por exemplo, esta semana 'tão... mas se calhar...

P12: Ai também pode ser! É...

P14: Pode ser!

P10: Esta semana 'tão na Filosofia para Crianças...

P8: É melhor assim, porque...

P10: ... para a semana 'tão na... na horta.

P12: Também pode ser, porque é assim, porque... porque...

P8: É melhor assim, porque, principalmente, na época das chuvas, há... há...

P12: Pois, é capaz de ser...

P1: É, não se pode ter.

P8: Não vais. É preferível assim.

P14: E também para o professor que prepara...

P8: Sim.

P14: ... já tem preparado para a semana seguinte. É uma vantagem!

P8: Sim, se tiver vinte alunos, é preferível ir com um grupo de dez esta semana...

P12: É isso! Dividir os grupos!

P8: ... para a semana leva os outros dez.

P12: Enquanto um grupo vai para a horta, o outro fica. Na semana a seguir, troca-se o grupo.

P14: Exato.

P10: Se forem trinta, é quinze-quinze, já é diferente.

P12: Pronto, troca-se o grupo.

P8: Atenção a uma coisa, este... este... isto depois convém...

P10: Temos que ampliar a horta.

P8: Não, convém que sejas tu... Não tem espaço mais que suficiente.

P10: Eu?

P8: Não, convém que sejas tu isso, a explicar-lhes calmamente ao I., para ele perceber... que ele, ele qualquer coisa que tu digas que vamos fazer aqui...

P1: Que saia fora do...

P8:... ele entra logo em paranóia!

P10: Eu digo-lhe...

P8: Olha, eles começaram lá a tirar a terra para fazer um...

P10: ... mas queres... eu vou-te fazer uma análise FODA.

P8: ... um lago para peixes...

[risos]

P1: Ele desata-se logo a rir.

P8: É, é.

P10: Fica louco, logo!

[risos]

P10: Não, que ele, quando a gente lhe começa a falar assim, ele zzzzzz, começa a baixar, que ele já não tem resposta.

P1: Ai pá, aquele gajo, às vezes, tem... sai-se com cada uma.

P10: Sim, ele... ele é uma pessoa... não vai ser fácil ele perceber isto.

P8: Não. Ele fez... ele não, não... Não, porque ele entende logo que tirar do espaço que é dele.

P10: O espaço. Não mas...

P8: Não, mas é assim... ele estava lá...

P10: ... mas pode ficar com as horas... pode ter ele...

P8: Não, ele fica lá na mesma. Ele até deve estar nestas áreas... provavelmente, até vai estar.

P1: Eu acho que sim!

P8: Que é para ajudar e colaborar e dizer assim... Mas eles fizeram lá um... uma parte, tiraram terra, andaram lá a cavar, não sei quantos, para fazer um lago. E eu disse: “Olha, a melhor forma de fazermos isto, eu corto duas paletes e fica o “coiso” quadrado”. “Não tem que ser orgânico”. ‘Tá lá há meses...

P1: Pois. E nada...

P8: ... nem peixes, nem água, nem terra. Eu disse-lhe logo...

P10: Os gajos das artes já assim... Vá!

P12: Pronto, temos as propostas prontas?

P8: Sim.

P10: Sim.

P12: Pronto, então, vamos passar ao segundo ponto, que é... avaliação do trabalho realizado, no sentido de... dizermos o que é que foi...

P8: ‘Tás a falar Espanhol?

[risos]

P12: Não.

P8: Ah não... parecia.

P12: ... no sentido de vermos... pronto...

P1: É por causa do leque. [risos]

P12: ... o que é... o que é que achamos que correu bem...

P10: Olé!

P12: ... ou correu menos bem, o que é que achamos que, depois, para o ano, para quem ficar, vamos alterar... digam da vossa justiça.

P8: Pá, menos bem, claramente, o blogue. Não... não conseguimos viabilizar.

P12: Sim, o blogue foi um *flop*, mesmo. Não, não, não funcionou de todo.

P8: Não conseguimos viabilizar a questão do... do blogue...

P12: Por acaso, noutra dia falei isso com a minha orientadora e ela sugeriu-me, eventualmente, uma página no Facebook.

P10: Mas o que é que levou, por exemplo, ao não... não...

P12: Porque as pessoas não participaram praticamente, P10.

P10: Não foram.

P8: Tu tiveste aquela fase, por exemplo, eu tive uma fase que adorava blogues...

P1: No início, exatamente.

P10: Sim, mas...

P8: Eu tive uma página há dois anos...

P10: ... no início.

P8: Não. Eu...

P10: Mas eu tinha a preocupação de ir lá, ver isto, porque era....

P8: Eu não tanto. Provavelmente, se fosse [impercetível].

P12: Mas pronto, mas por exemplo, mas as pessoas, se calhar, iam ver, mas não punham coisas...

P8: Era, era.

P1: Pois.

P12: ... e o que era... e a ideia era...

P1: Participarem.

P12: ... que aquilo fosse um espaço de discussão, no sentido de tu... pronto, eu ainda tentei fazer algumas provocações...

P8: Sim, sim.

P12: ... por exemplo, quando pus aquele texto sobre a questão da avaliação, dos mais e dos menos, porque eu pensei: “Isto vai dar... as pessoas vão reagir muito”. Não reagiram... Porque a ideia era que aquilo fosse a partir... no fundo, um espaço onde nós pudéssemos dizer aquele...

P1: Sim.

P12: ... aquelas coisas que nós também dizemos aqui ou que dizemos na sala de professores e que puséssemos ali, para partilhar e para gerar reações e a verdade é que isso não aconteceu.

P1: Não funcionou.

P12: Acabou por ser... pronto, não se gerou... pronto, tu colocaste uma... coisa interessante de um *link*, para se ver não sei o quê, a P1 colocou também, não sei quê. Mas quer dizer, aquele espaço de...

P1: Discussão mesmo.

P12: ... para exprimirmos os nossos pensamentos, acabou por não se viabilizar. E, portanto, nesse sentido... repensar se... se mantemos o blogue e vamos tentar dinamizá-lo melhor para o ano... ou se opta... eu, eu, por exemplo, eu em relação às páginas do Facebook, a minha questão com o Facebook é que assim, as coisas no Facebook, depois... por um lado, tem mais visibilidade, porque toda a gente, hoje em dia, praticamente, usa o Facebook, não é? Mas, por outro lado, eu tenho isso até a experiência com a minha página, que é, tu hoje publicas uma coisa e enquanto que no blogue, as coisas estão muito organizadas e tu podes ir ver...

P1: Ah sim, depois perdeste para ir à procura.

P12: ... uma publicação de há seis meses.

P1: Agora... é isso.

P12: Eu, por exemplo, eu, eu publico uma receita hoje e daqui a um mês, se eu tiver publicado...

P1: Tens que ir até ao...

P12: ... vinte receitas, eu para ver aquela receita, eu vejo-me grega, porque aquilo...

P1: Sim, sim, sim.

P12: Eu acho que... mas...

P1: Eu percebo-te.

P12: Mas pronto! Mas não sei, para o ano, podemos... também é assim... vamos ver se o grupo se mantém, se aumenta, se diminui... e depois, se calhar, decidir isso para o ano. Mas que, de facto, a questão do blogue não funcionou, não funcionou.

P8: Não.

P12: E, portanto, se calhar, ou fazer de conta que ele não existe, que apagá-lo não é possível, porque nada se apaga da internet, não é?

P8: Não, mas eu penso... eu penso que a... há malta [impercetível], eu, por exemplo, às vezes, “coiso”, aquele blogue Sem Regras, que agora também eles sentiram necessidade e criaram uma página no *Face*. Os gajos lançam temas e têm lá mesmo malta a escrever, o Paulo Guinote e outros gajos que é mesmo pessoal...

P12: Eu sei.

P1: O Com Regras?

P8: ... que passa a vida... Sim.

P12: Sim, eu sei.

P8: Que são temas fabulosos e que, às vezes: “Eh pá, apetecia-me postar isto”. Mas... só que o trabalho do tipo do teres que... que abrir o blogue e não sei quantos e copiar... [impercetível]

P8: ... Não é tanto o... o manifestar a opinião, que isso até dava-me algum gozo... Eu, muitas vezes, ia metendo...

P12: Ouve, mas... mas ir ao blogue não dá trabalho nenhum, P8, então é meteres a *password* e aquela coisa.

P8: Pois, mas e depois o texto, tirar o texto do... do blogue... neste caso, no blogue deles, que eu vejo-o sempre no Facebook. Tens que abrir...

[impercetível]

P12: Ah, mas ‘tás a falar de... ‘tás de falar de pôr coisas de outras pessoas. Mas eu quando digo, é...

P8: Não, não, no sentido, se... tivéssemos um *Face*, o que é que eu ia fazer? Ia postar no... no... portanto...

P12: Sim.

P8: ... da página deles ia postar no... Mas já ia... a introdução era...

P12: Sim.

P8: ... era minha...

P12: Pronto, ‘tou a perceber.

P8: Era... é a minha opinião sobre aquele tema...

P12: Sim.

P8: E provavelmente até nem metia o texto tudo, metia só uma parte...

P1: Só um extrato.

P8: ... e dizia: “Oh pá, concordo com isto, não concordo com isto, acho que é uma estupidez...”.

P12: Sim.

P8: ... ou não sei quantos. Mas...

P12: Sim, eu ‘tou a perceber o que tu *tás* a dizer, mas... e... e acho que isso pode ser interessante, mas, quando nós criámos o blogue a ideia era exatamente isso...

P8: É, é.

P12: ... era que o blogue fosse o nosso espaço, para exprimir as nossas ideias. Portanto, não é tu ‘tares a comentar sobre o texto do Paulo Guinote ou sobre o texto do não sei quê.

P8: Sim, mas, às vezes, quando tu ‘tás a ler...

P12: É tu, P8, tu tens uma opinião sobre este assunto, por exemplo, sobre a avaliação dos miúdos ou sobre a escala de avaliação, ou sobre como é que são tratadas as questões disciplinares na tua escola, ou isto ou aquilo e tu pões ali o teu pensamento em cinco ou seis parágrafos...

P8: Sim, sim

P12: ... de forma a sustentar as nossas reações, ‘tás a entender?

P8: Mas, às vezes... às vezes, tu quando tu ‘tás a ler esses documentos do blogue deles, ajuda-te, eh pá, acabas... que é verdade...

P12: Sim.

P8: Por exemplo, uma questão até que gostaria de colocar aqui, que, na altura, eu disse que ia postá-la e que acabei por não meter, que era, vamos só a uma situação prática, que era... que é importante que nós... vamos imaginar nestas... nestas aulas que nós vamos assistir, que um de nós – eu estou a assistir a uma aula ou vocês estão a assistir a uma aula minha – e eu... ou digo um palavrão ou... ou, por azar, tenho uma atitude agressiva... bato num puto. Qual era a atitude que a malta tomava? Normalmente, nós fazemos uma análise da aula e, depois, quando estamos aqui, em grupo, fazemos novamente em sala. Eu, eu gostava de tentar perceber era, quantos de nós eram capazes de depois da análise que fazemos aqui... de falarmos dessa situação? Nessa ocorrência.

P12: Mas, atenção, P8, aí não te esqueças de uma coisa, que é um compromisso que nós assumimos desde o início do ano passado...

P8: Claro, claro.

P12: ... que é assim...

P8: Não, eu estou a falar dentro daqui.

P12: ... as partilhas, aqui, são só daquilo que as pessoas quiserem partilhar.

P8: Exatamente.

P12: Por exemplo, eu vou assistir à tua aula, tu dás um bofetão num aluno e eu, primeiro ponto, é que é assim, eu ‘tou obrigada ao sigilo...

P8: Claro, claro.

P12: ... nem sequer para ir dizer à Direção Executiva. Percebes?

P1: Pois.

P8: Pois. Mas a questão coloca-se... a partir...

P12: E... e eu posso chegar aqui e tu podes-me dizer assim: “Olha, P12, podes falar à vontade da situação do chapadão”.

P8: Agora, imagina-me uma coisa...

P12: Ou podes-me dizer assim...

P8: Ok.

P12: ... “Olha, eu não quero conversas sobre o chapadão”. E é assim, eu não posso mesmo falar do chapadão.

P8: Agora, imagina-me uma coisa, imagina que o pai daquela criança mete um processo ao colega e faz referência que o professor tal é testemunha, porque estava na aula.

P12: Isso aí já outra questão.

P8: Não, é que em tribunal tu não podes evocar o...

P12: Então, mas... ouve, mas a... por isso eu te ‘tou a dizer que aí é outra questão...

P8: Pois...

P12: ... que é assim, se eu for arrolada como testemunha, eu aí tenho que ir e tenho que dizer o que vi.

P8: Sim, sim, sim.

P12: Isso é uma coisa.

P8: Ok.

P12: Outra coisa é, não há processo, não há nada, aquilo passou-se dentro das quatro paredes da tua sala de aula e o compromisso que nós temos uns com os outros, de início, é que aquilo que nós observamos na sala dos colegas, fica entre nós. E eu só partilho aquilo que eu quero partilhar. Eu vou assistir à aula da P1 e a P1 diz-me: “Podes partilhar à vontade tudo o que viste”. Ou quando a gente faz a – por acaso, *na...* acabámos por não fazer, não fizemos a conferência pós-observação e a conferência pós-observação é importante por muitas coisas e também por essas – que é a P1 dizer-me assim: “Olha, este incidente assim, assim, eu gostava que tu não te referisses a ele”. E... percebes?

P8: Sim, sim.

P12: Porque há aqui um compromisso de sigilo.

P8: Sim, mas o... a minha própria questão é exatamente isso.

P12: Que é aquilo que nos permite irmos à vontade para as salas uns dos outros, porque é assim...

P1: Senão...

P12: ... porque se eu... se eu... se eu imagino que tu...

P8: Não, eu...

P12: ... vais à minha aula...

P8: Sabes porque é que eu digo isto? Eu digo isto, porque, várias vezes, lá fora – não é várias vezes, porque também não são assim tantos – mas tenho... eu, por exemplo, já até... tive pelo menos, situações de duas... de duas colegas de virem pais assim a falar. Eh pá e até em casos até de, neste caso, do segundo ciclo, virem dizer: “Eh pá, não sei quantos, o puto chegou a casa, reclamou-me do professor tal e não sei quantos”. E eu... eu digo... nos dois casos disse: “Olha, eu sinceramente já estou cá há vários anos e lá dentro nunca ouvi falar que o... que o colega... que for... tivesse atitudes agressivas, nem... nem nunca ouvi sequer qualquer...”. Mas é que não ouvi mesmo! Por isso, eu penso que é melhor analisar bem essa situação...

P14: Uma atitude agressiva...

P8: ... porque pode ter sido uma atitude de... oh pá, eu também passo-me com os putos: “Anda lá! Mexe-te!”. E não sei quantos. Pode ter sido uma atitude desse tipo, agora, se... se são em sentido de agressivo, não... eu, se me perguntares, eu digo que é mentira. Os...

P14: Uma atitude agressiva, pode ser um...

P8: Não, não, não. Não.

P12: Pode ser um berro...

P14: ... berrar... Exatamente.

P8: Não, não, não, não. Estes dois casos...

P12: Pode ser um... Olha, eu...

[impercetível]

P12: ... uma vez, eu, eu tive esta situação [impercetível].

P8: Não, estes dois casos, foram situações me relatadas, foram situações de agressão e curiosamente, mais tarde, recentemente, vim a saber que houve uma situação que até teve que ser...

P12: Então, e...

P8: ... relatada ao órgão de gestão... porque realmente se estava...

P12: Então e naquele aviso que a gente assinou, também vinha a questão da agressividade, vinha lá um...

P8: Não, mas não 'tou a falar disso... não sei se...

P12: Não se lembram?

P1: Sim, sim.

P8: Não...

P12: Tinha uma referência qualquer, que não era permitido...

P14: Tinha. Acho que era em termos vocabulários.

P12: Era, mas era qualquer coisa assim.

P14: Os miúdos [impercetível]... já me perguntaram isso fora de... das aulas... Se aqui... se costuma...

P10: Porque...

P14: ... usar vocabulário muito...

P10: ... esta ano, este ano...

P14: impróprio para dentro da sala de aula.

P10: ... eu, como foi uma coisa que eu nunca... e aqui enquanto professora aqui, no segundo ciclo, nunca vi, nunca ouvi, nem nunca senti tanto isto. Os miúdos com tanta queixa de... tão sensíveis.... pela forma como o professor fala, porque... pela forma... se calhar, aquilo é uma forma do professor falar e eles levam aquilo logo como... se calhar, se eu disser, é a forma como eu digo, não... levam... não sentem. Dito da ou... por outra pessoa, se calhar, sentem mais. Ouve, eu também senti... houve essas queixas, essas perguntas...

P14: Já me perguntaram isso fora, fora...

P10: ... esses nomes, dessas coisas... não sei.

P14: ... em termos... amigos...

P12: Pois, eu acho que... eu... eu...

P14: ... amigos... se se costumava fazer isso.

P12: Eu acho que havia aí...

P14: E eu: “Que eu saiba não!”.

P12: ... alguns pais muito sensíveis, se calhar, até mais sensíveis que os próprios miúdos.

P14: Mas quem me disse nem sequer tem aqui filhos.

P12: Pronto.

P14: Mas...

P12: E eu não tenho conhecimento de nada, mas lembro-me que, nesse aviso, veio uma referência...

P1: Já não me lembro...

P14: Veio.

P1: ... especificamente o que era mas...

P12: E eu... e pá, eu acho que até...

P14: Era em termos verbais...

P12: E eu que até... eu acho que até e termos...

P10: Era uso do vocabulário.

P14: Era.

P12: Só vocabulário.

P14: Impróprio.

P12: Porque eu depois eu sei...

P1: Era.

P12: ... eu sei que eu, depois, eu cheguei a casa, nesse dia, que eu fiquei varada de andar a assinar aqueles avisos e... o F. [PCE] confirmou que parecia que havia um... um... alguém, no segundo ciclo, que chegava a roupa ao pelo aos pequenos.

P10: Ai, ele confirmou mesmo?

P8: Sim.

P12: Acho que...

P10: Porque houve outra situação, por exemplo...

P8: Sim, porque essa situação foi relatada...

P10: ... que...

P8: ... recentemente. E eu... eu digo-te e foi um dos casos que foi falado há tempos, eu disse: “Olhe, eu sinceramente...”.

P1: Eu fiquei parva, realmente, fiquei parva, nunca...

P8: “... dessa situação...”.

P12: Eu não sei quem é! Nem quero saber, que até prefiro.

P8: Não, ouve, a questão do vocabulário, eu sei um colega meu que andou a fazer comentários num... num determinado departamento que eu usava vocabulário... menos correto. Eu digo: “Oh pá”. Uso... “o caraças”, uso. “Porra”, uso. Se isto... eu cheguei a ir perguntar ao P7: “Olha, caraças, porra e isso assim é... é falta de...”.

P10: Mas uma coisa é tu ‘tares a dizer caraças e porra, assim. Outra coisa é tu dizeres...

P8: Não, dirigido ao aluno nunca o digo, é mais...

P10: Burro...

P8: ... refutação... Não, não, isso...

P10: ... tonto, palerma...

P8: Esse tipo de coisas, não...

P1: “Vocês nunca hão de ser nada”.

P10: ... fora... Pá, há miúdos...

P1: “Vocês nunca vão...”.

P8: Não, esse tipo de coisas, não. O que eu fiz...

P10: ... há miúdos que não estão...

P14: [impercetível] pois não.

P10: ... habituados a esse tipo de... de vocabulário.

P12: Oh P10, nem eu acho que isso seja correto.

P10: O meu filho...

P8: ... Eu não uso isso. Não... recuso...

P10: ... algumas vezes, queixou-se...

P8: Não e acho até que é deselegante.

P10: ... da forma como eram tratados.

P8: Não, isso, isso é deselegante.

P10: E eu: “O dia que te tratarem a ti, que te chame... foi a ti... foi a ti que te chamaram, foi assim...”. “Não, não foi diretamente a mim, mas...”. Eu assim: “Então, o dia que te tratarem a ti, tu falas com o pai e com a mãe”.

P8: Claro, claro.

P12: Claro.

P12: “E a gente aí logo vê. Até lá... vamos ver”.

P14: Mas olha que eu *tava* na...

P10: Agora, também houve uma situação – desculpa, P14 – de bater, que o miúdo vai e diz que a professora... lhe bateu e que eu também fiquei assim... por favor...

P14: Mas olha que não...

P10: Nestes anos todos aqui, nunca vi tal atitude.

P14: P10, no décimo segundo ano...

P12: Não, mas isto não foi aquele caso... não foi o mesmo caso. Penso que ‘tás-te a referir à situação que... que aconteceu no teu...

P10: Foi o meu colega, sim, sim.

P12: Pronto. Não, mas não foi.

P10: Sim.

P12: Não, não, não, não. Não. E acho que era mesmo uma situação recorrente.

P1: Recorrente.

P14: Mas no décimo segundo ano, eu tive um professor de Matemática, que se virou para um colega meu e que lhe disse que estava a passar de cavalo para burro.

P10: Para burro.

P14: E aquilo... chocou! E tava já no décimo segundo ano. Achei que o professor foi...

P10: Mas, se calhar, foi a forma...

P14: ... não...

P10: ... como ele ‘tava a dizer: “Oh rapaz, tu assim...”.

P14: Que ele ‘tava a descer...

P10: “... a falares assim, ‘tá...”. Ah, sim, pronto.

P14: Mas... mas eu não gostei.

P10: Claro.

P14: Quer-se dizer... de cavalo para burro...

P10: Sim, sim, lá está, é a forma de se falar.

P14: E ‘tava no décimo segundo ano.

P12: Pronto. Isto há sempre...

P10: De dizer as coisas.

P12: ... muitas... é assim, há... oh pá, eu já uma vez...

[impercetível]

P10: Nós não temos o direito de rebaixar...

P12: Sim.

P8: Mas sabes que eu...

P10: ... as pessoas... os miúdos, assim.

P12: Claro.

P14: Eu não sei se ele diz aquilo a ele, também me pode dizer a mim.

P8: ... [impercetível] e depois vieram-me falar e eu disse...

P10: “Tás a ver porque é que eu digo, às vezes... o...

P8: ... “Mas, como é que este gajo veio-me com esta história...”. Eu: “Espera aí, o filho dela é meu aluno”. E até uma das pessoas que estava no departamento disse: “Olha...”.

P10: ...passar assim para outro ciclo, é preciso eu ter em conta a linguagem para o ciclo que se dá e que não é bem a mesma coisa. É... às vezes é com isso...

P12: Eu acho que também tem muito a ver com a maneira como tu dizes as coisas...

P8: "... conheço o P8 e nunca ouvi tal coisa, nem..."

P10: Sim.

P12: ... porque os miúdos também percebem quando tu 'tás a dizer uma coisa...

P8: Eu fiz questão de eles escreverem aspetos positivos e aspetos negativos...

P12: ... sem maldade e quando tu 'tás a dizer uma coisa com... com intuito de agredir.

P10: Sim, sim, sim.

P8: ... e a folha do filho dele até ficou comigo, para eu perceber se...

P12: Os miúdos são muito sensíveis a isso. Eles percebem isso.

P10: Eu, às vezes, sai-me qualquer parvoíce ou qualquer coisa, eu disse: "Olha, mas tu 'tás a ser parvo? 'Tás... 'tás parvo ou quê?".

P8: ... e não fez nenhuma referência, inclusive até dizia que achava que era muito tolerante em relação a determinadas atitudes de alguns colegas...

P12: Eu também! Eu, às vezes, também digo.

P10: Com essa atitude ou porque bateu: " "Tás parvo?".

P12: E, às vezes, digo...

P8: E eu...

P12: "Eu, qualquer dia, vou pedir é para ir para os NEEs e...".

P8: Só se o gajo viu-me no corredor e ouviu-me a dizer o caraças e o porra.

P12: Pá, mas os miúdos sabem que não é uma coisa ofensiva para eles. No entanto, olha, vou-te dizer, eu tive uma situação muito engraçada...

P10: Agora, se chamar de tonto, de palerma...

P12: ... sem ter graça nenhuma. Oh pá, depois da morte da...

P10: ... de [impercetível]

P12: ...minha mãe, eu fiquei um bocado... pronto...

P8: Até, inclusive, há disse a uma aluna...

P12: E... e houve uma vez que um miúdo do oitavo ano...

P8: [impercetível] mesmo isso, aqui dentro é aluna.

P12: ... eh pá, eu... qualquer coisa e eu ralhei, mas devo ter ralhado de uma maneira, que miúdo diz-me assim: “Professora, a Professora está com um ataque de agressividade!”. E eu, realmente... E depois, já passado muito tempo, mas muito tempo... não sei o que é que ele fez e eu disse: “Olhe, depois não diga que eu tenho ataques de agressividade”. Ele disse-me assim: “Ah, mas a Professora nunca mais teve”. Eu disse: “Pois não, olhe isso foi uma altura difícil da minha vida, mas já passou”. [risos] Mas, quer dizer... a gente, às vezes, mesmo sem querer...

P1: Sai.

P12: ... eu não disse nada de especial, não... não disse nada que ofendesse o miúdo, mas eu disse aquilo de uma maneira, que o miúdo... percebes?

P1: Percebeu... sentiu.

P12: Coitado do miúdo, não tinha culpa nenhuma que eu andasse... desparafusada, não é? Mas a verdade é que, às vezes, as coisas também... pá, a gente também não controla tudo, não é?

P1: Somos humanos.

P12: Mas a partir...

P1: [impercetível]

P12: ... mas... mas... mas... mas pronto.

P8: Pois, mas as pessoas se soubessem [impercetível]... Oh pá e quer dizer... se eu tiver presente é óbvio que depois tem a questão... tal como tudo que se passa nas reuniões, fica nas reuniões...

P10: E essa questão do bater...

P12: Mas é assim...

P8: Mas eu sou aquele tipo que sou capaz de ir para casa e não durmo... por causa daquela situação. Oh pá e agora?

P10: Olha...

P12: Mas oh P1, eu depois do miúdo me ter dito aquilo, eu passei a ‘tar muito mais...

P1: Mais atenta.

P12: ... percebes? Porque eu... porque eu percebia que... oh pá, qualquer coisa me irritava... eu andava... eu se ‘tivesse a descascar uma batata e a batata me caísse da mão, eu começava a chorar, parecia que me tinha morrido a família toda. Portanto, ‘tás a ver, quer dizer, dentro de uma aula e mandas calar...

P8: Gajas... gajas...

P12: ... e não sei quê, ta-ta-ta... Gajas, é terrível! E então com esta minha idade, que já anda aqui tudo aos pulos, ‘tás a ver. Ainda pior um pouco. É tudo junto. Resumindo, eu depois passei a ‘tar muito mais atenta à minha maneira, quando ralhava com eles, porque pensava: “P12, vai com calma, que ralhar é uma coisa...”. Mas aquilo saiu-me sem eu querer. Mas o próprio miúdo, depois, também, foi o primeiro a dizer: “Ah, mas a Professora, depois, nunca mais teve”. Como quem diz aquilo.

P10: Claro.

P12: Agora, a situação que eu ouvi, que eu não sei com quem é nem me...

P10: Agora, passar-se lá para fora... isso é levado pela boca dos miúdos que estão dentro de turmas, que os professores batem ou que batem com os estojos na cabeça ou que chamam nomes ou que mandam para aqui... ou que tratam assim, acho que é muito mau...

P8: É mau, é.

P12: Pois.

P10: ... para a imagem...

P8: É mau.

P10: ... de toda a gente.

P12: É. Não, isso também não tenho dúvida nenhuma que é mau.

P10: E é preciso... ter cuidado com a linguagem.

P12: Isso também não tenho dúvida.

P14: Olha, eu... eu não sabia de nada.

P1: Eu também não. Sinceramente...

P14: Ela perguntou-me, eu disse: “Olha, que eu saiba...

P1: Nem sei...

P14: "... não se passa nada disso. Pelo menos, na minha aula, que eu saiba... se eu disse alguma coisa, foi sem..."

P10: Agora, que notou-se aqui que há aqui um conjunto de gente sensível... assim, se calhar, um bocadinho demasiado sensível, também se notou.

P8: Há! Isso há.

P12: Eu acho que há, P10...

P10: Sim.

P12:... porque, olha que...

P8: Eu também acho que sim.

P10: Há!

P12: ... eu cheguei a ouvir, uma vez, um comentário que eu não gostei nada e até tive pena de ter que sair do sítio onde estava, porque pensei: "Eu agora ficava aqui mais dez minutos, se calhar, também ainda ouvia alguma de mim, que tu não me *tás* a ver...". E às tantas também...

P10: Ai... se era... aliás, às vezes também me acontece...

P1: Pois.

P10: ... ou pessoas 'tão a falar, porque sabem que eu 'tou ali, sabem quem eu sou e é para eu ouvir.

P12: Exatamente.

P10: Ou então não sabem realmente quem eu sou...

P12: Exatamente.

P10: ... e deviam de estar era caladas.

P12: E... eh pá, e eu não gostei de ouvir aquilo, porque é assim... pá... não gosto, não gosto de... de ouvir certas coisas sobre os colegas, mesmo que não...

P8: Oh P12, oh P12... eu lá fora...

P12: ... seja uma pessoa da minha amizade... Eh pá, acho que 'tar a perguntar...

P8: ... eu juro que não conheço nenhuma situação de agressividade, no sentido de agressão mesmo...

P12: ... a um professor: “Então, para o ano vais ficar com ano tal? Ai Deus queira que sejas tu, porque ‘tamos muito mal servidas”. E eu assim: “Oh pá...”.

P8: Não conheço uma situação.

P12: “... pata que a pôs, quer dizer...”.

P10: Pois. Pois.

P12: Acho que é assim, mesmo quando, às vezes, há certas situações, pá, se calhar, as situações também não vêm do nada!

P8: Claro.

P12: Porque, também... olha, eu digo-te uma coisa, que tive uma situação este ano com um aluno – e a P15 hoje não ‘tá aqui, mas foi testemunha disso, que foi numa aula que ela foi assistir – que eu tive um aluno que, só porque ficou com uma determinada colega no grupo, amandou-se para o chão a espernear! Parecia um... catraio de três anos!

P10: Olha, se calhar, foi o mesmo que me disse a mim, no último dia de aulas...

P12: Que eu só me apeteceu encher-lhe a cara de bofetadas!

P8: Não.

P10: “A Professora, às vezes, mete-me um nojo...”.

P12: Não, porque não tens a turma, amor.

P10: ‘Tá bem, pronto, então não foi.

P12: Era na turma do teu filho. [risos]

P10: Ai foi?

P12: Foi na turma do teu filho. Não foi o teu filho! Mas... e eu aquilo... bem, mas, também, ele ouviu... eu acho que o que ele ouviu, ele vai-se lembrar até ao dia da morte dele...

P10: Exatamente, essas coisas têm que ser logo ali.

P12: ... das coisas que eu lhe disse. E aí, digo-te, em certas situações, aí não tenho pruridos nenhuns. Se eles... não tenho pruridos que os meninos fiquem ofendidos, porque é assim, um aluno que tem uma atitude destas, tem que ouvir duas ou três que lhe toquem lá bem no fundo.

P10: Claro que sim!

P12: Porque, se o aluno também não se sentir...

P10: Agir ali [impercetível].

P12: ... acha que tem o direito de continuar a rebaixar as pessoas.

P10: Sim, sim, claro.

P12: Eu disse-lhe: “Mas quem é que você é? Mas você aqui é mais que os outros? Você é o quê?”.

P10: É.

P12: “Olhe, eu se trabalhasse só com os alunos que gosto... em vez de três turmas, tinha uma com três alunos”. E só disse...

P10: Claro.

P12: “E você não ‘tava lá...”, porque, pronto, porque achei que já era dizer demais.

[risos]

[impercetível]

P12: Percebes? Pronto.

P8: E ganhavas o mesmo.

P12: Oh pá, ‘tá bem, mas pronto, mas depois...

P8: E quem é que ia trabalhar com os outros alunos?

P12: Ai, ias tu!

P8: Eu?

P12: Tu ou a *Balbina*!

[risos]

P8: Eu não sou de... de História.

P12: Mas... mas, quer dizer, aquilo caiu-me muito mal digo-te. E, no entanto... depois é assim, os professores é que são cheios de defeitos.

P10: Claro.

P12: Porque os meninos são... os meninos são extraordinários. E eu até te digo, até gosto do gaiato...

P8: Não, mas eu coloquei... eu coloquei a pergunta num sentido, eu tenho a certeza...

P12: Não tenho... pronto...

P8: Eu tenho a certeza que a primeira coisa, ia ter ao pé de alguém...

P12: ... até gosto do gaiato, não é nenhum...

P8: a perguntar: “Olha, o que é que eu faço?”.

P12: ... não é... pronto. Mas é assim, mas que é um miúdo que às vezes...

[impercetível]

P12: ... é difícil, é! No entanto... o menino é um suprasumo da barbatana e... e os professores é que são todos muito defeituosos.

P8: Mas, oh P12, mas esta questão...

P10: Já está um problema aí nessa turma...

P8: ... tem duas... tem duas...

P10: ... que devia ser trabalhado.

P12: Pois, pois.

P10: É que com todos.

P8: Mas esta questão tem duas... duas leituras, que é: “Ok, eu concordo com tudo o que tu disseste, ok”. “Eu assisti à situação”, o colega diz, também. Entretanto, há um processo não sei quantos. Mas, entretanto, se for o aluno a mandar um professor para o badagaio, para o processo ODAS... [risos] ou... ou o colega...

P12: Ai não acontece nada!

P8: ... ou o colega faz uma participação e ele mete lá o meu nome como... como eu ‘tava a assistir à aula. E eu já por uma questão de simpatia, provavelmente, vou lá em baixo e digo que é verdade, que o aluno que... que era para o professor ir para... para o não sei quantos. ‘Tás a perceber? A posição que nós ‘tamos? Quer dizer, um colega teve uma atitude incorreta com o aluno e eu aí uso o sigilo e não sei quantos e respeito...

[impercetível]

P12: Mas também podes usar o sigilo no...

P10: Mas espera...

P12: ... no lado inverso!

P8: ‘Tá bem...

P12: Porque o que eu te digo é assim, a partir...

P8: Mas quê? Chamam-me lá em baixo, ao gabinete...

P12: Oh P8, mas a...

P8: ... como testemunha...

P12: Então, mas aí...

P8: ... e eu vou dizer: “Não posso falar”.

P12: Mas aí... mas eu, há bocado, também te disse...

P10: Olha [impercetível]

P12: ... se houver um processo e tu fores chamado como testemunha, tu não podes negar-te a testemunhar.

[tosse]

P12: Agora, isso é uma coisa. Outra coisa é, eu assisti a uma coisa, que acho que não é correta ou assisti a um...

P8: E dizes ou não à pessoa... depois da análise pessoal.

P12: É assim... Ai isso... ai isso, acho que digo!

P10: Sim, então mas...

P12: Por exemplo, se me acontecesse um episódio, de eu ir...

P10: ... até para acontecer isso, é porque a situação *tava*...

P8: Sim. Não, mas eu disse que...

P10: ... para lá de desgovernada, não?

P12: Repara!

P8: Sim, mas não ‘tou a falar...

P12: P8!

P8: ... só de... da situação de agressão. Pode haver uma outra situação...

P12: Pronto, mas repara, eu vou a uma aula...

P8: ... que eu discorde ou que ache que... Por exemplo, essa história que tu ‘tás a dizer, por exemplo, eu nunca fui a nenhuma aula... se fosse uma aula de ver um colega... ou... ou gostaria que, se algum dia me vissem chamar um aluno de palerma ou de tonto, me dissessem: “Pá, olha P8, não concordo com...”.

P12: Mas oh P8, é isso que eu te ia dizer...

P8: Ou outro tipo de coisa, não...

P10: E então?

P12: ... eu vou a uma aula e eu tomo nota daquilo que eu acho que são as ocorrências significativas, não é?

P8: Sim, sim.

P12: Portanto, as que são... significativas pela positiva, como as que são pela negativa. Quando eu faço a conferência pós-observação com o colega, eu refiro-me a todas elas. Claro que eu acho que há algumas que a gente tem que ter alguma delicadeza, porque imagina, por exemplo, que eu vou a uma aula de História, porque é a minha área, não é? E que oiço o colega a dizer que... o condado Portucalense foi fundado em 1098 e não foi, foi em 1096. Eu, quando for, eu não vou dizer ao colega: “Eh pá, tu aqui deste uma “ganda” calinada!”.

P8: Não.

P12: E assim: “Olha... se calhar, na próxima aula era melhor que tu aqui, não te apercebeste, mas enganaste-te”. Pá...

P8: Claro, é a mesma coisa, só que dito de outra forma.

P12: ‘Tás a perceber?

P10: Mas... mas... o objetivo disto é isso... não é?

P8: O objetivo também passa por aí... claro, claro.

P12: P10! Exato.

P10: Não é só ir para lá e dizer, depois, o que é que foi...

P12: Claro!

P8: Claro, claro...

P8: ... bonito e o que é que correu bem.

P12: Que foi tudo maravilhoso! Claro!

P10: Não é? Porque senão...

P12: Mas é isso que eu 'tou a dizer. Eu tomo conta destas ocorrências e compete-me fazer... dar *feedback* ao colega. Claro que quando são coisas que não são... quando são as tais ocorrências pela negativa, eu acho que a gente tem que ter alguma sensibilidade e alguma diplomacia.

P8: Sim, sim, sim.

P12: E tem que se pôr, também, um bocadinho no lugar do outro e não é dizer: "Olha, tu disseste uma bacorada". Ou: "Tu cometeste um erro". Pá, não: "Olha, deves... devias...". Eh pá, porque acontece. A mim também já me aconteceu, uma vez tive uma aula inteira a falar do D. João VI e depois é que eu disse aos pequenos: "Não... oh, vocês desculpem, onde eu disse D. João VI, é D. João IV". [risos] Era só dois de engano, não era nada de especial, mas pronto.

P10: Mas isso acontece.

P14: Mas não era mesma pessoa!

P12: Eh pá... Nem pouco mais ou menos, não é?

P8: Mas oh P12...

P12: Mas é assim...

P14: Não sei [impercetível]

P12: ... a gente engana-se e eu acho que aí tem que haver... pronto!

P8: Claro.

P12: E depois também acho que tem a ver com o grau de cumplicidade que tu tens com a pessoa, se calhar, eu contigo 'tou à vontade para dizer as coisas de uma maneira, com outra pessoa...

P8: Sim, sim, sim.

P12: ... 'tou à vontade para dizer de outra. Pronto. Aí... agora, o que eu digo é, fora disso, fora da minha conferência contigo, se tu me disseses assim: "Olha, P12, eu

quando formos para a reunião, eu não gostava que tu falasses daquele engano que eu tive, daquele engano científico que eu tive". Eu não tenho que vir para aqui dizer...

P8: Não, não...

P12: "E depois o P8 teve aqui um engano e depois..."

P8: Pois, mas a minha pergunta ia mesmo nesse sentido...

P12: Percebes?

P8: ... que é...

P12: Não, mas isso eu acho...

P8: ... tentar perceber qual é a postura que nós temos e que devemos ter, o que é que cada um faria, porque nós somos todos diferentes.

P12: Agora, o que eu acho que é assim, para mim isso já 'tá implícito desde o ano passado, que as pessoas sabem que 'tão...

P8: Não, não depois falando desse sentido, aquilo... quando eu pergunto é no sentido, nós todos temos personalidades diferentes... e portanto, era tentar perceber que atitude é que as pessoas têm perante uma situação destas, não... não é no sentido de...

P12: Bem, eu aí acho que é assim...

P8: ... até porque não há remédios para tu... para nada...

P12: Pronto, eu aí acho que é assim, a atitude vai variar muito de... de uma série de coisas, até da relação que tu tens com a pessoa, porque, sei lá, eu, eu contigo 'tou à vontade para falar de uma maneira, com a P1 'tou à vontade para falar de outra, com ela 'tou à vontade para falar de outra, com ela de outra, com a P6 de outra, com a P15 de outra... Não...

P8: Falas com todos.

P12: Falo, falo com todos. Mas... não 'tou... mas não tenho o mesmo à vontade com todos...

[risos]

P12: Eu com a P1, conheço-a há trinta anos. A ti conheço-te...

P8: Gostava... gostava de ter o teu horário.

[risos]

P12: Pronto. Portanto, é diferente, não é? Mas eu acho que devemos procurar ser honestos...

P8: Claro.

P12: Porque é assim, se eu vou assistir... ou se... uma pessoa vem assistir à minha aula e depois no fim só me diz que eu sou: “Ai, foste extraordinária e maravilhosa e linda e ta-ta-ta e ta-ta-ta”. E eu não tenho defeitos, eh pá, é assim... numa aula inteira, há sempre qualquer coisa que a gente... pode sempre fazer melhor...

P8: Claro.

P12: ... mesmo que não tenha feito mal, pode sempre fazer melhor e, portanto, eu posso sempre dizer: “Olha, eu acho que, se calhar, em vez de fazeres o sumário no início, tinha mais lógica fazeres no fim”. Ou: “Em vez de fazeres o sumário, se calhar, até nem tem importância nenhuma e acho que dás muita importância ao sumário e... se calhar, aquele tempo que *tás* ali com o sumário, podias aproveitar para fazer outras coisas”. Quer dizer, acho que é isso que... porque se... se é só para me dizerem que eu sou maravilhosa, então não é preciso a gente andar a... ocupados. Porque, a ideia aqui é nós melhorarmos o nosso desempenho a partir de um olhar externo, não é? Mas acho que as coisas têm que ser ditas de forma adequada e acho que nunca podemos perder de vista a questão do sigilo...

P8: Claro.

P12: ... que é assim, por muito que uma coisa me tenha ficado aqui engasgada, *eh pá*, não posso falar dela. A não ser com a própria pessoa, por muito amiga que eu seja, imagina que eu fui à tua aula e assisti a uma cena que me chocou e eu sou muito amiga da P1 e tenho muita confiança com a P1 e sei que a P1 não vai contar ninguém e digo: “Ble-de-be-du, ble-de-be-du”. Pá...

P8: [impercetível] P12.

P12: ... aí acabou.

P8: Nem punha a questão nessa... nesse ponto.

P12: Pronto. Aí acabou. Mas, pronto. Voltando à questão do blogue e do Facebook, penso que isso é uma coisa que depois, se calhar, para o ano temos que rever, mas,

também, pronto, de facto, este ano o blogue não correu bem... depois para o ano o grupo que ficar... logo se vê se quer continuar, se quer... mudar para Facebook, se mantemos as duas coisas... mas penso que, de facto, este ano, o balanço do blogue não é... não é positivo, não é?

P8: Um outro aspeto que eu considero negativo foi que com alguns colegas não... não... a questão dos horários serem incompatíveis. [impercetível]

P12: Pois, mas isso já é uma coisa que não depende de nós, não é?

P8: Sim. Não. Passa-nos ao lado, não possível...

P1: Pois.

P12: Embora...

P8: Eu com a P6...

P12: ... é assim...

P8: ... não ia assistir a uma aula, porque a P6 trabalha com o apoio.

P12: Pronto.

P14: Pois é.

P8: Embora assistisse, por acaso...

P14: Exatamente, por a mesma razão, eu não fui...

P8: ... 'tava lá a pintar...

P10: Também nunca fui por causa disso.

P12: Mas é assim...

P8: ... 'tava lá a pintar bandeiras e ela a trabalhar com ele. Mas não...

P12: Eu, eu tenho ideia... posso, se calhar, 'tar enganada, mas eu acho que nós, o ano passado, apesar de sermos mais...

P10: Conseguimos melhor...

P12: ... conseguimos-nos organizar melhor para as assistências às aulas.

P14: Eu acho que nos falhou aí.

P12: E eu acho que, se calhar, esta coisa de termos ficado...

P8: Não fomos tão dinâmicos...

P12: ... em autogestão...

P8: Sim.

P12: Sabes que eu acho que foi a questão de ficarmos em autogestão...

P8: Penso que sim, penso que sim.

P12: Acho que, se calhar, para o ano, temos que voltar ao modelo antigo que é...

P8: É... ao modelo do primeiro ano...

P12: ... na sessão combina-se quem é que vai às aulas de quem, porque assim eu acho que o compromisso...

P8: Houve muito mais...

P14: É...

P8: ... interação no ano passado.

P14: ... o compromisso...

P12: ... é maior.

P8: Sim, nesse aspeto foi...

P12: É maior.

P8: Sem dúvida.

P12: Quando se foca naquela: “Pronto, a gente depois fala”. Pronto, eu ainda fui assistir a uma aula da P10, ainda fui assistir a uma aula da P1, mas não assisti a mais nada. Quer dizer, num ano inteiro eu sei que...

P8: É muito pouco...

P12: ... os nossos horários são complicados.

P8: ... mas é muito pouco.

P10: Eu só fui à da P14.

P12: Mas não cheguei a fazer...

P14: Não. Só?

P12: ... uma aula por período.

P8: E isso é verdade, eu no ano passado...

P14: E eu tinha combinado com a P1, mas depois [impercetível] que estavas em baixo...

P12: Pois, porque tu depois no dia que ias à minha aula, tiveste que faltar... depois nunca mais...

P10: Sim.

P12: ... se proporcionou.

P1: Quando o meu irmão... foi quando o meu irmão faleceu.

P8: Não, isso é verdade, porque eu, no ano passado, tinha mais uma turma, tinha um horário ainda mais sobrecarregado e fiz mais... mais observações do que este ano.

P12: Eu, eu também, o ano passado eu tinha mais turmas...

P8: E tinha um horário pior.

P12: Eu, o ano passado, tinha mais turmas...

P8: Sim.

P12: ... que eu, o ano passado, tinha quatro turmas de dia... e eu consegui fazer as três...

P8: Não...

P12: ... uma em cada período. E este ano, eu acho que...

P14: Mas eu acho que também... falhou o aspeto de eu já tinha ido à do P8, eu já tinha ido à... à da P12...

P10: Antes, pois.

P14: Portanto, eu queria ir a pessoas...

P12: Sim.

P14:... que ainda não tinha ido.

P12: Claro.

P14: E o grupo ficou pequenino.

P12: O grupo ficou pequenino, mas mesmo assim...

P14: Acho que foi uma desvantagem.

P12: Sim. Isso é verdade.

P8: Mas eu acho que deveríamos alargar era nesse sentido.

P14: Pois era.

P8: Não temos que observar só os colegas cá dentro. Eu, por exemplo, ainda há dias... sugeri ao M. e ele disse: “Oh pá, oh P8, na boa, podes... podes lá ir”. E eu, por acaso...

P14: Mas...

P8:... tenho um interesse muito grande em ir observar...

P12: Oh pá, mas é assim...

P8: Não vou fazer a... a análise pós-aula...

P14: É isso...

P8: ... com o colega, como é óbvio, mas vou lá aprender coisas novas e ver como é que o colega dá aulas...

P14: Quer-se dizer, podes fazer na mesma aula...

P8: ... porque, por exemplo, depois ali na grelha...

P14: ... a análise, desde que não identifiques a pessoa

P8: Não, depois ali na grelha, tem aquela parte... eu, por exemplo, com o R. farto-me de falar... com... com o R., questões que nós debatemos cá dentro com o R. . Às vezes, o... o V. G., quando estamos na Direção ou quando surge um assunto assim... ou tudo isso... e às vezes com um ou outro encarregado de educação e dá-me gozo, por exemplo, o M., o ano passado veio-me questionar... sobre esta... sobre a formação e ele disse: “Eh pá, é capaz até ser interessante”. E, depois, na altura...

P14: Mas nós, se calhar, também podíamos, por exemplo... ter temas. Por exemplo: “Hoje vamos estudar... vamos à aula com a intenção de verificar o tipo de questões que este professor coloca”. E comparar o tipo de questões que a P12 coloca. Se são questões muito abertas, muito fechadas, se são questões...

P8: Mas a... a grelha que nós ‘távamos a usar já era nesse sentido.

P1: Hum, hum...

P8: Não é?

P12: É, a grelha deste ano...

P14: Mas depois...

P12: ... era uma grelha mais diretiva.

P14: Mas depois, por exemplo, fazermos um gráfico e ver...

P8: Provavelmente, a matéria-prima é diferente, às vezes.

P1: É.

P10: Pois, imagina na minha aula...

P14: Pois, o problema é mesmo esse.

P10: ... eu não 'tou a fazer questões...

P12: Pois... e depois é que é assim... é que depois é assim a... a...

P10: [impercetível] assim.

P12: ... nós... tanto na tua aula como, por exemplo...

P10: É uma [impercetível]...

P1: Na minha.

P10: Sim...

P12: ... as aulas mais...

P10: Mais práticas.

P1: Práticas.

P12: ... das disciplinas mais práticas, como seja a Educação Física, a... a Informática, a própria Educação Visual... e por isso é que eu acho que esta grelha era boa, porque dava para nós usarmos as diferentes taxonomias e... e pronto, se eu vou a uma aula da P10, obviamente que eu vou-me concentrar no aspeto da psicomotricidade, não me vou concentrar na... na aquisição e na memorização e nessas coisas que não são tão trabalhadas ali, como é evidente... Porque é assim, porque se nós formos para coisas muitas específicas, depois também corremos o risco de não ter nenhuma eficácia... porque é assim, imagina que tu... não sei...

P14: No sentido que... eu, por exemplo, se eu fosse à da P12, eu não ia saber se a P12 fez uma questão muito elaborada ou pouco elaborada, porque eu também não estou dentro da área...

P12: Pronto, até porque depois...

P14: ... para isso, também...

P12: ... também é isso. É que assim, é que depois há coisas que, uma vez que nós somos de áreas disciplinares diferentes, nós também não podemos estar...

P10: Pois, isso é uma das coisas que eu acho...

P14: Não resultaria...

P10: ... que era bom haver...

P14: Da mesma área.

P10: ... da mesma área.

P12: Oh pá...

P10: Outra pessoa... pelo menos, duas pessoas...

P12: É a gente motivar os nossos colegas... Pronto.

P14: Não me parece.

[risos]

P1: Não, eles basta ouvir dizer que têm... que a gente tem uma reunião mensal... já se arrepiam todos.

P8: E mesmo a observação...

P1: “Jesus!”.

P14: Os da minha área, acho que não...

P8: ... mas já falámos... já falámos nisso... [impercetível – sobreposição de vozes]

P12: Eu acho... eu acho que a...

P1: [impercetível] é mais um bocado [impercetível]...

P8: ... das pessoas não se sentirem à vontade...

P12: ... eu acho que a... eu acho que o obstáculo maior tem a ver com as observações.

P8: As pessoas parece...

P14: Eu acho que também.

P8: ... parece que estão ali...

P10: Mas eu, por exemplo, o meu grupo... penso que não é por aí, porque nós observamos [impercetível] aulas...

P12: Sim, porque vocês acabam por se observar uns aos outros...

[impercetível]

P14: Sim, no caso deles, eu penso que não.

P10: Não é [impercetível].

P12: ... mas no... mas no caso...

P8: No teu grupo não se põe. Mas na grande maioria dos professores...

P10: Sim.

P14: Eu penso que sim...

P8: ... penso que será a observação.

P14: É, eu penso que sim.

P8: É...

P12: Eu acho que é o teres uma pessoa dentro da tua sala de aula, que, para a maior parte dos professores...

P8: Tu notas isso nas reuniões, quando algum colega da Educação...

P10: Porque, por exemplo...

P8: ... Especial nos está a chamar à atenção para alguma coisa... nós quando sentimos que estão a mexer no que é nosso, oh pá, começamos logo a reagir...

P1: No nosso mundinho.

P8: É.

P14: Embora eu acho que...

P1: Há muita gente a que faz confusão a dar aulas de porta aberta.

P14: ... o prof...

P1: Há muita gente que faz... que lhes faz confusão.

P10: Mas há muita gente a dar aula de porta aberta.

P12: Agora já há...

P1: Eu... há... houve...

P12: ... mas olha, P10, quando eu comecei a dar aulas de porta aberta – que foi há muitos anos e comecei por uma razão muito prática, que nem sempre dou – foi quando fui lá para cima, que tinha uma turma... é... na altura, eu ainda dava secundário e as turmas de secundário eram muito pequeninas. Então, puseram-me lá em cima na sala 24, que é um... é um cubículo...

P1: É um cubiculozito...

P12: ... oh pá, aquilo nem é uma sala...

P10: Pois.

P12: ... e aquilo era um cheiro a mofo e uma coisa tremenda e eu, a única maneira de eu não apanhar um ataque de rinite de cada vez que ia para lá, que passava lá as manhãs, era de porta aberta. E muita gente... ao início, escandalizava-se um bocado: “Ai, mas tu ‘tás...’”.

P10: Pois.

P12: “... com a porta aberta?”. Ou não sei quê, ta-ta-ta. Não sei se eles pensavam que eu *tava* com a porta aberta para os vigiar a eles, porque eles tinham a porta fechada, não sei. Mas isto fazia confusão a muita gente. Agora, graças a Deus, já há muita gente a dar aulas de porta aberta e eu agora tem dias. Há dias que eu entro...

P1: Depois é que depende também...

P12: ... e deixo a porta aberta e há dias que eu entro e fecho a porta.

P1: Há turmas que também que podes fazer isso e há turmas que só a passar um...

P12: Depois, também depende do tipo de aula que eu ‘tou a dar...

P1: ... assim ao de leve no corredor, já é suficiente para eles desencarrilarem...

P12: Sim. Pronto e depois também tem a ver com o tipo de aula que eu ‘tou a dar, se é uma aula que eu percebo que os miúdos fazem mais ruído, porque há trabalho em grupo...

P1: Sim.

P12: ... há mais barulho, não sei quê, se calhar, fecho a porta porque tenho consciência que aquele barulho, pode 'tar a prejudicar a aula do lado. Pá, se for uma aula que sou só eu a falar, eles estão-me ali a ouvir, em princípio não grande barulheira, não... Pronto. Depende um pouco, também depende da temperatura que 'tá dentro da sala, há dias que os miúdos pedem: “Professora, abra a porta, que *tá* muito calor”. Há outros dias que os miúdos pedem...

P1: Naquela sala 42, digo-vos uma coisa...

P12: “Professora, feche a porta que 'tá a fazer corrente de ar”. Portanto, é assim, mas lembro-me isto tem mais... ai tem muito mais de dez anos, que eu dei aulas naquela sala. Muito mais de dez anos. E lembro-me que, quando eu comecei a dar aulas, assim de porta aberta, que havia que achava absolutamente extraordinário.

P14: A mim, por exemplo, incomoda-me a porta aberta.

P12: Pronto, mas é assim...

P14: Quando... quando ela... principalmente, quando ela está do lado do quadro. Eu parece que são os meus alunos que 'tão todos a fazer barulho...

P12: Pois.

P14: Eu tenho que fechar, eu não... eu não consigo.

P12: Mas é assim, mas isto para dizer que eu acho que...

P14: Mesmo sendo à frente, também. Eu não consigo, eu tenho que fechar a porta.

P12: ... que a maior dificuldade, penso que na adesão... porque é muito engraçado, porque eu falo com muitas pessoas – e, por acaso, quando fiz as entrevistas foi muito engraçado – porque toda a gente acha que isto é muito interessante: “Ai, isso é uma atividade interessantíssima”. E depois eu digo assim: “Porra, então, toda a gente acha que é tão interessante e ninguém vai”.

P14: Pois. Mas ninguém vem.

P12: E eu acho que o grande *handicap*...

P14: Ninguém [impercetível].

P12: ... é a...a observação de aulas.

P14: Eu também acho que sim.

P12: Porque eu acho que se isto fosse só um espaço de reunião, onde a gente vem, fazer os nossos desabafos, os nossos... as nossas reflexões...

P14: E as nossas reflexões e eu acho que cada dia, há mais.

P12: ... e nossos... penso que haveria mais gente.

P14: Eu também penso assim.

P12: O problema é, a partir do momento em que tu dizes que: “Há aulas assistidas”.

P14: Uh...

P12: Uh! Isso é que é muito complicado.

P1: Se as pessoas, não sei porquê, têm a relação... a relação do assistir com a avaliação.

P12: Eu acho que é... é... é pior que isso.

P1: É? Eu acho... eu acho é... as... acho que é muito por aqui.

P12: Olha, P1, eu acho que tem muito a ver, sabes com o quê? Com uma questão de... por um lado, tu tens muita gente que é muito insegura... Tens.

P8: Tem.

P12: E não quer que vão lá dentro da sala de aula. E, por outro lado, também tens a questão da desconfiança, que é: “Este gajo diz-me que vem aqui e que não fala nada do que vê aqui, mas eu sei lá. E se ele, depois, não chega a casa e não fala e não conta e não não-sei-quê... não não-sei-quantos- mais...”. Percebes? E acho que isso cria... pronto, cria obstáculos às pessoas.

P14: Mas há muita gente que conta e nunca foram assistir a aulas dessa...

P12: Pois e há muita gente que até conta...

P14: Que dizem...

P12: ... coisas que não vê...

P8: Mas aí não se consegue...

P14: E dizem coisas do pior!

P12: Mas é assim... mas uma coisa é isso...

P8: Mas aí não se consegue evitar...

P12: ... outra coisa é eu dizer assim...

P8: Aí não se consegue evitar...

P12: “O P8, na minha aula? Depois o P8, logo à noite, vai para o Apolo XIV, bebe umas bejecas e diz que eu fiz e que aconteci, que...”.

P8: Ah, é mais no Escorpião.

P14: Ou nem sequer se lembra das aulas!

[risos]

P1: Olha a *Balbina*!

P12: E eu acho que é um bocadinho isso... que é...

P8: Eu?! Eu nem sequer [impercetível].

P12: ... é, por um lado, a insegurança, porque as pessoas... há muitas pessoas...

P14: Eu vim por causa das aulas assistidas!

P12: Ouve! Oh P1, eu vou dizer, eu, o ano passado, eu fui àquela reunião final do... do pessoal que teve em avaliação externa, que eu queria ir lá dizer umas coisas e fui. Paguei o bilhete do meu bolso só para ir lá dizer as coisas que eu queria. E é impressionante... a coisa que mais me impressionou foi: ponto 1 – toda a gente acha que é excelente. E eu penso assim: “Porra, os alunos destes gajos devem ser todos de nível 5 e os da escala de 1 a 20, são todos alunos de 20”.

P8: Olha, nós há dois anos tínhamos um colega que ia exigir um 20.

P12: Ui!

P8: Exigiu o máximo... pontuação máxima e eu...

P12: Porque...

P8: ... quem estava ali a avaliar...

P12: ... se os professores são todos excelentes...

P8: ... veio ter comigo aflito!

P12: Se os professores são todos excelentes...

P1: Porque é que há...

P12: ... então, porque é que os alunos também não são todos excelentes? Digo eu, pergunto eu. Isto foi uma das coisas que me arrepiou. Era... e houve lá pessoas que disseram, assim, microfone na mão: “Porque nós somos todos excelentes!”. Eu pensei: “Porra, olha, eu cá não sou. Graças a Deus e ainda bem”. A outra coisa...

P8: Ah, mas se tu disseses isso, eles diziam: “Oh, também és do Porto Santo!”.

P14: Mas, oh P12, mas...

P12: A outra coisa – deixa-me só acabar e depois dou-te a palavra – a outra coisa que me impressionou foi: “E porque é que as aulas têm que ser assistidas? Porque eu já fiz estágio! Porque não sei o quê...”. As pessoas não querem aulas...

P8: Não querem, não.

P12: ... assistidas, nem mortas! Nem mortas!

P8: Depois vão...

P12: Diz, P14.

P14: Mas, por exemplo, às vezes... o facto de nós, no relatório, às vezes, pormos excelente, também tem a ver com uma salvaguarda. Porque, quer-se dizer, eu não me importa de ter um Muito Bom, sabendo que um melhor do que eu – e... e há alguns... e há bastantes melhores do que eu – que tenha o Excelente! Agora, não aceito é que eu sei que há pessoas que são mais fracas do que eu, que tenham o Excelente e eu, o Muito Bom.

P12: Sim.

P14: Aí já não aceito.

P12: Sim, ‘tá bem. Eu percebo isso, P14. Mas o que eu não percebo é assim, como é que as pessoas... eu não tenho essa perceção de nós, é assim, eu ando na escola desde os 7 anos...

P10: São as pessoas que têm o ego...

P8: É.

P10: ... muito... não é?

P12: Eu não sei se tive assim tantos professores excelentes.

P8: É e é... somos um país de mafioso e... jogadores [impercetível].

P12: Se me perguntares, aqui na escola, se eu encontro algum professor excelente, eh pá, sou sincera e não me ‘tou a pôr... não ‘tou a dizer: “Os outros não são, mas eu sou”...

P10: Mas... o que é que é um professor excelente?

P12: É que eu acho que o excelente é uma coisa...

P8: É.

P12: ... que quase não existe...

P8: É.

P12: ... porque é assim...

P10: O que é ser um professor excelente?

P12: ... eu posso ser...

P8: Não, é difícil definir, não há...

P12: ... uma excelente pessoa do ponto de vista pedagógico... científico, ser... não ser tão boa do ponto...

P8: E ter uma personalidade zero.

P10: Mas seres uma... mas seres uma porcaria na relação... no relacionamento com os alunos!

P8: Em termos de personalidade.

P12: Exatamente! Exatamente!

P8: Olha...

P10: E a pedagogia, isso faz parte.

P8: Exatamente, aquele molde...

P12: Até posso... P10, até posso ter...

P10: E nós temos disso aqui.

P12: ... pá, tenho uma competência científica fantástica...

P8: Não, nós temos... É uma característica...

P12: Tenho uma competência pedagógica fantástica e depois assim: “Então e agora, a senhora é delegada de grupo”. Ui! Eu tenho consciência que eu sou uma péssima delegada de grupo! Eu só ter os papéis em ordem, para mim já é uma confusão. Eu... portanto, é assim... porque é muito difícil, ainda por cima, com a nossa profissão, que tem tantas dimensões, eu acho que é muito difícil uma pessoa ser excelente! E faz-me confusão que professores que avaliam alunos – e eu não vejo as pautas dos alunos com essas notas de excelência – depois não serem capazes de reconhecer que da mesma maneira que existe uma coisa chamada Curva de Gauss para os alunos – em que a maior parte dos alunos se distribuem na mediania e só uns pouquinho, é que são muito bons e uns pouquinho é que são muito maus – quando se trata de professores é tudo Curva em Jota. Ou seja, é tudo maravilhoso! Não há cá... nem... é que nem há bons! É tudo excelente! Nem muito bons! Tudo!

P8: Só que a... a avaliadora do M., ele disse: “Ela quando saiu da minha aula, ela disse logo ‘Oiça, eu... nenhum de vocês dá aulas piores do que eu, portanto, eu não vos posso dar uma... uma má nota. Eu, para mim, vocês são todos excelentes’”. Agora, isso é uma visão...

P12: Pois...

P8: ... no sentido... ela... o que é que ela sabe? Porque ela sabe que o sistema é este! E ela deu-lhe excelente...

P12: Claro!

P10: Se calhar... se calhar, o que está errado aí é o...

P8: As quotas... as quotas...

P10: ... o muito bom e o excelente...

P8: ... o sistema das quotas... Não...

P10: Não é?

P8: Mas eu, ainda há dias discuti o sistema das quotas, novamente, com os tipos da...

P12: Mas, oh P8, desculpa lá...

P10: Ah, eu também acho que eles estão aí a...

P8: Não, mas... é a legislação!

P12: Mas é assim...

P8: Ok!

P12: Mas ela até pode partir do princípio que é assim nenhum deles dá uma aula pior que eu. Mas isso não significa...

P10: Que todos são bons professores!

P8: Não, não, não.

P12: Não significa...

P8: Ela... ela como avaliadora...

P12: ... ela 'tá-se a pôr a ela própria no excelente...

P10: Claro!

P12: ... no patamar do excelente! Ora...

P8: Não, não...

P12: ... eu só porque sou avaliadora...

P8: Ela não foi nesse sentido.

P12: ... não 'tou no patamar do excelente.

P8: Não foi... não... não.

P10: Mas essa malta... essa malta que andou aí a fazer isso...

P8: Não foi nesse sentido.

P10: ... o que é que tu achas? Ele foi esse no patamar lá em cima.

P8: Olha, mas não foi nesse sentido.

P12: Oh P10, mas é assim, mas...

P10: Senão não tinham proposto para trabalhar ali.

P12: ... eu sou avaliadora...

P8: Sim, mas ela não transmitiu essa... não foi...

P12: ... e o meu patamar, eu não acho que seja o excelente.

P8: Sim, mas ela também não era...

P12: Portanto, se eu for à aula de... de um colega meu de grupo e vir uma aula tão bem dada como a minha, eu não tenho que dizer: "Olha, tu dás uma aula tão boa como eu ou

até podes dar uma aula melhor que a minha e eu agora vou-te dar um excelente, porque tu és tão bom como eu!”. Não, olha, se calhar, dou-te um muito bom.

P8: Sim, mas ela quando disse isso, não foi na perspetiva de eles serem... de ela ser excelente. Não...

P12: Então, mas se ela diz: “Vocês dão tão bem como eu, eu vou-vos dar um excelente”...

P8: ‘Tá bem. É a interpretação que tu estás a fazer...

P12: É porque ela se põe num patamar do...

P8: Não, depende da forma como as coisas são ditas.

P10: Ai, eu acho que isso é muito... é muito subjetivo, porque...

P12: Oh pá, este modelo...

P10: ... depois também não queres prejudicar a dar o Muito Bom, quando existe o Excelente e quem somos nós para dizermos que ele não é excelente.

P8: Exato.

P12: Oh P10, claro.

P10: Não é?

P12: Isto é muito complicado... isto é tudo...

P8: Quando tu tens gajos a ter excelente, por ‘tar na Câmara...

P12: ... é assim, isto é tudo muito complicado, porque este sistema é completamente...

P8: O sistema é mesmo este... depois, até que ponto é justo...

P12: ... este sistema é completamente...

P10: Sim.

P12: ... idiota.

P8: ... ele dar o bom, saber que haver um gajo que é muito bom...

P14: P8...

P10: Quando eu estou a ler os relatórios, eh pá, eu vou ler o relatório.

P8: ... e gajos que sabes... que não têm excelente cá dentro, porque [impercetível]. Qual é o vosso problema? [impercetível]

P12: E eu até sei e até acompanho o trabalho dos meus colegas. Mal seria se eu dissesse que aquilo não está lá, se eu...

P8: ... Andarem aí gajos que não vejo... não metem o “coiso”... são os que eu vejo que [impercetível]... excelente e aquele que leva excelente, durante o ano ele não fez uma... andou com as mãos dentro dos bolsos...

P10: ... tenho as planificações e se eu faço o plano de atividades com eles e mal seria se eu não acompanhasse aquele trabalho. Ainda mais, porque ‘tamos sempre ao lado uns dos outros a trabalhar. Agora, ele diz-me assim: “ ‘Tá lá um parâmetro que...

P8: ... mas ele... ele dava-lhe jeito...

P10: “... participa nas atividades de...

P14: Pronto, aí aceita ou não aceita!

P8: Não...

P14: Então se... se não...

P8: Então, olha...

P14: Aceita ou não aceita.

P8: Eu só quero que me digam, é, ok, quem é que me vai avaliar? E quem é que foi avaliado? Não quero saber de mais nada. A partir de hoje, as regras estão em cima da mesa, vamos ver... Uma das coisas que eu defendo, as avaliações [impercetível] são todas expostas... que é para eu poder, depois, argumentar ou não.

P10: ... gestão intermédia: nunca participa ou participa não sei quê, participa quando solicitado ou participa sempre, na-na-na-na-na”. O que é que eu vou dizer do colega? Se eu vejo que o colega cumpre as atividades do plano, que ela dá as suas aulas e dentro do que planeámos, ‘tá a ser cumprido. Ele cumpre... se for solicitado para isso, ele vai cumprir, de certeza! Não é?

P8: Por isso, como tu dizes, que é dizer assim, neste momento, eu não admito que um elemento do meu grupo seja avaliado com uma nota superior à minha.

P12: Mas oh P10, mas eu também acho que modelo é estúpido! Mas também...

P10: Muito estúpido!

[impercetível]

P12: ... mas também me faz um bocado de impressão que as pessoas não...

P8: Agora, é assim, não tenho acesso às notas, mas [impercetível]...

P12: ... tenham um bocadinho de consciência crítica!

P10: Sim, sim. Agora...

P12: Quer dizer, eu...

P10: ... acharem-se...

P14: Pois é!

P10: ... os supassumos da...

P12: Eh pá, eu, quando cheguei ali, que eu...

P14: Mas isso, P8, por essas razões é que eu pus. Não, numa... numa de [impercetível]... porque, por exemplo, nas atividades... atividades de escola, embora eu participe, não faço atividades...

P12: ... ouço uma senhora, de microfone na mão a dizer: “Porque é que tem que haver esta avaliação? Nós somos todos excelentes”. Oh pá, a prova que não somos excelentes é que, basta olhar, para as nossas notas de concurso! Que tu quando...

P8: Ai, eu não faço [impercetível], eu cá faço do... do [impercetível].

P12: ... vês uma lista de concurso, vês... tu tens a tua nota...

P14: Não, mas [impercetível] ‘tá por áreas...

P8: Sim, dois a dois... há partes [impercetível] global.

P12: ... e há pessoas que têm mais um valor que tu e há pessoas que têm menos um valor que tu.

P14: Exatamente, o A. dá-nos nota, de zero a dez.

P8: [impercetível] ao A. ...

P12: Agora, todo este modelo é uma aberração!

P10: Sim.

P14: ‘Tá bem, mas... mas eu até [impercetível]. Eu não discordo.

P12: Mas o problema é...

P10: Não te esqueças que durante anos, tivemos este modelozinho...

P8: Ele... ele faz mais... ele faz coisas [impercetível] depois é que se queixa...

P10: ... olha, da sala de aula e o professor e os alunos...

P14: Não acho [impercetível]

P8: E é por causa... dessas coisinhas que depois o sistema vai sendo cada vez mais... “coiso”... Ele pede aos amigos... coisas que nem o pedagógico pede.

P10:... e agora isto é ‘tar a entrar no espaço deles, não é? E nós admitimos aulas assistidas, porque era o estágio, não é?

P12: Exato.

P10: E agora ninguém te disse que vai voltar a ter estágio. Portanto...

P8: E depois quando [impercetível]...

P12: Mas o problema é mesmo esse... e uma das coisas que as pessoas reagem...

P8: São coisas diferentes...

P12: ... muito neste modelo de avaliação é às aulas assistidas.

P8: Mesmo quando fazem médias... [impercetível]

P12: E eu até acho que elas deviam ser mais, porque é assim não são duas aulas...

P10: Mas lá está... se... quando...

P12: ... que dizem à minha avaliadora se eu sou boa ou não sou.

P10: Mas se nós estivéssemos constantemente – que eu acho que faz falta – uma pessoa...

P8: Há lá uma pastinha no lado... [impercetível] lá buscar... Aí é que são...

P14: A média da disciplina?

P10: ... mais velha do nosso grupo, da nossa área...

P8: Sim. O ano passado [impercetível], até. E por turma.

P10: ... que fizesse este trabalho, para ir dizendo, de vez em quando: “Olha...

P8: Só que não [impercetível] nos resultados... [impercetível]...

P10: ... vê lá isto... deixa-me ver, vamos ver como é que ‘tá, como é que não ‘tá...’.

P8: E depois é óbvio que as pessoas reclamam [impercetível] as notas.

P10: Eu não tenho qualquer problema em fazer isto. Eu acho que isto faz falta! Porque ou... ou nós... ‘tamos sempre a tentar... andar a par das coisas ou então a gente... começa a... a emburrecer, como dizem aqui no Porto Santo e... e... e fazia falta! Faz falta, essa pessoa.

P12: Mas eu isso também acho, P10! Eu acho que... eu acho que era muito importante haver mais supervisão entre pares, dentro da escola...

P10: Claro que sim! Mas... mas haver essa supervisão, não é ‘tar ali a avaliar-me!

P12: Pronto, exatamente!

P10: Não é? É eu dizer assim: “Eh pá, olha, tenho dificuldade em aplicar este exercício e fazer com que eles aprendam esta técnica. Vem à minha aula ajudar-me, se faz favor”. E a pessoa vai lá e vê: “Olha, porque ‘tavas a fazer assim, não ‘tavas a fazer assado”. Quantas vezes, eu...

P8: Pois, isso...

P10: ... às vezes, estás...

P8: O que se pretende na observação é mesmo isso. E o que os americanos fazem e resulta, é mesmo isso.

P10: Mas não na nossa observação, nestes moldes...

P8: Não, não, não, não.

P12: Pois, a... mas a observação...

P10: Nós...

P12: ... P8...

P10: ... é no sentido de te avaliar...

P8: Nós ainda não atingimos esse patamar...

P12: E até...

P8: ... e estamos muito longe...

P12: E até te vou dizer mais...

P8: ... desse patamar.

P12: ... e até te vou dizer mais...

P8: Nós temos, até, dificuldades em... em transmitir que as coisas não correram muito bem.

P12: E até te vou dizer mais... estes avaliadores que vêm assistir...

P10: Aliás, até fazemos o trabalho pelos alunos, que é para garantir que as coisas correm bem.

P12: Pois.

P8: Correm bem.

P12: Estes avaliadores que vêm assistir, vêm à espera de ver encenações... e os próprios professores fazem encenações... e se tu não fazes...

P8: Claro.

P10: Pois.

P8: Claro.

P12: ... a encenação, és criticado.

P10: Mas, olha, só...

P12: Sabes que o que é que a minha avaliadora me disse, a mim? Foi maravilhoso. Eu tive uma primeira aula, que correu pessimamente e, depois, a segunda aula, foi uma aula... eh pá, foi porreira, para mim. Foi uma aula porreira, a aula correu como eu tinha planeado, as coisas correram bem, não sei quê. E a mi... e... e a minha avaliadora sentou-se à minha frente e disse: “Então, o que é que a P12 tem a dizer da sua aula de hoje?”. Eu disse: “Olhe, a minha aula de hoje, eu ‘tou satisfeítíssima, porque é... isto é a minha aula”. E a minha avaliadora disse-me esta coisa maravilhosa: “Pois, há pessoas que quando recebem visitas, gostam de enfeitar a casa... pôr umas flores, dispor as coisas melhor... dar uma limpeza mais profunda. E há outras pessoas que recebem as visitas com a casa como ela está todos os dias. E a P12, foi isso que fez... foi receber as visitas com a casa como ela é todos os dias”. Mas eu acho que isso é que é uma avaliação.

P10: Mas isso é que a tua aula!

P12: Exatamente.

P10: E isso é que és tu!

P12: E foi isso que eu lhe disse: “Pois, eu percebo o que me está a querer dizer... mas, para mim, aquilo que... a... N., N. – olha já nem lembro do nome dela – “Veio aqui...”

P8: Pois estava...

P12: “... era para ver a minha aula. Não era para ver uma encenação”.

P8: ... só que mesmo o ano de estágio, eu fui prejudicado, porque... por ter feito exatamente ao contrário.

P10: Ou tipo: “Ponha... ponha esta jarrinha que fica melhor!”.

P8: É.

P12: Pois! Exatamente!

P10: “Aqui em cima da mesa, para dar a aula”.

P8: Olha! Mas o pior... oh P12!

P10: Não é?

P12: Pois! Mas era! Mas a ideia era essa.

P8: Oh P12!

P12: É que... eu não tinha... ou seja...

P10: “Vista... vista uns trajes medievais, que fica mais bonita a aula”. Ah!

P12: Eu não tinha feito a encenação...

P1: Ela estava à espera.

P12: ... que seria desejável.

P14: Que ela estava à espera.

P10: [impercetível] e foi aqui.

P12: Ela veio ver a minha aula! E a minha aula é assim.

P8: Olha, mas eu... eu, no ano de estágio, fiz o que tu fizeste...

P1: Olha, já são dez para as nove...

P12: Pois, a gente vai-se despachar.

P8: Eu fiz o que tu fizeste, no ano de estágio e fui entalado. Sabes porquê?

P12: Pois, mas eu também fui entalada, ‘mor.

P8: Eu ‘tava numa escola que só havia uma...

P12: Mas eu também fui entalada! Mas ‘tou-me borrifando.

P8: ... uma televisão e então... tu deslocavas-te para aquela sala. Ok. Vinte e sete alunos, mais dois colegas, mais orientadora, mais o... o gajo da... da Universidade... foi preciso meter mesas, deixou de haver espaços, não sei quantos. Eu começo a aula, distribuo um guião, passo... passo um vídeo de quinze minutos, depois, vou explorando com eles, resolvemos a ficha, tudo bem. Vamos para a análise da aula, primeiro, eu lá disse o que é que achava, o que é que não achava. Eu disse, reclamei, disse: “Oh pá, lamento não poder ter circulado, mas... nas condições... eu trabalho com as condições que a escola oferece. Não era possível e, portanto, não... não podia circular na sala”. Não sei quantos. A primeira coisa que o gajo da Universidade disse: “Ah, realmente, você não circulou na sala, não sei quantos”. Eu disse: “Eu cheguei a pensar andar em cima das mesas, mas, depois... achei que ficava um pouco...”. A orientadora: “Oh P8, respeite!”. Eu disse: “Respeite, não. Vocês estão aqui a gozar comigo ou quê? Como é que eu ia circular dentro da sala... eu trabalho com as...”. O palerma do meu colega, que trabalhava para 18, fomos a Ovar, trouxemos a televisão da mãe dele, a mãe dele ficou lá – uma senhora que vivia sozinha – ficou lá... Eu disse: “Oh V., ‘tás bom do juízo? Olha, a tua mãe, que vive sozinha, vai ficar...”. Ele trouxe uma semana... a televisão para... para Aveiro, para preparar um vídeo que... que ia apresentar na aula da semana seguinte e ficou a mãe dele sozinha, como um animal, em casa...

P1: Sem televisão.

P8: ... sem televisão – que era a companhia que ela tinha – para o gajo preparar uma aula, porque levou a televisão para estarmos na sala dos professores – era toda a gente a ver: “Oh pá, aquele gajo não ‘tá normal!”. Ele com um caixote enorme com a televisão, a entrar pela escola dentro, com o vídeo... e levou-o para... para a sala dele, para ver, para ser brilhante e estampou-se!

P12: Pois, mas é isso...

P8: Mas... por isso é que eu te digo, oh pá...

P12: Mas o problema é esse, é que é assim...

P8: ... tu tiveste uma pessoa que foi honesta... mas no meio disto tudo...encontras muita gente desonesta.

P12: O sistema de avaliação 'tá feito para a palhaçada, por isso é que... as pessoas, depois, não levam nada disto a sério.

P8: Não, mas quando tu...

P12: Bem...

P8: ... deverias ter exatamente ao contrário, que era no ano de estágio... eles deveriam dizer: "Olhe, oh pá...". São os... foi aquilo que eu disse-lhes: "Oh pá, se vocês me disserem que eu podia explorar o vídeo de outra forma... eu aceito. Podias explorar desta forma...". "Ah pá, vocês devem trocar materiais...". Fizemos uma análise da... da aula do gajo, o gajo era top e materiais, excelente e não sei quantos. Eu: "Ok". No dia seguinte, ia ter uma aula: "Oh Professor, vai dar a mesma matéria". Tal, tal, tal, tal... acetatos, tal, tal, cedidos pelo colega tal, tal, tal. Que era o que eles incentivavam. Quando na aula chego, pá, distribuo, dou a aula... acetato tal, tal, tal. Vamos para a análise da aula: "Ah, os materiais não eram...". E eu disse para o formador, eu disse: "Oíça, você está a gozar com a minha cara ou quê?".

P10: Ouve, isso faz-me lembrar o meu estágio na primária.

P8: Mas, quer dizer, os mesmos materiais, ontem forem excelentes, hoje já não prestam? Têm... 'tão húmidos ou quê?

P10: Só a última [impercetível].

P8: Oh, a minha colega começou a ver que eu me 'tava...: "P8, vamos embora, que eu dou-te boleia". Porque é nestas coisas que... que, depois, eu dizia: "Então, mas você anda aqui...".

P14: Eu também tive essa sensação no estágio...

P8: "Você está aqui..."

P12: Mas, pronto, olha...

P8: "...a brincar comigo ou quê?". Uma... ela, uma vez... eu só disse assim: "Olhe, você nem um computador sabe ligar e 'tá-me a criticar os meus materiais? Eu vou-lhe dar os apontamentos e vamos ver quem faz melhor". – "Ah, pois, não sou eu que sou..."

que estou a ser avaliado”. – “Pois não é como é que consegue avaliar, se não percebe nada disto?”. Eu acabei o meu estágio... a passar por ela, virava-lhe a cara. Nem dia...

P12: Pronto, queria só fazer-vos uma pergunta, embora vocês, depois, possam...

P8: Não respondo.

P12: ... pôr aqui na... na ficha da avaliação o que quiserem, mas é assim... para...

P8: Ah, mas não vimos aspetos positivos. Quer dizer que não houve positivos?

P12: Não! Ia dizer só para aqueles que, para o ano, continuem... eu... não sei, mas a minha ideia é que devemos manter as observações de aulas...

P1: Sim.

P8: Sim.

P12: ... temos é que organizar melhor.

P8: ... pode sim. Sem observações...

P12: O que é que queres dizer de positivo?

P8: Recuso...

P12: Diz.

P8: Não, ‘tou a perguntar, vocês são muito negativas...

[risos]

P8: Só [impercetível]...

P12: Não, porque é assim, porque eu acho que a gente tem que pensar mais nas coisas que tem que melhorar, aquelas que correram bem, pronto. Correu bem, correu bem.

P8: Não, não, ontem ‘tava a ver um debate sobre a Ponta do Sol, na RTP Madeira, que houve a necessidade de chamar-lhe [impercetível]... oh pessoal, isto também não é tudo mau!

P12: Mas... mas, pronto... mas, se houver alguma coisa que queiras salientar, mas eu acho que foi, de facto... para mim, o que correu mal, sinceramente, foi a questão do blogue e foi a questão da... da nossa dificuldade de nos organizarmos nas aulas assistidas.

P8: Por exemplo, correu bem as duas sessões que nós tivemos com pessoas exteriores.

P12: Por exemplo, isso eu acho que também é uma coisa a manter.

P8: São boas... dois bons temas... e são coisas a pensar logo no início do ano...

P12: Sim.

P8: E trazer outras pessoas que... até esses colegas que nós sabemos agora, através daquele inquérito...

P12: Sim, sim, sim, sim.

P8: ... que têm outras formações, virem cá nos dar algumas dicas e tudo isso.

P12: Acho que sim, que isso pode ser... acho que isso sim, que é uma coisa... já tínhamos feito isso o ano passado, só que, o ano passado, só fizemos com a L. [PSOE].

P8: Com a L. [PSOE], sim.

P12: E este ano fizemos com a R. ...

P8: Com a R. ...

P12: ... e com a P9.

P8: ... e com a... P9.

P10: P9.

P12: E para o ano podemos pensar...

P8: Acho que sim.

P12: ... em trazer mais pessoas, porque eu acho que isso é muito... acho que isso é bom para nós, termos a possibilidade de... de ouvir.

P1: Talvez pensar na R.

P12: Também... podemos...

P1: Podemos meter aquilo ali...

P12: E há... mas temos muita gente aí, já com... até podemos, por exemplo, pedir a dos elementos da comissão da avaliação da escola, que viesse falar sobre, por exemplo, a avaliação da escola, que 'tá a ser feita e que, para o ano, já deve haver dados mais concretos e pode ser uma coisa interessante. Não sei. Mas pronto. Olhem... Diz...

P8: O P7.

P12: Sim, o P7., o... ‘tava a pensar ou no P7. ou no A. [CC1], porque tu, sendo membro da comunidade, não tem muito sentido.

P8: Eu até... e nesse aspeto abstenho-me.

P12: Mas acho que sim, o P7. Ou o A. [CC1] virem aqui... nem... pronto, fazer um bocadinho aquilo que a R. fez – que veio dar conta do trabalho dela – e eles virem dar conta do trabalho... porque, no fundo, eu acho que uma coisa que falha muito, na nossa escola, muitas vezes, são os circuitos de comunicação. Faz-se muito mais coisas na nossa escola do que, às vezes...

P8: Fomos questionados... fomos questionados sobre isso.

P12: ... do que, às vezes, nós temos noção.

P8: Mas penso que a página no *Face*...

P12: Porque não há...

P8: ... resolveu uma parte...

P12: Porque há...

P8: ... para a comunidade, resolveu.

P12: Há aquelas escolas – desculpem a expressão – que é assim, dão um traque...

P1: Exatamente.

P12: ... e parece que tocou a Orquestra Sinfónica de Viena.

P8: [impercetível] dizer isso.

P12: E nós somos exatamente ao contrário, nós temos coisas muito boas e pessoas a fazer trabalho muito positivo e parece que não se passa nada.

P8: Mas... eu não tenho essa opinião...

P1: Não se sabe.

P12: Não?

P8: Não. Vais à página do *Face* da escola...

P10: P8, mas tu não tens essa opinião...

P12: Mas é assim, mas a página do *Face*...

P10: ... porque ‘tás ali...

P12: Tens isso.

P10: ... tens mais acesso à questão.

P12: E a página do *Face*...

P10: Se nós andarmos aqui... na nossa vidinha de dar a nossa aula, de fazer...

P8: Não, mas... sim, sim...

P10: ... as nossas coisinhas...

P8: Não, mas eu não digo nesse sentido.

P12: E se não fores ao *Face*? É assim...

P8: Eu não digo no sentido de... sempre...

P12: Eu acho que deve haver circuitos formais de comunicação.

P8: Não, mas no... no *Face*, a intenção...

P10: Agora...

P8: Não, mas a intenção... pela forma como... não, o *Face* não...

P10: Agora...

P8: ... foi criado este ano.

P12: 'Tá bem.

P10: Sim.

P8: Eu digo, este ano em relação aos anos anteriores...

P10: Sim.

P8: ... houve uma...

P12: Agora tem-se visto...

P8: ... muito maior comunicação lá para fora...

P10: ... o facto de a gente conseguir 'tar a pôr em direto, praticamente, a atividade que 'tá a fazer...

P8: O...

P12: Sim, mas é assim...

P8: Quase todas as atividades que foram desenvolvidas cá dentro...

P10: Sim.

P8: ... passaram lá para fora.

P12: P8, mas o que eu acho é que assim... 'tá bem, mas se tu não acompanhares o *Face* ou não sei quê, dentro da escola... há miúdos que ganham prémios, há professores...

P8: Não, mas isso é sempre noticiado.

P12: ... que vão com miúdos que ganham medalhas, que não sei quê. Eh pá, olha... pois eu devo ser uma gaja muita distraída.

P8: Mas isso tem sido... isso tem sido noticiado. Por exemplo, todas as situações, eu tenho a certeza que 90% das atividades... e dessas situações, inclusive, do J. A., que, por exemplo, foi campeão...

P12: Olha, não sabia.

P8: ... pá dele, na área dele, mas foi. E foi...

P12: Olha, 'tás a ver? Eu não sabia.

P8: Mas foi noticiado lá e...

P12: No *Face*?

P8: ... se não... não tem...

P12: Pois e quem não tem *Face*? E quem não vai ao *Face*?

P8: Não, mas foi... há à página da escola, também. Há a página...

P12: Sim, amigo, mas há a página da escola, no *Face*!

P1: Não...

P8: Não, não. Há... há duas páginas...

P12: Ah, a página da Internet!

P8: Há uma página da escola, na net...

P10: Sim.

P8: ... que é mesmo oficial e há... e o *Face*... também é oficial da escola. E houve uma... este ano, uma divulgação...

P12: Mas eu... eu, por acaso, acho que falha um bocadinho...

P8: ... muito grande...

P12: ... os circuitos de comunicação aqui dentro.

P10: Falha, falha. Sim.

P12: Se for para...

P10: Até nós, não podemos ter...

P12: ... se for para falar do comprimento da saia desta...

P10: Sim.

P12: ... e do... volume das mamas da outra...

P10: Aí 'tá tudo lá!

P8: Isso... isso... isso são outras... isso é outro tipo de coisa...

P12: ... isso aí tudo bem!

P10: Mas olha, o que é que custa...

P8: A nível de comunicação interna, eu, por exemplo, tenho uma opinião diferente. Acho que esta escola é das escolas onde eu passei que tem melhor comunicação interna, nesse aspeto. Foi o que o Professor F. [PCE] disse aos elementos da equipa: “Como é que vocês comunicam?”. É fácil, todos os documentos que saem da direção, os professores recebem e têm que assinar um documento. Ainda... o Professor até falou, saem, por ano...

P12: Sim, mas eu também...

P8: ... seiscentos e tal ou quinhentos e tal ou...

P12: ... eu acho que isso também é um bocadinho contraproducente.

P10: Eu acho que ir falar só nesse... Sim... mais...

P8: Não, mas é uma forma de comunicação...

P12: Que eu acho que chega a um ponto...

P10: Mais de cruzetas, P8...

P12: ... que tu assinas de cruz...

P10: ... assinas já sem leres.

P12: ... pegas no papel, metes na bolsa e não lês.

P8: Mas o problema... problema teu...

P10: Escuta!

P8: Não lês, problema teu.

P12: É verdade! Também tens razão.

P10: Olha, P8, mas, por exemplo...

P14: [impercetível] para o Facebook...

P10: ... passa-se... passa-se uma atividade qualquer...

P14: ... para o *mail* das pessoas.

P10: ... no dia tal, os alunos tal, vão 'tar a fazer não sei quem tu chegas aqui... não sabias, porque não viste logo... Custar 'tar ali, na sala de professores, um comunicado no meio daquela porcaria de tanto papel que 'tá ali, 'tar lá qualquer coisa a informar que está a haver aquela atividade? Não custa.

P12: E, às vezes, tens ali papéis que já 'tão a noticiar coisas desatualizadas... Bom, então, olha, vou-vos pedir que preencham isso...

P8: Mas, para isso... para isso era preciso atribuir horas a uma pessoa para organizar...

P12: ... Não sei se 'tão recordados dos critérios de avaliação que estabelecemos no início do ano, se vocês quiserem, depois, até dizer o que é que vocês acham da vossa... da classificação que pensam que se devem autoatribuir. Também podem dizer alguma coisa...

P14: Tem que ser agora, P12?

P12: Não, não tem que ser agora. Podes-me dar isso... se quiserem, até devido ao adiantado da hora, se não quiserem fazer agora e quiserem fazer com calma, em casa...

P1: É preferível.

P10: Sim.

P12: ... e encerrarmos a atividade aqui... Então, se quiserem, eu até posso fazer uma coisa, manda-vos isso por *e-mail*...

P1: Manda por *e-mail*, é mais fácil.

P12: .. e vocês preenchem por *e-mail*.

P1: Exato.

P10: Ou então digitalizamos e enviamos.

P12: Ok, 'tá bem.

P10: Por mim, é igual.

P12: Pronto, ok. Ok.

P1: Eu prefiro que me envies por *e-mail*, que eu não tenho digita...

P14: Eu também...

P12: 'Tá bem.

P14: ... mas fico na mesma com o papel.

P12: 'Tá bem.

P10: Então, envia.

P14: Vou escrever aqui e depois passo para...

P12: Pronto, eu envio para todos...

P10: Envia, sim.

P12: ... e depois cada um faz como quiser.

P10: 'Tá bem.

P12: O que é que eu queria dizer? Ah, em termos formais, só queria dizer uma coisa, eu não sei se... para... a... aqui para a comissão da... de formação contínua da escola, se vai ser preciso alguma coisa escrita. Se for preciso alguma coisa escrita, a única coisa que eu vos vou pedir é que escrevam uma página só com uma reflexãozita...

P14: Só vou fazer a reflexão.

P12: ... mas isso... mas isso, eu... pronto, nós combinamos que a reflexão fazia toda a gente, não é?

P1: Sim.

P12: Então, pronto, mas a...

P14: Quem quisesse o diário...

P10: Era a questão do diário e da reflexão.

P12: Pronto, exato. Pronto. A reflexão não precisa ter mais que duas páginas; letra 10, se for Arial, letra 12, se for Times; espaço e meio; as margens normais, dois e tal, três, que é o que o... o Windows define por defeito e... e pronto. Façam a reflexão e a reflexão podem-me mandar até 31 de julho. Porque eu depois... também eu sei que nem toda a gente manda ao mesmo tempo, portanto, eu vou ter tempo de as ler...

P14: Sim, assim também dá tempo para uma pessoa fazer.

P12: ... e eu tenho que pôr a pauta pronta. Pronto. E... e podem usar a reflexão até, também, para fazer sugestões e críticas que, eventualmente, não caibam aí nessa folhinha.

P8: Eu vou meter aqui *copy-paste* reflexão...

P12: Olha e onde é que vamos jantar?

P8: No Cabeço

P10: Onde vocês quiserem.

P12: Oh pá, para mim também. Mas é assim...

P8: [impercetível] temos que jantar...

ANEXO VI

TRANSCRIÇÕES DAS PRIMEIRAS ENTREVISTAS

ANEXO VI A
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A P1

Docente: P1

E- Olha P1, pronto, a primeira coisa que quero é agradecer-te a tua disponibilidade para participar no nosso projeto... Precisava que me desses algumas informações de natureza pessoal como a tua idade...

e- 53

E- a tua categoria profissional...

e- Eu sou quadro de escola, portanto agora é contratado por tempo indeterminado, não é?

E- Sim. As tuas habilitações académicas...

e- Portanto, tenho licenciatura e uma pós graduação em multimédia em educação.

E- E a licenciatura é em...

e- É em Línguas e literaturas modernas, variante de português/ inglês

E- Tempo de serviço...

e- 29 anos...

E- Ok. Cargos que desempenhas atualmente, se é que desempenhas algum...

e- Neste momento... não, não. Este ano não, este ano não tenho nem direcções de turma; o ano passado é que tive duas, este ano não tenho.

E- Outras funções ou experiências profissionais que tenhas tido anteriormente...

e- Mas em que anos? Pode ser...

E- Sim, quaisquer anos; ao longo da tua carreira profissional.

e- Dei formação muitos anos; estive naquele, envolvida naquele programa da Secretaria da Educação CTD... Fomos ao Canadá fazer formação a nível de informática e a nível de desenvolvimento de projetos... Ah... fiz umas formações nesse sentido e depois outras formações a nível já, a nível que eu gosto. Por exemplo, este ano fiz uma de colocação de voz que acho que é importante para nós. Mas assim a nível de profissão, muita formação, trabalhei, fiz o CAP e depois estive a dar formação para a UNICENTER, estive a dar formação mesmo pela Secretaria de Educação nas escolas da Madeira...

E- Ok; diz-me agora quais as razões que te motivaram para integrares este projeto da Comunidade de Prática...

e- Eu acho que é necessário. Eu acho que nós passamos muito tempo sozinhos, entre aspas, fechados no nosso mundinho da nossa disciplina... debatemo-nos às vezes com, com problemas que não conseguimos ver solução porque estamos lá dentro enfiados, não é? E acho que é importante nós conversarmos, discutirmos uns com os outros, reflectirmos sobre as nossas dificuldades... sobre como resolver, atitudes... atitudes de alunos, situações da sala de aula... que a gente às vezes não consegue ver saída e, quem sabe, ouvindo um, ouvindo outro, refletindo um, refletindo outro...

E- ah... já tiveste alguma experiência prévia em projetos desta natureza?

e- ah... participei nas formações que tu fizeste com o... com o MEM... Do MEM foi assim aqui na escola... foi assim aqui na escola o que nós fizemos. Depois fiz foi projetos quando estive no CITD; nós desenvolvemos projetos com várias escolas. Nós tínhamos por exemplo a escola do Porto Moniz, eu trabalhava com a escola de Santana, nanananana.... Agora a nível reflexivo, a nível de parar para pensar, para discutir, não...

E- Como é que imaginas a tua participação na comunidade, isto é, o que é que pensas fazer, o que é que pensas que podes vir a aprender na Comunidade de Prática?

e- Eu acho que aprender, a gente aprende sempre... O quê?... Formas de, de ... de lidar com... com situações, com problemas, com dúvidas que nos surgem às vezes... que nos parecem absurdas mas que têm razão de ser... O que é que eu posso dar? Aquilo que... o contributo que for preciso... a nível da... a nível de tecnologia, a nível de... Eu acho que como sou uma pessoa que tem um bocado de cultura geral, leio muito, discuto muito...

E- Quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Positivos...ah... eu acho... eu tenho um bocado a filosofia de que de tudo o que nos aparece sempre se tira alguma coisa boa... Ah... mesmo que nos pareça negativo, nós tiramos sempre alguma coisa boa; é uma forma de olhar as coisas. Negativo não vejo... não vejo nenhum envolvimento... não vejo...

E- E que impactos é que consideras que este projeto pode ter na escola?

e- Na escola como comunidade... Vai depender muito, no meu ponto de vista vai depender muito do que as pessoas fizerem com esta prática reflexiva, porque o refletir, por si só é bom... ah... o que se faz a seguir com, com a reflexão, os resultados dessa reflexão na prática, na nossa prática e na prática também para os outros, se queremos realmente ajudar os outros... ah.... Olha,... (risos)

E- Ok P1, agradeço-te muito; muito obrigada... Depois entretanto vais ter notícias para começarmos o nosso trabalho efetivamente.

e- Ok!

ANEXO VI B
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A P2

Docente: P2

E- Pronto P2, a primeira coisa que quero é agradecer-te o facto de teres participado... ou teres-te voluntariado para participar neste projeto... Queria começar por te pedir alguns dados pessoais como a tua idade...

e- 36 anos

E- ... a tua categoria profissional...

e- sou professor do quadro

E- e... e o teu tempo de serviço...

e- 12 anos.

E- as tuas habilitações académicas...

e- sou licenciado em educação física e desporto e tenho um mestrado em especialização em jogos desportivos e coletivos.

E- Cargos que desempenhes atualmente...

e- Cargos? Nenhum, me parece... na escola nenhum; fora da escola tenho: sou coordenador de futsal e coordenador de futebol de iniciação.

E- E aqui na escola, ou mesmo fora da escola, outros cargos ou outras funções profissionais que já tenhas desempenhado?

e- Não... basicamente, treinador de diferentes desportos coletivos.

E- Ok. (pausa) Que razões é que te motivaram para te inscreveres neste projeto ou para aderires a este projeto?

e- Primeiro, para mim é uma novidade. Segundo, a parte de termos que cumprir as horas de formação... e depois acho que em termos de horários foi uma vantagem porque, como eu estou ocupado ao fim de semana, tendo isto sido, os horários podem ser moldáveis, é muito mais fácil para mim aderir a este tipo de formações.

E- Que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza?

e- Zero! Sou virgem! (risos)

E- (rindo) E como é que imaginas a tua participação nesta comunidade de prática? O que é que imaginas que podes fazer, que podes aprender?

e- Não, acho que é... acho que vai ser positivo. O que me chamou a atenção foi a parte de... poder estar presente nas aulas dos colegas; acho que é bom porque muitas pessoas não sabem o que nós fazemos dentro da sala, principalmente na nossa área, educação física. Julgam sempre que é um pouco mais lúdico e poderão ver que as coisas também são programadas como nas outras aulas: E eu de certeza que vou sentir o mesmo com os outros professores...

E- A... Diz-me outra coisa... O que é que pensas que pode vir, que podem vir a ser os aspetos positivos e os negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- hum... ou seja, positivos, há sempre esse aspeto que é uma mais valia para nós, vindo de encontro aquilo que eu disse anteriormente... Negativos... de momento, não me surge nenhum... Só se for a parte de aulas assistidas, ou seja, mudar um pouco o comportamento dos alunos... mas penso que esse aspeto não será relevante.

E- Finalmente, que impactos é que achas que este projeto pode ter na escola?

e- Pode ser benéfico...

E- e porquê?

e- Porque pode criar... eu... eu ‘ tou um bocadinho... eu o que li do projeto, ou seja, esta parte das aulas assistidas era como eu dizia anteriormente, acho que é bom para todos os colegas conhecerem o tipo de trabalho que nós fazemos e acaba por ser vantajoso porque podemos tirar coisas das aulas dos colegas que beneficiem a nossa própria aula. E acho que esta será a parte mais positiva deste projeto.

E- Ok P2, muito obrigada!

e- ‘ tá ok?

E- como vês, foi rápido... (risos)

ANEXO VI C
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A P3

Docente: P3

E- P3, quero começar por te agradecer o teu envolvimento neste projeto da nossa comunidade de prática. Precisava que começasses por me dar algumas informações de carácter pessoal, designadamente a tua idade...

e- 41 anos...

E- A tua categoria profissional...

e- quadro de escola

E- O teu tempo de serviço...

e- 16 anos

E- As tuas habilitações académicas...

e- Licenciada em geografia, ramo educacional

E- Os cargos que desempenhas atualmente...

e- Nenhum.

E- Cargos que já tenhas desempenhado ou outras funções, experiências profissionais anteriores relevantes

e- Delegada de grupo e diretora de turma

E- Ok! P3, que razões é que te motivaram para integrares este projeto?

e- ah... Foram algumas... a primeira é que gosto bastante das ações de formação dinamizadas pela I. [P12], não só pelas temáticas que nos últimos anos têm sido bastante interessantes e têm-me ajudado na minha prática pedagógica como também pela formadora. Depois, pela carga horária que nós devemos ter na formação contínua e em terceiro pelo próprio convívio que se estabelece nas sessões de formação quando a I. [P12] traz aqueles bolinhos deliciosos... [risos]

E- [risos] Olha, e que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza?

e- Nenhum.

E- Como é que imaginas a tua participação na comunidade de prática? O que é que pensas que podes fazer, o que é que esperas vir a aprender?

e- ah... a fazer?... partilhar... a... da minha forma de estar dentro e fora da sala de aula. Ah... o que eu espero... a... é que aprenda também; porque por vezes temos a noção que estamos a fazer as coisas de uma forma correta e não. Portanto acho que as críticas não são necessariamente negativas mas podem ajudar futuramente a eu rectificar algumas coisas que porventura esteja a fazer mal...

E- Quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Os aspetos positivos... a... é melhorar enquanto... enquanto professora, não é?... a... os aspetos negativos... é que nem sempre reagimos bem às críticas e espero que isso não aconteça!

E- Consideras que este projeto pode ter impactos na escola?... Quais?...

e- ... Em que as pessoas apliquem isso de uma forma mais frequente.

E- Apliquem isso, o quê, explica lá...

e- Portanto, a I. [P12] 'tá-se referindo à assistência de aulas também, não é?

E- Não só, não só...

e-... que nos ajude a partilhar tudo aquilo que fazemos dentro e fora da sala de aula porque acho que essa partilha contribui bastante... essa troca de ideias, de informação... e até às vezes na própria sala de professores, quando 'tamos a falar de determinados casos de indisciplina que acontece... por vezes essa partilha faz-nos de uma forma que... que resolvamos mais facilmente os conflitos, partilhando ideias e experiências

E- Ok, P3, muito obrigada!

e- Fiz bem?

E- É assim, isto não tem...

e- Era aquilo que a I. [P12] pretendia?

E- ... aqui não há respostas certas ou erradas; é mesmo só saber as vossas razões para aderirem ao projeto. Não há boas ou más respostas... o que vocês dizem está sempre bem!

ANEXO VI D
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P4

Docente: P4

E- P4, então é assim, a primeira coisa que quero é agradecer-te a tua disponibilidade para integrares este projeto. Precisava que começasses por me dar algumas informações de natureza pessoal como a tua idade...

e- 40 anos

E- ... o teu tempo de serviço...

e- não me recordo ao certo mas ronda os 16, 17 anos...

E- a tua categoria profissional...

e- professor efectivo.

E- as tuas habilitações académicas...

e- Portanto, eu licenciiei-me pela Universidade de Aveiro e depois mais tarde tirei o mestrado em Estudos Portugueses

E- Mas... penso que também tens alguma formação na área da supervisão pedagógica, não tens?

e- Pois, frequentei um curso de pós graduação nessa área

E- Ok! Ah... Cargos que desempenhes atualmente...

e- Basicamente sou responsável por um projeto de... aqui na biblioteca, o Baú de Leitura e direção de turma.

E- E outros cargos ou experiências profissionais anteriores que consideres relevantes...

e- ah... houve uma vez um projeto na área da radio... foi do jornal da escola que foi interessante, já há muito anos! Que deixou algumas marcas...

E- Foi aqui nesta escola?

e- Não, não , não...

E- ah, pronto é que...

e- ... foi logo a seguir ao estágio.

E- Ok! P4, então agora diz-me, por favor, as razões que te motivaram para integrares este projeto...

e- Basicamente o projeto penso que se tornou aliciante por dois motivos: Primeiro porque toca uma... um dos fatores da nossa profissão que é muito querido e que é crítico, que é a avaliação e o outro tem a ver com a redação de um diário. Ah... pode não parecer mas... eu sinto muita dificuldade em... em escrever e registar e eu... eu tenho que, estou a tentar... obrigar-me a registar as minhas memórias e as... e esse... e portanto essa formação vai-me obrigar nesse sentido, a trabalhar nesse sentido. E pronto, a avaliação também, é crítico!

E- Diz-me uma coisa, já tiveste experiências em projetos desta natureza?

e- Absolutamente!... não.

E- Absolutamente não... Como é que imaginas a tua participação nesta comunidade de prática? O que é que imaginas que podes aprender, o que é que imaginas que podes vir a fazer?

e- Portanto, o que eu vou fazer, basicamente é recolher experiências. Ver... ver... confrontar práticas pedagógicas e é esse o meu objetivo. Não só no português mas em todas as áreas... e como melhorar também a minha própria atividade...

E- P4, quais é que pensa que podem ser os aspetos positivos e os aspetos negativos da tua participação neste projeto?

e- Portanto, os aspetos positivos penso que terão a ver com a...com as melhorias das práticas pedagógicas que eu eventualmente venha a beneficiar, com que eu venha a beneficiar nesta... nesta experiência. Aspetos negativos... não me ocorre nenhum em particular... julgo que iremos despende algum tempo e isso... embora não seja negativo, vai ser um mal necessário. Penso que um outro aspeto positivo vai ser o facto de a observação por pares vai-nos criar outro à vontade e... é uma forma de enfrentarmos esse receio... que é natural; psicologicamente é natural, sempre que temos um colega a observar-nos.

E- P4, última questão: Achas que este projeto pode ter impactos na escola? Que impactos é que achas que pode ter?

e- Eu não acho que possa ter; eu penso que já está a ter... Portanto, eu penso que as pessoas já estão a refletir sobre... sobre esses temas e a refletir sobre essas ideias, portanto penso que terá, terá um grande impacto naturalmente. Eventualmente daquilo que viermos a... a observar poderemos transformar o nosso próprio exercício docente.

E- Ok P4, obrigadíssima. Muito obrigada P4!

e- Quando é que começamos?

E- Olha, é assim, eu mandei-vos hoje um email... eu queria ver se a gente conseguia fazer a nossa primeira reunião antes do final do mês...

ANEXO VI E
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P5

Docente: P5

E- P5, queria começar por te agradecer o facto de teres aderido ao nosso projeto e queria começar por te pedir alguns dados pessoais, designadamente a tua idade...

e- 38

E- a tua categoria profissional...

e- contratada

E- o teu tempo de serviço...

e- 5...

E- as tuas habilitações académicas...

e- licenciatura

E- Desempenhas algum cargo atualmente?

e- Direção de turma e direção de curso

E- de curso?...

e- profissional...

E- Ok

e- ... de animador socio-cultural

E- E outras funções ou experiências profissionais que tenhas tido anteriormente?

e- Só direcções de turma...

E- Só direcções de turma. Diz-me então, por favor, quais as razões que te motivaram para te envolveres neste projeto...

e- a verdade?...

E- a verdade! (risos)

e- Eu gosto das ações da I [P12].

E- Ok!

e- Aprendo com elas, portanto foi a razão que me levou.

E- Pronto... é... que experiencias prévias é que já tiveste em projetos desta natureza?

e- nenhuma...

E- Nenhuma. Podes dizer alto (risos)

e- desculpa... (risos)

E- E diz-me, como é que imaginas a tua participação nesta comunidade de práticas? O que é que imaginas fazer, o que é que imaginas aprender?

e- Ai, não sei! Não vou pelo que estou à espera... Nunca tive, não sei... (risos) sinceramente...

E- Ok!

e- Aprender espero... eu tenho poucos anos de serviço, pelo menos... melhorar.

E- Melhorar... quais pensas que poderão vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Positivos?... Desenvolver algumas competências que possa ainda não ter pelo tempo de serviço que tenho que é pouquinho... Negativos... não sei! (risos) depende também do grupo, daquilo que me vão dizer... do feedback que a gente terá... não sei! Espero que nenhum! (risos)

E- E que impactos é que consideras que este projeto pode ter na escola? Se é que achas que pode ter impactos na escola...

e- Eu acho que pode... a... acho que para já também é um grupo pequenino, não é?

E- Sim, somos catorze.

e- Ah, então já é grande... a... não sei...

E- Não sabes?... (risos)

e- (risos) não sei...

E- Pronto! Ok P5, obrigadíssima!

e- Desculpe...

E- Não tens nada que pedir desculpa... então!

e- No fim se calhar até teria mais... em relação principalmente aos impactos... não sei...

E- No fim como?

e- No fim da formação.

E- ah, mas no fim da formação eu entrevisto-te outra vez, não te assustes (risos)

e- (risos) Ah, pronto! está bem! ‘tá bem! Se calhar aí já tenho alguma coisa

E- Ah! Não te assustes... no fim vais voltar a ser sacrificada... (risos)

e- Eu tenho muito pouco tempo de serviço e não tenho ainda... por isso é que eu estou aqui;

E- pronto, ok. Ainda bem.

e- para aprender... Ó Isa, desculpa qualquer coisinha...

E- Não! Não tens nada que te desculpar! Tinhas mesmo era que dizer o que pensavas... aqui não há respostas certas ou erradas...

e- Foi bem mesmo?

E- Foi ótimo! Mais uma vez, muito obrigada!

ANEXO VI F
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P6

Docente: P6

E- P6, queria começar por te agradecer a tua disponibilidade para integrares este projeto e vou começa por te pedir alguns dados de natureza pessoal como sejam a tua idade...

e- portanto, são 61

E- a tua categoria profissional...

e- quadro de, ai... agora como é que se chama?... era quadro de nomeação definitiva mas agora é ?...

E- agora é contrato a tempo indeterminado.

e- Indeterminado exato! Ai credo, agora estes termos é sempre terrível.... Vai sempre mudando...

E- Exato! O teu tempo de serviço?

e- 40 neste momento já... hum! (sorri)

E- (risos) Que inveja....

e- Não digas inveja porque cada vez que eu faço a altura de chegar à reforma, prolongam que eu não tenho idade! Eu nunca posso me reformar porque não tenho idade... (ri)

E- (risos)

e- ... Ora gaitas! (risos)

E- Qual é agora?

e- 40; de idade é 61.

E- As tuas habilitações académicas?

e- licenciatura.

E- E já agora desculpa, licenciatura em?...

e- Em pintura.

E- Cargos que desempenhas atualmente?

e- Delegada de grupo, de... sim, delegada de grupo.

E- Outras funções ou experiências profissionais que já tenhas tido anteriormente?

e- (pausa) ai! Assim, nada de, nada de especial; dar aulas...

E- Não estiveste no conselho diretivo?

e- Ah, estive sim! Mas isso já foi há tantos anos... (risos) foi há vinte anos! Já não faz parte do elenco... até que mudou tanta coisa que não.... É, foi; já lá vão tantos anos...

E- Mas pronto, tiveste essa experiência...

e- Tive essa experiência... tive mesmo o início daquele mestrado que fiz três anos do mestrado mas depois não terminei... mas isso foi de (pausa)....

E- Orientadora de estágio, nunca foste?...

e- Já fui orientadora de estágio, isso também.

E- Então tudo isso são...

e- E agora sou avaliadora de... de desempenho docente.

E- Avaliadora externa?

e- Externa.

E- Ah! Então pronto! Isso também é uma função relevante! Bom, então, queria começar por te perguntar que razões é que te motivaram para integrares este projeto?

e- Principalmente a troca de experiências; ai pá, eu preciso que me vão ver as aulas... eu às vezes digo que preciso também de ser avaliada! Que preciso também de ver de outros; ver coisas diferentes, trocar ideias... isso para mim é o principal, não é as notas, como muita gente. Ai, para que é que eu quero notas? Já devia estar na reforma... (risos)

E- A... Que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza?

e- Acho que nunca fiz nenhum...

E- Nenhum... a... como é que imaginas a tua participação nesta comunidade de prática, ou seja, o que é que tu imaginas que podes aprender, o que é que imaginas que podes fazer, o que é que imaginas que podes dar à comunidade?

e- Posso dar à comunidade quando muito das minhas experiências, agora, estou aberta a novidades porque quero saber coisas (risos). Eu sou ávida por coisas (risos). É verdade, é uma das coisas que gosto, gosto de saber, gosto de trocar, porque a gente está sempre aprendendo...

E- A... quais pensas que poderão vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos da tua participação neste projeto?

e- Negativos às vezes é falta de tempo porque a gente com testes no secundário, aí Jesus! É difícil... mas de resto penso que... vai-se ver, penso que não... vai-se andando...

E- A... finalmente, achas que este... ou que impactos é que achas que este projeto pode vir a ter na escola?

e- Eu acho que se podia talvez mudar certas mentalidades (risos), acho que era o ideal mas... somos poucos mas pode ser que se consiga começar... Isto o primeiro às vezes é... o primeiro pontapé é que é pior (risos), para começar a mudar esta gente! Há muita coisinha aqui que está mal...

E- Podes nomear... (risos)

e- Ah, não, não é... coisa... é que a gente... a gente sente... nem sequer é ver nada específico; nunca fui a aulas dos outros portanto não sei. Mas a gente sente que há... há aqui coisas que precisam ser... mexidas! Não... não sei... não te sei explicar o que é... mas sinto que... mexer esta escola, que isto cada um para seu lado... tudo muito coisa e isto é tudo... tudo falta de outras coisas.

E- Está bem P6, pronto. Olha, muito obrigada pela tua disponibilidade

e- De nada!

ANEXO VI G
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P7

Docente: P7

E- P7 então, a primeira coisa que eu quero é agradecer-lhe o facto de integrar este projetos da comunidade de práticas e queria começar por lhe pedir algumas informações de carácter pessoal, tais como a idade...

e- 40 e... espere aí... três!

E- A categoria profissional...

e- Sou do quadro de escola.

E- o tempo de serviço...

e- Deza... dezanove anos...

E- As habilitações académicas...

e- Licenciatura em humanidades e uma posterior.... Mestrado em administração e gestão educacional.

E- Ok! Cargos que desempenha atualmente...

e- Diretor de curso CEF... e mais nada! Delegado sindical, agora ultimamente (risos)

E- (risos) A... outras funções ou experiências profissionais que tenha tido...

e- Tive muitos anos com a coordenação... a.... Muitos anos isto são... com a coordenação de ciclo estive quatro anos... cinco anos com a coordenação das atividades de complemento curricular.

E- Boa! A... P7, agora então entrando nas questões mais específicas aqui da nossa comunidade, que razões é que o motivaram para integrar este projeto

e- A... razões?... A fundamental razão é procura ver até que ponto uma comunidade de aprendizagem será útil ou não para a melhoria das minhas práticas.

E- E que experiências prévias é que já teve em projetos desta natureza?

e- Não tive nenhuma! Não, não! A única coisa semelhante será a partilha de informações com colegas de grupo nalgumas partes da organização curricular ao longo do ano, isto é, em termos de planificação e acompanhamento das matérias que estamos a lecionar e experiências mais próximo possível, mas nenhuma acho que é comparável, é trabalhar em pares pedagógicos, ou coisa assim do género.

E- Ok! P7, como é que imagina a sua participação na comunidade? O que é que pensa que vai fazer, o que é que pensa que pode aprender, o que é que pensa que pode dar de si à comunidade?

e- Não sei! O que eu posso dar será aquilo, a experiência que eu tenho comigo nestes últimos anos, não posso dar mais do que isso, não sei muito bem. Quando muito posso partilhar alguns textos ou alguma parte daquilo que eu vou lendo e que me entusiasma, mais nada... Não tenho também assim grandes expectativas daquilo que eu possa contribuir para... acho eu que sou um igual aos outros.

E- Claro que somos todos iguais! Todos vamos contribuir, não é? Portanto... Ok, pronto! O que é que pensa que podem ser ou quais é que pensa que podem ser os aspetos positivos e os aspetos negativos da sua participação neste projeto?

e- A minha participação? (pausa). Aspeto positivo acho que pode ser o... a experiência que eu tenho tido, sobretudo no lidar, nos cargos que desempenhei que é direção de turma... Quais eram os outros?

E- Aspetos negativos.

e- Da minha participação? A... (pausa) A desorganização, se calhar...

E- A desorganização, como assim?

e- A... sou muito desorganizado em termos de... trabalho. O que é que eu posso dizer? Se me pedirem para cumprir prazos e para cumprir determinadas coisas acho que não vou ser muito útil à comunidade...

E- Não... por acaso estava a pensar em aspetos negativos mais para si mesmo

e- Ai, para mim próprio?...

E- Sim, sim, sim.

e- ... ora para mim... a... algum desconforto... Previsível, negativo será algum desconforto em lidar com situações que não tenha querido ou experimentado...

E- Ok!

e- ... não estou a ver mais nada...

E- Ok! P7, uma última pergunta, que impactos é que considera que este projeto pode ter na escola?

e- (pausa) Que impactos pode ter? A... eu acho que pode ter impacto em termos pessoais e profissionais de cada um dos envolvidos na comunidade; para o todo da escola era bom que houvesse um maior, um melhor resultado da prática letiva, mas isso eu não consigo lhe dizer se vai ou não vai ter esse impacto. Agora, que eu acho que vai ter a nível pessoal e profissional para cada um dos envolvidos, acredito que sim. Pela negativa ou pela positiva, mas isso vai ter. Agora, para escola era bom que sim; ou seja, que a escola adotasse isto, se surtisse efeito como uma prática a implementar no futuro... mas isso já não sei...

E- Ok P7, obrigadíssima

e- Desculpe lá I. [P12] se não...

E- É assim, é isto mesmo! É dizer o que cada um pensa!

ANEXO VI H
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P8

Docente: P8

E- P8, boa tarde; queria para já agradecer-te a tua disponibilidade para esta entrevista e queria que começasses por me dar alguns dos teus dados profissionais, designadamente categoria profissional...

e- quadro de nomeação definitiva

E- a tua idade...

e- ah... 40

E- o teu tempo de serviço...

e- ó pá, julgo que são treze anos, penso eu...

E- as habilitações académicas...

e- licenciatura em geografia, ramo de formação educacional.

E- Atualmente, que cargos é que desempenhas na estrutura organizacional da escola?

e- coordenador dos diretores de turma de terceiro ciclo.

E- E outros cargos que... ou outras funções e experiências profissionais anteriores a este nível da gestão intermédia que tiveste?

e- hum... de gestão intermédia? Tive a coordenação de um projeto de aprendizagem cooperativa numa escola onde trabalhei anteriormente.

E- Ok. Ah... agora, entrando mais na questão que pretendemos, gostava que me disseses as razões que te motivaram para integrares este projeto da Comunidade de Práticas...

e- ah... primeiro porque sou uma pessoa que gosta de experimentar e de fazer coisas diferentes e principalmente, principalmente pela troca de experiências... ah... que sinto que na nossa área e no tipo de profissão que nós temos se pararmos no tempo é um pouco limitado e portanto, eu gosto muito de ouvir outras opiniões, trabalhar com pessoas de diferentes áreas para poder trocar essas impressões. Por isso é que numa das escolas onde estive, todos os projetos da escola eu estava envolvido, o que era uma sobrecarga muito grande, mas por outro lado dava-me o prazer que era trocar experiências com colegas de áreas completamente diferentes e fazer coisas completamente malucas mas que davam, davam algum prazer e algum gozo.

E- Olha, já agora, podes-me especificar um pouco melhor esse tipo de projetos em que estiveste envolvido?

e- o... o que tive principalmente foi o da aprendizagem cooperativa, passava essencialmente pela... portanto as disciplinas funcionavam em... em pares ou trios pedagógicos... e em que as turmas, portanto aplicavam-se não em turmas específicas. Era uma determinada turma, por exemplo, podiam ser alunos que, em que havia o risco de abandono escolar e tudo isso, aplicávamos. E em que, por exemplo, nas disciplinas onde os alunos demonstravam maiores dificuldades, normalmente, dependendo da disponibilidade da escola haviam trios pedagógicos e chegamos a ter, por exemplo, quinze alunos para três professores de português, três professores de inglês, três professores de físico-química, os restantes eram pares, ah! E matemática também; os restantes tínhamos pares pedagógicos. E o sucesso andava na ordem dos oitenta por cento. Inclusive depois houve uma apresentação dos resultados com a participação de docentes da Universidade da Madeira, porque havia uma supervisão de uma docente da Universidade da Madeira, havia membros da Secretaria Regional de Educação. Estes projetos... hoje em dia continua a funcionar mas de uma forma completamente desfasada, não corresponde minimamente ao projeto inicial porque neste momento a questão financeira sobrepõe-se a tudo o resto.

E- A... e diz-me uma coisa, como é que tu imaginas a tua participação nesta Comunidade de Práticas? Por exemplo, o que é que tu estás a pensar que vais fazer, a... o que é que esperas aprender, neste nosso projeto?

e- essencialmente, a parte que interessa-me mais é ouvir o feedback dos colegas em relação à forma... a... o... o meu, sobre o meu relacionamento com os alunos. A... eu tenho a noção clara, por exemplo, e... e digo sempre aos meus superiores, por norma sou muito bruto p'ró sétimo ano porque acho que tenho dificuldades em trabalhar com alunos... portanto com o nível... tem a ver com a idade deles... e aquela questão de se é, se é para escrever a vermelho, a azul ou a preto, se é uma definição, se é um título... isso faz-me uma imensa confusão. E portanto acho que sou muito bruto! E por isso, aquilo que eu quero ouvir, esse tal feedback, que é, como trabalho com anos diferentes, ver se os meus colegas nesse tal feedback conseguem-me demonstrar que eu consigo ter comportamentos totalmente diferentes com sétimo ano do que com oitavo ou com o nono ano. E portanto, e tentar melhorar aquilo, as áreas ou aspetos onde... onde algumas coisas correm menos bem.

E- A.... Diz-me uma coisa... a... quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos de te envolveres neste projeto e também os aspetos negativos ou as coisas menos boas, pronto...

e- Eu penso que será muito mais positivos do que negativos: Positivos, essencialmente ouvir... a troca de opiniões, a... provavelmente vou ter oportunidade de conhecer colegas que nunca trabalhei directamente nem em conselhos de turma nem nunca troquei impressões e portanto isso será muito positivo... alguns até vou ficar com uma imagem completamente diferente daquela que tenho neste momento... O meu receio, em termos negativos... a... eu costumo dizer que sou muito receptivo às críticas mas depende da forma como é feita a crítica e portanto, tenho a certeza que não vou reagir mal... a... poderei é depois naquele momento fazer uma cara assim um pouco estranha ou de pouca receptividade mas depois vou para casa e vou refletir sobre o assunto e provavelmente até brinco com os alunos e questiono-os e vou chegar à conclusão que afinal o colega está certo e a opinião que me deu sobre a aula, o feedback, é o feedback correto... em termos negativos não vejo, até vejo, acho que mesmo os alunos vão reagir bem. Quando começarem a ver no início, podem levar, pensar que aquilo é uma brincadeira ou levar na brincadeira. Se for uma coisa prática acho que eles vão entrar bem e vão perceber o que é que se pretende e vão entrar na onda também de... de participar e colaborar em termos de projeto em si.

E- Desculpa voltar só um bocadinho atrás mas pronto, ‘tás a referir-te sempre aos aspetos que têm a ver com a prática de supervisão que vamos desenvolver...

e- sim, sim, sim...

E- ... mas como vamos também ter aqueles encontros mensais, gostava de saber que expectativas é que tens em relação a esses encontros mensais...

e- Eu acho, aí também é uma outra área que eu gosto muito que é normalmente eu quando participo nesse tipo de projetos o que eu faço é... e por exemplo acho que seria talvez interessante até, poderíamos depois lançar temas: Olha, no próximo encontro vamos debater tal tema, por exemplo. Um podia ser sobre a indisciplina, outro sobre a questão dos alunos com necessidades educativas, a forma que cada um de nós trabalha e em que trocando experiências vamos percebendo, “olha, afinal talvez os resultados pudessem mudar” e eu aí tenho sempre a preocupação de tentar ler alguma coisa sobre o tema para lá chegar. Depois como sou uma pessoa chata [sorrisos] falo muito e não

deixo os outros colegas manifestarem a opinião; às vezes é preciso me mandarem calar. Aí tenho expectativas mesmo muito positivas até porque... acho que a forma como o projeto está a começar foi muito boa, foi o tal convite, quem está disponível, vai quem está disponível; foram definidas claramente as regras de funcionamento e penso que quem aderir ao projeto é porque está interessado e acha que poderá ser útil ao mesmo. Por isso tenho expectativas muito altas em relação a essas conversas até porque tenho a certeza que depois há-de aparecer uns bolos e [risos]

E- [risos] Ok! [risos] Olha, uma última pergunta P8: Que impactos é que tu consideras que este projeto pode ter na nossa escola?

e- Imensos! A... Penso que inicialmente haverão aqueles comentários, chamados dor de cotovelo no sentido “Olha, estes agora vão criar um grupo à parte e vão...”; depois, quando as pessoas perceberem e provavelmente vamos ter ao longo, penso eu que vamos ter ao longo do ano alguns colegas que mesmo não estando no projeto vão demonstrar abertura e até vão, vão solicitar por vezes a análise e observação de aulas... Poderão surgir, e isso é uma coisa também que eu penso que terá que ser pensado naquelas conversas que vamos ter, se houver um colega que manifeste interesse até porque o tema, por exemplo se houver esse tal debate sobre esses temas. Porque não meter na sala de professores a dizer, no dia tal, na reunião tal o tema será tal e abrir à comunidade, não ser só o grupo, abrir também à comunidade no sentido de... provavelmente vai haver pessoas que até não estão no projeto mas que acham, querem saber sobre aquele tema e querem debater. E provavelmente também vão lá para perceber se há diferenças entre quem está fora e quem está dentro do projeto. A... agora, acho que vai haver sempre, este tipo de projetos, quando são inovadores e quando são diferentes, causam sempre alguma desconfiança. A... há-de haver sempre aqueles colegas... talvez como provavelmente eu tenho a mesma atitude que é, vão ser sempre do contra, vão achar que fazem um trabalho todo positivo e que não há necessidade de ‘tarmos a fazer isto... existem outros colegas provavelmente que vão achar que se nós recebemos menos temos que trabalhar menos e portanto acho... por isso é que a questão do voluntariado e o querer participar quem acha que isto terá alguma coisa de útil é que é muito positivo. E eu tenho umas expectativas bastante altas... até porque tenho tido um feedback de outros colegas que não foram à reunião mas que quando eu expliquei o funcionamento e tudo isso, demonstraram algum interesse no sentido de poderem participar e tenho a certeza que alguns desses colegas

mesmo não participando, às vezes até por indisponibilidade pessoal, vão querer trocar impressões e vão colocar questões ao longo dos tempos sobre o funcionamento do projeto, e qual é a receptividade, se as coisas estão a funcionar bem ou não...

E- Ok P8! Olha, obrigadíssima pela tua disponibilidade...

e- obrigado eu

E- ...e pelo teu tempo. Muito obrigada!

e- de nada!

ANEXO VI I
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P9

Docente: P9

E- P9, bom dia! Queria começar por te agradecer o facto de teres integrado este projeto da nossa comunidade de prática... Queria começar por te fazer algumas perguntas pessoais tais como a tua idade...

e- 44

E- ...a tua categoria profissional...

e- ah... portanto sou professora profissionalizada com contrato definitivo, é isso.

E- Hum, hum... O tempo de serviço...

e- Vinte anos.

E- As habilitações académicas...

e- Doutoramento em biologia.

E- A... cargos que desempenhas atualmente...

e- Nenhum!

E- A... Outras funções ou outros cargos que já tenhas desempenhado ao longo da tua carreira profissional...

e- Já fui diretora de turma e já fui delegada de grupo também.

E- Pronto. A... queria agora perguntar-te quais foram as razões que te motivaram para integrares este projeto?

e- Primeiro acho que é, portanto, poder estar em contacto com outros colegas, a... adquirir novas experiências que me permitam melhorar a minha atividade letiva... a... portanto, também o facto de... o facto de eu ter feito, a minha licenciatura foi em investigação, portanto eu não tive uma licenciatura via ensino. Fiz a profissionalização em serviço mas foi aquela profissionalização porque como já tinha tempo de serviço suficiente não levou, portanto não tive aquelas aulas assistidas portanto que penso que deve, ajudam não é a prática letiva e tudo mais. E daí, a... portanto também ter decidido enveredar para que de facto possa, possa melhorar a minha atividade. Basicamente, é isso!

E-... A... diz-me que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza, de comunidades de... professores que trabalham... a... pronto que... aprendem em conjunto, digamos assim...

e- Penso que nenhuma. Foi... foi só aquela ação que fizemos o ano passado da... supervisão e avaliação. Agora assim... uma comunidade mesmo como aquela que pretendemos fazer nesta ação, ainda não estive em nenhuma. (pausa) Daí também a minha curiosidade em avançar porque acho que pode ser de facto bastante produtivo.

E- Como é que imaginas a tua participação na comunidade? O que é que pensas fazer? O que é que esperas aprender?... Que contributos é que achas que podes dar?

e- A... eu penso que através de experiências mútuas, não é? A minha experiência, aquela que eu já tenho ao longo, porque também pronto, convém dizer que apesar de ter vinte anos de serviço tive uma interrupção de treze anos que não leccionei e daí também o meu maior interesse em, em se calhar beber um bocadinho das experiências dos colegas que isto muitas vezes vamos adquirindo com o calo, todos os anos, não é? A... e às vezes ainda me sinto se calhar um bocadinho inexperiente em algumas coisas pelo facto de ter estado tanto tempo ausente a... a... portanto da, da escola. A...

E- Já agora desculpa, podes especificar em que funções é que estiveste nessa ausência?

e- Estive, estive três anos na, à frente de uma empresa municipal, portanto na presidência da empresa municipal. Depois estive seis anos no continente a fazer um doutoramento e também fiz uma... tive uma licença sabática; juntamente, fiz uma formação especializada em administração escolar... e... e os últimos quatro anos foi na câmara municipal como vereadora. Portanto, daí que me levou a este tempo todo ausente e, e pronto, e ausente principalmente do contacto com, com os alunos que... pronto. E, e se calhar é um bocadinho essas experiências, essas práticas que eu se calhar espero beber um bocadinho dos colegas... a... que pronto que às vezes ajudam... Há determinados... agora não me vem a palavra... a... mas se calhar pronto, há determinados meios que podemos ter na sala de aula que às vezes nos passam um bocadinho ao lado e que às vezes por experiências de outros colegas nós possamos também adotá-los e que nos ajudem de facto a... a melhorar, pronto o facto de dar as aulas

E- Quais pensas que poderão vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- os aspetos positivos é como eu já mencionei, é tentar melhorar a minha atividade letiva. Que é o que, é o principal resultado que eu espero no final se calhar desta participação. A... negativos... não sei! Talvez, não sei... agora não me ocorre assim nenhum... mas acho que vão ser todos positivos... (risos)

E- Ok. Por último P9, que impactos é que consideras que este projeto pode ter a escola?

e- Eu não sei se já houve alguma coisa do género... Portanto, como estive também ausente, como referi, não sei se já houve alguma coisa do género. Mas acho que pode... eu neste momento só estou a ver coisas positivas... Portanto, a inter-relação com os colegas... O que eu noto é que muitas vezes nós, durante a semana, ao longo... no dia a dia, acabamos por vir cá cumprir o nosso horário, portanto fazer algumas atividades fora do horário que temos que fazer: Fotocópias, imprimir testes, pronto, por aí adiante e quase que não temos tempo de conversar com os colegas e... e perceber também algumas dificuldades que vamos tendo ao longo do ano letivo... E acho que isto pode ser de facto uma mais valia para podermos ter esse espaço que nos permite de facto, pronto cruzar informação, experiência e tudo o mais...

E- Portanto, achas que isso pode ser...

e- Benéfico, uma mais valia, sim! Sim...

E- Ok! P9, muito obrigada! Já terminámos a nossa... conversa...

e- Pronto, não sei se era isto que era esperado!... (risos)

E- Era exactamente! (risos) Aqui não há respostas certas ou erradas. O que se pretende é que as pessoas digam o que pensam!

ANEXO VI J
TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA A P10

Docente: P10

E- P10, queria começar por te agradecer a... a tua participação nesta atividade e queria que começasses por me dar alguns dados pessoais teus como a idade...

e- 40

E- a categoria profissional...

e- sou licenciada em educação física...

E- Sim mas és do quadro...

e- sou professora de quadro de nomeação definitiva, CTI (risos), não é?

E- Ok; o teu tempo de serviço...

e- 'tou no décimo oitavo, portanto, tenho dezassete anos...

E- E... cargos que desempenhes atualmente...

e- Sou coordenadora de Desporto Escolar e representante do... de grupo, do segundo ciclo.

E- E outras funções que já tenhas tido... a... no desempenho profissional

e- Já fui coordenadora de desporto... de departamento de Expressões, a.... Fiz parte do pedagógico não é, durante alguns anos... a... e tenho exercido sempre o cargo de coordenadora do Desporto Escolar.

E- P10, quais foram as razões que te motivaram para participar neste projeto?

e- Primeira coisa: Mo-ti-va-ção (risos)! Estou a... a precisar de mudança na minha... atividade profissional... E, e acho que isto talvez seja, acredito que isto seja possível. Ainda está muito na teoria mas acredito que talvez seja, seja uma boa forma de , de , de mudar um bocadinho.

E- A... Já tiveste alguma experiência prévia em projetos desta natureza, envolvimento em processos de trabalho cooperativo...

e- Portanto, apenas no meu estágio porque a escola onde eu estudei, portanto a ESE, Escola Superior de Educação, eles funcionam muito.... muito nesta base.

E- Ok. Como é que tu imaginas a tua participação nesta comunidade de prática, ou seja, o que é que imaginas que vais fazer... o que é que esperas aprender?

e- Portanto espero, espero... um, um trabalho entre pares, não é?... um, uma conversa, uma reflexão sobre o nosso trabalho, que vamos desenvolver... E tirar daí algum partido e melhorias dentro da atividade... Trazer dúvidas que às vezes... com que me deparo e ‘tou sozinha, não é?... E se calhar é mais fácil entre... com outras pessoas fazer essa partilha...

E- Quais pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Não vejo muitos aspetos negativos... Acho que isto vai sempre uma mais valia mesmo que isto não corra, que a gente chegue ao final diga assim “Olha, afinal acabei por ficar na mesma!” mas acho que tiramos sempre algum partido, na partilha da, da nossa, da nossa atividade profissional, não é? Há coisas que outras pessoas sabem que se calhar eu nunca me passou pela cabeça e não é por isso, que saibam mais ou menos do que eu, mas se calhar uma ideia de uma pessoa irá ser útil para, para outra questão, outro problema que eu tenha e que não consiga... resolver ou não corra tão bem, digo eu (risos)...

E- Ok; e... que impactos é que consideras que este projeto pode ter na escola? Achas que pode ter?...

e- Acho! Acho... acho que faz falta... a... a escola está muito quadrada... ‘tá tudo a mudar... mas a escola continua quadrada, muito fechada. Queremos, os alunos estão mudados, as crianças hoje em dia são outras, as vivências são outras, as vontades, as motivações deles e nós estamos limitados aquilo... Eu penso que... essa partilha de experiências, essa reflexão... se calhar vai ser bom! Já que não conseguimos mudar lá em cima, mas se calhar o nosso ambiente de trabalho talvez fosse um pouco melhor acho eu...

E- Ok. Olha, muito obrigada...

e- ... pode ser que de quadrada passe a hexagonal (risos). Eu costumo dizer que a escola está quadrada na pá; em certos aspetos, acho-a um bocado... quadrada, mas pronto! Por muita vontade que nós tenhamos em mudar, também chegamos ali a um limite e não conseguimos... porque também não nos deixam grande manobra, não é? Acho eu... não sei...

E- E achas que isto pode ter impacto, por exemplo, mesmo na escola, não só na tua prática profissional mas na própria escola...

e- Acho que sim. Acho que sim. Acho que era possível ter aqui, desenvolver um bom trabalho. Entre nós, com os miúdos, uma mais valia para os miúdos... em conjunto... acho que era possível: Trabalharmos todos para o mesmo.

E- Ok, P10, obrigadíssima!

ANEXO VI K
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P11

Docente: P11

E- P11, olha queria começar por te agradecer a tua disponibilidade para esta entrevista; queria que me desses primeiramente alguns dados pessoais como a tua idade...

e- 45

E- a tua categoria profissional...

e- sou efectiva

E- quadro de escola, não é?

e- sim...

E- tempo de serviço...

e- vinte e.... (pensa) um! Vinte e um anos.

E- habilitações académicas...

e- Licenciatura em ensino matemática, variante de matemática e ciências.

E- Desempenhas algum cargo atualmente na estrutura organizacional da escola?

e- Sim; sou diretora de instalações e sou representante de disciplina de ciências...

E- E...

e- ... no segundo ciclo. Já fui coordenadora de departamento e... acho que mais nada.

E- Ah... Queria que me disseses agora quais foram as razões que te motivaram para te envolveres neste projeto...

e- As razões que me motivaram a envolver neste projeto foi que o ano passado frequentei uma ação sobre... sobre a...(pausa) sobre este tema...

E- a avaliação do desempenho..

e- ...a avaliação do desempenho e gostei imenso. Ia para lá com umas expectativas e saí com outras completamente diferentes. Acho que todos nós que estivemos lá aconteceu-nos isso. Gostei. E acho que devido a já ter um pouco de conhecimento sobre a situação, gostava de alargar o meu conhecimento.

E- Ah... Já alguma vez integraste uma Comunidade de Práticas ou alguma experiência deste género?

e- Deste género não. Já integrei foi uma oficina de... do MEM, Movimento da Escola Moderna onde trabalhámos e tentei implementar mas, um pouco por comodismo... porque este tipo de trabalho é bom trabalhar a pares e talvez devido à orgânica que nós temos e à situação que atualmente vivemos, o trabalho a pares é um pouco difícil. E então depois, acabei por desistir, não continuei a fazer, no entanto, no dia a dia, nas minhas aulas uso um pouco, devido à minha prática pedagógica que tive anteriormente, quando estava a tirar o curso.

E- Olha, e como é que tu imaginas a tua participação nesta comunidade de práticas? O que é que estás á espera de fazer, de aprender, ah.... Como é que imaginas...

e- Como é que imagino? Penso que será mais outra forma de me dar mais outro incentivo porque eu gosto de trabalhar em cooperativismo, gosto de trabalhar onde os miúdos se interajudem [sic] uns com os outros. Talvez seja novamente um chamamento, entre aspas, para que eu consiga pôr em prática no fundo o que eu sempre quis.

E- E quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos, por um lado, e por outro os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Pronto, os aspetos positivos acho que é no fundo aquilo que eu já referi: talvez me abrir novamente os olhos não é, para ver se eu consigo levar avante, porque eu sei de colegas minhas que fazem um trabalho dentro deste género e estão sós e conseguem. Pronto. Aspeto negativo é voltar outra vez a não levar a cabo o que eu sempre quero e depois acabo por, sei lá, por não conseguir mudar a minha prática e não fazer...

E- E que impactos é que tu consideras que este projeto pode ter na escola, se é que achas que pode ter impacto na escola?

e- Tem, tem um impacto. Eu acho que tem um impacto positivo e muito grande porque envolvemo-nos mais e envolvemos mais os miúdos no trabalho do que propriamente nas ditas aulas normais, não é? No entanto, como eu disse anteriormente e torno a frisar, eu envolvo os meus alunos nas aulas mas talvez os pudesse envolver de uma maneira melhor...

E- Ok P11, olha, obrigada

e- a minha voz está horrível...

E- Não faz mal.... 'tá boa de certeza [a gravação]

e- O meu problema é esse sempre. Eu acho que se tivesse outra pessoa a trabalhar comigo era capaz de mudar as minhas práticas.

E- Ok P11, muito obrigada pela entrevista.

ANEXO VI L
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P13

Docente: P13

E- P13, quero começar por te agradecer o facto de te teres voluntariado para participar neste projeto da comunidade de prática e queria que começasses por me dar alguns dados de natureza pessoal como a tua idade...

e- Olá! Obrigado também pela oportunidade de participar neste projeto. Chamo-me P. A., tenho 39 anos

E- A tua categoria profissional...

e- professor de quadro de zona

E- O teu tempo de serviço...

e- 14 anos

E- As tuas habilitações académicas...

e- Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de estudos portugueses e ingleses

E- Cargos que desempenhes atualmente...

e- Zero.

E- E cargos que já tenhas desempenhado aqui na escola ou fora da escola mas que aches que possam ser relevantes...

e- Diretor de turma...

E- hum, hum...

e- a... depois não tive mais nenhum cargo assim relevante

E- Ok. Diz-me uma coisa P13, quais foram as razões que te motivaram para aderir a este projeto?

e- Em primeiro lugar foi a troca de experiências; a... depois... o evoluir e o desenvolver a minha prática docente... essencialmente foi isso.

E- Que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza, se é que já tiveste?

e- Não, nunca tive em nenhum...nenhum projeto desta natureza. A única coisa que mais se assemelhou a isto foi o estágio pedagógico em que alguém assistia às aulas e comentava, de resto nunca tive. Ah, tive uma vez um colega que me pediu, que estava em estágio e pediu-me para assistir a uma aula minha e eu deixei mas nunca tive feedback, nunca tive nada, nunca falamos sobre isso... mas foi a única experiência assim mais próxima foi essa...

E- Ok! E como é que tu imaginas a tua participação nesta comunidade de prática, ou seja, o que é que tu pensas fazer, o que é que tu pensas que podes aprender... como é que pensas que podes contribuir para o funcionamento da comunidade?

e- Hum... Como é que eu penso contribuir?... Mostrar a minha prática docente... aos colegas que quiserem assistir... ouvir as apreciações e os comentários que têm a fazer sobre a mesma e... melhorar aquilo que tenho que melhorar... a... contribuir para o melhoramento de outros também se for possível... através também de algumas ideias que eu possa ter... essencialmente é isso...

E- P13, quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Bem, os negativos são sempre o receio em ter alguém a observar ... e ter medo se calhar de não ter a prática docente mais correta... e estar sujeito aos comentários mais negativos do colega ou dos colegas que estiverem a observar... Isso penso que é o primeiro... o primeiro aspeto mais negativo mas que penso que é ultrapassável... depois, o positivo, é como já disse anteriormente, é melhorar a prática pedagógica, a prática docente, aprender novas ideias... desenvolver novos... novas metodologias... penso que é isso...

E- Finalmente P13, que impactos é que pensas que este projeto pode ter na escola, se é que achas que pode ter...

e- Eu acho que pode ter... Acho que se todos a... se todos os professores se juntassem num projeto deste género, penso que a prática letiva, a prática docente iria evoluir bastante e assim a escola iria ter alunos se calhar com melhores desempenhos...

E- Ok! Pronto, muito obrigada P13! Como vês, isto é rápido... ok, obrigada!

ANEXO VI L
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P13

Docente: P13

E- P13, quero começar por te agradecer o facto de te teres voluntariado para participar neste projeto da comunidade de prática e queria que começasses por me dar alguns dados de natureza pessoal como a tua idade...

e- Olá! Obrigado também pela oportunidade de participar neste projeto. Chamo-me P. A., tenho 39 anos

E- A tua categoria profissional...

e- professor de quadro de zona

E- O teu tempo de serviço...

e- 14 anos

E- As tuas habilitações académicas...

e- Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas, variante de estudos portugueses e ingleses

E- Cargos que desempenhes atualmente...

e- Zero.

E- E cargos que já tenhas desempenhado aqui na escola ou fora da escola mas que aches que possam ser relevantes...

e- Diretor de turma...

E- hum, hum...

e- a... depois não tive mais nenhum cargo assim relevante

E- Ok. Diz-me uma coisa P13, quais foram as razões que te motivaram para aderir a este projeto?

e- Em primeiro lugar foi a troca de experiências; a... depois... o evoluir e o desenvolver a minha prática docente... essencialmente foi isso.

E- Que experiências prévias é que já tiveste em projetos desta natureza, se é que já tiveste?

e- Não, nunca tive em nenhum...nenhum projeto desta natureza. A única coisa que mais se assemelhou a isto foi o estágio pedagógico em que alguém assistia às aulas e comentava, de resto nunca tive. Ah, tive uma vez um colega que me pediu, que estava em estágio e pediu-me para assistir a uma aula minha e eu deixei mas nunca tive feedback, nunca tive nada, nunca falamos sobre isso... mas foi a única experiência assim mais próxima foi essa...

E- Ok! E como é que tu imaginas a tua participação nesta comunidade de prática, ou seja, o que é que tu pensas fazer, o que é que tu pensas que podes aprender... como é que pensas que podes contribuir para o funcionamento da comunidade?

e- Hum... Como é que eu penso contribuir?... Mostrar a minha prática docente... aos colegas que quiserem assistir... ouvir as apreciações e os comentários que têm a fazer sobre a mesma e... melhorar aquilo que tenho que melhorar... a... contribuir para o melhoramento de outros também se for possível... através também de algumas ideias que eu possa ter... essencialmente é isso...

E- P13, quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Bem, os negativos são sempre o receio em ter alguém a observar ... e ter medo se calhar de não ter a prática docente mais correta... e estar sujeito aos comentários mais negativos do colega ou dos colegas que estiverem a observar... Isso penso que é o primeiro... o primeiro aspeto mais negativo mas que penso que é ultrapassável... depois, o positivo, é como já disse anteriormente, é melhorar a prática pedagógica, a prática docente, aprender novas ideias... desenvolver novos... novas metodologias... penso que é isso...

E- Finalmente P13, que impactos é que pensas que este projeto pode ter na escola, se é que achas que pode ter...

e- Eu acho que pode ter... Acho que se todos a... se todos os professores se juntassem num projeto deste género, penso que a prática letiva, a prática docente iria evoluir bastante e assim a escola iria ter alunos se calhar com melhores desempenhos...

E- Ok! Pronto, muito obrigada P13! Como vês, isto é rápido... ok, obrigada!

ANEXO VI M
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P14

Docente: P14

E- P14 olha, queria começar por te agradecer o teu envolvimento neste projeto e precisava que começasses por me dar alguns dados pessoais como a tua idade...

e- então eu tenho 35 anos

E- ...a tua categoria profissional...

e- sou professora do grupo 510, físico-química (pausa) e sou profissionalizada.

E- E pertences ao quadro da escola, ao quadro de zona...

e- Sim, quadro de zona.

E- Quadro de zona; o teu tempo de serviço?

e- 10 anos

E- E as tuas habilitações académicas?

e- eh... a média?

E- Não, não! A habilitação académica; Se tens licenciatura...

e- licenciatura

E- ... mestrado... pós graduação...

e- Não, só licenciatura.

E- Só licenciatura. Cargos que desempenhas atualmente...

e- Professora, mais nada. (risos)

E- (risos). mais nada, já chega, é? (risos) A... outras funções ou experiências profissionais que tenhas tido anteriormente?

e- A... Só professora... não tive...

E- Só professora... ok! P14, quais são as razões que te motivaram para integrares este projeto?

e- A... é assim... eu não gostei do meu ano de estágio! Detestei aulas assistidas; então, o que me levou a aceitar, é mesmo o facto de eu não gostar de aulas assistidas. E como eu sei que vamos ter aulas assistidas e como eu sei que tenho que me habituar a isso (risos) foi isso que me levou.

E- (risos) OK! A... já tiveste alguma experiência prévia em projetos desta natureza de, de grupos de reflexão...

e- Só, só quando pertenci ao... ao MEM

E- Sim...

e- Mais nada...

E- Quando fizeste a formação...

e- Sim, sim, no MEM

E- Fizeste a Oficina de Formação foi, ou os Sábados Pedagógicos?

e- Sim, sim, sim! Foi os Sábados Pedagógicos, mais nada.

E- O que é que pensas fazer, o que é que esperas poder aprender aqui no nosso projeto?

e- A... É assim, eu acho que (pausa) poder refletir... eu acho que seria mais útil se eu tivesse pessoas do mesmo, do meu grupo lá. Uma vez que não tenho... mas eu acho que assistir às aulas de outros colegas traz-nos sempre vantagens! Ver... Pode até nem ser da nossa área mas dá-nos dicas de como nós podemos aplicar aquela estratégia nas nossas aulas. E isso é o que me leva a frequentar.

E- Ok! A... Quais é que pensas que podem vir a ser os aspetos positivos e os aspetos negativos do teu envolvimento neste projeto?

e- Então, os aspetos positivos é melhorar a minha prática pedagógica. Os aspetos negativos é, eu sei que lido mal com aulas assistidas porque fico super nervosa, fico mesmo... não consigo raciocinar tão... tão... tão bem; e outro aspeto negativo que eu acho que poderá vir a acontecer é se alguma coisa nos correr mal, sermos depois criticados pelos outros... (sorri)

E- E quais é que pensas que podem ser os impactos deste projeto na escola?

e- (pausa) Se funcionar bem, poderá ser muito útil porque podemos aumentar o grupo e se aumentar o grupo podemos trazer... podemos... partilhar ideias... e ao partilhar ideias aprendemos mais. E podemos ensinar melhor, que é o meu objetivo principal é melhorar o ensino... melhorar a forma como dou aulas.

E- Ok P14. Muito obrigada pela tua entrevista; como vês não foi nada complicado (risos)

e- (risos)

E- E pronto! em breve iremos então começar a trabalhar e depois nessa altura dou-te notícias. Muito obrigada!

e- Nada!

E- Já está!

e- Bom... mas eu fui sincera mesmo! O que eu... isto é mesmo o que eu penso.

E- mas é mesmo para as pessoas serem assim, sinceras: dizerem o que pensam!

ANEXO VI N
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P15

Docente: P15

E- P15, queria começar por e agradecer a tua disponibilidade para participares nesta atividade que vamos desenvolver e queria que começasses por me dar algumas informações de caráter pessoal como a tua idade...

e- 47

E- a tua categoria profissional...

e- Quadro de nomeação definitiva

E- ...o teu tempo de serviço...

e- 20 e.... 21... 22; acho que é 22...

E- ...as tuas habilitações académicas...

e- Licenciatura em gestão de empresas

E- ...cargos que desempenhes atualmente...

e- Nenhum.

E- E outras funções que já tenhas tido, já desempenhaste cargos ou alguns experiências profissionais anteriores...

e- Sim, já fui delegada de grupo, de disciplina, diretora de turma... Já dei formação profissional... e mais nada.

E- Então, queria começar por te perguntar quais são as motivações que te levaram a envolveres neste projeto da nossa Comunidade de Prática?

e- As motivações?... É sempre uma aprendizagem... é sempre útil para a nossa carreira, não é? E para a nossa vida... (silêncio)... e a partilha das experiências no grupo...

E- E diz-me uma coisa, quais são as expetativas pessoais que tu tens, pessoais e também profissionais acerca da tua participação neste projeto? O que é que tu imaginas que vais fazer? O que é que tu imaginas que vais aprender? Etc...

e- ... ah... aqui é a coordenação pedagógica, não é?... essencialmente...

E- Também vamos trabalhar eventualmente na área da coordenação pedagógica sim, mas é essencialmente uma comunidade para refletir sobre a nossa prática...

e- Sim, a nível de aprendizagem, não é, melhorar... Tudo aquilo... e aperfeiçoar as nossas técnicas e... e a... e a partilha com os colegas. O... o... o que é que eles fazem... o que é que fazem de diferente... de... é sempre útil, não é? Porque nós, às vezes pensamos quês estamos a dar... e que não há outra alternativa e que não há outra maneira de... de expor a matéria... É como por exemplo, eu agora estou naquela formação, no CEM, não é? O ano passado foi a primeira vez que eu frequentei essa formação, adorei! Porque olha é, além da partilha, não é, e das experiências que eles fazem em escolas diferentes, que nós aqui em Porto Santo estamos muito limitados; não temos mais ninguém com... e é essa dificuldade, e eu o ano passado senti muito essa dificuldade porque era em Porto Santo, no segundo ciclo, a única que dava 5º ano... E não tinha com quem partilhar... e foi muito, muito, muito, muito útil. E depois é assim, é ver... aspetos na matéria... outras maneiras de dar... de dar a matéria, abordando esses conteúdos de uma maneira que eu nunca pensaria que... E mesmo a nível de correcção de testes... a.... ver... a.... Aproveitar tudo ao máximo...

E- Diz-me uma coisa, já tiveste alguma experiência prévia em envolvimento em projetos desta natureza?

e- Não.

E- E quais é que pensas então que podem ser os aspetos positivos e os aspetos negativos da tua participação aqui?

e- Olha, os aspetos negativos, vou começar pelos aspetos negativos, essencialmente a carga horária que, por causa do meu horário este ano, não é, como tenho as turmas, mais uma turma... é mais o aspeto negativo é esse... e o aspeto positivo é sempre a aprendizagem...

E- Última pergunta, a.... Que impactos é que achas que este projeto pode ter na escola?

e- ... ai muito útil... ai muito útil, em todos os aspetos, em todos os aspetos!... É como eu te digo, é a aprendizagem contínua. É o... o.... a pessoa partilhar das experiências das outras pessoas e aceitar... às vezes uma pessoa erra, mas errar é humano... mas não custa nada uma pessoa ouvir a opinião da outra e.... e entenderem-se....

E- Ok, obrigada...

e- Obrigada eu...

ANEXO VII

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS A PARTICIPANTES

ANEXO VII A
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P4

E- Deixa ver se isto 'tá mesmo a gravar que é para não ter surpresas desagradáveis... P4., a primeira coisa que eu te queria pedir obviamente, era que me fizesses um balanço da tua participação no nosso projeto, portanto salientando os aspetos que tu consideras como positivos mas também, naturalmente, referenciando os aspetos que tu consideras que foram negativos...

e- Bom, em relação ao projeto, eu penso que o balanço é tremendamente positivo. É tremendamente positivo porque basicamente ele veio quebrar uma certa rotina. Nós na escola, frequentemente, somos levados, ao longo dos anos, a adotar determinadas rotinas e de alguma forma, certas monotonias e este projeto obstou a que isso acontecesse porque, basicamente, nós íamos ter, em sala de aula um outro professor, numa modalidade que não é muito comum nas aulas, pelo menos de português e isso obrigava-nos também ou desafiava-nos também a mostrar o melhor de nós; isso é um dos aspetos positivos. Outro dos aspetos positivos tinha a ver com as reflexões constantes, através do diário que este projeto implicava. Portanto, não é, eu julgo que alguns professores fazem isso, mesmo sem estarem envolvidos neste projeto, mas da minha parte não era uma prática corrente e agora passou a sê-lo; pelo menos esforço-me nesse sentido, portanto de fazer uma reflexão escrita a propósito das aulas e do desempenho e naturalmente, quando nós refletimos, temos a tendência a melhorar essa prática. O aspeto negativo que se poderá apontar, se é que ele existe, tem a ver com a parte pragmática. Naturalmente se estamos envolvidos num projeto ele, ele implica passar tempo nesse projeto; e portanto, houve alturas, reuniões, etc. que... que era complicado às vezes gerir mas no geral, no final, o balanço é mesmo muito positivo.

E- E portanto deduzo que não continuaste por falta de tempo... Posso deduzir isso ou por...

e- Não, sim! A... portanto eu não continuei porque 'tava a pensar desenvolver outros projectos pessoais que há muito tempo que estou a tentar desenvolver e portanto não conseguia conciliar as duas coisas...

E- Claro!

e- Ainda não consegui lançar esse projeto pessoal mas eu 'tou em crer que a breve trecho vou fazê-lo... a... e portanto com alguma pena não o fiz mas enquanto participei, gostei bastante!

E- Olha P4, tu falaste-me aí portanto na questão das aulas assistidas e de dar o teu melhor, a... e por acaso, uma coisa que eu acho que emerge do teu diário, é de facto, essa grande preocupação com os alunos, com o ensinar e com fazer com que os alunos

atingam de facto aquilo que está previsto... Inclusivamente, por exemplo, há uma passagem do teu diário que eu achei interessante porque tu estás a dar Camões e interrogas-te até que ponto é que os alunos conseguem ou não, têm ou não maturidade para trabalhar aqueles textos, e portanto, a minha questão vai um bocadinho agora nesse sentido que é, como é que tu olhas para os currículos de português, até porque ainda por cima, nos últimos anos vocês têm tido, tanto quanto eu sei que sou uma observadora externa, têm tido alterações desde a... a famosa TLEBS, depois é o Acordo Ortográfico, depois são programas que mudaram, tanto quanto eu sei, com uma relativa...

e- Frequência.

E- ... frequência... Gostava que tu me dissesses, o que é que tu pensas sobre isso... a... e como é que tu procuras de alguma forma minimizar os efeitos dessa instabilidade... Porque creio que procuras fazê-lo... fiquei com essa ideia...

e- Sim. A... eu devo acrescentar, antes de responder a essa questão pertinente, eu devo acrescentar um elemento. Quando falei da parte de termos alguém a ver as nossas aulas, a preocupação de desenvolver o meu trabalho, também devo dizer que o facto de eu assistir a outras aulas, há bocadinho esqueci-me de referir este aspeto muito importante, também me permitiu contactar com outras experiências que também são muito enriquecedoras. E depois também aquele, nas reuniões, a troca de ideias, de experiências, aquilo que achávamos bom e mau, isso é muito enriquecedor. Eu penso que há bocadinho me escapou e que era importante salientar. Agora a questão relativamente ao currículo, eu pessoalmente penso que nos últimos anos se assassinou, eu penso que o termo será mesmo esse, ou pelo menos a Língua Portuguesa está ligada às máquinas, a Língua Portuguesa. Por dois motivos: Sobre tudo na componente gramatical e também naquilo que diz respeito ao acordo ortográfico; portanto houve uma tremenda revolução e não creio, isto é a minha opinião muito pessoal, não creio que essas mudanças tenham vindo a acrescentar mais aquilo que penso ser o objetivo da escola, que é levar os alunos, e em concreto na minha disciplina, levar os alunos a conhecer mais e melhor a escrita, a comunicação e a nossa literatura. Eu penso que... que essas mudanças sobretudo ao nível da gramática e da ortografia foram bastante perniciosas. A... em relação ao currículo em geral, eu penso que a abordagem em relação aos autores principais, e agora com a nova mudança, este ano já estou a trabalhar com o novo programa do secundário, a... dar a conhecer aos alunos aqueles que são os primeiros autores da nossa literatura, nomeadamente o Fernão Lopes, Gil Vicente, etc., por muito complexa que seja a escrita e também as referências culturais,

eu penso que isso é fundamental. Nós de facto estamos a ensinar e devemos orgulhar-nos das origens.

E- Olha, uma coisa que também tu falas a... que eu achei interessante, é na questão da indisciplina... e até achei interessante porque, pelo menos eu acho que tu... há dois momentos em que tu falas da indisciplina e em que até parece contraditório quase porque por um lado tu dizes a... que foste a uma reunião sobre indisciplina que é um assunto lateral ao teu trabalho de sala de aula e depois, umas páginas mais à frente tu manifestas a tua preocupação pela ausência de um aluno que por vias da indisciplina acaba por estar ausente e não... e portanto tu estás preocupado porque o aluno a... de facto, vai ficar prejudicado na sua aprendizagem. E eu gostava que tu me falasses um bocadinho da questão, desta questão da indisciplina que eu acho que é uma questão pertinente e... e até, tanto quanto eu sei, agora, no último balanço que foi feito das avaliações também se levantou essa questão; parece que há aí, pelo menos ao nível do sétimo ano, problemas de disciplina que estão a mexer com as aprendizagens dos alunos, e gostava que me falasses um bocadinho como é que tu vês essa... a indisciplina... a... e pronto, e depois...

e- Portanto, a indisciplina é sem dúvida alguma um fator pertinente no ensino naturalmente. Nós se tivermos os alunos a... pouco concentrados, desmotivados, a implicar uns com os outros, naturalmente a aprendizagem não... não se verifica. Nesse caso em concreto, dessa reunião quer me parecer que em relação, a abordagem que a escola está a ter em relação á indisciplina é que me parece não ser a mais correta porquanto, nos últimos tempos se tem vindo a adotar um procedimento muito semelhante aos tribunais. Portanto, elaboram-se processos, processos bastante complexos, com uma linguagem bastante complexa... Eu tive oportunidade quer nessa reunião, quer depois na prática de elaborar alguns procedimentos disciplinares e a... e ainda está para provar que ou qual é o benefício que isto tem vindo a trazer para a escola, para a turma e para o aluno. Portanto, eu penso que é necessário uma reflexão muito, muito profunda sobre a indisciplina. Isso é indiscutível! E depois, se calhar é necessário pensar em novas abordagens para obstar a essa indisciplina. Eu penso que não passará pelo processo burocrático, pelo castigo... Os castigos eventualmente aplicar-se-ão, isso depois será ponderado caso a caso mas obviamente temos que refletir sobre o que temos vindo a fazer, nomeadamente na aplicação desses processos e se eles têm vindo a resultar, se é necessária uma nova abordagem...

E- Pelo que eu percebo, e devo dizer-te que ‘tou inteiramente de acordo contigo, é que na tua perspetiva, estamos a abordar a indisciplina de uma forma, eu diria quase jurídica...

e- Burocrática.

E- ... e não pedagógica?...

e- Penso que sim...

E- E... e... e que isso, eu também tenho as minhas dúvidas sobre os benefícios dessa abordagem da indisciplina...

e- Não sou a favor de fechar os olhos a tudo, não!

E- Não! Eu ‘tou a perceber, eu ‘tou a perceber o que tu queres dizer...

e- É preciso identificar as raízes do problema, muitas vezes... Nós aqui no Porto Santo beneficiamos de uma coisa muito... muito interessante que é o facto de sermos uma escola pequenina, uma escola numa comunidade pequenina e que se calhar facilmente se poderia... poderia ter outra abordagem!

E- Não, eu percebo o que tu queres dizer... de facto, a mim o que tu dizes faz-me sentido. Naquela altura quando li no diário é que digo assim, mas há aqui uma contradição porque por um lado... mas percebo lindamente o que tu queres dizer e ‘tou inteiramente de acordo contigo porque eu acho que nós temos que atuar mas temos que atuar de uma forma que não é aquela que estamos a fazer, que transformamos o processo disciplinar num processo penal! Quer dizer, não há... Eu noutro dia também estive numa formação sobre indisciplina, exatamente sobre processos disciplinares e fiquei a pensar, quer dizer, então isto é, eu não sou jurista mas isto é quase preciso ser jurista p’ra fazer uma coisa destas... esta abordagem burocrática da indisciplina leva-me a pegar noutro aspeto que é, tu de facto tens uma visão muito crítica da burocracia da escola. ‘Tou certa ou ‘tou errada?

e- Sim! Não, Sim... É assim, a burocracia, nós sem... Portanto, a escola é um sistema que cobre imensa gente, imensos fatores, é necessário existir regras e de alguma forma, a burocracia será indissociável. Agora, nós temos que ter o cuidado de não cair no exagero burocrático: Para tudo ser necessário uma reunião, para tudo ser necessário o documento, etc. Portanto, penso que é importante agilizar os procedimentos. Fazer aquilo que o governo, os últimos governos têm vindo a adotar, que são os chamados simplexes. Portanto, eu penso que a escola deverá ser um modelo em constante... em constante mutação porque a sociedade lá fora, também o é. É assim, se nós estamos a prepara os alunos para o futuro, a sociedade do futuro, nós temos que ter a capacidade

também de enquanto organismo nos adaptarmos às mudanças e portanto, obstar aquilo que pode... pode servir de, cá está, obstáculo a que os alunos progridam, a própria escola se desenvolva, e se mantenha atual e moderna.

E- Outra coisa que eu gostava de... de falar contigo, e que eu penso que tema a ver um bocadinho se calhar com isso, a... no teu diário tu também falas de uma certa degradação do ambiente entre colegas... Sentes... sentes isso... tu falas disso e achas que isso é um obstáculo por exemplo ao desenvolvimento do teu trabalho?

e- Sim! Portanto, isso é mais uma questão pessoal do que profissional. Portanto, nós temos de ser capazes de separar... separar as coisas. Mas é óbvio que sendo a escola um espaço de múltiplas relações humanas, é bom que haja um ambiente humano salutar, saudável. A... nesse sentido, a escola também pode trabalhar, e penso que está a fazê-lo; está a fazê-lo... Podia fazer mais e melhor mas está a fazê-lo, nomeadamente promovendo encontros, celebrações de datas particulares, etc., portanto por forma a poder ultrapassar a... pequenas quezílias que surgem... Porque nós, felizmente, não pensamos todos da mesma maneira e de vez em quando temos discussões e isso, sendo ultrapassadas pode até ser enriquecedor.

E- Há uma coisa que eu também achei muito interessante no teu diário, aliás eu devo dizer que eu achei todo o teu diário muito interessante porque o teu diário é mesmo um diário. Pronto, tu ali falas das coisas, não... e houve casos em que as pessoas se limitaram a descrever “hoje fiz isto, fiz aquilo, fiz o outro” e no teu caso, não. A... tu és uma pessoa que tens uma intervenção cívica na comunidade e além disso também foste director de turma o ano passado e eu gostava que tu me falasses um bocadinho como é que tu vês a relação escola-meio, ou seja, como é que tu achas que a escola, até porque nós temos por exemplo na escola um órgão que teoricamente deveria funcionar como... de facto como esse órgão promotor da relação escola-meio que é o Conselho da Comunidade Educativa, e eu gostava que tu me falasses um bocadinho não tanto da tua intervenção cívica porque essa é pública e não, mas se quiseses falar dela poderás fazê-lo, mas mais de... da relação escola-meio, ou seja, como é que tu achas que a escola pode contribuir para o meio e por outro lado, o inverso... E um pouco também, e aí porque tu também referes isso enquanto diretor de turma, a... o papel dos pais na escola. Até porque tu és professor mas também já és pai de uma criança que ‘tá na escola e portanto eu acho que isso deve-te deixar às vezes numa situação um bocadinho ambivalente e portanto gostava que falasses um bocadinho sobre isso...

e- Isso é uma pergunta terrível! (risos)

E- Pois é, eu só faço perguntas terríveis! (risos)

e- Dava para três dias de conversa... Portanto, a relação escola, da escola com o meio, temos que voltar à caracterização da escola: Pequenina, num meio pequenino (pigarreia). E esta escola, e bem, tem-se assumido nos últimos anos como por exemplo, um motor cultural. Portanto, é a escola que ultimamente tem sido responsável, em grande parte, por eventos culturais aqui na ilha. Isso é fundamental [imperceptível] não só porque cria uma certa dinâmica, uma certa abertura; também porque as pessoas verão que a escola não é simplesmente, não será, não deverá ser simplesmente um armazém, um depósito onde deixam os filhos. Portanto, intervém, tem vida própria, vida para além do horário... do horário da escola. Há outros factores. A escola, necessariamente pela abrangência que tem, em termos humanos, económicos, etc., e mesmo sociais, portanto ela atua e é marcada e marca o meio. A... e agora perdi-me...

E- É para falar da relação escola-meio... vai falando, vai dizendo o que te ocorre...

e- Outro aspeto que a P12 falou sobre a Comunidade Educativa, acho, há bocadinho falámos em burocracia, e eu creio, tenho a sensação, nunca participei do órgão da comunidade educativa mas quer-me parecer que sendo aquele órgão que hierarquicamente é o órgão com mais poder, é o órgão que deverá traçar as linhas gerais de atuação da escola na comunidade, me parece que embarcou numa certa burocracia e de alguma forma se terá demitido do seu verdadeiro papel, de transmitir as preocupações da comunidade à escola e da escola à comunidade. Quer-me parecer... porque não tenho visto uma política atuante nesse sentido, por parte desse órgão... mas posso estar muito enganado até porque estou a falar como alguém que vê as coisas de fora e nunca interveio nesse órgão. Como diretor de turma, ser diretor de turma é uma coisa extraordinária. É uma coisa extraordinária... Por acaso este ano não sou. Já há muitos anos, fui durante muitos anos, este ano sou só professor que é uma coisa também muito boa. De vez em quando precisamos descansar (risos). Mas ser diretor de turma permite-nos ter uma visão mais completa dos alunos e do meio. Às vezes temos oportunidade de identificar as razões, a razão de ser de determinados comportamentos ou de determinadas atitudes dos alunos e permite-nos de alguma forma atuar e estabelecer uma maior proximidade com os alunos (pausa) e com os pais! O Porto Santo é um local privilegiado nesse sentido porque, eu vejo isso mais como uma vantagem do que desvantagem, porque de repente estamos no supermercado e somos abordados pelos pais a perguntar como é que estão os filhos, ou então a pedir desculpa por causa de uma situação que terá acontecido, ou então a prometer que virão à escola na próxima

reunião, faltaram a esta porque não tiveram tempo... Portanto, nesse sentido existe uma grande proximidade entre a comunidade e a escola. E ser diretor de turma potencia essa proximidade porque curiosamente, aqui no Porto Santo ainda existe uma grande... um grande respeito, sem subserviência, uma grande consideração pelos professores e pelos diretores de turma.

E- Portanto tu achas que a... a... a... que há uma boa interação entre a escola e o meio, que as coisas que estão...

e- Eh... Não... não; eu penso que poderia... eu penso que poderia melhorar. (pausa) Há vários fatores: Por exemplo, nós temos aqui na escola cursos de... cursos de Educação e Formação, serviço de Bar. Mas, por exemplo, a escola está a promover esses cursos e bem porque... a... porque a hotelaria e o turismo são as indústrias principais aqui na ilha. Agora, o que é que acontece? Quais são os alunos que a escola tem direccionado para esses cursos, não é? Portanto, se nós sabemos que o futuro do Porto Santo passa em muito pelo turismo, a escola deve-se interrogar sobre quais os alunos que está a direccionar para esse local porque de alguma forma a escola pode estar a hipotecar a imagem do Porto Santo. A... e nesse âmbito podemos também considerar a necessidade de preparar jovens para outras áreas e a escola, ultimamente tem centrado a sua formação em cursos profissionais única e exclusivamente nessa área e portanto, se calhar nesse âmbito, a escola tem que fazer uma leitura do meio mais abrangente e diversificar a sua oferta. Naturalmente nós sabemos que isso depende muitas vezes de recursos humanos, dos próprios, do próprio corpo docente que existe, portanto é quando se tomam decisões é preciso ponderar todos esses fatores mas nesse caso concreto, temos que ter em atenção que os alunos que estamos a direccionar nesse sentido, se calhar, não serão os mais indicados, ou então, promover uma cultura que atraia outros alunos também e não apenas os casos mais problemáticos, casos de absentismo, etc.

E- P4, queria-te fazer uma outra pergunta, tu abres o teu diário, se eu não 'tou em erro... por acaso não abres o teu diário, é para aí a segunda entrada do teu diário, porque o diário abre com uma reflexão sobre o estares a trabalhar o Machado de Assis com os miúdos, mas para aí a segunda entrada tem a ver com uma viagem que tu fazes e em que tu fazes uma reflexão interessante e eu... porque dizes que de facto isso foi importante para ti enquanto pessoa e obviamente enquanto professor... E gostava que me disseses uma coisa, a... tendo tu consciência que essa saída do Porto Santo te proporcionou contactos e vivências que te enriquecem enquanto profissional, a... o que é que tu, como é que tu vês por exemplo, o desenvolvimento, as possibilidades de

desenvolvimento profissional que um professor tem no Porto Santo? A... porque de facto... enfim, não quero ser eu a dar a resposta!

e- (risos) Não... é... o Porto Santo é uma terra, uma terra extraordinária! A... naturalmente, como todas as terras, tem o seu lado negro e o professor, o professor não, o profissional em qualquer área, a... o professor, o polícia, o enfermeiro, o contabilista, em qualquer área, aqui na ilha, que não se preocupe, ele pode desempenhar muito bem o seu papel, mas é só o seu papel. Enfim, eu penso que o Porto Santo, por ser uma ilha, pode condicionar muito o desenvolvimento profissional de cada um de nós. Nesse sentido é muito importante, são muito importantes as viagens... e quem diz as viagens diz a formação, a participação nestes projetos... Portanto, tudo o que possa quebrar a rotina e ser, ser enriquecedor. Nessa viagem em concreto eu tive oportunidade de ver, de ir a um museu e encontrar muitas das imagens que ilustram os textos. E nesse sentido foi... foi extraordinário! Para além do aspeto... do aspeto pessoal. Portanto, é sempre, é fundamental que haja da parte de cada um de nós e também das autoridades, a possibilidade de proporcionar ao professor essa formação e essa vontade de se atualizar constantemente.

E- Gostava então de pegar aí nisso mesmo e... e que tu me dissesse como é que tu vês a formação de professores. E neste sentido vou-te pôr já duas dimensões que eu acho que são fundamentais: Por um lado, como é que tu olhas para a formação inicial e como é que tu olhas para a formação contínua e o que é que tu achas que se podia fazer para melhorar aquilo que eventualmente possas achar que está menos bem...

e- Quanto à formação inicial, julgo que na nossa área, ao nível da... portanto ao nível da licenciatura enquanto experiência pessoal, penso que foi uma formação completa. Aliás, eu tive como professor, julgo que é de Estudos Portugueses, [impercetível] que nós o interrogávamos porque é que estávamos a estudar uma matéria se ela não serviria p'ra nada, porque não pertence aos currículos e ele dizia, "Pois, vocês vêm aqui estudar coisas inúteis mas é a vossa formação pessoal que está em causa"... Não é só a parte profissional, portanto é importante termos uma formação muito abrangente e eu penso que... que o curso que frequentei, na Universidade de Aveiro, me deu essa... me deu essa bagagem. a posteriori, naturalmente, é necessário que o professor se vá actualizando. Não só porque, como há bocadinho falávamos, ocorrem muitas alterações do currículo, etc., como também as coisas evoluem! Ainda aqui há dias, alguém descobriu textos de Fernando Pessoa, uns textos inéditos que virão se calhar, dar uma nova visão sobre... sobre este extraordinário autor; e portanto, é importante que o

professor mantenha uma formação contínua, no sentido de se atualizar e responder também aos desafios, sob o risco de sermos ultrapassados. Aqui há uns anos, aqui há uns anos numa das aulas, eu estava a substituir um professor no secundário e fui trabalhar com essa turma, uma turma de décimo primeiro, e houve... estávamos a analisar um poema e no livro, vinha a indicação de que o poema estava na internet e eu assim “Olha que interessante, se tivéssemos aqui os meios, podia ser que pudéssemos ouvir a declamação do poema” e um aluno não tem mais nada, pegou numa coluna pequenínissima, do tamanho de um ovo, pediu-me autorização para usar o telemóvel, acedeu à net, acedeu ao poema e pôs a tocar! Foi uma coisa extraordinária! (pausa e sorri) Em termos de evolução tecnológica, foi algo que... que me chamou a atenção (ri) e serviu de exemplo e portanto, este natal eu pedi à minha esposa que me oferecesse uma coluna daquele género e tenho vindo a utilizar! Portanto, isso é um dos fatores que nos alerta para a necessidade de formação contínua, nomeadamente no aspeto tecnológico que as escolas têm... que as escolas têm uma certa dificuldade em acompanhar porque são equipamentos muito caros mas que são essenciais e tem sido uma revolução tremenda, tremenda!... Ao nível dos computadores, dos quadros interactivos, dos meios de apoio, aqui com um DVD com a peça da Farsa de Inês Pereira, penso que esses meios poderão ser tremendamente enriquecedores. (pausa) É necessário que o professor tenha a capacidade de se ir adaptando a essas mudanças... Ontem falávamos por exemplo da existência do blogue: Eu penso que o blogue pode ser uma ferramenta extraordinária em termos, na minha área, português, para construção de texto, desafiar os alunos, meio de comunicação com os alunos, etc., etc.; é fundamental que o professor tenha, ou se mantenha no plano da formação, da formação contínua. Eu penso que a escola faz o possível, estabeleceu regras para. Depois, cabe a cada um a necessidade que sente, portanto, se o professor considera que doze horas, doze e meia salvo erro, por ano são suficientes e preencher isso, caberá à consciência de cada um! Eu penso que será importante não nos deixarmos ultrapassar pelos tempos!

E- A... mas portanto, consideras que o atual modelo de formação contínua proposto para os professores que é o adequado, digamos assim...

e- (risos) É o suficiente... Portanto, isso... eles estabeleceram um mínimo... como disse, depois caberá a cada um a... se sentir necessidade disso, ir para além desse mínimo; e é importante se calhar que vá para além desse mínimo porque há... O professor... o professor mexe, portanto um professor de história, um professor de português, um professor de matemática não é só professor de português, de história ou

matemática; há muitas áreas e isto é uma profissão muito abrangente em termos sociais, científicos, de legislação... portanto, há tantas coisas que seguramente doze horas e meia por ano não preenchem! Portanto, é necessário que o professor se mantenha atualizado nas diferentes vertentes para dar o seu melhor!

E- Essa questão da formação conduz-me a uma outra que é obviamente a questão da avaliação do desempenho docente. A... e nós tivemos, tu por exemplo, 'tiveste envolvido o ano passado no processo de avaliação externa, não quero que me fales especificamente do teu processo, mas percebi e percebi bem, e concordo contigo, a... tu és muito crítico em relação ao processo de avaliação do desempenho docente e eu gostava que tu me falasses um bocadinho como é que tu achas que deveria ser esse processo de desempenho. A... como é que... como é que devia ser esse processo de avaliação do nosso desempenho... porque aquele que temos, manifestamente não é bom, não vale a pena perdemos muito tempo com ele... (risos)

e- Eu não sou... Portanto isto não há, se calhar não é uma questão a preto e branco, não... Também não é cinzenta! Têm que ser estabelecidas regras, não sou completamente contra a avaliação do desempenho docente. Aliás, eu acho que tem que haver uma avaliação constante do desempenho; como, não sei! Alguém dizia que os professores não produzem camisas, (risos) portanto não podemos contabilizar quantas camisas fazemos no final do dia e ver o desempenho... A avaliação (pausa) a avaliação dos professores é fundamental, como todas as avaliações e muito complexa e muito difícil de... de fazer! Precisamente o que nós trabalhamos não é palpável no imediato. Agora, qual o melhor método? Qual o melhor processo? Não sei! O que sei é que nós já tivemos várias experiências e dessas experiências, penso que nós temos pessoas suficientemente capazes para identificar o que foi, o que correu bem, o que correu menos bem, o que é apontado como positivo e o que é apontado como negativo, e criar um modelo capaz de se aproximar o mais possível, porque uma avaliação, uma avaliação que seja perfeita será muito difícil identificar... mas eu penso que é essencial estabelecer uma, um processo de avaliação credível, menos burocrático, que me pareceu o último, mais fiável do que era o anterior que se limitava ao relatório... também me parecia pouco... pouco eficaz, e sobretudo é necessário que esse processo de avaliação tenha consequências... Portanto, foi-nos dito que só poderiam, portanto, foram estabelecidos patamares, quotas, etc., mas depois, fruto da contestação, tudo isso foi cancelado... E não, tem que haver consequências, julgo que os melhores deverão ser premiados; aqueles que não estão a... que não estão a atingir os objetivos mínimos,

deverão ser de alguma forma ajudados. Se calhar, nós temos que adotar uma postura semelhante aquilo que é realizado nas empresas... Agora, naturalmente que isso vai contra uma cultura de anos, de décadas, dentro do ensino e da classe docente que... pronto... criou-se um conjunto de vícios... Eu próprio tive uma fase da minha carreira nessa... nesse âmbito. Portanto não havia consequências, a progressão era normal, bastava o relatoriozinho mesmo que fosse copiado do ano anterior [impercetível]. Portanto, é essencial que haja uma avaliação do desempenho docente com consequências!

E- Quando dizes “Fazer como se faz nas empresas” queres-me especificar um pouco melhor?...

e- Portanto sim. As empresas têm objetivos; as empresas têm uma, têm avaliação, algumas terão as regras específicas, outras a avaliação será feita por... por hierarquia. Julgo saber que nas forças armadas, nomeadamente na polícia e creio que no exército também se procede dessa forma, portanto penso que se poderia, eventualmente, criar um grupo de trabalho que tivesse a capacidade e a oportunidade de avaliar o que é feito nesses espaços, e penso que até já haverá estudos nesse sentido, ver o que foi feito no ensino e tentar produzir uma... um processo... um processo eficaz. Sendo certo que todos os processos irão gerar... irão gerar críticas (risos) porque... porque como ontem falávamos, a educação está rodeada de um conjunto de lóbis... de interesses...

E- E tu falaste numa coisa que eu achei muito interessante que é “Há uma cultura na nossa profissão”, tu achas que há uma cultura na nossa profissão de... de... de lidar mal com a avaliação dos profissionais? Nós que passamos a vida a avaliar os miúdos, depois quando se trata de nós, não lidamos bem com isso...

e- Sim... sim... sim! Porque me parece, e tenho uma carreira muito curtinha, mas parece-me, no tempo que vivi enquanto professor que nós não fomos nem habituados a avaliar os colegas nem a ser avaliados. E portanto, eu penso que isso já existiu, existiu já anteriormente, foram extintos, será talvez altura de voltar a pensar nisso, corrigir o que estava menos bem, se calhar, que levou à extinção desses procedimentos, e avançar. Mas é importante que houvesse, aliás, a situação atual, hoje, que estamos a viver de que... portanto existe uma avaliação mas não existe, também não é benéfica nem para o ensino nem para a escola.

E- A... diz-me uma coisa P4, e penso que vai ser o último aspeto que vamos tocar, no teu diário tu tens uma perspetiva bastante crítica em relação às questões organizacionais da escola; às vezes dá-me um pouco a sensação, posso estar enganada, que em relação

ao órgão de gestão. No entanto, e foi uma coisa que me causou uma imensa surpresa, há um momento do teu diário em que tu dizes que foste desafiado por uma pessoa que tu tens muita consideração, para desempenhar um cargo importante na estrutura da escola mas recusaste. E a mim o que me causa estranheza é, se eu estou numa organização em que eu tenho algumas discordâncias com aspetos como a organização é gerida e de repente eu tenho a possibilidade de participar ativamente na estrutura, porque é que eu recuso? A... Eu não quero saber o que é que te propuseram nem quem é que te propôs nem nada! Mas foi uma coisa que me deixou a pensar porque eu...

e- (risos) Parece contraditório, não é?

E- Parece contraditório, exatamente! (risos)

e- Parece e é contraditório só que... na altura, eu continuo a manter-me bastante crítico, penso que é importante também nós...

E- Não, mas eu não 'tou a criticar tu seres crítico! (risos)

e- Sim, sim... Vou só justificar: Portanto, é importante nós sermos críticos, críticos no bom sentido, e aliás a pergunta se calhar também vem nesse sentido... Portanto, tu tens oportunidade por que é que não o fazes? É importante nós sermos críticos porque penso que a crítica ajuda a melhorar... a melhorar as questões. Se a crítica for bem feita e for bem recebida. Não o fiz precisamente porque tenho, tinha outros projetos...

E- Tinhas o tal projeto pessoal...

e- Exatamente. E a... e portanto... e não ia ter tempo. E também há duas questões: Portanto, nós podemos criticar o órgão de gestão...

E- Claro!

e- ... mas temos de ter a noção das nossas capacidades, das nossas limitações e é preciso que tenhamos personalidade para depois saber gerir também a... a escola e desempenhar o papel que se espera do órgão de gestão; portanto é preciso ponderar muitos fatores. É preciso ponderar também um aspeto muito simples, a atual legislação da... relativa à eleição dos cargos de gestão é muito restritiva porque limita a... limita... portanto as candidaturas a quem já desempenhou, julgo que é, são estes aspetos. Não quero mentir, mas a quem desempenhou ou a quem tem formação para tal...

E- Hum, hum...

e- ... e num universo de cem professores, se calhar temos dez, se calhar nem temos tantos, pessoas que preenchem esse...

E- Esses requisitos.

e- ... Esses requisitos. A... Portanto, se calhar, também era algo a ponderar, a abertura em termos legais, a todos os docentes que se sintam com capacidade para naquele momento... para naquele momento assumir essas funções. Agora, o facto de ser crítico, não implica necessariamente que se tenha que passar para a frente.

E- Não! Mas eu quando... é assim, até porque com certeza não te foram convidar para a presidência da direção executiva até porque só há eleições daqui a dois anos e portanto se é um cargo para aquele momento não era, não é sequer, nem me passou pela cabeça que a hipótese era “Bom, eu acho que quem lá está não está a fazer bem, portanto eu agora vou eu para lá” porque isso “tá fora de questão, daqui a dois anos poderás ir, antes disso, a não ser que morra alguém (risos) não, nenhum de nós tem hipótese! Mas, o que me causou estranheza foi isso, porque é assim, eu por exemplo, eu sou crítica de muitas coisas, embora as pessoas às vezes não, não...

e- Mas estamos a falar do órgão de gestão de topo mas também há órgãos de gestão intermédia...

E- Pronto, exatamente! E o que eu pensei foi exatamente isso: Eventualmente ele teve um convite para um cargo de gestão intermédia. Mas como eu sou daquelas pessoas que acredito... a... na possibilidade de mudar as coisas a partir de baixo, a... por isso é que me fez confusão... porque é assim, se eu tenho a possibilidade de, de repente, ter alguma capacidade de intervir na gestão, claro que não na de topo mas na intermédia, fez-me confusão... Até era uma pessoa que tu consideravas bastante, portanto ainda te deve ter sido mais difícil recusar porque normalmente, é-nos sempre mais difícil recusar as coisas quando são... penso eu! Quando são feitas por pessoas que nós consideramos do que quando é por alguém que eu não valorizo e portanto dizer não àquele gajo tanto me fez com faz, não é? Mas fiquei assim um pouco... por que é que uma pessoa que até, eu penso que tem algumas ideias sobre algumas coisas e sobre como é que algumas coisas deviam funcionar, de repente tem uma oportunidade de intervir, e não... e não aceita essa oportunidade! Mas pronto, tinhas outros planos e portanto...

e- Atenção, quando falamos em oportunidade de intervir, isso não é tão linear como isso... portanto, nesse caso em concreto, a intervenção ou atingir esse local ia passar por várias fases e não me senti, e não me senti ainda se calhar, preparado ou com os requisitos necessários para isso. O que não impede que mantenha uma atitude crítica, construtiva...

E- Sim... Não, ‘tou a dizer isso (risos). Percebes? Mas a mim fez-me confusão porque... porque pensei, caramba, eu... mas é claro, cada um de nós é uma pessoa e

portanto... mas fez-me confusão porque é assim, percebe-se que tu tens ideias sobre a escola, sobre como é que determinadas coisas deviam funcionar, sobre uma série de coisas e depois de repente “Vieram-me convidar mas eu agora...” e eu assim “há qualquer coisa que...”

e- Não era o momento! (risos)

E- ...pronto, é isso! Não foi o momento... Olha P4 é assim, eu quero-te agradecer a tua entrevista e quero-te agradecer muito a tua participação no ano passado...

e- Eu é que agradeço.

E- Tenho pena que não tenhas continuado mas assim até pode ser que voltes numa outra altura porque a ideia é que lentamente a gente consiga ir estabilizando isto... ou que tenhas pelo menos eventualmente ficado contagiado e se calhar consigas não voltar mas tu próprio tornares-te um dinamizador de alguma coisa, que isso também é, eu acho que é muito importante... Quero-te agradecer muito o diário que fizeste porque não... não fugiste às coisas e foi mesmo um diário! Há ali uma reflexão sobre aquilo que é a tua prática profissional; não te limitaste a relatar que preenchestes esta ficha e que fizeste aquilo e que fizeste o outro, a... e pronto, olha, e...

e- Eu é que queria agradecer também a oportunidade porque... porque ele, portanto o projeto, obrigou-me a reflectir bastante sobre o ensino, sobre a atividade docente, portanto, aspetos pessoais, etc. e no campo do diário... do diário em concreto, então foi um tremendo desafio porque primeiro obrigava a uma escrita... uma escrita não diria diária mas com alguma regularidade e... e depois foi tremendamente curioso ver, no final, o percurso que tinha sido feito, portanto é interessante. Porque às vezes, nós desafiamos os alunos (risos) se calhar por deformação profissional desafiamos os alunos “Vocês escrevam... vão tomando notas... façam as vossas memórias...”, etc., mas é algo que eu próprio não o fazia e portanto, participar nesse projeto se calhar... obrigou-me a isso e hoje em dia, vou tomando algumas notas. (risos) Comprei um caderno mesmo próprio para isso e onde vou registando esses aspetos... Obrigou-me também a ser um bocadinho mais organizado, eu sou de alguma forma muito desorganizado, mas pronto, colhi bastantes frutos do projeto, agradeço à I. [P12] essa ideia e essa força para dinamizar todos os, todos aqueles que participaram e colaboraram comigo na, em todas as sessões...

E- Olha, muito obrigada mais uma vez P4!

ANEXO VII B
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P7

E- P7, então é assim, a primeira coisa que eu gostava que o P7 fizesse era um balanço da sua participação nesta experiência de integrar a nossa comunidade no ano passado, destacando aquilo que para si foram os aspetos mais positivos e depois aquilo que acha que foram os aspetos menos positivos e que poderiam eventualmente ser melhorados.

e- Hum... É assim, então o balanço global que eu faço é, evidentemente, positivo. Porquê? Quais são os aspetos que eu destaco? A participação de muitos, não digo muitos mas de alguns elementos da escola que ‘tiveram dispostos a falar um bocadinho sobre as suas práticas dentro da sala de aula. Outro aspeto positivo é também a partilha dessas experiências que tem a ver com a supervisão que foi feita nalgumas das aulas e verificar, no final do ano que na escola, para além da ideia de que nem todos fazemos as coisas correctamente, há sempre, pela parte daqueles que lá estavam, boas práticas que devemos valorizar e reconhecer. Portanto, ou seja, aquilo que saliento como positivo é verificar no final de tudo, de toda essa participação e dos comentários e das atividades que foram feitas ao longo daquele ano que há sempre uma vontade para melhorar e que os professores procuram mesmo fazer bem aquilo que se propõem, não é? Mesmo com as suas falhas ou com as suas limitações acho que o que ficou evidente foi isso. Ou seja, há muita gente a trabalhar bem na escola.

E- Agora gostava de lhe perguntar ainda também relacionado com a participação na Comunidade, por exemplo, do... achei muito engraçado na leitura do seu diário dizia que para si era difícil e uma das coisas que diz é, logo na sua primeira entrada diz “Nem ‘tou a ver muito bem a utilidade deste registo” e eu gostava que agora, a posteriori, se é que já consegue ver alguma utilidade ou não, e se vê alguma utilidade, qual foi a utilidade que esse registo possa ter tido para si?

e- É assim, eu ‘tava a falar da questão do Diário, não é? Daquela...

E- Exato!

e- ... a que propósito é que a P12 tinha lançado de nós fazermos um registo escrito daquilo que tínhamos vivido e experimentado na Comunidade, não é? A... eu quando falei no... é uma questão de falta de hábito porque não tenho por hábito fazer um registo escrito daquilo que faço diariamente, vejo aquilo como uma necessidade para quem investiga, certo? Quanto ao benefício que me trouxe a mim... continuo... continuo a permanecer na dúvida! Não sei até que ponto aquilo, ‘tar a escrever... Sei que no dia em que fiz a compilação das várias resenhas que tinha feito daquilo que tinha experimentado e vivido, leva-me a reflectir um bocadinho mais sobre o que se passou... levou-me a ponderar um bocadinho mais se calhar, sobre aquilo que eu tinha que

melhorar ou o que é que aconteceu de menos bom... mas fora isso eu acho que é... não digo perda de tempo mas... é uma coisa que eu já faço diariamente, ou seja, pensar no que é que 'tou a fazer bem, no que é que 'tou a fazer mal... Eu sei que o Diário tem uma utilidade para quem investiga; que é sempre um registo escrito das emoções, das impressões que foram ficando ao longo de uma determinada atividade... P'ra mim, como eu por norma já chego ao final, por norma faço, faço esse exercício de olhar para trás e ver o que é que correu bem e o que é que correu mal... Por exemplo, eu sei hoje que a aula que eu dei hoje com o V. às oito e vinte se calhar não foi assim tão boa, se calhar porque eu não 'tava hoje com tanta paciência p'ro miúdo e o miúdo hoje também 'tava um bocado reticente às atividades que eu 'tava a propor, portanto não foi assim uma aula muito... profícua, pronto! (pausa) Mantenho aquela ideia, quer dizer, a utilidade do Diário, p'ra mim, por exemplo se eu este ano voltasse a fazer este Diário... não sei... não sei... se tinha assim grande utilidade, 'tá a perceber P12?

E- 'Tou, 'tou a perceber. Portanto, não vê uma grande diferença entre aquilo que é a sua introspecção sobre aquilo que fez...

e- Sim; a minha reflexão e 'tar a passá-la para escrito.

E- ... ou passar essa introspecção à escrita, não vê grande vantagem, ok, tudo bem! (pausa) Queria-lhe falar de uma outra coisa que também emerge do seu diário, designadamente quando comenta a sessão que fizemos com a L. e fala da questão da formação. Eu gostava que o P7 me falasse um bocadinho de... como... até porque depois também, volta a falar nisso quando se refere ao... à vinda cá do Professor Alexandre Ventura...

e- Sim... sim, sim.

E- ... a... como é que o P7 vê a formação de professores... como é que o P7 gostaria que fosse a formação de professores... o que é que acha que era importante fazer e... e pronto, o que é que acha que se calhar não é tão útil assim e que estaremos a fazer?

e- (pausa) Quanto à questão da formação de professores, há um dado para mim que é, que é nítido, que é visível, que é importante: Acho que todos nós, ao longo da carreira, devemos fazer formação. Devemos fazer formação, ou seja, não estar parado, ou seja, a formação que tivemos no início para nos habilitar a dar aulas não deve ficar por aí porque ao longo da nossa carreira, há momentos em que se alteram, há turmas que nos são dadas, há modos de agir que são novos e que precisamos estar em constante actualização, isto para mim é evidente! Depois, como é que se pode dar esta formação a professores? Eu acho que a escola onde estão os professores tem um papel fundamental,

ou seja, eu acho que existe não é, existe, não é um centro de formação mas existe uma coordenação da formação de professores; e deve fazer os possíveis para que a formação seja o mais abrangente possível mas ao mesmo tempo também o mais específico possível. Quero eu com isto dizer o quê? Há determinadas áreas para as quais nós não tivemos formação inicial que devem ser ministradas e proporcionadas aos professores. ‘Tou a falar, por exemplo em caso de, veio-me agora à memória o Ensino Especial, eu sei que não tenho formação para dar aulas a alunos, eu tenho habilitações para dar uma determinada disciplina, pronto. Mas por exemplo, dar essa disciplina a alunos com necessidades educativas especiais, para mim sinto que foi um trauma; não é um trauma, mas um quebra-cabeças... portanto, eu não sei até que ponto é que estou a proporcionar uma formação a... sustentada, uma boa aprendizagem a um determinado aluno, não é? E não tenho a formação específica sobre isso. Portanto, acho que por exemplo nessa área deveria ser dado um grande foco a professores que estão a dar ou que venham a dar essa formação. Outra, no caso da disciplina e da indisciplina, não sei se é tanto, eu acho que já não é tanto a necessidade dos professores terem formação sobre ferramentas como lidar com a indisciplina porque eu acho que mais ou menos a experiência vai-nos dando sinais de como lidar com determinados problemas de disciplina ou indisciplina dentro da sala de aula, se calhar aí funcionaria melhor uma formação mais tipo workshop, ao longo do ano ou durante um determinado período de tempo do ano letivo, não é? Dar ferramentas aos professores, por aí adiante... Portanto, resumindo, como é que a... eu acho que ‘tão montados, digamos, eu acho que ‘tão montados os esquemas ou as estruturas para os professores terem formação. No caso específico do Porto Santo é um bocado viver um bocadinho isolado porque não temos tanta oferta como a que gostaríamos nem tanta diversidade como gostaríamos ou necessitamos. O que é que eu ‘tou a tentar dizer? ‘Tou a tentar dizer que nós se quisermos, eu se quiser ter uma formação sobre o ensino especial ou como dar a minha língua ou a minha disciplina àquele aluno, eu não tenho como recorrer, nem tenho como partilhar com os colegas, trabalhar práticas, perceber se estou não ‘tou a perceber bem; é essa parte da formação que eu acho que ‘tamos um bocado limitados mas isso tem a ver com a questão geográfica.

E- Ok! Queria-lhe fazer outra pergunta e que tem, de alguma forma liga aqui com isto: O P7, por exemplo, uma das coisas que fala no seu diário e que eu acho que é muito, p’ra mim foi muito significativa é a questão de facto dos projetos que nós realizamos com os alunos, bem sucedidos, mal sucedidos, e o P7 refere exatamente esse projeto em

que esteve envolvido com os alunos de CEF, e portanto, gostava que me falasse um bocadinho das dificuldades que o P7 acha que nós temos de facto com os nossos alunos, relativamente por exemplo a motivar esses alunos, sobretudo esses alunos que são mais difíceis de motivar, porque como diz o outro, dos bons alunos qualquer um é bom professor...

e- Exato! (risos)

E- ... não é? (risos) Mas portanto, a motivação desses alunos e como é que eu posso fazer com que esses alunos aprendam e em que medida é que esses projetos realmente são ou não são eficazes e como é que vê esses projetos e sobretudo, quando não são eficazes, o que é que se podia fazer para que numa próxima vez as coisas corressem um pouquinho melhor?

e- É assim, falando então especificamente desse projeto no qual eu ‘tive directamente envolvido porque fazia parte do conselho de turma e pedi à parte dos serviços de psicologia, neste caso à L., para acompanhar a turma. Quais foram as vantagens do projeto? (pausa) No final, a grande lição com que eu fiquei é assim, com determinado tipo de alunos, é preciso perceber bem com que alunos é que ‘tamos a lidar, e eu cheguei à conclusão mas isto é uma mera opinião minha, naquele caso são alunos que por mais estratégias que a gente utilize, por mais a... dentro das nossas formações que tivermos e dentro das limitações que a escola nos impõe com currículos e com aulas de 45’ e com tempos letivos e com... com um programa p’ra dar, a... não se pode fazer muito mais do que foi feito e é bom que nós saibamos estipular expectativas, não é? Para depois não termos essa sensação de que não motivámos ou que não fizemos a nossa parte ou que sentimo-nos frustrados como havia muitas vezes, há relatos, quer dizer, as pessoas sentiam-se de tal maneira angustiadas porque aquilo não estava a surtir efeito... Porquê? Porque nós temos um determinado registo ou um parâmetro que é assim, uma boa aula é com isto e isto e isto, um bom aluno é assim, assim e assado. Todos aqueles alunos que saem fora disto, daquilo que nós, do projeto que nós temos traçado, já não conseguimos dar, já não conseguimos... Não, se calhar... A lição com que eu fiquei é assim, se nós não tivermos expectativas, ou seja, percebemos que se calhar, o que estamos a fazer para aquele aluno não é... o que fazemos para o aluno normal mas, é aquilo que é necessário para ele. Porque ele neste momento, acho que muito da aprendizagem parte do professor evidentemente, parte da motivação que o professor dá mas também quando... o que eu senti ali é que há alunos que... isto nem sei se devo dizer, há alunos que ‘tão de tal maneira a... a... desinteressados e

desmotivados e... que a gente, eu pelo menos, não consigo lá chegar! Tenho noção que não consigo lá chegar... e são alunos que o objetivo principal, eles diziam muitas vezes que era vir e irritar o professor! Portanto, alunos que vêm para a escola com este objetivo, eles disseram isso várias vezes, “nós vínhamos para a aula era só para pôr o professor, ver como é que o professor se irritava”, portanto... e ‘tamos a falar de uma franja de alunos em que reina muito mais a delinquência, não ‘tamos a falar de gente que quer aprender nada! Não é? Portanto, eu não sei o que é que eles vêm fazer p’ra escola... Quando eles não têm objetivo nenhum de vida... são quadros um bocado específicos e é uma franja muito pequena; foram cinco alunos que eu sei que... e dois abandonaram agora a escola porque já fizeram dezoito anos... Portanto, são aqueles alunos que ‘tão à espera de chegar aos dezoito anos para ir embora! Portanto a oferta que a escola lhe possa dar, mesmo tornando a parte que é dolorosa, que é o trabalho de escola de uma forma lúdica, atractiva e não sei quê, mesmo essa... mesmo essa visão lúdica ou motivante para eles, eles não querem! Que é o que já tiveram no passado... já tiveram, portanto eles querem largar isto a todo o custo. Portanto eu acho que é bom... Portanto, resumindo e concluindo, o projeto foi bom porque nos alerta e nos recentra um bocadinho sobre... pronto, até onde é que nós podemos fazer, o que é que é da nossa competência, o que é que nós temos que fazer e... e focarmo-nos nisso.

E- E pegando nisso, eu gostava de voltar um bocadinho atrás, que é assim, acha por exemplo que se está a pedir aos professores que façam um trabalho que se calhar não é o dos professores?

e- Acho, acho, acho, acho, acho, acho... Eu tenho noção quase que nalguns casos, estamos a fazer coisas que não é da nossa competência, acho que não. A escola, e aqui vamos bater ao papel, onde é a função da escola, não é? E claro, é evidente que eu acho que a escola tem que acolher, sobretudo a escola pública, não é? Acolhe todos os alunos que a ela acorrem e que a ela batem e que querem formação. Agora, é preciso que quando eles vêm bater à escola saibam o que é que a escola lhes vai proporcionar ou para que é que serve a escola. E muitos deles ainda não sabem, ainda é preciso formá-los, ainda é preciso isto e aquilo e dar-lhes essa ideia e perspectiva de futuro, etc. Mas quando eles chegam a uma determinada idade, sem perspectivas nenhuma, não querem nada, não querem isto, não querem de uma forma, não querem azul, não querem vermelho, não querem azul... o professor, ponto final. Quer dizer, acho que é... até ali, é onde eu posso ir, não é? é ali, onde eu devo ir. O professor não está aí como... não é um pai, o professor não é um psicólogo, o professor não é um assistente social, não é? O

professor cumpre o seu papel acho eu, na sua perspectiva, que é transmitir conhecimento, proporcionar ambientes de aprendizagem, valorizar aquilo que o aluno pretende fazer ao longo da sua carreira e.... mai' nada! Agora 'tar a pedir ao professor muitas vezes para ser psicólogo, confidente, a... tudo isso que nós fazemos! Ou seja, acho que hoje em dia na escola, acho que os professores fazem isso: Atendem às dificuldades dos alunos, atendem à motivação deles, atendem a isso tudo. Portanto eu acredito que 'tá-se a pedir à escola, porque os resultados não são os visíveis naquele momento, 'tá-se a pedir à escola funções que eu acho que os professores não deviam 'tar a fazer.

E- E nessa medida, acha que essas exigências, ou como é que acha que essas exigências repercutem por exemplo naquilo que é o prestígio social dos professores, que é uma coisa que o P7 também fala no seu diário e que me tocou bastante, que é a questão do prestígio social dos professores...

e- O reconhecimento social. Eu acho que é... é... isso são daquelas ideias que não estão palpáveis em nenhuma obrigação legal ou nenhuns deveres ou direitos, a não ser de uma forma muito abrangente, proporcionar a melhor qualidade e educação aos alunos... Ela não está digamos expressa assim *ipsis verbis*, muito rigorosa, objectivamente nos documentos legais que nos orientam enquanto profissionais; mas eu acho que há uma ideia... uma ideia que a escola deve fazer com que os alunos sejam os mais felizes possíveis, cumpram com as suas obrigações, dêem o melhor de si! Mas quando eles não querem... é muito difícil nós conseguirmos fazer alguma coisa por eles... Portanto, acho que a sociedade olha para nós, professores, como os responsáveis pelo insucesso, os responsáveis pela falta de educação dos alunos, os responsáveis por coisas que nós obrigatoriamente não temos que o fazer mas temos que proporcionar. O reconhecimento que nos é dado, qual é o reconhecimento que nos é dado? A... quando se fala de educação e quando se fala de professores, nestes últimos anos é gente que não quer, ou que não quer trabalhar, ou que não quer ser avaliada ou que não quer ser assim... Portanto a mensagem de que o trabalho, de que o papel do professor está a ser feito, a mensagem daquilo que nós fazemos diariamente, 'tá muito longe de ser visível aos olhos da opinião pública, 'tá muito longe! Porquê? Porque a mensagem que passa é só, se calhar ou das estruturas que defendem a classe ou de gente que passou más experiências, acho eu... pela escola.

E- Por exemplo, uma das coisas que o P7 fala também no seu diário, é do papel dos encarregados de educação. Como é que o P7 vê essa relação entre a escola e o meio envolvente?... Como é que se... se e que acha que... qual é o papel que o P7 acha que

os encarregados de educação deveriam ter na escola, se é que acha que eles devem ter um papel na escola ou se a ação deles deve ser de colaboração mas fora da estrutura da escola?

e- Não, não, não! Eu acho que os pais são, são bem vindos à escola e eu acho que... bem vindos à escola neste sentido, isto é, o papel deles é sobre tudo de colaborador... colaborador. Porquê? Porque... eu isto falo da minha experiência sempre que fui diretor de turma, mais do que uma direção de turma até, ao longo dos anos. E eu sempre olhei para os pais como alguém que me auxilia, não como alguém que me prejudica no meu trabalho. Portanto, eu tenho que fazer passar a mensagem aos pais que o trabalho é conjunto, nosso professores, nossa escola e eles também. Portanto não tem que haver uma dissociação entre o trabalho de um e o trabalho de outro, nem a intromissão de um e de outro. Portanto, digamos, há papéis diferentes mas ao mesmo tempo, colaborativos e concomitantes. Ou seja, ele tem uma função pai que não é a do professor, o professor tem uma função que também não é de pai, mas ambos trabalham em conjunto para que o aluno tenha algum sucesso na sua formação. Isto traduz-se na prática em quê? Em reuniões com os pais? Sim. Em contactos diretos com os pais? Sim. Em chamá-los à escola não só quando eles estão a fazer mal mas que os pais saibam, se os chamam, eu digo muitas vezes, se não o chamo à escola é porque ‘tá tudo bem! Muitas vezes os pais dizem “Ah, porque só me chamam à escola quando ele faz mal!”, “Ouça, fique a saber que quando eu não o chamo ‘tá tudo bem.” Passar a mensagem aos pais que se não há nada de novo é porque tudo corre bem, ‘tá bem? Há é um bocado essa tradição, dentro da escola, só chamamos quando ‘tá tudo mal, pronto! Nunca chamamos quando ‘tá tudo bem. Se calhar também a escola aqui tem que mudar um bocadinho e valorizar os sucessos e as coisas boas. Mas muitas vezes, eu também já fui passando essa mensagem aos pais, quando entrego notas “Olhe, mas eu não o chamo só cá, ‘tá a ver? Eu...” Quando eles faltaram à reunião “Ah, não fui à reunião porque não pude, e tal... e depois também ‘tou sempre a ouvir coisas boas...” “mas olhe” já foram vários “mas olhe, desta vez eu até nem tinha de mal para lhe dizer, tinha era coisas boas para lhe dizer do seu filho: Ele passou o primeiro período bem, sem nenhuma participação disciplinar, e agora olhe, quando eu o chamo é porque tenho uma, não é?” pronto aconteceu várias vezes comigo. Portanto, eu acho que o papel do pai nunca pode ser... a escola nunca deve olhar para os pais como alguém que nos prejudica o trabalho. A... portanto, é alguém que nos... que procura colaborar, portanto passar a mensagem de que sem os pais não conseguimos mudar muito as coisas e fazer com que ele tenha sucesso. Não

devemos é olhar também para os pais como alguém que nos, e o pai um bocadinho perceberem até onde é que podem chegar porque muitas vezes, às vezes há pais, por acaso nunca passei por casos desses mas eu sei que há pais que procuram influenciar e querem saber porquê, e justificar, e ‘tar sempre a pedir satisfações ao professor “e porque é que o meu filho fez isto? E porque é que o meu filho fez aquilo?” etc., etc., como quem põe em causa o trabalho do professor... Aí não, quer dizer! Não é papel do pai ser professor e portanto se o professor deu aquela nota ou se o professor deu a aula assim daquela maneira ou reagiu daquela maneira é porque... muitas vezes também o pai, muitas vezes certas vezes em casa, reage de maneira diferente, extemporânea, por aí adiante; portanto há coisas que correm bem, há coisas que correm mal, mas o papel do professor é, naqueles 90’, 45, geriu-os conforme sabia... se houver situações para resolver, claro, há caminhos, há lugares para discutir, para debater e para se calhar esclarecer as situações. Agora, ninguém deve intrometer-se no caminho de um e de outro. Olhar para os sinais de uns e de outros e tentar fazer com que melhor seja o sucesso do aluno. Se calhar expliquei-me de forma muito obtusa, não?

E- Não, explicou-se lindamente! P7, queria abordar um ponto consigo, também até porque o P7 já falou disso, e refere também no seu diário e que tem a ver com, que eu acho que se articula com a questão da motivação dos miúdos, e que tem a ver com o currículo. Por exemplo, na altura conversámos sobre isso e depois o P7 no diário também falou que achou interessante que quando estive nas minhas aulas reparou que os miúdos àquilo que davam mais atenção era a certos aspetos marginais dos conteúdos, não tanto ao conteúdo em si, mas por exemplo quando eu contava como é que se transmitia a peste negra...

e- Exato...

E- ... e as crianças e não sei quê, o próprio P7 diz “Muitas vezes os meus alunos não ‘tão nada interessados naquilo” e eu gostava... não sei, se alguma vez pensou sobre isso... se calhar o currículo... o que é que nós poderíamos fazer... porque de facto, se calhar há coisas nos nossos currículos que... que não têm muito a ver com os nossos alunos e que se calhar os próprios currículos ou a forma como nós gerimos o currículo pode levar ao tal desinteresse, pensando agora, agora já não estou a pensar naqueles casos dos miúdos extremos...

e- Certo, certo, certo... eu percebo a pergunta.

E- ... mas 'tou a pensar nas nossas turmas de *main stream* em que a gente muitas vezes percebe que eles 'tão lá dezoito mas só dez é que lá estão verdadeiramente porque os outros oito estão p'ra lá de Bagdad...

e- Certo! Eu percebo a pergunta, e por acaso não é uma coisa que tenha pensado muito se até que ponto o currículo 'tá muito relacionado com a motivação dos alunos, não é, não é isso? Ou seja...

E- É...

e- Nós temos muitas evidências, temos muitas evidências de que... quando é que nós captamos a atenção do aluno? É quando precisamente tornamos a... o conteúdo ou aquilo que 'tamos a dar numa forma mais próxima, mais pessoal ou contamos algo de nosso, não é? Até que ponto é que esta motivação implique uma alteração do currículo? Não sei, não sou especialista na matéria, não... posso dar a minha opinião; é assim, e a minha opinião, agora distanciando-me um bocadinho, eu olho para a minha formação e às vezes, daquilo que vou lendo, nós recordamo-nos muitas vezes dos professores por aquilo que eles nos foram dizendo, por aquilo que nós vivemos com eles, portanto aquilo que nos marcou mais foram se calhar exemplos dados pelos professores, atitudes... aquilo que se passou naquela sua aula do relato da forma da peste negra, etc. ... mas eu não sei se cingíssemos só as aulas àquilo que é pessoal ou que é do nosso interesse, sem um conteúdo, 'távamos a formar pessoas com conhecimento... Portanto, acho que... como eu digo, volto a dizer, não sou especialista no currículo, não sei até que ponto... Acredito que haja, acredito que haja disciplinas com excesso de currículo, isso eu sei... isso eu sei que há disciplinas que estão com excesso de currículo e sei que há... e sei que há desfasamento entre o ideal, aquilo que está vertido nos programas, nas metas curriculares, e aquilo que é possível concretizar com os alunos. Isso acho eu que há um desfasamento, ou seja, estabelece-se objetivos e parâmetros nas metas e etc. e níveis de desempenho nas metas e nos currículos, etc., que o menino deve atingir isto e 'tamos perante determinados alunos que não têm digamos, conhecimentos, formações, know how, para atingir aquilo. E como é que se consegue conciliar as duas coisas? Eu, da minha prática, por exemplo no caso do latim de 11º e falando de umas turmas de *main stream*, eu sei que se eu for demasiado rigoroso em termos de programa, eu nem o básico, nem o essencial eu sei que eles vão amealhando, não é? Portanto... toco mais ao de leve a exigência para alguns alunos enquanto que aos outros eu vou-lhe dando... porque eu tenho ali duas situações: Tenho uma aluna muito boa e um aluno muito fraco ou mediano e que não faz os trabalhos e eu sei que p'ra ali eu consigo chegar a um

determinado nível do programa e de exigência, ao outro eu sei que se eu lhe vou dar mais carga então nem o dez, nem nove nem o oito aquilo vai, não é?... portanto. E há uma desistência... portanto é um miúdo já com uma falta de motivação, é um miúdo com muitos problemas e o mais certo que eu vejo é se eu lhe dou carga, se eu lhe dou exigência, ele desiste e abandona a disciplina e abandona tudo... Não sei! Eu sinceramente a resposta é esta: Não sei! Agora o que sei é que a motivação parte muito se calhar da forma como nós damos os currículos; mas depois, por outro lado, nós sentimos a pressão do cumprimento de planificações e de programas... que eu não sei como é que se resolve também, vou-lhe ser sincero, não sei como é que se resolve, sobretudo p'ra disciplinas que têm exames nacionais e que depois muitas vezes são escrutinadas por as notas que tiram, por aí. (pausa) Eu acho que não devemos associar... por exemplo, há uma questão que acho que é importante, é que não devemos associar a avaliação da escola em função dos resultados obtidos nas provas de avaliação externa! Isso p'ra mim é evidente! Não faz nenhum sentido olhar para a avaliação da escola, é uma má escola quando os alunos do nono ano, os alunos do décimo segundo e os alunos do décimo primeiro tiram maus resultados no exame. Por terem maus resultados no exame, a escola é uma má escola? Não... não vejo isso assim... não vejo, nem acho que se deva fazer uma correlação direta. Agora, perceber porque é que houve maus resultados a História é mais interessante do que estarmos a pegar neles e avaliar a escola, isso sim. E é um outro trabalho que se deve fazer.

E- A escola ou o próprio professor porque às vezes também se faz essa maldade...

e- Ou o próprio professor, exatamente! Quando eu me refiro a escola aqui, refiro-me ao professor.

E- P7, levou-me directamente ao último ponto que eu quero tocar consigo que é a questão da avaliação mas quero tocá-la em três dimensões diferentes. Há pouco disse-me assim, quando se fala dos professores, muitas vezes fala-se de uns indivíduos que não querem ser avaliados. Gostava que me falasse um bocadinho, como é que vê a atual avaliação dos professores e como é que acha que ela deveria ser, a... porque ela... penso que concorda comigo, que nós temos que ser avaliados...

e- Sim!

E- ... provavelmente isso tem que ter consequências nas nossas vidas... o que é que considera sobre a avaliação de professores?

e- É assim, sobre os atuais modelos de avaliação, quer o existente quer o... o existente aqui na Madeira quer o existente no continente, eu não me debrucei muito sobre ele nem

‘tou muito por dentro do modelo que ‘tá instituído. Porquê? Porque eu não ‘tou envolvido directamente, ‘tou num escalão que não me obriga aquela questão das aulas assistidas ou a isso tudo... nunca me obrigou a ler a legislação, a fazer a leitura... foi-me sempre dito “Tens é que entregar um relatório no final do ano porque não mudas de escalão”, não é um escalão do segundo para o quarto, do segundo para o terceiro, acho eu... pronto, não ‘tou numa mudança de escalão que me implique essas formalidades que é o que está instituído aqui no modelo. Contudo, não é por causa de não estar envolvido que eu não participei ou não quero participar nas aulas assistidas, nunca foi esse o meu ponto de vista, tanto é que se não nem ingressava na Comunidade. Portanto, como é que eu vejo a avaliação do professor? Eu vejo a avaliação do professor como algo que deve ter, primeiro, à partida é assim, acho que todos devemos querer ser avaliados; porquê? Porque é uma questão de reconhecer aquilo que a nossa prática e aquilo que nós vamos fazendo; também acho que só através da avaliação é que nós vamos conseguindo desmistificar a ideia que não somos uma classe que não quer ser avaliada, muito pelo contrário. Acho até, acho que é a classe que é mais escrutinada porque somos, temos dezassete alunos e temos dezassete pais a avaliar-nos logo ali não é? Naquela turma. Na outra ali também só que vai passando essa imagem, muitas vezes não é representada. Se calhar, se fôssemos consultar muitos pais, eles se calhar fariam uma avaliação positiva dos professores. Portanto, eu acho que somos avaliados mas só não é ainda palpável essa avaliação. Quanto ao nosso desempenho por pares, eu acho que ela deve... deve... ter consequências e as consequências podem ser... ‘tá muito ligado, os modelos que acho que estão instituídos ‘tá muito ligado à mudança de escalão, não é? Ou seja, só progredimos de escalão, só ganhamos mais dinheiro, se tivermos um bom desempenho, se a avaliação for positiva. Mas depois, há questão das quotas, não é? Portanto eu acho que devia ser dada, se calhar criado um outro sistema, já disse isto uma vez numa reunião do sindicato, não sei qual será o melhor sistema mas eu acho que devia, primeiro, eu vou ser avaliado e que essa minha avaliação há-de repercutir-se numa melhoria de alguma coisa, seja monetária, seja de acesso a um determinado, a uma função na escola que me possa permitir subir ou progredir. Portanto, ser avaliado por ser avaliado e não haver consequências, acho totalmente errado! Portanto, distinguir as pessoas acho que não faz mal nenhum. Agora, de que forma? Sei lá! Atribuindo um prémio anual ao bom desempenho... não ligar, se calhar, a avaliação à subida de escalão mas sim ligar a avaliação ao acesso a determinados cargos ou a determinadas funções na escola que permitem ter maior remuneração...

provavelmente... pode ser passar por aí... não tenho assim um modelo muito idealizado mas acho... acho... se somos avaliados, como qualquer um, terá que haver consequências, não ficar só pela mera satisfação pessoal mas ou haver progressão, ou haver acesso, ou haver um prémio que seja monetário ou reconhecimento de alguma coisa...

E- Já agora, falou aí numa coisa que eu achei interessante que é nós temos dezassete alunos e temos dezassete pais a avaliar-nos; acha, por exemplo, que a avaliação dos professores poderia não ser apenas e somente uma avaliação feita apenas pelos pares que é o que nos acontece neste momento, nós somos avaliados por pares; podem ser pares com mais anos de serviço que eu ou mais alguma formação, mas são nossos pares. Acha que a avaliação dos professores poderia, deveria, a... ter também em consideração uma avaliação externa que pudesse ser, em que pudesse participar, por exemplo, a associação de pais ou... enfim, digo isto porque achei muito interessante quando disse, tenho dezassete alunos, tenho dezassete avaliadores em cada pai.

e- Pois, isso se calhar um bocadinho essa... essa... variedade de pais... não sei, pode contar, eu acredito que sim; deve... deve haver um pendor da avaliação externa; não vejo porque não... não vejo porque não. De que modo será feita... agora... será pelos pais? Não sei... Eu... eu como olho para a avaliação como algo que me é útil e não algo que me prejudique, não tenho assim uma visão muito negativista da avaliação... Eu sempre... se não fui avaliado, fui quase sempre avaliado durante o meu percurso de formação, portanto eu não olho com medo para a avaliação. Se vier uma avaliação negativa, evidente que eu fico chocado, fico triste, mas vou tentando perceber quais são os motivos. Sou um bocadinho idealista é, pensando que as pessoas que me avaliam fazem-no com uma avaliação sem intuito de me prejudicar, uma avaliação objectiva, mais objectiva possível...

E- Claro!

e- Portanto, se conseguirmos que a intervenção externa seja o mais objectiva possível, se conseguirmos que isso assim seja, se construirmos um modelo, de que forma não sei, um questionário, uma coisa qualquer que os pais possam preencher e meter, em que seja muito sucinto, porque eles não têm a visão toda do que se passa dentro da sala de aula, mesmo até a avaliação externa de alguém que venha de fora de uma forma muito objectiva avaliar o desempenho que foi feito por aquele professor, não vejo porque não. E que isso pese na devida proporção na avaliação do professor, não vejo porque não...

E- Queria agora falar de uma outra questão que é a avaliação dos alunos, até porque há um dado momento no seu diário que eu acho muito interessante que o P7 diz que se hipervaloriza a avaliação. Como é que vê a avaliação dos alunos e agora por exemplo, tem havido estas polémicas, há exames, não há exames, há provas de aferição, não há provas de aferição (pausa) Como é que vê a avaliação dos alunos?

e- Eu já não sei em que contexto é que referi isso no diário, vou-lhe ser sincero P12, eu já não sei (risos)

E- (risos)

e- ... não 'tou a ver... isso já 'tá um bocado distante...

E- Claro!

e- ... nem qual é o contexto em que eu me pronunciei que havia uma hipervalorização dos alunos mas partindo do princípio...

E- Uma hipervalorização da avaliação... ou seja que... que... que há uma grande preocupação em... a...

e- Sim! Ah, já 'tou a perceber! 'Tou a tentar... O que eu acho é que é assim, já sei o que eu acho, o que é que eu quis passar quando falei na hipervalorização! É assim, passa-se a mensagem, passa-se a ideia de que a avaliação é, digamos, a pedra fundamental para melhorar as aprendizagens; eu não tenho essa ideia! Ou seja, a avaliação é essencial porque me permitir conhecer as coisas que estão a correr bem e as coisas que estão a correr mal e corrigi-las mas não é por haver avaliação que o aluno vai aprender. É essa a mensagem, é essa a ideia que eu 'tou a dizer, ou seja, se não é avaliado, se não sei quê, ele não aprende. Não, eu acho que não; eu acho que eles aprendem quando 'tão motivados e quando querem algum objetivo da vida, não é por haver avaliação porque quando as pessoas têm prazer em aprender e prazer por conhecer as coisas elas submetem-se a qualquer avaliação. Sei que aquilo é aquilo que eu gosto, é aquilo que eu vou fazer, não me importo que seja avaliado. Pronto, é só isto que eu quis dizer. Agora rankings, afixar classificações da escola em função dos resultados nos exames, olhar para a avaliação dos alunos daquela escola e procurar conotá-la como uma escola de excelência e não sei quê... isso eu acho um bocado de exagero porque a aprendizagem dos alunos, e aqui, quando falo em aprendizagem é passar conhecimentos, formar pessoas com princípios, com valores, a aprendizagem dos alunos vai muito para além da avaliação. Portanto eu acho que não é por haver avaliação que os alunos vão aprender... Que ela é necessária, é! Agora, há muito mais do que a avaliação para pôr os alunos a aprender. Porque eu, eu a experiência que eu passei é assim, há alunos que 'tão-se

marimbando para a avaliação! O professor dá teste, não dá teste, não é por isso que eu vou aprender! Passei por muitos alunos assim... houve outros que não, houve outros que ‘tavam preocupados com a nota e com aquilo tudo... Sim, a nota é importante, é fundamental quando tu queres seguir um determinado percurso de vida e tens que lutar pela nota porque de outra forma não consegues lá chegar. Torná-los conscientes. Agora, eu acho que quando um aluno quer mesmo verdadeiramente aprender uma coisa e tem gosto por aprender, ele responde a qualquer pergunta, ele responde a qualquer pergunta, qualquer exame que a gente lhe ponha à frente porque ele teve gosto em aprender aquilo. Isso é que é difícil passar... acho eu! Por isso é que quando a gente olha para a avaliação dos alunos e diz, pronto lá vamos nós para a avaliação dos alunos... e depois, eu senti uma grande dificuldade em avaliar, em fazer a avaliação de alunos. Procuro sempre ser o mais objetivo possível, estipulando critérios e aferindo critérios, agora... sei que é sempre subjectivo...

E- Ó P7, diga-me uma coisa, tanto quanto eu percebo, o P7 integra a comissão de avaliação da nossa escola...

e- Sim, sim...

E- ... gostava que me falasse um bocadinho, a...de como é que vê a avaliação das escolas e depois um bocadinho mais especificamente, qual é a avaliação que faz sobre a nossa escola... (risos) e prometo que não lhe pergunto mai’ nada (risos)

e- (risos) Então é assim, eu sobre a avaliação interna da escola eu vou-lhe dizer... preciso de a situar um bocadinho no contexto como surgiu...

E- Claro!

e- Como ‘tá a ver não é o meu grande forte a avaliação nem é o meu grande gosto a avaliação. Eu estou na comissão de avaliação porque fui convidado pelo F. (PCE) para pertencer e pronto, por consideração não disse que não, não é? Porque não é o meu foco, não é o meu grande prazer a avaliação, seja ela da escola, seja ela dos alunos, seja ela dos professores, seja de quem for! Portanto por causa de quê? Porque eu acho que as pessoas devem estar com gosto, desempenhando as suas funções e a avaliação é um factor que eu tenho que passar e submeto-me a ele de boa vontade porque não vejo aí prejuízo nenhum para a minha parte porque eu tenho gosto naquilo que faço. Portanto eu quando vou para a avaliação, para a comissão de avaliação interna da escola, vou nesse sentido, portanto não defraudar as expectativas que foram, e aceitei o convite. Neste momento, como é que ‘tá a funcionar a avaliação interna da escola? Surgiu de um objetivo que a Secretaria Regional de Educação implementou no sistema de ensino da

região que é a aferição da qualidade do sistema de ensino da região, criou um modelo com participação de várias escolas, ou seja, durante o ano anterior foi feita uma consulta às escolas por causa do modelo, alguns colegas das escolas tiveram formação, eu por acaso não fui a essa reunião nem tenho formação na avaliação interna da escola, portanto, foi criado com a participação das escolas um determinado modelo e depois dizem, agora dentro de cada escola cada um vai criando o seu modelo ou faz a sua avaliação interna da escola. Quando nós recebemos esses papéis e essa informação toda, eu falo por mim, fiquei um bocadinho sem saber o que é que havemos de fazer, o que é que vamos, como é que vamos avaliar a escola e não sei quê... e então, optámos por utilizar o modelo que foi criado. Optámos por seguir o modelo que foi criado para a região. Tem três domínios que é a parte dos recursos, os processos e os resultados, pronto. E quem... quem está à frente disso na Secretaria de Educação é uma tal colega de Albertina Freitas. E então no ano a seguir, este ano, ‘tamos a fazer recolha de informação quanto a recursos que a escola tem, professores, etc., portanto, é um primeiro passo, acho eu, que ‘tá a ser dado aqui na escola porque nunca tivemos avaliação interna aqui na escola do Porto Santo. É um primeiro passo; andamos um bocadinho, se calhar, à nora, sabíamos que é uma tarefa muito grande para aquilo que eles pretendem. Pedimos no início algumas condições, nomeadamente horas, para trabalharmos; foram-nos dado... muito pouco tempo, reduzidíssimo tempo! Portanto, há aqui um grande desfasamento entre o que nos pedem ou aquilo que é ideal conseguir e aquilo, as condições que nos são dadas portanto, e decidimos, dentro das nossas possibilidades que nos são dadas fazer algo, ‘tamos a fazê-lo, a... ‘tamos a fazê-lo neste momento, ‘tão a surgir alguns questionários quer a alunos quer a... portanto auscultar o maior número de pessoas possíveis, a... portanto... como é que eu estou a ver isto? ‘Tou a ver isto como um primeiro passo na escola. E portanto, qual é a avaliação que eu faço da escola? Ainda não faço. Porque não... primeiro não tinha conhecimento de modelos de avaliação de escola, quais os resultados da escola... não vamos ter tempo para fazer uma análise comparativa daquilo que vamos chegar à nossa escola no final desta... do relatório, das ideias que surgirem do relatório porque a avaliação que é feita é em virtude de estabelecer um plano de melhoria. Reconhecer o que está bem e fazer a identificação do que está errado e propor uma melhoria, que é esse o objetivo final da avaliação interna da escola. Não sei... neste momento ainda estamos numa fase embrionária, digamos...

E- Então já vou ter que não cumprir a minha palavra porque assim vou ter que lhe fazer uma outra questão que é assim, esquecendo agora um bocadinho esse processo formal de avaliação em que está inserido, de certeza que o P7 tem uma opinião sobre a escola, imagine que eu era uma colega de Freixo de Espada à Cinta e que...

e- Certo!

E- ... e dizia-lhe assim...

e- Como é que eu avalio esta escola?

E- ... Eh pá, o que é que tu achas se eu concorresse para a escola do Porto Santo? Aquilo é fixe, como é que é, como é que não é...

e- Se eu recomendaria ou não recomendaria, não é?

E- ... duas ou três coisas que saliente pela positiva e duas ou três que saliente pela negativa.

e- É assim, na minha perspetiva, quais são as grandes vantagens da escola do Porto Santo? Acho que há um grande cuidado, há quem diga que é mau, que é mau, mas pronto, acho que há um grande cuidado em atender a atribuição dos horários dos professores àquilo que eles pretendem fazer, portanto, é uma das grandes vantagens. Há uma outra grande vantagem que é a estabilidade do corpo docente e ser uma escola relativamente pequena que nos permite passar a mensagem que tipo de alunos que temos cá dentro e podemos trabalhar com eles, independentemente dos problemas que vão surgindo, e aqui é que importava fazer a tal comparação com outras escolas que eu não consigo ter essa visão, não é? 'Tamos a falar, nós no dia a dia vamos constatando que este colega queixa-se disto, este colega queixa-se daquilo, e eu ponho-me na pele, e então se eu 'tivesse na outra escola, como é que seria? Se calhar 'taria com o mesmo relatório, 'taria com menos... com menos vontade de trabalhar. Portanto, a grande... eu acho que o grande... o ponto forte da escola acho que é este, ou seja, digamos uma comunidade pequena, familiar nalguns aspetos, que nos permite fazer um bom trabalho com algum à vontade, com algum à vontade. Aspetos negativos, evidentemente as condições que nos são dadas em termos de, isso eu também referi lá no relatório (risos)...

E- (risos) No seu diário...

e- ... pronto, acho que devíamos ter outras condições a nível físico da escola, podia ter tido mais cuidado, mais investimento por parte da Secretaria em meios tecnológicos, em salas com maior dignidade, etc. Eu acho que essa é a grande desvantagem da escola. Porque eu acho que o clima entre os professores, o ambiente entre os professores podia

ser mais colaborativo mas eu acho que vão-se ajustando, as pessoas vão-se ajustando e vão-se compreendendo, até que ponto... como é que eu hei-de lidar com este e com aquele outro para fazer um bom trabalho. Eu acho que não é, pode não ser um ambiente festivo, festivaleiro, bom, mas acho que não há problemas entre os colegas... os que há estão identificados.

E- Há um bom clima de trabalho, acha?

e- Se há bom clima de trabalho? Podia haver melhor, pode...

E- Claro! Pode sempre ser melhor mas...

e- Pode haver melhor, pode haver melhor, acredito que haja bom clima de trabalho, pode haver melhor, agora...

E- Portanto, para si o grande defeito da...

e- Eu acho que é assim, eu é por estar se calhar aqui há muitos anos, já sei até que ponto, como é que hei-de lidar com este e com aquele outro colega, com... até que ponto é que eu...

E- Portanto, para si o grande...

e- Se eu tivesse que recomendar esta escola a um colega digo assim, olha se queres trabalhar... se queres trabalhar, se queres ser professor nesta escola uma das grandes coisas boas que tu tens é trabalhares com alunos que são mais ou menos... pronto, vais trabalhar com turmas que são pequenas e vais trabalhar com alunos que tens um longo conhecimento que te é passado, ou seja, consegues fazer um bom trabalho, se quiseres!

E- Portanto, para si o grande defeito desta escola tem a ver com as condições físicas...

e- Sim, neste momento eu acho que é o grande...

E- ... as condições de equipamento...

e- ...é, é!

E- ... é o grande problema. (pausa) P7, agora fica mesmo por último, não lhe pergunto mai' nada, obrigadíssima!

e- Nada! Espero que seja útil...

E- Obrigadíssima por tudo... Muito obrigada mesmo!

ANEXO VII C
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P8

E- Bom, P8, então é assim, eu a ti vou-te entrevistar no duplo papel de por um lado, alguém que desempenha um cargo num órgão da gestão intermédia⁶ da nossa escola, e por outro lado também, como membro da nossa Comunidade de Prática. A primeira coisa no entanto que eu gostava que tu me disseses é que cargos é que tu desempenhas este ano na estrutura da escola, porque eu creio que tens mais um cargo ou pelo menos ‘tás...

e- Cargo mesmo é a coordenação dos diretores de turma de 3º ciclo e sou membro da equipa de avaliação interna da escola...

E- Pronto! A... e portanto isso a mim parece-me importante. Gostava de começar por te perguntar sobre o que é que tu pensas da nossa escola... Assim uma visão global da nossa escola: Quais são os aspetos que tu destacarias da nossa escola pela positiva e pela negativa?

e- [pausa] Bem, pela positiva é... penso que temos um ambiente agradável... Em termos de liderança gosto porque não é uma liderança, portanto dá-nos margem de trabalho, não... é exigente mas com uma margem, portanto não há aquela questão da pressão. Portanto nós, eu por exemplo dou o exemplo, normalmente quando o órgão de gestão pede-me para fazer alguma coisa ou algum documento ou para entregar alguma informação, há sempre uma preocupação de pedir, portanto, “Ó pá se for possível arranja-me isto”, não é aquela questão da imposição “Eu preciso disto”, não! É sempre... e muitas vezes há até aquele cuidado depois de vir cá agradecer por ter recebido já o material que foi solicitado. Gosto do ambiente entre colegas e tudo isso... Penso que é uma escola com alguma dinâmica. Penso que falhamos um pouco na... na questão da divulgação. Eu conheço escolas que fazem muito menos e trabalham muito mais p’ra comunicação social. A... penso que nesse aspeto temos, começamos a corrigir; ainda ontem ‘tive a consultar a página do Facebook da escola e vi lá coisas muito agradáveis que eu nem eu próprio tinha... tinha a noção que estava a correr assim tão bem. A... a nível... menos bom, menos positivo, eu destacaria talvez nós temos, penso que temos que começar a trabalhar cada vez mais em... de forma cooperativa, em equipas de trabalho. Este ano, parece-me que foi muito interessante haver uma equipa para o Projeto Educativo, uma equipa para o Regulamento Interno e penso que era possível fazer isso em mais áreas da escola. Penso que será positivo depois termos os resultados dos inquéritos que estamos a aplicar aos pais, alunos, docentes, funcionários

⁶ P8 desempenha também as funções de Coordenador do 3º Ciclo

e à comunidade local. Depois desse estudo feito, penso que seria importante fazermos equipas de trabalho para cada uma das áreas, para as diversas áreas da escola para vermos o que é que está menos bem e onde é que é possível mudar, estratégias. Quanto mais pessoas pensarem nestes assuntos, penso que os resultados serão, é melhor serem a comunidade toda ou grande da parte da comunidade a trabalhar em conjunto do que apenas uma equipa de quatro elementos. Surgem mais ideias, portanto, eu penso que essa troca de ideias é sempre positiva. A... é por isso, eu destacaria principalmente isso e depois situações como nas outras escolas de alguns colegas que nota-se claramente que neste momento não têm condições para... para o desempenho da função e infelizmente hoje em dia, o sistema em si, não permite que esses colegas... continuarem a colocar esses colegas à frente de turmas e à frente de alunos quando depois eles têm problemas! Neste momento, não têm, não conseguem desempenhar a sua função normalmente e a imagem que está a passar lá para fora é muito negativa ou porque um professor tem uma grande falta de assiduidade ou que o professor é instável e chega dentro da sala não consegue controlar as turmas e isso passa lá p'ra fora. E quando se fala não se fala do professor A, falamos da escola, falamos da... falamos portanto da comunidade no geral e isso não é, não é positivo e é mau! É mau porque é a nossa imagem que está em causa, é... é nós vermos alguns colegas a serem abusados por alunos que têm idade para serem netos dessas próprias pessoas e portanto isso a mim faz-me um pouco de confusão. Mas que é culpa do sistema claramente porque acho que deveria ser um sistema mais... humano e que deveria ter em conta essas situações.

E- Olha, por exemplo, tu há pouco falaste-me do... dos trabalhos de equipa que se estão a desenvolver, designadamente a nível do Projeto Educativo, do Regulamento Interno; gostava que me falasses um pouco desses documentos, o que é que tu pensas sobre o Projeto Educativo da nossa escola, a... pronto, gostava que me falasses disso.

e- É assim, durante muito tempo, por aquilo que eu me apercebi, durante muito tempo esses documentos existiam num papel e não se foi alterando, nomeadamente o Projeto Educativo. Ora portanto, os documentos estavam, estavam elaborados, estavam os objetivos definidos e as estratégias e trabalhou-se muito em cima disso. Até porque nesta escola, a liderança também tem em conta uma coisa que eu acho que é importante: O nosso sistema exagera muito na burocracia e na papelada e depois na prática nada disso funciona! Portanto não importa ter um projeto educativo com... do tamanho de uma tese se depois isso na prática for um zero! Eu acho que é preferível termos um projeto educativo com três páginas e que seja mais prático e penso que a liderança da

escola, por aquilo que eu me apercebo e pelas conversas que temos, pensa desta forma. Portanto, por isso é que também nunca foi muito valorizado. Na prática estávamos a fazer o processo correto, na teoria ou o documento em si não estava atualizado. Mas concordo claramente e acho que quando nós paramos e quando estamos a reflectir, a escola tem todas as estratégias que têm sido aplicadas nos últimos anos, podemos discordar de uma ou outra e algumas vamos corrigindo de ano para ano, mas todas elas é no sentido de perceber que as coisas estão a mudar, os alunos são diferentes, de há quatro anos para cá os alunos têm atitudes diferentes, têm, são personalidades diferentes, todos eles são diferentes e portanto temos vindo a adaptar as coisas mas depois não, não escrevíamos isso. Portanto, não fazia parte desses documentos. Este ano houve esse cuidado. Penso que é um sistema mais democrático. Toda a gente foi ouvida, toda a gente foi consultada. Os grupos, puderam-se manifestar as opiniões, depois em pedagógico é que foi feita uma compilação, portanto tentar juntar e ver, juntar as coisas que depois a comunidade educativa [Conselho da Comunidade Educativa] em si é que poderá, dará o.... portanto a palavra final. Em relação ao regulamento interno, portanto já é diferente. O regulamento interno tem coisas mais específicas sobre o próprio funcionamento da escola. Está a demorar mais tempo, é normal. Eu ‘tive numa escola em que nós andámos um ano inteiro p’ra conseguirmos rever o regulamento interno porque ou realmente fazemos as coisas bem ou não vale a pena mexer só por dizer que mexemos. O regulamento interno como tem, tem a ver com o próprio funcionamento da escola no próprio ano e naquele momento e há situações muito específicas, portanto esse demora mais tempo. Mas julgo que todas as propostas que vieram, quer no regulamento interno, quer no projeto educativo parecia que as equipas de trabalho ‘tiveram muito bem e que foram seleccionadas pessoas que têm conhecimento da escola, sobre o seu funcionamento, sobre as características da comunidade local e penso que isso é extremamente importante e por exemplo, posso dizer que em relação ao projeto educativo, houve lá uma situação pelo menos desagradável, numa das críticas que foi em relação ao projeto educativo parece-me que não era muito correta para aquela equipa de trabalho. Portanto não é justo, quando nós pedimos a colaboração das pessoas interessa é as pessoas dizerem, ou colaboram de forma positiva, se for só para criticar, ó pá, acho que é injusto para aquelas pessoas que fizeram um esforço gratuitamente, e que ‘tiveram juntos e que tiveram a pensar que aquilo seria a melhor coisa p’ra escola. É mais nesse sentido. E às vezes nós ouvimos coisas que depois pode acabar por ofender e naquele caso eu percebi que havia um elemento, neste caso o

professor J. C. que está no regulamento interno e percebi que quando se leu um determinado documento enviado por uma colega nossa, portanto houve ali uma recetividade, a recetividade não foi muito positiva no sentido das pessoas se sentirem ofendidas “Ó pá, não nos mandem ler a tese A ou a tese B ou o documento A ou B, digam-nos directamente, Olha, eu tenho conhecimento deste documento, pode-vos ajudar a tornar isto mais completo”. Portanto, penso que isso é importante, termos esse cuidado. E também penso que, já estou como o Cristiano Ronaldo penso que penso que, há pessoas que infelizmente ainda continuam a vir à escola só cumprir o seu horário e penso que essas coisas era importante mudar no sentido, nós ainda temos colegas que continuam a envolver-se muito pouco na, nas atividades da comunidade. Eu não sou obrigado, como é óbvio, a participar em todas as atividades; no carnaval, eu detesto o carnaval e participo pelos colegas, não tanto, e por ser uma atividade da escola, mas há colegas que passam completamente ao lado. Vêm cá, dão aulas, parece que vêm vender um produto, acabam a sua aula vão embora; não há nenhum convívio na sala dos professores, na sala na cantina, portanto é entrar na escola, vender a aula e vão embora e penso que há pessoas que vão passar aqui dois, três anos, mudam de escola e quando perguntarem alguma coisa sobre o Porto Santo, eles não têm o mínimo conhecimento.

E- Já agora, tocaste aí num ponto que eu acho que vale a pena... O que é que tu achas que pode justificar essa atitude desligada das pessoas? Porque tu dizes, e eu até concordo contigo, que a escola tem um bom clima de trabalho, tem um bom clima entre professores, o que é que tu achas que pode explicar que haja colegas que sistematicamente se colocam à margem e que apenas vêm de facto, como tu dizes, vender a aula...

e- É complicado... Alguns nota-se claramente que é ou por questões pessoais ou por a questão da desmotivação. As pessoas, neste momento, mesmo em termos de sala de aula começa, começamos a sentir isso muitas vezes e às vezes em conversa com alunos percebemos isso que é muitas vezes os professores não estão a conseguir separar a parte pessoal da parte profissional. Portanto, o facto do ministério, tudo o que nós temos sofrido nos últimos anos, os cortes a nível, portanto somos uma profissão que leva cortes constantemente, carreira congelada imenso tempo, não há qualquer tipo de motivação e as pessoas começam a ficar... a ficar desmotivadas e eu também penso que tem, aqui começamos a perceber uma coisa, é que nem todas as pessoas que ‘tão na escola nasceram para ser professores... provavelmente esta foi uma área, alguns até nem são formados na área de ensino portanto e estão a dar aulas porque não tiveram

sucesso ou não conseguiram arranjar um emprego na sua área. Eu não quero dizer que sejam menos profissionais! Eu conheço pessoas que não, ou que fizeram as pedagógicas posteriormente ou que até nem as fizeram ainda e que são, até têm mais pedagogia do que outras pessoas que têm; portanto a formação superior não nos traz educação, traz-nos novos conhecimentos e novas aprendizagens. Depois depende da personalidade de cada um. Mas eu penso que passa muito por questões pessoais, a desmotivação, a própria carreira em si, neste momento não é minimamente motivante... provavelmente os modelos de algumas escolas, não sei... de algumas pessoas também é... eu falo por mim, eu vim p'ra cá por opção, portanto 'tou aqui porque gosto e se me apetecer vou embora ou tento ir embora. Eu percebo que aquelas pessoas que têm família noutras zonas e que lhe sai a rifa de vir p'ra Porto Santo, para alguns deles é um choque e é uma... uma guerra tremenda e estão cá contra a sua própria vontade... Penso que passará por aí, não... não estou a ver outra... Cada caso é um caso mas não encontro outras soluções para esse alheamento e esse afastamento de alguns colegas da vida da comunidade...

E- Não... não achas... por exemplo, tu há bocado dizias-me assim “Temos encontrado algumas estratégias para alguns problemas”; a... isto é uma pergunta que não tem que ter uma resposta positiva mas achas por exemplo, poderia haver da parte da escola, dos órgãos da escola, algum tipo de intervenção no sentido de puxar essas pessoas para dentro da escola ou achas que...

e- Sim, sim! Claramente! A... eu penso que há uma série de coisas que era importante, ainda hoje 'tive a assistir a uma aula de uma colega no âmbito desta comunidade que nós temos e durante a aula apercebi-me de uma coisa que depois no final pedi para conversar um pouco porque é uma turma em que eu não, a quem não lecciono e penso que era extremamente importante, mesmo no início do ano, que os órgãos de gestão passassem em todas as turmas a dar as boas vindas e a falar com os alunos e para os alunos perceberem quem é que, quem é o órgão de gestão da escola e portanto e conversar um pedacinho com eles, “Ó pá”, e dizer-lhes “Quando tiverem algum problema venham falar connosco, nós tentaremos resolver”. Em relação aos professores, a esses professores que estão mais afastados e 'tão, e não vivem tanto o trabalho que é desenvolvido, eu penso que há... há claramente necessidade e há estratégias que o órgão de gestão pode fazer para que essas pessoas passem a ter uma outra atitude. Eu tive uma situação anteriormente, numa outra escola, em que estava a coordenar um projeto em que a determinada altura portanto caiu lá um colega a leccionar a disciplina de inglês,

nós tínhamos reuniões semanais e esse colega nas primeiras três reuniões não apareceu, não compareceu em nenhuma delas! E tinha uma personalidade um pouco estranha, muito fechado, não conversava... eu como coordenador estava constantemente a tentar conversar e a tentar integrar e não havia abertura da parte dele e eu fui ao órgão de gestão simplesmente e pedi ajuda à presidente do órgão de gestão, a solicitar que tentasse motivar o colega para ir às reuniões e ele perceber a importância daquelas reuniões e essa reunião, e isso resolveu-se. A presidente do órgão de gestão portanto conversou com o colega, fez-lhe ver a importância da sua participação nas reuniões, até para nos conhecermos melhor e curiosamente, passou a ser dos melhores colegas em termos de trabalho realizado nessas reuniões! Ia sempre com ideias positivas, portanto ele passou a ser, ele a determinada altura inclusive, numa das atividades que fizemos com os alunos, tivemos uma conversa pessoal em que ele assumiu que realmente no início não tinha estado muito bem mas que tinha prazer em 'tar naquele projeto e que dava-lhe gozo a forma como as pessoas se respeitavam e tratavam e que toda a gente respeitava o trabalho dos colegas, portanto não havia aquela interferência. Eu penso que sim, penso que é preciso também o órgão de gestão de vez em quando é... fazia bem sair um pouco do gabinete e ir até à sala dos professores, ver como é que é o ambiente, estando lá no intervalo ou meia hora, percebe-se claramente que existem alguns grupinhos, que é possível, percebe-se quem são os colegas que estão à parte, que nem põem ali os pés e portanto eu penso que e depois competia ao órgão de gestão também motivar esses colegas, chamar esses colegas, incluí-los nalgumas equipas de trabalho para eles também se sentirem e não virem cá só vender a tal aula, mas pronto, é um trabalho que tem que ser feito porque e depois cada caso, como eu dizia ainda há pouco, há colegas que provavelmente se o órgão de gestão, mesmo que o órgão de gestão tenha essas iniciativas todas, provavelmente continuam a não querer participar e não querer saber nada porque estão aqui por obrigação, não...

E- Ok! Olha, voltando ainda à questão das estratégias que a escola tem criado para resolver algumas situações, eu gostava que tu fosses um bocadinho mais concreto, isto é, que tu me disseses “Constatámos que havia este e aquele problema e conseguimos com esta estratégia ou aquela...” Gostava de perceber um bocadinho melhor quais são esses problemas que, se calhar até não sei se 'tás a falar um pouco no âmbito da tua função de membro da equipa de avaliação interna ou apenas membro do Conselho Pedagógico há muitos anos e que portanto tem um conhecimento da escola que

obviamente eu não tenho, a... gostava que me desses dois ou três exemplos só, se calhar só dois, três já é pedir muito (risos)...

e- Sim, é mais nesse sentido, mais como...

E- ...de problemas que vocês tenham sentido que existiam na escola e que conseguiram arranjar uma estratégia e que essa estratégia efectivamente tornou-se eficaz.

e- Ok, é assim, eu vou falar mais como membro do pedagógico e enquanto coordenador. O... a equipa de avaliação ainda está a começar este ano, ainda não temos bem...

E- Claro! Não têm dados.

e- Exato! E em relação às estratégias, os resultados em si ainda não são, muitas delas ainda não são possíveis constatar os resultados porque são estratégias que 'tão a ser aplicadas e eu dou o exemplo, aquela preocupação que há com, houve uma preocupação por exemplo, este ano, nós temos visto os resultados da matemática nos exames nacionais de 9º ano não têm sido aqueles que nós esperávamos e há cada vez mais dificuldades, as alterações de programas e tudo isso. Este ano estamos a, fizemos uma experiência que está a haver coadjuvância nessa disciplina porque é uma disciplina que vai a exame e é óbvio que nós não podemos esperar, óbvio que não vamos chegar ao final deste ano e esperar que os resultados sejam, tenha havido um aumento brutal em termos de avaliação, não... Provavelmente até as notas poderão ser inferiores ao ano anterior. Portanto, isto só se consegue avaliar ao fim de dois ou três anos a aplicar e espero que a medida não seja avaliada no final deste ano e decidam suspender a medida porque é cara e porque não houve resultados e portanto... mas é uma das estratégias. Por exemplo, na questão da indisciplina, penso claramente este ano está a funcionar muito melhor! A questão de termos um, não sei qual é o nome que deram, agora já não me recordo, mas o facto de termos uma equipa que trabalha todos os processos, há um coordenador e portanto tudo é controlado de forma que, para a mesma situação ocorra a mesma medida, a mesma penalização isso não foi, eu penso que nem foi, a ideia nem era diminuir a indisciplina, não! Era controlar os procedimentos. O tipo de alunos que nós temos, o tipo de características dos alunos e o tipo de indisciplina que nós temos para ver quais as medidas que temos que aplicar para tentar corrigir essas situações. E penso que claramente, deixamos de sobrecarregar os diretores de turma que muitos deles é que tinham que fazer os processos. Há uma equipa que parece-me que está a funcionar bem, inclusive julgo que num dos próximos pedagógicos, haverá uma apresentação dos dados do ano anterior e portanto aí é que vamos perceber que estratégias é que estão a ser utilizadas para tentar corrigir essa tal indisciplina. Nalgumas situações tem sido, por

exemplo, nós no ano anterior tivemos uma situação grave no francês. Durante muito tempo uma docente esteve ausente, este ano a escola teve a preocupação de acrescentar quarenta e cinco minutos para tentar recuperar esse... esse tempo perdido no ano anterior. As aulas que não foram, os conteúdos que não foram leccionados, por azar, este ano parece-me que a colega mantém-se na mesma situação e portanto nem dá as suas aulas, portanto nem repõe os conteúdos do ano anterior, portanto... e infelizmente é numa língua e isso... penso que tem que ser claramente repensado; no último pedagógico foi discutido. Nós não poderemos continuar, apesar de sermos professores, eu estou disponível para ajudar toda a gente mas não posso 'tar disponível para estar a proteger pessoas que por exemplo, percebo que as pessoas quando têm problemas, e é por isso que eu digo que o sistema está a ficar desumanizado, há pessoas que não têm neste momento capacidade para dar aulas, não estão bem e precisam de ajuda, agora eu não estou disponível é para andarmos aqui a queimarem a nossa imagem, prejudicar os alunos, por causa dessas situações e portanto, a escola vai ter que tomar medidas ou tem que exigir, solicitar que haja, sei lá, que seja assistida por um médico... Porque há pessoas que não estão bem... Porque se não, os nossos alunos, nós corremos o risco de ir para a comunicação social com uma imagem negativa. Recentemente tivemos um caso chato que foi uma ex-aluna nossa que tentou suicidar por motivos pessoais e o que apareceu na comunicação social foi “Aluna do Porto Santo tenta o suicídio por motivos de *bullying*” quando ela já nem é nossa aluna! Quem leu as notícias na Madeira, e eu tive várias pessoas a pedirem informações, tem a ideia que a aluna é nossa aluna e que ela era vítima de *bullying* na nossa escola quando ela já está há dois anos a frequentar uma escola na Madeira... Portanto, depois temos este tipo de situações... E penso que também os, muitos pais aqui estão alheados, estão, não participam na vida dos seus educandos.

E- Olha, isso leva-me a uma pergunta que é, porque alias é uma pergunta que emerge também um bocadinho do teu diário, que tu próprio dizes “Isto não é um diário” mas que é um documento em que tu refletas sobre muitíssimas coisas da escola, a... gostava que me falasses um bocadinho da questão como é que tu vês a relação da escola com a comunidade a... e como é que vês exatamente o papel dos encarregados de educação, porque eu acho que nós às vezes queixamo-nos que os encarregados de educação não interferem mas depois às vezes também estamos-nos a queixar porque afinal o encarregado de educação veio-se meter neste assunto e o que é que ele tem a ver com

isto, e era agora o que me faltava ter que ta, ta, ta, ta. Portanto, gostava que me falasses um bocadinho disso.

e- A... é assim, nós temos, nós professores temos esse defeito que é, nós reclamamos sempre dos pais e quando eles tentam dar a sua colaboração, tentam, nós entendemos sempre que é uma interferência. Eu tenho por hábito dizer aos alunos que eles quando tiverem dúvidas, ou mesmo nos testes, perguntem aos professores “Olhe professor, porque é que esta questão está errada?” ou não sei quantos e depois vejo colegas a chegarem à sala dos professores “Eh pá, mas quem é aquele puto para pôr em causa o meu trabalho?!” quando não foi isso! O aluno quis saber “Olhe, professor” ou às vezes digo, alunos que foram meus alunos no ano anterior, que depois no ano seguinte trabalham com alguma das minhas colegas e vêm-me dizer “Ah professor, eu era aluno de nível quatro consigo, agora só tenho três...”, digo “Olha, tens uma conversa educada com a professora e perguntas, olhe professora eu tinha quatro, o que é que me falta neste momento, onde é que eu estou, qual o nível que eu estou e o que é que me falta?”. Muitas vezes, aquilo que eu sinto é que os alunos não fazem, não têm essas conversas com os professores porque noventa por cento dos professores entendem isso como uma interferência no seu trabalho quando não é nada disso. O aluno ‘tá preocupado com a sua educação e quer saber qual é o seu nível e onde é que pode progredir. E em relação aos pais isso acontece muito. Nós falamos, reclamamos muito com os pais mas só os chamamos à escola ou p’ra dizer mal do filho ou porque ele teve uma participação disciplinar. Nós nunca chamamos um pai para fazer um elogio porque o filho está a ter um desempenho muito positivo. E é óbvio que isso depois causa-nos problemas e nós assistimos a isso. Nós quando conversamos com colegas do primeiro ciclo, porque é que no infantário e no primeiro ciclo, os pais todos os dias vão lá colocar as crianças, buscar as crianças, há um maior contacto e depois os alunos transitam para o segundo ciclo, terceiro ciclo, os pais começam a ser muito mais ausentes? Provavelmente tem a ver, é um problema nosso, somos nós que não estamos a conseguir cativá-los e por exemplo, no outro dia houve um colega, o coordenador de segundo ciclo, o colega A. que teve uma ideia que eu acho que é brilhante que é, uma vez que nós agora participamos no desfile de carnaval organizado pela câmara municipal, seria um bom dia, a partir do próximo ano, para depois do desfile, depois de assistirmos ao espetáculo final, voltávamos todos para a escola, professores, alunos e convidávamos os encarregados de educação e fazíamos uma festa conjunta cá dentro em que havia uma churrascada no jardim, p’ra as pessoas poderem conviver e conversar e penso que é uma das primeiras

estratégias que tem que surgir. A escola tem feito uma estratégia; por exemplo, mesmo a questão da indisciplina, ainda há pouco referi, isto é assim, por exemplo, nos últimos anos a escola tem oferecido um almoço às turmas que durante, ao longo do ano todo não manifestam problemas disciplinares, nas turmas onde não há nenhuma participação, a escola oferece um almoço à turma, ao diretor de turma e esse almoço é confeccionado pelos elementos dos órgãos de gestão, portanto no pedagógico, no órgão de gestão, o presidente da Comunidade Educativa, os coordenadores de ciclo também lá estão e é interessante ver a reacção dos alunos ao serem servidos por quem manda na escola, eles têm uma reacção muito interessante. A... e temos situações interessantes, por exemplo, tivemos no ano anterior uma turma que recebe o, tem o almoço de prémio no terceiro período, na semana seguinte há um aluno que tem uma participação portanto, ele já ‘tava de barriguinha cheia, já não havia problemas. (risos) Por outro lado, eu sinto que a comunidade valoriza o trabalho dos professores. Pelo menos na conversa que temos lá fora, tenho algumas reacções negativas de alguns pais por situações que se passam em sala de aula, por situações como aquela, algumas que eu já descrevi. É óbvio que não é justo, no outro dia eu vi alunos do secundário, inclusive uma aluna veio conversar comigo porque estava chateada, extremamente chateada porque às 8h 20’ a docente não compareceu, já era uma série de vezes que isto aconteceu; é óbvio que é chato se levantar de manhã, vir para a escola e um professor não comparecer mas há vários motivos que também justificam isso, e a aluna meteu no Facebook o nome da professora e não sei quê e eu sugeri que retirasse porque isso dava algum processo, ela tem direito a manifestar a sua opinião e os colegas manifestaram o seu desagrado, não convém que refira a disciplina nem a pessoa em causa porque põe em causa o profissionalismo e pode ser uma questão pessoal e tenho a certeza que seria uma situação, uma questão pessoal que levou a essa ausência à aula e portanto a... lá fora, acho que a comunidade de certa forma, e mesmo agora com o facto de nós podermos começar a participar, desde há três anos novamente no desfile de carnaval, a comunidade começa a ver alguma dinâmica, algum do trabalho que é desenvolvido cá dentro. Penso que algumas exposições, trabalhos muito interessantes... por exemplo, eu tenho visto os alunos, mesmo os alunos da noite estão a desenvolver agora, para uma exposição em breve, trabalhos fantásticos e penso que esses trabalhos passam lá p’ra fora. Podíamos ter outra visibilidade, por exemplo, no natal tivemos ali uma exposição de presépios que acho claramente tinham qualidade para estar no Centro de Congressos nessa altura e até sugeri que o senhor padre arquivasse os trabalhos para juntar dois ou três anos e fazer

uma exposição lá em baixo, a... e tenho reacções muito positivas lá fora, embora depois também tenha aqueles casos pessoais que as pessoas vêm falar de forma de desagrado por uma ou outra situação pontual, mas de uma forma geral acho que a comunidade reage bem. Nunca tive nenhuma situação desagradável lá fora no sentido de críticas duras ou de falta de educação.

E- Portanto achas que há uma boa relação entre a comunidade e o meio? Ah, a comunidade e o meio, que estupidez, a comunidade e a escola.

e- Entre a escola e o meio? Eu penso que poderia ser muito maior e tendo em conta a dimensão do Porto Santo, tendo em conta que só temos quinhentos, cerca de quinhentos alunos, eu penso claramente devia de haver uma proximidade ainda maior. Eu dou o exemplo, mas depois isto não passa só pelo órgão de gestão, também passa às vezes pelos grupos, a... há uma escola em Guimarães que tinha um insucesso brutal em matemática, o órgão de gestão, a comunidade reflectiu e passaram a fazer jantares quinzenais entre a escola, professores, encarregados de educação e houve um aumento que julgo de vinte a trinta por cento dos resultados dessa escola a partir daí. Porquê? Porque houve essa aproximação dos pais e nesses jantares, apesar de não se falar de trabalho, os pais começaram a perceber o que é que era preciso fazer com os filhos para que eles conseguissem ter sucesso em matemática e houve resultados muito positivos. Por exemplo, nós temos assistido, no outro dia ‘tava aqui um colega do continente e tivemos uma conversa muito interessante. Estava-me a referir a uma escola que estava muito mal colocada em termos de ranking, e eu sou claramente anti rankings porque acho que é uma estupidez, uma escola do continente que estava muito mal colocada, tinha problemas gravíssimos, e que o diretor da escola teve uma reunião com toda a comunidade e teve que impor algumas situações e uma delas foi acabar com o toque de entrada e neste momento, as faltas por atraso reduziram de forma drástica. Portanto, eu acho que por exemplo, nós nesta escola reclamávamos, os professores, nós temos esse defeito, nós ‘tamos sempre a reclamar das coisas porque não existe. A escola dava-nos liberdade, nós tínhamos toque de entrada, havia cinco minutos de tolerância ou dez minutos, eu é que teria que controlar isso, portanto nós reclamávamos que devia de haver um segundo toque; agora que há o segundo toque nós achamos que é mau haver o segundo toque. E é claramente mau! Grande parte dos nossos alunos neste momento entram na sala quase, e controlam o segundo toque. Portanto, nós temos que repensar a... e essa escola fez isso, retirou os toques de entrada e os alunos são muito mais pontuais, ou seja, houve ali uma responsabilização dos alunos. Mas esse diretor teve

uma série de problemas; teve que enfrentar desde logo os professores, depois os próprios pais. Explicar aos pais e nem toda a gente aceita, como é óbvio e portanto penso que há situações dessas que nós temos que começar a pensar mesmo em grupos. Eu lembro-me da escola anterior onde eu ‘tive, uma ceia medieval que foi feita e colaboraram quer os professores quer os pais e um grupo de alunos e foi muito interessante. Houve pais que depois reconheciam que pela primeira vez estavam a participar numa atividade da escola e a partir daí, com muito maior frequência esses pais compareciam na escola. É complicado, nós temos uma, eu não conheço muito bem o trabalho que ‘tá a ser feito na questão da Carta da Convivialidade. Penso que um dos pontos passaria por aí, aproximar esses pais da escola mas penso que também, nós sabemos, há pais que não deveriam ser pais, deviam ser proibidos de ser pais ou foram pais por engano e portanto... nós sozinhos não conseguimos fazer as coisas. Penso que também não é com legislação e com decretos-lei que vamos resolver as coisas ou conseguimos realmente que essas pessoas percebam que têm uma responsabilidade acrescida, obrigar não resultará em muitos casos e neste momento as únicas armas que nós temos é tentar resolver as coisas cá dentro, os que não se resolvem temos que mandar para a comunidade de menores e para o Tribunal de Menores, não temos outras ferramentas...

E- Olha, diz-me uma coisa, tu tens falado aí muito dos professores, do trabalho dos professores, até disseste uma coisa que eu acho que é interessante que é, nem toda a gente nasce para ser professor, e gostava que me dissesse como é que tu pensas que se pode melhorar o desempenho dos professores porque é, há claramente professores, eu penso que na nossa escola felizmente, não temos casos gritantes de... de pessoas que... que simplesmente não... não são competentes, mas todos nós podemos melhorar o nosso desempenho. A... e como é que tu pensas que se pode melhorar o desempenho dos professores?

e- (pausa) Eu nem sei se consigo responder a isso porque a minha bagagem é... a maior parte dos colegas que eu trabalho ainda tem muito mais tempo de serviço do que eu... Eu felizmente tenho passado é por algumas experiências que me permitem ter alguma noção das coisas, também. Tem a ver, eu penso que os grupos têm que reflectir. Eu lembro-me na escola anterior fui escolhido para fazer um balanço e tentarmos perceber, ainda ontem conversava com uma turma de nono ano sobre isso, foi-nos pedido para tentarmos fazer uma reflexão sobre quais os motivos principais do insucesso dos alunos atualmente. Eu defini na altura, portanto penso que foram quatro parâmetros que era o

próprio sistema em si, nós temos disciplinas que é para encher chouriços, não têm utilidade nenhuma, nós temos disciplinas, claramente tivemos um ministro anterior que teve uma aberração que é apostar em duas disciplinas. É importante que se aposte no português e na matemática mas não só nessas. Por exemplo, os nossos alunos claramente, o Porto Santo é, eu nunca encontrei nenhuma terra em que os jovens tivessem tanto jeito para as artes e são muito pouco valorizados e nesta terra, portanto... e a oferta que nós temos é muito curta nesse sentido, portanto. E depois, nós temos também que ter a noção que há alunos e ainda ontem eu referi o exemplo de uma aluna que pratica desporto em que para ela, o desporto neste momento dá-lhe mais prazer e é mais importante na formação dela do que o português e a matemática. E portanto, e isso não é valorizado! Até pelo contrário, o Ministério da Educação uma das medidas que tomou, o anterior, foi dizer que a Educação Física deixava de contar para efeitos de acesso ao ensino superior. Num país em que grande parte da população é obesa, portanto isto é ridículo. É um convite a não, “Pá, não vale a pena te esforçares porque não, porque essa nota não conta p’ra nada!”. A... mas há toda uma série de coisas que têm que ser feitas. Como é que se pode motivar? Eu por exemplo penso que isso passa muito pela questão interna. Cada grupo tem que reflectir e tem... por exemplo, nós não trabalhamos em grupo! Eu dou o exemplo do meu grupo: Quando se fala das planificações, não, cada um faz as suas planificações e entregamos e está no dossiê do grupo, se vier uma inspecção, está lá. É isso, não queremos é que ninguém nos chateie. Felizmente há uma coisa que gosto no meu grupo que é, ninguém interfere no trabalho do colega; trocamos impressões, ideias, tudo isso, ninguém interfere, não há críticas no sentido de interferência no trabalho dos outros, portanto há um respeito muito grande e isso é muito positivo. Era importante era que se fizesse um trabalho em grupo no sentido, por exemplo, nas outras duas turmas de sétimo ano, eu não tenho nenhum nível inferior a três na minha turma, nas outras turmas há um elevado insucesso para o normal na geografia. E nós temos reuniões de grupo! Às vezes para falar de informações do pedagógico que não tem informação nenhuma relativa ao grupo e nós nunca estamos ali a reflectir, a tentar perceber “Olha, mas quais são as características desta turma?”, “E se tentasses fazer isto com essa turma?”. Eu dou um exemplo, eu tenho a certeza que se nessas duas turmas a minha colega passasse a definir os objetivos para o teste ou entregar uma folha a dizer assim, “têm que estudar estes e são estes os objetivos”, tenho a certeza que os resultados mudavam logo! Isto não é uma crítica à colega, não é uma crítica porque é assim, eu farto-me de dizer aos meus alunos, “Muitos de vocês se

‘tivessem a trabalhar com as minhas colegas tinham melhor nota do que têm comigo!’.

Portanto, as estratégias que nós utilizamos, como é óbvio, não se adequam a todos os alunos a... e penso que a motivação dos professores, o órgão de gestão aqui não tem muito poder para fazer, passará muito pelos grupos, muito pelos departamentos... nós não devemos, por exemplo nós temos uma série de quatro ou cinco departamentos, não temos nenhuma semana do departamento, por exemplo... Eu dou o exemplo, nós no meu grupo, isto não é uma reclamação, é uma constatação, eu no ano anterior tivemos a Semana da Geografia em que só um professor é que colaborou! Portanto era semana da geografia mas até eu tive colegas que disseram “Ó pá, devias dizer que era a semana de um professor de geografia”; este ano haverá a mesma coisa e o resultado será o mesmo. Portanto, se isto é trabalho em grupo então... e nós às vezes reclamamos dos alunos que eles não sabem trabalhar em grupo, e será que os adultos sabem ou será que nós estamos a trabalhar em grupo?

E- Portanto, posso deduzir das tuas palavras que tu consideras que devia haver mais trabalho de equipa a nível dos grupos, se calhar também a nível dos próprios conselhos de turma...

e- Sim!

E- ... digo eu...

e- Claramente, claramente!

E- ...porque muitas vezes, se houvesse mais articulação das várias disciplinas nos conselhos de turma também podíamos ter se calhar melhores resultados...

e- Tenho a certeza absoluta que sim! A... mas depois coloca-se outra questão que é... o facto da maior parte dos colegas andarem sobrecarregados. Esse trabalho de equipa é óbvio implica trabalho, implica disponibilidade, as pessoas também têm a sua vida pessoal e o... é grave, nós assistimos a colegas, ao final da tarde nós estamos nas reuniões de avaliação intercalar novamente ó pá e choca-me ver colegas que têm que trazer os filhos p’ra reunião... por exemplo como este ministro agora defende as escolas a tempo inteiro no terceiro ciclo. Eu já disse aos alunos que no Porto Santo o efeito será muito pequeno porque eles já passam muito tempo e os pais vão preferir que eles fiquem em casa mas é grave ver crianças que desde as oito da manhã estão na escola e ao final da tarde, em vez de estarem em casa a brincar ou a ver televisão, ainda têm que estar numa reunião com os pais a ouvir falar das notas de pessoas que eles nem conhecem nem lhes diz respeito e portanto... Nós estarmos a falar a colegas, “Ó colegas, vamos reunir para ver estratégias para aquela turma” a reação é logo muito

negativa porque as pessoas estão sobrecarregadas. Portanto, é reuniões e mais reuniões e depois ‘tá visto, se nós tivéssemos metade da burocracia que temos, aí sim, aí era... aí talvez seria proveitoso e conseguiríamos fazer um trabalho diferente...

E- Diz-me uma coisa, ainda em relação aos professores, a... tu falaste, e eu acho importante, de uma dimensão da nossa profissão que é a dimensão da relação com os alunos, p’ra além do ensinar; a... e falaste também da participação nas atividades da escola, portanto no desempenho de cargos... Das diferentes dimensões da atividade de um professor, qual é que tu consideras que é aquela que é mais importante e que é, de alguma forma aquela que define a essência da nossa profissão?

e- Eu é assim, eu tenho a certeza que dentro do meu grupo, cientificamente as minhas colegas são, estão ao mesmo nível ou até estão melhores do que eu, mesmo já na escola anterior reconhecia isso. A... aquilo que eu valorizo é principalmente as relações pessoais e grande parte dos resultados que eu tenho, refletem exatamente isso. Ainda ontem tive um aluno, ex-aluno nosso que ‘tá numa escola na Madeira e solicitou-me uns dados sobre o Porto Santo e eu como não tinha os dados disponíveis, sugeri que ele falasse com determinada pessoa que é formado na área e tem um estudo, inclusive tem um livro sobre o Porto Santo nessa área, dei-lhe as indicações todas e eu até disse “Olha, se é para um trabalho, manda um mail a esta pessoa, ele gosta muito de participar e convida-o a uma palestra na tua escola sobre este tema. A professora vai ficar muito contente com o teu, com a tua iniciativa e vais ter uma boa nota e ele, e ficas a conhecer uma pessoa que é muito acessível e que é muito agradável.” Ele ontem mandou um agradecimento porque realmente mandou um mail e ele aceitou logo e portanto já está marcado, inclusive, essa tal palestra na escola sobre esse tema. Eu penso que esta questão da proximidade, ainda ontem por exemplo, são situações pontuais mas muitas vezes os alunos vêm cá ao gabinete porque acham que eu não sou o coordenador dos diretores de turma mas sim o coordenador dos alunos! E muitas vezes vêm cá ou pedir ajuda, ou reclamar ou desabafar porque acham que eu estou a... portanto que sou quase o coordenador, não sei, até determinada altura eu cheguei a pensar em propor à escola haver um gabinete de apoio ao aluno porque realmente há situações cá dentro em que nota-se muitos alunos têm, ou têm dificuldades ou têm problemas e às vezes nem sempre as coisas são possíveis resolver e portanto, ainda ontem tive, estava a chover imenso e houve uma aluna de secundário, que eu já nem trabalho com os alunos do secundário, veio cá pedir se poderia guardar a bicicleta dentro da escola, onde ela poderia ter pedido por exemplo a uma funcionária qualquer e de certeza que os

funcionários teriam resolvido a situação mas veio cá; veio justificar que tinha uma boleia e então pediu para lhe guardar a bicicleta cá dentro, e é óbvio que a situação resolvia-se. Mas portanto, são estes pequenos pormenores, e muitas vezes os alunos que até já nem são nossos ou ‘tão noutra escola ou andam noutro nível de ensino que eu valorizo bastante e tenho, até ao momento, de uma forma geral, tem, acho que os resultados, às vezes há colegas que, por exemplo, acho piada porque há colegas que criticam porque grande parte dos meus alunos são amigos no Facebook e acham que isso é uma proximidade muito grande mas depois, quando precisam de fazer uma comunicação aos alunos, muitas vezes pedem-me para ser eu a fazer uma vez que grande parte deles ‘tão associados à minha conta. A... pronto, tem a ver com a forma de estar de cada um. Eu também acredito, e às vezes tenho colegas que dizem “P8, atenção...” que às vezes também essa muita proximidade aos alunos pode trazer problemas. E já aconteceu; por exemplo, tive uma aluna do secundário, há dois anos que tinha um problema, tinha tendência para cortar os pulsos e portanto para fazer cortes e vinha para aqui p’ro meu Facebook, provavelmente não tinha ninguém com quem conversar e falar sobre isso e uma vez inclusive ofereci-lhe conversar com a psicóloga da escola sem autorização dos pais e ela ia lá conversar e ela rejeitou, a... eu, aquilo que eu fiz foi falar com a professora de educação especial porque essa aluna era de educação especial, para que tivesse uma conversa séria com essa aluna porque eu não queria ficar com peso na consciência que essa aluna mais tarde ou mais cedo poderia fazer uma asneira e eu tinha conhecimento do assunto e não tinha feito nada e portanto, eu falei com a colega e a colega teve uma conversa com a aluna e inclusive disse que se a situação se mantivesse que ia conversar com os pais e a situação resolveu-se de certa forma. No ano anterior tive uma aluna, essa era mesmo minha aluna, que não conseguiu dizer directamente isso, pediu ajuda através do Facebook, a... tinha uma depressão, tinha vergonha de dizer à mãe, ia dizer à mãe, porque a mãe é assim um pouco bruta e então pediu-me ajuda. E eu aí, e perguntou-me como é que se curava uma depressão e eu disse “Olha, não sou especialista na matéria. O que eu posso fazer, se tu precisares, eu falo com a Dra. L., psicóloga da escola para conversares com ela” e ela rejeitou e eu disse “Então vamos fazer assim, eu vou arranjar uma colega cá da escola que percebe bem desse assunto até porque já teve uma situação dessas, vou falar com uma professora que ela vai ter uma conversa contigo” e falei e a colega mostrou-se disponível, até porque conhecia a aluna em causa, p’ra explicar e p’ra perceber, p’ra ela perceber que aquilo só vai ao lugar se realmente houver um tratamento e não é por eu

achar que sou mais forte ou menos forte é que vou resolver o assunto. E portanto estas coisas têm acontecido. Há tempos tive um aluno também por exemplo do secundário, que estava a ser vítima de *bullying* e pediu-me ajuda no Facebook e eu compilei tudo e fui ao órgão de gestão, e disse “Não te preocupes que eu vou resolver o assunto” e fui ao órgão de gestão e ‘tivemos a conversar e o outro aluno foi alvo de um processo, aí inclusive foi dado conhecimento à PSP a, porque era uma situação que já se estava a prolongar há algum tempo... A... e portanto, é essa proximidade que faz, há dias tive um grupo de alunos do oitavo ano, e eu sou de geografia portanto gosto de bola mas é sentado no sofá, e eles queriam fazer uma equipa, então vieram-me convidar para ser o treinador deles e eu disse-lhes que era melhor não que as coisas não iam correr muito bem (risos). Mas tem a ver com este tipo de relação que se cria dentro da sala de aula. É aquilo que eu lhes digo, eu não quero que eles saiam daqui geógrafos, eu quero que eles tenham conhecimento do mundo e que saiam daqui como melhores pessoas e com alguma bagagem, alguma formação pessoal; não, não em termos científicos, não... Isso... acho que qualquer aluno hoje em dia, minimamente atualizado e se estiver, se assistir às notícias e tudo isso, tem um bom resultado em geografia. Não é preciso, já não estamos naquela fase de decorar as capitais todas, saber os portos todos à volta da europa, e por ridículo que pareça, antigamente na Madeira, nós não tínhamos comboio e tínhamos que saber as paragens todas e os apeadeiros do comboio entre Lisboa e o Porto! Felizmente isso já não existe... Mas eu privilegio principalmente a relação, a relação com os alunos.

E- Portanto, achas que hoje de facto, não faz muito sentido a grande preocupação que muitas vezes se tem com o cumprimento do programa e dos conteúdos porque essa informação ‘tá disponível por outras vias, às vezes até mais apelativa, e que a componente da formação humana é mais relevante, digamos assim...

e- Claramente! E eu costumo dizer que estou-me a borrifar p’ro programa, nunca cumpro nem vou cumprir. Ainda este ano terminei o manual, um conteúdo inteiro do oitavo ano, deixei propositadamente para este ano, já o concluímos no primeiro período, estamos a concluir o conteúdo do nono, portanto o que demonstra que há tempo para tudo, a... não me interessa que eles saibam, levem com a matéria toda e saiam daqui uns nabos, que não tenham opinião pessoal, até porque nos meus testes de oitavo e nono ano, o último grupo chama-se “Cidadania e Mundo Atual”, aí são documentos tirados da net, casos reais em que eles têm que dar a opinião deles e é aquilo que eu digo “Eu nunca posso considerar a vossa opinião errada, é a vossa opinião! Posso é discordar ou

não discordar da vossa opinião” e portanto o que interessa aqui, e alguns pais às vezes falam “Ah professor, você como é que avalia a opinião do meu filho?”, é óbvio que avalio pelo que as pessoas dizem. Eu não quero que eles saiam daqui todos a pensar, a pensar sobre o aborto da forma como eu penso, não! Quero é que ele tenha uma opinião pessoal sobre esse tema e claramente é isso que eu penso que temos que trabalhar mais. Eu curiosamente, há dias tive uma experiência com uma turma de sétimo ano, muito engraçada porque eu achava que, eu tinha a noção, que eu sou defensor que muitos dos colegas que estão a trabalhar no terceiro ciclo não têm perfil para o terceiro ciclo, ou seja, não percebem, e eu nisso também sou bruto, por isso é que eu às vezes prefiro não trabalhar com o sétimo ano porque eles são muito criancinhas e eu sou um pouco bruto, depois tento compensar, pago-lhes um gelado (risos). A... e eu pensava que havia uma maior proximidade entre os professores do segundo ciclo com os alunos do que no terceiro ciclo, então estive a conversar com os alunos de sétimo ano, curiosamente foi no dia que eles fizeram o inquérito on-line sobre a avaliação interna da escola e como eles tinham que falar sobre aspetos positivos e negativos da escola, aproveitei o resto da aula para conversarmos e eu ‘tive-lhes a dizer “Mas o que é que vocês acham, quais são os principais factores de insucesso no terceiro ciclo? Porque é que vocês, quando transitam, às vezes até são bons alunos e passam a ser alunos medianos ou têm muitas negativas?” e a maioria deles refere o grande aumento que há em termos de disciplinas, o facto de haver muito mais disciplinas de estudo e com um grau de, e eu disse “E vocês não sentem”, eu questionei-os se não sentiam que havia um maior afastamento dos professores e eles disseram-me exatamente ao contrário, o que para mim foi uma surpresa. Eu durante estes anos todos sempre pensei que nós no terceiro ciclo que estávamos muito mais afastados dos alunos e eles disseram-me que não, o que para mim foi, foi um aspeto muito curioso porque se me perguntassem, enquanto coordenador, eu dizia logo que um dos grandes problemas é o facto dos professores não, afastarem-se completamente dos alunos e só estarem preocupados com o programa. Agora já tenho que mudar de ideias porque os alunos dão, portanto têm outra teoria ou dizem, e eles, mais do que ninguém, sabem o que é que se passa.

E- P8, queria-te fazer uma outra pergunta que tem ainda a ver connosco, com os professores, com os profissionais porque tu falaste, disseste que achas que do ponto de vista científico nem sequer achas que és o mais competente do teu grupo, a... e eu gostava que tu me falasses um bocadinho sobre como é que tu vês a formação de professores? O que é que tu achas, por exemplo, a formação de professores tem três

dimensões, não é? a dimensão da formação inicial, a dimensão da formação contínua e depois a formação especializada para quem a quer fazer... Gostava que me falasses um bocadinho da importância que tu dás à formação, a cada uma destas dimensões da formação, a... gostava que me falasses sobre isto...

e- É assim, em relação à formação inicial, eu costumo dizer que aquilo que mais aprendi enquanto em Coimbra, ‘tive na universidade, não foi o mais importante a parte da universidade, a parte dos conhecimentos científicos. A grande bagagem que eu trouxe foi as pessoas que conheci durante esses anos de formação. Até porque eu ia da Madeira, eu ‘tive em Coimbra que é uma cidade onde a vida universitária é muito vivida, tinha pessoas de todo o país e portanto, a grande recordação que eu tenho nem sequer é em termos universitários porque pronto, isso depois íamos para casa, estudávamos, havia conteúdos que dávamos melhor ou não, ninguém nos ensina a ser professores, inclusive tínhamos lá, eu tive Psicologia Educacional em que ‘tivemos duas horas a ouvir o professor a dizer que quando elaboramos um acetato não podemos usar muitas cores e a dar as regras todas e na aula seguinte, leva lá uma convidada, uma doutora, uma psicóloga e aquilo parecia a Benetton, portanto era cores por todo o lado! E toda a gente a rir e o professor envergonhado porque os acetatos dela contrariavam tudo o que ele disse na aula anterior e portanto... ninguém nos ensina a ser professores e portanto nós vamos aprendendo com a prática. Eu tive a sorte, na escola onde fiz estágio em Cacia, em Aveiro, tinha lá pessoas, não a orientadora que também é uma pessoa que não me parece que em termos de competência ou em termos de profissionalismo fosse das pessoas mais... mais profissionais na escola, mas tinha uma outra colega de grupo que era extremamente profissional e que nos dava muitas dicas e o resto da escola, gozávamos. Nos dias que tínhamos aulas observadas deixavam-nos muito à vontade aí, o que favorecia bastante e davam-nos dicas “Ó pá, olha quando correr mal segue para a frente, não te ponhas com coisas porque não é por isso que vais deixar de ser um bom ou mau professor”. O que eu acho que é ridículo no nosso país em relação aos médicos, um bom médico não é preciso ter média de 18. Há pessoas de certeza que saem da escola, do secundário, com média de 14 que poderiam ser excelentes profissionais e portanto não, penso que talvez teremos que rever essas questões, portanto. Em relação à formação inicial, penso que, é um pouco o que eles fazem na universidade é o que nós fazemos na escola que é, e vimos isso, assistimos a isso quando há reformas no ensino superior é, ok, algumas disciplinas, cadeiras, passam, deixam de ser anuais, passam a semestrais. Os conteúdos são exatamente os mesmos,

são compactados, mas eles dão exatamente a mesma matéria e portanto nós é que temos que estudar o resto e portanto... o que demonstra o quê? Que portanto não há realmente aquela transformação, aquele acompanhamento, o professor é o mesmo. Eu há dias dizia aos alunos “Ó pá, é óbvio se vocês forem perguntar aos professores se vocês têm disciplinas a mais, toda a gente vai dizer que não! Porque os professores sabem que se acabarem as disciplinas, vão para o desemprego.” Portanto, o que tem que haver, eu não defendo que as pessoas vão para o desemprego e mesmo os colegas que não estão bem, não defendo que têm que ser mandados embora, não! Têm que ser postos a fazer outras atividades que sejam úteis à comunidade. Nós temos o exemplo neste momento, um colega já com alguma idade que tem estado na biblioteca e penso que é possível rentabilizar alguns colegas dessa forma, portanto em relação à formação inicial eu não dou muito valor em termos científicos. Depois, ao longo da nossa carreira, acho que é extremamente importante que um professor se mantenha atualizado e que aposte na formação. Eu, talvez também por causa da idade que tenho, ainda sou, sou novo e não tenho muitos anos de serviço, em média, tenho feito sempre à volta de cem horas de formação por ano. Para além do mais, também tenho a mania de me meter em tudo, a... mas faço por prazer; eu não, não me inscrevo em formações para enrolar chouriços. Eu só vou aquelas que gosto do tema e sou capaz de chegar lá, se o tema não ‘tiver a ser do meu agrado, venho embora, não preciso de certificado e muitas delas até implica pagar viagem, estadia e tudo isso e abdicar disso porque não me estou a sentir, não estou a ter, não estou a sentir prazer em estar ali. Penso que é extremamente importante essa formação. Lamento que alguns colegas, praticamente passem anos seguidos sem fazer uma única formação, não sei se meteram no seu umbigo que sabem tudo e não precisam de mais nada ou se realmente já aquela desmotivação é tal... talvez são também, muitos deles são aqueles que não deviam estar na educação, deviam de estar numa outra área. Nós passamos a vida a reclamar, por exemplo, só vimos o lado negativo, é como os alunos. Este inquérito, a parte negativa eram pedidas duas, alguns apresentam cinco coisas negativas da escola. Nas duas qualidades, muitos deles nem conseguiam responder. E nós temos muitos colegas assim. Passam a vida na sala dos professores a reclamar do horário, eu convido-os sempre a ir trabalhar para uma empresa privada em que têm que cumprir horários muito mais rigorosos e de outra forma... e portanto acho que a formação é extremamente importante, é pouco valorizada pelos professores.

E- A formação contínua?

e- Sim. Vejo muitos colegas a dizer “Ó pá, vou-me inscrever nesta ação só porque obrigam-me a fazer vinte e cinco horas, depois faço o relatório de duas páginas no final e ‘tá feito. Assim, já ninguém me chateia”

E- Olha, embora eu ainda gostasse que tu me falasses da formação especializada mas vou aproveitar esta questão de estarmos a falar da formação contínua para passar para o último ponto, embora a gente depois vá voltar à formação, que é, a... tu és membro da Comunidade de Prática que ‘tá instituída na escola, que é uma estratégia de formação contínua e gostava que me falasses da tua experiência na comunidade, como é que tu valorizas o trabalho que nós realizamos, a... e gostava também que me falasses de uma coisa que é, p’ra mim é uma preocupação entre aspas, mas que eu acho que se calhar diz alguma coisa e confirma alguma coisa daquilo que tu já disseste sobre a formação contínua que é o facto de por exemplo nós o ano passado até termos iniciado com um grupo razoável de doze pessoas e este ano estamos reduzidos a seis ou sete a... e portanto, que tipo de explicações é que tu podes encontrar p’ra isto... como é que tu tens vivido esta experiência... o que é que tu achas que podemos fazer até p’ra cativar colegas para a formação, enfim... fala-me um pouco disso.

e- É assim, em relação a experiência, é muito positiva! Até porque eu gosto muito destas coisas e gosto de meter-me em tudo. Tudo o que é novo, eu gosto de me meter p’ra ver “Ó pá, vamos ver o que é que isto vai dar” mas sempre numa forma positiva e nunca parto do princípio, se alguém me fizer alguma crítica eu fecho a porta e vou-me embora. Até porque eu acho que esse ponto nós ainda não o estamos a desenvolver claramente. E é normal, o projeto começou no ano anterior, na fase em que estamos somos todos colegas portanto nós andamos todos aqui naquela, não queremos beliscar ninguém e portanto nós vamos chamando a atenção para pequenos aspetos, “atenção olha, o quadro não era visível”, “Não registaste o sumário ou não lembraste o sumário”, do tipo, “Olha, aquele aluno estava de boné na cabeça”, há colegas que levam isso mais a peito, há outros que não... Nós, a tendência será para que num futuro, à medida que o tempo vai avançando, nós teremos claramente que entrar mais numa parte crítica em relação ao nosso desempenho. Eu quero que me digam “Olha, eu sinceramente acho que tu falhaste ali. Havia um aluno que estava e porque tinhas-te chateado com ele no início ele ‘teve com o dedo no ar e depois tu olhaste, eu tenho a certeza que tu viste e fizeste de conta, deste o desprezo”. Nós ainda não nos sentimos à vontade para fazer isso porque não queremos magoar ninguém mas a tendência terá que ser por aí. Eu penso que a próxima sessão que nós vamos ter, que vamos ter uma apresentação do trabalho

de uma colega, penso que será extremamente importante nesse sentido. Se é aquilo que eu percebi, nós temos que perceber, para além de colegas, nós temos que ser profissionais e depois é assim, somos colegas mas eu quero que me digam, e eu digo muitas vezes ao órgão de gestão, eu quero que me chamem a atenção como chamam ao resto das pessoas. Quando eu falhar, eu quero ser chamado à atenção. Curiosamente, sou muitas vezes chamado à atenção pelos funcionários da escola. Ainda agora ‘tivemos a aplicar os inquéritos, só metade da turma é que podia estar numa sala de informática, os restantes estavam na cantina ou ao pé da cantina e eu tive uma funcionária que por duas vezes foi à sala chamar à atenção que os meus alunos estavam a fazer muito barulho. Aquilo que eu lhe disse foi que não conseguia estar com os alunos todos ao mesmo tempo, se fosse possível, um dos professores que estava de substituição fosse colocado para ficar com os restantes para eles fazerem menos barulho. Mas portanto, é isso que eu gosto. Não levo isso a peito no sentido “Olha mas quem é esta senhora para me chamar a atenção”, não. As coisas estavam a decorrer e portanto nós ou trabalharmos em grupo ou então é complicado. O... ó pá mas é... é muito complicado nós em termos de equipa em si, essa redução tem claramente, metade, metade das pessoas que se inscreveram no anterior, era por causa do número de horas, do crédito e alguns dos colegas foram sinceros e assumiram desde o início. Muitos desistiram uns por questões pessoais e outros também foi porque, “Pá, cinquenta horas é muito tempo, e muitas reuniões e muitos não sei quê...” Nós estamos a entrar muito nessa onda de cinquenta horas são muitas reuniões e é... Por um lado, por um lado dá jeito mas por outro lado não queremos fazer. Tudo o que dá trabalho nós não queremos fazer. Nós neste momento nós queríamos era que eles nos mandassem um video on-line, nós analisávamos o video, fazíamos um comentário, um parágrafo e davam-nos as vinte e cinco horas! Nós não estamos, não temos pachorra para ter formação! Neste momento nós... ainda há, depois, esse também é um pouquinho o que eu disse no início que é a tal falta de trabalho de equipa. Se nós ‘tivessemos habituados a fazer trabalho em equipa, trabalho cooperativo, de certa forma isto seria aceite de uma forma diferente e até em vez de termos um grupo, poderíamos ter mais do que um grupo porque poderiam surgir outro tipo de formações noutras áreas, a funcionarem da mesma forma que esta está a funcionar. A... aquilo que eu sinto é que as pessoas que continuaram não continuaram tanto pelo crédito em si mas sim porque realmente querem, e eu vejo isso nalguns colegas, querem mesmo aprender e querem trabalhar neste tipo de coisas porque acham que é importante trocarmos estas impressões. É óbvio que eu não percebo

de educação física e quando vou ver uma aula da I. o que me preocupa mais é a relação, a relação que há, se os alunos cumprem, se não cumprem, como é que na educação física os alunos são controlados, se aquele professor controla ou não os seus alunos e se há respeito ou não e se as coisas foram... Por exemplo, ainda hoje fui assistir a uma aula em que a colega previamente disse quais eram as tarefas que iam ser desenvolvidas e portanto todas elas foram cumpridas a... de uma forma até bastante positiva e o que estamos a assistir realmente é isso, é, a comunidade é importante? É. As pessoas... as pessoas... e portanto as pessoas não estão motivadas porque não estão para perder tempo. As pessoas acham que é perder tempo! Neste momento, eu vejo isso muitas vezes colegas até convidam pessoas do exterior e trazem à escola e têm iniciativas e depois muitas vezes nós temos que meter lá alunos ou temos que andar uns atrás dos outros quase que a convidar “Ó pá, anda lá para a sala não estar vazia”... Portanto as pessoas neste momento não... as pessoas ‘tão motivadas com, com nada e é o tipo “Eu vou ali vender aulas e vou-me embora”...

E- Mas tu, pessoalmente, a... pronto, até porque te manténs e manténs-te como um membro até bastante ativo, a... tu valorizas o trabalho...

e- Muito!...

E- Pronto...

e- ...E até porque dá-me um gozo enorme ouvir as pessoas a fazerem uma análise do trabalho que eu desenvolvo. Não quero elogios, quero é que me digam “Olha F., ali não sei quantos” ou qual o... ter tipo um feedback das coisas. Porque às vezes eu saio da sala, e no ano anterior nós conversámos sobre isso, eu continuo, ainda há dias disse na aula em que a Isa foi assistir no ano anterior, eu ‘tava a dizer aos alunos e disse “Olha...” Eu por exemplo, continuo a achar que centro muito a aula na minha pessoa, quem tem ido assistir diz “Ó pá é verdade mas tu, tu consegues depois envolver a turma toda e a forma como trabalhas...” Acho que sinto um pouco, por exemplo, eu acho piada porque vou para as reuniões e que as pessoas falam de um aluno que tem menos higiene pessoal, outro que não vê bem, o outro porque ouve mal, eu não me apercebo de nada disso! Eu ‘tou sempre na frente da sala e a controlar, pareço um inspetor mas depois, por outro lado, há a tal proximidade aos alunos. Há um afastamento durante aula num sentido mas depois, através da brincadeira, há a tal proximidade... E gosto bastante desse feedback e troco, quase tudo o que nós conversamos em termos de formação, aquilo que é chamado à atenção, eu gosto de ouvir sempre os alunos. Ainda ontem, dizia-me uma turma, um dos graves problemas da educação é que os alunos, ninguém

questiona nada aos alunos... Alguém perguntou aos alunos se eram favoráveis a acabarem com os exames nacionais? Se eram favoráveis a que se fizessem as aferições no oitavo ano? Não; os adultos é que estão a mandar. É como num dos vídeos que nós vimos no ano anterior a... nós estamos a preparar uma geração para 2020 ou 2025 mas com coisas do passado quando em 2025, grande parte dos conteúdos que eu estou a dar, estarão completamente desactualizados... E portanto, e depois é assim, ninguém nos pergunta nada! Será que não era possível, ainda ontem estávamos a rir, e até tem a ver com a área da Isa, porque eu dizia aos alunos, “Ó pá, se vocês me perguntarem quem é o primeiro rei de Portugal, eu não sei e não sou infeliz por causa disso, ‘tão a perceber?...” Talvez seria mais importante nós percebermos, eu disse-lhes “Olha, na parte da geografia tem uma parte em que tem lá os geógrafos principais que se é para vir para aqui falar com vocês e falar do Orlando Ribeiro como sendo o pai da geografia em Portugal, depois vocês vão dizer, ok, e o que é que isso contribui p’ra minha felicidade?” Eu lembro-me de dar, quando dava aulas à noite, nós tínhamos um conteúdo sobre os transportes que era para falar dos transportes em Lisboa no século XVIII que era o Chora, o Americano e eu disse “Ó pá, isto é uma estupidez...” O que dei-lhes foi os conteúdos de transportes na actualidade porque eu não ‘tava, não vou ‘tar, o que é que interessa para uma pessoa que trabalha, que já tem portanto alguma idade, estar a ouvir falar dos transportes no século XVIII? Não, é importante mostrar imagens para eles verem a evolução agora o resto não... não... não interessa. Mas ó pá, eu acho que os professores estão numa fase de... é preciso haver aqui uma bola e uma magia e é preciso... provavelmente passaria pela mudança do sistema de avaliação de professores. Ou seja, começarmos a sancionar os melhores...

E- Olha...

e- ... mas isso implicaria muito desemprego e provavelmente quem fizesse isso perdia as eleições seguintes porque havia um choque muito grande...

E- Disseste sancionar os melhores, penso que devias querer dizer seleccionar...

e- Seleccionar!

E- Ah seleccionar, pronto!

e- Seleccionar sim! Não, uma avaliação justa que permitisse...

E- Pois... Diz-me uma coisa, já me falaste da tua experiência enquanto membro, portanto de pessoa que está por dentro do trabalho da comunidade, como é que tu achas que a escola vê, se é que a escola vê porque eu às vezes tenho a sensação que ninguém

sabe que a gente existe (risos)... Como é que tu achas que a escola vê este grupo de... de pessoas...

e- Não vê!

E- Não vê...

e- Não vê!

E- Nós somos assim uma espécie de sociedade secreta, não é?! (risos)

e- Inclusive nós...

E- ... apesar da divulgação toda que se faz! (risos)

e- Não repara, é um grupo que se junta para conversar ou para, ou vêm aí ao final da tarde, é como se fosse uma reunião quase de conselho de turma. A escola não vê! A... Conversa-se um pouco, às vezes apanha-se as pessoas a conversar um pouco e a falar, “olha no outro dia ‘tive a assistir à aula tal e foi interessante porque vi um aluno, tinha uma ideia e fiquei com outra ideia porque fui assistir” mas a escola em si e as pessoas que estão fora do... do... deste círculo não... não vê nem valoriza nem tem a mínima noção à partida do que é que se faz...

E- Olha...

e- Há... há... atenção que há casos à parte! Eu tenho um colega, por exemplo o M., conversamos muitas vezes e tudo isso e às vezes falo muito destas experiências, até porque é uma pessoa extremamente competente e ele tem essa preocupação e conversamos muito sobre isso e algumas pessoas também gostariam de participar e não participam ou porque têm filhos e têm uma vida já muito ocupada e é complicado. Nós o tipo de horário que temos para reunir também não facilita, não facilita muito hoje em dia, portanto não... mas penso que tem muito a ver com, as pessoas estão desmotivadas!

E- Olha e o que é que tu achas por exemplo que nós podíamos fazer para... para divulgar um pouco mais a nossa atividade? Por exemplo, nós neste momento temos o blogue e uma coisa que noto, apesar de eu ter pedido ao Artur para divulgar o blogue no site, na página de Facebook da escola, termos tido colegas, eu própria, que divulgámos o blogue através do Facebook, o que eu noto é que mesmo no blogue não há, por enquanto, interação, a... mesmo dos membros da comunidade a participação é muito, muito, muito restrita para não dizer nula, a... o que é que tu achas que nós podíamos fazer para dar um pouco mais de visibilidade à comunidade, porque é assim, eu posso ‘tar a ser pretensiosa mas que eu, a minha ideia quando formei esta comunidade era que isto... como tu há bocado dizias, que isto fosse um bocadinho uma espécie de vacina e que comesçassem a surgir outros grupos que se, que comesçassem a perceber que a

formação em grupo é muito mais interessante e pode ser muito mais útil do que as tais ações de formação que a gente vai de vinte e cinco horas ouvir o Alexandre Ventura ou o Domingos Fernandes ou a Katia não sei quantas que veio cá o ano passado... Que se calhar, termos uma formação mais centrada nas... nas nossas angústias, nos nossos problemas, nas nossas dúvidas, que isso poderia ser muito mais produtivo p'ra nós... Porque isso é a minha convicção! A minha convicção é que quanto mais a formação for próxima dos nossos problemas e for mais autoformação, mais útil ela pode ser. O que é que tu achas que nós podíamos fazer para tornar mais visível o nosso trabalho, a... e eu sei que 'tamos em tempos de difícil motivação dos professores mas... para motivar outros colegas e... não sei!...

e- É complicado... eu... eu também sou, sou dessa opinião que muitas vezes vamos a formações e seria muito mais útil trabalharmos cá dentro. Eu inclusive, tenho por norma, sou um pouco chato nas formações e tenho por hábito dizer aos formadores, quando vou à Madeira fazer formação ou a outras zonas fazer formação, tenho por hábito dizer “Olhe, eu digo-lhe uma coisa, eu saio desta formação como a pessoa mais feliz do mundo! O problema é que eu chego à minha escola segunda-feira e na terça já voltei à realidade e tudo o que eu aprendi aqui vou ver, eh pá, mas não dá p'ra fazer...” porque a realidade é diferente daquela que está nos livros e daquela que aprendemos enquanto que se nós, fechássemos um pouco, ou seja, trabalhássemos mais cá dentro em grupo, em equipas, estaríamos a trabalhar a realidade que nós temos, não é aquela realidade que 'tá nos livros, não é o modelo americano tal, tal, mas sim a nossa realidade e o que é que podemos fazer, como é que vamos... Por exemplo, nós, eu lembro-me há uns três anos atrás, penso que foi há três anos... Nós chegamos ao primeiro período, numa turma de dezassete ou dezoito alunos de sétimo ano, catorze tinham, não transitavam! No primeiro período, era uma coisa assustadora! Até foi num ano em que tínhamos quatro turmas de sétimo ano porque houve muitas reprovações no sétimo ano. E o diretor de turma na altura, questionou “Colegas, nós não podemos vir p'ra aqui só dizer que isto 'tá mau, que o problema é dos pais, o problema é dos alunos, ó pá, nós temos que tomar medidas!” E começou a pedir sugestões, pá e foram surgindo várias sugestões, depois fomos ver quais as que se adequavam ou não e a determinada altura eu disse “Olha, porque é que cada um de nós não apadrinha um aluno? Fica responsável por um aluno” e a ideia pegou. O diretor de turma pegou na ideia e disse que sim e cada professor teve, escolheu quem era o seu cavalo, quem é que ia apostar e foi muito interessante porque a ideia foi mesmo nesse sentido. É assim, a partir deste

momento eu ‘tou responsável por este aluno portanto se ele não fez o trabalho de história não é ao diretor de turma que vais comunicar, ou comunicas ao encarregado de educação ou dizes-me “Olha F., o teu menino não fez o...”, ok, na boa. E foi muito interessante ver colegas que até, algumas até já com alguma idade e que às vezes não têm grande visibilidade, eu vi uma colega por exemplo, no dia seguinte, ir à secretaria comprar uma caderneta porque o aluno dela não tinha caderneta e ela foi avisada nessa reunião e vi essa colega inclusive, passado uns dias, numa sala à espera que o aluno saísse porque tinha um recado para lhe dar porque tinha levado na cabeça de um outro professor, entre aspas, e foi extremamente interessante. É óbvio que os resultados não mudaram! No final, porque há uma evolução, e portanto o insucesso naquela turma foi bastante grande, mas logo ali, provavelmente houve muitos daqueles alunos que pela primeira vez sentiram que tinham alguém que se preocupava com a formação deles e com a educação deles. E inclusive também tive colegas que disseram “Olha, pá, apesar de ter sido muito pouco tempo, foi uma experiência bastante engraçada no sentido de o aluno, logo que olhava para mim, aquela necessidade que já tinha de bom dia, não sei quantos, olhava para mim já começava assim a desviar a cabeça do tipo, vou levar na cabeça” e fez alguns colegas claramente se aproximarem desses alunos. Em relação à questão da comunidade, é muito complicado... Eu por exemplo, ontem tive um, tinha uma ideia que era em relação a esta palestra, esta pequena apresentação que vamos ter de uma outra colega que tivemos no ano anterior, da P9, eu penso que era engraçado, e eu ‘tava a pensar fazer aqui um cartaz com o tema e expor na sala dos professores e mandar para a página da escola, para o Face e para a Associação de Pais também, esse cartaz a dizer portanto que é aberta à comunidade e tudo isso mas tenho a certeza que o resultado serão, as pessoas que lá estarão serão as da comunidade, poderá aparecer uma ou outra mas não acredito muito... Em relação à questão da divulgação, claramente redes sociais! Eu falo muito com a F. que é a responsável pela página da escola, uma das coisas que ela reclama é muito pouca utilização da página, muito pouco, muito raramente as pessoas mandam-lhe materiais para expor na página, de atividades desenvolvidas, tudo isso. No Facebook tem uma página que tem talvez dois meses de atividade, qualquer coisa assim, ainda no outro dia o A., que é o responsável pela página, referia que havia quatro mil visualizações do vídeo do carnaval o que demonstra claramente que hoje em dia, a melhor forma de comunicação é pelas redes sociais. Se é a mais correta, isso é outra história, até porque aparece ali muita informação desatualizada e muita informação falsa. Mas as pessoas hoje em dia, é um pouco

estranho, há dias tirei um artigo que ainda não li que é “Os jovens estão-se a afastar do Facebook” curiosamente, ou seja, até aqui vai haver uma mudança na comunicação porque quem está a comunicar com eles, ou mesmo as empresas que tentam vender os seus produtos para os jovens vão ter que mudar o sistema de, a estratégia porque os jovens ‘tão a deixar de, porque acham que o facto de estarem muito tempo no Facebook, há muitas pessoas a controlar a vida deles e a saber o que é que eles fazem, então eles ‘tão a afastar-se e estão a optar por outras vias mas penso que, neste momento, p’ra nós, eu falo por mim por exemplo, os alunos gozam porque eu chego aqui de manhã, ligo o face às oito da manhã e se sair às dez da manhã, o face ‘tá ligado o dia todo, mesmo quando eu estou a dar aulas, até porque o meu gabinete portanto é reservado, dificilmente alguém vai...

E- Claro!

e- ... e também se vier não... mas eu apanho, eu fico a saber de muitas informações, muitas ações de formação, através do Facebook... quer organizadas por câmaras, por outras entidades, eu apanho a informação quase toda aqui. Muitas vezes há coisas que se passam no Porto Santo que eu não tenho conhecimento e que venho a descobrir é aqui... e às vezes até pessoas que conheço ou que pedem-me amizade e às vezes pessoas que convido para vir aqui dar palestras, porquê? Porque meteram alguma coisa que eu achei interessante no Facebook e portanto... Mesmo no outro dia tive o prazer de conhecer o Doutor João Baptista e conhecemo-nos porquê? Por causa de um artigo que ele falou sobre o desaparecimento da areia do Porto Santo e ‘tivemos a conversar “Eh pá! Você ‘tá no Porto Santo” e já conversamos, inclusive combinamos a possibilidade de ele vir cá dar uma palestra... Portanto, são essas coisas... Penso que é a melhor rede hoje em dia de comunicação e claramente as redes sociais! Porque não ‘tou a ver, as pessoas não têm motivação... Eu ontem tive uma ideia que penso que seria engraçado que era nós este ano ou no próximo ano, se... à partida vamos dar continuidade à comunidade penso eu...

E- Vamos...

e- ... se não houver grandes... seria alargar e convidar os colegas do primeiro ciclo. Porque não, tentarmos perceber, também percebermos... eu por exemplo, tinha muita curiosidade em ir assistir a uma aula do primeiro ciclo. Nunca assisti e também não me lembro das que tinha na escola (risos), p’ra tentar perceber, p’ra tentar perceber...

E- Sim, sim! E isso faz algum sentido porque também é assim, o nosso trabalho também não é só o da supervisão ou da intervenção, da supervisão entre pares. O nosso trabalho

também é reflexão sobre questões que... que possam contribuir para a melhoria do nosso desempenho; se calhar, conhecermos melhor o trabalho que se faz no segundo ciclo, no primeiro ciclo...

e- No primeiro ciclo...

E-... a... pode ajudar-nos também... acho que podemos equacionar isso, acho que sim.

e- É óbvio... Provavelmente até não haverá ninguém a se inscrever mas é no sentido de eles perceberem que há uma abertura e que há uma formação e quem estiver interessado...

E- Pois...

e- ... vai a uma primeira reunião para explicar as coisas, se depois tiver disponibilidade ou não, ou interesse.

E- Pois...

e- Era mais no sentido de tentar perceber “Ok, e quando vocês têm este tipo de aluno quais são as medidas que tomam no primeiro ciclo?”. Até porque a maior parte dessas pessoas também são mães e são pais e portanto muitas vezes...

E- Alguns até são encarregados de educação de alunos nossos.

e- ... de alunos nossos e portanto, muitas vezes até acabam por não vir só dar o seu reforço como professor mas também como encarregado de educação.

E- P8, vou-te fazer uma última pergunta que tem ainda a ver com a formação de professores. Tu...

e- Tenho direito à ajuda do público, cinquenta/ cinquenta (risos)

E- (risos) Tens! Telefonar para um amigo... o que tu quiseres! A... claramente, já percebi que tu valorizas bastante a formação contínua, a... gostava que me falasses um bocadinho de como é que tu vês a formação especializada e sobretudo, gostava que me falasses de uma questão que é... que é uma realidade na nossa escola. Nós na nossa escola neste momento, mais de dez por cento do corpo docente tem formação especializada. A... já p’ra... e se calhar até ‘tou a dizer mal porque mais de dez por cento tem formação pós graduada. Eu penso que há mais com formação especializada que não é de mestrado e doutoramento mas que são especializações que as pessoas têm feito. A... por um lado, gostava que me disseses que importância atribuis a essa formação especializada e por outro lado se achas que essas pessoas na escola que têm essa formação, se realmente isso tem um impacto na escola ou e realmente é a tal coisa, porreiro, eu fiz um mestrado em orientação de aprendizagem, p’ra mim foi fixe porque deu-me quatro anos de progressão na carreira, a partir daí, eu continuo a fazer

exatamente o mesmo que fazia antes de ter o mestrado. A... é a última questão que tenho p'ra te pôr!

e- É assim, a ideia que eu tenho do... dessas formações especializadas é que a maior parte das pessoas faz como nós fazemos o crédito das formações. Ou seja, eu vou fazer só porque agora toda a gente sai com mestrado, eh pá, e futuramente eu dizer que tenho a licenciatura acaba por ser quase um analfabeto do século XXI... neste momento, nos E.U.A., eu farto-me de dizer aos alunos, um analfabeto já não é uma pessoa que não sabe ler nem escrever, é uma pessoa que não domina as novas tecnologias. Tenho a certeza absoluta que grande parte das pessoas que faz essas formações, quando já parte para um doutoramento é diferente porque aí as pessoas já têm uma, já têm uma bagagem ou já têm uma, um sentido, “Ó pá, eu gostaria de fazer isto ou tenho um objetivo concreto”. A maior parte dos mestrados, não tenho a menor dúvida que hoje em dia são feitos só com o objetivo de dizer “Ó pá, eu também tenho um mestrado” mas depois, a rentabilização é... é muito... acho que não existe quase. Nesse aspeto acho que a escola trabalha mal e não valoriza... ou até valoriza, ou pelo menos não dá a perceber isso. Eu por exemplo, se ‘tivesse numa liderança de uma escola, e estou a falar agora já como membro da equipa de avaliação, nós ‘tamos a fazer o levantamento desses dados também e eu penso que uma das coisas que a equipa deverá referir é que deveria haver maior aproveitamento, nomeadamente na colocação dessas pessoas em determinados cargos, em determinadas áreas porque têm essa formação, têm outra bagagem, dou um exemplo, alguém que tenha formação, certamente desempenharia o cargo de coordenador de diretores de turma de forma diferente, mais organizada e eu não me vejo minimamente desvalorizado se vier um desses colegas para coordenador e eu ir para diretor de turma ou ser um simples professor, não vejo, até acho pelo contrário, ficaria bastante contente que a escola comesse a valorizar essas pessoas, selecionar, convidar. E depois, nós temos uma coisa que é muito importante no ser humano que é, quando nós somos convidados, uma coisa é cair no meu horário determinado projeto, determinada atividade, ok, olha, pronto, tenho que cumprir. Outra coisa é quando eu sou convidado para. Nós partimos, eu parto sempre do princípio que quando eu sou convidado é porque as pessoas acreditam no meu trabalho e valorizam aquilo que eu faço e portanto... Eu ‘tive num projeto em Câmara de Lobos em que nós passávamos dias inteiros a ligar para colegas porque a minha equipa de trabalho, eu tinha carta branca para escolher a minha equipa de trabalho mas nós trabalhávamos, era aprendizagem cooperativa portanto tínhamos dois ou três professores ao mesmo tempo

dentro da sala, dependendo das disciplinas, eu tinha que... convidava primeiro uma pessoa que achava que era uma boa, um bom, uma pessoa que pedagogicamente e cientificamente eu achava que se enquadrava naquele projeto, convidava essa pessoa, essa pessoa, descrevia o projeto, se essa pessoa aceitasse depois eu pedia sugestões de possíveis colegas de grupo dessa pessoa com quem ela gostaria de trabalhar e depois tinha que andar a ligar às outras pessoas, a dizer “Olha, gostarias de trabalhar no nosso projeto em parceria com a tua colega tal tal” e muitas vezes ouvíamos respostas tipo “Ai até gostava mas só se fosse só de manhã”, “Só se fosse só de tarde” e nós ó pá, olha, porque era eu e o vice-presidente da escola que passávamos tardes inteiras a fazer isso. Porque era quarenta e dois professores e portanto era muita gente e depois tínhamos este tipo de resposta e nós aí dizíamos “Ó pá isso não podemos garantir porque os horários ainda não estão feitos e portanto é complicado estar a garantir isso; não posso”. Mas pronto não, ó pá, o que é que eu te posso dizer mais?

E- Achas que a escola não aproveita o suficiente os professores com formação, portanto?

e- Acho. Acho que não. Neste momento acho que não. Eu por exemplo colocaria muitos, inclusive acho que alguns professores cá dentro sentem que não são valorizados exatamente por isso. Por isso é que eu referi no início aquela questão da importância deste ano já termos mudado um pouco, termos criado duas equipas importantes, aquela do regulamento interno e do projeto educativo. Nós tivemos colegas que se ofereceram no ano anterior para isso. Este ano alguns fizeram parte, outros não fizeram parte. Mas essa oferta, essa disponibilização das pessoas é extremamente importante. Eu tenho a certeza que nós temos muitos colegas cá dentro que estão disponíveis para mas não estão motivados porque raramente são convidados para alguma coisa. E eu colocava todas essas pessoas que têm formação, eu por exemplo, ok, vamos ter uma avaliação do desempenho docente, era importante que cá dentro, dentro da escola houvesse um líder e não pode ser sempre a mesma pessoa! Por exemplo, nós às vezes temos, e assistimos a isso cá dentro, pessoas que têm três, quatro cargos, é ridículo! Parece que não temos mais ninguém competente. Eu percebo que é mais fácil centrar as coisas mas não pode, é mau que isto aconteça. Eu nem, quando o processo, ou se tivermos um processo de avaliação do desempenho sério, eu enquanto líder se fosse numa escola, uma das primeiras coisas que eu fazia era um coordenador para esse, para desempenho. E a questão mesmo agora que a carreira está congelada, acho que seria ótimo para as escolas terem a avaliação interna a funcionar, no sentido de haver uma leitura, nós

entregamos os relatórios, não sabemos qual é a nossa avaliação. 'Tá bem, a legislação diz que é ao fim de quatro anos... eu acho que deveria de haver uma avaliação anual. Nós já discutimos isso no ano anterior, a... acho que a avaliação deveria de ser dada a conhecer na sala dos professores, toda a gente saber, eu não me importa que saibam qual foi a nota que eu tive e têm direito a discordar da minha nota! Nós andamos a esconder as coisas quando... supostamente... as notas dos alunos não são afixadas? Portanto, passa muito por aí. Eu penso que há muita gente com capacidade, a... depois também há aquelas pessoas que fizeram o mestrado só para ter a tal benesse e que neste momento não estão minimamente interessadas e algumas até provavelmente poderão ser um, uma desilusão em termos de desempenho mas acho que pelo menos deveriam ter essa oportunidade de serem valorizados. Pelo menos não podiam dizer “Ó pá, eu até podia ser útil mas cortaram-me as pernas”.

E- Claro!

e- Mas é uma opinião pessoal, não sei...

E- P8, olha muito obrigada pela entrevista...

e- Gracías!

E- Acho que... foi uma excelente entrevista e terça-feira lá nos encontraremos...

ANEXO VII D
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P10

E- P10, a... pronto, quero-te agradecer, obviamente, a tua disponibilidade para esta entrevista. A... uma das razões pelas quais eu te quis entrevistar foi porque tu tens sido sempre um membro bastante ativo na nossa Comunidade e queria começar por te fazer uma pergunta que é, eu lembro-me que naquela entrevista prévia que eu vos fiz o ano passado, uma das tuas motivações para participar neste projeto era que tu sentias que estavas a ficar desmotivada... como se ‘tivesses... enfim, numa fase menos empenhada da tua carreira e achavas que isto poderia contribuir para algum abanão... Gostava que me fizesses um balanço, se efectivamente isto tem correspondido às tuas expectativas... ou não, enfim...

e- Pronto, tem, sem dúvida, porque faz-me... eu hoje em dia se calhar, faço uma reflexão um bocadinho melhor sobre coisas que nós vamos falando lá, não é? A... mesmo em relação aos miúdos, mesmo em relação a certas questões da aula ou que eu ‘tou a preparar ou qualquer coisa, se calhar já penso doutra forma; se calhar é melhor fazer de uma forma e não da que fazia habitualmente... pá, sem dúvida que tem sido uma mais valia. Algum efeito ‘tá a fazer (risos)

E- (risos) Portanto achas que de facto produziu-se efeito... A... uma coisa que eu gostava de te perguntar tem a ver também um pouco com aquilo que emerge do teu diário que são os constrangimentos com que nós nos debatemos no dia a dia. As questões ligadas por exemplo ao comportamento dos alunos... as próprias limitações que a escola tem, em termos físicos... a... tu falas muito disso... Gostava que me falasses um bocadinho desses aspetos menos bons do, do... desses constrangimentos, a... e gostava também que me falasses de coisas positivas que tu consideres que a escola possa ter, apesar destas limitações todas.

e- Pronto, constrangimentos vá Temos questões... situações dos miúdos, por exemplo. Os miúdos por vezes têm certos comportamentos que tu acabas por não saber como é que hás-de lidar com aquilo, não é? Porque se pensares, ou como fazia dantes, tipo, eliminava o problema pondo fora da aula ou... não é? Hoje em dia já não; hoje em dia penso que tem que haver um motivo para aquele miúdo ‘tar a reagir assim... Atenção, nem todos! Há comportamentos que é pura falta de educação ou de saber, não saber estar. Mas há questões que... eu às vezes penso duas vezes, porque é que aquele miúdo tem aquela atitude? Porquê? Em vez de o ‘tar, de ‘tar a marcar uma falta disciplinar, que isso vai, não lhe vai servir de nada ou se calhar, vai torná-lo pior ainda, se calhar falo com ele e tento chamá-lo à razão e tento perceber o que é que se passa! Acho que a escola não consegue responder a esse... a esses problemas. Antes pelo contrário, eu

acho que vamos ter cada vez mais porque pá, a escola 'tá igual, quer a gente queira quer não. Tudo bem, somos nós que fazemos essa mudança, mas a escola ainda está igual e os miúdos estão cada dia mais diferentes. Os miúdos de... são diferentes os miúdos de hoje dos miúdos de quando eu comecei a trabalhar; não tem comparação! E eu não posso agir da mesma forma que agia há dezoito anos e agora... Tal como eu não posso, o resto dos colegas não podem, a direção também não pode, não é? Quem orienta a escola... portanto acho que há aqui uma falta de parar e dizermos assim, o que é que está mal? O que é que falta? O que é que... Quais são os problemas que os professores sentem mais? Porque é que... Nós muitas vezes não nos perguntamos a razão daquelas atitudes, por exemplo, não é? A... no entanto acho que a gente, nós temos uma escola, uma localização, para termos tudo de bom! Um grupo pequeno, um sítio fantástico. Podíamos trabalhar com a comunidade, muito mais. Acho que a escola 'tá muito fechada, apesar de não parecer; mas acho que a escola 'tá pouca aberta ainda à comunidade... Não sei se é do Porto Santo... também sinto tipo, se queres fazer alguma coisa diferente, também tens cinquenta olhos em cima de ti, porque já 'tás a querer ser diferente... É a atitude das pessoas que tem que mudar... Acho que nós estamos a cair um bocadinho no... como é que eu hei-de dizer? No comodismo; faço isto porque é isto que me pedem e não preciso de me estar a chatear mais. Não nos exigem... pá, e acho que isto é um bocado do ser humano, acaba por... deixar andar, não é? Se... É isso que eu sinto! Eu 'tou a sentir que 'tou aqui a deixar-me andar... 'tou a andar com o tempo, 'tás a perceber? Porque se calhar também não tenho nada por trás de mim que me esteja a puxar por mim, que... faz lá, faz lá mais ou faz lá isto!... Preciso de ouvir tipo um abanão, olha que o teu emprego 'tá em risco, será? Só isso é que me vai fazer trabalhar? Eu acho que não. Eu acho que se houvesse qualquer coisa por trás ou uma boa equipa que... uma coisa que nós sentíssemos pá, eu faço isto porque vale a pena fazer isto! Assim não, pá; dou as minhas aulas, que é quanto basta, também não me 'tão a exigir muito mais, não é? A... não ando a tratar os alunos mal, não tenho queixas e se nós deixarmos isto andar pá, isto não vai sair disto! Não vai sair da cepa torta. A escola vai ser a mesma, os alunos continuam a modificar-se porque eles sim, eles vão acompanhando a actualidade, a escola não, não é? A... pá, nós 'tamos a lidar com miúdos que, e eu não estou na sala de aula, mas por exemplo, eu vejo, eu vejo os miúdos fartos de ir para uma aula, para uma sala trabalhar! 'Tamos a dar da mesma forma a miúdos que dominam as novas tecnologias e o telemóvel e o computador e tudo mais, qual é o interesse disto p'ra eles? Nenhum! Portanto, acho que a escola não 'tá a

responder, nem nós! A responder aquilo que os miúdos também já queriam, à expectativa deles, não é?

E- E o que é que tu achas que pode ser feito? Porque eu acho que há aí, do teu discurso para mim, emergem duas coisas diferentes: Uma é, tu falas da escola e eu acho que sim, que se calhar a nível da gestão, da gestão de topo e até da gestão intermédia, seria possível eventualmente fazer coisas, mas também me dá um bocadinho a sensação que quando tu dizes a escola, também te estás a referir, por exemplo, agora quando falaste aí das novas tecnologias, também te estás a referir ao nível micro, ao nível da sala de aula...

e- Também...

E- ... e o que eu te pergunto é, o que é que tu achas que por um lado que nós professores em sala de aula podemos fazer? Por outro lado, o que é que teria... o que é que na tua perspetiva teria que ser feito, a nível da gestão, e da gestão de topo mas também da gestão intermédia, penso eu, para que a escola respondesse melhor a estes miúdos que nós temos que são cada vez mais complicados?

e- Pois, eu gostava, eu gostava de ter soluções (risos) mas não tenho!

E- (risos) Esse é que o drama...

e- Mas por exemplo, quando nós ‘tamos a preparar aulas, eu tenho um conteúdo p’ra dar, não é? Em vez de eu pensar que tenho, tenho, vou usar os trinta acetatos que já uso há não sei quanto tempo, ou vou preparar um acetato disto para projectar e tal... é pá, porque não, sei lá, só que isto vai dar, dá muito mais trabalho! Pensar se não há forma de... ver lá fora o que aproveitar dali para chegar aquela matéria, por exemplo, não é? Eu vejo isso na minha... na minha disciplina Eu chego ali e dou-lhes aquelas unidades pá mas se calhar eu vou ter que ‘tar a mudar isto e, eles podem começar a pensar assim “Mas por que é que eu tenho que fazer rolamentos à frente?”, não é? “Por que é que eu tenho que correr? Por que é que a professora manda-me sempre correr?” E eles não entendem que é p’ra desenvolver a resistência. Mas a resistência é p’ra quê? Embora a gente explique mas se calhar, aplicar situações do dia a dia deles, porque lhes interessem... p’ra ver se eles conseguem ir buscar o que nós queremos que eles aprendam, que eles adquiram, e eles conseguem fazer, consigam fazer essa relação porque nós ‘tamos-lhe a dar aqui coisas que eles lá fora... eh pá, usam? Não usam, fecham, ‘tás a perceber? Estudaram agora ali, ouviram aquela matéria, provavelmente fecham. E tu falas com miúdos, dás matéria ou falas de qualquer coisa, na semana

seguinte ou quinze dias depois eles parece que não ouviram nunca falar daquilo ou parece que é a primeira vez, não é? ‘Tá ou não ‘tá qualquer coisa aqui mal?

E- Eu acho que ‘tá...

e- É a nossa forma de... passar esta mensagem?... Ou são eles que não ‘tão mesmo abertos para nos ouvir e têm que ouvir! (risos) Ouvem naquele momento porque é preciso, porque vão fazer um teste, não é? Vão ser avaliados, mas depois acabou, fechou! É claro que eu acho que há miúdos que se calhar não; há miúdos que se calhar tiram algum proveito disto e vão para casa e até associam o que... mas falta esta ligação com o dia a dia deles, com as vivências deles, por exemplo... Pá, uma solução assim concreta também não sei, não te sei dizer, não é?... da direção, da parte dos órgãos de gestão... se calhar, dar uma maior abertura... para que haja uma coisa diferente e um tipo de aulas diferentes... Eu acho que por exemplo, podíamos experimentar tirar o toque. (pausa) Tirar o toque da escola! A... pá, ‘tiveste tu agora, saís daqui tu, os alunos ficam na sala, entra o professor seguinte, por exemplo. E eles não dão pela... O toque, o tempo, tocou, acabou! Os alunos ‘tão formatados... É o que eu digo, o que eu continuo a dizer, a escola ‘tá quadradona. Não abre... não tem os... não alarga os horizontes! Não sei se é, não é fácil! Eu... eu também acredito que isto não seja fácil modificar, não é? mas, a... eu penso que se calhar, havendo essa abertura para experimentar... vamos experimentar, ver que tal... Dá certo? Olha, não deu certo, acabou! Não sei... também não sei...

E- E achas, por exemplo, que a... eu percebo o que tu dizes e acho que de facto nós ‘tamos muito, nós, é um bocadinho como diz a Céu Roldão, nós assumimos como naturais coisas que não são naturais, que foram criações do sistema...

e- Exato!

E- ... que é os tempos de X minutos e agora... e a divisão por disciplinas, e agora vou eu com a história e falo da Revolução Industrial e depois eles têm um intervalo de cinco minutos e vem o professor da geografia e fala exatamente do mesmo assunto mas numa outra perspetiva e aquilo para eles já não é a me’ma coisa porque a história é a história e a geografia é a geografia, quando no fundo o assunto é o mesmo e tem muitas interligações, não é? Portanto, se calhar fazia-nos falta se calhar essa maior interdisciplinaridade, não é? E se calhar, menos compartimentação porque...

e- Imagina, tu vinhas aqui dar uma matéria que até é usada em história também e porque não virem os dois falar desse assunto?

E- Pois, exatamente! A... mas a... e... e eu percebo que isso implica obviamente que haja uma disponibilidade de quem gere...

e- ... mas até de nós professores, ‘tás a perceber?

E- ...mas era aí que eu queria chegar...

e- Porque eu sinto que as pessoas ‘tão renitentes na mudança... Nós continuamos a ver pessoas que... portanto é aquilo, é assim, dou aquela matéria, dou um teste daqui a uns dias, e não passam daquilo... e porque os alunos não me ouvem... e será que eles pensam que ‘tar ali, noventa minutos a olhar para ele a falar é bom? ‘Tás a perceber? Eu sinto... sinto isso. Que as pessoas têm que querer essa mudança, têm que querer fazer um bocadinho diferente... E depois também, não sentirem que ‘tão a ser, se já fazem um bocadinho diferente que estão a ser tipo “E esta ‘tá p’ra aqui armada em... com ideias”...

E-Carapau de corrida? (risos)

e- (risos) Carapau de corrida, mesmo! Tipo, ‘tá a querer ser, fazer um trabalho diferente porquê? Ou p’ra quê? Porque isto incomoda as pessoas... Isto é uma mudança brutal na nossa forma de trabalhar...

E- Pronto, aí eu... eu acho que tu tocaste num ponto que é fundamental que é, isto implica também que os professores mudem e os professores a... têm... dificuldades em mudar e isso ‘tá muito estudado, a... como é que tu achas que nós podemos contribuir para essa mudança? Quando digo nós não é, é assim, como é que se pode fazer essa mudança nos professores? Por exemplo, achas que a formação de professores ‘tá... de alguma forma pode contribuir, não pode, como é que pode...

e- Pode, eu acho que pode. Porque é assim, a (pausa) Vou voltar a quando acabei o curso e comecei a trabalhar. Eu nunca mais tive ninguém que me dissesse assim “Então ó P10, diz-me lá, como é que tu ‘tás a trabalhar? Como é que são as tuas planificações? Ainda são como fazias quando aprendeste a fazer, não é?” Ou tipo, uff! Fiz tantas planificações que agora só vou lá, dou assim uma vista de olhos, não é? Aquilo ‘tá mais do que preparado... se sentes que as coisas ‘tão um bocadinho é que lá vais dar ali uma vista de olhos, ainda mais no meu... a minha disciplina, aquilo não muda há séculos, não é? A... e esta formação, essa formação, mas não é estas formações que a gente vai fazendo porque precisa de umas horitas, não é? Eu acho que tinha que ser formação que nos fizesse realmente pensar sobre a nossa forma de agir, não é? Situações reais também; nós também ‘tamos a precisar disso! Situações reais. Mas espera lá, houve esta situação; o que é que levou a que acontecesse isto? Porque depois, também há muita

teoria acerca destas coisas, não é? E eu acho que por exemplo, as nossas práticas, não é? Mal ou bem... ‘tamos, somos cada vez menos (risos), é verdade mas... é um confessionário, às vezes, faz falta! Faz falta um momento p’ra nós chegarmos e dizermos assim “É pá, aconteceu-me isto assim, assim... é habitual contigo ou não é? O que é que... Tentar mudar essas coisas, ‘tás a perceber? E isso mal ou bem vai chamando a atenção, embora as pessoas não vão fazer mas eu acho que vamos pensar duas vezes naquilo que andamos a fazer...

E- Isso agora leva-me a uma questão que é assim, de facto isso é o que nós procuramos fazer na nossa comunidade, é reflectir sobre a nossa prática e usar essa reflexão como autoformação portanto, a... a verdade é que somos menos do que éramos (risos) embora pronto, as pessoas, cada um teve os seus motivos, a... eu acho... não sei, eu pessoalmente a... eu acho, eu não digo que faz falta as pessoas virem para este grupo de reflexão...

e- Quem diz este, diz outros...

E- ... mas acho que fazem falta outros grupos de reflexão na escola!

e- Eu acho que era importante nos grupos...

E- E é isso que eu te pergunto, porque é que as pessoas... o que é que tu achas que faz com que as pessoas que se... as mesmas pessoas que se queixam da falta de formação, e que a escola não dá, e que a Secretaria não dá e que não sei quem não dá, porque... o que é que faz com que as pessoas também não se organizem ou... não sei... e- Porque lá está, isso implica... Quantas vezes tu já ouviste “Ah, isso é muito interessante e tal, mas... uma vez por mês das cinco às oito, ai não!” As pessoas não estão disponíveis para despende um bocadinho para outras coisas... ‘Tão formatadas, como os alunos! Nós ‘tamos formatados! Chegamos aqui, fazemos assim; tudo o que sai um bocadinho extra, não é? Tu antigamente, e é pá eu não tenho muitos anos disto mas eu lembra-me de chegar à escola e havia a atividade não sei quantas, e a atividade não sei quantas e não te andavam a pedir nem a dispensar de substituições ou de outras coisas para tu estares naquela atividade... agora não, vêm-me chamar “Ah, mas têm que me dar qualquer coisa em troca!” Porquê? O que é que alterou? O que é que leva a isto, também? Nós ‘tamos cada vez menos disponíveis... p’ró trabalho, (risos) não sei, p’ra isto, porquê? Porque ‘tamos cansados, ‘tamos fartos, é sempre a mesma coisa... Não muda um dia e outro e é sempre o mesmo! A... eh pá, não sei... O que é que leva essas pessoas, eu penso que é um certo comodismo; as pessoas acomodam-se... e não fazem, não têm mas também não procuram!

E- Pois...

e- ‘Tão à espera que chegue aqui alguém e que diga “Olha, agora é assim!” Se sair um decreto-lei a dizer que elas têm que fazer, se calhar fazem... Não se calhar com o mesmo objetivo que... que a gente pretende, não é? Tudo o que é obrigado... pelo menos p’ra mim!

E- Pois, eu também acho isso...

e- Enquanto eu tiver de vontade eu faço.

E- Exato!

e- Quando me começam a obrigar eu já...

E- ... já é mais complicado...

e- ... já não estou tão disponível para...

E- Exato! Já é mais complicado. Mas... porque eu a mim também me faz um pouco de... é assim, não me faz confusão o facto de... de sermos poucos mas faz-me confusão as pessoas não terem iniciativa de se organizarem e... e não sei, se isso tem a ver com a formação das pessoas, se tem a ver com...

e- Por exemplo, eu acho que os departamentos podia ser um sítio onde se pudesse fazer essa reflexão...

E- É que é assim...

e- ... onde se pudesse falar isso, não é? Pá, há ali várias pessoas de disciplinas que supostamente são da mesma área, e às vezes não dá grande... a junção não é grande coisa mas... falar ali de certas, de certos problemas... Eu sinto que em grupo precisávamos não é aquela reunião de grupo obrigatória mas precisávamos de uma reunião, de nos juntar para reflectir sobre aquilo. Eh pá, os miúdos não estão com tanta vontade para a educação física, porquê? O que é que desmotiva os miúdos a já não gostarem de fazer exercício? Porquê? Eu faço-me esta pergunta tantas vezes! Porque é que isto ‘tá a acontecer? É a minha aula que não está motivante? Eh pá não... Eles parecem que estão... quando estão empenhados, estão satisfeitos! Eh pá, não sei... Os moldes em que está? É mais uma aula, mais aquela obrigação, mais aquele... não sei... E... e acho que é um bocado de tudo, o que ‘tá a acontecer; isto acaba por ser uma bola de neve, não é? Vai arrastando... e eu sinto-me, às vezes fico preocupada comigo porque... fico irritada! ‘Tou irritada com isto... E depois o irritado... o desmotivado... dava-me vontade era de não fazer nada! A... pá, vou ali, dou a aula e acabou! (pausa) ‘Tás chateado, vai-te embora! E não, não pode ser... Não pode ser porque ainda tenho uns anos disto, não é? (risos) Ainda tenho que...

E- (risos) E sobretudo porque....

e- ... imagina, se eu estou assim, quando tiver sessenta anos!... ‘tou no fundo, não é? Neste...

E- Pois! Não é por acaso que há tantos professores com perturbações e...

e- Se tu, se tu... tu já ‘tás desmotivada, vês gente desmotivada à tua volta, vês as coisas não... eh pá, eu gostava de chegar aqui de vez em quando e ver qualquer coisa diferente! Qualquer coisa nova! Agora vamos fazer assim não? Nem que seja para experimentar a ver se funciona ou se não funciona...

E- Diz-me uma coisa, por exemplo, tu falaste, ‘tás a falar de coisas que me dizem muito porque é assim, eu quando criei, pronto quando criei, quando pensei neste projeto inicialmente, era só para pormos em prática aquilo que tínhamos aprendido lá na formação do... do Alexandre Ventura. Depois, quando pensei nisto como projeto de investigação pronto, isto levou uma volta mas eu sempre tive uma certa esperança... porque no fundo era isso que eu gostava... era que isto fosse uma espécie de vacina na escola, e que comesse a ter um efeito multiplicador, ou seja... (risos)

e- Ah pois! Eu acredito que até possa ter... com o tempo que isto vá andando...

E- Pois... se calhar... porque é assim, eu acho que não precisamos ser muitos mas era... acho que era interessante que outras pessoas olhassem p’ra aqui e dissessem assim “olha, aqueles malucos juntam-se todos os meses p’ra falar de umas coisas, não sei quê...”

e- Olha, tu hoje ‘tavas a falar com a .; eu acho que a . era uma pessoa fantástica p’ra ‘tar ali connosco!

E- Pois eu também acho, mas no entanto nunca, nunca aderiu, ‘tás a ver...

e- Também não podemos obrigar...

E- Exato!

e- ...mas pronto, também teve assim, o ano passado teve com a sua licença...

E- Teve o bebé...

e- Eu penso que é uma pessoa também que faz muito esta, este tipo de reflexão e também acredita muito que é possível que as coisas possam...

E- Mas eu tinha um pouco esperança que houvesse pessoas que dissessem assim, “Não é p’ra aquele grupo não vou por... por isto, por aquilo, pelo outro...”

e- Pois...

E- ... “Eh pá, mas realmente olha que aquela coisa se calhar... era engraçado pegarmos nos... é pá, somos seis, somos sete professores de história na escola...”

e- Eu gostava de ter uma outra pessoa do meu grupo...

E- ... “porque é que a gente não”...

e- ... mais pessoas...

E- “... pá, não cria um grupo de reflexão p’ra história?...” A... e o que eu te gostava de perguntar era como é que tu achas, tu que ‘tás dentro, a... como é que tu achas que a gente pode realmente a... conseguir... contagiar os outros colegas?... (risos) Se é que achas que se pode... porque eu tenho...

e- (risos) Acho! Pá, eu penso que, p’ra já, não desistir de fazer isto!

E- Sim, nunca!

e- P’ra já... e depois, ir lançando isto. Esta questão por exemplo de abrirmos a outras pessoas que possam ir falar... Tudo bem, há pessoas que não estão, não gostam de ir falar mas podem ir participar. A... convidar... Imagina que um dia abrias ali... Colegas, ‘tão convidados a participar hoje na sessão...

E- Pois, como fizemos na penúltima que veio, ainda vieram três colegas ...

e- Sim, sim, por exemplo!

E- ... eu nem ‘tava nada à espera que viessem mas vieram...

e- Pronto! Porque as pessoas vão sabendo disto, ‘tás a perceber? Ah, mas vocês juntam-se para quê? A E. viu-te lá no outro dia a observar a minha aula e era assim “O que é que ‘tão, o que é que andas a fazer?”

E- (risos)

e- Eu disse, “É pá, olha temos aí uma formaçãozita, ‘tamos a fazer aí umas práticas reflexivas e ‘tamos a observar as aulas uns dos outros, ver o que é que...” Então depois vocês foram-se embora, acho que foi na tua aula, ou foi na da Fátima? E ela disse-me assim, “Olha, deixaste os alunos ali sozinhos vais ter zero na tua prática pedagógica!” (risos)

E- (risos)

e- Era ela a meter-se comigo e eu, “pronto, ‘tá bem” (risos) É que agora esta observação de aulas é muito... sabe muito melhor! Tens ali uma pessoa que te está a ver, a tua aula, até te vai chamar a atenção qualquer situação que achou que correu mal, mas tu é que recebes aquilo de outra forma do que quando foste realmente estagiária, não é?

E- Claro, porque não ‘tás a, não ‘tás propriamente a...

e- É diferente...

E- ... a ser ali...

e- Exatamente! Exato! Mas sabes, faz falta, faz falta... e eu acho que isto fazia falta era dentro do, dentro do grupo, por exemplo. Porque, por exemplo vocês vão avaliar, vão ver, mas se calhar, se eu tivesse ali um colega de grupo...

E- Claro, vê com outros olhos!

e- ... chamava-me a atenção se calhar para a parte mais científica...

E- Evidentemente!

e- ... para a parte, até... até na partilha de exercícios. Eu, olha, eu ando com este livro porque preciso mudar o meu aquecimento porque já 'tou irritada com eles de... a... que eles precisam saber que o aquecimento é importante, 'tás a perceber? E eles pá, tipo, aquilo p'ra eles, eh pá! Vocês..." mas porque é que é importante professora? Mas porquê? Ainda ontem fiz aqueles alongamentos e eu fiquei cheio de dores! O aquecimento é p'ra isto?" E eu assim," eh pá rapaz, porque tu não fazes nos outros dias, ontem fizeste um bocadinho mais, 'tás cheio de dores..." Eles não entendem isto! Porque é que é importante... E se calhar também sou eu que não lhes 'tou a conseguir dar, a fazer entender que é importante. (pausa) Os miúdos também 'tão menos... disponíveis para o desporto, embora hoje em dia se fale de bué de gente a correr e gente a fazer marcha, e gente assim e gente assado; 'tá na moda mas os miúdos 'tão muito sedentários... só daqui a uns anos é que dão o clique e precisam de começar a fazer exercício... A... Pá, mas eu acredito, eu acredito que isto é possível mudar... aos poucos! Chamando um ou outro... Também, também digo-te, há pessoas que se calhar não interessam muito. Aquelas pessoas que não estão abertas p'ra mudar nada também não interessa!

E- Sim! Aliás, eu acho que é assim, eu nestas coisas, eu não sou nada proselitista, ou seja, eu... a coisa foi divulgada a seu tempo... no início do ano põe-se lá o papelinho p'ra quem quer renovar a inscrição ou quem se quer inscrever...

e- Mas sabes a sensação que eu tenho? As pessoas olham p'ra aquilo e vêem assim, não vêem uma hipótese de... "eh pá, olha uma coisa diferente, vou reflectir um bocadinho sobre o meu trabalho, partilhar experiências..." Não! "Eia pá! Pá!" Para uma vez por mês, das cinco às oito?!...

E- (risos) Pois, mas é... é isso que eu te digo, é assim, eu... eu faço a divulgação, mas também é assim, também tenho a consciência que não... que é assim, que não vale a pena forçar muito porque...

e- Não... não...

E- ... quem quer, porque é assim, noutra dia houve alguém que me dizia “Ah, eu acho que há muita gente que não sabe” e eu é assim “Há muita gente que não sabe?!...”

e- Não liga!

E- ... então numa terra onde tudo se sabe, até sabem o que eu almocei ontem...

e- Se calhar... sim mas tu sabes, tu sabes que a forma de nós nos descartarmos, desculpa a expressão, em vez de eu dizer que não, pronto não sei!

E- ...Mas é assim, eu também não posso andar a... a vender isto a... porque é assim...

e- Claro!

E- ... eu acho que as pessoas têm que estar...

e- As pessoas têm que estar com vontade!

E- ...têm que estar com vontade... tem que haver um...

e- Olha ontem!

E- ... Ontem, exatamente! A gente ficou ali...

e- Viste as horas?! Até que horas a gente ficou?

E- É verdade! A gente distraiu-se!...

e- Mas é preciso! Aquilo faz falta!

E- Mas eu também acho que faz falta!

e- Faz falta aquela discussão.

E- Eu também acho que faz falta...

e- Embora às vezes nos picamos uns com os outros... e temos que saber ouvir aquelas opiniões diferentes, é verdade! Mas faz falta aquilo, não é? Pá, eu acho que... Olha, por exemplo, quando ‘távamos a falar que tu disseste que... não costumamos quando fazes a auto-avaliação não fazes...

E- Não peço para os miúdos darem uma classificação.

e- Eu hoje decidi fazer assim (portanto já serviu de qualquer coisa!): Eu hoje cheguei à aula do 6º B e ouvi logo assim, eles perguntaram-me assim “Professora, vai fazer avaliação?, Sim, avaliação de minitrampolim” e há um que diz assim, “Ah, hoje é autoavaliação! Ainda nem pensei o que é que vou pedir... Quanto é que vou pedir.” E eu “Hum, isto já me está aqui...” e então eu digo assim, “Olhe, então e se eu hoje por acaso, não pedisse para você me darem uma nota... o que é que vocês, não pedisse um valor que você acha que merece? Falássemos só sobre o que é que vocês vão falando”, porque eu quando faço eu ponho-lhes, eles têm que reflectir o que é que é, não é por terem feito este salto e aquele lançamento que ‘tá tudo ok, não! A postura deles dentro da aula, se se empenham se não se empenham, se evoluíram se não evoluíram, a... E eu

costumo fazer isso mas depois eles, é o velho hábito de pedir aquela nota que eles acham que merecem e eu disse assim “E se hoje não fizermos isso?” E eles “Não?!” tipo... “Sim imaginem Não dávamos notas, não havia...” e eles assim, “Ah!” Ficam assim, “Não é obrigatório, pois não, fazer auto-avaliação?” E eles, “Não, não é, mas como todos fazem...” e eu “Ah, pronto! Todos fazem, todos fazem testes, todos fazem auto-avaliação, vocês já acham que é aquele valor que merecem...” Portanto, ‘tá tudo formatado p’ra aquilo e se saíres, isto é uma coisa de há muitos anos também, saindo desta... desta linha de montagem não é diferente, não é fácil!

E- Pois! É porque... porque depois também é isso Nós também temos esse lado, é que os próprios miúdos já têm...

e- Sim, já estão nesse sentido!

E- ... aquilo que é o “ofício de aluno”!

e- Exato! O “ofício de aluno”, nem mais!

E- Ou seja, eles já têm determinadas expectativas e o que é que têm que fazer, como é que têm que fazer...

e- Exatamente!

E- ... p’ra chegar ali, e o conceito de avaliação deles é a avaliação é uma classificação...

e- Só preciso disto, já não preciso estar a fazer isto...

E- Exatamente!

e- E depois era assim, havendo esta, aos poucos conseguindo esta mudança, isto tudo se educa. E se fomos educados até aqui p’ra isto, pá, então também seríamos educados, se calhar nós já não vamos...

E- Exatamente!

e- ...já não vamos ver isso, não sei!

E- Já não vai ser p’ra o nosso tempo...

e- E os pais, por sua vez, também habituam-se aquele método, aquela forma de trabalhar... Eu acho! Isto é tudo uma questão de... de... de... não é? Se eu digo “Não faço teste!” eu não faço teste! Ponto!

E- Claro, claro!

e- Avalio de outra forma. Mas se fosse Português... se calhar eu já não posso...

E- Caía-te o Carmo e a Trindade em cima como ‘tá a cair em cima do meu colega...

e- Pois... ‘tás a perceber?... A... se calhar já não... não podia falar assim... Mas também, também tenho uma dúvida que é, por exemplo, naquela escola... da Ponte...

E- Hum...

e- ... aquele, tenho andado a... a ver. Eu acho fantástico aquele funcionamento! Acho difícil às vezes, como é que então conseguimos pegar nas matérias e como é que vamos passar isto aos alunos; porque os alunos têm exames p'ra fazer! E esta parte, nós modificando as coisas conseguiremos...

E- Eles têm tido bons resultados nos exames nacionais...

e- ... conseguiremos chegar...

E- Tanto quanto eu sei, não são uma escola de topo mas têm tido, têm ficado bem classificados nos rankings dos exames nacionais...

e- Porque...

E- Que eu acho que de facto passa um bocado por isso, por... a...

e- Porque eles depois precisam de ter aquelas, nós temos que ter a certeza que eles têm aquelas bases...

E- ...fazem aquelas aprendizagens.

e- ... para responderem àquilo... àquele exame que lhes é pedido, não é? Porque... é pá, se calhar não é muito... não sei, isto... a... Imagina, experimentarmos aí, fazer assim uma experiência... Pá, mas sem este maldito toque (risos)! E as pessoas entrando e saindo... Pronto, ó pá, combinado por nós, planificado, devidamente tratado por nós, e se é preciso ir História e Geografia vai História e Geografia e daqui bocadinho olha, é hora de exercício um bocadinho, também lhes faz falta haver esta... quebra. Pá... acho que... era diferente! Os alunos estão noutra... estariam noutra perspetiva, noutra... onda, vamos lá!

E- Mas na tua perspetiva essa mudança tem que...

e- Partir de nós!

E- Tem que partir de nós... E... e... e achas... pronto, que... essa mudança nossa, temos que ter o apoio da... das estruturas...

e- Sim...

E- ...obviamente, mas tem que partir de nós. Essa mudança só se consegue...

e- Eu digo quando... com o apoio deles não é eles começarem a impor "A partir de agora vão fazer assim"

E- Sim!... Eu sei! Eu sei! Não, não! Eu digo apoio no sentido apoio, não é a impor! É apoio no sentido de dizer assim "Olha, nós temos aqui um projeto pedagógico que gostávamos de... Como é que é? O que é que a gente pode..." Se calhar precisamos do

agrément da Secretaria, penso eu... Mas como é que a gente pode pôr isto a funcionar? (pausa) Mas... essa mudança dos professores é que é complicada, não é?

e- É... Eu acho que sim. Eu acho que as pessoas 'tão pouco... pouco abertas à mudança. Não... não te sei dizer concretamente o porquê; se calhar as coisas 'tão a levar a isso...

E- Sim, há muitos factores. Mas achas por exemplo, que através da formação, podemos conseguir essa mudança?

e- Eu acho que sim! Porque esta reflexãozinha, eu posso não abrir a minha boca ali nem dizer nada, mas se calhar eu vou pensar p'ra casa... e se calhar quando for fazer isto, se calhar penso assim, espera aí, se calhar...

E- Então, só uma última pergunta p'ra encerrarmos esta nossa... Na tua perspectiva, este projeto, que balanço, como é que tu, agora, como é que tu avalias este projeto?

e- Positivamente! Queres uma classificação? (risos)

E- (risos) Não faço questão!

e- Não, positivamente! Tanto que estou a despende bastante do meu tempo e eu ontem andei...

E- Ontem foi um dia stressante p'ra ti, claro! (risos)

e- Sim... e vou tirando... este ano 'tou um bocadinho... não fiz o meu diário tão... como o ano passado quase diariamente ou semanalmente mas alguma coisa me 'tá a fazer ter vontade de vir p'ra aqui e repetir outra vez!

E- Claro!

e- Portanto, eu acho que é positivo. E é o que eu te digo, eu tenho pensado já duas vezes em certas coisas. Não, vou fazer assim ou não vou fazer assim?

E- E diz-me uma coisa, agora é que é me'mo a última, achas que isto já se sente na escola ou por enquanto isto pode 'tar a ter impacto em cada um de nós individualmente mas em termos da escola... é assim uma espécie...

e- Não sei... pois... não sinto ainda essa alteração...

E- É... não é?... a gente não sente que haja uma...

e- Não sinto porque não somos todos a fazer... a reflectir desta forma, 'tás a perceber? Acho... ainda não sinto isso!

E-Pois...

e- Eu sinto isto exatamente como quando eu vim p'ra aqui! Aliás, pior! Quando eu vim p'ra aqui isto era fantástico! Era bom. Sinto pior.

E- Em termos da escola ainda não se sente uma repercussão...

e- Não... não... eu não sinto isso!

E- Pois... Ok minha querida! Olha, muito obrigada! Desculpa lá... Também tinhas que esperar pelo teu filhote, assim sempre...

e- De nada! Sim, sempre não fiquei...

ANEXO VII E
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA A P16

E- Bom P16, então é assim, a primeira coisa que vou fazer é obviamente agradecer-te a tua disponibilidade para me dares esta entrevista, e vou-te fazer algumas perguntas de carácter pessoal, como a tua idade...

e- 37 anos.

E- és tão jovem um jovem... (risos)

e- Ah! Ah! Ah! Ah! Mas faço este ano 38, pronto!

E- Ah! Ah! Ah! Ah! A tua categoria profissional?

e- Sou quadro de zona pedagógica.

E- E o teu tempo de serviço...

e- A... tenho... 14 anos!

E- As tuas habilitações académicas...

e- Eu sou mestre em ciências da educação.

E- A... já agora, em que área específica?

e- Em organização e administração escolar.

E- Ah!... Boa! A... Desempenhas cargos na estrutura de gestão intermédia, que cargos é que desempenhas?

e- Sim! Portanto, eu sou mediador dos cursos de educação e formação de adultos que é o equivalente ao diretor de turma e também sou, tenho um cargo de coordenação, sou coordenador de atividades de complemento curricular.

E- Ok! A... Há quanto tempo é que desempenhas estes cargos?

e- A... portanto, o cargo de coordenador, desde o ano letivo de 2007 e o de mediador desde 2009.

E- Ok, obrigadíssima! A... olha, é assim, a... como tu tiveste uma passagem fugaz pela nossa comunidade, vou começar mesmo por aí, a... que me dissesses a... como é que tu vês esta comunidade de prática, a... pronto, o que é que tu pensas do trabalho que ali é desenvolvido... da valia que esse trabalho possa ou não ter, a... e do impacto que tenha ou não tenha na escola...

e- A... ora bem sobre as comunidades, eu já conhecia as comunidades antes de... portanto antes de me aperceber que a I. 'tava a formar uma comunidade aqui na escola

e depois entretanto, o ano passado... não, há dois anos, eu frequentei uma ação de formação aqui na escola onde também se falou dessas comunidades e portanto, mesmo durante a ação fiquei a conhecer um bocadinho mais, portanto como é que funcionavam, o que é que as sustentava teoricamente, e portanto ainda mais interessado na... fiquei em participar... e portanto sabendo eu também que a I. no ano em que eu frequentei a formação, que a I. estava a desenvolver uma comunidade, ainda que na altura tivesse havido regras para a sua constituição, eu também sabia que a I. estava interessada em que no ano seguinte a comunidade pudesse alargar-se e podiam aceitar outros membros; e portanto, o meu interesse era total a... porque, em relação à comunidade, a minha vantagem era sobretudo, a partilha de experiências que podia existir entre pares a... de diferentes áreas de... de diferentes áreas disciplinares e até de diferentes formações académicas e portanto, e a partir dessa troca de experiências que de facto nos pudessemos melhorar... a... nosso trabalho! Porque... isto... isto...isto também tem um bocadinho a ver com a... com a história da avaliação que... que nós estamos sempre a falar nela porque de facto a avaliação que nós temos dos docentes é, basicamente era só quase só nivelar a malta e saber o que é que andamos a fazer de certo ou errado mas acabava por não ter nenhum intuito de... formativo nem nenhum intuito de orientação e na comunidade eu pretendia mais isso, portanto que houvesse a... mais orientação para eu saber como é que, o que é que ando a fazer, se as minhas... se os meus documentos de avaliação são... são os mais corretos, se o tipo de aulas que eu planifico e dinamizo a... são as melhores e portanto eu, recolhendo outras experiências eu tentar melhorar as minhas próprias práticas. Essencialmente o objetivo era esse: Era ir aprender com os meus pares... sobretudo também pessoas que trabalham há mais tempo do que eu, e saber se essa experiência me podia trazer algum benefício para mim, para eu também melhorar o que... a minha prática!

E- E diz-me uma coisa, p'ra além dessas... pronto... digamos assim, vantagens pessoais que obviamente eu acho que são sempre a nossa principal motivação quando nos metemos nalgum projeto, é tirarmos delas algum proveito pessoal, a... como é que vês a comunidade no contexto da escola? Achas que... o que é que tu pensas?... se isto 'tá realmente a mexer com a escola ou se não está? Se não... Como é que poderia ser para eventualmente mexer mais? O...

e- A... P'ra mim a questão do mexer na escola... É assim, eu por princípio não... por princípio eu... o que eu acho, algum problema que exista sobre a melhoria que as

peçoas queiram ter nas suas performances, nunca tem a ver com o que se possa fazer a mais, tem a ver com o interesse que cada um tem que ter em querer melhorar. E portanto, obviamente que constituir uma comunidade, e sobretudo que as formações são de inscrição, este ano, completamente aberta e alargada, portanto, no fundo e resumindo isto, só não se inscreveu quem não quis! Portanto, nós no fundo acabamos portanto, não podemos a dada altura andar atrás das peçoas, não é? A... e sobretudo porque durante, e voltando à formação que eu fiz há dois anos, na altura deu-me a sensação que toda a gente queria participar numa comunidade, de repente, surge a possibilidade, e eis se não quando ninguém se inscreve! Isto é, no mínimo, estranho, não é? Portanto, a... é a tal história do preso por ter cão e preso por não ter: Portanto, se há oportunidade de as peçoas efectivamente participarem numa comunidade, se não se inscrevem e não o fazem é porque não... se calhar então o interesse não é assim tão grande... A... a minha saída da comunidade não teve nada a ver com motivos profissionais; foram motivos pessoais que eu, que eu os expus; têm a ver com esta nova fase da minha vida. Mas p'ró ano, quando eu já conseguir lidar mais, gerir melhor o meu dia, eu espero que a ideia continue para eu regressar e portanto eu... eu... eu acho que tem que haver interesse das peçoas em participar na comunidade e querer contribuir p'ra fazer melhor. Não pode ser a comunidade a andar atrás das peçoas; não é assim... para mim não é assim que tem que funcionar e que deve. E portanto, as peçoas é que têm que estar interessadas em participar!... É claro que se calhar também importava, se calhar por parte da comunidade o que eventualmente posso pensar é que... se calhar haver uma... uma... alguma forma de... de partilhar as experiências que foram feitas, o que é que se ganhou dali, partilhar isso com os colegas... e no fundo isso também já está a existir porque a I., porque o facto de se ter criado um blogue isso também permite automaticamente que as peçoas possam acompanhar mais ou menos o que está a ser feito, nomeadamente através da partilha do site da escola e até do facebook que foi criado. Mas pronto, resumidamente I., é isto; nós, eu... eu não acho que... que tenhamos que andar sempre atrás das peçoas. Se as peçoas de facto estão interessadas em melhorar as suas práticas, se de facto nós queremos ser aquelas organizações aprendentes de que tanto se fala, a... temos que ser mais proativos; não chega só apontar o dedo, não chega só dizer que queremos ser todos muito felizes e contribuir tudo para o bem do mundo, temos que arregaçar as mangas e fazer parte de um grupo de trabalho e efectivamente trabalhar para melhorar.

E- Sim, mas se calhar eu não pus bem a questão... O que eu te queria perguntar é: Tu achas que esta comunidade, e eventualmente outras que até possam vir a surgir, a... pode dar realmente um contributo para a melhoria da escola, a...?

e- Pode, claro! A... Este ano, na escola, sobre tudo porque no início do ano letivo surgiu à discussão o regulamento interno e o projeto educativo e eternamente os critérios de avaliação, e portanto, se calhar, aquilo que importa na escola é criar grupos de trabalho mais restritos, que se foquem nesses temas, e portanto desses grupos de trabalho surjam ideias mais concretas para melhorar esses aspetos da vida da escola, nomeadamente a questão dos critérios de avaliação. Porque aquilo que eu vejo, e sendo eu membro do conselho pedagógico, obviamente que as pessoas que estão no conselho pedagógico estão lá a representar muitas pessoas ainda que muitas vezes, se calhar naturalmente, as pessoas estejam a dar uma opinião mais pessoal do que propriamente uma opinião do grupo, mas portanto, se calhar, a forma mais eficaz de... de trazer benefícios a estas discussões, é criar esses pequenos grupos de trabalho, onde se trabalhem esses temas, nomeadamente a questão dos critérios de avaliação, o que é isso da avaliação, contínua, sumativa, formativa, o que é um instrumento de avaliação, o que é que é um critério de avaliação, porque também há muita confusão nestes dois, nestes dois conceitos, que parâmetros, escalas... E portanto, se de facto houvesse grupos de trabalho mais restritos, onde as pessoas de facto trabalhassem, discutissem, dessem ideias, obviamente que a escola só tinha a ganhar porque nós afinal de contas, enquanto professores, o nosso trabalho é esse, não é?

E- Olha, e...

e- E a escola vive disso, precisamente.

E- A... E diz-me uma coisa, a... falaste da escola, a... Como é que tu vês esta escola, ou seja, vou-te pôr a questão assim: Imagina que eu 'tou em Freixo de Espada à Cinta, 'tou a pensar mudar de vida, digo-te assim, "Eh pá, acho que me t'á a apetecer mudar de escola... olha, como é que é lá a tua escola no Porto Santo?"

e- (risos)

E- Ah! Ah! Ah! Ah! O que é que tu me ias dizer? (risos)

e- Ah... Eh... Há muita coisa... não vou dizer que está errada nesta escola. Eu neste momento sinto que a escola está... em piloto automático! Portanto, está à deriva! Não há um... digamos que não há um objetivo comum. P'ra mim a questão do..., isto se

calhar também é um defeito do mestrado que eu fiz e de ter estudado estas coisas todas, burocracias dos projectos educativos, a verdade é que eu vejo vantagens no Projeto Educativo; não sei porquê o pânico do projeto educativo porque p'ra mim se as pessoas fazem lista de compras para ir ao supermercado, não percebo porque é que de repente um projeto faz assim tanta confusão às pessoas! Porque acho que faltava um documento sólido para que toda a gente soubesse o que é que anda aqui a fazer, que sustentasse de facto tudo aquilo que nós dissemos porque o projeto educativo, as comunidades podiam fazer parte do Projeto Educativo da Escola! Portanto, nós, todas as soluções que são pensadas para o bom funcionamento da escola devem, deviam estar num projeto educativo sólido, e com objetivos claros, e que tivesse sobretudo a ver com a realidade em que a escola está envolvida. E portanto, eu neste momento sinto que na escola, cada um está a cumprir o seu papel, bem ou mal cada um está a cumprir o seu papel mas efectivamente não há... nós não sabemos muito bem... nós juntos, não trabalhamos e eu acho que nós juntos éramos muito mais fortes do que estas individualidades que... pronto, que existe... o problema, isto também é uma, acaba por ser um defeito da profissão de professor; nós acabamos por ter um trabalho tão autónomo, ou seja, é possível, é possível eu, professor desta escola, eu passar aqui um ano letivo a... sem... sem que ninguém me controle nada, sem que eu dê cavaco a ninguém do que ando a fazer, sem... é possível... Eu posso passar perfeitamente entre as pingas da chuva que ninguém dá conta! E se calhar, isso também é um comodismo que nós professores nos habituamos mas o problema não é só daqui obviamente, estou a falar da profissão...

E- Sim...

e- A... mas depois é assim, se é para discutir a questão da escola, então a mim interessa-me esta escola...

E- Claro!

e- ... e portanto a mim não me interessa o que é que se passa nas outras. Portanto aqui importava, e agora voltando à questão, importava haver, em primeiro lugar de tudo, um projeto educativo bem construído, sólido, com ideias claras, com objetivos claros, a... a nível de oferta formativa, a nível de grupos de trabalho de... nas mais diversas áreas, das atividades de complemento curricular, dos apoios que são necessários, a... projectos nas mais diversas áreas... Portanto, e só a partir daí é que as coisas, eu acho que as coisas se podiam encaminhar. Neste momento, eu não sinto que... que haja esse

objetivo comum, esse... esse caminho que temos que traçar... acho que não... não existe!

E- Portanto, na, na tua perspetiva, a... é assim... tu... por exemplo se eu te pedisse, diz-me ao menos duas ou três coisas boas sobre a escola, não, não... não serias capaz?...

e- (respira fundo) Ah sim, não! Eu... coisas boas, temos muitas coisas boas que no fundo acabariam por ajudar isto que eu estou a dizer! Por exemplo, eu acho que há um bom clima; há um bom clima de trabalho, as pessoas dão-se bem e isso é muito saudável! Portanto, a partir do momento em que as pessoas se dão bem entre elas, então mais fácil era constituir os tais grupos de trabalho para evoluirmos e caminharmos num sentido. A... depois também acho que a nível por exemplo da nossa chefia, do órgão de gestão, e em particular o presidente, acho que ele é um bom gestor de conflitos, acho que é uma pessoa que acaba, eu dá-me a sensação que ele acaba por chegar muito facilmente às pessoas; e isso também é positivo porque... a... portanto, isso seria uma forma de, não vou dizer motivar porque a motivação é outra coisa, mas de... de... de estimular as pessoas a trabalhar um bocadinho mais! A... depois por norma, também acho que, outra coisa que eu acho mesmo, acho que há aqui, na escola há bons professores! Há gente com muita vontade de trabalhar, há muita gente nova, a... e não quero... o que eu quero dizer com isto é que, havendo gente nova significa que... que estão predispostos, se calhar, a aceitar mais facilmente as mudanças porque geralmente as pessoas com mais anos de serviço, tendem a ser mais reticentes, tendem a ser mais difíceis de mudar porque há sempre aquele argumento, que eu também não suporto, que é “Eu trabalho há não sei quantos anos e portanto eu é que sou o maior!”. Esse argumento para mim, zero, não vale nada! Isso pode significar que andas há vinte anos a fazer, a cometer erros, não é? E portanto, há muita coisa na escola! Portanto, e esta questão da potencialidade de cada um; há muitas pessoas que têm mestrados, na escola. A... as formações académicas sólidas... Portanto, e eu vejo muita vontade das pessoas participarem em algumas coisas, e portanto isso para mim era... era uma grande vantagem! Agora, a sensação que me dá é que não há um objetivo comum, não há um documento orientador em que as pessoas saibam o que é que andam aqui a fazer: Isso automaticamente faz com que no fundo, porque nós somos todos humanos, no fundo que as pessoas à última da hora “Então vou fazer à minha maneira, como eu quero!”. Porque é... é depois optar pelo mais fácil... fugir, no fundo.

E- Portanto, na tua perspetiva tu dirias que o maior *handicap* da escola neste momento é essa falta de...

e- De um documento orientador, comum, com um objetivo...

E- De um objetivo, uma meta...

e- Exatamente!

E- Pronto! E de resto... portanto... posso deduzir das tuas palavras que a única forma de nós melhorarmos a escola é realmente conseguirmos esse... esse documento ou...

e- Sim. Não... não... Quer dizer, o que eu acho é que o projeto educativo acaba por ser um documento tão abrangente, tão aglutinador, que resolveria outros handicaps que... que... que eu agora não esteja a mencionar, mas se houvesse de facto um documento aglutinador, eu penso que seria mais fácil para depois solucionarmos porque uma das coisas que esse documento também pressupõe é a identificação desses handicaps e desses aspetos menos positivos. Portanto, no fundo, eu para mim o documento iria servir para... para colmatar as várias dificuldades e trazer ao de cima aquilo que de melhor há em todos nós aqui na escola.

E- É muito interessante porque não... normalmente a... a... acho engraçado! Porque normalmente, as pessoas quando falam dos problemas da escola, têm muita tendência para fulanizar e pôr o problema nos miúdos, na disciplina...

e- Não... não... eu não... não acho isso, não

E- ... em não sei quê e em não sei que mais e acho que é muito interessante essa tua visão mais organizacional...

e- ... não acho isso. Sim, não acho porque as questões individuais são só isso: são só problemas pontuais. Portanto não... não... e... e como são problemas pontuais, significa que então, se eu me focar naquele problema em particular, então o resto é o bom, não é? Portanto, se eu tiver uma cesta com fruta, com maçãs, uma 'tiver podre, quer dizer que... Aquilo que eu quero dizer é que há uma maçã podre, não são as outras todas, é aquela. E portanto eu não... eu quando penso na escola e na organização, eu não... esses problemas, que eu conheço alguns deles, são problemas particulares. Se são problemas particulares há soluções particulares para elas. Agora, eu quando penso na escola, tenho que pensar no todo! A... porque... É a tal história, também agora voltando à questão das discussões que há nos grupos e nas discussões que há no conselho

pedagógico, muitas vezes, eu sei que aqui na escola se dá muita importância a esse probleminha e há discussões inteiras em que se está a discutir fulano tal que meteu o pé n'argola, e de repente, há tantas outras coisas que eram importantes discutir para o bem comum, e tanta gente a fazer coisas boas e aquilo nunca, nunca se fala ou não se dá tanta importância. A... e já agora, isso se calhar também acaba por ser um defeito, a... e isso já tem a ver com o órgão de gestão, que é, às vezes dá-me a sensação que há um bocadinho o sacudir a água do capote... a... de... Se há um problema, e há uma pessoa, seja quem for, seja um aluno, seja um funcionário, seja um docente, que fez, cometeu esse erro ou há esse problema, então vamos ter com a pessoa, vamos solucionar esse problema, para o problema ficar resolvido, porque se não, andamos aqui a eternizar, ainda que... que... que seja só um problema particular, não podemos eternizá-lo! A... e portanto, dá-me a sensação que às vezes há um bocado também de desleixo nessa parte de resolver os problemas quando eles têm que ser resolvidos. E depois, é... é a opção da lei seca...

E- (risos)

e- ... nomeadamente aquele documento que saiu aqui há duas semanas, em que de repente, a... sai assim uma lei generalizada, p'ra toda a gente e portanto eu recebo um documento, assino uma folhinha em como recebo aquele documento e leio uma série de pontos e fico a pensar, mas porque que eu... porque é que eu tenho que...

E- ... que ouvir estas coisas...

e- ... que ouvir estas coisas? Porque é que eu tenho que ser chamado à atenção? Faz-me um bocado lembrar a... não é, a educação que eu tive em minha casa, o meu irmão fazia asneiras e eu acabava por... por retroactivos também levar com aquela linguagem gestual que a minha mãe tem desde, desde muito cedo, e eu acabava por não perceber porque é que eu estava envolvido no barulho enquanto eu estava no meu canto sossegado a... (risos)

E- (risos) Apanhavas para não te ficares a rir do outro! Pelo menos essa era a teoria da minha mãe...

e- Se calhar era mesmo isso!

E- ... apanhava da mais velha à mais nova porque... para não se rirem umas das outras...

e- ... acho que isso também se calhar é um dos problemas, porque isso depois acaba por... isso depois tem influência também no dia a dia das pessoas. As pessoas acabam por sentir... a... as pessoas acabam por sentir “Então quer dizer, eu ando aqui a cumprir a minha parte, faço, não digo o melhor, mas pelo menos dentro daquilo que é a escola, tento fazer, cumprir as minhas tarefas mais ou menos bem e tenho que levar recados de... de outras pessoas?” Não dá. E depois dá a sensação, e essa sensação mais estranha, dá a sensação que... parece que há pessoas protegidas.... de... que estão acima daquilo que se diz muito na gíria futebolística, que estão acima da lei, não é? e portanto, não pode. Nós não podemos ter essa sensação de haver pessoas que... que parece que nunca lhes vai acontecer nada! E pronto, isso depois passa para as outras pessoas e acaba por... desincentivar a... o cumprimento das tarefas, seja lá o que for.

E- Olha, diz-me uma coisa: a... tu és coordenador das atividades de complemento curricular, a... qual... qual é a importância que atribuis a essas atividades... e como é que achas que elas estão a funcionar na escola?

e- Hum, hum... A... Bom, em relação aquilo que são as atividades de complemento curricular a... para mim as atividades de complemento curricular são uma solução para muitos males que nós temos na escola. Não é nesta escola, é na escola...

E- Sim, na escola em geral.

e- ... na escola em geral. A... que é, os professores passam a vida a queixar-se da carga horária e da falta de horas para o cumprimento de tarefas, de programas, porque... Vou dar o exemplo das línguas, em que é importante haver mais horas para... para trabalhar a oralidade; e eu acho que as atividades de complemento curricular são no fundo uma solução para esses problemas que a... que não tem nada a ver com o ministério da educação. O Ministério da Educação, a partir do momento em que dá autonomia à escola, a escola tem que usar essa autonomia para resolver os problemas que identificou na escola. E portanto, se a escola percebe que... a nível do ministério há um programa de inglês que é vasto, que é difícil de cumprir e que portanto o professor não consegue cumprir esse programa, não consegue trabalhar melhor a oralidade, então, fora do horário curricular, por exemplo, porque é que a escola não oferece oficina de línguas, um laboratório de línguas, enquanto atividade de complemento curricular? Portanto, no fundo é como se as atividades de complemento curricular pudessem ser exactamente isso, um complemento ao currículo, a... que pudessem não só... também não quero que a I. pense que ‘tou a ter uma visão muito redutora das atividades...

E- Não, não!

e- ... mas portanto, que servissem não só para complementar estas lacunas, porque é um facto que o professor de língua não consegue cumprir a tarefa de oralidade, mas depois os... os... as atividades trouxessem outras temáticas, outras atividades que não estão sequer no... nos currículos. Se, portanto, nós... nós aqui na escola até temos vários exemplos, nomeadamente por exemplo o Clube de Aeromodelismo. Portanto, o aeromodelismo, ainda por cima o aeromodelismo encerra ali uma série de competências de... da matemática, das artes visuais, do desenho, seja lá o que for, é um bom exemplo. A... por exemplo, o Clube de Teatro, um bom complemento à, a tudo o que é o ensino do português nesta escola. Portanto, eu acho que as atividades, a funcionarem bem, e... e com empenho, servem precisamente de complemento ao currículo que nós sabemos que, quando eu digo currículo também vamos restringir o conceito para não andarmos aqui com mais...

E- Sim.

e- ... portanto, eu quando falo em currículo 'tou a falar em programas curriculares e disciplinas em particular, pronto!

E- Sim, sim!

e- A... e portanto, uma solução para esse... para esse desenho hermético que os currículos têm, é esta! É as atividades de complemento ao currículo, portanto a escola oferecer, é isto, horário, os clubes, projectos que existem variadíssimos em muitas áreas. Aliás, a Secretaria Regional da Educação tem uma série deles; a escola tem autonomia para propor os seus próprios projectos, desde que, lá está, enquadrados no tal objetivo, no tal caminho que a escola devia percorrer, a... e portanto complementarem essa oferta formativa.

E- Mas na tua... na tua percepção, a... essa... essa oferta aqui na escola 'tá a funcionar bem?

e- A... alguns...

E- É... é porque eu... eu vou-te explicar porquê. Porque é assim, a... eu, a ideia que eu tenho é que as atividades de complemento curricular, ou pelo menos eu... à exceção do Clube de Teatro que eu acho que tem um trabalho que de facto se vai vendo...

e- Hum, hum...

E- ... de vez em quando a gente percebe que há ali um grupo que faz qualquer coisa...

e- Hum, hum...

E- ... eu as outras atividades, a ideia que tenho é que... a... são coisas que só aparecem nas festas de... de final de período...

e- Hum, hum...

E- ... e embora eu ache que isso seja importante, a... acho pouco... não sei...

e- Há... há dois...

E- ... se calhar 'tou a falar do que não sei!

e- Não, 'tá a falar bem. Há dois problemas: Em primeiro lugar, a... a única forma de, aliás, um... um dos aspetos que melhor contribui para o funcionamento do clube ou do projeto é que haja uma continuidade de funções. Porque, uma pessoa que é colocada a desempenhar ou a desenvolver um projeto num ano, essa pessoa, nesse ano é como se fosse uma experiência. Portanto, a pessoa vai perceber o que é que é o projeto, o que é que se pretende, até porque temos muitos projectos como disse da Secretaria Regional e portanto, importava primeiro perceber quais são os objetivos, ler bem a documentação que a secretaria nos manda p'ras pessoas perceberem exactamente o que é que se pretende daquele projeto. E se calhar, no ano a seguir, já vai funcionar melhor! O problema, um dos problemas aqui é que às vezes isso não existe! Portanto, imagine, nós temos este ano, vamos dar, vamos ao Clube de Teatro que é um bom exemplo mas eu vou usá-lo como se fosse um mau exemplo: Portanto, eu não posso este ano atribuir o Clube de Teatro à I. e no ano a seguir ao J. C.! Isto vai obrigatoriamente causar aqui uma quebra na rotina, no... no que se percebeu o que é que se podia fazer, no melhorar, no... Portanto se se identificaram problemas quer dizer, então no início do ano já se vão encontrar soluções para. E portanto, o Clube de Teatro deve ser dos poucos clubes que nós temos na escola que estão as mesmas duas pessoas desde que eu sou coordenador, desde 2009; desde 2007. O resto dos clubes, todos os anos há novidades. E portanto, isso não funciona. Um exemplo: Carta da Convivialidade. A... nós já tivemos a... por exemplo, o ano passado quem estava à frente da Carta da Convivialidade era o D. e a R.; este ano quem é? É a F. D. e D.. Há três anos, era a D. B. e... já não me lembro de quem mais. Portanto, o facto de haver esta rotatividade nos clubes acaba... as pessoas acabam por não sentir, passando a redundância, aquele sentimento de pertença ao clube e portanto acabam por andar um bocado desfasadas, as coisas acabam por lhe cair assim

um bocado no colo, sem poderem melhorar de uns anos para os outros. Depois, depois tem a ver com a gestão de recursos humanos. Tem a ver com, nós temos que... que definitivamente perceber, e no meu entender isto é sagrado, as pessoas ou têm perfil ou não têm para dinamizar certas coisas e portanto o órgão de gestão tem, tem que obrigatoriamente saber quem é que tem perfil para desempenhar ou para dinamizar aquele clube. E portanto, se de um ano para o outro se percebe que se calhar ali não 'tá boa ideia, então vamos se calhar, era preferível falar com as pessoas antes de lhes atribuir um clube ou antes de as colocar a dinamizar um clube e isso não tem acontecido! Porque infelizmente, e este problema não é, isto que eu 'tou a dizer acaba por não ser, não sei como é que é nas outras escolas em termos de atribuição mas isto que vou dizer agora a seguir, acaba por ser... infelizmente, os clubes e os projectos e as atividades de complemento curricular serviram, não sei se ainda servem, vou dizer que não sei que é para não me comprometer, servem muito para ocupar horários e portanto, enquanto nós, não, também não nos desfizemos dessa ideia, vai ser muito difícil tornar as atividades, dar às atividades a devida importância porque os professores também percebendo que a cada ano, o clube vai saltando de pessoa para pessoa, dá-me a sensação que não... não lhes é dada a devida importância porque acaba por ser uma coisa secundária no horário e portanto não... não pode ser! E portanto, voltando à questão do outro problema que eu estava a falar; é a questão do perfil. Portanto, o presidente da escola, do órgão de gestão, tem que conhecer as pessoas e tem que perceber quem é que tem perfil para ocupar e para dinamizar aquele clube! Depois, o terceiro problema, tem a ver com o próprio funcionamento da, do clube. A... há muitos clubes que funcionam, muitos não, a maior parte, que funcionam fora da carga lectiva do professor. Portanto, imagine o que é um professor que sei lá, que tem as turmas todas de sétimo ano e de oitavo ano e depois, de repente, ainda tem mais um clube que lhe dá tanto ou mais trabalho que a disciplina que tem a seu cargo... Isto é um trabalho extra, a... bem sei que as pessoas devem cumpri-lo mas acaba por ser uma sobrecarga de trabalho e obviamente que o professor, vendo-se nesta situação, vai ter que fazer escolhas. E portanto qual é que vai ser a escolha? Vai escolher obviamente pelo trabalho que ele dá mais importância que são as aulas e o trabalho mais penalizado vai ser o clube. Portanto, há aqui uma série de aspetos que importava resolver, a... p'ra de facto melhorar... a... o desempenho, a performance e a importância que os clubes têm na... na vida da escola. Depois, os clubes também, e os projectos, depois têm um problema que eu acho que também tem que ser resolvido que é o facto dos projectos e dos clubes

e da participação dos miúdos não ter... não ter... não ser valorizado em termos académicos portanto... ou seja, em termos de progressão de estudos, de contribuir p'r'as notas e para a progressão de estudos deles. Isso não tem relevância objectiva nenhuma... Em termos de formação até pode ter, agora em termos de... de relevância pragmática, de notas e afins não tem e eles também acabam por se sentir um bocadinho... um bocadinho...

E- Não tem mas podia ter porque...

e- Ah, podia! Não...

E- ... porque a legislação prevê que...

e- Sim, sim!

E- ... que, que isso possa acontecer...

e- Pois, mas não, mas não, essa prática não existe!

E- Pois...

e- Essa prática não existe...

E- Olha, diz-me uma coisa: Tu, como coordenador das atividades de complemento curricular, dá-me ideia tens um conhecimento do... do corpo docente, ou pelo menos de uma parte do corpo docente, aquela com o qual trabalhas mais directamente, a... como é que tu... de alguma forma já falaste disso mas... a... como é que tu vês o corpo docente aqui desta escola? A... achas... já falaste nas pessoas até de algumas que têm uma preparação académica já ao nível de pós graduação e essas coisas todas mas a... como é que achas que os professores aqui na escola a... não, não te vou dizer se, não se é se tu achas que eles são bons ou se eles são maus, mas como é que tu vês o trabalho assim em termos gerais e...

e- Mas em que aspeto I.? Porque é assim, em termos de... Por exemplo, ao nível das atividades de complemento curricular a... olhe, há, há um problema generalizado que tem a ver com o cumprimento das regras. Eu pessoalmente convivo muito bem com regras e acho que elas fazem falta. Não quer dizer que eu sou obcecado e que sou um santo mas... mas às vezes sinto que há esse... há um sentimentozinho de anárquico no fundo de... do eterno rebelde... de querer quebrar aquela regra. Agora, em termos de preparação académica já falei; em termos de... eu não... eu não... acho... é como tudo! Acho que há bons profissionais, acho que há maus profissionais; acho que há pessoas

que não... a... que em termos de... de cumprimento de... que não dão relevância ao cumprimento de programas... que... que há... há... por exemplo, que há regras que vêm do Conselho Pedagógico que as pessoas acham que não têm que as cumprir... a... não... Isso faz-me um bocado de confusão, porque no fundo se calhar porque eu também fui criado ou fui, eu sempre percebi que se havia alguém que mandasse eu tinha que cumprir e portanto se eu não concordasse, então eu tinha, eu tenho o direito de me manifestar e de dizer que não concordo, mas isso não me dá o direito de... de não cumprir porque isso automaticamente, isso automaticamente colide com a lei, com outras coisas que me podem pedir. Agora, a... depois também sinto muitas vezes que... que há pouca vontade em melhorar, há um certo comodismo que... porque no fundo, quando as pessoas sentem que alguma coisa está errada mas sentem que esse erro é no fundo confortável, as pessoas acabam por não ter muito interesse em melhorar. A... mas assim, genericamente...

E- Mas tocaste aí numa coisa que eu acho importante, que é... a... pronto... o tal... a... pronto, quando mal nunca pior, não é? A... Como é que tu achas que nós podíamos... a... não é tu e eu...

e- Sim.

E- ... mas, como é que achas que... a escola poderia a... eventualmente, a... melhorar o desempenho dos professores, fazer com que as pessoas se envolvessem um pouco mais. Se calhar eu... eu acho também... se calhar isto é um pouco antiquado mas eu acho que às vezes é um bocadinho, ontem uma colega dizia-me assim “Ah, porque a gente vê que fulana e beltrana fazem e acontecem e não sei quê, então p’ra que é que eu hei-de fazer?” e eu digo assim, eh pá, há uma coisa que se chama brio profissional, não é? Portanto, fulana e beltrana podem vir p’r’aqui de chanatas...

e- Claro!

E- ... não é por isso que eu amanhã venho p’r’aqui de pijama...

e- Pois...

E- Pronto! (risos)

e- Mas de facto, mas o problema é assim, em relação... em relação à, à... ao nosso desempenho, eu p’ra mim, a classe docente tem um... tem um defeito: Isto não é aqui da escola, é a classe, nós ...

E- Sim, sim, sim...

e- ... somos todos muito bons! Isso para mim é uma característica...

E- Somos todos excelentes! (risos)

e- Isto para mim é uma característica nossa! Nós somos todos muito bons, precisamente porque nós nunca fomos habituados a que, depois das nossas licenciaturas e das formações que nós fizéssemos a que ninguém nos apontasse o dedo. Portanto, nós andamos aqui todos convencidos que andamos todos a fazer de muito bons. E isto, isto é o dia a dia. Tanto é que nós, nós professores, não digo aqui na escola, nós professores...

E- Sim, sim...

e- Nós não aceitamos críticas. Nós somos muito pouco permeáveis a opiniões alheias. Nós sustentamo-nos muito no tempo de serviço, até para a própria carreira; é sustentada no tempo de serviço! Portanto, a I. nascendo, tendo nascido quando nasceu é muito melhor profissional do que eu que tenho, que sou um rapaz de 37 anos! É muito mais inteligente, é muito mais capaz, é tudo muito mais porque é mais velha do que eu, pronto! Ah... e portanto...

E- [incompreensível]

e- ... isto, isto aqui, isto é logo defeito à partida do, da profissão. Depois, outro defeito à partida é a forma como cá chegamos. 'Tou a dizer, como nós chegamos a ser professores...

E- Sim, sim.

e- ...portanto, porque há tanta escola superior de educação em Portugal que nós acabamos por infelizmente, eu vou-lhe dar um caso concreto que é para não, não divagarmos muito, que eu tive um colega no ensino secundário que... que se viu à rasca para acabar o ensino secundário, eu ajudei-o a fazer N testes na própria aula e o rapaz chegou ao 12º ano e ele mal sabia escrever o nome dele, passado uns anos, cruzei-me com ele e descobri que ele era professor do ensino primário na Madeira! Eu corei até às pontas dos cabelos, como se os meus cabelos pudessem corar, mas obviamente que fui simpático e não... mas fiquei a pensar naquilo. E eu pensei, como é que é possível eu, que supostamente era a jóia lá do pedaço e era o bom aluno, e fiz a minha licenciatura numa universidade que eu acho que foi, que é uma universidade a sério, afinal de contas viemos cá parar os dois! E portanto, e eu na altura pensei, eu se um dia tiver um filho

que ele seja professor dele, eu mudo de escola imediatamente! Portanto, o problema começa logo aí, na questão...

E- Portanto na questão da formação?

e- ... na questão da formação. A... agora, depois também as pessoas, depois há a questão da... do que é que se faz a seguir. Portanto, o que é que se faz a seguir dessa formação. As pessoas também acham que a partir do momento em que têm a sua formação inicial, acabou. Portanto, aquele saber é eterno, não precisa nunca mais de ser atualizado, porque o que se aprendeu já é suficiente para... para cumprir os programas. Eu vejo por exemplo na minha área. Na minha área há novidades não digo todos os dias mas há muita coisa a sair e actualizações importantes que é preciso fazer nos programas, no conhecimento científico da minha área mas acaba por não haver, há quase como um desprezo, portanto, eu cumpro a minha parte e não preciso de actualização. E portanto, se calhar aqui na escola uma das coisas que, aqui na escola... eu agora perdi-me completamente...

E- 'Távamos a falar da formação de professores...

e- Pronto! Nesta questão desempenho...

E- ... e tu estavas a falar do as pessoas graduam-se e a partir daí já sei tudo...

e- Pronto!

E- ...e vamos em frente!

e- E isso, se calhar uma forma de colmatar essa questão da formação a... lá está, implicava alterar o modelo de formação que o ministério pede que nós tenhamos, que é chamada a formação contínua porque... Porque repare, se eu for fazer uma formação sei lá, a uma universidade qualquer na minha área, ela vale tanto como que se eu fizer uma formação de vinte e cinco horas sobre o *powerpoint* aqui na minha escola! Portanto, isto não está... isto não pode ser! Porque isto não... não... as duas formações não contribuem de todo da mesma forma para a minha atividade profissional. E portanto, havia de ser obrigatório haver uma formação mas uma formação especializada numa instituição superior creditada, a sério e lá está, depois tinham que ser dadas condições, nomeadamente as pausas letivas por exemplo, podiam servir para isso mesmo porque obviamente que colidem a... portanto, a nossa disponibilidade é... é menor durante os períodos. Mas portanto, uma forma de colmatar essa formação inicial era, por exemplo,

haver uma aposta séria na nossa formação contínua, mas formação contínua séria, sólida, aprofundada na nossa área de formação inicial. (pausa) A... mas agora perdi-me...

E- Não, não...

e- Mas a questão inicial que a I. 'tava a colocar...

E- A questão inicial tinha a ver exatamente isso...

e- Ah! Sobre as...

E- ... com a questão do desempenho dos professores e...

e- Exato!

E- ...mas era um pouco também por aí que queria caminhar, pela questão da formação de professores e tu já foste muito claro, quer em relação à formação inicial, quer em relação à formação contínua.

e- Sim, aliás, mesmo a questão da formação inicial, mesmo para além daquele exemplo que eu dei, e falando por exemplo nas universidades públicas, no ano em que eu entrei para a universidade eu lembro-me perfeitamente que, e depois isto colide com a entrada na carreira, eu lembro-me, por exemplo, a entrada na licenciatura em matemática na Universidade do Minho, a média era dezasseis valores, na universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro era de onze... Há aqui qualquer coisa errada. Portanto, não pode! Nós não podemos permitir que dois professores entrem para a mesma licenciatura e haja uma discrepância tão grande em termos de médias... Depois há outro problema ainda maior, que não se verifica em todas as licenciaturas mas verifica-se em algumas. Vamos ao exemplo da matemática outra vez: Eu digo isto porque eu tinha amigos... a...

E- Da matemática...

e- ... da matemática e portanto quando havia exame sei lá, de uma disciplina qualquer na matemática na Universidade do Minho eles, se um tinha onze ou tinha doze, aquilo era festa certa, porque aquilo era uma nota extraordinária, o indivíduo quer dizer, ia-se sentir... considerar mais alto! Entretanto, durante a licenciatura, eles foram percebendo que na universidade, por exemplo uma Lusíada no Porto ou uma Fernando Pessoa que são universidades privadas, na mesma licenciatura, as notas mínimas eram de quinze e dezasseis! Eu não estou a, isto não é fábula nenhuma, isto é, isto são verdades que eu conheço de pessoas mesmo que se transferiram da Universidade do Minho para o Porto,

em que as médias passaram de onzes, dozes para quinze e dezasseis... Quando estes dois indivíduos forem para o concurso nacional de colocação, o indivíduo que foi colocado foi o que saiu da Lusíada ou da Fernando Pessoa... E portanto, eu tenho sérias dúvidas que a preparação académica e científica de eles os dois seja a mesma... tenho sérias dúvidas! Porque depois, há outro problema: Eu cheguei a trabalhar com... com professores... que vinham... não 'tou a dizer que são todos! Mas... e que via-se claramente que a preparação académica era... incomparável! Portanto, o desenvolvimento, o domínio do conhecimento que tinham sobre as coisas não é o mesmo! E portanto, isto depois faz com que depois disso tenha repercussões todas no ensino, nos alunos, no gosto que os miúdos têm pela... pela matemática, pelo português, seja lá o que for! Que essas coisas... sentem-se!

E- Portanto, consideras, de qualquer forma... deixa-me ver se posso pôr as coisas assim, que há enormes discrepâncias claro, ao nível da formação inicial, isso já sabemos, mas... posso deduzir das tuas palavras, por exemplo, que a formação contínua, nuns moldes que não são obviamente estes que temos...

e- Hum, hum...

E- ... pode eventualmente ajudar...

e- colmatar, sim...

E- ... a superar essas dificuldades?

e- Sim, sim! Definitivamente.

E- Uma última questão P16, a... porque depois também temos a chamada formação especializada, e por exemplo, nós aqui na escola, neste momento, ainda noutro dia eu 'tava assim a fazer contas por alto, 10% do corpo docente tem formação a nível de pós-graduação...

e- Hum, hum...

E- A... e penso que é mesmo a nível de mestrado...

e- Hum, hum...

E- Nem sequer estou a falar daqueles professores que foram fazer os cursos de Educação Especial, 'tou só a falar de...

e- Hum, hum...

E- ... das pessoas assim como nós... A... O que é que tu, que importância é que tu atribuis a essa formação e... e... como é que tu achas que esse capital humano está ou não a ser aproveitado pela nossa escola?

e- A... a formação que nós fazemos... vou falar no meu caso particular, ainda que no fundo a minha formação [incompreensível] não esteja muito distante da minha licenciatura mas na altura que eu fui aluno da licenciatura em ensino da biologia-geologia, o meu foco de interesse eram as disciplinas das ciências exatas: era a bioquímica, era a química geral, a química orgânica, a biologia molecular, genética, essas coisas todas era aquilo que eu gostava... o que significa portanto que as áreas das ciências da educação, que nós por brincadeira chamávamos ciências ocultas, acabaram por nos passar ao lado. Para mim, agora, por uma razão muito simples: Nós não tínhamos maturidade suficiente para dar a devida importância a uma sociologia da educação. Não podíamos ter porque nós não tínhamos capacidade de relativizar nada! Portanto se eu estou fechado, se eu dou importância aos laboratórios, se eu vivo fechado numa universidade com aquelas condições onde eu me formei, então eu não tenho capacidade para me abstrair, para perceber o que é que se passa no mundo... da educação em particular. Isto significa o quê? Que todas as cadeiras que eu tive na área da educação, desde a psicologia desenvolvimental, a organização e administração escolar, às práticas pedagógicas, a sociologia, tudo isso passou, passando a expressão, passou-me tudo ao lado. E no fundo era como se também, nós quase... havia aquele sistema de às aulas teóricas ninguém precisava de ir porque não havia faltas e portanto nós íamos fazer o exame e eu tive exames, e agora uma vez que isto não vai ser ouvido por ninguém, eu tive exames que eu nem sabia quem era o professor... Eu só precisava de saber o que é que tinha que estudar, chegava lá e respondia àquilo! Porque depois também tinha a ver com aquela presunçozinha, eu admito que nós temos ou tínhamos, eu sabendo genética ou tendo, sendo a genética ou a petrologia ou a geoquímica, o nível de abstracção e dificuldade que era, eu não preciso de estudar aquilo, eu faço aquilo... A verdade é que este preconceito existe porque nós de facto conseguíamos isso. Portanto, eu não precisei de ir a aulas de ciências da educação para depois chegar lá e passar os exames e se calhar até ter melhores notas do que tinha nas outras, pronto! Agora, o que é certo é que isto fez com que quê? Com que eu nunca desse a importância às ciências da educação que dou hoje e que não tivesse sequer percebido porque é que aquilo era importante para mim na formação que eu tive enquanto aluno de uma

licenciatura em ensino. E portanto, significa que, agora, mais tarde, quando fiz o meu mestrado e quando voltei a ter essas cadeiras, abriu-se um mundo novo diante dos meus olhos! (risos) E portanto, eu estudar sociologia foi das coisas mais interessantes que eu estudei e, eu cheguei a dizer isto à minha professora, eu fiz as pazes com as ciências da educação, precisamente porque me ajudaram, no fundo, a... a dar um passo atrás, para ter uma visão um bocadinho mais alargada sobre aquilo que é a escola enquanto organização, sobre aquilo que é a gestão dos recursos humanos, a... sobre... as dificuldades... sobre aquilo que está dentro da sala de aula, que é uma coisa que a sociologia nos ajuda a perceber e que é uma coisa extraordinária! Que é que dentro da sala ‘tá lá tanta coisa, ‘tão lá as famílias todas, ‘tá o salário dos pais, ‘tá lá a casa onde os miúdos vivem, se tem candeeiro, se não tem candeeiro, se há enciclopédias, se não há. Está lá tudo! E portanto, a sociologia ajuda-nos a ver isso e portanto, eu acho que essa formação que nós professores podemos ter *a posteriori* sobre tudo, ajuda-nos a relativizar as coisas e a termos uma visão um bocadinho mais abrangente daquilo que são os nossos alunos... e portanto, e depois, é nessas alturas, portanto tendo eu percebido isso, quando ouço falar de *rankings*, quando ouço falar de... de... uma forma de tabelar isto tudo é fazer um teste igual para todos, é que fico... percebo... mas será que só eu é que estudei sociologia? (risos)

E- (risos) Ficas com erisipela...

e- Pois!

E- Já somos dois! (risos)

e- Será que só eu é que estudei sociologia? Porque depois as pessoas, e agora voltando à comunidade [referindo-se à CdP], houve alguém que numa das sessões que eu estive disse “Uma das formas de resolver ou de avaliar isto tudo era fazer um teste igual para toda gente” e eu, lá está um erro crasso! Portanto, eu não posso achar que um teste feito da mesma forma para toda a gente em não sei quantas escolas, que isso vai nivelar o que quer que seja, não pode... Porque dentro da sala de aula há tanto contexto social, há tanto contexto familiar, há tanto contexto económico que o... o... essa estratégia ia... não ia servir para nada, rigorosamente! É a mesma história, lá está, depois agora voltando a um nível mais restrito, é como essa história dos critérios de avaliação que nesta escola dão sempre um... o celeuma que dão. Há pessoas que defendem que os critérios deviam ser iguais para todos! Não pode! Não pode... eu...

E- Eu acho que até nem de turma para turma às vezes...

e- Lá está! Se calhar nem de aluno. É assim, eu não posso aceitar, eu não quero para a minha escola, eu não preciso que os professores de história pensem como eu penso! Eu não preciso que os professores de físico-química pensem... porque eu acho que cabemos cá todos. E portanto, cada professor na área em que trabalha é que deve saber o que é que é, como é que, qual é a melhor forma de chegar aos miúdos, qual é a melhor forma de avaliar. E portanto eu sou muito mais a favor desta pluralidade do que tentarmos, lá está, voltando à lei seca, e portanto o mestrado, isto quer dizer, também tem a ver com a minha forma de ser mas o mestrado como, estas questões das ciências da educação surgiram tanto, a questão do projeto educativo, do projeto curricular de turma, do critério de avaliação, da formação... como estas questões surgiram todas, eu tive tempo suficiente para reflectir sobre elas e em particular sociologia ajudou-me nisto, a ter esta perspetiva mais alargada, dar o tal passo atrás e perceber “alto lá que isto aqui de trás, o ângulo daqui é maior” e acho que é isso que às vezes faz falta às pessoas... voltarem a estudar sociologia, portanto é um trabalho de casa de sociologia para toda a gente (risos) para que as pessoas tivessem um bocadinho mais de abrangência sobre aquilo que têm dentro da sala de aula, à frente dos olhos!

E- Mas achas por exemplo, voltando à parte final da minha questão, tendo nós já...

e- Ah! como é que se, sim...

E- ... uma percentagem que eu acho que é significativa...

e- Sim! Sim, sim... acho que...

E- ... de professores pós graduados

e- Sim, sim!

E- ... a... achas que isso ‘tá bem aproveitado?

e- Não! Não, não! Não até porque repare, lá está, importava precisamente... p’ra já tenho sérias dúvidas que o órgão de gestão saiba quem é que são essas pessoas, começa logo por aí!

E- (risos)

e- Apostava um jantar no restaurante mais caro do Funchal, incluindo o...

E- O Galo d’Oro (risos)

e- Exatamente!

E- (gargalhadas)

e- E portanto, logo aí... Logo aí temos um problema! Ainda que eu ache que... que... e voltando à questão das coisas... ainda que eu ache que o órgão de gestão, o presidente em particular, ele conhece as pessoas, mas acho que falta isso, falta o tal conhecimento do perfil, falta o a pessoa ocupar aquele cargo porque se fez estes estudos é porque se calhar tem uma visão e porque conhece e porque se calhar o que vai sair dali vai ser melhor, e que se calhar aquela pessoa, se for um chefe de equipa e puser os professores a trabalhar à volta daquela pessoa, se calhar o resultado vai ser... vai ser melhor, e portanto, quando eu digo, quando falo na questão da gestão de recursos humanos e usar as pessoas em função do capital que têm, acho que isto está um bocadinho subaproveitado... Eu lembro, por exemplo, que na altura em que surgiu aqui na escola a necessidade de nós termos professores para... de língua portuguesa não materna, havia professores com formação nessa área (pausa) e portanto quando no ano a seguir, em que houve necessidade desse professor, esse professor não foi tido nem achado para dar essa disciplina, quando essa pessoa estava habilitada para dar essa disciplina nessa perspetiva. E portanto, isso é um exemplo, quanto a mim, bastante sintomático de que de facto não há... não há preocupação em saber qual é a formação académica posterior que as pessoas têm à licenciatura e como é que se pode potenciar essa formação que as pessoas tiverem e se calhar até pegar nessa pessoa, ou nessas pessoas, e colocá-las na gestão intermédia... Seja no cargo de direção de turma, seja no cargo de gestão de ciclo... Sei lá, tantos cargos que há na escola que podiam ser ocupados pelas pessoas porque têm essas formações... Atenção, isso não significa, também não significa que a questão da formação seja a solução para todos os problemas porque... porque para além da formação que as pessoas têm que ter há uma questão que tem a ver com a forma de ser das pessoas, não é? Porque nós não podemos achar, imagine, sei lá, que todas as pessoas que... dois professores que saem de uma universidade muito bem classificados, não significa que são os dois bons professores, não é? Há outras questões. Mas acho que por princípio, se aquela pessoa fez uma formação naquela área, então se calhar aquela pessoa está munida com um conhecimento ou com competências para cumprir certos requisitos. E mesmo que, em termos de características pessoais haja, possa haver, a pessoa não ser a mais indicada, a formação que ela tem, permite-lhe mais facilmente chegar ao suporte teórico que é necessário para construir um documento ou conhecer se

calhar a legislação que está mais associada aquela tarefa, não sei, acho que o caminho era mais curto em termos de cumprimento das tarefas.

E- Olha P16, obrigadíssima! Eu acho que ficava aqui o resto da tarde a conversar contigo...

e- (gargalhadas)

E- ... mas a gente tem a nossa reunião do EFA...

e- Pois...

E- E pronto, e assim em termos do que eu queria abordar contigo, as coisas ficaram mais ou menos esclarecidas...

e- Pronto I., espero ter servido, tenho, espero ter contribuído...

E- ... e espero por ti para o ano...

e- (risos) Eu, sabe que eu gosto de conversar obviamente sobre estas coisas mas numa situação destas, numa entrevista não é?, acaba por ser, eu tenho um defeito muito grande que nas minhas aulas às vezes também peço aos alunos para eles próprios me... como é que hei-de dizer, me desacelerarem; é um processo que [incompreensível] existe na física... há uma altura em que eu estou a pensar nas coisas, vem assim tanta coisa à cabeça que eu às vezes acabo por me atrapalhar nas palavras e...

E- Não, mas foi, eu acho que foi bastante claro tudo.

e- Pronto! (risos)

E- E acho que se não foi mais claro, provavelmente a responsabilidade até foi minha que se calhar não soube colocar as perguntas como...

e- Não, é porque... sim mas é...

E- Mas é assim, isto também, a verdade é que a gente tem um guião mas depois há...

e- Claro!

E- As questões vão surgindo e eu não vou, só para estar a cumprir o guião “Ai, ‘pera aí, então o que é que tu achas não sei do quê?”

e- Sim, sim, sim!

E- Mas acho que foi de facto uma entrevista que correu muito bem e... e sobre tudo porque tu tens uma perspetiva, lá está, que tem a ver com a tua formação, que eu até

aqui, eu já entrevistei quase toda a gente, falta-me fazer uma entrevista, e é a primeira vez que me aparece alguém que tem uma perspetiva assim...

e- Hum, hum...

E- ... porque, regra geral, os problemas da escola são a pintura que está descascada, os pequenos que gritam muito nos intervalos, o tal colega que é desleixado mas que o conselho executivo vai-lhe pondo a mão por cima, a... e é muito interessante de repente poder ter...

e- Hum, hum...

E- ... uma outra forma de ver as coisas. Portanto, 'tou-te muito agradecida...

e- Obrigado.

E- Pronto, obrigadíssima!

e- E agora vamos para a nossa parte...(risos)

E- Exatamente! (risos)

ANEXO VIII
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS A NÃO PARTICIPANTES

ANEXO VIII A
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- VP1

E- Bom, vamos dar então início à nossa entrevista. P., a primeira coisa que vou pedir são alguns dados de natureza pessoal como a tua idade...

e- (silêncio) Queres que eu diga? (risos)

E- (risos) Quero que digas a tua idade, pois!

e- (risos) Isso pergunta-se?! 60.

E- Se fosses uma senhora... pronto se calhar... mas tinha que perguntar à mesma... (risos)

e- (risos)

E- A tua categoria profissional...

e- Queres a categoria... vice-presidente... professor... vice-presidente do conselho executivo...

E- Pronto, isso ia-te perguntar depois porque isso é cargo que exerces; pronto, já disseste, não tem problema... Mas a categoria é contratado, quadro de zona...

e- Ah! Efetivo. Sim.

E- pronto, efectivo. Tempo de serviço?

e- Olha!...

E- Quanto tempo de serviço é que tens?

e- Em 75 para 2015 quantos anos vão?

E- São 40...

e- São 40.

E- Pronto. Ah... Já me disseste que exerces o cargo de vice-presidente da direcção executiva portanto não te vou voltar a perguntar... A tua formação académica?

e- Olha, a minha formação académica é o bacharelato.

E- Exatamente... E há quanto tempo é que desempenhas este cargo de vice-presidente da direcção executiva?

e- (pausa) M. L. [P12], nunca pensei nisso... (risos)

E- (risos) Pois... Então mas quando é que foste para o conselho directivo pela primeira vez?

e-... em oitentas...

E- oitenta e..., foi em oitenta e... não!

e- Foi a seguir ao R.... O R. quando é que saiu daqui?

E- Espera, (pausa) então vocês foram para a direcção... vocês foram...

e- Foi a seguir ao R.. Logo a segui ao R....

E- Exato, eu sei! Tu foste na direcção da V....

e- Exatamente...

E- ... E eu penso que isso foi em 90... 90 ou...

e- Foi logo... foi oitenta, princípios de 90...

E- Foi p'ra aí! Eu cheguei cá em 88 e essas eleições foram no final do meu segundo ano cá, pronto!... portanto, deve ter sido em 90, pronto. Portanto, já estás há muito tempo no cargo. Olha P., vou começar por te pedir que me disseses o que é que pensas sobre a escola. Isto é, quais os aspectos do funcionamento da escola que tu destacas pela positiva e pela negativa?

e- Olha, pela negativa, eu acho que o problema desta escola é... (pausa) a gestão... de recursos humanos do pessoal não docente... ah... isto não, não é numa perspectiva pedagógica da escola... ah... mas os funcionários fazem parte de tudo, um uno que tem de... tem de trabalhar no comum, num objectivo comum, não é?

E- Hum, hum...

e- Portanto, a maneira de estar e a maneira.... Ah.... A maneira de se relacionar que os professores indicam dentro da aula aos pequenos também tem depois cá fora com a ajuda dos funcionários... e essas coisas todas... E às vezes... e às vezes há um desinteresse na... na... na preparação deles... na falta de formação... qualquer coisa assim... Embora, sabes, a gente temos um problema: Na altura em que se começou a requisitar pessoas para a escola, não havia esse cuidado. Portanto, tanto se... ah... tanto entrava uma pessoa com habilitações como uma pessoa... um jovem que já tinha estudado, que já tinha andado na escola, como um indivíduo que nunca tinha andado na escola! Tinha andado até à quarta classe ou.... numa... numa... como e que se ... num ensino totalmente diferente... do depois do 25 de Abril. Ah...

E- Sim, mas em que medida, diz-me em que medida é que tu achas que essa... ah... essa gestão dos recursos a nível dos funcionários auxiliares... ah.... Como é que tu achas que isso influencia, pela negativa, o clima de escola? Porque, dá-me ideia que é isso...

e- Não, eu penso que não influencia o clima de escola...

E- Então?

e- Ah... O que é que influencia? Não influencia o clima de escola.

E- Então porque é que tu achas que isso é uma parte... que é um aspeto negativo na nossa escola?

e- Ó pá, porque... porque... porque... porque... porque... porque os funcionários queixam-se, os professores queixam-se porque os funcionários não estão no seu lugar, os professores queixam-se porque os funcionários não estão no seu lugar ... os professores queixam-se que os alunos andam a fazer barulho nos corredores; os professores queixam-se... ah... destas coisas mais... que o aluno estava a fazer não sei quê que ninguém viu... Estás a perceber?

E- Sim...

e- Ah... Isto tem influencia, isto... repercute-se depois aqui num... (pausa) numa... Ajuda-me... numa... ó pá, naquilo que tu sabes! Tu és professora da escola... Como é que eu hei-de dizer isto?

E- Mas é assim, então desculpa lá mas eu agora vou-te voltar a pôr a pergunta que é: Tu quando me dizes que o aspeto mais negativo desta escola tem a ver com a gestão dos recursos humanos a nível de funcionários ah... não docentes ah... é porque tu sentes mesmo que esse é o grande problema, ou é um dos grandes problemas da nossa escola ou é porque esse é o feedback que te chega dos colegas mas... porque é assim, na tua perspectiva, até pode haver outras coisas negativas mas como não recebes queixas sobre isso...

e- Olha, eu até penso que a nossa escola não tem grandes problemas...

E- Pois, eu...

e- Não... Com toda a sinceridade!... Ouve, nós somos muitos, somos cento e tal professores... ah.... naturalmente que há problemas... mas problemas pedagógicos

graves... ah... Por exemplo, eu nesta escola quantos problemas disciplinares a professores que eu lembra-me haver? Praticamente um ou dois... três casos, no máximo! Ah... inspecções assim de... da Secretaria Regional da Educação, também não me lembra... de haver assim nenhuma inspecção sobre o funcionamento da escola. Portanto, eu penso que a nossa escola... no meio onde 'tá inserido, que até é um foco de atenção, que até é um foco de atenção do meio onde 'tá inserido... Porque há aqui o... os únicos da ilha 'tão todos aqui na, os alunos da ilha 'tão todos aqui nesta... nesta casa! E que as pessoas no Porto Santo gostam muito de focos (risos) para... até penso que nós conseguimos levar... andar com isto em bom ... em boa... conseguimos estar a levar o barco a bom porto.

E- Portanto, é assim, se eu te pedisse uma apreciação genérica sobre a escola, no fundo, pondo numa balança os aspectos negativos e os aspectos positivos, qual é a avaliação que tu fazes da escola?

e- Ah, eu faço mais aspectos positivos!

E- Mais aspectos positivos, pronto. E então, era desse, disso que eu gostava que tu me falasses um bocadinho... Por exemplo, quais são essas... esses aspectos positivos que tu vês na nossa escola?

e- (pausa)

E- Ou o que é que tu, dessa... desse balanço positivo que tu fazes da nossa escola, melhor dito, se calhar melhor, a questão também não 'tá muito bem formulada mas é, dessa apreciação positiva que tu fazes da escola, por exemplo, o que é que tu destacarias? Nessa apreciação positiva, da mesma forma que nos aspectos negativos tu foste buscar, por exemplo, a questão dos funcionários e que eu acho que de facto é uma questão pertinente, ah... mas, dos aspectos positivos, o que é que tu destacarias na nossa escola?

e- (pausa) Ó pá! Olha, penso que o clima de escola que é um clima... é um clima bom! O clima de escola por exemplo é, acho que é, pronto, tendo em questão mesmo as características da pessoa humana e dos interesses que há entre... na profissão... entre pares e essas coisas todas, penso que temos um bom clima de... de escola! Ah... hum... que repercute-se também depois no... no... no... nos resultados! Eu penso que é indispensável haver um bom clima de escola também para haver bons resultados. E o clima de escola proporciona, o bom clima de escola proporciona o quê? Que as coisas

apareçam... ah... ah... duma maneira... eu não digo voluntária... mas que apareçam de uma forma... de interajuda e de... e de objectivos... de comuns mesmo à instituição e de... e tendo em perspectiva os alunos que é a principal coisa.

E- Portanto... ah... Consideras que globalmente a nossa escola é uma boa escola porque as pessoas têm um bom ambiente de trabalho, pronto. De qualquer forma, falaste aí também, salientaste um aspeto negativo que é a questão do pessoal docente e das queixas que tu recorrentemente recibes, aliás, do pessoal docente não, do... do pessoal auxiliar e das queixas que tu recorrentemente recibes do pessoal docente em relação ao pessoal auxiliar. Eu gostava que tu me disseses agora, o que é que tu pensas, apesar desse balanço positivo que fazemos, que fazes da escola... ah... o que é que tu pensas que poderia ser feito para melhorarmos a nossa escola?

e- (pausa) ah... Olha, eu penso que uma das coisas que obrigatoriamente tem de ser feito para melhorar o desempenho dos professores, e o desempenho de todos os intervenientes aqui no nosso sistema, é as condições... ah... as condições de trabalho dos professores. Acho que é indispensável! Por exemplo, os professores querem ir à internet não têm... não têm internet; a internet é uma lentidão... Hoje é uma coisa... indispensável!

E- Hum...

e- Indispensável e que... e que rentabiliza o trabalho de uma pessoa. Portanto, eu penso que as instalações é uma coisa... é uma coisa importante. ...Ah... O que será mais importante?... A parte pedagógica? a parte pedagógica funciona; penso que funciona normalmente bem. Nós temos também um sistema de reprografia que funciona bem, que dá muito apoio aos professores... Didaticamente, também apoiamos bem os professores, razoavelmente, dentro das possibilidades... ah... material didáctico... ah... Não sei o que é que... assim, uma coisa assim que se evidencie que é preciso... Eu penso que a escola tem patamar assim... já razoável.

E- E portanto, na tua perspectiva, aquilo que pode contribuir para uma melhoria da escola passa muito pelas condições de trabalho dos professores, é isso?

e- Passa, passa, passa... penso que sim.

E- Exato! Ah... Isso leva-me a uma outra questão que é falarmos um bocadinho da actividade dos professores, não é? ah... E a actividade dos professores, compreende várias dimensões, não é? Porque nós temos o nosso trabalho de sala de aula mas depois

temos outras funções que desempenhamos fora da sala de aula e eu gostava que tu me falasses um bocadinho o que é que tu pensas sobre essas diferentes dimensões da actividade dos professores, ou seja... Quando u olhas para o teu corpo docente ah... há seguramente professores a quem tu atribuis mais qualidades do que a outros, e... ah... quais são os parâmetros que tu usas (interrupção para o entrevistado atender o telefone)

e- Desculpa...

E- Não faz mal! Portanto, quais são as dimensões da actividade dos professores que tu consideras mais importantes? (o telefone volta a tocar) põe no silêncio P., basta pôr no silêncio...

e- estes telefones também são como tudo, L. [P12].

E- (risos) Olha, por acaso também tenho o meu no barulho, vou aproveitar para o pôr no silêncio que ele toca sempre nas horas mais...

e- Ai pá, que chatice! A gente esquece-se sempre disto...

E- Ele toca sempre nas horas mais indiscretas de maneira que...

e- É mesmo! Ok! Bem, senhora professora...

E- Bem, vou repetir a minha pergunta, não é? Que dimensões da actividade dos professores é que tu consideras mais importantes?

e- (pausa) Olha, eu penso que o... a escola... ah... eu penso que a actividade dos professores mais importante é aquela que ele... que ele faz para o aluno... dentro da sala. Dentro da sala de aula. Mas depois, tem a interligação ah... da escola com o meio.

E- hum, hum...

e- Tem a interligação da escola com o meio e também tem a... a... portanto a parte... como é que se diz? A parte... 'tá-me a faltar o nome... a parte... não é só a parte com o meio... mas actividades... actividades que... que completam a formação dos alunos sem ser aquela formação feita através dos manuais escolares... Como 'tou-me a lembrar, os teatros, os clubes...

E- Sim, a participação em actividades de complemento curricular.

e- ... a participação em actividades... pronto. E nós sabemos que aqui na escola também tanto aparecem... ah... actividades junto dos clubes mas também aparece actividades que eu acho que é uma coisa muito boa, de grupos que por iniciativa e por necessidade,

fazem esse tipo de... também de trabalho. Portanto... ah... transpondo muitas vezes aquilo que fazem dentro da sala de aula para uma... para uma realidade inserida no meio, por exemplo. Portanto tem aqui duas vertentes: é a vertente dentro da sala de aula como tu disseste, depois disseste fora da sala de aula...ah... e a nossa escola nesse aspeto... eu não sei se o meio proporciona, mas nesse aspeto também... também por exemplo ‘tá-me a lembrar aquele grupo de teatro dos cursos de formação e pelo grupo de animadores de formação que é, eu acho que é gerido pela Andreia, que vai para os hotéis, que este ano fartou-se de fazer algumas actividades nos hotéis e nalgumas associações como na Liga Contra o Cancro e... penso que os nossos professores no fundo, tirando dois ou três (risos) são excelentes!

E- Olha, e diz-me uma coisa, pronto! Já percebi que tu consideras que tens um corpo docente de.. de grande qualidade e isso eu acho que é ótimo mas disseste-me aí “tirando dois ou três”, pronto, não quero saber quem são os dois ou três, obviamente...

e- (risos) Também não te digo!

E- ... mas o que eu gostava era que tu me dissesse, na tua perspectiva, o que é que podemos fazer, ou que é que se pode fazer... ah... como é que tu pensas que é possível melhorar o desempenho dos professores que tu... pronto, quando tu pensas num bom professor e pensas num professor menos bom, seguramente que deves ter na tua cabeça algumas ideias, até como membro do órgão de gestão, que é, O que é que eu posso fazer para melhorar o desempenho deste professor?... Se é que achas que é possível fazer alguma coisa ou... ou que é uma fatalidade... do destino termos sempre umas ovelhitas...

e- Bem isso pode... pode ser isso, isso pode-se equacionar de várias formas. Por exemplo, se o professor foi para o ensino por vocação ah.... E depois no desempenho da sua profissão ah... encontra dificuldades ou porque... por vários motivos, não sei... Como é que eu hei-de dizer... ou porque não está no meio... porque não está no meio familiar, por exemplo! Se o professor ‘tiver deslocado e não tiver no seu meio familiar pode surgir... ah--- problemas que se podem repercutir na sua função profissional. Eu não sou nenhum psicólogo nem nada do género mas não sei, a gente somos tão diferentes uns dos outros que às vezes umas repercussões de uma situação... uma situação repercute-se nuns e não se repercute noutros... Agora, há colegas que realmente não têm vocação para ... ah... para ser professores. E que realmente estão no ensino... ah...

E- Mas pronto P., o que eu queria era, não tanto que tu me fizesses esse diagnóstico que isso a gente já sabe: temos sempre pessoas mais motivadas, menos motivadas...

e- Sim, sim. Pois...

E- ... mas era... ah... o que é que tu achas que nós podemos fazer na escola... ou em abstracto, mas o que é que se pode fazer para tentar melhorar o desempenho dessas pessoas que, não interessa porquê estão com... pronto, não 'tão a contribuir de uma forma tão positiva como tu achas que deveriam estar?

e- Sim mas é... é... eu penso que é sempre indispensável fazer um diagnóstico.

E- Sim, mas a gente faz o diagnóstico mas depois do diagnóstico feito o que é que tu achas que nós podemos fazer para melhorar o desempenho das pessoas? Porque... E não tens que achar que a gente tem que fazer nada; podes achar que é uma fatalidade e que não há nada a fazer mas... (risos)... Mas, gostava de saber se tu achas que há realmente alguma coisa a fazer ou não?

e- ... (pausa)

E- Por exemplo, não... não... não me dês casos concretos...

e- Sim... ouve... naturalmente...

E- ... pensa, por exemplo, pensa num caso concreto e diz assim "Se calhar, o que é que eu podia fazer para pôr esta pessoa a... a ter uma actividade um bocadinho melhor?"

e- Naturalmente, há sempre, há sempre tentativas... há sempre... preocupação; tentar ir... tentar melhorar essa situação do professor...

E- Pronto!

e- ... como por exemplo, saber se o nível de ensino que ele 'tá a dar se está a ser o apropriado, se não tem influência nisso... se o horário que ele... que ele 'tá a leccionar na escola se é um horário também adaptado ao... à... ao ritmo biológico da pessoa, que isso também pode... a gente, é difícil entender estas coisas mas estas coisas são muito complicadas... o ritmo... portanto, era preciso realmente... é preciso ir sempre à procura de soluções e tentar melhorar. Ver por exemplo o... já disse aqui duas ou três coisas: O horário, o...

E- Sim, isso que disseste, a mim parece-me muito relevante, a questão do nível de ensino...

e- ... o nível de ensino...

E- ... porque há pessoas que com o secundário têm um desempenho muito bom e se as meterem no terceiro ciclo é um desastre. Isso eu acho que é uma observação muito pertinente.

e- Por exemplo, há pessoas que acham que só começam a trabalhar bem do meio-dia para a frente (risos)...

E- (risos)

e- (risos) Tu sabes que é verdade L. [P12]! (risos)

E- (risos) Eu sei!

e- ... outras que preferem trabalhar logo de manhã...

E- Às oito da manhã, exactamente!

e- ... outras que são indiferentes, também é verdade! Ah... portanto... ah... é preciso... penso que sempre que possível, que a pessoa 'tá inserida, não 'tá sozinha...

E- Claro!

e- ... na estrutura escolar. Portanto, a pessoa faz parte de uma estrutura escolar mas sempre que for possível, ir ao encontro destas... destes problemas e tentar ajudar e tentar resolver. Isso...

E- Sim, mas por exemplo, para além dessa dimensão que é uma dimensão organizacional, que é o pensar “Qual é o nível de ensino mais adequado para aquela colega?” ou... ah... “Será que é melhor para ela ‘tar no ensino recorrente ou ‘tar no ensino regular?”, “Será que é melhor pô-la a trabalhar logo de manhã ou se calhar deixá-la para o ensino nocturno ou dar-lhe um horário à tarde?”, “É uma pessoa que...” Pronto, para além... que eu acho que são questões muito relevantes mas que são questões organizacionais, não é? Que têm a ver com a organização da escola. Para além dessas questões, e que eu acho que... que, por exemplo a mim não me passavam muito pela cabeça mas que eu acho que são de facto muito pertinentes e que tu levantaste, como é que tu achas que... porque a gente sabe que mesmo depois de atender a todas essas coisas, às vezes, e atendendo a essas coisas, temos sempre professores que têm um desempenho... melhor...que estão mais entrosados na vida da escola e outros que estão

mais desligados. Como é que tu achas que nós podemos melhorar o desempenho dos professores?

e-(pausa)

E- Ou achas que a partir do momento em que tu proporcionaste ao professor todas as condições organizacionais, respondeste aos pedidos que ele te fez, só lhe atribuíste aqueles níveis de ensino que o professor gosta, deste-lhe o horário no turno que ele gosta e depois, mesmo assim, as coisas não correm bem, tu dizes “Eh pá, eu a este já não lhe posso fazer mai’ nada!” quer dizer... Tu também podes ter...

e- Sim, sim, sim, sim... Pode-se chegar a uma situação dessas, perfeitamente; eu acho que sim. Não... não sei! Ah.... Sei lá, até colocando... colocando o professor noutra departamento... ou... ou... fazendo a reconversão que agora ‘tá em voga. Fazendo a reconversão da... das funções dele... Sei lá! Até pode ser um bom administrativo, por exemplo, em vez de ser um bom professor. Isto no... no extremo... que foi aquilo que a L. [P12] disse. Mas depois de fazer tudo, tudo, tudo, o que é que se pode fazer mais a esta alma?... Isto, isto não havendo casos... ah... disciplinares, não é? Se houver, se houver casos disciplinares há o processo disciplinar e o processo disciplinar... depois dá o castigo que entender...

E- Portanto, é assim... ah... em termos de desempenho dos professores, tu achas que o desempenho dos professores está sobretudo ligado a questões de carácter organizacional, não... ah... Por exemplo, as questões da formação: tu achas que têm ou não têm peso no desempenho dos professores?

e- Têm! Acho que tem.

E- Então gostava que me falasses um bocadinho desse lado...

e- A questão da... da formação... eh.... Bem, agora os professores fazem muita formação... Até porque precisam para o seu... para a sua carreira... para a sua carreira... eh... profissional. Agora, o que se pode pôr em questão é se aquela formação que lhes é oferecida, ou que eles escolhem, se vai ter repercussões... ah... se vai ter repercussões no leccionamento da... das aulas!... Ou saber também se o professor escolhe aquelas formações que têm repercussões no funcionamento das aulas! Porque às vezes, pode haver formações que é mais fácil o professor... a que o professor adere e vai... ah... porque é mais fácil de fazer o relatório no fim; ou porque é (risos) ou porque

é mais fácil... ah... não sei! Ou porque o monitor é mais... é mais simpático e às vezes não vai a uma acção de formação que é mais proveitosa para o... para o seu...

E- ... desempenho.

e- ...desempenho profissional porque... o monitor... não é do agrado ou é mais exigente... ‘Tá a perceber? Quer dizer... eu penso que pode... Porque a formação existe! Se o professor quiser tirar formação, se for uma pessoa interessada profissionalmente... eh... por uma... eh... problema de formação... não existe. Não existe... ‘tô a falar...

E- Sim, eu percebo, ‘tás a falar em abstracto...

e- ... aqui no Porto Santo é diferente.

E- ... aqui no Porto Santo o problema coloca-se um bocadinho porque estamos isolados...

e- ...Exatamente! Porque estamos isolados. Portanto, mas eu estou falando assim...

E- Sim, em termos abstractos!

e- Portanto, está realmente no aproveitamento que o professor faz da... da... da, da formação.

E- Portanto, da, das tuas palavras, e corrige-me se eu estiver errada, ah... pode concluir-se que tu atribuis uma importância significativa à formação contínua?

e- Sim, sim, sim, sim!

E- Tu achas que a formação contínua...

e- Acho que é... é muito importante, é!

E- fala-me um bocadinho disso...

e- Ah... a formação contínua... é... porque a pedagogia vai... vai evoluindo. (pausa) A própria sociedade evolui em relação a... a dinâmica social vai evoluindo... o pensamento das pessoas também evolui. A tecnologia evolui... tudo evolui, quer dizer... ah... Há aquela célebre frase que o que se diz hoje amanhã pode ‘tar errado... Basta... basta pensarmos desta forma para termos a percepção que é preciso uma formação... contínua. (pausa) ah... não é?... eh...

E- E achas, por exemplo, então, deixa-me inserir aqui esta questão que é, e achas por exemplo, da parte da escola, não deverá haver uma preocupação em... ah... oferecer... eh... não digo toda, mas pelo menos alguma formação?... aos professores, por exemplo?

e- (pausa) Sim. Acho que... acho... eh... acho que devia de haver uma... Mas hoje, portanto, hoje, há... há... não digo, é... Por exemplo, 'tou-me a lembrar, os sindicatos oferecem muita formação. Portanto, o... o... o... ah... A própria Secretaria Regional também oferece. E por exemplo, nós temos aqui um exemplo que eu não sei se é muito, se nas outras escolas como é que é, que eu não tenho o feedback das outras escolas, mas temos aqui acções feitas pelos próprios colegas, por próprios professores da nossa escola!... Que fazem formação aos... aos colegas e que... portanto, penso que as escolas também podem dar um contributo, melhor dizendo ainda, se calhar até é muito bom este tipo de formação porque é aquela formação que é a própria escola que sente... mais necessidade... que vai à procura! Portanto, escolhe, não é aquela formação que é... oferecida... sem se saber... Portanto, a formação dada pela escola é aquela... é aquela formação que é sentida mais da realidade com aquela própria... escola.

E- Então...

e- ... e com os meios, não é? Com os meios e com o corpo docente.

E- Então agora, deste-me aí o... o... digamos assim, o empurrão para te lançar uma pergunta que é, ... ah... fala-me um pouco, se é que tens alguma informação sobre isso, sobre a Comunidade de Prática que 'tá a funcionar atualmente na nossa escola...

e- Hã?...

E- A Comunidade de Prática que 'tá a funcionar actualmente na nossa escola...

e- (pausa)

E- Sabes que existe uma Comunidade de Prática a funcionar na nossa escola, ou não sabes?

e- (pausa) Posto dessa maneira...

E- Posto dessa maneira... Então eu vou pôr de outra maneira, pronto. Sabes que eu estou a dinamizar uma acção de formação com colegas?

e- Sei sim senhora...

E- Pronto! Essa acção de formação...

e- Isso chama-se...

E- ... é uma Comunidade de Prática...

e- Comunidade de Prática, chama-se assim...

E- Exatamente! Ah... o que é que tu sabes, objectivamente sobre essa... sobre essa formação que 'tá a funcionar aqui na escola?

e- Olha, o que eu sei é que isso é uma formação que não é... feita nos moldes... habituais. Portanto, que é uma formação que é feita... eh... ao longo de muito tempo e que vai... vai tendo feedback de... de... como é? De... de aula para aula... Essa formação vai tendo feedback do que se vai passando e vai... vai... como é que se diz... questionando... questões que se insiram nos objectivos dessa própria formação... Mas... é uma formação que eu acho que é... bastante proveitosa porque tem, é género de um estudo que se faz durante um X período de tempo, não é?

E- Então, diz-me uma coisa... Pronto, já percebi que não temos muita informação sobre o funcionamento da Comunidade, mas na tua perspectiva, como é que tu vês então o trabalho realizado por este grupo de docentes?... eh... tens uma opinião sobre este trabalho?... ah...

e- Foi uma proposta de formação que teve bastante aderência dos... dos... do corpo docente e que as pessoas empenham-se... empenham-se muito nisso! Porque realmente... E depois é uma... é uma... é uma formação que empenha os professores porque não é aquela formação... eh... dada em blocos, X horas, e pronto, têm de saber tudo em X horas e vamos todos embora! Não, as coisas funcionam ao longo do tempo e isso tem sido óptimo. Tem sido bastante motivador para os elementos que... participam nessa formação.

E- portanto, na tua perspectiva, fazes uma avaliação positiva da existência desse grupo de professores...

e- Sim!

E- ... na nossa escola?

e- Absolutamente!

E- E por exemplo, já agora, deixa-me fazer-te esta pergunta: Ah... que vantagens é que tu vês entre esta formação e, por exemplo, aqueles cursos de formação que nós

frequentamos, como frequentámos aquele de... da... da... gestão da... Ai, como é que se chamou aquela formação que fizemos este ano?... Dinâmica de Grupos, por exemplo?

e- Sim... sim...

E- Que vantagens é que tu vês, quando tu comparas este grupo de professores que temos na escola em formação, em auto-formação, digamos assim, a... e essas formações mais concentradas no tempo...

e- Exatamente...

E- ... ah... já agora, também gostava que me dissesse um bocadinho... porque com certeza que uma e outra têm vantagens. Também não vamos agora diabolizar esta formação em pacotes, entre aspas, não é? Mas gostava que me falasses um bocadinho do que é que tu achas... as mais valias desta, que é gerada no contexto da escola e que vai sendo desenvolvida ao longo do ano e também comparar um bocadinho com estas que são trazidas externamente... pronto, gostava que me falasses um bocadinho disso, se fosse possível...

e- Ah... como é que eu hei-de... dizer, L. [P12] ... Ora, a diferença entre umas e outras na escola? Eu não sei... eh... eu não sei... Portanto, isso... aqui na nossa escola penso que é a primeira vez que isso é oferecido, uma formação assim dentro desses... dentro desses moldes...

E- Sim... já houve coisas semelhantes... Eu já dinamizei coisas semelhantes, mas assim, nestes moldes, é de facto uma coisa inédita...

e- Portanto, eu penso que isso também motiva... motiva a curiosidade dos... dos professores... Mesmo sendo assim uma coisa diferente, inédita, motivou bastante a participação dos professores... As outras acções de formação, são aquelas formações mais clássicas, que têm o seu... mas que... já têm aquele formato de... de... ah... aquele formato da formação! Aquelas horas compactas, portanto... eu penso que essa diferença que motiva... a curiosidade...

E- Tu achas que a diferença essencial entre uma e outra é o facto de uma ser uma novidade, é isso?

e- ... ah... Nem só, porque... nem só. Porque a maneira de... ah... ah... aprender e de focar os problemas, são completamente diferentes... ah...Portanto... com a... Portanto,

remodelando as questões que se vai... pronto, que de aula para aula, de formação... de aula para aula da formação se vai percebendo, portanto isso é muito interessante...

E- Achas que isso é muito interessante? (pausa) Bom P.,... ah...acho que as coisas essenciais que eu te queria... ah... as questões essenciais que eu te queria colocar já coloquei... ah... Não sei... ah... Se não tiveres assim mais nada que queiras falar um pouco... à volta desta questões da formação, da escola, da relação entre a formação e a escola... daremos por encerrada a nossa conversa...

e- ah... penso... penso que as coisas estão bem encaminhadas. 'tá bem! Olha gostei...

E- Bem encaminhadas como?

e- eh... A formação... começa-se... a formação existe... ela existe... ela é variada...ela é... portanto... assim os professores saibam escolher as coisas... as coisas certas! Para... as coisas certas, adaptadas à sua função... ao seu grupo, ao seu desempenho, à sua disciplina... Que as coisas correm bem.

E- ok P.. Olha, obrigadíssima pela tua colaboração; muito obrigada!

ANEXO VIII B
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- VP2

E- Bem, então senhor professor, vou começar por lhe agradecer a sua disponibilidade, desde logo, e começar por lhe pedir alguns dados pessoais, como a sua idade...

e- Quer escrever?

E- Não, não! Quero que me diga. Isto 'tá a gravar!

e- Já 'tá gravar?

E- Já 'tá a gravar... (risos)

e- Ah! Que engraçado! A... 49 anos.

E- 49 anos... O seu tempo de serviço...

e- Hum... hum, hum... A... não sei precisar L. [P12] mas penso que são... 20 e... e... 7..., por aí...

E- Ok. Habilitações académicas...

e- A... habilitações académicas... Licenciatura em ensino da matemática pela faculdade de ciências da universidade de Lisboa e mestrado na área de ensino da matemática também pela universidade de... da Madeira!

E- Ok! Cargo que exerce?...

e- A... vice-presidente do conselho executivo!

E- E desempenhas esse cargo há quanto tempo?

e- E meu deus... não sei ao certo... Mas a... pff... Uns 16 anos... por aí... 16, 17...

E- Ok R., obrigadíssima. Bom, então a... gostava de te pedir a... que me falasses um pouco desta experiência que nós lançámos este ano de construir uma comunidade de prática, portanto aquela... aquele grupo de professores que 'tá a trabalhar nesse projecto... o que é que tu sabes sobre isso, o que é que pensas sobre isso? Gostava que me falasses um pouco disso...

e- A... eu sei muito pouco... sei muito pouco...

E- Não faz mal... Não tens que saber muito...

e- A... Aliás, sei muito pouco ou nada! ... É no âmbito do trabalho que tu estás a fazer e a formação que estás a dar aos fins de semana, não é?... A... Eu sei que trabalhas para um grupo de colegas e não sei exactamente quem são... O Paulo Almeida penso que é um deles... A... de resto, nem sei quem são os outros colegas, a... mas não sei

exactamente o que é que 'tão a tratar, não é? Tenho ideia que trabalhas regularmente com eles... Há formação aos fins de semana, aos sábados mas exactamente a... em que moldes, como é que é feita... como é que, enfim... É feito trabalho teórico-prático? Não sei... não sei!

E- Ok! A...Então vou passar a outra questão a... que é, a... gostava que me disseses o que é que tu pensas sobre a nossa escola? Isto é, a... olhando para a escola e para o seu funcionamento, que aspetos é que tu destacas pela positiva e que aspetos é que tu destacas pela negativa?

e- Hum... isso é uma pergunta difícil... (risos)

E- (risos) Não é nada!...

e- Pergunta difícil... A... O que é que destaco a... vamos começar pela negativa: A... as condições de trabalho, claramente! A... a nossa... a nossa escola, a... os nossos espaços, a... físicos, estou a falar dos espaços físicos. A... não são... aqueles que... a... gostaríamos que fossem, não é? Não é uma escola... moderna no sentido de termos uns espaços acolhedores... a... o piso, as mesas, a... a sala de aula... Nalgumas salas de aula não temos as condições que gostaríamos que tivesse! Há outras salas de aula, como os laboratórios, como as salas normais, as salas ditas normais grandes que... enfim, têm... têm o espaço físico, as cadeiras e as mesas, o quadro, mas não temos os meios audiovisuais que gostaríamos que tivessem, não temos lá... a rede elétrica é... nalgumas vezes deficitária... a rede informática... não existe! Só existe nas salas de informática; portanto, gostaríamos de ter a... em cada sala de aula um ponto onde as pessoas pudessem, com facilidade e sem constrangimentos aceder à... à internet, por exemplo, para poder mostrar quando fosse oportuno, não é? Quando fosse... a... na dinâmica de aula, quando fosse interessante mostrar qualquer coisa que o professor, ou que um aluno se lembrasse de ver rapidamente para que... exemplificar, contextualizar, enfim... a... uma última notícia ou um último... uma última novidade e essa... isso não é possível! Nas nossas salas de aula não é possível fazer isso... apenas nas salas de informática; a rede wireless também funciona mal, a... eu penso que cada vez mais os professores 'tão motivados para o uso das novas tecnologias e na nossa escola, infelizmente nós não temos as condições p'ra usarmos as novas tecnologias da forma que gostaríamos que toda a gente pudesse usufruir... a... eu não sei ao certo mas se calhar um ou outro, muito poucos professores no presente na nossa escola não gostarão de usar as novas tecnologias, muito poucos... Acho que a grande maioria gostaria, se

pudesse, de utilizar as novas tecnologias na sala de aula. A... de resto, hum... fora da sala de aula...

(interrupção)

E- Pronto, então estávamos na questão das novas tecnologias, estavas a dissertar sobre isso ainda nos aspetos negativos, portanto peço-te que continues...

e- Estávamos a falar sobre os aspetos menos positivos da nossa escola...

E- Exatamente! Da nossa escola...

e- A... e estava a falar na rede informática que praticamente não existe! A... nem... a rede wireless é um pouco... deficitária. A... embora estamos a ponderar e a prever que se faça algumas melhorias na rede wireless, sobretudo nos halls de entrada dos corpos e na cantina para que as pessoas que queiram, estou a pensar nos alunos e nos professores, a... possam ter acesso à internet por aí, dessa forma. A... é preciso lembrar que a escola tem já cerca de trinta e quatro anos, não é?... o edifício tem cerca de trinta e quatro anos... E... as novas tecnologias surgiram em força já neste século...

E- Exatamente...

e- ... já neste século! A... e portanto, esta escola não estava pensada para, tão pouco na altura não se pensava nas novas tecnologias. Ainda assim, temos feito, a escola tem feito algum esforço no sentido de proporcionar as melhores condições possíveis quer para os alunos quer para os docentes. A... estamos longe do ideal, como é reconhecido por todos. A... e porque a escola tem trinta e muitos anos e porque enfim, tem de se adaptar ao longo dos tempos às novas realidades, a verdade é que a própria estrutura da escola, a fisionomia da escola, não é tão agradável como aquela escola que nós gostaríamos que fosse, como os antigos liceus, não é? que são as nossas escolas-modelo... A... (pigarreia) ainda um aspeto menos positivo tem... tem a ver com a... a... a degradação dos espaços desportivos, particularmente o polivalente e o ginásio que neste momento estão inacessíveis à prática desportiva e portanto os nossos colegas, os nossos professores de educação física não poderão fazer uso desse espaço, tendo que ir para o novo pavilhão, que fica aqui perto mas o eu implica que as crianças e os professores tenham que sair do recinto escolar, digamos assim... têm que passar por uma zona pública o que nos causa algumas perturbações de funcionamento, a... nomeadamente no acompanhamento dos alunos, quer na ida quer no regresso. A... ‘tou-me a referir à ida e o regresso para o...

E- Sim, sim, sim...

e- ... pavilhão. Aspetos ainda menos agradáveis, a... a... talvez referir, apesar de tudo, a nossa cantina, que dentro das possibilidades temos vindo a oferecer algumas ementas... no melhor... são as nossas sandes enriquecidas, mas que se fosse possível a cantina e em simultâneo a cozinha funcionar, talvez fosse uma mais valia digamos para o funcionamento da escola. (pausa) Embora nós sejamos defensores de que as crianças, preferentemente, a... e tem sido possível ao longo dos anos, preferentemente a... possam tomar a refeição principal, o almoço, juntamente com as famílias, ou seja, no espaço familiar, não é? Temos defendido essa ideia a... que é... que é importante, do meu ponto de vista e... a... que as pessoas, que os alunos possam ter ocasião de almoçar com as famílias, embora nós saibamos que nem todas as famílias têm possibilidade de almoçar em conjunto... nem jantar em conjunto; mas, se pudermos chegar à grande maioria, se for possível à grande maioria... eu não... não conheço completamente a realidade da ilha mas penso que a maior parte das pessoas, a maior parte dos nossos alunos, seguramente almoçarão com os seus pais e portanto isso acho que é um... acho que é um ponto que é importante! Ah... hum... Aspetos negativos... ainda... a... a falta de pessoal; falta de pessoal não docente... e temos vindo a perder pessoal não docente nos últimos anos e daí, sobre tudo nos momentos de intervalo, sobre tudo nos momentos de intervalo, não temos a quantidade de pessoas que precisaríamos de ter para dar resposta às solicitações... quer nos corpos, cada um dos três corpos, quer na cantina, quer nos espaços exteriores: portão norte, portão sul e nos jardins, não é? Termos um controlo e uma vigilância um bocadinho mais apertada, a bem dos nossos meninos, não é? A ideia aqui é acompanhar, acompanhar os alunos e particularmente os mais novinhos, acompanhá-los... a... no sentido de não os deixar sair das nossas instalações, do espaço escolar e por outro lado, fazer com que, ou... ou verificar se as coisas estão a funcionar normalmente, se não há pequenos acidentes, se não há acidentes de qualquer natureza, de qualquer espécie... De facto, a falta de pessoal não docente, a... é... é um handicap, é um... a... é um problema que nós temos tentado minimizar mas a verdade é que nós não conseguimos dar resposta a todas as solicitações, quer dos professores quer problemas pontuais que vão acontecendo mas que acontecem e que podiam ser evitados, podiam ser minimizados se tivéssemos mais colaboradores... a... mais colaboradores nessa área, como em tempos já... já acontecia. A... aspetos negativos que mais?... a... a... alguns serviços eventualmente podiam estar

com maior disponibilidade; estou-me a referir à reprografia, ‘tou-me a referir à papelaria; um horário de funcionamento mais alargado e talvez melhorar um bocadinho na qualidade do serviço; embora a reprografia tenha acidentes pontuais com a inoperacionalidade de algumas máquinas, às vezes não temos nenhuma em funcionamento, acontece... a assistência às máquinas leva o seu tempo... o técnico que dá assistência às máquinas, trabalha na ilha do lado (risos)... na Madeira e portanto para chegar à nossa escola tem que ser no dia a seguir! Às vezes não é no dia a seguir; é dois, três dias a seguir, não é? Portanto, é mais um handicap... A ... na... voltando à cantina, já tinha referido a questão das refeições para quem quisesse, não é? para quem quisesse... podia ser uma mais valia para as pessoas que gostam de trabalhar e tomar a refeição no local de trabalho; trabalhar, isto é, no ambiente escolar, não é? não tendo portanto... não tendo que ir a casa e... e portanto podiam aproveitar, rentabilizar mais o seu tempo se houvesse oportunidade de termos uma refeição um bocadinho mais completa, embora tenhamos algumas coisas ao longo do ano; não são coisas que estão disponíveis sempre, estão disponíveis de forma irregular mas temos algumas coisas que são oferecidas quer pelos serviços que são requisitados, contratualizados, quer pelo... pela... pelo nosso projecto de Rede de Bufetes Escolares, como é que é? É Rede de... REBS...

E- Penso que é Rede de Bufetes Escolares Saudáveis, não é?

e- Rede de Bufetes Escolares Saudáveis, é isso! A... e algumas coisas que também são construídas... são construídas, são confeccionadas pelos nossos colaboradores, pelo nosso pessoal que trabalha na cantina... Que mais? Coisas menos agradáveis? A... o edifício em si... o próprio piso entre os corpos, nos átrios... o piso não é regular, não é? Bem pelo contrário...a... (pausa) Coisas que eventualmente pudessem ser melhoradas... a... Não sei, não ‘tou agora a lembrar assim de mais nenhuma...

E- Se calhar é melhor passarmos às coisas que funcionam bem, não?! (risos)

e- Não ‘tou me a lembrar assim de... de nenhuma além das já que já referi... a... Coisas que funcionam bem, desde logo eu acho que o espírito, não é? o espírito de trabalho dentro da escola, entre os colegas, entre o pessoal docente, acho que de forma geral funciona bem, é a impressão que eu tenho, não é?... Pode haver, aqui ou ali alguma situação menos agradável mas... a impressão que eu tenho, a impressão generalizada é que o ambiente é extremamente agradável entre o pessoal docente. (pausa) Entre pessoal docente e o pessoal discente, os alunos e também entre o pessoal não docente, o

peçoal... os poucos que nós temos, ainda temos alguns, a... acho que de forma geral o espírito de trabalho, interajuda, cooperação, acho que é... acho que é bom. Tenho uma ideia bastante favorável relativamente a esse espírito de trabalho... a... apesar das condições físicas e dos condicionalismos que a escola tem, apesar de tudo acho que os alunos... não estarão tão prejudicados... a... como se possa pensar, não é? Porque eu acho que os professores fazem o melhor trabalho possível, mesmo com os constrangimentos de não terem... poderem... alguns gostarem de dar aulas de outra natureza, de forma um bocadinho mais... mais dinâmica, usando os meios a... electrónicos, não é? a rede... a rede da internet. Mas penso que dão as melhores aulas que têm possibilidade de dar e de acordo com... portanto a... aquilo que é... que está ao alcance deles, de acordo com as condições que a escola oferece... Penso que os nossos alunos, a... têm tão boas aulas como a... como a maioria das escolas, que os nossos professores trabalham da melhor forma possível; portanto, isso verifica-se um pouco com os resultados das provas finais nacionais... podemos... não tenho nenhum estudo detalhado sobre isso mas acompanho um bocadinho, não é? não aprofundadamente mas fico com a noção de que os nossos resultados nas provas finais nacionais não são... a... tão maus quanto isso, não é? Estamos ao nível da... enfim, nós queríamos estar no topo, não é? queríamos estar ao nível das melhores mas penso que estamos a... não somos nem os melhores nem somos os piores! ‘Tamos a... a meio da tabela...

E- Desculpa meter-me na tua conversa mas é assim, acho que não ‘tamos muito mal porque normalmente ‘tamos nos níveis...

e- ... mais acima...

E- ... ‘tamos nas escolas mais bem classificadas da região...

e- ... ao nível da região; ao nível da região...

E- E por exemplo, os últimos dados que eu consultei, a nível nacional de 2013... de 2013, a... no cômputo de todas as escolas do país nós estávamos nas 50%...

e- ... acima...

E- ... portanto dividindo em... as que ficam a... portanto as cinquenta... as... a... a metade pior e a metade melhor, nós estamos na metade melhor. Não estamos especialmente bem cotados mas estamos na metade melhor, portanto...

e- Portanto nós estamos numa escola pública de modo que temos aí todos os meninos, não temos meninos selecionados, não é? São os que existem, são os que estão, são os que vivem na nossa ilha e portanto, tendo em conta a... essa realidade, somos, sermos uma escola pública... a temos as condições que temos... acho que os resultados não são desanimadores, não é? De alguma forma temos conseguido a... temos conseguido... resultados... resultados bem razoáveis, não é? Portanto, isso reflecte, reflecte o trabalho dos... dos nossos professores e o trabalho dos nossos alunos, o empenho dos nossos alunos e isto é um pouco como, enfim... como as gerações, não é? às vezes tornam-se um bocadinho mais fortes, há gerações um bocadinho... menos fortes e portanto, de forma geral, acho que os resultados... os nossos resultados escolares que têm sido, têm vindo a ser alcançados pelos nossos alunos são bastante razoáveis e portanto não nos... a...significa que... não, não tendo as melhores condições, 'tamos a percorrer um caminho positivo, não é? 'tamos a... penso que estamos a... a... é um bocado arriscado dizer-se que estamos no caminho certo mas acho que estamos a percorrer um caminho a... o caminho mais adequado, ajustado à nossa realidade, vá lá. (pausa) a... Sobre os aspetos positivos, ainda... eu penso que não vou referir mais nada de especial, não é? Eu acho que... que este espírito que se sente e que se vive, vivencia, eu tenho já muitos anos de órgão de gestão... e eu estou aqui com gosto e... por gosto... e... e portanto procuro trabalhar no sentido de continua a proporcionar as melhores condições possíveis para os nossos alunos e p'r'os nossos colegas e... e feito assim em cima do joelho o balanço, não posso dizer que estou insatisfeito, não, não posso dizer! Acho que as coisas têm funcionado... têm funcionado e as pessoas têm depositado confiança nesta equipa que vem a... a liderar a escola já há muitos anos, coo se sabe (risos). Portanto, as pessoas continuam a depositar confiança nesta equipa, portanto quer dizer que as coisas têm... têm funcionado, não é? Não posso estar... desagradado... não posso dizer isso.

E- Eu acho que... a... pronto, esse balanço que tu fizeste é positivo, eu pessoalmente também tenho uma visão positiva da escola, embora o que está aqui em causa não seja a minha visão (risos)...

e- (risos)

E- ... mas é assim, a... apesar de tudo, notei que quando tu falaste do aproveitamento dos alunos, claro que... é... é satisfatório, estamos sempre entre... nas melhores escolas da região, também não estamos nos piores a nível nacional, mas pareceu-me que... das

tuas palavras, pareceu-me poder depreender que gostarias que as coisas fossem melhores...

e- Com certeza!

E- E o que gostava...

e- Com certeza que gostaríamos sempre, gostaríamos de ter melhores resultados, não é?

E- ... e o que eu gostava de te perguntar é como é que tu achas, o que é eu tu achas que nós, enquanto escola, não as coisas que são externas e que nós não podemos controlar, como as alterações curriculares, isto, aquilo e o outro a que a gente não pode fugir...

e- Sim...

E- ...mas enquanto escola, o que é que tu achas que poderia ser feito para que houvesse uma melhoria desses resultados escolares?

e- A... Eu penso que há coisas que de facto nós não conseguimos controlar, há outras que eventualmente possamos reforçar e... e melhorar. A... refiro-me particularmente à disciplina na sala de aula... a... a... eu acho que é fundamental. A... a disciplina, a organização, a dinâmica de sala de aula é... é importantíssimo que se tenha um ambiente de trabalho, de trabalho! E às vezes nós... nós temos problemas de indisciplina que é causada por alunos naturalmente, na maior parte das situações, eu não me lembro de outra situação que não tenha sido causada por alunos, a... a... que são um pouco... são um pouco complicadas; são um pouco complicadas e nós... eu não 'tou a ver, neste momento, e tendo em conta as regras, tendo em conta as regras que estão estabelecidas, o estatuto disciplinar do aluno, a... não 'tou a ver muitas formas de... de melhorar. Não é que esteja com o espírito de deitar a toalha ao chão, que eu não estou com o espírito de deitar a toalha ao chão, não é? Aquilo que eu queria que acontecesse é que não houvesse situações de indisciplina, idealmente, não é? E que se conseguisse fazer entender, todos os alunos sem exceção, que estão... quando entram na sala de aula deviam ter uma atitude de... cooperativa, de trabalho, de empenho, de entrega, de entrega ao trabalho, não é? E isto não é fácil! (risos) Isto não é fácil, não é? A... há alunos que têm uma predisposição natural e saudável para o trabalho, não é? Isso está com ele, 'tá com o aluno. Há outros alunos que não têm essa predisposição natural para o trabalho... Pensam noutras coisas. Não têm, não têm como ideal ser um aluno razoável, ser um bom estudante, ser... estão aqui, nalguns casos, porque são obrigados a estar. Porque a nossa sociedade... obriga-os a estudar, têm que cumprir a escolaridade

obrigatória. (pausa) E portanto, têm que vir! A... e se têm que vir, e vêm para um espaço que não lhes é agradável... eu não sei se... se é de propósito... se não é de propósito... a impressão que eu tenho é que algumas vezes é de propósito... Os alunos perturbam, de propósito, o funcionamento, boicotam de propósito o funcionamento das aulas, não é? A... e é, se calhar com alguns professores, não é? Se calhar esses mesmos alunos com outros professores... à vezes é um pouco difícil dizer-se isso, não é? é difícil... a... A verdade é que nós todos, uns têm mais facilidade de trabalhar com os alunos do que outros... Infelizmente acontece na nossa profissão. A... e o aluno poderá, enfim, explorar alguma situação mais frágil por parte... quer de outros alunos quer por parte até do próprio professor, não é? E é... passa-lhe eventualmente na cabeça, não sei, a... a... enfim, a...passa-lhe eventualmente pela cabeça perturbar, de forma deliberada o funcionamento da aula; poderá acontecer, não é? E acho que, nalguns casos, será isso. E portanto, o nosso trabalho é fazer com que isso não aconteça, não é? (risos) O nosso trabalho é fazer com que isso não aconteça nunca, não é? Não é fácil! A... Há algumas estratégias... a... a pedagogia da educação ensina-nos algumas estratégias por forma a ultrapassar essas situações... mas nem sempre o docente está na disposição... está com entusiasmo... está... enfim, tem as suas horas menos boas. E portanto tem que haver um trabalho colaborativo de toda a gente, não é? dos alunos, do pessoal docente e até do pessoal não docente, por forma a haver aqui assim um discurso a... às vezes repetitivo e cansativo e monótono, mas tem que haver um discurso no sentido de darmos a volta por cima e de fazermos com que as coisas possam acontecer de forma natural, de forma espontânea, e de forma positiva, sobretudo para os alunos, não é? Nós queremos que os nossos alunos, todos sem exceção, tenham sucesso, não é? Desde os currículos específicos individuais a... percorrendo todo o ensino básico até ao ensino secundário, profissionais, EFA, etc., CEFs, tudo o que nós temos, que é bastante, bastante diversidade, apesa de nós termos um universo de cerca de quatrocentos e qualquer coisa alunos, andamos na fronteira dos quinhentos... baixamos, ah! ah! mas ainda assim, tocamos os quinhentos no ano letivo que agora está a acabar... (baixando a voz) No próximo se calhar não vamos chegar aos quinhentos alunos... é o que eu prevejo, infelizmente... Há muitas saídas; 'tá a haver muitas saídas de alunos, de alguns alunos, quer no básico quer no ensino secundário, profissionais, porque as escolas da concorrência, profissionais, 'tão a oferecer algumas condições que as escolas públicas não oferecem e portanto... nomeadamente no que refere ao subsídio de transporte, mais o valor que eles recebem da alimentação...

E- Ah sim eles recebem, recebem qualquer coisa...

e- ... e que realmente, no orçamento familiar, nalguns casos... faz diferença! (pausa) Infelizmente... nalguns casos, faz diferença! A... O que é que eu posso dizer mais, L. [P12]? (risos)

E- Olha, então vou passar a uma outra questão, que esta já tem mais a ver com a, e que eu acho que até está um pouco relacionado com o que tu acabaste de dizer, que tem mais a ver com as diferentes dimensões da nossa atividade enquanto professores. Na atividade de um professor, o que é que tu consideras que é o essencial, o mais importante?

e- É a sala de aula, naturalmente! (risos) É a sala de aula, o trabalho em sala de aula, embora nós estejamos sujeitos a muitos trabalhos burocráticos, não é? como se sabe... a... p'ra mim, o fundamental é... é a dinâmica que se cria ou não, é bom que se crie..., no ambiente de sala de aula. O que nos dá gozo é trabalhar com alunos, especialmente os motivados! Aqueles que estão desmotivados, não é fácil os motivar... a... Dá gozo trabalhar com alunos de excelência, não é? Aqueles que estão ao nível do cinco no ensino básico, aqueles que estão acima do dezassete, dezassete ou mais no ensino secundário. É... é um privilégio enorme trabalhar com alunos assim. (pausa) E nós temos tido, felizmente! Temos tido... E eu particularmente já trabalhei com alunos assim (risos). A... é um gozo enorme! A... mas também é um... é... é um objectivo... bastante... também... grandioso de alguma maneira e gratificante, conseguir fazer com que alunos que... não são aqueles indisciplinados! Aqueles que se esforçam e que se empenham e que trabalham e têm dificuldade de chegar a notas razoáveis, a notas positivas; também é... é um privilégio enorme fazer com que o aluno consiga atingir a meta do dez! A meta do dez... Também já tive o privilégio de trabalhar com alunos assim, não é? Conseguiram chegar ao dez! Ficaram muito satisfeitos! Tão satisfeitos como aqueles que conseguem o dezassete ou o dezoito, não é? (pausa) E portanto, quando temos alunos... empenhados e que têm um espírito positivo... a... no sentido do trabalho e que... se esforçam connosco, nós ficamos satisfeitos (risos) e acho que... acho que realmente o trabalho... o essencial do trabalho do professor é no ambiente de sala de aula.

E- Olha...

e- Olha, desculpa, um aparte...

E- Sim, sim, sim.

e- Naturalmente que o essencial está no ambiente de sala de aula; às vezes, cá fora, nos corredores, às vezes fala-se com os, com os alunos e há pequenos comentários, pequenas conversas, pequenas dicas, que faz com que eles consigam ter o clic e... e fazerem coisas positivas! E melhorar as suas aprendizagens. Portanto, às vezes, fora da sala de aula também se consegue ter... discurso e conversas no sentido de da aprendizagem, da melhoria do desempenho do... do aluno.

E- Sim... A... há pouco, quando tu me falaste das questões disciplinares, falaste-me que às vezes essas coisas aparecem, são mais... visíveis com determinados professores do que com outros. Também já me falaste, pronto, aí dessa capacidade de levar os alunos a chegar aos objetivos mínimos, mesmo quando eles têm muitas dificuldades e portanto, a... Subentendo que tu... a... obviamente atribuis muita importância a... à competência do professor, ao desempenho do professor, a... e gostava que tu me disseses como é que tu achas, porque é evidente que num universo de cem professores há uns muito bons, há outros que são só bons, como é que tu achas que se pode melhorar o desempenho dos professores, exactamente para depois se conseguir essas melhorias no trabalho com os alunos?

e- Infelizmente os professores ultimamente não têm sido muito motivados, não é? Infelizmente... 'tamos a falar a nível de país. A... e acho que era importante motivar os professores... A escola a... é muito limitada a esse nível (risos), não é? A escola não tem grandes competências a esse nível, não pode... enfim! O que é que nós, como é que nós podemos motivar os professores? Como é que a escola pode motivar os professores?

E- Desculpa... Eu... eu... Não é bem o motivar; para mim é mais, como é que nós podemos melhorar o nosso desempenho; o que é que a escola pode fazer, e claro que a motivação tem uma dimensão importante....

e- Sim...

E- ... mas o que é que a escola pode fazer para ajudar os professores, sobretudo aqueles que têm mais dificuldades, mas também os outros, porque todos temos margem de progressão, não é?

e- Todos temos.

E- O que é que a escola pode fazer para ajudar a melhorar o desempenho dos professores?

e- A... (pausa) é... é... eu penso que passa pela formação, não é? Passa pela formação dos professores. E para já, é preciso que o professor queira, não é? É importante que o professor queira. O professor tem que reconhecer que não 'tá a conseguir alcançar, eventualmente, os resultados que... que acharia mais adequados ou que se propôs, não sei... Acho que os professores são pessoas conscientes, de forma geral, e os professores têm... têm que perceber se 'tão a conseguir ou não 'tão a conseguir alcançar resultados que se propõem... ou que nós gostaríamos que acontecessem, não é? Portanto, se os professores tiverem uma atitude... a... no sentido de querer melhorar o seu desempenho, não é? têm que querer, não é? Eu quero! Eu quero melhorar sempre o meu desempenho. E trabalho nesse sentido, todos os dias! A... e eu... eu parto do princípio que toda a gente queira, não é? Parto desse pressuposto, mas pode não ser assim! Pode não ser assim... A... Se for assim é mais fácil, não é? É mais fácil porque... a... enfim... na nossa escola temos oferecido alguma formação nas várias áreas, umas mais específicas, outras mais abrangentes, mas eu acho que temos tido formação razoável, tendo em conta a nossa realidade, não é? Nós vivemos isolados no atlântico (risos), não é? Não é fácil sair daqui para fazer formação fora da ilha... a... e portanto, o que é que a escola pode fazer... a ... para melhorar esses resultados? Além de... de fomentar a formação, de promover a formação, enfim... a... continuar os... continuar uma atitude... eu acho que temos percorrido esse caminho, eu acho que temos que continuar a percorrer o caminho, numa atitude colaborativa com os colegas no sentido de lhes proporcionar aquilo que eles precisarem no sentido de melhorar o seu desempenho profissional, quer do ponto de vista pessoal quer com os alunos, no sentido também de obtermos melhores resultados escolares porque... se um professor não se sentir bem, não se sentir reconfortado, não sentir... a... convenientemente preparado, penso que não será bem assim, acho que toda a gente 'tá minimamente preparado, não direi minimamente, acho que as pessoas estão, acho que de forma geral, os nossos professores são profissionalizados e portanto estão preparados para trabalhar com os alunos porque se... se as coisas não correrem bem ao professor, não correrão bem aos alunos, não é? E nós queremos que corram sempre bem aos alunos portanto... não é? (pausa) E os alunos, nós não queremos que os alunos sejam prejudicados de forma alguma, não é? A... portanto, o essencial será... será a formação do professor.

E- Agora queria-te colocar uma questão que é, considerando as três dimensões que a formação de professores tem e que é por um lado, a formação inicial, por outro lado a formação contínua e por outro lado a formação especializada a nível de pós graduações, a... que valor é que tu atribuis a cada uma destas dimensões da formação de professores?

e- (inspira profundamente) Portanto, eu acho que são todas importantes, não é? Todas importantes e que... a... que merecem... a atenção de todo os professores, não é? Eu acho que toda a gente se deve empenhar um pouco por fazer, por percorrer esse caminho, não é? A formação inicial é fundamental... na minha opinião a... Eu costumo dizer isso, acho que a formação inicial tem que ter uma componente muito forte na componente científica! (pausa) Uma componente muito, muito forte na componente científica mas também na componente pedagógico-didática também. Mas eu, eu dava mais importância à componente científica, não é? Numa escala de zero a cem, atribuiria sessenta, setenta por cento à componente científica e quarenta, trinta por cento à componente pedagógica didática. É importante saber lidar com os alunos, com as dificuldades que nos são colocadas todos os dias na sala de aula, não é? É preciso de facto ter competências para poder saber ultrapassar essas dificuldades, não é? E isso... passa por aí, pela componente didática mas a científica é fundamental!... Fundamental! (risos) E isso vê-se, essencialmente nas provas finais, não é? Nacionais... porque aí não há avaliação pedagógica, não... não... não se avaliam as atitudes e os comportamentos dos alunos não é? que têm que ter também um peso naturalmente na avaliação contínua... a...portanto, a avaliação científica é, melhor, a formação científica é... na minha opinião é bastante, tem que ser a... tem que ser bastante sólida, bastante sólida... A... depois... a formação contínua naturalmente que sim... naturalmente que sim... a... eu penso que isso... a... passa um pouco pela necessidade de cada professor, não é? pelo seu... pelo seu gosto, pelo seu desempenho, pela sua motivação... eu acho que é... é importante, não é? Tenho feito... por exemplo. Tenho feito alguma... e a pós graduação, embora nestes dias é um bocadinho cara, não é? um bocadito cara... Eu tive a sorte de não pagar (risos) o meu mestrado...

E- (risos) Olha, sortudo...

e- ...tive a sorte de não pagar... a... até tive a sorte de ser apoiado para fazer o mestrado, hem?!

E- Pagaram-te para estudar...

e- Pagaram-me para fazer as viagens!

E- Pronto, olha, já não é mau! (risos)

e- (risos) Pagaram-me para fazer as viagens! A... e... e portanto eu realmente fui um sortudo, nesse aspeto. Portanto, se as pessoas tiverem ocasião e tiverem o gosto de fazer, acho que sim, acho que devem fazer as pós graduações...

E- Por exemplo, olhando para a formação contínua nos moldes em que ela existe, a... consideras que... que é satisfatória, que...

e- Há muitas entidades a fazer formação contínua, não é? Nós aqui é que só, estamos muito limitados! Mas nas grandes cidades, nos grandes meios há sindicatos, há escolas de formação profissional, a... de formação de professores; escolas profissionais acho que não... escolas...

E- Há centros de formação...

e- Há centros de formação nos sindicatos, e não só!

E- E não só, exatamente!

e- Não só! As próprias universidades também têm...

E- Sim, sim, sim!

e- A... E portanto, fora daqui existem, é mais fácil não é? aos professores poderem ter essa possibilidade. A... e acho que sim! Elas existem porque surgiu a necessidade de que... os próprios, os professores sentiram essa necessidade e portanto as instituições organizaram-se e portanto, estão a funcionar a... a... em todo país. (pausa) E acho que se 'tão a funcionar é porque têm solicitação. Ou têm tido solicitações nesse sentido e portanto, é justificado e justificável, não é? o funcionamento da formação, portanto... Se eu 'tivesse a viver noutro meio, provavelmente já teria feito outro tipo de formação, mais específica, por exemplo!... A... na minha área... no ensino da matemática.

E- A... deixa-me colocar-te ainda uma outra questão que é assim, falámos também da formação pós graduada que tu valorizaste bastante, neste momento aqui... contas muito, muito por alto, nós temos na nossa escola dez por cento de professores já com pós graduações, alguns na sua área específica, portanto na sua área de formação inicial...

e- Sim...

E- ... outros na área mais das ciências da educação, a... tu achas que a escola tem tirado partido... a... dessa formação acrescida que esses docentes têm?

e- Penso que sim. Desde logo o exemplo, um exemplo muito favorável, positivo, uma mais valia, é o da professora L. B. [P12] (risos)... E depois eu acho que outros colegas que têm feito formação têm colaborado na formação de outros professores nossos, não é? Eu próprio, quando concluí o mestrado, dei formação da minha área aos colegas do meu grupo, já lá vão uns anos...

E- Hum, hum...

e- A... e acho que em geral, isso tem acontecido... É a ideia que eu tenho, não sei se corresponde exactamente à realidade, mas eu tenho essa ideia! O C. R. saberá muito melhor do que eu (risos). A... e acho que por essa via a escola e os alunos portanto, que é o nosso objectivo último, é transferir isto para os nossos alunos, não é? as nossas aprendizagens que temos feito ao longo da nossa vida, da nossa carreira, não é? E acho que de forma geral, a nossa escola tem beneficiado com a formação que se tem feito, não só cá dentro como noutras instituições lá fora, não é? Que os professores têm feito... eu penso que sim.

E- R., uma última questão; eu comecei por te perguntar acerca do nosso, da nossa Comunidade de Prática, tu disseste que não tinhas um grande conhecimento do que é que nós fazíamos exactamente... Bom, esta comunidade surgiu a partir de uma ação de formação, que aliás tu também frequentaste, foi aquela ação de formação do Professor Alexandre Ventura e basicamente, aquilo que nós nos temos proposto enquanto grupo, a... é... a... juntarmo-nos para reflectirmos sobre a nossa prática, tendo como base ações de supervisão entre pares. Portanto nós aquilo que fizemos ao longo deste ano e que 'tamos a projectar fazer no próximo ano é, nós fazemos pequenas, pequenos ciclos de supervisão entre pares, e depois temos uns momentos mensais em que nós reunimos, discutimos aquilo que queremos discutir sobre essas observações, discutimos também questões mais ligadas a outros aspetos da nossa prática, por exemplo, tivemos uma sessão em que falámos de avaliação das aprendizagens, tivemos uma outra em que foi lá a psicóloga para nos falar de gestão de conflitos na sala de aula e... e pronto, embora isto não te permita ter uma visão muito... muito pormenorizada, muito correta do que é este grupo, a... gostava que tu me disseses como é que tu valorizas a... este... este trabalho...

e- Este trabalho...

E- ... que estes professores 'tão a.... a desenvolver e... e... e o que é que tu achas que pode trazer de bom, ou não, para a comunidade escolar...

e- De certeza que terá coisas boas (sorri)! Eu acho que... que... ainda bem que avançaram com essa iniciativa, não é? A... a... Eu não tinha... não tinha essa ideia... Não sabia exactamente que 'tavam a fazer este tipo de trabalho que acabaste de explicar... A... a... eu acho que é... uma excelente iniciativa... Ainda bem que temos pessoas disponíveis para fazer este tipo de trabalho, não é? Este tipo de reflexão... de... de... sobre o trabalho que os colegas... entre os pares vão realizando ao longo do tempo. Ainda bem que se reflecte acerca do trabalho do colega em ambiente de sala de aula. Penso que é...

E- Sim; é, é, é...

e- ... Penso que é esse o objectivo... A... e acho que deve-se é continuar (risos) e se for possível agregar mais pessoas, alargar o grupo, melhor ainda! Se fosse possível metermos toda a gente, seria ideal, não é? A... porque acho que é importante que se reflecta... Estas coisas não são fáceis, não é? É preciso querer, não é? Não é fácil reflectir sobre o nosso trabalho na presença dos outros, não é?... e falar em voz alta sobre o nosso trabalho e o trabalho dos outros, fazer comentários... mas eu... eu acho que sim. Se toda a gente entender isto do ponto de vista positivo, qualquer coisa que vem acrescentar e não vem diminuir, não é? não vem subtrair, não vem criticar por criticar; penso que esse é o espírito, não é? é um trabalho pela positiva, pela valorização, não é? pela cooperação, a... acho que é muito bem vindo. E acho que é de preservar e continuar. Ainda bem que 'tão com ideia de continuar no próximo ano letivo. (pausa) Já agora, quantos são?

E- Somos doze.

e- Ah, muito bem! Doze por cento...

E- Vamos ter uma baixa, pelo menos mas em contrapartida penso que vamos ter algumas entradas...

e- Portanto 'tão a conseguir agregar portanto outros...

E- Pronto, também a ideia é um bocadinho essa: É que isto se vá...

e- alargando.

E- ...alargando... Claro que não será viável os cem...

e- As pessoas também têm que ter alguma disponibilidade...

E- ... que são docentes da escola mas ideia aqui assim, e sobretudo a minha ideia também era criar um bocadinho uma espécie de um vírus, ou seja, que outras pessoas, se calhar até a nível de grupos ou de departamentos, por exemplo, se houvesse um departamento que olhasse para nós e que dissesse assim “eh pá, por que é que a gente não faz o que eles fazem mas a nível do departamento?” Podia ser interessante... mas pronto, isto já sou eu a sonhar alto! A ideia para já é continuarmos com os que estamos; sei que vamos ter uma baixa que já foi, já o colega já disse mas também tenho alguma expectativa que somos capazes de ter duas ou três entradas, não sei... mas pronto!

e- O que é bom, o que é bom!

E- Olha R., muitíssimo obrigada pela tua disponibilidade...

e- Ora essa!

E- ... pela tua entrevista, pelo tempo que gastaste aqui comigo... a...

e- As pessoas também... as pessoas também precisam... muita gente quer chegar ao fim de semana para descansar, não é? E depois também têm os seus afazeres a... domésticos, não é? família... a... e portanto para algumas pessoas pode ser um pouco difícil, um pouco complicado... porque este trabalho é feito ao, estes momentos de reflexão...

E- É feito mas é só uma vez por mês! É só uma vez por mês... E por acaso este ano, quer dizer, quando eu dinamizei a formação do MEM, a... que obviamente isto é muito inspirado nesse modelo mas não tem a haver, o MEM era de facto ao sábado; nós por acaso aqui tentámos encontrar um dia em que todos tivéssemos disponibilidade e conseguimos. A... normalmente era à sexta-feira, quando não conseguimos à sexta, conseguimos sempre arranjar outro dia. A... e portanto o que fizemos , pronto, aproveitámos o fim do dia, normalmente a partir das 17h 40' ou das 18h 10', conforme os horários das pessoas, e íamos ali até às nove da noite... Pronto, nesse dia as pessoas jantavam um bocadinho mais tarde...

e- Mais tarde...

E- ... mas também era só uma vez por mês...

e- Muito bem!

E- o nosso sonho, é se a gente um dia for assim um grupo com alguma importância, é que depois o Conselho Executivo ao fazer os horários tenha em consideração os colegas que integram a comunidade (risos) e que nos ponha logo nos horários umas horinhas para as reuniões...

e- (risos) Para a reflexão...

E- (risos)... mas isso!...

e- Mas é um cenário possível!

E- Pronto! (risos)

e- É um cenário possível...

E- Pois!

e- Podemos pensar nisso... Se soubermos previamente quem são as pessoas que fazem parte do grupo... Podemos pensar nisso, por que não? Podemos pensar...

E- Ok R.. Obrigadíssima! MUITÍSSIMO obrigada pela tua disponibilidade...

e- Nada, quando precisar... disponha.

E- Muito obrigada!

ANEXO VIII C
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- PCCE

E- V., em primeiro lugar quero-te agradecer o facto de te teres disponibilizado para colaborares nesta entrevista e queria começar por te pedir alguns dados de natureza pessoal tais como a tua idade...

e- 54 (pausa) anos.

E- ... a tua categoria profissional...

e- Não sei como é que se designa agora mas antigamente era do quadro, do... como é que é?

E- Quadro...

e- Quadro de nomeação definitiva! Agora...

E- Pronto, ok! Então agora és contrato a tempo indeterminado, és como eu

e- É para aí isso ...

E- O teu tempo de serviço...

e- Vinte e... deixa-me só contar bem... vinte e... dois, vinte e três anos!

E- Vinte e três anos. As tuas habilitações académicas...

e- Licenciatura em economia.

E- Ok. O teu cargo é...

e- O meu cargo é presidente do Conselho da Comunidade Educativa da escola.

E- E há quanto tempo é que desempenhas esse cargo?

e- Vou no terceiro mandato, portanto já vou com nove... nove anos.

E- Nove anos de mandato. Olha V., gostava que me falasses um pouco da Comunidade de Prática que está a funcionar atualmente na nossa escola.

e- Ah... Portanto, prática em termos quê, prática pedagógica?...

E- Sim, aquela (risos) aquela comunidade cujo funcionamento foi aprovado em Conselho Pedagógico e que no fundo eh... é um grupo de professores que se reúne com alguma periodicidade, eh...para eh... reflectir e também para fazer algum trabalho verdadeiramente... um trabalho prático sobre a sua... não sei se tens muito conhecimento sobre isso...

e- É assim, he... aqui na nossa, na nossa escola foram já elaboradas algumas... algumas comissões, se é que se pode chamar eh... de professores para trabalharmos eh... ou para trabalharem, neste caso, dado que eu não pertenço... não pertenci nem pertenço a nenhuma delas, para trabalharem acerca das ah... das... daquilo que se vai fazendo ou daquilo que é necessário fazer para melhorar a prática educativa e a prática relacional. A prática educativa relativamente aos alunos e a prática relacional relativamente aos docentes e às várias... até mesmo em termos de relacionamento entre as várias... eh... eu não vou dizer instituições mas os vários órgãos de gestão porque nós aqui assim temos o Conselho Executivo mas depois abaixo do Conselho Executivo há várias, vários outros órgãos de gestão, que se chamam os órgãos de gestão intermédia e eu sei que há... há um conjunto de professores que estão a trabalhar... nesse aspeto. Não sei ainda qual é, qual foi o resultado final a que eles chegaram mas sei que eles têm trabalhado nesse aspeto, no sentido de até podermos... avaliar... em termos internos, daquilo que se vai fazendo eh... na nossa escola.

E- Pronto, mas então tu 'tás me a falar da comissão de avaliação, é isso?

e- Sim...

E- Mas desta, desta comunidade específica que eu te estou a falar, este grupo específico que tem aquele nome pomposo que gente lhe pôs p'ra (risos) p'ra ter a validação da Secretaria de Educação que é o Circulo de Estudos em Supervisão Pedagógica e Inovação Educacional, não...

e- Não tenho feedback nenhum nem sei quem são as pessoas que pertencem a esse... a essa comissão...

E- A essa seita, pronto! (risos) Bom... ah... então, assim sendo... ah... eu ia perguntar-te como é que tu vês o trabalho que esse grupo tem vindo a realizar mas uma vez que já me disseste que não tens feedback não... não... não sabes sequer o que é que está a ser feito... Vou passar então a uma pergunta seguinte... que não é bem uma pergunta mas gostava que me dissesses o que é que pensas sobre a nossa escola...

e- Não essa resposta, essa pergunta... pode englobar... englobar vários tipos de resposta... hum... Em termos pedagógicos...

E- Posso-te desdobrar um bocadinho a pergunta, se quiseres, talvez para te facilitar... Ah... Que aspetos do funcionamento da nossa escola é que tu destacas pela positiva,

que aspetos é que tu destacas pela negativa? Não sei se isso te ajuda a... a elaborar a tua resposta.

e- Ah, em certa parte, em certa parte ajuda... mas eu iria desdobrar ainda mais, ainda mais a... a... a questão...

E- Desdobra à vontade! (risos)

e- Em termos, em termos... ah...logísticos, isto é, em termos de edifício, a nossa escola está extremamente degradada! Eu por acaso ainda agora aqui cheguei... cheguei a este gabinete e deparei-me precisamente com um facto... [aponta para uma parede] podes, se quiseses podes averiguar aí assim, que eu não sabia que estava dessa maneira esse pilar que aí está...

E- hum, hum...

e- Em termos de infra-estruturas na realidade, a nossa escola carece, urgentemente, e esta urgência é sempre relativa mas carece na realidade de uma escola... se não for nova, eu gostaria que fosse nova! Ah... mas que se não for nova, que se melhorasse alguns aspetos infra-estruturais desta escola e quem diz de... de... de infra-estruturas propriamente ditas, diz de...de... do edifício, diz de... de salas! Salas de informática, gabinetes de... de ciência, ciências naturais! Gabinetes de... de físico-química e... e outros... outros aspetos relacionados com as infra-estruturas escolares. Relativamente à... à prática pedagógica propriamente dita, eu, eu acho que... que... portanto, os órgãos... estão a funcionar...relacionam-se entre si; há... há comunicação. (pausa) Por vezes, isso é como todas as instituições, ou em todas as organizações, por vezes a comunicação demora um bocadinho a chegar mas chega! Ah... Já em termos de... de ensino, de... de classe... classe docente... julgo que, pelo menos nomeadamente este ano, eu acho que a classe docente, embora cada um tenha a sua vida, eu acho que não... nunca observei assim aspetos negativos propriamente ditos porque as pessoas... portanto... são... são urbanas; existe uma... uma urbanidade entre as pessoas, nomeadamente entre os docentes. Já entre a classe discente, eu que já aqui estou há... há bastantes anos, eu tenho... tenho visto... ah. e tenho reparado que ... existe uma... ah... eu acho que os alunos têm vindo a piorar em termos de... empenho... em termos de querer, em termos de trabalho, o que... leva também um bocadinho depois à classe docente a...[interrupção]

E- Então vamos lá retomar...

e- Mas dizia eu, dizia eu que portanto... que em termos de...

E- ...dos alunos.

e- ... em termos de alunos eu acho que... as castas não são todas iguais, não é? E eu tenho vindo a notar, já aqui estou há... há uns anos, tenho vindo a notar que... que eles têm vindo a piorar quer em termos de empenho, quer em termos de trabalho, quer em termos de objetivos, o que ao fim e ao cabo, também na classe docente depois se sente... uma ligeira frustração... de estar à espera que... que eles dêem mais luta, que vejam neles já uma determinada perspectiva de vida, do que é que querem ser, do que querem fazer e que ao fim e ao cabo depois eles chegam à conclusão, nós docentes chegamos à conclusão que... afinal estamos a ensiná-los p'ra quê? Esta gente, os horizontes deles são extremamente curtos...

E- E... e... hum... portanto... assim pela negativa o que tu achas mais significativo é a questão dos alunos?...

e- Exatamente!

E- E olha, e... e como é que tu pensas que nós podíamos melhorar esse... essa dificuldade que tu vês, essa... esse aspeto negativo?

e- Eu vou começar por dizer o seguinte: Ah... nós só podemos ajudar quem quer ser ajudado! Uma pessoa que não quer ser ajudado, por muitas voltas que nós demos, não vamos conseguir ajuda-lo, de certeza absoluta! Porém, a... a... uma das perspectivas que... que eu acho que devia ser analisada, é... através de cursos mais práticos! Nós hoje em dia temos um tipo de cursos, são os cursos profissionais mas que ainda contêm disciplinas extremamente teóricas e de estudo. E quando o aluno... tem esse, esse, essa, portanto esse fraco rendimento de trabalho, de estudo, eventualmente ele, deverá existir uma outra, uma outra vertente de certeza absoluta do ensino, nomeadamente a vertente prática em que ele, de certeza absoluta que terá mais... vocações. E se nós tentássemos promover esse tipo de... de ensino mais profissionalizado, ou profissionalizante, mais prático, onde eles se sentissem mais à vontade e mais úteis, mais capazes, talvez a, pudéssemos... melhorar o seu... o rendimento deles, dos alunos. Agora isso também não depende só de nós, como é óbvio. Nós como escola. Isso... deriva de orientações superiores.

E- E tem até a ver, penso eu, com o próprio corpo docente que tu tens disponível...

e- Ora... Ora nem mais! Portanto, todos os cursos hipoteticamente eu vou falar num, por exemplo, a música não é? Nós temos aqui assim alunos que eventualmente em termos de... de... de curso propriamente dito para prosseguimento de estudos são capazes de... de não lhes dizerem nada mas por exemplo, o curso de música era capaz de lhe dizer qualquer coisa, não é? Mas para isso, era necessário que a nossa escola tivesse docentes capazes de estarem à frente... das disciplinas que precisamente dizem respeito a esses cursos. Ora bem, a... a... depende um bocadinho da colocação de professores por parte da Secretaria Regional da Educação e de uma maior abertura ao fim e ao cabo, de dar uma maior autonomia precisamente na.... No atingir... ou conseguir atingir precisamente a... os resultados... ou as perspectivas melhor dizendo, atingir as perspectivas que esses alunos desejam... e requerem p'ra vida.

E- E agora vou-te pôr duas questões maldosas: Uma é, por exemplo, nós temos cursos profissionais na escola e o feedback que nos chega dos colegas que dão os cursos profissionais é que mesmo nas disciplinas práticas, os alunos têm grandes dificuldades... Como é que tu, a... concilias este feedback dos colegas com essa tua ideia de que os cursos práticos são a resposta às necessidades dos alunos?

e- (pausa) É assim, a... portanto, a... Existe uma panóplia muito grande de cursos profissionais, não é? Talvez... a... pronto, a nossa escola tem um determinado tipo de corpo docente... está vocacionado para determinadas áreas, a... e talvez os resultados não sejam na realidade agradáveis porque... não existindo mais oferta desses cursos profissionais onde eles se pudessem rever, eles optam por um determinado tipo de curso profissional que eventualmente eles pensam que lhes diz algo mais, não é? mas que depois vão chegar, chegar à conclusão que não era bem bem aquilo que eles queriam; e ao não ser bem, bem aquilo que eles queriam, não existindo na escola, porque não existe oferta, portanto estamos limitados nesse aspeto, eles não o podem escolher, têm que se sujeitar à oferta da escola e àquilo que na realidade a Secretaria Regional de Educação permite, mas depois os resultados a... a... não aparecem! Não aparecem porquê? Porque eventualmente eles estariam a pensar que o curso... tivesse uma outra... um outro ambiente prático que não tem, forçosamente. Eu vou dizer, vou falar precisamente da minha área: Nós em termos da área de contabilidade e gestão, nós temos aqui assim o curso profissional de... de... de gestão em que os alunos, no final do terceiro ano a... entram em estágio, isto é, formação em contexto de trabalho, e se, se é um curso de gestão a... a... portanto eles a... o pensamento deles é de que iriam

precisamente fazer o estágio nessas áreas. Porém, nós aqui assim também estamos limitados em termos de empresas. Que empresas aqui assim é que nós temos que possam assegurar aos nossos alunos da área de gestão, onde eles possam assegurar-lhes uma formação em contexto de trabalho nessa área? Isto é, trabalhar mesmo com a gestão no dia a dia de uma empresa? Trabalhar com um programa, por exemplo, de criação de stocks? De criação, de criação de... ou de elaboração de salários? Nós estamos aqui assim... estamos extremamente limitados, não as há! E eles fazem o estágio cingindo-se a poucas coisas que normalmente estão relacionadas com a área. Daí sim, também depois vir também a desmotivação do aluno que pensava que iria fazer uma coisa, que o curso era muito mais prático e trabalhariam conteúdos e conceitos muito mais práticos do que aqueles... do que aqueles que na realidade eles depois vêm a... a praticar. Daí sim também essa nossa dificuldade e os resultados serem precisamente aqueles que são!

E- E agora vou-te fazer outra pergunta que remete p'ra questão que tu abordaste anteriormente: Tu anteriormente disseste que um dos problemas da nossa escola para oferecer cursos profissionais tem a ver com o corpo docente... seria preciso... a... então... a... não sei... reestruturar o corpo docente?...

e- (pausa) É assim... a... Nós cá temos cursos CEFs... nomeadamente bar... em que... existem docentes... que são contratados e que vêm cá fazer serviço; eu não diria propriamente reestruturar o corpo docente mas pelo menos, a... conseguir que através de protocolos, que se podem formar... arranjar maneira de... conseguirmos que... cursos profissionais, ou outro tipo de cursos profissionais do que aqueles, p'r'além daqueles que estão, para além atenção! daqueles que 'tão a ser ministrados, possam ser criados aqui assim na nossa escola para dar uma abrangência maior e um leque maior às perspectivas dos nossos alunos. Portanto, eu não direi que o corpo docente terá que ser reestruturado mas pelo menos, permitir à nossa escola que através de protocolos ou de... de... de... criação de contratos que docentes em várias áreas, pudessem vir aqui assim a... poder ministrar as disciplinas, ou os conteúdos, relativos a esses novos cursos a abrir e que de alguma maneira fossem de carácter mais práticos e virados mais para as perspectivas dos... dos alunos.

E- E agora volto também um pouco atrás... Na tua qualidade de presidente do Conselho da Comunidade Educativa, não é?

e- Sim.

E- A... portanto... penso que tens um conhecimento bastante aprofundado daquilo que são por exemplo, os resultados escolares dos nossos alunos, a... em relação aos alunos que se mantêm no chamado ensino regular, o que é que te ocorre... a... Que apreciação é que tu fazes desse... do trabalho que é feito com esses alunos?

e- O trabalho, o trabalho que tem sido, tem sido a... tem sido feito aqui assim na nossa escola, tem sido um trabalho altamente meritório. Se não vejamos, nós em termos de... de região, nós em termos de região, em várias áreas, temos estado sempre no topo das escolas com melhor média a nível regional! (pausa) Ora, se estamos nas melhores escolas em termos regionais em determinadas áreas quer dizer que o trabalho que tem sido, que tem sido ministrado p'los professores tem sido bastante profícuo... Nomeadamente, por exemplo, a português do sexto ano, em termos de exames nacionais, nós o ano passado fomos a escola que tivemos a melhor média em termos regionais; em termos de matemática, fomos das melhores médias quer seja em termos de sexto ano e de nono ano. E até mesmo em termos de secundário, a nossa escola aproxima-se muito da primeira posição relativamente em termos a... das escolas regionais. É claro que... portanto, nós temos sempre, há quem nos... há quem depois nos diga “pois, mas vocês têm poucos alunos!” mas isso depende também da nossa situação que nós somos uma ilha relativamente pequena, temos na realidade poucos alunos e... mal seria também se nós com poucos alunos não tivéssemos também já alguns resultados a nível de... de secundário. Portanto eu acho que o trabalho que tem sido, que tem vindo a ser feito pelos nossos docentes tem sido um trabalho altamente meritório porque nos aproxima precisamente desse primeiro lugar em termos regionais; não estamos muito afastados, eu direi mesmo, não estamos muito afastados da média nacional em termos de ... e exames!

E- Então agora deixa-me fazer-te uma pergunta que é assim, de alguma forma, essa apreciação que tu fazes dos resultados que os nossos alunos obtêm nas avaliações externas contradiz um bocadinho aquilo que tu começaste por me dizer que é “os miúdos andam muito desmotivados e isto o melhor era a gente dar-lhes cursos profissionais” porque afinal parece que eles no regular eles vão correspondendo àquilo que é expectável...

e- É assim, eu... a... eu quando, quando digo isso, a... pronto, eu tenho o feedback de dezassete anos e tenho reparado que quando cá cheguei os alunos eram muito melhores! (pausa) Na realidade, os alunos têm vindo a... em termos de, de conhecimentos, têm

empenhos e.... e... de trabalho, têm vindo a... a piorar. Porém, a... a... essa falta de empenho e... e... e de trabalho, a... verifica-se muito mais nos cursos tecnológicos, que já acabaram, e nos cursos profissionais; os cursos ditos regulares são aqueles que, para prosseguimento de estudos e que normalmente têm exames em termos, em termos nacionais, não, aí sim a regularidade, a regularidade impõe-se. Estava mais a falar dos cursos profissionais e dos tecnológicos que já acabaram que é ao fim ao cabo basicamente na área em que eu praticamente sempre trabalhei. Porque eu como sou da área de economia e de contabilidade, eu basicamente apanhei os cursos tecnológicos de contabilidade e agora apanho os cursos profissionais de gestão ou de contabilidade. E aquilo que eu digo baseia-se precisamente mais nesses cursos do que nos cursos ditos de prosseguimento de estudos.

E- Portanto tu consideras que é nesses cursos... a... digamos assim, de percursos alternativos, não será a designação técnica desses percursos mas de alguma forma... que tu vês essas maiores dificuldades...

e- Exactamente! É precisamente naqueles alunos que não ... não têm o horizonte universitário, portanto que querem mais uma... querem o décimo segundo ano, querem ao fim e ao cabo arranjar uma profissão... que surge precisamente o desinteresse, a falta de empenho, a falta de trabalho, porquê? Porque precisamente, às vezes eles pensam que vão ter um curso com determinadas características mais práticas e que até vão gostar e depois vão chegar à conclusão que ao fim e ao cabo, não era bem aquele curso e depois a oferta não existe...

E- E... e os miúdos que vão para esses cursos, normalmente... a... como é que é o percurso escolar deles anterior?

e- ...

E- Até chegarem a esses cursos?

e- Eu sempre ouvi dizer que esse tipo de pessoas, são os colegas que, que normalmente quem vai para esses cursos são aqueles que não querem estudar, não querem muito trabalho, nem se querem empenhar muito... Resumindo, a... os corredores às vezes têm ouvidos, e a gente ouve coisas deste género, relativamente a esses cursos, vai para esse curso é o refugio porque os melhores alunos normalmente, e daí sim, essa tal discrepância entre os alunos que prosseguem estudos e que têm... têm médias extremamente razoáveis relativamente à região e ao nacional, e depois, dos outros dos

curso profissionais. Esses sim, é nesse tipo de alunos que se requer uma maior... uma maior, um maior trabalho, uma maior abertura de cursos para que eles se sintam de algum modo integrados na escola.

E- Então agora deixa-me fazer um bocadinho de advogado do diabo que é perguntar-te assim, então e o que é que nós andamos a fazer p'ra transformarmos esses miúdos em refugo? O que é que não se faz, ou o que é que poderia ser feito para evitar que esses miúdos se tornassem refugo? Ou seja, p'ra permitir que esses miúdos tivessem um percurso escolar, percurso académico dentro do circuito dito normal, não é? ... O que é que achas que podia ser feito, se é que achas que podia ser feita alguma coisa... podes achar que não!

(risos)

e- É assim, pois... como eu já disse, só é ajudado quem quer ser ajudado. Mas também nem todos podem ser engenheiros, nem todos podem ser médicos, nem todos podem ser advogados...

E- Até aí perfeitamente de acordo! Mas o que eu te pergunto é, mesmo sem quererem ser médicos, engenheiros, doutores, advogados, a... como é que nós podemos, por exemplo a nível de um segundo ciclo, a nível de um terceiro ciclo, fazer com que... não haja esse... refugo? Com que os miúdos consigam pelo menos chegar aos objetivos mínimos e fazer uma escolaridade que não é uma escolaridade... a... paralela, digamos assim?

e- A... a... (pausa) Nós estamos numa ilha e sabemos que os horizontes dos... as perspectivas que eles têm são por vezes muito mais curtas do que se vivessem num... no continente, por exemplo. Aqui as perspectivas de emprego, por exemplo, são relativamente escassas. O seio familiar é extremamente importante para os motivar, para lhes fazer ver que na realidade, sem estudos muitas das vezes, ou a maioria das vezes, não se consegue um trabalho compatível com as ambições que eles almejam. Ora, ora bem, a... é claro que nós temos aqui assim, qual é o maior empregador aqui assim na ilha? É precisamente o governo. Aqueles que têm famílias mais ou menos estruturadas, eles são capazes de incutir nos seus filhos a... valores de trabalho, de empenho, de estudo e fazer-lhes ver que na realidade, só estudando é que eles conseguirão atingir um patamar de empregabilidade e de emprego capaz de os satisfazer. (pausa) Mas nós sabemos que nem sempre é assim. Portanto, o que eu quero dizer é que, por vezes, o

grande motivador, ou a grande força motivacional dos nossos alunos, parte da família... Chegados à escola, a... nós também ao fim e ao cabo temos o nosso ... o nosso papel... a... a desempenhar e tentar motivar os nossos alunos... mas, se eles chegam cá com os horizontes extremamente fechados, com as perspectivas extremamente reduzidas, eles vão encarar a escola não como um meio para atingir patamares mais altos mas a... a... vão considerar a escola como um entrave. Entrave a quê? A entrar no seu mercado de trabalho. E às tantas os alunos querem é trabalhar mais cedo, nem que para tal, só tenham de escolaridade o nono ano. Torna-se difícil precisamente este... esta... ultrapassar ao fim e ao cabo esta... este problema de tentar-lhes fazer ver que apesar do emprego , ou dos empregos aqui assim na ilha, serem extremamente reduzidos, mas tentar-lhes fazer ver que se não estudarem, as coisas não melhoram, de certeza absoluta, torna-se difícil. Mas essa também é a tarefa do, do professor. Como é que poderá fazer? (pausa) Eu, eu... eu tenho, nesse aspecto, não tenho muita prática e porque é que não tenho muita prática? Porque normalmente, como dou aos cursos... a... isto é, já dou ao ensino secundário, onde eles chegam lá acima...

E- Já estão triados.

e- ora nem mais! Eles já sabem mais ou menos o que é querem e o que é que não querem, já houve uma triagem feita e chegam lá na realidade aqueles que querem trabalhar de alguma maneira e que já têm um objectivo fixo que é, eu quero ser isto, aquilo ou aqueloutro.

E- Sim, pronto. Mas eu quando te perguntei era mais naquele sentido de, enquanto responsável por um órgão importante da escola, o que é que tu acharias que poderia ser feito...

e- Neste caso, trabalhar um pouco mais porque... ao fim e ao cabo neste órgão a que eu presido, esse órgão colegial estão o... fazem parte a... desse órgão , para além de professores, a associação de pais e para além da associação de pais, faz parte também uma outra instituição aqui assim da ilha, nomeadamente relacionada com a... as empresas; nomeadamente a ACIPS. E... por vezes nós... nós falamos e tentamos saber o que se poderá fazer aqui assim na ilha para... para de alguma maneira motivar e levá-los, os nossos alunos, a... a desenvolver um trabalho mais profícuo que os leve a atingir certos e determinados patamares de... de... de... desenvolvimento, a fim de terem de, de terem novas perspectivas, novos horizontes. E lá também, nós chegamos a esta conclusão, quando as famílias são mais estruturadas, torna-se mais fácil na realidade

motivar os alunos. Quando as famílias... ou digamos, os encarregados de educação acompanham menos os seus alunos, não é, eles já chegam aqui assim eventualmente com uma ideia de, a escola não me serve, não me vai servir para nada, aqui assim não existem empregos que requeiram estudos qualificados... e quando, quando isso acontece, nós também não... Mas existe sempre esse diálogo entre... entre precisamente os docentes, os encarregados de... de educação neste caso que estão presentes na associação de pais e depois a... a... a... a ACIPS para tentarmos melhorar até porque isso é um dos objetivos do projecto educativo da escola é tentar dinamizar, tentar que os alunos saiam, tentem pelo menos fazer a escolaridade obrigatória, todos nós sabemos agora que vai até aos dezoito anos.

E- Olha V., vou voltar um bocadinho atrás porque há bocadinho tu falavas de... que também uma das funções dos professores era motivar os alunos para essa, para esse percurso académico, a... eu gostava que me falasses um bocadinho das diferentes dimensões da atividade dos professores, qual é que tu consideras que é mais importante?

e- (pausa) Ora bem! A... a... a... digamos que... que a parte... a parte de... de... do ensino é extremamente... é extremamente importante, não é? Mas há outras partes que são também extremamente importantes da parte do professor... Repara, a parte motivacional, a parte relacional... Tudo isto são, são... digamos, são partes de um todo. E que o professor a... tem que ter, é óbvio, não é? Não vou dizer que tenha todas estas partes a... de igual... portanto... com igual percentagem, porque ao fim e ao cabo o professor... a... é primeiro um docente, não é? o... o... portanto, uma pessoa que está ali assim para ensinar, mas depois tem a parte relacional, tem a parte motivacional... E para além disso, também existe ainda uma outra parte que é extremamente importante que é a parte dos valores... Para além de ensinar conteúdos, o professor também deve ser visto como uma pessoa com valores, que sirva ao fim e ao cabo de referência aos seus... aos seus próprios alunos.

E- Pronto, é assim, eu por acaso quando fiz a pergunta não... não era muito nesse sentido, era nas dimensões do tal do ensinar, que para mim comporta essas dimensões relacionais e motivacionais que tu falas, e também depois a outra parte que nós temos que é a parte burocrática, etc. por aí fora... Mas deu para perceber o que é que tu de facto valorizas e agora eu gostava de te perguntar a... como é que tu achas que, e tu

dizias “é claro que um professor nunca tem estas dimensões todas a cem por cento”, é... a... pronto, há um ideal mas obviamente... é um ideal...

e- Claro!

E- ... mas como é que tu achas por exemplo que se pode melhorar o desempenho dos professores?

e- (pausa) Cada... cada professor tem, tem a sua metodologia... é, é um eu completamente diferente! A... eu acho que a prática poderá... e deverá, ser sempre melhorada, não é? Há sempre coisas a limar, há sempre coisas a melhorar...

E- Pronto! E é isso que eu gostava que tu me dissesse: Como é que tu achas que isso se pode fazer?

e- A... É muito fácil! (pausa) Eu lembro-me, eu lembro-me de uma ação de formação que eu tive aqui assim há uns tempos, não sei se já foi há um ano e meio, dois anos, em, em que... um dos melhores métodos de melhorarmos a nossa prática de docência é partilhar!... Partilhar com os outros docentes que tenham uma... uma, uma outra visão sobre o que é o ensino barra aprendizagem. E se na realidade houver uma partilha a... não... não... não haver aquele sentido que às vezes pode, possa eventualmente existir, que é um sentimento de egoísmo e “Eu sei mas o sei quero-o só para mim! Não vou dividir...” Portanto, se houver essa... na realidade essa prática da partilha, eu acho que a prática, a prática educativa melhora.

E- Então isso agora vai-me conduzir a um outro ponto que já, já falámos e que, por exemplo, na... na comunidade que nós temos a funcionar neste momento na nossa escola, o trabalho que nós desenvolvemos é exactamente um trabalho que tem por base essa partilha. Por exemplo, nós fazemos, uma das coisas que nós fazemos é a supervisão entre pares. Portanto, nós ao longo do ano fomo-nos organizando em pares que assistiam à aula um do outro e depois tínhamos as nossas conferências entre pares mas depois tínhamos também mensalmente um momento colectivo de partilha de experiências, de aprendizagens... Inclusivamente, chegámos a ter pessoas de fora que foram dinamizar sessões. Por exemplo, tivemos lá a nossa psicóloga a falar-nos de gestão de conflitos em sala de aula; tivemos uma sessão dinamizada, tivemos sessões dinamizadas por colegas do próprio grupo em áreas de especialidade deles ou a relatar experiências nas quais eles tinham participado... Como é que tu encaras por exemplo,

a... na tua perspectiva... a... como é que tu valorizas esse trabalho feito por esse grupo de... de professores?

e- Eu... eu acho que é... é um trabalho altamente meritório a... porque, ao fim e ao cabo, eles estão ali assim a partilhar modos, processos, vivências, do ensino aprendizagem que tiveram até aí assim. E isso só pode melhorar, não é? Porque ao fim e ao cabo nós podemos pensar sempre que estamos a realizar a melhor tarefa ou o melhor trabalho possível, na nossa, à nossa maneira mas, por vezes, a... se houver um chamar, não é um chamar de atenção no sentido, no sentido de criticar, mas “olha, se tu fizesses assim...” ou “se tu fizesses assado” talvez nós mesmos melhorássemos precisamente a nossa prática. Portanto, se isso se faz, e eu sei que se faz, e que estão a fazer, ao fim e ao cabo é um meio, na realidade, para melhorar toda a prática que se faz em termos de ensino-aprendizagem e na perspectiva de melhorar o docente e quiçá, talvez melhorando o docente se possa também melhorar o discente... não sei...

E- Olha, e já agora então vou-te então fazer outra pergunta que é, portanto, a... Consideras positivo esse trabalho que as pessoas fazem de reflexão e de partilha; a... Por exemplo, e... e.... e tu és... delegado de grupo, acho eu...

e- Não, já não sou.

E- ai, já não és... este ano...

e- Não, não...

E- Mas, pronto...

e- Não; só fui há largos anos atrás.

E- Mas pronto! Mas... a... como é que tu vês por exemplo o funcionamento destes órgãos colegiais como os departamentos curriculares, os grupos curriculares, que supostamente deveriam ser espaços dessa reflexão e dessa partilha, como é que tu vês o funcionamento desses órgãos?

e- A... eu acho que o trabalho que eles estão a executar é um trabalho extremamente individual! Cada grupo trabalha no seu grupo, cada departamento trabalha no seu departamento. Se houvesse uma maior partilha das reflexões que são feitas, se é que são feitas! Eu posso falar pelo meu; pelos outros não, não sei... Mas... a... se por acaso houvesse, por exemplo, já agora, eu não sei se está a ser feito ou se está pensado fazer-se... Por que não, fazer de vez em quando uma reunião de todos os grupos?... Os

delegados de grupo! Para partilhar o... o... os processos da criação, por exemplo de ... de critérios de avaliação? Cada um tem a sua perspectiva de ver as coisas, de criar os seus critérios... Por que não realizar de vez em quando uma... uma reuniãozinha entre cada um, entre todos os delegados de grupo para partilhar precisamente novas ideias, novos processos... novas vias para melhorar precisamente o... para... para melhorar o processo ensino-aprendizagem? Eu... eu vejo isso com... com bons olhos!

E- Mas portanto, achas que isso efectivamente, esse... esse trabalho de... a... de coordenação, de colaboração que devia acontecer, não o vês acontecer?

e- Hum... não! Eu acho que na nossa escola que os grupos trabalham muito individualmente! (pausa) É a minha visão...

E- OK! V., então vou terminar, com uma última pergunta que tem a ver com a formação dos professores, e tu há bocado eu acho que disseste uma coisa que para mim é muito significativa que é “se melhorarmos os docentes talvez consigamos melhorar os discentes”. A... a questão da formação de professores é uma questão a... que só ela dá uma entrevista, não é?...

e- Claro!

E- ... mas gostava que me dissesse, como é que tu vês a formação de professores e como é que tu valorizas as diferentes, os diferentes níveis da formação, por exemplo, a formação inicial, a formação contínua e até a formação especializada?

e- Ora bem, a perspectiva que eu tenho aqui assim na nossa escola é que na realidade, a formação que tem vindo a ser ministrada... pá... a muito custo, a muito custo... porque a Secretaria Regional de Educação, por vezes, esquece-se que existe uma ilha ao lado da ilha da Madeira que se chama a ilha do Porto Santo e que... também existem escolas! Existem docentes que carecem de... de formação. A... relativamente à formação inicial, por vezes, eu acho que... que é extremamente reduzida. Pelo menos eu ouço colegas, colegas que estão em início de carreira dizer, “Então mas quando é que eu tenho uma ação de formação, quando é que existe uma ação de formação para o meu grupo?” ...

E- ‘Tás a falar da formação contínua?

e- Exatamente! A... tu falavas de três níveis de formação: da formação...

E- Sim, eu falei da inicial, da contínua e da especializada...

e- ...e da especializada.

E- ... e que importância é que tu atribuis a cada uma delas...

e- A formação, digamos... cada umas... cada uma desse tipo de formação tem a... tem a sua importância. (pausa) A formação especializada é... é extremamente importante porque em toda e qualquer escola existem alunos com carências especiais, não é? Que são os tais alunos de... os NEES, com necessidades educativas especiais. Ora bem, a... essa... essa formação especializada é extremamente importante até para depois haver uma replicação daquilo que eles aprendem como professores do ensino especial para os professores ditos do ensino normal. Porque nós, professores ditos de ensino normal, não temos a... conhecimentos científicos para podermos trabalhar com alunos que têm necessidades educativas especiais! Não estamos formados nem formatados para esse tipo de ensino. Ora bem, nós queremos esse tipo de formação também e quem mais do que as nossas ou os nossos professores, ou os nossos docentes do ensino especial para, de alguma maneira, transmitirem os seus conhecimentos, ou transmitirem-nos os seus conhecimentos para nós podermos, de algum modo, a... podermos... a... conseguirmos trabalhar com esses alunos com necessidade educativas especiais? Portanto, para eles, dado que, a educação é inclusiva, tanto está o aluno dito normal como o aluno de necessidades educativas especiais, e quanto melhor preparados estiverem os docentes, nesse plano ou nessa perspectiva de ensino especial para podermos trabalhar com os nossos alunos de necessidades educativas especiais, melhor será a resposta do docente.

E- Mas deixa-me só fazer um pequeno apontamento; eu quando me referia a formação especializada não era só aos colegas que têm formação para a educação especial mas é, e nós já começamos a ter um número que eu acho bastante significativo de professores na escola com formação pós graduada, portanto, pessoas que fizeram pós-graduações, pessoas que fizeram mestrado...

e- ... doutoramento...

E- ... doutoramento... A... e portanto... e hoje esse número de professores já anda pelos dez por cento do corpo docente...

e- Só valoriza o corpo docente!

E- Pronto, exato!

e- É um modo de valorizar o corpo docente e de transmitir novas realidades! Ora bem, nós, eu por exemplo, só tenho licenciatura, eu tenho muito para aprender ainda, sei muito pouco relativamente àquilo que deveria saber, com é óbvio, e então, eu careço

que alguém que tem uma formação mais especializada me possa transmitir esses... esses conhecimentos. Portanto, é de... é de louvar, é de louvar aqueles docentes que ainda arranjam coragem, tempo, e é necessário serem pessoas muito abnegadas, dada a conjuntura que estamos a viver relativamente à docência, que ainda se prestem... que ainda se prestem a precisamente, a fazer essa formação mais especializada, certo?

E- Certo...

e- Portanto, é de louvar; é mesmo de louvar.

E- E achas, já agora deixa-me fazer esta pergunta, achas que a nossa escola tem... isto se calhar fica um pouco feio dizer...

e- ... aproveitado?...

E- ... aproveitado bem essas competências que alguns docentes têm vindo a adquirir?

e- A... é uma pergunta extremamente difícil! (pausa) Se... eu... eu... eu acho que deveria se, deveriam ser melhor aproveitados. (pausa) Não é que não tenha havido já um aproveitamento, nomeadamente em determinadas áreas, mas acho que poderiam ser melhor aproveitados!

E- Queres exemplificar?

e- Por exemplo, a... há pessoas aqui assim que... têm... já... já... eu... eu aquilo que eu vou dizer nem sei se é mestrado se é pós graduação...

E- Sim não interessa, têm uma formação especializada...

e- Exatamente! Mas há... há há colegas aqui assim que já têm uma formação especializada na... na... como é que eu vou dizer?... como é que se chama aquilo?...

E- Administração Escolar?...

e- Administração Escolar, certo?

E- Hum, hum...

e- Ora bem, se por acaso a... dado que os professores também fazem um pouco, e são depois, virão a ser administradores escolares, se eles nos transmitissem um pouco precisamente dessa... dessa ... daquilo que já aprenderam, do seu conhecimento, tornar-se-ia depois eventualmente, quiçá, mais fácil a... os professores terem uma... uma visão muito mais ampla, muito mais alargada do que é ser administrador... administrador de uma escola. Quanto à formação contínua, portanto, a... pois, nós professores, nós

docentes, carecemos sempre de formação porque as coisas mudam sempre de ... de governo para governo; cada governo tem a sua... a sua ideia sobre a educação e as coisas ‘tão sempre a mudar! A legislação muda sempre! Então, a formação... a formação... um professor é... é um... digamos que é, é considerado um aluno também em contínua aprendizagem. A formação... portanto, a prática... A formação que tu falaste que era a formação inicial, estás-te a referir aos docentes que entram de novo na carreira, não é?

E- Sim, eu estou-me a referir aquela formação básica que nós temos que ter para ser professores: Uma licenciatura...

e- A licenciatura... Todos nós sabemos que há várias... há vários tipos de formação inicial. Há formação universitária, dentro das universidades os currículos são diferentes... Hoje em dia, hoje em dia com... com... com Bolonha até a maioria dos cursos passaram a ser três anos, não é? Depois há a formação dos politécnicos... nós sabemos que existe ... existem diferenças! (pausa) O ministério achou por bem realizar um exame aos professores... aos docentes, para tentar saber quais são aqueles que estão habilitados a serem docentes... presumo que ao fazer esse tipo de triagem, aqueles que chegam à docência, não é, que chegam para ensinar, que cheguem aptos para ensinar verdadeiramente! Porque se não, não faria sentido, ou não faz sentido a realização desse exame para tentar saber... ó.... ó.... se as pessoas que saem já licenciadas estão então mais ou menos habilitadas precisamente para o grau de... de docência!

E- A... mas... daquilo que tu me dissesse posso depreender, ou se eu estiver enganada corrige-me, que tu valorizas bastante a formação contínua?

e- Completamente! Isso é sempre! Um... um professor é um eterno aluno em formação!

E- E há pouco...

e- Aluno entre aspas, claro!

E- Sim, claro! E há pouco tu dizias-me “Bom, a Secretaria não manda p’ra cá formação”, a... Como é que tu olhas para a formação contínua? A... Achas por exemplo que esses cursos que a Secretaria dá periodicamente ou que os centros de formação disponibilizam periodicamente, claro que são importantes mas... achas que... por exemplo, nós, a... enquanto comunidade escolar a... não podíamos organizar-nos para suprir essas carências e ter outras formas de formação e de autoformação?

e- (pausa) Existe... existe... existe alguma... existe alguma organização na nossa escola em termos de... de replicar. Ao fim e ao cabo as formações que alguns professores têm vindo a... a realizar... E nesse aspeto, eu louvo precisamente, é de louvar precisamente os docentes que ao fazerem formação, quiçá por conta própria, depois se disponibilizam para replicar a... essa mesma formação para os outros docentes. Agora, eu acho é que a Secretaria deveria ter a... devia ter uma outra visão sobre o modo como está a gerir e a gerar formação aqui assim em Porto Santo! Porque sinceramente, nós somos professores como são professores os da Madeira, da mesma Secretaria Regional de Educação... Eles lá têm muito mais acesso a formação do que nós! Nós aqui assim estamos extremamente limitados; é que, ou são os nossos colegas que de boa vontade, nos dão formação ou então, vamos ter que nos deslocar para a Madeira o que isso vai acarretar... vai acarretar custos, não é, ou então uma... um... um ou outro sindicato que possa promover aqui assim uma ou outra ação de formação. Mas eu acho que na realidade a Secretaria Regional de Educação deveria rever na realidade, a formação que tem para ministrar nas escolas e não esquecer a nossa escola!

E- Ok. V., olha muito obrigada por esta conversa...

e- Não tens de quê!

E- A... pronto, não tenho mais nada p'ra te perguntar...

e- Olha, obrigado pelo facto de me teres... de me teres proporcionado este... a... quiçá, alguns desabafos... mas pronto, mas estamos cá, estamos cá para isto e estamos cá para nos ajudar e espero bem que aquilo que eu disse, p'r'além de alguns disparates que possa eventualmente ter dito, que sirva...

E- Olha, não disseste disparate nenhum!

e- ... que sirva de... eu sirva para melhorar precisamente o nosso corpo docente e cá estamos precisamente para valorizar e melhorar precisamente a nossa classe!

E- Ok; muito obrigada, V.! Obrigadíssima!

ANEXO VIII D
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- PCP

E- Vamos iniciar então e eu vou começar por te pedir alguns dados de natureza pessoal como a tua idade...

e- Portanto, 53.

E- O teu tempo de serviço...

e- Trinta e três.

E- A tua categoria profissional...

e- A... portanto, licenciatura em ensino da física e química e professora do, portanto efectiva na escola...

E- Pronto! A...

e- ... do Porto Santo.

E- Já... já te perguntei o... pronto! A... cargos que exerces atualmente na escola?

e- Portanto, exerço o cargo... cargo de coordenadora do ensino secundário e pelo facto de ser coordenadora do ensino secundário pertenço ao órgão de gestão, à composição do órgão de gestão e fui eleita presidente desse órgão.

E- Qual órgão?

e- O órgão do conselho pedagógico. Órgão de gestão conselho pedagógico.

E- Pronto, e há quanto tempo é que desempenhas esse cargo?

e- A... portanto...

E- Quer dizer, 'tou a partir do princípio que desde que és coordenadora do secundário também és presidente do pedagógico.

e- Não, não, não!

E- Então pronto, há quanto tempo é que és coordenadora do secundário?

e- Portanto, coordenadora do secundário já... a... vou no terceiro mandato.

E- Portanto são doze anos.

e- Sim, doze... doze não porque... Oito... dez.

E- Dez!

e-Dez. E ... a...

E- Presidente do conselho pedagógico?

e- Presidente do conselho pedagógico, seis anos.

E- Seis anos, ok! Olha M. J., vou começar por te fazer uma pergunta a... que tem a ver com uma apreciação global que eu gostavas, que eu gostava que tu fizesses sobre a nossa escola. A... Quais é que pensas... Portanto, globalmente o que é que tu pensas da nossa escola? Quais pensam, quais pensas que são os pontos fracos e os pontos fortes da nossa escola?

e- (pausa) Bom, a... pontos... fortes: (pausa) A escola (pausa) portanto está inserida, portanto é numa ilha, logo tem uma série, por exemplo uma série de limitações no que diz respeito à facilidade com que a comunidade escolar pode ter acesso a diferentes... a.... tipos de informações e conhecer na realidade o próprio país e... as diferentes instituições porque... se nós não vemos os... também, entre aspas, os edifícios, portanto os nossos alunos e a escola, em geral, ficam um bocado distanciados de uma série de situações em termos de... de conhecimento que... que faz parte de... de... da sociedade. Mas, nós como escola, a escola tem... tem... um espaço que, não é muito funcional em termos da leccionação de algumas áreas de ensino... A... Isso portanto, não tem! Mas...

E- Desculpa, dá-me exemplos dessas áreas que tu achas que estão a... com espaços deficitários.

e- Exemplos... Olha, nós temos, não temos laboratórios adequados à disciplina de informática; não temos laboratórios adequados também à matemática, à física e química. Não temos as oficinas se calhar para o desenvolvimento de acordo como o que está programado na área da... da disciplina de educação tecnológica... a... Portanto, temos realmente o... digamos computadores mas se calhar (pigarreia) eles não estão colocados de forma a que... de acesso, de fácil acesso ao corpo docente e também na parte do acesso ao, a este tipo de material informático para os alunos, é muito limitado... Portanto, os nossos alunos passam aqui muito tempo em pé, neste espaço que é um corredor [referindo-se à reprografia] para tratarem ... às vezes de escreverem alguns pequenos documentos e que poderiam até fazê-lo num espaço adequado mas não temos! Precisamos de melhorar portanto essa parte do uso, da facilidade para os alunos poderem usar as tecnologias. A... É preciso um espaço para os alunos fazerem também trabalhos em grupo porque a biblioteca não é o espaço adequado para a realização de

trabalhos de grupo, por exemplo! Porque um trabalho de grupo implica interações; logo os alunos têm que conversar, têm que falar um bocadinho alto e... e muitas vezes também precisam de a... de se deslocar à... e portanto tudo isso acaba por originar algum ruído que devemos evitar que isso aconteça na biblioteca porque o espaço dito biblioteca é um espaço onde tem que haver realmente silêncio quase absoluto, não é? Porque é mais, a biblioteca é mais um espaço de leitura e de pesquisa individual do que um espaço para trabalho de grupo. (pausa) Eu acho que já me perdi... (risos)

E- Portanto, eu ‘tava... eu penso que me ‘tavas a falar dos aspetos menos...

e- Portanto, no fundo comecei pelos...

E- ... que tu consideras negativos, não é?

e- Negativos, sim!

E- Pronto!

e- Ah... Também penso que o facto de nós termos uma cantina... a funcionar, cantina a funcionar para dar... servir ... pelo menos as refeições principais, o almoço. Isso também, se calhar, para nós docentes e para os próprios alunos a... não... a... portanto dificulta um pouco, a... porque... dificulta porque leva, dificulta porque sem isso se calhar, perdemos mais tempo, durante a semana, a... que poderia ser canalizado para nós a... realizarmos outras atividades, nós professores e os alunos também poderem ter maior facilidade de combinarem, ficavam na escola, almoçavam e continuavam a trabalhar, a... durante o período da tarde, por exemplo! E assim, têm que se deslocar para casa para fazer as suas refeições e eu acho que eles perdem um bocado de tempo com isso até porque o horário dos autocarros, segundo o que os alunos afirmam, a... não lhes permite que eles fiquem em casa duas horas. Eles no fundo, só ficam praticamente uma hora e não as duas [referindo-se às duas horas em que a escola encerra durante o período do almoço]. Depois perdem muito, perdem algum tempo quando têm que... quando precisam de ficar de manhã e de tarde na escola, perdem muito tempo nos transportes. (pausa) Também é um aspeto a... negativo. Depois... outros aspetos negativos... a... (pausa)

E- Por exemplo, tu tens me ‘tado a falar somente de aspetos que têm mais a ver com as condições físicas...

e- Físicas.

E- ... da escola. A...

e- Agora, eu acho que a nível do corpo docente... acho que, eu noto que precisávamos trabalhar mais em equipe. E... e... e... precisávamos de... conversar um pouco mais sobre o trabalho que fazemos em sala de aulas. A... eu noto, noto que há essa falha porque, quando nós estamos a abordar o apoio ao... portanto pedagógico individualizado nalgumas disciplinas aos alunos, dos alunos, portanto implementado para os alunos com necessidades educativas especiais, há sempre alguém que diz “Ah, eu não sei o que é que tenho que trabalhar com este aluno” ou, por exemplo, ouve-se muito “eu não sei o que vou fazer” ou, isto significa que aquele professor, que é um professor por exemplo de física-química não, e que tem no seu horário semanal esse apoio ao aluno, não interagiu com o seu par, não é? A... não teve em conta a planificação para aquele ano de escolaridade em que está inserido o aluno, não é? E não, pronto, nota-se logo que não há um trabalho em equipa porque se o professor que dá o apoio ao aluno não tem o aluno na turma, terá que estabelecer um contacto com o professor que trabalha com ele na turma para fazerem uma planificação em conjunto e não têm que estar à espera que seja o conselho pedagógico, nem o órgão de gestão da escola a deliberar essa situação, a dizer “Têm que se reunir”. Portanto, têm que combinar um momento de encontro que poderá até não ser na reunião que se faz mensalmente de conselho de disciplina, mas os professores terão que, entre eles, estabelecer um momento, momentos de encontro para definirem as atividades a desenvolver com esses alunos. Isto é um aspeto que eu noto! Porque ‘tão sempre a... Porque nota-se muitas lamentações na... relacionadas com esse tipo de trabalho... A... noto que as reuniões de disciplina, a... normalmente são para comunicação daquilo que é abordado em conselho pedagógico e não me parece que seja essa a principal função de um conselho de disciplina... por exemplo! O mesmo se passa com os conselhos de... o departamento. As reuniões de departamento acabam por ser apenas o assunto tratado são as... é a comunicação daquilo que se abordou em conselho pedagógico. Mas um departamento tem um papel, tem uma ação, tem competências específicas; a... por isso é que tem assento nos... têm assento no departamento professores portanto que são delegados de disciplina desse departamento. Portanto, deveriam fazer um trabalho de tal forma a... a que realmente se garantisse uma interdisciplinaridade, a... e depois... se verificar uma maior coordenação ao nível de certas temáticas que são, que são comuns a várias disciplinas... e assim, se houvesse essa coordenação, se calhar os alunos não

sentiriam a repetição dos mesmos conteúdos... Porque realmente eu sei que há temáticas comuns, mas trabalhadas em disciplinas diferentes, a... é... portanto, têm como objetivo incidir... a... portanto, sobre temas mais específicos. Eu falo, por exemplo, quando se fala da grandeza, por exemplo quando se fala da pressão atmosférica na geografia e se fala na pressão atmosférica na física, o conceito é o mesmo mas na física temos que aprofundar a forma de avaliar, de medir, e às vezes é bom que se saiba quais as unidades que já foram abordadas... coisas deste género. Para que os alunos não se sintam, não digam que às vezes estão a aprender as mesmas coisas. A... em disciplinas diferentes e não só! Há outro aspeto também que é importante: É que há uma diversidade de termos específicos, da terminologia para a abordagem de certos conceitos, que depois numas disciplinas exige-se um rigor científico no uso da terminologia específica, e eu já constatei várias vezes que se os alunos não usam essa, portanto os termos específicos, são penalizados nos exames, e depois eles ‘tão a usar, ‘tão noutras disciplinas que não são sujeitas a exame, ‘tão a falar dos mesmos conceitos mas não com o rigor científico. E os próprios alunos dizem “Ah, mas eu aprendi que pode-se dizer também assim!”. Prontos, isto é um trabalho que se calhar a nível dos departamentos, momentos entre professores de diferentes disciplinas poderiam aferir e verificar então como utilizar a linguagem específica. Portanto, acho que... acho que nós precisamos de um maior envolvimento a... no que diz respeito às planificações das disciplinas e no conhecimento dos diferentes conteúdos das disciplinas por parte dos elementos do conselho... do departamento. Acho que... eu acho que são poucas pessoas que têm assento nos departamentos e que realmente têm uma visão geral dos conteúdos que são tratados nas diferentes disciplinas daquele departamento. (pausa) Por exemplo, eu lembro-me perfeitamente que há uns anos atrás, quando coordenei o departamento de ciências, tive o cuidado de ler o programa de ciências naturais do segundo ciclo, ler o do básico; do secundário já não fizemos isso. E nessa fase inicial, quando... quando demos início à implementação portanto do novo... portanto do decreto-lei da autonomia das escolas, nós em termos, nessa fase tivemos muito mais cuidado e... e fizemos um trabalho no sentido de coordenarmos; fizemos reuniões formais, isto no terceiro ciclo, entre o grupo de ciências e o grupo de física e química e o grupo de matemática. Mas nos últimos tempos, isso não tem vindo a acontecer... Mas já se fez, no passado! Isto há uns dez anos atrás... 2002... há quase catorze anos atrás... Treze, treze! Fizemos isso...

E- A... Diz-me uma coisa: Eu acho que tu ‘tás aí a tocar num aspeto que é muito importante que é de facto a... a necessidade de haver mais trabalho colaborativo entre professores, como é que tu achas que isso pode ser... a... resolvido? A... Porque de facto, é assim, eu sou delegada de grupo, e ainda noutro dia eu conversava isso, e é assim, de facto nós sabemos que há um conjunto de soluções que... que teoricamente nos competem mas depois também do ponto de vista do enquadramento legal, nós também não temos como obrigar as pessoas a... Quer dizer, se eu notar por exemplo, que há um atraso significativo no meu grupo, no cumprimento de um determinado programa, por parte de um determinado professor, ou num determinado ano, ou numa determinada turma... a... para além de dizer ao colega, com o máximo de boa educação “Olha que eu acho que estás um bocadinho atrasado”, eu não tenho outros mecanismos para resolver o problema! Portanto, como é que tu achas que nós podemos fazer essa promoção desse trabalho colaborativo... a... e dessa... não digo fiscalização, porque não é fiscalização (risos) mas dessa coordenação... tentar que de facto as planificações sejam cumpridas... etc., etc....

e- Eu... eu... relativamente a isso eu acho que não é num momento formal, mensal, a... que tem a ver com a reunião de departamento, que se pode fazer esse tipo de trabalho, não! Eu acho que a reunião poderia proporcionar era a organização do trabalho a ser desenvolvido pelos diferentes elementos do departamento. Depois os diferentes elementos, de acordo com as disciplinas que tinham mais conteúdos em comum é que deveriam trabalhar, portanto, deveriam ter encontros, também formais, para fazerem esse trabalho. Mas tudo isto como implica tempo, daí que... portanto, acho que é necessário, se calhar, a... estar regulamentado um tempo para esse tipo de trabalho também... Porque pede-se muito aos professores um trabalho colaborativo mas é difícil a sua concretização também devido aos horários dos diferentes docentes que não são compatíveis, a... e isso é algo que é bastante limitador... por exemplo.

E- Agora diz-me uma coisa, temos ‘tado a falar daquilo que tu consideras que são os pontos fracos da escola, a... pontos fortes, vês algum? Ou... (risos)

e- (pausa) Ah... Olha, é assim, fortes, fortes... Prontos, eu acho que em termos de... relações, não noto... eu... eu acho que... eu consigo lidar com a maior parte dos colegas e alunos, a... com um certo equilíbrio, portanto e o facto de a escola ser... não ter assim tantos alunos, conseguimos conhecer mais ou menos todos os alunos. E eu como presidente do conselho pedagógico acompanho, gosto de acompanhar tudo o que

se passa com os alunos, tanto do segundo ciclo como do terceiro e do secundário e... e... e prontos, e acho que consigo conhecer as situações mais... digamos graves, para podermos a... com necessidade de intervenção da escola, porque não temos assim tantos alunos... e como também conhecemos os colegas... todos os colegas, não é? A... às vezes é fácil, em momentos informais, irmos resolvendo situações que vão acontecendo, mais ou menos de forma atempada. Portanto, de facto a escola ser pequena, não ter muitos alunos, facilita um pouco esse trabalho... A... Depois, (pausa) Eu... eu gosto desta interrupção, em termos do horário semanal da escola eu também gosto da interrupção a... mas nós poderíamos aproveitar essa interrupção, se calhar, a... para também termos aqueles momentos formais de trabalho...

E- 'Tás-me a falar da interrupção da quarta-feira à tarde?

e- Da quarta-feira à tarde e também a interrupção ...

E- ... da hora de almoço...

e- ... de duas horas da hora de almoço. Só que, eu gosto, só que nós não podemos pensar que essa interrupção de duas horas é para descanso. Devíamos pensar, realmente sim, uma hora para descanso que é a hora de almoço mas deveríamos ter a escola organizada de forma que os docentes pudessem trabalhar. A... a... portanto numa dessas horas, pelo menos uma hora durante essa interrupção de duas horas em termos de horas letivas para os alunos, e isso é que não está... não está a ser proporcionado... porque nós depois, mesmo que queiramos fazer uma série de atividades nesse período, na interrupção lectiva diária, a escola 'tá parada. Não encontramos realmente às vezes o apoio, da parte dos funcionários para entrarmos no espaço da própria escola, portanto isso também é outro aspeto negativo... a... mas eu considero, é negativo nesse... por esse lado, mas eu considero que é positivo porque se calhar a...

E- Podemos criar condições para que a escola funcione nesse...

e- Exatamente, para que os docentes possam continuar a trabalhar! (pausa) Prontos, mesmo que não 'tivessem a trabalhar directamente, de forma direta com os alunos mas poderiam...

E- Sim, os tais encontros de coordenação e de...

e- Exatamente. É. E também acho que nós não podemos 'tar sempre a pensar que um encontro para trabalhar tem que ser sempre noventa minutos. As pessoas 'tão um

bocado formatadas pelo... pelo segmento, como as pessoas, o bloco, não é? Disse segmento mas não é correto; noventa minutos em termos da terminologia da legislação é bloco. Depois quando é tempo de quarenta e cinco já é o segmento porque, prontos, enfim... depois há o termo de comparação com... com o bloco. E nós podíamos usar, sei lá, quarente e cinco ou cinquenta minutos para estes encontros de promoção da... de um trabalho colaborativo (pausa)

E- A... portanto, digamos que em termos, digamos assim de pontos fortes da escola tu vês então muito poucos...

e- Eu vejo poucos...

E- ... apenas a dimensão da escola e uma certa estabilidade do corpo docente...

e- Agora, um ponto forte, mas isso tem, eu não considero que isso seja, portanto, posso dizer que é bom mas não é um ponto forte porque isso decorre da nossa situação geográfica; eu considero bom trabalhar com, trabalhar em especial no ensino secundário, com turmas com poucos alunos. Mas isso eu não posso considerar um ponto forte da minha escola porque isso decorre do facto de não termos na ilha, não é, onde está inserida a escola, um número suficiente de alunos para constituirmos a turma com o número previsto na própria legislação, mas prontos (risos) acaba por...

E- Não, acaba por ser um ponto forte! É um ponto forte que resulta de um constrangimento geográfico mas é um ponto forte...

e- Pois, é isso...

E- Olha, gostava que me disseses uma coisa, tu falaste muito na necessidade...

e- A... mas posso dizer outro ponto que eu também considero que é forte é o facto dos nossos alunos, em especial do ensino secundário, terem a possibilidade de... de... de verem a escola oferecer a disciplina em que eles se inscrevem... porque sei de outras escolas, até com maior dimensão, com muito mais alunos, as disciplinas opcionais são sempre limitadas, existem muitas mas a escola limita, enquanto que a nossa escola não limita a... a, portanto a inscrição nas disciplinas ditas opcionais da matriz curricular do curso onde eles, os alunos 'tão integrados...

E- Olha,...

e- ... ou estão a frequentar!

E- Ok! A... pronto, quando me estiveste a falar da escola, falaste-me de condições materiais e depois falaste-me de questões que têm a ver com a forma como os professores trabalham. A... e eu gostava que tu me falasses exactamente um bocadinho sobre o corpo docente... Por exemplo, a... como tu... o nosso trabalho tem várias dimensões, não é? A... temos por um lado, a prática lectiva, direta, com os miúdos; temos depois a preparação dessa prática, inclusivamente temos nalguns casos o acompanhamento de atividades de complemento curricular... temos, enfim... a nossa profissão, temos muitas vezes também, sobre tudo quem desempenha determinado tipo de cargos, uma carga burocrática em cima, a... e eu gostava que tu me dissesses, a... dessas dimensões da atividade dos professores, o que é que tu consideras que é mais importante?

e- É assim, a prática lectiva pressupõe sempre um trabalho fora da sala de aulas. (pausa) Mas considero extremamente importante a forma como o... como o professor trabalha na sala de aulas: As interações... portanto toda a parte pedagógica do seu trabalho, relativamente aos alunos. A... só que, portanto, esse trabalho realmente resulta e quando também há um trabalho prévio de preparação. A... e daí... a... que eu continuo a achar que nós precisamos de trabalhar em equipa para nos ajudarmos mutuamente a... em situações que vamos ficando desactualizados, não é? E às vezes, em trabalho colaborativo, há sempre alguém que já fez uma investigação, que fez um trabalho de formação contínua individual por exemplo, de forma individualizada e que às vezes contribui, nesses momentos formais, para alertar, para ajudar, para dar ideias, e isso depois, claro, poderá reflectir-se na prática lectiva...

E- Hum, hum. Falaste-me aí de uma questão que é a questão da formação e da formação contínua, a... e gostava que me falasses um bocadinho disso... porque a nossa formação tem, basicamente, três dimensões: Tem uma dimensão de formação inicial...

e- Exatamente!

E- ... depois tem a formação contínua e depois tem a formação especializada. Eu gostava que tu me falasses um bocadinho da importância que tu atribuis a cada uma destas dimensões, o que é que tu achas que se podia fazer para melhorar estes diferentes a... a... níveis de formação e uma questão que eu acho que na nossa escola, p'ra mim pelo menos é premente que é o facto de nós já termos uma percentagem a...

e- Exato, eu sei!

E- ... interessante de pessoas com formação especializada e que, curiosamente, tenho a impressão que a maior parte delas a... pelo menos não está a desempenhar funções para as quais tem de facto formação especializada. Gostava que me falasses um bocadinho disto tudo... Como é que vês a formação inicial... a contínua... etc. ...

e- Olha, a formação inicial, prontos, é aquela formação que nós adquirimos na universidade, não é?...

E-Sim, sim...

e- Prontos! Eu acho que portanto, do contacto que tenho com os colegas em geral, e tirando assim do meu grupo, não é? A... o mesmo curso leva a que as pessoas tenham conhecimentos... prontos, até na mesma área de ensino a... diferentes! Prontos, eu falo pelo meu grupo, todos estamos habilitados para a disciplina mas uns fizeram a sua formação a incidir mais na componente de física, outros na componente de química... No caso do meu grupo, também tendo em conta a parte das atividades experimentais, a... há sempre um trabalho colaborativo; tem vindo a acontecer esse trabalho colaborativo. Em especial com os docentes mais... que já estão há mais anos na escola e que, desde sempre, portanto fizeram esse trabalho. Os mais novos não têm... eu considero que os mais novos não têm contribuído com os conhecimentos adquiridos na sua formação inicial para nós, para os colegas que já se encontravam na escola. Tem sido, eu tenho visto ao contrário: Os colegas que já se encontram, porque eu tinha, enfim, durante alguns anos eu tinha a esperança de aprender algo mais com os colegas que terminaram as licenciaturas nos últimos anos e que tinham, e que iniciaram a sua carreira. Portanto, porque nesta área, a minha área, como uma área das ciências, parte-se, e há, tem havido sempre evolução, uma grande evolução, principalmente a nível dos materiais de laboratório e etc. e eu pensava que os nossos colegas iam contribuir com a indicação de novos... a aplicação... o uso de novos materiais e pensei que eles 'tivessem preparados também para saber utilizar esses novos materiais. O que não tenho... o que não tenho notado isso... tem sido sempre os, nós, que já estamos na escola a contribuir para eles; para eles aprenderem a utilizar uma série de materiais didáticos. A... por isso, em termos da formação inicial, eu... eu acho que, se calhar, os docentes que fizeram as licenciaturas de cinco anos, acabaram por... por... estão na posse de um maior conhecimento do que os mais recentes, os que fazem licenciaturas tipo de Bolonha... E... mas também os colegas que fizeram licenciaturas de cinco anos, nesta mesma área, não sei bem o que é, em termos de... as novas tecnologias e do uso

dos novos materiais de laboratório o que é que eles aprenderam a mais do que nós... não consigo... tive esse... a... da parte deles não... não melhorei! Não aprendi com eles! Não consegui aprender nada mais com eles. A... agora, eu acho que é importante a formação contínua! A... mas como nós professores, temos sempre a parte de aulas [incompreensível] eu acho que uma parte da formação contínua deveria ser sempre, uma parte, não digo toda! nós para, um professor tem que ter uma cultura geral e etc. e tem que ter conhecimentos diversificados, mas deveria de haver sempre o cuidado, ao longo dos anos, de fazermos uma espécie de reciclagem sobre os conteúdos que nós trabalhamos em sala de aulas com os alunos. Até porque tem havido, nos últimos anos, alterações dos programas, a introdução de temáticas que nós não abordámos na fase da nossa formação inicial e que, para termos que leccionar, porque temos que leccionar! Temos aquele programa temos que leccionar essas novas temáticas, temos que fazer um estudo por nós, sozinhos. A... eu passei por isso, quando tive que leccionar a parte do... dos plásticos, toda a química dos plásticos, quando eu fiz a minha licenciatura não abordei nada sobre a química dos plásticos! Depois, os aspetos negativos para nós que trabalhamos nesta escola, até às vezes é difícil o contacto com outros colegas d'outras escolas e na nossa escola nem temos outro colega a leccionar o mesmo programa e às vezes é difícil de reflectirmos e de ... de fazermos algumas aprendizagens relativamente a essas novas temáticas porque para eu 'tar a leccionar, eu tive que fazer o estudo todo sozinha, por exemplo! Portanto, há temáticas que são abordadas atualmente com os alunos que não fizeram parte portanto dos estudos na nossa formação inicial. E aí, a formação contínua deveria ter... a... portanto, um contributo. Portanto, nós deveríamos ter se calhar apoio das instituições, portanto do Ministério da Educação, no sentido de termos uma formação específica sobre as novas temáticas que foram introduzidas nos programas, provavelmente. Agora, formação especializada, eu acho que até é bastante pertinente, a... e acho que realmente... deveria ser difundida no meio escolar. A... prontos, e... para que realmente... se, se... haja um levantamento digamos, razoável, a... desse tipo de recursos, desse tipo de... de conhecimentos especializados, no dia a dia, para resolvermos, tentarmos resolver as situações que às vezes nós não... temos sempre dificuldades em chegar ao bom porto, principalmente em relação aos alunos com necessidades educativas especiais... Muitas vezes nós falamos, reflectimos mas nunca encontramos, dificilmente encontramos uma forma de... ajudar... esses alunos para que eles realmente acabem por ter uma formação capaz de eles, de no futuro poderem realmente garantir o seu sustento, em especial. 'Tou aqui e penso muitas vezes

na Bárbara, penso no Paulinho... Porque muitas vezes vejo o Paulinho na escola mas muitas vezes nem 'tá a ter, 'tá na escola mas não 'tá a trabalhar. (pausa) Por vários motivos: às vezes ausência de professores, outras vezes nem sei o quê.

E- Olha, diz-me uma coisa, voltando ainda só atrás, à questão da formação contínua, na tua perspetiva, por exemplo, a... então posso deduzir que tu entendes que a formação contínua é uma coisa que seria, que é importante, isso tu disseste, mas que é basicamente portanto da responsabilidade de órgãos externos... portanto, deveria ser a Secretaria, o Ministério, a providenciar essa formação?

e- É assim, eu acho, eu não digo que seja apenas da responsabilidade de órgãos externos, não! Eu acho que cada um de nós, no dia a dia, deve-se preocupar com a sua formação, que é isso que nós chamamos formação contínua. Mas, relativamente a temáticas mais específicas, relacionadas com a disciplina, não é? Acho aí que, acho, nessa situação que nós deveríamos ter a colaboração da própria, do próprio Ministério da Educação no sentido de melhorarmos essas aprendizagens, porque sozinhos, às vezes, é difícil. E estarmos num grupo, a trabalhar esse assunto, como nós todos sabemos, melhoramos as aprendizagens de forma mais... (pausa)

E- Sim, portanto penso que é... posso subentender que é mais a questão da oferta...

e- Pois...

E- ... de que tu te queixas?

e- Sim, da oferta porque a oferta é mais em termos gerais. A oferta, a oferta da formação, a oferta da escola e mesmo das outras, mesmo dos sindicatos e da Secretaria Regional de Educação é de âmbito mais geral; não vai às vezes ao encontro das necessidades dos diferentes grupos disciplinares.

E- Pronto, vou passar p'ra... p'ra última temática sobre a qual quero falar contigo que é a Comunidade de Prática que 'tá a funcionar na nossa escola... Gostava que tu me falasses um pouco dessa, dessa comunidade, se é que tens algum conhecimento sobre ela...

e- A... A L. [P12] 'tá a falar do trabalho que está a desenvolver? Eu não tenho estado presente... portanto... nessa prática mas... prontos, tenho feito leituras de alguns documentos sobre essa prática e acho que, embora não esteja a participar, mas considero de extrema importância porque... o facto de nós, como docentes, treinarmos, porque no

fundo essa prática tem a ver com... para além de várias situações, ir às aulas de outro colega, observar, depois reflectir, etc., etc., isso é algo que deveríamos fazer, eu acho que todos os anos devíamos fazer, a... nós docentes, deveríamos fazer isso! A... porque... é uma forma de nos ativarmos. Para as observações... para... da... das aulas, e depois, as reflexões sobre essas observações e, e podemos aproveitar para corrigir a forma de abordarmos aquela temática... a forma, corrigir o tipo de atividades a desenvolver com os alunos para o tipo de aprendizagem, etc. Isso é de extrema importância. E eu, eu já fiz também uma formação de cinquenta horas onde tive esse tipo de... prática. E gostei imenso!

E- Olha, diz-me uma coisa, portanto, posso concluir que tu valorizas positivamente este trabalho?

e- E o facto de reflectirmos sobre... estratégias a desenvolver para um tipo de aprendizagem... de alguém... depois aplicarmos noutra situação... e alguém voltar a observar, portanto, tudo isso, leva-nos às vezes até a... a verificar como é que nós devemos melhorar a forma de comunicarmos e trabalharmos certos conceitos que os alunos têm que aprender. Porque muitas vezes, quando não fazemos, quando não fazemos isto de forma continuada, ficamos, entre aspas, parados, pensando, no tempo, sobre essa situação. Ficamos a pensar “Ah, isto como eu ensino isto está bem e tem que ser assim que os alunos, isto é a melhor forma que tenho para ensinar isto aos meus alunos.” E muitas vezes não é. Não é, mas como nós já... cristalizámos, a... nem, nem temos a percepção que nós, não conseguimos ter a percepção que aquilo não está a funcionar, já não está a funcionar e deveríamos realmente alterar. A... por exemplo, eu gosto muito de conversar com um colega de grupo, que é o colega João Abel, sobre aspetos científicos e nos últimos anos tem sido curioso, ainda na última reunião, que perante uma situação, nós, nós agimos como alunos, e vou dar este exemplo que aconteceu na reunião: Uma colega estava a indicar uma atividade que poderíamos desenvolver agora, no final do período, com os alunos, portanto (pigarreia) para a última sexta-feira de aulas e ela então, estava a indicar que poderíamos usar latas de coca-cola e com o balão cheio de ar, friccionávamos e tentávamos que os alunos colocassem a lata em movimento e há alguém que diz logo assim “Ah, isso é impossível!” E depois “É impossível, é impossível” . Eu disse “Não. Porque se a lata, porque tu estás a pensar em deslocar a lata na posição, numa dada posição em que não... em que vais ter em conta só o movimento de translação, sem ser o movimento de

translação com rolamento; mas se tu colocares a lata deitada, portanto o atrito já é menor porque tem o movimento, portanto é de translação e de rotação ao mesmo tempo, e aí já vai ser possível deslocar a lata pela interacção electrostática. Ora, claro que depois houve um acordar para a situação mas se... como, portanto como o aluno, como o colega pensou que era impossível, os alunos no dia a dia também pensam. Muitas vezes, se calhar, este professor se fosse implementar este conceito em sala de aulas, não iria fazer esta diferença em que é possível porque colocamos realmente em movimento a lata, com uma força fraca mas não numa dada posição mas noutra posição. E porquê? Porque a gente, às vezes, com, o andarmos, o facto de nós não reflectirmos com tanta frequência, portanto acabamos por parar em termos de raciocínios e etc., ficamos limitados

E- E agora deixa-me fazer-te uma pergunta que não ‘tava prevista mas é assim, portanto, posso subentender que tu fazes uma valorização positiva desta comunidade, no sentido em que achas importante que as pessoas tenham um espaço p’ra reflectir sobre o seu trabalho e até, no nosso caso fazermos observações mútuas mas podia não passar por aí, podia ser só mesmo um espaço de reflexão, a... não sei se tu tens muito conhecimento sobre o funcionamento da comunidade mas posso dizer-te por exemplo, que nós do ano passado para este ano, ficámos reduzidos a metade do número de membros. A... e o que é engraçado, ‘tou-te a fazer esta pergunta por isto, porque é muito engraçado que é assim, quando eu falo com várias pessoas, toda a gente acha que “Ah, isso é muito engraçado”, “Isso é muito giro” e não sei quê, até porque ainda por cima tem a vantagem de dar cinquenta horas de formação validada, a... o que é que tu achas que pode explicar que, um projecto que as pessoas, pelo menos teoricamente valorizam, tenha tão pouca adesão e até, p’ra mim pessoalmente, pior do que a adesão é que eu, pronto, eu também sei que isto ‘inda é só o segundo ano e que se calhar daqui a dois anos as coisas vão ser diferentes, mas a minha expectativa era que isto se replicasse um bocadinho. Por exemplo, da mesma forma que nós criámos esta comunidade que é interdisciplinar, poder haver uma comunidade deste género só para professores da área das ciências ou para professores... Portanto, o que é que tu achas que faz com que as pessoas, que ainda por cima estão permanentemente a queixar-se “Porque isto aqui é uma chatice, porque estamos isolados e não temos acesso à formação” e ta, ta, ta, ta, ta, ta, depois, perante um projecto que pelo menos teoricamente até valorizam, a sensação que eu tenho é que o projecto não tem um

grande impacto na escola. Não tem no sentido em que por um lado, a adesão é muito pequena e por outro lado também não há uma, aquele efeito, porque as pessoas podiam dizer assim “eh pá, eu não vou p’ra aquela comunidade porque não gosto do Zé Manel” ou “não gosto não sei do quê” ou “aqueles temas não me interessam mas se calhar aquilo é uma boa ideia p’ra gente fazer uma comunidade sobre não sei quantos” e... e isso não se vê! O que é que tu achas que pode explicar essa... digamos assim, essa... esse amor platónico (risos) que é o que acontece...

e- Bem eu... eu acho que nós docentes, temos facilidade, não é pelo facto de sermos docentes, tem a ver com a natureza humana, nós criticamos... a... e cremos melhorias. Criticamos, cremos melhorias. Mas depois, no nosso dia a dia, não temos o comportamento que... que leve a que haja realmente melhoria. A... somos pouco persistentes, e se calhar, também, negligentes connosco próprios, como pessoas e como docentes. (pausa) A... porque entramos às vezes numa de desleixo... até mesmo no trabalho com os alunos... porque muitas vezes deixamos sair, ou expressamo-nos dizendo “Ah, já não tenho pachorra!”, “Eu quero lá saber!” ou “O aluno não fez mas também não me vou preocupar... ele não quer, não quer!” Se ouvimos estas expressões, isto significa que não somos persistentes no sentido de lutarmos para que as coisas melhorem e para que os alunos melhorem também a aprendizagem. A... nós se calhar... prontos, [entra um colega e interrompe] Perdi-me no meu raciocínio...

E- ‘Tavas a dizer que nós às vezes não somos persistentes para que os alunos melhorem...

e- Não somos persistentes. Penso que falta um bocadinho, falta-nos aqui o querer melhorar, aquela vontade intrínseca! Eu acho que falta um bocadinho, tanto nos alunos como nos docentes.

E- Portanto, achas que no fundo, o nosso discurso de melhoria é mais um discurso retórico e depois não fazemos muito para passar da teoria à prática?

e- Pois, eu acho que é. É, é isso! É um bocado, é um bocado isso. Claro que poderá, podem existir situações que limitem um pouco. Portanto, o trabalho, a prática, não é? Como os horários, por exemplo... Se calhar, nós devíamos ter... um número de horas letivas um bocadinho menor... pelo menos se nós pensarmos no passado, na legislação do passado, quem, isto não... não... prontos... havia aqui, havia situações que tinham em conta o próprio envelhecimento das pessoas e havia a redução de acordo com a

idade; eu acho que isso até ‘tava, era, quanto a mim era algo correto porque o ser humano, nasce, cresce, vai-se desenvolvendo e vai envelhecendo... e aí as capacidades, a capacidade de trabalho, à medida que vamos envelhecendo, falo por mim, vai-se, portanto passa, passa a ser menor. Ou seja, eu não consigo eu não consigo executar as mesmas tarefas num... num determinado tempo, como fazia no passado! Eu noto que para desempenhar certas atividades, certas tarefas, basta pensar no tempo que às vezes levo para preparar as coisas para um trabalho de laboratório. Levo muito mais tempo. Eu olho para o relógio “Já passaram uma hora e tal e eu ainda estou aqui, ainda não...” “No passado, ao fim de uma hora, já tinha tudo prontinho, agora não, agora levo mais tempo, porque tenho que testar previamente e para fazer as medições fico quase duas horas para preparar algo que no passado preparava durante uma hora! Ora. Se calhar, o que se passa comigo passa-se com muitos colegas. Nós até achamos interessante a prática mas o fator tempo, aqui condiciona.

E- Exatamente.

e- É o que eu acho... falo por mim, que é o que eu sinto.

E- Ok! Olha M. J., muito obrigada pela tua disponibilidade.

ANEXO VIII E
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- CC1

E- Bom, A., quero começar por te agradecer a tua disponibilidade para esta entrevista. Precisava que comesse por me dar alguns dados pessoais, tais como a tua idade...

e- 45

E- a tua categoria profissional...

e- Neste momento... portanto, sou licenciado, sou profissionalizado no ensino do português e línguas do segundo ciclo e... e sou professor do quadro de escola.

E- Pronto... Portanto, o cargo que tu exercer atualmente na gestão intermédia da escola é...

e- coordenação de ciclo [2º ciclo]

E- E estás nesse cargo há quanto tempo?

e- Portanto, desde 2001...

E- Ok

e- ... cerca de 15 anos

E- Pois, são 14 anos... Olha, gostava por começar por te perguntar o que é que pensas sobre a nossa escola... assim, em termos genéricos, se tu tivesses que fazer uma apreciação genérica sobre a escola...

e- ah... pode-se abordar, eu posso abordar isto de duas formas... Através da experiência que tenho ao longo dos anos, tenho verificado que a nível por exemplo, começando pela nossa categoria profissional que somos professores, a nível de docência, o ambiente tem-se degradado ao longo dos anos. Eu acho que cada vez, o ambiente entre colegas, que deveria ser um ambiente bom, em que houvesse interajuda, tem-se degradado. A nível profissional, ao nível de... de resultados, tenho verificado, aí verifico que desde que entrou a reforma curricular em 2001, que os resultados pioraram na disciplina de Inglês, por exemplo, que é a que eu leciono... sempre a piorar. Ah, tenho verificado também que a nível de... de aplicação dos alunos, a nível de estudo e de... vontade e de... expetativas, os alunos têm sido cada vez pior... o desempenho deles. Acho que, que as expetativas dos nossos alunos no Porto Santo são sempre médias, fracas. Ah, a nível diretivo, a nível por exemplo de órgão de gestão, uma vez que eu trabalho com o órgão de gestão, desde que eu entrei nesta escola são as mesmas pessoas nestes anos todos, não tenho nada a apontar porque sempre fui tratado de maneira excelente e

sempre trabalhei de maneira a corresponder às expetativas que tinham sobre mim. Considero sim, isso, talvez que haja algum desgaste, e isso nota-se nos últimos dois ou três anos, algum desgaste a nível de órgão de gestão porque as mesmas pessoas nos mesmos sítios, nos mesmos lugares muito tempo, origina isso. Posso falar isso por exemplo por mim, a nível da coordenação de ciclo em que, como estou há... faço quinze anos que estou neste cargo, a minha forma de trabalhar nos primeiros anos é completamente diferente da forma que tenho agora. Continuo a fazer as coisas que fazia mas a vontade que tenho em inovar já não é a mesma que tinha quando comecei com este... com este cargo. Por exemplo, outra coisa que posso falar, também tem a ver um pouco com a minha, com o meu desempenho, tem a ver com a disciplina de Inglês, por exemplo, em que, no caso, os alunos de 5º e 6º ano, os resultados como já referi são cada vez piores uma vez que também se desinvestiu nesta disciplina em detrimento do português e da matemática.

E- Ok. E por exemplo, depois dessa apreciação global, que aspetos é que tu, aqui na nossa escola, destacarias pela positiva e que aspetos é que tu destacarias pela negativa? Por exemplo, tu faltaste-me aí do... portanto do desempenho dos miúdos, ser pior em relação à... desde que entrou a reforma curricular... essas coisas assim... ah... o que é que tu achas... pronto... é um pouco isto que eu te disse, dentro das coisas que tu notas na escola, o que é que tu destacar pela positiva e o que é que tu destacar pela negativa?

e- Ah... pela positiva, e pronto, uma vez que tenho só quinto e sexto ano, pela positiva, o que destaco é que a nível, uma vez que eu lecionei no continente antes de vir para aqui, a nível de comportamento, ao contrário do que na maior parte das pessoas pensa, acho que os nossos alunos de quinto e sexto ano são muito bons. Um caso ou outro, como há em todas as turmas, mas a nível de comportamento nós hoje ainda conseguimos fazer... ainda conseguimos fazer deles praticamente o que queremos... e acho que isso é bom. A nível negativo destaco, a nível dos alunos destaco a... como negativo o que eu já disse há pouco, as fracas expetativas. Por exemplo, um aluno, numa turma, ter 25% num teste e porque o colega do lado teve 23, ele fica feliz. Portanto, isto acho que é um pouco... não sei se será a melhor maneira de eu explicar isto mas as expetativas desse aluno de 25% seriam sempre seria sempre “Fogo, eu tirei 25% só? Estou chateado comigo mesmo, isto não pode ser...” Não, ficou feliz porque tirou mais que o que tirou 23 ao lado! Acho que isto exemplifica um pouco o espírito do aluno do Porto Santo. Depois, ah... acho que a nível de segundo ciclo, comparando com

o que eu vejo no terceiro ciclo e secundário, ah... o ambiente entre professores do segundo ciclo é muito melhor do que no terceiro ciclo e secundário. Portanto, raramente, principalmente nos últimos anos, este ano acho que houve um caso ou outro que não foi bem assim, mas... mas o ambiente entre colegas do segundo ciclo é normalmente melhor... normalmente melhor... Ah... no terceiro ciclo e secundário penso que não será bem assim. Há muita... alguns conflitos entre... entre docentes, portanto que acho que só... só prejudicam o... portanto o aproveitamento e a forma dos alunos trabalharem também. Ah, destaco a nível positivo, a ilha em si porque nós aqui, conseguimos praticamente saber tudo sobre todos...isso é bom. Destaco como negativo a ilha em si porque com o facto de nos conhecermos a todos, ganham-se vícios que depois é complicado retirar. A escola... o espaço... um bocado... está degradada mas não me queixo; eu não sou daqueles que está sempre a pôr defeitos na escola. Tem defeitos, sim senhora, mas gosto muito da minha sala 17; se me puserem lá uns estores, umas persianas, fico satisfeito! Ah, e acho que por exemplo, se fizerem uma escola nova vamos sentir saudades desta escola uma vez que poderá eventualmente funcionar por turnos e nós no Porto Santo não estamos preparados para trabalhar por turnos.

E- Olha, diz-me uma coisa, tu falaste de alguns aspetos pela... pela negativa, por exemplo falaste, mais uma vez volto a dizer, a questão dos miúdos terem baixas expetativas, do próprio desempenho dos miúdos, pelo menos na tua disciplina, estar a ser um pouco pior, do ambiente entre colegas... O que é que tu achas que podíamos fazer, o que é que se pode fazer para melhorar um pouco a... a nossa escola nessas dimensões que... que penso que são as que estão ao nosso alcance porque pronto, o espaço físico não; não nos compete a nós, pelo menos por enquanto [risos], andar a carregar baldes de cimento...

e- Ah... a nível de resultados, começando pelos resultados por exemplo, acho exagerado a importância que se dá na nossa escola ao português e à matemática, nomeadamente na matemática no segundo ciclo, até porque considero que os resultados obtidos nas provas a nível nacional, nos exames de sexto ano, não correspondem ao investimento que é feito na matemática. Portanto, ah... eu dou o exemplo de turmas de dezoito alunos, como tivemos este ano, em que uma turma de dezoito alunos é dividida, um professor tem nove, outro professor tem nove, é quase ensino individualizado. Depois, vamos ver os resultados do português e no caso da matemática, não são... estão ali no rés-vés com a média regional e sempre normalmente abaixo da média nacional... Ah... acho que

passa por, passa também por aí. Está-se a dar extrema, importância demasiada ao português e à matemática em detrimento de outras disciplinas e volto novamente a frisar, porque nós puxamos a brasa à nossa sardinha, não é? Se nós estamos numa ilha virada para o turismo, em que tínhamos que apostar nas línguas, saber... portanto, na formação do próprio aluno, porque é aí que muitos deles vão ter que trabalhar porque a nível de universidade, cada vez temos visto mais que há alunos que entram mas depois desistem e muitos já nem sequer vão, portanto tinha que se trabalhar mais a nível das línguas e apostar nisso. E o que é que nós verificamos ao longo destes anos? Verificamos que continuamos a apostar nas línguas o normal porque é aquilo que vem no currículo, que vem na reorganização curricular e é aquilo onde se pode mexer e depois aposta-se... a nível de projeto educativo nos resultados do português e da matemática, mas normalmente mais no da matemática e acho que isso não se está a refletir nos resultados que temos obtido... A nível do português... ah... eu tenho uma opinião que não sei se deveria dizê-la aqui mas acho que...

E- Podes dizer porque isto é tudo confidencial

e- Pronto, a minha opinião sinceramente e eu... eu nisto... nisto já penso assim há muito tempo. Eu sou profissionalizado no segundo ciclo, eu fui formado para o segundo ciclo, não fui formado para o primeiro ciclo, fui formado para o segundo; portanto, se o professor é formado para o terceiro ciclo e secundário é porque tem que dar terceiro ciclo e secundário. E hoje em dia, o que é que verifico? Ao longo destes últimos anos e já há muito tempo, não critico quem faz isso porque no caso, o nosso presidente do conselho executivo normalmente faz o que pode para que as pessoas tenham o seu lugar para trabalhar, mas tenho verificado que dos vinte e quatro ou vinte e cinco professores do segundo ciclo, somos três ou quatro profissionalizados [no segundo ciclo]. Isto tem duas implicações: Primeiro, a formação que eu tive para trabalhar com estes alunos não é a mesma que os professores do terceiro ciclo tiveram, portanto, eu a determinada altura sentava-me no chão com eles nos estágios e jogava à cebra-cega e ao laço e andava a correr atrás deles porque eles a determinada altura tinham que ter isso. Depois, a forma como nós trabalhamos, no segundo ciclo é mais emocional com os alunos e não tão rígida. Portanto, eu sou mais flexível; se calhar consigo entender melhor que o aluno A, B ou C tenham aquele comportamento e não os castigar logo. E acho que a nível do terceiro ciclo e secundário, os professores estão preparados para trabalhar nesse ciclo. Obviamente que no terceiro ciclo os alunos são mais complicados; os professores têm

que ser mais rígidos com eles. No segundo ciclo eles são crianças e muitas vezes o facto de serem crianças nós temos que dar, não permitir, mas dar alguma margem de manobra. Uma aula de 90' nunca pode ser uma aula de 90' teórica, uma aula de 90' tem que ter momentos de paragem, que eles bocejem. Por exemplo, a determinada altura quando vejo às 8h20' que eles estão quase a dormir, mando-os levantar e eles põem-se [imita os alunos a bocejar e a espreguiçar-se de forma exagerada] e eles põem-se a rir. De repente, gera-se ali algum... algum estímulo deles e começamos a trabalhar normalmente e depois, com os tais 90' que eu vou aproveitar para aí 60 ou 70, mas aproveito-os bem! Enquanto se eu chegar lá, começar a debitar, “'tá calado!”, “Não faças isso!”, “Olha p'rá frente!” e eles ficam logo, chegam a um ponto chateiam-se! Acho que passa um pouco por aí...

E- Ó A., eu, essa tua resposta para mim foi assim fantástica porque conduz-me directamente a uma outra questão que eu queria abordar contigo e que passa exactamente pela formação dos professores. E eu acho que como tu disseste, e é muitíssimo pertinente, eu própria este ano tive pela primeira vez a experiência de ir para o segundo ciclo e percebi que aquilo é de facto outra coisa... tem que se trabalhar de outra forma, embora eu a nível de algumas regras, confesso que sou muito rígida, mas isso eu até sou rígida com as crianças de três anos porque eu acho que há regras que se não vêm de muito baixo, depois não é aos dezasseis que eu vou dizer a um pequeno “Olhe, você tem que pôr a mão à frente da boca quando boceja”... Mas pronto, isto é só um aparte meu, mas de facto eu estou muito de acordo contigo e gostava que me falasses um bocadinho, de facto como é que tu vês a formação de professores. Por exemplo, nós temos diferentes dimensões da formação de professores, temos a formação inicial, a contínua, a especializada e eu gostava de saber como é que tu olhas para estas três dimensões e que importância é que tu lhes atribuis... Ah... pronto, na formação e na melhoria das competências de um professor...

e- É assim, a... eu posso começar pela parte da formação contínua. A formação contínua não existe para mim, pronto, simplesmente não existe, é para encher saco! Portanto, o professor de matemática que vai fazer uma formação de kayak... não vai lá fazer nada! Portanto, eu sou, da minha área, sou das línguas e posso fazer uma formação na área das línguas, posso fazer formação na área da psicologia, porque precisamos disso, na área das TIC, tudo bem! Mas eu não vou fazer uma formação na área da supervisão pedagógica ou na área da gestão, orientação e gestão vocacional ou uma

coisa assim porque isso, a mim, não me vai servir de nada! Agora, aquilo que eu acho é que por exemplo, e falando da nossa escola e já dou aulas nesta escola, portanto há dezasseis ou dezassete anos ou dezoito, não sei... a... e não me lembro de ter havido nesta escola uma formação na área de inglês... Portanto, eu sou professor de inglês, trabalho só é com o inglês e nunca houve uma formação na área do inglês, nesta escola. Ou seja, aquela área onde eu precisava de trabalhar, onde eu precisava de melhorar alguns aspetos da minha docência, sei lá, nem que a formação fossem vinte e cinco horas e que tivesse que falar inglês, porque preciso disso... uma coisa é falar inglês com os alunos dentro da sala de aula, outra coisa é falar com adultos em que só se fala inglês, tens que pensar em inglês e falar inglês... e passa por aí.... Muita gente, e tenho visto ali as coisas, as pessoas põem ali os seus nomes e vão às formações, eu não ponho lá o nome! Até fiz uma formação este ano que foi no Festival Literário, porque gosto daquilo, porque acho que é um... literário tem a ver connosco, a... e foi a única formação que fiz e não faço mais nenhuma porque são as doze horas e meia que preciso, aquilo são treze horas; foi o que eu fiz, não vou fazer formações que não me interessam e que vou lá, e ao fim de estar ali meia hora ali a ouvir o formador que está ali, digo “Este nunca mais se cala, isto nunca mais acaba!” mas porque preciso daquelas horas?... Não, acho que a formação está errada, a partir daí. A nível da formação de professores, eu posso falar no meu percurso. Porque eu não conheço muito bem... eu fiz o... portanto a minha formação numa escola superior de educação. Fiz a formação no primeiro ano, a nível de estágio estive dois meses numa pré a ver como é que as crianças se comportavam e tirar os comportamentos para a psicologia do desenvolvimento e aprendizagem; depois, no segundo ano não tive, no terceiro ano tive estágio numa escola de primeiro ciclo com uma turma de terceiro ano, trinta alunos, terceiro ano, portanto com oito anos, trinta alunos dentro da sala de aula! Fantástico! Foi do melhor que eu tive, até hoje... No meu último ano de curso tive estágio com uma turma de sexto ano a português e tinha a mesma turma a português e a inglês, portanto. Por sinal, turma com filhos dos professores da escola onde eu lecionava em Castelo Branco, uma turma muito boa. Só por aí, já apanhei alguma bagagem... mas posso dizer por exemplo, quando dei aulas no continente, depois de acabar o curso, dei décimo e décimo primeiro ano, nível de inglês superior... Posso dizer aí, que aprendi mais inglês nesses dois anos, falado, do que aprendi nos quatro anos que tive no curso... porquê? Porque fui obrigado a ter que falar inglês muito superior, com alunos que me falavam inglês já e me respondiam, tive que estudar para ensinar, tive que ler livros que nunca

tinha passado pela minha cabeça ter que ler porque eles faziam parte do programa de décimo primeiro ano, tive que ler em inglês e devorá-los do início ao fim... Portanto, a minha bagagem de inglês vem mais daí do que da própria informação que eu tive no curso... Se fizer a comparação, às vezes estabelece-se a comparação entre escola superior de educação e universidade... a... tive uma colega cá que era a Margarida que fez, tinha o mesmo curso que eu, tirado na universidade do Algarve. Fizemos a comparação entre cursos, o que é que ela fez, o que é que eu fiz, ela não teve nada de diferente do que eu fiz, nada diferente... Portanto, por aí, a diferença não passa por ser universidade ou escola superior de educação; passa sim, pela capacidade que o professor tem, dentro da sala de aula de ensinar, melhor, de fazer com que os alunos aprendam; não é de ensinar, é perceber que os alunos aprenderão aquilo que nós quisemos ensinar... E aí, a nível de formação, penso que a atual formação que nós temos, não nos ajuda nada... Continua a avaliação dos professores a ser feita com base no crédito que é lá dado, temos que ter aqueles créditos, mas no fundo, aqueles créditos... o professor pode ser excelente sem nunca ter feito formação na sua área... E isso, eu não concordo! Acho que a formação passa por obrigatoriamente cada professor, pelo menos uma vez por ano, ter que ter X horas de formação na sua área. Que é para se atualizar e também para perceber que com outros colegas, há outros métodos que eles têm que se calhar eu não tive e posso passar a ter, que podem melhorar os meus resultados. O mesmo pode acontecer ao contrário: Os meus métodos explicados na formação “Olha, eu faço assim, se calhar se fizeres assim, vais ver que vais conseguir resultados” e é isso é que permite com que os alunos tenham melhores resultados, através da formação, na nossa área.

E- Portanto, das tuas palavras, posso subentender que tu consideras que a formação contínua é importante embora tenhas algumas...

e- Não da maneira como está...

E-... críticas em relação ao modelo actual...

e- ...não da maneira como está!

E- E já agora, voltando um bocadinho aquilo que também já abordaste,... portanto, das dimensões da actividade do professor, e há bocado falaste “eu não vou fazer uma formação em supervisão, ou nisto ou naquilo ou não sei quê, que isso não me serve para

nada”, das dimensões da actividade do professor qual é que tu consideras que é efectivamente a mais importante?

e- Mas quer dizer, a nível da formação?...

E- Não, ao nível depois daquilo que é depois o... nós temos a nossa formação, vimos para as escolas... e somos solicitados para uma série de coisas diferentes, não é? Dessas coisas diferentes haverá alguma ou algumas que tu consideras que constituem, digamos assim, o coração, a essência da... da nossa profissão.

e- Ah... (respira fundo) Eu acho que... primeiro... a primeira coisa que nós temos que pensar é se nós viemos para esta profissão temos que gostar do que vamos fazer. Se o professor vem para isto porque tirou gestão ou tirou sei lá, economia, ou tirou direito mas depois não conseguiu emprego e chegou aqui vem dar aulas, ‘tá no lugar errado! Nós temos que... primeiro é... primeiro ponto logo fulcral é: Vens para isto é porque queres dar aulas, não é porque vieste para ali porque foi o único escape que tiveste para arranjar um emprego! Portanto as pessoas que pensam dessa forma já estão a errar, logo! E aí, quem vai levar por tabela são os alunos, primeira coisa. Segundo, a forma de trabalhar de um professor, depois depende... depende da sua capacidade... de enfrentar os alunos... depende do tipo de alunos que tem... depende do tipo de liderança que tem na escola. Vai sempre depender disso tudo... Mas eu acho que a primeira coisa que tem, que um professor tem que pensar é na... do outro lado tem alunos, não tem números, são alunos, são pessoas, são tratadas como pessoas. Não é o aluno 2 nem o aluno 3. O aluno 1 tem 20, o aluno 2 tem 5 o aluno 3 tem 4, não! São pessoas, têm que ser tratadas como pessoas. E quando se conseguir perceber isso e conseguir com que o professor pense que do outro lado tem pessoas que são como nós, que têm altos e baixos, que têm momentos bons e momentos maus, quando se conseguir que um professor consiga perceber isso e compreender isso, acho que é o primeiro... é a primeira base para uma boa relação, para ter mais ou melhor aproveitamento pela parte dos alunos. Depois, ah... o fator dentro da sala de aula... Obviamente, dentro da sala de aula, pode-se falar agora nas aulas assistidas... não sei se aulas assistidas, duas vezes 90 minutos ou três vezes noventa minutos vão resolver a vida a alguém! Mas se calhar, o próprio professor pode apostar em si, sei lá! Pondo uma câmara de filmar e filmar a sua aula... Já fiz isso uma vez: Pus uma câmara de filmar lá e filmei uma aula minha e depois em casa vi. E vi a quantidade de erros que eu fiz! E a quantidade de coisas que eu fiz erradas e assim: “como é que é possível, eu ‘tou lá e não vi aquilo que eu fiz?” Acho que isso... pode

ajudar na docência... A relação com os colegas do Conselho de Turma, com os colegas dentro da escola é importante! Agora, eu acho que o principal para... nas... se podemos falar nas dimensões, o principal na dimensão de um professor, dentro da sala de aula numa escola, é gostar daquilo que faz e estar preparado para fazer aquilo que acha que tem que fazer; não estar ali e estar a fazer um frete. Que o professor que vai para dentro da sala de aula para fazer um frete, está nitidamente na profissão errada!

E- Mas admitindo que, efectivamente, nem todas as pessoas que vieram para a profissão, vieram porque tinham uma imensa vocação ou porque... Enfim, se calhar há mesmo muitas pessoas que vieram porque foi onde arranjaram o seu... a sua forma de sobrevivência, o que é que tu achas que pode ser feito para melhorar o desempenho das pessoas em geral e claro, e em particular dessas que têm mais... dificuldades?

e- Ah... o que é que pode ser feito? É assim, primeiro, nós temos que ter condições para trabalhar; se não houver condições para trabalhar não... ninguém... ninguém vai trabalhar se não tiver essas condições. Ninguém vai conseguir resultados se não tiver essas condições. Mas pronto, isso a nível de condições de escola já, já sabemos como é que são: Não é bem como nós gostamos, ou melhor, deveria ser como nós gostaríamos que fosse mas não é porque as condições não permitem. Agora, ah... não sei... se calhar o que é que poderia melhorar?... Eu acho que por exemplo, o ambiente... dentro da escola, entre colegas é importante... Sei lá, a forma, a forma como... abordamos os alunos é importante... sei lá, a própria estrutura da nossa carreira é importante... Ninguém gosta de chegar ao fim do mês e de um ano para o outro, e... que dá aulas há vinte anos passar a ganhar menos vinte ou trinta por cento do que ganhava há dez anos atrás... Passa por aí. Se calhar a parte burocrática, papelada, a chamada papelada é exagerada, embora nós nesta escola até consigamos, mais ou menos afastar um bocadinho daquilo que deve ser as coisas... Falo a nível da coordenação que não exijo aos meus directores de turma se calhar o que deveria exigir, precisamente porque se calhar penso que eles têm que trabalhar com os alunos e não andar a preencher relatórios e planos e... e... e sei lá que mais mil e uma coisas que nos obrigam... Passa um pouco por aí. Ah... conjugando isto tudo, obviamente o professor que estiver com a sua carreira reestruturada e... e com expectativas de progressão, que ninguém anda nisto só para aquecer, não é? Nós andamos nisto porque temos também contas que pagar ao fim do mês e as coisas aumentam, obviamente ninguém vai querer ganhar menos este ano do que ganhou o ano passado! Passa um pouco por aí... um pouco por aí! E depois,

se calhar uma das coisas que ainda não falei e que também poderá eventualmente melhorar... melhorar o próprio desempenho dos professores, passa por repensar um pouco a estrutura curricular dos três ciclos... principalmente do terceiro ciclo.

E- Já agora, o que é que tu achas que se podia fazer, por exemplo, nessa... nessa reestruturação?

e- Não sei! Não sei! Acho exagerado, eu não consigo conceber por exemplo, um aluno no sexto ano ficar retido porque teve negativa a educação musical, por exemplo! Porque a educação musical acaba no sexto ano! Sétimo, oitavo e nono, já não têm! Secundário muito menos... Portanto não consigo conceber isso. Não consigo conceber que um aluno no sétimo, oitavo ou nono ano, tenha uma negativa a educação tecnológica ou a educação visual e não passe por causa disso, porque chega ao décimo ano e não vai ter, a não ser que vá para essa área! Mas se for para essa área não tem negativa antes porque é a área que ele gosta... Portanto não consigo conceber isso. Não consigo perceber, por exemplo, como é que temos português, francês, inglês ou alemão, história, geografia, matemática, ciências, quando se calhar podia-se aqui dar uma volta nisto, em que fazer destas disciplinas assim nucleares, mas depois as tais outras que obrigam o aluno a ter que vir às aulas, a ter que vir cá as tardes todas, a ter que vir aos apoios ao estudo e mais não sei quê... que não lhes vai servir... Poderá vir a servir de alguma coisa se forem para essas áreas mas não lhes vai servir de nada. Não percebo, por exemplo, porque é que a história e a geografia foram separadas, que no terceiro ciclo antigamente eram juntas ou no segundo ciclo eram juntas e foram separadas; não percebo, por exemplo porque é que no português se dão seis horas e na matemática são seis horas e nas ciências e na história ou no inglês, só se dão três... Que se calhar podia haver uma divisão disto e eles não tinham tanto tempo e as coisas estavam mais equilibradas... Não percebo porque é que dividiram a educação visual e a educação tecnológica no segundo ciclo que não faz sentido! Que não há material para os alunos trabalharem. Obriga a ter que estar um professor para educação visual e outro para educação tecnológica quando na educação tecnológica estiver vinte e cinco alunos na turma e tiver a ajudar um aluno a serrar um pedaço de madeira, no outro canto da sala pode estar outro aluno com uma chave de fendas a querer espetar na cabeça do outro... Portanto, é muito complicado e se isso acontecer, alguém tem de ser co-responsabilizado. Não percebo porque é que em dois mil e um se fez uma reforma que mudou com isto tudo, com estudo acompanhado, com área de projecto e formação cívica; investiu-se mundos

e fundos nisto e depois foi tudo ao ar! E agora vai ser o mesmo! Portanto, agora mudando o governo, as coisas continuam a mudar... Acho que passa muito por aí: É a constante mudança! Depois vou buscar uma coisa com o programa de inglês: Continua o mesmo programa, desde que eu comecei a trabalhar em 95! Estamos em 2015, há vinte anos que temos o mesmo programa. Mudam nomes, põem objectivos, depois põem-lhe competências, depois põem-lhe metas, isto é uma confusão! Às tantas, quando se faz uma planificação já nem... isto é objectivo ou é competência? Ou será que é uma meta? Já nem sequer sei! Portanto, tudo isto, a juntar a isto, só nos chateia, só nos distrai do nosso ponto fulcral que é fazer com que os alunos aprendam. Não é ensinar, é fazer com que eles aprendam! Eles têm que aprender; é isto.

E- Olha A., agora gostava que me falasses um bocadinho da Comunidade de Prática que está a funcionar actualmente na nossa escola. Se sabes alguma coisa sobre isso, o que é que sabes, gostava que falasses um pouco sobre isso...

e- Como assim? Comunidade de Prática como?

E- Pronto! Então já percebi que não sabes que existe uma Comunidade de Prática na escola, ok (risos) Pronto!

e- (risos) O que é isso?

E- Pois...

e- Se me deres um exemplo...

E- Não... Dou-te! É assim, a Comunidade de Prática é um grupo de colegas que desde o início do ano tem uma formação... portanto, é um projecto de formação contínua em que, portanto, a nossa ideia é fazermos autoformação e temos usado, uma das estratégias que usámos por exemplo este ano e que pensamos continuar a usar pelo balanço que fizemos, é por exemplo, a estratégia da supervisão entre pares e por acaso há pouco, achei interessante quando tu dizias que pronto, que noventa minutos não chega para avaliar um professor e para melhorar mas há muitas maneiras... ah... E nós usámos este ano, usámos essa estratégia que foi entre nós, organizámos os pares de supervisão

e- Sim, sim. Já ouvi falar...

E- Ah! Já ouviste falar? (risos) Então pronto...

e- Já sei o que é, já sei!

E- Então se já sabes...

e- Não sabia era a Comunidade de Prática...

E- Não conhecias era a designação... Não estavas a ligar o nome à pessoa (risos) como se costuma dizer...

e- Não estava a ligar...

E- Então pronto, uma vez que já ouviste falar, diz-me lá o que é que tu sabes sobre essa...

e- Olha, eu concordo por exemplo com o facto de um colega ir assistir à aula de outro. Não tem... Por exemplo, se calhar no meu caso, teria que ser alguém relacionado com as línguas, o inglês porque se for lá alguém que não percebe nada de inglês não adianta coisa nenhuma... Mas por exemplo, eu sei que alguns colegas dizem: “Olha, tal dia vou assistir à tua aula ou tal dia podes vir assistir à minha” E fazer... se calhar aí nós conseguimos um pouco o que eu dizia há pouco com a tal câmara: conseguimos com que alguém que esteja lá dentro, através da visualização, diga assim. “Olha, ali fizeste isto, fizeste aquilo, podias ter feito melhor ali”. Depois quando se junta, consegue mais ou menos ver quais são os pontos fortes e os pontos fracos, o que é que há a melhorar, o que é que há, o que é que não é preciso melhorar. O que é que poderia ser melhor, o que é que poderia ser pior. Isso é, acho que é excelente. Uma coisa que, não estou nisso mas se fizessem comigo não me importava.

E- ah... Portanto, na tua perspectiva... assim... tu consideras que esta actividade pode contribuir... Como é que tu vês esta actividade no contexto da escola? Que contributo é que tu achas que este projecto pode dar?

e- Acho que pode ser bom. Acho que pode ser bom... porque se, por exemplo, imaginemos dez professores que estão nesse... nessa... nessa comunidade, verificarem cada uma das aulas que cada um dá e forem e depois se juntarem e dizerem: “vamos fazer um balanço do que é que se passou nessas aulas... há aqui pontos que não estiveram bem” Mas desde que toda a gente aceite, que é importante, haja uma relação de confiança e que toda a gente aceite. “Olha, ‘tou-te a apontar isto mas não penses que não prestas para a docência, há aqui um pormenor que podias melhorar...” Eu tenho a certeza que por exemplo, se o meu coordenador de departamento, que por acaso é da minha área de línguas, se for a uma aula minha, e depois se juntar comigo e fizer um balanço da aula, vai-me apontar X defeitos. Mas se eu partir para essa... para essa

união, pertencente a uma comunidade, pensando logo à partida que aquilo que me vão dizer é um defeito, mas não no sentido de me deitar abaixo mas para construir, aí é muito bom, não tenho dúvida!

E- Portanto, achas que este trabalho pode ser proveitoso para a escola?

e- Pode. Pode, e mais alargado se calhar... Embora, embora pronto

E- É assim, a questão do alargamento, depende das adesões, não é? Nós não podemos andar a...

e- Era... se calhar era... se calhar... Era um bom projecto a implementar na nossa escola. Sei lá pegar assim e dizer, “Olha há aqui... vamos abrir uma comunidade um pouco mais alargada, a nível de escola; não como projecto que venha de fora mas a nível de escola para tentar melhorar a docência” Portanto, a base é melhorar a docência, melhorar a relação ensino/ aprendizagem e verificarmos porque é que estamos, ou com bons resultados ou com maus resultados, ou assim-assim; o que é que podemos fazer para melhorar, e a base é essa. Se nós conseguíssemos, por exemplo, a nível de escola, fazer um projecto desses, nós entre dez, quinze ou vinte, se conseguíssemos a nível de interajuda, perceber os defeitos e as virtudes de cada um, se calhar uma virtude tua eu não tenho, e se eu te visse fazer aquilo na tua aula, se calhar eu fizesse na minha e resultasse, já teria valido a pena! A mesma coisa ao contrário. Portanto acho que vale... passa um pouco por aí, se conseguíssemos a nível de comunidade, essa tal comunidade alargá-la.

E- Pronto, é assim... Gostava só de te dizer, isto é um projecto da escola, isto não foi um projecto que veio de fora. Isto é um projecto da escola. Aliás, estiveram abertas as inscrições...

e- eu sei, eu sei... mas eu não andava a pensar nessas coisas

E- ... e vão voltar a estar, portanto estás desde já convidado, se quiseres, quando as inscrições abrirem, podes aderir porque o grupo está, quer dizer, é um grupo aberto. Quer dizer, há pessoas que vão sair por razões que têm a ver com projectos pessoais que têm... penso que a maior parte até vai ficar e nós vamos voltar a abrir. Aliás, o grupo está sempre aberto, claro! Em qualquer momento quem está pode sair e eventualmente podem entrar pessoas novas... Mas isto é um projecto da escola, isto não foi um projecto que veio de fora.

e- Sim, sim, não estou, não estou... às vezes

E-... Não, é porque tu disseste assim “era bom que fosse um projecto da escola” como se isto fosse uma coisa que veio de fora, e não foi!

e- Por acaso eu pensava que fosse... pensava que fosse de fora.

E- Não, isto é um projecto que surgiu, aliás, foi um projecto que surgiu a partir de uma acção de formação que nós tivemos aqui na escola, que foi aquela acção do Alexandre Ventura...

e- Sim, sim...

E- ...de desempenho docente. E isto surgiu a partir daí! Agora, é claro que como deves imaginar, eu, eu não tenho, e também não acho que fosse bom, por um lado não tenho a competência para obrigar as pessoas a, e por outro lado, acho que este tipo de coisa tem que partir sempre de uma adesão voluntária. A pior coisa que pode haver é tu teres lá pessoas que estão porque têm que estar e que estão contrariadas...

e- Claro!

E- ...mas é só para dizer que o projecto é completamente aberto e que portanto se tu quiseres juntar-te a nós no próximo ano, nós temos muito gosto! E a minha entrevista finalizou! A., obrigadíssima!

e- Ok!

E- Muitíssimo obrigada pela tua colaboração e também podes estar tranquilo porque isto é uma coisa absolutamente sigilosa.

e- É assim, não tenho... isto são problemas que eu manifesto... As opiniões que eu manifesto aqui, eu já as manifestei nos... nos...

E-... nos devidos lugares, se calhar!

e- ...nos devidos lugares! Já as manifestei no órgão de gestão, já falei nisto no Conselho Pedagógico, já falei em grupo, já falei departamento. Eu para mim, sinceramente, no nosso percurso, acho que o mais importante, é gostarmos daquilo... é estarmos no sítio onde nós queremos estar, com gosto. E estarmos a fazer aquilo que gostamos. Desde o momento que nós estamos a fazer um frete, acho que é preferível ir. E eu tenho a certeza absoluta que há colegas na nossa escola que estão a fazer fretes; e enquanto estiverem a fazer fretes, as crianças, alunos é que pagam... Enfim! (risos)

E- Ok A., muitíssimo obrigada! Desculpa o atraso mas eu não tinha percebido que era às 10h 10'; achei que era a partir das 10h 10'...

ANEXO VIII F
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- CFC

E- Bom, C., então vamos iniciar; queria que começasses por me dar alguns dados pessoais como sejam a tua idade...

e- 49 anos.

E- O teu tempo de serviço...

e- 23... por aí...

E- A tua categoria profissional...

e- Sou profissionalizado, quadro de zona pedagógica.

E- Ah... as tuas habilitações académicas...

e- É licenciatura em História e Filosofia... e é isso!

E- O cargo que desempenhas actualmente na estrutura intermédia da escola?

e- A estrutura intermédia é o quê, o Conselho Pedagógico? Também conta?

E- É...

e- Coordenação, coordenador da... da formação de professores.

E- Pronto. E há quanto tempo é que desempenhas esse cargo?

e- isto é só perguntas difíceis... seis, seis anos... sete! Ah! Ah!

E- Ok! Bem, então agora vou passar para as perguntas fáceis. Olha C., gostava que me falasses um bocadinho... ah... de... eh... acerca desta formação que nós iniciámos este ano na escola, que no fundo é uma Comunidade de Prática mas que formalmente tem aquele nome pomposo do Circulo de Estudos em Supervisão Pedagógica... gostava que me falasses um bocadinho disso... O que é que sabes sobre isso...

e- Eh pá, não sei praticamente nada I.[P12]! (risos)

E- (risos) Não sabes praticamente nada?!

e- Não... Não porque eu não li... Li na altura de pedir a validação mas depois não... nem verifiquei... quer dizer, verifiquei, li na altura mas não... não tenho presente assim em que é que consista...

E- Ok, pronto! Podias ter alguma...

e- Não sei se te posso ajudar... Não...

E- Não! Podias ter algum feedback de conversas que tivesses tido...

e- Não, por acaso não. Por acaso não!

E- ... com colegas ou alguma coisa assim...

e- Sei que... Então o feedback que tenho até é que é uma actividade interessante... uma acção interessante e que 'tão agostar. Caso contrário não... não repetiam tantas vezes a dose, não sei! (risos)

E- (risos)

e- Que ainda por cima, nota-se que não é apenas uma coisa de fazer formação para ter horas! Aquilo é um trabalho que ainda para mais, como é espaçado ao longo... ocupa o ano lectivo, portanto nota-se que a preocupação não é essa e sim desenvolver as competências que 'tão lá na... a desenvolver na actividade formativa.

E- Pronto! Então agora, queria passar para uma outra... p'ra um outro aspeto que era que me falasses um pouco da nossa escola. O que é que tu pensas sobre a nossa escola, ah... que aspectos do funcionamento da nossa escola é que tu destacas pela positiva e que aspectos é que tu destacarias pela negativa...

e- Pá... a escola... acho que a escola é porreira! Uma escola pequena, pouca... não há aquelas confusões da... das escolas das grandes cidades nem aqueles liceus nem as escolas, as antigas escolas industriais... ah... o grupo de professores também é relativamente pequeno, o que potencia a realização de actividades escolares... que nós desenvolvemos e daí... e das quais temos sucesso. Ou... acho que se nota mais aqui esse êxito, não sei!... O curso EFA, as Feiras da... da Saúde, aquelas actividades que promovemos, a ginástica. Eh pá, acho que em todos os aspectos que a escola entra, em qualquer... trabalhos que são desenvolvidos pela escola, nós aqui obtemos grandes, excelentes resultados! O... Prova disso também, é, e apesar de termos poucos alunos... ah... quase todos os anos também pomos alguém na universidade de medicina; pode não ser um grande indicador mas alguma coisa que... pronto, há alguma coisa que funciona bem aqui nesta escola! E é isso que eu gosto! É uma escola que ainda por cima tem esse potencial, pode-se desenvolver projectos e temos pessoal capaz de os levar por diante, pronto! Nem toda a gente mas a maior parte sim. Aspetos... E é isso que eu considero aspectos mais positivos. Acho que há um bom ambiente de alunos, de professores... Relativamente aos funcionários, se calhar aí já enquadrava mais nos aspectos negativos... O... É uma escola que os funcionários já têm uma antiguidade considerável, por assim dizer, e então o que... pronto, ao longo destes anos foram-se

criando determinados vícios e que agora na... na velhice deles, por assim dizer, é difícil corrigir. E compreendo que seja ainda mais difícil para quem os conheça desde início; portanto, há determinadas situações aqui em que não se vai exigir a um velhote para andar aí a correr atrás dos alunos... ou a senhora para se despachar a limpar uma... uma sala ou um corredor e até mesmo porque não há funcionários suficientes para isso! E acho que é a parte mais... tirando as condições da escola em si, mas isso pronto, 'tamos à espera que caia para fazer outra nova... E é por aí, acho que é só isso!

E- Portanto, ah... na tua perspectiva, do ponto de vista do funcionamento pedagógico da escola, o balanço que fazes é positivo?

e- É positivo! É positivo! Pronto, há pontos, casos pontuais... alguns muito negativos até, mas é, isso acontece em todo o lado e não é nada que afete o funcionamento global da escola, pronto. Ou poderá afetar áreas específicas mas não... são recuperáveis, na maior parte dos casos.

E- Olha, e diz-me outra coisa. Apesar disso, ah... apesar de fazeres um balanço globalmente positivo, penso eu... ah... podemos sempre melhorar as coisas... ah... que aspectos é que tu pensas que ainda podíamos melhorar na nossa escola e como é que pensas que eles poderiam ser melhorados?

e- Olha, hum... em vários aspectos. Mas isso exigiria se calhar, outras condições, mais meios, coisas que nós não temos! Ah... com aquilo que temos, já fazemos muito e fazemos bem, acho eu. Mas é... é um bocado difícil porque tens... é... é a questão do isolamento! Agora, vou puxar a brasa à minha sardinha: Por exemplo, as questões da formação. Se nós tivéssemos... um maior acesso... ou se a Secretaria se empenhasse mais nisso e enviasse para cá mais formadores, mesmo resultando da tal bolsa de doutoramentos e de mestrados e de... eh pá, se calhar teríamos outra qualidade nas acções de formação. Porque há muitas aqui que realmente é... são úteis... ah... mas começam a ser repetitivas e começam também a denotar aquela necessidade que os professores têm de fazer horas para a formação e algumas são mesmo para fazer horas, para contar, pronto! O... poderíamos melhorar? Poderia... Poderia os sindicatos, poderia a Secretaria enviar mais gente p'ra cá, não é? Não 'tou a falar especificamente da... da... da tua mas... pronto, é... é uma questão de mau acompanhamento... é a questão, resulta do isolamento, resulta das outras condições todas! E acho que é um bocado por aí; se houvesse um maior acompanhamento, maior, melhores condições de

trabalho... ah... de certeza que se desenvolviam muitos... muitos outros projectos que agora não; não se desenvolvem, por essas razões.

E- Mas, por exemplo, esse isolamento que é um problema, e é um problema por exemplo que se reflecte no apoio à formação contínua... o isolamento, nós não podemos acabar com ele que a gente não pode construir a ponte para a Madeira (risos)...

e- (risos)Pois...

E- ...nem o túnel!... Ah... como é que tu achas que nós enquanto comunidade escolar, podemos eventualmente minimizar esses problemas que derivam desse isolamento, se é que achas que...

e- Minimizar? Já minimizámos ao máximo! Parecendo que não, o ano passado, foram oito acções de formação, este ano lectivo, foram nove acções de formação, mas é aquilo que eu digo: Começa-se a esgotar os recursos que temos à nossa disposição. Isso, e a questão do isolamento não é a questão do isolamento... quer dizer, é a... é um bocado... é mais, esquecimento do que outra coisa! Porque a própria Secretaria Regional e os próprios sindicatos deveriam ter obrigação, pelo menos moral, de fazer mais acções, promover acções de formação cá, disponibilizar-nos formação. Não é o exemplo do sindicato: Chega ao fim do ano lectivo, em setembro, em altura de exames e altura de fecho de... da... de reuniões finais e tudo, é que vem cá fazer uma acção de formação cujo tema é muito idêntico a um que nós já tínhamos desenvolvido no início do ano lectivo. Ah... Portanto, não é só o... o 'tarmos isolados! É 'tarmos é esquecidos... Há p'ra aí quê? Três ou quatro sindicatos na Região... por ano há um que faz aqui uma ou duas acções de formação, não nos consulta quanto aos temas, não... não nos pergunta quais são as nossas necessidades... E isto os sindicatos! Porque há muitos professores que estão sindicalizados aqui... Mas acho que a responsabilidade maior que era da Secretaria Regional da Educação e que devia assumir esse compromisso de nos disponibilizar mais formação. Ah... pagar as passagens, no mínimo... e a estadia!

E- Portanto, na tua perspectiva, se calhar, o nosso maior problema... eh... tem a ver com a falta de...eh... formação contínua e portanto de apoio à melhoria dos professores?

e- Não quer dizer que seja o maior problema que seja a falta de formação p'ros professores da escola; ou que isso seja de certa forma um entrave ao desenvolvimento de actividade, não! Eu só 'tou a falar nisso como uma das... dos obstáculos contra os quais nós nos temos de afirmar. O... Porque há outros! O nosso problema... são dois: é esse, é o isolamento e é o esquecimento, pronto! Agora, obviamente que a partir daquele... das... das poucas ferramentas que temos cá, eu continuo a achar que o trabalho desenvolvido pela nossa escola, pelo nosso corpo docente, pelos nossos funcionários, mesmo já sendo velhotes e tudo, continua a ser muito bom para aquilo que temos, quer dizer, sem ovos, e 'tamos a fazer omeletes, praticamente... é verdade! Isto é...

E- Olha, falaste-me aí na formação contínua e isso leva-me a uma outra questão que é... ah... qual é a importância que tu atribuis às diferentes dimensões da formação de professores? Por exemplo, a formação inicial... a formação contínua e depois a formação especializada, portanto, as formações que as pessoas fazem a nível de pós-graduações...

e- Pois! Tanto a formação inicial como a especializada, a inicial obviamente, não é, é importantíssima! E temos vindo a... e acho que se tem acompanhado uma boa qualidade dos que têm... aqui na escola já somos quase todos efectivos e já são poucos aqueles que passam... ah... todos os anos e em vez de ficarem por cá mais tempo. A formação inicial é a mais importante! Agora, obviamente que só com aquilo que nós aprendemos na universidade não é grande coisa, apesar de haver cursos que tenham estágio integrado ou não, que foi o caso do meu. Ou até mesmo o estágio, agora já não é a mesma coisa que era dantes, só que admito que quando saem da universidade e se dedicarem, tenham a sorte de conseguir emprego no ensino que... que tenham alguma dificuldade depois na questão pedagógica, na questão mais prática, pronto! Vimos com, cheios de teoria e isto é como com... só depois é que aprendemos mais qualquer coisinha e nos sentimos mais à vontade. Assim como a especialização também. Obviamente que é importantíssimo quando nos dedicamos a alguma coisa e que tenhamos hipótese, lá está também, de frequentar essas especializações, que também não é uma coisa que é muito acessível à maior parte do pessoal que 'tá aqui na ilha, nesta escola. A formação contínua vem colmatar um bocadinho dessas lacunas, o... por exemplo, aquela área de informática ou mesmo a área das necessidades educativas especiais que são coisas... básicas de agora p'ra... p'ra nossa escola, p'ro... p'ra

actividade na nossa escola e que acho que mesmo as nossas acções de formação são muito úteis nesse sentido, pelo menos essa das necessidades educativas especiais, tem-se vindo a revelar útil e... e é algo que nos dá mais ferramentas, eu nunca tive... quer dizer assim grande contacto com as necessidades educativas especiais. Quer dizer, tive umas disciplinas de carácter pedagógico na universidade, umas cadeiras, que fazia parte da... mas nada muito específico e a partir daí, nenhum contacto. Ou seja, há... acho que há uma grande falta, uma quebra aqui, em elementos novos que se foram introduzindo nas escolas, não só nesta mas em todas, nomeadamente os miúdos com necessidades educativas especiais... com maior gravidade... quer dizer, pelo menos nas escolas por onde tinha passado nunca tinha tido assim alunos com... como o Paulinho ou como o Vítor ou... pronto, assim com determinados problemas mais específicos e... e é isso. Eu acho que a formação contínua concorre precisamente p'ra... pode não ser uma grande especialização mas é uma grande ajuda, é uma muleta e é aquilo que nós podemos fazer aqui, que é o que fazemos, é ir, partilhamos o conhecimento uns com os outros e é a ver como é que se resolve essas situações...

E- Olha C., e diz-me outra coisa, por exemplo, na nossa actividade enquanto professores, enfim, nós hoje fazemos muitas coisas e... e tu até já referiste bastante a questão das actividades de complemento curricular, mas como é que tu vês hoje a... a função de professor e... e das várias dimensões em que a nossa actividade... eh... digamos assim, se manifesta, qual é aquela que tu consideras como mais importante?

e- A actividade mais importante é sempre, é a que toda a gente gosta mais que é ensinar, é dar aulas. Agora, obviamente que com estas mudanças todas, cada vez temos menos tempo para dar aulas... É, é verdade! É fazer relatórios para tudo e para mais alguma coisa, é preencher papéis, é preencher... planificações, recuperações de planificação, planificações específicas para alunos considerados... É, é muita burocracia, acho eu, quer dizer... E o pouco tempo que temos para fazer mesmo aquilo que mais gostamos, que é para preparar as aulas e depois lecioná-las e daí, colher daí alguns frutos, é aquilo que... que cada vez faço menos... Pronto, é isto! Portanto, é essa parte é que, que acho mais... é a parte mais interessante, é a parte que nos reconforta mais depois em termos de recompensa moral e é a parte que cada vez nos deixam menos tempo para fazer; passamos a ser mais os... os... como é que se chama?... os, aqueles que tomam conta das criancinhas, os... as babás do que propriamente professor, quer dizer... É uma função que nos traz p'r'aqui e que depois cada vez se exerce menos!

E- Mas o que é que tu achas que... que explica essa... tu agora, disseste aí uma coisa que eu achei engraçado, que é “cada vez somos mais as babás das criancinhas”. O que é que tu achas que pode explicar essa... mudança, digamos assim...

e- Olha, isto já vem de trás, não é? Isto... isto obviamente que é um problema da nossa... um dos problemas da nossa sociedade. O pai trabalha, a mãe trabalha, o avô trabalha; os miúdos cada vez mais, passam menos tempo com os encarregados, com os familiares e esses momentos têm que ser ocupados de alguma forma... e está-se a exagerar na escola, na forma como se ocupam aqui esses momentos, quer dizer... Os miúdos têm aulas de manhã à noite, actividades, aulas de compensação, aulas de substituição, que é outra das, detesto, e acho que toda a gente na escola detesta... ‘tares com uma turma onde não conheces ninguém, nem os miúdos te conhecem a ti, quer dizer... não há grande afinidade entre uns e os outros; ‘tar ali a passar o tempo quando eles muito bem podiam ‘tar aqui na rua, num ou noutro espaço. Lá ‘tá, também há falta de espaço e se calhar à falta de funcionários também para isso... Mas é... agora perdi-me; ‘távamos aonde?

E- ‘Távamos a falar dessa ideia, de porque é que os professores se estão gradualmente a transformar em babás.

e- Ah, pronto! Portanto, principalmente essa causa sociológica do mercado de trabalho e depois também houve uma grande desresponsabilização, que é o que eu tenho visto cada vez mais, por parte dos pais, quer dizer... Uma pessoa daqui conhece às vezes os pais, desculpa muito da... das coisas que andava a criticar ao miúdo, quer dizer... Há uma grande desresponsabilização por parte dos encarregados de educação, não só na educação como também na... no acompanhamento dos miúdos. Há uma grande separação... e agora, com essa história de até no verão podermos continuar a receber alunos e tudo, nas escolas, quer dizer, isto só verifica que é cada vez mais uma creche ou uma actividade de ocupação de tempos livres... ah... e os miúdos vão também criando um bocado essa ideia, que dizer, aquilo é um espaço não tanto para aprender mas sim p’ra ‘tar enquanto os pais ‘tão a trabalhar enquanto não vão para casa jogar computador ou fazer outra coisa qualquer que os pais também chegam cansados do trabalho e não estão com muita disposição para os ‘tar a ajudar, quer na matéria, ou acompanhar o que é que ‘tão a fazer ou deixar de ‘tar! Pronto, é mais isso...

E- E como é que achas, se é que achas que... ah... nós professores, o que é que nós podemos fazer, enquanto professores para inverter essa tendência, que eu em parte

concordo contigo, que é esta, da escola se ‘tar a... a transformar mais num espaço de acolhimento do que propriamente num local de ensino e de aprendizagem, achas que...

e- Pois acho que devíamos começar a preocupar-nos a distinguir mais esses dois campos... E, mesmo que as escolas funcionem depois como creches, mas distinguir bem os dois espaços: Um espaço que seja mesmo só para as aulas e dar a entender bem isso aos miúdos que é... que aquilo é para aprender e depois o outro espaço, ó pá, que é mesmo só p’ra ‘tar a passar tempo, que eles saibam que ‘tão aqui porque os pais não os podem ter em casa ou porque não têm outro sítio p’ra ficar ou coisa assim do estilo. Mas os espaços bem delineados, bem distanciados, bem diferenciados, de maneira que os miúdos também não confundam esse espaço de horas que têm de ficar na escola porque não possam ‘tar noutro sítio qualquer com o espaço que é de aprender e... portanto, acho que devíamos fazer bem essa distinção.

E- Mas como é que achas que se pode fazer essa distinção?

e- Pois, não sei... não sei! Uma organização melhor de horários, destinar a parte da manhã apenas mesmo só para aprender, para ensinar e para aprender e depois... Na nossa escola temos poucos alunos, agora não sei como é que isso poderia funcionar em escolas maiores... Mas diferenciar bem esses horários e... e... talvez fosse um passo... E depois, também chamar os pais cada vez mais à escola e fazer-lhes ver precisamente isso, quer dizer, como é que... e puxá-los também para a solução deste problema, como é que se há-de fazer essa situação, como é que se há-de resolver esta situação de ter os miúdos ocupados durante o espaço de tempo que não é p’ra... Em que eles possam também descansar, em que os miúdos possam descansar, não ‘teja sempre associado aquele conceito de ‘tar na escola, ‘tou na escola, ‘tou na escola. Portanto, ‘tou na escola e fico farto quando ‘tou aqui duas ou três horas sem fazer nada como ‘tou... também fico farto poque ‘tou na escola e ‘tou dentro de uma aula e ‘tou outra vez na escola e também não ‘tou a ligar nenhuma ao professor nem à matéria nem a ninguém porque ‘tou cansado da escola! Portanto diferenciar um bocado. Não sei, não era preciso tanto diferenciar o espaço mas diferenciarmos bem é a questão de tema, o que é que é do ensino, o que era da... da ocupação de tempo livre, pronto! Já que há necessidade de os deixar cá, seria um bocado por aí... E... o que é que a gente pode fazer? Não sei... não pode fazer grande coisa... Debater isto, comunicar isto aos sindicatos e ao ministério e à Secretaria, a tentar resolver alguma coisa mas duvido... Porque estas coisas não partem

dos docentes por aí fora, para haver alteração. Tem que ser uma questão que venha mais de cima, uma solução que venha de lá.

E- Olha, já agora, acho que tocaste aí numa coisa engraçada que gostava que falasses um bocadinho; tu disseste “Estas coisas nunca partem dos docentes”. Ah...

e- Porque não temos grandes possibilidades de... depois progredir com estas questões. Quer dizer, quando nós vemos entraves, são coisas mínimas mas quando foi da organização da Feira da Saúde, termos que pedir uma autorização especial à senhora que dirige o... o... como é que aquilo se chama, agora?

E- Sociedade de Desenvolvimento...

e- Sociedade de Desenvolvimento. Por sua vez tem de enviar o processo não sei para onde para ter autorização, p'ra depois nos autorizarem a nós, p'ra nós começarmos... são pequeninas coisas que, é a tal burocracia que funciona no nosso país que é aquilo que nos impede, apesar de termos umas grandes ideias, que nos impede depois de as dinamizar melhor. O... e quando se trata de reformas estruturais... mesmo que fosse a nível de conteúdos programáticos e coisa assim, raramente somos ouvidos, quer dizer... Apresentam-nos um programa e toma, lecciona. Ah... por melhor que tu tentes, ou por mais que tu tentes melhorar aquilo que te dão, são objectivos que tu tens de cumprir porque depois vão sair nos exames da... nos exames, quer dizer. E a nossa autonomia, a nossa escolha, a vontade, e 'tá-se a passar isso com a matemática e com o português por exemplo, andam a mexer sempre nas coisas, e cada vez é pior, quer dizer... Nunca parte de baixo, ou seja, somos pouco ouvidos no que respeita à organização, à... à... Mesmo nos conteúdos da...da... das várias disciplinas somos pouco ouvidos. Portanto, isso é sempre dos iluminados que 'tão no governo ou no ministério da educação, ou um lóbi, ou seja aquilo que for das livrarias que determinam o que é que a gente vai dar, leccionar ou não. Pá, isso é a sensação que eu tenho, ao fim destes anos todos de serviço, quer dizer...

E- Tu não... não... não encaras como muito viável a possibilidade de alguma transformação ser feita pelos professores, a nível das escolas?

e- Porque se calhar também não, vamos lá a ver; não sei qual é a autonomia que nós temos, na nossa escola, para tornar viáveis determinadas coisas... ou determinadas alterações de conteúdos, quer dizer... Posso alterar mas não posso fugir muito daquilo que já 'tá estabelecido. E em questões efetivas e práticas nunca vi alterações que

tivessem sido efetuadas a nível do ensino e que partissem propriamente da, da classe docente! Não vejo! Ah...

E- Das escolas?

e- É um bocado desanimador mas é a verdade! Eu verifico isso... Não... não sei, não conheço nenhum exemplo assim... que possa ilustrar bem isso.

E- Olha, vou voltar um bocadinho atrás porque tu há bocado falaste de uma coisa que... à qual eu sou sensível que é a questão das aulas de apoio, não é as aulas de apoio, desculpa, é as aulas de...

e- ...substituição.

E- ...as aulas de substituição. Ah... percebi que tens uma visão negativa dessas aulas...

e- Ó pá, é horrível! É horrível! As aulas de substituição são horríveis! O... o... Porque é a tal coisa, é quase como se fosse uma aula de apresentação, cada vez que vais para uma aula de substituição. E não há afinidades entre os miúdos e o professor; e o professor também não os conhece. Podes conhecê-los alguns mas quem tem aulas de substituição são os anos... portanto aquilo é até ao sétimo? ao nono?

E- Ao nono.

e- Ao nono, vai até ao nono. Portanto, são os miúdos que entram pequenitos e pessoal como nós, que já 'tá no secundário nem os conhece de lado nenhum, pronto. Não é a primeira vez que os vê aqui pela escola e tal e coisa... E é isso, é uma situação um bocado constrangedora que... 'tamos ali trancados, pronto! É... é ficar ali... Não sei, eu quando 'tive no Carmo, havia uma... uma sala que era p'ra estas coisas, havia a sala das substituições e então a sala das substituições 'tava cheia de jogos, jogos de tabuleiro e coisas assim, nada de computadores, jogos de tabuleiro... Mas muitos; tinha muitos. E os miúdos não tinham aula iam encaminhados para ali. Lá 'tá, já não é a questão de 'tarem dentro de uma sala de aula, com um professor que não conhecem de lado nenhum... Se por acaso tem fichas para resolver naquele momento muito bem, se não tem, 'tamos ali a olhar uns para os outros e eu não deixo jogar às cartas, não deixo jogar computador, não deixo... pronto, tento fazer um jogo que envolva toda a gente, dos animais e das cidades e das... mas muitas vezes é difícil, quer dizer... Porque nem eles mesmos 'tão virados para aí porque sabem que não é o professor, sabem que não 'tão ali a fazer nada, é uma aula de brincadeira. Mas nessa escola da sala de jogo, dos jogos,

aquilo funcionava mais ou menos e até mesmo para os professores que acompanhavam já se tornava diferente, pronto, porque parecendo que não, eles próprios já trazem os seus grupinhos, já se juntavam, escolhiam o jogo, ficavam ali um bocado ocupados e tal, por aí fora... E... e também tinha livros e os miúdos ‘tavam mais entretidos do que este sistema de ‘tarmos trancados numa sala e ‘tamos ali a olhar uns para os outros...

E- Mas mesmo assim, com este sistema de estarmos trancados numa sala, porque a nossa escola, pelo menos pelo que eu vejo, não tem grandes condições para implementar essa sala de... de substituições... Ah... achas que se podia fazer alguma coisa que... que valorizasse mais estas aulas de substituição e que até pudesse ser útil para os miúdos? Porque eu acho que a ideia é que isto tenha alguma utilidade para os miúdos, não é?

e- Pois...

E- Não é só tê-los trancados.

e- Eu acho que a principal ideia é tê-los trancados mas enfim! O... por causa da segurança, por causa de... pronto, por várias razões, mas acho que a principal razão é essa. Acho que sim, que se podia fazer qualquer coisa para os manter interessados mas lá ‘tá, é... é preciso meios, condições... e uma das coisas era essa! Como é que se entretém uma turma de vinte miúdos de doze anos ou onze anos?... Ou envolvendo-os num projecto, mas isso depois é coisas que também não podem ter continuidade, quer dizer... nunca se sabe quando é que o professor vai faltar p’ra terem outra vez aquela... aquela aula de substituição... ou então ter uma sala que potencie esse... essa curiosidade dos miúdos, uma biblioteca bem equipada, com livros atrativos, com... com jogos! É por aí, tem que ser por aí. É uma coisa assim do género porque não ‘tou a ver... Porque aquilo é só uma aula; podem ser noventa minutos como pode ser só quarenta e cinco... E quer dizer, o que é que vais desenvolver em quarenta e cinco minutos, com uma turma que não conheces, tens de saber primeiro quem é que falta ou quem é que não falta, porque de todas as maneiras, tens de marcar a falta, ah... e pronto, é por aí... não sei o que é que se poderá desenvolver nessas aulas que...

E- Olha C., vou passar então a uma última questão: Tu já me disseste que conheces mal este projecto da Comunidade de Prática, ah... no entanto disseste que sabes que é um grupo de pessoas que trabalha ao longo do ano, portanto não é uma formação pontual, ah... é uma formação que se vai desenvolvendo ao longo do ano, ah... pronto, é uma

formação que nós este ano começámos e que teve por base uma ação de formação que houve aqui na escola que foi aquela do... da avaliação do desempenho docente, ah... e que a partir dessa ação de formação, tivemos a ideia de começar a desenvolver práticas de supervisão entre pares, no sentido de melhorarmos o nosso desempenho ah... profissional. E depois, p'ra além desse lado da... da supervisão que fomos fazendo, fomos sempre mantendo encontros mensais, onde discutíamos as questões que emergiam dessas observações, onde preparávamos essas observações, mas também onde discutíamos outras questões, mais... de natureza... algumas até teórica, ligadas à nossa profissão... Por exemplo, uma vez, tivemos lá a psicóloga a fazer-nos uma pequena palestra sobre conflitos na sala de aula... E portanto, gostava que embora não tendo tu muita informação sobre a comunidade, mas assim, com estas informações mais genéricas que eu te dei, ah... que tu me dissesse como é que tu... eh... valorizas... ou avalias este trabalho? Eh, eh...

e- Ó pá, ó Isa, eu só posso valorizar e... e imensamente, quer dizer... Ainda p'ra mais, tendo em conta o novo sistema de avaliação que, a que 'tamos sujeitos, pelo menos por enquanto, em que é a tal coisa da avaliação pelos pares, obviamente que o pessoal que não 'tava preparado p'ra isto. Isto... não 'tava preparado especificamente para avaliar os pares. Todas as ações de formação e todo o contributo que vocês possam dar, não p'ra quem 'tá a frequentar a ação mas a todos os outros que também são professores avaliadores é importantíssimo. E depois é a tal coisa, é desenvolver essas... essas capacidades e essas aptidões, ao mesmo tempo partilhando ao longo de um ano, de um ano inteiro em que são feitas essas avaliações, não sei se são baseadas em avaliações reais ou não, mas... se calhar, também poderão discutir casos particulares pelos quais já passaram... o... isso só valoriza a escola e os nossos docentes porque transforma esse processo de avaliação numa coisa mais simples, mais normal, ah... deixa de haver aquela subjetividade... a subjetividade 'tá sempre inerente ao caráter avaliativo, é certo, mas discutindo com outros e... e trabalhando sobre ela, ao longo de todo o ano, apenas será vantajoso para a nossa escola. Não só p'ra quem frequenta mas para os outros que depois vão lidar com quem frequentou essa ação de formação e tornar um processo mais normal e mais habitual na... na nossa comunidade.

E- Portanto, consideras que o trabalho que é um trabalho...

e- Importantíssimo! Importantíssimo. Eh... Fundamental, quer dizer. Tendo em conta o novo sistema de avaliação de professores, é pá, é a coisa mais importante; torna esse

processo mais natural, mais normal, mais transparente perante os colegas... Não é só “ah, porque eu frequentei a ação de formação!” Não é só isso, é que frequentou mesmo a ação de formação, discutiram os problemas que ‘tão ali presentes, discutiram métodos de avaliação, discutiram a forma de avaliar... E é isso, é sempre... É aborrecidíssimo termos um aluno de quem gostamos muito e que quando ‘tamos a corrigir o teste, ‘tamos sempre naquela se ‘tamos a ser subjectivos ou não, se ‘tamos a cotar a mais ou não... P’ra avaliar um... um colega nosso, um amigo, e é colega de trabalho e tudo, porque depois aqui, ainda p’ra mais numa ilha pequenina estabelecem-se relações de amizade, que ao fim ao cabo, é quase uma família que funciona aqui, ser avaliado por esse amigo, deixa sempre aquela questão, que é mesmo “Afinal o gajo não gosta de mim!” ou não sei quê... “Gosta mais daquele, do outro” na na na... Mas transforma este processo num processo muito mais objectivo, mais transparente, porque sabe-se que há a tal preparação e há a tal... discussão de temas e que todos queremos isto pelo melhor porque ao fim e ao cabo, todos somos avaliados; tanto os que estão na formação como os que não, não é? A não ser que já sejam velhinhos como a... como alguns...

E- Mas podem ser velhinhos e ser como eu, ser malucos e metem-se no processo de avaliação (risos)

e- (risos) Não! Mas isso é que é de louvar que assim ao menos é a tal partilha do conhecimento... Não, ‘tou a falar daqueles que já nem sequer são avaliados, quer dizer... a partir de um determinado... já cá tens o escalão...

E- ... mas eu fui...

e- Ah, tu foste avaliada...

E- Então, ‘tou a dizer, eu não precisava e fui (risos)! Pronto, olha C., obrigadíssima...

e- Ora essa!

E- ... pela tua disponibilidade...

e- Perguntas giras!

E- Ah... e... e pronto, e até à próxima.

ANEXO VIII G
TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA- PSOE

E- Bom L., então é assim, em primeiro lugar quero-te agradecer a tua disponibilidade para te submeteres a esta entrevista, e queria começar por te pedir alguns dados pessoais que têm a ver com a tua idade...

e- Tenho quarenta e ... três anos...

E- ... a tua categoria profissional aqui na escola...

e- Sou técnica superior na área de psicologia

E- E estás há quanto tempo nessas funções?

e- Há dez anos, aqui na escola.

E- E as tuas habilitações académicas?

e- É uma licenciatura em psicologia clínica e de aconselhamento e uma pós graduação em psicoterapia de crianças e jovens... adolescentes.

E- Ok! Qual é exactamente o cargo que tu exerces aqui, estás integrada em que serviço?

e- Eu sou técnica superior do SPO, ou seja do serviço de psicologia e orientação da escola.

E- Ok. Portanto não és sequer coordenadora nem...

e- Não!

E- nada disso....

e- Não, não! Nada disso!

E- Ok! Bom, então vou começar por te fazer uma pergunta que é , se tu tivesses que fazer uma avaliação da nossa escola, que aspectos é que tu destacarias da nossa escola pela positiva e que aspectos é que tu destacarias pela negativa?

e- Em aspectos físicos, de gestão, todos os aspectos?

E- Em todos os aspectos que tu achares que são relevantes para aquilo que é a função da escola.

e- Muito bem! [pausa] Então é assim, eu se calhar vou começar pelo mais fácil que é, é as questões físicas da escola, não é? Eu acho que a escola tem muito potencial porque é uma escola relativamente pequena o que torna... o que faz com que as coisas sejam mais próximas umas das outras mas de facto o aspeto e as condições físicas da escola não são as melhores e eu acho que isso também se reflecte um bocadinho no bem estar

dos funcionários, dos professores e dos próprios alunos. Portanto, se pudesse haver uma melhoria nas condições físicas da escola, penso que algumas coisas melhorariam. Claro que isso não resolve os problemas todos obviamente, nem sequer os mais importantes. Depois, em termos de gestão da escola, também poderia haver algumas melhorias na gestão do pessoal. Eu acho que o pessoal está assim um bocadinho, eu penso que não se sentem assim muito parte de uma equipa no seu compute geral. Acho que as pessoas funcionam um bocadinho cada um pela sua... como é que hei-de dizer?... Cada um faz a sua função, a suas obrigações e ficamos por aí... acho que a escola beneficiaria se houvesse uma ideia de vestir a camisola, entre aspas, não é? E haver assim uma equipa concertada entre funcionários, professores e técnicos que haja, mesmo até os administrativos da escola. A... Pela positiva, acho que a escola tem um bom ambiente, acho que é uma escola bastante humana... e nesse aspeto também a gestão da escola também, também tem esse aspeto muito positivo que é, há uma preocupação com uma... baseada nas questões de que todos fiquem bem, não é? De que todos estejam minimamente... portanto que sejam colmatadas as necessidades essenciais de cada um e nesse sentido, acho que esse é o aspeto mais positivo da escola. Mas pronto, como digo, acho que falta aqui um bocadinho de concertação dos elementos para que a escola possa ser ainda melhor.

E- Já agora então, por exemplo, o que é que tu achas... que estratégias é que tu achas que podiam ser tomadas para haver essa tal concertação, essa, como tu disseste, e eu acho que bem, esse vestir da camisola, da equipa, o que é que tu achas que se podia fazer?

e- Olha, eu acho que passa por, primeiro, se calhar fazer um pouco mais de reuniões em conjunto, por exemplo no sentido assim, aquelas reuniões mais gerais... estabelecer prioridades e ordens de trabalhos.... A.... Eu penso que tem muito a ver com as estratégias de gestão propriamente dita e nesse sentido, por exemplo, eu acho que um convívio geral da escola ao final do ano ou no natal, uma coisa assim fazia todo o sentido porque o que se nota é que até há alguma coisa dessas mas é muito por... por... como é que hei-de dizer... por grupos não é? Por exemplo, nós num jantar da escola raramente vemos aqui os administrativos ou os funcionários em... em... Se calhar, é porque eles também não querem, é verdade mas, mas também se calhar porque também não há essa promoção de.... de.... de....de... pronto, de convívio, de... de concertação; e por outro lado, também se calhar, fazer ver a importância de cada... cada elemento na

escola que eu acho que às vezes as pessoas, por não serem muito reconhecidas, acabam por desistir um pouquinho e sentem-se menos motivadas a... a... a estarem em conjunto e em reunião com os outros, no mesmo objectivo não é? Na prossecução do mesmo objectivo. E portanto, eu acho que cada um faz o seu trabalho, chega ao fim, cada um vai à sua vida e pronto, ficamos por aí; e acho que a escola é ainda muito pouco, ainda muito pouco comunidade. E nota-se isso olha, pelo facto de não haver uma associação de estudantes... há mas é muito pouco ativa, muito pouco visível... na minha ótica, claro! Comparado com aquilo que eu já vivi, noutras escolas, como estudante, até... acho que quase que não se vê nada disso. Mesmo a associação de pais, apesar de este ano até ter um elemento ativo, é muito pouco interventiva na escola... Portanto, há uma série de ... há uma série de situações que se nota em que cada um puxa a brasa à sua sardinha e não há assim uma união... a.... a apoiar o projeto de escola, da própria escola, não é? E nesse sentido, acho que isso poderia melhorar um bocadinho. E isso passava por, por exemplo, fomentar os convívios, fomentar as actividades, por exemplo, convocar pais para participar em actividades... convocar os funcionários para participarem em actividades... a... por aí. Questões de gestão mesmo, não é, de pessoal, penso eu... E também reconhecer um pouco mais, porque eu acho que é assim, a escola, ainda há bocado estávamos a falar um pouco no bar que parece que ninguém quer fazer, pronto, ninguém quer fazer mais do que aquilo que é obrigado a fazer, não é? E isso, eu penso que isso tem muito a ver com a desmotivação, não é? Porque se calhar, quando também fazem qualquer coisa, não são necessariamente reconhecidos ou... e eu quando digo reconhecimento, não é necessariamente monetário ou outro. É... é pronto, é as pessoas perceberem que de facto vale a pena trabalhar pela escola e para a escola.

E- Pronto, mas o que eu gostava de perceber era esse reconhecimento traduzir-se-ia, uma vez que tu própria reconheces que não é o reconhecimento monetário, traduzir-se-ia em quê?

e- Ó pá, olha, não sei... Eu também não tenho técnicas de gestão de pessoal mas é assim, sei lá, mas o funcionário do mês, sei lá! No final do ano, em assembleia geral fazer-se uma chamada de atenção para o bom trabalho que foi feito por este ou por aquele ou pelo aqueloutro... Ou pela equipa, não é? No fundo assim... a.... porque é assim.... Eu acho, a motivação, há dois tipos de motivação, a intrínseca e a extrínseca, não é? Portanto, há pessoas que são naturalmente motivadas intrinsecamente e isso é

fácil de lidar com essas pessoas não é, porque elas fazem porque estão motivadas naturalmente mas depois há sempre os outros que nem sempre estão motivados e portanto a motivação também que vir dos órgãos de gestão, da, da comunidade educativa também. Eu não estou só a pôr isto aqui nos órgãos de gestão. Por exemplo, mesmo os professores também motivarem os funcionários, motivarem os pais para estarem presentes. Os pais motivarem os funcionários e os professores... Portanto, é um bocado gerar uma dinâmica na escola, não é? Porque o que eu sinto é que às vezes a escola também só está muito direccionada para instruir, apenas e tão somente e isso também não é, porque acho que a escola educa muito, não é? O

E- Não eu 'tou, de certa forma 'tou de acordo contigo mas por exemplo e, mas há uma realidade, e isto já tem acontecido, por exemplo, tu falas dos convívios mas a verdade é que quando há esses convívios há muitos professores que não comparecem...

e- Exatamente

E-... e nós não temos como obrigá-los...

e- Sim, claro, é evidente!

E- Eu posso dizer-te que ainda o ano passado o João Carlos queria, mais uma vez, que foi uma agora o ano lectivo não acaba para toda a gente ao mesmo tempo... mas o ano passado o João Carlos quis, o ano passado ou há dois anos, também já não estou muito precisa com isso... Ele quis reactivar o jantar de encerramento de ano lectivo...

e- Hum, hum...

E- ...mas depois havia uma série de, ele percebeu que ia ter uma trabalhadeira para juntar meia dúzia de pessoas e disse "Ó pá, então as pessoas que se juntem com quem se querem juntar (risos) pronto!" É só por isso que...

e- Eu acho que se calhar, porque lá está, isso é uma pessoa que assume uma responsabilidade...

E- Porque ele é o coordenador dessas actividades na escola....

e- Certo! Eu entendo isso; exato.

E- ...por isso é que ele assume essa responsabilidade...

e- Mas se calhar, por exemplo ele, sei lá... 'tou aqui a pensar... por exemplo, incumbir o representante dos pais a chamar os pais... incumbir o representante dos funcionários a

chamar os funcionários... Não sei, há métodos... Lá está, eu não sei as técnicas propriamente ditas

E- Não, eu neste caso agora estava só a referir-me aos professores mesmo, não estava a pensar sequer...

e- Mas sabes uma coisa Luísa, eu acho que às vezes...

E- Mas só juntar os professores já é uma confusão enorme!...

e- Eu sei! Sim, eu sei que é difícil mas eu acho que às vezes a divulgação também não é a melhor porque eu, por exemplo, eu sei que há o Dia do Professor e eu participei mas eu, se ninguém me tivesse dito eu nem me lembrava de ir ver ali ao placard porque, pronto, lá está, eu não tenho grandes preocupações em ir ver porque não, não me diz respeito e se ninguém me tivesse chamado à atenção eu se calhar nem aparecia porque não me lembrava que havia isso. Portanto, a forma como se divulga as coisas também acho que faz toda a diferença... E lá está, se calhar se responsabilizarmos as pessoas se calhar faz outro... E lá está, elas também terem que ter essa preocupação e participarem, não é?

E- Hum, hum...

e- E se isso for uma tradição, se calhar acaba por ser... Mas claro, a gente também poderia perguntar porque é que as pessoas não querem vir, isso é que é a questão, não é? Porque é que as pessoas não querem vir?

E- Pois, também podemos fazer essa pergunta assim, a.... mas.... Mas pronto, penso às vezes...

e- às vezes pode ser porque não podem mesmo, não é? Mas se calhar se são muito s a não vir é porque se calhar também não se sentem, que seja útil ou que seja agradável ou que seja necessário ou que... participar...

E- Pois exactamente!

e- ... não é?

E- Exato! Não, só te perguntei porque eu numa série de coisas que tu dizes eu acho que tu tens uma leitura...

e-... correta.

E- ... adequada. E nalgumas coisas eu subscrevo mas há outras que eu acho que não...

e- ... Sim, que às vezes há coisas que a gente não controla, não é?

E- É difícil porque é assim, a... isto não é um... Deixa-me falar assim: Eu tenho pessoas na minha família que trabalham no privado...

e- Hum, hum.

E- ... e que dizem assim: “É que seca, tenha a porcaria da Gala do Sexy não sei quê...”

e- Ah! Ah! Ah! Sim, também não se quer ir...

E- mas é assim...

e- Também não se quer uma obrigatoriedade.

E-... mas as pessoas vão porque , ó pá, aquilo é assim, se tu não vais, no dia a seguir dizem-te assim: “Então mas olha lá, tu ontem não foste porquê?” e não sei quê... E tu és reparada por não participares nos eventos significativos da organização. E a gente sabe que na função pública isto não funciona assim, não é?

e- Sim, claro!

E- Portanto, eu se for ao jantar de Natal fui, se não for ao jantar de Natal não fui, ninguém me chateia! Isto não tem implicações nenhuma na minha vida...

e- Mas lá está, por isso é que a gente se calhar precisa de pessoas inspiradoras que motivem as pessoas para naturalmente irem...

E- Pronto, exato!

e- Isso é uma obrigação não é?

E- Eu acho que mesmo assim, às vezes, conseguem-se milagres! Eu falo à vontade porque quem está a coordenar essas coisas é o João Carlos, eu não tenho nada a ver com isso, não é? E acho que o João às vezes consegue mesmo milagres porque...

e- Exato, exato! E tem todo o mérito

E- Já houve... eu acho que nos últimos anos, os convívios de Natal têm sido muito mais participados do que já fora em determinadas alturas...

e- Mas quando eu digo participar

E- ...Nós já fomos bastantes professores como somos agora e chegavas ao convívio de Natal e tinhas lá vinte!

e- Acredito... Pois, pois! Mas é assim, quando eu falo nisto de incluir as pessoas não é só nos convívios; os convívios é uma parte...

E- Sim, claro! É uma das dimensões....

e- ... mas outras formas de participarem... Sei lá, até quando é para ajudarem os miúdos nalguma coisa, fazerem... sei lá!... Comparticiparem de alguma forma; os pais sentirem que são importantes para a escola, fazem parte da escola. E eu acho que...

E- Hum,hum.

e-... isto falando dos pais. E eu acho que os funcionários a mesma coisa, porque se tu pensares um bocadinho, tirando o trabalho que eles fazem aqui todos os dias, depois não aparecem mais à escola, não é? Tu não os vês em lado nenhum, a não ser no horário de trabalho. E isso é importante perceber. E às vezes até quando se pede qualquer coisa que é fora do âmbito, eles reagem mal porque, lá está, parece que é só meramente o trabalho; eles não estão motivados para, não percebem que fazem parte de um todo muito maior e muito mais útil. E os funcionários, por exemplo na educação das crianças, fazem toda a diferença! Porque muitas vezes aquilo que eles não nos dizem a nós, ao professor porque têm vergonha ou isto, às vezes até podem ir confidenciar a um funcionário. Por exemplo, eu aqui há dois ou três anos atrás, fiz uma formação com os funcionários sobre relações interpessoais e uma das coisas que eu disse é a importância que eles têm; a importância é muito grande, mesmo até na ponte que eles podem fazer entre pais e professores e alunos. E eu acho que eles não têm esse sentimento, eles não têm essa... esse sentimento de pertença percebes, que eu acho que motiva naturalmente as pessoas. E acho que tens razão, nós não podemos forçar ninguém a participar em coisas que não são obrigados a fazer mas, se estiverem motivados, eles até naturalmente participam, eu acho... e acho que falta um bocadinho isso aqui nesta escola. Porque eu acho que há muito boa gente aqui nesta escola, bons professores, bons funcionários, bons técnicos, bons gestores, bons administrativos, mas está tudo muito... cada um para seu lado, estás a ver? É nesse sentido que a escola falha um bocadinho... esta escola, especificamente.

E- Olha, falaste-me aí numa coisa que foi, há uns anos fizeste formação para funcionários e eu gostava, tu ‘tiveste-me a falar de aspectos da escola que têm mais a ver com questões organizacionais, não é?

e- Hum, hum...

E- E eu gostava de passar agora um bocadinho para outro lado que é para mim a dimensão mais pedagógica da escola, que é uma dimensão que eu acho que tu obviamente conheces bem.... ah.... E gostava de começar exactamente, se calhar para aproveitar a tua deixa, de pegar nessa questão da formação

e- Hum, hum...

E- Da importância que tu atribuis à formação e... e falaste de uma coisa que normalmente nos passa ao lado porque nós preocupamo-nos muito com a formação de professores e...

e- Exatamente!

E-... e a formação dos funcionários fica assim um bocadinho descuidada... Gostava que tu me falasses como é que tu vês a formação, a... qual é a importância que tu...

e- Eu dou-lhe a máxima importância, não é? Aliás, eu fomento aqui ao máximo, dentro daquilo que me é possível a formação que faço a professores e faço a funcionários. Este ano vou fazer a funcionários outra vez. É tipo, de dois em dois anos, um ano faço a professores, outro ano faço a funcionários. Porque acho que é fundamental a formação e isso é uma das formas de os motivar, eu acho. Porque nós nas formações, se forem boas formações e que inspirem as pessoas, eles motivam-se para as coisas. A... eu noto isso, que... que quando por exemplo eu dou formação a funcionários, eles saem com outro ego, não é? Mas só que depois às vezes estão muito tempo sem formação e depois aquilo esvai-se um bocadinho, não é? A... sem dúvida que a formação é fundamental! Para já para actualizar as...as... os conhecimentos pedagógicos, científicos, etc. e depois porque pode ser um bom momento de motivar as pessoas, efectivamente. Porque eu acho que quando nós descobrimos coisas novas acerca de nós próprios, ou sobre os outros ou sobre a maneira como podemos fazer as coisas, isso pode-nos dar ferramentas que a gente se calhar até já estava um bocadinho “Ah, eu também não posso mudar muito isto...” não é? Aquele pensamento derrotista, e essas novas ferramentas podem-nos às vezes ajudar a querer fazer mais e melhor, não é? Portanto, para mim a formação é fundamental e acho que todos os anos toda a gente devia ter formação, e o mais possível.

E- E por exemplo, agora sobretudo pensando nos professores, que tipo de formação é que tu achas que falta aos professores?

e- Olha, muito mais... muito mais no âmbito do saber fazer do que das questões científicas. Porque eu acho que científicos, vocês até têm uma boa formação científica, no cômputo geral, de como aplicar conhecimentos. Mas depois o saber ser um bom professor já é outra questão... E isso, para isso eu acho que já é preciso ter alguma vocação, por um lado e mesmo aqueles que não tenham muita vocação, pelo menos algum treino... o saber lidar, o saber estar com os garotos, saber reagir a certas situações complicadas... Porque vocês lidam com imensa gente e eu digo, acho que vocês têm dos trabalhos mais admiráveis no mundo, a... porque vocês moldam, moldam crianças, criaturas, fazem cabeças, fazem a diferença naquilo que eles querem ser no futuro e etc. E portanto, de facto, o professor que é um bom professor não é necessariamente aquele que é... o que dá... o que dá as coisas mais rigorosamente, ou que é mais cientificamente bem preparado, na minha ótica, mas sim aquele que cativa, que inspira, não é? que inspira. E... e às vezes o que se nota é que os colegas também não estão assim muito preparados para isso, não é? Porque eu compreendo, às vezes é assustador ter que lidar com tantas... e agora com esta coisa da inclusão da deficiência na escola e etc., que os professores não estão minimamente preparados, eu concordo que não estão, a... torna-se muito difícil gerir tanta coisa, não é? gerir, gerir o conhecimento e gerir a emoção e gerir tudo isso... E portanto, eu acho que as formações devem ser muito no âmbito do saber estar e o saber ser, perante os seus alunos. Eu acho que é... é o que vos falta mais, muito sinceramente.

E- E por exemplo, aqui na escola, tu conheces bastante bem os alunos... a... e conheces também, penso eu bastante bem os professores, até porque vais aos conselhos de turma, ou pelo menos vais a alguns conselhos de turma... a... como é que tu vês aqui a formação especificamente na nossa escola? Achas que efectivamente há essa resposta às necessidades dos professores, achas que os professores efectivamente procuram essa formação ou...

e- Olha, eu acho que há um bocadinho de tudo... (risos) Porque é assim, há professores que realmente são interessados, e é engraçado que quando eu dou formações assim mais... mais no âmbito da questão emocional e etc., são sempre os mesmos que aparecem, o que é engraçado de se observar... e acho piada porque há muita gente que diz que está interessada ou preocupada em saber fazer mas depois, no momento que pode procurar essa ajuda ou essa formação ou assim, não aparece, o que é interessante também de se observar, não é? Portanto, temos de tudo, não é? Mas de facto os que

realmente se, e é engraçado que são os que se calhar menos precisam é os que aparecem (risos)... Mas os professores que são vocacionados e preocupados e realmente decididos em fazer coisas, acabam por aparecer às formações... E acho que é pouca a formação, muito sinceramente acho. Porque é assim, eu... eu tento dar uma formação por ano.... mas depois não há mais nada! Há mais umas coisinhas mas são muito poucas, eu acho! Por exemplo, eu estou a pensar, daqui... de há uns três ou quatro anos para cá houve para além da minha a tua e mais uma ou duas que houve agora há pouco tempo.... Em dois ou três anos isso é muito pouco, eu acho. E depois, tem muito pouco por onde escolher, não é? Eu acho que deveria de haver mais variedade. E nesse sentido, acho que sim, que a escola poderia tentar proporcionar mais, ou mais dispensas de serviço, não sei o que é que é possível fazer mas... mas se fosse aqui é melhor, mais prático. Eu por exemplo, quando faço a formação tento fazer sempre fora de tempo lectivo para que as pessoas possam aderir, não é? ou possam participar. Portanto, acho que sim quanto mais melhor e mais variada e mais nesse sentido...

E- Olha, a... e diz-me outra coisa, a...

e- Mas é como tu dizes, às vezes os professores também não procuram....

E- Não, eu nem disse que eles não procuravam! Mas, por exemplo, em relação ainda à formação...a... tu... achas por exemplo, pela tua experiência, que dás bastante formação aqui na escola, pelo menos dás uma formação anualmente e isso já é... se houvesse mais pessoas a fazer isso...

e- Exatamente!

E- ... se calhar tínhamos outra...

e- se houvesse alguém que se disponibilizasse, não é?

E- Tu achas... Tu disseste, às vezes as pessoas querem mas depois quando têm oportunidade, não vão. E daqueles que vão, tu sentes depois, na prática que há efectivamente...

e- Uma mudança?

E- Exatamente!

e- (risos) Não há; nem sempre há. Mas isso é como tudo, a gente.... É assim, o meu lema é “se eu chegar a um ou dois já é uma grande festa, não é? Portanto... e de facto eu... eu... eu noto que consigo chegar a alguns e isso é muito importante para mim,

para me motivar a manter, a fazer formações. Mas sim, é verdade, que as pessoas vão e muitas vezes vão pelas vinte e cinco horas de formação e não porque precisam daquela formação ou porque sentem que aquela formação vai fazer a diferença. É claro que também podem não gostar da formação, também pode ser isso e não achar que aquilo seja pertinente ou útil para o seu trabalho. Mas seja como for... Há que dar uma hipótese à coisa e pelo menos experimentar... Por exemplo, eu às vezes, ensino muitas... muitas estratégias e técnicas e depois dizem-me sempre que não funciona mas ainda não experimentaram (risos) e isso deixa-me um bocadinho, pronto, um bocadinho frustrada porque de facto, assim é difícil fazer mudanças! Mas pronto, mas isso também tem muito a ver com a personalidade, com a apetência, com a vocação que as pessoas têm para isto, não é? Há pessoas que não deviam de ser professores, naturalmente.... (risos)

E- Olha, e agora deixa-me descentrar um bocadinho dos professores e os miúdos, como é que tu avalias os miúdos aqui da escola? Porque, eu falo por mim, e até às vezes por conversas que tenho com os colegas, e até pela experiência que tive por exemplo no ano passado, nesta nossa comunidade de prática, que eu acho que às vezes nós também temos uma percepção um bocadinho distorcida...

e- Completamente!

E- em relação aos miúdos...

e- sim!

E- ... e eu gostava que tu me desses o teu olhar de pessoa que, trabalhando com os miúdos, não é professor e portanto tem de certeza uma visão completamente diferente...

e- completamente diferente, sim

E- ...quer dos miúdos quer até da forma como nós professores abordamos os miúdos e os problemas deles...

e- Sem dúvida! Olha, eu... eu posso dizer que, eu no início quando cheguei cá, achei que era pertinente fazer parte dos conselhos de turma para conhecer os professores, para conhecer os... e para dar a conhecer os miúdos aos professores, de outro ponto de vista e depois acabei por desistir. Porquê? (risos) porque de facto, em regra, felizmente não é todos, mas em regra, os professores atribuem muita responsabilidade aos miúdos que não é dos miúdos... Muitas vezes é do próprio professor que nunca reconhece, ou dos

pais dos miúdos, não é? E nesse sentido, eu tenho uma visão muito diferente dos miúdos do que em regra vocês professores têm, porque é assim, para mim, os miúdos claro que têm alguma responsabilidade mas é assim, até uma certa idade quem... quem atribui ou não essa característica de ser responsável, ou não, são os pais e os próprios professores. E quando eu vejo às vezes, conselhos de turma consecutivos a massacrar que o miúdo é isto, o miúdo é aquilo e aqueloutro e não sei quê, em vez de procurar soluções para o miúdo e ver como é que podemos chegar aos pais para que os miúdos modifiquem alguns comportamentos, porque uma coisa é certa, não se agarra miúdos sem agarrar os pais... e os próprios professores. E é aqui que entra aquele professor que é o bom professor, que é o professor vocacionado para inspirar. Porque muitas vezes os miúdos até só estão a manifestar sintomas de coisas que não estão bem. Ou em casa ou na própria escola. E uma coisa que eu noto é que os professores não fazem muita inflexão sobre o seu próprio trabalho, e isso preocupa-me um bocadinho... porque muitas vezes tem a ver com o próprio professor, não tem propriamente a ver com a criança. Não estou a dizer que é sempre, obviamente; há miúdos difíceis, naturalmente e há miúdos que trazem questões de casa que são muito complicadas de gerir na escola porque depois eles reproduzem as coisas na escola mas eu acho que o professor também tem muita responsabilidade nas situações que se passam com os garotos e o professor nunca faz essa inflexão, que é uma coisa que para mim é extraordinário porque mesmo perante certas evidências, o professor acha que o problema nunca é dele, é sempre ou dos pais, ou do miúdo que é mal comportado ou sei lá, do nosso... do espírito santo que não funcionou naquela criança (risos)... não foi baptizada ou qualquer coisa ou qualquer coisa do género (risos) Não, estou a brincar, isto não é para pores...

E- (risos) não , eu sei, eu entendo...

e- Mas percebes o que eu quero dizer, não percebes?

E- Percebo, percebo.

e- E isso preocupa-me um bocadinho porque por exemplo, nas formações, que é uma coisa... eu tento fazer sempre formações que a gente faça muitas reflexões sobre estas questões e eu noto uma re-sis-tên-cia... uma coisa... eu costumo dizer “Lá vou eu partir pedra” porque de facto, há uma resistência em parar para pensar “Será que isto é a melhor forma que estou a fazer? Posso fazer isto doutra maneira? Será que sou eu que não estou... Porque é assim, ninguém é isento de cometer erros! Eu cometo imensos erros e estou todos os dias a corrigir coisas; o que é importante é que a gente tenha essa

noção, que podemos estar a cometer um erro. Mas nos professores, às vezes dá a sensação que são intocáveis, que não há nada que corra mal pelo lado deles e que tudo o resto é que é o problema... E, e eu acho que isso é parte do problema, não é? Porque quando a gente pára para pensar “será que se eu utilizar esta estratégia diferente, pode ser que funcione melhor?” Basta fazer esta inflexão, porque aí, nós já estamos predispostos a ver as coisas de outro ponto de vista e geralmente é cem por cento certo que muda. Eu posso dar casos concretos: Por exemplo, houve professores que, num determinado momento não conheciam a criança e tinham sete pedras na mão, e não estavam para ali virados, para ajudar aquela criança e a partir do momento que eu conto-lhes a história de vida e o processo da criança, eles viram... dão uma volta de cento e oitenta graus e a criança começa a funcionar bem! E Então como é que explicas isto? Ou é do malho ou é do malhadeiro, não é? Portanto, foi o professor que fez a mudança, não foi a criança, a criança continua a mesma mas devido ao facto como ele está a tratar aquela criança ou a funcionar ou ajudar, a criança responde aquela, aquela, aquela influência do professor e portanto funciona lindamente! Já aconteceu, N casos que isto aconteceu. Eu fui falar particularmente com os professores sobre uma determinada criança e aquilo muda do dia p’rá noite, do dia p’rá noite! Parecem milagres, ‘tás a ver? Portanto isso só comprova que muitas vezes o professor tem muita... aliás, muitas vezes não! O professor tem mesmo muita influência nos miúdos. E eu acho que é muito importante que as pessoas tenham a noção dessa, dessa importância, pelo bem e pelo mal, não é? pela responsabilidade e pelo prazer que isso também dá. Por isso eu penso que a maior parte, quando se decide a ser professores é porque... vai fazer qualquer coisa de positivo. E nesse sentido, também há que reconhecer isso. Por isso, nesse aspeto, eu vejo as coisas de um ponto de vista muito diferente, de facto, e às vezes, há choques por causa disso... há choques... mas isso é bom (risos)

E- Sim, e por exemplo, tu, como é que tu achas que, para além dessas tuas conversas com os professores mas que são, dá-me a sensação que às vezes até uma coisa quase muito particular, privada, como é que tu achas que a gente pode combater esta... essa mentalidade que tu dizes ou essa maneira e estar que tu dizes dos professores, de estarem muito... presos assim....

e- Olha, eu acho que isso decorre muito, geralmente isso acontece com professores que são muito inseguros, eu acho. Isto já é uma análise muito... psicológica. Mas isto tem a ver com professores que estão inseguros na sua prática por algum motivo; ou porque...

ou porque não sabem lidar com aquele tipo de comportamento, ou porque o miúdo tem um... são, são desafiantes num aspeto que ele não sabe, não sabe aplicar ou gerir... a... e nesse sentido, o que eu acho é que é muito importante também para os professores trabalharem essas questões da segurança, da sua própria autoconfiança, no trabalho, sentirem que estão a ser realmente bons professores, a fazer coisas bem feitas e que sabem gerir isto ou aquilo ou este problema... Por exemplo, uma coisa que eu noto muito, é no início do ano, anda tudo “ó tio, ó tio” por causa dos NEES, por exemplo, dos miúdos NEES; porquê? Porque nunca tiveram nada daquele género e... e depois ficam muito... às vezes até reagem mal, tipo, “Ah, mas porque é que eu tenho este horário assim?” não sei quê... Na verdade, aquilo é decorrente de um receio, não é? de um receio de não ser capaz de ensinar aquela criança porque tem uma necessidade especial... Mas lá está, o que eu acho é que, é trabalhar um bocado a ideia de que ninguém sabe tudo, e ninguém está a par de tudo e ninguém é seguro de coisa nenhuma e portanto... e que podem procurar essas ajudas. Podem procurar pessoas que podem esclarecer, que podem ajudar e fazer as tais formações, não é? Se eu... eu por exemplo, uma das maneiras que eu tenho de me garantir como técnica, que estou a fazer um bom trabalho, eu procuro fazer muita formação, estou sempre a fazer formação, sempre! É a maneira como eu me sinto mais segura comigo mesma. E eu, sentindo-me segura comigo mesma, mesmo que cometa o erro já vou tão atrapalhada, não é? Não fico tão assustada... No fundo, decorre de um receio, de um medo, não é? E pronto, e depois posso até cometer erros na mesma, mas quando os cometo já sei que... pronto! Não havia outra maneira de não o fazer, naquela altura. E isso é uma das maneiras que eu uso para me sentir capaz, é fazer formação com muita frequência. Acho que a formação, acho que o teu projecto é muito importante. Por exemplo, um espaço para os professores terem uma troca de ideias, por exemplo, nós na psicologia usamos uma coisa que se chama intervisão, quando não temos acesso a supervisão, porque é difícil, chamar aí uns nomes é complicado, não há dinheiro...

E- Claro!

e- ... mas há uma coisa que se chama intervisão, que é a partilha dos casos e das experiências e dos nossos receios, uns com os outros. E isso faz milagres porque depois tu apercebes-te que há outros que fazem os mesmos erros que tu, há coisas que os outros também não te sabem... também não sabem gerir, portanto tu não és o único... falhado, entre aspas, não é? A... e isso ajuda bastante a nos... a nos ajustar, a pormos as coisas

em perspectiva e a nos ajustarmos uns aos outros. E... e depois também há, há aquele colo que os colegas dão “o pá, mas é natural que tivesses feito isso porque...” E acho que isso ajuda bastante, porque isso depois dá auto confiança às pessoas e as pessoas autoconfiantes não têm tanta aversão às coisas, porque não têm medo. E eu faria assim; acho que isso, esse teu projecto é óptimo e acho que devia ser mais... por exemplo, em vez de ser um grupo grande, podia ser vários grupos intevisionados.

E- Nós não somos um grupo grande (risos)

e- pronto, mas em vez de alargares o teu grupo, se calhar fazeres vários grupos parecidos com... com supervisão.

E- É assim, eu por acaso, ia-te perguntar exactamente o que é que tu pensavas desta comunidade...

e-... acho óptimo!

E- Mas é assim L., eu posso-te dizer que nós não somos um grupo grande, eu ainda não sei por exemplo este ano quantos é que vamos ficar, sei que há algumas pessoas que até por razões, pronto, que não têm a ver com a falta de vontade de participar mas tem a ver com outras obrigações que também têm, não vão poder participar; penso que vai entrar gente nova mas ainda não sei muito bem, mas lá está, é a tal coisa, eu também não posso obrigar as pessoas a participar nisto...

e- Sim, mas sabes que eu acho que é preciso desmistificar isso porque, se calhar as pessoas também não entram mais porque, e isso também acontece connosco, connosco psicólogos, com a vantagem que nós temos um sigilo uns com os outros e é... e aí dá-nos algumas garantias. Mas é preciso...

E- ...Nós também temos...

e- Sim, sim.

E- Não sei se as pessoas o cumprem mas... mas nós temos; é um dos compromissos que as pessoas assumem quando, aliás, foi uma coisa que eu quis sempre deixar muito clara logo de início é que, tudo o que ali se passa é absolutamente confidencial e portanto não andamos a dizer “Ai, eu fui à aula do Manel e o puto que ‘tava na fila de trás chamou-lhe não si o quê...”.

e- Pronto, eu acho que garantires que há esse sigilo, que há esse, depois também convém que sejam grupos que se... que realmente confiem as pessoas umas nas outras,

que gere ali uma dinâmica de confiança real e verdadeira; por isso é que eu acho que os grupos também não devem ser muito grandes...

E- Pois

e- ... e desmistificar um bocadinho isso, que se tu vais para lá contar entre aspas, os teus podres, que depois toda a gente vai ficar a saber e depois vão falar uns com os outros “ah, vês, afinal aquele não fez nada de jeito...” e não sei quê e que vão ser avaliados ou... ou criticados ou chamados à atenção, não é? Portanto, se for numa perspectiva, se passares muito a ideia de que é na perspectiva de os ajudar a melhorar e que é garantido o sigilo e que as pessoas têm que confiar umas nas outras, eu acho que isso rapidamente as pessoas aderem muito mais. Porque eu acho que, se calhar eles não têm muito essa noção, se calhar acham que “pronto, ok, é mais uma para agente falar” e depois uns vão falar com os outros e não sei quê, aquelas coisas... E eu acho que se trabalhares muito essa questão e fizeres passar muito a ideia que isso não se passa, se calhar vais ter muita gente mais a... passar muito a ideia que é para ajudar, não para criticar ou para rebaixar, não é? Mais nessa perspectiva assim. Se eles conseguirem perceber isso, acho que faz a diferença. E acho que é uma excelente ideia, eu acho... Sabes que eu nos primeiros anos que aqui estive, eu fiz uma tertúlia de professores. Éramos pouquinhas, depois ainda estávamos a ponderar se íamos abrir ao.... Era a Zaida, a Ana Rocha e... mais umas quantas que eu já não me lembro quem é que participava nisso. Só que fizemos durante um ano e depois pusemos essa hipótese [abrir a outros ciclos de ensino]. Porque eu acho que é muito importante esse... esse espaço de partilha; e um dos requisitos era que fosse fora da escola... que eu também acho que é importante... porque falar fora da escola é diferente do que estares dentro da escola. A escola passa um bocado, eu sei que parece uma parvoíce mas... o espaço físico também, é como eu te disse no início, faz impressão, faz influência... Por isso eu acho que é ótimo acontecer e deveria de acontecer mais, ter mais grupos e eles terem mais espaço para partilhar essas suas dúvidas, essas suas inseguranças, eu acho.

E- ‘Tá bem

e- e uma ideia é fora da escola!

E- É assim, a ideia de ser fora da escola, para mim... não...

e- Não faz grande influência?

E- ...não me faz muita influência até por uma razão: Nós não somos simplesmente um grupo para reflectir...

e- Sim, também estão a trabalhar...

E- Nós temos prática de supervisão entre pares, não é?

e- Exato!

E- Portanto nós temos mesmo que trabalhar dentro da escola porque eu tenho que ir à sala da Maria, o Manel vem à minha aula...

e- Ah, ok! Sim, sim. Mas eu estava a dizer quando vocês se reúnem para reflectir...

E- Ah, sim, pronto! Quando reunimos para reflectir, a questão de ser na escola é uma questão muito logística, porquê?

e- ... e prática...

E- porque é assim, é ter um espaço grande, é ter disponibilidade de equipamentos porque às vezes há uma apresentação para fazer...

e- sim

E-... outras vezes há uma coisa qualquer que a gente quer ver, ou um filme ou um documentário ou não sei quê, para ver em colectivo e para discutir em colectivo e portanto é um bocadinho...

e- ... é mais prático, pois!

E- É um bocadinho por essa questão prática. A... de qualquer forma, pois as perguntas que eu te ia fazer a seguir tinham a ver exactamente como é que tu vias esta comunidade e... e que valor é que lhe atribuías... A única coisa que te posso dizer é que a comunidade está aberta à participação dos serviços de Psicologia e Orientação...

e- Quando quiseres é só pedir

E- ... e se as senhoras quiserem aderir (risos) também podem... Aliás, o ano passado 'tiveste lá a dinamizar uma sessão; provavelmente, a gente este ano vai-te chatear para ires lá dinamizar outra...

e- Ok... com muito gosto!

E- A... mas pronto, mas é bom saber que há quem valorize o nosso trabalho, mas posso dizer-te que... ah... é assim, ah... da experiência que eu tenho e, agora com esta

comunidade de prática é diferente, mas já fiz outras formações aqui na escola e a experiência que eu tenho é um bocadinho aquela que tu também tens. Há um conjunto de pessoas que estão naturalmente motivadas e que vão a todas, como se costuma dizer, e a gente conta sempre com aquele núcleo duro...

e- É... é verdade.

E- ... e depois há assim umas franjas que este ano vêm, no ano a seguir já não vêm, não sei quê, ta, ta, ta... e que eu não sei muito bem como é que a gente pode fazer para as cativar... Porque eu digo-te, a minha intenção com este projecto, era realmente que isto se replicasse, que fosse um bocadinho como a gripe: Uns apanhavam e transmitiam aos outros; porque, eu até o que gostava...

e- ... Se calhar, se deres prémios monetários (risos)... estou a brincar!

E- isto agora já parece que sou eu a entrevistada mas pronto!

e- (risos)

E- Eu até o que eu gostava é que esta dinâmica de reflexão sobre as nossas práticas que contaminasse um bocadinho os órgãos que já estão instituídos...

e- Exatamente!

E- ...porque eu acho que isso era como deveriam funcionar os grupos disciplinares. Em vez de eu ir para ali dizer “Olha, no pedagógico decidiram que agora ninguém pode pôr os meninos na rua antes da campainha tocar, e no pedagógico decidiram....” que no fundo os grupos ‘tão resumidos tão a uma função meramente de transmissão de informação quase... era bom que funcionassem desta forma, acho eu...

e- Sim, que pensassem soluções para aquela área

E- Mas não se consegue fazer isso. Mas a minha ideia era um bocadinho essa, era “pá, eu começo com um grupinho e depois se calhar há outra pessoa que vem e diz “Olha, aquilo é giro mas eu não me interessa nada andar nas aulas dos professores de história ou de francês mas se calhar se eu pegasse nos professores de matemática e fizesse isto com a malta de matemática, podia ser giro para a gente na matemática não sei quê...” pá, só que é a tal coisa, é assim, eu não posso andar com a pistola a dizer “anda lá”...

e- Claro! Não, não, não! Mas é assim... mas se calhar às vezes, sabes uma coisa que às vezes parece absurda e óbvia, é que às vezes se a gente não disser essas coisas

literalmente, as pessoas nem se lembram disso! Porque eu acho que as pessoas não tomam assim, não têm empowerment, não tomam assim o poder, percebes? E acho que muitas vezes, temos que ser nós a incentivá-los “Mas vocês também podem fazer isto no vosso grupo de não sei quê” e verbalizar mesmo. Porque as pessoas estão tão apáticas, estão tão habituadas aquele renga-renga, aquele registo tão... monocórdico que depois nem se lembram que podem fazer coisas. E nesse sentido, aí o que tu podes fazer, na minha opinião é que, pegar em elementos que são assim mais dinâmicos, tens que escolher, porque as personalidades contam nestas coisas, sem dúvida... Por exemplo, tu tens ali pessoal no grupo que há uns que são bastante mais dinâmicos do que outros, não é? E nesse sentido, esses é que podem contaminar os outros e incentivar. Até mesmo, vais aqui a este, picas este e depois vais a outro e picas o outro: “Olha, e se tu fizesses não sei o quê; O que é que achas desta ideia, e tal?” Porque às vezes as pessoas nem têm criatividade, às vezes estão ali tão maresmáticos não é? que nem se lembram de que podem fazer isso “Olha, que boa ideia, eu poderia fazer isto” Podem não ter essa iniciativa, não é? e às vezes, eu acho que um bom dinamizador é precisamente isso, é um que anda ali a picar, a ver se o pessoal se espalha. Mas é assim, mas depois também há coisas que a gente não controla, como tu dizes, e bem, não é? Há coisas que não mudam! E há personalidades que tu nunca vais mudar e portanto se há um dia que ele até aparece, a gente tem que sentir isso como uma vitória, como uma festa. Eu vejo as coisas assim... Porque se não, nós também esmorecemos, se não, nós também nos desmotivamos. Eu por exemplo, este ano eu vou fazer só para os funcionários porque o ano passado a formação foi muito boa, na minha ótica, acho que conquistei uma data de gente, mas houve ali dois ou três elementos que me esmoreceram um bocadinho, porque foi tipo mesmo, trabalhar para o boneco, entre aspas. E então, o que é que eu faço? Para me reequilibrar, agora vou trabalhar com outra população e ver o que é que acontece... E depois, daqui a dois anos, já não me lembro bem o que é que se passou, já posso ir mais motivada fazer uma nova formação. E acho, acho que é assim que a gente pode fazer alguma coisa assim mais completa ou mais dinâmica. Fora isso, é assim, há coisas que a gente não controla e temos que aceitar isso com naturalidade, não é?

E- Pois! Não, eu aceito... por exemplo, uma das ideias que nós o ano passado tivemos e que depois nunca se concretizou era que nós tivéssemos as sessões organizadas, quer dizer, concretizou-se uma parte, mas a parte que nós queríamos não se concretizou. Que

a ideia era as sessões serem em duas partes: Uma parte aberta a qualquer pessoa; por exemplo, quando tu foste convidada para ir lá falar, na altura eu divulguei “que a L. vai lá falar, não sei quê, ta, ta, ta” porque eu acho que tu foste falar de uma coisa que não interessava só a nós os doze, interessava a muito mais...

e- Interessava a muita gente...

E- E portanto, que houvesse essa primeira parte mais geral, aberta, e qualquer pessoa da escola pudesse ir e nem tivesse que ir sempre. Por exemplo, “olha hoje vai lá a L. falar de conflitos na sala de aula, isto interessa-me” ou amanhã vai lá alguém falar...

e- ... e a pessoa sabe que pode fazer isso?

E- Na altura isso foi divulgado; nunca ninguém apareceu!

e- É porque se calhar também os que gostam de saber já lá estavam, não é?

E- Pois... depois chegou a uma altura que nós acabámos por...

e- acabaram por...

E- até também não era às vezes muito prático para nós, e como nunca nos aparecia ninguém de fora começámos a fazer as coisas... Porque aquilo era, a primeira parte era aberta ao público e depois a segunda parte era então para tratarmos das nossas questões das observações, e isso aí era completamente sigiloso, obviamente não íamos ter lá ninguém...

e- Claro!

E- ... de fora, pronto!

e- Claro, obviamente! Claro, claro...

E- Fizemos duas vezes; portanto, as duas primeiras eu ainda divulguei na sala de professores e não sei quê ta, ta, ta, à terceira depois também já não divulguei porque é assim, não aparecia ninguém....

e- Claro! O sistema reajusta-se, não é?

E- Exatamente, exactamente!

e- Naturalmente, sim, sim. Concorde contigo. Se tu vês que isso não tem utilidade acabas por não fazer!

E- Pronto! Porque a ideia também era, através destes momentos abertos, eventualmente depois cativar as pessoas para “Olha, este ano não entrei mas para o ano se calhar vou gostar de fazer isto ou não sei quê” mas...

e- Por exemplo, uma coisa que eu acho que falta aqui nesta escola é, periodicamente, haver uma reunião geral, eu acho porque... para divulgar este tipo de coisas, ‘tás a ver? Olha, vai haver isto, vai haver aquilo, vocês podem fazer assim. Porque é assim, às vezes está lá no boletim mas há pessoas que... eu olho e aquilo é tanta informação que há coisas que me passam completamente ao lado... Se ninguém vier dizer “Olha, não te esqueças que...”

E- Pois...

e- ...eu passa-me completamente ao lado! E outra coisa, ali a forma como divulgam a informação, não acho que seja a melhor e depois não há uma limpeza daquelas coisas...

E- Não, aquilo está cheio de ruído!

e- Exatamente!

E- Aquilo tem lá coisas de há trezentos anos!

e- Exatamente, exactamente! Por exemplo, questões de formação, devia ser um quadro específico só para a formação; e a forma como se divulga também; ó pá, não é à toa que os publicitários ganham o dinheiro que ganham, não é?

E- Pois, exactamente!

e- Um slogan, uma palavra-chave que te capte a atenção; porque se tu vais só ler papéis, tu ‘tás ali uma boa hora e não consegues interiorizar aquela informação toda, não é? Portanto... E por exemplo, falar, ou então haver um meio, ou então haver um meio de divulgação aos, aos, como é que tu disseste há bocado?

E- Aos participantes?

e- Não... grupos...

E- Os grupos disciplinares

e- Grupos disciplinares, exato, ou aos directores de turma, e haver uma certa obrigatoriedade na divulgação. Por exemplo, nós o ano passado, na Carta da Convivialidade, o ano passado não, há dois anos, fizemos um coiso para os pais, sabes quantas pessoas é que apareceram? Duas... Duas pessoas e eram educadoras lá de

baixo; se calhar, eram as que precisavam menos... E pronto, a gente ficou assim a olhar para aquilo... mas porquê? Eu acho que teve a ver tudo com a divulgação, ninguém soube. Depois entretanto, elas decidiram fazer mais uma vez, foram persistentes e nesses aspeto têm todo o mérito, e nós fomos lá para baixo para o auditório e já tivemos ali uma coisinha mais composta...

E- Eu lembro-me de ir lá assistir.

e- Exatamente, estavas lá. E... e aquilo foi mais para alunos do que pais porque alguém teve a feliz ideia de levar os garotos a ver o que é que se passava, não é? Mas se calhar, se isso tivesse sido divulgado de outra maneira tipo, uma convocatória mais formal em que se mandasse umas cartinhas para casa ou qualquer coisa, se calhar tinha outro impacto nos pais. Às vezes, a forma como se divulgam as coisas, também não é a melhor... e eu sei disso porque eu falo por mim. Há coisas que me passam completamente ao lado “Ah, vais não sei o quê?” Mesmo os convívios, se a gente não tem aquela preocupação de ir lá ver se há alguma coisa, as coisas passam-me completamente ao lado... E não é porque eu não queira participar porque eu até participo, dentro do possível, participo em tudo. Portanto, acho que a divulgação das coisas também tem a sua importância e se houvesse tipo, se houvesse tipo uma, como é que eu hei-de dizer? Uma tradição de que as coisas são assim, por exemplo, sei lá, de X em X tempos haver umas reuniões, geral de professores e de funcionários e etc, ou da Comunidade [educativa] e assim... Por exemplo, aquelas reuniões da Comunidade deveriam ter outra função para além daquela maldita divulgação de resultados, que é absurda! Aquilo para mim é, é um tempo desperdiçado, perfeitamente absurdo, que não faz sentido nenhum. Eu acho que aquelas reuniões é que podiam ser uma forma de chegar a fora da escola e puxar para dentro, não é? Mas para isso lá está, tínhamos que responsabilizar as pessoas que lá estão, a puxar todos para o mesmo lado, também. Agora, chega-se ali, apanha-se com um powerpoint, às vezes powerpoints com uma folha, que aquilo podia ser já tratados, podiam ser dados tratados, fazer comparações, tirar conclusões daquilo, por comparação... não é “este ano tal, tal...” Então dão-nos o papelinho e a gente lê. E observa, ponto. Não estamos ali a perder duas horas do nosso tempo para fazer não sei bem o quê... E pronto, tirando a aprovação do orçamento, não vejo qual é a utilidade daquilo. Mas era uma ótima oportunidade para divulgar o que é que a escola está a fazer, o que é que nós pretendíamos, o que é que nós gostaríamos que a comunidade exterior fizesse aqui para a escola, a.... até pôr os pais a participar, a

colaborar aqui na melhoria das condições da escola, a fazer eventos aqui dentro da escola... Por exemplo, se os pais tivessem um espaço também para fazer alguma coisa pela escola e pelos miúdos, não sei, se calhar acho que tinha outra dinâmica, outra vida a escola, não é? Penso eu, sei lá! Mas era uma coisa a experimentar, pelo menos... Agora pois, com a reunião da Comunidade, eu só de pensar que tenho reunião da Comunidade

E- (risos)

e-... Que é mais do mesmo, sempre da mesma maneira! É absurdo, pá! Metem-te o... Já foste alguma vez, tu?

E- Graças a Deus, não!

e- Ah, rapariga! Não sabes do que é que te escapas! Mas aquilo é assim, eu acho que eles deviam tratar aqueles dados, não é chegar ali, pespegar uma folha A4 num projector e observar que 5º houve não sei quantos por cento que chumbou e não sei quantos que... mas depois não tiram conclusões daquilo. Não fazem as tais inflexões. Eu acho piada porque “Ah, mas temos que ver que isto os miúdos são complicados, não sei quê” mas depois nunca há inflexões “Mas será que também não é este professor que dá muitas negativas? Ou será que este professor não facilita muito?” ‘Tás a ver, era um bom momento para reflectir sobre a escola... Mas não é isso que se faz. Se alguém dá uma opinião, parece também que as coisas não são muito bem aceites... E pronto, enfim, claro que isto depois entra, é a tal história, não é? Se tu fazes, fazes, fazes e não tens, não repercute em ninguém... todos nós, somos naturalmente económicos, não é? Se tu dás, dás, dás, e não tens retorno, há uma certa altura, deixas de dar.

E- Claro!

e- É tão simples como isso! Portanto, e depois as dinâmicas vão deixando de se gerar... tudo influencia. Agora, se queres realmente pôr isto a mexer, tens que escolher pessoas específicas, muito bem pensadas e pô-las a mexer. Mas também reconhecer-lhes o mérito, reconhecer as coisas que se fazem boas aqui na escola; faz-se muita coisa boa aqui na escola! Eu acho! Acho que a escola tem coisas muito positivas. Por exemplo, acho que os clubes são ideias brilhantes, se fossem realmente bem dinamizados; é uma coisa interessantíssima os miúdos poderem vir aqui para a escola procurar outras coisas, outras formas de aprendizagem, sem ser aquela aprendizagem formal. Acho isso brilhante! Mas o que se nota é que é tudo muito... muito morto, muito ténue, ‘tás a ver?

Não há, não há dinamismo, não há. E acho que isso também passa por um bocadinho de exigência, às vezes também. Alguma exigência por parte dos profissionais, também acho. Mas pronto, isto é a minha opinião; a minha mera opinião (risos) Vale o que vale!

E- Ok L.! Olha, obrigadíssima...

e- De nada querida!

E- A...

e- O que é que queres perguntar mais?

E- ...Não tenho mais nada para te perguntar porque como te disse eu ia-te perguntar sobre a comunidade e tu, espontaneamente falaste dela e deste-me algumas ideias que eu acho que tenho que se calhar pensar nelas, e agarrá-las e agradeço-te muito...

e- Naquilo que precisares da minha parte, podes contar.

E- Muito obrigada então.

e- Eu estou disposta a ajudar a escola a melhorar, porque eu gosto muito desta escola, apesar de tudo. Apesar de às vezes me queixar um bocadinho também...

E- Acho que também faz parte, a gente fazer uma certa lamúria, aquele choradinho...

e- Sim (risos) ai, a minha vida é uma desgraceira!

E- (risos) exactamente!

ANEXO IX
DIÁRIO DA INVESTIGADORA

Sexta-feira, 19 de Setembro de 2014

Depois da apresentação do meu pré-projeto comecei a contactar as pessoas que tinham frequentado a ação de formação em ADD⁷ no sentido de integrarem a CdP, explicando-lhes as diferenças entre este projeto e o projeto inicial que lhes tinha proposto em julho. Para minha grande surpresa, todos os colegas contactados aderiram, exceto o C. que disse não estar disponível para trabalhar com o P4. Fiquei triste porque além de termos uma certa proximidade, já trabalhámos juntos (ele já frequentou duas formações do MEM dinamizadas por mim) e penso que ele poderia ser um elemento muito válido. A decisão de convidar o P4 e o X. O. prende-se com o facto de serem colegas que, apesar de não terem estado na ação de formação, têm formação especializada em supervisão pedagógica e penso que podem dar uma boa ajuda.

O P4 aderiu imediatamente, o X. ainda não me respondeu mas a conversa foi em julho... Ainda assim, tenho bem mais pessoas do que pensava... A primeira vez que falei com o F. [PCE] sobre a possibilidade de criar na escola um grupo de supervisão entre pares, a resposta dele foi “Deves pensar que há muitos malucos como tu... mas se arranjares mais dois ou três, da minha parte não tenho nada contra”; eu também não tinha uma grande expectativa portanto estou agradavelmente surpreendida com a adesão.

Entretanto, decidi arranjar uma estratégia para dar alguma coisa em troca aos participantes: Arranjei forma de apresentar isto à Secretaria Regional de Educação (SRE) como uma ação de formação e os colegas terem a validação das horas para efeitos de formação contínua.

Isto vai obrigar-me a abrir inscrições para toda a escola e pode até ser vantajoso pois podem juntar-se pessoas que não estiveram na ação mas que possam estar interessadas neste projeto.

Para efeitos de validação chamei-lhe “Círculo de Estudos em Supervisão Pedagógica e Inovação em Educação”; escrevi aquele paleio que na SRE apreciam e estou a aguardar a validação.

Isto vai demorar um pouco o processo mas tem várias vantagens: Os colegas recebem “um doce” e por outro lado, dispenso-me de pedidos de autorização do pedagógico para a concretização das atividades. Está lá tudo explicado no plano da ação, vindo validado da SRE está autorizado...

⁷ Avaliação do Desempenho Docente

Hoje foi a Reunião Geral de Professores e alguns colegas perguntaram se íamos mesmo avançar, respondi que sim mas que estávamos pendentes do pedido de validação e da tramitação burocrática que o mesmo exige.

Por outro lado o coordenador da formação disse-me que já tinha enviado a papelada para a Madeira mas que nesta fase de arranque do ano letivo as coisas andam sempre um pouco devagar.

Segunda-feira, 22 de Setembro de 2014

Primeiro dia de aulas e tenho uma estreia absoluta: Pela primeira vez na minha já longa carreira profissional estou a lecionar segundo ciclo. Tenho uma turma de 5º que parece uma ninhada de pintainhos. É uma boa sensação ter uma turma em que a maior parte dos alunos tem uma estatura menor que a minha...

De resto, nada de interessante a registar.

Relativamente à CdP, continuo a aguardar a validação e o C. R. [CFC] já me disse que até outubro não deverá haver notícias.

Terça, 23 de Setembro de 2014

Hoje, na aula do 7º C aconteceu uma coisa engraçada: Quando fui fazer a verificação do Plano Individual de Trabalho (PIT) dos alunos, um aluno tinha colocado na coluna “Trouxe o material para a aula” mais ou menos; imediatamente comentei “Ouça, não há mais ou menos; ou você trouxe o material ou não trouxe!” e aí o aluno responde-me “Desculpe professora mas é mais ou menos”. Perante o meu olhar interrogativo, o aluno esclareceu “Eu não trouxe o livro mas trouxe o caderno!”. Desatei a rir e disse “Pois, realmente tem razão! Eu nunca tinha pensado nessa possibilidade do mais ou menos...” É claro que isto já me vai obrigar a alterar o PIT da próxima unidade e pensar como vou resolver esta questão... mas como será só para janeiro tenho muito tempo para pensar nisso. Até lá, outros valores mais altos se levantam...

Quinta-feira, 25 de Setembro de 2014

A P3 hoje encontrou-me na sala de professores e perguntou-me se este ano não iria haver formação do MEM. Expliquei-lhe que não tinha disponibilidade porque iria estar envolvida com a CdP, dizendo-lhe do que se tratava e que iriam ser abertas inscrições. Disse-me que estava interessada e perguntou se podia falar com as Ds (P5 e D. B.) para lhes sugerir integrarem o grupo também. Disse-lhe que sim até porque iam abrir as

inscrições e a primeira prioridade era para os colegas que tinham estado na ação de formação em ADD do ano passado e a segunda era para os colegas que já tinham frequentado ações de formação do MEM, caso que se aplica às Ds.

Confesso que esta estratégia de dar prioridade a quem já tinha feito a formação do MEM foi pensada para não ter que aturar alguns emplastros... Com os colegas da ação do ano anterior as vagas ficavam preenchidas quase na totalidade e se a segunda prioridade fosse, como habitualmente acontece, a antiguidade arriscava-me a ter pessoas um pouco complicadas e conflituosas. A última coisa que preciso é ter pessoas assim na CdP...

Quero muito que isto corra bem, por todos os motivos e mais algum!

Terça-feira, 30 de Setembro de 2014

Hoje a R. veio ter comigo e disse-me que tinha muita pena mas não tinha disponibilidade para integrar a CdP. Penso que isto deve vir na sequência da conversa que tive com a P3; a R. também tem frequentado as ações do MEM que tenho dinamizado na escola e possivelmente a P3 deve ter-lhe falado da CdP.

Disse-lhe que mesmo não frequentando de forma sistemática, algumas atividades da CdP iriam ser abertas a todos os docentes e quando isso acontecesse, se ela quisesse poderia participar.

Entretanto já marquei uma reunião para explicar aos colegas que vão integrar o grupo as normas de funcionamento do mesmo.

Quarta-feira, 1 de outubro de 2014

Quando passo para dar aulas na sala 4, à noite, quase sempre o P8 está no gabinete dele. O P8 foi para mim uma agradável surpresa. Já estivemos juntos em conselhos de turma mas só depois de estar com ele na ação de formação em ADD percebi que ele é uma pessoa bem mais interessante do que possa parecer à primeira vista. Até comentei com o F. [PCE] que ele não será o tipo de pessoa com quem eu mais me identifique para conviver fora da escola ou para ter no meu círculo de pessoas mais próximas, mas como colega e profissional tem-se revelado uma pessoa muito válida.

Assim, como às vezes venho com tempo, paro à porta do gabinete e ficamos ali a trocar impressões sobre coisas de trabalho... às vezes também dizemos larachas sem nenhum interesse...

Hoje conversámos um pouco sobre a comunidade e sobre a necessidade de realizar uma pequena entrevista antes de iniciarmos os trabalhos. Como o processo burocrático está um bocadinho atrasado, decidi que com aquelas pessoas que já me confirmaram a participação, irei começar as entrevistas o mais brevemente possível.

Falei um pouco da minha experiência com o 5º ano e também da turma do 7º C que tem lá uns artistas que me vão dar que fazer. O P8 lá me explicou que o L., um dos alunos em causa, é um caso muito complicado, acompanhado pela CPCJ e todo o drama familiar à volta. Compreender eu compreendo... o problema é que além de não ser psicóloga, não posso permitir que um só aluno boicote a aula aos restantes dezoito.

Falámos um pouco sobre a forma que os miúdos têm de estar na aula. A mim, faz-me confusão pois não posso dizer que haja problemas de indisciplina com graves faltas de educação ou agressões, etc. Acontece é que na sua maioria, os miúdos têm uma atitude dentro da sala de aula que não é muito diferente daquela que têm no bar ou noutros espaços de diversão; mesmo utilizando estratégias que teoricamente os envolvem e obrigam a trabalhar e supostamente são mais motivadoras, eles fazem com que a aula tenha um ambiente pouco propício ao trabalho... e não posso pô-los fora da aula porque se não iria a turma quase toda...

Quinta-feira, 2 de outubro de 2014

Deveria ter sido hoje a reunião prévia para esclarecimentos sobre o funcionamento da CdP. Acontece que o processo burocrático de validação está atrasado e isso está a atrasar também o nosso arranque... Espero que seja na próxima semana pois era muito importante começarmos os trabalhos ainda este mês.

Terça-feira, 7 de outubro de 2014

O 7º C está a revelar-se uma turma deveras interessante; acontece sempre qualquer coisa... Hoje, estávamos em aula de Estudo Autónomo (EA) e um aluno estava sentado ao fundo da sala, a fazer de conta que trabalhava. Além de não estar a fazer nada em termos de trabalho, o aluno ainda estava a distrair os colegas que se encontravam nas mesas ao lado da sua. Fui até à mesa dele, disse-lhe que não podia distrair os outros e que deveria trabalhar. Respondeu que não sabia o que havia de fazer. Atribui-lhe então uma tarefa. Passado pouco tempo, constatei que continuava sem trabalhar e a distrair os colegas. Chamei-o à atenção e disse-lhe que não iria permitir que ele impedisse os colegas de trabalharem, portanto deveria mudar-se para uma mesa à frente, perto da

minha. Respondeu que não queria ir. Disse-lhe calmamente “Não lhe perguntei se você queria, disse-lhe para vir...” Respondeu que não queria ir e por isso não iria. Respondi: “Tem duas opções, ou vem para onde eu estou a mandar ou vai para a biblioteca com falta disciplinar; você escolhe...” Nessa altura, levantou-se, pegou nas coisas e contrafeito veio sentar-se na mesa à frente da minha, dizendo: “A professora não me pode fazer isto.” Não me deu tempo a responder e acrescentou “Eu não posso ser contrariado porque tenho problemas”. Respondi-lhe que eu também tenho problemas mas isso não me confere direitos especiais. Voltou à carga, dizendo que quando era contrariado se enervava e ficava mau. Não resisti e disse-lhe em tom muito irónico: “E eu?! Você não imagina como é que eu fico quando me irrita... O melhor é você ficar calmo para eu ficar calma porque garanto-lhe que se nos enervarmos isto vai correr pior para si...” E não é que ele ficou calmo? Fiquei a pensar com que raio de adultos lida esta criança...

Quarta-feira, 8 de outubro de 2014

Apesar de ainda não estar concluído o processo de validação da formação decidi avançar com a reunião de esclarecimento com os colegas potencialmente interessados em participar no projecto. Para além daqueles que tinham sido convidados, por terem integrada a tal acção de formação que me levou a pensar neste projecto, surgiram mais duas colegas: A P3 e a P5. Por um lado, fico contente de ver alargar o leque de interessados, por outro lado, a experiência que tenho de trabalhar com elas noutra formação não é a melhor: Desistiram... no caso da P5 a desistência foi por questões familiares e de saúde mas no caso da P3 não. Espero que desta vez não desistam.

Não sei se foi por elas estarem presentes e já ter tido esta experiência de trabalho mal sucedida com elas, na reunião fui muito exaustiva em relação àquilo que se pretende fazer e aos diferentes compromissos que se pretende que as pessoas assumam. Referi a questão da necessidade de redigir um diário que funcionará depois como instrumento de avaliação da formação; achei importante insistir neste ponto porque sei como é difícil para nós a questão da escrita... Depois falei também da necessidade de gravar em áudio as sessões presenciais e as pessoas reagiram bem. Lembrei que apesar de já termos pedido a validação da formação, ela ainda não foi concedida pelo que eu só iria abrir inscrições depois de ter a certeza acerca disso; tenho consciência que se for apenas um projecto de autoformação, sem outras contrapartidas que não a troca de experiência e aprendizagem, em vez de formação validada, haverá talvez metade das pessoas a

desistir... Então, acho preferível aguardar pela decisão da SRE para ao formalizar a inscrição, ninguém se sentir enganado...

Entretanto a reunião foi bastante produtiva, pelo menos do meu ponto de vista, já que o P8 fez algumas sugestões interessantes: Sugeriu que se convidasse a psicóloga da escola a participar nas sessões coletivas alegando que “ela pode-nos ajudar em determinados problemas que às vezes não sabemos resolver”. Expliquei que poderíamos fazê-lo mas que, até por razões burocráticas já que a colega não retira nenhum benefício da sua participação, dependeria sempre da sua (boa) vontade em estar presente nas sessões. Ficou então combinado que quando houvesse um assunto pertinente a colega seria convidada a participar, ela ou qualquer outro elemento da comunidade cuja intervenção pudesse ser relevante para o nosso trabalho.

O P8 sugeriu também que as sessões coletivas, pelo menos quando estivesse previsto abordar temáticas pertinentes para todos os docentes, pudessem ser abertas a todos os professores, independentemente de pertencerem à CdP. Ficou combinado que poderíamos então publicitar as sessões com alguma antecedência para que quem estiver interessado possa participar.

Pareceram-me ideias muito válidas e que podem ajudar a divulgar o nosso trabalho e quem sabe, trazer mais pessoas ao grupo.

Quinta-feira, 9 de outubro de 2014

Boas notícias: Hoje quando cheguei à escola, o colega que coordena a formação contínua disse-me que a proposta da ação de formação tinha sido validada e que podíamos iniciar o processo de abertura de inscrições.

É um grande alívio pois acho que o tempo começa a passar e ainda não iniciamos as atividades. Vou hoje para Lisboa de fim de semana mas antes disso vou tratar de tudo para que as inscrições abram o mais tardar amanhã...

Quarta-feira, 15 de outubro de 2014

Hoje aconteceu uma peripécia engraçada na turma do 7º B. Uma colega foi à minha aula tratar de um assunto; como é natural, bateu à porta, pediu licença para entrar, eu acedi e, para meu espanto ou talvez não, os alunos ficaram sentados quando a professora entrou... Disse-lhes que se levantassem, claro que não ligaram nenhuma; tive que dizer três vezes e à terceira já estava a falar em modo *fortíssimo*, como se diz em jargão musical. Contrafeitos, lá se levantaram e mais contrafeitos ficaram quando lhes disse,

depois de estarem todos de pé, que podiam sentar-se. A colega fez o que tinha a fazer e saiu e imediatamente um aluno perguntou porque é que tinham tido que se levantar quando a professora entrou na sala. Lá expliquei que era um sinal de respeito e de boa educação levantarmo-nos quando entrava um adulto, sobretudo um adulto com alguma importância, como era o caso: Tratava-se de uma professora, não era uma pessoa qualquer. Depois de alguma argumentação por parte dos alunos dizendo que não tinham esse hábito e eu perguntando “então mas quando você está em casa e entra por exemplo a sua avó, não se levanta para a cumprimentar?” e um aluno responder prontamente que não, que era a avó que ia junto dele cumprimentá-lo lá continuei a perorar sobre bons modos e boa educação até que uma aluna me diz “Ó professora, isso era a boa educação de antigamente!” e eu lá respondi que a boa educação é intemporal...

Faz-me um pouco de confusão esta falta de saber estar e sobretudo o facto de aqui até os próprios adultos não fazerem muita questão na observância de certas regras; creio que as pessoas têm pouca consciência de que a educação é um cartão de visita e que muitas vezes, até em situações profissionais, a educação ou a falta dela podem fazer grande diferença...

Sexta-feira, 17 de outubro de 2014

Esta semana já comecei as entrevistas prévias. Basicamente são pequenas entrevistas onde pretendo conhecer as motivações das pessoas para integrarem este projeto. Curiosamente, em três entrevistados, dois quiseram saber se tinham respondido bem... Isto deixa-me preocupada porque na reunião inicial tive o cuidado de frisar que as entrevistas não eram nenhuma prova de avaliação, não tinham respostas certas ou erradas e que as pessoas deveriam responder de forma espontânea, exprimindo exatamente aquilo que pensam. Tenho algum receio que me estejam a dar as respostas que pensam que eu quero ouvir e não as respostas reais às questões colocadas...

Entretanto chegou à escola um ofício da Secretaria Regional que pede aos professores que preencham determinados requisitos para se inscreverem numa bolsa de avaliadores devendo estar depois disponíveis para serem avaliadores externos. Claro que não me inscrevi! Era o que faltava trabalhar de borla... acho muito bem que construam um dispositivo de avaliação mas então devem pagá-lo; querer montar o circo e não pagar aos palhaços é que não me parece nada bem e não sou conivente com essas coisas. Alguns colegas ficaram muito espantados com o facto de eu não querer ser avaliadora externa. Bom, em rigor não quero e não posso porque decidi submeter-me ao processo

de avaliação externa enquanto avaliada. Por outro lado, mesmo que aceitasse ser avaliadora externa, uma vez que não há mais escolas 2/3/S na ilha, o trabalho teria que ser feito na Madeira e tenho as minhas dúvidas que a SRE queira gastar dinheiro em ajudas de custo, a levar avaliadores do Porto Santo para a Madeira quando tem avaliadores na Madeira. Por outro lado, confesso que me causou alguma indignação ver colegas que são tão críticos deste modelo de avaliação, irem a correr inscrever-se como avaliadores. Não sei se estou a ser injusta mas parece-me que essa atitude fica a dever-se ao facto de se sentirem promovidos, mais importantes, não sei. Não sei nem quero saber mas esta incoerência de ser contra o modelo e depois ir a correr integrar a bolsa de avaliadores irritou-me sobremaneira!

Segunda-feira, 27 de outubro de 2014

Hoje terminei as entrevistas iniciais! A última foi à P11 e depois de várias tentativas tive que ir a casa dela para conseguir. Não percebo o que se passa com ela; foi ela que veio ter comigo manifestando interesse no projeto e agora parece estar meia esquiva, embora na entrevista não o tenha dito, antes pelo contrário, manifestou muito interesse em participar. Não sei porquê, estou com o *feeling* que ela não vai chegar ao fim.

Aliás, até penso que sei porquê. A P4 foi a grande responsável por eu ter dinamizado a primeira ação de formação do MEM no Porto Santo. Um dia em conversa, calhou eu contar que estava a fazer a oficina de iniciação ao modelo pedagógico do MEM e ela a partir daí nunca mais me deixou sossegada pois queria muito que houvesse MEM na escola. Lá me contou que fizera estágio numa sala de uma professora do MEM, tendo ficado a gostar muito do modelo. Acrescentou que quando chegou à nossa escola ainda tentou usar o modelo mas estava sozinha e sentiu-se desapojada. Assim, seria bom, segundo ela, que houvesse formação do MEM na escola para divulgar o modelo e para que conseguíssemos organizar um grupo de pessoas a trabalhar com o modelo. O tempo passou, eu concluí a oficina, comecei a usar o modelo e ela sempre a dizer-me como seria bom termos essa formação no Porto Santo. Em 2011 lá se organizou uma oficina de formação no Porto Santo. Ela foi das primeiras a inscrever-se, muito entusiasmada mas sinceramente já nem me lembro se acabou... Depois disso, ainda tivemos sábados pedagógicos durante dois anos (só terminaram porque agora não tenho disponibilidade para os dinamizar) e ela nunca levou a formação até ao fim... No entanto, passa a vida a gabar as maravilhas do modelo e como seria bom haver condições para o pôr em prática! Às vezes falta-me um pouco a paciência para este tipo de pessoas, querem

muito as coisas mas não mexem uma palha para que as coisas aconteçam... está à espera que apareça feito, será?!

Quarta-feira, 29 de outubro de 2014

Hoje de manhã tivemos uma reunião via *Skype* com o diretor regional sobre as questões da avaliação externa. Estavam também algumas avaliadoras presentes e francamente algumas das intervenções delas deixam muito a desejar sobre a sua competência... Sei que isto soa presunçoso mas é rigorosamente o que penso: Algumas delas nunca devem ter lido um texto teórico sobre avaliação, sabem a legislação de fio a pavio e ficamos por aí... Enfim, aceitei submeter-me, tenho que aceitar tudo o que isso implica.

A reunião foi sobretudo para explicar as diferentes fases do processo, como se desenrolariam as coisas com os professores do Porto Santo uma vez que a descontinuidade geográfica, queiramos ou não, existe e suscita problemas. Por exemplo, já percebi que se quiser ter um encontro prévio com a minha avaliadora terei que ser eu a deslocar-me ao Funchal, a expensas próprias porque a SRE não paga essas despesas. No caso da conferência pós observação, ela terá que realizar-se também imediatamente após a observação, sem espaço para reflectir sobre aquilo que foi feito, porque os avaliadores estarão cá o menor tempo possível e a SRE não vai pagar-lhes para virem fazer conferências pós-observação com os avaliados do Porto Santo. E depois, ainda têm a lata de dizer que nos tratam exatamente da mesma forma...

A meio da reunião o X. O. deu-lhe para a militância e resolveu fazer uma intervenção muito panfletária sobre o modelo de avaliação. Não é que não concorde com algumas coisas que ele disse, mas francamente, não me parece que aquele fosse o lugar para isso. Estávamos ali para tirar dúvidas (e havia muitas!) e não para manifestarmos opiniões sobre o modelo. Foi desagradável até porque falou dando a entender que estava a manifestar-se em nome do colectivo e eu não lhe passei procuração para falar em meu nome. Gosto pouco de ser usada assim; acho muito bem que as pessoas expressem os seus pensamentos (eu também o faço quando entendo que devo fazê-lo) mas não gosto que o façam em nome de terceiros, muito menos se de alguma forma eu estou incluída nesses terceiros...

Quinta-feira, 6 de novembro de 2014

Dar 5º ano tem sido uma experiência fantástica: Divirto-me imenso com eles, são ainda muito infantis e acabo por ter uma relação muito mais afectuosa com eles do que com os do 3º ciclo. Além disso, divirto-me muito (mas em geral, eu divirto-me muito a dar aulas).

Hoje estava a dar teste e aconteceu uma daquelas coisas que nos fazem perceber que o óbvio às vezes não é tão óbvio assim. Um aluno chama-me e perante um conjunto de questões de escolha múltipla pergunta-me: “Professora, aqui diz escolha múltipla; quer dizer que nestas perguntas tenho que escolher várias respostas para cada pergunta?”

Não consegui deixar de sorrir e lá pedi ao aluno que lesse comigo as instruções de resposta que rezam assim: “As questões que se seguem são de escolha múltipla. Escolha, em cada item, a opção que lhe parecer correta e assinale-a com uma cruz (X) no quadrado correspondente. Apenas uma das opções está correta. Em caso de engano, risque completamente o quadrado em causa e assinale o quadrado que corresponde à sua opção.”

Depois de lermos perguntei ao aluno: “Então, o que é que lhe parece?”; olhou para mim e disse: “Ponho o X só numa não é?”; “Está a ver como já percebeu?” e deixei-o a trabalhar. Fiquei a pensar como é tão diferente o apoio que temos que dar aos alunos do 5º ano. Para mim, que durante a maior parte da minha vida lecionei secundário e que há quatro anos tenho terceiro ciclo, tem sido uma verdadeira odisseia...

Terça-feira, 11 de novembro de 2014

Este fim de semana comemoramos o S. Martinho na escola e vários colegas abordaram-me sobre a comunidade mas quando percebem que haverá aulas assistidas, uns discretamente, outros de forma ostensiva, manifestam logo a indisponibilidade para o projeto... É engraçado porque já há uns anos quando precisei assistir a aulas no âmbito de um projeto de investigação só dois colegas se disponibilizaram e estou convencida que uma das que se disponibilizou foi apenas pela minha proximidade ao F. [PCE], possivelmente com receio de alguma hipotética retaliação... coisa perfeitamente sem pés nem cabeça mas pronto! Muito medo têm os professores das aulas assistidas! Dá que pensar...

Sábado, 15 de novembro de 2014

Esta semana vou ao Funchal encontrar-me com a minha avaliadora. A maior parte das pessoas fica espantadíssima quando digo que vou ser avaliada pois toda a gente sabe que não me enquadro no grupo de pessoas que tem obrigatoriamente que submeter-se a avaliação externa. Primeiro espantam-se porque acham um horror “Ter aulas assistidas?! Já tive no estágio, já chega!” é a argumentação da maioria e depois alguns, deixam escapar, por vezes com uma certa ironia “Ah, pois! Tens que fazer isso para ter excelente, não é?!”

Não, não é a motivação do excelente que me move... mas nem perco tempo a explicar até porque sei que muitos deles não me acreditariam. Decidi entrar neste processo por vários motivos: Em primeiro lugar, sou daquelas pessoas que acreditam que não pode haver avaliação do desempenho docente sem observação de aulas. Assim, havendo uma modalidade de avaliação que implica observação de aulas penso que seria incoerente não querer submeter-me à mesma. Depois, sou muito crítica deste modelo mas considero que é importante conhecê-lo melhor (até para poder criticar melhor! Ah! Ah! Ah!) e para isso é fundamental estar por dentro como avaliada. Finalmente, acho que se todos os professores exigissem, como a lei lhes permite, serem sujeitos a avaliação externa, o sistema implodia e teria a sua graça... Sim, porque nem há avaliadores nem condições para que todos possam ser submetidos a um processo destes... E se as pessoas consideram que o sistema é tão mau então deviam contribuir para o seu fim... penso eu de que... como diria Pinto da Costa.

Sábado, 22 de novembro de 2014

Finalmente ontem iniciámos os trabalhos da nossa CdP! Tivemos o primeiro seminário e na organização dos pares de supervisão fiquei um pouco incomoda por causa do comportamento de três colegas que por acaso, ficaram com os pares que desejavam mas não se coibiram de manifestar ruidosamente a sua alegria, quase fazendo sentir aos restantes que não ficariam satisfeitas se a sorte tivesse designado outros pares. Pareceu-me uma coisa muito infantil até porque falei disso na reunião inicial, nós não temos que ser amigos uns dos outros mas convém que o ambiente seja fluído e até disse que, atendendo ao facto de isto implicar observações de sala de aula, era muito importante haver um clima de confiança entre todos. Sublinhei esse ponto e até disse que se por algum motivo alguém não se sentisse confortável não tinha mal nenhum desistir... Estas manifestações exuberantes quando se sortearam os diferentes pares deixaram-me um

pouco apreensiva e constrangida até porque me parecem gerar um ambiente de desconforto para o grupo. Para além de que, na minha ótica, raíam mesmo a falta de chá! Enfim, espero que não volte a suceder...

De resto, parece-me que a coisa correu bem. Clarificámos tudo aquilo que havia a clarificar, definimos critérios de avaliação, definimos estratégias de organização do trabalho de seminário, enfim, acho que foi produtivo. O grande problema é mesmo a questão do horário; as pessoas não querem ao sábado (como fazemos no MEM) e durante a semana terá que ser sempre a partir das 17h 10', no fim de um dia de aulas o que se torna cansativo. Depois, um preferia que não fosse à segunda porque é o seu dia mais carregado, outro que não fosse à terça porque é o dia de folga, à quarta não dá porque quando não há provas de escola há desporto escolar... enfim, acordámos que não teremos um dia fixo para que não seja sempre o mesmo colega a ser sacrificado...

Segunda-feira, 24 de novembro de 2014

O encontro com a minha avaliadora na semana passada foi muito engraçado. Ela lembrava-se de mim do tempo em que fomos colegas no curso de administração escolar; eu francamente não me lembrava dela... O encontro serviu para definirmos as datas das observações, para trocarmos contactos e para ela me dar indicações sobre os materiais que terei que enviar antes da primeira observação.

Como ela enoja de barco, irá de avião e a SRE obriga-a a ir e voltar no mesmo dia, ou seja, vai no primeiro avião da manhã e regressa no último. Por conselho dela, vou ser observada na turma do 7º A que é, teoricamente a melhor turma; “Escolha a sua melhor turma!” disse-me ela com toda a convicção quando falávamos das características das diferentes turmas. Esta frase por si só já me deixa cheinha de erisipela em relação a este processo de avaliação... Que avaliação é esta em que em vez de se escolher aleatoriamente ou se escolher com base em critérios formativos (está com dificuldades nessa turma então vamos lá ver o que se passa para melhorarmos) se diz ao professor para escolher a melhor turma, como se isto fosse um concurso de beleza?

Como a minha melhor turma tem aulas às 8h 20' terei que alterar a hora da aula para a tarde uma vez que à hora que a aula começa o avião está a chegar ao Porto Santo e obviamente a avaliadora não iria poder assistir a grande parte da aula. Já estive a ver o horário dos miúdos e nesse dia eles têm aulas à tarde com a D. B., que por sinal é a diretora de turma, e vou pedir-lhe para trocar comigo; tenho a certeza que ela não

levantará problemas e assim já a avaliadora consegue assistir à aula toda e ainda se despacha a tempo de regressar à Madeira no avião das 19h.

A conversa com a avaliadora foi muito engraçada; ela também ficou muito espantada de eu querer ser avaliada e também achou estranho eu estar a leccionar 7º ano; fiquei a saber que na sua perspetiva um professor do 8º escalão deveria estar a leccionar 12º ano ou no mínimo secundário... é uma lógica que me escapa, ou talvez não...

Terça-feira, 25 de novembro de 2014

A P5 hoje veio falar comigo para me dizer que ia desistir da CdP; não posso dizer que estou surpreendida até porque ela já não tinha estado presente na nossa primeira sessão. É um pouco chato porque tínhamos organizado os pares de supervisão a contar com ela e agora isso vai mexer com o trabalho de alguns colegas. Teria sido preferível desistir antes de começarmos. Claro que compreendo as razões da desistência dela pois com os problemas da miúda não há-de ser fácil mas não deixa de ser um transtorno para os colegas que iam trabalhar com ela. Não sei se sem a P5 a P3 se aguentará muito tempo...

Sexta-feira, 28 de novembro de 2014

Depois do último seminário e das questões sugeridas pelos colegas, motivação dos alunos, indisciplina, como temas a discutir em próximos seminários pensei convidar a L. [PSOE] para nos ir falar um pouco sobre isso. Finalmente, hoje fui à escola fazer-lhe o convite formal que, felizmente, com muito boa vontade ela aceitou. Conversamos sobre os dois temas (motivação e indisciplina) e dei-lhe carta branca para organizar a comunicação como entender. Vou publicitar na sala de professores porque penso que é um tema de interesse geral e assim, pode ser que apareçam mais pessoas.

Sábado, 6 de dezembro de 2014

Ando bastante preocupada com o 7ºC. É uma turma onde tenho dois alunos bastante complicados (o L. e o L. M., o tal que tem problemas e não pode ser contrariado). No início do ano tinha alguma expectativa que com a forma de trabalhar que tenho, pelo menos eles se envolvessem nos projetos e não está a ser assim... Não consigo pôr o L. a trabalhar de maneira nenhuma; os colegas de grupo até já me pediram para eu o retirar do grupo pois não só não faz nada como ainda dificulta o trabalho aos colegas. Quando organizei os grupos tive o cuidado de o pôr num grupo com a B. que é boa aluna e

muito trabalhadora e com um colega calminho mas a coisa não está a funcionar nada bem... às vezes converso com a DT sobre estas dificuldades mas ela também não sabe como poderemos ajudá-lo... Ele é seguido pela psicóloga da escola mas pelo que sabemos são mais as vezes que falta às sessões... Ando mesmo desanimada porque sou daquelas pessoas que não gosta de desistir dos alunos, acredito que muitas vezes as metodologias fazem milagres mas neste caso não há metodologia que se afigure adequada. Quero evitar o mais possível recorrer à expulsão de sala de aula mas não creio que possa continuar por muito mais tempo a fazê-lo porque noto que o ritmo de trabalho desta turma, muito por causa dele, ou da minha incapacidade de lidar com ele, é muito lento e a turma está bastante atrasada em relação às outras.

Noutro dia conversava com o F. [PCE] sobre isto e ele foi peremptório: “Não podes deixar que por causa de um aluno os outros não aprendam!” Ele tem toda a razão mas eu continuo a pensar que tem de haver uma forma de o interessar pelo trabalho e de o manter em sala de aula; se começar a ir para a rua, creio que tudo piorará e então perdemos-lo mesmo...

Quarta-feira, 10 de dezembro de 2014

Amanhã irei assistir à aula do P8 pelo que hoje à tarde encontrei-me com ele para acertarmos algumas coisas em relação ao foco da observação. Há colegas que estão a usar as grelhas de avaliação que se usam na avaliação externa, até porque como alguns deles estão em processo de avaliação, de alguma forma a utilização dessas grelhas poderá ser-lhes útil. Pessoalmente acho que aquelas grelhas são demasiado complexas, com itens que não me parecem observáveis numa aula de 90' e com outros que dizem respeito ao conhecimento específico da disciplina e que no nosso caso não é viável porque somos de áreas distintas. Assim, propus ao P8 uma grelha que usei quando fiz as observações de aulas no mestrado que é uma folha em branco onde irei registar o tempo e episódios que considere significativos. O P8 concordou e até pediu para usar também essa grelha quando fosse fazer as suas observações; sugeri até que eu partilhasse a grelha com todos os colegas da CdP para quem quisesse a poder utilizar, coisa que irei fazer.

Na segunda-feira ele tinha ido assistir à minha aula. Foi uma estreia absoluta para mim uma vez que o meu estágio só teve um ano teórico. Nunca na vida tinha tido uma aula assistida! E não correu bem... ou se calhar correu bem demais... Tinha-lhe pedido que fosse ao 7º C, uma turma que me dá muitas dores de cabeça devido ao comportamento.

Queria que ele fosse lá para depois me dar algumas dicas de como lidar com tanta disrupção... Bom, ele foi e os pequenos portaram-se como uns anjos! E agora?!

Quinta-feira, 11 de dezembro de 2014

Assisti à aula do P8 e combinámos a conferência pós observação amanhã. Como temos seminário ao fim da tarde, vamos fazer a conferência imediatamente antes até porque assim, o P8 já poderá dizer quais os aspetos da observação que está disponível para partilhar com o grupo e quais as coisas que prefere manter em sigilo. Em rigor, não vi nada que não possa ser partilhado mas terei sempre que saber qual o parecer dele. Achei curioso o facto de ele não fazer sumários e é uma coisa que vou querer falar com ele; eu penso que o sumário é importante porque serve de orientação para os alunos, não é uma mera questão burocrática.

Por falar em sumários, ando um bocado irritada. Este ano a SRE decidiu instituir os livros de ponto electrónicos, sumários e faltas são registados on-line. Como é evidente, não há computadores nas salas de aula e mesmo quando levamos o nosso próprio equipamento a rede é tão má que para fazer o sumário e registar as faltas dos alunos perdemos muito tempo. Isto nos dias em que a rede funciona... Assim, já decidi que faço o registo do sumário e das faltas fora da aula, em casa ou então à noite porque dou aulas na sala de informática e aí há computadores com fatura. O problema é que tenho o mesmo trabalho duas vezes e isso irrita-me profundamente: Escrevo o sumário na aula com os alunos, registo as faltas na caderneta; depois, há que voltar a fazer tudo, fora da aula, na bem dita plataforma que funciona pior que melhor. Às vezes interrogo-me sobre esta necessidade de modernizar sem condições. Se não há dinheiro para dotar as escolas de equipamentos informáticos capazes, porquê estas coisas? Para além de que a plataforma é completamente estúpida, temos que fazer não sei quantos passos para chegar ao sumário e depois outros tantos para registar as faltas dos miúdos... Enfim, podem dizer que sou antiquada mas tenho saudades dos livros de ponto físicos!

A próxima semana será um pouco agitada pois é a última semana de aulas e já teremos as reuniões de avaliação; também por isso, não poderíamos deixar a conferência para mais tarde, sob pena de ela se realizar só no segundo período o que francamente já não teria muito sentido. Há que ter algum cuidado com a calendarização destas coisas; se deixamos passar muito tempo depois já nem nos lembramos bem de algumas coisas e o *feedback* já não tem tanta pertinência.

Sábado, 13 de dezembro de 2014

Ontem a L. [PSOE], psicóloga da escola, foi dinamizar uma parte do nosso seminário com uma comunicação sobre gestão de conflitos em sala de aula. Foi uma sessão super dinâmica, a adesão dos colegas não podia ter sido melhor e ela, que era para ficar hora e meia, acabou por ficar as três horas e mesmo assim, acho que soube a pouco. Apesar de ter publicitado a comunicação na sala de professores, não apareceu ninguém de fora da CdP o que me deixou um bocadinho triste... as pessoas passam a vida a falar da falta de formação, da falta de oportunidades para discutir, reflectir e de repente têm e não aproveitam... Eu sei que estamos em final de período e estamos um bocadinho assoberbados de trabalho mas em quase cem professores (não estou a contar com os da CdP) não haver um que tivesse a curiosidade de ir... enfim! O que vale é que para o grupo foi uma sessão muito animada.

Claro que como gastámos as três horas com a L. [PSOE], acabámos por não fazer nenhuma reflexão acerca dos ciclos de supervisão. Também esteve presente a psicóloga estagiária mas entrou muda e saiu calada...

Entretanto fiz a conferência pós-observação com o P8 e correu muito bem. Falámos sobre a questão do sumário que ele não valoriza. Argumentou que no início da aula diz aos alunos o tema a tratar e portanto eles sabem o que vai ser abordado. Apresentei o meu ponto de vista, explicando que considero o sumário importante porque permite que se o aluno em casa quiser trabalhar, o sumário indica logo o tema e isso faz ganhar tempo e depois ele até terminou de uma forma engraçada dizendo que se calhar eu tinha razão mas que ele iria auscultar os alunos; se os alunos considerassem importante então ele passaria a fazer os sumários, caso contrário manteria a sua estratégia.

Foi uma conversa muito amena, sinto-me muito à vontade com ele para dizer o que penso até porque sei que ele não é uma pessoa susceptível e não se ofende com observações de natureza profissional. Espero que com os próximos pares que me calhem me continue a sentir assim à vontade porque de facto esta coisa de conversar com os colegas sobre a sua prática, sobretudo quando temos algumas críticas a fazer, pode ser um pouco constrangedor.

Quinta-feira, 18 de dezembro de 2014

Como tinha previsto esta semana foi de loucos; hoje ainda estive a acabar de corrigir uma turma de testes que irei devolver amanhã aos miúdos através da diretora de turma. Gosto de dar o teste, entregá-lo e corrigi-lo na aula seguinte mas desta vez com o 7º C não deu. Fizemos o teste na última aula do período e já acho horrível não ter podido discutir com eles os resultados e a avaliação global, não quero que vão para férias sem sequer saberem a classificação do teste. Combinei com a D. que lhe daria os testes amanhã de manhã e ela que vai estar com eles às nove horas, fará o favor de lhes entregar.

Hoje fiz o primeiro Conselho de Cooperação Educativa (CCE) com o 7º B e foi muito engraçado. Os miúdos acharam estranhíssima a disposição da sala com as mesas a formar um quadrilátero e todos sentados à volta. Um deles até achou que eu me deveria sentar no centro e não junto deles... Esta forma de reagirem diz muito sobre o “ofício de aluno” que eles têm interiorizado. Foi difícil arranjar quem quisesse dirigir a reunião e mais ainda secretariar. Claro que durante o CCE fui quase sempre eu a usar da palavra e muitas vezes a assumir a direção dos trabalhos. É normal que eles não estejam habituados a esta forma de estar na aula mas nunca me lembro de uma turma reagir com tanta timidez...

Já na turma A foi tudo ao contrário: Houve alguma discussão porque havia vários candidatos a presidente da reunião; lá acabaram por escolher o M. e foi uma excelente escolha. Ao início é claro que houve um pouco de bandalheira, brincadeira, risos, mas o M. levou o seu papel muito a sério e fizemos tudo o que estava previsto. Eles apresentaram as suas sugestões para a forma de organizar o trabalho no segundo período. Decidiram que querem que o Estudo Autónomo seja feito depois dos projetos e da apresentação dos mesmos, mesmo depois de eu ter explicado que isso não fazia sentido e porquê. Contudo, eles argumentaram que era melhor que se realizasse imediatamente antes do teste, caso contrário, quando chegasse à altura do teste, já não iam saber nada. Contrariada, lá aceitei a decisão deles. A democracia na sala de aula tem destas coisas... às vezes apetecia-me não ser tão democrática! Depois ainda falámos sobre as classificações de final de período e não foi fácil fazê-los perceber que auto-avaliação não é dizer “eu mereço 3”. A verdade é que esta cultura de considerar que a auto-avaliação é dizer uma nota está tão enraizada que torna-se difícil fugir a ela; com o tempo havemos de lá chegar... No fim eles estavam muito contentes e houve

mesmo quem achasse que eu devia ensinar os outros professores a fazer aquelas reuniões!

Sexta-feira, 19 de dezembro de 2014

Ontem foi o jantar de Natal do PPD e lá fui a acompanhar o F.[PCE]... ficámos na mesa do C. e comecei por ficar contente pois sempre iria ter alguém, além do F. [PCE] claro, para conversar. Acontece que o C. abusou nos néctares e quando isso acontece fica muito chato. Pior que tudo, deu-lhe para pegar comigo acusando-me de ter abandonado os colegas que faziam formação do MEM.

Lá expliquei o que ele está careca de saber: Que eu não abandonei ninguém, que se as pessoas quisessem poderia ter continuado a haver formação do MEM na escola, etc., etc., etc., mas ele achou por bem dizer-me que não, que tinha que ser eu e que o que eu tinha feito não se fazia porque tinha sido eu a trazer aquela formação para a escola e não devia ter deixado de dinamizá-la.

Graças a deus nestas coisas, o F. [PCE] está sempre desejoso de ir para casa e assim que tomámos café quis levantar ferro e desta vez eu agradei! Já não estava a achar piada nenhuma naquela conversa e no tom de acusação. Sei que ele já não estava no gozo pleno das suas faculdades mentais mas irrita-me esta ideia de que há pessoas proprietárias de certas coisas... O MEM não é um feudo meu e se as pessoas queriam realmente ter continuado com a formação, poderiam ter-se organizado... esta coisa de os professores quererem as coisas mas não serem capazes de tomar as rédeas dos seus assuntos, enerva-me sobremaneira!

Segunda-feira, 5 de janeiro de 2015

Na reunião do 5º A no final do período a P11 comunicou-me que ia desistir da CdP. Ela de facto não está muito bem mas também é verdade que ela é useira e vezeira em desistências... é possível que o defeito seja meu mas então para que se inscreve?

Bom, começar o ano com uma baixa não é bom mas também não é o fim do mundo; aliás estou em crer que ainda haverá outra baixa, a da P3... Só espero que com a desistência da P11 não vá depois também a P15; enfim, veremos...

Na reunião fiquei também a saber que a L. é órfã de mãe desde os oito anos!... A L. é uma menina que me irritava bastante. Sempre muito pouco simpática quer comigo mas sobretudo com os colegas. Que eles não sejam simpáticos para mim, desde que não sejam mal educados, é um direito que lhes assiste. Já que sejam antipáticos entre eles,

maus colegas, enerva-me um bocadinho... É o caso dela: Está sempre pronta a depreciar os colegas, quando foi da organização dos grupos para o projeto ficou muito zangada e fez os possíveis por boicotar o trabalho dos colegas... Enfim, tem uns comportamentos um pouco antissociais que me incomodam, ou incomodavam. Depois de saber que ela é órfã de mãe não gosto dos comportamentos, evidentemente, mas compreendo-a e giro as coisas de uma outra forma... de facto, há dados da vida pessoal dos miúdos que são importantes para nós. Às vezes chateia-me um bocado nas reuniões aquelas conversas sobre a família dos pequenos, acho que por vezes são autênticas bilhardices sobre o pai que deixou a mãe, a mãe que anda amigada com o vizinho, o avô que se embebeda, o irmão que se droga e mais uma panóplia de dramas que obviamente não vão mudar nada em termos de gestão curricular e daquilo que são os objetivos de aprendizagem mas algumas coisas são importantes para compreendermos melhor a pessoa que cada aluno é e conseguir tirar deles o melhor. Não há dúvida que agora olho para a miúda com outros olhos e, embora não vá deixar de chamá-la a atenção quando for preciso, seguramente já o farei de outra forma.

Quarta-feira, 7 de janeiro de 2015

O meu relato de hoje poderia chamar-se “Crónica da vida de uma professora que não se adapta a modernices...”

Desde o início do ano que, na turma do 5º ano, passo a vida a alertar os pequenos para a necessidade de cumprirem regras básicas de boa educação, a saber: não atirar objetos pelo ar, quando chamam a minha atenção ou me pedem algo não esquecer de usar os termos “professora” ou “a senhora” (eles acham que “você” é um tratamento adequado para se dirigirem a mim!!!) e “se faz favor” e “muito obrigado”, estas duas últimas, expressões que também devem utilizar entre eles, colocar a mão à frente da boca se espirram, tosem ou bocejam e nunca, em circunstância alguma, espreguiçar-se na aula! Hoje, já tinha chamado várias vezes a atenção de vários alunos para a necessidade de não se espreguiçarem e de colocarem a mão à frente da boca quando bocejam. Inclusivamente, no final do primeiro período, tinha avisado que no segundo período já não iria tolerar esses comportamentos na aula. Assim, em determinada altura, já farta de lhes ver a traqueia quando bocejavam, avisei:-O próximo que bocejar sem pôr a mão à frente da boca, vai para a biblioteca!- É claro que eles sabem que isto implica marcação de falta e participação... Então não é que há um, o A., que passado pouco tempo se espreguiça completamente e dá um sonoro bocejo, daqueles que se ouvem no ilhéu da

Cal?! O A. é um aluno sempre sossegadinho, entretido com as suas tarefas, quase não se dá por ele na aula... Custou-me imenso mas é claro, até porque os colegas começaram logo aos gritos –Professora, o A. espreguiçou-se! (são tão queixinhas que até mete confusão...), tive que o pôr fora da aula.

A parte mais engraçada, sem graça nenhuma, foi quando no intervalo, encontro a diretora de turma deles na sala de professores e aviso que lhe irei entregar uma participação e relatei o episódio do A. e os antecedentes para que se percebesse bem... Nessa altura, ela responde-me com a maior das naturalidades: “ -Coitados, eles são tão pequeninos! Isso também não é uma coisa assim tão grave...” Fiquei pasmada e não respondi mas fiquei a pensar, então em que idade é que vamos ensinar-lhes as regras básicas da convivência social? É aos dezoito anos, na véspera de irem à inspecção militar? É que agora muitos já nem irão porque já não há serviço militar obrigatório... Enfim, esta ideia de que a boa educação está fora de moda e que a escola tem que aceitar passivamente estes comportamentos mete-me um bocadinho de nervos... E sobretudo inquieta-me porque a verdade é que há muitos miúdos que se não for a escola a dar-lhes “a basesinha”, como diria o Eça, não a obterão em mais nenhum lugar. E a verdade é que, queiramos ou não, a educação é o nosso cartão de visita e muitas vezes é ela, ou a falta dela, que faz a diferença numa entrevista de emprego...

Quinta-feira, 8 de janeiro de 2015

Esta semana fiz CCE com o 7º C. Não tinha conseguido fazê-lo no primeiro período mas aproveitei a primeira aula do segundo período. Foi bom porque era uma aula de 90’ e gosto sempre mais de fazer o CCE em 90’ que em 45’. Estava um pouco apreensiva, devido às características da turma e foi um CCE épico.

O L. ofereceu-se logo para presidir e eu fiquei um pouco de pé atrás. Curiosamente, correu muito bem... até uma dada altura. Inicialmente ele assumiu o seu papel com muita seriedade e estava tudo a correr lindamente. Eu estava muito contente e a pensar para os meus botões que, tal como eu supunha, ele era capaz de se investir numa tarefa e comecei logo a imaginar que desta aula para a frente tudo iria ser mais fácil. Doce ilusão que pouco durou... Ao fim de meia hora quando estávamos a falar sobre as classificações que eles tinham tido e eu ia conversando com eles e explicando as diferentes classificações, o L. começa a brincar com uma garrafa de água. Primeiro era só virar a garrafa para cima e para baixo, depois já fazia rolar a garrafa sobre as mesas, passado um pouco já tinha uns compinchas que iam empurrando a garrafa de forma a

imprimir-lhe uma determinada direção até que chegou a um momento em que simplesmente já não queria saber do seu papel de presidente para nada e secundado pelo L. M. e mais dois ou três, desestabilizaram completamente o CCE. Resumindo, começamos mal o ano porque acabei a pô-lo fora da aula e ao L. M. Foi um balde de água fria para mim e para as minhas esperanças de ter conquistado o L. para o “caminho da luz”!...

De resto, fizemos o que é normal num CCE, apreciámos o trabalho realizado e organizamos a próxima etapa. Eles foram bastante interventivos e isso deixou-me muito contente. Fizeram sugestões sobre a organização dos grupos que é uma questão crítica, e não apenas nesta turma. Eles querem porque querem ser eles a escolher os grupos e para mim isso está fora de questão. Tento sempre agrupá-los por interesses comuns e também de forma a que não fiquem os bons alunos nuns grupos e os maus noutros. A B. que tinha ficado no grupo do L. foi das pessoas que mais contestou e eu percebo-a. Então acordámos que os próximos grupos serão constituídos à sorte. Não sei o que isto vai dar mas democracia é democracia!

Tal como previa, a P3 comunicou-me hoje que vai deixar a formação. Tenho pena mas paciência. Em verdade, no primeiro período a P10 já me tinha alertado que estava a ter dificuldades de articular o trabalho com ela e que pensava que ela ia desistir e por isso veio falar comigo pensando que eu confirmaria a desistência. Nessa altura ela ainda não me tinha comunicado nada mas tendo havido já a desistência da P5 não era coisa que me surpreendesse.

Sexta-feira, 23 de janeiro de 2015

Ontem fizemos a nossa sessão de janeiro e sinto-me um pouco decepcionada. A ideia era metade da sessão ser para falarmos das nossas práticas de supervisão e tinha preparado um texto da Céu Roldão para lermos e discutirmos na segunda parte. Acontece que ao falarmos das nossas observações, acabámos por falar tanto que ainda tive tempo de distribuir o texto mas já nem deu para ler tudo, muito menos para discutir... é pena, porque era um texto sobre operacionalização e análise de estratégias e instrumentos de auto e hétero-supervisão e penso que poderia ser-nos muito útil para os próximos *rounds*. Assim, é ter fé que, pelo menos, os colegas acabem de ler em casa.

Por outro lado, embora ache importante a discussão sobre as observações, não me parece que esta tenha sido muito construtiva... acabámos a fazer muitos comentários ao comportamento dos alunos e não creio que tenhamos de lá saído com muitos

instrumentos de melhoria. Por outro lado, penso que estamos a ser muito cerimoniais, parece que as aulas correm todas muito bem e o que não corre bem é responsabilidade dos pequenos... é claro que eu percebo que seja constrangedor apontarmos os erros uns aos outros mas se é para continuar a achar que fazemos tudo bem e a culpa é dos pequenos, dos pais dos pequenos, da família dos pequenos e da fada dos dentes, então não sei se este trabalho terá alguma utilidade. Houve uma altura em que parecia uma espécie de muro das lamentações... é claro que se calhar isso faz falta; um espaço onde as pessoas possam dizer o que lhes vai na alma! Mas se reduzimos a comunidade a isso, é verdadeiramente empobrecedor... Enfim, a próxima será melhor!

Segunda-feira, 26 de janeiro de 2015

Hoje a P10 disse-me que ela e o P2 iam gravar as respetivas aulas para depois poderem discutir melhor no encontro pós observação; de seguida apresentou-me uma proposta que me pareceu muito gira: No nosso próximo encontro, eles dinamizam uma parte da sessão, apresentando-nos as gravações, acompanhadas das grelhas de observação para nós fazermos os nossos registos e depois discutirmos. Parece-me uma ideia muito gira! Ela estava preocupada que eu não concordasse e eu fiquei radiante por ver que há pessoas a ter iniciativa e a assumirem um papel mais ativo na comunidade...

Quinta-feira, 5 de fevereiro de 2015

Hoje foi a minha primeira aula assistida no processo de avaliação externa e não podia ter sido pior! Acabei a pôr um aluno na rua e depois de ter deixado a minha avaliadora no aeroporto, chorei os farrapos, como se costuma dizer. Foi a pior aula da minha vida! Nunca tive uma aula assim... os alunos completamente desorbitados, o M. a fazer disparates de 30 em 30 segundos... enfim, um horror.

Ao fim da tarde a D., diretora de turma deles, telefonou-me para saber como tinha corrido e nem queria acreditar naquilo que lhe contei... depois disse-me que estava preocupada porque algumas alunas da turma lhe tinham ido dizer que antes da aula alguns miúdos teriam estado a consumir substâncias ilícitas... ainda assim, não justifica todo o arraial que foi a aula.

Como já escrevi, este processo de avaliação não terá grandes consequências para mim até porque não estou a lutar pelo excelente. Porém, é muito triste quando tens uma aula assistida e tens a noção que foi a pior aula da tua vida, sobretudo tendo já mais de um quarto de século de profissão!

A aula foi triste mas o diálogo com a avaliadora ainda foi mais triste porque evidencia bem as concepções que esta gente tem do que é ensinar e do que esperam de uma aula assistida.

A aula começou com um grupo de miúdos que tinha um projeto para apresentar e de seguida, na sequência do trabalho deles que era sobre arte grega, eu fiz uma apresentação sobre arte da antiguidade clássica, aproveitando para completar a informação dada por eles e introduzindo os conteúdos relativos à arte romana.

Estávamos na sala 13, a única da escola onde se podem fazer projecções multimédia e que costumo usar com eles para apresentação dos projetos; a sala tem uma disposição em “U” mas não é a primeira vez que temos aula lá portanto isso não justifica tudo.

A verdade é que logo desde o início da aula me apercebi que os miúdos estavam muito instáveis, coisa que nesta turma não costuma acontecer. Fui tentando manter a ordem mas parece que nada funcionava, antes pelo contrário... Quase no fim da aula, numa tentativa desesperada de pôr ordem na aula, ao repreender o M., avisei-o que da próxima vez que interrompesse a aula para ralar com ele, dar-lhe-ia ordem de expulsão. Pensei que isto funcionava mas a quinze minutos do fim da aula ele faz outra faena das dele e, para não ficar mais em xeque (acho que se não tivesse lá a avaliadora não o teria feito), tive que o pôr na rua!...

Depois dos miúdos saírem, lá ficamos a sós, eu e a avaliadora, e obviamente eu disse logo que aquela aula tinha sido uma tragédia e aí ela disse-me duas coisas às quais só não respondi porque, mal ou bem isto é um processo de avaliação, existe entre nós uma hierarquia e já tenho idade suficiente para saber que há contextos em que o melhor é ficar calada...

Então a primeira pérola foi “Aquele M. devia ter ido para a rua ao fim de quinze minutos de aula, não quinze minutos antes da aula acabar!” Isto para mim é medonho! Eu considero que o pôr na rua é a última das últimas opções de um professor; penso isto desde o tempo em que comecei a dar aulas e a primeira vez que pus um aluno na rua, vim chorar para a sala de professores, sentindo-me a mais incompetente das professoras! Claro que fui logo gozada pelos meus colegas... Uma avaliadora dizer isto, eu acho uma tremenda barbaridade... dizer que um aluno deve ir para a rua ao fim de quinze minutos de aula, nas circunstâncias em que foi, isto é, eles estavam instáveis, inquietos mas não houve propriamente indisciplina ou sequer faltas de educação (porque aí sou intransigente). Houve um tipo de comportamento desestabilizador que,

em meu entender, o professor deve procurar controlar, mas que em condições normais não é caso para expulsão de sala de aula.

A segunda pérola veio depois, quando se referiu à apresentação dos miúdos. É claro que as apresentações dos miúdos têm sempre fragilidades e são completadas com intervenções minhas ou a fazer perguntas para que clarifiquem melhor algumas ideias apresentadas, ou às vezes, e apesar de todas as correcções prévias, a corrigir algum erro... Esta não fugiu à regra; então ela diz-me esta coisa linda: “Sabe, eu quando vi o seu plano de aula achei logo um pouco arriscado esta ideia de pôr os miúdos a fazer uma apresentação... Estas coisas só se fazem quando os miúdos estão muito bem ensaiados...”!

Depois disto, já não sei se estou num processo de avaliação do desempenho ou num concurso de misses... Ela nem percebeu que a aula foi assim porque tinha que ser assim, que aquilo não foi uma encenação para ela ver as gracinhas dos meninos... Enfim, isto não retira nada ao facto da aula ter sido uma porcaria mas estas duas observações deixaram-me siderada...

Segunda-feira, 9 de fevereiro de 2015

Como à sexta-feira não tenho aulas, hoje toda a gente me pergunta sobre a aula assistida... Quando conto o que se passou ninguém acredita! De facto, até a mim me custa acreditar que dei uma aula daquelas, ou melhor, não dei porque aquilo foi um charivari a que se pode chamar tudo menos aula...

Amanhã faço anos e era suposto não vir à escola mas terei que vir assistir à aula do P7...

Quarta-feira, 11 de fevereiro de 2015

Ontem fui à aula do P7. Foi o dia do meu aniversário e pela primeira vez em muitos anos fui à escola! Tenho o hábito de meter um dia de férias no meu aniversário; nos bons tempos até ia almoçar ao Funchal (detesto passar o aniversário aqui!) mas agora ganho menos e as viagens para a Madeira são caríssimas; gastar 100 euros de avião para ir ao Funchal almoçar e voltar está fora do meu atual padrão de vida, infelizmente...

Custou-me horrores ter que ir à escola no meu aniversário mas como o interesse era meu, lá fui... Se não fosse hoje iria ser complicado pois para a semana é carnaval e no dia 24 a turma vai fazer teste e não ia assistir a uma aula de teste. De facto, uma das nossas dificuldades é mesmo a conciliação de horários para podermos assistir às aulas

uns dos outros. Claro que não dei as minhas aulas; fui, assisti à aula do P7 e depois fui gozar o meu dia de férias!

O P7 só tem CEFs e a turma não é nada fácil. Pareceu-me uma aula bem pensada; os miúdos estão a ler uma peça de teatro e o P7 levou para aula uma gravação de uma encenação da peça. Assim, os alunos puderam ver a representação do texto que estão a ler.

A turma surpreendeu-me pela positiva pois já tinha ouvido falar muito deles e com algumas histórias muito assustadoras; não achei que se portassem assim tão mal... A única coisa que me fez confusão foi haver um aluno que esteve o tempo todo de barrete enfiado na cabeça e o P7 não dizer nada... Se fosse com outro colega qualquer não me surpreendia mas o P7 é uma pessoa bastante educada e surpreendeu-me que permitisse isso na aula... Acho que vou falar disto com ele na conferência pós-observação.

Quinta-feira, 12 de fevereiro de 2015

Hoje o P7 foi à minha aula e no final combinámos fazer uma conferência pós observação conjunta (aliás também foi assim que fiz com o P8) a seguir ao Carnaval pois amanhã é o cortejo e carnaval e depois as férias, perdão interrupção letiva (adoro estes eufemismos!)

Ah, a propósito, este ano vou desfilhar no cortejo de carnaval da escola, coisa que não faço há perto de vinte anos! O que faz dar aulas ao segundo ciclo!

Sexta-feira, 14 de fevereiro de 2015

O J. C. há uns tempos tinha-me perguntado pela minha disponibilidade de acompanhar a minha turma de 5º ano no cortejo de carnaval. Claro que disse que estava disponível; há coisas que não me passa pela cabeça dizer que não! Se há uma atividade da escola e se são precisos professores para acompanhar não acho muito elegante dizer que não.

Acompanhar um cortejo de carnaval à civil não é coisa que me entre na cabeça. Se vou no cortejo, vou disfarçada! Convém dizer que já nem lembro quando foi a última vez que me disfarcei, só sei que foi também para o cortejo da escola e nessa altura dinamizava-se sempre uma trupe de professores que integrei durante três anos.

Este ano decidiram que o cortejo teria um tema, Civilizações, e ao 5º ano foi atribuída a civilização grega.

Depois do J. C. falar comigo comecei a pensar de que iria disfarçar-me e todo o elenco feminino ia de deusa. Comecei logo a pensar que não me apetecia ir igual aos outros

todos e lembrei-me “Vou de Penélope!”. O problema é que para que se percebesse a personagem, precisava de um tear. Consegui convencer o F. [PCE] a fazer-me um tear: Eu queria uma coisa simples em cartão mas ele, com o seu perfeccionismo todo fez-me um lindo tear em madeira (que me fez lembrar os meus tempos de criança quando tive vários desses teares) com lançadeira e tudo! Claro que com a sua ironia, disse-me logo “É melhor fazeres um cartaz a dizer «Eu sou a Penélope» porque se não, ninguém vai saber do que é que estás mascarada...”

Lá lhe disse que francamente, as pessoas não eram assim tão ignorantes, que a história da Penélope era por demais conhecida e que com o tear na mão não havia que enganar. Quando hoje de manhã cheguei à escola, lá fui ter com os meus pintainhos, como gosto de designar a turma de 5º ano, e logo que entrei na sala os alunos perguntaram qual era o meu disfarce. Respondi que era a Penélope, eles perguntaram quem era essa e lá contei de forma sucinta a história da Penélope que tecia de dia e desmanchava o tecido de noite. Aí, a L., a minha rabitesa de estimação, olha para mim e diz “Pois professora, o pior é que ninguém sabe essas histórias e ninguém vai perceber de que é que a professora está mascarada!”

Dei uma enorme gargalhada pois não pude deixar de lembrar-me da observação do F. [PCE] e da ideia do cartaz “Eu sou a Penélope”.

De resto o cortejo foi engraçado mas os miúdos vão no cortejo de carnaval como se fossem na procissão do Senhor dos Passos. Não cantam, não dançam, nem se riem! Houve momentos em que eu e outra colega ainda os tentávamos animar e o melhor que consegui foi uma observação da L., interdita a olhar para mim “Mas o que é que a senhora tem hoje?”. De facto, para eles que estão habituados a ver-me nas aulas, séria, formal, sempre a chamá-los a atenção para a postura corporal, verem-me no meio do cortejo a cantar a plenos pulmões e a dançar ao som da banda e a puxar-lhes pelo braço para que se mexessem, deve ter-lhes parecido uma verdadeira alucinação!

20 de março de 2015

Aula de História de 5º ano, dia de teste. Quando a aula termina os alunos perguntam se entregarei o teste na próxima aula. Com o meu ar mais sério respondo:” -Só vou entregar o teste na última aula do 3º período.” Os alunos ficam espantados, voltam a perguntar e eu insisto na peta, com um ar muito convincente...

Na aula seguinte, hoje, com os testes dentro da pasta e prontinhos a entregar, uma aluna pergunta se eu trouxe os testes; eu volto a dar a mesma resposta:

“-Só entrego os testes na última aula do 3º período.”

Antes que tivesse tempo de retirar os testes da pasta para os distribuir, uma aluna diz, com um ar muito preocupado:

“- Professora, então faça o favor de dizer isso aos meus pais porque eles não acreditam em mim!”

A parte melhor veio depois da aula... os pais dela são meus colegas. Ao fim da manhã cruzei-me com a mãe da aluna na sala de professores, e disse: “Então não acreditas na tua filha?!” e a rir, contei o episódio da aula. De repente, a colega fica muito constrangida e diz-me: “-Veja lá, e eu que ralhei tanto com ela e que lhe disse que isso não podia ser, que a professora não podia ter dito uma coisa dessas e que ela tinha que estar com mais atenção nas aulas para não ir para casa dizer disparates daqueles!...!

Fiquei a rir-me sozinha e a pensar que de facto, os miúdos são de uma credulidade imensa... por outro lado, fiquei a pensar que tenho que ter mais cuidado com as brincadeiras que faço pois a pequena, à minha conta, levou uma grande reprimenda!

Como se não bastasse ainda aconteceu mais esta: A propósito da guerra de África diz um aluno: “Ó professora, o meu avô andou nessa guerra!” e eu “Ai sim? Que giro! E esteve onde o seu avô? E o aluno responde que o avô esteve em Moçambique.

Como se trata de um aluno problemático a quem a escola e as aulas dizem muito pouco e que, do meu ponto de vista, parece ser um menino de risco, vi ali uma oportunidade para o valorizar e o “trazer para o caminho da luz”. Pensei, ótimo! Vou dizer-lhe que vou convidar o avô para vir cá à aula e seguramente ele vai sentir-se valorizado e isso poderá motivá-lo e levá-lo a envolver-se no trabalho... Se bem o pensei, melhor o fiz, como diziam as histórias do meu tempo de menina. Abro o meu melhor sorriso e digo:

“- Que bom M. A.! Para o ano, quando estudarmos essa guerra, convidamos o seu avô para vir cá à aula falar e partilhar connosco a experiência dele na guerra!”

Aluno: “Ó professora, o meu avô morreu nessa guerra!”

Só queira que o chão se abrisse debaixo de mim...E todas as minhas expectativas de trazer o M. A. para o caminho da luz, ruíram em três tempos!

Quinta-feira, 9 de abril de 2015

Amanhã vamos ter seminário e não me apetecia nada porque é o aniversário do F. [PCE]. A verdade é que é muito difícil organizarmo-nos com os nossos diferentes horários e não posso dar-me ao luxo de recusar uma data consensual por eventos da vida privada.

Terça- feira, 14 de abril de 2015

Hoje a P14 foi assistir à minha aula. Os miúdos estão a fazer os projetos e penso que para ela deve ter sido uma aula muito chocante. Os pequenos estão organizados nos grupos e no início da aula eu passo por todos os grupos para fazer o ponto da situação e dar orientações quando é necessário; depois, só intervenho quando me solicitam. Só perto do final da aula volto a passar pelos grupos para verificar o trabalho realizado. Durante os (meus) tempos mortos conversámos e foi engraçado ver a preocupação dela pelo facto de eu “não ensinar”, isso é, ela ficou intrigada com o facto de eu não fazer uma aula expositiva e perguntou-me “Mas como é que assim a Isa sabe se eles aprendem?”; não pude resistir a dar uma resposta mazinha “E como é que nós garantimos que eles aprendem com as aulas expositivas? Se as aulas expositivas fossem garantia de aprendizagem, nenhum aluno teria maus resultados, não é?”. E ela ficou a olhar para mim com um ar meio espantado e disse “Pois... mas parece que com a aula expositiva nós ensinamos mais”. Esta forma de conceber o ensino não é nova nem me surpreende mas é de facto muito preocupante que no século XXI grande parte dos professores ainda pense que ensinar é apresentar informação... Enfim, teremos oportunidade de falar um pouco mais na conferência pós observação.

Sexta-feira, 17 de abril de 2015

Hoje fui à aula da P14 e pronto, não vi nada que me parecesse mal mas é uma aula em que ela apresenta informação e depois todos fazem o mesmo exercício. Claro que houve miúdos que acabaram mais cedo e a solução que ela lhes propôs foi ficarem sossegadinhos à espera que todos terminassem para depois fazerem a correção no quadro. Quando fizermos a conferência pós observação vou sugerir-lhe que ponha esses mais despachados a ajudar os outros ou então que a esses melhores ela dê exercícios com um grau de complexidade maior ou dê uma atividade extra. Ter alunos na aula a olhar para o teto à espera que o tempo passe não é bom para eles e pode até levar a uma certa desestabilização da aula... Era tão bom que os professores percebessem que existem outras formas de ensinar e que podem até ser mais estimulantes para os alunos... Claro que isto implica mudar tantas concepções que temos enraizadas que não se será ainda para este meu tempo... Às vezes, dou comigo a pensar que eu tive professores com metodologias bem mais interessantes que aquelas que utilizam muitos dos meus colegas...

Terça- feira, 28 de abril de 2015

Algumas pessoas andam preocupadas com os diários; hoje a P10 perguntou se eu entendia a letra dela ou se era preciso passar o diário a computador. Depois de ver, disse que claro que entendia e acho que isso foi um alívio para ela.

Quinta-feira, 30 de abril de 2015

Ontem à noite, quando ia dar aulas, passei pelo gabinete do P8. Trocámos algumas impressões sobre cervejas e ucranianas e depois ele disse que tinha ido assistir à aula da P10. Disse também que já ela já tinha assistido à aula dele e que dentro de dias fariam a conferência pós-observação.

Aproveitei o ensejo para lhe perguntar se ele achava bem que víssemos um documentário sobre avaliação na próxima sessão. Ele disse que achava uma excelente ideia até porque era uma coisa diferente de tudo o que já fizemos. Perguntou também quantas sessões ainda teríamos até ao fim do ano e lembrou que o P4, logo no início, manifestou interesse em dinamizar uma sessão de escrita criativa.

Confesso que como o P4 é muito reservado fico sempre um pouco inibida de falar com ele; tenho que lhe perguntar se efetivamente está interessado em dinamizar essa sessão mas vou deixar passar esta semana pois sei que ele tem andado super ocupado com o FLIPS.

Gosto sempre de conversar com o P8; acho-o um dos elementos mais proativos do grupo e tenho pena que ele não invista mais em si; ando a tentar convencê-lo a ir fazer um mestrado...

Terça-feira, 5 de maio de 2015

Hoje encontrei o R. (meu delegado de disciplina no 2º ciclo) na sala de professores e resolvi falar com ele sobre o problema da organização dos tempos letivos no segundo ciclo, questão que muito me atormenta. O diálogo foi mais ou menos este:

-Olá R., queria falar contigo sobre uma questão que me anda a inquietar muito. Já pensei sobre este assunto, inclusive já falei com o F. [PCE] informalmente e gostava que na última ata de grupo do ano ficasse registado que, sendo legalmente possível, pois não sei se é, nas turmas de segundo ciclo que me forem atribuídas eu gostava de ter um bloco de 90' e um tempo de 45'.

Devo dizer que atualmente, e por decisão dos colegas que têm lecionado a disciplina no segundo ciclo, os alunos têm três tempos semanais de 45'.

-Pois, essa questão das horas é complicada. 90' para eles é muito mas por outro lado 45' também passa a correr... - respondeu-me o colega

-Pois eu compreendo o vosso ponto de vista- respondi- e apenas peço que isto seja aplicado nas minhas turmas, se for possível haver dois critérios de distribuição das horas claro! Mas é que para a minha forma de trabalhar os 90' fazem muito jeito. Aliás, mesmo com aulas mais centradas no professor, que é o que tenho acabado por fazer, a verdade é que basta que seja uma aula de leitura e interpretação de um texto ou de um documento ou que tentemos fazer um resumo e a aula já não dá; nunca conseguimos concluir a tarefa.

- Pois, mas o programa é tão extenso que não nos podemos pôr com essas coisas; é dar o programa e já está! Não há tempo para leituras nem nada disso. Se nos distraímos, chegamos ao fim e não demos o livro todo, não cumprimos o programa; fica sempre alguma coisinha por dar. De qualquer forma, nós também estamos a pensar alterar porque com a experiência de avaliação da J., percebemos que os 90' dão jeito... Para além da avaliadora ter que vir cá o dobro das vezes, ela também teve muito mais trabalho pois precisou preparar mais aulas.

-Ok; por mim, não me faz diferença que vocês tenham três tempos de 45'; só gostava que se fosse possível organizar de forma diferente no meu caso... dava-me muito jeito...

Depois desta conversa fiquei a pensar: Que raio de conceção têm as pessoas acerca de dar o programa e de ensinar... Então não é importante, ainda para mais ao nível do 5º ano, ensinar a fazer resumos, sínteses, interpretação de textos e documentos? Para mim, penso que ensinar essas coisas não é menos importante que debitar conteúdos; além disso, os próprios programas falam disso... mas as pessoas continuam a pensar que o programa é a lista dos conteúdos.... E dar o programa é dar o livro... Para além disso, a ideia de alterar a distribuição dos tempos letivos baseada na necessidade do professor em processo de avaliação (90' dá para fazer mais *show-of*, será?) não me parece grande justificação mas... se for para ficar com um bloco de 90' estou-me nas tintas para a fundamentação! Bom, vou mas é almoçar que “a minha vida não é isto”. E fui almoçar...

Sábado, 9 de maio de 2015

Ontem na nossa sessão vimos uma entrevista do Domingos Fernandes sobre avaliação. Achei que era uma coisa pertinente porque penso que continuamos a confundir avaliação com classificação, continuamos a ter muitas concepções distorcidas sobre as diferentes dimensões da avaliação e, aproximando-se o final do ano, pareceu-me importante reflectirmos um bocadinho sobre isto. O que mais me chama a atenção é o facto das pessoas verem aquela entrevista e concordarem com tudo mas terminarem a discussão com os argumentos de sempre “Isso é tudo muito bonito mas na prática não é viável” e “ Ah pois, mas isto não é para os nossos alunos...” Penso que são poucas as pessoas a quem aquilo verdadeiramente faz sentido e que estão verdadeiramente dispostas a repensar as suas práticas... Enfim, vamos malhando em ferro frio ou, como dizia a minha professora de instrução primária “água mole em pedra dura, tanto dá até que fura...”

Segunda-feira, 11 de maio de 2015

Hoje falei com o P4 sobre a possibilidade de ele dinamizar a nossa próxima sessão. A ideia não é nova, logo no início dos trabalhos ele falou disso. Contudo, e até por outras coisas nas quais estive envolvido, só agora tem disponibilidade. Não sei exactamente o que ele pretende fazer mas acho interessante a ideia dos colegas terem uma maior intervenção na vida do grupo.

Tenho aliás andado a pensar ultimamente em, no próximo ano, propor que cada sessão seja dinamizada por um colega diferente, com uma temática à sua escolha; penso que pode ciar mais envolvimento e motivação...

Entretanto o artigo continua devagar, devagarinho mas a minha orientadora diz-me para ficar calma porque está praticamente tudo feito. Acho que, “para variar”, não vou conseguir cumprir o prazo até porque sexta tenho que ir para Lisboa e só posso contar como tempo útil de trabalho até quinta à noite...

Quinta-feira, 14 de maio de 2015

Hoje o P4 veio apresentar-me a sua proposta para a nossa próxima sessão. É uma apresentação baseada no Seis Chapéus do Pensamento do Edward de Bono. Parece-me uma excelente ideia. Eu conheço vagamente as teorias do de Bono, até tenho o livro em causa mas ainda não li como deve ser... Penso que para a maior parte das pessoas será uma novidade. Além disso, a ideia do P4 é pôr as pessoas a fazer uma atividade. Parece-

me ótimo pois muitas vezes, quando só lemos a teoria há a tentação de dizer “Ah, isso é tudo muito bonito mas é nos livros!...” e se formos confrontados com a prática, percebemos que é exequível. Além disso, muitas vezes sentimos dificuldades (então quando é para escrever! Os professores fogem da escrita como o diabo da cruz...) que não imaginávamos ter e isso permite criar empatia com as dificuldades dos alunos. Dessa forma, quando vamos para a frente da turma, já vamos com outra atitude. Digo eu...

Quarta-feira, 10 de junho de 2015

Ontem foi a sessão dinamizada pelo P4 e foi bastante interessante. Penso que o P4 é uma pessoa que a escola não está a aproveitar como deveria... sei que tem posições polémicas fora da escola mas creio que na escola poderia ter mais responsabilidades e fazer um trabalho interessante com os miúdos e até mesmo ao nível da formação contínua. Ontem, depois da nossa sessão, até lhe sugeri que fizesse uma ação de formação sobre aquele assunto, até porque aquele encontro de duas horas soube a pouco... Claro que como não ganhamos nada (nem em dinheiro nem noutro tipo de compensações) por darmos formação, é possível que também seja ele que não esteja para trabalhar *pro bono*...

Terça-feira, 9 de julho de 2015

Ontem realizámos a última sessão deste ano lectivo. No final, ao agradecer aos colegas, desatei a chorar! Logo eu, que odeio cenas de telenovela... Algumas pessoas já manifestaram o abandono do grupo no próximo ano e há duas delas que lamento profundamente: o P4 e o P7. São dois colegas com quem não tenho muita confiança, às vezes até fico um pouco intimidada com eles (vá-se lá saber porquê...) mas são dois professores que admiro muito, que me merecem apreço profissional e que considero serem uma perda pesada... Enfim, como sempre disse, as pessoas só devem estar enquanto sentirem que isso é importante para elas; se for para fazer frete, não vale a pena... é desagradável para elas e acaba por também não ser bom para o grupo.

Entretanto, cá andamos na azáfama de final de ano e das tarefas inerentes, designadamente, avaliação do desempenho docente. Para além do meu processo, que ainda não está concluído, tenho que avaliar (se é que se pode chamar aquilo que fazemos, avaliação) quatro colegas! Tenho que descobrir como posso fazer para pedir excusa de ser avaliadora...

Sexta-feira, 10 de julho de 2015

Hoje entrevistei o P. (membro do conselho executivo) uma vez que por questões éticas não posso entrevistar o presidente.

A entrevista não correu lá muito bem o que me leva a pensar que vou também entrevistar o R.. Tinha previsto entrevistar apenas um dos vices do CE mas vou ter mesmo que duplicar o trabalho...

Foi difícil pô-lo a dizer aquilo que pensa; acho que ele estava preocupado em dizer aquilo que pensaria que eu queria ouvir... ou às tantas, aquilo que ele pensaria serem as respostas corretas... Aliás é engraçado, porque às vezes, nas entrevistas, as pessoas referem isso “Não sei se sei responder” ou então já no final “Não sei se era isto que pretendias”... Olham para a entrevista como uma prova com respostas certas e erradas e não como uma conversa entre colegas... se calhar o defeito é meu...

Bom, resumindo e baralhando, mais trabalho pois há mais uma entrevista para realizar! Grandes férias vou ter!

Segunda-feira, 13 de julho de 2015

Hoje na escola encontrei o P8. O P8 é uma pessoa com quem adoro conversar e é, na minha perspetiva, um dos elementos mais relevantes da CdP.

Ando a tentar convencê-lo a fazer o mestrado e por isso, sempre que o encontro, meto-me com ele.

Falámos das entrevistas que irei realizar e disse-lhe que a dele seria só em setembro, após a leitura do diário.

Manifestou logo a sua disponibilidade (já não é a primeira vez que o faz) para continuar no projeto para o ano. E deu-me uma ideia: Criar uma página de Facebook para a CdP. Fiquei muito contente pois já há algum tempo que ando a pensar na criação de um blogue... O FB, por diversas razões não me entusiasma mas um blogue poderia ser um espaço muito útil. Teríamos mais um fórum de discussão, poderíamos partilhar documentos que achássemos interessantes e seria também uma forma de dar maior visibilidade à CdP. Tenho que falar disto à minha orientadora ...

Terça-feira, 14 de julho de 2015

Ontem fiz a entrevista ao A. (coordenador do segundo ciclo). Achei muito interessante a conversa que tivemos. Acho que ele foi espontâneo, não se preocupou em ser politicamente correto, o que às vezes ocorre... e penso que uma das coisas engraçadas deste projecto é que vou descobrindo interesse (e interesses) que às vezes nem passava pela cabeça que as pessoas pudessem ter...

Quero ver se despacho as entrevistas rapidamente para depois me dedicar às transcrições...

Quinta-feira, 16 de julho de 2015

Hoje falei com a minha orientadora acerca da ideia do P8 de criar uma página de FB e da minha alternativa do blogue. Ela concordou comigo que o blogue seria melhor e disse que lhe parecia uma boa ideia e também que era muito bom que isso tivesse partido de um membro da CdP e não de mim... Já estou em pulgas por setembro e pela retoma das hostilidades...

À tarde entrevistei o presidente do conselho da comunidade educativa, o L. Foi uma entrevista um bocadinho atribulada, interrompida pelos filhos que queriam pedir autorização para ir não sei aonde... Mas é claro que isso não afetou o conteúdo da entrevista... Sei que não é bonito fazer estas apreciações mas cada vez compreendo menos como é que este indivíduo tem este cargo... e atenção, que pessoalmente é uma pessoa de quem nada tenho a dizer: é simpático, cordial, bom colega, não arma nem se mete em confusões; mas sinceramente acho-o, como se costuma dizer, muito poucochinho...

Sexta-feira, 17 de julho de 2015

Hoje consegui agendar a entrevista com o R.. (vice presidente do conselho executivo) Esta altura, tirando para o P. [VP1] que é uma figura decorativa, os membros do Conselho Executivo estão assoberbados de trabalho e não é realmente fácil disponibilizarem tempo para estas coisas...

Outra coisa engraçada é que a primeira reacção dele foi achar que não percebia nada do assunto e portanto não ser importante eu entrevistá-lo... Lá tive que explicar que não ia examiná-lo nem aferir as competências dele em matéria de administração escolar ou qualquer outra; a entrevista será apenas uma conversa entre colegas, uma conversa que obviamente abordará questões ligadas ao nosso trabalho mas em que não se pretende

avaliar o entrevistado. Ele foi simpático e aceitou mas dá-me ideia que um bocadinho a medo...

Às vezes, para não dizer muitas vezes, penso que as pessoas só aceitam a alinhar nas minhas loucuras por via da minha ligação ao F. [PCE]; acho que se não fosse por isso, mandavam-me pentear macacos!...

Segunda-feira- 20 de julho de 2015

Hoje entrevistei o R. [CFC], na sua qualidade de coordenador da formação contínua.

Foi uma entrevista tranquila; já nos conhecemos há muito e também há muito que integramos a equipa pedagógica do EFA. Isso dá-nos um grau de confiança e à vontade que não tenho com muitos dos entrevistados e é muito bom quando a entrevista decorre assim num clima destes.

Não quer dizer que as outras entrevistas não tenham corrido bem mas de facto, quando não estou à vontade ou quando eu estou mas sinto que o entrevistado não está totalmente à vontade fico sempre um pouco mais constrangida... Com o A. foi engraçado pois no início eu estava um pouco constrangida mas a entrevista fluiu tão bem que passada aquela tensão inicial das primeiras questões o constrangimento evaporou-se!...

Terça-feira, 21 de julho de 2015

Hoje entrevistei o R. [VP2] e só falta entrevistar a presidente do conselho pedagógico para dar por encerrado o ciclo das entrevistas aos titulares de cargos de gestão intermédia; contudo está a ser difícil agendar a entrevista, ela está sempre assoberbada de trabalho... depois ainda faltam as entrevistas aos membros da CdP mas essas serão a partir de setembro, depois de lidos os respectivos diários.

A partir de agora, vou concentrar-me em preparar a comunicação que irei apresentar no congresso do MEM, no próximo fim de semana...

Segunda-feira, 27 de julho de 2015

Acabada de chegar do congresso do MEM. Fui apresentar uma comunicação e correu bem. Inicialmente, e por sugestão da X.-X., a ideia era apresentar algo ligado ao processo de construção da CdP na minha escola; contudo, depois de trocar emails com a Ivone Niza, acabei por optar por uma comunicação acerca da forma como o modelo é percecionado pelos miúdos.

No congresso, combinei com a Â. mantermos contacto ao longo do ano para irmos trocando ideias, materiais, partilhando dúvidas e reflexões... Há pouca gente nas disciplinas e aqui na Madeira, tanto quanto sei, só eu e a M. que é de inglês... poder ter contacto com a Â. que é do meu grupo e além disso, muito mais experiente no modelo que eu, vai ser muito bom. Porém, como tive que sair do congresso antes do fim, acabei por não ficar com o contacto dela... tenho que ver se através do facebook e do grupo do MEM consigo estabelecer o contacto.

Ela no congresso apresentou uma comunicação muito interessante sobre o tempo de trabalho em coletivo que é uma das dimensões do modelo na qual tenho alguma dificuldade... acho que posso aprender muito com ela.

Para o ano o congresso será no Porto! Estou desejando; adoro o Porto e vai ser uma boa oportunidade de conjugar trabalho e lazer... ainda por cima é o congresso que encerrará as comemorações dos 50 anos do movimento pelo que creio será muito interessante...

Segunda-feira, 3 de agosto de 2015

Hoje tentei mais uma vez marcar a entrevista com a M. J. (presidente do conselho pedagógico) e mais uma vez não consegui disponibilidade dela... acho que deve ser mais fácil conseguir agendar entrevista com o Papa...

Ando muito preguiçosa e não tenho trabalhado muito nas transcrições... E quanto mais horas de gravação se acumulam pior... devia ser capaz de ter mais método: entrevista/ transcreve, mas todos os pretextos são bons para adiar o trabalho...

Terça-feira, 18 de julho de 2015

Ando a ler os diários. Nalguns casos, são meros registos do trabalho realizado nas sessões presenciais, acompanhados dos materiais utilizados na prática da supervisão interpares. Contudo, como costuma dizer-se, “de onde não se esperam é de onde elas saem” e aconteceu-me isso com o diário da P14. A P14 é uma colega muito tímida, com a qual já tinha trabalhado numa formação do MEM. Tenho uma boa impressão dela mas, pela sua timidez, não temos tido grande convívio. Imaginava que o seu diário iria ser mais um igual a alguns outros e... eis senão quando, a P14 tem um diário interessantíssimo, muito comovente nalgumas passagens, cheio de reflexões acerca da sua forma de estar na profissão e da sua participação neste projeto. É claramente, um dos membros da CdP a quem vou querer fazer uma entrevista em profundidade...

Sexta-feira, 18 de Setembro de 2015

Hoje retomei a leitura dos diários, interrompida devido às minhas “férias de sonho” seguidas de uma inesperada, e pouco simpática, estadia no Funchal. Quero ver se consigo terminar a primeira leitura até segunda-feira, dia em que deverei ter o meu encontro pós “férias” com a minha orientadora.

Esta primeira leitura destina-se a fazer uma triagem dos colegas a quem pretendo fazer entrevistas em profundidade.

Segunda-feira, 21 de Setembro de 2015

E hoje, depois de umas semanas verdadeiramente atribuladas, voltei ao trabalho: Lançar dados dos últimos seminários.

Entretanto, já pedi ao colega responsável pela formação contínua para abrimos as inscrições para a CdP deste ano.

Vou continuar a optar pela estratégia de pedir a validação da formação à SRE para que as pessoas possam ter uma contrapartida do seu envolvimento no projeto; ainda não falei com ninguém mas penso que a maioria do grupo se manterá e é possível que surjam “novas contratações”...

Este ano tenho um horário espectacular (de princesa, como gosto de dizer) que me vai permitir ter tempo para dedicar à CdP e também recuperar o tempo perdido nas férias que não tive...

Nunca me lembro de iniciar um ano letivo sem nada, mas mesmo nada preparado...

Nem na primeira vez que dei aulas isto me aconteceu...

Hoje reencontrei as duas turmas do ano passado com as quais vou continuar e amanhã vou conhecer a turma de 5º ano... Gostava de ter ficado apenas com segundo ciclo mas não foi possível...

Quarta-feira, 23 de Setembro de 2015

Esta semana tem sido de loucos! Com a agravante que amanhã vou para Lisboa e só regresso domingo...

Enviei um email a todos os colegas que participaram na CdP, embora saiba que alguns não irão participar este ano, a lembrar que as inscrições estão abertas; avisei que este ano não teriam que fazer o diário, coisa que para alguns foi muito penosa.

Ainda não consegui voltar a sério ao trabalho do doutoramento... Além disso, devido às tecnologias ainda não consegui falar com a minha orientadora para a pôr a par da situação e agora já só conseguirei fazê-lo na próxima semana.

Neste momento, quero sobretudo pôr as coisas a andar para recomeçar o trabalho da CdP o mais rapidamente possível.

Já conheço as minhas turmas todas e estou super contente e entusiasmada... O 8º C melhorou muito com a saída dos “índios” e a turma de 5º ano é uma graça... doze rapazes e três miúdas, uma das quais me parece ter algum tipo de NEE... vamos ver o que dizem na reunião de caracterização....

Entre a primeira reunião do EFA, imprimir cartão de embarque e arrumar as malas, consigo acabar o primeiro round de leitura de diários... Acho que neste momento já tenho quase pronta a minha lista de entrevistados: a P14, o P8, o P4, o P7 e a P10; imaginava este último mais interessante mas apesar de tudo tem algumas pontas por onde me apetece puxar. Tenho que decidir se entrevisto ou não a P9; ela fez um diário que é um registo da atividade realizada na CdP mas na parte final apresenta um trabalho que fez há anos sobre profissionalidade docente e respetivos desafios e acho que isso poderia dar uma conversa interessante... irei discutir esta questão com a minha orientadora para tomar uma decisão.

Segunda-feira, 28 de Setembro de 2015

Hoje conversei com a L. [PSOE]. A conversa foi motivada por assuntos de natureza pessoal mas acabámos a falar do meu projeto e da escola. Aí ocorreu-me que provavelmente seria interessante entrevista-la também, tal como fiz com os detentores dos cargos de gestão intermédia. Como mais logo vou falar com a minha orientadora, vou perguntar-lhe o que ela pensa desta ideia...

Entretanto, ainda estão por construir os guiões de entrevista aos membros da CdP... Mas agora, que tudo parece começar a entrar nos eixos, penso que até meados de outubro conseguirei recuperar o tempo perdido. Tenho um horário excelente e portanto não há desculpas para procrastinar...

Amanhã vou finalmente fazer a primeira reunião de grupo do ano (bem que eu pedi ao F. [PCE] que me deixasse demitir de delegada... odeio essa função e não sei onde estava com a cabeça quando no ano passado me propus sê-lo!).

Encontrei a P10 na sala de professores que me disse: “Ó pá, então este ano não há diário? E eu que gostei tanto do diário!” Respondi-lhe que não terá caráter mandatório, mas que quem quiser poderá mantê-lo.

A não exigência do diário prende-se com os prazos que tenho para análise e tratamento de dados; não é viável receber diários em julho de 2016 e ter os dados tratados em outubro... sobretudo se forem diários de todos os participantes. Agora, se houver pessoas que queiram escrever, acho que dois ou três ainda dará para tratar.

Na minha ida a Lisboa aprendi uma coisa nova: Parece que na Austrália já não se usa o conceito de Necessidades Educativas Especiais e que este foi substituído pelo conceito de Necessidades Educativas Adicionais; um dia destes deve cá chegar a moda e toca a mudar a papelada toda... para continuar tudo na mesma! Percebo a lógica subjacente: Todos temos necessidades educativas, havendo quem, por diversas razões tenha mais necessidades que outros. Contudo, a minha experiência diz-me que na maior parte das vezes tudo não passa de uma alteração lexical, sem nenhuma consequência prática e isso acaba por ser maçador... É como as mudanças do Crato, mudou os nomes aos documentos mas continuamos afogados em papelada que não serve para nada...

Terça-feira, 29 de Setembro de 2015

Ontem finalmente falei com a minha orientadora e fiquei muito aliviada... estava preocupada com o atraso em que tudo se encontra, devido às minhas férias atribuladas. Na conversa, falei-lhe da possibilidade de entrevistar a L. (psicóloga da escola), coisa com a qual concordou. Mais ou menos já tenho definidos os colegas da CdP que quero entrevistar mas preciso dar uma segunda leitura aos diários até para fazer uma grelha de entrevista.

Hoje, num dos intervalos, encontrei o P7 que me disse que este ano não irá participar na nossa CdP. Fiquei com pena porque o P7 foi um bom elemento; aliás, era um colega com quem nunca me dei muito e que fiquei a conhecer melhor e a admirar, profissionalmente falando. O P7 explicou que até achava o projeto interessante mas que este ano está com pouca disponibilidade. Ele faz parte da comissão de avaliação da escola e, claro, está cheio de trabalho! Entendo perfeitamente, não podemos ocupar toda a nossa vida com a escola e de facto, estar na comissão de avaliação da escola deve ser um belo pincel...

Entretanto a P15 e a P9 já confirmaram que vão inscrever-se. Ontem o C. R. [CFC] disse-me que só havia uma inscrição (a da F.); como no ano passado não tínhamos nenhuma F. e há três F. na escola, estou curiosa de ver quem é...

Quinta-feira, 1 de outubro de 2015

Hoje cruzei-me com o P8 que me disse que está a convencer a I. O. a entrar no nosso grupo; seria interessante porque ela é muito boa profissional e além disso, sendo da Educação Especial, pode dar uma boa ajuda.

Sexta-feira, 2 de outubro de 2015

Hoje recebi um email da P9 a confirmar a inscrição na CdP; fico contente que ela continue pois é uma pessoa que não sendo das que mais se manifesta, tem um contributo muito interessante.

Segunda-feira, 5 de outubro de 2015

Hoje devia ser feriado... mas não é e lá fui trabalhar.

Hoje conversei com a P9 pois ela no diário propôs-se apresentar numa das nossas sessões um trabalho que fez sobre cultura profissional; fiquei muito entusiasmada e hoje falei-lhe nisso. Ela ficou admirada e disse-me que “achava que tu nem ias ligar a isso!”, respondi-lhe que até ia querer entrevista-la, coisa que ela aceitou bem. Quem está difícil de entrevistar é a M. J. V., não percebo bem porquê mas está sempre a arranjar desculpas... agora disse-me que teria disponibilidade a partir de dia 14; a ver vamos...

Em princípio iremos retomar as atividades na última semana de outubro; esta semana e a próxima há reuniões de conselho de turma e não dá para estar a sobrecarregar as pessoas.

Tenho que ter tempo para organizar tudo; estou com montes de ideias na cabeça e a primeira sessão tem que ser bem preparada e organizada. Quero falar-lhes do blogue e é importante discutir as questões relacionadas com a avaliação para que no final ninguém fique descontente.

Continuo a ler diários; jamais me passou pela cabeça que dessem tanto trabalho a tratar...

Hoje combinei com a L. [PSOE] entrevistá-la na quarta-feira.

Entretanto, eu e a L. [PSOE], vamos lançar um projeto de yoga na escola, particularmente orientado para os miúdos que são seguidos nos serviços de Psicologia e Orientação; vamos ver o que diz o Conselho Pedagógico.

Por falar em Conselho Pedagógico, a semana passada o F. [PCE] enviou o projeto de Regulamento Interno e de Projeto Educativo para as pessoas fazerem sugestões; já dei uma pestanada mas ainda não me debrucei a sério. No projeto educativo, as primeiras oito páginas são de pura retórica, a contar a história da educação no Porto Santo desde a chegada dos descobridores... Acho que as pessoas gostam de complicar o que é fácil; depois também, apresentam dois diagnósticos de situação: um numa grelha, que até me parece bastante bem, e depois um que repete a informação da grelha mas em narrativa... mas porque é que repetem a informação? É para a malta perceber melhor ou não têm mesmo mais nada para fazer e acham que quanto maior o número de páginas mais credível o documento? Cada vez tenho menos pachorra para estas coisas que se fazem “porque sim”... e o pior é que vou ter que ler aquela bodega toda e fazer uma reunião de grupo para auscultar os colegas e depois ir à reunião de departamento transmitir os bitaites do grupo... será que é amanhã que me sai o euromilhões e passo a fazer só o que me apetece?...

Quinta-feira, 8 de outubro de 2015

Ontem foi um dia agitado: à tarde entrevistei a L. [PSOE] e foi muito interessante, apesar de ter alguns pontos de vista divergentes com ela...

Também dediquei algum tempo ao Projeto Educativo; para mim, está cheio de retórica e tem metas a mais (mais de 20!!!). Quem quer fazer tudo, acaba por não fazer nada, parece-me... mas como a bem dizer, aquilo é só para fazer de conta, tudo continuará na mesma, só serve para perder tempo. Por isso, também decidi que não me vou incomodar muito. Faço duas ou três propostas e logo se vê. Hoje, por acaso, cruzei-me com o A. (o meu coordenador de departamento) à saída da escola e falámos disso e ele até converge comigo nas propostas que irei apresentar.

Relativamente ao regulamento interno, vou aproveitar os tempos mortos do fim de semana para ler e pensar em algumas sugestões... O regulamento interno é outro: Tem não sei quantas páginas em que se repetem artigos da legislação e regras tão extraordinárias quanto esta: O professor tem direito a “ Dispor de salas de aula e outros espaços de trabalho com as devidas condições acústicas, luminosas e de temperatura, em bom estado de limpeza e conservação”. Se assim for, à luz do regulamento, passo a

ter uma desculpa para não dar a maior parte das aulas... Enfim, estou a ser irónica, mas às vezes é o que apetecia para ver se percebem que um regulamento deve ser um conjunto de regras simples, objectivas e não precisa ter três quilómetros... Outro exemplo extraordinário: “A marcação de uma falta de material terá que reger-se por bom senso”. Duas questões, e o resto da atividade profissional, não carece de bom senso? E o que é isso de bom senso? Parece-me uma coisa demasiado vaga e subjectiva para constar de um RI. Pensar eu que andei numa instituição de ensino cujo RI tinha dez regras e chegavam e sobravam: toda a gente sabia o que podia fazer e também quando pisava o risco... Enfim, como diria a neta de uma amiga minha: Só me apetece cantar fados e dizer palavrões!

Continuo na transcrição de entrevistas e entretanto quero ver se para a semana construo a grelha que servirá de base às entrevistas aos elementos da CdP. Preciso de me organizar e recuperar ao máximo o tempo perdido... Possivelmente iremos iniciar a atividade na semana de 19 a 23 e queria ver se até lá estava tudo transcrito e tudo preparado para arrancar sem stresses...

Entretanto, eu e a L. [PSOE] hoje entregámos ao coordenador das atividades de complemento curricular o nosso projeto de yoga na escola; vamos ver o que diz o conselho pedagógico... Estou entusiasmada com este projeto.

Estou a ler o diário do P8 que não é exactamente um diário (diz que tem outro para me entregar pois pensava que o que eu queria era este) mas sim uma reflexão sobre o nosso trabalho na CdP, a escola, a profissão. Tem reflexões interessantes e não pude deixar de me comover com a forma como fala da Direção Executiva e do seu presidente... é o que dá termos laços afetivos com “o Chefe”! Houve diários onde não foi fácil ler algumas coisas sobre o mesmo assunto, sobretudo aquelas que considero profundamente injustas... aceito que as pessoas tenham discordâncias quanto à gestão da escola, que não gostem das pessoas, mas tenho dificuldade em aceitar distorções de factos e julgamentos feitos com base em coisas que não são verdade... Por isso, hoje ler no diário do P8 esta frase “Destaco a postura do professor F. C. que, para além da amizade que nos une, nunca me deu uma ordem... em todas as situações o professor F. pede a colaboração e agradece depois da mesma estar resolvida” fez-me ganhar o dia! É que, romances à parte, eu acho que a grande qualidade do F. [PCE] enquanto presidente é mesmo esta capacidade de diálogo e sobretudo a sua capacidade de não ser mesquinho... acho que não há ninguém nesta escola que possa dizer que foi prejudicado pelo facto de não gostar do chefe ou do chefe não gostar dele... pelo contrário, se há

coisa que me tira do sério é vê-lo na altura da distribuição das horas a fazer malabarismos para ter horário para todos, mesmo para aqueles que na primeira oportunidade não hesitarão em espetar-lhe a faca nas costas e que eu acho que ele sabe que o farão... Já lhe tenho dito, meio a sério, meio a brincar “Enerva-me tanto que sejas tão boa pessoa...”

Terça-feira, 13 de outubro de 2015

Depois de um fim de semana em Lisboa, a segunda-feira é para esquecer... chegar tarde no domingo à noite e trabalhar à segunda às 8h 20’ devia ser proibido!

Apesar disso, ontem ainda tive tempo de organizar uma apresentação para a aula de 8º ano desta quarta-feira e organizar minimamente as coisas para a aula de 5º ano de hoje.

Surpresa das surpresas, chego à escola e o material audiovisual que tinha requisitado para a aula não estava pois a funcionária entrou de atestado e mais ninguém está autorizado a ir à sala de audiovisuais mexer no material... No fim das aulas fui ao conselho directivo (nunca mais perco esta mania de utilizar a antiga designação!) a fim de me resolverem o problema pois amanhã vou precisar de equipamento e não me apetece ter mais peripécias...

Entretanto, a tarde foi passada a ler e fazer sugestões para o Regulamento Interno e para o Projeto Educativo. É chato ter que ler documentos massudos, redundantes e basicamente... retóricos! Apesar disso, muni-me da minha maior boa disposição, li e fiz algumas sugestões que, duvido sejam aceites, acredito podem ajudar a melhorar alguns pontos.

Agora, segue-se uma reunião de conselho de turma de caracterização. Já conheço a turma desde o ano passado, este ano a turma está melhor pois dois elementos problemáticos saíram de maneira que não devo ir lá ouvir grandes novidades... Enfim, mais uma reunião para encher chouriços... depois aulas até às 11 e 30 da noite e amanhã mais duas reuniões: Uma de departamento (para a tal revisão destes documentos imprescindíveis ao funcionamento da escola!) e uma sobre procedimentos de segurança. Não sei qual das duas é mais inútil! A dos procedimentos de segurança é igual todos os anos: Lá irei aprender que em caso de tremor de terra devo colocar os meninos debaixo das mesas e agarrarmo-nos às pernas das ditas até o abalo passar; em caso de incêndio, patati, patata.... E como é óbvio se um dia houver uma situação a sério, entra tudo em pânico, foge cada um para seu lado, mas tivemos reuniões todos os anos para aprendermos normas que provavelmente muito poucos irão ter o

discernimento de usar. Falo por mim mas acho que isto se aplica à generalidade das pessoas...

Esta semana tenho que ver se finalmente consigo marcar a entrevista com a M. J. V. [PCP]... ainda não percebi se é mesmo falta de tempo ou se não lhe apetece; se é a última situação, poderia dizer-me claramente... acho que temos confiança uma com a outra para isso e eu escusava de andar a perder tempo...

Felizmente, a aula de 5º ano hoje foi muito divertida, com direito a alongamentos no final e tudo! Passo a aula a dizer que não quero que se espreguicem mas acho que para eles, espreguiçar é tão natural quanto respirar. Quando faltavam cinco minutos para a aula acabar, e como já tínhamos terminado as tarefas disse: “Bom, então agora vamos todos espreguiçar!” Primeiro ficaram meios espantados a olhar para mim mas perante a minha insistência lá se puseram de pé. Aí eu disse: “Pronto, vamos espreguiçar e depois disto já não quero ver mais ninguém a espreguiçar-se!” ao que o A., muito aflito me respondeu “Ó professora, mas eu não tenho preguiça...” “Não interessa, espreguiça-se na mesma” respondi-lhe. E acabámos a aula a fazer alongamentos e eles a rirem que nem perdidos!

A parte pior é que a turma tem uma menina que me parece muito complicada: tem dificuldade em fazer as tarefas que lhe são pedidas; atrasa-se com tudo, copia errado e quando dito informação em cada três palavras, escreve cinco erros! Tenho que falar com o diretor de turma para ver o que podemos fazer para ajudá-la. Felizmente a turma é pequena (quinze alunos) e nas aulas de 90’ posso dar-lhe algum apoio mas nas aulas de 45 já percebi que ela não consegue organizar-se para cumprir as tarefas...

Quarta-feira, 14 de outubro de 2015

Hoje a tarde será passada em reuniões; Auscultar as propostas dos colegas para o RIE e para o PEE e depois reunião sobre procedimentos de segurança... esta última uma verdadeira perda de tempo, mas enfim!

Por conveniência de serviço irie trocar a minha aula da noite com o meu par pedagógico e por isso, em vez de sair às nove da noite vou sair à meia-noite. Isto leva-me a uma reflexão sobre como é gerida a educação em Portugal. As áreas de competência dos cursos EFA foram pensadas para serem lecionadas em par pedagógico. Com a crise e consequente necessidade de poupar dinheiro, acabou-se com as aulas a par; os pares mantêm-se para planificar e gerir o decurso da unidade mas cada professor dá as suas aulas. Não se mexeu nos conteúdos... logo, há aulas em que o conteúdo a trabalhar me

passa completamente ao lado, o mesmo acontecendo com o meu colega. Assim, acabamos por trocar aulas muitas vezes para que cada um de nós esteja nas aulas cujos conteúdos estão ligados à sua área de formação. Se acabaram com as aulas a pares, não deveriam ter mexido também nos conteúdos e reorganizado as áreas de competência? Não é por nada, mas qual é a lógica de eu que sou de história ir dar uma aula sobre Fernando Pessoa e depois o C. que é de português dar uma aula sobre Modernismo nas artes plásticas? Enfim, a coerência era verde, veio um burro e comeu-a!

Hoje a aula de sexto ano foi bem divertida: os pequenos ficam sempre em pânico, a pensar que se o senhor padre não vier ficam com 90' de história... A esse propósito, diz-me a L. "Vai ficar connosco 90'?" e perante a minha resposta afirmativa "A professora é mesmo má!"; respondi-lhe com o meu ar mais sorridente "Má eu? Eu não sou má L.; eu sou péssima!". Ela riu-se e disse que estava a brincar, que eu até era fixe... enfim, é sempre bom ouvir um piropo.

Quinta-feira, 15 de outubro de 2015

Hoje lá tivemos a reunião de departamento para fazer propostas de alteração ao RIE e ao PEE... apresentei as propostas do meu grupo e ouvi as propostas dos outros... Basicamente estamos de acordo no essencial... Não se poder registar a falta de material como falta de presença; extrair dos textos aquilo que é mera repetição da legislação vigente; retirar os textos retóricos... Houve contudo uma proposta de um grupo que me deu logo para asneirar. "A escola precisa ter um lema"! Mas para que é que uma escola precisa de um lema? A escola não funciona se este não existir? Claro que aproveitei logo para abandalhar e sugerir lemas que não posso reproduzir aqui... O que vale é que os colegas conhecem-me de ginjeira e acabámos todos a rir até porque era uma proposta de um colega que a delegada de grupo trouxe ao departamento mas com a qual ninguém concordava. Faz-me muita confusão a necessidade que as pessoas têm de inventar coisas que não servem para nada, aquilo que eu vulgarmente designo por folclore pedagógico: Faz-se ou põe-se não porque tenha um sentido efectivo mas porque fica bem, porque a escola X também tem (este argumento então dá-me logo um ataque de nervos que nem dez caixas de Xanax resolvem)... enfim, porque é moda ou por qualquer outra razão extraordinária.

Saí da reunião e fui ao Conselho Executivo, onde tinha assuntos a tratar e aí tive uma surpresa muito boa: Encontrei o J.C. que me disse ter-se inscrito na nossa CdP! Fiquei muito contente porque o J.C. é uma pessoa com quem trabalho há anos na equipa

pedagógica do EFA, damo-nos muito bem e penso que vai ser uma boa aquisição... Esta semana terminam as inscrições, estou com alguma expectativa.

Segunda-feira, 19 de outubro de 2015

Hoje quando cheguei de manhã à sala de professores o C. R. [CFC] já tinha afixado a lista dos participantes na CdP; da secção masculina só ficou o P8, coisa que não me surpreendeu pois o P4 e o P7 por razões profissionais já me tinham comunicado não ter disponibilidade para continuar e da leitura dos diários e também da avaliação escrita que fizeram na última sessão, tinha percebido que o P2 e o P13 iriam ficar pelo caminho... As senhoras são umas resistentes e ficaram todas. O grupo está mais pequeno (seremos nove) o que me deixou um pouquinho triste... tinha alguma expectativa na entrada de algumas pessoas que o ano passado manifestaram interesse mas falta de disponibilidade e que tinham dito que possivelmente viriam este ano... também pensei que o C. se inscrevesse mas o desaguado que mantém com o P4 penso que se estende também à mulher (que permanece no grupo) e talvez isso o tenha afastado... Por um lado, tenho pena pois acho que ele seria um bom elemento, por outro lado penso que poderia ser problemática a relação com a P10, elemento que muito prezo e portanto talvez seja melhor assim: Um conflito entre membros da CdP é tudo o que não precisamos!

Enfim, seremos menos mas estou certa que iremos fazer um bom trabalho e se calhar, é como me disse a L. [PSOE] na entrevista... ela acha que eu deveria fazer uma maior divulgação deste projeto e ser mais proativa na captação de participantes... Eu não tenho muito jeito para essas coisas e sinceramente acho que aquilo que afasta as pessoas não é o desconhecimento: Umas não estão mesmo interessadas, outras porque não são propriamente minhas fãs e algumas manifestam interesse mas quando percebem que é um trabalho continuado ao longo do ano e que implica observação de aulas acham que é pesado...

Bom, hoje já enviei emails aos participantes para ver se conseguimos fazer o primeiro encontro ainda esta semana... estou desejando recomeçar...

Este ano não me irei esquecer de fazer uma folha para sessão a sessão os colegas irem registando os aspetos positivos e os aspetos negativos de cada encontro... Vou fazer um esboço de uma e enviar à minha orientadora para ver o que ela me diz.

Ah! Afinal hoje descobri que a F. que se inscreveu (e que tanta curiosidade me suscitou) é a P1! Como sempre a tratamos por A. ou A. F. quando o R. [CFC] me falou só em F. não associei à pessoa dela! Como diriam os meus alunos. Daaaah!...

Terça-feira, 20 de outubro de 2015

Acabei a leitura do diário do P8 e com ela a primeira volta da leitura dos diários; há diários que terei que voltar a ler já com olho clínico, no sentido de recolher e tratar os dados. A leitura deste diário esteve interrompida, à espera que ele me enviasse a tal parte que diz ter mas que andarà perdida num computador avariado... Como ele nunca mais a enviava, e a fim de não atrasar mais o trabalho, acabei por ler esta versão que o próprio não considera diário mas que eu acho tem muita coisa interessante para analisar. O P8 é daquelas pessoas com as quais à primeira vista não sinto afinidades: usa havaianas no trabalho, bermudas, é sempre muito informal, no facebook passa a vida a fazer posts com senhoras em trajes menores... enfim, é daqueles homens que eu classificaria de burgesso se não tivesse tido oportunidade de trabalhar com ele e conhecer outra faceta. Desde a primeira reunião de conselho de turma que tive com ele há sete ou oito anos fiquei logo com boa impressão dele. À medida que o tempo passa e que vamos trabalhando mais em conjunto, vou tendo oportunidade de reforçar a boa opinião que tenho dele. Considero-o um dos grandes pilares da nossa CdP e um excelente profissional. A leitura do diário dele só confirmou essa boa impressão que tenho e estou desejando entrevistá-lo.

Entretanto, fica adiada para a próxima semana a primeira reunião da CdP; o P8 vai à Madeira em formação e a P10 não pode no dia proposto. Já enviei um email aos colegas a propor a próxima terça-feira.

Entretanto quero ver se entre hoje e amanhã construo a grelha para entrevista aos participantes e também a grelha para avaliação de cada uma das sessões. Começo a ter uma vontade louca de fazer crochet o que significa que estou à beira de um forte ataque de procrastinação...

Hoje a aula do 5º ano foi muito engraçada. Estivemos a ler e sintetizar um texto do manual. Claro que eles acharam que escreveram imenso... Um deles disse: “Professora, já enchi uma página! Assim vou gastar o caderno....” Não pude deixar de sorrir e disse-lhe que o caderno era mesmo para gastar, caso contrário, não seria preciso comprá-lo.

Ainda na mesma aula houve outro episódio curioso: Estou sempre a chamar-lhes a atenção para o facto de não se deverem espreguiçar na aula. A esse propósito, na aula passada disse que à terça-feira, dia em que temos aula às 8h 20’, ia instituir cinco minutos iniciais para nos espreguiçarmos, é claro que hoje não me lembrei disso! A meio da aula, e perante o facto de alguns alunos estarem a espreguiçar-se de forma mais ou menos discreta, voltei a chamar a atenção e o D. disse-me. “Pois, a professora tinha

dito que hoje íamo-nos espreguiçar no princípio da aula e afinal não espreguiçámos...” Expliquei que me tinha esquecido e quando fosse assim que me lembrassem. Lá lhes disse então para se levantarem e lá estivemos a fazer alongamentos, riram imenso e depois continuámos o trabalho.

No final da aula, quando estava a guardar o diário de turma um aluno perguntou se quando não gostavam de uma coisa podiam escrever no diário; respondi que sim, que era para isso que o diário de turma servia, para escreverem o que gostam e não gostam e para fazerem sugestões e logo um aluno disse: “Hoje já não dá tempo mas na próxima aula vou escrever que não gosto de escrever tanto na aula!”

Acho que vai ser complicado até eles se habituarem ao facto de terem que escrever na aula... Quando fizemos o texto coletivo eles gostaram até porque usámos o computador e isso foi diferente para eles; hoje a estratégia foi ler em coletivo, comentar e depois escrever um texto que eu ditei a partir dos comentários deles e penso que isso não os motiva tanto...

Terça-feira, 27 de outubro de 2015

Hoje, tal como estava previsto, fizemos o nosso primeiro encontro; é claro que devido às circunstâncias, não preparei nada como queria mas achei que era importante não adiar e fez-se mesmo o seminário.

Acho que correu bem: As pessoas aderiram bem à proposta do blogue e aproveitámos para confirmar algumas decisões que tinham sido tomadas no encontro final do ano passado.

Gastei algum tempo com a questão da avaliação (a validação do projecto como acção de formação a isso obriga) mas depois da atitude da P1 o ano passado, achei que seria importante que os critérios fossem discutidos e clarificados em conjunto; curiosamente, durante a discussão, cordial mas viva, ela entrou muda e saiu calada...

Combinámos cada um trazer na próxima reunião uma grelha de observação de aulas, confrontar as diferentes propostas e construir uma grelha única para todos.

No final a P15 teve uma intervenção que me pareceu um pouco descabelada sobre como dinamizar aulas de matemática quando o acesso às novas tecnologias é tão limitado; bom, continuo a pensar (e disse-lho) que o dinamismo de uma aula não passa pelo acesso a TIC...

Quinta-feira, 29 de outubro de 2015

Hoje fiquei a saber que a questão que P15 colocou no final da sessão, afinal não era inocente... Parece que uma colega que integra a CdP e que é encarregada de educação de um aluno dela, ter-se-á queixado ao DT da falta de dinamismo das aulas de matemática...

Fiquei um pouco chateada por duas razões: Em primeiro lugar achei que a P15 não devia ter levado a questão para o encontro, ou pelo menos, tê-la colocado daquela forma supostamente “inocente”; depois, a última coisa que me apetece ter é que gerir conflitos dentro da CdP, sobretudo quando esses conflitos têm origem fora da mesma...

Terça-feira, 10 de novembro de 2015

Paulatinamente, as coisas vão voltando ao sítio...

Ontem, finalmente, enviei à minha orientadora a tabela com as categorias para as entrevistas aos membros da CdP; estou bem atrasada na recolha de dados mas acho que não vai ser nada...

Dia 23 teremos o nosso segundo encontro e até lá tenho que pensar numa proposta de grelha de observação, juntar nomes à lista para baptizar o blogue e continuar nas transcrições...

Quinta-feira, 19 de novembro de 2015

Afinal, não vai ser possível realizar a sessão prevista para dia 23; há um colega que por motivos de serviço tem que ir à Madeira e já somos tão poucos que não justifica reunir; é preferível adiar, vamos ver para quando.

Sexta-feira, 20 de novembro de 2015

Suspeito que vou ter uma baixa no grupo e é de peso... fico triste... às vezes penso que devia estar com um enorme ataque de loucura quando me propus levar a cabo este projecto. Porém, perante o apoio e entusiasmo de outros colegas, acho que vale a pena, nem que cheguemos ao fim só dois: Até parece aquela cantiga do Lopes Graça que diz “havemos de chegar ao fim da estrada”, neste caso não é ao som de nenhuma canção...

Segunda-feira, 23 de novembro de 2015

Tal como suspeitava, hoje, vinha a sair do Conselho Executivo e cruzei-me com a P9 que me disse que precisava falar comigo.

Comunicou-me que ia desistir pois está com um horário sobrecarregado e sente que não consegue estar em pleno na CdP. Por acaso já a tinha convidado para dinamizar uma das sessões e, simpaticamente, ela continua disponível para o fazer, só me pediu que não fosse já. Tenho muita pena da saída dela pois era um elemento discreto mas muito dedicado... pode ser que para o ano volte...

Terça-feira, 25 de novembro de 2015

Este ano chegou à escola um colega novo da Educação Especial. Hoje cruzei-me com ele à porta da escola e a propósito de me vir perguntar se o F. [PCE] estava na escola ou se eu sabia a que horas chegaria, acabámos a ter uma longa conversa.

Parece-me um tipo bem preparado, competente e com aquilo que do meu ponto de vista é uma perspetiva muito adequada sobre inclusão. Acabei a convidá-lo para ir dinamizar uma das sessões da nossa comunidade; ele ficou entusiasmado mas disse que considerava que eu deveria primeiro falar com a delegada de grupo dele (a I. O.). Eu nem sabia que havia delegada de grupo de EE! Este projeto tem-me feito aprender “bués” como diriam os meus alunos... Pareceu-me uma atitude muito correta ele não querer passar por cima da delegada e por outro lado até sugeriu que em vez de ir só ele, fosse toda a equipa já que há pessoas com especialidades diferentes.

Fiquei com muito boa impressão dele! Agora, resta-me falar com a I.O. e ver se conseguimos fazer uma coisa engraçada...

A forma como se trabalha a inclusão nesta escola (e quer-me parecer que na grande maioria das escolas) é assustadora: Em vez de se dar aos miúdos condições para aprenderem, reduzem-se os conteúdos, alteram-se os planos curriculares, definem-se critérios de avaliação ridículos e depois passam-se certificados a miúdos que saem daqui ao fim de nove anos de escolaridade completamente analfabetos... E chamamos a isto inclusão! Saem sem as menores condições de serem cidadãos de pleno direito... Acho que se tivesse um filho com NEEs punha esta gente toda em tribunal por maus tratos e negligência!...

Sexta-feira, 27 de novembro de 2015

Finalmente, conseguimos agendar a próxima sessão para um de dezembro (neste momento estou profundamente grata ao Passos Coelho por ter acabado com este feriado; se não fosse isso, não sei como conseguiríamos ter agenda em dezembro... dia 8 é feriado e depois na semana seguinte já está tudo focada nas reuniões de avaliação, nem vale a pena pensar em sessões da CdP...

Terça-feira, 1 de dezembro de 2015

Hoje tivemos a nossa sessão. Construimos a grelha para observação de aulas. Espero que consigamos arrancar a sério com a supervisão a partir de janeiro; isto este ano tem estado conturbado mas enfim, atendendo às circunstâncias até está melhor do que esperava... Também organizamos as coisas para o blogue. Ficou com um nome que acho um pouco possidónio (Aprender juntos, ensinar diferente) mas remete para o objetivo da comunidade, aprendermos uns com os outros para melhorar a nossa prática, e foi o que a maioria preferiu. A democracia às vezes é tramada...

Entretanto falei com a I. O. Para nos ir fazer uma comunicação sobre educação especial; a conversa foi interessante mas percebi que ela não tem vontade nenhuma de trabalhar *pro bono* coisa que compreendo lindamente mas que me deixou um pouquinho decepcionada... Depois da conversa com o J. e da sua proposta da equipa de EE ir lá dinamizar um seminário, tinha ficado tão entusiasmada!... Enfim, tenho que respeitar mas é pena porque vários colegas tinham manifestado interesse em termos uma sessão sobre educação especial.

Terça-feira, 5 de janeiro de 2016

Tenho por hábito pedir aos meus alunos, no final de cada período, um registo escrito sobre a forma como decorreu o trabalho; regra geral, dou alguns tópicos, tais como i) actividades que mais gostei e porquê; ii) actividades que menos gostei e porquê; iii) se pudesse, o que mudaria na forma de organiza as aulas; iv) tarefas que considerei fáceis e porquê; v) tarefas que considerei difíceis, porquê; vi) trabalhos/ actividades que considero úteis... enfim, alguns tópicos que os ajudem a organizar o pensamento.

Este ano, com a turma de 5º ano, por motivos que me ultrapassaram não consegui fazer a actividade no final do período, pelo que optei por fazê-la hoje.

Desde logo, fiquei surpreendida porque não tinha uma percepção muito clara daquilo que os alunos sentiam em relação ao método de trabalho e, felizmente, o *feedback* foi positivo.

Por outro lado, reparo que há alunos com enormes dificuldades em organizar e pôr por escrito aquilo que pensam; houve vários casos de alunos que precisaram de quarenta e cinco minutos para redigir um parágrafo, ainda por cima de qualidade duvidosa. Mesmo os alunos com mais facilidade em exprimir-se têm dificuldades em ir além do mero registo descritivo; isto é, dizem daquilo que gostam ou não mas quando chega à justificação, raramente se passa do “porque sim” ou “porque não”.

Isto deixa-me preocupada, porque as competências de leitura e escrita são fundamentais para o bom desempenho nesta disciplina mas por outro lado, acho que tenho um belo desafio entre mãos...

O trabalho académico continua em câmara lenta e isso começa a fazer soar campainhas... tenho que colocar um limite para concluir as entrevistas e respectiva transcrição ou isto não vai acabar bem...

Quinta-feira, 7 de janeiro de 2016

Ontem consegui falar com o A., nosso coordenador TIC, para me ajudar a lançar o blogue. É uma coisa que me entusiasma pois acredito que criará maior interação entre os membros da CdP e também penso que poderá fazer com que o nosso trabalho chegue a mais gente, sobretudo na nossa escola.

Encontrar-nos-emos amanhã de manhã e falei com os restantes colegas que queiram estar presentes; acho importante que todos participemos, dado opinião sobre o layout e outros aspetos relevantes.

Entretanto hoje na aula de 5º ano passou-se um episódio engraçado: Os alunos disseram que amanhã iam para a escola para ter apenas uma aula e o resto eram substituições. Como penso que estou um pouco atrasada, perguntei se concordariam que eu pedisse ao Conselho Executivo para ser eu a dar uma das substituições e assim teriam aula de história... É claro que disseram logo, pode vir dar substituição mas aula não professora; substituição é substituição! Isso assim é uma injustiça!

Isso mais uma vez deixou-me a pensar sobre as aulas de substituição e aquilo que devem ser; na minha ótica, deveriam servir para trabalhar conteúdos, fazer trabalhos, enfim, deveriam ser aulas para ensinar e aprender; aqui na minha escola, transformaram-se num espaço de brincadeira, sem qualquer utilidade. Se assim é, então

não é preciso ocupar professores; é preferível deixar a canalha gozar o “furo” à sua vontade, como era no meu tempo...

Depois falei disto ao F. [PCE] que me disse: Ninguém te manda ser democrática; dizias aos pequenos para trazerem o material de História e explicavas que ias falar com o Conselho Diretivo para dar conhecimento da situação... De facto, esta minha mania de achar que os alunos têm o direito de tomar decisões acerca da forma como se organiza o trabalho escolar às vezes não dá jeito nenhum...

Segunda-feira, 11 de janeiro de 2016

Hoje falei com a minha orientadora e acho que estou bem mais tranquila; não sei se vou conseguir entregar em dezembro mas por enquanto, a meta é essa...

Entretanto, sexta-feira, lançámos o blogue mas por enquanto só eu é que fiz duas publicações; uma delas teve reacção, mas para chamar a atenção para um pontapé na gramática que obviamente já corrigi. Estou tão entusiasmada com o blogue que gostava de ver os colegas a publicar e a reagir mais às publicações... mas também, o blogue ainda só tem quatro dias... vamos ver como evoluirá.

Acho que vou marcar sessão para a próxima semana; enviei um email no princípio do período, sugerindo às pessoas datas para o encontro, mas ninguém reagiu... vou tomar a iniciativa para não deixar arrastar para o final do mês...

Entretanto, continuamos em onda de transcrições de entrevistas, no meio de tudo o resto: aulas, burocracias do curso EFA, etc....

Terça-feira, 12 de janeiro de 2016

Hoje decidi enviar um email aos colegas, com duas propostas de data de realização do encontro: terça ou sexta-feira da próxima semana; vou ficar a aguardar as reacções para na quinta-feira tomar a decisão.

Alguns colegas reagem com rapidez mas há colegas que confessam consultar pouco o email... o que vale é que a escola é pequena, estamos sempre a encontrar-nos e isso permite ir falando...

Quinta-feira, 14 de janeiro de 2016

Do ponto de vista pessoal, este é um dia horrível.... Mas, *noblesse oblige*, tendo em atenção as reacções dos colegas, decidi marcar a sessão para terça-feira e estive a enviar emails, comunicando a informação.

Na próxima sessão pensei reflectirmos um pouco sobre a liderança dos professores e estive a traduzir parte de um capítulo que me pareceu interessante, com teste incluindo, sobre qualidades de liderança. Deu-me uma trabalhadeira, espero que eles na terça-feira apreciem...

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2016

A semana passada não foi fácil... Consegui agendar com o P7 a entrevista que realizamos hoje.

Ontem estive a reler o diário dele para retirar mais algumas notas e preparar melhor a entrevista; creio que a entrevista foi interessante mas acho que eu podia ter explorado melhor alguns aspectos que, só depois da entrevista terminada me ocorreram.

Tenho agora que agendar as restantes entrevistas (ainda faltam várias e queria despachá-las até ao carnaval; o problema é o estado de espírito que não está a ajudar muito...) Por outro lado, o trabalho é bom, porque obriga a reagir e não deixar que as coisas, pessoalmente, fiquem pior do que estão.

Nas aulas, as coisas correm mais ou menos; sinto que não estou a conseguir dar o meu melhor e a turma mais prejudicada tem sido a de 5º ano, à qual tenho faltado bastante. No período passado dei uma aula de compensação mas mesmo assim não chega... Como vou faltar a mais duas aulas de 45', tenho que pedir autorização para repor, se não, chego ao final do ano e o Vasco da Gama não chega sequer a sair do Restelo, quanto mais, chegar à Índia...

Hoje há muito trabalho para organizar pois amanhã teremos mais um dos nossos encontros, espero que corra bem, que as pessoas saiam satisfeitas, não dêem o tempo por perdido.

Não sei se foi uma boa ideia deixar que as pessoas se auto-organizassem para a supervisão de aulas; tenho impressão que anda tudo perdido.... Vamos ver o que me dizem amanhã...

Terça-feira, 19 de janeiro de 2016

Hoje o seminário foi muito divertido. Fizemos o teste sobre estilos de liderança e as pessoas gostaram bastante.

Depois, a propósito do blogue acabamos a discutir a forma como na nossa escola se valorizam umas disciplinas em detrimento de outras e como as atividades de complemento curricular são encaradas. O P16 teve uma contribuição muito interessante; penso que foi mesmo uma boa aquisição para a nossa comunidade.

Entretanto, constatei que estamos muito desorganizados com os ciclos de supervisão (ainda ninguém fez nada) e isso preocupa-me... A ver se conseguimos organizarmos rapidamente...

Segunda-feira, 25 de janeiro de 2016

Hoje tive mais uma baixa, e de peso: O P16!... Pediu-me muita desculpa, que até estava a gostar da formação mas está completamente apaixonado pelo seu pimpolho e com pouca capacidade de se concentrar noutras coisas... É verdade que quando se inscreveu me falou logo na hipótese de, após o nascimento do Joãozinho, abandonar a formação, coisa que eu achava que iria acontecer... Só que, como veio à última sessão (primeira após o gozo da licença de paternidade), fiquei convencida que ele ia ficar... enfim...

De qualquer forma, teve uma intervenção na sessão muito pertinente e como é coordenador das actividades de complemento curricular, fiquei com vontade de o entrevistar, incluindo-o na categoria dos detentores de cargos de gestão intermédia; falei-lhe nisso e mostrou-se disponível pelo que, pelo menos não se perdeu tudo.

Entretanto, também hoje, falei com a P9 para ela ir dinamizar a nossa próxima sessão, apresentando um trabalho que fez sobre cultura profissional de professores; agendámos para a sessão de fevereiro (que será a próxima); vamos ver se conseguimos coordenar as datas. Nesta fase somos tão poucos que não me posso dar ao luxo de marcar seminários em dias em que não possamos estar todos, sob pena de isto se tornar uma coisa sem sentido.

Na passada quarta-feira a P6 foi observar a minha aula de 8°C. Era uma aula de estudo autónomo e eu fico sempre a pensar o que acharão as pessoas desta forma de trabalhar. Foi engraçado porque a aula correu muito bem e o *feedback* dela foi muito positivo. É claro que há sempre alunos que conseguem passar pelos intervalos da chuva e fingir que trabalham... eu ando de mesa em mesa, é-me difícil ter a percepção de tudo o que se passa (desde que não haja barulho). Ela como observadora pode ver coisas que eu não vi

mas acabámos por concordar que mesmo quem trabalha com o método simultâneo não consegue controlar todos os alunos em todos os momentos da aula.

Agora tenho que escolher uma colega para ir observar; gostava de ir a uma disciplina mais prática, do género da educação física ou tecnologias mas acho que essas colegas já foram observadas... tenho que ver.

Ando um bocadinho desanimada com o blogue pois até à data só eu é que tenho feito postagens; não sei se é falta de tempo, mas a verdade é que no Facebook as mesmas pessoas são bastante activas... vamos ver como vai evoluir; também ainda nem sequer passou um mês.

As entrevistas continuam atrasadas e as transcrições, idem. Também estou a passar uma fase difícil em que tento usar o trabalho para me distrair mas a verdade é que há dias em que o meu cérebro vai passar o dia ao Ilhéu da Cal e não consigo fazer mesmo nada...

Tenho mesmo que me organizar pois quero ter as entrevistas todas feitas até ao carnaval e faltam duas semanas...

Terça-feira, 26 de janeiro de 2016

Hoje finalmente, consegui agendar a entrevista com o P4; não por responsabilidade dele, claro! Primeiro, depois de ler o diário dele achei que iria ser uma entrevista difícil, devido às posições muito críticas que tem em relação à direcção da escola e particularmente ao F.[PCE]. Depois chegámos a falar da entrevista ainda no primeiro período mas depois com todas as peripécias ocorridas fui eu que não estive disponível: finalmente amanhã será!

Entretanto já percebi que dificilmente terei as entrevistas completas até ao carnaval mas do final de fevereiro não pode passar (até porque este fevereiro tem mais um dia... não há desculpas...)

Quarta-feira, 27 de janeiro de 2016

Finalmente fiz a entrevista ao P4 e foi engraçado porque foi tudo ao contrário daquilo que eu estava à espera. A entrevista decorreu de forma muito descontraída. Falámos bastante em off (antes e depois). Tudo porque ele começou por me perguntar o que eu achava das medidas do novo ministro, designadamente a supressão dos exames. Conversámos um pouco sobre isso, a utilidade dos exames; ele ficou um pouco (pareceu-me) admirado com a minha postura pois eu concordo com a extinção dos exames, até mesmo no nono ano; já sobre a introdução à pressa das provas ditas de

aferição, acho mal; primeiro porque me parece que devem ser em final de ciclo e segundo porque creio que suprimir exames não causa grande transtorno mas introduzir novas provas em anos nos quais não se contava com elas mexe com muita coisa, inclusivamente com o calendário escolar. Penso que foi uma medida folclórica para dar a ideia de que “Suprimimos os exames mas isto não é nenhuma bandalheira!” e tiram-se da cartola provas de aferição (a propósito disto li a outra semana um excelente artigo do David Justino) para mostrar que há provas e que isto é sério e exigente... Não há pachorra!

Ontem entrevistei a L. [PSOE], psicóloga da escola e foi uma entrevista muito interessante. Eu e ela temos muitas afinidades acerca daquilo que deve ser o trabalho em sala de aula e tenho pena que ela tenha deixado de frequentar os Conselhos de Turma (só vai em situações excepcionais) porque penso que a presença e as sugestões dela poderiam ajudar a mudar alguma coisa. Na entrevista ela explicou porque tinha deixado de o fazer e percebo o seu ponto de vista. Ir para reuniões onde se percebe que as pessoas não estão disponíveis para mudar nada e que o melhor é continuar tudo na mesma e depois dizer que os resultados são maus porque os meninos não estão motivados, as famílias não querem saber e até o cão e gato têm responsabilidade na coisa, deve ser de facto muito frustrante... Eu própria, só vou lá porque sou obrigada e, excepto em raríssimas ocasiões, já levo comida que é para entrar muda e sair calada... eles falam, eu ouço e como chocolates e na minha aula mando eu!

Segunda-feira, 1 de fevereiro de 2016

Hoje a P14 veio assistir à minha aula de 5º ano e foi muito engraçada a conferência pós observação.

No ano passado ela tinha assistido a uma aula em que os alunos estavam a fazer projectos; hoje assistiu a uma aula de trabalho colectivo, mais próxima do modelo simultâneo. No final disse-me “Não leve a mal, mas eu gostei muito mais da aula deste ano! É um tipo de aula com o qual me identifico mais...” Achei piada e obviamente não levei a mal. A conversa subsequente foi muito interessante e ela fez-me alguns reparos pertinentes.

De facto, eu acho que esta rapariga, pela sua timidez (e também pela baixa auto-estima profissional que confessa ter), acaba por parecer menos interessante do que realmente é. Penso que se não fosse tão tímida poderia ter uma participação bem mais ativa na nossa comunidade.

Amanhã vou assistir a uma aula da P10 e acho que vai ser giro porque é uma área totalmente diferente da minha (Educação Física)...

Terça-feira, 2 de fevereiro de 2016

Hoje, numa daquelas conversas de sopeiras tão características da sala de professores, fiquei a saber que não tenho perfil para ser professora do 2º ciclo, que grito muito e falto muito... Curiosamente, falto para tratamentos médicos (1 vez por mês, 45') e tenho o cuidado de repor a aula... Está-me a apetecer mandar um recadinho na caderneta... não sei se o faça ou se pura e simplesmente ignore olímpicamente esses mexericos (não era bem ignorar olímpicamente que me apetecia escrever, mas enfim, o contexto não permite a utilização do vernáculo que o assunto merece!)

Ir assistir à aula da P10 foi de facto uma experiência muito interessante e até contribuiu para ficar com uma outra imagem da disciplina. No final da aula falámos um pouco sobre isso; Como é importante para estes miúdos terem um espaço de movimento e liberdade que só aulas deste tipo permitem e como a disciplina tem vindo a ser desvalorizada no currículo. Como terminou ao último tempo da manhã, deixámos a conferência pós-observação para outro dia pois há hora de almoço ninguém está para conferências.

Entretanto, fiquei contente pois ontem, finalmente alguém fez um post no blogue! É um link para uma entrevista com o Joaquim Azevedo (que ainda não tive tempo de ler) mas acho que é um princípio... já estava a desanimar um pouco... (É verdade que ultimamente desanimo facilmente e tenho que fazer um enorme esforço para levar tudo isto adiante; mas também se não fosse o trabalho e o projecto, acho que estaria bem pior... O trabalho é uma boa terapia!)

Sexta-feira, 19 de fevereiro de 2016

Hoje entrevistei o P8 e foi uma conversa muito agradável. Foi das entrevistas mais extensas mas nem pareceu... penso que o P8 é um elemento super válido e continuo a achar um desperdício ele não fazer uma formação especializada que lhe daria uma outra capacidade...

Entretanto falámos da questão do encolhimento da comunidade (poderíamos fazer uma espécie de remake do Querida encolhi os miúdos intitulado “Querida, encolhi a comunidade”) e de convidarmos pessoas de fora para fazer comunicações. Isso para mim é uma coisa que faz sentido pois temos já um bom lote de professores com

formação especializada que poderiam partilhar os seus saberes e pô-los ao serviço da escola mas que a escola continua a ignorar olímpicamente: Por outro lado, trazer pessoas externas permite que elas nos vejam, saibam da nossa existência e possam motivar-se e até motivar terceiros para se juntarem a nós. Para além da P9 que é neste momento um elemento externo mas para este efeito não conto como tal, já pensei na R. e em alguém da educação especial. A ver vamos...

Terça-feira, 23 de fevereiro de 2016

Hoje no nosso seminário a P9 foi apresentar uma comunicação sobre cultura profissional de professores. Esta comunicação é o resultado da monografia que ela fez para uma pós-graduação em administração escolar. Não posso dizer que tivesse ouvido nada de novo mas a sessão foi interessante e os colegas foram bastante interventivos; deu para perceber que o tema agradou. Além disso, tivemos uma estreia: Pela primeira vez um elemento externo foi assistir a um dos nossos seminários!

Acho muito importante que as pessoas que vão fazendo estas coisas tenham oportunidade de as divulgar até porque, entre outras coisas, penso que pode servir de motivação para os colegas se envolverem eles próprios em processos de formação especializada. Também me faz um pouco de impressão que estes docentes são sejam mais bem aproveitados pela escola...

Segunda-feira, 29 de fevereiro de 2016

Finalmente hoje consegui agendar a entrevista com a M. J. [PCP] para de hoje a uma semana!

De resto, “a oeste nada de novo”...

Quarta-feira, 2 de março de 2016

Hoje, à entrada da aula de 6º ano, uma aluna pergunta-me: Professora, é do Benfica, do Sporting ou do Porto? ao que eu respondi: Sou da Académica. Imediatamente, os alunos à volta, começam num alarido: Da Académica professora?! E incrédulos, enquanto entrávamos para a sala, repetiam a pergunta, alguns afirmando que isso não podia ser. Já sentados e a prepararem-se para escrever o sumário, uma aluna pergunta, meia incrédula: Professora, mas porque é que a professora é da Académica? Então respondi (e esta história é absolutamente verdadeira): Porque no dia em que eu nasci, a

Académica jogou com o Benfica e ganhou 1 a 0. Os alunos em coro: Ó professora, mas isso já foi há muito tempo!

Quarta-feira, 9 de março de 2016

Finalmente consegui entrevistar a M. J. V. [PCP]! E até foi uma entrevista engraçada à parte ela tratar-me pelo nome quando usualmente usa o diminutivo e por você quando desde sempre nos tratámos por tu... Esta mudança de comportamento deixa-me a pensar até que ponto a entrevista não pode estar enviesada até porque houve alturas em que senti que ela poderia estar a sentir-se examinada, com necessidade de evidenciar conhecimento... Preocupações à parte, foi das poucas pessoas que tinha pelo menos uma noção da existência da comunidade e de como funciona. Por outro lado, fez algumas observações sobre o funcionamento da escola que considero pertinentes e que enquanto membro do conselho pedagógico espero que ela consiga pôr em prática... por exemplo, rentabilizar melhor a interrupção letiva da escola entre as 13h 30' e as 15h; o facto de não haver aulas não significa que a escola encerre e que não possam funcionar outras atividades, designadamente reuniões.

Quinta-feira, 7 de abril de 2016

Ontem, pela primeira vez na minha vida, tive que pôr na rua três alunos do ensino de adultos!!! Estou que nem posso! É verdade que eles são adultos na idade cronológica, a idade mental está bastante aquém; são miúdos que o ensino regular excluiu, que ainda andaram pelos CEF mas acabaram no EFA. Vêm para as aulas exactamente com o mesmo espírito infantil dos pequenos no terceiro ciclo. Resumindo, ontem, na aula, em vez de estarem a fazer o trabalho em curso (elaboração de um folheto sobre primeiros socorros) apanhei-os a ver pornografia na net! Não podia fazer de conta que nada se passava e confesso que fiquei mesmo irritada. Acho uma falta de tudo e mais alguma coisa (respeito por si próprios e pelo outro, educação, senso...) fazerem esse tipo de coisa numa aula; só não lhes dei com um objecto contundente no alto da cabeça porque além de não ter o objecto não o poderia fazer mas vontade não me faltou. Além disso, ainda vou ter que comunicar ao coordenador do curso... Dão mais trabalho que os pequenos do dia.

Entretanto, tinha pensado fazer o próximo encontro da CdP na próxima terça-feira mas a P10 alvitrou, e bem, que seria melhor termos mais uma semana para desenvolvermos o trabalho entre pares. Um dos grandes problemas que estamos a sentir é a dificuldade de

conseguirmos conciliar os nossos horários; a maior parte de nós tem aulas em simultâneo e isso dificulta as assistências...

Também estou um pouco desiludida com o blogue; as pessoas participam pouco. Não só não fazem postagens como não reagem às que são feitas... A minha última postagem foi sobre avaliação e pensei que reagissem mas não... Os colegas limitam-se a postar links para entrevistas ou documentários mas escrever e reflectir sobre a prática... nada! Penso que isto é uma dificuldade geral; a Ivone Niza, num email recente também falava desta dificuldade que temos em escrever sobre as nossas práticas... A ver vamos, pode ser que o blogue ainda venha a ter uma atividade interessante. Nos emails que envio aos colegas, comunicando informações várias, coloco sempre um *post scriptum* a lembrar o blogue e o como seria útil e interessante irmos reagindo às postagens e postarmos as nossas próprias reflexões; água mole em pedra dura...

Sexta-feira, 8 de abril de 2016

E hoje foi o final de uma semana de loucos, graças a deus! Trabalhar três dias até à meia-noite com aulas de manhã no dia a seguir... reunião com os pais de um aluno que acham que eu persigo a criança... primeira semana após as férias da Páscoa, a tentar organizar o nosso primeiro encontro do terceiro período... reunião de grupo na qual tenho a sensação de andar a ser aldrabada quanto ao cumprimento das planificações, mas que posso eu fazer?... Para cúmulo, confirmo com o F. [PCE] que há uma forte probabilidade do encerramento do ano lectivo ser antecipado para 9 de junho! São duas semanas de aulas a menos para os 7º, 8º e 10º anos e também para a minha turma de 5º. Será que ninguém no ministério da educação tem noção do que significa dizer a um professor, nesta altura do campeonato, que vai ter menos duas semanas de aulas?! Não sei como vou arrumar a planificação de 32 aulas em 26... E nós ainda temos o desporto escolar na penúltima semana de maio... os pequenos vêm completamente eufóricos e basicamente entra na última semana útil de trabalho... Como me respondeu o F. [PCE] com alguma ironia “por mim, podem acabar o ano lectivo já em maio” e de facto, quase que mais valia...e como se não bastasse, frio, nevoeiro e chuva todos os dias... Parece que o anticiclone dos Açores veio passar férias ao Porto Santo!!!

Segunda-feira, 11 de abril de 2016

Depois de algumas tentativas, e seguindo o conselho da P10 para que pudéssemos ter tempo de fazer algumas sessões de supervisão, decidi propor aos colegas, e foi aceite, a data de 19 de Abril para o nosso primeiro encontro deste terceiro período. De facto, uma das grandes dificuldades que temos é a coordenação de horários, quer para nos observarmos em sala de aula quer para os encontros mensais...

Terça-feira, 12 de abril de 2016

Hoje vou assistir a uma aula da P1; estou com alguma expectativa pois trata-se de TIC e imagino que deva ser uma aula com grande participação dos alunos.

Ontem o P8 confirmou-me que afinal a SRE decidiu mesmo encurtar o ano letivo. Eu só acredito quando vir no papel mas se o P8 disse é porque já deve ter recebido a comunicação oficial. Estou tão irritada que nem sei o que dizer... Têm a mania de querer ser diferentes e fizeram um calendário mais prolongado que o do continente; resumindo, agora, nesta altura do campeonato, vá-se lá saber porquê, decidiram adotar o calendário do continente... Não estou a ver como consigo cumprir aquilo que planifiquei... Não sei onde tirar aulas mas a verdade é que vou ter que o fazer; aquilo que estava planeado para 32 aulas vai ter que caber em 26... com o 2º ciclo então não imagino como vou dar a volta a isto. Será que ninguém naquela secretaria alguma vez deu aulas?! Será que têm consciência do que é, já depois de iniciado o terceiro período, dizer a um professor “agora tens menos duas semanas”?! Enfim, o mundo não vai acabar e os pequenos também não morrem se o Vasco da Gama ficar a caminho da Índia...

O projecto do Yoga na Escola está a revelar-se um verdadeiro fracasso! Ontem só apareceu um aluno... A L. [PSOE] acha que os miúdos não aderem por preconceito... eu não sei o que hei-de pensar... Quando dinamizámos a atividade de divulgação até tivemos um grupo razoável, agora não aparecem! Bom, pode ser que para o ano seja melhor.... Para este ano já não tenho grande expectativa.

Quarta-feira, 13 de abril de 2016

Ontem achei interessante a aula da P1. Há alguns pontos que vou querer conversar com ela, designadamente, quando manda fazer tabelas porque dá aos alunos todas as orientações do género, cinco colunas, três linhas, títulos aqui, definições acolá... Penso que seria melhor dar aos alunos a liberdade/ possibilidade de decidirem como organizam a informação... Outro aspeto que reparei é que ela deu uma explicação sobre a origem de determinadas palavras completamente errada: Como não tinha a certeza, sem referir do que se tratava, perguntei ao C. e confirmei a minha impressão: Na conferência pós observação não sei se deva abordar esse aspeto. Por um lado, parece-me grave que um professor ensine disparates aos alunos, por outro lado ela é muito susceptível e terei que arranjar uma forma bem subtil de abordar a questão com ela...

Sexta-feira, 15 de abril de 2016

Ontem em conversa com o P8, e uma vez que a R. ainda não está disponível para ir fazer a sua comunicação sobre avaliação de escolas, decidimos que o P8 iria na nossa próxima sessão apresentar o balanço das avaliações do segundo período para reflectirmos; penso que poderá ser interessante. Vou sempre pedindo aos colegas que apresentem sugestões de temas para debate mas raramente propõem alguma coisa...

O blogue também não tem tido muita participação, apesar dos meus posts um pouco provocadores... Fiz um sobre a questão das classificações que esperava desse alguma agitação mas não!...

Terça-feira, 19 de abril de 2016

A sessão de hoje foi muito animada. O P8, tal como combinado, apresentou o balanço da avaliação do segundo período (apenas do 2º e 3º ciclos) e foi uma animação. Ultrapassámos a hora prevista e nem tivemos tempo para reflectir sobre as observações realizadas. Por um lado, ainda bem pois ainda não fiz a conferência pós observação com a P1...

Contudo, estou um pouco desiludida porque acabámos a falar muito das características individuais e das situações pessoais dos alunos e pouco sobre os resultados menos bons e como melhorá-los. Porém, acho que as pessoas saíram satisfeitas por terem um espaço onde podem dizer o que lhes vai na alma... embora esse não seja o objectivo (pelo menos o principal!) da CdP.

Esta semana vou para Lisboa! Vai ser uma animação e ao mesmo tempo uma semana louca (ou aquilo que resta dela) pois vou 5ª feira de manhã e tenho mil coisas para organizar...

Quarta-feira, 20 de abril de 2016

Hoje o P8 cravou-me para colaborar com ele na Semana da Europa; claro que disse que sim! O jeito que eu tenho para arranjar sarna para me coçar já merecia um prémio! O P8 vai organizar uma espécie de viagem pela gastronomia dos países que integram a UE e pediu-me para fazer qualquer coisa... Já sei que os colegas dos grupos de línguas vão colaborar pelo que Alemanha, França e Inglaterra são países a excluir... Vou procurar na minha bibliografia culinária países e petiscos fáceis para escolher um ou dois...

Terça-feira, 26 de abril de 2016

Nada como um fim de semana prolongado passado em Lisboa para animar as hostes! Agora há que regressar ao trabalho... Está tudo mais que atrasado... Entretanto já fiz algumas tentativas de fazer a conferência pós-observação com a P1 mas ela arranja sempre uma desculpa... Já passaram 15 dias, um dia destes já nem faz sentido reunir... Isto, associado à dificuldade que temos de organizar as aulas assistidas, tem-me feito pensar se vale a pena para o ano manter as aulas assistidas...

Reparo que nas conferências pós observação as pessoas tendem a evitar observações menos simpáticas. Dizem-nos sempre que a aula foi espetacular, maravilhosa, que correu tudo como previsto e às vezes acontecem estes casos em que se faz a observação mas não se faz o que é realmente importante que é dar feedback daquilo que foi observado.

Percebo que há questões sensíveis e que se calhar não existe muito à vontade para fazer determinadas observações sobre aquilo a que se assistiu. Eu própria ouvi a P1 dizer uma tremenda patetice na aula, sobre a etimologia de palavras ligadas à informática e não sei ainda como irei abordar essa questão sem criar melindres. Contudo, se estas observações não servirem para nos ajudar a tomar consciência dos nossos pontos fracos e a procurarmos formas de os minimizar, então servem para quê?!

Ainda noutro dia o P8 me contava que tinha sido observado numa aula em que ele próprio tinha consciência da ocorrência de alguns episódios críticos e a colega que o observou terá gabado muito todo o seu desempenho, sem referir esses aspetos menos bons.

Eu sei que nós não temos uma cultura de avaliação que nos permita encarar as observações dos colegas de forma natural. As pessoas estarem envolvidas neste projeto já é, na minha perspetiva, um sinal de disponibilidade bastante grande mas temos que fazer um esforço para mudar isto, para perceber que a crítica é formativa, para nos ajudar a melhorar e não para nos diminuir aos olhos dos outros e aos nossos próprios olhos. Mas se calhar já estou a pedir muito; é o segundo ano de trabalho e as formas de pensar e agir não mudam de um dia ao outro ou só porque nos envolvemos num determinado projeto.

Sexta-feira, 29 de abril de 2016

Afinal, a ideia de antecipar o encerramento do ano letivo parece que não vai para diante, felizmente! Sempre me pareceu uma coisa completamente absurda, alterar o calendário letivo já com o terceiro período a decorrer...

Entretanto, constatei que já há algum tempo coloquei no blogue um texto sobre as aulas de substituição; só a P10 reagiu... Acho que o blogue não está a resultar... vamos ver, pode ser que entretanto as coisas mudem...

Também ainda não fiz a conferência pós observação com a P1... ando cheia de trabalho e um pouco desorganizada...

Tenho que começar a pensar na data da sessão de maio mas acho que vou propor que seja na semana após o Desporto Escolar; até lá há uma série de coisas, a P10 é coordenadora do DE e vai estar super ocupada; não vale a pena sobrecarregar as pessoas...

Quarta-feira, 11 de maio de 2016

Hoje finalmente consegui convidar a R. para ir à nossa comunidade apresentar o trabalho de mestrado dela sobre avaliação de escolas. Não tem directamente a ver com práticas de sala de aula mas neste momento que anda tudo mobilizado pelo processo de avaliação de escolas penso que pode ser uma comunicação interessante. Além disso, faz parte da “minha cruzada” de dar visibilidade aos colegas e respectivos trabalhos que se deram ao trabalho de fazer formações especializadas. Penso que na escola estas pessoas, que já não são assim tão poucas, não estão a ser devidamente aproveitadas... Faz-me confusão que na comissão de avaliação a R. que estudou sobre o assunto esteja fora e em contrapartida pessoas que não percebem patavina do assunto, apenas estão cheias de

patranhas e senso comum estejam na dita comissão só porque são membros do conselho pedagógico. Acho que temos mesmo que repensar esta forma de organizar a escola...

Terça-feira, 21 de junho, de 2016

Hoje ouvi esta pérola da boca da P1 na sala de professores: “Tenho que falar com o F. [PCE] pois quero voltar para o meu grupo; comigo disciplinas teóricas já não dá!...” Passo a contextualizar, a colega é do grupo de Inglês, esteve durante vários anos no grupo de Informática e este ano, por falta de horários, voltou ao seu grupo de origem (inglês). E eu pergunto, desde quando uma língua é uma disciplina teórica?! Ainda por cima, tendo estado nas TIC com tantos recursos e com tantas APPS que existem hoje para o ensino das línguas, como se pode achar que uma aula de língua é uma aula teórica?! Perdoa-lhes Pai que não sabem o que dizem...

Depois é engraçado constatar que nos seminários da comunidade ela tem um discurso e depois no dia a dia a sua prática e forma de estar parecem contrariar esse discurso... Acabamos por nunca fazer a conferência pós observação pois ela arranjou sempre uma forma de fugir-lhe. Chegou a um ponto em que deixei de falar no assunto pois até para mim já era constrangedor...

Segunda-feira, 27 de junho de 2016

Este ano parece que nunca mais acaba... felizmente só fui recrutada para dois serviços de exames. Odeio o serviço de exames! E então desde que o Crato pôs contínuos a vigiar exames para furar a greve dos professores ainda me irrita mais toda a solenidade à volta da coisa: Reuniões para leitura da Norma (como se não pudéssemos ler sossegados em casa!), formalismos de todas as espécies (por vontade da M. J. [PCP] nem de saltos altos poderíamos ir para o barulho dos saltos não incomodar os meninos... gostava de os ver a fazer exames na cidade universitária, com aviões a passar por cima de dez em dez minutos...). Dou comigo a dar largas ao meu espírito mais infantil: Levo os saltos mais barulhentos que tenho, entro nos corredores e dou bom dia ainda com mais vigor que de costume, levo coisas para comer... enfim, porto-me pior que os pequenos mas é a minha vingança do chinês...

Terça-feira, 28 de junho de 2016

Hoje estava a comissão de avaliação da escola quase toda (só faltava a M. J. [PCP]) reunida no gabinete do P8. Passei lá e invariavelmente acabámos a falar sobre o questionário de avaliação da escola. Eu disse que um dos pontos negros que tinha apontado era a questão das aulas de substituição e o A. [CC1] disse que nos questionários dos pais esse problema também surge de forma recorrente. Aí tive uma ideia e perguntei ao P8 o que é que ele achava da nossa CdP elaborar uma proposta com uma estratégia para as aulas de substituição. O P8 e o P7 disseram logo que era uma boa ideia já que se trata de um problema que há anos vem a ser discutido nos pedagógicos, muita gente faz críticas mas ninguém apresenta propostas... Fiquei muito entusiasmada pois acho que era bom que a CdP pudesse ter um contributo maior na vida da escola.

Vou mandar um email aos restantes colegas para que reflectam sobre o assunto e, caso estejam de acordo, comecem a pensar em propostas para discutirmos na nossa próxima sessão!

Quarta-feira, 29 de junho de 2016

Hoje falei com o P8 sobre a possibilidade de continuarmos ou não para o ano. Foi muito animador. Disse que apesar de sermos poucos o trabalho era muito importante. Referiu também que não percebe por que é que as pessoas não aderem mais. Até deu como exemplo um convite que terá feito ao M. para ele vir para a comunidade mas que apesar deste achar interessante não manifestou interesse em aderir. De facto, é extraordinário porque muitas pessoas comentam que é interessante, que é um trabalho muito válido, quando fiz as entrevistas aos órgãos de gestão intermédia, toda a gente elogia muito a comunidade (curiosamente alguns começaram por dizer que nem sabiam bem o que isso era...) mas na verdade, as pessoas não aderem.

Já tenho pensado que isso também pode ter a ver comigo; na escola nem toda a gente morre de amores por mim e depois a minha associação ao F. [PCE], por um lado tem vantagens, por outro não. Os que não gostam dele (são poucos e raramente assumem) por arrasto, também não gostam de mim... Azar deles, nem sabem o que perdem!... O P8 acha que não, que não é por aí... E de facto, as pessoas podiam até nem querer vir para esta comunidade por minha causa, mas olharem para o nosso exemplo e pensarem “Ó pá, se aqueles se juntam para aprender um pouco mais, nós também podemos organizar um grupo similar para aprendermos sobre o que nos interessa”, mas não, continua tudo a lamentar-se da falta de acesso a formação contínua mas não fazem

nada... Eu penso que até podia ser uma coisa ao nível dos departamentos; cada departamento poderia organizar-se como uma comunidade de prática e assim ultrapassar a lógica de funcionamento burocrático que, infelizmente, existe aqui na escola...

Também sei que as aulas assistidas são um obstáculo para muita gente; para o ano, se continuarmos, teremos que equacionar a continuidade da supervisão, até porque este ano falhou um bocado...

Bom, veremos o que vai acontecer, mas lá que estou desanimada estou... o que me vale são as conversas com o P8...

Segunda-feira, 25 de julho de 2016

Ontem foi a nossa última sessão do ano! Estava difícil agendar a coisa... reuniões, reuniões de recursos, serviço de exames, relatórios de avaliação (no meu caso além de fazer o meu ainda que ler os dos outros), enfim, as múltiplas tarefas inerentes ao fim do ano letivo (algumas delas de utilidade discutível) e estava a ver que não conseguia uma data para nos juntarmos todos! E somos só sete... se fôssemos os doze do ano anterior acho que vínhamos cá em agosto!

Aprovámos uma proposta sobre dinamização das aulas de substituição para enviar ao pedagógico; à hora que estou a escrever eles devem estar lá reunidos, vamos ver como reagem... estou em pulgas... Quem apresenta a proposta em nome da comunidade é o P8 que por ser coordenador de ciclo tem assento no pedagógico. Contra os meus princípios, falei vagamente da proposta ao F. [PCE], espero que ele a apoie; o F. [PCE] tem grande poder de influência no Conselho Pedagógico, espero que a use a nosso favor... é que acredito mesmo na valia da proposta!

Contrariando o que eu esperava, a maior parte das pessoas gostaria que a comunidade continuasse a funcionar; apenas uma colega manifestou indisponibilidade, não porque não gostasse de continuar mas porque para o ano um dos filhotes vem para o segundo ciclo e ela estará mais ocupada e portanto sem tempo para a comunidade.

Mas o momento alto de ontem foi mesmo o jantar de encerramento. Como foi combinado em cima da hora, mesmo no final do encontro e eram dez da noite e não tínhamos marcação em lugar nenhum, optámos por ir ao Cabeço comer uns pregos e beber umas cervejas... A meio do jantar, deu-se o momento alto quando a P14 se saiu a dizer: “Eu imaginava a P12 uma pessoa tão diferente... Pensava que era arrogante, com a mania, agressiva... até tinha medo de si... estes dois anos revelou-se uma pessoa tão diferente!...”

Rimos todos a bandeiras despregadas! Mas depois fiquei a pensar naquilo... já não é a primeira vez que me dizem que nas distâncias curtas sou bastante diferente... tenho consciência que com pessoas com quem convivo pouco sou mais formal e simpática não sou de todo! Não é em vão que um dos melhores amigos do meu pai, quando eu tinha três anos me apodou “A Trombuda”, alcunha familiar que subsiste até hoje... Os meus alunos, quando ainda não me conhecem bem também se queixam de eu não rir... tenho que me esforçar por parecer menos bicho do mato... Mas imaginar a P14 a ter medo de mim, faz-me rir, lá isso faz!...

Terça-feira, 26 de julho de 2016

Acabo de saber que o Conselho Pedagógico acolheu de forma favorável a proposta que fizemos para dinamização das aulas de substituição! Estou tão contente... Só me apetece dar palmas! Só por isto, já valeu a pena este projecto!

Sexta-feira, 5 de agosto de 2016

E hoje fiquei a saber que a aprovação da nossa proposta foi por unanimidade! Não posso estar mais rejubilante!!!